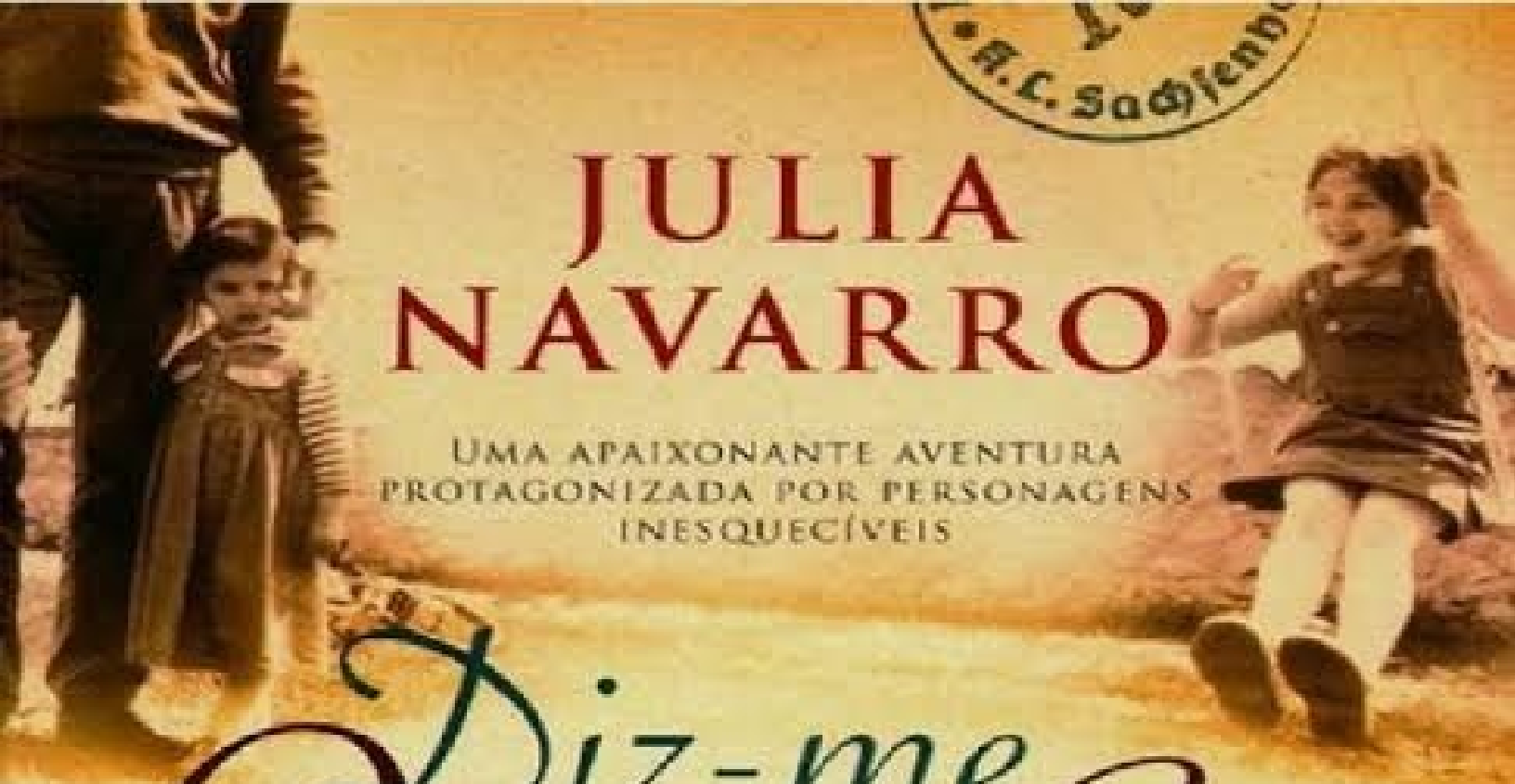




JULIA
NAVARRO

UMA APAIXONANTE AVENTURA
PROTAGONIZADA POR PERSONAGENS
INESQUECÍVEIS

Diz-me Quem Sou

*A história do século xx através do olhar
de uma misteriosa mulher*



B

TERCEIRA EDITORA



Encontre mais livros como este no [e-Livros](#)

[e-Livros.xyz](#)

[e-Livros.site](#)

[e-Livros.website](#)

JULIA NAVARRO

Diz-me quem sou

Dime quién soy, 2010

Ficha técnica: Título: DIZ-ME QUEM SOU.

Título original: Dime Quién Soy

Autora: JULIA NAVARRO.

Gênero: Romance histórico.

editora: BERTRAND.

Número total de páginas: 1088.

Tradução de José Coelho Lisboa 2011

© 2010, Julia Navarro Fernández © 2010, Random House Mondadori, S.A.

Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.

Rua Prof. Jorge da Silva Horta, 1 1500-499

Lisboa

Telefone: 21 762 60 00

Fax: 21 762 61 50

Correio eletrónico: editora@bertrand.pt

Esta edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Design da capa: Vera Braga

Imagem da capa: Getty Images

Revisão: Miguel Martins Rodrigues

Pré-impressão: Fotocompográfica, Lda.

Execução gráfica: Bloco Gráfico, Lda.

Unidade Industrial da Maia

Depósito legal n° 333 165/11

Acabou de imprimir-se em novembro de 2011

ISBN: 978-972-25-2367-7

Para a minha mãe; sem ela, não teria chegado aqui

Para os meus avós, Teresa e Jerónimo, pelo seu carinho e generosidade e por tudo aquilo que aprendi com eles

E para a minha querida amiga Susana Olmo, pelas muitas risadas partilhadas

AGRADECIMENTOS

A Ricardo Cavallero, quero agradecer o apoio resolutivo e a confiança nos meus romances. Possui o talento de tornar fácil aquilo que é difícil.

E, como sempre, à equipa da Random House Mondadori, que tornou este romance possível. Obrigada a todos pelo vosso auxílio, e a Cristina Jones pela sua paciência.

Agradeço também a Fermín e Álex, por estarem sempre presentes.

GUILLERMO

1

— És um fracassado.

— Sou uma pessoa decente.

A minha tia ergueu os olhos dos papéis que tinha nas mãos. Estava a lê-los como se o seu conteúdo representasse uma novidade para ela. Mas não era assim. Naquele currículo, estava resumido o meu breve e desastrado percurso profissional.

Fitou-me com curiosidade e continuou a ler, ainda que eu soubesse que não haveria muito mais para ler. Chamara-me "falhado» não com a intenção de me ofender, mas como quem constata algo evidente.

O gabinete da minha tia era intimidante. Na verdade, aquilo que mais me perturbava nela era a sua atitude altiva e distante, como se o fato de ter triunfado na vida lhe permitisse olhar para o resto da família de nariz empinado.

Não gostava dela, mas eu também nunca havia sido o seu sobrinho favorito, pelo que fiquei surpreendido quando a minha mãe me disse que a sua irmã pretendia ver-me com urgência.

A tia Marta tornara-se a matriarca da família, dominando inclusivamente os seus outros dois irmãos, o tio Gaspar e o tio Fabián.

Era consultada para qualquer assunto e ninguém tomava uma decisão que não tivesse sido previamente aprovada por ela. A bem dizer, eu era o único que a evitava e que, ao contrário dos meus primos, nunca procurava a sua aprovação.

Mas ali estava ela, orgulhosa por ter salvo e triplicado o património familiar, um negócio dedicado à compra, venda e reparação de maquinaria, graças, entre outras razões, ao conveniente casamento com o seu bondoso marido, o tio Miguel, por quem eu nutria uma simpatia secreta.

O tio Miguel tinha herdado alguns edifícios no centro de Madrid, cujos inquilinos lhe pagavam avultadas rendas mensais. Excetuando as reuniões uma vez por mês com o administrador dos edifícios, nunca trabalhara. A sua única preocupação era colecionar livros raros, jogar golfe e, sob qualquer pretexto, escapar ao olhar vigilante da minha tia Marta, a quem delegara de bom grado a responsabilidade de se reunir mensalmente com o administrador, sabendo que ela possuía a inteligência e paixão necessárias para acertar em tudo aquilo que fazia.

— Pelos vistos, ao falhanço chamas decência. Significará isso que todos aqueles que triunfam na vida são indecentes?

Estive quase a dizer que sim, mas, como tal atitude não agradaria à minha mãe, decidi-me por uma resposta mais neutra.

— Como sabes, na minha profissão, ser decente costuma significar acabar no

desemprego. Não calculas como está o jornalismo neste país. Ou estás alinhado com a direita ou com a esquerda. Não passas de uma correia de transmissão para as ideias de uns ou de outros. Limitarmo-nos a reportar aquilo que acontece e a opinar imparcialmente conduz-nos à marginalização e ao desemprego.

— Sempre julguei que fosses um rapaz com ideias de esquerda — disse a minha tia com uma certa ironia. — E, agora, é a esquerda quem governa...

— Sim, mas o governo pretende que os jornalistas da mesma corrente ideológica fechem os olhos e calem a boca perante os seus erros. Criticá-los equivale a ser-se marginalizado. Deixam de te considerar um dos seus e claro que, como também não estás vinculado aos outros, acabas por ficar em terra de ninguém, ou seja, no desemprego, como eu estou.

— No teu currículo, dizes que trabalhas num jornal digital. Que idade tens?

A pergunta irritou-me. Ela sabia perfeitamente que eu estava na casa dos trinta, que era o mais velho dos primos. Mas era a sua forma de demonstrar o desinteresse que sentia por mim. Assim, decidi não dizer-lhe a minha idade, dado ser evidente que ela já a sabia.

— Sim, faço crítica literária num jornal da internet. Não encontrei coisa melhor, mas, pelo menos, não tenho de pedir dinheiro à minha mãe para comprar tabaco.

A minha tia Marta observou-me de cima a baixo, como se fosse a primeira vez que me visse, parecendo hesitar antes de se decidir por fazer-me uma proposta.

— Bem... vou oferecer-te um emprego, que aliás será bem pago. Confio que estejas à altura daquilo que esperamos de ti.

— Não sei aquilo que pretendes oferecer, mas a minha resposta é não. Não gosto dos gabinetes de imprensa das empresas. Se vim ter contigo foi porque a minha mãe me pediu.

— Não penso oferecer-te qualquer lugar na empresa — respondeu, como se fosse uma loucura eu vir a trabalhar na empresa da família.

— Então...

— Então, pretendo encarregar-te de uma missão para a família, uma tarefa mais pessoal. Na verdade, trata-se de um assunto privado.

A minha tia continuava a fitar-me como se não estivesse ainda certa de ser eu a pessoa ideal a quem apresentar tal proposta.

— Gostaria que investigasses uma antiga história familiar: uma história relacionada com a tua bisavó, que era a minha avó.

Fiquei sem palavras. A bisavó era um tema proibido na família. Não se falava dela; os meus primos e eu pouco tínhamos conseguido saber de tão misteriosa personagem, sobre a qual estavam proibidas quaisquer perguntas e de

quem existia uma única fotografia.- A bisavó? E o que há para investigar?

— Já sabes que sou eu quem possui quase todas as fotografias da família, e tinha pensado em oferecer um presente aos meus irmãos no próximo Natal. Assim, comecei a seleccionar fotografias antigas para mandar fazer cópias. Também procurei por entre os papéis e documentos do meu pai, porque me recordava de ter visto uma ou outra entre as suas coisas e, com efeito, encontrei mais algumas e... bem, no meio dos papéis, encontrei um envelope fechado, abri-o e ali estava esta fotografia...

A minha tia dirigiu-se à secretária do seu gabinete e pegou num envelope, do qual retirou uma fotografia. Entregou-a hesitante, como se temesse que eu fosse desastrado e aquela imagem não estivesse segura nas minhas mãos.

A fotografia apresentava as margens rasgadas e o passar do tempo transmitira-lhe uma pátina amarelecida, mas, ainda assim, a imagem de uma jovem sorridente, vestida de noiva e segurando um ramo de flores, não deixava de ser fascinante.

— Quem é?

— Não sei. Bem... pensamos que poderá tratar-se da nossa avó, da tua bisavó... Mostrei-a à tua mãe e aos meus irmãos e todos consideramos que o nosso pai se parece com ela. O que se passa é que nos pareceu ter chegado o momento de descobrirmos aquilo que aconteceu à nossa avó.

— Assim, repentinamente? Nunca ninguém nos quis dizer o que quer que fosse sobre ela. Agora, encontras uma fotografia que pensas que pode retratar a nossa antepassada e decides que é preciso investigar aquilo que aconteceu.

— A tua mãe ter-te-á contado alguma coisa sobre ela...

— A minha mãe contou-me o mesmo que tu contaste aos teus filhos: praticamente nada.

— Não é que nós próprios saibamos muitas coisas. O nosso pai nunca falava dela e nem sequer o tempo suavizou nele a dor pela sua perda.

— Pelo que sei, não chegou a conhecê-la. Não foi abandonado ainda recém-nascido?

A minha tia Marta parecia duvidar se deveria contar-me tudo aquilo que sabia ou mandar-me embora de imediato. Suponho que pensava que, porventura, eu não seria a pessoa adequada para investigar o assunto.

— Aquilo que sabemos — informou-me — é que o nosso avô, ou seja, o teu bisavô, se dedicava à importação e venda de maquinaria, sobretudo alemã. Viajava muito e não costumava informar ninguém acerca de quando partiria e menos ainda de quando pensava regressar, o que, como podes calcular, não deveria agradar nada à sua esposa.

— Seria impossível ela não se aperceber. Se ele saísse de mala feita, suponho

que ela lhe perguntaria aonde ia; enfim, esse tipo de coisas é normal.

— Não, ele não agia assim. O teu bisavô dizia que andava com a mala na carteira, ou seja, limitava-se a viver com o dinheiro que levava consigo. De modo que não precisava de preparar nada, ia comprando aquilo de que necessitava. Não sei porque agia assim. Mas calculo que isso deve ter constituído uma fonte de conflito no casamento. Como te dizia, o teu bisavô era muito empreendedor e alargou o negócio não só à venda de maquinaria industrial, como também à sua reparação e, nessa altura, em Espanha havia falta de tudo. Um dia, partiu numa das suas viagens. Durante a sua ausência, ela levava a vida a que, naquela época, as raparigas da sua condição social estavam acostumadas. Por aquilo que sabemos, costumava frequentar a casa de uns amigos, dado que, como sabes, as visitas antigamente eram um entretenimento inocente e, sobretudo, barato. Alguém ia visitar amigos ou familiares numa determinada tarde, retribuindo a hospitalidade na sua própria casa uns dias depois, e desta forma as salas das casas constituíam um verdadeiro ponto de encontro. Num desses encontros, ela conheceu um homem, desconhecemos quem fosse ou ao que se dedicava. Certa vez, foi-nos dito que seria marinheiro da armada argentina. Ao que parece, apaixonou-se e fugiu com ele.

— Mas o avô já tinha nascido, ela já tinha um filho.

— Sim, e recém-nascido. Entregou-o aos cuidados da ama, Águeda, a mulher que o teu avô julgou ser sua mãe até que, mais crescido, veio a conhecer a verdade. O teu bisavô tornou-se amante da Águeda e teve uma filha com ela, a tia Paloma, meia-irmã do teu avô. Mas penso que conheces já esse ramo da família.

— Na verdade, não, vocês nunca demonstraram muito interesse em que nos conhecêssemos, apenas os vi num ou noutro funeral — respondi com alguma insolência, com intenção de a provocar.

Porém, a minha tia não era do tipo de pessoas que respondia a uma provocação se não lhe interessasse fazê-lo, pelo que me observou com uma certa irritação, decidindo continuar a falar como se não me tivesse ouvido.

— O teu avô decidiu alterar o apelido materno; por isso é que ficou com Fernández como segundo nome. Quando se altera o apelido, convém optar por um que seja frequente.

— Também nunca consegui saber como realmente se chamava — respondi, já saturado daquela conversa.

— Não sabemos, nunca soubemos. — O tom de voz da minha tia Marta soava sincero.

— E qual a razão de ser deste interesse pela história da vossa avó?

— Esta fotografia que te mostrei levou-nos a tomar a decisão. Mandeí fazer

cópias. Vou dar-te uma porque poderá ser-te útil para a investigação: chegou o momento de sabermos.

— De sabermos o quê? — Divertia-me a tentar irritá-la.

— De sabermos quem somos — respondeu a minha tia.

— A mim, não me interessa nada saber o que sucedeu a essa bisavó, é para o lado que durmo melhor. Sei quem sou e isso não irá mudar por causa do que essa mulher possa ter feito há tantos anos.

— E a mim não me interessa nada que a ti não te interesse. Se te encarrego desta tarefa é porque não sabemos aquilo que iremos descobrir e, quanto à roupa suja, se a houver, prefiro que fique em família. É por essa razão que não contrato um detetive. De forma que não estou a pedir-te qualquer favor, mas sim a oferecer-te um trabalho. Pago-te três mil euros por mês e todas as despesas separadamente.

Fiquei em silêncio. A minha tia fizera-me uma oferta que sabia que eu não poderia rejeitar. Nunca tinha ganho três mil euros, nem sequer quando trabalhava como jornalista televisivo. E agora, numa altura em que me encontrava numa situação profissional lastimável, vivendo com dificuldades, a fazer crítica literária para um jornal da internet que me pagava menos de quinhentos euros por mês, deparava-me com esta oferta, qual serpente tentando Eva. Gostaria de lhe ter dito que não, que fizesse ao seu dinheiro o que melhor lhe aprouvesse, mas pensei na minha mãe, no fato de todos os meses ter de me emprestar dinheiro para pagar as mensalidades do empréstimo que contraíra para comprar um andar que não podia pagar. Por fim, acabei por convencer-me de que nada havia de desonroso em investigar o passado da minha bisavó, sendo ainda por cima pago por isso. Pior teria sido aceitar um trabalho que me obrigasse a tecer elogios e louvores ao político de serviço.

— Penso que alguns meses serão suficientes, não te parece? — sugeriu a tia Marta.

— Não te preocupes. Não me parece que necessite de muito tempo para descobrir alguma coisa sobre essa cara senhora. Para minha desgraça, talvez daqui a alguns dias já tenha concluído a investigação.

— Mas eu quero mais do que isso — disse a minha tia, num tom autoritário.

— Como assim? — perguntei com desconfiança, como se de repente tivesse despertado de um sonho: ninguém paga três mil euros por mês a alguém para saber quem foi a sua avozinha.

— Terás de escrever a história da minha avó. Fá-lo como se de um romance se tratasse, ou como melhor te aprouver, mas escreve. Depois encadernamo-la e será esse o meu presente para a família no próximo Natal.

Submeti a minha mãe a um interrogatório exaustivo, para que se recordasse

de tudo o que lhe fosse possível acerca do seu pai, ou seja, do meu avô. A bondosa mulher esforçou-se bastante por adorná-lo com todas as suas virtudes, tentando reavivar-me a memória. Recordava-me dele como sendo alto, magro, muito aprumado, pouco falador. Um dia, disseram-me que o avô sofrera um acidente de viação que o deixou paralisado, tendo ficado confinado a uma cadeira de rodas até à sua morte.

Todos os domingos, quando era criança, ia com a minha mãe a casa dele. Aí, participávamos em refeições familiares, que se prolongavam tarde adentro e nas quais eu me aborrecia enormemente.

O avô observava-nos a todos enquanto comíamos em silêncio, intervindo apenas de quando em vez.

A tia Marta era a mais nova dos irmãos. Na altura, era ainda solteira e vivia com ele, tendo sido assim que passou a encarregar-se da empresa do meu avô, assumindo da mesma forma o controle daquela casa enorme e pouco iluminada. Deste modo, nada entre as minhas recordações me fornecia qualquer pista acerca da mãe do meu avô, a misteriosa senhora que um dia desapareceu, abandonando-o aos cuidados da sua ama de leite.

Confesso que dei início à investigação um pouco a contragosto, suponho que por pouco me interessar aquilo que uma antepassada pudesse ter feito.

Comecei por indagar no local mais óbvio: dirigi-me à delegação do Registo Civil, onde solicitei uma certidão de nascimento do meu avô.

Como é evidente, nas certidões de nascimento consta sempre o nome dos progenitores da pessoa em causa, pelo que me parecia ser essa a melhor forma de verificar como se chamava o meu avô. Perguntava-me por que motivo a tia Marta não decidira ser ela própria a fazê-lo, em vez de me pagar três mil euros para me deslocar ao Registo Civil.

Uma funcionária de uma "grande amabilidade» gorou por completo as minhas expectativas de êxito, ao dizer-me que não podia entregar uma certidão de nascimento relativa a alguém que já falecera.

— E para que fins pretende uma certidão de nascimento do senhor Javier Carranza Fernández?

— Bem... é o meu avô. Ou era, dado que, como já lhe disse, faleceu há cerca de quinze anos.

— É por isso mesmo que lhe pergunto para que fim pretende o senhor essa certidão de nascimento.

— Estou a construir a árvore genealógica da minha família e o problema é que o meu avô alterou o seu apelido materno devido a uma questão familiar. Na verdade, Fernández não era o seu segundo apelido, sendo isso precisamente que pretendo averiguar.

— Pois, mas não o poderá fazer!

— E porque não?

— Porque se, como o senhor atesta, o seu avô alterou o apelido, isso significa que o processo dele está arquivado no Registo Especial, e as informações desses processos apenas podem ser consultadas sob solicitação do próprio ou por mandado judicial.

— É óbvio que o interessado já não poderá solicitar o que quer que seja — retorqui, mal-humorado.

— Sim, isso parece-me óbvio.

— Ouça: o meu avô chamava-se Fernández e desconheço a razão. Não lhe parece que tenho o direito de saber como se chamava a minha bisavó?

— Repare: desconheço quais são os seus problemas familiares, para além de não me interessarem. Apenas cumpro as minhas funções e não poderei fornecer-lhe qualquer certidão de nascimento original do seu avô. E agora, se não se importa, estou com muito trabalho...

Quando contei isto à minha mãe, apercebi-me de que não ficou minimamente surpreendida com o episódio com a funcionária. Mas tenho de reconhecer que me forneceu uma pista que poderia revelar-se útil para o início da investigação.

— O avô, tal como vocês e também nós, foi batizado na Igreja de São João Batista. Foi aí que se casou, aí nos casamos nós e espero que também tu, um dia, venhas a casar nessa igreja.

Não lhe disse que, de momento, o meu único compromisso sério era com o banco, que me concedera o empréstimo para comprar o meu apartamento. Tinha contraído uma hipoteca que deveria pagar no decurso dos próximos trinta anos.

O telhado da Igreja de São João Batista necessitava de uma reparação urgente; foi com tais queixumes que me recebeu Dom Antonio, o velho pároco, que se lamentava pela avareza dos paroquianos perante o estado do edifício.

— As pessoas dão cada vez menos esmolas. Antes, havia sempre um benfeitor que permitia pôr cobro a este tipo de problemas, mas agora... agora, os ricos preferem criar fundações, para obterem benefícios fiscais e enganarem as finanças, não doando um cêntimo sequer para este tipo de coisas.

Ouvi-o pacientemente, até porque apreciava aquele bondoso ancião. Batizara-me, sagrara-me com a primeira comunhão e, por vontade da minha mãe, também me casaria, embora na verdade me parecesse demasiado velho para tão longa espera.

Dom Antonio queixou-se durante uns bons momentos antes de me perguntar aquilo que pretendia.

— Gostaria de consultar o registo de batismo do meu avô Javier.

— O teu avô, Dom Javier, esse sim, foi um benfeitor desta paróquia —

recordou Dom Antonio. — E para que queres tu o seu registo de batismo?

— A minha tia Marta pretende que eu escreva a história da família e preciso de descobrir algumas coisas. — Decidi contar-lhe quase toda a verdade.

— Mas não me parece que isso seja fácil.

— E porquê?

— Porque todos os documentos antigos estão nos arquivos da cave. Durante a guerra, os registos paroquiais foram remexidos e agora estão desorganizados. Teríamos de tornar a organizar tudo, mas o bispo não quer enviar-me um padre jovem que perceba de arquivamento e eu já não tenho idade para pôr em ordem tantos papéis e documentos; e claro está que também não poderei permitir que vasculhes nesses registos sem uma razão de maior.

— Não lhe prometo nada, mas posso perguntar à minha tia Marta se não se importaria de ajudar a paróquia contratando uma bibliotecária ou uma arquivista que o possa ajudar a pôr em ordem...

— Isso seria ótimo, mas não me parece que a tua tia Marta esteja muito preocupada com o estado da documentação desta paróquia. Além do mais, poucas vezes aqui vem.

— De qualquer modo, irei pedir-lhe. Não custa nada tentar.

Dom Antonio fitou-me com gratidão. Era um coração mole, um desses padres cuja bondade, por si só, justifica a existência da Igreja Católica.

— Que Deus te ajude! — exclamou.

— Entretanto, ficar-lhe-ia muito grato se me deixasse procurar o registo de batismo do meu avô. Prometo-lhe que não irei coscuvilhar em qualquer papel ou documento que não esteja relacionado com aquilo que procuro.

O velho sacerdote fitou-me fixamente, tentando ler nos meus olhos a pureza das minhas intenções. Sustive o olhar dele, esboçando o meu melhor sorriso.

— Está bem, deixo-te ir à cave, mas terás de dar-me a tua palavra de que te limitarás a procurar o registo de batismo do teu avô e de que não vais andar a coscuvilhar... confio em ti.

— Obrigado! O senhor é um padre fantástico, o melhor que alguma vez conheci — exclamei, genuinamente agradecido.

— Não me parece que conheças muitos padres, dado que vens tão poucas vezes à igreja, de maneira que a estatística joga a meu favor — retorquiu Dom Antonio com ironia.

Pegou nas chaves da cave e guiou-me através de uma escada a que se acedia através de uma portinhola situada na sacristia. Uma lâmpada pendurada de um bamboleante cabo elétrico era a única iluminação daquele local assolado pela umidade, que, tal como o telhado, necessitava de uma boa reparação. Cheirava a bafio e fazia frio.

— Terá de me indicar onde devo procurar.

— Há aqui alguma desorganização... Em que data nasceu o teu avô?

— Creio que em 1935...

— Pobrezinho! Nas vésperas da guerra civil. Uma má altura para nascer.

— Na verdade, nenhuma altura é boa — retorqui, como se não tivesse mais nada para dizer, ainda que me tenha apercebido de imediato que dissera uma estupidez, dado que Dom Antonio me olhou com severidade.

— Não digas isso! Logo tu! Vocês, os jovens de hoje, não têm consciência dos privilégios de que estão rodeados, parece-vos natural ter tudo à vossa disposição... é por isso que não apreciam coisa alguma — resmungou.

— Dou-lhe toda a razão. Disse um disparate...

— Isso mesmo, meu filho, disseste um disparate.

Dom Antonio andava de um lado para o outro, consultando pastas de arquivo, remexendo entre caixas empilhadas contra a parede, abrindo arcas... Eu deixava-o procurar, esperando que me dissesse o que fazer. Por fim, apontou para três arquivadores.

— Acho que o livro dos batismos desse ano está aqui. Mas tens de ter em conta que há crianças que foram batizadas muito depois de terem nascido, e não sei se foi esse o caso do teu avô. Se não o encontrares aí, teremos de procurar nas caixas.

— Espero ter sorte e encontrá-lo...

— Quando vais começar?

— Agora mesmo, se não se importar.

— Bem... tenho de preparar a missa do meio-dia. Quando terminar, desço para ver como te estão a correr as coisas.

Fiquei sozinho naquela cave lúgubre, pensando que os três mil euros da tia Marta iriam ser ganhos merecidamente.

Passei a manhã inteira e parte da tarde a percorrer o livro dos batismos, descolorado pelo tempo, mas não encontrei qualquer referência ao meu avô Javier.

Às cinco da tarde, já não suportava o ardor nos olhos; a fome agredia-me o estômago com tal violência que não pude ignorá-la por mais tempo. Regressei à sacristia e perguntei por Dom Antonio a uma beata que dobrava as toalhas do altar.

— Está na residência paroquial, a repousar, dado que só volta a dar missa às oito horas. Disse-me para o informar, caso aparecesse. Se quiser ir ter com ele, siga por esse corredor e bata à primeira porta que encontrar. Serve de comunicação entre a igreja e a casa de Dom Antonio.

Agradei-lhe pelas indicações fornecidas, ainda que conhecesse

perfeitamente o caminho. Encontrei o sacerdote com um livro nas mãos, mas parecia estar a dormir. Despertei-o para o informar do fracasso nas minhas pesquisas e pedi-lhe autorização para regressar no dia seguinte, de manhã cedo. Dom Antonio marcou encontro comigo para as 7h30, antes da primeira missa do dia.

A noite, liguei à minha tia Marta para lhe pedir que fizesse alguma doação para a Igreja de São João Batista. Irritou-se comigo por semelhante pedido, recriminando-me por não revelar qualquer preocupação acerca da melhor forma de gastar o dinheiro da família. Enganei-a dizendo-lhe que Dom Antonio era fundamental para a investigação que estava a levar a cabo e que, na minha opinião, deveria ser mantido satisfeito para que continuasse a colaborar. Pensei que o pobre padre teria ficado magoado se me tivesse ouvido falar com tais modos acerca da sua pessoa, mas nunca conseguiria convencer a minha tia Marta de outra forma. A ela, pouco lhe interessava a bondade de Dom Antonio e as dificuldades que enfrentava na manutenção da sua igreja. Assim, convenci-a a, pelo menos, fazer uma doação financeira com vista a cobrir parte dos custos de reparação do telhado.

Apenas quatro dias depois encontrei o tão procurado registo de batismo do meu avô. Fiquei nervoso, visto que, de início, não estava certo de que se tratasse daquele que procurava.

Tendo em conta que o meu avô rejeitara o apelido materno, preterindo-o por outro mais vulgar, o de Fernández, demorei a perceber que aquele Javier Carranza era a pessoa que procurava.

É certo que os apelidos Carranza e Garayoa não são muito vulgares, sobretudo em Madrid, mas, ainda assim, este último quase me passava despercebido. Sim: sabia agora que a mãe do meu avô se chamava Amelia Garayoa Cuní.

Surpreendeu-me que tivesse um apelido basco e outro catalão. Curiosa combinação, pensei.

Retirei do envelope a fotografia que a tia Marta me entregara como se a imagem da jovem pudesse confirmar que, efetivamente, aquela era a mesma Amelia Garayoa Cuní que surgia como sua mãe no registo de batismo.

De fato, aquela jovem da fotografia devia ter sido muito atraente, ou talvez eu assim pensasse por já me ter convencido de que se tratava realmente da minha bisavó.

Li por várias vezes o registo de batismo, até convencer-me de que era o que procurava.

"Javier Carranza Garayoa, filho de Santiago Carranza Velarde e de Amelia Garayoa Cuní. Batizado a 18 de novembro de 1935 em Madrid.»

Sim, não havia qualquer dúvida, aquele era o meu avô e Amelia Garayoa era a sua mãe, que abandonara marido e filho para fugir, ao que constava, com um marinheiro.

Senti-me satisfeito comigo próprio, pensando que acabava de ganhar os primeiros três mil euros prometidos pela minha tia.

Agora, tinha de decidir se a informava da minha descoberta ou se prosseguia com a investigação antes de lhe revelar o nome da nossa antepassada.

Pedi a Dom Antonio que me deixasse fotocopiar a página em que surgia registado o batismo do meu avô e, depois de jurar solenemente que lhe devolveria o livro intacto e com a maior brevidade possível, fui-me embora.

Fiz várias cópias. Depois, fui eu quem insistiu com Dom Antonio para que guardasse aquele livro fechado a sete chaves, mas que estivesse facilmente acessível caso tornasse a precisar dele.

Já sabia como se chamava a minha avó: Amelia Garayoa Cuní. Agora, tinha de encontrar algum indício acerca da sua vida, pelo que pensei que o primeiro passo seria procurar algum membro da sua família. Teria tido irmãos? Primos? Sobrinhos?

Não fazia qualquer ideia se o apelido Garayoa era muito comum no País Basco, mas seria conveniente deslocar-me lá quanto antes. Telefonaria a todos os Garayoa que encontrasse nas listas telefônicas, mas ainda não me decidira sobre o que dizer a quem me atendesse do outro lado da linha... se alguém atendesse.

Contudo, antes de empreender tal viagem, decidi consultar a lista telefônica de Madrid. Afinal de contas, a minha bisavó tinha vivido aqui, casara-se com um *madrileño*. Talvez tivesse algum familiar...

Não esperava encontrar registo algum, mas, para minha surpresa, encontrei duas famílias Garayoa na lista de Madrid. Anotei os números de telefone e os endereços, ao mesmo tempo que pensava como deveria agir. Ou lhes telefonava ou me apresentava pessoalmente... e depois se veria o que acontecia. Inclinei-me para a segunda hipótese, decidindo que, no dia seguinte, tentaria a minha sorte com o primeiro endereço.

2

O edifício situava-se no bairro de Salamanca, a zona rica de Madrid. Passeei algum tempo pela rua, tentando fixar na retina cada pormenor daquele prédio e, sobretudo, verificar quem entrava e saía. Todavia, a única coisa que acabei por conseguir foi captar a atenção do porteiro.

— Está à espera de alguém? — perguntou-me, desconfiado.

— Na verdade, não. Ou, melhor dizendo, talvez sim. Bem... o que se passa é que não estou certo se é neste prédio que vive a família Garayoa.

— E quem é o senhor? — quis ele saber, denunciando com a sua pergunta que, efetivamente, ali vivia algum Garayoa.

— Sou um parente afastado. Poderia dizer-me quais são os Garayoa que vivem aqui?

O porteiro observou-me de cima a baixo, tentando certificar-se se eu seria o tipo de pessoa a quem pudesse fornecer tal tipo de informação, mas não conseguia dissipar as suas dúvidas, pelo que lhe mostrei o meu bilhete de identidade. O homem analisou-o e devolveu-o de imediato.

— Mas o senhor não se chama Garayoa...

— Esse era o apelido da minha bisavó, Amelia Garayoa... Ouça: se lhe parecer bem, talvez o senhor pudesse falar com os Garayoa que vivem nesta casa e perguntar-lhes se permitem que eu suba para os visitar. Se assim for, subirei; caso contrário, vou-me embora.

— Aguarde aqui — ordenou-me, e pelo seu tom de voz deduzi que não pretendia que franqueasse o umbral da porta.

Impaciente, esperei na rua, indagando-me sobre quem viveria nessa casa, se alguma velha sobrinha da minha bisavó, ou alguns primos, ou simplesmente uma família Garayoa que não tivesse qualquer relação com a minha. Provavelmente, refleti, o apelido Garayoa seria tão comum no País Basco como Fernández o era no resto da Espanha.

Finalmente, o porteiro saiu e veio ter comigo.

— A senhora manda dizer que suba — anunciou-me, algo contrariado.

— Agora? — perguntei, desconcertado, dado que não esperava que alguém me recebesse, mas, antes pelo contrário, que o porteiro me mandasse desaparecer dali.

— Sim, agora. Suba ao terceiro andar.

— Terceiro direito ou esquerdo?

— A casa das senhoras ocupa o andar todo.

Decidi subir pelas escadas, em vez de apanhar o elevador, para ter tempo para refletir naquilo que iria dizer a quem vivesse naquela casa, mas a minha decisão mais não fez do que aumentar a desconfiança do porteiro.

— Porque não sobe no elevador?

— Porque gosto de fazer exercício — respondi, desaparecendo do campo de visão do seu olhar inquisidor.

Uma mulher aguardava defronte da porta aberta: de meia-idade, vestida de cinzento e com o cabelo cortado curto. Constatei que me observava ainda com maior desconfiança do que o porteiro.

— As senhoras irão recebê-lo agora. Faça o favor de entrar.

— E quem é a senhora? — perguntei por curiosidade.

Ela olhou-me como se a minha pergunta tivesse violado a sua intimidade. Observou-me com desdém antes de responder.

— Sou a governanta, responsabilizo-me por tudo nesta casa. Cuido das senhoras. Aguarde na biblioteca.

Tal como o porteiro, dizia "as senhoras», o que me levava a supor aquilo que era por demais evidente: ali, viviam duas ou mais mulheres.

Conduziu-me até uma sala espaçosa, com vetustos móveis de mogno e as paredes forradas a livros. Um sofá em pele castanho-escuro e duas poltronas estavam dispostos num dos extremos da divisão.

— Sente-se. Vou informar as senhoras da sua presença.

Não me sentei, antes começando a bisbilhotar por entre os livros encadernados a pele. Chamou-me a atenção o fato de, além dos livros, não existir qualquer outro objeto na biblioteca, nenhum bibelô, nenhum quadro, nada.

— Interessa-se por livros?

Voltei-me envergonhado, qual criança apanhada com a mão dentro do frasco da marmelada. Balbuciei um "sim», enquanto observava a mulher que me dirigira a palavra. O seu aspeto não permitia concluir acerca da sua idade concreta: tanto poderia ter cinquenta anos como sessenta.

Alta, magra e de cabelo castanho-escuro, apresentava-se elegantemente

vestida com casaco e calça e, como únicas joias, brincos e uma aliança com brilhantes.

— Perdoe-me por tê-la incomodado, chamo-me Guillermo Albi.

— Já sei, o porteiro informou-me. Sei que lhe mostrou o seu bilhete de identidade.

— Era para não desconfiar de mim. Enfim, para que se certificasse de que não era louco.

— Bem, não deixa de ser um pouco estranho que o senhor se apresente nesta casa perguntando se vive aqui alguém da família Garayoa, afirmando que a sua bisavó se chamava Amelia Garayoa.

— Ainda que possa parecer estranho, é a verdade. Sou bisneto, ou acho que sou, de Amelia Garayoa. A senhora conheceu-a?

A mulher fitou-me divertida e exibiu um amplo sorriso, antes de responder.

— Sim, conheço a Amelia Garayoa. Na verdade, sou eu, e é evidente que não sou sua bisavó.

Fiquei sem saber o que dizer. Aquela mulher, que à primeira vista me pareceu apresentar parecenças com a minha tia Marta, chamava-se Amelia Garayoa e, pela sua idade, não podia de modo algum ser a minha bisavó.

— A senhora chama-se Amelia Garayoa?

— Sim. Vê algum problema nisso? — perguntou com ironia.

— Não, não, de modo algum. Perdoe-me, mas a questão é que... enfim, toda esta situação é embaraçosa.

— Para começar, gostaria de saber ao que se refere quando diz que "toda esta situação é embaraçosa». Em segundo lugar, quem é o senhor e o que pretende?

A governanta entrou na biblioteca antes de eu ter podido responder, anunciando solenemente: — As senhoras aguardam-nos na sala.

Amelia Garayoa observou-me hesitando se deveria ou não conduzir-me a essa tal sala onde, aparentemente, outras senhoras nos aguardavam.

— As minhas tias são bastante idosas, têm mais de noventa anos, e não gostaria que perturbasse a sua tranquilidade...

— Não, não o farei, não é isso que pretendo, eu... terei o maior prazer em explicar-lhes a razão de me ter deslocado aqui.

— Sim, seria conveniente que explicasse — retorquiu secamente.

Saiu da biblioteca e segui-a, algo perturbado. Sentia-me um intruso, prestes a cair no ridículo.

A sala era espaçosa, com dois amplos varandins. Mas aquilo que mais chamava a atenção era uma imponente lareira de mármore, de onde provinha o som de lenha a crepitar. De cada lado da lareira estava disposta uma poltrona com cabeçal e, defronte, um sofá forrado a pele preta.

Duas idosas que pareciam gêmeas ocupavam cada uma das poltronas. Tinham o cabelo branco, preso atrás. Usavam saias pretas iguais. Uma vestia uma camisola branca, a da outra era cinzenta.

Ambas me observaram com curiosidade, sem nada dizerem.

— Apresento-lhe as minhas tias-avós — disse Amelia. — Este jovem chama-se Guillermo Albi.

— Boa tarde. Perdoem-me se vos incomodo de modo tão abrupto, são muito amáveis por me receberem.

— Sente-se — ordenou-me a mais velha, a tal que vestia camisola branca.

— Recebemo-lo porque as minhas tias-avós assim o decidiram, ainda que não seja partidária de falar com estranhos — sentenciou Amelia, deixando claro que, por sua vontade, eu seria posto na rua sem mais demora.

— Percebo perfeitamente, sei que não é muito usual alguém apresentar-se numa casa dizendo que teve uma bisavó que se chamava Amelia Garayoa e perguntar se as senhoras sabem alguma coisa acerca dela. Peço-vos que me perdoem, e espero não incomodar em demasia.

— O que pretende? — perguntou-me a idosa de camisola cinzenta.

— Em primeiro lugar, talvez seja adequado dizer-lhes quem sou... A minha família possui uma pequena fábrica, Máquinas Carranza, dirigida pela minha tia Marta. Irei deixar-vos o endereço e os números de telefone, para que possam atestar a minha identidade e intenções, e regressarei quando se certificarem de que sou uma pessoa de bem e de que a minha visita não oculta qualquer intenção estranha...

— Sim — disse Amelia —, o senhor irá deixar-me todos os seus contatos, como não poderia deixar de ser, bem como o seu número de telefone e...

— Não sejas impaciente, Amelia — interrompeu-a a idosa de camisola cinzenta. — E quanto a você, jovem, diga-nos de uma vez aquilo que pretende, quem procura e como descobriu o nosso endereço.

— Chamo-me Guillermo Albi e, ao que parece, tive uma bisavó que se chamava Amelia Garayoa. Digo "ao que parece», visto que a nossa bisavó permanece um mistério, pouca coisa sabemos sobre ela, para não dizer quase nada. Na verdade, apenas ontem descobrimos como se chamava, quando encontrei o registo de batismo do meu avô, onde constava o nome da sua mãe.

Retirei da algibeira do casaco uma fotocópia do registo de batismo e estendia à idosa de camisola branca. Pegou nuns óculos que estavam pousados sobre a mesa e leu o documento avidamente. Fitou-me fixamente e senti que tentava escrutinar até os mais ocultos dos meus pensamentos.

Não consegui sustentar aquele olhar, pelo que desviei os olhos para a chaminé. Ela entregou o documento à idosa de camisola cinzenta, que também o leu

demoradamente.

— Isso quer dizer que o senhor é neto do Javier — afirmou a idosa de camisola cinzenta.

— Sim. A senhora conheceu-o? — perguntei.

— E como se chama a esposa do Javier? — perguntou, por sua vez, a idosa de camisola cinzenta, sem responder à minha pergunta.

— A minha avó materna chamava-se Jimena.

— Prossiga com a sua história — interveio a idosa de camisola branca.

— Bem... a minha tia Marta, que é irmã da minha mãe, encontrou há pouco tempo uma fotografia e pensou que poderia ser da sua misteriosa avó desaparecida. Como sou jornalista e estou atualmente a passar por um mau momento, estando praticamente desempregado, lembrou-se de me pedir para investigar o que teria sucedido à Amelia Garayoa. Na verdade, até ao dia de ontem, nem a minha mãe nem os meus tios sabiam como se chamava a sua avó. O pai deles trocou o apelido Garayoa por Fernández e, pelos vistos, nunca falava da mãe. Na nossa família, aquele era um tema proibido. Durante algum tempo, ele pensou ser filho da Águeda, a sua ama de leite, com a qual o meu bisavô viria a ter outra filha. Suponho que deve ter sido difícil para ele ficar a saber que a mãe o havia abandonado. Nenhum dos seus filhos se atreveu alguma vez a perguntar-lhe o que tinha acontecido, de modo que na família não dispomos de qualquer informação.

— E porque pretende a sua tia Marta saber o que terá acontecido à mãe do pai dela? — perguntou Amelia Garayoa, a sobrinha-neta das duas idosas.

— Porque, como vos disse, encontrou uma fotografia e pensou que poderia tratar-se da tal Amelia Garayoa; e ocorreu-lhe que eu poderia escrever uma história: a história dessa mulher. A minha tia quer oferecer a narrativa aos seus irmãos no próximo Natal. Seria uma espécie de surpresa. Mas não pretendo enganar-vos: a mim, pouco me interessa o que a minha bisavó fez e os motivos que a levaram a fazê-lo, mas já vos referi que estou a passar por um mau momento profissional e que a minha tia Marta me irá recompensar generosamente por essa história. Contraí um empréstimo para a compra da minha casa e, na verdade, sinto uma certa vergonha por continuar a pedir dinheiro à minha mãe.

As três mulheres observavam-me em silêncio. Apercebi-me de que estava há mais de meia hora naquela casa e que não parara de falar, explicando-lhes quem era, enquanto continuava sem nada saber sobre elas. Como um tonto, justificara-me até ao ridículo, qual adolescente apanhado em falta.

— Tem consigo essa fotografia que a sua tia encontrou? — perguntou a idosa de camisola branca, com voz trémula.

— Sim, trouxe uma cópia — respondi, retirando-a da algibeira do casaco. A idosa exibiu um sorriso aberto ao contemplar a imagem daquela jovem vestida de noiva.

As outras duas mulheres aproximaram-se para observarem a fotografia. Nenhuma dizia o que quer que fosse, e aquele silêncio deixava-me nervoso.

— Conhecem-na? Conhecem a rapariga dessa fotografia?

— Jovem, gostaríamos agora de ficar sozinhas. Quer saber se conhecemos essa tal Amelia Garayoa, que, porventura, terá sido sua familiar... Pode ser que sim, ainda que o apelido Garayoa não seja invulgar no País Basco. Se nos permitisse ficarmos com essa fotocópia do registo de batismo e com a fotografia... isso representaria uma grande ajuda — pediu a idosa de camisola cinzenta.

— Sim, não vejo qualquer inconveniente. Pensam que poderá tratar-se de uma familiar vossa?

— O que lhe parece se nos deixar o seu número de telefone? Entraremos em contato consigo — continuou a falar a idosa de camisola cinzenta, sem responder à minha pergunta.

Concordei. Não havia outra solução. Amelia Garayoa levantou-se do sofá para se despedir de mim. Fiz uma vênia com a cabeça perante as duas idosas, murmurei um "obrigado» e segui a mulher elegante que me trouxera até à sala.

— O que me parece uma coincidência é a senhora ter o mesmo nome da minha bisavó — atrevi-me a comentar, em jeito de despedida.

— Não é tanto assim; na minha família, há muitas Amelias; tenho tias, primas e sobrinhas com esse nome. A minha filha também se chama Amelia Maria, como eu.

— Amelia Maria?

— Sim. Para distinguirmos uma Amelia de outra, umas chamam-se apenas Amelia, as outras Amelia Maria.

— E disse-me que estas duas senhoras são suas tias-avós?

Amelia hesitou em responder à minha pergunta. Por fim, acabou por fazê-lo.

— Sim. Esta é a casa da família. Quando fiquei viúva, vim viver com elas, que são muito mais idosas do que eu. A minha filha vive nos Estados Unidos. Somos uma família muito unida: tias, sobrinhos, netos... Enfim, gostamos uns dos outros e preocupamo-nos mutuamente.

— Isso parece-me muito bem — respondi, para não deixar de dizer qualquer coisa.

— São muito idosas — insistiu. — Ambas têm mais de noventa anos, ainda que estejam de boa saúde. Depois telefonamos-lhe — disse, enquanto fechava a porta.

Quando cheguei à rua, senti-me como se tivesse sido atropelado. A situação por que acabara de passar parecia-me surrealista, ainda que, verdade seja dita, também a proposta da minha tia Marta o era, bem como a minha desfaçatez ao apresentar-me na casa de desconhecidos perguntando se sabiam alguma coisa acerca da minha bisavó.

Decidi nada comentar com a minha tia; pelo menos, iria esperar que aquelas senhoras me telefonassem e voltassem a encontrar-se comigo, podendo também dar-se o caso de nunca mais quererem ver-me pela frente.

Passei vários dias a aguardar por esse telefonema e, quanto mais pensava naquelas mulheres, mais convencido ficava de que tinha descoberto uma pista; aquilo que desconhecia era aonde poderia ela conduzir-me.

— Estou a falar com Guillermo Albi? Bom dia, daqui fala Amelia Garayoa.

Ainda não me tinha levantado da cama, eram oito da manhã. O som do telefone fez-me despertar num sobressalto, mas muito maior foi o de ouvir a voz de Amelia Garayoa.

— Bom dia — balbuciei, sem saber o que dizer.

— Acordei-o?

— Não... não... bem, na verdade, ontem à noite estive a ler até tarde...

— Compreendo. Bem, vai dar ao mesmo. As minhas tias gostariam de o receber, decidiram falar consigo. Pode vir cá?

— Sim! Claro que sim!

— Estamos então combinados. Dá-lhe jeito às cinco da tarde?

— Aí estarei.

Não desligou o telefone. Parecia hesitante, antes de continuar a falar. Ouvia a sua respiração do outro lado da linha. Por fim, falou. O tom da sua voz alterara-se.

— Se dependesse de mim, não tornaria a entrar na nossa casa, penso que só irá trazer-nos problemas, mas as minhas tias já tomaram a sua decisão e mais não posso fazer do que respeitá-la. Mas uma coisa posso assegurar-lhe: se tentar prejudicar-nos, acabarei consigo.

— Como diz? — perguntei, sobressaltado com a ameaça.

— Sei quem o senhor é, um jornalista sem futuro, uma pessoa conflituosa que teve problemas em todas as empresas onde trabalhou. E asseguro-lhe que, se o seu comportamento exceder as marcas do razoável, farei tudo o que estiver ao meu alcance para que nunca mais consiga trabalhar durante o resto da sua vida.

Desligou o telefone sem me dar tempo para responder. Pelo menos, sabia agora que a tal Amelia Maria Garayoa andara a informar-se sobre mim, enquanto eu tinha cometido o erro de permanecer sentado à espera de um telefonema, em vez de ter investigado acerca da vida daquelas estranhas mulheres. Disse para

comigo que, como jornalista de investigação, estava a revelar-me um verdadeiro desastre, ainda que, na medida em que tento ser condescendente com os meus próprios defeitos, tenha acabado por concluir que o meu forte nunca fora a investigação, mas sim a crônica política.

Fui almoçar a casa da minha mãe, com a qual acabei a discutir acerca do meu futuro imediato. Não lhe parecia mal que eu tivesse aceitado a proposta da tia Marta, dado que isso significava auferir três mil euros mensais, mas recordou-me que tais somas tinham uma data de validade e que, depois de ter investigado umas quantas coisas sobre a bisavó e de escrever a narrativa, deveria regressar à minha profissão, área em que, na opinião dela, eu não tentava procurar nenhum trabalho melhor do que o de crítico literário num jornal digital.

A minha mãe considerava que um jornal digital equivalia a coisa nenhuma, dado que nunca lhe passaria pela cabeça ligar o computador para ler as notícias; portanto, aquilo que eu fazia parecia-lhe irrelevante. Razão não lhe faltava, mas eu estava demasiado nervoso para ouvir as suas queixas, e também não queria confessar que iria visitar as duas idosas precisamente nessa tarde. Tinha a certeza de que não guardaria essa informação para si própria e que iria partilhá-la com a tia Marta.

Às 4h55, estava à entrada do prédio onde viviam as Garayoa. Desta vez, o porteiro não me levantou objeções.

A porta foi-me aberta pela governanta, que, com um breve "boa tarde», a que se seguiu um "entre, as senhoras aguardam-no», me acompanhou até à sala da lareira, a mesma divisão onde estivera da última vez.

As duas idosas receberam-me com um ar grave. Fiquei surpreendido por não ver a sobrinha-neta delas, Amelia Maria, e por isso perguntei por ela.

— Está a trabalhar, costuma regressar tarde. É corretora e, a estas horas, costuma ter muitos assuntos a tratar relativos à bolsa de Nova Iorque — explicou-me uma das idosas.

Desta vez, aquela que me parecia de idade mais avançada apresentava-se vestida de preto, enquanto a outra tornara a optar por uma camisola cinzenta, ainda que de uma tonalidade mais escura do que a anterior, destacando-se também um colar de pérolas.

— Vamos explicar-lhe por que motivo decidimos falar consigo — disse a idosa de preto.

— Fico muito agradecido — afirmei.

— A Amelia Garayoa é... bem, melhor dizendo, era nossa familiar. Sofreu muito quando teve de se separar do seu filho Javier. Nunca se perdoou a si própria. Não é possível regressar ao passado para o alterar, mas ela sempre se castigou por isso. Nunca conseguiu reparar o erro, não sabia como. Mas

podemos garantir-lhe que não houve um único momento na sua vida em que tenha deixado de pensar no Javier. — Pareceu hesitar antes de prosseguir. — Iremos ajudá-lo.

Ouvi com espanto as palavras da idosa vestida de preto. Falava com uma voz arrastada, como se proferir tais palavras lhe fosse custoso e, não sei por que razão, senti que remexer no passado lhes seria extremamente doloroso.

Calou-se por uns momentos, observando-me, como se procurasse recuperar forças antes de prosseguir.

— Fico-vos muito agradecido por terem decidido ajudar-me... — afirmei, sem saber ao certo que mais poderia dizer.

— Não, não nos agradeça. O senhor é neto do Javier e, além do mais, iremos impor-lhe condições — declarou a idosa de cinzento.

Apercebi-me então de que a sobrinha-neta delas, Amelia Garayoa, não me dissera os seus nomes. Na verdade, nem sequer mas tinha apresentado e, assim, eu identificava-as mentalmente pela cor das roupas que traziam vestidas. Não me atrevia a perguntar-lhes como se chamavam, dada a solenidade que estavam a conferir ao momento.

— Além disso, não lhe será nada fácil desvelar a história da sua bisavó — interveio novamente a idosa de preto.

Estas últimas palavras deixaram-me perplexo. Primeiro, diziam que iriam relatar-me a história da minha antepassada, para logo depois me informarem que tal conhecimento não estaria isento de dificuldades. Mas porquê?

— Não poderemos contar-lhe aquilo que sabemos, mas apenas orientá-lo. O mais adequado será ser o senhor a descobrir o passado da Amelia Garayoa, a seguir as pisadas da sua vida, a visitar algumas das pessoas que a conheceram, nos casos em que ainda estiverem vivas; a reconstruir a sua vida desde as origens. Apenas desta forma conseguirá escrever a história da vida dela.

Quem falava agora era a idosa de cinzento. Tinha a impressão de estar a tornar-me um títere nas mãos daquelas duas mulheres. Elas mexiam os cordelinhos, elas iriam fixar as condições que me permitiriam descobrir a vida da minha antepassada, não me dando qualquer outra opção que não submeter-me aos seus desejos.

— De acordo — disse eu, de má vontade. — O que tenho de fazer?

— Passo a passo, avançaremos passo a passo — continuou a falar a idosa de cinzento. — Antes de começar, terá de comprometer-se com algumas condições.

— E que condições seriam essas?

— Em primeiro lugar, terá de aceitar as nossas indicações sem protestar. Temos uma idade já bastante avançada e não temos vontade, e muito menos tempo, para o convenceremos do que quer que seja; por isso, se seguir as nossas

instruções, acabará por descobrir aquilo que aconteceu. Em segundo lugar, terá de assumir que nos reservamos o direito de decidir o que pode ou não fazer com o texto que vier a escrever.

— Mas isso não posso aceitar! Que sentido terá ajudarem-me a investigar a história da Amelia Garayoa se, posteriormente, vierem a decidir que não me permitem entregar à minha família aquilo que eu escreva?

— Ela não foi uma santa, mas também não foi nenhum monstro — murmurou a idosa de preto.

— Não tenho quaisquer intenções de tecer juízos de valor sobre ela. Talvez às senhoras pareça horrendo que, há mais de setenta anos, uma mulher tenha saído de casa deixando o filho aos cuidados do marido, mas nos dias de hoje isso não é nada de invulgar. Não me parece que uma mulher possa ser classificada de monstro por abandonar a sua família — protestei.

— São estas as nossas condições — insistiu a idosa de cinzento.

— Não me dão muitas opções...

— Aquilo que lhe pedimos não nos parece assim tão difícil...

— Bem, aceito, mas gostaria agora que as senhoras me respondessem a algumas perguntas. Que relação tiveram com a Amelia Garayoa? Conheceram-na? Além disso, quem são as senhoras? Nem sequer sei os vossos nomes... — disse, num tom de protesto.

— Como decerto compreenderá, jovem, fomos criadas numa época em que a palavra dada tinha valor de lei. Assim, perguntamos-lhe: dá-nos a sua palavra em como aceita as nossas condições? — insistiu a idosa de cinzento.

— Já disse que sim.

— Relativamente a quem somos... Como já terá deduzido, somos familiares diretas da Amelia Garayoa e, deste modo, suas familiares indiretas. No passado, partilhámos com ela as suas preocupações, as suas decisões, os seus erros, os seus lamentos... Poderia dizer-se que somos as zeladoras da sua memória. A vida dela decorreu paralelamente à nossa. O importante não é saber quem somos, mas sim quem ela foi, e iremos ajudá-lo a descobri-lo — afirmou peremptoriamente a idosa de preto.

— Quanto aos nossos nomes... chame-me Dona Laura e a ela — disse a idosa de cinzento, apontando para a outra — Dona Amelia.

— Amelia? — perguntei, desconcertado.

— A minha sobrinha já lhe disse que há muitas Amelias na nossa família... — respondeu Dona Laura.

— Posso saber o motivo de tal fixação com o nome Amelia?

— Antigamente, era vulgar atribuir às filhas o nome da mãe, ou o da avó ou da madrinha, pelo que, na nossa família, encontrará várias Amelias e Amelias

Marias. A minha própria irmã foi chamada de Amelia Maria, ainda que sempre a tenhamos tratado por Melita, para a distinguirmos da nossa prima Amelia, não é assim? — disse Dona Laura, olhando para a outra idosa.

Pelo menos, já sabia como se chamavam as duas idosas, que, tanto quanto podia perceber, seriam irmãs.

— Perdoem-me a insistência, mas gostaria de saber exatamente qual o vosso grau de parentesco com a minha bisavó. Deduzo que fossem suas primas...

— Sim, e éramos muito chegadas, isso pode ter por certo — respondeu Dona Laura.

— Bem... agora que chegamos a um acordo, talvez seja melhor começar a trabalhar. Vamos entregar-lhe um diário, que o ajudará a começar a conhecer a sua bisavó — informou a idosa de negro.

— Um diário da Amelia? — indaguei, duvidoso.

— Sim, da Amelia. Começou a escrevê-lo na adolescência. A mãe ofereceu-o quando fez catorze anos, e ela andava toda contente porque, entre outras coisas, sonhava vir a ser escritora.

A idosa de negro sorria ao evocar a recordação do diário de Amelia.

— Escritora? Naquela época? — perguntei surpreendido.

— Jovem, imagino que saiba que sempre houve mulheres que escreveram e, quando se refere "àquela época», não pense que se tratava da Pré-História — interveio Dona Laura, parecendo irritada.

— Então, a Amelia, a minha bisavó, pretendia ser escritora...

— E atriz, e pintora, e cantora. Tinha em si uma enorme vontade de viver e algum talento para a arte. O diário foi o melhor dos presentes entre todos os que recebeu naquele aniversário — afirmou Dona Melita —, mas já lhe dissemos que terá de a ir descobrindo a pouco e pouco. De forma que primeiro deverá ler este diário e, quando o tiver feito, venha ter connosco para lhe indicarmos o passo seguinte.

— Sim, mas antes de ler o diário talvez lhe seja útil que lhe falemos um pouco da família, de como viviam... — informou Dona Laura.

— Perdoem-me, mas, para ficar completamente esclarecido, a senhora é a Dona Laura e a si deverei tratá-la por Dona Amelia Maria, como à sua sobrinha-neta, ou por Dona Melita? — perguntei, interrompendo Dona Laura.

— Faça como lhe aprouver, isso não é importante. Aquilo que pretendemos é que leia o diário — protestou Dona Melita. — De qualquer modo, jovem, a nossa família era da classe alta, de empresários e industriais. Pessoas educadas e cultas.

— Terá de contextualizar aquilo que aconteceu — insistiu Dona Laura, irritada.

— Não se preocupem, saberei fazê-lo...

— A Amelia nasceu em 1917, uma época tumultuosa da história, o ano do triunfo da Revolução soviética, quando a Primeira Guerra Mundial ainda não tinha terminado. Em Espanha, havia um governo de unidade nacional, e reinava Afonso XIII.

— Sim, sei aquilo que aconteceu em 1917... — Temia que Dona Laura pretendesse dar-me uma lição de história.

— Não seja impaciente, jovem, a vida das pessoas apenas tem sentido se for explicada inserida num determinado contexto. Caso contrário, não conseguirá perceber o que quer que seja. Como lhe dizia, a Amelia e eu crescemos nos anos da ditadura de Primo de Rivera e assistimos à vitória republicana nas eleições municipais de 1931, que culminaria na proclamação da República e na fuga de Afonso XIII para o exílio. Depois, sucederam-se os governos de centro-esquerda e, em 1932, a aprovação do Estatuto da Catalunha, a tentativa de golpe de Estado perpetrada por Sanjurjo, em 1933 o triunfo da plataforma de direita CEDA, a greve geral revolucionária de 1934...

— Estou a aperceber-me de que enfrentaram momentos difíceis — disse, tentando interromper o discurso da idosa.

Nesse momento, entrou na sala Amelia Maria, a sobrinha-neta das duas idosas. De fato, tantas Amelias começavam a deixar-me bastante confuso. Olhou-me meramente de soslaio, beijou as tias e perguntou-lhes como haviam passado o dia.

Depois de uma troca de trivialidades, à qual assisti atento e em silêncio, Amelia Maria dignou-se a falar-me.

— E ao senhor como lhe estão a correr as coisas?

— Bem, e estou muito agradecido pela decisão das suas tias em ajudarem-me. Aceitei todas as suas condições — sentenciei com uma certa ironia.

— Ótimo. E agora, se não se importar, as minhas tias deveriam descansar, dado que a governanta me informou de que o senhor está aqui há mais de duas horas.

Irritou-me aquela forma expedita de me pôr na rua, mas não me atrevi a contrariá-la. Levantei-me e fiz uma vênia com a cabeça perante as duas idosas. Foi nessa altura que Dona Melita me estendeu dois cadernos forrados a tela cor de cereja, desgastados pelos anos.

— Estes são os diários da Amelia — explicou-me quando os entregou. — Manuseie-os com muito cuidado e, assim que os tiver lido, venha ter connosco.

— Assim farei. E reitero os meus mais sinceros agradecimentos.

Saí da casa exausto, sem saber bem porquê. Aquelas idosas, não obstante a sua aparente imperturbabilidade, transmitiam-me uma estranha tensão e, quanto

à sua sobrinha-neta, Amelia Maria, não disfarçava a sua aversão em relação a mim, certamente por estar convencida de que eu perturbava a tranquilidade das suas tias.

Quando cheguei ao meu apartamento, desliguei o telemóvel para não ter de atender qualquer telefonema. Estava ansioso por mergulhar na leitura dos diários da minha bisavó.

3

Estou feliz! A minha festa de aniversário foi um êxito. A mamãe é exemplar a organizar festas e, além do mais, ofereceu-me o melhor dos presentes: este diário. O papá ofereceu-me uma caneta de tinta permanente e a minha irmã umas luvas. Mas, além destes, recebi muitos outros presentes: dos meus avós, dos meus tios e as minhas amigas também foram muito generosas.

A minha avó Margot insistiu com o papá para que a Antonietta e eu fôssemos passar o verão com ela a Biarritz. Adoraria! Sobretudo porque me disse que também tinha convidado a Laura, que é a minha prima preferida. Não é que me dê mal com a minha irmã Antonietta, mas confio tanto na Laura...

A Laura diz que temos muita sorte em ter uma avó francesa, porque ela gosta tanto quanto eu de passar o verão em Biarritz. Penso que a verdadeira sorte é possuímos uma família como a nossa. Tremo só de pensar que poderia ter nascido noutra família. O papá disse à avó que iremos passar parte das férias com ela.

Agora estou cansada, hoje foi um dia cheio de emoções, continuarei amanhã...

O diário de Amelia era o de uma adolescente de uma família da classe alta. Ao que parecia, o pai de Amelia, ou seja, o meu trisavô, era basco do lado paterno e basco francês do lado materno. Dedicava-se ao comércio e viajava por toda a Europa e também pela América do Norte. Tinha um irmão advogado, que se chamava Armando, pai de Melita, Laura e Jesús, os primos da minha bisavó.

Amelia e a irmã Antonietta estavam entregues aos cuidados de uma ama inglesa, ainda que a sua "fada madrinha» fosse a ama de leite de ambas, Amaya, uma guipuscoana pela qual elas sentiam um grande afeto e que continuou a prestar outros serviços à família.

A minha bisavó tinha sido uma aluna aplicada. Aparentemente, o que mais apreciava eram a pintura e o piano; sonhava em vir a ser uma artista famosa

numa destas áreas e possuía um talento inato para as línguas. Era com a sua prima Laura que ela compartilhava os seus segredos de adolescente. A sua irmã Antonietta era dois anos mais nova, mas para Amelia isso era uma eternidade.

Pelos vistos, o pai de Amelia insistia em que as suas duas filhas estudassem e obtivessem uma boa formação. Ambas frequentavam o colégio das irmãs teresianas e recebiam aulas de francês e de piano.

O meu trisavô deve ter sido uma pessoa algo especial, dado que ocasionalmente viajava com a família para fora de Espanha. No seu diário, Amelia narrava as suas impressões sobre Munique, Berlim, Roma, Paris... relatos de uma criança cheia de vontade de viver.

Para ser sincero, aquele diário era aborrecido. De nada me interessava a vida quotidiana de Amelia e, excetuando ter ficado a saber que a sua prima preferida se chamava Laura e que uma das suas avós era francesa, o resto não passava de uma narrativa adocicada, que acabava por se revelar entediante. Assim, decidi tornar a ligar o telemóvel e telefonei a uma amiga, para sairmos e irmos beber um copo, para me distrair. Deixaria o segundo diário para o dia seguinte.

Tenho tuberculose. Estou acamada há vários dias e o médico não me permite receber visitas. A Laura veio esta manhã, aproveitando o fato de o papá estar em viagem e de a mamãe ir sempre à missa das nove. Ofereceu-me um presente, um diário como aquele que a mamãe me ofereceu quando fiz 14 anos.

Não a deixei aproximar-se da cama, mas a sua visita encheu-me de alegria. Para mim, a Laura é mais do que uma prima: é uma irmã, compreende-me melhor do que qualquer outra pessoa, melhor do que a Antonietta. Fiquei comovida com o seu presente: este diário. Disse-me que assim irei aborrecer-me menos e o tempo passará mais rapidamente. Mas que poderei eu contar, se nem sequer me posso mexer?

O médico veio ver-me, e confesso que me irrita que me trate como se fosse uma criança. Disse que devo continuar a repousar, ainda que seja conveniente respirar ar puro. A mamãe decidiu que eu fosse para o campo, para a casa da ama Amaya. Tinham pensado em enviar-me para casa da minha avó Margot, em Biarritz, mas, de há uns tempos para cá, a avó tem andado engripada e nunca mais se cura de vez, de modo que não está em condições de cuidar de uma doente com tuberculose. Além disso, o Dom Gabriel disse que seria melhor para mim respirar o ar puro da montanha.

A mamãe está a preparar tudo para a viagem para a herdade da família da ama. A ama Amaya cuidará de mim, visto que ela terá de ficar com a Antonietta e esperar que o papá regresse da Alemanha, mas virá visitar-me de vez em quando. Prefiro partir do que continuar enclausurada neste quarto; não fosse pelas visitas da Laura, certamente enlouqueceria. Mas temo que acabe por

contagiar a minha prima. Ninguém sabe que me vem visitar, a não ser a ama, mas ela não conta a ninguém.

A ama Amaya deixa-me levantar. Não me obriga a estar sempre de cama. Diz que, se me sinto com forças, o melhor é sair para respirar ar puro, como aconselhou o Dom Gabriel. Aqui, na montanha, o que não falta é ar puro.

Os pais da ama são idosos, sinto dificuldade em compreendê-los, porque falam sempre em basco, mas o filho mais velho da Amaya, o Aitor, está a ensinar-me a língua. O papá diz que tenho um dom especial para as línguas e, na verdade, estou a aprender rapidamente.

Dou-me bem com o Aitor, e também simpatizei com a Edurne, a outra filha da ama, que é da minha idade... bem, talvez alguns meses mais velha. O Aitor e a Edurne são muito diferentes um do outro, quase como acontece entre mim e a Antonietta. A ama gostaria que a Edurne fosse connosco para Madrid, para servir em nossa casa. Prometi-lhe que convencerei a mamãe. A Edurne é muito calada, mas está sempre a sorrir e procura atender ao menor dos meus desejos.

O papá recomendou o Aitor para que fosse trabalhar numa delegação do PNV em San Sebastián. Passa lá toda a semana. Diz que está muito satisfeito com o trabalho, faz recados, recebe pessoas e encarregam-no também de alguns trabalhos administrativos leves, como endereçar envelopes. O Aitor é três anos mais velho do que eu, mas não me trata como uma criança.

A ama está muito ligada a ele, sentindo-se muito orgulhosa pelo seu filho. A pobrezinha quase não viveu com eles, pois veio para nossa casa quando eu nasci, e só agora me apercebo de que lhe deve ter sido muito difícil criar-nos a nós em lugar dos seus próprios filhos. Deve ter sentido imenso a falta deles!

Fomos a San Sebastián para telefonar à avó Margot. Melhorou um pouco e prometeu que viria visitar-me.

O Aitor fica surpreendido por eu falar em francês com a minha avó, mas a questão é que sempre falamos em francês. A avó Margot também fala em francês com o papá. Apenas fala em espanhol com a mamãe, porque ela tem alguma dificuldade com línguas estrangeiras e, ainda que saiba falar francês, apenas o faz quando vamos a Biarritz.

Fui passear para as montanhas com o Aitor. A ama ordenou-lhe que não me cansasse, embora eu me sinta melhor, e insisti com ele para subirmos um pouco mais até ao cume, de onde avistaríamos França.

Penso na avó Margot. Gostaria de estar com ela, mas ainda estou em convalescença. Quando estiver melhor, irei visitá-la a Biarritz.

Aitor conhece um caminho para se entrar em França sem passar pelo controle da alfândega. Acabou por me dizer que há vários carreiros que conduzem a França e que as pessoas daqui os conhecem, sobretudo os pastores.

O avô dele os ensinou. Ao que parece, o seu avô e outros pastores ganharam de vez em quando algumas pesetas com o contrabando. O Aitor fez-me prometer que não contaria isso a ninguém; e não o farei, não quero nem pensar naquilo que o meu pai diria.

O Aitor contou-me que não pretende permanecer na herdade para sempre. Estuda à noite, quando regressa do trabalho. É apenas três anos mais velho do que eu. Além disso, está agora a aprender francês; sou eu quem lho ensina, a troco das lições de basco que ele continua a dar-me.

Ele diz que eu também sou basca. Diz isso como se fosse uma coisa especial. Mas eu não me sinto especial, é-me igual ser basca ou de qualquer outro lugar. Não consigo sentir o mesmo que ele, e ele diz que isso se deve a eu não viver nesta terra. Sinto-me orgulhosa por me chamar Garayoa, mas por esse ser o apelido do papá, não por se tratar de um apelido basco. Não, por mais que o Aitor insista, não consigo sentir nada de especial por ter ascendência basca.

Agora, falo em basco com o Aitor e também com a ama Amaya e com os pais dela. Isso diverte-me. As pessoas das restantes herdades falam basco e ficam espantadas ao ouvirem-me falar a língua delas. Não me saio nada mal. O francês do Aitor melhorou muito. A mãe diz-lhe que isso de nada lhe servirá, que melhor seria que aprendesse a ordenhar como deve ser, mas o Aitor não ficará por cá, já tomou essa decisão.

Quando regressa de San Sebastián, traz o jornal consigo. Conta-nos que a situação política está má. A mamãe costuma dizer que, desde que o rei saiu do país, vamos de mal a pior, mas o papá não partilha da mesma opinião e simpatiza com a Ação Republicana, o partido do Dom Manuel Azana. O Aitor também parece não nutrir qualquer simpatia por Afonso XIII. É óbvio que sonha com uma pátria basca. Pergunto-lhe o que faria com as pessoas que não são bascas, ao que ele me responde que não tenho de me preocupar, visto ser uma Garayoa.

Ao jantar, contou-nos que se formou uma coligação de direita designada CEDA e que se apresentou às eleições. Na verdade, não sei se isso é bom ou mau, mas irei perguntar aos meus pais daqui a uns dias, quando vierem visitar-me. Tenho tantas saudades deles! A Antonietta não vem porque eu ainda não estou completamente curada.

Foi-me muito difícil tornar a separar-me dos meus pais. Quando o automóvel arrancou, comecei a chorar como uma menina. O Dom Gabriel disse que ainda não estou completamente curada e que terei de ficar em casa da ama durante mais algum tempo. Mas quanto mais? Ninguém mo diz e isso desespera-me.

Convenci a mamãe a permitir que a Edurne viesse connosco para Madrid. Disse-lhe que poderia tornar-se uma boa criada e que devemos isso à ama Amaya por nos ter tratado tão bem, à Antonietta e a mim. De início, resistiu à

ideia, mas depois acabou por aceitar, tendo-me enchido de alegria quando me disse que encarregaria a Edurne de cuidar da Antonietta e de mim.

O papá regressou preocupado da Alemanha. Falou-nos do novo chanceler, que se chama Adolf Hitler. Segundo o papá nos diz, o Hitler profere discursos que inflamam as pessoas, mas ele está preocupado, não confia nele. Decerto porque o Hitler não gosta dos judeus e por o sócio do papá, Herr Itzhak Wassermann, ser precisamente judeu. Ao que parece, os judeus começaram a ter problemas. O papá sugeriu a Herr Itzhak que se estabelecesse na Espanha, mas o homem rejeita a ideia dizendo que é um bom alemão e que nada deve temer. Herr Itzhak é casado e tem três filhas muito simpáticas; a Yla tem a minha idade. Passaram alguns verões connosco na casa de Biarritz e a Antonietta e eu também fomos convidadas para a casa delas, em Berlim. Espero que esse tal Hitler venha a ultrapassar a sua aversão aos judeus. Depois da Laura, a Yla é a minha melhor amiga.

Os meus pais regressaram e fomos a San Sebastián. Tínhamos sido convidados para lanche em casa de um amigo do papá, que é um dos dirigentes do PNV, e o papá e ele passaram a tarde a falar de política.

O meu pai disse que, se as coisas continuarem tão agitadas, o presidente Alcalá Zamora acabará por convocar eleições antecipadas. O papá explicou que a direita está assustada com as decisões tomadas pelo governo, enquanto a esquerda considera que não estão a ser implementadas as transformações sociais que esperavam.

Não me levantei do meu lugar durante toda a tarde para ouvir o meu pai, e isto apesar de a mamãe e de a nossa anfitriã terem insistido para que fosse conversar com elas para uma outra sala, mas eu estava muito mais interessada na conversa entre o meu pai e o seu amigo. Não percebo muito do assunto, mas gosto de política.

A Amaya tem uma amiga de infância que está casada com um pescador. É uma sorte, porque nalguns sábados convidam-nos para passearmos de barco. É pequeno, mas o marido da amiga da ama Amaya maneja-o com destreza. Levamos sanduíches e comemos no alto-mar. Rimo-nos muito, porque acabamos sempre por entrar em águas francesas. O problema é que, no mar, não há fronteiras visíveis. O pescador ensinou-nos, ao Aitor e a mim, a manobramos o barco. O seu filho Patxi, que tem a idade do Aitor, é pescador como ele e acompanha-o todos os dias quando sai para pescar, ao romper da aurora. Penso que, caso não estudasse, me tornaria pescadora. Sinto-me tão bem no mar!

Passara a manhã inteira a ler o segundo diário da minha bisavó, e devo confessar que este segundo relato me entretinha bem mais do que o primeiro. Através do diário, soube que Amelia esteve a viver na herdade da sua ama

durante quase seis meses antes de lhe ter sido dado alta, e, ainda que tivesse muita vontade de regressar a casa, custou-lhe muito despedir-se de Aitor.

O jovem falava-lhe de política, tentava contagiá-la entusiasticamente com o seu amor pela "pátria basca», falava-lhe de um passado idílico e de um futuro em que os bascos disporiam do seu próprio Estado.

Para a minha bisavó, era indiferente aquilo que pudesse acontecer ao País Basco; a ela, o que lhe interessava era a companhia de Aitor.

Não foi fácil despedirmo-nos. O Aitor pediu que lhe dessem uma folga, e passamos o dia a caminhar pelos montes. Já conheço quatro carreiros distintos para se entrar em França; alguns desses carreiros são utilizados pelos contrabandistas. Todavia, aqui todos se conhecem e ninguém denuncia os seus vizinhos, façam o que fizerem.

Pergunto-me se regressarei dentro em breve e, sobretudo, o que fará o Aitor depois de eu partir. Suponho que há de conhecer alguma rapariga e que acabe por se casar com ela, que é aquilo que os seus avós esperam. Educaram-no para tomar a herdade a seu cargo.

Ainda que não o confesse, aquilo a que ele verdadeiramente gostaria de dedicar-se seria à política; está cada vez mais envolvido nos assuntos do seu partido e os seus chefes confiam nele.

Há dias, acompanhei a Amaya e a Edurne a San Sebastián. Fomos fazer algumas compras e, depois, passamos pela sede do PNV, onde o Aitor trabalha. A Amaya ficou muito orgulhosa ao ver a consideração que todos têm pelo filho. Os seus chefes elogiaram-no muito e garantiram que terá um grande futuro pela frente.

Fico feliz por ele, mas... bem, confesso: sei que não estarei nesse futuro, e tenho pena que assim seja.

Parto amanhã cedo. O Aitor irá levar-nos à estação de San Sebastián.

A Amaya está triste. Por vontade dela, permaneceria na herdade, mas diz que tem de continuar a trabalhar para ajudar os seus pais e os seus filhos. Sonha que o Aitor se torne num político e que a Edurne venha a dar-se bem com a nossa família, ficando a servir em nossa casa. Mas então quem cuidaria da herdade? Penso que aquilo que a Amaya pretende é que a Edurne ocupe o seu lugar, para ela poder regressar para junto dos pais.

Os avós do Aitor nunca saíram destas montanhas, o mais longe que foram foi a San Sebastián. Dizem que não lhes interessa conhecer nada mais, que tudo aquilo de que necessitam está aqui e que este é o melhor dos mundos.

O papá costuma dizer que há duas categorias de bascos: aqueles que partem para conquistar o mundo e aqueles que pensam que não há mundo para além das montanhas. Ele pertence à primeira categoria; os avós do Aitor, à segunda. Mas

são boas pessoas. Ao princípio, pareciam-me carrancudos e reservados; isso é porque desconfiam dos forasteiros. Contudo, depois de ultrapassada a timidez inicial, apercebemo-nos de que são muito sentimentalistas.

Algumas noites, depois do jantar, sentávamo-nos em redor da lareira e o avô cantava canções que, de início, eu não percebia, mas que soavam nostálgicas. Agora, também eu as sei cantar, e sei que o papá ficará surpreendido quando me ouvir falar basco.

As páginas do diário estão a chegar ao fim, não sei se tornarei a escrever outro. Como já disse, amanhã regresso a casa. Julgo que cresci durante a minha estadia aqui. Sinto-me como se tivesse mil anos.

Cumpri o acordado e telefonei às idosas, para lhes dizer que já lera os dois diários e para lhes perguntar quando poderia tornar a encontrar-me com elas. Pensava no que poderiam ter preparado para que eu prosseguisse com a minha "aprendizagem» acerca da vida da minha bisavó.

Não consegui falar pessoalmente com elas, mas a governanta marcou encontro para daí a três dias. Decidi dedicar esse tempo a escrever um primeiro esboço da vida da minha bisavó, ainda que até ao momento não tivesse encontrado nada de extraordinário.

Dona Melita e Dona Laura pareciam duas estátuas. Continuavam sentadas nas mesmas poltronas, rigorosamente vestidas de preto e de cinzento, penteadas com o cabelo apanhado atrás, com pérolas ou brilhantes nas orelhas e uma fragilidade aparente, que em nada correspondia ao vigor com que me manipulavam.

Naquele dia, estavam acompanhadas por outra mulher tão idosa como elas. Pensei tratar-se de uma amiga ou de alguma familiar. Não ma apresentaram, mas aproximei-me dela para lhe apertar a mão, que senti trémula.

A mulher, também vestida de preto, mas com o rosto mais enrugado, sem qualquer joia por adorno, parecia nervosa. Pensei que talvez fosse ainda mais idosa do que Dona Laura e Dona Melita, se é que se pode falar em tais termos depois de ultrapassada a fasquia dos noventa anos.

Observei como Dona Melita segurava afetosamente a mão dela na sua, apertando-a como se pretendesse encorajá-la.

Perguntaram-me pelos diários, que lhes devolvi de imediato, querendo saber a minha opinião sobre Amelia.

— Bem... na verdade, não encontrei nela nada de especial, parece-me uma rapariga típica oriunda de uma família rica daquela época.

— Apenas isso? — inquiriu Dona Melita.

— Apenas isso — respondi, pensando se algo invulgar me teria escapado naqueles relatos juvenis.

— Bem... agora que já tem uma ideia acerca de como era a Amélia na adolescência, chegou o momento de saber como e por que motivo se casou — explicou Dona Laura, olhando de soslaio para Dona Melita. — E o mais adequado será que isso lhe seja contado por alguém que viveu com ela, que permaneceu sempre junto dela durante alguns dos anos mais importantes da sua vida. Alguém que a conheceu muito bem — prosseguiu Dona Laura, olhando para a idosa que não me haviam apresentado e que ainda nem sequer abrira a boca. — Edurne, este é o bisneto da Amélia e do Dom Santiago — disse Dona Laura, dirigindo-se à idosa.

Fiquei desconcertado. Edurne? Seria a mesma Edurne filha da ama, de Amaya? Pensei para comigo que não era possível ter tanta sorte.

A idosa a que chamavam Edurne cravou os seus olhos cansados nos meus, e li neles um certo temor. Notava-se que se sentia perturbada. O seu aspeto era mortiço, como o de alguém que, para além de muito idosa, estivesse doente.

— A senhora é a filha da ama, da Amaya? — perguntei-lhe, ansioso pela sua resposta.

— Sou — murmurou.

— Fico muito feliz por a conhecer! — exclamei genuinamente.

— Saiba que, para a Edurne, falar consigo representará um grande esforço. Tem as recordações frescas na memória, como se tudo tivesse acontecido ontem, mas... enfim, está doente... temos uma idade em que todos os dias nos deparamos com novos achaques. De forma que deverá ouvi-la com atenção e não cansá-la demasiado — ordenou Dona Laura.

— Poderei fazer perguntas?

— Sim, claro, mas não perca o seu tempo com perguntas. O mais importante é aquilo que a Edurne lhe pode contar. — Foi novamente Dona Laura quem falou. — E agora, por favor, dirijam-se para a biblioteca, onde poderão falar com maior tranquilidade.

Concordei. Edurne olhou para as idosas, ao que estas lhe dirigiram um gesto quase imperceptível, como que encorajando-a a falar comigo.

A velhota caminhava com dificuldade, apoiando-se numa bengala; passo a passo, muito lentamente, segui-a até à biblioteca.

Edurne começou a desvelar as suas recordações...

SANTIAGO

1

"Quando chegamos a Madrid, a Dona Teresa explicou-me que, a partir de então, teria de me ocupar das suas duas filhas, da menina Amelia e da menina Antonietta.

O meu trabalho consistia em cuidar das roupas das meninas, arrumar-lhes o quarto, ajudá-las a vestirem-se, acompanhá-las em visitas... A minha mãe foi-me ensinando a encarregar-me das suas coisas. De início, senti dificuldade, apesar de ter tido a imensa sorte de partilhar o mesmo teto que ela.

A Dona Teresa instalou-me no quarto da minha mãe, onde foi colocada outra cama. Ainda que a casa fosse grande, éramos as únicas que vivíamos com a família, dado que a restante criadagem estava alojada nas águas-furtadas. Suponho que beneficiávamos de tal privilégio por a minha mãe ter sido ama de leite das crianças e, portanto, devia estar sempre perto delas para as amamentar. Depois, quando deixaram de mamar, ela permaneceu naquele quarto, passando a ser criada para todos os serviços. Tanto fazia limpezas quanto ajudava na cozinha; desempenhava todas as tarefas que lhe pediam.

A minha mãe pretendia que eu aprendesse o ofício de criada e deixar-me numa posição confortável na casa, para ela poder regressar à herdade e passar junto dos pais os seus últimos anos de vida.

Eu nunca tinha visto uma casa como aquela, com tantas salas e quartos, com tantos objetos valiosos. Temia partir alguma coisa e costumava prender com as mãos a saia ou o avental, para não roçar na mobília ao caminhar.

Conhecer a menina Amelia tornou o trabalho menos penoso. Ainda que a situação se tivesse alterado, pois na herdade ela era uma de nós, mas naquela casa eu não me atrevia a chamá-la pelo nome, por mais que ela insistisse comigo para que não a tratasse por "menina".

Do que ela mais gostava era que falássemos em basco. A sua verdadeira intenção era irritar a irmã, ainda que me garantisse que o fazia para não esquecer

a língua. O Dom Juan não gostava que falássemos em basco e repreendia-a; dizia-lhe que era uma língua de camponeses, mas ela não acatava as suas ordens.

De manhã, costumava acompanhar a menina Antonietta ao colégio. A menina Amelia recebia lições em casa, visto estar ainda em período de convalescença. A tarde, depois de a menina Antonietta regressar, permitiam que eu ficasse sentada num canto da sala de estudo, enquanto uma preceptora as fazia falar francês e tocar piano. Gostava de ouvir as lições, porque isso me permitia aprender. Quando a menina Amelia recuperou, começou a estudar para ser professora, tal como a menina Laura.

O ano de 1934 não foi um bom ano. Ao senhor, os negócios começaram a correr-lhe mal. Herr Itzhak Wassermann, o seu sócio na Alemanha, estava a ser vítima da perseguição do Hitler aos judeus, tarefa de que os homens das SA se encarregavam. O negócio corria de mal a pior e, por diversas ocasiões, tinham deparado de manhã com os vidros das montras do seu estabelecimento estilhaçados por aqueles energúmenos. Viajar para a Alemanha era cada vez mais complicado, sobretudo para aqueles que, como o senhor, não gostavam do Hitler e não se importavam de o apregoar a viva voz. O Dom Juan começou a emagrecer e a Dona Teresa ia ficando cada vez mais preocupada com ele.

— Acho que o papá está falido — disse-me um dia a menina Amelia.

— Porque diz isso? — perguntei-lhe assustada, pensando que, se a empresa do senhor entrasse em falência, eu teria de regressar à herdade.

— Tem dívidas na Alemanha e, aqui, as coisas também não estão a correr muito bem. A minha mãe diz que é por culpa da esquerda...

A Dona Teresa era uma mulher muito católica, conservadora, monárquica, sentindo-se apavorada perante os distúrbios provocados por alguns partidos e sindicatos de esquerda. Era boa pessoa e tratava com afeto e respeito toda a criadagem da casa, mas era incapaz de perceber que as pessoas viviam com muitas dificuldades e que a direita que governava não sabia como resolver os problemas da Espanha daquele tempo. Praticava a caridade, mas ignorava o que fosse a justiça social, que era aquilo que os operários e camponeses reclamavam.

— E o que faremos eu e minha mãe? — quis saber.

— Nada, ficam a viver conosco. Não quero que partam.

Amelia correspondia-se com Aitor. O meu irmão, sempre que me escrevia ou à minha mãe, incluía um envelope fechado para a Amelia. Ela respondia-lhe da mesma forma, entregando-nos um envelope fechado, que, por sua vez, nós introduzíamos no nosso envelope.

Eu sabia que o meu irmão estava apaixonado pela Amelia, ainda que nunca se tivesse atrevido a confessá-lo, e também sabia que Aitor não lhe era indiferente a ela.

Numa segunda-feira à tarde, o Dom Juan regressou a casa mais cedo do que o habitual e fechou-se no seu gabinete com a Dona Teresa. Estiveram a conversar até altas horas da noite, sem permitirem que as meninas os interrompessem. Naquela noite, a Amelia e a Antonietta jantaram sozinhas na sala de estudo, perguntando-se o que teria acontecido.

Na manhã seguinte, a Dona Teresa convocou toda a criadagem e ordenou-nos que procedêssemos a uma limpeza a fundo da casa inteira. A família ia organizar um jantar no fim de semana, com convidados importantes, e ela queria que a casa reluzisse.

As meninas estavam entusiasmadas. Saíram com a mãe para irem às compras e regressaram carregadas de embrulhos. Iam estrear vestidos.

No sábado, a Dona Teresa parecia nervosa. Pretendia que tudo estivesse perfeito e, ela que sempre se mostrava tão afável, irritava-se se algo não estivesse a seu gosto.

Uma cabeleireira veio a casa para pentear mãe e filhas, e à tarde fui eu quem as ajudou a vestirem-se.

Amelia exibia um vestido vermelho e o da Antonietta era azul. Estavam lindas.

— Há muito tempo que não recebíamos ninguém! — exclamou, enquanto a cabeleireira lhe frisava o cabelo, preso atrás com um gancho.

— Não exageres, todas as semanas temos visitas — retorquiu a Antonietta.

— Sim, mas para lanchar, não para jantar.

— Além disso, antes não nos deixavam estar presentes por sermos crianças. A mamãe diz que virão alguns amigos do papá, com os seus filhos.

— E não os conhecemos! São amigos novos do papá... Que emoção!

— Não percebo como podes gostar tanto de conhecer novas pessoas. Será entediante, e a mamãe vai estar vigilante para que nos comportemos corretamente. O jantar é muito importante para o papá, que precisa de encontrar novos sócios para a empresa...

— Adoro conhecer novas pessoas! Provavelmente, haverá entre tanta gente algum jovem bonito... Talvez até venhas a conseguir um noivo, Antonietta.

— Ou talvez sejas tu a consegui-lo, dado que és mais velha e deves casar-te primeiro. Se não te apressares, ficarás para freira.

— Caso-me quando e com quem quiser!

— Sim, mas terás de te apressar.

Nenhuma das duas suspeitava daquilo que iria acontecer naquela noite.

Os convidados chegaram às oito horas, três casais com os respetivos filhos. No total, catorze pessoas que se sentariam à mesa oval, primorosamente decorada com flores e candelabros de prata: o senhor e a senhora Garcia, com o

seu filho Hermenegildo; o senhor e a senhora López-Agudo, Dom Francisco e Dona Carmen, com as suas filhas Elena e Pilar; e o senhor e a senhora Carranza, Dom Manuel e Dona Blanca, com o seu filho Santiago.

A Antonietta foi a primeira a fixar-se no Santiago. Era o mais belo dos convidados. Alto, magro, com o cabelo castanho-claro, quase louro, olhos verdes, vestido de modo muito elegante; seria impossível passar despercebido. Também eu o observava, escondida atrás dos cortinados.

Naquela altura, devia ter quase trinta anos, e notava-se que era um homem cheio de autoconfiança.

As outras meninas presentes rodopiavam à volta dele. Eu conhecia bem a Amelia e estava a par das suas táticas para se fazer notar.

Cumprimentou amavelmente os convidados e sentou-se ao lado da mãe, ouvindo as restantes senhoras como se estivesse realmente interessada em tudo quanto diziam. Era a única das jovens presentes que parecia imune ao magnetismo do Santiago, para quem nem sequer olhava.

A menina Antonietta, bem como as meninas Elena e Pilar López-Agudo, tentava atrair a atenção do Santiago, que se tinha convertido no tema central da conversa entre os convidados mais jovens. Não só por ser o mais velho, mas também devido à sua simpatia. Do local onde me encontrava, não conseguia ouvir o que diziam, mas as meninas estavam completamente enlevadas.

As criadas serviram os aperitivos e eu fui relegada para a cozinha, para ajudar a minha mãe e as cozinheiras, mas sempre que me era possível regressava ao meu esconderijo, de onde conseguia contemplar aquela festa, que me enchia os sentidos com o aroma a perfume e fumo de cigarros, fumados tanto pelas senhoras quanto pelos cavalheiros.

Perguntava-me qual seria o próximo passo da Amelia para cativar a atenção do Santiago. Ele já se tinha apercebido de que a única que não participava na conversa entre os jovens sentados àquela mesa era a filha mais velha dos anfitriões, e começou a olhá-la de soslaio.

A Dona Teresa tinha colocado na mesa um cartão com o nome de cada convidado e a Amelia estava destinada a ficar sentada ao lado do Santiago.

Ela estava deslumbrante... De início, não lhe prestava atenção, falando com o jovem Hermenegildo, que tinha sentado à sua esquerda.

Já ia o jantar a meio quando o Santiago deixou de conseguir suportar a manifesta indiferença da Amelia e se empenhou em encetar conversa, na qual ela parecia participar com um certo desinteresse.

Quando acabaram de jantar, para mim, era evidente que a Amelia tinha conseguido o seu objetivo: "fisgar" o Santiago.

Depois de os convidados partirem, os senhores ficaram no salão com as

filhas, para comentarem como havia decorrido o serão.

A Dona Teresa estava exausta, tamanha era a tensão acumulada durante a semana pelo seu empenho para que tudo decorresse da melhor forma. A minha mãe dizia que nunca a tinha visto tão nervosa, o que não deixava de ser estranho, porque a Dona Teresa estava acostumada a receber visitas.

O Dom Juan parecia mais descontraído; o serão havia servido os seus propósitos, como viemos a saber depois: estava a tentar associar-se com o senhor Carranza, numa tentativa de salvar o negócio. Ainda que, na verdade, seria a Amelia quem viria realmente a salvar a situação da família.

Ouvi-os falar, por mais que a Dona Teresa lhes pedisse que baixassem o tom de voz.

— Se o Manuel Carranza estiver interessado em associar-se a este negócio, como parece estar, estaríamos salvos...

— Mas, papá, as coisas estão tão mal assim? — perguntou a Amelia.

— Sim, filha, vocês já são crescidas e devem conhecer a verdade. O negócio na Alemanha não está a correr bem e temo pela segurança do meu bom amigo e sócio Herr Itzhak. O armazém onde guardávamos as mercadorias, a maquinaria comprada para ser exportada para Espanha, foi selado pelos nazis e não me permitiram sequer entrar nele. E ali estava o nosso dinheiro, investido naquelas máquinas. Também as contas bancárias foram confiscadas. O nosso empregado, o bondoso Herr Helmut Keller, está preocupado. Ter trabalhado com um judeu torna-o suspeito, mas é um homem corajoso e aconselha-me a ser paciente. Assegura-me que tentará salvar aquilo que puder do nosso negócio. Entreguei-lhe todo o dinheiro que consegui reunir, que não é muito dadas as circunstâncias, mas não o podia deixar abandonado à sua sorte...

— E Herr Itzhak e a Yla? — perguntou a Amelia, preocupada.

— Estou a tentar trazê-los para cá, ainda que se mostrem renitentes. Não querem abandonar a sua casa. Entrei em contato com a Casa Universal dos Sefarditas, uma organização empenhada em estabelecer relações com os judeus sefarditas.

— Mas Herr Itzhak não é sefardita — exclamou a Dona Teresa.

— Bem sei, mas pedi-lhes aconselhamento, visto que há muitos espanhóis influentes que os apoiam — retorquiu o Dom Juan.

— Muitos? Oxalá estivesse certo — duvidou ela, num tom crispado.

— Também entrei em contato com uma organização chamada Ezra, que significa "Auxílio"; dedica-se a ajudar os judeus, sobretudo aqueles que fogem da Alemanha.

— E poderás fazer alguma coisa, papá? — perguntou a Amelia, sensibilizada.

— Isso não depende do teu pai — clarificou a Dona Teresa.

— O Dom Manuel Azana manifesta alguma simpatia pelos judeus — declarou o Dom Juan. — Enfim, parece que o mundo está a enlouquecer... O Hitler declarou que o seu partido, o Partido Nazi, é o único que pode atuar legalmente na Alemanha. Como se isso não bastasse, a Alemanha abandonou a II Conferência Mundial do Desarmamento. Esse louco está a preparar a guerra, tenho a certeza...

— A guerra? Mas contra quem? — perguntou a Amelia.

O Dom Juan não conseguiu responder-lhe, interrompido por uma outra pergunta, desta vez da Dona Teresa.

— E o que irá acontecer aqui? Tenho medo, Juan... A esquerda pretende uma revolução...

— E a direita está contra o regime republicano, tudo fazendo para a que a República se torne inviável — respondeu ele, algo irritado.

Existiam diferentes opiniões políticas no casal, dado que a Dona Teresa provinha de uma tradição monárquica, enquanto o Dom Juan era um republicano convicto. Claro que, naquela época, as mulheres não faziam valer as suas opiniões políticas, imperando a opinião do chefe de família.

— E que negócios vais fazer com o senhor Carranza?

A pergunta da Antonietta deixou os pais surpreendidos. Era a mais nova e era bastante calada e meditativa, muito mais do que a Amelia.

— Irei tentar comprar maquinaria na América do Norte. Os custos serão mais elevados, visto que há um oceano pelo meio, mas, dada a situação na Alemanha, julgo que não me resta outra opção. Apresentei um plano detalhado ao senhor Carranza, que se mostrou interessado. Agora, o meu problema é conseguir crédito financeiro para poder formalizar a sociedade... Penso que ele poderá ajudar-me. Tem muito boas relações.

— Com quem? — indagou a Amelia.

— Com banqueiros e políticos.

— Políticos da direita? — insistiu.

— Sim, filha, mas também tem bons contatos no Partido Radical do Lerroux.

— Por isso é que este jantar era tão importante, não é, papá? — continuou ela. — Querias causar-lhe boa impressão e que vissem que tens uma casa fantástica, uma família... A mamãe é tão bonita e elegante...

— Então, Amelia, não digas essas coisas! — interveio a Dona Teresa.

— Mas é verdade. Todas as pessoas que te conhecem se apercebem de que és uma grande senhora. A senhora Carranza não é tão elegante como tu — insistiu a Amelia.

— A senhora Carranza provém de uma família muito digna. Esta noite, em

conversa, descobrimos que temos conhecidos em comum — sentenciou a Dona Teresa.

— O seu filho Santiago é o mais difícil de convencer — murmurou o Dom Juan.

— O Santiago? E queres convencê-lo de quê?

— Trabalha com o pai e este dá-lhe ouvidos. Ao que parece, o Santiago é um bom economista, muito sensato, e tem vindo a prestar bons conselhos ao pai. Tem dúvidas acerca da viabilidade do negócio. Considera que se trata de um investimento demasiado avultado e prefere continuar a comprar maquinaria na Bélgica, na França, na Inglaterra ou até mesmo na Alemanha. Diz que é mais seguro — explicou o Dom Juan.

Não conseguia ver-lhe o rosto, mas não me foi difícil imaginar que, naquele momento, a Amelia estivesse já a tomar uma decisão: seria ela a vencer as resistências do Santiago, para salvar a família das dificuldades financeiras com que se confrontavam. A Amelia era muito volúvel, via-se a si própria como uma das heroínas dos romances que lia, e os seus pais, sem o saberem, estavam a dar-lhe uma oportunidade de o demonstrar.

Duas semanas depois, a família Carranza convidou o Dom Juan e a sua família para um almoço de domingo, numa quinta que possuíam nos arredores da cidade.

Nessa altura, o Dom Juan não ocultava o seu nervosismo, dado que o Dom Manuel Carranza começava a mostrar-se renitente quanto à importação de maquinaria a partir da América do Norte. Além do mais, a situação política estava a complicar-se, a Espanha parecia ingovernável.

Amelia refletiu durante vários dias acerca da forma como deveria apresentar-se vestida. Aquele almoço dominical era a ocasião ideal para apertar o laço que tinha lançado ao Santiago, consciente que estava de que o convite dos Carranza se devia ao interesse que ela havia conseguido suscitar nele. O Dom Juan tinha comentado que, não obstante a renitência do Santiago, tinha sido ele a sugerir que almoçassem juntos no domingo, insistindo para que se fizesse acompanhar da sua encantadora família.

Sei, porque a Amelia me contou, que aquele dia foi crucial para aquilo que ela designava por "o meu programa de salvação".

O almoço decorreu sem outros convidados para além da família Garayoa, ou seja, o Dom Juan, a Dona Teresa, a Amelia e a Antonietta. O Santiago evidenciou o seu interesse pela Amelia desde o primeiro momento.

Ela pôs em prática todos os seus ardis: indiferença, amabilidade, sorrisos... Que mais posso dizer?! Era uma grande sedutora.

Naquele domingo, o Santiago ficou apaixonado por ela, e julgo que o

sentimento era mútuo. Eram jovens, belos, de boas famílias...

Ele, que, ao que tudo indicava, pretendia continuar solteiro, sem noiva que se lhe conhecesse, tinha-se deixado cativar por uma juvenzinha que expressava opiniões políticas com grande desenvoltura: defendia que as mulheres deviam lutar pelos direitos que lhes eram negados; confessava, deixando a mãe horrorizada, que não alimentava a menor intenção de se confinar aos deveres de senhora da casa, e afirmava que, se viesse a casar-se, partilharia tudo com o seu marido, para além de exercer como professora, que dizia ser a sua vocação.

Todas estas coisas e outras mais ela foi declarando com a graça e simpatia que lhe eram naturais e, segundo a Antonietta me contou, quanto mais a Amelia falava, mais o Santiago se mostrava rendido.

Começaram a encontrar-se à maneira daquela época. Ele pediu autorização ao Dom Juan para "falar" com a Amelia, ao que o senhor acedeu, encantado.

O Santiago costumava vir visitá-la quase todas as tardes; aos domingos saíam juntos, sempre acompanhados pela Antonietta e por mim. A Amelia permitia que ele lhe desse a mão e sorria-lhe, apoiando a cabeça sobre o ombro dele. O Santiago derretia-se a olhar para ela. Tinha um cabelo lindo, de um castanho tão claro que quase parecia louro, e uns olhos grandes e amendoados. Era magra, não muito alta, mas naquela altura, ao contrário de hoje, as mulheres nunca eram muito altas. Ele, sim, era alto, com a cabeça dela a chegar-lhe aos ombros. Parecia uma boneca ao lado dele.

O Santiago acabou por sucumbir aos encantos da Amelia, o que representou a salvação do Dom Juan. A família Carranza facilitou-lhe condições para a obtenção de crédito e tornaram-se sócios, ainda que minoritários, nesse novo negócio, pelo qual o Dom Juan se propunha comprar e importar maquinaria a partir da América do Norte.

O Dom Juan e o Santiago acabaram por simpatizar um com o outro, dado que o jovem estava filiado no partido do Azana e, tal como o meu senhor, era um republicano convicto.

— Vou casar-me! O Santiago pediu-me em casamento!

Recordo, como se fosse hoje, a Amelia a entrar na sala de estar onde os pais se encontravam.

Naquele domingo, eu não a tinha acompanhado porque estava constipada, tendo cabido à Antonietta o papel de pau de cabeleira.

O Dom Juan fitou a filha surpreendido, não esperava que o Santiago se decidisse a pedi-la em casamento passado tão pouco tempo. Haviám decorrido apenas seis meses desde que eles tinham começado a encontrar-se; além do mais, ele tinha previsto viajar na semana seguinte para Nova Iorque, para começar a visitar fábricas de maquinaria.

Amelia abraçou a mãe, que, pela expressão, não pareceu muito satisfeita com a notícia.

— Mas, querida, que loucura é essa? — exclamou a Dona Teresa, manifestando o seu desagrado.

— O Santiago disse-me que não quer esperar mais, que já tem idade para se casar e que tem a certeza de que sou a mulher da vida dele. Perguntou-me se gosto dele e se estava certa quanto aos meus sentimentos. Disse-lhe que sim e decidimos casar-nos quanto antes. Ele irá transmitir a notícia aos pais dele esta noite, e o senhor Carranza irá contactar-te, papá, para te pedir a minha mão. Podemos casar-nos lá para o final do ano, dado que não teríamos tempo para organizar tudo antes disso. Quero tanto casar-me!

Amelia falava sem parar, enquanto os pais tentavam acalmá-la, de forma a conseguirem falar com ela de modo mais sereno.

— Mas, Amelia, ainda és uma criança — protestou o Dom Juan.

— Já não sou nenhuma criança! Sabes perfeitamente que a maioria das minhas amigas já se casou ou está prestes a fazê-lo. Qual é o problema, papá? Pensava que estavas feliz pelo meu noivado com o Santiago...

— E estou, não tenho quaisquer queixas relativamente à família Carranza, para além de o Santiago me parecer um jovem capaz, mas conhecem-se há poucos meses e falar já de casamento parece-me um tanto ou quanto precipitado, ainda não conviveram um com o outro tempo suficiente.

— O teu pai e eu estivemos noivos quatro anos antes de nos casarmos — reforçou a Dona Teresa.

— Não sejas antiquada, mamãe... Estamos no século vinte. Consigo compreender que no teu tempo as coisas se passassem de outra forma, mas nos dias de hoje a situação alterou-se. As mulheres trabalham, saem à rua sozinhas e nem todas se casam, algumas decidem viver a sua vida com quem lhes apetece... Além do mais, quando sair com o Santiago, deixaremos de levar alguém connosco como pau de cabeleira.

— Amelia!

— É ridículo, mamãe! Não confias em mim? Ou tens alguma coisa contra o Santiago?

Os pais da Amelia sentiam-se ultrapassados pela impetuosidade da filha. Não havia forma de voltar atrás: estava decidida a casar-se e fá-lo-ia, com ou sem a sua autorização.

Determinou-se que o casamento ocorreria quando o Dom Juan regressasse da América do Norte; entretanto, a Dona Teresa e os pais do Santiago iriam organizando os preparativos para a cerimônia.

Talvez se devesse à influência do Santiago, ainda que, a bem dizer, a Amelia

sempre tenha demonstrado interesse pela política, mas naqueles meses parecia mais preocupada com aquilo que acontecia em Espanha.

— Edurne, o presidente Alcalá Zamora pediu ao Alejandro Lerroux que torne a formar governo, no qual irá incluir três ministros da CEDA. Não me parece a melhor solução, mas terá ele outra alternativa?

Naturalmente, não esperava qualquer resposta da minha parte. Naquela época, a Amelia falava sobretudo consigo própria. Eu era apenas o mural onde ela afixava as suas ideias, não mais do que isso, embora me apercebesse de como ela era influenciável. Muitas das coisas que dizia eram um reflexo daquilo que ouvia do Santiago.

No início de outubro de 1934, o Santiago chegou muito perturbado a casa dos Garayoa. O Dom Juan encontrava-se na América e a Dona Teresa estava a discutir com as filhas acerca da pretensão da Amelia em sair sozinha.

— A UGT convocou uma greve geral! No dia cinco, irão parar Espanha — apregoeou o Santiago.

— Meu Deus! Mas porquê? — A notícia tinha deixado a Dona Teresa angustiada.

— Senhora, a esquerda não confia, e com razões para isso, na CEDA. O Gil Robles não acredita na República.

— Isso é aquilo que dizem os esquerdistas para poderem justificar todas as suas ações! — protestou ela energicamente. — São eles que não acreditam na República. Querem nesta República uma revolução como a que se deu na Rússia! Deus nos livre que isso possa algum dia acontecer!

Eu e outra criada servimos acepipes, e não deixamos de ouvir a conversa.

Não é que o Santiago fosse um revolucionário, muito pelo contrário, mas acreditava firmemente na República, desconfiando daqueles que a denegriam e que, ao mesmo tempo, se serviam dela para os seus próprios fins.

— Decerto não pretendes que aconteça aqui o que sucedeu na Alemanha — interveio a Amelia.

— Não digas disparates, filha! Esse Hitler não pode ser comparado com a nossa direita. Não te deixes ludibriar pela propaganda da esquerda, que nada de bom trará à Espanha — queixava-se a Dona Teresa.

Amelia e o Santiago permaneceram na sala de estar, enquanto a Dona Teresa e a Antonietta se desculpavam, inventando um qualquer afazer imaginário. A senhora não pretendia discutir com o Santiago e, nessa altura, já tinha aceitado que os jovens pudessem encontrar-se sem acompanhantes.

— O que irá acontecer, Santiago? — perguntou a Amelia, preocupada, assim que ficou a sós com o seu noivo.

— Não sei, mas alguma coisa importante se prepara.

— Mas poderemos casar?
— Claro! Não sejas tola, nada nos impedirá de casarmos.
— Mas faltam apenas três semanas para o dia do casamento.
— Não te preocupes.
— E o papá ainda não chegou...
— O navio em que ele vem deverá atracar dentro de alguns dias.
— Sinto imenso a falta dele... sobretudo agora, que a situação esta tão tumultuosa. Sem a presença dele, sinto-me insegura.
— Não digas isso, Amelia! Tens-me a mim! Nunca permitiria que mal algum te acontecesse!

— Tens razão, perdoa-me...

Os dias seguintes foram vividos num ambiente de angústia. Não fazíamos qualquer ideia acerca daquilo que poderia acontecer.

O governo respondeu à convocação da greve geral decretando o estado de guerra, mas a greve não teve grandes resultados, pelo menos nalguns sítios. Naquela noite, a minha mãe disse-me que os nacionalistas não iriam aderir, o mesmo sendo de esperar dos anarquistas.

O pior foi que, na Catalunha, o presidente da Generalitat, Luís Companys, proclamou o Estado catalão, inserido na República Federal Espanhola.

Amelia estava cada vez mais receosa relativamente ao seu casamento, sobretudo porque os Carranza tinham negócios na Catalunha e por um dos sócios do Dom Manuel ser catalão. A Dona Teresa também se sentia inquieta; possuía ascendência catalã e tinha familiares em Barcelona.

— Falei com a tia Montse e ela está muito assustada. Prenderam muitas pessoas entre os seus conhecidos e ela própria viu, da varanda, os combates que se travavam nas Ramblas. Não sabe quantas mortes houve, mas pensa que terão sido muitas. Dou graças a Deus por os meus pais não terem de assistir a isto.

Os pais da Dona Teresa já tinham falecido, e só lhe restava a sua irmã Montse, bem como várias tias, primos e alguns outros parentes espalhados por toda a Catalunha, para além da região de Madrid.

Amelia pediu-me que telefonasse ao Aitor, no País Basco, para tentar saber o que se passava por lá. Fi-lo e ela, impaciente, tirou-me o telefone das mãos.

O Aitor explicou-nos que o partido dele não tinha aderido à greve e que onde a revolução estava prestes a deflagrar era nas Astúrias. Os mineiros haviam atacado os postos da Guárdia Civil e tinham tomado o controle do Principado.

Entretanto, em Madrid, o governo encarregou os generais Goded e Franco de aplacarem a rebelião, ao que estes aconselharam que as tropas regulares de Marrocos fossem usadas como ponta de lança da repressão.

Foram dias de incerteza, até o governo ter conseguido sufocar a rebelião.

Mas aquilo não passava de uma pequena demonstração do que estava para acontecer...

Foi nessa altura que a Amelia conheceu a Lola. Aquela rapariga, sem dúvida, marcaria para sempre a sua vida.

Certa tarde, apesar das advertências da Dona Teresa, a Amelia decidiu sair à rua. Queria ver com os seus próprios olhos as consequências dos acontecimentos. A desculpa foi a de visitar a sua prima Laura, que estava doente desde há vários dias.

A Dona Teresa ordenou-lhe que não saísse e a minha mãe suplicou-lhe que permanecesse em casa; até a Antonietta tentou convencê-la disso. Mas a Amelia alegou que era seu dever visitar a sua prima preferida estando esta doente e, desobedecendo à mãe, saiu à rua, comigo atrás dela. Não é que tenha ido por vontade própria, mas sim porque a minha mãe me ordenou que a não deixasse sozinha.

Madrid parecia uma cidade em guerra. Viam-se soldados por toda a parte. Segui-a contrariada até à casa da prima, que era esta onde agora estamos, e que distava poucos quarteirões da casa da Amelia. Estávamos quase a chegar quando vimos uma rapariga a correr desenfreada. Passou por nós a toda a velocidade e entrou no átrio do edifício para onde nos dirigíamos. Olhamos para trás, pensando que alguém a perseguia, mas não vimos ninguém. Contudo, passados dois minutos, apareceram dois homens a dobrar a esquina, aos gritos: "Alto! Alto!" Estacamos assustadas, até que os homens chegaram junto de nós.

— Viram passar uma jovem a correr para estes lados?

Eu ia responder que sim, que ela tinha acabado de entrar no prédio, mas a Amelia antecipou-se.

— Não, não vimos ninguém, apenas vamos visitar uma prima minha que está doente — explicou.

— De certeza que não viram ninguém por estes lados, a entrar nalgum edifício?

— De certeza, senhor. Se tivéssemos visto alguém, dir-lhe-íamos — respondeu a Amelia, com um tom de voz de menina mimada, que eu nunca lhe tinha ouvido.

Os dois homens, certamente polícias, pareceram duvidar, mas o aspeto da Amelia dissuadiu-os. Correspondia ao retrato fiel de uma rapariga burguesa, de boas famílias.

Recomeçaram a correr, discutindo um com o outro por terem perdido o rasto à rapariga, enquanto nós entrávamos no prédio onde vivia a menina Laura.

O porteiro não estava presente e a Amelia sorriu, satisfeita. O homem deveria estar num dos andares a pedido de algum vizinho ou a fazer qualquer

recado.

Com passos decididos, a Amelia dirigiu-se até ao fundo do átrio e abriu uma porta que dava para o pátio. Eu segui-a, assustada, pois calculava quem procurava ela. Com efeito, escondida entre contentores do lixo e ferramentas, ali estava a rapariga que fugia da polícia.

— Já se foram embora, não te preocupes.

— Obrigada. Não sei porque não me denunciaste, mas obrigada.

— Deveria tê-lo feito? És uma delinquente perigosa? — perguntou a Amelia a sorrir, como se considerasse a situação divertida.

— Não sou delinquente. Quanto a ser perigosa... suponho que para eles o seja, uma vez que luto contra a injustiça.

Amelia ficou de imediato intrigada com aquela resposta e, ainda que eu a puxasse pelo braço, tentando convencê-la para que subíssemos até ao andar onde vivia a menina Laura, ela ignorou-me.

— És uma revolucionária?

— Sou... sim, pode dizer-se que sim.

— E o que fazes?

— Coso numa fábrica.

— Não. O que queria saber é que tipo de revolucionária és...

A rapariga fitou-a com desconfiança. Notava-se que refletia se devia ou não responder, mas acabou por fazê-lo, decidindo ser sincera com a Amelia, que não passava de uma desconhecida.

— Colaboro com alguns camaradas do piquete de greve; levo mensagens de um sítio para o outro.

— Tão corajosa! Chamo-me Amelia Garayoa. E tu?

— Lola, Lola Garcia.

— Edurne, vai espreitar à rua e, se vires alguma coisa suspeita, vem avisar-nos.

Não me atrevi a protestar e dirigi-me para o átrio, a tremer de medo. Pensava que, se os polícias me vissem, poderiam suspeitar de alguma coisa, prendendo-nos às três.

Senti-me mais tranquila ao ver que o porteiro ainda estava ausente, e limitei-me a espreitar para ambos os lados da rua. Os dois homens tinham desaparecido.

— Não está ninguém na rua — informei-as.

— Não interessa, talvez seja melhor que a Lola não saia ainda. Virá connosco para casa da minha prima. Vou apresentar-te como se fosses uma amiga da Edurne que tivéssemos encontrado por acaso. Lancham as duas na cozinha enquanto eu estiver com a minha prima e, quando sairmos, já terá decerto passado tempo suficiente para que esses homens tenham deixado de te

procurar. Além disso, o meu tio Armando é advogado e se a polícia entrasse aqui para te deter ele certamente saberia o que fazer.

Foi com alívio que a Lola aceitou a proposta da Amelia. Não percebia porque é que aquela rapariga burguesa a ajudava, mas, como não lhe restava outra opção, acabou por aceitar.

A Laura estava acamada, entediada, enquanto a sua irmã Melita dava lições de piano e a mãe tinha ido fazer uma visita. Quanto ao pai, Dom Armando, irmão do pai da Amelia, ainda não tinha regressado do escritório.

Uma criada acompanhou-nos, a mim e à Lola, até à cozinha, onde nos ofereceu um copo de leite com bolachas, enquanto a Amelia permaneceu com a prima, a contar-lhe a sua mais recente aventura.

Estivemos duas horas em casa do Dom Armando e da Dona Elena, de visita à Laura; duas horas que me pareceram eternas, porque imaginava que, a qualquer momento, a polícia tocaria à campainha à procura da Lola.

Quando finalmente a Amelia decidiu regressar a casa, chegou o Dom Armando, que, preocupado por andarmos sozinhas pelas ruas, tendo em conta o caos reinante em Madrid, se ofereceu para nos acompanhar. Não eram mais do que quatro quarteirões entre as duas casas, mas ainda assim o Dom Armando insistiu em acompanhar a sobrinha. O bondoso homem nada achou de estranho quando a Amelia o informou de que a Lola estava connosco, apresentando-a como uma boa amiga minha. Eu baixei os olhos para que ele não se apercebesse do meu nervosismo.

— O teu pai zangar-se-ia comigo se te deixasse sair sozinha com este caos. Aquilo que não percebo é como te deixaram sair. A situação não está para passeios alegres pelas ruas, Amelia. Não sei se sabes, mas nas Astúrias deflagrou uma autêntica revolução, e aqui, ainda que a greve tenha fracassado, a esquerda não se conforma com o presente estado de coisas, os ânimos andam muito exaltados.

Amelia observava a Lola de lado, mas esta permanecia impávida e, tal como eu, com o olhar cabisbaixo.

Quando chegamos a casa, a Dona Teresa agradeceu sinceramente ao cunhado por nos ter acompanhado.

— Não tenho paciência para esta rapariga e, desde que decidiu casar-se, parece que se tornou mais insensata. Estou desejosa de que o seu pai regresse. O Juan é o único que consegue chamá-la à razão.

Quando o Dom Armando partiu, a Dona Teresa observou a Lola.

— Edurne, não sabia que tinhas amigas em Madrid — disse ela, fitando-me com curiosidade.

— Conhecem-se por se encontrarem quando a Edurne sai para fazer algum

recado — respondeu a Amelia repentinamente; e em boa hora o fez, porque eu teria sido incapaz de mentir com tanta desfaçatez.

— Bem... se esta jovem não se importar, talvez fosse bom irmos jantar, a tua irmã Antonietta aguarda-nos — concluiu a Dona Teresa.

— Não, claro. Tenho de ir-me embora, já estou muito atrasada. Muito obrigada, menina Amelia, Dona Teresa... Edurne, ver-nos-emos em breve, combinado?

Meneei afirmativamente com a cabeça, ansiosa por que ela saísse e nunca mais a tornássemos a ver. Mas os meus desejos não se concretizariam, porque a Lola Garcia reapareceria na vida da Amelia e na minha.

2

Como se as emoções do dia anterior tivessem sido poucas,- também a manhã seguinte nos reservou surpresas.

O Santiago tinha ficado de fazer uma visita à Amelia, mas não apareceu durante todo o dia.

Amelia primeiro ficou preocupada, depois furiosa, e pediu à mãe que telefonasse para casa dos pais do Santiago com a desculpa de falar com a mãe do noivo acerca de um qualquer pormenor sobre a cerimônia de casamento.

A Dona Teresa começou por se mostrar renitente, mas acabou por ceder depois de a Amelia ter ameaçado apresentar-se ela própria em casa do Santiago.

Naquela tarde, a Amelia ficou a conhecer uma faceta da personalidade do seu futuro marido que nunca teria podido imaginar.

A mãe do Santiago informou a mãe da Amelia de que o filho não estava em casa, que não tinha vindo almoçar e que nem sequer tinha telefonado, ignorando se apareceria para jantar. A Dona Teresa ficou surpreendida por ela não se mostrar preocupada, ao que a Dona Blanca lhe explicou que o filho costumava desaparecer sem informar para onde ia.

— Não é que vá a algum local impróprio, muito pelo contrário, é sempre por questões de trabalho. Já sabe que o meu marido o encarregou de se responsabilizar pelas compras para a empresa, o que faz com que o Santiago tenha de se deslocar a França, Alemanha, Barcelona... enfim, aonde for necessário. Ele parte sempre sem nos dizer nada. De início, ficava assustada, mas agora sei que nada de mal lhe acontecerá — explicava a Dona Blanca.

— Mas a senhora decerto se apercebe de que ele irá partir, pois tem de sair de casa com uma mala — retorquiu a Dona Teresa, um tanto ou quanto escandalizada.

— A questão é que o meu filho nunca leva mala.

— Mas como pode ser isso? Essas viagens são tão longas... tantos dias

ausente... — estranhou a Dona Teresa.

— O Santiago diz que leva tudo na carteira.

— Como assim?

— Bem... entra num comboio e, quando chega ao destino, compra aquilo de que necessita. Sempre agiu assim. Digo-lhe já que no princípio ficava preocupada, e até o pai dele o repreendia, mas acabamos por habituar-nos. Tranquelize a Amelia, porque o Santiago regressará a tempo do casamento. Está tão apaixonado!

A Dona Teresa, sem disfarçar o espanto pelo comportamento do Santiago, transmitiu à filha o teor da conversa com a Dona Blanca. Contudo, longe de se tranquilizar, a Amelia ficou ainda mais nervosa.

— Que desculpa mais imbecil! Como poderá alguém acreditar que partiu de viagem sem levar mala e sem informar os pais? E sem me informar a mim? Porque não me disse nada? Estamos noivos! Mamãe, julgo que o Santiago se arrependeu... que já não quer casar-se comigo. Ai, meu Deus! E agora que fazemos?

Começou a chorar, e nem a Dona Teresa nem a Antonietta pareciam capazes de a consolar. Eu observava-as escondida atrás da porta da sala, até que a minha mãe deu por mim e me mandou para a cozinha.

Naquela noite, a Amelia não conseguiu adormecer; pelo menos, manteve a luz acesa até altas horas da madrugada. No dia seguinte, despertou-me às sete horas; queria que me vestisse depressa para que fosse entregar uma carta a casa dos Carranza. Tinha estado a escrevê-la durante a noite.

— Assim que o Santiago regressar da sua viagem, se é que partiu mesmo de viagem e não está a enganar-me, saberá que comigo estas coisas não se fazem. E, se tiver a intenção de me deixar, prefiro ser eu a dar o primeiro passo; ficaria extremamente envergonhada se os nossos conhecidos viessem a saber que me deixou nas vésperas do casamento. Vai depressa, antes que a minha mãe acorde. Vai ter um desgosto quando souber que enviei uma carta ao Santiago a anunciar-lhe a rutura da nossa relação, mas não posso permitir que me humilhem.

Levantei-me apressadamente perante a insistência da Amelia, que mal me deu tempo para me lavar. Quando cheguei a casa dos Carranza, a porta do prédio estava fechada e tive de esperar que o porteiro viesse abri-la, às oito da manhã. Ficou surpreendido por eu querer ir a tais horas a casa dos Carranza, mas, como vestia o meu uniforme de criada, deixou-me subir.

A porta foi-me aberta por uma criada tão sonolenta quanto eu. Estendi-lhe o envelope e pedi-lhe que o entregasse ao Santiago, mas ela respondeu-me que o senhor Santiago tinha partido em viagem, que o Dom Manuel estava a tomar o pequeno-almoço e que a Dona Blanca ainda não se havia levantado.

Quando regresssei a casa, a Amelia aguardava-me com uma nova tarefa: deveria voltar a casa dos Carranza para entregar um envelope com todas as cartas do Santiago, dessas que os apaixonados trocam entre si, devendo levar também o anel de noivado. Quanto a este último, ordenou-me que o entregasse pessoalmente à Dona Blanca.

Comecei a tremer, pensando no que diria a Dona Teresa quando viesse a saber daquilo, e antes de sair fui ter com a minha mãe para lhe explicar o que se estava a passar. A minha mãe, dando mostras de bom senso, disse-me que nada fizesse antes de ela própria falar com a Dona Teresa e com a Amelia. Como a Dona Teresa ainda não tinha saído do quarto, a minha mãe foi à procura da Amelia.

— Sei que não tenho autoridade para te dizer o que quer que seja, mas não te parece que deverias pensar um pouco melhor naquilo que estás prestes a fazer? Imagina que o Santiago tem uma explicação para o que aconteceu enquanto tu acabas com a relação sem sequer o teres ouvido... Penso que não devias precipitar-te...

— Mas, Amaya, logo tu que deverias estar do meu lado!

— E estou. Como poderia não estar? Mas não me parece que o Santiago deseje quebrar o seu compromisso contigo, tem de existir uma explicação além daquela que a mãe dele vos deu. Espera até que regresse, espera até o ouvires...

— Aquilo que me fez não tem perdão possível! Como poderei confiar nele? Não, não e não. Quero que a tua filha Edurne vá a casa dele devolver-lhe as cartas e o anel, deixando bem claro que tudo aquilo que existia entre nós terminou. Esta tarde, vou lanchar a casa da minha amiga Victoria, onde estarei com outras amigas e serei eu própria a anunciar que rompi com o Santiago por não estar segura quanto aos sentimentos que nutro por ele. Não irei consentir que seja ele a terminar a relação e que me humilhe...

— Amelia, por favor, pensa bem no que vais fazer! Fala com a tua mãe, ela saberá aconselhar-te melhor do que eu...

— O que se passa? — A Dona Teresa entrou no quarto da Amelia alertada pelo tom de voz exaltado da filha.

— Mamãe, vou acabar tudo com o Santiago!

— Mas que ideias são essas, minha filha?!

— Dona Teresa, eu... perdoe-me por ter vindo falar com a Amelia acerca deste assunto familiar, mas como ela mandou à minha Edurne que fosse à casa dos Carranza para devolver o anel de noivado...

— O anel! Mas que estás tu a fazer, Amelia? Acalma-te, filha, não faças nada de que possas vir a arrepender-te.

— Foi precisamente isso que lhe disse — interveio a minha mãe.

— Não! Vou romper com o Santiago, foi ele quem fez por isso. Não irei permitir que me ridicularize.

— Pelo amor de Deus, Amelia, espera pelo menos que o teu pai regresse!

— Não, quando o papá tiver regressado, já eu me terei tornado num motivo de chacota para toda a Madrid. Esta tarde, vou lanchar a casa da minha amiga Victoria, altura em que anunciarei a todas as minhas amigas que acabei com o Santiago. E tu, Amaya, diz à Edurne que vá de imediato a casa dos Carranza, e se não a deixarem ir eu própria irei.

A Antonietta, alertada por todas aquelas vozes, entrou também no quarto da irmã e uniu as suas súplicas às da mãe e às minhas, para que reconsiderasse a sua decisão. Foi a Antonietta que se lembrou de uma solução: a Dona Teresa tornaria a telefonar à Dona Blanca para lhe contar o desgosto da Amelia e a sua decisão de romper com o Santiago caso este não aparecesse de imediato para lhe fornecer uma explicação.

Com mais nervos do que vontade, a Dona Teresa telefonou à Dona Blanca. Esta prometeu que telefonaria logo de seguida ao marido para que tentasse contactar o filho onde quer que se encontrasse, visto que ela jurava não ter a mínima ideia; mas, até essa altura, pedia à Amelia que tivesse um pouco de paciência e, sobretudo, que confiasse no Santiago.

Contrariada, a Amelia aceitou, mas, ainda assim, foi nessa tarde lanchar a casa da sua amiga Victoria, juntamente com outras jovens da sua idade. Aí, entre risadas e confidências, deixou escapar que não estava certa se não se teria precipitado ao comprometer-se tão rapidamente com o Santiago, manifestando dúvidas relativamente a dever ou não casar-se. Ela e as amigas passaram a tarde a analisar os prós e os contras do matrimónio. Quando saiu de casa da Victoria, sentia-se satisfeita consigo própria: se o Santiago a deixasse, sempre poderia dizer que tinha sido ela quem realmente desejava pôr fim à relação.

Difícilmente podíamos imaginar que aquela tempestade num copo de água acabaria por converter-se numa verdadeira borrasca, que arrasaria tudo à sua frente. Isto porque, dois dias depois, quando o Santiago, que se encontrava em Antuérpia, telefonou ao pai para comentar com ele determinados pormenores acerca da viagem de negócios, este insistiu que regressasse urgentemente a Madrid, pois a Amelia não tinha visto com bons olhos o seu desaparecimento, ameaçando cancelar o casamento. O Santiago regressou de imediato. Ainda me recordo da sua fúria quando irrompeu na casa da Amelia.

Ela recebeu-o na sala, com a mãe de um lado e a irmã do outro.

— Amelia... lamento o desgosto que te causei, mas não podia imaginar que a minha ausência por questões profissionais te levasse a querer terminar a relação.

— Sim, estou desgostosa. Considero uma falta de consideração da tua parte

teres partido sem me dizeres o que quer que fosse. A tua mãe explicou-nos que isso é habitual em ti, mas decerto compreenderás que se trata de um comportamento invulgar, sobretudo nas vésperas do nosso casamento. Não quero que te sintas preso à palavra dada, e por isso te liberto do compromisso que assumiste comigo.

O Santiago fitou-a de cima a baixo, perturbado. A Amelia tinha recitado aquela ladainha que vinha ensaiando desde que ele tinha telefonado a anunciar a sua visita. A presença da Dona Teresa e da Antonietta, ambas nervosas, também não contribuía para que ambos apaziguassem os ânimos.

— Se queres romper o nosso compromisso, não me resta outra solução senão aceitar o fato, mas juro por Deus que os meus sentimentos por ti continuam inalterados, e aquilo que mais desejaria seria que... que me perdoasses, se é que realmente te ofendi.

A Dona Teresa suspirou de alívio e a Antonietta deixou escapar um riso nervoso. A Amelia não sabia que atitude tomar: por um lado, desejava continuar a interpretar o papel de dama ofendida, ao qual se afeiçoava; por outro, queria ultrapassar o incidente e casar-se com o Santiago. Foi a Antonietta que fez com que os noivos se reconcilhassem.

— Talvez seja melhor conversarem sozinhos, não te parece, mamãe?

— Sim... sim... Enfim, meu filho, se manténs a tua vontade de te casares com a Amelia, da nossa parte apenas me resta dizer que te damos a nossa bênção...

Assim que ficaram a sós, permaneceram alguns minutos em silêncio, olhando-se de soslaio, sem saberem o que dizer um ao outro; depois, a Amelia começou a rir-se, o que deixou o Santiago desconcertado. Passados uns minutos, conversavam como se nada tivesse sucedido.

As famílias de ambos tranquilizaram-se. Temiam o pior: um escândalo a poucas semanas do casamento, depois dos registos matrimoniais já terem sido assinados e de os primeiros presentes terem começado a chegar a casa dos Garayoa; além disso, o copo d'água, que teria lugar no Ritz, já tinha sido encomendado e pago em partes iguais pelas duas famílias.

Com o regresso do Dom Juan da América do Norte como pretexto, as duas famílias juntaram-se para jantar em casa dos Garayoa; puderam assim confirmar que a Amelia e o Santiago continuavam tão apaixonados como antes do incidente. Ou talvez mais ainda, se isso fosse possível.

O Dom Juan estava realmente impressionado com aquilo que tinha visto na América do Norte. Admirava os esforços das pessoas para superarem a Grande Depressão e comparava a sociedade norte-americana com a espanhola. Naquele jantar, falou-se muito de política, apesar de a Dona Teresa ter proibido que tais assuntos fossem abordados à mesa.

— Os norte-americanos sabem perfeitamente aquilo que pretendem e o rumo que devem seguir unidos para superarem a crise, e estão a conseguir ultrapassá-la. Daqui a uns tempos, o Crash de 1929 será recordado como um simples pesadelo.

— Meu querido amigo, por aqui, passamos muito tempo a irritar-nos uns aos outros, e um bom exemplo disso mesmo é o governo de dois anos social-azanista — comentou o Dom Manuel.

— Não consigo perceber a sua desconfiança relativamente ao Manuel Azana — replicou o Dom Juan. — É um político que sabe o rumo que devemos seguir, que defende um Estado forte para poder implementar as reformas democráticas de que necessitamos.

— Pois pode ver a que ponto nos conduziu a sua política. A mim, ninguém me convence que a autonomia concedida à Catalunha em 1932 não foi uma cedência, e, obviamente, os bascos, essa gente do PNV, pretendem o mesmo. Menos mal que agora, depois da tentativa de revolução em outubro, a autonomia catalã tenha sido suspensa.

— Papá, temos de respeitar os sentimentos das populações e, na Catalunha, possuem um sentimento de identidade nacional muito arraigado. A melhor solução passará por enquadrar politicamente tal sentimento, coisa que o Azana sempre tentou fazer. O Dom Manuel Azana sempre defendeu uma Espanha unida, mas temos de procurar a melhor forma de todos nos sentirmos confortáveis no nosso país.

O Santiago tentava mostrar-se conciliador, para impedir que o pai se chateasse por conta da política.

— Todos? Mas que todos são esses? — perguntou o Dom Manuel, irritado. — A Espanha constitui uma unidade cultural e, sobretudo, histórica, mas com estas autonomias deixará de o ser. O tempo o dirá.

A Dona Teresa e a Dona Blanca tentavam introduzir outros temas de conversa para que os seus maridos deixassem de falar de política.

— Parece-me que vão estrear uma nova encenação de As Bodas de Sangue, aqui em Madrid — interveio a Dona Blanca, com um tom de voz meloso. — O Garcia Lorca é muito ousado, mas é um bom dramaturgo.

Contudo, as duas mulheres fracassaram na sua tentativa de desviar a conversa. Nem o Dom Juan nem o Dom Manuel estavam dispostos a deixar de discutir aquilo que os preocupava.

— Certamente que concordará que o triunfo da direita em 1933 não trouxe qualquer tranquilidade à Espanha. Estão a deitar por terra tudo o que foi feito pelos governos anteriores — argumentava o Dom Juan.

— Não me diga que lhe parecia bem que se pudessem expropriar as terras a

qualquer pessoa pelo simples fato de ser nobre...

— Qualquer pessoa, não. Sabe muito bem que aquilo que o governo de 1931 fez foi acabar com a Espanha feudal — replicava o Dom Juan.

— E o que tem a dizer-me acerca da reforma militar do Azana, que você tanto admira? Se ele não tiver cuidado, ficaremos sem exército. Colocou na reforma mais de seis mil oficiais e, ao mesmo tempo que não parava de falar na modernização do exército, reduzia os gastos com a Defesa — contrapunha o Dom Manuel.

— Também fizeram coisas positivas, como a reforma religiosa e educativa... — interveio o Santiago.

— As coisas que tu dizes, Santiago! Meu Deus, filho, se não te conhecesse, diria que eras um desses socialistas revolucionários.

— Não é preciso ser-se revolucionário, papá, basta olharmos à nossa volta. Quando viajo pela Europa, sinto-me constrangido pelo atraso em que nos encontramos...

— E portanto caem em cima dos pobres padres e freiras, que prestam um apoio social altruísta. Tu, filho, que te consideras democrata, irás dizer-me que é democrático proibir o ensino ministrado por ordens religiosas? E expulsar de Espanha um cardeal por não gostarem do que ele diz? Será isso democracia?

— Papá, o cardeal Segura é um homem perigoso, penso que todos nos sentimos mais tranquilos desde que ele saiu de Espanha.

— Sim, sim, foram todos esses excessos esquerdistas que conduziram à vitória dessa direita que vocês tanto insultam — retorquiu o Dom Manuel, irritado.

— Pois parece-me que há motivos de preocupação por aquilo que está a acontecer com os movimentos de direita não apenas em Espanha. Repara na Alemanha: esse Hitler é demente. Não me espanta que a esquerda esteja preocupada — argumentou o Dom Juan. — Eu próprio sou vítima indireta do fanatismo do Hitler. A sua política antissemita resultou na abolição dos direitos legais e civis dos judeus, impossibilitando-os de se envolverem em quaisquer atividades económicas. Sou vítima dessa política, porque Herr Itzhak Wassermann é judeu. Ficamos sem negócio. Sabiam que nos estilhaçaram as montras do estabelecimento por mais de quatro ocasiões?

— Aquilo que o Hitler pretende é expulsar os judeus da Alemanha — sentenciou Santiago.

— Sim, mas os judeus alemães são tão alemães como os outros cidadãos, ninguém poderá privá-los daquilo que são — interveio a Dona Teresa.

— Não sejas ingênua, mulher. O Hitler é capaz de tudo — retorquia o Dom Juan. — O pobre Helmut, o nosso empregado, anda sempre em cuidados pelo

simples fato de ter trabalhado com um judeu.

— Sim, o que está a acontecer lá é horrível, mas aquilo a que se assiste aqui nada tem a ver com a situação na Alemanha, meu caro amigo. Lamento o que lhe aconteceu, mas não pode ser comparado, não pode ser comparado... Devemos é preocupar-nos com as ameaças de alguns socialistas que falam em acabar com a democracia burguesa. Até homens moderados como o Prieto chegaram já a falar de revolução.

— Bem, isso não passa de uma forma de refrear as medidas mais controversas da direita. Não podem deitar por terra aquilo que foi feito anteriormente. O Prieto está a adverti-los para que reflitam melhor antes de agir — argumentou o Santiago.

— Filho, não consegues perceber que aquilo que aconteceu nas Astúrias foi um rastilho revolucionário que, se se estender ao resto da Espanha, irá conduzir à catástrofe?!

— O maior problema com que nos confrontamos — replicou o Santiago — é que tanto a direita quanto a esquerda estão a minar a República. Nem uns nem outros acreditam nela e nunca chegam a encontrar o seu lugar.

O Santiago possuía uma visão diferente da política, talvez por viajar muito para fora de Espanha. Não era de direita e, ainda que simpatizasse com a esquerda, não a isentava de críticas. Era azanista, sentindo uma grande admiração pelo Dom Manuel Azana.

O casamento celebrou-se a 18 de dezembro. Fazia muito frio e chovia, mas a Amelia estava deslumbrante no seu vestido branco de seda e tafetá.

As cinco da tarde em ponto, na Igreja de San Ginés, a Amelia e o Santiago casaram-se. O matrimônio foi daqueles que fizeram eco nas páginas de crônica social dos jornais *madrileños*, tendo estado presentes pessoas vindas de muitos locais diferentes, dado que tanto o Dom Manuel Carranza como o Dom Juan Garayoa tinham, devido aos seus respetivos negócios, sócios e compromissos em muitas outras capitais regionais da Espanha.

A Dona Teresa estava ainda mais nervosa do que a Amelia, e tanto quanto ela estavam também a Melita e a Laura, que, juntamente com a Antonietta, assumiam o papel de damas de honor.

A cerimônia foi abençoada por três sacerdotes amigos da família. E mais tarde, durante o copo d'água celebrado no Ritz, a Amelia e o Santiago abriram o baile.

Foi um casamento verdadeiramente magnífico... A Amelia sempre disse que tinha sido o casamento com que sempre havia sonhado, que não teria conseguido imaginá-lo de outra forma.

Quando, por volta da meia-noite, se despediam dos convidados, a Amelia

abraçou-se à Laura e chorou, ambas muito unidas como sempre. Naquela noite, sabiam que a sua vida iria mudar; que, pelo menos, a Amelia deixava de ser a rapariga a quem eram permitidas todas as traquinices, tornando-se uma verdadeira "mulher."

Eduarne silenciou-se. Já estava a falar há muito tempo e eu não me mexera do meu lugar, fascinado que estava com o relato.

Começava a vislumbrar fragmentos daquilo que a minha bisavó tinha sido, e devo reconhecer que alguma coisa havia nela que me intrigava. Talvez fosse pela forma como Eduarne a descrevera, ou simplesmente como soubera despertar a minha curiosidade.

A antiga criada da minha bisavó parecia exausta. Sugeri que pedíssemos um copo de água, mas ela recusou com um movimento de cabeça. Estava ali, a falar comigo, porque as senhoras Garayoa lho haviam ordenado, conservando face a elas um vínculo em que cada pessoa desempenhava um papel específico: elas mandavam e Eduarne obedecia. Assim acontecera no passado e assim continuava a acontecer neste presente, no qual nenhuma delas poderia aspirar a qualquer futuro.

— E o que sucedeu depois? — perguntei, disposto a não deixá-la interromper a narrativa.

— Partiram para Paris em viagem de núpcias. Foram de comboio. A Amelia levava três malas. Também atravessaram o canal da Mancha, para visitarem Londres. Ao que parece, a travessia foi horrível e ela enjoou. Só regressaram em finais de janeiro. O Santiago aproveitou a viagem para se encontrar com alguns dos seus sócios.

— E depois? — insisti, não querendo acreditar que a história pudesse terminar daquela forma.

— Quando regressaram da viagem de núpcias, instalaram-se na sua própria casa, o presente de casamento com que o Dom Manuel havia contemplado o filho. A casa situava-se perto daqui, no início da rua Serrano. O Dom Juan e a Dona Teresa tinham-se encarregado de a mobilar e de que tudo estivesse em ordem para quando os noivos regressassem de Paris. Eu fui servir para a casa da Amelia. Não pense que me foi fácil separar-me da minha mãe, mas a Amelia tinha insistido que eu ficasse junto dela. Não me tratava como a uma criada, mas sim como amiga; suponho que os meses que passou na herdade tinham consolidado uma relação especial entre nós as duas. O Santiago surpreendia-se com a nossa familiaridade, que também ele acabou por partilhar. Sabe uma coisa? Ele era um grande homem... A Amelia pediu-lhe que a deixasse terminar o Magistério, e ele aceitou de bom grado; conhecia-a e sabia que dificilmente ela se limitaria a desempenhar o papel de senhora da casa. No que me diz respeito,

empenhou-se para que eu estudasse e tivesse ambições. Portanto, já vê como ela era. Mas, além disso, a Amelia foi também muito influenciada pela Lola Garcia, que a convenceu para que eu viesse a receber instrução num estabelecimento das Juventudes Socialistas de Espanha. Ali, ensinava-se tudo: desde ler e datilografar a dançar, a coser...

— Lola Garcia? A tal que fugia da polícia?

— Sim, a própria. Desempenhou um papel crucial na vida da Amelia... e na minha.

Eduarne estava muito cansada, mas eu não queria que ela parasse de falar. Pressentia que o mais interessante era o que me contaria a seguir, de forma que insisti para que bebesse água.

— Perdoe-me a pergunta, Eduarne, mas que idade tem a senhora?

— Dois anos menos do que teria a Amelia: noventa e três.

— Ou seja, a minha bisavó teria agora noventa e cinco anos...

— Sim, assim é. Quer que continue?

Confirmei agradecido, enquanto pensava no que poderia acontecer se eu acendesse um cigarro. Mas receei que a qualquer momento pudesse surgir a governanta ou a sobrinha das idosas, pelo que decidi não tentar a sorte.

"A Amelia tinha acabado de regressar da sua lua de mel em Paris quando reencontrou a Lola Garcia. Aconteceu por acaso. A Lola ia três vezes por semana lavar roupa, coser e engomar em casa de uns marqueses que viviam no bairro de Salamanca, muito perto da residência do tio da Amélia, Dom Armando. Uma tarde, quando regressava a casa depois de ter lanchado com a Laura e a Melita, a Amelia deu de caras com a Lola. Sentiu uma grande alegria e, por mais que a Lola se mostrasse renitente, acabou por aceitar acompanhá-la até à sua nova casa de recém-casada.

Amelia tratava a Lola como se fossem amigas de longa data, interessando-se por aquilo que dizia, sobretudo pelos seus ideais políticos. A Lola respondia às suas perguntas com desconfiança; não conseguia de todo compreender aquela rapariga burguesa, que vivia numa casa luxuosa do bairro de Salamanca e que no entanto a questionava avidamente sobre as reivindicações do operariado e as causas do descontentamento social.

Servi-lhes café na sala e a Amelia convidou-me a sentar-me com elas. Eu sentia-me tão pouco à vontade como a Lola, mas a Amelia não parecia aperceber-se.

A Lola explicou-lhe que recebia instrução numa Casa do Povo, onde a haviam ensinado a ler e a escrever, onde lhe falavam de história, de teatro, e até estava a aprender a dançar. A Amelia parecia entusiasmada e perguntou-lhe se me admitiriam a mim, ou se teria de me filiar nas Juventudes Socialistas. A Lola

pareceu duvidar se isso seria possível, mas comprometeu-se a informar-se.

— Suponho que a admitirão. Bem vistas as coisas, a Edurne é uma trabalhadora... mas, mesmo assim, não gostarias de te filiar?

— Eu... bem... nunca me interessei muito por política, não sou como o meu irmão — respondi.

— Tens um irmão? E em que partido milita ele? — quis a Lola saber.

— No PNV, para além de trabalhar na sede de uma das delegações do partido...

— Ou seja, colabora com os burgueses nacionalistas.

— Bem, é o seu trabalho e além disso, acredita que nós, os bascos, somos diferentes — expliquei, perturbada.

— Como assim? Diferentes porquê? Todos deveríamos ser iguais, possuir os mesmos direitos, independentemente do sítio onde nascemos. Não, vocês não são diferentes, tu és uma trabalhadora como eu. Porque serias diferente? Por teres nascido numa herdade e eu em Madrid? Ninguém nos oferecerá o que quer que seja, seremos apenas aquilo que conseguirmos fazer por nós próprias.

A Lola era uma socialista fervorosa e falava de direitos e de igualdade com uma paixão que conseguiu contagiar a Amelia. Eu iria receber instrução na tal Casa do Povo, à qual a Lola me levaria. Naquela mesma tarde se decidiu tanto o meu destino como, sobretudo, o da Amelia.

3

As visitas da Lola a casa da Amelia tornaram-se frequentes. Até que um dia a Amelia pediu-lhe que a levasse a uma reunião política do PSOE ou da UGT.

— Mas que vais tu fazer a uma das nossas reuniões? Aquilo que pretendemos é acabar com a ordem burguesa e tu... bem, tu és uma burguesa, o teu marido é empresário, o teu pai também... Afeiçoei-me a ti por seres boa pessoa, mas, Amelia, tu não és uma de nós.

Ela sentiu-se magoada com as palavras da Lola. Não percebia porque a rejeitavam daquela maneira, porque não a consideravam uma igual. Eu fiquei sem saber o que dizer, havia já dois meses que frequentava as aulas da Casa do Povo e sentia-me satisfeita com os meus progressos. Estavam a ensinar-me a datilografar e temia que, se a Amelia se zangasse com a Lola, eu tivesse de abandonar as aulas.

Mas a Amelia não se zangou, limitou-se a perguntar-lhe o que teria de fazer para se tornar socialista, para que pudesse ser aceite por aqueles que menos tinham e mais sofriam. A Lola prometeu-lhe que falaria com os seus superiores e que lhe daria uma resposta.

O Santiago estava ao corrente da amizade entre a Amelia e a Lola e nunca levantou objeções, embora tenham discutido quando a Amelia abordou a hipótese de se tornar socialista, se a aceitassem.

— Nunca irão considerar-te como uma igual, não te iludas — argumentava o Santiago. — Também a mim as injustiças me revoltam, e já conheces a minha opinião acerca deste governo radical da CEDA. Estes partidos de direita não estão à altura das circunstâncias, mas não me parece que a revolução possa solucionar o que quer que seja.

Se quiseres, levo-te um dia a uma reunião da Esquerda Republicana. São eles quem melhor nos representam, Amelia, e não o Largo Caballero ou o Prieto. Pensa nisso, não quero que te manipulem e muito menos que te prejudiquem.

Naquele ano de 1935, a direita tinha lançado uma campanha para denegrir o Dom Manuel Azana. O Santiago dizia que o faziam por o temerem, porque sabiam que era o único político espanhol capaz de descobrir uma saída para aquela situação de bloqueio em que a República se encontrava.

Amelia não chegou a requerer a adesão ao PSOE, mas ajudava a Lola quando lhe era possível e, sobretudo, partilhava da sua opinião de que aquelas contínuas crises ministeriais e governativas eram um sinal evidente de que nem os radicais do Lerroux nem a CEDA do Gil Robles tinham soluções para os problemas da Espanha.

A Lola pertencia à facção mais revolucionária do PSOE, encabeçada pelo Largo Caballero, sendo uma admiradora apaixonada da Revolução soviética. Por fim, certo dia, cedeu aos pedidos da Amelia e levou-a a um comício em que participariam alguns destacados dirigentes socialistas.

Amelia regressou a casa tão comovida quanto assustada. Aqueles homens davam mostras de um grande magnetismo pessoal, falavam ao coração daqueles que nada tinham, mas ao mesmo tempo propunham alternativas que poderiam conduzir à revolução. De modo que os sentimentos da Amelia relativamente aos socialistas eram contraditórios.

O Santiago, preocupado com a influência que a Lola exercia sobre a Amelia, começou a levá-la a alguns comícios do Manuel Azana. E ela digladiava-se entre a admiração profunda e o desconcerto que sentia entre políticos tão distintos, tão distantes, mas igualmente convencidos da bondade das suas ideias.

Convivia tanto com socialistas amigos da Lola quanto com jovens comunistas ou azanistas convictos, como o eram a maioria dos amigos do Santiago. Começou a viver em dois mundos: o seu, ao qual pertencia por nascimento e matrimônio, que era o de uma rapariga burguesa; e o da Lola, uma costureira que pretendia acabar com o regime burguês estabelecido e, de uma vez por todas, com os privilégios de que a Amelia desfrutava.

Eu costumava acompanhá-la às reuniões políticas a que a Lola a levava, mas isso nem sempre acontecia, porque a Amelia não queria que interrompesse a minha instrução na Casa do Povo.

No início de março, a Amelia começou a sentir-se indisposta. Os vômitos e as náuseas foram o primeiro prenúncio da gravidez. O Santiago sentia-se feliz, ia ter um filho, e além disso pensou que a gravidez contribuiria para aplacar as aspirações políticas da sua esposa. Todavia, estava redondamente enganado. A gravidez não impediu a Amelia de continuar a ir com a Lola a algumas reuniões, não obstante os protestos do marido e dos pais, com o Dom Juan e a Dona Teresa a rogarem à filha que, pelo menos durante a gravidez, se afastasse da política. Mas foi inútil, nem sequer a Laura conseguiu chamá-la à razão, apesar de a

prima ter sido sempre a pessoa com maior influência sobre ela.

Certo dia, os acontecimentos do passado tornaram a repetir-se. O Santiago desapareceu. Penso que foi em abril de 1935. A Amelia tinha saído para as aulas da manhã e, à tarde, tinha ido a casa das primas, que continuava a visitar frequentemente. A Laura continuava a ser a sua melhor amiga. Sentia-se tão cativada pela política como a Amelia, mas os seus ideais, tal como os do seu pai, pendiam para o lado azanista.

A noite, quando a Amelia regressou a casa, esperou pelo Santiago para jantar, mas às onze ele ainda não tinha regressado e, no escritório, ninguém atendia o telefone. A Amelia ficou preocupada. Naqueles dias, os distúrbios em Madrid não eram invulgares, sobretudo os ajustes de contas entre partidos, de tal modo que havia afetos da extrema-direita que procuravam o confronto com os partidários da esquerda, que por sua vez respondiam na mesma moeda.

Esperamos toda a noite e, na manhã seguinte, a Amelia telefonou ao pai do Santiago.

O Dom Manuel disse-lhe que desconhecia onde o filho pudesse estar, mas que talvez estivesse em viagem, pois desde há vários dias que tinha previsto deslocar-se a Londres para visitar um fornecedor.

Amelia ficou possessa de raiva. Deitada na cama, gritava e chorava, jurando que não iria perdoar ao marido semelhante afronta. Depois, pareceu acalmar-se, pensando na hipótese de lhe ter acontecido alguma coisa e ela estar a julgá-lo injustamente. Tivemos de telefonar à Dona Teresa, que apareceu logo com a Antonietta para se encarregarem da situação. Também a Laura, conhecedora das reações da prima, compareceu assim que soube o que tinha acontecido.

O Santiago só regressou passadas duas semanas e, nesse período, a Amelia mudou para sempre. Ainda me recordo de uma conversa que ela teve com a mãe, a sua irmã Antonietta e as suas primas Laura e Melita.

— Se foi capaz de me deixar sozinha estando eu grávida, do que não será ele capaz? Não posso confiar nele.

— Vá lá, filha, não digas isso, já conheces o Santiago. A Dona Blanca já te explicou como ele é; enquanto mãe, sofria quando o filho desaparecia, mas ele é assim mesmo, não faz por mal.

— Não, não faz por mal, mas deveria aperceber-se do mal que faz. A Amelia está grávida e provocar-lhe tal desgosto... — comentava a sua prima Laura.

— Mas o Santiago gosta dela — insistiu a Antonietta, que sentia veneração pelo cunhado.

— Pois trata-se de um modo bem estranho de o demonstrar! Quase me mata de desgosto — retorquiu a Amelia.

— Então, prima, não exageres — aconselhou a Melita. — Os homens não

possuem a mesma sensibilidade que as mulheres.

— Mas isso não é desculpa para fazerem aquilo que bem lhes apetece — disse a Laura.

— Temos de suportar muitas coisas da parte dos homens — argumentou a Dona Teresa, num tom conciliatório.

— Duvido que o papá alguma vez te tenha feito aquilo que o Santiago me fez. Não, mamãe, não lhe perdoarei. Quem disse que os homens têm o direito de nos tratar sem qualquer consideração? Não irei permitir tal situação!

A partir dessa altura, a Amelia renovou o seu interesse pela política, ou melhor, pelo socialismo. Nunca mais tornaria a comparecer em reuniões ou comícios do partido do Azana e, não obstante as súplicas do Santiago, que temia pela sua gravidez, tornou-se uma colaboradora voluntária da Lola em todas as atividades políticas em que esta se envolvia, ainda que soubesse que a amiga não lhe correspondia com a mesma confiança.

Numa tarde de maio, acompanhei a Amelia e a mãe ao médico. Quando saímos do consultório, a Dona Teresa convidou-nos para lancha na Viena Capellanes, a melhor pastelaria de Madrid. íamos celebrar o fato de o médico ter garantido que a gravidez da Amelia decorria com normalidade. Estávamos quase a entrar na pastelaria quando, no passeio do outro lado da rua, avistamos a Lola. Caminhava apressadamente e levava pela mão uma criança que teria uns dez ou doze anos. Parecia estar a repreendê-lo, porque o rapazinho a ouvia cabisbaixo. A Amelia largou o braço da mãe, disposta a convidar a Lola a juntar-se a nós.

A Lola não conseguiu disfarçar a sua perturbação ao ver-nos. Contudo, a maior surpresa foi nossa, quando ouvimos a criança dizer: "Mamãe, quem são estas senhoras?"

Lola apresentou-nos o filho um pouco contrariada.

— Chama-se Pablo, em homenagem ao Pablo Iglesias, o fundador do PSOE.

— Não sabia que tinhas um filho — observou a Amelia, magoada por a amiga manter segredos.

— E por que motivo te informaria sobre isso? — replicou a Lola de mau humor.

— Bem... teria gostado de o conhecer. Querem lancha connosco na Viena? — propôs a Amelia.

O Pablo respondeu de imediato que sim, que nunca tinha entrado numa pastelaria tão elegante, mas a Lola parecia hesitar. A Dona Teresa sentia-se pouco à vontade com a situação e eu estava preocupada com as consequências que pudessem advir da descoberta do filho da Lola, mas ela acabou por aceitar o convite, sensível à oportunidade de o filho lancha num local tão afamado.

— Não sabia que eras casada... — disse a Dona Teresa, como que para fazer

conversa.

— Não sou — respondeu a Lola, perante o olhar atônito da Dona Teresa.

— Não tens marido? E então...? — quis saber a Amelia.

— Não é preciso um marido para se ter filhos e eu não quis casar-me. Não estava planeado que o Pablo viesse ao mundo, mas cá está ele.

— Mas terá certamente pai... — insistiu a Amelia.

— Claro que tenho pai — declarou o Pablo, irritado — e chama-se Josep! Tenho ascendência catalã porque o meu pai é catalão. Agora não está cá, mas vem visitar-nos quando pode.

A Lola olhou para o filho enfurecida, com um olhar no qual pudemos perceber que ele não se livraria de uma bela repreensão quando estivessem a sós por ter falado demais. Mas o Pablo decidiu ignorar a mãe e continuar a falar.

— O meu pai é comunista. E vocês de que partido são?

Sem que o conseguíssemos evitar, a Lola deu uma estalada ao filho e ordenou-lhe que se calasse. A Dona Teresa viu-se no dever de intervir, para apaziguar as lágrimas do rapaz e a raiva da mãe.

— Pronto, vá lá! Bebe o leite com chocolate que pediste... e quanto a ti, Lola, não batas ao miúdo, não passa de uma criança e mais não fez do que dizer que tem um pai do qual se sente orgulhoso, o que não é motivo para que o repreendas. — A bondosa Dona Teresa tentava acalmar a Lola.

— Já lhe disse para manter a boca fechada, para não contar nada sobre mim ou sobre o pai. Há pessoas que temem os comunistas e os socialistas e podem prejudicar-nos.

— Mas nós nunca o faríamos! Sou tua amiga — afirmou a Amelia, magoada.

— Pois... é verdade... mas ainda assim... Pablo, acaba o leite com chocolate e o pão-de-leite, que temos de nos ir embora.

Na tarde seguinte, quando eu e a Amelia estávamos em casa a coser, a Lola apareceu para falar com ela. Eu pretendia ausentar-me da sala, mas, como a Amelia não me pediu para o fazer, optei por permanecer, para ficar ao corrente daquilo que a Lola pudesse dizer.

— Não te tinha dito que tenho um filho porque não gosto de contar a minha vida a qualquer pessoa — justificou-se ela.

— Mas eu não sou qualquer pessoa. Pensei que já me conhecesses o suficiente para poderes confiar em mim e, bem... tinha-te como amiga.

A Lola mordeu o lábio. Notava-se que tinha refletido bastante no que ia dizer e não queria deixar-se atraindo pelo seu temperamento.

— És boa pessoa, mas não somos amigas... Tens de perceber, eu e tu não somos iguais.

— Muito pelo contrário, claro que somos iguais, somos duas mulheres que

simpatizam uma com a outra. Convenceste-me de algumas coisas, fizeste-me ver aquilo que existe para além destas paredes, fizeste-me sentir privilegiada e culpada por o ser. Tento auxiliar a tua causa porque me parece justa, porque não me parece correto possuir tudo quando outros nada têm. Mas, pelos vistos, isso para ti não é suficiente. E sabes que mais, Lola? Não irei pedir perdão. Não, não peço perdão por possuir uns pais maravilhosos, um marido carinhoso e uma família que me estima. Quanto a posses... o meu pai tem passado a vida a trabalhar, tal como o fizeram os meus avós e os meus bisavós... E, quanto ao Santiago, já viste como trabalha, como passa os dias na fábrica, como se preocupa com o bem-estar dos seus funcionários. Contudo, admito que possuímos mais do que aquilo que necessitamos, que não é justo termos tanto quando outros nada têm. Mas, Lola, sabes perfeitamente que não exploramos ninguém, que ajudamos os outros na medida das nossas possibilidades. Embora já tenha percebido que isso para ti não é suficiente e que nunca confiarás em mim.

Depois da discussão, acabaram por se reconciliar, ainda que a Amelia se apercebesse de que entre ela e a Lola existia uma fronteira, traçada pelos preconceitos da própria Lola, e que tal fronteira seria muito difícil de transpor.

Mesmo assim, a Amelia envolveu-se ainda mais, se tal era possível, em atividades políticas; voluntariou-se para ensinar numa Casa do Povo, cumpria trabalho administrativo na delegação em que a Lola militava e desempenhava disciplinadamente todas as tarefas de que a encarregavam.

A atividade política da Amelia decorria paralelamente à do Santiago, dado que naquele ano de 1935, entre maio e outubro, o Dom Manuel Azana interveio numa série de comícios e obteve o apoio de amplos setores da sociedade. O Santiago comparecia em muitas dessas reuniões e comícios da Esquerda Republicana. Estava convicto de que a solução para os problemas de Espanha passaria por o Dom Manuel Azana vir a governar o país, que se afundava cada vez mais numa crise institucional e económica.

No resto do mundo, a situação não era melhor. Toda a Europa estava preocupada com o Hitler.

Numa noite de abril, na qual os pais da Amelia tinham vindo jantar a casa da filha e do genro, o Dom Juan comentou, satisfeito, que a Sociedade das Nações, em Genebra, tinha condenado o rearmamento da Alemanha.

— Parece que, finalmente, vão começar a fazer alguma coisa para controlar esse louco — declarou ele para o genro.

— Eu não estaria tão otimista. A Europa está muito preocupada com aquilo que aconteceu na Rússia, temendo-se o contágio da Revolução soviética — observou o Santiago.

— Sim, talvez estejas certo, parece que o mundo enlouqueceu, há mesmo quem diga que o Stalin se mostra implacável com os dissidentes — disse o Dom Juan.

Amelia interveio furiosa, surpreendendo pai e marido.

— Não devemos acreditar na propaganda fascista! Aquilo que acontece é que há quem tenha medo. Sim, há quem tenha medo de perder os seus privilégios, mas a Rússia está pela primeira vez a mostrar ao mundo o que é a dignidade, está a construir uma República de trabalhadores, de homens e mulheres livres e iguais...

— As coisas que tu dizes, filha!

— Amelia, não te exaltes, lembra-te de que estás grávida! — A Dona Teresa sofria pela filha.

— Sabes, Amelia, fico preocupado quando dizes essas coisas. Pelo contrário, parece-me que és tu quem está a ser influenciada pela propaganda comunista. — O Santiago parecia irritado.

— Então, então, não discutam, que isso não faz bem à criança. — A Dona Teresa mostrava-se desagradada com aquelas discussões sobre política, nas quais também a Amelia agora intervinha.

— Não estamos a discutir, mamãe. Apenas não gosto que o papá diga que as coisas não estão a correr bem na Rússia. E quanto a ti, Santiago, deverias desejar que o resto da Europa seguisse o exemplo da Revolução soviética, pois o povo não pode esperar eternamente por que seja tratado com justiça.

Naquela noite, a Amelia e o Santiago discutiram. Mal o Dom Juan e a Dona Teresa saíram, o casal iniciou uma troca de argumentos que acabamos por ouvir no resto da casa.

— Amelia, tens de deixar de conviver com a Lola! Está a meter-te umas ideias na cabeça...

— Como assim?! Será que me consideras uma tontinha, incapaz de pensar pela minha própria cabeça, que não me apercebo daquilo que acontece à minha volta? A direita está a conduzir-nos para o abismo... Tu próprio te queixas da situação, e o meu pai... Conheces bem as dificuldades que a minha família está a enfrentar...

— Mas não será a revolução que irá resolver os problemas. Em nome da revolução são cometidas muitas injustiças. Julgas que a tua amiga Lola seria misericordiosa para contigo se aqui se desse uma revolução?

— Misericordiosa? E porque haveria de ser misericordiosa? Eu apoiaria a revolução!

— Estás louca!

— Como te atreves a chamar-me louca?

— Perdoa-me, não queria ofender-te, mas as coisas que dizes deixam-me preocupado, não fazes a mínima ideia daquilo que está a acontecer na Rússia...

— Quem não faz qualquer ideia és tu! Pois eu digo-te aquilo que está a acontecer na Rússia: as pessoas comem. Sim, pela primeira vez, há comida para todos. Já não há pobres, já não há capitalistas, essas verdadeiras sanguessugas, e...

— Então, querida, não sejas ingênua!

— Estás a chamar-me ingênua?

Amelia saiu da sala batendo com a porta e a chorar. O Santiago seguiu-a até ao quarto, preocupado que aquela discussão pudesse afetar a criança que ela trazia no ventre.

Amelia mostrava-se cada vez mais influenciada pelas ideias da Lola, ou, melhor dizendo, do Josep, o seu companheiro e pai do Pablo. Porque ela tinha acabado por conhecê-lo.

Numa tarde em que eu e a Amelia tínhamos ido a casa da Lola, ali estava ele, acabado de chegar de Barcelona.

O Josep era um homem bonito. Alto, bem constituído, olhos negros e um ar feroz, ainda que fosse de trato afável; embora recatado, não se mostrava tão desconfiado como a Lola.

— A Lola falou-me de ti, sei que a ajudaste. Se tivessem conseguido detê-la, certamente ainda hoje estaria na prisão. Nem imaginas como esses fascistas nojentos se comportam com as mulheres. Foi uma pena que a revolução não tenha triunfado. Da próxima vez, estaremos mais bem preparados.

— Sim, foi uma pena que as coisas não tenham corrido melhor — concordou a Amelia.

Durante duas horas, o Josep monopolizou a conversa, o que tornaria a acontecer em todas as ocasiões em que estivemos com ele. Falava-nos de como as coisas estavam a mudar na Rússia, de como as pessoas tinham passado de servas a cidadãs, de como o Stalin estava a consolidar a revolução, pondo em prática as promessas bolcheviques: tinham abolido as classes sociais e o povo não passava fome. Estavam a ser implementados planos de desenvolvimento e os camponeses andavam entusiasmados.

O Josep descrevia-nos o paraíso, enquanto a Amelia o ouvia fascinada, absorvendo cada uma das suas palavras. Quanto a mim, entusiasmada com aquilo que ele nos contava, dizia para comigo que teria de escrever ao meu irmão Aitor para o convencer a refletir e a abrir a mente às novas ideias vindas da Rússia. Éramos camponeses, não senhores; a nossa gente era como o Josep. Claro que eu sabia que o Aitor não me daria ouvidos; continuava a trabalhar e a militar no PNV e a sonhar com uma pátria basca, ainda que evitasse apregoá-lo a

viva voz.

Naquela altura, ainda que desconhecesse a razão, o Josep parecia começar a interessar-se pela Amelia e, durante a sua estadia em Madrid, pedia à Lola que nos fosse buscar.

Amelia estava entusiasmada por ser levada a sério por um homem como o Josep. Além do mais, ele era um dirigente comunista em Barcelona. Era motorista de uma família da burguesia catalã. Todos os dias, levava o patrão à sua fábrica de têxteis em Mataró, além de acompanhar a senhora da casa nas suas visitas ou de levar as crianças à escola. Anteriormente, tinha sido motorista de autocarro. Conheceu a Lola durante uma estadia dos seus patrões em Madrid. O Pablo tinha nascido sem que nenhum dos dois quisesse casar-se, pelo menos era o que afirmavam, ainda que eu sempre tenha suspeitado de que o Josep já tinha sido casado antes de conhecer a Lola. A relação entre eles era curiosa, pois apenas se encontravam quando o Josep acompanhava o patrão nas suas deslocações a Madrid, o que costumava acontecer a cada seis semanas, dado que vendia os seus tecidos por todo o país e possuía um sócio na capital. Não obstante esta relação intermitente, a Lola e o Josep pareciam entender-se, sendo também óbvio que o Pablo adorava o pai.

Por aquilo que dizia, o Josep tinha boas relações não apenas com os dirigentes comunistas catalães.

Amelia sentia-se lisonjeada que um militante comunista tão importante se mostrasse interessado nas suas opiniões e a escutasse. Mas, sobretudo, o Josep dedicava uma boa parte do tempo que passava connosco a doutrinar-nos, a levar a água ao seu moinho, a convencer-nos de que o futuro pertencia aos comunistas e que a Revolução soviética representava meramente o início de uma grande revolução mundial, à qual nenhuma força humana conseguiria opor-se.

— Sabem porque é que a revolução irá triunfar? Porque somos mais. Sim, aqueles que nunca tiveram nada estão em maior número. Somos mais e possuímos um grande tesouro: a força do nosso trabalho. Sem nós, o mundo pararia. Quem manobraria as máquinas? Os senhores ricos? Se vocês soubessem como se vive na União Soviética, as conquistas conseguidas em menos de vinte anos... Moscou possui, desde abril, comboios subterrâneos, uma rede de metropolitano com uma extensão de oitenta e dois quilómetros. E se isso, só por si, já é grandioso, mais o é por as estações estarem decoradas com obras de arte, com lustres de cristal, com quadros e pinturas murais: e tudo isso para o operariado, para aqueles que nunca antes tiveram a oportunidade de admirar um quadro ou de usufruir da luz de candeeiros de cristal... É esse o espírito da revolução...

Amelia não se atreveu a tanto, mas eu sim, e pedi ao Josep que me

recomendasse para me tornar militante comunista. Que outros ideais podia defender uma rapariga como eu, nascida nas montanhas e que trabalhava desde que se conhecia?

Certa tarde, a Lola deixou-nos recado em casa para que naquela noite nos reuníssemos com ela, o Josep e mais alguns camaradas comunistas.

Amelia não sabia como dizer ao Santiago que iria sair à noite, sobretudo porque, naqueles dias, os confrontos nas ruas entre a esquerda e a direita eram frequentes, e havia sempre um ou outro ferido, quando não algum morto.

— Não devia ter-me casado — lamentava-se ela —, porque agora não posso fazer nada sem falar com o Santiago.

De fato, não era verdade que mantivesse o marido informado acerca da sua atividade política, mas sair sozinha à noite era uma questão bem mais delicada. Todavia, obstinada como sempre, assim que o Santiago chegou a casa, confrontou-o com a sua decisão de sair para ir a casa da Lola para conhecer uns amigos comunistas do casal.

Tiveram uma discussão, na qual o Santiago levou a melhor.

— Mas o que pretendes? Julgas que, com tudo aquilo que está a acontecer, te deixo ir a casa da Lola para te encontrares com pessoas que desconhecemos por completo? Se não tenho importância para ti, pensa pelo menos no nosso filho. Não tens o direito de o colocar em perigo. Bons amigos devem ser essa Lola e esse Josep, para desafiarem uma grávida a andar de noite pelas ruas de Madrid!

O Santiago não cedeu e, ainda que a Amelia tenha tentado convencê-lo, primeiro com mimos e carícias, depois com lágrimas e, por fim, com gritos, acabou por não se atrever a sair de casa sem a aprovação do marido.

A situação política degradava-se cada vez mais e, por muito que se esforçasse, o presidente Niceto Alcalá Zamora revelava-se impotente na tentativa de conseguir qualquer consenso entre a esquerda e a CEDA.

O Joaquín Chapaprieta, que tinha sido ministro das Finanças, acabou por ser convidado pelo Alcalá Zamora a formar governo, o qual também viria a cair.

Recordo-me de um domingo em que fomos almoçar a casa dos Carranza. Julgo que foi em outubro, visto que a gravidez da Amelia estava no seu termo, e ela via-se desesperada por se sentir gorda e pesada.

O Dom Manuel e a Dona Blanca tinham convidado todos os Garayoa, não apenas os pais da Amelia, mas também o Dom Armando e a Dona Elena, de modo que também estavam presentes as primas Laura e Melita e o pequeno Jesús.

Apenas recordo esse almoço porque a Amelia quase teve um parto prematuro.

O Dom Juan estava mais preocupado do que habitualmente, pois tinha

recebido uma carta daquele que tinha sido até então seu empregado, Herr Helmut Keller, na qual lhe explicava pormenorizadamente o teor das Leis de Nuremberg, promulgadas em setembro desse mesmo ano de 1935. Herr Helmut mostrava-se preocupado porque, segundo a nova legislação, apenas quem possuísse sangue "puro" seria considerado alemão; os restantes passariam a cidadãos de segunda categoria. Também passavam a ser proibidos os casamentos entre judeus e arianos. O senhor Keller era da opinião de que tinha chegado a altura de Herr Itzhak Wassermann e a sua família abandonarem a Alemanha, embora se lamentasse por ainda não ter conseguido convencê-los, mesmo que muitas famílias judias já tivessem emigrado, receosas perante os acontecimentos. O senhor Keller pedia ao Dom Juan que tentasse convencer Herr Itzhak.

— Já pensei em ir à Alemanha. Tenho de tirar de lá o bom do Itzhak e a sua família, temo pela vida deles — lamentou-se o Dom Juan.

— Mas pode ser perigoso! — exclamava a Dona Teresa.

— Perigoso? Porquê? Não sou judeu.

— Mas é Herr Itzhak. E repara naquilo que fizeram ao negócio: arruinaram-vos, há muitos meses que nenhuma empresa alemã vos compra ou vende material, chegaram mesmo a acusar-vos de fraude contabilística. — A Dona Teresa estava genuinamente assustada.

— Eu sei, querida, eu sei, mas não conseguiram provar coisa alguma.

— Mesmo assim, selaram-vos o armazém.

— Tens de perceber que devo ir lá.

— Se me permite, parece-me que a sua esposa está certa. — A poderosa voz do Dom Manuel sobrepôs-se à discussão entre o Dom Juan e a Dona Teresa. — Meu amigo, deveria conformar-se com a perda do seu negócio na Alemanha, sofreu as consequências de ter um sócio de quem o novo regime não gosta. Não me parece que adiante alguma coisa ir lá, o ideal seria que fossem eles a tentar sair da Alemanha.

Envolveram-se numa discussão na qual a Amelia apoiou impetuosamente o pai, de tal forma que assegurou que ela própria o acompanharia na sua tentativa de salvar Herr Itzhak e a sua família, argumentando que seria uma cobardia deixá-los entregues à sua sorte. Exaltou-se de tal modo, que acabou por se sentir indisposta, o que nos fez temer pelo seu estado de saúde.

O Javier nasceu no início de novembro. Os trabalhos de parto da Amelia começaram na madrugada do dia 2, mas o seu filho só viria ao mundo um dia depois. Chorava como poucos! A pobre sofreu dores indescritíveis, apesar de contar com a assistência permanente de dois médicos e de uma parteira.

O Santiago sofreu com ela. Batia raivosamente na parede para se libertar do sentimento de impotência devido a nada poder fazer para auxiliar a esposa.

Por fim, o bebê foi retirado com fórceps, mas foi por pouco que a mãe escapou com vida. O Javier era lindo, um bebê saudável, comprido e magro, que chegou ao mundo esfomeado, mordendo os punhos de desespero.

Amelia perdeu muito sangue no parto e demorou mais de um mês a recuperar, por mais que todos a rodeassem de cuidados, sobretudo o Santiago. Tudo o que fizessem pela sua esposa lhe parecia pouco, mas a Amelia continuava com um ar triste, indiferente ao que acontecia em seu redor. Apenas se alegrava quando era visitada pela sua prima Laura ou pela Lola. Nessas ocasiões, os seus olhos pareciam recuperar o brilho e mostrava-se interessada na conversa. Na altura, a Laura tinha-se tornado noiva de um jovem advogado, filho de uns amigos dos pais e tudo fazia prever que a relação terminaria em casamento. E quando a Lola vinha visitá-la, a Amelia pedia-nos a todos para as deixarmos a sós, coisa que o Santiago aceitava para não contrariá-la.

A Lola transmitia-lhe novidades sobre o Josep e outros camaradas que a Amelia tinha conhecido. E a Amelia perguntava-lhe como estavam a decorrer os preparativos para a revolução, essa grande revolução mundial de que o Josep falava e na qual ela queria participar.

Com o passar do tempo, a Lola parecia começar a confiar mais na Amelia, chegando a fazer-lhe pequenas confidências acerca do Josep e da sua importância no seio dos comunistas catalães.

— E tu, por que motivo és socialista e não comunista? — perguntou-lhe a Amelia, que não percebia a razão de a sua amiga não partilhar da mesma militância política que o Josep.

— Não é preciso ser-se comunista para reconhecer as conquistas da Revolução soviética. Além disso, sou socialista por tradição.

O meu pai já o era, chegou a conhecer o Pablo Iglesias. De modo que sou simpatizante do Largo Caballero, que também admira os bolcheviques. O que acontece é que o Prieto e outros líderes socialistas mostram alguma renitência face às ideias do Largo Caballero; como não são operários como ele, não percebem aquilo que pretendemos...

Eram fragmentos de conversas que eu conseguia ir ouvindo quando lhes servia o lanche. Era a única que podia interrompê-las, nem sequer Agueda estava autorizada a entrar na sala da Amelia.

Ai, a Agueda! Era a ama de leite do Javier. Veio das Astúrias para Madrid porque a Amaya, a minha mãe, não encontrou nenhuma ama basca, como a Dona Teresa e a própria Amelia teriam preferido.

A Agueda era uma mulher robusta, alta, de cabelo e olhos castanhos. Não era casada, mas tinha engravidado de um mineiro, tendo sofrido a infelicidade de perder o filho ainda recém-nascido. Uns amigos do Dom Juan recomendaram-na

para ser a ama de leite do Javier e ela chegou a Madrid apenas uma semana depois de ter enterrado o próprio filho.

Era uma mulher bondosa, carinhosa e amável, que cuidava do Javier como se do próprio filho se tratasse. De poucas palavras e obediente, a Agueda libertava uma aura benévola naquela casa, e todos lhe ganhavam afeto. Para o Santiago, representou um alívio ver o filho tão bem cuidado, tendo em conta a manifesta apatia da Amelia; nem sequer o próprio filho parecia alegrá-la.

Devido ao estado de debilidade da Amelia, aquele Natal foi celebrado em casa do Dom Juan e da Dona Teresa. A família do Santiago compreendeu que seria o melhor para a Amelia, que ainda não estava em condições de desempenhar o papel de anfitriã de uma celebração tão importante.

A bem dizer, a casa da Amelia distava três quarteirões da dos Garayoa; para ela, deslocar-se até casa dos pais não representava um grande esforço.

Dava inveja. Sim, dava inveja ver os Garayoa, incluindo o irmão do Dom Juan, Dom Armando, e a sua esposa, Dona Elena, com as suas filhas Melita e Laura e o seu filho Jesús, e o senhor e a senhora Carranza, os pais do Santiago, todos juntos.

Auxiliada pela minha mãe, a Dona Teresa esmerou-se no repasto. Para mim, aquele Natal também foi especial, o último que passei com a minha mãe. Já estava decidido: depois do dia de Reis, ela regressaria à herdade, o que significava deixar-me sozinha em Madrid.

Ao meu irmão Aitor as coisas estavam a correr-lhe bem no trabalho, e ele insistia para que a nossa mãe deixasse de servir os outros, para, em vez disso, regressar para cuidar dos nossos avós e do nosso pequeno pedaço de terra. Para a minha mãe, a terra era tão importante como para o Aitor. Naquela altura, eu sentia-me suficientemente comunista para olhar para o mundo com vistas mais largas, um mundo onde tudo seria de todos e onde a terra teria o Povo como único proprietário, e não interessava onde se tivesse nascido, porque não havia outra pátria que não o mundo inteiro, outros irmãos que não todos os trabalhadores.

Mas voltando àquele jantar... Entoaram cânticos de Natal, comeram e beberam tudo aquilo que nunca chegaria à mesa dos pobres, ainda que ninguém que servisse naquela casa se pudesse queixar: comíamos e bebíamos sempre o mesmo que os senhores.

Ainda me recordo de que jantamos peru com castanhas... E, como costumava acontecer sempre que as duas famílias se reuniam, falaram e discutiram sobre política.

— Parece que o presidente Alcalá Zamora está disposto a que seja formado um novo governo encabeçado pelo Dom Manuel Portela Valladares — comentou

o Dom Juan.

— Aquilo que devia fazer era convocar eleições de uma vez por todas — replicou o Santiago.

— Que impacientes são os jovens! — contrapunha o Dom Armando Garayoa. — O que o Dom Niceto Alcalá Zamora não quer é entregar o poder à CEDA, não confia no Gil Robles.

— E tem razões para tal! — intervinha o Dom Juan.

— Pois eu não vejo saída para esta situação... Não me parece que as eleições tragam qualquer solução, porque, se vencer a esquerda... Deus nos valha a todos! — lamentou-se o pai do Santiago, Dom Manuel Carranza.

— E o que pretende o senhor? Que continuemos a ser governados por esta direita incapaz de solucionar os problemas da Espanha? — A Amelia fitava furiosa o sogro.

— Amelia, filha, não te exaltes! — tentou acalmá-la a mãe.

— A questão é que me irrita que ainda haja quem acredite que a CEDA possa fazer algo positivo. As pessoas não irão suportar este estado de coisas durante muito mais tempo — prosseguiu ela.

— No que me diz respeito, aquilo que temo verdadeiramente é um governo de esquerda — insistiu o Dom Manuel.

— E eu um de direita — replicou a Amelia.

— Temos falta de autoridade. Acreditas que as greves contribuem para o progresso de um país? — perguntou o Dom Manuel à nora.

— Aquilo em que acredito é que as pessoas têm direito a comer e não a viver na miséria, que é o que sucede neste país — respondeu ela.

O Santiago apoiava sempre a Amelia, ainda que suavizasse as suas opiniões políticas. Ele, como já referi, era azanista, não acreditava na revolução, embora também não defendesse os ideais da direita.

A exceção da Amelia, que confessou sentir-se cansada e que ficou com o seu filho Javier, que dormia placidamente nos braços da Agueda, à meia-noite a família dirigiu-se à igreja para assistir à missa do galo.

4

O presidente Alcalá Zamora não conseguia controlar a situação de confrontos entre os movimentos de direita e de esquerda e o mal-estar geral era crescente; por fim, não teve outra alternativa senão convocar eleições legislativas, que ficaram agendadas para 16 de fevereiro de 1936. Ninguém poderia imaginar o que sucederia depois...

No seio do PSOE, o Prieto defendia a necessidade de refundar uma grande coligação de esquerda, enquanto o Largo Caballero pugnava por uma frente comum com os comunistas, embora não tenha conseguido impor tais ideias; além do mais, não sei se sabe, mas, a partir de Moscou, o Partido Comunista tinha sido aconselhado a estabelecer uma aliança com a burguesia de esquerda, na luta comum contra a direita e o fascismo. Sem dúvida, tratava-se de uma posição mais realista. E foi assim que nasceu a Frente Popular.

— Amelia, Amelia! Hoje foi constituída a Frente Popular!

O Santiago chegou a casa eufórico naquele 15 de janeiro de 1936, sabendo que a sua mulher ficaria muito feliz com tal notícia. Além disso, acreditava que a circunstância de a Esquerda Republicana integrar essa coligação juntamente com socialistas e comunistas o aproximaria da esposa, cada vez mais influenciada pela ideologia da sua amiga Lola e do Josep.

— Ainda bem! É uma boa notícia. E o que pensas que farão se vencerem as eleições?

— Aquilo que ouvi de alguns amigos da Esquerda Republicana é que irão tentar relançar o programa da legislatura que durou de 1931 a 1933.

— Mas isso não basta!

— Mas, Amelia, que dizes? Essa é a via mais sensata. Ouve: não gosto de te contrariar, mas estou preocupado com as ideias que a Lola e esse Josep te metem na cabeça. Julgas mesmo que os problemas de Espanha se resolveriam com uma revolução? Não posso acreditar que sejas tão inconsciente.

— Ouve, Santiago, sei que te aborrece que eu não comungue das tuas ideias, mas pelo menos respeita as minhas. Lamento, mas não me parece justo que tenhamos tudo enquanto outros... Por vezes, penso no Pablo, o filho da Lola. Que futuro o aguarda? Ao nosso Javier nada faltará, e sinto-me reconfortada por isso, mas não é justo. Não é justo.

A discussão foi interrompida pela Agueda, assustada com o choro contínuo do Javier.

— Não sei o que se passa com o bebé, mas não quer comer e não para de chorar — explicou a ama.

— E desde quando está assim? — quis saber o Santiago.

— Dormiu mal durante a noite, mas desde esta manhã que não parou de chorar e, agora, parece-me febril.

O Santiago e a Amelia dirigiram-se de imediato para o quarto do Javier. O bebé chorava desconsoladamente no seu berço e, com efeito, tinha a testa a arder.

— Amelia, telefona ao doutor Martínez, o Javier está com algum problema. Ou talvez seja mesmo melhor irmos já para o hospital, onde será mais bem atendido.

Amelia envolveu o Javier num xaile e, abraçando a criança, dirigiu-se com o Santiago para o hospital.

Tudo não passou de um susto. O Javier tinha uma otite, com o choro contínuo a dever-se à dor de ouvidos. Felizmente, não era nada de grave. Mas aquele susto afetou a Amelia, que até então vivia sem se preocupar com o Javier, dado que a Agueda tratava de tudo, desde dar-lhe banho a dar-lhe de comer.

— Edurne, não sou uma boa mãe — confessou-me aquela noite a Amelia a soluçar, enquanto observava o seu filho no berço.

— Não digas isso...

— Mas é verdade. Apercebo-me de que, por vezes, estou efetivamente mais preocupada com o Pablo, o filho da Lola, do que com o Javier.

— Isso é normal, sabes que ao teu filho nada falta, enquanto o pobre Pablo carece de tudo.

— Mas possui uma coisa mais importante: o amor e a atenção permanente da sua mãe. — Foi o Santiago quem proferiu tais palavras.

Ficamos sobressaltadas. Ele tinha entrado tão silenciosamente no quarto que nenhuma de nós se deu conta.

Amelia olhou para o Santiago com desespero. Aquilo que o marido acabava de dizer tinha-a ferido profundamente, sobretudo por sentir que ele tinha razão.

Saiu do quarto a chorar. O Santiago aproximou-se do berço do filho e sentou-se a seu lado, disposto a passar a noite a velar por ele. Ofereci-me para ajudar a

Agueda a cuidarmos juntas do bebé, mas o Santiago não quis e mandou-nos ir dormir.

— Um filho doente precisa dos seus pais. Além do mais, não me sentiria tranquilo, não conseguiria dormir pensando que a criança poderia estar a chorar devido à dor de ouvidos.

Fui deitar-me, mas no dia seguinte soube que a Agueda se tinha levantado à meia-noite para ficar junto do Javier. O Santiago e ela velaram pelo pequeno, em silêncio, atentos à sua respiração.

Amelia despertou com os olhos avermelhados e inchados de tanto chorar, chorando ainda mais quando ficou a saber que o marido e a Agueda haviam passado a noite junto ao berço da criança.

— Vês como sou má mãe, Edurne?

— Então, não te culpabilizes...

— O Santiago esteve toda a noite ao lado do nosso filho, tal como a Agueda, que mais não é do que... do que...

Sei que ela ia dizer que a Agueda não passava de uma criada, mas não o fez, consciente de que isso implicaria atraiçoar os seus ideais revolucionários.

— A Agueda é a ama de leite dele — consolei-a —, é sua obrigação cuidar do Javier.

— Não, Edurne, não. Não é sua obrigação cuidar do menino quando ele está doente, mas sim da sua mãe. Por que razão não sou capaz de dar o melhor de mim ao meu marido e ao meu filho?

Amelia tinha razão. O seu comportamento era extraordinário face a estranhos, aos quais se entregava de modo indescritível; mas cada vez dedicava menos tempo ao Santiago e ao filho, sobretudo tendo em conta que o Javier tinha ainda poucos meses de vida.

Não me atrevi a perguntar-lhe se continuava a gostar do Santiago, mas, nesse momento, pensei que ela chorava precisamente por isso, por não se sentir capaz de amar o marido e de sentir pelo filho a ternura que qualquer mãe sentiria. Mas não a julguei, porque naquela altura era igual a ela. Também eu estava imbuída dos ideais revolucionários e acreditava que os problemas dela ou os meus não passavam de um grão de areia quando comparados com os do resto da humanidade. O mais importante era construir um mundo novo, como aquele que o Josep nos dizia que se estava a alicerçar na União Soviética.

— Senhora, o bebé está melhor. Esta manhã, dei-lhe de mamar e não me rejeitou. Já não vomita e está mais calmo.

Amelia observava a Águeda a embalar o Javier. Era evidente que a mulher gostava da criança, que tinha vindo reconfortá-la da dor sentida pela morte do próprio filho.

A 16 de fevereiro, a Frente Popular venceu as eleições, ainda que por uma margem mais estreita do que o previsto relativamente à CEDA e às outras forças políticas de direita. O PNV, o partido centrista do presidente Alcalá Zamora, e a Liga Catalã repartiram entre si o resto dos votos.

Com tais resultados, seria difícil para o Dom Manuel Azana devolver ao país a estabilidade necessária.

As pessoas estavam fartas de viver com dificuldades, de que as explorassem, e na Andaluzia e na Extremadura os camponeses começaram a ocupar algumas quintas. Também as greves dificultaram a vida ao novo governo e, como se tudo isto não bastasse, elementos da recém-criada Falange empenharam-se na desestabilização da Frente Popular.

O Azana devolveu a autonomia à Catalunha e o Lluís Companys regressou à presidência da Generalitat. E depois houve um movimento para fazer cair o presidente Alcalá Zamora... Quanto aos socialistas, ou, melhor dizendo, os afetos à facção do Largo Caballero, vetaram a integração do Prieto no governo... Foi um erro... Não, as coisas não foram feitas como deveria ser, mas isso podemos dizê-lo agora, ao olharmos para o passado. Naquela altura, vivíamos em cima dos acontecimentos e não tínhamos um segundo sequer para refletirmos sobre o que fazíamos e muito menos sobre as respetivas consequências. E sabe uma coisa, jovem? Não, não agimos bem, nós que defendíamos os ideais mais elevados, que representávamos o progresso, que tínhamos a razão do nosso lado. Também nós agimos mal.

— Penso que deverias ir passar uma temporada com o menino em casa da tua avó — propôs o Santiago à Amelia. — O estado de coisas aqui não me agrada e, em Biarritz, estariam mais seguros. Porque não pedes à tua irmã Antonietta que vá também contigo?

— Prefiro ficar. De que tens medo?

— Não tenho medo, Amelia, mas não me agradam algumas das coisas que ouço e preferiria que o Javier e tu se ausentassem durante uns tempos. Disseste-me que, quando eras mais nova, aguardavas com ansiedade pela chegada das férias para partires para a casa da tua avó Margot.

— É verdade, mas agora as coisas mudaram. Prefiro ficar. Quero assistir a tudo o que possa acontecer.

— Acabará por ser uma espécie de antecipação das férias, nada mais do que isso. Irei ter convosco assim que me for possível. Estou preocupado, as coisas vão de mal a pior, ao teu pai os negócios também não estão a correr-lhe como esperava. As importações a partir dos Estados Unidos estão a revelar-se ruinosas e não poderemos continuar a financiar a compra de maquinaria e de peças, os custos são demasiado elevados.

— Vais cancelar os negócios com o papá? — perguntou a Amelia, preocupada.

— Não se trata de cancelar os negócios; simplesmente, teremos de abandonar essa via de importações. Não é rentável.

— Isso são ideias do teu pai! Sabes perfeitamente que o meu pai teve de abandonar o seu negócio na Alemanha e que, por mais expedientes a que tenha recorrido, os nazis acabaram por expropriar-lhe tudo quanto possuía. E, apesar de tudo isto, o teu pai está meramente preocupado com a rentabilidade.

— Basta, Amelia! Para de acusar o meu pai de todos os males deste mundo. A minha família gosta de ti e já demos provas acrescidas do nosso afeto pela tua, mas não podemos continuar a perder dinheiro, porque também a nós as coisas não estão a correr bem.

— Precisamente agora que a Frente Popular está no governo e que, estou certa disso, a situação irá normalizar é que vocês decidem abandonar o meu pai...

— Não, Amelia. Infelizmente, a Frente Popular não se mostra capaz de segurar as rédeas dos acontecimentos. Conheces perfeitamente a minha admiração pelo Dom Manuel Azana. Sei que se dependesse dele... Mas as coisas não são como gostaríamos que elas fossem, e o Azana está a braços com muitas dificuldades. As greves estão a arruinar o país...

— Os trabalhadores têm razão! — protestou a Amelia.

— Em algumas questões têm razão, quanto a outras... De qualquer forma, não é possível solucionar em poucos meses aquilo que não se conseguiu resolver em séculos, o problema é esse. A impaciência de uns e o boicote de outros à Frente Popular está a conduzir-nos a uma situação insustentável.

— És sempre tão moderado! — respondeu ela, irritada.

— Tento ver as coisas como elas são, com realismo. — O tom de voz do Santiago denotava cansaço, derivado das constantes discussões com a Amelia.

— O meu lugar é aqui, Santiago, junto da minha família.

— E será mesmo isso que queres?

— O que pretendes insinuar?

— Que passas mais tempo com os teus amigos comunistas do que em casa... Desde que conheceste o Josep que mudaste. Se realmente te preocupas connosco, se pelo menos pensasses no Javier, então concordarias em ir passar uns tempos a casa da tua avó Margot.

— Como te atreves a dizer que não me preocupo com o meu filho!?

— Atrevo-me porque, na verdade, a Agueda passa mais tempo com ele do que tu.

— É a ama de leite dele! Pensas que gosto menos dele por participar em

reuniões políticas? Aquilo que pretendo é contribuir para a construção de um mundo novo, no qual o Javier não tenha de ser vítima de qualquer injustiça. Será isso tão negativo para me recriminares?

Aquelas discussões eram tão esgotantes para a Amelia como para o Santiago, e faziam com que se afastassem um do outro. Tenho de reconhecer que ele carregava um pesado fardo, pois sofria com a situação em que viviam. Enquanto a Amelia, através da política, estava a viver a sua própria história, o Santiago fazia o possível por salvar o casamento.

As discussões eram cada vez mais frequentes e tanto os Garayoa quanto os Carranza estavam conscientes de que a relação entre os seus filhos se deteriorava continuamente.

A Dona Teresa repreendia a Amelia, dizendo-lhe que não estava a comportar-se como uma boa esposa, ao que ela acusava a mãe de ser "antiquada" e de não se aperceber de que o mundo estava a mudar e que as mulheres não tinham de ser submissas.

Os Carranza, tanto o Dom Manuel como a Dona Blanca, tentavam não intervir nas desavenças do casal, mas sofriam por verem o filho preocupado.

Uma das cada vez mais raras ocasiões em que as duas famílias se encontraram para jantar ocorreu a 7 de março. Recordo-me da data porque o Dom Juan chegou tarde e a Amelia estava impaciente pelo atraso.

Quando finalmente chegou, trazia uma notícia que parecia tê-lo abalado de modo particular.

— A Alemanha invadiu a Renânia — declarou com voz arrastada.

— Sim, ouvimos a notícia na rádio — afirmou o Dom Manuel.

— Passei o dia a tentar telefonar ao Helmut Keller e, finalmente, consegui contactá-lo... O pobre homem está desesperado e envergonhado por aquilo que está a acontecer. Bem sabem que o Helmut é um homem sensato, boa pessoa...

O Dom Juan falava aos atropelos. Dado que os seus negócios tinham começado a correr mal a partir do dia em que o Hitler subiu ao poder, tinham passado desde então a acompanhar os acontecimentos na Alemanha com tanta paixão como se do seu próprio país se tratasse. Continuava também empenhado em fazer sair da Alemanha o senhor Itzhak, mas este insistia em que aquela era a sua terra e que por nada deste mundo abandonaria a sua pátria.

— O Hitler violou o Tratado de Versalhes — afirmou o Santiago.

— E o de Locarno — acrescentou o Dom Manuel.

— Pensam que ele está minimamente preocupado com a violação de tratados internacionais? Chegará o dia em que as potências europeias se irão arrepender de não o terem travado a tempo — lamentou-se o Dom Juan.

No dia que se seguiu ao jantar, dia 8, o Santiago voltou a partir sem avisar.

Regressou passados vários dias; ao que parece, tinha ido a Barcelona para se encontrar com os sócios catalães.

Amelia ficou possessa e, no segundo dia da ausência do marido, decidiu que já nada a obrigava a respeitar qualquer convenção social.

— Se ele pode partir e chegar quando bem lhe apetece, também eu farei o mesmo. Portanto prepara-te, Edurne, porque esta noite vamos a casa da Lola. Está agendada uma reunião e estarão presentes alguns amigos do Josep.

Estive tentada a dizer-lhe que não devíamos ir, que o Santiago se zangaria, mas mantive-me calada. Ele não estava na cidade e, quando viesse a saber, já teriam passado vários dias.

Amelia foi ao quarto do Javier, para lhe dar um beijo antes de sairmos.

— Cuida bem dele, Agueda, é o meu maior tesouro.

— Fique tranquila, senhora, já sabe que comigo fica em boas mãos.

— Sim, eu sei, trata-o melhor do que eu.

— Não diga isso! Apenas procuro estar atenta às suas necessidades.

A Águeda tinha razão: dava ao Javier tudo aquilo de que ele necessitava, sobretudo o carinho e a presença que a Amelia lhe negava. Não pense que a julgo, ela fazia o que lhe parecia ser melhor. Estávamos convencidas de que devíamos contribuir com o nosso grão de areia para melhorar o mundo. Éramos muito jovens, muito inexperientes, e estávamos convencidas da bondade dos nossos ideais.

Naquela noite, estavam mais pessoas do que habitualmente em casa da Lola. E ali estava ele: o Pierre.

Não esperávamos que o Josep também estivesse presente, pois havia partido há duas semanas, mas parece que o seu patrão tinha tido de deslocar-se com urgência a Madrid.

— Entrem, entrem... Vem cá, Amelia, quero apresentar-te o Pierre — disse o Josep, que se mostrava sempre especialmente deferente para com a Amelia.

Naquela altura, o Pierre devia ter uns 35 anos. Não era muito alto, mas tinha um cabelo louro-escuro e uns olhos cinzentos penetrantes, que, quando fitavam alguém, pareciam conseguir ler os mais segredos dos seus pensamentos.

O Josep apresentou-nos o Pierre como sendo um camarada de ascendência francesa, livreiro de profissão, de visita a Madrid por motivos profissionais.

Mentiria se dissesse que não reconheci que a Amelia e o Pierre pareceram sentir uma atração mútua imediata. Ainda que, naquela noite, a presença do Pierre fosse requerida para explicar aquilo que estava a acontecer na União Soviética e, sobretudo, as razões de haver cada vez mais intelectuais europeus a apoiarem a Revolução de Outubro, ele não deixava de procurar o olhar da Amelia, que o ouvia em silêncio, fascinada.

— Porque não vens comigo para Paris? — propôs-lhe ele, num momento de pausa.

— Para Paris? Com que fim? — respondeu a Amelia com uma certa ingenuidade.

— A revolução precisa de mulheres como tu, há muito trabalho para fazer. Parece-me que poderias ajudar-me, trabalhar comigo. A Lola disse-me que falas francês e até um pouco de inglês e de alemão, não é assim?

— Sim... a minha avó paterna é francesa e o meu pai já teve negócios na Alemanha, para além de a minha melhor amiga ser alemã. Quanto ao inglês, aprendi com a minha ama, mas não falo muito bem...

— Insisto no convite, ainda que na verdade se trate de uma oferta de trabalho. Poderias vir a ser muito útil.

— Eu... não sei em quê.

Pierre observou-a fixamente, com um olhar carregado de palavras que apenas ela poderia interpretar.

— Gostaria que viesses comigo por outros motivos para além dos profissionais. Pensa nisso.

Amelia corou e baixou o olhar. Nunca nenhum homem lhe tinha feito proposta tão direta. Como eu estava perto dela, para o caso de precisar de mim, aproximei-me de imediato assim que ouvi o convite do Pierre.

— É tarde, Amelia, temos de ir.

— Sim, tens razão, já está a ficar tarde.

— Tens de ir já embora? — provocou-a ele.

— Sim — murmurou ela, ainda que sem sair do sítio. Era evidente que não tinha qualquer intenção de que nos fôssemos embora.

— Irás pensar naquilo que te disse? — insistiu o Pierre.

— Acerca de ir para Paris contigo?

— Sim. Ficarei em Madrid durante alguns dias, mas não muitos, e ignoro quando poderei regressar.

— Não. Não posso ir para Paris, certamente que tornaremos a encontrar-nos noutra ocasião — disse a Amelia suspirando.

— O que te impede de vires comigo?

— Tem marido e um filho — respondi eu, ainda que me tenha arrependido de imediato, sobretudo devido ao olhar de raiva que a Amelia então me dirigiu.

— Sim, bem sei que está casada e que tem um filho. Quem não está? — respondeu ele calmamente.

— Não, não poderei ir. Mas fico grata pelo convite.

Sáímos de casa da Lola em silêncio. A Amelia estava zangada comigo devido à minha intervenção na conversa, e eu temia que isso despertasse nela,

mais do que irritação, uma perda de confiança em mim.

Não falamos até chegarmos a casa. Ia retirar-me para o meu quarto quando ela me agarrou pelo braço e me disse num tom de voz muito baixo: — Se alguém quiser saber alguma coisa sobre mim, serei eu a informá-lo. Nunca mais te esqueças disso.

— Desculpa-me, eu... não queria intrometer-me...

— Mas foi o que fizeste.

Voltou-me as costas e deixou-me ali, sozinha no átrio de entrada, desfeita em lágrimas. Era a primeira vez que se zangava comigo desde que nos tínhamos conhecido, a primeira vez que não a senti minha amiga, mas sim uma estranha.

Na manhã seguinte, a Amelia levantou-se tarde. A criada disse-nos que tinha pedido que não a incomodassem e, ainda que eu tivesse o privilégio de poder entrar no seu quarto, não me atrevi a fazê-lo, depois daquilo que tinha sucedido na noite anterior.

Não a vi até ao meio-dia. Parecia febril e queixava-se de dores de cabeça. A mãe, que tinha vindo almoçar com ela e visitar o neto, relacionou a indisposição da filha com o desgosto provocado pela ausência do Santiago. Mas eu desconfiava que a causa de tal acesso de febre nada tinha a ver com o marido, mas sim com o surgimento do Pierre na sua vida, ou melhor, nas nossas vidas, pois ele marcou ambos os nossos destinos.

A Antonietta apareceu às seis horas para vir buscar a mãe, e foi com alívio que a Amelia se despediu delas, porque naquela tarde nem a mãe nem a irmã pareciam distraí-la.

Um pouco antes das sete, a Lola apareceu. Assim que a vi, soube de imediato que tinha sido enviada pelo Pierre, já que me pediu para falar com a Amelia a sós. Não sei do que falaram, mas não será difícil adivinhar, dado que, meia hora depois, a Amelia me chamou para me informar de que iria sair para ir com a Lola a uma reunião política, mas que não queria que eu a acompanhasse. Protestei. Para além de o Santiago não querer que ela saísse sem mim, sentia-me sobretudo magoada por me ver excluída.

Amelia dirigiu-se para o quarto do Javier. A criança, embalada nos braços da Águeda, que lhe cantava, sorria e erguia as mãozinhas para o rosto da ama. A Amelia beijou o filho e apressou-se a sair de casa, seguida pela Lola.

Fiquei sentada no átrio à espera de que regressasse, o que só aconteceu já depois da meia-noite. Chegou com o rosto ruborizado, a suar, e parecia tremer. Ficou surpreendida por me ver ali, dizendo-me que me fosse deitar.

— Amelia, quero falar contigo — supliquei-lhe.

— A estas horas? Não, vai descansar, não me sinto bem e preciso de dormir.

— Mas, Amelia, estou preocupada, passei o dia inteiro angustiada... quero

que me perdoes por aquilo que aconteceu ontem à noite... eu... não queria ofender-te nem intrometer-me na tua vida... sabes que... bem, apenas te tenho a ti e, se me voltares as costas, não sei o que será de mim.

— Mas que disparate, Edurne! Porque dizes que só me tens a mim? E a tua mãe, o Aitor, os teus avós? Vá, não digas tolices e vai descansar.

— Mas perdoas-me?

Ela abraçou-me, dando-me umas palmadas carinhosas nas costas; Sempre foi uma pessoa muito generosa e não suportava ver alguém sofrer.

— Não fizeste nada de mal para que tenha de te perdoar, o que aconteceu ontem à noite foi uma idiotice, tive um acesso de mau humor, não dês importância ao assunto.

— É que esta noite saíste sem mim e... bem... é a primeira vez que saís sem que eu te acompanhe. Sabes que podes confiar em mim, que nunca direi ou farei nada que possa prejudicar-te.

— E o que haverias de dizer? — perguntou-me, perturbada.

— Nada, nada, de ti só poderia falar bem. — Comecei a chorar, receando ter voltado a falar demais.

— Então, não chores! Estamos ambas muito sensíveis, talvez devido ao clima ou à tensão política. As coisas não estão a correr bem, temo pelo governo da Frente Popular.

— A tua mãe está muito preocupada por os camponeses estarem a ocupar terras na Andaluzia e na Estremadura — afirmei, só para dizer alguma coisa.

— A minha mãe é muito bondosa e, como é correta para toda a gente, pensa que todas as pessoas são como ela, mas há quem viva em condições miseráveis... Além do mais, não se trata de caridade, mas sim de justiça.

— Vais partir?

Não sei porque lhe fiz tal pergunta, ainda hoje me interrogo. A Amelia pôs-se muito séria, e notei o tremor nas suas mãos, numa tentativa de manter o autocontrole.

— E para onde pensas tu que poderias ir?

— Não sei... Ontem, o Pierre pediu-te que fosses com ele para Paris... Podia dar-se o caso de te teres decidido por ires trabalhar com ele.

— E, se o fizesse, o que pensarias sobre isso?

— Poderia ir contigo?

— Não, não poderias. Se partir, fá-lo-ei sozinha.

— Então, não quero que partas.

— És muito egoísta!

Sim, ela tinha razão, eu estava a ser egoísta, a pensar em mim, naquilo que me aconteceria se ela partisse. Baixei a cabeça, envergonhada.

— Se pretendemos que a revolução triunfe no mundo inteiro, não podemos pensar em nós próprios, devemos voluntariar-nos e fazer sacrifícios.

— Mas tu não és comunista — consegui balbuciar.

— E será possível ser-se outra coisa?

— Sempre simpatizaste com os socialistas...

— Edurne, eu era tão ignorante como tu, mas fui abrindo os olhos e apercebendo-me da realidade. Admiro a revolução, penso que aquilo que o Stalin está a fazer é uma bênção para a Rússia e quero que o mesmo aconteça em Espanha e em todo o mundo. Sabemos que isso é possível, na Rússia conseguiram-no, mas há muitos interesses em jogo, os daqueles que não pretendem ceder, os daqueles que defendem privilégios adquiridos... Não será fácil, mas é possível. Agora, graças à esquerda, as mulheres são tidas em consideração, quando antes ninguém nos dava qualquer valor; mas ainda não é suficiente, temos de prosseguir a luta por uma verdadeira igualdade. Na Rússia, já não existem diferenças entre homens e mulheres, todos são iguais.

Os olhos brilhavam-lhe. Parecia ter entrado em êxtase enquanto falava do Stalin e da revolução, e apercebi-me então de que a partida da Amelia era uma questão de tempo, de dias, de horas. Contudo, ao mesmo tempo, tentava convencer-me de que tal não seria possível, de que ela nunca se atreveria a abandonar o Santiago e o próprio filho.

5

Durante vários dias, a Amelia continuou a encontrar-se com o Pierre em casa da Lola. Deixava-me acompanhá-la, ainda que por vezes, assim que chegávamos, me mandasse tratar de um qualquer recado, de modo a poder ficar a sós com ele.

Uma tarde, os pais do Santiago foram visitar o neto e decidiram esperar que a Amelia chegasse. Como estávamos a demorar, passando já das dez da noite, a Águeda e as outras criadas não tiveram outra solução senão confessar-lhes que às vezes chegávamos já depois da meia-noite.

O Dom Manuel e a Dona Blanca saíram escandalizados, e a Águeda contou-nos que a Dona Blanca tinha comentado com o marido que teriam de falar com o Santiago assim que este regressasse, antes que aquele casamento se despedaçasse.

Entretanto, o Dom Manuel decidiu falar com o pai da Amelia, pressionando-o para chamar a filha à razão.

A Dona Teresa e o Dom Juan enviaram um recado à Amelia, para que não saísse de casa porque iriam visitá-la.

— Por que motivo se intrometem na minha vida? — lamentava-se ela. — Já não sou nenhuma criança!

— São teus pais e gostam de ti — disse eu, tentando acalmá-la.

— Se assim é, que me deixem em paz! A culpa é dos meus sogros, que inventam problemas onde eles não existem. Por que razão vêm visitar o Javier sem avisarem?

— A Dona Blanca telefonou antes de vir — recordei-lhe.

— Vai dar ao mesmo, são uns intrometidos. Para além de não ajudarem o meu pai, atrevem-se a pedir-lhe que fale comigo. Mas por quem se tomam eles?!

O Dom Juan e a Dona Teresa apareceram para lancha e, enquanto ela se entretinha com o pequeno Javier, ele aproveitou a ocasião para falar com a

Amelia.

— Filha, os pais do Santiago estão preocupados e, na verdade... nós também. Não pretendo intrometer-me na tua vida, mas decerto perceberás que não é correto entrares e saíres de casa como se não tivesses qualquer responsabilidade. És mãe, Amelia, e isso significa que não podes fazer tudo o que te apetece, que tens de pensar no teu marido e no teu filho. Tens de perceber que as tuas saídas noturnas comprometem o Santiago.

— E como pensas que me sinto quando o Santiago decide desaparecer? Partiu há dez dias e nem sequer sei onde está. Não terá também ele obrigações para comigo e para com o seu filho? Será que, por ser homem, tudo lhe é permitido?

— Amelia, já sabes que o Santiago tem esse costume de partir de viagem sem avisar ninguém, também a mãe dele o repreende por isso. Mas, filha, quer queiras quer não, não é a mesma coisa. Ele é homem e não põe em causa a sua reputação nem a tua.

— Papá, sei que não te apercebes, mas o mundo está a mudar. As mulheres acabarão por conquistar os mesmos direitos que os homens. Não é justo que vocês possam entrar e sair de casa sem dar explicações e que nós sejamos vítimas da maledicência.

— Ainda que não seja justo, é assim que as coisas são, e até que se alterem terás de ser prudente, por respeito para com o teu marido, o teu filho e para connosco. Sim, filha, o teu comportamento também nos prejudica.

— Em que vos poderei prejudicar ao participar numa reunião política?

— Parece-me que estás a envolver-te demasiado, sobretudo tendo em conta que se trata de comunistas. Nós sempre defendemos a justiça social, mas não partilhamos dos mesmos ideais dos comunistas, e tu, filha, não sabes no que te estás a meter.

— Não sou uma criança!

— Sim, Amelia, és uma criança. Ainda que estejas casada e tenhas um filho, ainda nem sequer fizeste dezanove anos. Não julgue que já sabes tudo e não te entregues tanto aos outros. És um pouco ingênua, o que é normal para a tua idade, mas parece-me que essa tal Lola está a manipular-te.

— É a minha melhor amiga!

— Sim, não duvido que tu sejas amiga dela, mas realmente crês que ela te considera a sua melhor amiga? E quanto à tua prima Laura? Antes eram inseparáveis; agora, apenas a vês ocasionalmente. Porquê?

— A Laura tem namorado.

— Eu sei, mas isso não justifica que tenhas deixado de ir a casa dos teus tios e estares com as tuas primas, como antes acontecia. Nem sequer vens a nossa

casa visitar a tua irmã Antonietta e, quando ela própria decide visitar-te, nunca te encontra em casa. Custa-me ter de te dizer isto, mas parece-me que não estás a ser uma boa mãe. Dás mais importância à política do que ao teu próprio filho, o que não é digno de uma mulher de bem.

Amelia rompeu num pranto. Estas últimas palavras do pai magoaram-na profundamente. Sentia um peso na consciência por não ser capaz de se dedicar ao filho como se dedicava ao ativismo político.

— Então, não chores! Sei que gostas do Javier, mas o teu filho passa mais tempo com a Águeda do que contigo, o que não é correto.

Os soluços da Amelia intensificaram-se, porque sabia melhor do que ninguém que não era boa mãe, e sentia-se mal com isso, ainda que se mostrasse incapaz de alterar o seu comportamento.

Por vezes, entrava no quarto do Javier, retirava-o do berço e apertava-o contra o peito, como se pretendesse transmitir-lhe todo o amor que sentia por ele, mas mais não conseguia do que assustar o pequeno e fazê-lo chorar, pois ele via-a como uma estranha e esticava os braços para a Águeda.

A Dona Teresa também conversou a sós com a filha, reforçando os argumentos do marido, embora não tenha conseguido muito mais do que ele, para além de fazer com que a Amelia se sentisse culpada e não parasse de chorar. Quando estavam já de saída, ouvi a Dona Teresa comentar com o marido: — Acho que a Amelia está doente, parece enfeitiçada... Essa Lola é má rês, roubou-nos a nossa filha.”

Dois dias depois, a Amelia enviou um recado à prima para que viesse a casa dela. A Laura não se fez rogada e compareceu de imediato. As duas primas continuavam a estimar-se e a confiar uma na outra.

Eu estava a coser roupas, sentada junto à varanda, e como não me pediram que saísse ouvi a conversa delas.

— O que se passa contigo, prima? — perguntou-lhe a Laura.

— Estou desesperada e não sei o que fazer... Preciso dos teus conselhos, és a única pessoa que consegue compreender-me.

— Mas o que se passa? — A Laura estava preocupada, sobretudo por ver a Amelia mais magra e num estado febril.

— Apaixonei-me por outro homem. Não sei o que fazer!

— Meu Deus! Mas como foi isso possível? O Santiago adora-te e tu... bem, pensava que amavas o teu marido.

— Também eu pensava que sim, mas não. Foi o primeiro homem que conheci e que não me tratou como uma criança, além de que... Bem, tu já sabes isso porque já to disse noutras ocasiões. Gostava do Santiago, mas também queria ajudar o papá, que ainda não conseguiu recuperar dos prejuízos pela perda

do negócio na Alemanha.

— Eu sei, eu sei. Mas disseste-me que gostavas dele, que te casavas com o Santiago para ajudares o teu pai mas também porque gostavas dele.

A Laura sentia-se angustiada por descobrir de repente que a sua prima já não amava o marido. Simpatizava com o Santiago; na verdade, era difícil não se sentir estima por ele. Era um verdadeiro cavalheiro, sempre atencioso e galante, educado, para além de muito bonito...

— Não sei o que fazer, mas terei de tomar uma decisão.

— Que decisão?

— Sim, Laura, o homem que amo pediu-me para partir com ele. Não sabe que estou apaixonada, apenas pretende que o auxilie na nossa causa, que contribua para o triunfo do comunismo, e penso que poderei ajudá-lo. Não sou ninguém, mas ele acredita em mim.

— E ama-te?

— Não mo confessou, mas... sei que sim... na forma como olha para mim, no modo como estremece quando nos tocamos, vejo-o nos seus olhos... Mas é um cavalheiro, não penses que tenha tentado aproveitar-se de mim, muito pelo contrário.

— Se fosse realmente um cavalheiro, não te pediria para abandonares a tua família para ires atear com ele a revolução — contrariou-a a Laura.

— Não consegues perceber, prima. Ser comunista é... é... é como uma religião... não se pode alcançar o paraíso sem sacrifícios. Aqueles que acreditam nunca poderão sobrepor os seus próprios interesses aos da humanidade.

— Pelo amor de Deus, Amelia, não digas disparates. Tens de compreender que a caridade começa connosco próprios...

— Não é uma questão de caridade, mas sim de justiça! Todas as mãos são poucas para ajudar a revolução, temos de conseguir que o mundo se torne a pátria de todos os trabalhadores, seguir o exemplo da Rússia.

— Sabes bem que em nossa casa ninguém gosta da direita e que os meus pais, tal como os teus, simpatizam com o Azana, que trabalha para que o país avance, mas o comunismo... Pedi ao meu pai que me explicasse bem aquilo que sabe acerca dos comunistas e, na verdade, Amelia, não estou certa de que a revolução seja tão benévola como isso.

— Disparate! Só pode dizer isso quem não se apercebe de todas as coisas boas que o comunismo pode trazer. Repara no que está a acontecer na Alemanha com o Hitler.

— Estás a falar de dois extremos, sempre foste um pouco exagerada, prima! Mas conta-me: quem é ele?

— Chama-se Pierre e é francês. Os pais dele possuem uma livraria na zona

de Saint-Germain, em Paris, e ele ajuda-os, para além de escrever para algumas publicações de esquerda. Acredita firmemente no comunismo e vem de tempos a tempos a Madrid, para se encontrar com outros camaradas, para saber do estado das coisas e avaliar a situação política. Também viaja para outros locais e aproveita essas deslocações para comprar livros para a livraria do pai, edições específicas ou uma qualquer raridade bibliográfica... Acima de tudo, é comunista.

— Sim, já me tinhas dito que é comunista. E que pretende ele de ti?

— Que o ajude, que viaje com ele para nos encontrarmos com camaradas de outros países, para conhecermos as suas dificuldades e necessidades, elaborar relatórios para a Internacional Comunista, trabalhar para levar a revolução a toda a parte...

— E para isso tens de abandonar o teu marido e o teu filho?

— Não coloques a questão dessa forma! Não suportaria que também tu me acusasses, que não me compreendesses. Estou apaixonada, não imaginas quanto. Conto os minutos para poder estar com o Pierre.

— Amelia, não podes abandonar o teu filho!

Cada vez que lhe mencionavam o Javier, a Amelia começava a chorar. Mas naquela tarde eu já tinha ouvido o suficiente para me aperceber de que, apesar das lágrimas, a Amelia já se tinha decidido a sair de casa e abandonar o Santiago e o filho para partir com o Pierre. Aquela febre que parecia não a abandonar nada tinha a ver com uma eventual gripe, mas sim com a paixão que sentia por aquele homem. O destino dela estava traçado e o meu também.

Ainda que a Laura a tenha pressionado para reconsiderar, prometeu à prima que, independentemente daquilo que viesse a fazer, poderia sempre contar com ela. A Amelia sentiu-se mais tranquila por saber que a sua prima nunca lhe voltaria as costas.

— É casado? — quis saber a Laura.

Amelia sobressaltou-se. Não tinha considerado a possibilidade de o Pierre ser casado. Ela não lho tinha perguntado e ele nada lhe tinha dito a esse respeito.

Não sei — respondeu, quase murmurando.

— Deverias perguntar-lhe, ainda que, para teu bem, espero que não o seja. Sabes uma coisa? Sempre temi que acabasses por te apaixonar pelo Josep e que isso viesse a acabar com a tua amizade com a Lola.

Amelia baixou a cabeça, envergonhada. A Laura conhecia-a bem e portanto percebeu que, em determinado momento, ela se tinha sentido atraída pelo Josep.

— Admiro o Josep, mas nunca estive apaixonada por ele.

— Penso que sentes uma atração especial pelos comunistas. Desconheço porquê, mas não consegues enganar-me: eles fascinam-te.

— Nunca te enganaria. E sim, tens razão, sinto atração por esses homens, que se mostram tão fortes, tão seguros de si, tão convictos daquilo que é preciso fazer, dispostos a qualquer sacrifício. Não sei como não sentes o mesmo...

— Bem... nunca conheci nenhum que me tenha impressionado. Bem vistas as coisas, aqueles que conheço são, bem... na verdade, não me vejo a apaixonar-me pelo mecânico que conserta o automóvel do meu pai. Que tenho eu em comum com ele?

— Consideras-te superior aos trabalhadores?

— Nem superior nem inferior, limito-me a constatar que não compartilhamos dos mesmos interesses. Não me desengano, Amelia. Também eu pretendo que o mundo seja mais justo, mas isso não significa que tenha de me casar com o mecânico. É óbvio que quero que ele viva bem, que nada lhe falte, mas...

— Mas ele na casa dele e tu na tua, não é assim?

— Sim, é mais ou menos isso.

— Um dia, as classes sociais irão desaparecer, seremos todos iguais, ninguém ganhará mais pelo fato de ter estudado, de ter nascido no seio de uma família burguesa, porque eliminaremos a burguesia, todos aqueles que nos tornam diferentes.

— Mas tu és tão burguesa como eu.

— Com a diferença de eu me ter apercebido de que a existência de classes sociais é uma perversidade e de que quero renunciar a todos os nossos privilégios. Não me parece justo que existam pessoas com mais oportunidades do que outras, parece-me injusto que não sejamos todos iguais.

— Lamento, Amelia, mas não consigo partilhar das tuas ideias. É óbvio que considero que todos merecemos as mesmas oportunidades, mas sabes uma coisa?, infelizmente, os homens nunca serão iguais.

— Isso foi assim até hoje. O Stalin demonstrou que é possível criar uma sociedade igualitária.

— Bem, não vamos discutir sobre política e leva-me ao quarto do Javier, para lhe dar um beijo antes de sair.

À noite, a Amelia foi a casa da Lola, ou isso me disse, porque não permitiu que a acompanhasse. Assegurou-me que o Pierre a esperaria na esquina e que não andaria sozinha pelas ruas. Regressou já a altas horas da madrugada. Não sei o que aconteceu naquela noite, mas, quando regressou, não parecia a mesma pessoa.

Passou a manhã muito agitada e ficou mal-humorada quando a mãe enviou um recado a informar de que ela e a Antonietta apareceriam para almoçar, para passarem algum tempo com o Javier.

Durante o almoço, mostrou-se distraída e, por volta das cinco da tarde, pediu

à mãe e à irmã que se fossem embora, alegando que tinha de sair para ir visitar alguém. Surpreendeu-me que, subitamente, as abraçasse com efusão, contendo as lágrimas.

Quando a Dona Teresa e a Antonietta saíram, a Amelia esteve meia hora fechada no quarto. Depois, saiu e dirigiu-se para o quarto do Javier. O menino dormia, enquanto a seu lado a Águeda tricotava.

Amelia pegou na criança, despertando-a, e começou a chorar e a beijá-la, sussurrando: "Meu querido, meu querido, perdoa-me, filho, perdoa-me."

Águeda e eu a observamos em silêncio, desconcertadas.

— Trata bem do Javier, é o meu maior tesouro — pediu ela a Águeda.

— Sim, senhora, sabe bem que gosto dele como se se tratasse do meu próprio filho.

— Cuida dele, mima-o.

Quando saiu do quarto, eu segui-a, sabendo que alguma coisa estava Para acontecer. A Amelia entrou no seu quarto e logo saiu com uma mala, mal podia com ela.

— Aonde vais? — perguntei-lhe a tremer, ainda que soubesse a resposta.

— Vou partir com o Pierre.

— Não faças isso, Amelia! — Comecei a chorar, suplicante.

— Cala-te, cala-te, ou toda a casa ficará de sobreaviso. És comunista como eu e, portanto, consegues perceber o passo que estou prestes a dar. Irei para onde necessitem de mim.

— Deixa-me ir contigo!

— Não, o Pierre não quer, tenho de ir sozinha.

— E o que será de mim?

— O meu marido é boa pessoa e permitirá que te mantenhas nesta casa.

Toma, tinha algum dinheiro de lado para te dar.

Colocou-me nas mãos um maço de notas, que aceitei com renitência.

— Edurne, não te preocupes, nada de mal te irá acontecer, o Santiago cuidará de ti. Além disso, poderás sempre contar com a minha prima Laura. Toma, quero que lhe entregues esta carta. Nela lhe explico para onde vou e aquilo que irei fazer, e peço-lhe também que cuide de ti. Mas promete-me que não a entregas a ninguém a não ser a ela.

— E o que direi quando virem que não irás regressar? Certamente que me farão perguntas...

— Responde que saí para visitar alguém e que te disse que chegaria tarde.

— Mas o teu marido quererá saber a verdade...

— O Santiago continua em viagem e, quando regressar, diz-lhe para falar com a minha prima Laura, ela explicar-lhe-á tudo. Na carta que irás entregar

peço-lhe que seja ela a anunciar à família que parti para sempre.

Abraçamo-nos a chorar, até que a Amelia se afastou e, sem me dar tempo para dizer o que quer que fosse, abriu a porta e saiu, fechando-a silenciosamente.

Não tornaria a vê-la durante muito, muito tempo.

Eduarne suspirou. Estava exausta. Durante três longas horas, falara ininterruptamente. Eu permanecera estático, atento a uma história que, à medida que se desvelava, me ia interessando cada vez mais.

Estava surpreso, muito daquilo que ouvira parecia-me insólito. Mas ali estava aquela idosa, com o olhar perdido num qualquer lugar onde as suas recordações pudessem estar arquivadas, mostrando um rosto contorcido pela mágoa.

Sim, Eduarne continuava a sentir-se angustiada por aqueles dias que lhe haviam alterado a vida, ainda que não me tivesse explicado o que acontecera depois.

Apercebi-me de que não poderia forçá-la a falar muito mais, estava demasiado esgotada física e emocionalmente para que eu pudesse pedir-lhe que esclarecesse um ou outro aspeto daquilo que acabava de narrar.

— Deseja que a acompanhe a algum sítio? — disse, apenas para romper o silêncio.

— Não, não é necessário.

— Gostaria de lhe ser útil...

Fixou em mim o seu olhar cansado, meneando negativamente a cabeça. Pretendia que a deixasse em paz, que não a obrigasse a continuar a espremer as memórias onde habitavam os fantasmas da sua juventude.

— Irei informar que já terminamos. Não sabe como lhe estou agradecido por tudo aquilo que me contou, foi uma grande ajuda. Agora, conheço melhor a Amelia, a minha bisavó.

— Tem a certeza?

A pergunta de Eduarne surpreendeu-me, mas não respondi, limitando-me a sorrir. Era muito idosa; apercebi-me de que apresentava a palidez azulada que antecede a morte, pelo que não consegui conter um estremecimento.

— Vou avisar as senhoras.

— Irei consigo.

Ajudei-a a levantar-se e esperei que se apoiasse na bengala em que pousava a mão direita. Não imaginava como tinha sido Eduarne no passado, mas agora era uma idosa extremamente magra e débil.

Amelia Maria Garayoa estava com as suas tias. Parecia agitada e, assim que nos viu entrar, levantou-se de um salto do sofá.

— Já não era sem tempo. Não consegue perceber que a Eduarne já tem uma

idade muito avançada? Se dependesse de mim, não lhe teria permitido que falassem durante tanto tempo.

— Eu sei, eu sei...

— A conversa revelou-se proveitosa? — indagou Dona Laura.

— Sim, estou realmente surpreendido. Preciso de pensar, de organizar tudo aquilo que a Edurne me contou... Não podia imaginar que a minha bisavó tivesse sido comunista.

Ficaram em silêncio, fazendo-me sentir incômodo, o que começava a tornar-se um hábito nelas.

Amelia Maria ajudou Edurne a sentar-se, enquanto Dona Laura me observava expectante. Quanto à outra idosa, Dona Melita, parecia perdida nos seus próprios pensamentos. Por vezes, parecia alhear-se daquilo que acontecia em seu redor, como se já nada na vida lhe interessasse.

Também eu estava cansado, mas, para prosseguir a minha investigação, sabia que teria de falar com elas.

— Bem, as senhoras disseram que iriam guiar os meus passos. Qual será o próximo? Ainda que, bem vistas as coisas, precisaria de falar consigo, Dona Laura, para que me explicasse o que aconteceu quando...

— Não, agora não — interrompeu-me a idosa —, já é tarde. Telefone amanhã. Dir-lhe-ei então o que deverá fazer.

Não protestei, sabia que de nada teria adiantado, sobretudo porque Amelia Maria me dizia com o olhar que, caso insistisse, seria ela a pôr-me na rua sem qualquer pudor.

Quando cheguei a casa, hesitei entre telefonar à minha mãe e contar-lhe tudo o que descobrira sobre a bisavó ou, pelo contrário, não dizer absolutamente nada a ninguém até que a narrativa estivesse concluída. Por fim, optei por ir dormir, deixando a decisão para o dia seguinte. Sentia-me confuso. A história da minha bisavó estava a revelar-se mais complexa do que o que previra e desconhecia se acabaria por se transformar numa novela ou quantas surpresas poderia ainda encontrar.

Adormeci a pensar em Amelia Garayoa, essa misteriosa antepassada, uma romântica temperamental, uma mulher com ânsia de viver, limitada pelas imposições sociais da sua época; um pouco ingênua e, certamente, com uma clara tendência para o fascínio pelo abismo.

De manhã, telefonei à minha mãe enquanto tomava o primeiro café do dia.

— Grande telenovela me saiu a história da bisavó! — disse-lhe em jeito de cumprimento.

— Isso quer dizer que já sabes aquilo que aconteceu.

— Não completamente, mas, no que respeita a parte da vida dela, sim. E

posso desde já dizer-te que era uma senhora muito peculiar para aquela época. Em suma, pretendia mudar o mundo.

— Conta-me...

— Não, não te conto nada, prefiro terminar a investigação e escrever a história, tal como a tia Marta me pediu.

— Percebo perfeitamente que não queiras contar à tia Marta, mas sou tua mãe e recordo-te que fui eu quem te forneceu a primeira pista, sugerindo que fosses falar com o Dom Antonio, o padre da nossa paróquia.

— Bem sei que és minha mãe e, como te conheço bem, sei que não irás resistir à tentação e que contas tudo aos teus irmãos, de modo que não te digo nada.

— Não confias em mim!

— Claro que confio em ti, és a única pessoa em quem confio, mas para as coisas importantes. Como não é o caso, prefiro não te contar nada, pelo menos por enquanto, mas prometo-te que serás a primeira pessoa a conhecer a história completa.

Discutimos durante algum tempo, mas ela não teve outro remédio senão acatar a minha decisão. Depois, telefonei à tia Marta, quanto mais não fosse para ela não pensar que andava a esbanjar o seu dinheiro sem mostrar trabalho.

— Quero que venhas ao meu escritório e me informes de como a investigação está a decorrer.

— Não te contarei nada até te entregar a história em formato escrito, tal como me pediste. Já te disse que consegui descobrir o rasto da minha bisavó, ou, por outras palavras, à tua avó, e que por fim a família ficará a par daquilo que realmente aconteceu, mas preciso de trabalhar à vontade e sem pressões.

— Não estou a pressionar-te. Pago-te para que investigues uma história e, portanto, tens de me prestar contas relativamente ao modo como estou a despender o meu dinheiro.

— Posso assegurar-te que não fiz grandes despesas e que te entregarei inclusivamente as faturas dos táxis, mas por enquanto, independentemente de todos os argumentos que possas usar, nada poderei revelar-te. Estou no início da investigação e apenas pretendia dizer-te que consegui colher os primeiros frutos; ou seja, estou a seguir as pisadas da Amelia Garayoa. Não me parece que demore muito a concluir a investigação e, depois, escrevo a narrativa e te entrego.

Não disse à minha tia que conhecera umas primas da bisavó e que fizera um acordo com elas: a sua ajuda em troca de lerem o manuscrito e darem a sua aprovação antes de poder entregá-lo à minha família. Pensaria nesse problema mais à frente.

Prometera também à minha mãe que seria a primeira a conhecer a história completa da nossa antepassada, pelo que, na devida altura, decidiria quem seriam efetivamente os primeiros a saber. Até então, precisava sobretudo que me deixassem tranquilo.

A tia Marta acatou a minha decisão, embora contrariada. Depois, tornei a telefonar à minha mãe, porque tinha a certeza de que, por sua vez, a minha tia lhe iria telefonar com uma lista de queixas contra mim.

PIERRE

1

Nos dias seguintes, tentei verter no papel de modo organizado tudo aquilo que Edurne me contara. Aguardava que as idosas Garayoa me telefonassem, dado que sem elas dificilmente conseguiria prosseguir com a investigação.

Pensei na hipótese de procurar a tal Lola, mas a coitada já devia ter falecido; quanto a Pierre, intrigava-me particularmente. Saiu-me um grande artista, pensei. É preciso ser-se muito descarado para surripiar a mulher a outro homem em nome da revolução.

As hipóteses de Pierre continuar vivo eram escassas, a não ser que tivesse já ultrapassado a fasquia dos cem anos, o que era bastante improvável, já que pensava ter ouvido de Edurne que, quando ele a conheceu, era bem mais velho do que ela. Ela tinha 18 anos, enquanto ele já passava dos trinta. Assim, as probabilidades de Pierre continuar vivo eram quase nulas.

Quando por fim Amelia Maria Garayoa me telefonou, suspirei de alívio. Na verdade, chegara a temer que as idosas se tivessem arrependido da proposta feita e tivessem decidido impedir-me de continuar a investigar.

— A minha tia pretende recebê-lo — anunciou em jeito de cumprimento.

— Qual delas?

— A minha tia Laura.

— E a sua tia Melita?

— Está muito constipada e não se sente bem.

— Ouça, gostaria que me esclarecesse uma dúvida: a Dona Amélia e a Dona Laura são irmãs? Por aquilo que li no diário da minha bisavó e segundo o que a Edurne me contou, a melhor amiga da Amélia era a sua prima Laura. Sinto-me um pouco confuso. — Tentava soar simpático.

— Provavelmente, tudo isto será demasiado confuso para si — respondeu ela, demonstrando claramente que depositava pouca confiança em mim.

— Terá de reconhecer que a existência de tantas Amelias surpreenderia

qualquer pessoa — contrapús.

— O que acontece é que uma das bisavós das minhas tias-avós se chamava Amelia, uma mulher que terá sido muito bela e estimada por toda a família. Assim, os seus netos decidiram que, quando tivessem filhas, lhes dariam o nome da avó. E foi isso que o Juan e o Armando Garayoa fizeram: deram o nome de Amelia, que era o da sua avó, às suas filhas primogênitás.

— Grande confusão!

— Talvez seja confuso para si, mas, para a nossa família, trata-se de algo bastante óbvio.

— Tanto quanto sei, terei algum parentesco com a vossa família...

— Isso ainda terá de ser provado.

— Mas cheguei até a mostrar-lhe o registo de batismo do meu avô Javier!

— Ouça, tenho as minhas dúvidas relativamente a si. Mas, além disso, e mesmo que seja neto do filho da Amelia Garayoa, por que razão surgiu de repente com essa história ridícula de que vai escrever um livro sobre a sua bisavó?

— Eu não disse que iria escrever um livro, mas sim uma narrativa, que a minha tia Marta mandará encadernar e irá oferecer a toda a família no Natal.

— Que comovedor!

O tom trocista com que Amelia Garayoa proferiu tais palavras irritou-me.

— Ouça, compreendo a sua renitência, mas fui sincero desde o início e, além disso, queira ou não queira, somos parentes.

— De modo nenhum! Está redondamente enganado. Eu e o senhor não temos qualquer laço em comum, por mais investigações que faça à procura de parentescos. Decerto não pretenderá que os Garayoa se reencontrem com os Carranza, qual telenovela...

— Nesse ponto dou-lhe razão, porque, com efeito, a história da minha bisavó parece uma verdadeira novela. Mas não, não tenho qualquer intenção de lhe propor que passemos o Natal juntos.

— Nem sequer pense na hipótese de as duas famílias virem a conhecer-se.

— Não pretendo isso, já me basta ter de lidar com a minha, quanto mais ter de suportar outra família, com a senhora incluída.

— Está a ser grosseiro!

— Não, não estou. Apenas quero dizer-lhe que concordo que o passado ao passado pertence.

— Terminemos com esta conversa inútil. A minha tia irá recebê-lo amanhã ao meio-dia. Seja pontual.

Amelia Maria Garayoa desligou o telefone sem se despedir. Definitivamente, não engraçava comigo.

No dia seguinte, compareci pontualmente em casa delas, com um ramo de rosas cor-de-rosa. A governanta acompanhou-me até à biblioteca, onde era esperado por Dona Laura.

Estava sentada e tinha um livro no regaço.

— Ainda bem que chegou, sente-se — ordenou-me, apontando para uma poltrona perto de si.

— Como está a sua irmã? — perguntei, tentando denotar preocupação na voz, enquanto lhe entregava o ramo de rosas. — Trouxe-lhe estas flores...

— A minha irmã? — perguntou, algo surpreendida.

— A sua sobrinha Amelia Maria disse-me ontem que a Dona Melita se tinha constipado...

— Ah, sim! Claro que está constipada, mas já se sente melhor, desde ontem que deixou de ter febre. Já somos muito velhas, sabe? Tudo nos afeta. Além disso, os surtos de gripe este ano chegaram em força. Mas já está melhor. Dir-lhe-ei que perguntou pelo seu estado de saúde.

Esboçou um gesto para que a governanta levasse as flores, tendo-lhe também pedido que nos trouxesse café.

— E então, o que pensa daquilo que a Edurne lhe contou? — perguntou-me sem quaisquer preâmbulos.

— Na verdade, a sua prima parece ter sido uma jovem algo imprudente, ansiosa por se tornar heroína — respondi, em jeito de síntese.

— Sim, é verdade, mas não era apenas isso. A minha prima Amélia foi sempre uma rapariga inteligente, ativa, mas teve o azar de nascer no século errado. Se tivesse nascido nos dias de hoje, teria sido uma mulher notável, poderia ter potenciado todas as suas qualidades, mas naquela altura...

— A história de partir com o tal Pierre acreditando que devia sacrificar-se pela revolução... bem, parece-me uma desculpa esfarrapada. Partiu com ele porque se apaixonou, e teria partido com ou sem revolução — concluí, perante o olhar atônito de Dona Laura.

— Jovem, parece-me que não percebeu nada. Está a julgar a Amelia com muita ligeireza. Talvez não consiga compreender... talvez não seja a pessoa mais adequada para escrever a história dela...

Era óbvio que dera um tiro no pé. Quem me tinha mandado expressar a opinião sobre a minha bisavó de forma tão direta e brusca? Tentei compor as coisas.

— Por favor, não me interprete mal! Por vezes, os jornalistas são um tanto ou quanto impulsivos; dizemos as coisas bruscamente, esquecemo-nos de ser contidos nas palavras, mas posso assegurar-lhe que, chegado o momento de escrever esta história, o farei com imparcialidade e carinho; afinal de contas, ela

foi minha bisavó.

Temí que me mandasse embora, mas nada disse. Aguardou que a governanta, que acabara de entrar, nos servisse o café.

— Bem... o senhor disse que tinha umas quantas perguntas para nos fazer. O que mais pretende saber?

— Na verdade, as senhoras é que têm de me dizer por que fios da meada devo puxar. Reconheço que, sem o vosso auxílio, seria muito difícil conseguir destrinçar a história da minha bisavó. Gostaria também que me falasse daquilo que aconteceu quando o Santiago, o meu bisavô, regressou a casa.

— Não se compadeça. O Santiago foi um homem íntegro, que, ainda que tenha sofrido com a partida da Amelia, conseguiu superar o infortúnio com muita dignidade.

— Era precisamente sobre isso que gostaria que me falasse; ao fim e ao cabo, as senhoras eram os familiares mais próximos da Amelia.

— Muito bem. Irei contar-lhe alguns pormenores, mas não se acostume a que sejamos nós a fornecer-lhe informações. Não foi isso que combinamos. Além do mais, há determinados aspetos acerca dos quais mesmo que quiséssemos nada poderíamos dizer, dado que os ignoramos. Mas, como o senhor disse, sabemos por que fios puxar. Preparei-lhe já mais algumas entrevistas.

Acomodei-me na poltrona, preparado para ouvir Dona Laura, que se mantinha agora em silêncio, como se estivesse a pensar como deveria começar.

"No dia seguinte à fuga da Amelia, a Edurne trouxe a carta que a minha prima me tinha escrito. Era um domingo, em finais de março de 1936, e estávamos todos em casa. Tenho-a aqui para lhe mostrar. Nela, a Amelia contava-me que se tinha apaixonado pelo Pierre, que não conseguia sequer pensar na possibilidade de ele partir e de não o tornar a ver, que preferiria morrer a perdê-lo. Também me suplicava que fosse eu a explicar aos seus pais e ao Santiago os motivos da sua partida; insistia que a verdadeira causa não era o Pierre, mas sim os seus próprios ideais revolucionários. Implorava pelo perdão de todos e rogava-me que fizesse os possíveis para evitar que o seu filho viesse a odiá-la. Dizia também que, um dia, iria regressar para junto do filho. E pedia-me que tomasse a Edurne a meu cargo, porque receava que o Santiago pudesse despedi-la.

Será fácil de imaginar a minha comoção quando li aquela carta. Sentia-me desolada, perdida, inclusivamente traída, porque a Amelia, para além de ser minha prima, era também a minha melhor amiga. Desde crianças que havíamos partilhado as confidências mais íntimas, sentíamos-nos mais próximas uma da outra do que das nossas respetivas irmãs.

A Edurne estava aterrorizada. Pensava, e não lhe faltavam motivos para isso,

que poderia ficar sem trabalho, que teria de regressar à herdade. Eu sentia-me ultrapassada pela situação, dado que, com 18 anos, ainda por cima naquela época, poderá certamente calcular a pouca experiência de vida que possuía, e a minha prima tinha fugido delegando em mim uma responsabilidade para a qual não me encontrava preparada. A primeira coisa que fiz foi tentar tranquilizar a Edurne e prometer-lhe que nada de mal lhe aconteceria. Aconselhei-a a regressar a casa da Amelia e que, se alguém perguntasse por ela, deveria dizer que ignorava onde estivesse. Depois, fui ter com a minha mãe, que estava a fornecer instruções à cozinheira, pois nessa noite iríamos receber visitas.

— Preciso de falar contigo.

— Não podes aguardar um pouco? Não penses que é tarefa fácil organizar um jantar para doze pessoas.

— Mamãe, é muito urgente. Preciso mesmo de falar contigo — insisti.

— As raparigas dos dias de hoje são muito impacientes! Os adultos têm de largar tudo para satisfazer os vossos caprichos. Bem... vai para a sala de estar que já irei ter contigo.

A minha mãe ainda demorou um certo tempo a vir ter comigo. Quando isso aconteceu, já eu tinha roído todas as minhas unhas.

— O que se passa, Laura? Espero que não se trate de mais um dos teus disparates.

— Mamãe, a Amelia saiu de casa.

— A tua irmã? Claro que saiu, foi visitar a sua amiga Elisa.

— Não me refiro à minha irmã Melita, mas sim à minha prima.

— Se não a encontraste em casa, certamente será por ter ido a casa dos pais ou visitar alguém. Provavelmente, estará com essa tal Lola...

— Partiu para sempre.

A minha mãe permaneceu em silêncio, tentando digerir as palavras que acabava de ouvir.

— Mas o que estás a dizer? Que disparate é esse? Bem sei que estás zangada com o Santiago devido à sua mais recente viagem... Na verdade, o Santiago deveria ser mais ponderado e não partir sem dar cavaco. Mas a Amelia já conhece o marido que tem...

— Mamãe, a Amelia deixou o Santiago.

— Mas que coisas dizes, filha! Chega de disparates!

A minha mãe ficou corada com a aflição. Sentia dificuldade em assimilar o que eu lhe dizia.

— Partiu porque... porque acredita na revolução e quer sacrificar-se em prol da construção de um mundo melhor.

— Meu Deus! Não consigo acreditar que a Lola tenha feito tamanha lavagem

ao cérebro à tua pobre prima! Vamos, diz-me onde está, telefonarei ao teu pai e teremos de ir buscá-la de imediato. Calculo que esteja em casa da Lola.

— Partiu para França.

— Para França? Como assim? Quero que me expliques o que aconteceu, como podes tu dizer que a Amelia partiu para França?...

O meu pai entrou na sala de estar alertado pelos gritos da minha mãe. Assustou-se ao vê-la a andar de um lado para o outro e a gesticular.

— Que se passa? O que aconteceu, Elena? Sentes-te mal? Espero que não tenhas provocado algum desgosto à tua mãe, Laura, ainda por cima hoje, que temos convidados para o jantar...

— Papá, a Amelia partiu para França. Abandonou o Santiago e a família, embora tenha dito que um dia regressará para junto do Javier — desabafei de uma assentada, sem contemplanções.

O meu pai ficou imóvel olhando-me fixamente, como se não conseguisse compreender aquilo que lhe dizia. A minha mãe tinha mergulhado num pranto desconsolado.

Falei-lhes da fuga da Amelia de modo vago, tentando não trair a sua confiança em mim e sem nunca me referir ao Pierre.

O meu pai ainda não conseguia acreditar que a sua sobrinha, por mais impulsiva que fosse, tivesse partido para França para tomar parte na revolução.

— Mas que revolução? — insistia ele.

— A revolução propriamente dita. Sabes bem que os comunistas pretendem levar a revolução a toda a parte... — respondi, sem grande convicção.

Durante mais de uma hora, o meu pai continuou a questionar-me sem tréguas, enquanto a minha mãe não parava de se referir à influência da Lola.

— Temos de telefonar ao Juan e à Teresa. Que grande desgosto irão ter! Quanto a ti, Laura, mostra-me a carta que a Amelia te escreveu — exigiu o meu pai.

Menti-lhes. Jurei que, com os nervos, a tinha rasgado sem me dar conta. Não poderia entregar, dado que nessa carta Amelia contava toda a verdade, ou seja, que tinha se apaixonado por Pierre.

— Não acredito em ti! — disse o meu pai, reclamando a carta.

— Juro-te que a rasguei sem me aperceber — contrapus, chorando.

Os meus tios Juan e Teresa tardaram menos de meia hora a comparecer em nossa casa. O meu pai tinha insistido com eles que era urgente que viessem. Para ele, dizer ao irmão que a sua filha tinha fugido de casa pressupunha um enorme sofrimento.

O meu pai pediu-me que lhes contasse tudo quanto sabia, e eu, entre lágrimas, lá fui dizendo o que podia.

A minha tia Teresa desmaiou e a minha mãe teve de cuidar dela, o que possibilitou que o meu pai, o meu tio Juan e eu nos refugiássemos no escritório, onde ambos insistiram comigo para que lhes contasse tudo aquilo que sabia.

Não cedi, designando a revolução como a verdadeira causa para a fuga da minha prima Amelia.

— Bem — aceitou o meu tio Juan —, sendo assim, teremos de ir a casa dessa tal Lola, que foi quem inculcou na cabeça da Amelia esses ideais extremistas. Certamente saberá onde ela está, não me parece que tenha tido tempo para chegar a França. De qualquer modo, terá de nos dizer onde a poderemos encontrar. Mas primeiro iremos a casa da Amelia. Temos de tentar impedir que a criadagem se aperceba daquilo que está a acontecer. Espero que a Edurne não tenha dito nada a ninguém.

Enquanto a minha mãe cuidava da minha tia Teresa, fui com o meu pai e o meu tio a casa da Amelia. Mas aquele não era de todo o nosso dia de sorte, já que mal chegamos fomos surpreendidos pela presença do Santiago, que tinha regressado nessa manhã da sua viagem.

Estava a falar com a Edurne ou, mais precisamente, o Santiago falava e a Edurne chorava.

Também ele ficou surpreendido ao ver-nos. Comecei a tremer. Uma coisa era ter de lidar com os meus pais e os meus tios, mas ter de enfrentar o Santiago...

O meu tio Juan estava tão nervoso quanto eu. Não iria ser fácil dizer ao Santiago que a sua esposa tinha fugido de casa.

— O que aconteceu? — perguntou ele com um tom de voz glacial.

— Podemos falar a sós? — pediu o meu tio Juan.

— Sim, claro. Vamos para o meu escritório. Quanto a ti, Edurne... continuaremos esta conversa mais tarde.

Seguimo-lo até o escritório, eu murmurando orações, pedindo a Deus que produzisse um milagre e que a Amelia regressasse a casa naquele preciso momento. Mas naquele dia Deus não me ouviu.

O Santiago instou para que nos sentássemos, mas o meu tio Juan estava tão nervoso que permaneceu em pé.

— Lamento aquilo que te vou dizer... entristece-me verdadeiramente... asseguro-te que não consigo compreender, mas...

— Dom Juan, quanto mais cedo me disser o motivo da sua vinda, melhor será — interrompeu-o o Santiago.

— Sim... claro... lamento a situação... mas não me resta outra alternativa do que informar-te que a Amelia fugiu de casa.

Agarrei a mão do meu pai como se se tratasse de uma boia de salvação, tamanha era a raiva incontida que o rosto do Santiago deixava transparecer.

— Fugiu? Para onde? Porquê? — Tentava manter o autocontrole, mas era evidente que estava prestes a explodir.

— Não sabemos... quer dizer... supostamente, terá partido para França.

— Para França! Mas que loucura é esta!? — Ele tinha elevado o tom de voz.

— A Amelia escreveu à Laura uma carta onde lhe explica tudo — conseguiu dizer o meu pai.

— Verdade? Sendo assim, vamos então ler essa carta. — Olhou-me fixamente, estendendo a mão para que eu lhe entregasse a carta da Amelia.

— Já não a tenho comigo — murmurei —, rasguei-a com os nervos.

— Pois sim! E pretendes que acredite nisso?

— É a pura verdade! — Apercebi-me de que, não obstante o meu protesto, o Santiago continuava a não acreditar em mim. A verdade é que sempre tive dificuldade em mentir.

— E o que é que a Amelia te autorizou a contar-nos? — Ele continuava a esforçar-se por manter o autocontrole.

— Que partiu para França para tomar parte na revolução, visto que lá estão mais bem preparados para ajudar a disseminar a Revolução soviética por toda a parte.

Falei de uma assentada, como se tivesse decorado tudo previamente.

— Laura, com quem partiu a Amelia? — A voz do Santiago soava rude e cortante.

Mordi o lábio até sangrar, não conseguindo impedir que se me escapassem lágrimas dos olhos.

— Responde, filha — pediu-me o meu pai.

— Não sei...

— Sei que sabes. Tu e a Edurne sabem exatamente aquilo que aconteceu, quando e com quem partiu — afirmou o Santiago.

O Dom Juan e o meu pai entreolharam-se surpreendidos, enquanto o Santiago fixava os seus olhos nos meus, ao ponto de me ver obrigada a baixar a cabeça, envergonhada.

— Laura, não estás a prestar qualquer favor à Amelia ao ocultar-nos a verdade. A tua prima, devido a más influências, cometeu um erro, mas se nos contares tudo o que sabes talvez ainda seja possível remediar a situação — insistiu o meu pai.

— A única coisa que sei é que partiu para tomar parte na revolução... — respondi, quase soluçando.

— Não digas disparates! — interrompeu-me o Santiago. — Não nos tomes por parvos. Sinto-me culpado por ter permitido à Amelia participar nas reuniões das Juventudes Socialistas de Espanha a que a Lola a levava. E mais ainda por

ter achado graça ao fato de a Edurne levar a sua militância tão a sério. A Amelia é uma revolucionária? Sim, claro, uma revolucionária que se faz acompanhar pela sua criada, para que, obviamente, a senhora não tenha sequer de se dar ao trabalho de fazer a cama.

— A Amelia partiu sem a Edurne — contrapús com alguma convicção.

— Sim, é verdade, partiu sem ela porque não lho permitiram. A Edurne contou-me que queria acompanhá-la, mas ela disse-lhe que não estava autorizada a fazer-se acompanhar por quem quer que fosse. Ao que parece, vieram contar-me aquilo que já sabia, que a Amelia fugiu de casa. Esta manhã, quando cheguei a casa, perguntei pela minha esposa e ninguém me soube dizer onde estava, mas a Edurne começou a chorar mal lhe perguntei por ela. Mais não me disse do que disparates semelhantes aos teus, Laura, que a Amelia partiu para França para participar na revolução.

Agora, o Santiago parecia cansado, como se toda a raiva que tinha estado a conter estivesse a transformar-se em resignação.

— Santiago, estamos do teu lado, dispostos a ajudar-te no que for necessário, mas gostaria que perdoasses a minha sobrinha, não passa de uma rapariga sem qualquer má-fé. — As palavras do meu pai pareceram reacender a ira do Santiago.

— Ajudar-me? E de que modo poderiam ajudar-me? Não se iluda, Dom Armando, se a Amelia realmente partiu... fê-lo com outro homem.

— Não, isso é que não! — O meu tio Juan mostrou-se ofendido com as palavras do genro. — Não permitirei que faltes ao respeito a minha filha. É verdade que a Amelia não passa de uma criança, que cometeu um erro, mas jamais partiria com outro homem! Não quero atribuir-te qualquer culpa, mas as tuas viagens sem aviso prévio não tem sido propriamente uma forma adequada de zelares pelo teu casamento.

O Santiago cerrou os punhos. Julgo que, se não fosse pela sua educação refinada e, sobretudo, por ser um homem que sabia manter o autocontrole, teria agredido o meu tio Juan.

— Parece-me que a Amelia apenas abandonaria o filho e a mim por uma grande paixão. Abandonar o Javier devido unicamente à revolução? Não, o senhor não a conhece. É verdade que nunca se comportou como uma mãe dedicada, mas sei que o ama. Quanto a mim... também pensava que me amava.

— Estávamos a pensar ir a casa da Lola — interveio o meu pai —, gostaria que viesses connosco.

— Não, não, Dom Armando, não irei convosco. Não irei trazê-la de volta. Se saiu de casa, ela saberá as razões por que o fez e terá de assumir as consequências.

— Mas trata-se da tua esposa! — replicou o meu tio Juan.

— Uma esposa que me abandonou.

— Uma atitude estranha vinda de ti, tendo em conta que acabas de regressar de viagem e, quando partiste, nem sequer te despediste dela!

O Santiago encolheu os ombros. Para ele, era perfeitamente natural partir e regressar sem fornecer quaisquer explicações, como se fosse uma característica intrínseca pela qual não tinha de se justificar.

— Gostaríamos que viesses connosco a casa da Lola — insistiu o meu pai.

— Já lhe disse que não, Dom Armando. Quanto a ti, Laura...

Nada mais me disse, mas fez-me sentir como uma malvada.

Foi de coração destroçado que saímos de casa do Santiago. Não tínhamos conseguido falar com a Edurne, o que me satisfaz, dado que ignoro se teríamos conseguido manter-nos fiéis à nossa versão se nos tivessem pressionado a ambas.

Indiquei-lhes onde a Lola vivia. Caminhamos em passo acelerado até à rua Toledo, até chegarmos à casa que a Lola partilhava com o Josep e onde vivia com o seu filho Pablo.

A Lola morava numas águas-furtadas, às quais chegamos subindo umas escadas mal iluminadas. Eu tinha estado naquela casa apenas numa ocasião, na companhia da minha prima. Na verdade, nem eu nem a Lola morríamos de amores uma pela outra, de forma que costumávamos dar mostras de uma frieza mútua que entristecia a Amelia. Ela teria gostado que nos tornássemos amigas e, sobretudo, de partilhar comigo aquilo que fazia com a Lola.

A campainha estava avariada, pelo que o meu tio Juan bateu à porta. Quem abriu foi o Pablo, o filho da Lola. O rapazinho estava constipado e parecia febril.

— O que desejam?

— Pablo, estamos à procura da Amelia — consegui dizer, antes de o meu tio ou o meu pai se anteciparem.

— A Amelia foi-se embora com o Pierre, partiram de comboio ontem à noite — informou-nos.

O meu tio empalideceu ao ouvir o que o rapaz acabava de dizer.

— Podemos entrar? — perguntou, afastando-o da porta e entrando.

O Pablo encolheu os ombros, enquanto me fitava como se toda aquela situação o incomodasse.

— Mas nem minha mãe nem Josep estão em casa.

— Quem é Josep? — perguntou meu tio Juan.

— É meu pai.

— E o trata por Josep? — A pergunta do meu tio não pareceu surpreendê-lo.

— Sim, todos o tratam por Josep, mas às vezes também o chamo papai,

depende das circunstâncias.

Nesta altura, estávamos já na pequena divisão que servia simultaneamente de sala e de quarto de dormir do Pablo. Aquelas águas-furtadas possuíam unicamente duas assoalhadas: uma era aquela em que nos encontrávamos; a outra, ainda mais pequena, era o quarto onde a Lola e o Pablo costumavam dormir quando o Josep não estava, contando também com uma cozinha minúscula, iluminada pela luz de uma claraboia. Não dispunham de casa de banho; tal como os restantes vizinhos, tinham de recorrer a uma retrete instalada no patamar das escadas.

O meu tio Juan procurou com o olhar uma cadeira onde pudesse sentar-se. O meu pai e eu permanecemos em pé, enquanto o Pablo se sentava numa outra cadeira, aguardando que lhe disséssemos o que pretendíamos.

— Bem... queremos que nos digas precisamente onde está a Amelia.

— Já disse: em França, com o Pierre.

— E quem é o Pierre? — insistiu o meu tio.

— O namorado da Amelia... bem, não sei se é namorado, visto que a Amelia está casada, mas, se não for isso, é algo parecido. Gostam um do outro e a Amelia vai ajudá-lo.

O meu tio Juan começou a suar, enquanto o meu pai, atônito perante aquilo que ouvia do Pablo, decidiu sentar-se.

— Pablo, não digas isso... A Amelia e o Pierre são apenas amigos. A Amelia vai ajudá-lo a fazer a revolução — intervim eu, olhando para o Pablo angustiada, tentando dizer-lhe com os olhos que não dissesse nem mais uma palavra.

— Cala-te! — O tom de voz do meu pai interrompeu-me secamente. — Quanto a ti, meu rapaz — acrescentou —, vais contar-nos tudo aquilo que sabes.

De repente, o Pablo pareceu ficar assustado e percebeu que já tinha falado mais do que devia.

— Eu não sei nada! — conseguiu dizer, angustiado.

— Claro que sabes! E vais contar-nos tudo. — O meu pai tinha-se levantado, estacando à frente do rapaz, que o fitava assustado.

— Quanto mais cedo nos contares o que sabes, mais depressa partiremos — encorajou-o o meu tio Juan.

— Mas eu não sei nada! Por favor, Laura, diz-lhes para me deixarem em paz. Baixei o olhar, envergonhada. Nada podia fazer ou dizer, nem o meu tio nem o meu pai me permitiriam intervir para evitar que o rapaz falasse.

— A minha mãe diz que não sou um escravo, que não tenho de me humilhar perante os capitalistas de merda — disse ele, tentando autovalorizar-se.

— Se não nos contares aquilo que sabes, levar-te-emos à esquadra e a polícia irá procurar a tua mãe. Veremos depois o que poderá acontecer — ameaçou o

meu pai.

O Pablo, com os olhos cada vez mais brilhantes devido à febre e ao susto, começou a choramingar.

— A minha mãe é uma revolucionária e, agora, não são os fascistas que governam. — Esta foi a sua última tentativa para não ceder.

— Bem... vamos à esquadra. Tanto quanto sei, a tua mãe tem algumas questões por resolver com a polícia e, por mais revolucionária que seja, a lei é igual para todos — afirmou o meu pai.

O Pablo tornou a procurar o meu olhar, pedindo-me auxílio, mas eu nada podia dizer, ainda que rezasse para que o rapaz não lhes fornecesse qualquer pista que pudesse impedir a fuga da Amelia.

— A Amelia esteve aqui ontem à noite, o Pierre estava à espera dela. Disseram que iam apanhar o comboio, que primeiro iriam para Barcelona e depois para França.

— Para Barcelona? — perguntou o meu tio Juan.

— O Pierre tem de se encontrar com uns amigos do meu pai — conseguiu o Pablo dizer.

— Onde vive o teu pai? — quis saber o meu tio Juan.

— Numa rua na zona de Ensanche.

— E qual é o apelido do teu pai? — insistiu o meu tio.

— Soler.

— Diz-me quem é o Pierre. — Agora, o meu pai tinha já suavizado o tom de voz, numa tentativa de acalmar o rapaz.

— É um revolucionário de Paris amigo dos meus pais. Trabalha para levar a revolução a toda a parte e está a ajudar-nos.

— Namora com a Amelia? — O meu pai colocou-lhe a questão sem olhar para mim ou para o meu tio Juan.

— Sim — balbuciou o Pablo. — Ontem, quando a Amelia chegou, beijaram-se. Ela estava a chorar muito, mas ele prometeu-lhe que nunca se arrependeria de partir com ele. O Pierre beijava-a a todo o instante, e a Amelia fazia o mesmo. Beijavam-se como os meus pais se beijam... A Amelia disse-lhe que ficaria junto dele até à morte.

Comecei a tossicar. Era uma tosse nervosa, apenas queria que o Pablo se calasse, que não dissesse mais nada, que o meu pai e o coitado do meu tio Juan não tivessem de continuar a ouvir tais coisas.

O meu tio Juan estava tão pálido e com o corpo tão rígido que mais parecia um cadáver. Ouvia o Pablo com os olhos esbugalhados, e neles via-se não apenas sofrimento, mas também vergonha e estupefação. Como poderia ele imaginar a Amelia a beijar outro homem que não o marido? Seria possível que

se tivesse comprometido com outro homem com juras de amor eterno? Aquilo que ouvia parecia-lhe uma impossibilidade, como se se tratasse de uma estranha e não da própria filha. Parecia agora aperceber-se de que não a conhecia, de que a mulher de que falavam não tinha qualquer relação com a sua filha mais velha, sangue do seu sangue.

O meu pai aproximou-se dele, instando-o para que fôssemos embora. Foi com dificuldade que o meu tio conseguiu levantar-se. Parecia um autômato. O meu pai pegou-lhe no braço, ajudando-o a encaminhar-se até à porta. Saíram sem se despedirem do Pablo.

— Amanhã, vou para Barcelona — disse-me o rapaz, em jeito de despedida.

— Para Barcelona? E estarás com a Amelia? — perguntei-lhe em voz baixa.

— Não sei, mas a minha mãe disse-me que vamos viver com o meu pai. Está muito feliz. Eu tenho pena de sair de Madrid, ainda que aqui não podemos contar com ninguém. É verdade que vive cá a minha avó, mas a minha mãe não se dá bem com ela.

— Se vires a Amelia, diz-lhe... diz-lhe... diz-lhe que seja muito feliz e que gosto muito dela.

O Pablo assentiu sem dizer palavra. Apressei-me a sair, para alcançar o meu pai e o tio Juan.

Regressados a casa, a minha tia Teresa continuava a chorar. A minha mãe tinha-lhe dado duas chávenas de chá de tília e um copo de Agua del Carmen, mas nada a conseguia tranquilizar. A minha mãe tinha telefonado à minha prima Antonietta, que estava agora sentada, muito séria, sem dizer palavra.

— Encontraram-na? — perguntou a minha mãe, impaciente.

O meu pai contou-lhe sem grandes pormenores que tínhamos estado com o Santiago e, depois, na casa da Lola e que, supostamente a Amélia tinha partido para Barcelona, embora depois seguisse para França.

A tia Teresa chorou ainda mais intensamente, desconsolada, ao ouvir estas novas notícias, apenas conseguindo implorar para que lhe devolvessem a sua filha.

Ignorávamos o que pudéssemos fazer ou dizer. Aquele foi o dia mais longo da minha vida.

A meio da tarde, o meu pai, a Melita e eu acompanhamos os meus tios e a minha prima até casa deles. Estávamos desconsolados, mas a minha mãe tinha decidido que não poderia cancelar o jantar daquela noite, já que entre os convidados estava um casal e dois dos seus filhos, um deles interessado na minha irmã Melita, e sabíamos que, nessa noite, ele iria pedir permissão para a cortejar.

Eu teria ficado de boa vontade com os meus tios e a Antonietta, mas eles

optaram por ficar sozinhos.

O jantar foi um pesadelo. O meu pai estava distraído, a minha mãe, nervosa e, quanto à minha irmã, emocionada por aquilo que tinha acontecido, mal prestava atenção ao seu pretendente. Diga-se que o rapaz não se sentiu desanimado por um clima tão invulgar e, incentivado pelo seu pai, acabou por pedir permissão ao meu pai para encetar um relacionamento com a minha irmã. O meu pai concedeu-a sem demonstrar qualquer entusiasmo. Anos depois, acabamos por contar ao Rodrigo o que tinha acontecido naquele dia. Ainda que não seja pertinente para esta história, poderei dizer-lhe que, pouco depois do início da guerra civil, o Rodrigo se casou com a minha irmã Melita.

Na manhã seguinte, a Edurne apresentou-se em minha casa de mala na mão. O Santiago tinha-lhe dado uma generosa quantia para que pudesse regressar à herdade, para junto da mãe e dos avós.

— Não posso regressar, menina Laura. A minha mãe mata-me se Vier a saber que o Dom Santiago me despediu.

— Não tens qualquer culpa naquilo que aconteceu, a tua mãe irá compreender — retorqui, ainda que pouco convicta.

— Em nossa casa, necessitam do dinheiro que ganho. Os rendimentos da herdade mal chegam para o sustento, e além disso a minha mãe está a fazer-me o enxoval, na hipótese de um dia me casar.

— O enxoval pode esperar — replicou a minha mãe — e, na herdade, sempre poderás ajudar em alguma coisa. Além do mais, o teu irmão Aitor detém um cargo confortável no PNV. A minha cunhada Teresa disse-me que o têm em muito boa consideração.

— Ai, Dona Elena, a senhora não conhece a minha mãe! Ela pediu-me que me comportasse como ela sempre fez com a família Garayoa, e bem vê aquilo que fiz.

A Edurne chorava desconsolada e pegava na minha mão suplicando-me que não a abandonasse. Eu debatia-me entre aquilo que a minha prima Amelia me havia pedido, que tomasse a Edurne a meu cargo, e o peso da responsabilidade que estava prestes a assumir. A lealdade para com a minha prima levou a melhor.

— Mamãe, posso falar contigo a sós por uns instantes?

A minha mãe fitou-me desconfiada. Conhecia-me muito bem e sabia o que lhe iria pedir, mas optou por se fazer de desentendida.

— Ouve, Laura, não tenho tempo a perder, estamos a braços com demasiados problemas...

— Mas serão só uns meros instantes! — supliquei.

Sáímos da sala e refugiamo-nos no meu quarto. Naquele momento, já a minha mãe dava mostras de estar de muito mau humor.

— Laura, tens de ser sensata — começou por dizer, mas não a deixei prosseguir.

— Que queixas tens de mim? Alguma vez te desiludi?

— Nunca, querida, nunca, mas tens de perceber que não podemos acolher a Edurne, que é precisamente aquilo que pretendes pedir-me.

— Mas, mamãe, ela não pode regressar à herdade! Conheces perfeitamente o mau feitio da Amaya...

— A Amaya sempre foi uma criada leal. Fosse a Edurne como a mãe e não se teria envolvido em problemas nem teria deixado que lhe enchessem a cabeça com disparates sobre a revolução.

— Imploro-te, fala com o papá!

— Não somos ricos, não podemos sustentar mais uma boca nesta casa. Será que não te apercebes do estado de coisas? A situação política está instável: há greves, vandalismo, alguns loucos estão a assaltar conventos. Não sei o que poderá acontecer... O teu pai é otimista por natureza, apoia o Dom Manuel Azana, tal como o seu irmão Juan, mas parece-me que o Azana não irá conseguir apaziguar os ânimos...

— De nada me interessa a política! Apenas quero ajudar a Edurne! E não me digas que não conseguimos arranjar-lhe um cantinho nesta casa. Pode dormir no quarto da tua criada, certamente que a Remédios não se importará. Além disso, já vai tendo uma certa idade, ficará satisfeita que a ajudem.

— Não pode ser! Não quero uma criada comunista, não quero problemas na minha casa. Basta já aquilo que aconteceu com a tua prima Amelia.

O meu pai bateu suavemente à porta. Tinha ouvido a voz alterada da minha mãe.

— Vou para o escritório, estarei de regresso para almoçar. Mas o que se passa?

— A tua filha pretende que acolhamos a Edurne em nossa casa, dado que o Santiago a despediu.

— Por favor, papá!

— Aquilo que podemos fazer é falar com os teus tios, eu própria irei ter com a Teresa e explicar-lhe-ei a situação. Deveriam ser eles a acolher a Edurne. Bem vistas as coisas, a Edurne é filha da Amaya, que serviu naquela casa durante anos. Eles saberão o que fazer.

A minha mãe mostrava-se mais teimosa do que uma mula.

— Não me parece que seja boa ideia — disse o meu pai, surpreendendo-me tanto quanto à minha mãe.

— E porque não? Diz-me, Armando, porque não? A Edurne não é um problema nosso.

— A Amelia é minha sobrinha e aquilo que fez também tem consequências para nós, não podemos voltar as costas como se nada tivesse acontecido. Tenta perceber, Elena, como seria penoso para meu irmão e para Teresa acolherem Edurne. Está claro que o fariam Por uma questão de sentido da responsabilidade, mas a sua presença representaria uma recordação permanente do drama que agora têm de enfrentar. Não, não quero que o meu irmão e a minha cunhada sofram mais ainda. A Laura tem razão, não podemos abandonar essa rapariga ingênua.

— É comunista — retorquiu a minha mãe, parecendo cuspir a palavra "comunista".

— Julgas que a Edurne sabe mesmo o que é o comunismo? E, ainda que assim fosse, por que razão não o poderia ser? O que lhe deu a vida que a pudesse levar por outro caminho?

— Deveria ficar agradecida à tua família por tudo aquilo que fez por ela. Trataram-na como se fosse da família, tal como já o haviam feito com a sua mãe...

— Agradecida? Não, Elena, as coisas não podem ser vistas dessa forma. Foi tratada como um ser humano, e ninguém tem de ficar agradecido por ser tratado como aquilo que é. A Edurne desempenhou bem o seu cargo, tal como a Amaya o fez. Nada nos devem.

— Como podes falar assim?! Por vezes, também tu me pareces comunista.

— Então, Elena, não exageres! Não confundas comunismo com justiça. É esse o grande problema deste país, por isso se chegou ao presente estado de coisas. O povo tem sido escravizado e, agora, são muitos os que se admiram por estar a reclamar aquilo a que tem direito.

— E para tal terão de queimar-se igrejas? Achas justo que os camponeses ocupem as quintas? Não lhes pertencem!

— Ouve, não vamos prosseguir com esta discussão, tenho de ir para o escritório e ainda quero passar pela casa do meu irmão Juan, para verificar como se encontra. A fuga da Amelia representou para eles uma tragédia, é nosso dever dar-lhes apoio.

A firmeza do meu pai fez a minha mãe soçobrar.

— E o que pretendes que façamos?

— Para já, a Edurne ficará em nossa casa, pelo menos provisoriamente. Acomoda-a onde achares mais conveniente e dá-lhe trabalho.

— Não quero que contamine as minhas filhas com as suas ideias...

— Elena, não insistas e faz o que te disse — sentenciou o meu pai. — Quanto a ti, Laura, espero que te comportes com sensatez»!

— Sei bem como te sentias próxima da tua prima, mas terás de reconhecer

que se portou mal, mesmo muito mal, com todos nós: com o seu marido, o seu filho e até mesmo contigo. Não quero que saias com a Edurne aonde quer que seja sem a autorização da tua mãe. Nesta família, a política já provocou desgostos suficientes.

— Prometo-te que nunca te desiludirei, papá.

— Assim o espero. A tua irmã Melita é mais sensata. Possui o mesmo nome da tua prima, Amelia, mas talvez a circunstância de lhe termos acrescentado Maria por segundo nome a tenha tornado diferente.

— Que disparate! O que é que os nomes podem ter a ver com aquilo que aconteceu? — observou a minha mãe.

Aquela discussão entre os meus pais terminou com a decisão de a Edurne ser acolhida em nossa casa. A sua estadia, que deveria ser provisória, tornou-se permanente. Desde então, a Edurne esteve sempre comigo, até hoje.»

Dona Laura suspirou. As recordações pareciam angustia-la, passando a mão pela cabeça como se tentasse afugentá-las.

— Talvez o senhor consiga reconstituir, através da sua própria família, o que sucedeu ao Santiago a partir de então. Afinal de contas, é seu bisavô. Ele cortou o contato com os Garayoa para sempre.

— Nunca mais o viram? — perguntei, desconcertado.

— Nunca mais quis saber de nós. Suponho que a nossa presença lhe recordaria permanentemente a humilhação que sentia por ter sido abandonado pela Amelia. Nunca nos permitiu visitar o Javier, nem sequer os meus tios, que não deixavam de ser os avós da criança.

— Que atitude tão radical! E o Dom Juan e a Dona Teresa aceitaram isso?

— Não tiveram outra solução! Sentiam-se envergonhados, culpavam-se pelo comportamento da Amelia. Não queriam que a sua presença acrescentasse ainda mais sofrimento àquele que o Santiago já tinha de suportar e, na verdade, não quiseram impor-lhe a sua presença. O Santiago cancelou todas as relações comerciais com o meu tio Juan, e posso assegurar-lhe que isso foi para ele um rude golpe.

— Os meus tios tinham ficado praticamente arruinados após o encerramento do negócio na Alemanha; portanto, perder o apoio dos Carranza representou um revés do qual o meu tio Juan nunca recuperaria. Depois, veio a guerra e as coisas pioraram ainda mais. Foram tempos difíceis para todos. Bem... agendei-lhe um encontro para que possa prosseguir a sua investigação.

— Sim? E com quem? — perguntei, sem procurar dissimular o meu interesse.

— Com Pablo Soler.

— O filho da Lola?

— Sim, o filho da Lola. Mas, como o senhor é jornalista, saberá certamente quem é o Pablo Soler.

— Eu? Não faço a mínima ideia. E porque deveria saber?

— Porque ele é historiador, escreveu vários livros sobre a guerra civil e, nos últimos anos, tem participado em debates televisivos e escrito artigos na imprensa.

— Sim, o nome diz-me qualquer coisa, mas na verdade nunca me interessei muito por conhecer os segredos da guerra. Foram publicados tantos livros nos últimos anos, foram abertas tantas polémicas... Tudo aquilo foi uma selvajaria, e eu confesso que dispenso selvajarias.

— Uma atitude estúpida.

— Caramba, Dona Laura, a senhora não é comedida nas palavras.

— Desconhecer a história fá-lo sentir-se melhor? Julga que os fatos não ocorreram por não os conhecer?

— Pelo menos, tento manter-me à margem de qualquer tipo de polémicas.

— Uma atitude incompreensível para um jornalista.

— Nunca afirmei ser bom jornalista — defendi-me.

— Bem, terminemos esta discussão. Tome, aqui tem o telefone do Pablo Soler. Falei com ele e aceita recebê-lo. Terá de se deslocar a Barcelona.

— Irei telefonar-lhe já de seguida. Assim que marcarmos um encontro, partirei de imediato.

— Sendo assim, nada mais temos para falar, pelo menos por enquanto.

Dona Laura levantou-se com dificuldade. Parecia-me que envelhecia de dia para dia, mas não me atrevia a oferecer-lhe ajuda para se erguer. Sabia que a teria rejeitado. Apercebia-me de que, não obstante a sua idade avançada, as Garayoa gostavam de se sentir autónomas, independentes.

2

Mal cheguei a casa, comecei a escrever tudo o que Dona Laura me havia contado. Tinha as informações frescas na memória e não queria esquecer-me de nenhum detalhe.

Estive a escrever até de madrugada, na companhia de uma garrafa de uísque. O dia estava já a nascer quando me deitei, e dormi como uma criança até que o toque do telemóvel, que pousara sobre a mesa de cabeceira, me trouxe de regresso à realidade.

— Olá, filho, como estão a correr as coisas?

— Ouve, mãe, podias perfeitamente ter telefonado um pouco mais tarde!

— Mas são já duas da tarde. Não me digas que ainda estavas a dormir?

— Pois, era precisamente isso que estava a fazer, trabalhei até tarde. Ontem, contaram-me muitas coisas acerca da bisavó e não queria esquecer-me de nada.

— Era sobre isso que queria falar contigo. Ouve, Guillermo, estou preocupada. Parece-me que estás a levar demasiado a sério a incumbência da tua tia Marta, que estás a sacrificar a tua profissão. Bem sei que ela te paga generosamente. Escrever sobre a bisavó pode certamente representar um bom passatempo, mas não devia fazer-te desviar daquilo que é mais importante, ao ponto de deixares de procurar trabalho na tua área do jornalismo.

Sentia a cabeça a zunir, mas sabia que, se a minha mãe tinha preparado um sermão, nada a deteria, pelo que decidi render-me desde logo.

— Bem satisfeito ficaria se conseguisse um bom emprego. Pensas que não estou a fazer todos os possíveis para o conseguir? Mas ninguém me oferece trabalho, mamãe. A direita não confia em mim porque me considera "vermelho»; a esquerda também não, porque não sou seguidista... de modo que as oportunidades escasseiam.

— Então, Guillermo, não pintes um quadro tão negro. És um bom jornalista. Além do mais, falas perfeitamente inglês e francês e até bastante bem o alemão.

É impossível que, com o teu valor, ninguém te proponha trabalho.

— Mamãe, para ti tenho muito valor, mas para eles não.

— Mas as empresas jornalísticas não pertencem aos políticos.

— Não, mas é como se pertencessem. Uns traficam influências em algumas e os outros nas restantes. Não ouves rádio? Não vês televisão?

— Guillermo, não sejas casmurro e ouve-me!

— Mas é o que estou a fazer, a ouvir-te! Sei que te é difícil compreender como funciona o mundo jornalístico, mas acredita em mim quando te digo que as coisas são assim.

— Promete-me que continuarás a tentar encontrar emprego.

— Está prometido.

— Muito bem. Quando vens visitar-me?

— Não sei, deixa-me levantar-me e organizar-me. Telefono-te mais tarde, pode ser?

Superado o choque da conversa com a minha mãe, tomei um duche para descontraír. As tēmporas latejavam-me e sentia um nó no estômago. O uísque fizera estragos.

Espreitei para dentro do frigorífico e retirei um pacote de sumo e um iogurte, o suficiente para me sentir com alguma energia antes de telefonar a Pablo Soler. Obviamente, naveguei primeiro na internet, a procura de informação sobre ele. Para minha surpresa, descobri que o professor Soler era um historiador reputado, tendo lecionado na Universidade de Princeton e regressado a Espanha, com todas as honras e louvores, em 1982. Possuía mais de uma vintena de livros publicados e era considerado uma autoridade no respeitante à guerra civil espanhola.

Marquei o número de telefone que Dona Laura me entregara.

— Estou a falar com o Dom Pablo Soler?

— É o próprio.

— Dom Pablo, chamo-me Guillermo Albi Carranza. O seu contato foi-me fornecido pela Dona Laura Garayoa. Julgo saber que ela terá já falado consigo acerca da investigação que estou a levar a efeito.

— Assim é.

O homem não parecia muito falador, pelo que decidi continuar a falar.

— Se não for um incômodo, gostaria de encontrar-me consigo para que me esclarecesse algumas questões acerca da Amelia Garayoa, que, não sei se a Dona Laura o informou, era minha bisavó.

— Informou-me, sim.

— Sendo assim, quando teria disponibilidade para me receber?

— Amanhã às oito horas em ponto.

— Da noite?

— Não, da manhã.

— Ah! Bem... pois... dê-me o seu endereço que aí estarei.

Lamentei-me por tanta má sorte. Teria gostado de recuperar das escassas horas de sono e dos efeitos do uísque, mas não me restava outra alternativa senão meter meia dúzia de coisas num saco e dirigir-me para o aeroporto, para embarcar na primeira ligação para Barcelona. Menos mal que a tia Marta não estava a contar os tostões, dado que teria de pernoitar em Barcelona e, no estado em que me encontrava, não estava disposto a ficar num hotel com menos de quatro estrelas.

Pablo Soler revelou-se um idoso alto, magro, muito robusto para a sua idade. Ainda que já tivesse passado dos oitenta anos, mantinha uma agilidade surpreendente. Foi ele próprio quem me abriu a porta de sua casa, uma vivenda localizada numa zona residencial de Barcelona.

Grande comunista me saiu!, pensei ao entrar naquela grande casa, decorada com elegância. Nas paredes, consegui distinguir um Móm-pó, dois desenhos de Alberti, um Miró... ou seja, uma fortuna despendida em decoração.

— Interessa-se por pintura? — perguntou-me ao ver-me a observar os quadros.

— Confesso que sim. Sou jornalista, mas hesitei se deveria ou não seguir belas-artes.

— E por que não o fez?

— Para não morrer de fome. Sei que careço do talento necessário para produzir trabalhos grandiosos, ainda que, como jornalista, as coisas também não estejam a correr melhor.

Pablo Soler conduziu-me até ao seu escritório, cujas paredes estavam revestidas de cima a baixo por estantes repletas de livros. O retrato de uma jovem ocupava o único espaço na parede onde não havia livros. Distraí-me ao olhar para o quadro, porque a jovem nele retratada parecia mulata.

— É a minha esposa — esclareceu-me.

— Ah! — Foi a única coisa que consegui dizer.

— Bem, vamos então ao assunto que o trouxe aqui. Diga-me o que pretende.

— A Dona Laura ter-lhe-á dito que...

— Sim, sim — interrompeu-me —, já sei que está a tentar reconstituir a vida da Amelia.

— Sim, é precisamente isso que estou a tentar fazer. Era minha bisavó, mas na nossa família nada sabemos sobre ela, foi sempre uma temática proibida. Trouxe comigo uma cópia de uma fotografia antiga. Consegue reconhecê-la?

Pablo Soler observou a fotografia demoradamente.

— Foi uma mulher muito bela — murmurou.

Pegou num pequeno sino, que agitou e fez tinir. De imediato apareceu uma criada filipina, impecavelmente trajada. Não conseguia deixar de me sentir desconcertado, na medida em que o tinha por revolucionário. Pediu que nos trouxesse café, o que eu lhe agradecia, Porque, normalmente, às oito da manhã não costumo sentir-me na melhor das formas.

— Por onde quer que comece? — perguntou-me sem mais conversa.

— Tinha pensado perguntar-lhe se o senhor viu a Amelia precisamente aqui, em Barcelona, quando ela fugiu com o Pierre. Por aquilo que a Dona Laura me contou, nessa mesma altura, a sua mãe e o senhor terão passado a viver aqui. Assim, se pudesse informar-me sobre quem o Pierre era realmente...

— O Pierre Comte era agente do INO.

— E o que é isso? — perguntei estupefato, dado que nunca ouvira tal sigla.

— Serviços Secretos Estrangeiros, uma secção da NKVD, que por sua vez derivou da Cheka, criada em 1917 por Félix Dzerzhinsky. Sabe do que estou a falar?

Pablo Soler fitava-me com curiosidade, de tão embasbacado que fiquei perante tal revelação. Acabava de saber que a minha bisavó tinha fugido com um agente soviético como quem parte numa viagem turística.

— Sei quem foi o Félix Dzerzhinsky, um polaco encarregado dos serviços de segurança do Lenine e que acabou por implementar a Cheka, um serviço policial criado com o objetivo de perseguir os contrarrevolucionários.

— Se quer colocar as coisas desse modo... A Cheka foi aumentando o seu poder e âmbito de intervenção, passando a designar-se GPU, as siglas de Diretório Político do Estado, e, seguidamente, OGPU, que significa Diretório Político Unificado do Estado. Até que, em 1934, foi integrado na NKVD. Mas certamente lhe soará mais familiar a sigla KGB, designação adotada a partir de 1954. Naquela altura, a NKVD estava organizada como um autêntico ministério. Dela tudo dependia: a polícia política, a guarda fronteiriça, a espionagem externa, os gulag. E, integrado na NKVD, o INO era constituído por um verdadeiro exército de agentes que atuavam na sombra e em todas as partes do mundo. Os seus operacionais eram temíveis.

— A minha bisavó não fazia por menos!

— Quando a Amelia fugiu com o camarada Pierre, não fazia a mínima ideia de que ele se dedicava a tais atividades. Nem o Josep nem a Lola lhe tinham contado o que quer que fosse sobre ele, à exceção de ser um livreiro de Paris e um camarada comunista. Eles próprios desconheciam que o Pierre era um agente soviético. E isto apesar de tanto o Josep quanto a Lola serem comunistas convictos, capazes de fazer qualquer coisa que lhes fosse pedida.

— Julgava que a sua mãe era socialista.

— E foi-o inicialmente, mas acabou por se tornar militante comunista. Ela não apreciava as meias-medidas. A Lola tinha uma personalidade muito forte.

— É estranho que se refira aos seus pais pelo nome próprio...

— Torna-se conveniente distanciarmo-nos quando pretendemos abordar fatos históricos. Mas, no meu caso, comecei a pensar neles como Josep e Lola a partir da adolescência. Sim, eram inabalavelmente comunistas, nada nem ninguém teria conseguido fazê-los vacilar nas suas convicções. Eram formidáveis. Sabe uma coisa? Nunca deixei de os admirar pela fé que depositavam na sua causa, pela sua honradez, pelo seu sentido de lealdade e de sacrifício, mas também nunca escamoteei a sua cegueira.

— Perdoe-me, professor, mas vou fazer-lhe uma pergunta que talvez lhe soe impertinente: o senhor é comunista?

— Julga que teria conseguido lecionar na Universidade de Princeton se o fosse? Já me bastaram os meus pais... Não, não sou comunista e nunca me identifiquei com tais ideais, com esse imaginário ingênuo do paraíso. Rebelei-me contra os meus pais, o que é vulgar num jovem. No meu caso, fi-lo por questões pessoais, sobretudo no que respeita à minha mãe, mas naquela altura eu não passava de um miúdo que adorava o pai, sentindo por ele uma admiração sem limites. Se quer realmente saber aquilo que penso, irei sintetizá-lo: abomino todos os "ismos». Comunismo, socialismo, nacionalismo, fascismo... Definitivamente, tudo o que possua em si o gérmen do totalitarismo.

— Mas identificar-se-á certamente com alguma ideologia...

— Sou um democrata que acredita nas pessoas, nas suas ações e na sua capacidade para seguir em frente, independentemente de quaisquer tutelas políticas ou religiosas.

— Sendo assim, foi uma espécie de ovelha negra para os seus Pais...

— Como assim?

— É uma expressão coloquial. Calculo que todos os filhos acabem por desiludir os pais, nunca seremos aquilo que eles sonharam que viríamos a ser.

— No meu caso, posso assegurar-lhe que assim foi.

— Perdoe a minha indiscrição, tentarei não tornar a interrompê-lo.

Pablo deu início ao seu relato.

"O Josep admirava o Pierre. Julgo que, ainda que ignorasse tratar-se de um agente soviético, pelas suas idas e vindas e pela colaboração com a Internacional Comunista, conseguia aperceber-se da sua importância, sobretudo porque era evidente que o Pierre se dedicava à recolha de informações. Tudo lhe interessava, desde o modo de organização dos comunistas espanhóis até aos movimentos trotskistas, passando pela força da CNT, dos socialistas ou do

governo do Azana. Por vezes, em conversa, deixava escapar que tinha falado com um político da esquerda ou que tinha jantado com um jornalista reputado.

Pierre tinha o melhor dos álibis: livreiro, especializado em livros raros e antigos. A sua livraria em Paris era uma referência para qualquer pessoa que procurasse uma edição rara, um incunábulo, ou livros censurados. Isso permitia-lhe viajar pelo mundo inteiro e relacionar-se com as personalidades do universo cultural, sempre preocupadas e abertas às novidades, inclusivamente as ideológicas. De modo que a ninguém surpreendia que, de tempos a tempos, este livreiro se deslocasse a Espanha e permanecesse algum tempo em Madrid ou Barcelona, sem deixar de visitar também outras grandes cidades espanholas.

Eu era criança quando o conheci. Achava piada ao fato de ele falar espanhol com sotaque francês. Também falava inglês e russo, dado que a sua mãe era de origem russa, casada com um francês. O pai do Pierre partilhava da mesma ideologia do filho, mas a mãe agradecia a Deus por ter deixado para trás a revolução, já que muitos dos seus familiares haviam desaparecido misteriosamente, vítimas da política repressiva do Stalin.

Assim era o Pierre, um homem que as mulheres consideravam irresistível, por ser galante e, sobretudo, porque as ouvia, o que era bastante invulgar numa época em que os homens, revolucionários incluídos, não eram tão subtis como o são hoje. Mas o Pierre tinha convertido o saber ouvir numa arte, nada havia que não lhe interessasse, nunca desvalorizava um acontecimento ou informação à partida insignificantes. Parecia assimilar tudo o que lhe contavam, armazenando as informações no cérebro à espera de um dia em que viessem a revelar-se úteis. Por vezes, a minha mãe acusava o Josep de não ser capaz de a ouvir como o Pierre, e isto apesar de o meu pai também ter cultivado o dom de saber ouvir, tendo sido assim que conseguiu convencer a Amelia acerca dos benefícios da revolução.

Amelia apaixonou-se pelo Pierre sem querer. Ele era muito bonito, para além de ser diferente da maioria dos homens. Vestia-se sem grandes preocupações, ainda que sempre com elegância. Extravasava simpatia e boa disposição e era extremamente culto, sem nunca cair no pedantismo.

Com efeito, estive com a Amelia e o Pierre em Barcelona no início do mês de abril de 1936. A minha mãe e eu chegamos dois dias depois deles. O meu pai tinha determinado que fôssemos viver com ele. Tinha conseguido um trabalho para a minha mãe como costureira na casa do seu patrão.

As águas-furtadas onde o meu pai vivia eram mais espaçosas do que aquelas em que morávamos em Madrid. Dispunham de três assoalhadas, cozinha e, inclusivamente, uma pequena casa de banho, o que para a época era um luxo. Situava-se no último andar da casa do patrão do meu pai. Tinha-as cedido para

que o Josep pudesse estar sempre disponível, dia e noite, no caso de ter de sair de imprevisto ou de levar a senhora a determinado sítio. Antes de viver aqui, o meu pai partilhava umas outras águas-furtadas com o mordomo, mas explicou ao patrão que pretendia viver com a sua família e que necessitava de um espaço onde a pudesse acolher, sob prejuízo de abandonar o emprego e de procurar outro.

O patrão cedeu-lhe então as águas-furtadas da sua casa, mas pediu ao meu pai que não dissesse à sua esposa que não estava casado, que a minha mãe, a Lola, não era a sua legítima esposa; caso contrário, ambos viriam a ter problemas. Para ele, o estado civil dos meus Pais era-lhe indiferente. Era um homem de negócios pragmático, satisfeito por ter um motorista ao dispor 24 horas por dia. Sobretudo, era discreto, dado que, todas as quintas-feiras à tarde, o meu pai o levava a determinada casa, onde era aguardado por uma jovem que sustentava; por vezes, quando se deslocavam a Madrid, ela inclusivamente acompanhava-o. Assim, chegaram a um acordo: umas águas-furtadas mais espaçosas, a troco de um salário mais baixo.

Poucos dias depois de chegar a Barcelona, fui com a Lola a casa da Dona Anita. E ali estava a Amelia. A Dona Anita era viúva de um livreiro, tendo dele herdado a livraria e as convicções comunistas, ou talvez tenha sido ela quem lhe inculcou tais ideias. A Dona Anita, antes de merecer o tratamento de "dona", trabalhava como engomadeira, com a família do livreiro a contar-se entre os seus clientes. Ao que tudo indica, já na altura seria militante comunista. Como era uma rapariga perspicaz, acabou por seduzir o filho, com o qual viria a casar. Mas ele padecia de um estado de saúde débil, tendo morrido muito novo, vítima de ataque cardíaco. Ela defendeu com unhas e dentes perante os sogros o direito de passar a gerir a livraria que tinha pertencido ao marido, e conseguiu. Começou a organizar aquilo que designava por "tardes literárias", tendo conseguido atrair muitos intelectuais, aspirantes a escritores, jornalistas e políticos de esquerda. Precisamente num dos meus livros, no qual escrevo sobre o Alexander Orlov e a presença de agentes soviéticos nos anos que antecederam a guerra civil, refiro-me também à livraria da Dona Anita: era um local onde se deixavam mensagens, se trocavam informações e se realizavam encontros discretos entre alguns agentes e os seus respetivos controladores.

A livraria da Dona Anita dispunha de uma escada interior que permitia o acesso à casa onde vivia, o primeiro andar de um edifício localizado perto da praça de San Jaime. Foi aí que nos encontramos com a Amelia.

— Lola, Pablo, que alegria! — a Amelia parecia feliz por nos ver.

— Como estás? Está tudo a correr bem? — perguntou a Lola.

— Sim, sim, estou muito feliz, ainda que não consiga deixar de pensar no

meu filho e...

— Cala-te! Cala-te! Tomaste a decisão certa. Tu e o Pierre têm uma missão a cumprir e, além disso... gostam um do outro. Amelia, decidiste ser revolucionária, o que pressupunha teres de revolucionar a tua própria vida de jovem burguesa ingênua.

A Lola não usava de subterfúgios com a Amelia. Com o tempo, apercebi-me de que sentia uma inveja secreta. A Amelia era bonita, elegante, afável, culta e, sobretudo, emanava a pátina própria de alguém que tinha crescido cercado por coisas belas, livros, quadros, mobiliário... A Lola tinha começado por fazer limpezas ao domicílio, tornando-se depois engomadeira e costureira. E era isso mesmo: uma proletária cheia de ilusões, convencida de que havia chegado a hora daqueles que, como ela, nada tinham.

— Não consigo evitar! Amo tanto o Javier! Espero que um dia o meu pequenino consiga compreender o que fiz, ainda que o Pierre me tenha prometido que tornarei a estar com o meu filho, que esta separação é provisória...

Amelia queria iludir-se a si própria, mas a Lola não lho permitia.

— Ao teu filho nada faltará, tal como ao teu primo Jesús, que tem a idade do meu Pablo... Há milhões de crianças que nunca terão nem a quarta parte daquilo que o teu filho tem. Será por essas crianças que terás de te sacrificar. Esquece-te de ti própria, liberta-te dos teus egoísmos pequeno-burgueses.

Naquela tarde, não havia muita gente presente em casa da Dona Anita, que, diga-se, não gostou muito de me ver ali. Ainda que fosse filho da Lola e do Josep, ela não gostava de miúdos piolhentos, o que manifestou sem rodeios.

— Esta criança não devia estar aqui.

— Não tenho onde o deixar e o Josep disse-me que teria de vir aqui para me encontrar com ele — justificou-se, encolhendo os ombros.

A Lola reconhecia na Dona Anita a proletária que tinha sido e que continuava a ser, não obstante a saia de bom corte, a blusa de seda, os brincos de pérolas e o cabelo bem arranjado. Não era do tipo de se deixar impressionar por uma mulher como a Dona Anita.

— Esta tarde, virão cá pessoas importantes para se encontrarem com o Pierre e não quero que ninguém as incomode — insistiu a Dona Anita.

— O Pablo não incomoda ninguém. O meu filho é comunista desde o dia em que o dei à luz e está acostumado a reuniões políticas. Além do mais, conhece bem o Pierre. A Amelia pode confirmar isso.

— Não se preocupe, Dona Anita, trata-se de uma criança muito bem-comportada e não incomodará ninguém.

O Josep ocupava um lugar destacado entre os comunistas catalães. Não era

um dirigente de primeira linha, mas sim um homem de confiança dos líderes. Agia como "correio", graças ao seu trabalho como motorista e às frequentes deslocações a Madrid.

Para uma criança, aquela não foi uma tarde divertida. Sentado numa cadeira, sem que me deixassem sair dali, mais não podia fazer do que observar. Quando o Pierre chegou, a Amelia caminhou nervosamente para ele.

— Demoraste muito — queixou-se.

— Não consegui vir antes, tive de me encontrar com uns camaradas.

— E não podias ter-te encontrado com eles aqui?

— Não, com aqueles não. Agora, deixa-me falar com esses senhores que acabam de chegar, apresento-os mais tarde. Um deles é secretário de um membro do Conselho Executivo da Generalitat.

— E é comunista?

— É, mas o seu superior não sabe. Agora, cala-te e ouve. Terás de acostumar-te a saber estar neste tipo de reuniões. Acima de tudo, terás de ouvir, para depois me contares tudo. Já te tinha dito que pretendo que te recordes de tudo, por mais insignificante que possa parecer. Olha, tenta conversar com aquele grupo, os dois à direita são jornalistas muito influentes aqui na Catalunha e o homem com quem estão a falar é um dirigente socialista. Estou certo de que aquilo que estão a dizer pode interessar-nos. Pede à Dona Anita que tos apresente e comporta-te como te disse, falando pouco e ouvindo muito. És muito bonita e terna, não desconfiarão de ti.

Pierre estava a prepará-la para se tornar agente. Uma agente que trabalharia para ele. A Amelia era uma donzela distinta, educada, que conseguiria enquadrar-se nos ambientes mais seletos sem atrair atenções. O Pierre tinha-se apercebido do seu potencial e pensava utilizá-lo a seu favor. E é claro que não tinha qualquer intenção de lhe confessar a verdade, de lhe explicar que era um agente do INO. Tinha contado meias-verdades: sim, integrava a Internacional Comunista; sim, por vezes representava a organização em algumas viagens, transmitindo instruções a camaradas de outros países... e falava de tais atividades de modo que soassem plenamente inócuas, sobretudo aos ouvidos de uma mulher tão inexperiente como ela.

Amelia aproximou-se da Dona Anita e disse-lhe em voz baixa que o Pierre queria que ela a apresentasse aos senhores que conversavam animadamente no canto da sala.

A Dona Anita assentiu e pegou-lhe no braço, encetando uma conversa trivial enquanto se iam aproximando dos jornalistas e do dirigente socialista catalão.

— Caros amigos, já vos apresentei a Amelia Garayoa? É uma amiga de Madrid, que está a passar alguns dias em Barcelona. Estava a falar-me da

agitação que se vive na capital, não é assim, Amelia?

— Sim. Na verdade, são muitos os que pretendem que o governo se mostre mais autoritário face aos desacatos e às provocações da extrema-direita.

— Sim, têm de ser travados — reconheceu o político socialista.

— E o que se diz por lá acerca do futuro do presidente Alcalá Zamora?

— Que quer que se diga? Na verdade, todas as atenções estão focadas no Dom Manuel Azana.

Os três homens trocaram olhares, apercebendo-se de que a Amelia sabia mais do que aquilo que dava a entender, embora ela se tivesse limitado a falar naquilo apenas para fazer conversa. Dificilmente poderia prever que o Alcalá Zamora seria destituído da Presidência da República daí a dois dias. Isto porque estava a ser lançada uma campanha com vista a conduzir o Dom Manuel Azana à Presidência, assunto sobre o qual aqueles três homens sabiam alguma coisa.

De início, falaram com a Amelia cautelosamente, mas depois já mais confiantes. Ela limitava-se a ouvir, a concordar, a sorrir. Sobretudo, permanecia extremamente atenta a tudo quanto diziam, o que os fazia sentir-se importantes.

Essa foi uma das qualidades que a Amelia cultivou com êxito ao longo da sua vida, qualidade de que o Pierre se apercebeu, tendo sabido aprimorá-la e fomentá-la.

O Josep chegou mais tarde, acompanhado por dois dirigentes sindicais que o Pierre queria conhecer. De modo que, quando o serão terminou, já passava das dez da noite. Fomos os últimos a sair, e recordo-me de que a Amelia me deu um beijo e me abraçou afetuosamente. Ela e o Pierre ficariam alojados em casa da Dona Anita. Ele tinha rejeitado a hipótese de irem para um hotel, pois não queria que a Amelia desse nas vistas, ao partilhar um quarto com ela. Sabia que deveria agir com paciência, para que ela não se arrependesse do passo dado, e de modo nenhum pretendia submetê-la a qualquer humilhação. A casa da Dona Anita era suficientemente espaçosa para que ali pudessem viver sem incomodarem a anfitriã, e ali ficaram naqueles primeiros dias e, posteriormente, em muitas outras ocasiões. Seria precisamente numa das suas estadias em casa da Dona Anita que viriam a confrontar-se com os primeiros dias da guerra civil.

Não é difícil imaginar do que a Amelia Garayoa e o Pierre Comte terão falado naquela noite.

— E então — perguntou o Pierre —, do que falavam aqueles jornalistas?

— Criticavam o Alcalá Zamora por ter dissolvido as Cortes por duas ocasiões, visto que a Constituição não prevê tal possibilidade.

O socialista dizia que não se podia descartar a possibilidade de Prieto ser chamado a formar governo. Depois, quando o Josep e os sindicalistas da UGT se juntaram a nós, um deles assegurou que o Largo Caballero não permitiria que o

Prieto levasse a melhor.

— O Largo Caballero sente dificuldade em ser razoável, não percebe que este ainda não é o momento ideal para um governo de esquerda, que ainda é necessário procurar um entendimento com a burguesia não fascista.

— Mas isso parece uma contradição...

— Mas não é. Trata-se apenas de agir da forma mais adequada às circunstâncias. Não se pode iniciar prematuramente o assalto definitivo contra a burguesia, sob prejuízo de se deitar tudo a perder. A burguesia não fascista nada poderá fazer sem a nossa ajuda.

— E nós sem a deles?

— Sim, poderíamos, ainda que com maiores dificuldades. Deixemos que o governo republicano do Azana se mantenha em funções, pelo menos durante mais algum tempo...

Tornei a ver a Amelia no dia seguinte, quando veio às nossas águas-furtadas para se encontrar com a Lola. Como sempre, foi carinhosa comigo, tendo-me trazido um pacote de caramelos de café com leite que me souberam a ginjas. Parecia feliz, porque, segundo o que contou à minha mãe, o Pierre estava a ensinar-lhe russo.

— Tenho facilidade em aprender línguas — confessou.

Amelia e a Lola passaram uma boa parte da tarde a falar de tudo e mais alguma coisa. Eu ouvia-as atentamente, dado que as conversas dos adultos me fascinavam. Além disso, estava acostumado a manter-me calado e a não incomodar ninguém durante as reuniões entre os meus pais e os seus camaradas.

— O Josep convenceu-me a abandonar as Juventudes Socialistas. É verdade que lamento fazê-lo, porque simpatizo com aquilo que o Largo Caballero diz, mas o Josep tem razão, não podemos estar cada um para seu lado, temos de partilhar tudo. Estamos a atravessar uma situação política delicada e há questões que ele não poderia abordar comigo caso eu militasse noutro partido.

— Fazes bem, Lola. Parece-me fantástico poderes partilhar tudo com o homem que amas! Afinal de contas, o Largo Caballero não está assim tão afastado dos ideais comunistas, não é?

— Bem, existem algumas diferenças, ainda que não tantas quantas as que separam o Prieto do PCE. O Prieto é demasiado permissivo face à burguesia.

— O Santiago simpatizava com o Prieto... Considerava-o um político capaz e lamentava o poder conseguido pelo Largo Caballero.

— Esquece o teu marido! São águas passadas. A tua vida mudou, Vive-a sem olhar para trás.

— Se fosse tão fácil assim... Aquilo que sinto pelo Pierre é tão intenso que queima interiormente, mas não consigo deixar de pensar no Santiago e no meu

pequeno Javier... Gosto deles; à minha maneira, mas gosto deles. Desde que parti, tenho pesadelos, sinto dificuldade em adormecer. Mal fecho os olhos, aparece-me o rosto do Santiago e, quando por fim consigo adormecer, acordo sobressaltada por pensar ter ouvido o choro do meu filho. Não consigo deixar de sentir a consciência pesada...

— A consciência é uma invenção da Igreja! É uma forma fácil de controlar as pessoas. Se dominarem a tua consciência, dominar-te-ão a ti, pois deixarás de ser livre. Assim que nascemos, os padres começam por dizer-nos aquilo que é bom e aquilo que segundo eles é mau, e convencem-nos de que, se não agirmos como pretendem, iremos parar diretamente ao Inferno. Mas o Inferno não existe, é um conto de fadas com que pretendem controlar os mais desgraçados. Querem que sofram na Terra para podermos depois usufruir do Paraíso nos Céus, mas nunca ninguém regressou do Além para nos dizer o que existe depois da morte. E sabes porquê? Porque nada mais existe. Tudo termina depois da morte. Os ricos inventaram Deus para dominarem os pobres.

— As coisas que tu dizes, Lola!

— Digo a verdade! Reflete nisto: onde consegues tu ver a ação de Deus? Fará Deus alguma coisa pelos pobres? Se é onnipotente, por que razão permite tanta injustiça? Por que motivo permite que tantos inocentes sofram?

— Não tentes julgar Deus, nem muito menos compreender os Seus desígnios! Ele saberá porque nos submete a provações dolorosas, face às quais só podemos resignar-nos.

— Ainda que Deus exista, asseguro-te que não penso aceitar que o meu filho seja inferior ao teu, nem que não beneficie da mesma educação que o teu filho irá receber, bem como da mesma alimentação e de idênticas oportunidades. Por que motivo terão o teu Javier e o teu primo Jesús de ser superiores ao Pablo? Vamos, diz-me porquê!

A Lola tinha levantado o tom de voz e era com ar desafiador que fitava a Amelia, cujo sorriso se tinha transformado num trejeito de dor. A Amelia sofria ao aperceber-se do ódio que a Lola sentia e por parte desse ódio lhe ser dirigido.

— Renunciei a tudo para lutar pelos mais fracos. Abandonei o meu marido e o meu filho, a minha casa, os meus pais, a minha irmã, a minha família, os meus amigos, e fi-lo porque acredito que não existe justiça no mundo e que ninguém tem o direito de possuir mais do que os restantes seres humanos. Parece-te pouco?

— E julgas que temos de te agradecer pela decisão que tomaste? Acaso terias agido assim se não te tivesses apaixonado pelo Pierre?

Amelia levantou-se subitamente, com os olhos marejados de lágrimas. A Lola acabava de desferir-lhe um golpe baixo. Na verdade, tinha expressado alto

e bom som aquilo que todos sabiam, aquilo que ela própria sabia: se o Pierre não tivesse surgido na sua vida, ter-se-ia limitado a brincar aos ideais revolucionários.

Assustei-me ao ver a Lola e a Amelia a fitarem-se em silêncio. O rosto da Lola emanava raiva, o da Amelia, estupefação. Por fim, engoliu em seco e recuperou a calma que tinha perdido.

— Penso que será melhor ir-me embora. A Dona Anita convidou uns amigos para jantar e tenho de chegar a tempo para poder ajudá-la.

— Sim, daqui até casa dela ainda vai uma certa distância.

Amelia deu-me um beijo e, num gesto de ternura, acariciou-me a face. Depois, saiu sem nada mais dizer. A Lola suspirou. O Josep iria irritar-se quando soubesse que ela tinha discutido com a Amelia. Se o Pierre a tinha escolhido era porque ela poderia vir a revelar-se especialmente valiosa para os interesses da causa sagrada do comunismo, e era melhor não a contrariar, não fosse ela arrepender-se de ter abandonado marido e filho. Mas a Amelia irritava-a, a Lola nunca Sentiu afeto por ela.

Ainda que aquela não tenha sido a primeira discussão entre ambas, foi a que mais afetou a Amelia. Tanto assim foi que não a tornamos a ver nos dias seguintes, e foi o Josep que certa noite, ao chegar a casa, nos informou que o Pierre Comte e a Amelia haviam partido para Paris.

— Continua zangada comigo? — quis saber a Lola.

— Não sei. Ignoro inclusive se chegou a comentar a vossa discussão com o Pierre. Ele nada me disse. Quanto a ela, continua tão encantadora como sempre. Mas fica sabendo que agiste mal — acusou-a o Josep.

— Eu? Essa é a tua opinião. Estou farta daquela mosquinha morta, seduziu-vos a todos, a ti também. Se não tivesse conhecido o Pierre, teria acabado por se enredar contigo. Pensas que não me apercebia do modo como olhava para ti embasbacada? E tu continuavas a doutriná-la, como se disso dependesse a tua vida.

— Vamos, Lola, não te comportes como uma mulher ciumenta! Não gosto que penses assim.

— Ah, não? Pois dir-me-á o senhor aquilo de que gosta, para que possa agradar-lhe. Pretende o senhor que baixe os olhos e que fique corada quando olhar para mim?

— Para de dizer disparates!

Acabaram aos gritos, ignorando a minha presença. Não era a primeira vez que discutiam, mas nunca daquela maneira. A Lola destilava raiva. A atitude dela era compreensível. Era uma mulher corajosa, capaz de grandes sacrifícios pelos seus ideais; por outro lado, não sabia como utilizar os atributos femininos

em seu favor no seu relacionamento com os homens. Tratava-os como iguais e, naquela sociedade, por mais que as pessoas de esquerda apregoassem à boca cheia ideais de igualdade entre homens e mulheres, o certo é que todos eles eram um reflexo do país. Os homens estavam acostumados a respeitar os sacrifícios das mulheres, mas não as tinham por iguais.

A Lola tinha lutado por merecer o respeito e a consideração dos seus camaradas, tinha-se comportado com dignidade e valentia durante os distúrbios decorrentes da greve geral de outubro de 1934. Era uma verdadeira revolucionária, por convicção, por origem e porque a razão lhe dizia ser esse o caminho para a libertação de mulheres como ela. Irritavam-na, e sentia por eles um secreto desprezo, os homens que não reconheciam o valor de mulheres como ela, que não conseguiam libertar-se do encantamento em que caíam perante mulheres como a Amelia. A Lola defendia a igualdade, tinha conquistado o direito de ser tratada como tal, mas, bem lá no fundo, irritava-a que os homens se esquecessem de que também ela era mulher, e não apenas uma camarada.

3

As coisas não correram muito bem à Amélia com a sua nova família em Paris. Como sei disso? Pois, como lhe disse, levei a efeito uma investigação exaustiva acerca dos espões durante a guerra civil espanhola, com vista a escrever aquele que considero um dos meus melhores livros. O Pierre era um agente bastante peculiar. Supostamente, colaborava com a Internacional Comunista, o que lhe permitia entrar em contato com camaradas do mundo inteiro, mas na verdade, como já referi, era agente do INO.

Não julgue que me foi fácil reconstituir a vida dele para contextualizar a sua importância no seio do movimento revolucionário e a sua presença na guerra civil. Passei vários meses em Paris, tendo falado com pessoas que dispunham de informações fidedignas sobre ele. Algumas conheceram-no, outras obtiveram informações em segunda ou terceira mão. Cedo me certifiquei de que a relação entre ele e a Amélia não era segredo para ninguém, e há documentos que atestam a presença da "bela espanhola" em Paris naquela época.

A mãe do Pierre, Olga, acolheu-a de má vontade. Não gostava que o filho vivesse com uma mulher casada. O pai, Guy, como francês que era, tolerou melhor a situação. Além do mais, conhecia bem o filho e sabia que o Pierre nunca negligenciaria as suas obrigações revolucionárias, nem sequer pela "bela espanhola". O Guy Comte estava ao corrente da colaboração do filho com a Internacional Comunista, dado que, bem vistas as coisas, se o Pierre era comunista a ele o devia, mas ignorava que se tivesse tornado agente soviético.

— Quer dizer que trocaste a tua família pelo meu filho — abordou-a a Olga sem contemplações, depois de o Pierre os ter colocado ao corrente do sucedido.

Amélia corou. Tinha sentido a aversão da Olga mal atravessou o umbral da porta do andar onde o Pierre e os pais viviam.

— Por favor, mãe, sê mais cortês com a nossa convidada!

— Nossa convidada? Melhor seria dizer a tua amante. Não é assim que se

designam as mulheres casadas que se perdem de amores por outro homem, abandonando o próprio lar para viverem uma aventura sem futuro?

— Mulher, não fales assim! Se o Pierre gosta da Amelia, ela será bem-vinda na nossa família, será uma de nós. Quanto a ti, minha cara, não te deixes intimidar pela minha esposa. Ela é mesmo assim, diz irrefletidamente aquilo que lhe vem à cabeça, mas é boa pessoa, como terás oportunidade de constatar. Acabará por gostar de ti. — Dirigindo-se à Olga, acrescentou: — O teu filho gosta dela, o nosso Pierre, devemos respeitar as suas decisões.

— Amo o Pierre. Se assim não fosse... se assim não fosse, nunca teria conseguido fazer o que fiz. Além disso, acredito na revolução, pretendo ajudar... — balbuciou a Amelia, com os olhos marejados de lágrimas. Sentia-se humilhada e, porventura, terá sentido pela primeira vez que, aos olhos dos outros, a sua decisão a convertia numa renegada.

— Mãe, a Amelia é a minha companheira. Se não a aceites enquanto tal, sairemos de casa de imediato, compete-te a ti decidir. Mas, se quiseres que fiquemos, terás de a tratar com o respeito e a consideração que merece uma mulher que demonstrou ser corajosa e que sacrificou uma vida cômoda e isenta de problemas para lutar pela revolução mundial. Não só conta com o meu amor, como também o meu mais profundo respeito.

Pierre fitava a mãe com raiva nos olhos e a Olga apercebeu-se de que, se não queria perder o filho, teria de aceitar aquela espanhola louca. Teria de se resignar uma vez mais, tal como quando aceitou que marido e filho se tivessem tornado comunistas empedernidos.

Olga tinha conhecido o Guy Comte nos tempos em que era dama de companhia de uma idosa aristocrata russa, uma duquesa que passava algumas temporadas em Paris. A velha senhora era uma leitora voraz e apreciava comprar pessoalmente os livros, tendo sido assim que se tornou cliente assídua da Livraria Rousseau, situada no boulevard Saint-Michel, na margem esquerda do Sena, propriedade de Monsieur Guy Comte.

Olga e o Guy começaram por trocar olhares de soslaio. Depois, ele começou a falar com ela enquanto a duquesa vasculhava nas estantes, à procura de livros. Mais tarde, com a autorização da duquesa, conseguiu um encontro com a Olga. Por vontade do Guy, a sua relação com a Olga não teria passado de uma aventura, mas a duquesa não estava disposta a ver posta em causa a reputação da sua dama de companhia e, assim que soube que a Olga tinha engravidado, pressionou-os para que casassem. Ela própria foi madrinha da noiva, tendo-a presenteado com uma generosa quantia financeira.

Fosse pelos anos vividos entre a aristocracia, fosse por não gostar dos revolucionários, dado que representavam uma ameaça para a existência burguesa

com o seu marido livreiro, o certo é que a Olga nunca se deixou seduzir por ideias que, na sua opinião, não sabia onde poderiam conduzir. De forma que, para ela, a Amelia não passava de uma rapariga ingênua que se tinha deixado seduzir pelo seu muito atraente filho, que a abandonaria assim que se cansasse dela. Assim terminavam todas as histórias de amor proibido. Disso sabia ela, que tinha lido todos os clássicos russos. Tolstoi, Dostoievski ou Gogol eram os seus autores preferidos.

Na casa paterna, o Pierre dispunha de duas divisões para si, usando uma como quarto, a outra como escritório. A Amelia passava mais tempo no escritório do Pierre do que na sala da casa, tentando evitar cruzar-se com a Olga. As duas mulheres tratavam-se com frieza e tentavam reduzir ao mínimo qualquer contato.

Amelia apercebia-se do grande apego do Pierre aos pais e de que, não obstante as discussões constantes entre mãe e filho, ambos estavam unidos por um profundo afeto.

Para a Amelia, aquela Paris parecia-lhe diferente da que tinha conhecido com os pais. Agora, não passava os dias com a sua tia-avó e a tia Lily, irmã da sua avó Margot; tão-pouco a visitar museus, como tinha feito na companhia do pai e da sua irmã Antonietta. Teria gostado de visitar a tia-avó, mas como poderia dizer-lhe que tinha abandonado a sua própria família? A tia Lily não conseguiria perceber e, certamente, reprovaria a sua decisão. O Pierre parecia apressado em apresentá-la aos seus amigos e, sobretudo, em fazê-la sentir o pulso da atividade política naquela cidade fascinante, onde os revolucionários pareciam espreitar em cada esquina. Mesmo assim, a Amelia continuava a conseguir dispor de tempo para prosseguir as lições de russo, que tanto a fascinavam.

Poucos dias depois de chegar a Paris, o Pierre apadrinhou a sua filiação no Partido Comunista, não obstante as objeções de alguns camaradas, que consideravam precipitado receber nas suas fileiras uma espanhola que mal conheciam.

Jean Deuville, poeta e camarada do Pierre, foi quem mais firmemente se opôs à filiação da Amelia no Partido Comunista Francês.

— Não a conhecemos — argumentava perante o comité de Paris —, por mais que o camarada Comte dê a cara por ela.

— A minha opinião não basta? Recordo-te que foi suficiente para que tu próprio te tornasses nosso camarada — contrapunha o Pierre.

Talvez devido a uma intervenção discreta da embaixada soviética, ou porventura por o Deuville ter decidido ceder para não perder a confiança do amigo, o certo é que a Amelia Garayoa se tornou militante do Partido Comunista Francês. Ela, uma estrangeira, sem outras credenciais que não as de ser amante

de um homem que os soviéticos tinham por valioso e que estava convencido de que a espanhola poderia vir a revelar-se bastante útil. Aquilo que a Amelia ignorava era que, semanas antes, o controlador do Pierre lhe tinha transmitido as mais recentes ordens de Moscou, emitidas pelo responsável pelas operações do INO: deveria viajar para a América do Sul, com vista a consolidar e ampliar as redes que agentes locais começavam a constituir.

O chefe de operações tinha-o alertado para o caráter dos sul-americanos, por vezes intempestivos, aconselhando-o a que fosse cuidadoso na hora de escolher os seus colaboradores.

Pierre nunca tinha deixado de pensar nessa sua próxima missão, na qual necessitaria de uma cobertura mais credível do que a de livreiro à procura de raridades bibliográficas. Isso poderia fazer sentido na Europa, mas não naquela parte do mundo, que lhe parecia tão longínqua como ignota.

Assim que conheceu a Amelia, começou a pensar que a jovem poderia ser-lhe útil. Para além de ser muito bela, distinta e com modos elegantes, era bastante ingênua, barro cru que ele poderia moldar a seu bel-prazer, incapaz de vislumbrar algo mais do que as suas próprias emoções.

Mudarem-se para o México ou para a Argentina, como dois apaixonados fugindo de um marido preterido, afigurava-se-lhe como uma cobertura credível para a presença no continente. O fato de a Amelia ser espanhola reforçava ainda mais tal cobertura.

É necessário ter presente que o Pierre era um agente soviético, um homem que vivia apenas pela e para a revolução, e a sua cegueira era tamanha que via nos seres humanos com quem se ia cruzando não mais do que meros peões, que podia utilizar e sacrificar em prol de um ideal superior. E a Amelia não constituía exceção.

A partir do momento em que decidiu integrá-la no seu plano para a América do Sul, o Pierre tentou não dar qualquer passo em falso com a Amelia, comportando-se como um sedutor caído nas teias do amor.

Para reforçar a dependência da Amelia, não hesitava em levá-la a todos os encontros com amigos, entre os quais se encontravam por vezes algumas das amantes que a haviam precedido e com as quais trocava alguns olhares cúmplices, que perturbavam intensamente a espanhola.

Assim, desde o dia em que chegou a Paris, a Amelia viu-se envolvida numa voragem de reuniões políticas, entrecortadas por jantares com amigos do Pierre, alguns dos quais comentavam nas suas costas não perceberem como é que um homem com as suas convicções se teria deixado encantar por uma mulher que, sendo inquestionavelmente bela, se revelava de uma ingenuidade vazia.

Naqueles dias, as conversas giravam em torno do Léon Blum e das

consequências da dissolução da Ação Francesa, na sequência de em fevereiro de 1936, jovens militantes desta coligação de direita terem agredido o Blum quando este integrava o cortejo fúnebre do acadêmico Bainville.

Foi precisamente num jantar no Restaurante La Coupole, para celebrar o aniversário do Pierre, que a Amelia e o Albert James se encontraram pela primeira vez.

Albert James era um jornalista norte-americano de origem irlandesa que trabalhava em regime freelance para vários diários e revistas do seu país. Alto, de cabelo castanho e olhos azuis, era bem-parecido e muito cobiçado pelas mulheres. Gostava de se comportar como um *bon vivant* e era um antifascista convicto, ainda que isso nunca o tivesse levado a deixar-se seduzir pelo marxismo. Não era amigo do Pierre, mas sim do Jean Deuville, tendo-se aproximado do grupo para distribuir cumprimentos, sobretudo atraído pela presença da Amelia.

Bebeu uma taça de champanhe com o grupo do Pierre e tentou acercar-se da Amelia, que parecia deslocada.

— O que faz aqui uma jovem como você? — perguntou-lhe sem rodeios, aproveitando um momento em que o Pierre cumprimentava um outro amigo que se juntava ao animado grupo.

— E por que razão não deveria estar aqui?

— É notório que este não é o seu ambiente. Consigo imaginá-la atrás de uma janela, a bordar, aguardando ser resgatada pelo seu príncipe encantado.

Amelia riu-se perante a metáfora do Albert James, com quem simpatizou de imediato.

— Certamente não sou princesa, de forma que dificilmente eu e os meus bordados poderíamos aguardar pela chegada do príncipe encantado.

— É francesa?

— Não, sou espanhola.

— Mas fala um francês perfeito.

— A minha avó é francesa, do Sul, e com ela falávamos sempre em francês. Além disso, costumávamos passar o verão em Biarritz.

— Fala com nostalgia.

— Nostalgia?

— Sim, como se fosse uma velhinha a recordar tempos passados...

— Não te deixes seduzir pelo Albert — interrompeu-os o Jean Deuville. — Ainda que seja norte-americano, o pai dele era irlandês e aprendeu a arte da sedução connosco, os franceses, e, como é costume acontecer, o discípulo superou os mestres.

— Oh! Mas não estávamos a conversar sobre nada de transcendente! —

justificou-se a Amelia.

— Além do mais, ainda que não pareça, o Pierre é ciumento, e eu não gostaria de me ver no papel de testemunha de um duelo entre dois bons amigos — prosseguiu o Deuville, num tom brincalhão.

Amelia corou. Não estava acostumada a este tipo de piadas descomplexadas. Estava a ser-lhe custoso acostumar-se ao papel de amante que tinha assumido perante aqueles homens e mulheres supostamente sem preconceitos, mas que coscuvilhavam e murmuravam nas suas costas.

— É a namorada do Pierre? — perguntou o Albert James com curiosidade.

— Mais do que sua namorada, é a mulher que lhe arrebatou o coração. Vivem juntos — atalhou o Jean Deuville, para não deixar dúvidas ao norte-americano de que não deveria proceder a quaisquer avanços face à Amelia.

Ela sentiu-se perturbada. Não percebia por que motivo o Jean tinha de ser tão explícito, colocando-a numa situação que a inferiorizava.

— Estou a perceber, a senhora é uma libertária, o que me surpreende, na medida em que é espanhola. Ainda que me tenham contado que algumas coisas se alteraram em Espanha e que, graças aos movimentos de esquerda, as mulheres começam a ocupar um lugar destacado em todos os setores da sociedade.

Também é revolucionária? — perguntou o Albert James, num tom trocista.

— Não zombe de tais coisas — conseguiu ela dizer, suspirando aliviada ao ver que o Pierre se aproximava.

— O que te diziam estes desavergonhados? — perguntou ele divertido, referindo-se ao Albert e ao Jean. — Deixa-me desde já dizer-te, Albert, que gostei muito do artigo que escreveste para o New York Times acerca do perigo do nazismo na Europa. Li-o quando regressei de Espanha e, francamente, a tua perspicácia surpreendeu-me. Dizes estares convencido de que o Hitler não permanecerá fechado dentro das suas fronteiras, que pretende a expansão territorial, e apontas a Áustria como primeiro "pedaço", referindo também que Mussolini nada fará para o impedir, não apenas por ser fascista, mas também porque isso implicaria perder as boas graças da Alemanha.

— Sim, é isso mesmo que penso. Viajei durante um mês pela Alemanha, Áustria e Itália e tudo aponta nesse sentido. Os judeus são as primeiras vítimas do Hitler, ainda que chegará o dia em que será o mundo inteiro.

— A questão não é lutar contra o nazismo por este fomentar a perseguição aos judeus, mas sim por ser uma chaga para a humanidade — replicou o Pierre.

— Mas não podemos esquecer-nos daquilo que está a acontecer aos judeus.

— Eu sou comunista e luto apenas pela revolução, pela libertação dos homens do jugo do capitalismo, que os reprime e explora e os impede de serem livres. É indiferente que sejam judeus ou budistas. A religião é um cancro, seja

ela qual for. Deverias saber isso.

— Até para não se acreditar em Deus se torna necessário conceber uma ideia de Deus — afirmou o Albert, encolhendo os ombros.

— Ao acreditares em Deus, nunca poderás ser livre, na medida em que permitirás que a superstição determine o teu destino.

— E se me limitar a ser comunista? Pensas que serei mais livre? Não estaria então dependente das diretivas de Moscou? Bem vistas as coisas, Moscou quer salvar os homens dos males do capitalismo, mas são muitos aqueles que transformaram o comunismo numa nova religião. A vossa fé é mais inabalável do que a de um padre quando recita a Bíblia. Não sei se irás apreciar tanto a minha próxima reportagem sobre a União Soviética, para onde penso viajar dentro em breve. Sei que estás ao corrente de que o Ministério da Cultura soviético preparou um *tour* para que jornalistas e escritores europeus possam testemunhar as conquistas da revolução. Mas já me conheces, tenho o defeito de analisar e escutinar tudo o que me é dado ver.

— Por essa via, nunca conseguirás agradar a ninguém. — A observação do Pierre evidenciava quanto o Albert o aborrecia.

— Nunca acreditei que um jornalista deve agradar a quem quer que seja, antes pelo contrário.

— Se é esse o teu objetivo, posso assegurar-te que estás no bom caminho.

— Então, então, rapazes! — interrompeu-os o Jean Deuville. — Tanta coisa por tão pouco... Não lhes liguês, Amelia, estes dois são assim. Sempre que estão juntos, começam a discutir e não há quem os pare. Ambos têm o bichinho do debate. Mas hoje é o teu aniversário, Pierre, de modo que iremos celebrá-lo. É por isso que aqui estamos, ou não será?

O Albert despediu-se, deixando o Pierre de mau humor e a Amelia surpreendida. Tinha assistido à discussão em silêncio, sem se atrever a dizer palavra. Os dois homens pareciam ter contas antigas por resolver.

— É um pobre diabo, que não deixa de ser tão capitalista como a maioria dos norte-americanos — sentenciou o Pierre.

— Não sejas injusto. O Albert é boa pessoa, só que nunca "caiu do cavalo", como aconteceu com São Paulo. Mas a culpa é nossa, por não termos conseguido convencê-lo a unir-se à nossa causa, ainda que também não se lhe oponha. Mas se se sente próximo de alguém é certamente de nós, visto que odeia os fascistas — replicou o Jean Deuville.

— Não confio nele. Além do mais, tem muitos amigos trotskistas.

— E quem em Paris não conhece trotskistas? — contrapôs o Jean Deuville.
— Não devemos cair na paranoia.

— Não deixa de ser curiosa a forma como defendes esse norte-americano.

— Defendo-o dos teus juízos arbitrários. Tornaram-se os dois insuportáveis, cada um pretendendo ter razão.

— Não me compares com ele!

No tom de voz do Pierre havia ferocidade, e o Jean não retorquiu, sabendo que, se continuassem a falar, acabariam por discutir. Já se haviam travado de razões nas últimas semanas devido à Amelia, pela qual o Jean sentia agora uma certa simpatia ao aperceber-se de que era completamente inofensiva.

— Vamos, Amelia, não há nada que uma taça de champanhe não possa resolver — disse o Pierre, pegando na Amelia pelo braço e dirigindo-se com ela para a mesa onde estava sentado o resto do grupo.

Pierre foi planejando cuidadosamente a viagem para a América do Sul, em obediência às ordens de Moscou. A primeira paragem seria em Buenos Aires, onde o Partido Comunista local parecia exercer uma grande influência nos meios culturais da capital argentina. Do ponto de vista estratégico, a região não era vital para os interesses soviéticos, mas o responsável máximo do INO queria ter olhos e ouvidos em toda a parte. Durante a fase de instrução em Moscou, os instrutores do INO tinham insistido com o Pierre acerca da importância de saber ouvir e recolher todo o tipo de informações, por mais superficiais que pudessem parecer. Por vezes, informações cruciais podiam ser obtidas a milhares de quilômetros de distância do local onde determinados acontecimentos iriam ter lugar. Tinham também reiterado a importância de poder contar com agentes que se movessem por entre as principais esferas de influência do país em que tivesse de agir. De nada lhe serviriam militantes entusiastas, mas cuja atividade laboral decorresse afastada dos centros de poder.

Moscou contava já com um "residente" em Buenos Aires, mas carecia de agentes bem situados, capazes de captar informações relevantes.

Amelia não queria sair de Paris e insistia com o Pierre para que esperassem mais algum tempo, pois ainda não tinha conseguido interiorizar a ideia de estar tão longe do filho. É certo que não pretendia regressar a Espanha, mas, se se mudasse para Buenos Aires, a distância parecer-lhe-ia insuportável.

Com muito tato e paciência, o Pierre tentava convencê-la de que era melhor recomeçarem uma nova vida num local qualquer onde ninguém os conhecesse.

— Precisamos nos certificar que é precisamente isto que queremos. Gostaria que estivéssemos sozinhos, sem ninguém conhecido a nossa volta, apenas tu e eu. Estou convencido de que nada nem ninguém conseguirá separar-nos, mas temos de colocar o nosso amor a prova, sem interferências, sem família, sem amigos.

Ela pedia-lhe tempo, tempo para se acostumar à ideia de que teria de dar início a uma nova vida do outro lado do oceano. O Pierre não queria pressioná-

la, temendo que a angústia a levasse a regressar a Espanha.

Por vezes, as atitudes da Amelia exasperavam-no, na medida em que, numa questão de segundos, passava da euforia ao desespero. Eram frequentes as ocasiões em que dava com ela a chorar, lamentando-se por ser tão má mãe e por ter abandonado o filho. Noutras alturas, parecia alegre e feliz, incentivando-o a que saíssem para se divertirem um pouco, perdidos como apaixonados num qualquer canto de Paris.

Sua mãe, Olga, também não facilitava as coisas, convencida que estava de que a espanhola lhe estava a roubar o filho.

— Vais estragar a tua vida por causa dessa mulher! E duvido que ela o mereça! E o que acontecerá à livraria se não regressares? O teu pai sofre ao pensar nisso, ainda que não te diga nada — acusava ela o filho.

A verdade era que o Guy Comte acatava com resignação a decisão de o Pierre ir viver para a América do Sul. Acreditava cegamente no filho e estava convencido de que, se ele tinha tomado tal decisão, era porque era a melhor. Não obstante, para si próprio, perguntava-se como seria possível que o seu filho fizesse tantos sacrifícios por uma mulher como a Amelia, que, ainda que bela, considerava vazia.

A 4 de junho de 1936, o Léon Blum passou a encabeçar o governo da Frente Popular em França. Por essa altura, já o Dom Manuel Azana havia assumido a Presidência da República Espanhola, numa votação em que a direita se absteve. O Indalecio Prieto não conseguiu encabeçar o governo, devido ao veto das facções do PSOE afetas ao Largo Caballero.

Amelia acompanhava com preocupação as notícias sobre Espanha publicadas nos jornais franceses, sabendo que os ânimos estavam ainda mais exaltados do que quando tinha partido.

Os amigos do Pierre confirmavam que algo estava prestes a ocorrer em Espanha, tendo em conta que as facções mais extremistas da direita prosseguiam com a sua política de vandalismo e provocação. O Pierre tinha previsto partir para Buenos Aires em finais de julho. Viajariam num camarote de 1ª classe num luxuoso navio que partia de Le Havre.

— Será a nossa lua de mel — assegurava-lhe ele, tentando vencer as suas últimas resistências.

No início de julho, Pierre encontrou-se com o seu "controlador" em Paris. O Igor Krisov parecia aquilo que não era: um plácido judeu britânico de origem russa, dedicado ao negócio das antiguidades. A verdade era que supervisionava diversos agentes no Reino Unido, na França, na Bélgica e na Holanda.

Ao entrar no Café de la Paix, Krisov procurou Pierre com o olhar. Este último estava a ler o jornal enquanto tomava café, aparentemente distraído.

Sentou-se na mesa ao lado da do Pierre e pediu ao empregado que lhe trouxesse um chá.

— Estou a ver que recebeu a minha mensagem a tempo.

— Sim — confirmou o Pierre.

— Camarada, tenho instruções para si. Moscou pretende que se desloque a Espanha antes de dar início à sua longa viagem.

— Novamente a Espanha?

— Sim, a situação política lá está cada vez mais descontrolada e queremos que fale com algumas pessoas. Neste envelope estão as instruções. Pensamos que seria a pessoa mais adequada para se encarregar desta missão, que será de poucos dias.

— Isso provoca-me alguns problemas, visto que penso que sabe que descobri uma jovem espanhola que pretendo usar como cobertura, mas que não se mostra muito decidida quanto à viagem que iremos empreender. Se a deixar sozinha durante alguns dias, poderá arrepender-se...

— Julgava-o mais persuasivo com as senhoras — ironizou o Krisov.

— Não passa de uma miúda. Investi nela muito empenho e paciência. Penso que acabará por se tornar uma boa agente; uma agente cega, mas eficaz.

— Não cometa o erro de lhe confessar aquilo que realmente faz — advertiu-o o Krisov.

— Por isso mesmo frisei que se tratará de uma agente "cega". Trabalhará para nós sem o saber. É uma romântica inveterada e está convencida de que o único objetivo que persigo é o de levar o comunismo ao mundo inteiro.

— E não é assim? — O olhar irônico do Krisov perturbou o Pierre.

— Naturalmente, camarada.

— A utilização da menina Garayoa foi aprovada. Tal como você, pensamos que, devido às suas características, poderá vir a ser-lhe útil, mas não confie demasiado nela.

— Não o farei, camarada.

— Sendo assim, ver-nos-emos quando regressar de Espanha.

A 10 de julho, Pierre e Amelia chegavam a Barcelona, ficando novamente hospedados em casa da Dona Anita. O Pierre sentia-se tranquilo ao poder contar com a hospitalidade da viúva, dado que esta ficava com a Amelia durante as reuniões em que ele teria de participar ao longo do dia. De início, tinha pensado em deixar a Amelia em Paris ao cuidado dos pais, mas descartou a ideia sabendo que o seu pai nada poderia fazer caso a Olga e a Amelia entrassem em conflito. Além disso, o Pierre começava a ficar preocupado, já que, de dia para dia, a Amelia parecia cada vez mais arrependida por aquilo que tinha feito, o que o obrigava a não perdê-la de vista.

Foi com alegria que Amelia recebeu a notícia de que iriam voltar a Espanha. Tinha-lhe pedido para irem a Madrid, para ela tentar ver o filho, e o Pierre optou por não negar taxativamente tal possibilidade, ainda que não tivesse qualquer intenção de lhe fazer a vontade.

— Vejam só, aqui está de novo o nosso casal feliz! — disse-lhes a Dona Anita ao recebê-los. — Desta vez, por quantos dias me irão honrar com a vossa estadia?

— Três ou quatro. Tenho de encontrar-me com um cliente que me assegura ter encontrado um exemplar que procuro há anos. Se as coisas correrem bem, provavelmente poderemos ir até Madrid — informou o Pierre.

— E você, Amelia, irá visitar a sua amiga Lola Garcia? Há alguns dias, estive aqui o Josep. É bom homem, e dá prazer ver o orgulhoso que está daquele piolhento a que chama filho.

Amelia assentiu, ainda que inquieta. Depois da última discussão, não tinha qualquer desejo de estar com a Lola. Na verdade, começava a sentir aversão por aquela que outrora tinha sido sua amiga, culpando-a pelo rumo que a sua vida havia tomado.

No dia seguinte, depois de o Pierre se ter despedido dela antes de sair para os seus afazeres, a Amelia disse à Dona Anita que iria sair para comprar determinadas coisas de que iria necessitar, tendo em conta a viagem que iriam empreender para Buenos Aires. A viúva hesitava se deveria deixá-la sair sozinha, dado que o Pierre lhe tinha dado instruções para que a vigiasse, mas naquela manhã recebia uma encomenda de livros e, ainda que contasse com o auxílio de um empregado, não gostava de abandonar a livraria, de modo que acabou por aceitar que a Amelia saísse sozinha.

— Mas não demore demasiado. Caso contrário, ficarei preocupada — advertiu-a.

— Não se preocupe, Dona Anita, não me irei perder. Consigo certamente encontrar os tecidos de que necessito nas proximidades.

— Sim. Já lhe disse que, a duas ruas daqui, há um armazém da Sedería Inglesa, aí pode encontrar todos os tecidos de que necessita.

Na verdade, Amelia tinha outro plano: dirigir-se à central telefônica para telefonar à sua prima Laura. Ansiava por notícias da sua família, do seu pequeno Javier. Desde a sua fuga que não tinha entrado em contato com a Laura e, quanto aos pais, nem sequer se atrevia a enviar-lhes uma carta a pedir-lhes que a perdoassem.

Em Paris, nunca tinha ousado telefonar à prima, temendo que o Pierre a pudesse dissuadir. Apercebia-se de que, pela primeira vez desde a sua fuga, iria dispor de alguns momentos para si própria.

Saiu da livraria da Dona Anita e começou a caminhar, sentindo que estava prestes a trair a confiança que o Pierre depositava nela. tal como sabia que ele não lhe confessava determinados segredos, também ela teria os seus.

Difícilmente poderia imaginar que a sorte não estaria do seu lado. Ao entrar na central telefônica, aproximou-se de uma empregada para lhe solicitar uma ligação para o telefone de casa dos seus tios em Madrid, não se apercebendo de que o homem que estava ao lado da empregada a observava fixamente, com surpresa no olhar. Na sua última estadia em Barcelona, a Amelia tinha acompanhado o Pierre a uma reunião com alguns camaradas, entre os quais se encontrava este homem da central telefônica, um militante local do partido que trabalhava num local estratégico. O homem ficou surpreendido ao vê-la ali sozinha e, sobretudo, tão nervosa.

Amelia remexia as mãos, aguardando que a ansiada ligação fosse estabelecida. Entretanto, o homem convenceu a colega a fazer uma pausa, dado que a ligação estava demorada.

— Não te preocupes, eu tratarei disso.

— Obrigada, há uma hora que estou com vontade de ir à casa de banho.

O homem tinha decidido não perder sequer uma palavra da conversa que a Amelia pudesse ter, de modo que desviou a linha para o seu próprio telefone.

Depois, quando a operadora de Madrid advertiu que já haviam atendido no número em causa, fez um gesto para a Amelia, que continuava distraída, para que entrasse numa cabina para falar.

— Já podem falar — informou a operadora de Madrid.

— Laura? Pretendia falar com a Laura — murmurou a Amelia.

— E quem devo anunciar? — perguntou a criada que atendeu o telefone.

— Amelia.

— A senhorita Amelia? — perguntou a criada, alarmada.

— Por favor, apresse-se! Avise a minha prima, não disponho de muito tempo.

Alguns minutos depois, ouviu a voz da sua tia Elena.

— Amelia, graças a Deus que dás notícias! Onde estás?

— Tia, não disponho de muito tempo para explicações. Onde está a Laura?

— A estas horas está sempre nas aulas, como sabes. E tu onde estás? Pensas regressar?

— Tia, eu... não posso explicar. Lamento muito o que aconteceu. Como está o meu bebé? E os meus pais?

— O teu filho está bem. A Agueda cuida dele como se fosse sua mãe, ainda que não tenhamos voltado a vê-lo. Quanto ao Santiago... bem, o Santiago optou por cortar quaisquer relações com a nossa família. Os teus pais telefonam à

Águeda para saberem como está o menino.

— E o meu pai? Como está ele? Soube mais alguma coisa acerca de Herr Itzhak?

— O teu pai... bem... sofreu um ataque cardíaco quando partiste, mas não te assustes, não foi nada de grave, o médico disse que se deveu à tensão, já recuperou.

Amelia desatou a chorar. Apercebia-se agora das reais consequências da sua fuga. Não tinha querido refletir naquilo que deixava para trás, preferindo pensar que tudo continuaria na mesma, que nada se alteraria. E ficava agora a saber que o Santiago impedia os seus pais de verem o Javier e que o seu pai tinha sofrido um ataque cardíaco... e era ela a culpada por tudo isso.

— Meu Deus, que fui eu fazer! Nunca conseguirá perdoar-me! — dizia entre lágrimas.

— Por que não regressas? Se o fizeres, tudo se normalizará. Estou certa de que o Santiago continua a gostar de ti e, se lhe pedires perdão... Têm um filho, ele não poderá recusar-se a perdoar a mãe do seu filho. Regressa, Amelia, regressa... Os teus pais ficariam extremamente felizes, não passa um dia sem que lamentem a tua ausência, tal como nós. A Laura também esteve doente, devido à tristeza... Tenho a certeza de que, se regressares, ninguém te acusará de nada. Recordas-te da parábola do filho pródigo?

— E como está Edurne? — conseguiu a Amelia perguntar.

— Está em nossa casa, a tua prima Laura insistiu para que ficasse a viver connosco. O Santiago prescindiu dos seus serviços...

— O que fui fazer! O que fui fazer!

— Filha, a culpa de tudo isto foi das más companhias. Essa Lola, esses comunistas... Abandona tudo isso, Amelia, abandona-os e regressa.

O homem decidiu interromper a ligação. Suspeitava que aquela jovem amante do camarada Pierre estava prestes a ceder perante as súplicas da tia. Era melhor impedir que continuassem a falar e telefonar de imediato à Dona Anita. Ela saberia o que fazer.

— Ouça, ouça, a ligação foi abaixo! — gritava a Amelia, tentando captar a atenção do homem.

— Um momento, menina, irei tentar restabelecer a ligação, aguarde na cabina.

Mas em vez disso telefonou à Dona Anita, a quem resumiu rapidamente aquilo que tinha acabado de ouvir.

— Retém-na, que não demorarei nem um minuto a chegar aí. Estas burguesinhas julgam que a vida é um jogo.

Na cabina telefônica, era com impaciência que a Amelia aguardava pelo

restabelecimento da ligação com o telefone de casa dos seus tios. Teria preferido falar com a Laura, mas a tia tinha sido carinhosa e compreensiva. Se regressasse... talvez todos a perdoassem.

Subitamente, sentiu-se trespassada por um olhar glacial. A Dona Anita dirigia-se para a cabina onde ela estava.

— Amelia, querida, que coincidência! Tive de sair para tratar de uns assuntos e pareceu-me vê-la da rua. Quer que lhe faça companhia? Com quem pretendia falar, querida?

Sentiu vontade de sair dali a correr, de escapar, mas a Dona Anita já tinha apertado a mão sobre o seu braço.

— Queria falar com a minha família — respondeu entre lágrimas.

— Claro, claro! Sendo assim, aguardarei por si até que consigam estabelecer a ligação.

— Não, não se preocupe, as linhas estão com problemas, tornarei a tentar noutra ocasião.

— Mas não precisa de vir aqui. Bem sabe que dispomos de telefone na livraria, que é um dos poucos luxos a que me permito.

— Não queria incomodar... — justificou-se a Amelia.

— Incomodar, você? De modo nenhum. A Amelia e o Pierre serão sempre bem-vindos na minha casa. Partilhamos os mesmos ideais. Minha filha, não sabe a sorte que tem por o Pierre se ter apaixonado por si. Quantas mulheres não desejariam estar no seu lugar!

Ele é tão prestável e cavalheiro para consigo... Aproveite a vida e não desperdice tamanho amor. Acredite em mim, fala a voz da experiência.

Amelia pagou o custo da chamada e saiu da central telefônica agarrada pela Dona Anita, que não lhe soltava o braço.

— Sendo assim, parece-lhe bem que a acompanhe a comprar os tecidos que pretende? E deixe de chorar, que ficou com o nariz mais vermelho do que um pimento e com os olhos pequeninos por causa das lágrimas. Que tristeza iria o Pierre sentir se a visse neste estado! Pronto, já passou. Esta tarde, iremos visitar a sua amiga Lola, que saberá certamente como animá-la.

Dona Anita não voltou a deixá-la sozinha por um minuto sequer. Disfarçava a irritação que sentia por se ver a desempenhar o papel de "vigia" da "burguesinha", como ela apelidava a Amelia, e passou o resto do dia com ela, deambulando ao acaso pela cidade. A tarde, quando se encontraram com o Pierre, sentia já uma certa dificuldade em disfarçar o mau humor, enquanto a Amelia também não fazia o menor esforço por dissimular o estado depressivo em que tinha mergulhado após a conversa com a tia.

Entretanto, o homem da central telefônica já tinha informado o Pierre acerca

do conteúdo da conversa entre a Amelia e a Dona Elena.

— Então, como passaram o dia? — perguntou, fazendo-se de desentendido.

— Bem, muito bem, fomos fazer compras. A Amelia precisava de comprar algumas coisas antes da vossa viagem para Buenos Aires respondeu a Dona Anita.

— E que tal se eu vos convidasse para jantarmos fora? Encontrei-me com o Josep, que irá juntar-se a nós, bem como a Lola e o Pablo. Jantar com amigos é o melhor que se pode desejar após um dia de trabalho. Vá lá, Amelia, alegra-me essa cara e arranja-te Um pouco. Entretanto, tenho de falar com a Dona Anita acerca do livro que vim buscar, preciso do seu aconselhamento e do seu olhar experiente.

Amelia, submissa, fechou-se no quarto que partilhava com o Pierre. Custava-lhe ter de encontrar-se com a Lola, sobretudo numa altura em que o seu estado de espírito estava de rastos. Mas não se atrevia a contrariar o Pierre; portanto, abriu o armário e escolheu a roupa que iria levar vestida. Entretanto, o Pierre e a Dona Anita tinham descido até à livraria, afastados dos ouvidos da Amelia.

— Já sei o que aconteceu. O camarada López ligou-me logo depois de te ter informado. Por aquilo que me contou, a conversa com a tia não foi conclusiva — afirmou o Pierre.

— Nada comentou comigo acerca do teor da conversa, mas a rapariga tem passado o dia a choramingar e a lamentar-se por ter abandonado o filho. Não sei, mas julgo que poderás vir a ter problemas com ela. É muito jovem e parece-me que está arrependida por ter abandonado a família — opinou a Dona Anita.

— Se se tornar um problema, eu próprio a enviarei de regresso a Madrid...

— Ora essa, julgava que estivesses apaixonado por ela!

Pierre não replicou. Irritava-o perder o controle sobre Amelia. Estava farto de se comportar como um apaixonado seduzido, farto de ter de fingir diariamente ser um sedutor, de depender de estados de espírito. Quase desejava que ela lhe dissesse que regressava a Madrid. Se não fosse por ter já planeado a sua cobertura em Buenos Aires com ela, deixá-la-ia ali mesmo, em Barcelona, e que ela se arranjasse sozinha para regressar a Madrid.

Amelia desceu para se juntar a eles e tudo nela indiciava desânimo: a postura, a forma de caminhar, a atitude ausente.

Caminharam até um pequeno restaurante próximo do Bairro Gótico, gerido por um camarada, onde eram já aguardados pelo Josep, a Lola e o Pablo.

— Estão atrasados — queixou-se a Lola —, estamos aqui há mais de meia hora. O Pablo está faminto.

Sentamo-nos a uma mesa um pouco afastada das restantes.

Pierre esforçou-se por alegrar um pouco os ânimos do grupo, mas nem a

Amelia nem a Lola estavam de bom humor, e a Dona Anita tinha os nervos em franja por ter passado o dia a tentar controlar a Amelia.

Josep apercebeu-se da perturbação do Pierre e fez os possíveis por alegrar os ânimos do grupo. Por fim, os dois homens acabaram por se render face à atitude das três mulheres e envolveram-se numa conversa acerca dos mais recentes eventos políticos, como as cada vez maiores evidências de que parte do exército pretendia pôr fim ao regime republicano. O nome do general Mola corria de boca em boca.

Amelia mal conseguiu comer; o mesmo não aconteceu com a Dona Anita e a Lola, que sempre tinham revelado um bom apetite.

Findo o jantar, o Josep ofereceu-se para os acompanhar durante parte do trajeto até casa da Dona Anita. O Pierre e a Amelia caminhavam à frente e, ainda que falassem em voz baixa, chegavam-me alguns fragmentos da conversa que travavam.

— O que se passa contigo, Amelia? Porque estás triste?

— Por nada.

— Então, não tentes enganar-me, conheço-te bem e sei que alguma coisa há que te faz sofrer!

Ela desatou a chorar, tapando a cara com as mãos, ao que o Pierre lhe colocou o braço sobre os ombros, num gesto protetor.

— Amo-te, mas... penso que fui muito egoísta, pensei unicamente em mim, no fato de querer estar contigo. Mas não agi corretamente, sei que não agi corretamente — repetiu.

— Que conversa é essa, Amelia? Já abordamos esta questão em outras ocasiões. Tu própria me disseste que existe em Espanha um provérbio que diz que não se podem fazer omeletas sem ovos. Sei que nunca é fácil separar-se da própria família, pensas que não compreendo isso? Tu te dás mal com a minha mãe, mas é minha mãe e gosto dela, mas parece-me que devemos oferecer-nos a nós próprios a oportunidade de começarmos uma vida nova e, tal como tu abandonaste a tua família, também eu abandonei a minha, como também abandonei o meu negócio, os meus projetos de futuro.

— Mas tu não tens filhos!

— Não, não tenho filhos, mas espero vir a tê-los a partir do momento em que a nossa relação estiver firme e consolidada. Nada me faria mais feliz. Aquilo que mais lamento é que não possas levar o Javier contigo, pelo menos por enquanto, mas não descartemos a hipótese de o ter connosco no futuro.

— Isso nunca irá acontecer! O Santiago nunca o permitiria, nem sequer permite que os meus pais visitem o menino.

— E como sabes isso? Falaste com os teus pais?

Amelia corou. Sem se aperceber, tinha acabado por se denunciar, ainda que tenha depois pensado que, certamente, a Dona Anita acabaria por lhe contar tudo.

— Falei com a minha tia Elena. Queria falar com a minha prima Laura, mas ela não estava em casa e foi a minha tia quem veio atender.

— Isso parece-me muito bem, não debes perder o contato com a tua família. Sei que te sentirás mais tranquilizada se souberes como eles estão — afirmou o Pierre, tentando disfarçar que pensava precisamente o contrário. — E então o que te disse a tua tia?

— Sabe que o Javier está bem através da Agueda, a ama de leite. O Santiago cortou qualquer contato com a minha família e não deixa que vejam o menino. O meu pai adoeceu quando parti, teve problemas cardíacos. Por minha culpa, poderia ter morrido.

— Isso não te posso consentir! Não permitirei que te sintas culpada pelos problemas de saúde do teu pai. Tens de ser racional, ninguém tem problemas cardíacos devido a uma desilusão, não foste tu quem provocou isso. Quanto à circunstância de o teu marido não lhes permitir ver a criança, parece-me uma atitude cruel, não abona nada em seu favor, para além de não me parecer justo castigar os avós proibindo-os de ver o neto. Não, Amelia, o teu marido não está a agir corretamente.

As palavras do Pierre intensificaram o pranto da Amelia, que tentava desculpar o marido.

— Ele é uma pessoa de bom coração e não é injusto, mas ver os meus pais trar-lhe-ia recordações minhas, e não lhe faltam razões para que deseje esquecer-me. Agi muito mal com ele! O Santiago não merecia aquilo que lhe fiz!

Pierre passou aquela noite a consolá-la, tentando mitigar a dor pela ferida aberta na sua consciência.

O dia seguinte era 13 de julho, uma data que se tornaria crucial à história da Espanha: nesse dia, seria assassinado o José Calvo Sotelo, líder da direita monárquica.

Pierre decidiu ir a Madrid. Ainda que não lhe tivessem sido fornecidas instruções específicas para o fazer, aquele acontecimento parecia-lhe suficientemente grave para justificar uma deslocação à capital, de modo a entrar em contato com alguns camaradas que, ocasionalmente, lhe forneciam informações acerca do governo do Azana. Embora houvesse agentes da rezidentura presentes em Madrid, agora era o Pierre quem pretendia avaliar a situação e enviar um relatório preciso para Moscou.

Foi com alegria que a Amelia recebeu a notícia de que viajariam para Madrid. O Pierre enganou-a, dizendo que tinha tomado a decisão tendo em conta

a tristeza que ela sentia. A verdade é que não se atrevia a deixá-la ao cuidado da Dona Anita, para além de a Lola e a Amelia se mostrarem mutuamente distantes, uma situação cujas razões teria também de investigar na devida altura.

A viagem de comboio parecia interminável. Quando finalmente chegaram a Madrid, encontraram a capital invadida por todo o tipo de rumores. O Pierre decidiu que ficariam alojados na Pensão La Carmela, situada na rua Calderón de la Barca, perto das Cortes. Os proprietários da La Carmela mantinham a pensão limpa e tratavam bem aqueles que lá se hospedavam. Orgulhavam-se por contarem entre os seus clientes até alguns deputados. A pensão dispunha apenas de quatro quartos e foi uma sorte que naquele momento um deles estivesse desocupado.

— Ontem partiu o Dom José, o caixeiro-viajante de Valência, que aqui fica hospedado uma noite por mês. Penso que a vossa estadia já terá coincidido noutras ocasiões — informou a proprietária, Dona Carmela.

— Sim, penso que sim — respondeu o Pierre, sem grande vontade de fazer conversa.

— Não sabia que o senhor era casado — disse a Dona Carmela, curiosa.

— É como vê... — replicou ele, sem confirmar nem desmentir.

Pierre estava preocupado com o modo como deveria lidar com a Amelia durante a estadia em Madrid. Não poderia ir com ela a todo o lado, visto que tinha de encontrar-se com agentes, bem como travar conversas confidenciais, o que se tornaria inviável com a Amelia presente. Mas, se a deixasse sozinha, estava certo de que ela acabaria por ceder ao impulso de ir ver a sua família, cenário cujas consequências não conseguia prever. Assim, decidiu ser ele próprio a tomar a iniciativa e a incentivar esse encontro, desde que pudesse também estar presente.

— Talvez agora devesse falar com a Dona Laura. Ela poderá explicar-lhe o que aconteceu naqueles dias em Madrid melhor do que eu. Regresse depois disso, para prosseguirmos a nossa conversa — concluiu Pablo Soler, sorrindo de satisfação.

Estivera a falar durante mais de quatro horas, sem que eu tivesse proferido palavra. Não conseguia deixar de me sentir surpreendido: a minha bisavó tinha fugido com um agente dos serviços secretos soviéticos e filiara-se no Partido Comunista Francês. Parecia incrível que isso pudesse acontecer na vida de uma "mosquinha morta» que, de um momento para o outro, se revela uma Mata Hari em potência.

— O senhor tornou a ver a Amelia?

— Sim, claro que sim, quando regressaram a Barcelona. Mas já lhe disse que um dos meus melhores livros aborda precisamente as ações dos agentes

soviéticos naquela época, sendo o Pierre um deles. De forma que tive de investigar profundamente a sua vida. Era um homem bastante interessante, um fanático, ainda que não parecesse sê-lo. Julgo que deveria ler o meu livro, ser-lhe-á certamente de grande utilidade.

— Fala nele da minha bisavó?

— Não, não a menciono.

Dom Pablo levantou-se, retirando depois da estante um livro bastante volumoso. Agradei-lhe a oferta e prometi-lhe que tornaria a telefonar-lhe.

— Sim, faça-o, por estes dias não irei estar muito ocupado, visto que acabo de enviar um livro para impressão; quase posso dizer que estou de férias.

Acompanhava-me até à porta quando nos deparamos com a sua esposa.

— Não quer ficar para almoçar connosco? — perguntou ela, sorrindo.

— Ah, Charlotte, não te apresentei o senhor Albi.

— É um prazer conhecê-la, minha senhora. Chamo-me Guillermo Albi.

— Senhor Albi, tenho de lhe agradecer por ter mantido o meu marido ocupado. Quando não está a escrever, não sabe o que fazer com o tempo livre e, como acaba de concluir um livro, não lhe resta outra alternativa senão descansar um pouco. Assim, considere-se bem-vindo.

— Muito obrigado, espero não vir a incomodar-vos com demasiada frequência, ainda que o Dom Pablo me tenha autorizado a tornar a visitá-los em breve.

Embora com mais alguns anos em cima, era evidente que Charlotte era a mesma mulher retratada no quadro que me havia captado a atenção. Parecia norte-americana, ainda que falasse um espanhol fluente, com um leve sotaque do Sul. Considerei a esposa de Dom Pablo muito simpática, para além de, a julgar pelo quadro, dever ter sido muito bela, embora se notassem ainda nela alguns traços da antiga formosura.

Dirigi-me para o hotel, para telefonar a Dona Laura e falar calmamente com ela. A tarefa de que a tia Marta me encarregara começava a agradar-me. Deparava-me com surpresas após surpresas, imaginando já o cenário do próximo Natal, altura em que a minha família teria a oportunidade de ler a história da minha bisavó. A minha tia Marta, tão simpatizante com a direita, iria sofrer uma grande desilusão ao descobrir que a sua avó fora amante de um agente soviético.

Liguei o telemóvel quando estava a caminho do hotel. Tinha uma mensagem urgente do editor da secção cultural do jornal digital com o qual eu colaborava. Telefonei-lhe de imediato.

— Guillermo, por onde tens andado? Devias ter entregado ontem a crítica ao livro do Pamuk. Estás a provocar-nos um problema porque angariamos publicidade da editora, de onde nos ligaram esta manhã para saber o que se

passava.

— Lamento, Pepe, perdi a noção do tempo. Envio já a seguir, dá-me uma hora.

— Uma hora? Tenta perceber: este é um jornal digital e tenho de publicar a crítica imediatamente. Onde raio estás?

— Em Barcelona, vim encontrar-me com um historiador, Dom Pablo Soler.

— Não me digas! O Soler é um dos historiadores mais prestigiados, as suas obras sobre a guerra civil são as mais sérias e equilibradas de entre todas as que já se publicaram. É uma verdadeira autoridade no mundo universitário norte-americano.

— Sim, bem sei que é uma grande personalidade. Compreende, foi-me dada a oportunidade de o conhecer e... bem, acabei por me esquecer da crítica ao Orhan Pamuk, mas li o livro e, daqui a pouco, vou escrever o artigo e te envio. Estou neste momento a caminho do hotel.

— Desta vez passa... e, já agora, tendo em conta que conhecestes o Pablo Soler, pede-lhe uma entrevista. Seria um grande furo, já que ele não gosta de jornalistas e nunca concede entrevistas.

— Está bem, irei tentar, veremos o que me diz.

— Sim, tenta. Se conseguires, isso irá certamente apaziguar a irritação do diretor. Ah, e não demores mais de meia hora a enviar-me o raio desse artigo!

Afinal de contas, a minha mãe tinha razão: estava a envolver-me tanto na história da minha bisavó, que estava a afastar-me do meu próprio mundo, que não passava de um emprego de vão de escada num jornal digital que me pagava cem euros por artigo. Meses havia em que não auferia mais do que quatrocentos euros, o que chegava apenas para comprar tabaco, o passe dos transportes públicos e pouco mais. Se Pablo Soler viesse a conceder-me uma entrevista, talvez o diretor do jornal acabasse por confiar mais em mim, delegando-me outras áreas para além da crítica literária. As entrevistas eram bem pagas. Claro que não me agradava a perspetiva de regressar à casa do professor Soler para lhe pedir uma entrevista. Uma coisa era ter aceitado falar comigo acerca da minha bisavó, outra muito diferente seria falar para a comunicação social. Mas iria tentar. As minhas finanças não estavam para contemplações, ainda que, enquanto a investigação sobre Amelia Garayoa se prolongasse, pudesse contar com os pagamentos da tia Marta.

4

Não concluíra a leitura do livro de Pamuk, mas já possuía tarimba suficiente para conseguir escrever um artigo elogioso, que foi o que acabei por fazer. Telefonei a Pepe para confirmar se já o havia recebido e ficar definitivamente tranquilo. Insistiu comigo para que entrevistasse o professor Soler, pelo que me comprometi a tentar. Depois, telefonei à minha mãe.

— Por onde tens andado, filho? Passei toda a manhã a ligar-te para o telemóvel, que estava sempre desligado.

— Estou em Barcelona. Vim cá para me encontrar com uma pessoa que conheceu a bisavó.

— A tua bisavó? Deve então ser já bastante velhinho, dado que, caso fosse viva, a tua bisavó teria mais de noventa anos.

— Na verdade, era criança quando a conheceu, ainda que conte já com uma certa idade.

— E quem é?

— Não te digo, mãe. Nada irei contar até concluir a investigação, mas posso desde já dizer-te que a tua avó, ou seja, a minha bisavó, teve uma vida bastante agitada, vão ficar surpreendidos.

— A tua tia Marta ligou-me a queixar-se, diz que não queres informá-la acerca do decurso da investigação e que não sabe se estás realmente a trabalhar ou a viver à grande às custas dela.

— A tua irmã é encantadora!

— Guillermo, é tua tia e gosta muito de ti!

— De mim? Então, suponho que tenha frequentado um curso de representação, porque nunca tinha reparado.

— Guillermo, não sejas impertinente.

— Está bem, mãe, não implicarei com a tia Marta mais do que o necessário. Estava a ligar-te para saber como estás e se me ofereces o jantar esta noite.

— Claro, filho, estou desejosa por estar contigo.

— Fica então combinado, às dez em ponto estarei a bater-te à porta.

Desliguei o telefone, pensando que a minha mãe tinha uma paciência infinita comigo.

Depois, telefonei a Dona Laura. Pretendia que me contasse aquilo que havia acontecido a Amelia nos dias que antecederam a guerra civil ou que me sugerisse alguém que pudesse fornecer-me tais informações, dado que era óbvio que deixara de ter pistas que pudesse seguir.

A governanta mostrou-se hesitante quando anunciei o meu nome e lhe disse que desejava falar com Dona Laura ou com Dona Melita. Deixou-me à espera ao telefone e, passados uns minutos, foi a voz de Dona Laura que ouvi, parecendo-me mais sumida do que da última ocasião em que estivera com ela.

— Não me sinto bem, tive uma quebra de tensão — explicou-me, quase murmurando.

— Não quero incomodá-la, mas o professor Soler disse-me que a Amelia esteve em Madrid dois ou três dias antes de a guerra civil ter deflagrado e que pretendia encontrar-se com a família. O professor disse que a senhora saberia informar-me acerca daquilo que aconteceu nesses dias, antes de ele próprio prosseguir a sua narração. Mas se não está bem... posso esperar que recupere ou, em alternativa, poderia indicar-me com quem devo falar acerca do assunto.

Dona Laura insistiu em que, de fato, não se sentia em condições e que o médico lhe recomendara que permanecesse acamada. Quanto a Dona Melita, também não estava muito bem de saúde, de modo que o melhor seria falar com a Edurne.

— Com efeito, foi com a Edurne que a Amelia se encontrou naqueles dias. Comigo, não esteve mais do que uma hora. Venha a nossa casa amanhã de manhã, mas tente não cansar demasiado a Edurne, dada a sua idade avançada; para ela, recordar fatos do passado pressupõe um grande esforço.

— Prometo-lhe que tentarei encurtar ao máximo o tempo de conversa.

Apercebia-me de que as minhas "fontes» eram pessoas idosas, que estavam na reta final das suas vidas. Ou trabalhava com alguma celeridade ou poderia correr o risco de uma delas falecer de um dia para o outro. Decidi então concentrar-me na investigação, sacrificando horas de sono em prol da manutenção do meu precário emprego no jornal digital.

Quando cheguei ao aeroporto para embarcar na ligação aérea para Madrid, apenas havia bilhetes disponíveis na classe "executiva». Hesitei se deveria esperar por apanhar o voo seguinte, mas concluí que a minha tia Marta não iria à falência por pagar uma passagem a um preço um pouco mais elevado.

Ao chegar, apanhei um táxi. Ia a caminho de casa quando a vibração do

telemóvel me resgatou aos meus pensamentos.

— Guillermo, querido, por onde tens andado? Há mais de duas semanas que não me telefonas.

— Olá, Ruth, acabo de aterrar em Madrid, estive em Barcelona.

— Estava a telefonar-te para saber se te apetecia vir jantar cá a casa. Tenho um *foie gras* fantástico que comprei ontem em Paris.

Não hesitei. Telefonaria à minha mãe para desmarcar e pedir-lhe desculpas: um serão com Ruth prometia ser muito mais emocionante, sobretudo se, depois do *foie gras*, começássemos a fitar-nos languidamente. Ruth era assistente de bordo de uma companhia aérea de baixo custo, costumando estar de serviço na ligação para Paris, de modo que eu tinha a certeza de que o *foie gras* seria acompanhado por um estupendo vinho da Borgonha. Assim, tudo indiciava uma noite radiosa.

A minha mãe resmungou, mas não ficou zangada. A verdade é que, assim que me comunicou o manjar que me havia preparado, reforcei a minha decisão de jantar com Ruth. A minha mãe estava convencida de que eu me alimentava pessimamente, pelo que, sempre que almoçava ou jantava com ela, se esforçava por que comesse uma entrada de verduras e, como prato principal, peixe grelhado sem pitada de sal.

A noite revelou-se fantástica. Não me apercebera de quanto sentia a falta de Ruth até estar com ela. Diga-se que ela dava mostras de uma paciência infinita comigo, nunca me pressionando para que nos casássemos. Deixava-me fazer a minha vida livremente, não sei se por me considerar uma espécie de "objeto sexual» ocasional ou porque se apercebia de que, efetivamente, eu não possuía ainda a maturidade suficiente para um compromisso. De qualquer modo, era a relação ideal.

Cheguei a casa das Garayoa às onze horas da manhã. A governanta informou-me de que Dona Laura permanecia acamada e que Dona Melita fora ao médico, para uns exames. A sua sobrinha-neta, Amelia Maria, acompanhara-a.

Eduarne aguardava por mim na biblioteca, sentada. Não se mostrou feliz por me ver.

— Tudo aquilo que lhe contei ainda não foi suficiente?

— Prometo não incomodá-la demasiado, mas gostaria de saber o que aconteceu quando a Amelia e o Pierre vieram a Madrid. Parece-me que terá sido a 14 ou 15 de julho de 1936. A Dona Laura disse-me que a senhora esteve com ela.

— Sim, encontrei-me com ela — respondeu Eduarne com uma voz muito apagada. — Como poderia esquecer-me...

"A Amelia e o Pierre já estavam em Madrid há alguns dias. Ele pediu a um

casal amigo que vigiasse a Amelia e que não a deixasse sozinha. Por mais que ela preterisse tal companhia, não teve outro remédio senão aceitar as circunstâncias, mas, em simultâneo, sentia-se tão angustiada pela falta de liberdade e pela desconfiança do Pierre, que começava a pensar na possibilidade de o abandonar. Mas naquela altura a Amelia sentia-se sobretudo confusa, e tanto se mostrava decidida a pôr fim àquele relacionamento, como mudava de opinião ao vê-lo surgir sorridente e com uma rosa na mão.

Uma altura chegou em que ele percebeu que não poderia adiar Por mais tempo o encontro da Amelia com a família, não podendo continuar a inventar desculpas. Na manhã do dia 17, na presença do Pierre, a Amelia telefonou à Laura. A menina Laura não estava em casa; tinha saído com os irmãos, a Melita e o Jesús, e com a mãe, a Dona Elena. Também o Dom Armando estava ausente. Aflita, a Amelia perguntou por mim. Queria ver os pais, mas não se atrevia a apresentar-se em casa deles desconhecendo como seria recebida, sobretudo tendo em conta que iriam travar conhecimento com o Pierre.

Senti-me arrebatada de alegria ao ouvir a voz dela. Pediu-me que fosse ter com ela à Pensão La Carmela, onde estava hospedada. Cheguei lá em menos de dez minutos; o senhor nem imagina como corri, porque não se tratava de uma grande distância.

Mal nos vimos, começamos ambas a chorar de emoção. Estivemos abraçadas um longo momento, sem que o Pierre conseguisse separar-nos.

— Vamos, então, parem de chorar! Não estavam com tantas saudades uma da outra? Pois aqui estão...

Amelia pediu-me que lhe contasse pormenorizadamente como estavam os seus pais.

— O Dom Juan está melhor, recuperou bem do ataque cardíaco. A Dona Teresa não o deixa fazer nada. A tua mãe apanhou um grande susto, pois estava presente quando ele desmaiou. Ainda bem que manteve a lucidez suficiente para telefonar ao motorista, de modo que o Dom Juan deu de imediato entrada no hospital. E foi isso que lhe salvou a vida. Mas o teu pai anda triste, não parece a mesma pessoa desde que partiste. A Dona Teresa envelheceu rapidamente, mas não esmorece, é o sustentáculo moral daquela casa. A tua irmã Antonietta também passou por um mau bocado, passou várias semanas sem deixar de chorar a todo o instante.

— Julgas que, se for a casa dos meus pais, eles me perdoarão?

— Claro que sim! Ficarão extremamente felizes.

— E como reagirão face ao Pierre?

— Estás a pensar ir com ele?

— Bem... sim, o Pierre é... é como se fosse meu marido.

— Mas não é!

— Bem sei, mas é como se fosse. Assim que me for possível, irei divorciar-me e casar-me com ele, é só uma questão de tempo.

— Mas os teus pais estão muito afetados com aquilo que aconteceu. Não poderias ir vê-los sozinha?

Amelia teria preferido que assim fosse, mas o Pierre não estava disposto a deixá-la encontrar-se com a sua família sem estar presente. Receava perdê-la. Na verdade, isso estava a um passo de acontecer.

— E o meu filho? Como está o Javier?

— Apenas temos notícias dele através da Agueda. O Dom Santiago cortou qualquer contato com a tua família. Disse-lhes que prefere manter distâncias e que, no futuro, logo se verá se os deixará ver o menino. Mas é bom homem, porque permite que os teus pais telefonem à Agueda quando ele não está para saberem notícias do Javier.

— E tu? Tornaste a ver o meu filho?

— Não, não me atrevi. Mas podes estar sossegada, a Agueda cuida bem dele, gosta do menino como se do próprio filho se tratasse, sabes bem.

Amelia desatou a chorar. Sentia-se em dívida para com a Agueda, pelos cuidados com que rodeava o seu filho, mas, ao mesmo tempo, não deixava de se sentir magoada por ela estar a assumir o papel de mãe do Javier.

— Mas é meu filho! É meu!

— Sim, claro que é teu filho, mas tu não tens estado presente.

Aquelas palavras pareceram-lhe bofetadas. Fitou-me com raiva e mágoa.

— Eu amo o meu filho! — gritou.

Pierre abraçou-a, temendo que sofresse um ataque de histeria, o que não era de todo conveniente, dado que na pensão os julgavam casados.

— Acalma-te, Amelia, ninguém põe em causa que o Javier é teu filho e, estou certo disso, tornarás a estar com ele, mas cada coisa a seu tempo. Em Buenos Aires, daremos início ao processo do teu divórcio e, depois, regressarás para recuperar o Javier.

— Vais partir para Buenos Aires? — perguntei.

— Não sei! Não quero partir para lado nenhum!

Era notório que o Pierre estava saturado daquela situação e penso que esteve quase a dizer-me para que me fosse embora, levando a Amelia comigo.

— Não deves sentir-te obrigada a ir. Na verdade, propus que partíssemos para que pudéssemos começar uma vida nova, longe do passado, mas se não me amas...

— Não, amo-te muito! Mas parece-me que estou a enlouquecer!

— O melhor será ir-se embora, Edurne, já sabe onde nos encontramos.

Transmita a informação aos tios da Amelia e, se considerarem oportuno, iremos a casa deles ou à dos pais da Amelia. Pretendo pedir humildemente perdão ao Dom Juan e à Dona Teresa pelas tristezas que lhes causei, mas quero que saibam que amo mais a Amelia do que a minha própria vida e que apenas desejo fazê-la feliz.

Regressei a casa francamente impressionada. Admirava o Pierre desde o momento em que o tinha visto em casa da Lola. Era tão convincente, parecia tão seguro de si próprio... E não duvidava de que estivesse perdidamente apaixonado pela Amelia. Mas dava-me conta de que ela não era feliz, que se arrependia do que tinha feito e que, se pudesse voltar atrás, o faria sem hesitar. Mas eu não sabia como ajudá-la, sentia-me tão confusa como ela.

A Dona Elena e as filhas chegaram apenas ao meio-dia e, assim que as informei de que a Amelia estava em Madrid, que parecia muito infeliz e que queria ver a família, a menina Laura não hesitou um instante sequer.

— Vamos de imediato ter com ela!

— Mas, filha, não podemos apresentar-nos na pensão estando ela com esse homem!

— E porque não? Não percebes que ela não se atreve a vir aqui?

— Aqui é bem-vinda, mas sem a companhia desse homem. Será isso o que a Edurne terá de lhe dizer. Queremos vê-la e acompanhá-la-emos a casa dos pais dela, mas terá de vir sozinha. Seria uma vergonha se se apresentasse com esse homem. O teu tio Juan morreria de desgosto. A Amelia tem de compreender isso.

— Então, mamãe, não sejas assim — contrapôs a menina Laura.

— Não irei receber esse homem na minha casa! Nunca! É um desavergonhado, aproveitou-se da ingenuidade da Amelia, não pretendo relacionar-me com gentalha como ele.

— Mamãe, a Amelia está apaixonada pelo Pierre!

— Vejam só! Agora já dizes que a Amelia partiu por amor e não para tomar parte na revolução... O Santiago tinha toda a razão.

— Mas, mamãe...

— Chega, far-se-á aquilo que eu digo. Edurne, vai ter com a Amelia e diz-lhe que cá a aguardamos. Quanto a esse homem, terá de compreender que uma família decente não pode recebê-lo. O teu pai deve estar quase a chegar e partilhará certamente da minha opinião.

Tornei a correr até à Pensão La Carmela, sem me aperceber de que era seguida de perto pela menina Laura. Tinha decidido desobedecer às ordens da mãe e encontrar-se com a Amelia, temendo que esta recusasse vê-los caso não pudesse fazê-lo na companhia do Pierre. Alcançou-me quando estava quase a

franquear a porta do prédio. Subimos juntas até à pensão, que ficava no primeiro andar. A Amelia e o Pierre estavam a almoçar na pequena sala de refeições. Ainda hoje recordo que a proprietária da pensão lhes tinha servido ovos estrelados com pimentos.

Se a Amelia já tinha chorado quando me viu, assim que se apercebeu da presença da menina Laura as lágrimas jorraram-lhe a cântaros. As duas primas uniram-se num abraço interminável.

Pierre sentia-se perturbado com a situação, dado que a Dona Carmela não perdia a oportunidade de entrar na sala de refeições para se ir inteirando de tudo o que ali estava a acontecer. Propôs que descêssemos até à rua, para algum sítio onde pudéssemos falar à vontade e sem testemunhas. Levou-nos até um café na praça de Santa Ana, onde nos sentamos os quatro.

— Amelia, tens de vir a nossa casa. A minha mãe telefonará aos teus pais e acompanhar-te-emos a casa deles, mas terás de vir sozinha. O senhor tem de perceber que, nesta altura, ainda não é considerado bem-vindo, talvez no futuro... — disse a Laura.

Amelia parecia disposta a deixar-se convencer pela prima, mas a reação do Pierre impediu que isso acontecesse.

— Farei o que a Amelia quiser, mas deixe-me que lhe diga, menina, que também para a minha família não foi fácil aceitar a minha relação com uma mulher casada. Embora goste muito da minha mãe, impus-lhe esta situação, deixando bem claro que, se tivesse de optar entre ela e a Amelia, não hesitaria: optaria pela Amelia.

Depois de ouvir isto, a Amelia sentiu-se na obrigação de se colocar do lado dele.

— Se não querem que ele vá comigo, também eu não irei — replicou, chorando.

— Mas, Amelia, tens de compreender! O teu pai sofreu um ataque cardíaco. Se apareceres com o Pierre, temo pelo que possa acontecer. Quanto à tua mãe, também lhe pode dar qualquer coisa má... O melhor será avançares devagar, que estejam contigo primeiro; depois, ajudar-te-ei a convencê-los a receber o Pierre. Não podes exigir que os teus pais aceitem um homem que não é teu marido, assim sem mais nem menos. Bem sabes que o teu pai tem muita estima pelo Santiago...

Pierre abraçou a Amelia, afagando-lhe o cabelo.

— Tudo irá correr bem! — disse-lhe com voz apaixonada. — Não te preocupes, tudo se remediará, mas temos de mostrar a toda a gente que o nosso amor é verdadeiro.

Amelia separou-se do abraço e secou as lágrimas com o lenço do Pierre.

— Diz aos teus pais que não irei a lado nenhum sem ele. Pretendo divorciar-me do Santiago e casar-me com o Pierre. Se quiserem verdadeiramente ajudar para que os meus pais me recebam, serei a mulher mais feliz do mundo. Caso contrário, dou-me por satisfeita por ter podido abraçar-te. Estou confiante de que conseguirás convencê-los, mas, se assim não for... pelo menos, promete-me que nunca me esquecerás e que tudo farás para que um dia eles me perdoem. Agora, peço-te que tu e a Edurne regressem a casa e que faças tudo para conseguir aquilo que te pedi.

Abraçaram-se novamente entre lágrimas, com a menina Laura a prometer-lhe que tentaria convencer os pais.

— Espero que pelo menos o meu pai nos ajude. Provavelmente, mostrar-se-á mais compreensivo do que a minha mãe. Nem ela nem a tua mãe concordam com o divórcio, mas, se vierem a saber que vocês pretendem casar-se, talvez cedam um pouco.

Difícilmente conseguiríamos imaginar que, quando chegássemos a casa, encontraríamos o Dom Armando num estado de grande agitação, devido às notícias que chegavam do Norte de África, onde se dizia que um grupo de militares se tinha sublevado.

Naquelas primeiras horas, as notícias eram confusas e dizia-se que poderia ocorrer uma rebelião militar, chefiada pelos generais Mola, Queipo de Llano, Sanjurjo e Franco.

— Papá, tenho de falar contigo — pediu a Laura ao Dom Armando.

— Filha, agora não posso, tenho de ir às Cortes, tenho encontro marcado com um deputado de quem sou advogado. Quero saber o que está a acontecer.

— A Amelia está em Madrid.

— A Amelia? A tua prima?

— Sim, Armando, sim, a tua sobrinha está cá e a Laura saiu de casa para se encontrar com ela. Ia informar-te mas não tive oportunidade; como estás tão perturbado por causa do levantamento militar... — acrescentou a Dona Elena.

A notícia deixou o Dom Armando definitivamente fora de si. De todos os dias possíveis, aquele era o mais desadequado para ter de lidar com um drama familiar. O país estava em chamas e a família tinha de se concentrar nos problemas da Amelia.

— Temos de informar os pais dela. Arranja-te, Elena, temos de ir a casa do meu irmão. E onde está essa louca? — perguntou à filha.

— Na Pensão La Carmela, mas está com o Pierre.

— Com esse desgraçado! Não interessa, iremos buscá-la. Meu Deus! Tinha de aparecer precisamente hoje!

— Pelo amor de Deus, papá, o importante é que a prima esteja aqui! —

acusou-o a Melita, a sua filha mais velha.

— Na minha opinião, o importante é certificarmo-nos se não se esta a preparar neste momento um golpe de Estado e, como podem calcular, isso teria terríveis consequências. Bem, façamos o que é preciso, vamos buscá-la.

— Não, papá, não poderemos fazer isso, a não ser que todos estejam dispostos a aceitar o Pierre — declarou a Laura.

— Aceitar esse desavergonhado? Nunca!

— Papá, a Amelia diz que apenas virá a nossa casa ou à dos pais se for com o Pierre. Caso contrário...

— Como se atreve ela a confrontar-nos com uma proposta tão descabida? Não iremos receber esse homem. Não, não penso abrir-lhe as portas de minha casa — interveio a Dona Elena.

— Explica-te, Laura — exigiu o Dom Armando com gravidade.

— Ou os recebemos a ambos ou a Amelia não virá nem a nossa casa nem à dos pais. Foi muito clara quanto a isso. Papá, suplico-te que aceitemos o Pierre, sob prejuízo de perdermos a Amelia para sempre. A Edurne disse-me que ele pensa partir com ela para Buenos Aires. Julgo que, se formos ter com ela e fingirmos aceitá-lo, poderemos convencê-la a ficar. Caso contrário, nós a perderemos para sempre.

Dom Armando sentia-se ultrapassado pelos acontecimentos, tanto os políticos quanto os familiares.

— Filha, depois daquilo que fez, a Amelia não pode impor condições. As portas desta casa estarão sempre abertas para ela, e não duvido de que o meu irmão agirá da mesma forma se a filha lhe bater à porta. Mas ela não pode exigir que aceitemos um homem que tanta desgraça trouxe à nossa família. Não me atrevo a ir a casa do teu tio e provocar-lhe um desgosto colocando-lhe a condição de que, se pretende ver a filha, terá de ser na presença desse Pierre. Isso seria demasiado cruel.

— Bem sei, papá. Tentei chamá-la à razão, mas não consegui. E... é como se tivesse perdido a vontade própria. Deixa-se influenciar pelo Pierre.

— O que iremos fazer? — quis saber a Dona Elena.

— Edurne irá voltar a essa pensão e explicará à Amelia que deverá vir a nossa casa sem esse homem. Depois, acompanhá-la-emos a casa dos pais dela — sentenciou o Dom Armando.

— E se se negar a isso? — A Laura falava com uma voz sumida.

— Irá colocar-nos numa situação muito complicada. Terei de encontrar-me com o meu irmão e de lhe explicar o que está a acontecer, e temo provocar-lhe um desgosto que poderá ter consequências para o seu estado de saúde.

— Papá, porque não vais tu falar com a Amelia? — implorou-lhe a Laura.

— Eu? Não, filha, não. Não me apetece de todo encontrar-me com esse homem, que apenas merece ser desafiado para um duelo por aquilo que fez.

Tal como me foi pedido, regressei à Pensão La Carmela, mas não encontrei nem Amelia nem Pierre. A proprietária informou-me que tinham saído com alguma pressa logo depois de um jovem ter vindo à pensão para informar o Pierre de que estaria a ocorrer uma rebelião militar no Norte de África. A proprietária disse-me estar assustada com a notícia, mas, ainda assim, não se fez rogada em perguntar-me que tipo de relacionamento existia entre o Pierre e a Amelia e por que motivo estava ela constantemente a chorar. Não lhe respondi, limitando-me a perguntar-lhe se sabia onde tinham ido ou quando regressariam, mas não soube informar-me, de modo que regressei a casa.

Naquela noite, a Amelia telefonou à Laura. O Dom Armando e a Dona Elena tinham ido a casa do Dom Juan e ainda não haviam regressado. A Laura tentou convencer a prima a encontrar-se com a família sem se fazer acompanhar pelo Pierre, mas o esforço revelou-se inútil. A Amelia disse-lhe que regressaria a Barcelona na tarde do dia seguinte, de onde partiria depois para França. Ignorava se algum dia se tornariam a ver.»

Eduarne permaneceu em silêncio, com o olhar perdido, tal como na anterior ocasião em que havíamos falado. Era como se aquelas recordações lhe ferissem a alma, como se não conseguisse controlá-las.

— E é tudo? — perguntei.

— Sim, é tudo. Amelia partiu. Dona Teresa, acompanhada da Antonietta, dirigiu-se à Pensão la Carmela no dia seguinte para a ir buscar, mas ela já tinha partido. Para a Dona Teresa, não foi fácil aparecer ali, numa pensão, perguntando pela filha, mas estava decidida a arrancar a Amelia das garras do Pierre: o amor pela filha era Superior às convenções sociais e familiares. Não informou o Dom Juan, tendo-se limitado a tomar a decisão e a pedir à Antonietta que a acompanhasse. Mas chegaram demasiado tarde. Chorou muito, culpando-se por não ter agido com maior urgência, indo à pensão às primeiras horas da manhã ou, inclusivamente, na noite anterior. Suponho que o Pierre terá pensado que o melhor seria partir, antes de a família dela aparecer para a levar consigo.

Despedi-me de Eduarne, agradecendo-lhe sinceramente por tudo o que me tinha contado e assegurando-lhe que esperava não ter de voltar a incomodá-la. Na verdade, também eu me sentia comovido com os acontecimentos da vida de Amelia, questionando-me sobre o que teria acontecido depois. Era óbvio que teria de falar novamente com Pablo Soler.

À porta do prédio, cruzei-me com Amelia Maria e a sua tia Melita. Grande confusão de Amelias!

— Estou de saída — disse, antes de lhe dar tempo de ser desagradável

comigo.

— Sim, estava ao corrente de que o senhor viria cá hoje.

— E a senhora como se sente? — perguntei à idosa, que caminhava muito lentamente, sem dispensar o auxílio da sobrinha-neta e ainda de uma enfermeira.

— Estou nas últimas, filho, mas esperarei até poder ler a sua narrativa — respondeu-me sorridente. — Hoje, sinto-me um pouco melhor, para além de os médicos não terem descoberto qualquer problema. Como se a idade não fosse, só por si, uma doença... Mas é, querido Guillermo, é mesmo. E o pior é que nos leva as recordações.

— Vamos, tia, tens de repousar. Acompanhe a minha tia até ao elevador — pediu Amelia Maria à enfermeira.

Permaneceu alguns segundos em silêncio, observando a tia a entrar no elevador com o auxílio da enfermeira.

— E então, Guillermo, como está a decorrer a sua investigação?

— Deparo-me com surpresa atrás de surpresa. A minha bisavó teve uma vida bastante agitada.

— Sim, também me parece. E que mais?

— Nada de especial, para além de a sua tia Laura estar a fornecer-me uma grande quantidade de pistas. O que disse o médico acerca do estado de saúde da Dona Melita?

— Disse que está bem. De um modo geral, está bem de saúde, o que é um milagre para a idade dela. Há uns dias, contratei uma enfermeira ao domicílio, para cuidar das minhas tias. Fico preocupada quando vou trabalhar e as deixo sozinhas. Se acontecer alguma coisa, a enfermeira saberá o que fazer.

— Fez muito bem. Bom... foi um prazer encontrar-me consigo, tia.

— Como disse?

— Ainda que isso não lhe agrade, somos parentes, e a senhora deve ser uma espécie de minha tia afastada, não é?

— Sabe uma coisa, Guillermo? Não acho nenhuma piada às suas observações.

— Nem eu pretendo isso, posso assegurar-lhe.

Adorava irritá-la, de tal forma me recordava a minha tia Marta.

Fui a casa da minha mãe, para comer os vegetais de que sabia que não iria livrar-me. Depois, passei pela redação do jornal para levantar o meu magro cheque e, dali, dirigi-me diretamente para o aeroporto. Na manhã seguinte, Pablo Soler tornaria a receber-me. Definitivamente, o homem gostava de madrugar, dado que marcara encontro de novo para as oito da manhã.

5

Charlotte abriu-me a porta e acompanhou-me até ao escritório do marido.

— Irei trazer-vos café de imediato — declarou num tom maternal.

Alguns minutos depois, a empregada entrava transportando um tabuleiro com uma cafeteira, um jarro de leite e um prato com torradas. Dom Pablo serviu-nos a ambos de café, mas não deu mostras de pretender pegar em nenhuma torrada, pelo que também eu me abstive de o fazer, embora me tivesse apetecido comer uma bem barrada com manteiga e marmelada.

— E então, o que lhe contou a Dona Laura? — perguntou-me.

— Não me foi possível falar com ela, visto estar adoentada, mas falei com a Edurne, que o senhor já conhece.

— A bondosa Edurne... claro que sim. A Dona Laura tem-lhe muito afeto. Deixe-me desde já dizer-lhe que, ontem à noite, falei com ela, tendo-me assegurado já se sentir melhor. Quanto à Edurne... foi uma testemunha excepcional de tudo aquilo. A Lola tinha muita estima por ela, muito mais do que pela Amelia; via-a como uma igual, como uma trabalhadora. A Lola costumava dizer que os Garayoa apregoavam a caridade, sendo por isso que tratavam bem a Edurne, enquanto ela, claro, defendia a verdadeira justiça social.

— E tinha razões para isso — comentei.

— Sim, lá isso é verdade, ainda que a Lola fosse bastante parcial nas suas análises.

— A vida foi-lhe madrasta — tentei justificá-la.

— Sim, realmente foi. Mas debrucemo-nos sobre o que o trouxe aqui.

Resumi-lhe tudo aquilo que Edurne me contara, com ele a ouvir-me atentamente, tomando inclusivamente algumas notas, para minha surpresa. Seguidamente, depois de beber o último gole de café, Pablo Soler retomou a narrativa onde a tinha deixado aquando do nosso primeiro encontro.

"O Pierre decidiu regressar a Barcelona, onde pretendia entrar em contato

com um dos seus informadores, para logo depois partir para França e, aí, encontrar-se com o Igor Krisov. O levantamento militar poderia pôr em causa o governo republicano. Ainda que o Pierre fosse um agente que atuava por toda a parte, possuía contatos preciosos em Espanha, mas ignorava se os seus superiores em Moscou se decidiriam ou não por adiar a sua viagem para a América do Sul. O navio partiria em finais de julho e o Pierre chegou a Barcelona no dia 19 desse mês, altura em que a cidade estava a viver o primeiro dia daquilo que se transformaria na guerra civil.

Recordo como se tivesse acontecido hoje a noite em que a Lola e o Josep me levaram a casa da Dona Anita, onde estavam reunidas várias pessoas, algumas delas dirigentes comunistas de associações e cooperativas, bem como jornalistas e dirigentes sindicais, num total de cerca de vinte pessoas.

Amelia abraçou-me carinhosamente. A sua palidez e olhos avermelhados chamaram-me a atenção. A Dona Anita repreendia-a por ter emagrecido tanto em tão poucos dias. O Josep começou por fazer um ponto de situação.

— As pessoas estão preocupadas porque temem que também aqui o exército se amotine. Ao que parece, a rebelião está a triunfar na Galiza, em Castela-Velha, em Navarra, em Aragão, em algumas cidades da Andaluzia e nas Astúrias; fala-se também já em Barcelona e nas Canárias. Mas são notícias que carecem de confirmação, existem demasiados rumores. Tudo indica que a força aérea se mantém à República.

— E qual é a posição do Companys? — quis saber o Pierre.

A resposta foi-lhe fornecida pelo Marcial Lluch, um jornalista simpatizante do PSUC que, além disso, era amigo do Pierre.

— Tenta colocar os militares do seu lado, está em conversações com eles, mas, por aquilo que sei, não sabe se deverá confiar em todos aqueles que lhe garantem que se manterão fiéis à legalidade e à República.

— E que estamos nós a fazer? — perguntou o Pierre ao Josep.

— Os nossos camaradas têm-se dirigido às principais sedes para requerer instruções. Não é que tenhamos muitos meios de defesa, mas de alguns dispomos. Os elementos da CNT estão mais bem organizados e parecem não ter falta de armamento. Mas a Lola poderá contar isso melhor do que eu, dado que testemunhou alguns combates.

Pierre fitou a Lola com interesse. Considerava-a dura como pedra, o tipo de comunista de que a revolução necessitava. Nunca se mostrava hesitante.

A Lola engoliu em seco antes de começar a falar. Preferia a ação aos discursos.

— De madrugada, saiu uma companhia militar dos aquartelamentos de Pedralbes, tendo sido organizada uma parada na praça da universidade.

Felizmente, a polícia de intervenção enfrentou-os, com a ajuda dos milicianos, mas não conseguimos impedi-los de se apossarem das instalações da Telefônica, do estado-maior e da marinha, para além do Hotel Colón. Os milicianos estavam muito mal armados.

— E tu estavas lá? — perguntou o Pierre com admiração.

— Saí para a rua com um grupo de camaradas.

— O general Lanos de la Encomienda opôs-se ao levantamento militar — afirmou o Marcial Lluch.

— Sim, mas não detém qualquer autoridade sobre os militares rebeldes — contrapôs a Dona Anita.

— A sua atitude é uma advertência para aqueles que ainda estão hesitantes — insistiu o jornalista. — Provavelmente, ao meio-dia os militares rebeldes terão sido expulsos do edifício principal da universidade. Já foram afastados da praça de Cataluña e também as instalações da Telefônica foram recuperadas.

— Diz-se que o assalto foi liderado pelo Buenaventura Durruti — comentou a Dona Anita.

— É verdade — confirmou o jornalista Marcial Lluch. — E fê-lo sem qualquer ajuda, à exceção da dos milicianos da CNT. O homem tem-nos no sítio. As notícias mais recentes referem que o Comando Militar hasteou a bandeira branca esta tarde, um pouco antes das seis horas. Julgo que os milicianos pretendiam fuzilar o general Goded, mas foram impedidos de o fazer por alguém dos escalões superiores.

Estiveram a falar durante horas, a analisar a situação e as decisões tomadas pelos dirigentes comunistas.

Pierre estava preocupado, tal como o Josep. Já a Lola parecia eufórica. Era como se acreditasse que apenas o confronto armado poderia exterminar os odiosos fascistas. Ansiava por um paraíso onde, em lugar de anjos, habitariam os proletários como ela. Quanto ao Josep, não se tinha envolvido em nenhuma escaramuça, pois havia chegado a Barcelona apenas uma hora antes, depois de ter estado com o seu patrão em Perpignan. O Josep e a Lola tinham discutido por ela me ter deixado sozinho em casa para ir para as ruas lutar. A Lola disse-lhe que o tinha feito para que um dia eu pudesse ser um homem livre, tendo-o advertido que nada nem ninguém a impediria de lutar contra os fascistas. Chegou inclusivamente a ameaçar deixá-lo, caso ele tentasse impedi-la de o fazer. Julgo que, naquele dia, o Josep se terá apercebido de que a única paixão da minha mãe era o comunismo, e a derrota do fascismo o seu único objetivo de vida. Tudo o resto era secundário, incluindo ele e eu.

A Lola parecia outra pessoa, segura, tranquila, como se a luta lhe houvesse permitido revelar a sua verdadeira natureza. Falava com pertinência e todos

notaram que algo nela havia mudado.

Enquanto ajudavam a Dona Anita a servir um lanche, a Lola perguntou à Amelia se se tinha encontrado com a família em Madrid.

— Estive com a minha prima Laura, mas a minha família não aceitara o Pierre e por isso não pude estar nem com os meus pais nem com os meus tios — respondeu, tentando conter as lágrimas.

— Não passam de uns burgueses tradicionais, já seria de esperar tal atitude. Uma coisa é dizer-se que se acredita na liberdade, outra muito diferente é demonstrá-lo na prática. A tua família não permite que desfrutes da tua liberdade como bem entendes — replicou a Lola.

— Não é essa a questão, o meu pai e o meu tio até são azanistas, mas pensam que cometi um erro ao abandonar o meu filho e o meu marido. O meu pai sempre insistiu na liberdade responsável...

— Liberdade responsável! E o que significa isso? Que tens de fazer aquilo que os outros pretendem? Apaixonaste-te por um revolucionário e ele pensa que poderás fazer muito pela nossa causa. Talvez esteja certo. De qualquer modo, és uma privilegiada por poderes demonstrar que não és como essa gentalha da direita, esses hipócritas que falam dos direitos dos outros mas que se recusam a abnegar dos seus próprios privilégios.

— Os meus pais não são assim! Lamento que tenhas sofrido, que a vida não te tenha sido fácil, mas isso impede-te de ver as coisas como realmente são. Julgas tudo pelo mesmo prisma, divides o mundo em bons e maus e és incapaz de te colocar na pele dos outros. Para ti, todos os detentores de propriedade são uns malvados, mas posso dizer-te que aquilo que os meus pais conseguiram foi com muito esforço, graças ao seu trabalho, e nunca exploraram ninguém.

— Percebo que defendas a tua família, isso só te fica bem, mas a verdade é que o mundo se divide entre exploradores e explorados, e eu luto para acabar com essa divisão e para que todos sejamos iguais, para que ninguém se veja beneficiado por ter nascido no seio de determinada família. A minha mãe deu-me à luz sozinha, contando unicamente com a ajuda da minha irmã mais velha. Sabes que idade tinha ela? Oito, apenas oito aninhos. E, nesse mesmo dia, a minha mãe deixou-me entregue a ela, para ir esfregar o chão na casa de uma família burguesa para a qual ela era mais do que insignificante.

O meu pai tinha falecido há dois meses, vítima de tuberculose, deixando-a sozinha com duas filhas. Vivíamos num pequeno quarto, onde partilhávamos um único colchão. Para podermos lavar-nos, a minha mãe tinha de ir ao fontanário, regressando com dois baldes de água. Mesmo assim, insistia para que nos mantivéssemos asseadas» inclusive no inverno, quando a água estava gelada. Sabes com que idade comecei a trabalhar? A mesma que a minha irmã: com oito

anos, já ia para as limpezas com a minha mãe. Ela ia todos os dias a uma casa para fazer o trabalho mais árduo: esfregar o chão, lavar os vidros, esvaziar e limpar os bacios... Nunca pudemos frequentar a escola, nem sequer dispúnhamos de tempo para ir à catequese. Observa as minhas mãos, Amelia, observa-as e diz-me o que vês. São as mãos de quem passou a vida a esfregar chão. Cresci a sentir inveja. Sim, sentia inveja das pessoas que viviam nas casas em que a minha mãe esfregava o chão e onde as meninas da minha idade brincavam calmamente e felizes com bonecas com que eu nunca poderia sonhar. Uma vez, uma senhora ofereceu-me uma boneca da sua filha. Já não a queria, tendo-lhe arrancado um braço e faltava-lhe um olho, mas, para mim, era um verdadeiro tesouro. Cuidava dela e mimava-a como se fosse uma criatura de carne e osso, e assegurava-lhe que nunca a trataria mal, como aquela menina rica. À noite, abraçava a boneca para lhe transmitir calor e, por vezes, chegava a oferecer-lhe o meu pedaço de colchão, para que se sentisse mais cômoda, ainda que isso implicasse eu ter de dormir no chão. Já reparaste nos meus joelhos? Estão calejados de tanto esfregar. Não imaginas quantas horas passei ajoelhada no chão, ensaboando-o e encerando-o, temerosa de que não ficasse suficientemente brilhante, o que faria com que as senhoras me repreendessem ou me pagassem menos. Uma vez, no Natal, numa das casas onde fazíamos limpezas, ofereceram à minha mãe a cabeça e as patas da galinha que tinham acabado de matar para a ceia. As patas, Amelia, não as coxas. Umas patas muito finas e com três unhas. Isso e uma barra de pão. Consegues imaginar o banquete? Aos treze anos, o filho mais velho do senhor começou a meter-se comigo, e tive de suportar os seus abusos, temendo que eu e a minha mãe fôssemos despedidas se acaso resistisse. Nessa altura, já a minha irmã tinha falecido vítima de tuberculose, como o meu pai. A minha mãe era muito crente e dizia-me que tínhamos de aceitar os desígnios de Deus, mas eu perguntava-lhe o que Lhe teríamos feito para que nos tratasse assim. Durante muito tempo, senti-me culpada, convencida de que teríamos certamente feito algo de muito gravoso para nos Vermos condenadas a tal miséria. Depois, comecei a rebelar-me. o Padre da paróquia mandou chamar a minha mãe para lhe dizer que eu me tinha tornado numa arrogante e que, quando me dirigia ao confessionário, mais não fazia do que culpá-lo pela situação a que nos víamos condenadas. Segundo ele, a minha mãe teria de me ensinar a aceitar com alegria aquilo que Deus nos enviava. A inveja converteu-se em raiva. Deixei de sentir inveja pelas meninas daquelas casas e comecei a odiá-las. Sim, a odiá-las. Viviam felizes e protegidas, tendo como único objetivo encontrarem um bom marido, que conseguisse proporcionar-lhes um modo de vida semelhante, rodeadas de luxos e isentas de preocupações. A minha mãe tinha insistido com o padre para que as beatas que participavam nas ações de caridade

da paróquia e ensinavam as pobres a coser também me ajudassem a mim. Assim, quando concluía o meu trabalho, ia ter com elas para que me ensinassem a bordar. A minha pobre mãe sonhava que eu viesse a tornar-me costureira, para que não tivesse de continuar a esfregar chãos. Supostamente, eu tinha algum talento para a costura, ao contrário da minha irmã, que teve de conformar-se com a vida de mulher a dias. Suportei aquelas beatas até ter aprendido a coser e depois disse ao padre que nunca mais entraria na igreja daquele Deus que tanto me castigava sem que eu Lhe tivesse feito qualquer mal. Poderás facilmente imaginar como ficou escandalizado. Chorosa, a minha mãe suplicou-me que não tentasse compreender Deus, cujos propósitos unicamente Ele conhecia, mas eu tinha já tomado uma decisão que viria a revelar-se irreversível. Certo dia, conheci o Josep. Foi sincero comigo e disse-me que era casado, mas que estava separado da mulher. Explicou-me o que era o comunismo, ensinou-me a canalizar a minha raiva de forma útil, a lutar em proveito daqueles que, como eu, nada possuem. Ensinou-me também a ler, deu-me livros, tratou-me como igual. Apaixonamo-nos e o Pablo nasceu. E eis-nos chegados ao presente estado de coisas. Luto para que o meu filho não seja inferior ao teu. Porque haveria de o ser? Diz-me: porquê?

Amelia permaneceu em silêncio, olhando para mim fixamente. Com efeito, não encontrava nenhuma resposta para as perguntas de Lola. Por que motivo eu, Pablo Soler, teria de beneficiar de melhores oportunidades do que o Javier Carranza, o filho dela? Por que motivo teria ele o futuro assegurado e eu não? A Amelia era uma boa alma para além de ingênua, de modo que, ainda que se sentisse provocada pelas indagações da Lola, acabava por dar-lhe razão, mesmo que isso implicasse afastar-se daqueles que mais amava: a sua família.

— Quando partem? — perguntou a Lola, mudando bruscamente de assunto.

— Não sei, o Pierre não me disse. Mas o nosso barco parte a 29 de julho do porto de Le Havre, de modo que não podemos ficar aqui por muito mais tempo, a não ser que ele venha a alterar os seus planos.

— E porque haveria de os alterar?

— Não sei, mas aquilo que está a acontecer aqui é bastante grave, ainda que, para já, não se conheça o real alcance desta rebelião.

— Na minha opinião, foi o que de melhor poderia ter acontecido. Agora, somos nós ou eles e, como temos a razão do nosso lado, acabaremos com o fascismo de uma vez por todas e instituiremos uma República de trabalhadores. Sabemos que isso é possível, na Rússia conseguiram-no.

— E o que acontecerá àqueles que não são comunistas?

A Lola fixou os seus olhos negros na Amelia, parecendo hesitar por um instante antes de responder.

— Não terão outra solução do que aceitar a nova realidade. Acabaremos com as divisões de classe: o teu filho Javier não será superior ao Pablo.

Amelia olhou-me afetuosamente. Eu estava sentado numa cadeira perto delas, muito quieto. A minha infância decorreu imersa no silêncio, tentando não incomodar, enquanto os meus pais sonhavam com a revolução.

O presidente Luís Companys tinha exigido ao general Goded que se comunicasse com as forças rebeldes através da rádio, instando-as a abortar a rebelião. O general, figura de proa dos rebeldes na cidade, não teve outra alternativa do que aceitar, ainda que, diga-se, o tenha feito com pouco entusiasmo. Acabaria por ser executado.

Os confrontos armados prolongaram-se ao longo da noite e as notícias, que se multiplicavam, destacavam a vitória das forças leais à República. Convém salientar que os militantes da CNT lutaram com valentia e, naqueles primeiros dias, a sua intervenção revelou-se decisiva.

Na segunda-feira, 20 de julho, a tranquilidade parecia ter regressado a Barcelona. As milícias da CNT patrulhavam a cidade. No dia seguinte, a Generalitat promulgaria o decreto criador do Corpo de Milícias Cívicas, incumbido da missão de lutar contra os fascistas e defender a República. A partir desse momento, as milícias constituir-se-iam como um verdadeiro contrapoder, e a Generalitat não poderia fazer nada sem o seu apoio.

O Corpo de Milícias Cívicas obedecia ao Comitê Central das Milícias Antifascistas, no qual estavam representados todos os partidos e sindicatos. A Lola integrou-se nessa organização, tal como o Josep, mas a verdade tem de ser dita: ela era uma mulher de ação, enquanto ele era sobretudo um bom planificador, de tal modo que passou a colaborar com o Comitê Central das Milícias, organizando as rondas das patrulhas, enquanto a Lola assumia o papel de miliciano; de pistola à cintura, integrava as patrulhas de segurança, grupos cujo objetivo era manter a ordem na cidade, deter pessoas suspeitas e revistar edifícios e casas, procurando quaisquer focos de insurreição.

Ainda a recordo com o cabelo preto penteado para trás, muito esticado, apanhado com ganchos de modo um pouco improvisado. Aquele cabelo preto agradava-me. Em criança, quando me refugiava nos seus braços, inspirava o cheiro a lavanda do cabelo da minha mãe. Por isso, chorei quando o cortou. Uma manhã, antes de sair para integrar as patrulhas, dei por ela frente ao espelho, a cortar a golpes de tesoura a sua farta cabeleira.

— O que estás a fazer?! — gritei.

— Quero sentir-me mais confortável, para além de não estarmos a viver tempos em que possa preocupar-me com o cabelo. Incomodame e os ganchos caem-me. Assim, irei sentir-me melhor.

Custava-me reconhecê-la com o cabelo cortado a tesouradas, tão curto que nem sequer lhe cobria as orelhas.

— Não gosto de te ver assim, mamãe! — disse-lhe com raiva.

— Pablo, já não és nenhuma criança; portanto, não me faças perder tempo com disparates. A tua mãe está a lutar por ti — respondeu, dando-me um beijo e um abraço apertado. Na verdade, era por si própria que lutava, pela infância que não lhe permitiram ter.

A Dona Anita convidou-nos para um jantar de despedida que tinha organizado para o Pierre e para a Amelia. Apenas nós estávamos presentes, na medida em que tanto o Pierre como a Dona Anita acreditavam que a Lola e a Amelia permaneciam grandes amigas e que, assim sendo, nós éramos aquilo que mais poderia assemelhar-se a uma família.

Amelia parecia resignada a partir, mas não conseguia disfarçar a sua apatia e esmorecimento, ainda que o Pierre optasse por ignorar tais sentimentos. Tinha concebido um plano para a sua estadia na América do Sul e a Amelia representava uma cobertura de que não estava disposto a abdicar. Todavia, parecia tenso, como se estivesse cansado dela.

Amelia e o Pierre chegaram a Paris a 24 de julho, onde este deveria encontrar-se com o Igor Krisov, que esperava receber diretamente do Pierre as suas impressões sobre a situação que se vivia em Espanha.

O Krisov pediu-lhe que levasse a Amelia e marcou encontro para daí a dois dias no Café de la Paix. Simulariam um encontro ocasional e ele apresentar-se-ia como um antiquário de nacionalidade inglesa, personagem que já tinha assumido em algumas das suas deslocações a Livraria Rousseau.

Na tarde de 26 de julho, o Pierre convidou a Amelia para passearem pela cidade.

— Amanhã, partiremos para Le Havre, será a nossa despedida de Paris — disse-lhe.

Amelia aceitou, submissa. Era-lhe indiferente. Sentia ter-se tornado um objeto nas mãos do destino, a cujos desígnios se vergava.

Caminharam com aparente despreocupação até ao Café de la Paix, onde o Pierre propôs que entrassem para tomar alguma coisa. Estavam ali há cerca de dez minutos quando Igor Krisov apareceu.

— Monsieur Comte! Como está o senhor? Andava precisamente a pensar passar um dia destes pela sua livraria.

— É um prazer encontrá-lo, Mister Krisov, permita-me apresentar-lhe a senhora Garayoa. Amelia, o senhor Krisov é um fiel cliente da livraria.

O Igor apertou a mão à Amelia e não conseguiu evitar sentir uma simpatia imediata por ela. Fosse pela sua juventude, pela sua beleza ou pelo seu ar

desamparado, certo é que o experiente espião se sentiu atraído por ela.

— Permitem-me que lhes ofereça um café? Este é o primeiro momento do dia em que consigo desfrutar de alguma tranquilidade, e a vossa companhia deixar-me-ia muito satisfeito.

— Certamente, senhor Krisov — aceitou o Pierre.

— A senhora é espanhola? — perguntou ele.

— Sim — respondeu a Amelia.

— Conheço pouco o seu país, apenas visitei Madrid, Bilbao e Barcelona...

O Krisov chamou a si as responsabilidades da conversa. A Amelia começou por se mostrar fria e distante, mas o russo soube fazê-la baixar as defesas e até provocar-lhe um sorriso. Falaram em francês, até que a Amelia lhe confessou ter estudado inglês e alemão. O Krisov mudou para o inglês e depois para o alemão, para se certificar, entre piadas, se a jovem dominava realmente tais línguas, e ficou surpreendido por não só as falar com fluência, como por apresentar também uma boa dicção em ambos os idiomas.

— O meu pai insistiu que estudássemos inglês e alemão, e chegamos mesmo a passar um ou outro verão na Alemanha, em casa de um sócio dele, Herr Itzhak Wassermann.

O russo pediu-lhe que lhe falasse de Herr Itzhak, ao que a Amélia acedeu, relatando-lhe episódios de infância passados em Berlim com a sua amiga Yla.

— Infelizmente, a subida do Hitler ao poder representou grande revés para o negócio do meu pai. Os judeus foram privados de tudo quanto possuíam. O meu pai insistiu com Herr Itzhak para que saia da Alemanha, mas ele mostra-se renitente, diz que é alemão. Espero que acabe por dar ouvidos ao meu pai, não gostaria de imaginar a Yla com uma estrela amarela cosida na lapela e tratada como se fosse uma delinquente.

— Se concordo em alguma coisa com o senhor Comte é no que respeita ao perigo que o Hitler representa para toda a Europa, representando tudo quanto o fascismo tem de pior — disse o Krisov.

— Oh! O que ali acontece é pior do que o próprio fascismo, posso garantir-lhe — replicou a Amelia ingenuamente.

Uma hora depois, o Pierre deu por finda a conversa, alegando que os seus pais os esperavam para jantar.

— Espero que tornemos a ver-nos — disse o Krisov à Amelia ao despedir-se.

— Meu querido amigo, isso será difícil, dado que amanhã partiremos para Le Havre, onde iremos embarcar num navio rumo a Buenos Aires — informou o Pierre.

Nessa noite, depois do jantar, o Pierre disse que tinha um encontro de suprema importância com alguns camaradas.

— A minha mãe pode ajudar-te a fazer as malas...

— Não, prefiro fazê-las sozinha. Demoras muito?

— Espero que não, mas, já que vamos para Buenos Aires, quero saber se aí poderei ser útil à nossa causa. Já sabes que costumo colaborar com a Internacional Comunista.

Amelia aceitou a justificação sem desconfiar do que quer que fosse. Quase preferia ficar sozinha.

Pierre encontrou-se com o Igor Krisov, o seu controlador, frente à porta da Igreja de Saint-Germain.

— E então, o que lhe pareceu? — perguntou ele ao Krisov.

— Triste e encantadora — respondeu ele.

— Sim, não é fácil viver com ela.

— Deixe-me dizer-lhe, caro amigo, que o invejo, porque é muito astuta. Ser-lhe-á útil no local para onde vai. A inocência dela poderá representar uma boa cobertura. Mas tenha cuidado, não é nenhuma idiota e, um dia, poderá despertar da letargia em que a melancolia a mergulhou...

— Quem se encarregará de lidar com os meus contatos em Espanha? — quis saber o Pierre, preocupado que estava com a rebelião militar.

— Não se preocupe. Em Moscou, já estão plenamente informados acerca daquilo que está a acontecer. Agora deve concentrar-se na missão de que foi encarregado.

— Não discuto as ordens, mas, dado o presente estado de coisas, não seria mais útil em Espanha?

— Isso, meu caro amigo, não poderei ser eu a dizer. O departamento decidiu ampliar a nossa rede de informações na América do Sul, e é isso que tem de ser feito.

— Sim, mas, dadas as circunstâncias, insisto em que seria mais necessário em Espanha.

— Será necessário onde Moscou decidir. Não estamos nesta atividade para proveito próprio, mas sim ao serviço de um ideal maior. Há assuntos acerca dos quais não lhe compete pensar. Foram-lhe fornecidas ordens e deverá obedecer. Essa é a primeira regra. Ah! E já sabe que deverá entrar em contato com a embaixada soviética, mas faça-o sem pressas. Tudo terá de parecer ocasional. Não poderá apresentar-se na embaixada nem telefonar para lá. Não lhe direi como o fazer, o senhor é um profissional e logo descobrirá a melhor forma de o conseguir.

— Com todo o respeito, camarada, não consigo compreender a importância desta missão.

— Mas é verdadeiramente importante, camarada Comte, é verdadeiramente

importante. Moscou precisa de ouvidos em todo o lado. A sua missão é recrutar agentes que possam movimentar-se nas elevadas esferas do poder, preferivelmente no Ministério dos Negócios Estrangeiros. Pessoas de cujo profissionalismo ninguém duvide, funcionários que não estejam dependentes das vicissitudes da política. Em Buenos Aires, conseguirá trabalhar com tranquilidade, dado que as grandes potências não encaram a região como crucial para os seus interesses. Mas com certeza chegarão ao Ministério dos negócios Estrangeiros argentino relatórios e informações dos seus embaixadores em todo o mundo, revelando pequenos segredos, conversas travadas com os altos dignitários dos países em que estão acreditados análises da situação. Todos esses relatórios serão de suprema importância para o nosso departamento. Neste momento, nem os Estados Unidos nem a França, a Grã-Bretanha ou a Alemanha possuem qualquer interesse estratégico na região, de modo que não lhe será difícil levar a bom termo a sua missão. As batalhas não se travam apenas nas linhas da frente.

Durante os primeiros dias, a Amelia desfrutou da travessia. Estavam alojados num elegante camarote de 1ª classe e partilhavam os serões com comerciantes, homens de negócios, famílias e inclusivamente uma diva da ópera, Carla Alessandrini, que, desde o início da viagem, se converteu no centro das atenções tanto para os restantes passageiros quanto para a tripulação.

Foi no terceiro dia da travessia, quando passeava pelo convés, que a Amelia teve a oportunidade de conversar com a Carla Alessandrini. A diva italiana era uma mulher de cerca de quarenta anos, roliça mas sem chegar a ser gorda, alta, de cabelo ruivo e olhos de um azul intenso. Tinha nascido em Milão, filha de pai milanês e mãe alemã, à qual devia o fato de se ter tornado uma grande estrela do mundo da ópera, dado que foi ela que, contra ventos e marés, ou seja, contra a opinião do pai, tudo fez para que a filha conseguisse singrar, até se ter tornado a diva que era.

Viajava com o seu agente, simultaneamente seu marido, Vittorio Leonardi, um romano perspicaz exclusivamente concentrado em rentabilizar o talento vocal da esposa.

Amelia e a Carla estavam muito perto uma da outra, apoiadas na balaustrada, observando o horizonte e perdidas nos seus próprios Pensamentos, quando o Vittorio, o marido da diva, as resgatou do Seu transe.

— Eis aqui as duas mulheres mais belas deste navio, sozinhas e em silêncio! Isso não pode acontecer!

A Carla voltou-se sorridente para o marido. Intrigada, a Amelia fitou o despreocupado italiano.

— Observar o mar faz-nos sentir extremamente insignificantes... comentou a

Carla.

— Tu, insignificante? Isso é impossível, querida, até o mar já se rendeu aos teus encantos. Já estamos a navegar há três dias e não vimos uma única onda, mais parece que estamos a atravessar um lago! Não lhe parece, minha senhora? — disse, dirigindo-se à Amelia.

— Sim. Com efeito, o mar está calmo, e ainda bem que assim é, caso contrário enjoaríamos — respondeu ela.

— Vittorio Leonardi, ao seu dispor, senhora...

— Amelia Garayoa.

— A minha esposa, a divina Carla Alessandrini — apresentou-a o Vittorio.
— Trata-se de uma viagem turística, para visitar a família ou de negócios?

— Então, Vittorio, não sejas impertinente! Não se ofenda, minha senhora, o meu marido é um pouco indiscreto — interveio a Carla.

— Não se preocupe, as perguntas não me incomodam. Suponho que estou a viajar com vista a começar uma vida nova.

— Como assim? — continuou o Vittorio a perguntar, sem qualquer pudor.

Amelia não soube o que responder-lhe. Envergonhava-a confessar que fugia com o seu amante e que, na verdade, ignorava o que o futuro lhe reservava.

— Por favor, Vittorio, não intimides a senhora! Vem comigo, vamos para o camarote, está a levantar-se vento e não quero que me afete a garganta. Queira desculpar o meu marido, não julgue que todos os italianos são tão expansivos como ele.

A diva e o marido afastaram-se no convés, e a Amelia ainda conseguiu ouvir a Carla a repreender carinhosamente o marido, que a fitava arrependido.

Para essa noite, o capitão organizava um cocktail de boas-vindas para os passageiros de 1ª classe e, para surpresa do Pierre, a Carla Alessandrini e o marido aproximaram-se da Amelia. Ela apresentou-os, ao que o Pierre reagiu simpaticamente, consciente de que o casal poderia vir a revelar-se útil. Falaram de trivialidades e, à hora do jantar, o Vittorio propôs que se sentassem à mesma mesa.

A partir desse dia, tornaram-se inseparáveis. Vittorio, que se destacava por ser um bon vivant, simpatizou de imediato com o Pierre, que parecia também ele apreciar as coisas boas da vida. A Carla, que dava mostras de um desenvolvido sentido dramático da vida, ficou impressionada com aquela história de amor entre a Amelia e o Pierre, que os levava a fugir para o outro lado do mundo para recomeçarem as suas vidas.

A diva havia previsto permanecer um mês em Buenos Aires, onde iria atuar no Teatro Colón para interpretar *Carmen*, o que favorecia indubitavelmente os planos do Pierre, que considerava que aquele casal poderia abrir-lhe muitas

portas.

Chegaram a Buenos Aires no pico do inverno. Os últimos dias de navegação não tinham sido agradáveis. As ondas varriam o convés e a maioria dos passageiros tinha de permanecer nos seus camarotes, devido ao enjoo. Curiosamente, ao contrário dos seus pares, nem a Carla nem a Amelia pareciam afetadas pela agitação do mar. O Vittorio lamentava-se pelo seu infortúnio e assegurava à Carla que se sentia como se estivesse à beira da morte. O Pierre limitava-se a permanecer no camarote, sem quase conseguir comer, não obstante a insistência da Amelia. A circunstância fez com que as duas mulheres consolidassem ainda mais a sua amizade e, assim, quando aportaram, a Amelia considerava ter encontrado na figura da Carla uma segunda mãe, enquanto esta via na Amelia a filha que nunca havia tido.»

— Muito bem, Guillermo, permite-me que o trate pelo nome próprio? Chegados a este ponto da história, aconselhar-lhe-ia que falasse com a senhora Venezziani e com o professor Muinos — concluiu Pablo Soler.

— E quem são tais pessoas? — perguntei, decepcionado.

— A Francesca Venezziani é a maior autoridade mundial no domínio da ópera. Escreveu vários livros sobre este universo e sobre as Suas principais figuras. Numa biografia sobre a Carla Alessandrini, fala da Amelia Garayoa e da sua amizade com a diva. Nesse livro, poderá inclusivamente encontrar fotografias de ambas juntas.

Devo ter feito cara de parvo, tão surpreendido fiquei perante tal revelação.

— Não fique surpreendido, já lhe disse que a Francesca Venezziani conhece todos os meandros do mundo da ópera. Tive a oportunidade de falar com ela por diversas ocasiões, numa tentativa de saber se a Carla tinha chegado a suspeitar de que o Pierre Comte era agente soviético, mas ela não descobriu nas cartas dela qualquer referência, tão-pouco através dos testemunhos daqueles que a conheceram. De qualquer modo, se estivesse no seu lugar, deslocar-me-ia a Roma para falar com a senhora Venezziani e, depois, viajaria para Buenos Aires, para falar também com o professor Muinos.

— E quem é ele?

— Pelo seu apelido, deduzirá certamente a sua origem galega. O Dom Andrés Muinos é professor jubilado da Universidade de Buenos Aires. Convivi com ele na Universidade de Princeton, onde ensinava História das Américas do Sul e Central. Tem diversos livros publicados, de entre os quais destacaria dois, que são de leitura indispensável para quem pretenda aprofundar a questão do exílio dos nazis na América Latina, bem como um outro dedicado à ação dos espiões soviéticos na região.

— E qual é a sua filiação ideológica?

— Vejo que se preocupa muito com a ideologia dos outros...

— Apenas para ter consciência do tipo de pessoa com quem irei falar e como deverei interpretar aquilo que me possam contar.

— Possui muitos preconceitos, senhor Albi.

— Não, limito-me a ser precavido. Qualquer pessoa que viva neste país sente o peso da ideologia. Aqui, ou se pertence a um lado ou ao outro e, claro, uns e outros não relatam a história da mesma forma. O senhor deveria sabê-lo melhor do que ninguém, porque, além de ser historiador, foi uma testemunha privilegiada daquilo que aconteceu na nossa guerra civil.

— O professor Muinos é um erudito, estou certo de que o considerará uma personalidade interessante. Também a Dona Laura concorda que é imprescindível que fale com ele. Tomei a liberdade de lhe telefonar ontem à noite, depois de ter falado com ela, e ele recebê-lo-á de bom grado.

Pablo Soler entregou-me um cartão de visita com os endereços e os números de telefone de Francesca Venezziani, em Roma, e do professor Muinos, em Buenos Aires.

— Ainda não falei com a senhora Venezziani, mas não fique preocupado, porque tenciono fazê-lo.

Enquanto Dom Pablo falava comigo, hesitava se deveria ou não pedir-lhe uma entrevista, tal como me fora requerido pelo chefe de redação do jornal digital. Ainda que temesse ver-me contemplado com uma recusa rotunda, acabei por encontrar a coragem suficiente.

— Gostaria de lhe pedir um favor, ainda que, naturalmente, não quero que se sinta obrigado...

— Jovem, nesta altura da minha vida, não sinto obrigações face a nada nem ninguém, portanto faça o favor de dizer o que pretende.

— Como sabe, sou jornalista e... bem, seria um abuso pedir-lhe que me concedesse uma entrevista para falarmos sobre os seus livros, sobretudo daquele que está prestes a sair a público?

— Ah, os jornalistas! Não confio muito em vocês... para além de nunca conceder entrevistas.

— Percebo a sua posição, mas tinha de tentar — disse rindo-me, sem insistir.

— É assim tão importante para si que eu lhe conceda uma entrevista?

— Na verdade, acaba por sê-lo, dado que me ajudaria a cair nas boas graças do meu diretor e a conservar o meu precário emprego. Mas percebo que não devo abusar da sua amabilidade e que basta já que tanto me esteja a ajudar na investigação acerca da minha bisavó, que é o verdadeiro motivo que me trouxe aqui.

— Se me enviar as perguntas por escrito, responderei a tudo quanto pretenda.

Tentarei ser sintético, sob a condição de não acrescentarem uma vírgula sequer ou de cortarem uma única linha devido a problemas de espaço. Se o seu diretor aceitar tais condições, responderei ao questionário assim que o receber.

Quase me apetecia beijá-lo nas faces, para além de lhe apertar a mão, mas certo é que lhe ficarei eternamente grato por aquela entrevista.

Depois de sair da casa de Dom Pablo, telefonei a Pepe, para a redação, para lhe explicar que o professor nos concederia uma entrevista se não acrescentássemos ou cortássemos nada, por uma vírgula que fosse. Insisti com ele para que transmitisse tais condições ao diretor, pois não estava disposto a que me arranjassem problemas com Pablo Soler.

— Tenta perceber, Pepe, conheço-o por questões do foro familiar e não posso falhar-lhe. Sabes que não concede entrevistas e que será um furo jornalístico, mas ou agimos como ele pretende ou prefiro não correr riscos.

Pepe passou a chamada para o diretor, que me garantiu que, ainda que nos víssemos a braços com um memorando, não cortaríamos uma palavra sequer à entrevista.

— Se realmente conseguires isto, falaremos então do teu futuro aqui — disse-me, para me incentivar.

— A primeira questão sobre a qual teremos de falar é quanto irei receber, porque certamente não pensarás que é coisa que se resolva com cem euros.

— Não, meu caro, nada disso. Se realmente a conseguires, pagar-te-ei trezentos euros pela entrevista.

— Por esse valor, não poderei aceitar. Em qualquer suplemento cultural ou num jornal de domingo pagar-me-iam mais do dobro.

— Quanto queres?

— Não faço a entrevista por menos de seiscentos euros.

— Muito bem, envia-a assim que a tiveres.

Meia hora depois, enviei-lhe o questionário por correio eletrónico, ao qual ele me prometeu que responderia rapidamente.

Telefonei à tia Marta, para lhe comunicar que iria necessitar de verbas adicionais, dado que teria de deslocar-me a Roma e, depois a Buenos Aires.

— E por que motivo tens tu de ir a Roma e a Buenos Aires? Como se fosse andar de metrô... Terás de dar-me as devidas explicações...

— Porque a tua avó Amelia, ou seja, a minha bisavó, teve uma vida bastante agitada e, se realmente pretendes que escreva a sua história, não me resta outra alternativa senão dirigir-me aos locais onde as pistas me conduzem. Não julgues que esta investigação esteja a revelar-se um mar de rosas.

— Não sei se será ou não um mar de rosas, mas o que me parece é que está a revelar-se bastante onerosa.

— És tu quem pretende conhecer a vida da tua avó. Como certamente compreenderás, a mim é-me indiferente. Se queres que abandone a investigação, assim farei.

A tia Marta hesitava se deveria ou não mandar-me dar uma curva, pelo que cruzei os dedos e rezei interiormente para que não o fizesse, porque, sinceramente, não queria perder o fio à história de Amelia Garayoa.

— De acordo, mas terás de me dizer porque tens de ir a Roma e a Buenos Aires.

— Em Roma, irei encontrar-me com a maior especialista no universo da ópera e, em Buenos Aires, com um professor que é uma autoridade no que respeita aos espiões soviéticos e nazis.

— Mas que disparate tremendo!

— Já te disse que a nossa antepassada não se dedicou propriamente aos bordados, tendo-se visto envolvida em histórias alucinantes.

— Não estarás por acaso a inventar tais histórias para troçares de nós?

— De modo nenhum, tia. Posso assegurar-te que não teria imaginação suficiente para inventar as coisas em que a tua avó se viu envolvida. Foi uma senhora bastante peculiar!

A tia Marta aceitou transferir verbas adicionais para a minha conta, sem antes deixar de me ameaçar que iria informar-se se eu não estaria a enganá-la.

— Falarei com a Leonora, para lhe dizer que não permitirei que a ludibries com esta questão.

— Farás certamente bem em falar com a minha mãe, dado que ela pretende que eu abandone esta investigação. Pensa que é tempo perdido.

A minha mãe ficou preocupada quando lhe disse que viajaria para Roma e, seguidamente, para Buenos Aires.

— Filho, tudo isto me parece um disparate. Diz à tua tia Marta que fique com o seu dinheiro e procura um trabalho como deve ser.

— Não sentes curiosidade por descobrir o que aconteceu à tua avó?

— O que queres que te responda? Sim... mas não se para isso tiveres de sacrificar oportunidades.

6

Cheguei a Roma naquela mesma noite, tendo ficado hospedado no Hotel d'Inghilterra, em pleno centro da cidade, a escassos metros da Piazza di Spagna e da embaixada espanhola no Vaticano.

O hotel era caríssimo, mas fora-me aconselhado por Ruth. Não sei se a minha amiga ficava aqui hospedada frequentemente, dado que a sua companhia de aviação de baixo custo não se destacava propriamente pela generosidade no respeitante à hospedagem das tripulações em hotéis de classe. Pensei em telefonar-lhe para saber o que estava a fazer naquele momento, mas acabei por decidir não o fazer, visto que tal comportamento far-me-ia parecer ciumento ou paranoico. Como se costuma dizer em tais situações, "olhos que não veem, coração que não sente».

Na manhã seguinte, telefonei a Francesca Venezziani, tendo conseguido marcar encontro com ela para essa mesma tarde. O professor Soler falara com ela e dera-lhe as minhas referências.

Ainda que já estivesse a acostumar-me a surpresas, a verdade é que foi bem grande aquela com que me deparei quando conheci Francesca Venezziani: muito bonita, alta, morena, com cerca de 35 anos e vestindo um terninho Armani, ou seja, a roupa que trazia no corpo teria custado uma fortuna. Recebeu-me na sua própria casa, uma bela Vivenda na via Frattini, a poucos metros do hotel em que estava hospedado.

— Pelo que sei, o senhor está a investigar a vida da Amelia Garayoa...

— Era minha bisavó — respondi, em jeito de justificação.

— Muito interessante! E o que pretende saber que não tendo em conta ter sido sua antepassada?

— Ainda que possa parecer-lhe estranho, a nossa família nada sabe sobre ela; desapareceu um dia sem avisar ninguém e, inclusivamente, abandonando o filho de poucos meses, que viria a ser o meu avô.

— Apenas poderei falar-lhe da relação da Amelia Garayoa com a Carla Alessandrini. Na verdade, só me interessei pela sua bisavó na medida em que a grande Carla a tratava como se fosse sua filha.

— Se tivesse a amabilidade de me contar tudo aquilo que sabe, ficar-lhe-ia agradecido.

— Farei mais do que isso, oferecer-lhe-ei um exemplar do livro que escrevi sobre a Alessandrini. Leia-o e, caso subsista alguma dúvida, telefone-me.

— Parece-me muito bem, mas, já que me desloquei a Roma, não gostaria de partir de mãos vazias.

— Irá partir com o meu livro. Parece-lhe pouco?

— Não, de modo nenhum, parece-me fantástico, mas não poderia falar-me de alguns aspetos da relação entre a Carla e a Amelia?

— Estou a dizer-lhe que está tudo nesse livro. Veja, contém inclusivamente algumas fotografias da Carla e da Amelia juntas. Vê? Esta foi tirada em Buenos Aires, esta outra em Berlim e estas em Paris, em Londres, em Milão... E, no funeral da Carla Alessandrini, a Amelia leu um poema de despedida. A Carla Alessandrini foi uma mulher excecional, para além de ter sido a mais extraordinária cantora de ópera de todos os tempos.

— Por que motivo simpatizou tanto com a Amelia?

— Porque a única coisa que lhe faltava era um filho. Sacrificou a sua vida pessoal em prol da carreira e, quando conheceu a Amelia» estava nessa idade, já depois dos quarenta, em que uma mulher se questiona sobre aquilo que fez da sua vida. A Amelia despertou nela um intenso sentimento de proteção; era a filha que poderia ter tido, vendo-a tão desamparada que, em termos emocionais, poderia dizer-se que a adotou. Protegeu-a, ajudou-a em diferentes momentos» de sua vida e nunca lhe pediu nada, à exceção daquilo que Amelia sempre lhe dispensou: imenso carinho, um afeto genuíno. A Carla estendia-lhe a mão quando a sentia prestes a naufragar. Transformou-se na boia de salvação da Amelia. Como mulher generosa que era, nunca lhe fez perguntas para as quais sabia não haver resposta. No fundo, não pretendia saber sobre a jovem espanhola mais do que aquilo que lhe era dado ver.

— E quanto ao marido da Carla, Vittorio Leonardi, o que opinava ele acerca dessa relação quase de mãe e filha?

— O Vittorio era um desavergonhado. Não obstante, era boa pessoa, para além de ser muito bonito, simpático e esperto. Era o agente da Carla e sabia zelar pelos seus interesses, mimando-a constantemente e conhecendo-a muito bem. Sabia que, em determinados assuntos, se revelaria inútil opor-se às suas intenções. Assim, foi com naturalidade que aceitou a Amelia, tal como, em outras ocasiões, fechava os olhos às aventuras amorosas da sua esposa. O

Vittorio agiu calculadamente quando conheceu a Carla, tendo passado da condição de maltrapilho que dificilmente tinha dinheiro para chegar ao fim do mês para um ambiente em que se via rodeado de todos os luxos imagináveis, ao lado de uma mulher que todos desejavam e idolatravam. Passou do Inferno para o Paraíso e nunca pôs em jogo a sua relação com a Carla. Curiosamente, ele sempre se lhe manteve fiel.

— E que opinião tinha a Carla Alessandrini do Pierre Comte?

— Era precisamente isso que o professor Soler queria saber quando me telefonou há alguns anos; estava a preparar a reedição do seu livro acerca dos espiões soviéticos em Espanha. Com efeito, senti-me muito lisonjeada por uma autoridade acadêmica da estirpe do professor Soler pretender saber a minha opinião. Respondendo concretamente à sua pergunta, a Carla Alessandrini não gostava muito do Pierre Comte, tendo ajudado a Amelia quando esta decidiu separar-se dele. Julgo que desconfiava do francês, que, por aquilo que pude ler nos livros do professor Soler, era nada menos do que um espião soviético. Tudo indica que a Carla nunca o soube; pelo menos, não existe qualquer fonte ou documento que nos leve a pensar o contrário. De qualquer modo, não simpatizava com ele, não por ser comunista, mas por a Amelia não ser feliz com ele. Não sei se sabe que a Carla Alessandrini foi uma mulher notável que se opôs firmemente ao Mussolini e não se absteve de criticar o Hitler abertamente. Em certa ocasião, no final de uma atuação na ópera de Berlim, quando o Hitler pretendia ir ao seu camarim para a felicitar, a Carla recusou-se a recebê-lo, desculpando-se com uma forte enxaqueca. Como poderá perceber, naquela altura ninguém se atrevia a contrariar o Hitler, por maior que fosse a enxaqueca. O que a Carla sabia era aquilo a que a Amelia viria a dedicar-se daí a alguns anos. E não era por esta lho ter confessado, mas sim por ser uma mulher inteligente.

— E a que se dedicou a Amelia nessa época a que se refere? — perguntei, intrigado.

— Ah! Isso terá de ser o senhor a descobrir. O professor Soler disse-me que tem de prosseguir a sua investigação passo a passo, visto que isso mesmo lhe requereram a ele. Não sei o que está em causa, mas, ao que parece, alguém pretende que seja o senhor a completar o verdadeiro quebra-cabeças que a vida da Amelia Garayoa foi. Como lhe disse, para mim, o meu interesse por ela é relativo, dado que as minhas investigações se centraram na Carla Alessandrini. Por falar nisso, gosta de ópera?

— Nunca assisti a nenhuma e, para ser sincero, não possuo qualquer CD de ópera.

— É uma pena! Não sabe o que perde.

— E por que motivo se interessa tanto por esta temática?

— Queria ser cantora, imaginava vir a tornar-me uma nova Carla Alessandrini, mas, verdade seja dita, não possuo voz ou talento comparáveis aos dela ou de alguma das grandes divas. Foi-me custoso aceitar essa circunstância, mas decidi que, se não podia ser a melhor, seria preferível desistir de tal sonho. Estudei musicologia, sem nunca deixar de frequentar aulas de canto, e integrei o coro de três ou quatro obras, nas quais não me destaquei nem dei nas vistas. A minha tese focou-se na Carla Alessandrini, tendo investigado aspetos da sua vida pouco conhecidos. O professor que orientou a minha tese de doutoramento possuía bons contatos no mundo editorial e estava convencido de que poderia tornar-se um livro interessante. E assim foi. Atualmente dedico-me a escrever livros sobre música, mas sobretudo sobre ópera, para além de colaborar com jornais um pouco por todo o mundo. Consegui destacar-me, que era aquilo que pretendia. Bem... agora que sabe quase tudo sobre mim, conte-me alguma coisa sobre si.

— Sou jornalista, condenado ao desemprego pelos condicionalismos da política. Não sei como se passarão as coisas em Itália, mas no meu país, se pretendermos escrever sobre política, ou alinhamos com a direita ou com a esquerda, ou, em alternativa, devemos professar um qualquer nacionalismo. Caso contrário, estamos condenados ao desemprego. E é esse o meu caso.

— O senhor não professa nenhuma ideologia?

— Sim, considero-me de esquerda, mas insisto em pensar livremente e em não ser correia de transmissão de ninguém, o que me torna uma pessoa pouco digna de confiança.

— Não julgue que em Itália as coisas são muito diferentes... Se estivesse no seu lugar, tentaria escrever sobre outras matérias que não a política.

— É precisamente isso que estou a fazer. O problema é que já ganhei fama de rebelde e não confiam em mim nem sequer para escrever recensões culturais.

— De fato, as coisas não lhe correm muito bem.

— É como vê.

Francesca compadeceu-se de mim e instigou-me a ficar para jantar, de modo que pudesse continuar a falar-me de Carla e Amelia.

— Conheceram-se na travessia marítima rumo a Buenos Aires. O que sucedeu depois de aí chegarem?

— Poderá imaginar o rebuliço que se vivia no porto quando o barco atracou. Dezenas de jornalistas aguardavam impacientes pela Carla Alessandrini. Ela nunca defraudava os seus admiradores, vestindo um casaco de pele de marta ao desembarcar, agarrada ao braço do marido, o galante Vittorio. Ficaram hospedados numa suíte do Hotel Plaza, tendo ela passado os quatro dias que se seguiram a participar nos ensaios, a conceder entrevistas e a comparecer em

eventos Sociais. O embaixador de Itália organizou uma recepção em sua honra, a qual compareceram todas as grandes personalidades da cidade, bem como representantes do corpo diplomático de outros países e, claro está, a pedido da Carla, também a Amelia e o Pierre foram convidados. Já lhe referi que a Carla não simpatizava com o regime do Mussolini, mas, quando viajava para o estrangeiro, costumava aceitar a homenagem que todas as embaixadas de Itália tinham o hábito de organizar em sua honra. Perdoe-me que insista, mas deverá ler o meu livro. Julgo saber que o professor Soler lhe recomendou que viaje para Buenos Aires para falar com o professor Muinos e parece-me que, entre aquilo que este lhe possa contar e aquilo que lerá no meu livro, obterá dados suficientes para escrever a sua própria narrativa.

Aceitei a proposta de Francesca.

A minha mãe acordou-me às oito da manhã, resgatando-me de um sono profundo.

— Mas, mamãe, ainda é muito cedo!... — protestei.

— É que nem sequer consigo dormir, de tão preocupada que estou contigo. Ouve, filho, penso que deves pôr fim a esse disparate de investigares o passado da minha avó. Por mais interessante que esteja a ser, é inadmissível que te leve a descuidares a tua carreira.

— Mas que carreira, mãe?

— Então, não sejas teimoso! És muito orgulhoso e julgas que são os outros que devem vir bater à tua porta, mas as coisas não funcionam assim, de forma que não te resta outra solução senão ires tu bater à porta das empresas até conseguires encontrar trabalho.

— São oito horas da manhã, mãe, estou em Roma, deitei-me tarde e já te expliquei uma infinidade de vezes que já tenho os nós dos dedos calejados, tantas são as portas das empresas a que já bati!

— Mas, filho...

— Ouve, mãe, falaremos depois sobre isto, telefonar-te-ei mais tarde.

Desliguei o telefone de mau humor. Com a desculpa do meu trabalho, a minha mãe quase não me deixava respirar. Decidi partir para Buenos Aires nesse mesmo dia; pelo menos, enquanto estivesse lá, telefonar-me-ia menos, devido ao custo das chamadas transatlânticas.

Sentei-me ao computador e liguei-me à internet, para verificar se recebera algum correio eletrónico ao qual devesse responder. Para minha surpresa, ali estavam as respostas do professor Soler. Comentei com os meus botões que, a não ser pelo telefonema da minha mãe, o dia não estava a começar nada mal. Assim, pus mãos ao trabalho e escrevi um *lead* e uma conclusão para a entrevista, colocando ainda os devidos subtítulos. Depois, enviei a entrevista a

Pepe, o editor do jornal digital, recordando-lhe o compromisso assumido perante o professor Soler.

Apaixonei-me por Buenos Aires durante o trajeto entre o aeroporto e o hotel. Que cidade! Bem vistas as coisas, teria mesmo de agradecer à tia Marta pela missão de que me incumbira, porque, verdade seja dita, estava a viver uma experiência extremamente interessante, conhecendo pessoas com quem nunca pensara cruzar-me e visitando cidades como aquela que se espalhava perante os meus olhos, naquela manhã de outono austral. Enquanto em Espanha se estava a caminho do verão, em Buenos Aires era o outono que começava a instalar-se. Contudo, aquela manhã apresentava-se particularmente soalheira e temperada.

A agência de viagens reservara-me um hotel no centro da cidade. Depois de me instalar, telefonei ao professor Muinos, que me disse já ter recebido um telefonema esclarecedor do professor Soler. Marcou encontro comigo para a tarde do dia seguinte, o que lhe agradei, dado que isso me permitiria recuperar do desfasamento horário e conhecer um pouco da cidade.

Munido de um mapa que me foi fornecido na recepção do hotel, aventurei-me pelas ruas, disposto a descobrir os principais recantos da cidade. Em primeiro lugar, dirigi-me à praça de Mayo, que tantas vezes vira na televisão, o local onde se reúnem grupos de mulheres corajosas, as "Avós de Maio», que protestam contra o desaparecimento dos seus filhos e netos, vítimas da ditadura militar.

Estive na praça durante algum tempo, atento a todos os detalhes, Sentindo a força daquelas mulheres que, com lenços brancos e modos pacíficos, haviam enfrentado do modo mais eficaz aquele bando de assassinos que integravam a junta Militar.

Depois, visitei a catedral e deixei-me seduzir pelo tráfego de uma das ruas portenhas, até que, já perto das seis da tarde, o *jet lag* me impediu de continuar. Mandeí parar um táxi e regressei ao hotel, metendo-me na cama e despertando apenas no dia seguinte.

A primeira coisa que fiz foi telefonar à minha mãe, convencido de que, se não desse sinais de vida, ela seria bem capaz de contactar a Interpol para participar o desaparecimento do seu querido filho, ou seja, eu. São os inconvenientes de se ser filho único e de ter crescido sem pai, já que este faleceu era eu ainda criança.

A casa do professor Muinos localizava-se no elegante bairro de Palermo, possuindo dois pisos. Mal a porta se abriu, pude respirar o cheiro a madeira encerada e aos livros que se empilhavam a toda a altura e largura das paredes, como se toda a casa fosse uma enorme biblioteca.

A porta foi-me aberta por uma empregada boliviana, de aspeto tímido, que me conduziu prontamente ao escritório do professor.

Andrés Muinos correspondia ao que seria de esperar de um velho professor. Vestia-se informalmente, com um casaco de lã; o cabelo branco estava penteado para trás e ele apresentava o ar distraído típico dos sábios, dando mostras de uma afabilidade digna de quem já viu tudo e a quem já nada surpreende.

— Então, o senhor é o tal jornalista espanhol! — disse-me em jeito de cumprimento.

— É como vê. Fico-lhe muito agradecido por me receber — respondi.

— Foi o Pablo Soler que me pediu que o fizesse, um bom amigo e colega. Lecionamos ambos na Universidade de Princeton.

— Sim, o Dom Pablo já me havia referido isso.

— No que toca a escrever sobre vidas fora do comum, deixe-me dizer-lhe que a do Pablo Soler se encaixa nesse perfil, mas sei que a sua investigação se relaciona com a Amelia Garayoa, que foi sua bisavó, tanto quanto pude perceber.

— Com efeito, a Amelia Garayoa foi minha bisavó, ainda que na nossa família, pouco se saiba sobre ela, para não dizer praticamente nada.

— Todavia, foi uma mulher importante, muito mais do que aquilo que possa imaginar. A vida dela esteve recheada de perigos e aventuras, digna de um romance de Le Carré.

— Na verdade, confesso que me vou surpreendendo com um ou outro aspeto. Mas permita-me que lhe diga que, até ao momento, aquilo que sei sobre ela não revela uma mulher interessante, parecendo antes alguém que se deixou dominar pelos acontecimentos, sem nunca conseguir controlá-los.

— Por aquilo que o Pablo me contou, o senhor conhece a vida da Amelia até à sua chegada com o Pierre Comte a Buenos Aires. Nessa altura, era uma jovem com cerca de vinte anos, e não sei se concordará comigo, mas não conheço ninguém interessante com essa idade, nem sequer com a idade que o senhor tenha agora: trinta, talvez um pouco mais velho?

O professor revelava um feitio bastante peculiar! Não estava com rodeios. De sorriso nos lábios, estava a dizer-me que nunca me teria escolhido como companheiro de conversa. Mas aquele não era o momento adequado para me mostrar ofendido, pelo que me fiz de desentendido.

— Creio que terá também falado com a senhora Francesca Veneziani, não é assim?

— Acabo de regressar de Roma, onde, com efeito, me encontrei com ela. Ofereceu-me um exemplar do livro que escreveu sobre a Carla Alessandrini.

— Tive a oportunidade de estar com a senhora Veneziani em duas ou três ocasiões. É uma pessoa interessante, perspicaz. Embora soubesse que nunca viria a ser uma grande cantora lírica, acabou por ganhar reputação ao escrever sobre a vida das grandes divas e tenores do canto lírico. E os seus livros não são

nada mais, tenho de reconhecer que estão bem documentados. Já leu o livro sobre a Alessandrini?

— Não na totalidade; comecei a lê-lo no avião.

— Para além do talento que tinha para cantar, Carla Alessandrini era uma mulher notável. Era corajosa, intrépida, decidida, aquele tipo de pessoa que pretende mudar o mundo; mas por decisão própria, não como a sua bisavó, que se deixou arrastar pelo Pierre Comte. Sabe, jovem, não tenho muitas ocupações, pelo que preparei um trajeto pela cidade para o levar a alguns dos locais que possam ter alguma relação com a sua bisavó. Assim, conseguirá perceber melhor a vida dela nesta cidade e, ao mesmo tempo, terá a oportunidade de conhecer Buenos Aires, cidade para onde os meus pais emigraram assim que a guerra civil chegou ao fim. O meu pai era capitão do exército republicano e conseguiu fugir quando a guerra acabou. E ainda bem que o fez! Caso contrário, teria sido fuzilado. Na altura, eu tinha apenas cinco anos, de maneira que sinto pertencer a esta cidade, ainda que tenha nascido em Vigo. Mas vamos ao nosso assunto. Por onde quer que comece?

— Gostaria de saber o que aconteceu quando o Pierre e a Amelia chegaram.

— De acordo — disse Muinos sorrindo, enquanto me observava a ligar o gravador.

"Ficaram hospedados no Hotel Castelar, que se localiza na avenida de Mayo. Iremos visitá-lo, visto que também estive aí hospedado Federico Garcia Lorca, entre outubro de 1933 e março de 1934.

Era um hotel luxuoso, onde costumavam ficar hospedados alguns artistas e escritores de visita a Buenos Aires. O Pierre Comte não pretendia prolongar demasiado a sua estadia no hotel, apenas o tempo suficiente até encontrar uma casa onde pudesse desenvolver as suas atividades, de livreiro e de espião.

Talvez o senhor não saiba, mas, no início do século XX, Buenos Aires era uma cidade encantadora, que tinha descoberto a modernidade tendo a França como modelo, a Paris do barão Hausman. Não havia artista que se prezasse que não quisesse atuar no Teatro Colón. O projeto de construção partiu da iniciativa de um empresário italiano, passando por diversos arquitetos até ser dado por concluído em 1908. Ao palco do Teatro Colón subiram nomes lendários, como Caruso, Toscanini, Menuhin, Maria Callas e, obviamente, Carla Alessandrini. Fique o senhor sabendo que muitos dos grandes nomes da ópera atestam que, depois do La Scala, em Milão, o Colón é o teatro com melhor acústica no mundo.

Assim sendo, era natural que naquela época uma cantora com o renome da Carla Alessandrini atuasse no Teatro Colón.

Pierre acolheu a amizade que parecia estar a nascer entre a Amelia e a Carla

como uma verdadeira bênção. A diva era o melhor cartão de visita nesta cidade, rendida aos seus encantos.

O nosso homem não perdeu tempo e, um dia depois de desembarcar, começou de imediato a procurar um local adequado para viver. Trazia consigo várias arcas com livros raros e edições especiais, que sem dúvida seriam acolhidas com interesse pelos bibliófilos locais. Muitos desses livros tinha-os adquirido em Espanha, depois de ter começado a pensar na possibilidade de usar a Amelia como sua cobertura para se instalar em Buenos Aires.

Moscou não apertava os cordões à bolsa quando se tratava de financiar os seus espões, mas também não os alargava em demasia. Tinham de prestar contas acerca de cada tostão gasto e aqueles que se revelavam demasiado gastadores eram olhados com desconfiança. O dinheiro do povo não podia ser esbanjado em vão.

No dia seguinte à sua chegada, a Carla mandou dizer-lhes que estavam convidados para a recepção que a embaixada de Itália iria organizar em sua honra. O Pierre não podia estar mais satisfeito com o desenrolar dos acontecimentos, perguntando-se se teria agido bem ao fazer-se acompanhar pela Amelia.

Ainda que o Pierre fosse quinze anos mais velho do que ela, faziam um bom par. A jovem aparentava um aspeto frágil, quase etéreo, tão loura e magra que era. Ele tinha um porte elegante, sendo Um homem vivido.

A Carla abraçou a Amelia assim que a viu entrar na embaixada.

— Porque não me telefonaste? Senti a tua falta, não tenho com quem falar.

Ela justificou-se, dizendo que tinham passado aqueles dois primeiros dias à procura de casa, e que não estava a ser fácil encontrar um local que o Pierre achasse adequado.

— Mas eu posso ajudar-te! Não é assim, Vittorio? Decerto conhecemos alguém que desencantar-á aquilo de que necessitam. Podes ficar descansada.

Aos olhos dos convidados da recepção, a alta sociedade portenha, o afeto que a Carla demonstrava pela Amelia não passava despercebido.

Se a grande Alessandrini tinha eleito aquele casal como seu protegido, seriam certamente pessoas importantes. Naquela noite, o Pierre e a Amelia receberam vários convites para almoços, jantares, serões musicais ou para assistir a corridas de cavalos. O Pierre emanou todo o seu encanto, o seu charme francês, e foram várias as donzelas presentes que se sentiram atraídas por aquele homem galante e com um olhar tão cheio de promessas.

Tanto o Pierre quanto a Amelia ansiavam por notícias relativamente à situação em Espanha. As respostas a quase todas as suas perguntas foram fornecidas por um espantoso napolitano, Michelangelo Bagliodi, casado com

uma das secretárias da embaixada de Itália.

— O Franco ainda não entrou em Madrid, mas fá-lo-á a qualquer momento. É necessário ter em conta que os melhores generais espanhóis estão à cabeça do levantamento, como o Sanjurjo, o Mola e o Queipo de Llano. Não tenho qualquer dúvida de que irão triunfar, para bem da sua pátria, senhora Garayoa.

Pierre apertava com força a mão da Amelia, para evitar que esta respondesse com uma réplica inflamada. Tinha-a instruído acerca das vantagens de saber ver, ouvir e falar pouco, mas ela sentia-se demasiado irada para se manter serena.

— O que pensa acerca da possibilidade, senhor Bagliodi, de a Itália e a Alemanha se colocarem do lado daqueles que levantaram armas contra a República? — perguntou o Pierre.

— Caro amigo, não há qualquer dúvida de que contam com o apoio do Duce e do Führer! E que, se necessário for... Bem, estou certo de que a Itália e a Alemanha ajudarão a Espanha, essa grande nação nossa irmã.

O Michelangelo Bagliodi sentia-se encantado por atrair a atenção daquele casal que a grande Carla lhe tinha apresentado. Além do mais, pareciam ter as suas opiniões em boa conta, o que considerava natural, na medida em que era um homem informado acerca das vicissitudes da política mundial, muito devido a estar casado com a secretária do embaixador, a sua doce Paola. Ele, que havia emigrado há tantos anos deixando para trás a sua Nápoles natal, tinha trabalhado arduamente até se tornar um próspero comerciante, tendo ascendido socialmente ao casar-se com uma funcionária da embaixada, o que lhe possibilitava novos contatos e, sobretudo, lhe permitia conviver com a fina flor da sociedade portenha nas recepções ou jantares organizados pela embaixada.

— E como reage o presidente Azana? — perguntou a Amelia.

— De modo desastroso, senhora, de modo desastroso. A República está a permitir que os civis peguem em armas em sua defesa, dado que mais de metade do exército está sob as ordens dos generais que se rebelaram contra o poder vigente. Os especialistas dizem que as forças estão muito equiparadas, mas na minha opinião o gênio e valentia militar de uns não podem ser comparados com os dos outros. Além disso, como poderão estabelecer-se consensos entre republicanos, socialistas, anarquistas, comunistas e demais esquerdistas? Verá como acabarão por lutar entre si. Prevejo um final feliz para este confronto com o triunfo do Franco, que seria o que melhor poderia suceder à Espanha.

O napolitano, satisfeito com o rumo da conversa com a Amelia e o Pierre, ofereceu-se para os ajudar naquilo que necessitassem.

— Acabam de chegar e ainda não conhecem bem a cidade, de maneira que não hesitem em solicitar os meus serviços para o que for preciso. A minha esposa e eu ficaríamos muito honrados em recebê-los em nossa casa. Poderíamos

inclusivamente convidar alguns amigos e organizar um serão... — atreveu-se a propor o Bagliodi.

— Ficamos muito honrados com o convite — assegurou o Pierre.

O Bagliodi entregou-lhes um cartão de visita e anotou num papel o nome do hotel onde o casal estava hospedado, prometendo contactá-los dentro em breve com informações mais precisas acerca do dito serão.

— Não passa de um idiota! — disse a Amelia, mal se afastaram. — Não penso ir a casa desse fascista! Não percebo como pudeste aceitar o convite!

— Amelia, se começarmos já a proclamar os nossos ideais e ainda mal chegamos, tornar-nos-emos vulneráveis. Não conhecemos ninguém nesta cidade e precisamos de ir abrindo algumas portas, já te disse em outras ocasiões que, quando me é possível, colaboro com a Internacional Comunista, pelo que nunca é demais saber aquilo que os nossos inimigos pensam.

— Nem que fosses espião! — replicou a Amelia.

— Não digas disparates! Não se trata de espiar, mas sim de ouvir, porque tudo aquilo que os nossos inimigos possam dizer inocentemente nos ajudará a estarmos preparados, a estarmos sempre um passo à sua frente. Anseio pela revolução mundial, pelo fim dos privilégios daqueles que tudo possuem, mas, naturalmente, eles não irão abdicar deles sem oferecerem resistência, e por isso se torna necessário sabermos como pensam, como agem...

— Sim, já me tinhas dito. Ainda assim, não estou disposta a conviver com esse homem insuportável e com a sua fútil esposa.

— Faremos o que for necessário — concluiu o Pierre, cansado do mau humor da Amelia. — Além do mais, quem melhor que esse homem para nos manter informados acerca da situação em Espanha? Pensava que ansiavas por ter notícias fidedignas sobre o que está a acontecer no teu país.

No dia seguinte, a Amelia recebeu um telefonema da Carla, que a convidava para lanche no Café Tortoni.

— Mas vem sozinha, gostaria que falássemos calmamente. Os ensaios terminam por volta das seis horas. Julgo que darás facilmente com o café. Situa-se na avenida Treze de Mayo e, em Buenos Aires, toda a gente conhece o local.

Pierre não levantou qualquer objeção ao encontro, tendo dedicado o dia a continuar a procurar o local ideal, que, até ao momento, apenas existia na sua imaginação.

Amelia percebeu que a Carla estava nervosa. Ficava sempre assim antes de uma estreia, nunca se deixando entusiasmar pelos elogios e louvores.

— São todos muito amáveis, mas, se cantar uma nota que seja fora de tom, serei crucificada, e todos me voltarão as costas com a mesma naturalidade com que hoje me fazem vênias. Não posso correr o risco de falhar. Pretendem-me

sublime e assim terei de estar.

Na noite da estreia, a convite da Carla, a Amelia e o Pierre ocuparam um camarote. A Amelia estava tão bela que resplandecia, como contaram as crônicas de sociedade dos jornais do dia seguinte, que se lhe referiam como sendo "a melhor amiga da grande Carla".

A Carla esteve sublime, se nos ativermos às ditas crônicas. Os espectadores aplaudiram em pé durante mais de meia hora e ela teve de regressar por várias vezes ao palco para agradecer os aplausos.

Para depois do espetáculo, o Vittorio tinha organizado um jantar com vários "poderosos" portenhos, algumas personalidades do universo cultural e os diretores dos principais diários; e, naturalmente, também o Pierre e a Amelia estavam presentes.

Nessa noite, a sorte esteve do lado do Pierre, pois a determinada altura um cavalheiro com um acentuado sotaque italiano lhe perguntou onde estavam hospedados, ao que ele lhe respondeu que procuravam um local onde conseguissem simultaneamente viver e montar um pequeno estabelecimento para que pudesse expor as suas raridades bibliográficas.

O homem apresentou-se como Luigi Masseti e era proprietário de diversos edifícios e estabelecimentos comerciais, disponibilizando-se para os ajudar a encontrar um local adequado.

— Estou precisamente a pensar num local que talvez sirva os vossos intentos. Situa-se no rés-do-chão de um edifício que, ainda que antigo, está muito bem localizado, na rua Piedras. Embora se trate de um rés-do-chão, recebe muita luz natural, já que dispõe de um grande janelão que dá para a rua. O problema é que não tem grande valor enquanto residência, nem tão-pouco enquanto estabelecimento comercial. Não é muito grande, mas penso que será suficiente para Um casal e para que aí possa instalar o seu negócio livreiro. Se quiser passar amanhã pelo meu escritório, um dos meus empregados poderá sair consigo para visitar o local.

Pierre aceitou, agradecido. A Amelia, por seu lado, tinha atraído já vários admiradores. Nessa altura, já se sabia, porque o Pierre se tinha encarregado de o anunciar, que haviam fugido das suas respetivas famílias, ela abandonando marido e filho e ele um próspero negócio, para viverem uma apaixonante aventura amorosa. Alguns daqueles homens julgavam que ela se revelaria uma presa fácil perante os seus avanços sedutores, tomando-se de liberdades que a deixavam tão surpreendida quanto magoada.

A Carla Alessandrini, que se apercebia dessa situação, interveio por diversas ocasiões, deixando claro que qualquer pessoa que incomodasse a sua amiga a estaria a ofender a ela.

Pierre optava por ignorar a situação, dado que o seu verdadeiro objetivo era travar o máximo de conhecimentos no seio da seleta e refinada alta sociedade portenha. E ali estava a nata da nata. Não podia ter tido sorte maior.

A Carla apresentou-lhes um casal com quem parecia nutrir uma velha amizade.

— Amelia, gostaria de te apresentar o Martin e a Gloria Hertz. São os meus melhores amigos em Buenos Aires.

O Martin Hertz era um judeu alemão que tinha chegado à Argentina três anos antes à procura de um lugar calmo para onde fugir da opressão nazi. Era otorrino e tinha conhecido a Carla há já alguns anos, em Berlim, numa ocasião em que a diva teve um problema na garganta dois dias antes de atuar na Opera. O Martin tratou-lhe da garganta, tendo-lhe possibilitado subir ao palco e desfrutar de mais uma noite repleta de aplausos. Desde essa altura, a Carla sentia uma enorme estima por esse jovem médico alemão, que, ao chegar à cidade, se apaixonou por uma portenha de naturalidade espanhola, Gloria Fernández, com quem viria a casar.

Amelia simpatizou de imediato com o casal Hertz. O rosto de Martin deixava transparecer tanta serenidade que inspirava confiança, enquanto a Gloria emanava simpatia e personalidade.

— Têm de vir visitar-nos à minha galeria de arte — convidou-a Gloria. — Atualmente, estamos a expor os trabalhos de um jovem pintor mexicano ao qual auguro um grande futuro. Tento fazer que a minha galeria se torne uma referência para as novas tendências da pintura, um local onde os jovens tenham a oportunidade de expor os seus trabalhos.

Pierre comprometeu-se de imediato a visitar a galeria do casal Hertz. Confirmava, tal como tinha intuído, que a Amelia representava um valioso talismã para se integrar na sociedade portenha.

— A minha melhor amiga é alemã, vive em Berlim — comentou a Amelia —, ainda que, nesta altura, não sei se não estará já em Nova Iorque. Oxalá fosse assim! A Yla é judia e o seu pai, Herr Itzhak Wassermann, é sócio do meu, mas os nazis perseguiram-no de tal forma que o negócio não resistiu. Desde há muito que o meu pai tem vindo a tentar convencer Herr Itzhak a sair da Alemanha e... bem, antes de eu partir para aqui, disseram-me que estavam a pensar emigrar para Nova Iorque.

— Os nazis não nos deixam muitas opções, estão a roubar-nos, a despojar-nos dos nossos bens, para além de os homens das SS nos perseguirem sem tréguas. Primeiro, fomos privados de alguns direitos civis e, seguidamente, através das Leis de Nuremberg, fomos verdadeiramente colocados à margem da sociedade. Abandonei o país em 1934, consciente de que, não obstante o que as

comunidades judaicas possam pensar, o nazismo não será efêmero. Em 1933, testemunhei aquele ato vergonhoso e terrível que foi a queima de livros em público, obras escritas por judeus, verdadeiro patrimônio da humanidade... Foi esse acontecimento que me fez decidir a partir. Sabia que, depois daquilo, iriam continuar a perseguir-nos, como infelizmente viria a verificar-se. Os meus pais não quiseram vir comigo; tenho um irmão mais velho, casado e com dois filhos, que também não quis emigrar. Rezo todos os dias por eles e sinto o sangue a ferver quando os imagino a ser insultados pelos vizinhos.

— Então, Martin, estamos numa festa... — observou a Gloria, tentando animar o marido.

— Lamento, foi culpa minha... Não deveria ter...

— Não diga isso! Alegra-me constatar que é uma pessoa sensível e que se compadece com a situação de outros seres humanos — respondeu o Martin —, mas, com efeito, a Gloria tem razão, não podemos entristecer-nos precisamente na festa da Carla, que certamente Pretenderá que estejamos alegres.

De regresso ao hotel, o Pierre mostrou-se carinhoso e solícito face à Amelia. Qualquer pessoa que os tivesse observado concluiria que aquele homem estava perdidamente apaixonado pela frágil jovem que caminhava a seu lado.

Uma semana depois, a Amelia e o Pierre instalaram-se no rés-do-chão que haviam arrendado ao Luigi Masseti. O Pierre considerava o local perfeito: entrava-se na casa por um enorme portão. Um pequeno átrio dava acesso a um salão de cinquenta metros quadrados, que, com efeito, apresentava um grande janelão que deixava entrar a claridade vinda da rua. Ao fundo, dois quartos, uma pequena cozinha e uma casa de banho completavam aquele que viria a tornar-se o seu lar. As janelas dessa parte da casa davam para um pátio comum.

Amelia limpou esmeradamente aquele que viria a ser o seu novo lar. O Pierre demonstrou possuir talento para a carpintaria, comprando madeira e construindo ele próprio uma grande biblioteca, que cobria todas as paredes da sala. No que respeita ao resto da casa, não investiram muito em decoração, comprando apenas o imprescindível.

— Vamos ver como irá correr o negócio. Certamente que teremos a oportunidade de comprar mobiliário a teu gosto — disse ele à Amelia.

As coisas não lhes correram nada mal. Buenos Aires era uma cidade cosmopolita, que se rendia de braços abertos aos europeus que nela procuravam refúgio. Sendo o Pierre francês e a Amelia uma mulher distinta e bela, foi sem problemas que, pouco a pouco, várias portas se lhes foram abrindo. O que mais surpreendia a Amelia era que ele insistisse em conviver com o Michelangelo Bagliodi, o marido da secretária da embaixada de Itália. O Pierre e o Bagliodi pareciam entender-se, não sendo invulgar que almoçassem juntos ou que

passassem os quatro o domingo juntos em casa do casal Bagliodi.

Se o Martin e a Gloria Hertz lhes tinham apresentado a nata intelectual da cidade, já o Bagliodi, através da sua esposa, permitia-lhes serem convidados para alguns dos eventos organizados pela embaixada de Itália, nos quais o Pierre convivía com grande naturalidade com embaixadores e diplomatas de outros países.

Amelia parecia estar a acomodar-se à sua nova situação e não se poderia dizer que se sentisse infeliz, ainda que a guerra civil em Espanha a deixasse preocupada. Para ela, o que de fato constituiu um revés foi a partida da Carla Alessandrini. A diva tinha concluído os seus compromissos artísticos em Buenos Aires e devia regressar à Europa, a fim de inaugurar em setembro a abertura da temporada no La Scala de Milão, com Aida, uma ópera ambiciosa e de difícil encenação. Antes de partir, encontrou-se novamente a sós com a Amelia no Café Tortoni, que se tinha tornado o lugar preferido de ambas. Ali, sentadas às mesas de carvalho com tampo de mármore verde, gostavam de partilhar confidências.

— Sentirei a tua falta, cara Amelia. Porque não regressas à Europa? Se quiseses, posso ajudar-te...

— E o que faria? Não, Carla. Tomei uma decisão da qual algumas vezes me arrependo, mas já é tarde para voltar atrás. O meu marido nunca me perdoará e, no que respeita à minha família... magoei muito toda a gente. Como reagiriam se regressasse? Apenas peço a Deus que o Franco perca a guerra e que a tranquilidade regresse. Temo por todos eles, embora Madrid ainda resista...

— Mas... e o teu filho? Não percebes que, se não regressares, acabarás por perdê-lo?... Ainda é criança, mas um dia há de querer saber o que aconteceu à sua mãe, e o que lhe irão dizer? Amelia, ofereço-me para te levar de regresso à Europa...

Mas ela pretendia manter-se firme na decisão da qual tantas vezes já se havia arrependido. Além do mais, naquela altura, não se teria atrevido a enfrentar o Pierre. Tremia só de pensar na reação dele se dissesse que o iria abandonar.

— Perdi o meu filho e sei que ele nunca me perdoará. Sou a pior mãe do mundo; talvez ele acabe por ganhar alguma coisa com a minha ausência — desabafou a Amelia, sem conseguir conter as lágrimas.

— Vamos, não chores, tudo tem solução. Basta quereses. Já te dei o meu endereço e o do escritório do Vittorio, onde poderás sempre deixar recado. De qualquer forma, se telefonares para lá, dir-te-ão onde estou e como poderás contactar-me. Se precisares de mim, não hesites em escrever-me, sabes bem que tudo farei para te ajudar.

Pierre trabalhava com empenho, mas, ocasionalmente, também mergulhava em estados melancólicos. Em outubro, mantinha já contatos regulares com o seu

controlador, o secretário do embaixador da União Soviética, ao qual ia transmitindo informações recolhidas nos círculos intelectuais, bem como entre os comerciantes e a classe alta da cidade. Os seus relatórios eram minuciosos, não descurando nenhum pormenor, por mais insignificante que pudesse parecer.

Tinha o costume de submeter a Amelia a verdadeiros interrogatórios sempre que esta saía para lanchar com as novas amigas ou conversava com alguma personalidade de relevo, fosse numa recepção, num encontro literário ou num jantar entre casais.

Era um agente disciplinado e consciente da sua missão, mas considerava não pertencer a Buenos Aires, onde, ao final de seis meses, já tinha "angariado" um agente no próprio Ministério dos Negócios Estrangeiros, tal como lhe haviam ordenado. O Miguel López era funcionário administrativo do ministério e, ainda que partilhasse das convicções comunistas, não estava filiado em nenhum partido. Desprezava a alta sociedade, lamentando-se pela situação de miséria a que se viam condenados muitos dos seus compatriotas que viviam longe da capital, onde, inclusivamente aí vivendo, apenas como espectador lhe era permitido assistir ao glamour da cidade.

O Miguel López tinha conseguido o emprego de funcionário administrativo por intermédio do seu tio, que trabalhava como porteiro no ministério. Era um homem afável e, um dia, recomendou internamente o seu jovem sobrinho, que tinha conhecimentos de datilografia e de estenografia, bem como de contabilidade. Além disso, possuía um dom particular para os idiomas, dado que, sem nunca ter frequentado nenhuma escola, tinha aprendido francês sozinho. Terá sido certamente convincente, já que se viu contemplado com o emprego de administrativo. Sendo competente e discreto, atribuíram-lhe passado um ano as funções de secretário do responsável pelo Departamento de Criptografia. O López ocupava o tempo livre a estudar Direito, pois sonhava tornar-se advogado, circunstância que parecia valorizar ainda mais a boa opinião que os seus superiores tinham dele.

Amelia simpatizava com o Miguel López, não suspeitando da amizade crescente entre os dois homens. Para ela, a amizade daquele jovem era uma bênção, na medida em que a mantinha ao corrente das novidades em Espanha, dado que os relatórios encriptados enviados pelo embaixador da Argentina em Madrid passavam pelas suas mãos.

Numa das noites em que o Miguel foi jantar a casa da Amelia e do Pierre, contou-lhes que a situação em Espanha se ia agravando cada vez mais.

— Ao que parece — disse —, na retaguarda, os fascistas cometem as maiores barbaridades, fuzilando os militantes de esquerda e perseguindo os professores republicanos. Mas o que importa destacar é que os trabalhadores

espanhóis organizaram uma verdadeira resistência contra os fascistas e, para além do exército da República, existem unidades de milícias populares. Os milicianos do Batalhão Abraham Lincoln já estão a participar na luta, e começam a chegar homens de todas as partes do mundo para integrarem as Brigadas Internacionais. Por falar nisso — acrescentou —, a deslocação ao México da delegação de mulheres antifascistas começa a dar frutos. O nosso embaixador lá diz que continuam a reunir fundos para os Milicianos e para ajudar a República. Do ponto de vista propagandístico, o resultado não podia ser mais conveniente, na medida em que a maioria dos jornais ataca os golpistas e defende o governo do Azana. E aqui estamos nós, sem nada podermos fazer! Sinto-me envergonhado pelos nossos políticos!

López sentia-se intimamente satisfeito por se ter tornado agente da União Soviética, sonhando com o momento em que, em reconhecimento pelos seus serviços, seria chamado a viajar para a Pátria dos trabalhadores”, onde ficaria a viver para sempre.

Pierre explicava-lhe que não deveria dar nas vistas, que teria de desconfiar de toda a gente e, sobretudo, continuar a desempenhar o seu papel de funcionário subserviente.

Apesar de o Miguel López lhe ter comunicado em determinada ocasião que uma das suas colegas de trabalho parecia sentir idêntica aversão face ao regime do seu país, tendo inclusivamente feito um comentário negativo contra o fascismo, o Pierre proibiu-o de confiar nela.

Não obstante as diligências do Miguel López, o Pierre precisava de outro agente bem situado no Ministério dos Negócios Estrangeiros ou na própria Presidência, tal como lhe havia sido requerido pelo seu controlador da embaixada soviética.

Quis o acaso que a sorte se mantivesse do seu lado desde a chegada a Buenos Aires. Certa tarde, a Amelia comentou-lhe que tinha passado pela galeria da Gloria Hertz e que esta lhe tinha apresentado uma amiga que estava a atravessar um mau momento.

— Não imaginas o que a coitada tem de suportar, como antifascista convicta que é, por trabalhar na Casa do Governo. A Gloria pensa que a sua amiga Natalia partilha dos ideais comunistas.

Pierre pareceu não mostrar grande interesse, mas, alguns dias depois, insistiu para que convidassem o Martin e a Gloria Hertz para jantarem e, no decurso do serão, tentou confirmar aquilo que a Amelia tinha contado.

— Oh, sim, a pobre Natalia! Para ela, está a ser difícil trabalhar na Casa do Governo. Não é que desempenhe um cargo importante, dado que não trabalha diretamente com o presidente, mas sim no Departamento de Tradução. Passa o

dia a traduzir cartas e documentos... enfim, tudo o que esteja escrito em inglês. Quando o presidente necessita de uma intérprete, recorre naturalmente aos seus serviços. A Natalia fala um inglês perfeito, porque o seu pai era diplomata e, durante algum tempo, esteve colocado primeiro em Inglaterra, depois nos Estados Unidos, mais tarde na Noruega e na Alemanha. Ela tinha cinco anos quando o pai foi colocado na Inglaterra, e aí permaneceu até os nove anos; o destino seguinte do seu pai foi Washington, pelo que domina perfeitamente o inglês.

Pierre tentou mostrar uma compaixão sincera pela Natalia e sugeriu que também ela deveria estar presente na próxima ocasião em que se encontrassem.

Apenas um mês depois, e por um acaso, o Pierre viria a conhecer a Natalia Alvear, na inauguração de uma exposição na galeria da Gloria.

A Natalia andava pelos cinquenta anos, era de estatura mediana e tinha o cabelo castanho e um aspeto elegante, ainda que não fosse propriamente uma beldade. Estava solteira e sentia-se aborrecida, embora frequentasse ambientes intelectuais e artísticos onde convivia com pessoas de esquerda. Considerava o seu trabalho na Casa do Governo entediante e a falta de perspectivas de vida fazia-a sentir-se amargurada.

Desde o momento em que a conheceu, o Pierre apercebeu-se de que poderia transformá-la numa agente, que ela poderia encontrar em tal atividade um sentido para a sua vida. Mas decidiu avançar lentamente, para se certificar se aquela solteirona teria a maturidade suficiente para assumir tal incumbência.

Dois dias depois, ao passar em frente à Casa do Governo, simulou um encontro ocasional na altura em que ela lhe tinha comentado que costumava sair para almoçar.

— Cara Natalia, que surpresa!

— Senhor Comte, é verdadeiramente um acaso...

— Não me trate por "senhor Comte". Julgo que podemos tratar-nos por tu e pelo nosso nome próprio, não lhe parece? Vim encontrar-me com um cliente perto daqui e, agora, pretendia almoçar uma coisa rápida, porque depois tenho outro compromisso também nas redondezas. E a senhora onde ia?

— Tal como você, ia almoçar.

— Se não for atrevimento da minha parte, ficar-lhe-ia grato se me deixasse oferecer-lhe o almoço.

— Oh, não! Não posso aceitar.

— Tem compromisso marcado com alguém?

— Não, não é isso, mas, enfim... parece-me que não será conveniente.

— Não é costume em Buenos Aires que duas pessoas que se conhecem almocem juntas? — perguntou Pierre, tentando parecer inocente.

— Bem... se forem amigos, claro que sim.

— A senhora é amiga da Gloria e nós temos os Hertz entre os nossos melhores amigos, pelo que não vejo qualquer inconveniente... Vamos, permita-me convidá-la para almoçar. A Amelia zangar-se-á comigo se lhe contar que a encontrei e que fui tão pouco cortês que nem sequer a convidei para almoçar.

Entraram num restaurante perto dali, com o Pierre a recorrer a todo o seu *savoir faire* de homem vivido. Conseguiu fazê-la rir e, inclusivamente, mostrou-se ligeiramente sedutor, para que ela se sentisse uma mulher desejável.

A Natalia sentia-se demasiado solitária e cansada da sua existência cinzenta para conseguir resistir a um homem como o Pierre.

Essa não foi a única ocasião em que ele simulou um encontro ocasional, convidando-a de novo para almoçar. A pouco e pouco, foram construindo uma relação que, aos olhos de qualquer pessoa inocente, parecia não passar de um amor platônico entre duas pessoas que, por sentido do dever, não se atreviam a ir mais além.

Pierre defendia-se dizendo que devia permanecer fiel à Amelia, que tinha abandonado por ele marido e filho. Isso levava a Natalia a admirá-lo ainda mais, ainda que intimamente desejasse que ele se atrevesse a tal ato de infidelidade.

Pierre confessou à Natalia ser comunista e que apenas ela conseguiria compreender a importância da sua causa.

Sem que ela dissesse se apercebesse, foi convencendo-a de que não podiam permanecer de braços cruzados, permitindo o triunfo dos fascistas por todo o mundo, até que, em certa ocasião, lhe pediu que lhe transmitisse qualquer informação que julgasse relevante para a "causa", de modo que, por sua vez, ele a fizesse chegar às pessoas adequadas.

A Natalia mostrou-se inicialmente hesitante, mas o Pierre avançou um pouco mais e, certa tarde, tornou-se seu amante.

— Meu Deus, o que fizemos! — lamentou-se a Natalia.

— Acabaria por acontecer — consolou-a ele.

— Mas e a Amelia?

— Não quero falar dela, deixa-me desfrutar deste momento, o mais feliz que me foi dado viver nos últimos tempos.

— Aquilo que fizemos não está correto!

— Poderíamos tê-lo evitado? Diz-me tu, Natalia, não resistimos durante tanto tempo? Não me digas que estás arrependida, porque não o suportaria.

Ela não estava arrependida, preocupando-se apenas com o futuro, se é que algum podia haver entre eles os dois.

— Devemos viver o presente, Natalia, aquilo que nos é dado. Quanto ao futuro, quem o poderá prever? Não é a carne que nos une, mas sim um ideal

grandioso e libertador para toda a humanidade. Esse ideal sagrado é superior a tudo o resto. Não interessa aquilo que nos possa acontecer; o mais importante é que estaremos sempre em comunhão, porque lutamos pela mesma causa.

A Natalia nada sabia acerca do Miguel, o qual também não a conhecia. Ambos eram controlados pelo Pierre, que, por sua vez, respondia perante o seu próprio controlador, o secretário do embaixador soviético.

7

Em Moscou, pareciam satisfeitos com o trabalho do Pierre Comte. Pelo menos, foi o que lhe disse o seu controlador. Em pouco mais de seis meses, tinha conseguido dois colaboradores em locais estratégicos, estando ambos a revelar-se uma verdadeira mina de informações.

Amelia não suspeitava minimamente da relação do Pierre com a Natalia e continuava a manter uma relação amistosa com ela. Não era invulgar que esta jantasse em casa do casal, que fosse com eles visitar exposições na galeria da Gloria Hertz ou que, nos feriados, os acompanhasse em passeios pelos arredores de Buenos Aires.

Tornaram-se um trio inseparável, com o Pierre a sentir-se estimulado pela descarga de adrenalina provocada por sair com as duas amantes, uma de cada lado, em perfeita harmonia.

— Tenho pena da Amelia — costumava dizer-lhe a Natalia. — A coitada é muito ingênua. Como é possível que não se aperceba que sou eu a pessoa a quem amas?

— É melhor assim, querida, não tenho coragem para a deixar, pelo menos para já; estamos há pouco tempo em Buenos Aires e sou eu o responsável por ela estar aqui... Tens de compreender, preciso de tempo.

Na verdade, o Pierre precisava da Amelia. A jovem espanhola evidenciava uma capacidade natural para ser aceite por toda a gente. Abria-lhe todas as portas possíveis e imagináveis e, sobretudo, ele não se esquecia de que a maioria das suas novas amizades se deviam à Carla Alessandrini. Se a diva viesse a saber que tinha abandonado ou traído a Amelia, era mais do que certo que recomendaria às suas amizades portenhas que lhe voltassem as costas. Assim, o Pierre impôs à Natalia uma rigorosa descrição, para que ninguém suspeitasse de que eram amantes.

Continuava também a alimentar a amizade com o Michelangelo Bagliodi e a

sua esposa Paola. Também eles continuavam a revelar-se uma excelente fonte de informação. A Natalia costumava aparecer para almoçar em casa dos italianos, que se sentiam radiantes por receber em sua casa uma mulher que trabalhava para a Presidência da República. Além do mais, aconselhada pela Natalia, a Paola começou a cuidar do seu aspeto, vestindo roupas elegantes mas atraentes, mudando de penteado ou depilando as sobrancelhas.

Num desses almoços, o Bagliodi explicava ao Pierre o apoio resolutivo de Hitler e do Duce ao general Franco.

— Tem de ter em conta que, para além da proximidade ideológica, o Führer não poderá permitir a instalação em Espanha de um regime pró-soviético, para além de ter às suas portas a Frente Popular francesa. Por isso é que desde o primeiro momento o Franco pôde contar com os Junkers-52 que o Hitler lhe enviou para usar em Tétouan e com a Legião Condor, e não duvide de que, contando com a instrução dos militares alemães, tem o triunfo assegurado. Não há exército que se possa comparar ao alemão.

— Ah, Pierre! Tenho aqui para lhe entregar a encíclica Divini Redemptoris, do papa Pio XI, na qual condena o comunismo ateu — interveio a Paola, entregando-lhe uma pasta de cartão.

— Como poderão o Azana e os comunistas vencer a guerra se não têm Deus do seu lado!? — exclamou o Michelangelo Bagliodi, perante o olhar aborrecido da Amelia e o sorriso da Natalia.

— O senhor pensa que Deus está do lado dos fascistas? — perguntou a Amelia, sem conseguir conter-se.

— Obviamente, querida! Poderia Deus estar do lado daqueles que cospem contra Ele e queimam as igrejas? A Paola contou-me há alguns dias que os milicianos de esquerda têm vindo a fuzilar padres e freiras e a profanar igrejas.

— E não só, querido, também há grupos de milicianos que se dirigem às aldeias para assassinar pessoas de bem, católicos e militantes ou simpatizantes dos partidos de direita.

— Mas o Franco ainda não conseguiu conquistar Madrid — ressaltou a Amelia, contendo a ira que se apossava dela.

— Mas consegui-lo-á, querida, consegui-lo-á. Apenas pretende evitar batalhas inúteis. É verdade que foi travado na batalha do rio Jarama, mas por quanto tempo?

— O general Miaja tem muito prestígio — replicou ela.

— Ah! Aquele que se autointitula o grande protetor de Madrid — ironizou o Bagüodi.

— É ele quem preside à Junta de Defesa e consta que é um militar competente — interveio o Pierre.

— Mas o governo não passa de uma gaiola de grilos, com o Largo Caballero à cabeça, além dos comunistas e anarquistas. Acha que conseguirão chegar a consensos? Para além de ter permitido que o seu camarada Prieto se apossasse das pastas da Marinha e da Força Aérea. Mas o que percebe o Prieto de guerra?

Para a Amelia, aqueles almoços revelavam-se um verdadeiro pesadelo, sentimento que desabafava com o Pierre.

— Não percebo como consegues suportá-los. Os comentários deles acerca do comunismo são ofensivos, mas tu nada dizes, como se não fosse contigo e nós não fôssemos comunistas. Já te esqueceste disso?

— E que pretendes que faça? É inútil dialogar com eles, mas revelam-se uma boa fonte de informação e, assim, mantemo-nos informados acerca do que vai acontecendo em Espanha.

— Também os jornais nos mantêm informados.

— Sim, mas eles possuem mais informação.

— E para que queremos nós esse tipo de informações? A União Soviética está a ajudar a República, eles conhecem o estado de coisas. Não há nada que possamos contar aos nossos camaradas que eles não saibam já — raciocinou a Amelia.

Numa noite de abril, o Miguel López chegou a casa da Amelia e do Pierre sem avisar. Ela estava a escrever o que o Pierre lhe ditava. Ele continuava a dar-lhe diariamente lições de russo.

O Miguel parecia agitado, ansioso por falar, mas o Pierre fez-lhe sinal para que não proferisse sequer uma palavra na presença da Amelia.

— Querida, porque não nos preparas alguma coisa para jantarmos? Entretanto, eu e o Miguel bebemos um copo e colocaremos a conversa em dia. Estou cansado de trabalhar, de maneira que, caro amigo, estás a dar-me uma boa desculpa para relaxar.

Amelia dirigiu-se para a cozinha. Gostava do Miguel, pelo que não levantava qualquer objeção a que jantasse com eles.

— O que se passa? — quis o Pierre saber.

— Esta tarde, recebemos um comunicado da nossa embaixada em Madrid: a Legião Condor bombardeou Guernica; nenhum edifício ficou em pé. Ainda não é oficial, não me parece que os jornais de amanhã se refiram ao acontecimento.

— Guernica é a pátria espiritual dos bascos — murmurou Pierre.

— Bem sei, bem sei, e não deixaram pedra sobre pedra... — afirmou o Miguel.

— Guernica tornar-se-á um símbolo e isso, meu amigo, acabará por motivar aqueles que lutam pela República.

— O general Miaja dispõe de aviões e tanques soviéticos e, segundo o nosso

embaixador, as duas brigadas formadas por milicianos das Brigadas Internacionais estão a lutar com êxito.

— E o que fazem a Inglaterra e a França?

— Segundo a nossa embaixada em Madrid, optam por não interferir oficialmente na guerra civil espanhola. Pretendem evitar que o conflito se internacionalize, pouco lhes interessando que a Itália e a Alemanha estejam a apoiar os golpistas desde o início. Além do mais, o Franco conta já com reconhecimento diplomático.

— Qual é a opinião da vossa embaixada acerca do rumo da guerra?

— Dizem que o Franco está em vantagem.

O Miguel forneceu ao Pierre cópias de alguns documentos enviados por outras embaixadas. Documentos preciosos, que valeriam da rezidentura soviética em Buenos Aires os maiores elogios da parte dos seus superiores em Moscou.

Amelia chamou-os para que viessem jantar na cozinha, onde comeram carne assada, que tinha sobrado do almoço, acompanhada por salada e uma garrafa de vinho de Mendoza. Falaram de trivialidades e, como sempre acontecia, a Amelia perguntou ao Miguel se possuía alguma novidade acerca da situação em Espanha. Antes de responder, ele olhou para o Pierre.

— Já sabes que a 31 de março começaram a bombardear o País Basco. A região de Biscaia foi a mais afetada e... bem, ainda não é oficial, mas a Legião Condor arrasou Guernica.

O Miguel apercebeu-se do impacto que a notícia tinha produzido na Amelia, que empalideceu e afastou o prato de comida.

— Amelia, a guerra é assim mesmo! Sabes perfeitamente que estas coisas acontecem. — O Pierre tentava acalmá-la, de tal forma a Amelia tremia.

— Eu sou basca e... não sabes o que Guernica representa — respondeu ela, com uma voz sumida.

— És comunista e a tua pátria é o mundo inteiro. O que interessa que possuas apelidos bascos? Queremos construir um mundo sem nações; ou já te esqueceste?

— Não, não me esqueci, mas também não pretendo esquecer-me de quem sou, das minhas origens. Quando era criança, o meu pai dizia-me que ser basco é um estado de espírito...

Em julho, Buenos Aires foi assolada por uma onda de frio intenso. Havia um ano que o Pierre e a Amelia tinham deixado Espanha para se estabelecerem na capital austral. Para ela, aquele ano parecia-lhe uma eternidade, embora ele parecesse satisfeito, dizendo não sentir saudades do passado. As diversas arcas repletas de livros que tinha trazido consigo representavam a base do seu negócio, que foi ampliando através da aquisição de edições argentinas e de outros países

sul-americanos. Também o seu pai lhe enviava alguns livros desde Paris. Não era um grande negócio, mas revelava-se suficiente para viverem sem passarem necessidades e para que ele pudesse manter o disfarce planeado.

Amelia continuou a não suspeitar da relação entre o Pierre e a Natalia, até que certa tarde, quando lanchava com a Gloria na Pastelaria Ideal, esta lhe disse uma coisa que a amargurou, ainda que não soubesse bem porquê.

— Não consideras a presença constante da Natalia demasiado embaraçosa? Já lhe disse que vos deveria deixar respirar, está sempre convosco, como se fôsseis um trio. Não sei, mas, no teu lugar, afastar-me-ia um pouco dela. Tenho-lhe muita estima, mas não suportaria que estivesse sempre entre mim e o meu marido.

Ignorando o que responder, a Amelia ficou nervosa, cerrando os punhos.

— Bem, não dês importância de maior àquilo que acabei de dizer — quis tranquilizá-la a Gloria. — Já sabes que sou muito ciumenta e que estou tremendamente apaixonada pelo Martin.

A partir dessa altura, a Amelia começou a observar a Natalia com especial atenção e, sobretudo, a atentar no modo como o Pierre se comportava com ela. Passadas algumas semanas, concluiu que não havia motivos para se preocupar. A Natalia era uma mulher que se sentia sozinha e que tinha encontrado neles algum amparo; além disso, o Pierre não parecia atraído pela Natalia, que, apesar de elegante, não apresentava atributos físicos propriamente sedutores.

Contudo, o Pierre e a Natalia prosseguiram a sua aventura amorosa longe do olhar de todos, mostrando-se peritos na arte da simulação.

Em finais de agosto, o Pierre recebeu um comunicado de Moscou felicitando-o pelo trabalho realizado e anunciando-lhe que, dentro em breve, receberia novas instruções.

Um dia, ao sair de casa da Natalia, encontrou o Igor Krisov à porta do prédio.

De início, ficou sem reação, mas o sorriso irônico do russo animou-o a dar-lhe um abraço.

— Até parece que viu um fantasma! — disse-lhe o Krisov.

— E é isso que realmente é! Porque está aqui? Imaginava-o a milhares de quilômetros, do outro lado do oceano...

— E eu imaginava-o apaixonado pela doce Amelia — respondeu o russo, dando-lhe uma palmada nas costas.

— Bem, isto não é o que parece... — tentou justificar-se o Pierre.

— Não, é mesmo aquilo que parece. Tem outra amante. Chama-se Natalia Alvear, trabalha na Casa do Governo e é uma das suas agentes. Está a fazer sacrifícios pela causa — disse o Krisov, rindo.

— Sim, poderia dizer-se que sim. Mas diga-me: o que faz aqui?

— É uma longa história.

— Uma longa história? O que aconteceu? Há bem pouco, Moscou felicitou-me, estão satisfeitos com as informações que tenho vindo a obter...

— Sim, calculo que tenham dito isso. Onde podemos falar?

— Bem... não sei... Vamos para minha casa, aí poderemos conversar sem ser incomodados. A esta hora, a Amelia deve ter saído para lanche com uma das suas amigas.

— Continua a ignorar a verdade? — quis saber o Krisov.

— A verdade? Ah! Com efeito, não desconfia de nada. Mas é um tesouro, uma verdadeira joia. Todas as portas se lhe abrem e as pessoas importantes fazem fila para a convidar. Eu sabia que seria uma boa aposta.

Quando chegaram a casa, para surpresa do Pierre, a Amelia estava presente.

— Então, pensava que estivesse com as tuas amigas! — disse-lhe num tom recriminatório.

— Ia sair, mas esqueceste-te que hoje apareceriam cá uns clientes que pretendem ver a edição do D. Quixote do século dezoito.

— Sim, é verdade, tinha-me esquecido disso! — lamentou-se o Pierre.

— Julgo já nos termos encontrado — disse a Amelia ao Krisov com um sorriso, estendendo-lhe a mão.

— Com efeito, senhora Garayoa, conhecemo-nos em Paris.

— Sim, um dia antes de partir de França...

— Fala disso com nostalgia...

— Sim, sinto falta de tudo aquilo que deixei para trás. Buenos Aires é uma cidade fantástica, muito europeia, não é difícil adaptarmo-nos, mas...

— Mas sente a falta de Espanha e da sua família, o que é natural — completou o Krisov.

— Se não te importares, Amelia, tenho alguns assuntos a tratar com o senhor Krisov...

— Tentarei não incomodar, mas prefiro ficar em casa, já não me apetece sair.

A decisão da Amelia deixou o Pierre aborrecido, ainda que nada dissesse. Já o Igor Krisov parecia apreciar a presença dela.

Os dois homens ficaram sozinhos na sala, usada como livraria.

— E então, o que se passa? — quis saber o Pierre.

— Desertei. — Ao afirmar tal palavra, o rosto do Krisov contraiu-se num trejeito de dor.

Pierre ficou perturbado com a notícia. Ignorava o que pudesse dizer ou fazer.

— Está surpreendido, não é assim? — perguntou o Krisov.

— Sim, confesso que sim. Julgava-o um comunista convicto — conseguiu

por fim o Pierre dizer.

— E sou. Sou comunista e assim morrerei. Ninguém conseguirá convencer-me de que existe melhor ideal para tornar este mundo um lugar melhor, onde todos possamos viver iguais e onde a nossa vida não dependa dos golpes do destino. Não há causa mais justa do que a do comunismo, acerca disso não tenho qualquer dúvida.

A declaração do Igor deixou o Pierre ainda mais surpreendido.

— Sendo assim... não consigo compreender.

— Há dois meses, mandaram-me ir a Moscou. Temos um novo chefe, o camarada Nikolai Ivanovich Yezhov. Veio substituir o camarada Genrij Grigorievich Yagoda à frente da NKVD. Diga-se que, no que respeita a crueldade, o camarada Yezhov nada deixa a desejar face ao camarada Yagoda.

— O camarada Yagoda foi um homem eficaz, ainda que considere que, nos últimos tempos, se tenha desviado um pouco... — conseguiu o Pierre dizer.

— Sabe, há mais de oito anos que não pisava solo russo e, por aquilo que agora sei, o Yagoda, Genrij Grigorievich Yagoda, foi muito pior do que aquilo que me haviam contado.

— O camarada Yagoda, enquanto responsável máximo pela NKVD, contava com a plena confiança do camarada Stalin... — atreveu-se o Pierre a replicar.

— E não é de estranhar que o Yagoda tenha chegado tão longe, recebendo ordens diretamente do Stalin e transformando-se no seu braço executivo, mas no fim acabou por ser vítima do seu próprio veneno. Nem sequer ele conseguiu escapar ao terror que tinha criado. Está detido, e posso assegurar-lhe que acabará por confessar aquilo que o Stalin quiser.

— O que quer dizer com isso?

— Que está sob prisão, submetido ao mesmo tipo de interrogatórios que ele próprio conduzia com outras personalidades que o Stalin tinha por incômodas e inimigas declaradas da revolução. Não serei eu a lamentar o destino do Yagoda, tendo em conta todos os crimes que cometeu.

— Os criminosos devem ser julgados, e aqueles que traem a revolução são os da pior estirpe — replicou o Pierre.

— Então, Pierre, não se arme em ingênuo. Sabe tão bem como eu que, na União Soviética, têm vindo a ocorrer purgas contra todos aqueles que o Stalin declara contrarrevolucionários. Mas eis a questão que se deve colocar: quem é que está a trair a revolução? A resposta, meu amigo, é que o maior traidor é o próprio Stalin.

— Mas o que está a dizer?

— Está admirado? O Stalin mandou assassinar muitos dos camaradas da velha guarda, aqueles que estiveram na linha da frente a lutar pela revolução. De

um momento para o outro, homens irrepreensíveis tornaram-se incômodos para o Stalin, que não quer que ninguém dispute com ele o poder absoluto de que goza. Qualquer crítica ou opinião contrária aos seus desejos é punida com a morte. Com certeza, já terá ouvido falar dos processos contra presumíveis contrarrevolucionários...

— Sim, contra pessoas que traíram a revolução, que desejam o regresso aos velhos tempos, burgueses que não se adaptam ao novo estado de coisas, que resistem a abdicar dos seus antigos privilégios.

— Julgava-o mais inteligente, Pierre, mas vejo-o permeável a toda essa propaganda. Mas deixe-me dizer-lhe que, de início, também eu era assim. Era-me impossível aceitar que esse mundo novo que pretendíamos construir passasse por implantarmos na nossa Rússia uma ditadura feroz, onde a vida tem menos valor do que no tempo do czar.

— Não diga isso!

— Comecei por tomar conhecimento do desaparecimento de alguns amigos, bons bolcheviques que os agentes da NKVD detinham de madrugada em suas casas, acusando-os de crimes contra a revolução. O camarada Yagoda desempenhou com especial brilhantismo o cargo de comissário do povo para os Assuntos Internos. Qualquer pessoa de quem o Stalin pretendesse ver-se livre recebia a visita dos homens do Yagoda.

— Muitos dos detidos confessaram estarem a conspirar contra a União Soviética.

— Não sei o que você não confessaria depois de o torturarem dias a fio, até não passar de um farrapo.

— Mas onde pretende chegar com tudo isso que está a dizer? Eu nunca serei um traidor.

— Nem eu. Não, nunca trairei os meus ideais, tudo aquilo por que lutei. Sou muito mais velho do que você, Pierre, tenho quase idade para ser seu pai, e fui um jovem que se entregou plenamente à causa quando participei na revolução. Matei e coloquei a própria vida em risco, porque acreditava que estávamos a construir um mundo melhor. É o Stalin quem está a trair tudo aquilo por que lutamos.

— Cale-se!

— Se preferir, vou-me embora, mas julgo que deveria prestar-me ouvidos.

Pierre ouvia-o de punhos cerrados, sentia-se dilacerado. Tinha admirado tanto o Igor Krisov...

— As purgas abrangem tudo e todos, ninguém está livre de ser Aclarado suspeito, nem sequer os melhores oficiais do Exército Vermelho estão a salvo. O Nikolai Ivanovich Yezhov é tão sanguinário quanto o Yagoda e acabará por

sofrer idêntico destino, porque o Stalin não confia em ninguém, nem sequer naqueles que cometem assassinios em seu nome. O Yezhov está a eliminar todos aqueles que trabalharam com o Yagoda. Repito-lhe que não confia em ninguém, tenha em conta que tanto eu como você trabalhamos para o Yagoda.

— Não! Eu trabalho para a NKVD, independentemente de quem a possa chefiar. O que mais interessa são os ideais, e eu sirvo a revolução.

— Sim, era isso que estava em causa, estarmos ao serviço de um ideal maior, mas as coisas não funcionam desse modo, Pierre, e estamos ao serviço de psicopatas. Sabe quem foi fuzilado recentemente? O general Berzin, um militar brilhante destacado para Espanha como responsável do GRU. Se me perguntar que delito terá cometido, responder-lhe-ei que nenhum, absolutamente nenhum. Muitos amigos dele, camaradas, também foram fuzilados. Aqueles que tiveram menos sorte passaram primeiro pela Lubianka, outros são deportados para campos de trabalhos forçados, onde o grande Stalin pretende que sejam reeducados... Moscou é uma cidade onde o medo impera, onde todos desconfiam de todos, onde se fala por sussurros, onde os amigos se traem uns aos outros para conseguirem mais uma semana de vida. Todos os intelectuais se tornaram suspeitos. E sabe porquê? Porque pensam e porque julgavam que poderiam expressar-se livremente, pois foi para isso que se fez a revolução. Os artistas têm de seguir as diretrizes do Stalin; qualquer criação poderá ser considerada contrarrevolucionária se não se ativer a tais critérios. Sabia, caro amigo, que os homossexuais são considerados escória, seres perversos de que a sociedade tem de se livrar?

— E como é que isso o poderá afetar? — perguntou o Pierre bruscamente.

— Bem... porque sou homossexual. Não o apregoo, mas também não o oculto, não tenho qualquer motivo para isso. No mundo novo que pretendíamos construir, ninguém seria discriminado em função da sua raça, das suas opções sexuais ou das suas crenças. Quando lutei em 1917, ninguém me questionou acerca de mim, éramos todos camaradas que sonhávamos com o mesmo ideal. Ser homossexual não me impediu de lutar, passar fome, sentir frio, matar e correr risco de vida. Na verdade, é um milagre ainda estar vivo; uma bala atravessou-me o ombro, para além de trazer no corpo como recordação uma cicatriz de baioneta, que me atravessou a perna.

Igor Krisov acendeu um cigarro, sem pedir permissão para o fazer. Era-lhe indiferente o que o Pierre pudesse dizer, o qual parecia tolhido, como se estivessem a bater-lhe, ou talvez como a criança que descobre subitamente que os Reis Magos não existem.

Sem lhe dar tréguas, o Krisov continuou a falar.

— Em Moscou, respira-se medo, imposto por homens como o Yagoda ou,

agora, o Yezhov, que não passam de meros braços executores das loucuras do Stalin. A sua mãe é russa e, por aquilo que sei, nunca simpatizou com a revolução, mas terá certamente ainda familiares e conhecidos na União Soviética. Tem-se informado sobre se ainda estarão vivos?

— Para a minha mãe, todos os revolucionários são loucos. Ela era pequeno-burguesa, dama de companhia de uma aristocrata — respondeu o Pierre, com um certo tom de desprezo.

— De modo que prefere ignorar o destino dos seus familiares na Rússia, considerando que tudo o que lhes possa ter acontecido terá sido merecido... Não me decepcione, julgava-o capaz de pensar por si próprio.

— Diga-me o que pretende.

— Já lhe disse que estive com o Yezhov e que ele me tratou com desprezo, com nojo. Sabe por que alcunha é ele conhecido?

— O Anão.

— Sim, o Yezhov sofre de nanismo, mas isso não representaria qualquer problema se fosse outro tipo de homem. Pediu-me que lhe fornecesse a lista de todos os meus agentes, daqueles que desde há anos têm colaborado comigo para a NKVD. Queria saber nomes, endereços, coberturas, saber dados sobre os familiares e amigos... Enfim, tudo, absolutamente tudo. E criticou-me por os meus relatórios não serem mais detalhados acerca da personalidade dos meus agentes, que deveria ter sido menos conciso quando se tratasse de explicar quem eram os nossos colaboradores. Em suma, exigia conhecer até ao mínimo detalhe todos aqueles que, ao longo dos anos, têm vindo a colaborar com a NKVD, inclusive no que respeita aos agentes "cegos". Pierre sabe que controlo um grupo de agentes diretos, como você, mas há também colaboradores ocasionais, pessoas que nunca teriam aceitado tornar-se agentes mas que pretendem auxiliar ocasionalmente a causa revolucionária. Acerca destes últimos e dos agentes "cegos", Moscou ainda não detém informações precisas, sendo precisamente esse tipo de informação que o Yezhov reclamava. Pergunte-se porquê. Comunicou-me que tinha pensado num novo cargo para mim, em Moscou. Pude perceber no seu olhar, nos seus gestos, no seu sorriso cuja crueldade mal conseguia disfarçar, que eu fazia já parte do passado e que, assim que tivesse obtido aquilo que pretendia, me enviaria para uma cela da Lubianka, onde me torturariam até confessar o que desejassem. Tinha de ganhar tempo e, portanto, expliquei-lhe que guardava num cofre de um banco londrino todos os pormenores acerca dos meus agentes, alguns dos quais são conhecidos em Moscou apenas pelos seus nomes de código e pelo local onde atuam infiltrados. Disse ao camarada Yezhov que um banco capitalista é o local mais seguro para guardar os segredos comunistas. Não acreditou em mim, mas também não podia

correr o risco de que aquilo que lhe dizia pudesse ser verdade, pelo que mudou de tática, passando a dar mostras de uma amabilidade enjoativa. Convidou-me para almoçar e, subitamente, perguntou-me por si. Isso não me surpreendeu, pois você é já um agente veterano da NKVD. Na verdade, começou a colaborar conosco ainda na OGPU. Nem sequer o Yezhov põe em causa os seus méritos enquanto agente. A sua cobertura enquanto livreiro permitiu-lhe viajar por toda a Europa e estabelecer contatos com as elites intelectuais, conseguindo colaborações importantes, mas, sobretudo, fornecendo informações fiáveis. São poucos os que, como o Pierre, conhecem a política espanhola tão pormenorizadamente.

— O que queria o camarada Yezhov saber a meu respeito?

— Nada de concreto, mas surpreendeu-me o seu interesse por si, tendo-me inclusivamente perguntado se as suas convicções comunistas eram sólidas ou se, pelo contrário, não passaria de mais um intelectual diletante. A minha opinião é que o Yezhov não gosta de si. Algum tempo depois, encontrei-me com um antigo camarada, o Ivao Vasiliev, que se viu relegado para um departamento administrativo da NKVD. Era um dos homens de confiança do Yagoda e viu-se afastado, mas dá-se por feliz por não ter sido fuzilado. Esse amigo tinha sido, até há bem pouco tempo, o receptor dos relatórios que você tem vindo a remeter a partir de Buenos Aires, e assegurou-me que estava a ter bastante êxito porque tinha conseguido colocar agentes no coração do Estado, pelo que não havia razão para que o Yezhov pudesse desconfiar de si. Mas seria inútil tentar compreender a alma de um assassino.

— Acho que está a querer assustar-me sem qualquer fundamento. Parece-me lógico que o camarada Yezhov faça perguntas acerca dos seus agentes, os quais têm a obrigação de lhe prestar contas.

— Pierre, você já não é um dos meus agentes. Desde que está em Buenos Aires, reporta a outro controlador. Dois dias depois, esse amigo de que lhe falei confirmou-me aquilo que eu já desconfiava: o Yezhov pretende fazer uma "limpeza", deseja substituir-me, colocar à afrente da rede um dos seus homens de confiança e ver-se livre daqueles que o meu substituto poderia considerar duvidosos. O meu amigo disse que o Yezhov não gostava de burgueses, por mais revolucionários que pudessem ser, e que poderia dar-se o caso de você ter caído em desgraça, tal como me aconteceu a mim. O Yezhov permitiu que eu voltasse a Londres, mas, quando cheguei, encontrei um antigo colega à minha espera no aeroporto, um homem com quem tive uns problemas no passado. Tinha ordens precisas: deveria entregar-lhe toda a informação que dizia manter guardada num banco e, depois, regressar a Moscou. Este agente não deveria largar-me fosse de dia ou de noite até ter embarcado no avião e, até isso acontecer, ficaria a residir

em minha casa.

— Mas está aqui...

— Sim. Estou há demasiados anos nesta profissão para não ter pensado mais do que uma vez no que deveria fazer se um dia tivesse de partir apressadamente, quer fosse por o Serviço de Informações britânico poder descobrir que eu era um agente soviético, quer por perder a confiança de Moscou, como já tinha acontecido a outros colegas. Poderá não acreditar, mas asseguro-lhe que muitos dos camaradas com quem lutei na revolução de 1917 estão mortos, vítimas do terror implantado pelo Stalin. Outros foram enviados para Campos de trabalhos forçados, alguns havendo que têm tanto medo, que não se atreveram sequer a falar comigo e fecharam-me a porta com lágrimas nos olhos, suplicando-me que me fosse embora e que não os compromettesse com a minha presença. Portanto, mesmo antes de partir de Moscou, comecei a engendrar um plano para desertar. Consegui despistar o homem que o Yezhov tinha encarregado de me vigiar. Dir-lhe-ei como o fiz: coloquei um sonífero no copo de vinho dele. Quase que me vi obrigado a ter de o beber eu, pois ele parecia desconfiar das minhas boas intenções quando lhe propus um brinde à saúde da gloriosa União Soviética e do camarada Stalin. Assim que me certifiquei que tinha adormecido profundamente, atei-o à cama e amordacei-o. Dediquei o que restava da noite a entrar em contato com os meus agentes, avisando-os para que se preparassem para o que pudesse vir a acontecer. De manhã bem cedo, dirigi-me para o meu banco, requeri o cofre onde guardava dinheiro, passaportes falsos e documentos e viajei para França, onde, tal como o Pierre, embarquei rumo a Buenos Aires. Na nossa querida Europa, corria perigo; mais tarde ou mais cedo, conseguiriam localizar-me, mas o Novo Mundo é muito vasto e, como você bem sabe, ainda não possuímos aqui redes suficientemente consolidadas, de maneira que a América Latina é o melhor local para encontrar exílio.

— E para onde vai?

— Isso, meu amigo, não sei se lhe vou dizer. Se estou aqui é porque ainda mantenho intacta a minha integridade enquanto homem e enquanto bolchevique, e sinto-me na obrigação de o avisar de que pode vir a correr perigo. Tenho um dever de lealdade para com os camaradas que trabalharam comigo, que deram o seu melhor para conseguir expandir a revolução e engrandecer a ideia do comunismo. Homens que, como você, fizeram sacrifícios pessoais e renunciaram a existências confortáveis porque acreditam que todos os seres humanos são iguais e merecem idênticas oportunidades. Quando se luta numa guerra, conhecemos a importância da lealdade e de podermos contar com a fidelidade dos nossos camaradas. Nada somos sem eles, nem eles o seriam sem nós, de modo que já cumpri com o meu dever. Como o conheço bem, sei que se lhe

tivesse escrito uma carta teria desconfiado de mim. Já lhe referi que, na longa noite antes de partir, entrei em contato com os agentes de Londres mais comprometidos, homens que, mais tarde ou mais cedo, estou certo de que acabariam na lista negra do Yezhov. Coloquei-os a par do sucedido, para que eles decidissem por si próprios o que fazer. Antes de embarcar, contactei um outro agente para que fosse a minha casa para desamarrar o laçao do Yezhov. Bem... e aqui estou. Parece-me que dentro de dias, irá receber um convite para se deslocar a Moscou No seu lugar, não iria, e muito menos acompanhado pela Amelia Garayoa. Em Moscou, sabem tratar-se de uma agente "cega", mas, por aquilo que sei, consideram que a Amelia não passa de um mero capricho pequeno-burguês da sua parte, uma desculpa que encontrou para manter uma relação adúltera com uma mulher. A Amelia não tem qualquer valor para eles, de modo que o conselho a não expô-la à lógica mental do Yezhov.

— Está a dizer-me que se deslocou a Buenos Aires apenas para me aconselhar a desertar?

— Não estou a dizer-lhe que deve desertar, mas apenas a expor-lhe o atual estado de coisas. Estou a fornecer-lhe informação, cabendo-lhe agora a si decidir o que deverá fazer. Quanto a mim, cumpro com a minha obrigação.

— Não pretende certamente que eu acredite que, apesar de ter desertado, se sentiu na obrigação de vir aqui alertar-me antes de desaparecer. É uma desculpa demasiado ingênua — disse o Pierre, levantando o tom de voz.

— Ter consciência é um inconveniente e eu, caro amigo, tenho-a, nunca consegui ver-me livre dela. Sou ateu, varri da minha mente todas as histórias que os meus pais me contaram em criança e aquilo que o pope pretendia que aceitássemos como dogma. Não, não acredito em nada, mas, num qualquer recanto do meu cérebro, mantive sempre a consciência; posso assegurar-lhe que gostaria de me ter libertado dela, porque é a pior companheira que um homem possa ter.

Pierre caminhava pela sala. Sentia-se alterado, simultaneamente assustado e irritado. Não queria acreditar no que o Igor Krisov lhe dizia, mas também não ousava deixar de o fazer.

Subitamente, os dois homens aperceberam-se de que a Amelia estava no umbral da porta, estática, pálida, com os olhos marejados de lágrimas.

— O que fazes aqui? — gritou-lhe o Pierre. — És uma coscuvilheira! Estás sempre onde não deves!

Amelia não respondeu, nem sequer se mexeu. O Igor levantou-se e abraçou-a, como o faria a uma criança, tentando transmitir-lhe consolo e segurança.

— Então, minha cara, não chore! Não há nada que não tenha solução. Há quanto tempo estava ali a ouvir?

Mas da boca da Amelia não saía palavra. O Igor ajudou-a a sentar-se e dirigiu-se à cozinha para ir buscar um copo de água, enquanto o Pierre a recriminava por ter ouvido a conversa. Por fim, ela acabou por dizer que tinha ido avisá-los de que o jantar estava pronto, não conseguindo evitar ouvir parte do que o Igor dizia.

— É horrível! Horrível! — repetia entre lágrimas.

— Chega! Não és nenhuma criança. Não te enganei, foste tu que quiseste enganar-te a ti própria — dizia-lhe o Pierre, que dificilmente conseguia conter a raiva desencadeada pelas revelações do Krisov.

— Deveria controlar-se. Vejo que não está preparado para enfrentar uma crise, julgava-o um homem mais contido — recriminou-o o Krisov.

— Não me pregue sermões! — continuou o Pierre aos gritos.

— Não, não pretendo fazê-lo. Cumprir o meu dever, agora irei partir. Faça o que lhe aprouver... Lamento a sua situação, Amelia, sei que abraçou entusiasticamente a causa comunista, mas não deixe que esse ideal seja minado pelo mau uso que dele fazem alguns homens. Trata-se de uma ideia grandiosa, merecendo a pena que lutemos e nos sacrifiquemos por ela. Mas proteja-se e aprenda a valer-se a si própria, pegue nas rédeas da sua própria vida.

— Para onde irá o senhor? — perguntou a Amelia, tentando controlar as lágrimas.

— Deve compreender que não poderei dizer-lhe isso, para minha própria segurança e para a sua.

— Vá-se embora antes que o denuncie! — ameaçou o Pierre.

— Irá fazê-lo, sei que irá fazê-lo, estou certo de que irá entrar em contato com a rezidentura. Se pretender manter-se agente, é isso mesmo que deverá fazer. Se, pelo contrário, decidir refletir naquilo que acabei de lhe dizer, mais vale que não fiquem ao corrente do que lhe contei. Mas a decisão é sua.

O Igor Krisov beijou a mão da Amelia e, sem nada mais dizer, saiu porta fora, perdendo-se por entre as primeiras sombras da noite.

— Não quero recriminações — avisou-a Pierre.

Ela esfregou os olhos, tentando secar as lágrimas. Sentia-se ultrapassada por aquilo que tinha acabado de ouvir. Não sabia muito bem o que fazer ou dizer, mas estava plenamente consciente de estar a despertar de um sonho, e a realidade com que se deparava intimidava-a. Permaneceram em silêncio durante um longo momento, esforçando-se por recuperar a serenidade suficiente para poderem enfrentar-se mutuamente. Foram as palavras do Pierre as que primeiro rasgaram o silêncio que se tinha instalado entre eles.

— Nada terá de mudar, o meu tipo de colaboração com a União Soviética é-te indiferente. Só que agora, por estares ao corrente, corres um perigo maior.

Para tua própria segurança, tens de esquecer tudo o que ouviste esta tarde, não poderás revelar nada a ninguém, nem sequer entre nós o comentaremos. Essa é a melhor solução.

— Para ti, as coisas resolvem-se de modo assim tão fácil?

— Sim, poderemos facilitar as coisas a esse ponto, tudo depende de ti.

— Então, lamento dizer-te que não será possível, porque não conseguirei esquecer aquilo que hoje ouvi. Pretendes que não confira importância de maior ao fato de me teres enganado, de me teres manipulado, de seres um espião, de que a tua vida, e também a minha, dependa de alguém que está em Moscou. Não, Pierre, não me parece que seja possível.

— Mas terá de ser assim, caso contrário...

— Caso contrário, o quê? Diz-me, o que farás se eu não aceitar aquilo que pretendes impor-me? A quem me irás denunciar? O que me farão?

— Chega, Amelia! Não dificultes ainda mais as coisas.

— Não sou eu a responsável por esta situação, mas sim tu. És tu o culpado. Enganaste-me, Pierre, e deixa-me dizer que te teria seguido da mesma forma, independentemente daquilo que pudesses ser. Teria abandonado o meu marido e o meu filho por ti mesmo que me tivesses confessado ser o demônio em pessoa. Amava-te tanto!

— Isso quer dizer que já não me amas? — perguntou ele, com um tom de alarme na voz.

— Neste preciso momento, não tenho a certeza, se queres que seja sincera. Sinto-me vazia, incapaz de sentir. Não te odeio, mas...

Pierre entrou em pânico. A última coisa que tinha previsto era que a Amelia pudesse deixar de amá-lo, que deixasse de ser a jovem bela e submissa que lhe prodigalizava constantemente absoluta devoção. Tinha-se acostumado a que ela o amasse e a simples ideia de a perder parecia-lhe insuportável. Naquele momento, apercebeu-se de que amava realmente aquela jovem que o havia seguido até ao outro lado do mundo, não conseguindo imaginar a sua própria vida sem a ter a seu lado. Aproximou-se da Amelia e abraçou-a, mas sentiu o corpo dela rígido, rejeitando o seu.

— Perdoa-me, Amelia! Suplico-te que me perdoes. Apenas pretendia proteger-te...

— Não, Pierre, isso era-te indiferente. Ainda não sei porque me trouxeste contigo, mas sei que não o fizeste por sentires um amor como o meu — respondeu ela, afastando-o de si.

Pierre percebeu de que, naquela noite, a Amelia tinha deixado de ser uma jovem para se tornar uma mulher, que agora se apresentava perante ele como se fosse uma desconhecida.

— Não duvides de que te amo. Julgas que te teria pedido que abandonasses a tua família e que viesses comigo se não te amasse? Julgas que não tenho em consideração a opinião dos meus pais? Não obstante...

— Fui eu quem te amou, acreditando que tu me amarias com idêntica paixão. Esta noite, descobri que a nossa relação tem por base uma mentira, e pergunto-me quantas outras não me terás contado.

— Não duvides que és importante para mim!

Amelia limitou-se a encolher os ombros, com indiferença. Sentia que já nada a prendia àquele homem pelo qual tantos sacrifícios tinha feito.

— Preciso de pensar, Pierre, tenho de decidir o que irei fazer da minha vida.

— Nunca te deixarei! — afirmou ele, tornando a abraçá-la.

— Não está em causa aquilo que tu pretendes, mas sobretudo aquilo que eu desejo, e é sobre isso que irei refletir. Se não te importares de dormir no sofá, ficarei cá em casa. Caso contrário, pedirei à Gloria que me acolham em casa deles durante alguns dias.

Ele esteve tentado a negar tal possibilidade, mas acabou por se conter, consciente de que, naquele momento, não podia travar uma batalha que certamente perderia.

— Lamento ter-te magoado e apenas espero que consigas perdoar-me. Dormirei no sofá e não te incomodarei com a minha presença mais do que o imprescindível. Apenas te peço que não te esqueças de que te amo, de que não consigo imaginar a minha vida sem ti.

Amelia saiu da sala e fechou-se no quarto. Queria chorar, mas não conseguiu. Para sua surpresa, adormeceu de imediato.

A partir daquela noite, estabeleceu-se entre eles uma rotina recheada de silêncios. Ainda que o Pierre se mostrasse extremamente deferente, tentavam evitar-se.

Uma das escassas conversas que tiveram ocorreu quando a Amelia decidiu perguntar-lhe se tinha denunciado Igor Krisov.

— Era meu dever informar os serviços acerca da presença dele aqui, Krisov é um desertor.

Ela fitou-o com desprezo, e o Pierre reagiu de mau humor.

— Se não o tivesse feito, seríamos suspeitos e considerados colaboradores de um desertor! Nunca serei um traidor!

— Krisov comportou-se comigo de modo decente — murmurou a Amelia.

Alguns dias mais tarde, Natalia apareceu preocupada em casa deles, já que o Pierre tinha deixado de a visitar, inclusive de lhe telefonar, e não conseguiu evitar uma alegria íntima quando se apercebeu da crise que o casal atravessava.

— Perdoem-me por aparecer sem avisar, mas sentia a vossa falta — disse,

em jeito de cumprimento, quando a Amelia lhe abriu a porta.

— Entra, Natalia, Pierre está trabalhando na sala. Queres um chá?

— Ficar-te-ia agradecida, faz um frio... Como estás? Não compareceste no almoço em casa da Gloria, sentimos a tua falta.

— Tal como lhe disse a ela, ando um pouco constipada.

A Natalia percebeu que a Amelia não apresentava qualquer sintoma de constipação, mas aquilo que mais a preocupou foi o cumprimento seco do Pierre.

— Ena, não estávamos à tua espera! O que te traz aqui?

— Bem... sentia a vossa falta. Há uma semana que nada sei sobre vocês e toda a gente me pergunta o que se passa com o "trio inseparável"...

Pierre não respondeu e pôs cara de chateado quando a Amelia informou que ia à cozinha preparar algum chá.

— Não me apetece nada, tenho trabalho para fazer — disse, sem disfarçar o mau humor.

— Não ficarei muito tempo — respondeu a Natalia, sentindo-se cada vez mais perturbada.

Mal a Amelia abandonou a sala, olhou para o Pierre, decidida a exigir-lhe uma explicação.

— Queres dizer-me o que se passa?

— Nada.

— Como nada? Tenho informações importantes para te fornecer e tu não entraste em contato comigo. Além do mais... bem... além do mais, sinto a tua falta a meu lado — sussurrou.

— Cala-te! Não quero que me digas nada aqui, telefonar-te-ei mais tarde.

— Mas quando?

— Assim que me for possível.

Amelia entrou trazendo um tabuleiro com um bule e três chávenas, para além de tarte de maçã que tinha comprado na El Gato Negro, uma mercearia pertencente a um espanhol na qual se podia encontrar tudo e mais alguma coisa.

Por mais que a Natalia tentasse animar a conversa, nem a Amelia nem o Pierre pareciam dispostos a facilitar-lhe a tarefa. A tensão entre eles era palpável, bem como o fato de evitarem dirigir-se um ao outro. A Natalia decidiu então que o melhor seria deixá-los a sós. Mas antes de sair, enquanto a Amelia foi buscar-lhe o casaco, informou o Pierre em voz baixa que era urgente encontrarem-se. Ele confirmou em silêncio.

Assim que a Natalia saiu, a Amelia entrou na sala e sentou-se à mesa, defronte do Pierre.

— Tomei uma decisão e julgo que, quanto antes te informar, melhor será para ambos. Os nossos amigos têm telefonado e pretendem saber por que motivo

não aceitamos os convites que nos dirigem e, como vês, a própria Natalia apareceu em nossa casa preocupada.

— A Natalia é um pouco intrometida — comentou o Pierre.

— Não, não é, ela tem razão, estava sempre connosco, de forma que não percebe o que está a acontecer. Mas, se não te importares, parece-me ter chegado a altura de falarmos.

Pierre fechou o livro de contas em que estava a trabalhar e dispôs-se a ouvir a Amelia. De modo nenhum pretendia contrariá-la. Durante aqueles dias, ia dizendo para si próprio que, sem ela, estaria perdido.

— Vou regressar a Espanha. O meu país está em guerra, uma terrível guerra civil, e não pretendo continuar de costas voltadas ao que ali está a acontecer. Não soube nada da minha família desde que chegamos e não consigo sequer pensar na possibilidade de lhes ter acontecido alguma coisa. Sei que nunca poderão perdoar as minhas ações caprichosas e egoístas, mas, ainda que decidissem nunca mais falar comigo, conformar-me-ia com poder estar perto deles. Duvido que o meu marido me permita ver o meu filho, mas irei tentar, mesmo que seja à distância: preciso de vê-lo crescer, correr, rir, chorar... e talvez chegue o dia em que possa aproximar-me dele e pedir-lhe perdão...

— Não podes partir — murmurou o Pierre, com uma expressão crispada no rosto.

— Se estás preocupado com aquilo que julgo, podes ficar tranquilo, nunca direi a ninguém que és um espião soviético. Mantereis segredo. Não pretendo prejudicar-te, apenas desejo regressar a casa.

— Não posso permitir que partas.

— E o que pensas fazer? Irás denunciar-me à embaixada soviética? Eu não sou agente deles.

— Lamento, Amelia, mas foste, sem o saberes. És aquilo que designamos por agente "cego", alguém que colabora connosco sem disso ter conhecimento. Trouxe-te para aqui como cobertura para que pudesse instalar-me sem levantar quaisquer suspeitas. Era mais fácil que as portas se abrissem a duas pessoas que, por se terem apaixonado, fugiam das respetivas famílias. Moscou aprovou o meu plano e, com efeito, foi bem-sucedido. Graças à tua amiga Carla Alessandrini e aos contatos que nos proporcionou, pudemos conhecer pessoas muito úteis para a nossa causa. E... bem, a minha missão passava por constituir uma rede de agentes, o que demora o seu tempo, mas, graças a ti, consegui-o em poucos meses. Tal como o Igor Krisov referiu, em Moscou estão satisfeitos com os meus relatórios, graças às informações que os meus agentes me fornecem.

— És um pulha! — insultou-o a Amelia.

— Concorde contigo, lamento. A única coisa que posso dizer-te é que te amo

e, embora te tenha usado, o mais importante é aquilo que sinto por ti. Amo-te, Amelia, muito mais do que eu próprio supunha. Não podes partir, estamos unidos por uma causa comum, fazes parte do plano de Moscou para Buenos Aires. Não te deixarão partir como se isso fosse a coisa mais natural do mundo.

— Nem sequer Moscou conseguirá impedir-me de partir, a não ser que decidam assassinar-me — respondeu a Amelia levantando-se.

8

Amelia estava firmemente decidida a abandonar o Pierre, ainda que não dispusesse de dinheiro próprio e estivesse dependente dele em todos os domínios. Tal circunstância permitiu-lhe aperceber-se da importância de dispor de meios de sustento, de modo a poder organizar a sua vida. Tinha passado da tutela familiar para a do Santiago e, desta, para a do Pierre. Nunca lhe tinha faltado nada, mas também não havia nada que pudesse considerar seu, tendo decidido, seguindo o conselho do Krisov, que, para controlar as rédeas da sua própria vida, teria de encontrar trabalho. O Pierre não lhe daria dinheiro para que pudesse comprar uma passagem de regresso à Europa, para além de não se sentir capaz de pedir dinheiro emprestado, e foi assim que decidiu tentar encontrar trabalho.

No dia que se seguiu à discussão, a Amelia apresentou-se na galeria da Gloria Hertz.

— Preciso de trabalhar. Podes ajudar-me?

— O que se passa? O negócio da livraria não está a correr bem?

— Muito pelo contrário, está a correr bastante bem, melhor do que aquilo que o Pierre tinha imaginado, mas a questão não é a livraria, mas sim eu própria. Quero ser independente e dispor do meu próprio dinheiro.

Foi sem grandes dificuldades que a Gloria se apercebeu de que aquele pedido estaria relacionado com uma crise entre a Amelia e o Pierre.

— Discutiste com o Pierre? — perguntou ela.

— Pretendo separar-me dele e regressar a Espanha, mas para isso preciso de trabalhar — limitou-se a responder.

— Peço-te que me perdoes por estar a intrometer-me, mas não se tratará de um desentendimento temporário? Depois de tudo aquilo por que passaram juntos...

— Quero regressar ao meu país. Não consigo deixar de pensar na guerra, em

como estará o meu filho, na situação da minha família.

— Deixaste de amar o Pierre?

— Talvez... Na verdade, ao olhar para trás, surpreendo-me a mim própria por ter fugido com ele, inclusivamente por o ter amado. Mas não posso lamentar-me por aquilo que fiz no passado, pois nada poderei fazer para o alterar, mas o que certamente posso fazer é tomar decisões relativamente ao meu futuro.

A Gloria sentiu-se impressionada ao ouvir a Amelia falar daquela forma. Subitamente, parecia-lhe agora uma mulher madura, já não a rapariga meiga e amável cuja companhia todos procuravam.

— O que pensa o Pierre sobre isso? — insistiu ela.

— Não quer que parta, mas esta é uma decisão que não depende dele, mas sim de mim. A decisão está tomada, mas preciso de dinheiro para poder regressar.

— Ele... bem... ele não quererá ajudar?

— O Pierre não irá facilitar-me a partida, pelo que dependo apenas de mim. Preciso de um emprego. Podes ajudar-me a encontrá-lo?

— Não me parece muito fácil... mas talvez possamos emprestar-te o dinheiro de que necessitas.

— Não, essa possibilidade está fora de questão. Não desejo contrair quaisquer dívidas. Preferiria trabalhar.

— Mas o que poderias fazer?

— Qualquer coisa, é-me indiferente, apenas pretendo poupar dinheiro suficiente para poder comprar uma passagem.

— Falarei com o Martin, talvez ele possa sugerir alguma coisa... Mas... tens a certeza disto? Todos os casais têm discussões, eu própria senti por vezes vontade de me separar, mas, por fim, o amor leva sempre a melhor. Se existir amor entre duas pessoas, tudo o resto deixa de ter importância.

— Como muito bem disseste, tem de existir amor, e aquilo que sinto pelo Pierre já não me permite continuar com ele. Pretendo regressar a Espanha — insistiu a Amelia.

Passou o resto da manhã a caminhar pela cidade, procurando anúncios referentes a ofertas de emprego. Quando estava já de regresso a casa, viu um cartaz exposto na porta de uma pastelaria: precisa-se EMPREGADA.

Sem pensar duas vezes, entrou no estabelecimento. A pastelaria era pequena, decorada com simplicidade e bom gosto, sendo propriedade de um casal já de uma certa idade. Ambos eram espanhóis. Tinham emigrado de uma aldeia na região de Lugo em finais do século XIX, trabalhando muito até conseguirem montar aquele pequeno estabelecimento, pelo qual se sentiam orgulhosos por ser fruto dos seus esforços e dedicação. Não tinham filhos e, ainda que inicialmente

a Dona Sagrario se entristecesse com isso, tinha acabado por aceitar com resignação aquilo que dizia serem os desígnios do Senhor. Quanto ao Dom José, esse, sim, lamentava-se por não ter filhos, ainda que nunca o tenha confessado à esposa.

O Dom José estava doente, tendo já sofrido dois ataques cardíacos, o último dos quais lhe tinha afetado também o cérebro, deixando-o paralisado de todo o lado esquerdo do corpo. A Dona Sagrario carecia de tempo para cuidar do marido e, ao mesmo tempo, não descurar o negócio que lhes permitia o sustento, tendo decidido contratar alguém que pudesse encarregar-se da pastelaria.

As duas mulheres simpatizaram de imediato, com a Dona Sagrario a demonstrar a sua satisfação ao tomar conhecimento de que a Amelia era boa cozinheira e possuía alguns conhecimentos de confeitaria.

— Poderás também ajudar-me a fazer as tartes e os bolos, para além de atenderes ao balcão — disse-lhe a bondosa senhora.

O salário não era muito elevado, mas a Amelia calculou que, em alguns meses, conseguiria poupar o suficiente para comprar uma passagem de barco que partisse rumo a França, de onde se dirigiria depois para Espanha. Naquela altura, pouco lhe interessava ter de viajar no convés de 3ª classe, sem luxos nem comodidades.

A Dona Sagrario propôs-lhe que comesse a trabalhar nesse mesmo dia, o que a Amelia aceitou de bom grado. Atendeu ao balcão e, quando não havia clientes, entrava na cozinha nas traseiras do estabelecimento para ajudar a Dona Sagrario a fazer a massa para os bolos. O Dom José observava-as sem nada dizer, ainda que a Dona Sagrario assegurasse à Amelia que ele estava satisfeito por a terem contratado.

Já estava a anoitecer quando a Amelia regressou a casa, onde o Pierre a aguardava, nervoso.

— Mas onde raio te meteste?! Estava muito preocupado contigo! A Gloria telefonou há pouco e disse-me que talvez tivesse um emprego para ti. Podes explicar-me que história é essa de queres um emprego? Não falaste previamente comigo e deixa-me desde já dizer-te que nem por sombras consinto nisso.

Mas a Amelia já não era a jovem branda que o Pierre tinha conhecido e respondeu com brusquidão, mostrando-se firme no seu recente projeto de independência pessoal.

— Não sou propriedade tua. Tanto quanto sei, opões-te à propriedade, de forma que dificilmente poderás apropriar-te de um ser humano, neste caso eu. Decidi trabalhar, poupar dinheiro suficiente e comprar uma passagem num navio qualquer que parta rumo a França. Perguntei à Gloria se sabia de alguma oferta

de emprego, mas tive sorte e consegui encontrá-lo pelos meus próprios meios. Aliás, já comecei a trabalhar.

Pierre ouviu-a em silêncio, sentindo cada palavra dela como um murro no estômago.

— Amelia, já te pedi perdão... Cheguei mesmo a explicar-te aquilo que, para tua própria segurança, não deverias saber. O que pretendes mais? Não te chega que eu te ame? Antes, dizias que essa era a única coisa que te importava, que eu te amasse...

— Tens de aceitar que a situação se alterou, que eu mudei. Não podes pretender ter-me enganado do modo como o fizeste e não esperar reação. Tens-me assim em tão baixa conta, Pierre? Claro que não te faltarão motivos para me considerares uma perfeita idiota. Manietaste-me como a um fantoche, segui-te cegamente, sem refletir, mas agora despertei, Pierre. O teu amigo Krisov trouxe-me de regresso à realidade, mas não penses que te culpo mais a ti do que a mim própria. Desprezo-me por tudo aquilo que fiz, de modo que terás de aceitar que também te despreze a ti.

— E os nossos ideais, os nossos sonhos? Planeávamos mudar o mundo.

— Eram os teus sonhos e ideais, mas já não são os meus, Pierre. Agora, o meu único sonho é regressar ao meu país e estar junto da minha família. Sei que nem o meu pai nem o meu tio terão apoiado aqueles que se rebelaram contra a República, e temo por eles, tal como pelo Santiago e pelo meu filho.

— Não me deixes, Amelia — suplicou-lhe o Pierre.

— Lamento, mas partirei assim que me for possível.

A Gloria e o Martin convidaram-nos insistentemente para que fossem jantar a casa deles. Estavam preocupados com o casal e convictos de que as suas desavenças seriam passageiras. A Amelia mostrou-se inicialmente renitente, mas acabou por ceder e, na noite em causa, depois de sair do seu emprego na pastelaria, juntou-se ao Pierre e aos Hertz.

Ela gostava de falar com o Martin, dado que o faziam sempre em alemão. Ele tinha insistido para que praticassem a sua língua natal, de modo a não esquecer-se dela.

— Estou surpreendido com a qualidade da tua pronúncia — comentou o Martin.

— Também isso me dizia a minha amiga Yla, mas, se não fosse por tua causa, acabaria por esquecer o alemão.

— Sabes que recebi uma carta do meu tio, que conseguiu chegar a Nova Iorque. Se quiseres, posso pedir-lhe para procurar a Yla e os pais, mas tens de fornecer-me alguns dados para lhe dar alguma pista que o possa ajudar a procurá-los.

— Nada sei, Martin, nada sei. A minha prima Laura limitou-se a informar-me que Herr Itzhak se tinha rendido à evidência do perigo que o Hitler representa para os judeus e que estava a preparar a viagem da Yla para Nova Iorque. Oxalá tenha sido bem-sucedido!

Falaram de trivialidades. Contudo, apesar dos esforços do casal Hertz para animar a conversa, tanto a Amelia quanto o Pierre estavam de mau humor, não conseguindo disfarçar o enorme fosso que agora os separava.

A pouco e pouco, o Pierre foi-se acostumando à nova rotina imposta pela Amelia. Dormiam separados, ele no sofá, ela no quarto que haviam partilhado até à noite em que o Igor Krisov tinha aparecido.

Amelia levantava-se ao romper da aurora, deixava o almoço preparado para o Pierre e ia para a pastelaria, onde a Dona Sagrario lhe ia transmitindo todos os seus conhecimentos sobre confeitaria. Por vezes, ficava encarregada sozinha do estabelecimento, por o Dom José não se sentir bem ou, como tinha já sucedido por diversas ocasiões, por ter de ser hospitalizado.

Quando regressava a casa, cumprimentava o Pierre, mas não se detinha a conversar com ele, nem sequer lhe perguntava como lhe tinha corrido o dia. Costumava chegar exausta e desejosa de poder descansar.

Pierre, por seu lado, tinha retomado a sua relação amorosa com a Natalia. Agora, tendo em conta que ele e a Amelia dormiam em camas separadas, costumavam encontrar-se com maior frequência.

Confessou à Natalia que a sua relação com a Amelia estava com problemas, o que a levou a empenhar-se a preencher quaisquer vazios sentimentais deixados pela espanhola. A Natalia corria riscos cada vez maiores, desviando documentos da Casa do Governo para demonstrar ao Pierre que estava disposta a cometer qualquer loucura por ele.

O Miguel López continuava a revelar-se uma boa fonte de informação, na medida em que lhe remetia os relatórios cifrados enviados pelos embaixadores da Argentina a partir dos seus postos diplomáticos em todo o mundo.

O controlador do Pierre, que desempenhava o cargo de secretário do embaixador, felicitava-o de quando em vez, assegurando-lhe que em Moscou estavam satisfeitos com o seu trabalho e, ainda que não tivesse mencionado novamente a necessidade de se deslocar à Rússia, o Pierre não conseguia dominar a inquietação face à possibilidade de isso acontecer, tanto o haviam atemorizado as advertências do Krisov.

Apenas por alturas do Natal de 1937 tornaram a registar-se acontecimentos dignos de relevo nas vidas da Amelia e do Pierre.

Amelia correspondia-se com a Carla Alessandrini, guardando as suas cartas como se de joias preciosas se tratasse. A diva comentava-lhe os seus êxitos ou

enumerava os problemas ocorridos numa das suas cansativas viagens, mas sobretudo transmitia-lhe a sua opinião sobre o evoluir da guerra civil em Espanha, onde a Carla possuía alguns amigos.

Na sua mais recente carta, a Amelia tinha-lhe pedido que tentasse entrar em contato com a sua prima, Laura Garayoa, de modo a obter novidades acerca da sua família.

Pierre, sem que a Amelia dissesse tivesse conhecimento, lia essas cartas depois de ela sair para o trabalho. Temia deixar de ter qualquer controle sobre ela e autojustificava-se pensando que, se lia as cartas da Carla, era para o bem da Amelia, não fosse ela confidenciar à diva o que não devia.

Esperava sempre que a Amelia as lesse primeiro, e só depois as procurava na cômoda onde ela as guardava.

A Gloria e o Martin convidaram-nos para jantar na noite de 24 de dezembro, para celebrarem juntos a consoada. Mesmo sendo judeu, o Martin não tinha hesitado em integrar no seu modo de vida as festividades católicas e costumava gracejar com a esposa a esse respeito, dizendo que celebravam mais festividades do que as restantes pessoas.

Ainda que a Amelia não sentisse vontade nenhuma de celebrar o Natal, não quis desfeitear os amigos e aceitou comparecer com o Pierre na ceia.

Os Hertz tinham convidado cerca de uma dúzia de pessoas, entre as quais se encontrava o doutor Max von Schumann, amigo de infância do Martin, para além de, como ele, ser médico de profissão.

— Amelia, gostaria que conhecesses o Max, o meu melhor amigo — apresentou-os o Martin, dirigindo-se a ela em alemão.

Ela respondeu na mesma língua, e os três envolveram-se numa conversa que parecia perturbar o Pierre, na medida em que não compreendia o que diziam.

— Quem é esse vosso amigo? — perguntou o francês à Gloria.

— É o nosso querido Max, o barão Von Schumann. O Martin e ele conhecem-se desde pequenos, para além de terem estudado medicina juntos. O Max é cirurgião e, na opinião do Martin, o melhor.

— Sendo assim, trata-se de um aristocrata...

— Sim, é barão e médico militar por tradição familiar. Sobretudo, é um grande homem.

— E a esposa dele?

— Ainda não se casou, mas não tardará muito a fazê-lo. Está comprometido com a filha de uns amigos dos pais dele, a condessa Ludovica von Waldheim.

— E por que motivo se encontra em Buenos Aires?

— Veio visitar o Martin. O Max desdobrou-se em esforços para que ele conseguisse sair da Alemanha, tendo ajudado a família dele em tudo o que lhe

foi possível, bem como os seus muitos amigos judeus. Estimam-se como se fossem irmãos, e para nós é uma grande alegria que tenha vindo visitar-nos.

Pierre não cessava de observar a Amelia, que parecia encantada com a conversa que travava com o barão Von Schumann, e ficou aborrecido quando a Gloria, com a desculpa de poderem falar na língua dele, sugeriu à Amelia que se sentasse ao lado do alemão durante o jantar.

A Amélia causou uma boa impressão no Max von Schumann, emocionado pela sua fragilidade, pela tristeza que emanava de todo o seu ser.

Passaram o serão a conversar, com a Gloria a sentir-se reconfortada por ver a sua amiga alegre e, sobretudo, por a ver rir, ainda que se tenha sentido na obrigação de a alertar.

— Há muito tempo que não te via tão feliz — disse-lhe em voz baixa, num determinado momento em que o Martin requeria a atenção do Max.

— Confesso que não me apetecia vir, mas agora sinto-me feliz por o ter feito — confidenciou-lhe a Amelia.

— Gostas do Max? — perguntou Gloria, sorrindo ao ver como a Amelia corava.

— Que disparate! É muito amável e simpático e... faz-me sentir bem.

— Fico feliz por sabê-lo! Mas... não posso deixar de te recordar que estás prestes a casar-se com a condessa Ludovica von Waldheim. O Martin diz que é uma rapariga muito bela e que estão perfeitos um para o outro.

A Gloria pretendia evitar que a Amelia viesse a sentir-se atraída pelo Max, o que poderia resultar numa nova decepção, e por isso tinha preferido chamar a amiga à razão.

— Obrigada, Gloria — afirmou ela, incomodada com a advertência da amiga.

— Apenas pretendia que estivesse consciente... Enfim, parece que tu e o Max simpatizaram um com o outro.

— Dado que fizeste com que ficasse sentada ao lado dele por falar alemão, tentei ser amável.

— Não quero que sofras!

— Não sei como poderia sofrer por falar com o teu convidado — replicou Amelia com uma voz cortante.

— O Max descende de uma antiga família prussiana e tem um apurado sentido do dever.

— Sim, consegui deduzir isso da conversa que mantivemos durante o jantar.

O Martin e o Max aproximaram-se das duas mulheres e, de imediato, encetaram nova conversa, agora sobre a difícil situação que se vivia na Alemanha.

— É Natal e deveríamos falar de coisas mais alegres! — queixou-se a Gloria.

— Foram muitos os amigos que desapareceram! Por aquilo que o Max me conta, o país está a deixar enredar-se cada vez mais na loucura do Hitler... — lamentou-se o Martin.

— O pior é que o Chamberlain pretende prosseguir uma diplomacia de apaziguamento face ao Hitler e ao Mussolini, o que leva o Führer a sentir-se cada vez mais poderoso.

— Mas os ingleses nunca poderão apoiar os nazis — observou a Amelia.

— A questão é que o Chamberlain não quer problemas, o que alimenta os sonhos do Hitler — salientou o Max.

— Como pode o senhor servir no exército do Hitler? — perguntou a Amelia, sem disfarçar uma certa irritação.

— Não sirvo no exército do Führer, mas sim no exército da Alemanha, tal como fizeram o meu pai, o meu avô, o meu bisavô... Descendo de uma família de soldados, e o meu dever face aos meus familiares é dar continuidade à tradição.

— Mas acabou de dizer que não gosta do Hitler! — retorquiu a Amelia num tom queixoso.

— E é verdade. Sinto um desprezo profundo por esse cabo austríaco cujos sonhos de grandeza desconheço onde poderão levar, mas temo pela minha pátria.

— Então, abandone o exército! — desafiou-o ela.

— Fui educado para servir o meu país, independentemente das circunstâncias. Não posso fugir apenas por não gostar do Hitler.

— Ainda há pouco me falava da perseguição de que os judeus são vítimas...

Max sentia-se perturbado com o rumo da conversa, e o Martin decidiu mudar de tema.

— Amelia, por vezes, vemo-nos obrigados a fazer coisas que não nos agradam, mas, não obstante, somos incapazes de as evitar, por mais que o queiramos. A vida de qualquer ser humano está repleta de aspetos obscuros... Deixemos que o meu amigo Max desfrute do Natal, ou certamente nunca mais desejará tornar a passá-lo connosco.

— Lamento, mas a verdade é que sinto um ódio profundo pelo Hitler — confessou a Amelia.

— O tempo tem estado magnífico, e pensei que podíamos ir passear para fora de Buenos Aires. Se o Pierre e tu quiserem juntar-se a nós, encantar-nos-ia podermos contar com a vossa companhia amanhã... — interveio a Gloria.

Amelia e o Pierre não participaram no passeio planeado pela Gloria, porque de madrugada, ao regressarem a casa, encontraram um bilhete debaixo da porta. O controlador do Pierre instava-o a entrar de imediato em contato com ele.

Às nove da manhã, o Pierre saiu de casa para se dirigir ao edifício Kavanagh, um arranha-céus de trinta andares inaugurado em 1935 e do qual os portenhos se sentiam particularmente orgulhosos.

Por trás do edifício, uma estreita ruela permitia aceder à rua San Martin, onde se localizava a Igreja do Santíssimo Sacramento. Era esse o local onde iria encontrar-se com o seu controlador.

O russo estava sentado na última fila de bancos, simulando ler um breviário e seguir a missa que estava a ser oficiada por um sacerdote e à qual assistiam cerca de trinta pessoas, cujas expressões refletiam o desgaste derivado dos excessos gastronômicos da consoada.

Pierre sentou-se ao lado do seu controlador e aguardou que este lhe dirigisse a palavra.

— Tem de deslocar-se a Moscou — anunciou-lhe o russo.

— Quando? — A pergunta do Pierre não conseguia ocultar o seu temor.

— Dentro em breve. O Ministério da Cultura está a organizar um congresso de intelectuais europeus e norte-americanos, com vista a tomarem conhecimento da gloriosa realidade da União Soviética. Você irá integrar a comissão encarregada de organizar esse evento. Trata-se de um acontecimento muito importante; sabe perfeitamente que há grupos fascistas empenhados em denegrir a revolução. Os nossos melhores aliados são os intelectuais europeus.

— E que posso eu fazer?

— Conhece muitos intelectuais franceses, espanhóis e britânicos, porventura alguns alemães... Enfim, sempre se movimentou nesses meios. Precisamos de informação sobre eles... Qualquer pessoa tem os seus pontos fracos...

— Pontos fracos? Penso não estar a compreender...

— Ser-lhe-ão fornecidas explicações em Moscou. Prepare-se para a viagem.

— E o que direi às pessoas aqui?

— Os seus colaboradores terão de passar a fornecer-me a mim a informação. No que respeita aos seus amigos... certamente lhe ocorrerá alguma desculpa; afinal, tem passado a vida a viajar à procura de edições raras.

— E a Amelia?

— Irá consigo.

— Mas poderá dar-se o caso de ela não querer ir... Nos últimos tempos, tem andado preocupada com a situação em Espanha. Sofre pela situação da sua família...

— Um comunista não pensa nos seus interesses pessoais, mas apenas naquilo que mais convém à revolução, à nossa causa. Considerava-a uma boa comunista...

— E é! Não tenha qualquer dúvida sobre isso.

— Sendo assim, não haverá qualquer problema com a camarada Garayoa. Sentir-se-á honrada por poder conhecer Moscou.

Quando o Pierre regressou a casa, a Amelia aguardava-o com uma chávena de café à sua frente. Antes de ele conseguir dizer o que quer que fosse, ela conseguiu aperceber-se da angústia que o olhar dele refletia, o sorriso crispado com que a cumprimentou.

— O que te disseram? — perguntou ela, sem sequer esperar que o Pierre se sentasse.

— Ordenaram-me que me deslocasse a Moscou. Terei de partir dentro de quinze ou vinte dias.

— O Krisov disse...

— Bem sei o que disse esse traidor! — O tom de voz do Pierre denotava a sua preocupação, conjugada com medo.

— Por que motivo pretendem a tua presença?

— Estão a preparar um congresso de intelectuais e irão convidar escritores, jornalistas e artistas do mundo inteiro. Os intelectuais são os melhores propagandistas da revolução. Detêm autoridade moral nos seus países. E Moscou pretende que eu colabore com a comissão organizadora desse congresso.

— Estou a perceber. Querem que deixes Buenos Aires, onde estabeleceste uma rede de espionagem, e requerem a tua presença em Moscou para integrares uma comissão... Não vás, Pierre.

— Não posso dizer que não.

— Claro que podes, diz-lhes que não irás e... abandona tudo isso, recupera a tua vida.

— A minha vida? A que vida te referes?

— Diz-lhes que já não queres continuar a ser agente, que estás cansado, que já fizeste o suficiente...

— Julgas que é assim tão fácil? Não, Amelia, neste ramo não se entra e sai quando bem se entende. Assim que entramos neste mundo, temos de continuar nele até ao fim.

— Tens direito a viver um outro tipo de vida.

Pierre fitou-a com um ar cansado. Sentia-se velho, pesaroso.

— Dediquei a minha vida ao comunismo. Nunca tive outro objetivo que não servir a revolução. Amelia, não saberia fazer outra coisa.

— O Krisov alertou-te para o que poderia acontecer se te deslocasses a Moscou.

Ele encolheu os ombros. Não se sentia capaz de qualquer outra atitude que não conformar-se com o destino por que optara.

— Eles pretendem que venhas comigo — murmurou.

— Sim, calculava isso. Não querem deixar pontas soltas.

— Mas não irás. Tenho vindo a pensar nisso, deixarei que se convençam de que irás acompanhar-me e, no dia da nossa partida, ficarás doente; diremos que sofreste um ataque de apendicite e levar-te-ei a um hospital. Dir-lhes-ei que virás ter comigo mais tarde. Dar-te-ei dinheiro para regressares a Espanha ou para ires para onde bem entenderes. Talvez estivesses mais segura com a tua amiga Carla, pelo menos durante algum tempo. Os meus superiores em Moscou ficarão irritados por não ires e...

— E poderiam decidir eliminar-me, não é assim?

— Temo por aquilo que possa acontecer contigo em Espanha, bem sabes que foi aí estabelecido um comando soviético para auxiliar a República.

— O Krisov deu-me um conselho que tenho seguido à risca desde a tarde em que estive nesta casa. Agora, sou eu quem controla as rédeas da minha vida.

— Não quero que te aconteça nada de mal. Amo-te, Amelia. Sei que não acreditas em mim, que não queres perdoar-me, mas pelo menos deixa-me ajudar-te.

— Serei eu a decidir, Pierre, serei eu a decidir por mim própria.

Nos dias seguintes, o Pierre encontrou-se com a Natalia e com o Miguel para os informar de que teria de se deslocar a Moscou, instruindo-os também acerca do modo como deveriam entrar em contato com o controlador soviético.

A Natalia teve um ataque de nervos quando o Pierre a informou de que a sua presença era requerida em Moscou e que regressaria apenas dentro de vários meses.

— Não podes deixar-me! — lamentou-se Natalia. — Quero ir contigo!

— Gostaria muito que assim fosse, mas não pode ser. Tens de compreender. Ausentar-me-ei apenas por cinco ou seis meses.

— E o que farei eu?

— O mesmo que fizeste até agora. Não sentirás dificuldades em fornecer ao controlador as informações que fores conseguindo.

— Não confio em ninguém a não ser em ti. E se me seguirem? Podem suspeitar de mim se for vista com um russo...

— Já te expliquei como poderás evitar ser seguida e também já te disse que não há necessidade de se encontrarem, a não ser que ocorra qualquer acontecimento extraordinário. Quando tiveres alguma informação relevante para lhe transmitir, colocas este vaso de gerânios que te trouxe no lado esquerdo do parapeito da janela. Não o mudes de lugar durante três dias. No terceiro dia, colocas o relatório entre as páginas de um jornal qualquer e, à hora de almoço, irás passear para o jardim zoológico e, na zona das aves, sentas-te num banco para as admirar. Quando partires, irás esquecer-te do jornal.

— E se for recolhido por outra pessoa?

— Isso não acontecerá.

Pierre sentiu alguma dificuldade em convencer a Natalia a continuar a colaborar com os soviéticos. O interesse daquela mulher na revolução dependia direta e proporcionalmente da relação com o seu amante.

Enquanto ele passava com a Natalia mais tempo do que nunca, a Amelia continuava a trabalhar, passando o escasso tempo livre de que dispunha com os Hertz.

A Gloria e o Martin estavam conscientes da atração mútua entre a Amelia e o Max, preocupando-se por estarem a facilitar uma relação que sabiam impossível. A Amelia era casada; está bem que em Espanha, mas não deixava de o estar, para além de viver com um amante. Quanto ao seu querido amigo Max von Schumann, pertencia àquela categoria de homens que prefeririam morrer a violar os seus compromissos ou manchar aquilo que ele designava por "honra da família". Por mais apaixonado que estivesse pela Amelia, nunca cancelaria o compromisso assumido com a condessa Ludovica von Waldheim, de modo que a sua relação com a jovem espanhola não tinha qualquer futuro. A idêntica conclusão chegou o Pierre, inicialmente preocupado com o fato de o médico alemão e a Amelia não conseguirem ocultar a atração mútua que sentiam.

Todavia, o Pierre tentava acompanhar a Amelia quando sabia que esta iria encontrar-se com os Hertz, ainda que, por vezes, ela não o avisasse acerca de tais encontros.

Numa noite em que o Pierre teve de ir jantar a casa da Natalia, por ela ter desatado num pranto ao telefone, a Amelia aproveitou a ocasião para aceitar um convite do Max.

— Partirei dentro de alguns dias e agradar-me-ia que jantássemos a sós pelo menos uma vez. Não sei se estou a agir corretamente ou se isso te arranja problemas com... com o Pierre, mas se te fosse possível... — tinha o Max pedido.

Quando ela concluiu a jornada de trabalho na pastelaria, despediu-se da Dona Sagrario mais depressa do que habitualmente. A confeitadeira apercebeu-se de que os olhos da Amelia emanavam um brilho especial.

— Vejo que estás feliz. Vais celebrar alguma coisa especial com o Pierre?

Amelia limitou-se a sorrir, sem nada dizer. Não desejava mentir à bondosa mulher, que tão compreensiva se tinha mostrado quando tomou conhecimento de que o Pierre não era oficialmente seu marido, mas também não pretendia dizer-lhe que iria encontrar-se com outro homem, devido àquilo que ela poderia vir a pensar.

Max aguardava-a no Café Tortoni e, depois, saíram juntos para jantarem num

restaurante.

Se a Amelia estava nervosa, também o Max não dava mostras de se sentir muito à vontade. Ambos sabiam que aquele encontro a sós representava atravessar uma fronteira que nenhum dos dois podia transpor.

— Fico contente por teres aceitado jantar comigo. Partirei daqui a uma semana, não posso prolongar por mais tempo a minha estadia em Buenos Aires.

— Eu sei, a Gloria disse-me que tens de regressar à tua unidade.

— Sou um privilegiado, Amelia, beneficiei destas férias prolongadas em casa dos meus melhores amigos, mas as influências familiares não são suficientes para que possa prolongar a minha estadia aqui — respondeu ele, rindo.

— Por que motivo vieste a Buenos Aires? Apenas para veres o Martin?

— Isso parece-te estranho?

— Na verdade... confesso que sim...

— Não te deslocarias a Nova Iorque se pudesses encontrar-te com a Yla? Disseste-me que era a tua melhor amiga de infância, para além da tua prima Laura.

— Sim, claro que o faria!

— Pois foi precisamente isso que fiz, vim visitar o meu melhor amigo, que teve de abandonar o nosso país por causa de uns certos loucos. Precisava de saber que estava bem, de que aqui... Enfim, queria certificar-me de que estava feliz. Nunca é fácil abandonar a própria pátria, o lar, os amigos, deixar de respirar o ar que sempre se respirou... Certamente consegues compreender isso, dado que também tu abandonaste o teu país.

A expressão da Amelia tornou-se triste. Nos últimos meses, sempre que pensava em Espanha, sentia um nó no estômago que acabava por se transformar em dor.

— Mas não fiquemos tristes! Não pretendo que a única ocasião em que podemos estar sozinhos se converta num velório.

— Não te preocupes, não ficarei triste.

Foram então jantar, esforçando-se ambos para que a conversa se centrasse em assuntos agradáveis, ainda que, quando chegou a sobremesa, a Amelia não tenha resistido à tentação de o questionar acerca do seu futuro no exército.

— Como consegues suportar as ordens de alguém que defende que existem diferentes categorias de seres humanos, que persegue os judeus, que lhes rouba tudo quanto possuem?

— Já falamos sobre isso...

— Sim, mas a questão é que... custa-me imenso imaginar-te sujeito às ordens do Hitler.

— Agora, é ele o chanceler, mas não o será para sempre, e a Alemanha continuará sempre a ser a Alemanha. Não estou ao serviço do Hitler, mas sim do meu país.

— Mas o Hitler governa a Alemanha!

— Infelizmente, é essa a situação, mas o que queres que faça? Venceu as eleições.

— Ainda assim...

— Sou soldado, Amelia, não político. Mas eu queria falar-te de outra coisa. Sei que não devia, mas, ainda assim, irei fazê-lo.

— Por favor, preferiria que...

— É verdade, a atitude mais correta seria não abordar o assunto, mas tenho de o fazer. Apaixonei-me por ti, e posso assegurar-te que tudo fiz para que isso não acontecesse. Não queria partir sem to dizer.

— Julgo que me aconteceu o mesmo. Mas não tenho a certeza... Estou bastante confusa...

— Penso que nos apaixonamos um pelo outro, e isso foi o pior que poderia ter-nos acontecido, uma vez que juntos não temos qualquer futuro.

— Tenho consciência disso — murmurou a Amelia.

— Não posso mesmo cancelar o meu compromisso com a Ludovica... afinal, o casamento ocorrerá assim que eu regressar. E tu fizeste muitos sacrifícios para estares com o Pierre. Além do mais, não pretendo enganar-te. Ainda que terminasse a minha relação com a Ludovica, a minha família não te aceitaria, serias sempre vista como uma mulher casada.

Amelia sentia o rosto em brasa. Sentia-se envergonhada, como nunca havia estado desde que tinha abandonado a própria família para fugir com o Pierre.

— Não pretendia ofender-te. Peço-te que me perdoes. A questão é que desejo ser sincero contigo, ainda que corra o risco de parecer um pouco brusco — justificou-se o Max.

— É sempre melhor falar sem rodeios — respondeu a Amelia, ao mesmo tempo que num gesto distraído esticava a saia, como se isso a deixasse menos exposta à vergonha sentida após ouvir as palavras dele.

— Preciso que me compreendas, que me digas aquilo que pensas e se consideras que existe qualquer outra solução.

— Não, Max, não existe. A verdade magoa, mas prefiro-a à mentira. Não conseguiria suportar que me tivesses alimentado ilusões para depois... Tenho consciência de quem sou: uma mulher casada que abandonou o marido e o filho, a família, para fugir com outro homem. Aos olhos das outras pessoas, isso transforma-me numa mulher pouco respeitável, pelo que compreendo que os teus pais nunca me pudessem aceitar. Muito menos te pediria que cancelasses o

teu compromisso com a Ludovica, porque sei que o teu sentido do dever seria de tal forma lesado, que, ainda que nunca mo viesses a confessar, nunca me perdoarias por faltares à palavra dada. Deixemos as coisas como estão. Estes dias que partilhamos foram particularmente especiais, mas sempre soube que haverias de partir e que eu não tenho nenhum papel no teu futuro. Gostava apenas de te dizer que... bem, devolveste-me a vontade de viver. O que mais desejava, mal saía do trabalho, era encontrar-me com os Hertz e contigo, ou então ansiava por que o telefone tocasse, na esperança de que a Gloria me convidasse para passar o fim de semana no campo. Ficar-te-ei eternamente agradecida por estes dias, porque confesso-te que julgava estar morta.

Acompanhou-a a casa. Caminharam um ao lado do outro, sem se atreverem sequer a roçar-se, em silêncio.

— Ainda teremos a oportunidade de nos vermos antes da minha partida — disse-lhe o Max.

— Claro que sim, sei que a Gloria está a organizar uma festa de despedida em tua honra.

Para alívio do Martin e da Gloria Hertz, não tornaram a encontrar-se a sós. A Amelia não compareceu na festa de despedida do Max, mas enviou-lhe um bilhete a desejar-lhe sorte.

Todavia, aquela breve e infrutífera relação com o barão Von Schumann deixou uma marca profunda na Amelia, mais uma entre tantas outras. Perdeu a alegria que parecia ter recuperado na companhia do Max, e os seus amigos achavam-na cada vez mais pensativa e taciturna.

A partida do Pierre para Moscou estava marcada para 5 de fevereiro. A medida que a data se aproximava, ele ia ficando cada vez mais nervoso: havia interiorizado de tal modo as advertências do Krisov, que à noite mal conseguia dormir, imaginando-se, em sonhos, preso e torturado pelos seus próprios camaradas. Algumas noites, despertava de pesadelos aos gritos, alturas em que a Amelia vinha ter com ele, solícita, trazendo-lhe um copo com água. Ele agarrava-se à mão dela como uma criança que soubesse estar prestes a perder-se.

O temor do Pierre despertou na Amelia um instinto protetor. Começou a preocupar-se com ele como se de uma criança se tratasse. Mal terminava o dia de trabalho na pastelaria, apressava-se a regressar a casa para estar com o Pierre. Continuavam a dormir em camas separadas, mas ela rodeava-o de mimos. A sua atitude era tão solícita, que os amigos de ambos concluía que se tinham reconciliado. Ele, um sofisticado homem do mundo, deixava-se controlar por ela, contemplando-a agradecido. Além disso, parecia ficar nervoso quando não estava a seu lado. Durante aqueles dias, a Amelia estabeleceu um vínculo especial com o Pierre.

Embora ele lhe tivesse dito que ela não o acompanharia na sua viagem, insistindo em prosseguir com o plano inicial de ela fingir adoecer no dia da partida, ambos tinham anunciado oficialmente a todos os seus amigos que iriam viajar para a Europa e certamente que deslocar-se-iam também a Moscou. Ninguém ficou surpreso com a pretensão do Pierre de visitar os pais em Paris e de ir procurar as edições raras que, posteriormente, venderia a preços elevados.

Na véspera da partida, o Pierre observava como a Amelia se atarefava a fazer as malas.

— Irei sentir muito a tua falta — disse em voz baixa, julgando que ela não o ouvia.

— Não acredito nisso — respondeu a Amelia, olhando-o fixamente.

— Sim, irei realmente sentir a tua falta, fazes parte de mim, foste o que de melhor me aconteceu na vida, mesmo que só tenha percebido isso demasiado tarde — lamentou-se ele.

— Não irás sentir a minha falta porque irei contigo.

— Mas o que estás a dizer!? Isso é inconcebível, não podes vir.

— Claro que posso. Não te vejo capaz de enfrentar aquilo que te aguarda.

— O que pretendes dizer com isso?

— Que sentes medo e que tens razões para isso. Que os teus gritos noturnos até a mim me amedrontam. Ignoras aquilo que te espera em Moscou e necessitas de alguém a teu lado.

— Sim, temo por aquilo que possa acontecer. Dizem-se coisas terríveis acerca do camarada Yezhov.

— Semelhantes às que se contavam acerca do camarada Yagoda.

— Não existe motivo para que corras quaisquer riscos, já fizeste sacrifícios suficientes por mim. Para ti, esta é a oportunidade para regressares a Espanha, para seres livre.

— Tens razão, seria uma oportunidade, mas não vou deixar-te sozinho. Irei acompanhar-te, depois veremos o que acontecerá em Moscou e, caso aquilo que o Igor Krisov nos disse seja verdade, pelo menos estarei a teu lado. Se assim não for, regressarei a Espanha assim que me for possível.

— Não, Amelia, não posso pedir-te isso.

— Tu não estás a pedir-me o que quer que seja, trata-se de uma decisão que eu própria tomei. Mais não estou a fazer do que adiar os meus planos por mais alguns meses. Amei-te muito, Pierre, e apesar de todo o mal que me fizeste não suporto ver-te no estado em que te encontras. Amanhã, partirei contigo, e queira Deus que o Krisov esteja errado e que ambos possamos regressar.»

O professor Muinos ficou em silêncio, perdido nos seus pensamentos. O seu

silêncio resgatou-me para o presente.

— Bolas para a minha avó! — disse admirado, apercebendo-me de que a expressão estava a tornar-se recorrente em mim.

Passara três dias a deslocar-me de um local para outro com o professor Muinos, empenhado em mostrar-me todos os recantos da cidade por onde a minha bisavó teria andado: verdade seja dita que mal me dava tempo para respirar.

— Bem, parece que chegamos ao fim deste trajeto, agora terá de se deslocar a Moscou — disse-me o professor com um ar ausente.

— A Moscou?

— Sim, meu caro, sim. Já lhe contei tudo quanto sabia acerca da estadia da Amelia Garayoa em Buenos Aires, mas se quer saber mais alguma coisa terá de continuar a investigar, pelo que a próxima etapa deverá ser Moscou.

— Confesso que pensava que o senhor poderia contar-me a história dela até ao fim.

O professor riu descaradamente, como se tivesse acabado de ouvir uma piada.

— Estou a ver que nem sequer o meu bom amigo, o professor Soler, detém muita informação sobre a Amelia Garayoa. Jovem, você ainda mal começou a conhecê-la. Mas posso assegurar-lhe que a sua vida foi tão apaixonante como difícil, mas sobretudo difícil. Receio que, se pretender saber mais alguma coisa sobre ela, terá de se deslocar a Moscou para obter tais informações.

— A Moscou?

— Exato. Já lhe disse que a sua avó acompanhou o Pierre Comte a Moscou. Não ponha essa cara. Consegui marcar-lhe um encontro com a professora Tania Kruvkoski. É uma mulher notável e, na minha opinião, uma historiadora imparcial, bem como uma verdadeira autoridade no que respeita à Cheka, à GPU, à OGPU, à NKVD e ao KGB. A professora Kruvkoski é a pessoa mais indicada para lhe falar de todos os aspetos relativos à estadia da Amelia em Moscou. É uma das escassas pessoas a quem foi permitido consultar os arquivos do KGB, ainda que com restrições e sob compromisso de não se referir de modo nenhum às informações obtidas para além de determinados limites. Em suma, foi-lhe dada permissão para consultar os arquivos do passado, dos anos trinta e quarenta, ou seja, mais ou menos até finais da Segunda Guerra Mundial. O KGB representa o esqueleto sobre o qual foi construído o novo Estado, de modo que não lhe permitiram consultar o que quer que fosse posterior a 1945. Telefonei-lhe precisamente esta manhã e, ainda que não se tenha demonstrado efusiva por recebê-lo, irá fazê-lo devido à amizade que tem comigo e com o professor Soler. Mas aconselho-o a ser prudente na sua abordagem. A Tania Kruvkoski possui

um caráter temperamental e, se não conseguir merecer o respeito dela, manda-o embora sem contemplações.

De regresso ao hotel, refleti sobre o que deveria fazer. Era óbvio que o professor Muinos dera por concluída a sua conversa comigo e, além do mais, marcara-me um encontro em Moscou para dali a dois dias.

Decidi telefonar à minha mãe, para o jornal e à minha tia Marta, por essa ordem, para me certificar se poderia voar para Moscou.

Sentia-me cansado. Em menos de uma semana, tinha estado em Barcelona, Roma e Buenos Aires e, caso a tia Marta aprovasse, partiria em breve para Moscou.

Tal como já esperava, a minha mãe repreendeu-me. Há quatro dias que não lhe telefonava, culpando-me pela dor de estômago que isso lhe provocara.

Quanto à conversa com Pepe, o chefe de redação do jornal, também não foi das mais agradáveis.

— Mas por onde raio tens andado, Guillermo? Tens de perceber que, ainda que a entrevista com o professor Soler tenha sido um furo jornalístico, não julgues que isso te valerá o Prêmio Nobel. Enviei-te para casa três livros para que faças uma crítica urgente e nem sequer deste sinais de vida.

— Está bem, Pepe, não te chateies comigo. Mas sugiro o adiamento da crítica aos livros, pois tenho em mãos uma matéria muito mais interessante para o jornal. Informei-te que tinha de viajar para Buenos Aires; ora, está a celebrar-se precisamente neste momento a Feira do Livro, que sabes perfeitamente tratar-se, juntamente com a de Guadalajara no México, de uma das mais importantes da América Latina.

— Que rica vida tens! Quer então dizer que estás em Buenos Aires?

— Sim. Irei enviar-te algumas crônicas acerca da feira, incluindo entrevistas com alguns autores. Além disso, não irei cobrar despesas, mas pretendo que me paguem mais por isso do que pelas críticas literárias, combinado?

Pepe resmungou durante uns bons momentos, mas acabou por aceitar, embora sem deixar de me pressionar para que enviasse a primeira crônica dentro de uma hora.

Não confirmei nem desmenti e telefonei depois à minha tia Marta, que me atendeu com o seu costumeiro mau humor.

— Tens-te divertido? — perguntou-me com ironia.

— Sim, confesso que sim. Buenos Aires é uma cidade magnífica, deverias visitá-la nas tuas férias.

— Deixa-te de disparates e diz-me o que tens andado a fazer!

Resumi-lhe o rumo da investigação sem lhe fornecer demasiados pormenores, o que a deixou ainda mais irritada, e de tal forma que, quando lhe

comuniquei que deveria viajar para Moscou, a sua resposta foi fulgurante: desligou-me o telefone na cara.

Decidi repousar um pouco para refletir no que deveria fazer e, entretanto, fui visitar a Feira do Livro, de modo a poder enviar para o jornal as crônicas com que me comprometera. O mais difícil seria convencer um escritor a conceder-me uma entrevista. Bem vistas as coisas, não detinha qualquer acreditação jornalística para a feira e ninguém estava à espera que eu aparecesse.

Porém, existe certamente um anjo da guarda que zela por mim, porque, mal cheguei ao recinto onde o evento se realizava, dei de caras com um par de jovens escritores espanhóis que tinham sido convidados a participar numa das mesas redondas agendadas pela organização da feira. Colei-me a eles como uma lapa e assisti ao debate da mesa redonda, dedicada às mais recentes tendências literárias; posto isto, fiz cerca de uma dúzia de perguntas a cada um, às quais daria depois a forma de entrevista. Ainda que corresse o risco de me considerarem um parasita, não me separei deles, o que me permitiu acabar por conhecer quatro escritores argentinos, um editor, vários críticos literários e uns quantos jornalistas como eu.

Quando regresssei ao hotel, tinha em mãos uma "colheita» suficiente para fazer um bom trabalho para o jornal, e também para ganhar tempo, se acaso tivesse autorização para me deslocar a Moscou.

Tornei a telefonar à minha tia.

— Sabes que horas são aqui? — perguntou-me aos gritos.

— Confesso que não...

Não me disse as horas que eram, limitando-se a desligar o telefone. Assim, decidi acordar a minha mãe e pedir-lhe dinheiro emprestado para me deslocar a Moscou pelos meus próprios meios. Contudo, também ela se mostrou pouco predisposta a ajudar-me, dado que continuava a culpar-me pelas suas dores de estômago.

Final da história, pensei para comigo. Mas a verdade era que o lamentava profundamente, porque a história de Amelia Garayoa estava a tornar-se uma obsessão para mim, não por ser minha bisavó, o que me era indiferente, mas sim por estar a revelar-se uma história apaixonante.

Deixei decorrer mais algumas horas para evitar despertar mais alguém em Espanha, posto o que telefonei a Dona Laura.

A governanta fez-me aguardar quase dez minutos ao telefone, tendo eu suspirado de alívio quando ouvi a voz da bondosa senhora.

— Diga-me então, Guillermo, onde se encontra?

— Em Buenos Aires, mas tenho uma má notícia para lhe transmitir: não poderei prosseguir com a investigação.

— Como assim? O que sucedeu? O professor Soler assegurou-me que têm vindo a guiá-lo no rumo certo a seguir e que tem já um encontro agendado em Moscou.

— É precisamente esse o problema. A minha tia Marta não pretende continuar a financiar a investigação, de maneira que não poderei viajar para Moscou. Confesso que lamento, mas não podia deixar de a informar. Amanhã ou depois de amanhã regressarei a Espanha e, se não for incômodo, passarei por sua casa para lhe agradecer toda a ajuda que me prestou. A verdade é que, sem essa ajuda, não teria conseguido avançar nem um passo.

Dona Laura parecia não estar a ouvir. Permanecia em silêncio, ainda que, através do telefone, julguei ouvir o ritmo acelerado da sua respiração.

— Dona Laura, está a ouvir-me bem?

— Sim, claro que sim. Ouça, Guillermo, gostaria que prosseguisse com a sua investigação.

— Pois... também eu gostaria, mas careço dos meios necessários, portanto...

— Eu pagarei as despesas.

— A senhora?

— Bem, nós. De início, pareceu-nos... Na verdade, confesso que a primeira impressão que nos causou não foi particularmente positiva, mas alguém teria de fazer isto que o senhor tem vindo a fazer; por isso, agora consideramos que é a pessoa adequada para tal tarefa. Tem de prosseguir com a investigação. Dê-me o número da sua conta bancária e nós depositaremos o dinheiro necessário para as suas despesas. Mas que fique claro que a partir de agora trabalha para nós. Isso significa que não poderá fornecer ou dar a ler a narrativa que vier a escrever à sua tia Marta ou a qualquer um dos seus familiares.

— Mas... Na verdade, não sei o que dizer-lhe... Não me parece correto que sejam as senhoras a financiar a investigação. Não, de modo algum me sentiria bem com isso.

— Disparate!

— Não, Dona Laura, não poderei aceitar. Ainda que lamente, não posso.

— Guillermo, foi você quem se apresentou em nossa casa pedindo o nosso auxílio para escrever a história da Amelia. Foi-nos difícil tomarmos tal decisão, mas, a partir do momento em que resolvemos confiar em si, nunca cessamos de o ajudar, para além de... Bem vistas as coisas, e tal como disse, sem nós não teria conseguido descobrir nada. Mas o que você não sabe é que abriu uma caixa que não pode voltar a ser fechada. Portanto, deveria aceitar trabalhar para nós e colocar por escrito tudo o que conseguir descobrir sobre a Amelia Garayoa. Depois, esqueça-se dela para sempre.

— Mas a que se deve esse interesse repentino em que prossiga a investigação

acerca da vida da sua prima? Certamente que a senhora estará a par de tudo aquilo que aconteceu...

— Não me faça perguntas e responda: irá ou não trabalhar para nós?

Hesitei durante alguns segundos. A verdade é que de modo nenhum pretendia abandonar a investigação, ainda que, por outro lado, a perspetiva de receber dinheiro das Garayoa não me agradasse.

— Não tenho a certeza, deixe-me pensar no assunto.

— Preciso da sua resposta agora — pressionou-me Dona Laura.

— Muito bem, aceito.

Escrevi uma mensagem de correio eletrónico à minha tia Marta anunciando-lhe que iria prosseguir a investigação com outro "mecenas» e, tal como calculava, recebi pouco depois um telefonema dela aos gritos.

— Terás enlouquecido de vez?! Mas que ideia mais disparatada! Julgas que irei permitir que um desconhecido te financie a investigação acerca da vida da minha avó? Guillermo, vamos acabar com isto. A minha ideia inicial acabou por revelar-se mais complexa do que o previsto. Regressa a Madrid, põe-me a par de tudo o que descobriste e então decidirei o que fazer, mas, como certamente compreenderás, não poderei financiar-te nenhuma volta ao mundo.

— Lamento, tia, mas já me comprometi com outras pessoas a avançar, bem como a entregar-lhes o resultado da investigação.

— Mas quem são essas pessoas? Não poderei permitir que a "roupa suja» da família seja lavada por desconhecidos.

— Nisso estou de acordo contigo, mas repara que a Amelia Garayoa, para além de ser tua avó, tinha outros familiares, que estão tão interessados como tu em descobrir o que lhe aconteceu; portanto, fica tudo em família.

Pouco depois, era a minha mãe quem me telefonava, perguntando-me se pretendia amargar-lhe a vida. Acabara de travar uma discussão com a irmã por minha causa. Mas eu já tinha tomado uma decisão, começando a pensar que trabalhar para Dona Laura e Dona Melita seria o mais adequado. Afinal, sem elas, não teria conseguido prosseguir no rumo certo. Além do mais, estava farto de mendigar à minha tia Marta cada euro de que necessitava.

9

Ignoro a temperatura que se registaria em Moscou na primavera de 1938, mas na de 2009 fazia-se sentir um frio glacial.

Sentia-me feliz por estar numa cidade que tantos mistérios encerrava. Na medida em que, para minha surpresa, Dona Laura tornara a telefonar para me informar que havia feito uma transferência para a minha conta corrente, para além de me ter reservado um quarto no Hotel Metropol, parecia-me que tudo iria correr sobre rodas.

Mas que luxo!, pensei, ao entrar no átrio do Metropol. A partida, a cidade que conseguira vislumbrar através das janelas do táxi nada deixava a desejar quando comparada com Nova Iorque, Paris ou Madrid, a não ser por, em poucos minutos, ter visto mais automóveis Maserati e Jaguar do que em toda a minha vida. Estes ex-comunistas não estiveram com meias-medidas, pouco demoraram a assimilar o sistema capitalista, pensei.

Depois de me instalar no quarto, fiz o "trabalho de casa» e telefonei à professora Tania Kruvoski.

A professora falava inglês, valha-nos isso, pelo que se estabeleceu de imediato um bom entendimento, ainda que tenha ficado bastante surpreendido quando me propôs que, se acaso preferisse, poderíamos falar em espanhol. Marcamos encontro para a manhã seguinte, em casa dela. Por aquilo que me explicou, não ficava muito longe do Metropol, pelo que poderia caminhar até lá.

Aproveitei o resto do dia para conhecer a cidade: desloquei-me ao túmulo de Lenine, passei pela Praça Vermelha, visitei a Catedral de São Basílio e deixei-me perder em movimentadas ruas repletas de bares, restaurantes e lojas de vestuário das marcas mais prestigiadas. Não fazia qualquer ideia de como poderia ter sido Moscou antes da queda do Muro de Berlim, mas aquela que agora se entendia diante de mim era uma cidade que simbolizava a quintessência do capitalismo. De modo nenhum se parecia com a cidade que a minha mãe me

descrevera: cinzenta, pobre e triste. Verdade seja dita que ela fizera uma "excursão» pela União Soviética em plena era comunista e, se a visse agora, certamente pensaria estar a sonhar a cores.

O apartamento onde a professora Krivkoski residia era pequeno mas confortável, com estantes de madeira repletas de livros, cortinados de algodão, um sofá, algumas poltronas forradas a camurça verde e uma mesa de jantar cheia de papelada. A professora correspondia à imagem que eu dela fizera: uma mulher de idade avançada e roliça, com o cabelo branco apanhado na nuca. Surpreendeu-me o seu vestido floreado, quase juvenil, bem como o xaile de lã que trazia sobre os ombros.

Contudo, por trás daquela fachada de avozinha dócil, descobri uma mulher enérgica, pouco disposta a conceder-me um segundo a mais do seu tempo, pelo que tinha preparado previamente várias pastas com informações sobre Pierre Comte e Amelia.

— Aquilo que os meus colegas, os professores Soler e Muinos, me pediram foi que lhe explicasse o que sucedeu ao Pierre Comte e à Amelia Garayoa depois da sua chegada a Moscou, em fevereiro de 1938. Não sei se pretende tomar notas...

— Preferiria gravar a conversa, já que a senhora fala um espanhol excelente — respondi-lhe, tentando bajulá-la.

— Faça como lhe aprouver. Não disponho de muito tempo. Irei conceder-lhe esta manhã, mas nem sequer um minuto a mais — advertiu.

Concordei, posto o que liguei o minidisc.

— Como certamente saberá, a perversidade do camarada Stalin não tinha limites. Ninguém se sentia seguro, todos podiam ser considerados suspeitos e, naquela altura, as purgas eram quotidianas. E pouco e pouco, foi-se livrando dos homens que lutaram na linha da frente pela revolução, bolcheviques dedicados que acabaram por ser acusados de traição. Ninguém estava a salvo. Para as suas políticas criminosas, o Stalin rodeava-se de homens sem escrúpulos, dispostos a obedecer e a cometer as maiores atrocidades apenas para o servirem, acreditando que isso lhes garantiria direito de vida; mas também muitas dessas criaturas dementes terminaram os seus dias da pior das formas, porque o Stalin não demonstrava gratidão ou reconhecimento por ninguém.

— Pela sua idade... confesso que pensava que a senhora tinha sido revolucionária na sua juventude.

— Sou uma sobrevivente. Quando se vive num regime de terror, a única coisa que interessa é conquistar mais um dia de vida e passar despercebido: não ver, não ouvir, quase nada sentir, temendo despertar atenções. O terror anula o ser humano e, em prol da sobrevivência, desperta os piores instintos. Mas não

estamos aqui para falar de mim, mas sim das vidas do Comte e da Garayoa.

— Sim, claro, perdoe-me pela interrupção, apenas pensava que fosse uma comunista convicta.

A professora limitou-se a encolher os ombros, fitando-me com uma expressão pouco amistosa, pelo que optei por me calar.

— A minha família participou na Revolução de Outubro, mas isso de nada nos valeu. O meu pai e alguns dos meus tios e primos morreram nos gulag pela simples razão de, em determinado momento, se terem atrevido a expressar aquilo que era evidente: o sistema não funcionava. Não é que deixassem de acreditar que o comunismo tinha as respostas adequadas para a construção de um mundo melhor, pensando apenas que aqueles que dirigiam o país não o faziam do modo mais correto. O Stalin condenou à fome milhares de camponeses... Mas isso faz parte da história, uma história que nada tem a ver com aquela que motivou a sua vinda. Como lhe disse, para sobreviver, qualquer pessoa acaba por se adaptar às circunstâncias, na minha família aprendemos a baixar a cabeça e a nada dizer. Podemos agora prosseguir?

— Sim, obviamente; peço desculpa.

"A Amelia e o Pierre instalaram-se em casa da sua tia Irina, irmã da mãe dele. Estava casada com um funcionário do Ministério dos Negócios Estrangeiros, o Giorgi, ainda que não desempenhasse nenhum cargo digno de relevo. Tinham um filho, Mikail, que era jornalista; mais jovem do que o Pierre, estava casado com a Anushka, uma beldade do mundo do teatro. A casa possuía dois quartos e uma pequena sala, que se tornaria o quarto do Pierre e da Amelia.

No dia seguinte à sua chegada, o Pierre compareceu na sede da NKVD, na praça Dzerzhinsky, um edifício tristemente conhecido por Lubianka...

Não foi recebido por nenhum alto dirigente da NKVD. Um funcionário de hierarquia inferior informou-o de que, a partir daquele momento, ficaria ao inteiro dispor da NKVD e que mais tarde lhe transmitiriam novas instruções. Enquanto isso não sucedesse, deveria colocar por escrito todos os pormenores relacionados com a rede do Krisov, que ele próprio tinha integrado, descrevendo os nomes e dados pessoais dos agentes "cegos" que colaboravam na Europa com a NKVD.

Pierre protestou, argumentando que se estava ali era para organizar um evento, um congresso de intelectuais do mundo inteiro. O funcionário não se mostrou contemplativo e ameaçou-o: ou cumpria as ordens ou seria considerado um traidor.

Ele não se atreveu a continuar a discutir sobre a questão e acatou, ainda que contrariado, as instruções que o homem lhe havia fornecido.

— Irá trabalhar no Departamento de Identificação e Arquivo, ajudando o

camarada Vasiliev.

Foi então que o Pierre se recordou de que o Igor Krisov lhe tinha mencionado um amigo caído em desgraça, um tal Ivan Vasiliev, e Perguntou-se se seria a mesma pessoa.

Naquela altura, o Ivan Vasiliev tinha 35 anos. Era um homem alto e magro, ainda que bem constituído, e tinha trabalhado no Departamento de Assuntos Externos da NKVD desde a sua criação.

O gabinete onde funcionava o Departamento de Identificação e Arquivo localizava-se numa das caves da Lubianka, à qual se descia através de uma escadaria na qual não era invulgar cruzar-se com detidos que caminhavam cabisbaixos, conscientes de que, dali, raramente se saía com vida.

O Vasiliev indicou ao Pierre a secretária onde trabalharia, iluminada por uma lâmpada de elevada voltagem. Mal tinham espaço para se mexer, dado que enormes arquivadores cobriam cada palmo da parede.

— O senhor era amigo do Igor Krisov? — perguntou-lhe o Pierre assim que se sentou.

O Ivan Vasiliev fitou-o com rudeza, admoestando-o em silêncio por ter pronunciado tal nome. Depois, engoliu em seco e procurou as palavras mais adequadas para responder.

— Já fui informado de que você era um dos agentes do camarada Krisov, um traidor da pior estirpe.

Pierre estremeceu ao ouvir tal resposta e esteve prestes a replicar, mas o olhar que o Vasiliev lhe dirigiu instou-o a manter-se calado.

O Vasiliev debruçou-se sobre a sua papelada e, de quando em quando, levantava-se para se dirigir a outras secretárias, onde outros homens trabalhavam em silêncio como ele. Numa dessas ocasiões, ao passar perto da secretária do Pierre, fez deslizar um papel sobre ela. Estranhando a situação, o Pierre desdobrou-o.

"Não seja estúpido e não faça perguntas que poderão comprometer-nos a ambos. Rasgue este papel. Falarei consigo assim que me for possível."

Quando o Pierre regressou a casa da sua tia Irina ao fim da tarde, a Amelia aguardava-o impaciente.

— O que aconteceu? Porque não nos telefonaste para dizer que estavas bem? — repreendeu-o, angustiada, em francês, idioma a que também recorria para comunicar com os tios do Pierre.

Ele contou à Amelia e aos tios todos os pormenores daquele dia» sem dissimular um sentimento de angústia e decepção. Aquela não era a "pátria" pela qual vinha dando o melhor de si mesmo. A sua tia Irina pediu-lhe que falasse mais baixo.

— Não fales tão alto e sê prudente, ou acabaremos todos na Lubianka! — repreendeu-o.

— Mas porquê? Acaso não se pode falar livremente? — perguntou a Amelia algo ingenuamente.

— Não, não se pode — sentenciou o tio Giorgi.

Subitamente, o Pierre e a Amelia descobriam que o mito pelo qual tantos sacrifícios haviam feito se revelava um monstro impiedoso, que podia devorá-los sem que ninguém pudesse fazer o que quer que fosse para o impedir.

— Quer então dizer que vieste enganado — observou o tio Giorgi.

— Por aquilo que nos contou, isso parece evidente — confirmou a tia Irina.

— O Krisov tinha-te alertado — recordou a Amelia.

— Quem é esse Krisov?

— Um homem para o qual trabalhei... — respondeu o Pierre.

— Era o seu controlador — clarificou a Amelia.

— Este não é o momento mais adequado para recriminações, mas... enfim... ser espião não é propriamente o melhor dos empregos. — A tia Irina não pretendia disfarçar o desgosto face ao tipo de trabalho do seu sobrinho. — Dedicar-se a vigiar os outros e a denunciá-los...

— Nunca denunciei ninguém — protestou o Pierre. — A única coisa que fiz foi recolher informações que pudessem revelar-se úteis para a União Soviética e para a revolução.

— O Pierre não fez nada de mal — defendeu-o a Amelia.

— Espiar é uma tarefa para escroques! — insistiu a tia Irina.

— Então, mulher, não te exaltes, o teu sobrinho é apenas um dos muitos ingênuos que acreditou na revolução. Nós próprios acreditamos e demos por ela o nosso melhor — interveio o tio Giorgi.

— É óbvio que o fizemos, mas o Stalin é...

— Cala-te! Agora, és tu quem está a ser imprudente. Sabes bem que as paredes têm ouvidos. Queres que sejamos todos detidos? — recordou-lhe o tio Giorgi.

A tia Irina remeteu-se ao silêncio e cruzou as mãos, tentando ocultar a irritação. Preferiria não ter de acolher o sobrinho, mas a Olga era a sua única irmã, sendo também a sua derradeira esperança no caso de um dia conseguirem fugir da enorme prisão em que a sua pátria estava a converter-se.

Pouco depois, chegou o Mikail, que se juntou à conversa. O jovem sentia-se incomodado com os comentários do Pierre.

— Estão a exagerar! — protestou ele, falando em russo. — É óbvio que há problemas! Estamos a construir um novo regime, uma Rússia onde já não existem servos, mas apenas homens livres, e por isso temos de aprender a ser

responsáveis por nós próprios. Claro que se cometem erros, mas o mais importante é o rumo que tomamos e aonde ele nos conduzirá. Será que se vivia melhor no tempo do czar? Não, sabem perfeitamente disso.

— Eu posso dizer que sim, que vivia melhor no tempo do czar — afirmou Irina, fitando o filho com um olhar desafiador. — Agora, se olhares em redor, não verás outra coisa que não fome. Não te apercebes de que as pessoas estão a morrer de fome? Nem sequer tu, que alinhas com eles, possuis mais do que a maioria dos miseráveis deste país. Sim, filho, sim, eu vivia melhor no tempo do czar.

— Mas tu não és um exemplo comparativo face à maioria do povo russo, visto seres uma burguesa privilegiada. Observa em redor, mãe: agora, todos somos iguais, temos as mesmas oportunidades.

— As pessoas morrem de fome e desaparecem nas prisões por protestarem. O Stalin é pior do que o czar — retorquiu a Irina.

— Se não fosses minha mãe...

— Denunciar-me-ias? O Stalin conseguiu apodrecer a alma da Rússia, pois não serias o primeiro filho a denunciar os pais. Embora ele não seja o único culpado, visto não ser mais do que um bom discípulo do Lenine, que vocês tratam como se fosse um deus. Com ele, a dignidade humana deixou de fazer sentido, converteu-a em moeda de baixo valor.

— Chega, Irina! Não quero estas discussões nesta casa. Quanto a ti, filho, chegará o dia em que te aperceberás da verdadeira realidade, aquela que está agora ofuscada pelos teus sonhos e ilusões. um bolchevique, lutei pela revolução, mas não a reconheço. Calo-me porque pretendo viver e porque não quero prejudicar-te; calo-me porque sou um cobarde.

— Pai!

— Sim, filho, sou um cobarde. Lutei pela revolução e, ainda que tenha corrido o risco de perder a vida, não senti medo. Mas agora tremo ao pensar que poderão levar-me para a Lubianka para confessar um qualquer delito imaginário, tal como aconteceu a alguns amigos, ou que poderei ser enviado para um desses campos de trabalho na Sibéria, dos quais nunca se regressa.

— Eu acredito na revolução — replicou o Mikail.

— E eu fiz a revolução, mas não esta, que o Stalin converteu num pesadelo.

— O Stalin vela por que ninguém se desvie dos objetivos da revolução! — gritou o Mikail.

Permaneceram em silêncio, exaustos, sem se fitarem. A Amelia e o Pierre sentiam-se assustados com aquilo que acabavam de ouvir.

A Irina pegou na mão da Amelia, tentando animá-la.

— Não fiques impressionada, são discussões familiares, mas o Mikail seria

incapaz de fazer o que quer que fosse que pudesse prejudicar-nos.

Calaram-se ao ouvirem o rodar de uma chave na fechadura. Era a Anushka que chegava do trabalho e, embora estivesse casada com o Mikail, nem a Irina nem o Giorgi falavam livremente na sua presença.

— Uf! Pelas vossas caras, concluo que tornaram a discutir — disse ela ao entrar na sala.

— Os meus pais são demasiado críticos a respeito da revolução — comentou o Mikail.

— Têm já uma certa idade e não compreendem que, para não nos desviarmos dos objetivos da revolução, temos de acabar de vez com os seus inimigos.

Amelia nada disse, mas não estava certa de que a razão estivesse do lado da Anushka.

Nessa noite, quando todos já dormiam, a Amelia aproximou-se do Pierre. Partilhavam o mesmo colchão, posto sobre o chão.

— Temos de sair daqui — sussurrou-lhe ao ouvido.

— Da casa dos meus tios?

— Da União Soviética. Corremos perigo.

— Isso é impossível. Não me deixarão partir e a ti também não.

— Pensaremos na melhor solução, mas temos de partir. Sinto-me sufocar. Tenho medo.

Pierre apertou-lhe a mão; o medo que sentia era ainda maior do que o dela.

A tia Irina começou a dar lições de russo à Amelia. Tinham ficado surpreendidos ao constatar que a jovem espanhola possuía alguns conhecimentos consideráveis da sua língua.

— Na verdade, pouco terei para te ensinar, visto que já falas bastante bem — disse-lhe a tia Irina.

— O Pierre foi um bom professor — informou a jovem.

Amelia demonstrou ser uma boa aluna, na medida em que tinha uma facilidade notável na aprendizagem de línguas estrangeiras, para além de aquelas lições a ajudarem a esquecer-se de toda aquela situação.

A tia do Pierre revelou-se uma mulher amável, que zelava pelos seus. Desde que tinha sido submetida a uma delicada intervenção cirúrgica ao coração, há seis meses, limitava-se a dedicar-se aos labores domésticos.

No início de março, o tio Giorgi informou a Amelia de que dispunha de um trabalho para ela.

— No ministério, existe um departamento que recebe revistas e jornais de todo o mundo nos quais se fala da União Soviética. Ali, esses artigos são lidos e classificados, traduzindo-se para russo aqueles que valem a pena, para que possam depois ser lidos pelo ministro Molotov.

— Mas eu não domino suficientemente o russo — justificou-se a Amelia.

— Não terás de traduzir o que quer que seja, mas apenas de ler a imprensa espanhola, alemã e francesa e, se te deparares com qualquer artigo mais importante, deverás remetê-lo para o chefe do departamento, que por sua vez o mandará traduzir, ainda que me pareça que também tu o pudesses fazer. É um trabalho como qualquer outro. Não podes manter-te fechada em casa, isso não seria bem visto.

— Mas sou estrangeira...

— Sim, és espanhola e militante do Partido Comunista Francês. Ou seja, uma revolucionária internacional — comentou o tio Giorgi com ironia.

Amelia não se atreveu a rejeitar a oferta, enquanto o Pierre, pelo seu lado, a animou a aceitar o trabalho.

— Será melhor trabalhares; aqui, quem nada faz é considerado suspeito: poderiam considerar-te contrarrevolucionária.

Assim, a Amelia começou a comparecer todas as manhãs no Ministério dos Negócios Estrangeiros acompanhada pelo tio Giorgi, regressando ao apartamento apenas a meio da tarde. De início sentiu algumas dificuldades, mesmo mostrando um certo à vontade com o idioma, na medida em que os colegas de trabalho a observavam com desconfiança. O chefe do departamento explicou-lhe que não poderia falar com ninguém acerca do conteúdo dos artigos publicados na imprensa estrangeira e, se se deparasse com algum que se demonstrasse crítico face à União Soviética, deveria entregar a ele pessoalmente.

A 13 de março, o tio Giorgi chegou a casa bastante perturbado.

— O Hitler anexou a Áustria à Alemanha! — anunciou.

— Bem sei, papá — respondeu o Mikail —, esse homem representa um perigo e alguém terá de o travar.

— E seremos nós a fazê-lo? — quis saber a Anushka.

— Existe essa possibilidade — afirmou o tio Giorgi —, ainda que, de momento, a nossa política seja observar sem intervir.

Naquela noite, o Pierre comentou com a Amelia, sussurrando, que tinha conseguido falar com o Ivan Vasiliev.

— Quando estávamos a sair do escritório, simulou um encontro ocasional e caminhamos ao lado um do outro durante uns momentos.

— Porque não te referiste a isso durante o jantar?

— Porque não confio no Mikail. Ainda que seja meu primo, não confio nele, de tão fanático que é. Quanto à Anushka, não é muito Melhor do que ele. São militantes do partido e contam com a confiança dos seus superiores.

— E o que te contou o Ivan Vasiliev?

— Aconselhou-me prudência. Supostamente, estou a ser observado e

pretendem colocar-me à prova porque não confiam em mim, por ter sido agente do camarada Igor Krisov. O Vasiliev julga que me manterão no departamento durante alguns meses, posto o que decidirão o que fazer comigo. Ele diz que o melhor que pode acontecer é eles esquecerem-se de mim.

— E quando julga ele que te deixarão regressar a Buenos Aires?

Pierre ficou em silêncio, apertando firmemente a mão da Amélia antes de responder.

— Ignora, diz que pode dar-se o caso de isso nunca vir a acontecer.

— Mas os teus pais poderão denunciar a tua ausência!

— Sabem que tenho família aqui: a tia Irina, o tio Giorgi... Se os meus pais se queixassem, poderiam recorrer a represálias face aos meus tios, de forma que supõem que nunca o venham a fazer.

— Pierre, és cidadão francês, podemos ir à embaixada da França.

— Nunca nos deixariam nem sequer aproximar-nos. Segundo o Vasiliev, estou a ser seguido.

— Mas tu não fazes nada de mal... E que mais te contou o Vasiliev?

— Que talvez venham a interrogar-me e que deverei preparar-me para isso. Há quem não consiga superar um interrogatório.

— Não, Pierre, nada te podem fazer, não poderão torturar um cidadão francês. Quanto a mim... sou espanhola. Não poderão reter-nos contra a nossa vontade. Deveríamos partir. Vieste, tal como te pediram. Se tivesses feito algo de pernicioso para a União Soviética, não estaríamos aqui, pelo que não têm motivos para desconfiarem de ti. Foram eles que te enganaram, quando te disseram que pretendiam que colaborasses na organização do tal congresso para intelectuais que ocorrerá em junho.

— Cala-te. Fala mais baixo, para o Mikail e a Anushka não nos ouvirem — pediu-lhe o Pierre.

— Não deverias ter medo deles.

— Mas a verdade é que tenho, e também tu deverias ter. Não julgues que a Anushka é tua amiga, apenas pretende conquistar a tua confiança.

O Ivan Vasiliev tinha razão. Uma tarde, quando o Pierre se preparava para abandonar o escritório e regressar a casa, dois homens aproximaram-se dele.

— Acompanhe-nos, camarada — ordenou-lhe um dos homens.

— Aonde? — perguntou ele, tremendo.

— As perguntas seremos nós a fazê-las, você deverá limitar-se a obedecer.

Pierre esteve detido nos calabouços da Lubianka durante três dias e três noites sem que alguém o informasse por que motivo estava ali. No quarto dia, dois homens acompanharam-no até uma sala de interrogatório num dos pisos superiores, onde era aguardado por um homem de baixa estatura, ainda que

robusto, com o cabelo cortado curto e um olhar glacial.

O homem apontou para uma cadeira, instando-o a sentar-se e, sem olhar para ele, entreteve-se a ler alguns documentos dispostos sobre a secretária. Para o Pierre, aqueles minutos pareceram eternos.

— Camarada Comte, pode optar pela solução mais fácil ou pela mais difícil.

— Eu... ignoro o que se passa.

— Ah, sim? Pois deveria ter conhecimento. Você trabalhou para um traidor.

— Eu... eu... desconhecia que o camarada Krisov fosse um traidor.

— Desconhecia? É estranho, dado que ele o considerava um dos Seus melhores agentes. O senhor era um homem que merecia a sua máxima confiança.

— A verdade é que me limitava a fazer tudo aquilo que o Krisov me pedia, era o meu controlador, nada mais. Nunca fomos amigos.

— E ele nunca o informou de que pensava desertar?

— De modo nenhum! Acabei de lhe dizer que não éramos amigos. Além disso, quando ele desertou, eu já não trabalhava sob as Suas ordens, visto estar já em Buenos Aires.

— Sim, tenho conhecimento disso, bem como do fato de o camarada Krisov se ter deslocado lá para se encontrar consigo. Não lhe parece curioso?

— Informei o meu controlador de Buenos Aires acerca da visita do Krisov e de tudo aquilo que me tinha dito.

— Bem sei, bem sei. Essa seria uma boa forma de se encobrir, no caso de alguém o ter visto na companhia do Krisov. Poderiam ter certamente planeado o que você deveria dizer ao seu controlador.

— Isso é inteiramente falso! O Krisov apareceu inesperadamente e acabamos por discutir; até o chamei traidor.

— Queremos saber onde está o camarada Krisov.

— Desconheço onde possa estar, não me informou sobre isso.

— E pretende que acredite em si? Veja as coisas deste modo: um agente veterano como o Krisov deserta e dá-se ao trabalho de viajar para a Argentina para se encontrar consigo e explicar-lhe os motivos da sua fuga. Toma-nos por estúpidos?

— Mas foi exatamente isso que aconteceu... Ele... bem... disse sentir-se responsável pelos seus agentes, por todos os que tinham trabalhado com ele. Além do mais, insinuou que a melhor região para desaparecer seria a América Latina.

— O traidor Krisov tinha muitos amigos entre os seguidores do camarada Trotski.

— Desconhecia tal circunstância, nunca falamos de questões pessoais,

ignorava quem pudessem ser os seus amigos...

— Camarada Comte, pretendo que refresque a memória e que me diga onde se encontra o traidor Krisov. Saberemos gratificá-lo por tal informação. Caso contrário...

— Mas a verdade é que não sei!

— Ajudá-lo-emos a recordar-se.

O homem levantou-se e saiu da divisão, deixando o Pierre a tremer. Um minuto depois, entraram dois homens que o levaram de regresso à cela onde tinha permanecido aprisionado durante os três últimos dias. Tentou protestar, mas um forte murro no estômago deixou-o sem fala. Foi então que chorou, deitado sobre o chão frio daquela obscura cela da Lubianka.

Na primeira das noites em que o Pierre não apareceu em casa dos tios, a Amelia aguardou impacientemente por ele até de madrugada. Quando já não conseguia suportar tanta angústia, decidiu acordar o Mikail.

— O teu primo não regressou.

— E é por isso que me acordas? Deve estar a embebedar-se com um amigo... ou com uma amiga, os franceses são mesmo assim — respondeu o Mikail, mal-humorado.

— Conheço o Pierre e, se não regressou, é porque lhe aconteceu alguma coisa.

— Não te preocupes e vai dormir. Verás que, quando regressar, terá uma bela desculpa para te contar.

Amelia tornou a estender-se sobre o colchão, contando o passar dos minutos, até ouvir o tio Giorgi a levantar-se da cama.

— Tio, o Pierre não regressou, estou preocupada.

— Também eu e a Irina não conseguimos pregar olho, de tanto pensarmos nisso. Tentarei descobrir o que se passou.

Amelia não queria ir trabalhar, mas sim apresentar-se na Lubianka e indagar pelo Pierre, mas a tia Irina tirou-lhe tal ideia da cabeça.

— Não sejas insensata, o melhor a fazer será esperarmos.

— Mas não é normal que não tenha regressado — lamentou-se Amelia.

— Não, não é, mas na Rússia já nada é normal. Espera que o Giorgi nos diga alguma coisa e... irei também pedir ao Mikail que tente descobrir o que terá acontecido.

A tarde, quando regressava do trabalho, a Amelia rezava para encontrar o Pierre em casa dos tios. Mas a Irina disse-lhe que ainda nada tinha sabido dele, de maneira que as duas mulheres aguardaram sentadas, em silêncio, pelo regresso do Giorgi, que no entanto lhes confessou depois não ter descoberto nada. Tinha telefonado a um amigo cujo cunhado trabalhava na Lubianka e,

assim que pronunciou o nome em causa, o indivíduo desligou o telefone, advertindo-o para que nunca mais lhe telefonasse.

A Anushka e o Mikail regressaram a casa um pouco mais tarde do que o costume. Ele deixou a Amelia surpreendida ao dizer-lhe que tinha andado com muito trabalho e que nem tempo tinha tido para se preocupar com a ausência do Pierre.

— Como é possível reagires assim? — gritou a Amelia. — O Pierre é teu primo.

— E por que motivo deveria preocupar-me com ele? É maior e vacinado. Se não regressou, foi porque não quis. E, no caso de ter feito algo errado, então terá de assumir as consequências.

Amelia saiu de casa batendo com a porta. Estava determinada a apresentar-se na Lubianka e perguntar pelo Pierre. O tio Giorgi saiu atrás dela, tentando convencê-la a ser prudente e que, se não o fosse, poderia arranjar grandes problemas a toda a família.

— Há famílias inteiras que são vítimas de represálias por um dos seus membros ser considerado contrarrevolucionário. São enviados para campos de trabalho ou para minas de sal, existindo inclusivamente hospitais dos quais saem completamente transtornados. Não nos coloques em perigo, Amelia, rogo-te.

Mas ela não lhe deu ouvidos e saiu para a rua decidida a apresentar-se na Lubianka. Caminhava depressa, tolhida pelo medo e pela raiva, quando reparou que um homem se tinha aproximado dela.

— Por favor, vire na próxima esquina e siga-me. Gostaria de a ajudar.

— E quem é o senhor? — perguntou a Amelia, assustada.

— Chamo-me Ivan Vasiliev. Passei a tarde a aguardar nas imediações do seu prédio, mas não me atrevi a subir.

Ela obedeceu, lamentando-se por não ter pensado em contactá-lo antes. Se alguém podia dizer-lhe onde o Pierre se encontrava, seria certamente o Vasiliev.

Seguiu-o durante algum tempo, até junto de um edifício de apartamentos mal iluminado no qual o homem entrou, subindo aceleradamente as escadas até ao primeiro andar. Chegado ao patamar, introduziu a chave numa porta e entrou, seguido pela Amelia.

— Não poderemos permanecer muito tempo aqui — alertou Ivan Vasiliev.

— Esta casa não é sua? — perguntou ela, estranhando.

— Não, não é. Pertence a um amigo que, de momento, se encontra fora de Moscou. Aqui, poderemos falar calmamente.

— Onde está o Pierre?

— Está detido numa cela da Lubianka.

— Mas porquê? Ele nada fez de errado. O Pierre é um bom comunista.

— Bem sei, bem sei, não é preciso ser-se um mau comunista para se ser detido. Querem o Krisov e estão convencidos de que o Pierre sabe onde ele se encontra.

— Mas a verdade é que não sabe! O Krisov não lhe disse.

— O Igor Krisov foi um dos meus melhores amigos, combatemos juntos e... na verdade, mantivemos uma amizade muito especial.

Foi com espanto que a Amelia olhou para o Ivan Vasiliev. O Krisov tinha confessado ao Pierre a sua homossexualidade e, pelas palavras do Vasiliev, poderia julgar-se que também ele fosse homossexual. Ele pareceu ler-lhe os pensamentos.

— Não se iluda. Fomos apenas bons camaradas, mas ele acabaria por partir para Londres. Possuía uma cobertura perfeita, já que uma das suas avós era irlandesa. Dominava fluentemente o inglês, tal como o francês e o alemão, sempre revelou uma grande desenvoltura com as línguas estrangeiras. O Pierre disse-me que também a senhora possui esse talento. Enfim: não obstante esta separação, conservamos uma amizade e afeto mútuos, ainda que eles pensassem que nos odiávamos.

— Eles?

— Sim, os responsáveis pelo Departamento de Assuntos Externos da NKVD. O Igor concluiu que a melhor forma de nos protegermos seria fingirmos uma inimizade visceral, pelo que mantivemos a farsa anos a fio. Fui eu quem o advertiu que tinha perdido a confiança dos seus superiores.

— Eu sei, ele disse isso ao Pierre. Por que motivo é o Krisov tão importante?

— Era um dos principais agentes na Europa e sabe demais: nomes, códigos, contas bancárias, modos operacionais... Temem que ele possa vender essa informação a alguém.

— Porquê?

— Porque não passam de uns assassinos imorais e porque seria precisamente isso que eles fariam, o que os leva a pensar que as outras pessoas são igualmente capazes de tais infâmias.

— E quem poderia comprar essas informações?

— Qualquer pessoa. A União Soviética possui muitos inimigos. A Inglaterra estaria disposta a desembolsar uma bela maquia para conhecer os nomes dos agentes soviéticos que operam no seu território. O governo britânico está preocupado com a ascensão do comunismo entre os jovens universitários do seu país.

— Mas o Krisov...

— O Igor sentia-se enojado com aquilo que se passa por aqui, tal como todos aqueles que conservam um mínimo de decência. De um dia para o outro,

qualquer pessoa se pode tornar "inimiga do povo", bastando para o efeito uma simples denúncia, uma mera suspeita. Estão a matar pessoas impiedosamente.

— Mas quem faz isso?

— Fazem-no em nome da revolução, para a proteger dos seus inimigos. Mas não julgue que perseguem apenas os burgueses, aqui ninguém está livre de ser considerado contrarrevolucionário, até os camponeses são perseguidos. Sabe quantos kulaks foram assassinados?

— Ignoro o que seja um kulak...

— Tal como referi, são camponeses, pequenos proprietários agarrados às suas terras e que se mostram renitentes em abandoná-las ou a implementar os planos disparatados traçados pelos comités do partido.

— O que farão ao Pierre?

— Será interrogado até confessar-lhes aquilo que pretendem. Ou talvez se convençam de que nada sabe sobre o paradeiro do Krisov. Mas nunca ninguém sai da Lubianka.

— O Pierre é francês!

— Mas também é russo, da parte da mãe.

— São muitas as pessoas que sabem que estamos aqui. Não lhes convém nada que o mundo fique a saber que há em Moscou pessoas que desaparecem.

— E quem irá acreditar nisso? Como conseguirá provar que ele está detido na Lubianka?

— O senhor...

— Não, querida, não! Eu negarei ter falado consigo sobre o que quer que seja e, se necessário for, direi que o encontro neste apartamento foi de caráter amoroso.

Amelia fitou-o horrorizada, apercebendo-se no olhar do Ivan Vasiliev de que ele estava determinado a sobreviver: de nada importava o que tivesse de fazer ou quem tivesse de sacrificar.

— Que posso eu fazer? — perguntou ela, com a sua voz a soar desesperada.

— Nada. Não pode fazer nada. Se tiver sorte, o Pierre será desterrado para um qualquer campo de trabalho. Se não for condenado a muitos anos e conseguir sobreviver, poderá dar-se por satisfeito.

Permaneceram em silêncio. A Amelia desejava chorar e gritar, mas conseguiu conter-se.

— E o que acontecerá comigo?

— Não sei. Talvez se conformem com o Pierre. Na sua ficha consta que a senhora é uma comunista entusiasta e uma agente "cega"; por isso, supõem que não sabe de nada.

— Ignoro o que eles querem, mas sei sobre eles aquilo que nunca desejei

saber.

— Quando se é jovem, temos arrogância de acreditar que podemos mudar o mundo e... Veja aquilo que fizemos: não foi mais do que converter o nosso próprio país numa antessala do Inferno — tentou consolá-la o Vasiliev.

— Traíram a revolução — concluiu a Amelia.

— Acredita mesmo nisso? Não, Amelia, não. O Lenine e todos aqueles que o seguimos cegamente acreditávamos que não era possível fazer uma revolução sem sangue, que o terror era necessário. A nossa revolução teve por base a premissa de que a vida humana nada tem de extraordinário e que, ao sacralizá-la, estaríamos a entrar no domínio da religião, e assim decretamos a morte de Deus.

— Serei detida?

— Não sei, espero que não. Mas siga o meu conselho: quando falar com os seus colegas de trabalho, finja que é uma comunista fanática, convencida de que é necessário eliminar todos aqueles que não seguirem à risca os mandamentos do Stalin. Não expresse qualquer hesitação, mostrando-se antes convicta da infalibilidade do partido.

— Deixar-me-ão partir?

— Não sei. Talvez sim, talvez não.

— Não está a dar-me respostas.

— Não as detenho.

— O que poderei fazer pelo Pierre?

— Nada. Ninguém pode fazer alguma coisa por ele.

Acordaram tornar a encontrar-se daí a uma semana no mesmo local. O Ivan prometeu tentar obter notícias sobre o Pierre.

Enquanto caminhava de regresso a casa, a Amelia pensava no que iria dizer aos tios do Pierre e, sobretudo, ao Mikail e à Anushka. A única certeza que tinha era que de modo algum podia revelar que tinha falado com o Ivan Vasiliev.

Quando chegou, a tia Irina estava a preparar o jantar e o tio Giorgi discutia com o Mikail, enquanto a Anushka pintava as unhas, fingindo indiferença.

— Onde foste? — perguntou-lhe o Mikail, sem disfarçar a irritação.

— Fui dar um passeio. Precisava de respirar ar fresco.

— Foste à Lubianka? — insistiu ele.

— Não, não fui. Mas fá-lo-ei amanhã. Alguém tem de tentar saber alguma coisa sobre o que aconteceu ao Pierre.

— Pode dar-se o caso de ele não ser quem pensas — disse o Mikail, algo misterioso.

— Ignoro o que pretendes insinuar... — retorquiu a Amelia.

— Talvez o meu primo não seja um bom comunista e tenha traído o partido.

— Enlouqueceste! Não conheces o Pierre. Mais depressa nos sacrificaria a

todos pelo partido.

— Não estejas tão certa disso, Amelia — insistiu ele.

Ao ouvir o filho, a tia Irina aproximou-se indignada.

— Mikail, como te atreves a pôr em causa as convicções do teu primo? O que te leva a dizer tal coisa? — perguntou ela.

— Nada, não sei de nada. Estava apenas a conjecturar. A União Soviética possui muitos inimigos, mãe, pessoas que não compreendem o alcance da nossa revolução. Mas não devemos ficar preocupados, talvez o Pierre tenha tido de viajar e regresse dentro de alguns dias.

— Isso não é possível, Mikail, o Pierre nunca teria partido sem me informar — afirmou Amelia.

— És um pouco ingênua — interveio Anushka.

— Talvez o seja, mas deixa-me dizer-te uma coisa: julgo conhecer relativamente bem o homem pelo qual abandonei a minha família e o meu filho, e posso assegurar-te que o Pierre não é nenhum noctívago embriagado, é do tipo de homens que só não regressaria a casa por motivos de força maior.

— Talvez se dê o caso de se tratar dessa tal "força maior". Mas não nos preocupemos, acabará por aparecer — insistiu Anushka.

— E se isso não acontecer? — perguntou a jovem.

O Mikail encolheu os ombros, indo sentar-se ao lado da esposa.

— Mikail, onde está o Pierre? — perguntou a tia Irina, estacando frente ao filho.

Este permaneceu em silêncio, hesitando se deveria ou não responder à mãe, posto o que tornou a encolher os ombros.

— Não sei, mãe.

— Mas ele saiu para o trabalho, como o fazia todos os dias, para a Lubianka. É aí que devemos perguntar por ele. Se teve de partir de viagem, como sugeres, poderão confirmar-nos isso mesmo.

A Anushka observava as unhas com ar de satisfação depois de acabar de pintá-las. Parecia alheia à conversa, a não ser pelos momentos em que trocava olhares com o Mikail. Nos seus olhos, podia perceber-se que o incentivava a manter-se firme.

— Amanhã, irei à Lubianka. Quero que me informem sobre o paradeiro do Pierre, quero vê-lo — declarou a Amelia.

— Será um esforço inglório, querida Amelia. Não dês passos em falso, que não te conduzirão a lugar algum e que sem dúvida poderão prejudicar os restantes membros da família — replicou o Mikail.

— Prejudicar? Porquê? Por perguntar pelo Pierre? Se posso prejudicar-vos, sairei desta casa. Fá-lo-ei amanhã mesmo. Procurarei arrendar um quarto e,

assim, deixarão de se sentir comprometidos pela minha presença aqui.

— Vamos, Amelia, não sejas melodramática! — interrompeu-a a Anushka.
— Recordo-te que aqui a atriz sou eu e, por sinal, bastante boa. O Mikail tem razão. Se apareceres na Lubianka a perguntar pelo Pierre, poderás criar-nos problemas e, afinal, ele já te disse que nada sabe. O que mais pretendes?

— Pretendo saber onde está o Pierre.

— Não colocas a hipótese de poder existir outra mulher? — perguntou o Mikail, rindo-se.

Amelia esteve prestes a gritar e a expressar todo o desprezo que sentia por ele, mas conteve-se. Não podia revelar aquilo que o Ivan Vasiliev lhe tinha contado, de maneira que cerrou os punhos até se magoar a si própria. Qualquer indiscrição poderia comprometer o Vasiliev, mas também sairia cara a si própria e ao Pierre.

Estava consciente de que, se não agisse assim, o Mikail não hesitaria em acusá-la de sabe-se lá o quê, convertendo-a em "inimiga do povo". Estranhava que ainda não tivesse denunciado os pais, tendo em conta que naquela época era com naturalidade que se encarava a circunstância de os filhos denunciarem os "desvios" dos seus progenitores. Não era invulgar que a polícia irrompesse numa fábrica, numa residência ou em qualquer outro local para deter alguém que tivesse sido denunciado por um familiar, um amigo, uma esposa, um marido, um amante.

Com efeito, a liberdade com que se falava em casa dos tios do Pierre era insólita, o que levava a Amelia a pensar que seria uma questão de tempo até o Mikail ou a Anushka denunciarem a Irina e o Giorgi.

Portanto, engoliu em seco e sentiu desprezo por si própria ao não exprimir por palavras o que sentia.

— Minha filha, deverias ficar aqui, certamente que seria isso que o Pierre iria desejar. E não te preocupes connosco, não causas qualquer incômodo — disse a tia Irina.

— Fico-lhe agradecida e, dadas as circunstâncias e tendo em conta que tenho um emprego, contribuirei para as despesas da casa.

— Não te preocupes a esse respeito — tranquilizou-a o tio Giorgi.

— A Amelia tem razão, deve contribuir, é para isso que trabalha. Sabes, querida, pareces ser mais perspicaz do que aquilo que deixas transparecer à primeira vista — concluiu a Anushka.

10

Com o Pierre ausente, os dias começaram a parecer eternos. A Amelia aprendeu a dissimular os seus sentimentos, a fingir na presença do Mikail e da Anushka. Nunca emitia a sua opinião em qualquer discussão da Irina e do Giorgi com o seu filho Mikail. Mantinha-se distante, como se não lhe interessasse minimamente aquilo que acontecia em seu redor. Evitava também reagir às provocações da Anushka, que parecia não confiar nela.

Passada uma semana, tornou a encontrar-se com o Ivan Vasiliev, que parecia mais perturbado do que na ocasião anterior.

— Apenas vim porque temia que a senhora pudesse tentar entrar em contato comigo, mas tenho de lhe dizer que deixaremos de nos encontrar. Penso que têm estado a vigiá-la e, provavelmente, também a mim.

— Como sabe isso?

— Esquece-se de que trabalho na Lubianka? Tenho amigos, ouço conversas, leio um ou outro documento... Há alguns dias, pediram o seu ficheiro. Talvez o Pierre lhes tenha dito alguma coisa sobre si.

— Nada tem para dizer, visto que nunca estive a par das suas atividades, foi por acaso que descobri que era um agente.

— Na Lubianka, as pessoas são capazes de confessar o que quer que seja.

— Diga-me, o que sabe ao certo sobre o Pierre?

— Pouco mais do que aquilo que lhe disse na semana passada. Interrogam-no, levam-no de volta para a cela, tornam a interrogá-lo. E assim farão até que confesse o que pretendem.

— Não pode confessar aquilo que desconhece. Krisov não lhe disse onde pensava refugiar-se.

— Independentemente da verdade, continuarão a interrogá-lo até se darem por satisfeitos.

— O que aconteceria se eu aparecesse na Lubianka e perguntasse pelo

Pierre?

— Poderiam detê-la.

— Conseguiu vê-lo?

— Não, nem sequer o tentei fazer. Sei... bem... decerto calculará que o têm torturado e que não estará em muito boas condições. Agora, temos de sair daqui. Saia primeiro a senhora, eu ficarei aqui durante mais algum tempo.

— Quando voltarei a vê-lo?

— Nunca mais.

— Mas...

— Já me arrisquei demasiado, nada mais posso fazer. Se a situação se alterar, saberei onde encontrá-la.

Pierre tentava proteger a cabeça com as mãos, numa vã tentativa de evitar os golpes que o seu interrogador tão destramente lhe desferia com um cacete de borracha.

Quanta pancada tinha sofrido naquela madrugada? O interrogador parecia particularmente irritado. Tinha um hálito a vodka, que se misturava com o fedor emanado das suas axilas em cada ocasião que levantava o braço para o agredir.

— Fala, cão, fala! — gritava ele.

Mas o Pierre nada tinha para dizer, deixando apenas escapar gemidos de dor, que até aos seus próprios ouvidos pareciam pouco humanos.

Quando o interrogador se cansou de o agredir com o cacete, atirou-o ao chão e amordaçou-o com um trapo entre os dentes. Seguidamente, pegando-lhe nos braços por detrás dos ombros, atou-os aos tornozelos.

Não era a primeira vez que o submetiam a tal tortura, que o convertia numa roda, com as costas dobradas para trás, enquanto levava com os pontapés furiosos dos seus interrogadores.

Se soubesse onde o Krisov estava, tê-lo-ia confessado. Na verdade, teria dito qualquer coisa, mas nada do que sabia interessava àqueles homens, a não ser o paradeiro do Krisov.

Aquele nome martelava-lhe as têmporas, e ele maldizia o dia em que o tinha conhecido. Maldizia-se também a si próprio, por ter acreditado naquele Deus que o comunismo havia sido para ele.

Há dois dias que não bebia água, sentindo a garganta seca e a língua inchada. Não era a primeira vez que o privavam de água. Os seus carcereiros sentiam um prazer particular em obrigar as suas vítimas a comer anchovas salgadas pescadas no mar de Azov, privando-as de água durante vários dias.

Não sabia se era de dia ou de noite, nem o dia do mês, nem há quanto tempo estava a suportar aquele inferno. O que tinha com certeza compreendido era que todo aquele tempo lhe parecia uma eternidade, agora que tanto ansiava pela

morte. Rezava. Sim, rezava para que uma das pancadas do seu interrogador o deixasse inconsciente e nunca mais tivesse de despertar.

No início, pensava na Amelia e lamentava-se por tê-la influenciado a abraçar uma causa que acabava por se revelar um pesadelo infernal. Mas agora já não se preocupava com a Amelia, com os tios, com os pais, com nenhum dos seus conhecidos. A única coisa por que ansiava era a morte, deixar de sofrer.

O tio Giorgi tinha o hábito de colocar a Amelia a par das últimas notícias sobre a guerra em Espanha. Possuía informações em primeira mão, uma vez que a União Soviética auxiliava a facção republicana. Foi assim que, em finais de abril, a Amelia soube que o Franco havia desencadeado uma grande ofensiva através do vale do Ebro e até ao Mediterrâneo, e que tinha dividido em dois o território controlado pelas forças da República. Além disso, o tio Giorgi explicou-lhe que, infelizmente, o Franco detinha uma clara vantagem, beneficiando de superioridade nos meios aéreos e navais face às tropas republicanas.

Amelia perguntava-se o que teria acontecido aos seus pais, aos seus tios e, sobretudo, ao seu filho. O Javier era uma presença constante em todos os seus pesadelos, nos quais via a criança morrer esmagada pelos destroços dos prédios. Ocasionalmente, escrevia longas cartas à sua prima Laura, que entregava ao tio Giorgi com a esperança de que este conseguisse encontrar uma forma de as fazer chegar a uma Madrid sitiada pela guerra.

Alimentava um ódio visceral pelo Franco e por todos aqueles que se tinham rebelado contra a República, ao mesmo tempo que não deixava de sentir um desprezo glacial pelo comunismo.

Ela, que tinha professado aquela fé com tanto ardor e inocência, que tinha abandonado o filho, o marido e a família pelo Pierre, embora também convencida de que estaria destinada a contribuir para a construção de uma nova sociedade, descobria agora a brutalidade do sistema implementado por aqueles que se diziam comunistas. E ela não era como o Krisov, não distinguia entre os homens e as suas ideias, na medida em que estas se lhe haviam revelado com uma brutalidade inimaginável, através de fanáticos como o Mikail ou a Anushka, ou alguns dos seus colegas de trabalho. Mas o pior tinha sido ver com os seus próprios olhos que o paraíso prometido pela revolução não passava de um pesadelo.

Estava determinada a partir, ainda que a situação do Pierre a constrangesse. Nada podia fazer por ele, mas abandonar Moscou sem ele parecia-lhe uma traição imperdoável face a um homem que se encontrava detido na Lubianka.

Em junho, foi chamada ao gabinete do supervisor do seu departamento. A Amelia compareceu temerosa, perguntando-se que erro poderia ter cometido.

O homem não a convidou a sentar-se, limitando-se a dar-lhe uma ordem.

— Camarada Garayoa, como sabe, estava prevista a organização de um grande congresso de intelectuais em Moscou, que tivemos de adiar para setembro. Estarão presentes várias dezenas de jornalistas, escritores e artistas do mundo inteiro, e queremos que levem consigo Uma imagem fidedigna da União Soviética. Serão levados a visitar fábricas, falarão com nossos artistas e viajarão por todo o país com total liberdade, ainda que guiados por pessoas competentes que possam explicar-lhes e demonstrar as conquistas da revolução. A camarada Anna Nikolaievna Kornilova sugeriu o seu nome. Como decerto sabe, a camarada Nikolaievna Kornilova integra a comissão organizadora do congresso, tendo pedido que a senhora se juntasse ao grupo de camaradas que deverão prestar apoio à referida comissão em tudo o que seja necessário: acompanhar os convidados, fornecer-lhes as informações que possam requerer, mostrar-lhes aquilo que pretendam ver... Obviamente, tudo isto sob aprovação prévia da comissão. A senhora fala espanhol, francês e alemão, e a sua fluência na língua russa é aceitável; portanto, encontra-se capacitada para esta nova incumbência. Trabalhará sob as ordens diretas da camarada Nikolaievna Kornilova. Compareça amanhã no gabinete dela no Ministério da Cultura.

Amelia concordou com tudo o que o homem lhe dizia, tentando ocultar o espanto por se aperceber da importância da Anushka no Ministério da Cultura. Supunha-a uma atriz que contava com a plena confiança do partido, nada mais do que isso, mas a verdade era que, para ela, a Anushka permanecia uma perfeita desconhecida. Além do mais, nunca imaginaria que pudesse sugerir o seu nome. Porque o teria feito?

Quando regressou ao apartamento, contou à tia Irina a missão de que fora incumbida por intermédio da Anushka.

— É uma pessoa muito especial. Também eu não sei muito bem aquilo que faz. Acho que já foi atriz, mas penso que atualmente desempenha funções de direção teatral ou algo do género. Suponho que trabalha num departamento encarregue de decidir as peças que podem ser encenadas. Fico satisfeita por ter sugerido o teu nome; se o fez, foi por ter confiança em ti.

Amelia pensou que talvez a Anushka não fosse tão má pessoa como supunha, ainda que não conseguisse deixar de desconfiar dela.

Naquela noite, o Mikail e a Anushka pareciam animados, até mesmo felizes. A Amelia agradeceu à Anushka que tivesse falado a seu favor, mas a jovem não deu importância de maior ao assunto.

— O congresso é muito importante, pretendemos que os intelectuais retenham uma imagem positiva da União Soviética. Precisamos de pessoas com as quais eles se sintam à vontade, que falem com eles na sua própria língua. Tu

desempenharás bem essa tarefa. Amanhã, no escritório, fornecer-te-ei mais pormenores, não gosto de falar de trabalho em casa.

Em meados de setembro, a Amelia e um grupo de funcionários aguardavam no aeroporto pela chegada dos voos que trariam os convidados para o congresso. Estava nervosa, ansiando por travar conhecimento com aqueles desconhecidos que, para ela, representavam uma porta aberta para um mundo que tinha abandonado mas ao qual ansiava regressar.

A abertura do congresso ocorreu a 20 de setembro, com a presença de alguns ministros e de diversos membros do Comitê Central. Estava previsto que, durante quinze dias, os intelectuais europeus e russos debatessem sobre música, arte, teatro e outras temáticas.

Os convidados estrangeiros assistiriam a peças de teatro e bailados e visitariam fábricas e fazendas-modelo. Entre os assistentes à organização, corria o rumor de que, a qualquer momento, Stalin poderia marcar presença.

Amelia foi encarregada de acompanhar um grupo de jornalistas num encontro com colegas russos, com vista a debaterem acerca dos limites à liberdade de expressão.

Enquanto os conduzia à sala onde o encontro teria lugar, ouviu alguém a chamá-la.

— Não será a senhora... Amelia? Amelia Garayoa?

Ela voltou-se, dando de caras com um homem que, inicialmente, não reconheceu. Falava-lhe em francês e fitava-a surpreendido.

— Chamo-me Albert James, conhecemo-nos em Paris, no Restaurante La Coupole. Fomos apresentados pelo Jean Deuille e a senhora estava com o Pierre Comte. Recordas-se?

— Sim, já me recordo. Perdoe-me, mas não o reconheci de imediato. O senhor é a última pessoa que esperaria encontrar aqui — declarou ela.

— Verdade seja dita que também não esperava encontrá-la em Moscou, e muito menos trabalhando para os soviéticos. Já viu o Jean Deuille?

— Não, ainda não o vi, não sabia que também tinha sido convidado para o congresso.

— Sendo poeta, para além de comunista, não poderia deixar de marcar presença. Mas diga-me, o que é feito do Pierre? Está cá consigo?

Amelia empalideceu. Não sabia o que responder. Reparava nos olhares que lhe dirigiam alguns jornalistas, mas sobretudo nos dos funcionários soviéticos, extremamente atentos à sua conversa com o Albert James.

— Sim, está cá.

— Ótimo. Suponho que poderemos encontrar-nos. Para além do Jean, vários outros amigos do Pierre foram convidados para este congresso.

Durante o debate entre os jornalistas russos e europeus, o Albert James mostrou-se particularmente crítico. Confrontando os colegas soviéticos, que justificavam a intervenção do Estado nos meios de comunicação social como garantia do interesse comum, ele defendia a liberdade de expressão sem quaisquer limites ou tutelas. As suas posições incomodavam os soviéticos e, em determinados momentos, o tom geral do debate chegou a roçar a crispação.

Quando a sessão foi dada por finda, o Albert James aproximou-se da Amelia, que não tinha deixado de olhar para ele por um momento sequer.

— Com quem concorda: com eles ou comigo? — perguntou-lhe ele, sabendo que a embaraçaria.

— Prefiro a liberdade absoluta — respondeu ela, sem ignorar que os outros funcionários soviéticos não perdiam uma palavra daquilo que dizia.

— Menos mal! Ainda não lhe fizeram nenhuma lavagem ao cérebro.

— Vamos, senhor James, está na altura de irmos todos almoçar — apressou-o ela —, o debate prosseguirá da parte da tarde.

— Ufa! Isto é demasiado para mim! Preferiria passear por Moscou. Já debati o suficiente esta manhã. Porque não me acompanha?

— Porque não está previsto que o senhor ou qualquer outro convidado passeie agora pela cidade, mas sim que os trabalhos prossigam depois do almoço, para que o programa possa ser cumprido — esclareceu a Amelia.

— Não seja tão rígida. Decerto compreenderá que esta viagem a Moscou foi uma oportunidade que eu não podia deixar de aproveitar, mas este congresso aborrece-me e já percebi que de nada servirá.

À noite, a Amelia tornou a encontrar-se com o Albert James no teatro, durante uma encenação de O Lago dos Cisnes. Ele encontrava-se na companhia do Jean Deuville, estando ambos à procura dela.

O Jean abraçou-a e beijou-a nas faces. Estava feliz por vê-la, mas, sobretudo, queria notícias do seu amigo.

— Onde está o Pierre? Gostaria de estar com ele assim que fosse possível. Quando o espetáculo terminar, podemos acompanhar-te a casa e fazer-lhe uma surpresa — propôs ele.

— Não, não é possível. Estarão com ele noutra ocasião — respondeu a Amelia, perturbada.

— Quero fazer-lhe uma surpresa — insistiu o Jean.

— Hoje não, Jean, talvez amanhã.

Vários funcionários soviéticos não deixaram de notar a familiaridade que parecia existir entre a Amelia e aqueles dois homens, pelo que, a meio do bailado, ela sentiu uma mão a pousar-se sobre o seu ombro e, ao voltar-se, deparou-se com a Anushka, que lhe sussurrou para que saísse da sala.

— Quem são estes homens? — perguntou-lhe.

— O Albert James é jornalista e o Jean Deuville é poeta, mas certamente deverás conhecê-los, visto serem vossos convidados.

— De onde os conheces?

— São amigos do Pierre e conheci-os em Paris. Insistem em vê-lo, Mas não são só eles, há várias outras pessoas neste congresso que o conhecem e, quando me veem, todas me perguntam por ele.

A Anushka arrependeu-se de ter escolhido a Amelia para aquela incumbência, já que a sua presença se tinha convertido num problema.

— O que lhes disseste?

— Querem acompanhar-me a casa para fazerem uma surpresa ao Pierre, mas disse-lhes que hoje não seria possível, que poderão estar com ele noutra ocasião.

E, ao pronunciar estas palavras, a Amelia deu-se conta de que, se os amigos do Pierre insistissem em vê-lo e não conseguissem, isso poderia revelar-se um problema para os soviéticos.

— Diz-lhes que se ausentou de Moscou, que regressou a Buenos Aires — ordenou-lhe a Anushka.

— Lamento, mas já lhes disse que está cá e que poderiam estar com ele noutra ocasião, não me ocorreu outra desculpa — respondeu a Amelia, tentando parecer inocente.

De regresso ao camarote, concentrou-se em olhar descaradamente para o Albert James, tentando captar a sua atenção. Este reparou no olhar e sorriu-lhe. Pouco antes de o espetáculo terminar, foi ter com ela ao seu camarote. A Anushka, que não os perdia de vista, apareceu também no momento seguinte. Ainda que desconhecesse porquê, a relação da Amelia com aquele homem preocupava-a.

— Vai dizer-me que mudou de opinião e que pretende mostrar-me Moscou, ainda que seja de noite?

— Isso seria impossível, amanhã os trabalhos começam cedo.

— Noto alguma coisa estranha em si, Amelia, ainda que não saiba bem o quê...

Ela fitava-o fixamente, tentando comunicar sem palavras, mas o Albert James não conseguia captar o que pretendia transmitir-lhe.

— É feliz aqui? — perguntou-lhe espontaneamente.

— Não, não sou.

Ele ficou surpreso com tal resposta, ficando sem saber o que dizer. A Anushka ouvia-os de mau humor. Tal como a Amelia, falava francês fluentemente e, não tendo perdido uma palavra sequer da conversa, decidiu intervir.

— As coisas que a nossa querida Amelia diz! Claro que é feliz, todos nós a estimamos.

O Albert James voltou-se para fitar a pessoa que os interrompia, deparando-se com uma jovem atraente, loura, alta, magra e com uns enormes olhos verdes. Apercebeu-se de imediato que se tratava de uma das organizadoras do congresso.

— Ah, a senhora é...

— Anna Nikolaievna Kornilova, diretora do Departamento das Artes do Ministério da Cultura.

— E atriz e encenadora — acrescentou a Amelia.

— Ouvi falar de si! Julgo que amanhã à noite iremos assistir a uma peça que encenou, não é assim? — perguntou o Albert James.

— É verdade. Para mim, será uma honra poderem assistir ao meu trabalho.

— Uma peça de Tchekov, parece-me...

— Com efeito. Agora que o espetáculo já terminou, temos ainda trabalho para fazer, devemos acompanhar-vos ao hotel. Amelia, julgo que o teu grupo deve estar a reunir-se junto à paragem dos autocarros.

— Eu faço parte desse grupo — disse o Albert James.

— Sendo assim, não se atrasem. Amelia, encontramo-nos no hotel e regressaremos a casa juntas. O Mikail irá connosco. Parece-te bem?

Amelia assentiu, dirigindo-se então com o Albert James para o átrio, onde estavam já os outros jornalistas.

— Uma mulher importante e muito bela. Vejo que tem muito bons contatos.

— Está casada com o primo do Pierre. Vivemos todos na mesma casa.

— Não me diga!? Julgo recordar que a mãe do Pierre é russa, não é assim?

— Sim e, como a sua irmã Irina vive aqui, em Moscou, ficamos hospedados em casa dela.

— Perdoe-me pela insistência, mas parece-me estranha e a sua confissão de que não é feliz... Na verdade, surpreendeu-me.

— Desejo sair da União Soviética mas não o posso fazer. Talvez o senhor pudesse ajudar-me — murmurou Amelia olhando para todos os lados, temendo que alguém os ouvisse.

— O que receia? — quis ele saber.

— Teria de explicar-lhe muitas coisas para que conseguisse perceber... O Pierre disse-me que o senhor não era comunista.

— E não sou. Não se preocupe, também não sou fascista. Aprecio demasiado a liberdade para que outros controlem a minha vida. Acima de qualquer outra coisa, acredito nos indivíduos. Mas confesso que me sentia curioso por conhecer a União Soviética.

— Não ficará decepcionado — afirmou a Amelia, peremptória.

— Está assim tão certa disso?

— O senhor, como todos os outros, verá aquilo que eles pretendem que veja. Mas não conseguiria imaginar aquilo que aqui acontece.

Interromperam a conversa ao subirem para o autocarro. A Amelia sentou-se afastada do Albert James. Temia que, se a vissem constantemente perto do jornalista, decidissem encarregá-la de acompanhar outro grupo de convidados, o que a impediria de levar por diante o plano que começava a desenhar-se na sua cabeça.

De regresso a casa, com a Anushka de um lado e o Mikail do outro, a Amelia tentava controlar o nervosismo.

— Quem é esse jornalista? — insistiu a Anushka.

— Chama-se Albert James e é um antifascista norte-americano, amigo do Pierre. Em Paris, eram inseparáveis — mentiu a Amelia —, e insiste em encontrar-se com ele.

— Isso poderá revelar-se um problema — afirmou o Mikail.

— Bem sei, mas nem ele nem os outros convidados se conformarão com a desculpa de que o Pierre não poderá encontrar-se com eles por motivos profissionais ou por ter tido de viajar inesperadamente. Na Europa, as coisas não se passam desse modo. Vocês terão de fazer alguma coisa.

A Anushka manteve-se em silêncio, consciente de que, com efeito, o caso do Pierre poderia malograr a operação de imagem montada pelos ministérios dos Negócios Estrangeiros e da Cultura. Pensava falar sobre o assunto com os seus superiores logo de manhã, e sabia que também ela ficaria comprometida, tanto por o Pierre ser primo do Mikail quanto, sobretudo, por ter proposto a Amelia para aquela tarefa.

Na manhã seguinte, tal como a Amelia temia, assim que chegou ao recinto do congresso, o seu superior incumbiu-a de acompanhar outro grupo, desta vez de pintores. Não protestou, tendo aceitado o encargo com aparente indiferença, embora permanecesse determinada em procurar o Albert James assim que lhe fosse possível. Tal ocasião propiciou-se à hora de almoço, quando os diferentes grupos de trabalho se encontraram para um bem guarnecido buffet.

Amelia pensou que, se os cidadãos soviéticos pudessem ver tanta comida, fariam qualquer coisa para a conseguir, tanto era o estoicismo com que suportavam a escassez e a fome, quando, naquele congresso, parecia que alimentos era o que menos faltava na União Soviética.

— Abandonou-nos — comentou Albert James assim que a viu.

— Foi-me atribuído outro grupo. Pretendem evitar que fale consigo ou com o Jean Deuville. Talvez possam mesmo decidir afastar-me deste encargo, de

maneira que não disponho de muito tempo para grandes explicações. Sei que o senhor e o Pierre não simpatizavam muito um com o outro, mas o que lhe peço é que lhe salve a vida.

— Como assim? — O Albert James fitava-a espantado.

— Está detido na Lubianka, de onde apenas se sai morto ou desterrado para um campo de trabalho, do qual raramente se regressa.

— Mas que fez ele? — A pergunta denotava um certo nervosismo e incredulidade.

— Juro-lhe que nada fez, rogo-lhe que acredite em mim. Pretendem obter uma informação que o Pierre não possui acerca... acerca de uma pessoa que ele conheceu e que, supostamente, era um agente desertor. Foi declarado inimigo do povo.

— Meu Deus, Amelia, em que sarilhos se meteu!

— Fale baixo, por favor! Não me parece que me deixem novamente falar consigo. A única possibilidade de salvar o Pierre será se o senhor e outras pessoas insistirem em vê-lo. Sejam firmes, por favor. Quanto a mim, se puder pensar nalguma solução para os convencer de que devo partir convosco... Aqui, sinto-me morrer.

— Tudo isso que me conta é tão estranho...

— Não posso contar-lhe mais pormenores, apenas lhe imploro que confie em mim. Sei que não me conhece, mas asseguro-lhe que não sou má pessoa...

Um funcionário do mesmo departamento da Amelia aproximou-se carrancudo.

— Camarada Garayoa, está a negligenciar o seu trabalho — advertiu-a.

— Lamento, camarada.

Amelia afastou-se, de olhar cabisbaixo.

O Albert James não sabia o que fazer. A confissão da Amelia tinha-o deixado perplexo. Não percebia o que estava a acontecer e muito menos por que motivo estaria o Pierre detido. Na verdade, nem sequer sabia porque é que ele e a Amelia tinham vindo viver para Moscou. Todos os seus amigos parisienses os julgavam em Buenos Aires. Não obstante a grande quantidade de questões para as quais não encontrava resposta, a angústia da Amelia impressionava-o, embora ela a controlasse e a convertesse numa calma fria. Pensou colocar o Jean Deuville a par de tudo aquilo, mas o seu amigo poeta era um apaixonado pela revolução e, para ele, representaria um rude golpe saber que o Pierre estava preso e que, sobretudo, as autoridades o consideravam um "inimigo do povo". Sentiu as mãos úmidas de suor e procurou uma cadeira onde pudesse sentar-se e refletir.

— Está satisfeito com os trabalhos do dia de hoje?

A Anushka estava à sua frente, sorrindo-lhe amavelmente. Ele pensou que aquela bela loura se assemelhava mais a uma princesa de conto de fadas do que propriamente a uma funcionária do Partido Comunista.

— Quero encontrar-me com o Pierre — respondeu ele, observando o seu desconcerto enquanto o sorriso se lhe contraía.

— Com o Pierre? Isso não será possível, visto que partiu de viagem. A Amelia não o informou?

— Não, a Amelia disse-nos que ele estava cá. Certamente concordará que não deixa de ser estranho que o nosso amigo não tenha comparecido aqui para nos ver. Neste congresso, há mais de vinte ou trinta pessoas que o conhecem.

— Ah! E não conseguirão perceber que, por maior que seja a amizade, também ele tem responsabilidades profissionais? Infelizmente, teve de viajar. Se regressar antes de o congresso terminar, virá certamente vê-los.

— Mas a Amelia...

— Com certeza, fez confusão. Há já alguns dias que o Pierre se ausentou por motivos profissionais.

— Deixe-me dizer-lhe que, ainda que não saiba porquê, não acredito em si...

— Como assim?

— Não acredito no que me diz, camarada Nikolaievna Kornilova; nem eu nem os restantes amigos do Pierre aqui presentes.

— Está a ofender-me, está a insultar-nos...

— Estou? E porquê?

— Está a pôr em causa a minha palavra.

— Receio que, se não nos encontrarmos com o Pierre, os vossos esforços para que nos dediquemos a louvar as conquistas da revolução venham a revelar-se inúteis...

A Anushka voltou-lhe as costas, possesa de raiva. Estava determinada a fazer com que a Amelia pagasse caro por não ter dito aquilo que lhe tinha ordenado a respeito do Pierre.

Procurou-a e, assim que a encontrou, chamou-a para um local mais recatado.

— O que pretendes? — gritou a Anushka.

— Eu? A que te referes?

— Ordenei-te que disseses que o Pierre teve de viajar.

— E eu deixei bem claro que não tencionava fazer isso. Não, Anushka, não irei mentir. Não é que me importe muito fazê-lo, mas, Se mentir a este respeito, estarei a prolongar a situação em que o Pierre se encontra.

— Não está nas minhas mãos poder libertá-lo da Lubianka.

Amelia limitou-se a encolher os ombros, fitando-a desafiante.

— Decerto poderás fazer alguma coisa. Apenas pretendo salvar-lhe a vida e

sair deste país.

— Com o Pierre? Enlouqueceste! Nunca o deixarão partir. Quanto a ti... Poderás ir-te embora, penso que isso seria possível...

— Nada feito, Anushka. Não estou a pedir-te a minha liberdade a troco da do Pierre, mas sim a de ambos. Sabes o que irá acontecer se os seus amigos não o virem? Imagina os títulos dos jornais: "Conhecido intelectual francês desaparece em Moscou." E podes acreditar que cidades como Paris, Londres e Nova Iorque nada têm a ver com Moscou, porque aí existe liberdade de imprensa. Vocês não vão gostar nada do que será dito acerca deste congresso, isso posso assegurar-te.

No dia seguinte, chegou à secretária do ministro dos Negócios Estrangeiros, Maxim Litvinov, uma petição assinada por cerca de vinte intelectuais convidados para o congresso, solicitando verem imediatamente o Pierre Comte. O documento não dava azo a quaisquer dúvidas: sabiam que o livreiro parisiense estava em Moscou e, perante os insistentes pedidos para se encontrarem com ele, eram confrontados com todo um leque de respostas evasivas que os levavam a suspeitar de que algo de estranho estava a ocorrer, razão pela qual solicitavam uma explicação coerente ao próprio ministro, para além da possibilidade de se encontrarem com Monsieur Comte.

O Albert James tinha-se empenhado a fundo, pedindo a alguns dos seus amigos para assinarem aquela petição. Falou com o Jean Deuville, que não hesitou em rotular a Amelia de "louca encantadora", negando-se a considerar a possibilidade de o Pierre estar detido e muito menos de o terem declarado "inimigo do povo". Mas foi tamanha a insistência do James e, sobretudo, a ameaça velada de que estava disposto a escrever nos jornais norte-americanos acerca do "estranho desaparecimento de Pierre Comte", que acabou por convencer o Jean Deuville a assinar a petição e a ajudá-lo a convencer outros cétricos como ele.

— Espero que saibas o que estás a fazer, Albert, porque o que a Amelia te disse parece-me muito estranho... Oxalá não estejamos a ser manipulados numa qualquer manobra de propaganda Para denegrir a União Soviética. Sabes que sou comunista e, em Paris, tenho responsabilidades.

— Bem sei, Jean, mas também sei que, apesar dos teus ideais imaculados, conservas ainda uma certa autonomia mental. Se se revelar um engodo, assumirei todas as responsabilidades.

— Os meus camaradas nunca me perdoariam se, ainda que involuntariamente, viesse a servir os interesses dos fascistas.

Estavam presentes no congresso quase duzentos convidados, tendo sido um êxito conseguir que vinte deles assinassem a petição.

Os organizadores do congresso viram-se obrigados a encontrar uma solução,

e foi a Anushka a encarregada de levá-la à prática.

Quando o torturador entrou na cela, o Pierre despertou e tentou encolher-se, ao mesmo tempo que desatava a chorar, temendo mais uma daquelas intermináveis sessões em que desejava morrer. Tinham acabado de o conduzir à cela e tinha adormecido profundamente, depois de ter estado 48 horas sentado numa cadeira, com os pés e as mãos atados. Diversos torturadores haviam-se revezado no decurso das horas, submetendo-o a todo o tipo de crueldades enquanto o interrogavam acerca do camarada Krisov.

Sentiu o torturador a levantá-lo do chão, dando-lhe pontapés para o obrigar a andar.

Não queria andar, não o conseguia fazer. Apenas desejava morrer e começou a suplicar que o matassem. Mas foi conduzido à enfermaria, onde uma robusta mulher de bata branca lhe administrou uma injeção que o mergulhou num sono profundo.

Quando acordou, pensou ver o rosto indistinto de um homem que o observava.

— Sente-se melhor? — perguntou-lhe.

Pierre não conseguia falar, nem sequer mexer a cabeça. Julgava estar a sonhar; não poderia ser de outro modo, visto que ninguém lhe batia.

— Agora vou ajudá-lo a levantar-se. Tem de tomar um bom banho e Depois, irão cortar-lhe o cabelo e dar-lhe roupa lavada.

— Onde estou? — perguntou com uma voz sumida.

— No hospital. Sou o médico encarregado de cuidar de si. Não se preocupe, irá recuperar.

— Estou no hospital?

— Sim, homem, no hospital. Sofreu um acidente e perdeu a memória, mas felizmente está a recuperar. A sua família virá visitá-lo dentro em breve, assim que as suas melhoras sejam visíveis.

— A minha família?

Pierre pensou na mãe, nas mãos suaves da Olga quando, em criança, lhe acariciava a testa antes de lhe dar um beijo de boas-noites. A sua mãe a abraçá-lo, a sorrir-lhe, a pegar-lhe na mão para atravessarem a rua. Estaria ela ali?

À tarde, sentia-se já mais lúcido, ainda que não sentisse algumas partes do corpo. O médico explicou-lhe que, devido ao "acidente", tinha ficado com um braço destroçado, do qual nunca mais poderia fazer uso. Tinha perdido vários dedos. Quanto ao olho direito, infelizmente, também estava arruinado. O Pierre recordou-se então da noite em que um daqueles homens lhe havia espetado uma chave de fendas num olho, bem como de ter desmaiado de dor. De que acidente lhe falava o médico? Mas nada perguntou, nada disse, sentia-se exausto mas

feliz, deitado naqueles lençóis limpos que cheiravam a desinfetante.

No respeitante aos testículos, advertiu-lhe o médico, o choque do acidente tinha sido tão grande que os tinha perdido. O Pierre tornou a visualizar o seu torturador, munido de umas tenazes com as quais pegou num testículo e o esmagou, passando depois para o outro. Mas o médico dizia-lhe que havia sido na sequência do "acidente", e ele resignou-se, reconfortado com as palavras do homem de bata branca.

Haviam passado seis dias desde que a Amelia tinha confrontado a Anushka. Quando estavam em casa, mal se falavam. Também Mikail não ocultava a sua hostilidade crescente, e inclusivamente ela viu-o discutir com a mãe, pedindo-lhe que pusesse a Amelia fora de casa, ao que a tia Irina se opôs, dizendo-lhe que ela ficaria ali até que o Pierre aparecesse.

Uma noite, o Mikail e a Anushka chegaram a casa pouco depois da Amelia. Tinham-se visto durante o dia, no congresso, mas ela considerou estranho não ter tornado a ver a Anushka desde o início da tarde.

O Mikail aclarou a voz e pediu aos pais e à Amelia que se sentassem, porque a Anushka tinha uma coisa para lhes dizer.

A tia Irina enxugou as mãos no avental e o tio Giorgi fechou o jornal. A Amelia tentou disfarçar o tremor que a percorria do pescoço aos pés. Temia o pior.

A Anushka fitou-os a todos em silêncio, baixou a cabeça e, depois, tornou a erguê-la, agitando os seus magníficos cabelos louros. Toda aquela teatralidade atraiu para si as atenções.

— O Pierre está vivo e está bem — anunciou.

A tia Irina e a Amelia perguntaram em uníssono onde estava e quando o poderiam ver.

— Calma, calma. Têm de perceber: para nós, foi-nos muito difícil ocultar-vos o que aconteceu — disse, pegando na mão de Mikail —, dado que chegamos a pensar que não iria recuperar.

— Mas o que aconteceu?! — gritou a tia Irina.

— O Pierre sofreu um acidente muito grave, que quase lhe custou a vida. O pior é que sofreu de amnésia até recentemente, tendo sido dado como perdido. Bem... não completamente, pois encontrava-se num hospital, mas como não conseguia identificar-se...

— Um acidente? Onde? — perguntou a Amelia, consciente de que ela estava a mentir.

— Minha querida Amelia, aquilo que irei dizer ser-te-á particularmente difícil de ouvir... mas sinto-me na obrigação de o fazer. Não julgues que eu e o Mikail não tentamos saber onde estava o Pierre, mas aquilo que descobrimos não

era propriamente agradável para ti. O Pierre possuía uma outra amante. Uma noite, saíram juntos; iam no automóvel dela para a sua dacha, nos arredores de Moscou. O Pierre pensava telefonar, desculpando-se dizendo que tinha muito trabalho e que chegaria tarde, mas, infelizmente, sofreram um acidente de viação. Ao que parece, a estrada estava em obras e uma grua caiu sobre o automóvel da amiga do Pierre. Ela teve morte imediata e ele... na verdade, sofreu lesões consideráveis, para além de ter perdido a memória. Tem estado num hospital durante todo este tempo e acredita que é um milagre que esteja vivo, ainda que o seu estado... Enfim, consegues imaginar...

— Não, não consigo, quero vê-lo. — O tom de voz da Amelia era glacial. Gostaria de chamar a Anushka de mentirosa e, sobretudo de a esbofetear, mas sabia que teria de se conter, que teria de se resignar ao papel de amante humilhada.

— Deixa-me dizer-te que está com muito mau aspeto, talvez nem sequer te reconheça — afirmou a Anushka.

— Quero vê-lo — insistiu a jovem espanhola.

— De acordo, amanhã iremos contigo ao hospital — concordou a Anushka.

— Amelia, pedimos-te que nos perdoes por nada te termos dito acerca da amante do Pierre, mas não pretendíamos ofender-te e aumentar o sofrimento que o seu desaparecimento já te tinha causado — disse o Mikail, fitando-a compassivamente.

— Não acredito que o Pierre tivesse uma amante! — afirmou a tia Irina. — Isso é impossível! Sei como estava dependente da Amelia. Tem de existir outra explicação.

— Não, mãe, não existe. O pior é que a mulher que o acompanhava era... Sinto-me envergonhado por constatar que continuam a existir prostitutas na União Soviética. Ninguém reclamou o corpo da mulher, pelos vistos não teria parentes próximos, e como o Pierre não conseguia identificar-se...

— Como o encontraram? Como sabem que se trata do Pierre? — insistiu a tia Irina.

— Não restam dúvidas de que é ele. Amanhã, iremos todos visitá-lo. Não te preocupes com o trabalho, Amelia, já avisei que chegarás mais tarde e, dadas as circunstâncias, foram compreensivos. Além do mais, amanhã os nossos convidados serão levados a visitar algumas fábricas-modelo.

A Anushka e o Mikail sentiram muitas dificuldades em responder às intermináveis perguntas da tia Irina. O tio Giorgi quase não abriu a boca. Tinha percebido que, por um qualquer motivo que desconhecia, alguém havia decidido que o Pierre deveria reaparecer, não se atrevendo a perguntar onde tinha estado nem o que lhe havia acontecido. Deitaram-se cedo. A Anushka alegou que estava

com dores de cabeça e o Mikail que estava cansado. Na verdade, já não suportavam as perguntas da tia Irina e as suas intermináveis suposições.

Amelia não conseguiu pregar olho a noite inteira. Dava voltas na cama, imaginando o dia seguinte. Como poderão ter inventado a história de o Pierre ter sofrido um acidente de viação?, perguntava-se a si própria, embora se sentisse aliviada por saber que estava vivo.

O médico acompanhou-os por um longo corredor, detendo-se junto à porta de um quarto. Abriu-a e convidou-os a entrarem. Antes, tinha-lhes advertido acerca do modo como deveriam reagir face ao doente. Não poderiam fazer-lhe perguntas. O Pierre estava a recuperar a memória e encontrava-se mergulhado num estado mental de confusão absoluta.

De início, não o reconheceram. A Amelia avançou até à cama, pensando que os tinham enganado, conduzindo-os à presença de outro homem que não o Pierre. Mas era ele, ainda que mais parecesse um velho. Poucos cabelos lhe restavam na cabeça e completamente brancos. Faltavam-lhe dedos nas mãos e parte do corpo parecia paralisada. Uma venda cobria-lhe o orifício onde outrora tinha estado o seu olho direito.

Amelia desatou a chorar e também a tia Irina não conseguiu conter as lágrimas. Até o Mikail pareceu impressionado com o aspeto do primo.

— É um milagre que tenha conseguido sobreviver ao acidente — afirmou o médico. — Pelo menos, não se recorda daquilo que aconteceu.

— Não se recorda de nada? — perguntou a tia Irina.

— Não, de absolutamente nada. Além disso, está em tratamento para superar os pensamentos negativos.

— Em tratamento? O que estão a fazer-lhe? — perguntou a Amelia, alarmada.

— Tentamos aliviar-lhe o sofrimento, nada mais do que isso. — Para o médico, aquela pergunta da Amelia era uma incoerência.

Ela pegou numa das mãos do Pierre, acariciando-lhe a face. Ele abriu o olho esquerdo e fitou-a, mas o seu olhar era vazio, parecendo não a reconhecer.

— Pierre, sou eu, a Amelia — sussurrou-lhe ela ao ouvido, sem obter resposta.

— Não a reconhece — afirmou o médico, tentando afastá-la.

Mas ela sentiu que os três dedos que lhe restavam naquela mão apertavam a sua. Tornou a fitá-lo, mas o olhar do seu único olho continuava vazio.

— Não me interessa que não me reconheça, sei que ele gosta da minha companhia.

— Não deveríamos cansá-lo — insistiu o médico.

— Vamos, Amelia, já o viste, podes ficar tranquila, aqui cuidarão bem dele

— disse a Anushka, pegando-lhe no braço.

— Quero ficar a sós com o Pierre. — A Amelia não estava a pedir, antes dando por adquirido que ninguém a poderia impedir de ficar a fazer-lhe companhia.

— Isso é impossível — garantiu o médico.

— Não, não é. O Pierre sofreu muito. Sei que não me reconhece, mas estou certa de que se sentirá melhor tendo a seu lado uma companhia familiar.

A Anushka olhou para o médico. Saíram ambos do quarto e, passados alguns minutos, ela regressou.

— Convenci o médico a deixar-te ficar algum tempo com ele, mas tens de perceber que o Pierre precisa de descansar. Promete-me que não o forçarás a falar.

— Nada farei que possa prejudicá-lo.

A tia Irina beijou o Pierre suavemente; o tio Giorgi parecia não se atrever a tocar-lhe. Quando saíram do quarto, a Anushka anunciou-lhe que regressaria para a buscar dentro de alguns minutos.

Amelia acariciava a cabeça do Pierre e julgava ver um leve esboço de sorriso nos seus lábios. De tempos a tempos, abria o olho esquerdo, mas não a procurava com o olhar, antes parecendo perder-se na brancura da parede à sua frente.

— Sofri muito devido à tua ausência, mas, pelo teu estado, sei bem que o meu sofrimento nada foi, quando comparado com aquilo por que passaste... Meu Deus, o que te fizeram! Irei tirar-te daqui. Regressaremos a Paris e, aí, acabarás por recuperar. Verás que sim, confia em mim — dizia-lhe em voz muito baixa, temendo que alguém a pudesse ouvir.

De vez em quando, uma enfermeira entrava no quarto e aproximava-se da cama, olhando com desconfiança para a Amelia, como se fosse ela a culpada pelo estado em que o Pierre se encontrava.

Mais tarde, a Anushka voltou a entrar no quarto acompanhada pelo médico.

— Amelia, querida, temos de regressar ao trabalho. A noite, poderás regressar para estar com o Pierre.

Ela beijou-o nos lábios e sentiu-os frios, como se fossem os lábios de um cadáver.

— Não te preocupes, eu volto — disse-lhe, embora ele não parecesse ouvi-la.

Assim que saíram para o corredor, o médico informou-as de que desejava falar com elas. Acompanharam-no até ao seu gabinete. Convidou-as a sentarem-se e, seguidamente, fitou a Amelia com desconfiança.

— Camarada Garayoa, lamento dizer-lhe que o estado do camarada Comte é

muito grave — afirmou.

— Isso é evidente — respondeu ela com uma certa ironia.

— É um homem robusto, mas ainda assim... No acidente, perdeu os testículos — disse-lhe, olhando-a fixamente e tentando deixá-la envergonhada.

— Ah, sim? Tanto quanto sei, um homem consegue viver sem testículos.

— As lesões sofridas... Já sabe que caiu uma grua em cima do automóvel... Em suma, sofreu lesões irreversíveis.

— Estou consciente do estado em que ele se encontra, camarada doutor.

— Também o cérebro foi afetado e, no respeitante às suas faculdades mentais... Julgo que não voltará a ser uma pessoa normal. Tem de estar preparada para o pior, camarada — concluiu o médico.

— Para o pior? Pode haver alguma coisa pior do que aquilo que aconteceu?

— Posso assegurar-lhe que fizemos tudo o que estava ao nosso alcance — insistiu o médico —, mas tem de perceber que... bem... não foi socorrido em tempo útil.

— Pretendo levá-lo para Paris, para junto dos seus pais — anunciou Amelia, com um tom desafiador na voz.

— Isso será impossível! — exclamou a Anushka.

— E porquê? Não faz qualquer sentido que nem eu nem ele permaneçamos aqui. O Pierre requer cuidados especiais, precisa da sua família.

— Nós somos a família dele, Amelia — recriminou-a a Anushka.

— Os pais dele estão em Paris, é aí que o Pierre quer e deve estar.

— Não sei se lhe será possível viajar no estado em que se encontra... — O médico fitava a Anushka com preocupação.

— Tenho a certeza de que melhorará consideravelmente assim que sairmos daqui — retorquiu a Amelia, contendo a custo a raiva que dela se apossava.

— Pensei que talvez esse tal jornalista, o Albert James, e também o poeta francês, o Jean Deuville, pudessem vir visitá-lo — sugeriu a Anushka.

— Fico-te muito agradecida pelo gesto. Mas peço-te também, camarada Anna Nikolaievna Kornilova, que consigas as autorizações necessárias para a transferência do Pierre para Paris. Pretendo regressar para junto dos intelectuais convidados para o congresso, e estarei precisamente com esses seus dois grandes amigos, o Albert James e o Jean Deuville.

A Anushka cerrou os dentes, com uma expressão dura no rosto. A atitude da Amelia irritava-a, mas estava consciente de que aquele não era o momento ideal para discutir com ela.

Por mais que a Amelia tenha insistido em permanecer junto ao Pierre, o médico mostrou-se inflexível. Apenas poderia tornar a visitá-lo no dia seguinte, na medida em que teria de ser submetido a alguns exames. Poderia vir bem cedo

de manhã, juntamente com os amigos dele.

Nessa noite, a Amelia compareceu no jantar de despedida que o Comitê Central organizava para os intelectuais que tinham participado no congresso.

O clima geral era de preocupação: naquele dia, 30 de setembro, via-se confirmado o pacto assinado em Munique pelo Édouard Daladier, da parte da França, e o Neville Chamberlain, da parte da Inglaterra, com o Hitler e o Mussolini. As duas potências europeias tinham claudicado perante a determinação do Hitler em se apoderar da região dos Sudetas.

— É uma vergonha! — afirmava o Albert James. — A França e a Inglaterra pagarão caro por esse erro. Estão a permitir que o Hitler considere que pode fazer tudo o que lhe aprouver, e mais não fazem do que alimentar esse cão raivoso.

Os anfitriões soviéticos ouviam as conversas dos seus convidados, embora, prudentemente, se abstivessem de tecer comentários. Preferiam escutar, sentir no pulso à opinião daquele grupo de homens que representavam parte da "intelectualidade" europeia.

Amelia aproximou-se do grupo do Albert James, fazendo-lhe um sinal de que pretendia falar a sós com ele.

— O que se passa? — perguntou o jornalista.

— Gostaria de lhe agradecer por tudo o que fizeram pelo Pierre. Hoje consegui vê-lo. Graças a Deus, está vivo, ainda que em estado crítico.

— Onde estava? O que lhe aconteceu?

— Poderá visitá-lo amanhã e... deixe-me dizer-lhe que terá dificuldades em reconhecê-lo. Foi torturado, embora a si lhe digam o mesmo que me disseram a mim: que sofreu um acidente e que uma grua lhe caiu em cima.

Contou-lhe a história que os soviéticos tinham inventado para justificar o estado do Pierre e pediu-lhe que não deixasse de comparecer no dia seguinte, juntamente com o Jean Deuille, para o visitarem no hospital.

— Eu e a Anushka viremos buscá-los às oito em ponto. Agora, gostaria de pedir-lhe outro favor.

— Então? E de que se trata agora?

— Gostaria que dissesse à Anushka que o Pierre deve regressar a Paris e que você e o Jean Deuille me ajudarão a cuidar dele durante a viagem. Mas terá de insistir em que deveremos partir convosco.

— Poderão recusar.

— Sim, mas se os pressionar... Viram-se obrigados a fazê-lo reaparecer e está claro que as autoridades soviéticas não querem quaisquer escândalos neste congresso; pretendem que todos vocês tenham grandes louvores ao sistema, tendo sido para isso que foram convidados. De tal modo que não tiveram outra solução

que não aceder à vossa petição para verem o Pierre.

— Parece incrível que o tenham mantido detido durante tanto tempo...

— Torturar e assassinar em nome do povo é uma prática comum. Se alguém for declarado inimigo da revolução, a partir desse momento tudo lhe poderá acontecer. As pessoas sentem medo, passam fome, existe censura, os filhos denunciam os pais, os tios os sobrinhos, os amigos olham-se com desconfiança. O Stalin implantou um regime de terror, ainda que, na verdade, a culpa não seja apenas dele, pois a semente desta barbárie foi plantada pelo Lenine.

— Deixou de professar os ideais comunistas?

— Vivi neste país o tempo suficiente para desejar fugir daquilo que designam por comunismo. Mas o mais importante não é aquilo que penso, mas sim salvar o Pierre.

O Jean Deuille não conseguiu conter uma exclamação de horror quando entrou no quarto do Pierre. Também o Albert James ficou impressionado, mas, para alívio da Anushka, nada disse. O médico explicou-lhes a gravidade do seu estado, insistindo que era um milagre que tivesse sobrevivido ao acidente com a grua.

— Pierre, meu amigo, o que te aconteceu? — perguntou Jean Deuille, esforçando-se por conter as lágrimas.

O único olho do Pierre permanecia aberto, ainda que não parecesse vê-los. A Amelia sentiu-o mais esmorecido do que no dia anterior e, no único olho dele, conseguiu aperceber-se do medo que sentia.

— Iremos levá-lo para Paris — afirmou o Albert James —, partirá connosco. Quanto antes estiver com a sua família, mais rapidamente irá recuperar.

— Não me parece que... Enfim, é possível que a sua saúde mental fique afetada para sempre. Como veem, o seu estado é quase vegetativo — afirmou o médico.

— Mesmo assim, virá connosco — insistiu o Jean Deuille com determinação. — A mãe dele nunca me perdoaria se o deixasse aqui.

— Em nenhum outro local beneficiará de cuidados idênticos aos administrados num hospital consagrado à saúde do povo — acrescentou a Anushka.

— Permita-me discordar, camarada Anna Nikolaievna Kornilova, porque em nenhum outro lugar do mundo se está melhor do que na sua própria casa — afirmou o Jean Deuille.

— A União Soviética é a pátria do Pierre, bem como a de todos os trabalhadores. Além disso, recorde-lhe que o camarada Pierre tem família aqui — afirmou ela.

— Nikolaievna Kornilova, como amigos do Pierre e representantes dos seus

pais, insistimos em levá-lo para Paris. Não conseguimos compreender a sua insistência em impedi-lo de regressar... — argumentou o Albert James.

— O camarada Comte não está em condições de viajar — assegurou o médico. — Nem sequer me atrevo a dizer... enfim...

— Sobreviverá à viagem — assegurou o Jean Deuille —, sei que conseguirá.

O Albert James e o Jean Deuille não deixaram outra opção ao médico e à Anushka, que cederam e garantiram que obteriam as autorizações necessárias, não deixando de os advertir que, se o levassem e alguma coisa lhe acontecesse, teriam de assumir as devidas responsabilidades. A Amelia tinha permanecido em silêncio, consciente de que não era a ela que competia travar aquela batalha.

Enquanto arrumava as malas, a Amelia sentia-se feliz. Finalmente a Anushka tinha-a informado de que poderia regressar a Paris com o grupo do Albert James e do Jean Deuille, levando o Pierre com eles.

A tia Irina ajudava-a a arrumar a roupa na mala. A boa mulher dava-lhe conselhos acerca da melhor forma de cuidar do doente durante a viagem que estavam prestes a empreender.

— A minha irmã Olga nunca me perdoará por aquilo que fizeram ao filho — lamentava-se. — Não fiz por ele tudo o que estava ao meu alcance...

— A senhora e o tio Giorgi tiveram um comportamento muito correto comigo e com o Pierre, não têm de se recriminar pelo que quer que seja. A culpa é deste maldito sistema...

— Nunca fui revolucionária... — informou-a a tia Irina —, mas o Giorgi foi e, a determinada altura, cheguei a pensar que ele estava certo, que o povo viveria melhor, que construiriam uma sociedade mais livre, mas existe agora mais medo do que no tempo do czar. O Mikail revolta-se quando digo isso, mas é a verdade.

— Tenha cuidado consigo, tia Irina.

— Julgas que o meu filho seria capaz de denunciar-me?

— Não, não foi isso que eu disse.

— Mas é o que pensas, Amelia, eu sei. Não, não o fará. Sei que houve muitos filhos que denunciaram os pais, mas o meu não o fará. A fé do Mikail no comunismo é inabalável, mas é um bom filho. Não desconfies dele.

Amelia não quis contradizê-la. Além do mais, naquela altura, o mais importante era fechar a mala e dirigir-se para o Hotel Metropol, onde a aguardavam o Albert James e o Jean Deuille. A Anushka tinha garantido que uma viatura os levaria ao hospital para recolherem o Pierre, de onde seguiriam depois para o aeroporto.

A despedida, a tia Irina deixou escapar algumas lágrimas.

— Cuida do Pierre e entrega a minha carta à minha irmã Olga.

— Assim farei. Tenha cuidado consigo.

Se o Jean Deuville estava nervoso, o Albert James também não parecia muito bem-disposto.

— Se alguém me dissesse que iria ter de passar por tudo isto, dir-lhe-ia que estava louco — lamentou-se o Deuville.

A Anushka apareceu à hora marcada num grande automóvel, para, segundo disse, acomodar melhor o Pierre. Parecia inquieta e com pouca vontade de falar.

Já no hospital, pediu-lhes que aguardassem que ela falasse com o diretor hospitalar, para assinar a alta do Pierre.

Amelia assentiu, nervosa. Sabia que, na União Soviética, a burocracia podia revelar-se interminável.

Meia hora depois, a Anushka surgiu com o médico que assistia o Pierre.

— Acompanhem-me, por favor — pediu ele. — O camarada Comte piorou. Esta madrugada, sofreu uma insuficiência cardíaca aguda. Estamos a fazer os possíveis para salvar-lhe a vida e deixem-me desde já dizer-lhes que lhe será impossível viajar.

Seguiram-no, nervosos. A Amelia sentia o coração a bater descompassadamente, enquanto o Jean Deuville e o Albert James trocavam olhares, surpreendidos.

O médico abriu a porta do quarto do Pierre, onde viram duas enfermeiras e dois médicos em redor da cama.

— Lamento, camaradas, mas o paciente acaba de sofrer uma paragem cardíaca — disse um dos médicos. — Infelizmente, nada pudemos fazer. Faleceu.

Amelia aproximou-se da cama e afastou-os. O rosto do Pierre estava crispado, como se os seus últimos momentos de vida tivessem sido de grande sofrimento. Ela começou a chorar, inicialmente sem emitir qualquer ruído, para deixar depois escapar um grito agudo. Abraçou o corpo inerte do Pierre. O corpo de um velho. O corpo de um homem torturado.

O Albert James aproximou-se da cama e tentou fazer com que a Amelia se separasse do Pierre, mas ela não deixava, precisava de sentir aquele corpo colado ao seu e de lhe murmurar que nunca mais tornaria a amar ninguém como o havia amado a ele.

Com o auxílio do Jean Deuville, o Albert James conseguiu afastar a Amelia. Estavam ambos impressionados com todo aquele cenário.

— Lamento — confessou o médico.

— Lamenta? Penso que os senhores o...

O Albert James não permitiu que a Amelia concluísse a frase. Sabia que iria dizer o mesmo de que ele suspeitava: que tinham matado o Pierre.

— Por favor, Amelia! Devíamos ir embora. Já nada podemos fazer pelo Pierre — disse, pesaroso.

— Quero que o autopsiem! Quero levar o cadáver dele para Paris e que aí seja autopsiado, para se determinar o motivo da sua morte — gritava ela.

— Amelia, não estás bem, talvez devesse permanecer aqui mais algum tempo para recuperares da perda do Pierre — afirmou friamente a Anushka.

Aquelas palavras soaram ameaçadoras.

— A reação dela é compreensível, tente colocar-se no seu lugar — afirmou o Albert James com um tom de voz neutro.

— Vamos, Amelia, aqui já nada mais podemos fazer — disse-lhe o Jean Deuille, colocando-lhe um braço por cima dos ombros.

— Tenham em conta que ele foi vítima de um terrível acidente — disse o médico.

— Sim, temos isso em conta. É por isso que não deixa de ser milagroso que tenha sobrevivido até hoje — replicou o Albert James com ironia.

Amelia recusou-se a despedir-se da Anushka, que se comprometeu com o Jean Deuille e o Albert James a tratar do funeral.

— Não se esqueça de que o Pierre tem família aqui — insistia a Anushka —, pelo que terá o funeral que merece.

Por um instante, a Amelia hesitou se deveria ficar para o funeral, mas o Albert James insistiu em que deveria partir com eles.

— Acompanhe-nos, já não existe qualquer motivo para continuar aqui. Ele não teria querido que ficasse.

Ela rejeitou ainda a mão que lhe estendia o médico que tinha cuidado do Pierre. Abraçada ao Jean Deuille, não parava de repetir a palavra "assassinos» em espanhol, língua que julgava que nenhum dos presentes conhecia.

Saíram do hospital diretamente para o aeroporto. Estava-se a 2 de outubro de 1938...»

A professora Kruvkoski silenciou-se, olhando fixamente para mim.

— E isto é tudo o que posso contar-lhe.

— Pois deixe-me dizer-lhe que me deixou de rastos.

— O que quer dizer com isso?

— Que estou impressionado. Os crimes do estalinismo são de pôr os pelos em pé. Deve ter sido uma época terrível.

— E foi. O sistema funcionava através do terror, tendo sido assim que conseguiram controlar o país. Sim, foi terrível. Foram milhões os inocentes que morreram, que o Stalin mandou assassinar.

— Mas, diga-me, como pode possuir um conhecimento tão preciso acerca daquilo que aconteceu? Digo isto porque não deve ser fácil investigar o que se

passava na Lubianka.

— Alguns documentos e arquivos foram abertos para os investigadores.

— Não deixa de ser incrível que os russos não se tenham rebelado contra o Stalin e, sobretudo, que existam ainda hoje pessoas que o idolatrem.

— Pergunte aos seus pais porque não se rebelaram contra o Franco — retorquiu a professora num tom mal-humorado.

O silêncio tornou a instalar-se. Depois, a professora Kravkoski suspirou, parecendo relaxar.

— É difícil conseguir explicar o que aconteceu. No que respeita a idolatrar o Stalin... Não, desengane-se, o povo russo não sente saudades nenhuma dele, apenas não suporta a ideia de ter deixado de ser uma potência, de ter perdido o respeito da comunidade internacional. A União Soviética foi uma grande potência, temida por todos, e isso constituía um motivo de orgulho para os russos. A queda do Muro de Berlim deixou-nos desnorteados. Éramos pobres, tínhamos deixado de ser uma potência, tudo ao nosso redor se desmoronava... O Ocidente julgava-nos derrotados e os russos sentiam-se humilhados.

— Certamente concordará que a democracia é preferível à ditadura.

— Naturalmente, jovem, a esse respeito não há qualquer dúvida, mas nós, os russos, somos orgulhosos e não suportamos ser menosprezados. O Ocidente agiu erradamente para com a Rússia.

— Vocês fazem parte da Europa.

— É esse o erro. Parte do nosso território integra-se na Europa, mas não todo. A Rússia estende-se à escala de um continente, apresentando as suas próprias particularidades. É por isso que vocês não compreendem que o Putin seja tão bem visto aqui, o que se deve ao fato de ter devolvido aos russos o orgulho. Mas não irei dar-lhe agora nenhuma lição de geopolítica nem alongar-me sobre o caráter dos russos.

— Fico-lhe agradecido por aquilo que me contou acerca da minha bisavó.

— Foi uma mulher notável e muito corajosa.

— Sim, suponho que sim.

Não tinha motivos para permanecer em Moscou, ainda que lamentasse não poder prolongar a estadia por mais alguns dias. Além disso, teria adorado ir a Sampetersburgo, mas, tendo em conta que agora era financiado pelas idosas Garayoa, não me sentia capaz de abusar da confiança que em mim haviam depositado. Não obstante, aproveitei o resto do dia para passear por Moscou. Na manhã seguinte, bem cedo, regressaria a Espanha. Estava expectante, pois não conseguia sequer imaginar o que poderia ter acontecido à minha bisavó quando regressou a Paris. E perguntava-me também quem Dona Laura encarregaria agora de guiar os meus próximos passos.

ALBERT

1

A minha mãe deu-me uma reprimenda descomunal e não se compadeceu quando lhe disse que, em menos de quinze dias, tinha estado em Roma, Buenos Aires e Moscou.

— Deixa-te de histórias do passado e trabalha a sério!

— Mas, mãe, não tenho feito outra coisa senão trabalhar.

Contudo, para a minha mãe, qualquer emprego que não pressupusesse um horário de entrada e de saída não era considerado trabalho. Além disso, pressionou-me a abandonar a investigação sobre a minha bisavó.

— A tua tia Marta sempre pecou por tentar dar nas vistas. Arranjou-te esse problema e, agora, lava daí as suas mãos, o que não deixa de me alegrar, mas não me agrada que prossigas com essa investigação.

Contou-me que, por minha culpa, discutira com a irmã e que já não falavam há uma semana. Depois, tornou a insistir para que ganhasse juízo e procurasse um bom emprego.

— Guillermo, filho, não percebo como é que outros com menos capacidades conseguem subir na vida, até aparecem na televisão. Repara no Luis, que estudou contigo e que, embora tenha sido sempre Um pouco molengão, agora apresenta um noticiário na rádio. Quanto a Esther... bem... essa rapariga poucos méritos terá, mas não é por isso que deixa de ser uma "estrela» televisiva. E quanto ao Roberto... de todos os teus amigos, era o mais pateta, mas acabou por ser nomeado diretor-geral.

— Lamento informar-te, mãe, mas possuo um grande defeito: não me calo, e os patrões não gostam disso.

— E porque é que os teus amigos socialistas não te ajudam? Na campanha eleitoral, disseram que pretendiam que os jornalistas fossem independentes.

— E acreditaste nisso? Então, mãe, não sejas ingênua! Os políticos detestam os independentes, qualquer pessoa que não sirva os seus interesses acaba

marginalizado. Nesse aspeto, não há diferença entre os da direita e os da esquerda e, como falo de todos, bem vê o resultado.

As discussões com a minha mãe parecem-me sempre inúteis. Ela acredita piamente naquilo que os políticos dizem na televisão e não consegue perceber que façam o contrário daquilo que apregoam.

Indubitavelmente, a melhor característica da minha mãe é a sua confiança no ser humano.

Telefonei a Dona Laura para a informar de que regressara a Madrid. Disse-me que me ligaria mais tarde para me indicar os próximos passos, pelo que aproveitei o tempo livre para me encontrar com Ruth, a minha namorada, ir à redação do jornal, beber uns copos com os amigos e tornar a discutir com a santa da minha mãe. Dona Laura telefonou-me apenas passada uma semana.

— Terá de telefonar ao professor Soler. Ele irá orientá-lo.

Quando o ouvi no extremo da linha, senti-me como se estivesse perante a voz de um velho conhecido.

— A Dona Laura pediu-me que continuasse a guiar a sua investigação. Não será fácil, mas, entre aquilo que sei e algumas coisas que você possa contar-me, poderei continuar a orientá-lo, ainda que não seja necessário dar-me grandes pormenores. Agora, deverá deslocar-se a Paris. Irá falar com um velho amigo meu, Victor Dupont. Conheceu a Amelia quando era adolescente, pouco mais velho do que eu.

— E quem é ele?

— É filho de um ativista, de um comunista. Os nossos pais foram amigos e vivemos algum tempo na casa deles, em Paris, quando a guerra civil terminou.

— O senhor viveu em Paris?

— Sim, com o meu pai.

— E a sua mãe?

— Ignoro o que lhe aconteceu, talvez tenha sido fuzilada pelos franquistas. Não quis ir connosco para França e estava disposta a continuar a combater mesmo depois de o Franco ter vencido a guerra. O meu pai fugiu para França comigo.

— E o que poderá o senhor Dupont saber acerca da Amelia Garayoa?

— Mais do que aquilo que calcula. Para além de a ter conhecido, conheceu também o Jean Deuille e o Albert James.

— E o senhor acha que ele se recorda do que aconteceu naquela época?

— Certamente. Além do mais, o Victor é documentalista. Já o seu pai tinha sido jornalista e, quando este faleceu, ele guardou todos os seus arquivos. Mas não pretendo antecipar-me. Vá a Paris, onde o Victor Dupont o receberá imediatamente.

Chovia em Paris, o que não me surpreendeu, porque raras tinham sido as ocasiões em que me deslocara à capital francesa sem me cair em cima uma forte chuvada. Mas cheirava a primavera, o que me animou.

Reservara quarto num hotel da margem esquerda, perto da residência de Victor Dupont.

Surpreendi-me ao conhecê-lo. Era um homem já bastante idoso, mas aparentava possuir ainda muita energia.

Documentalista e arquivista de profissão, o senhor Dupont pareceu-me um erudito nada distraído.

Pelo seu aspeto físico, deduzi que devia ter sido bem-parecido: alto, de olhos azuis, apresentava agora o cabelo branco e o porte altivo de um velho galã.

— Quer então dizer que está a investigar a história da sua bisavó. Grande sarilho que foi arranjar! — disse o senhor Dupont, enquanto colocava sobre a mesa dois copos com vinho de Bordéus, para acompanhar um prato com queijo.

— Sim. Foi precisamente isso que a minha mãe me disse, que me meti num grande sarilho.

— Meu caro, há assuntos que seria melhor não remexer, sobretudo no âmbito familiar. Mas aqui está o senhor. Ajudá-lo-ei em tudo o que me for possível, porque isso mesmo me foi pedido pelo meu bom amigo Pablo. Por onde quer que comece?

— Bem... tanto quanto sei, a Amelia Garayoa regressou a Paris no início de outubro de 1938, acompanhada pelo Jean Deuville e pelo Albert James. Regressavam de um congresso de intelectuais que teve lugar em Moscovo.

— Sim. Um congresso que pretendia glorificar a propaganda soviética, mas que se revelou bastante eficaz naquela altura.

Não me atrevi a perguntar-lhe se era comunista, dado que já o seu pai o fora, para além de ter sido amigo do pai de Pablo Soler, que também o era. Mas Dupont pareceu ler-me os pensamentos.

— Fui comunista, e nem imagina com quanto ardor. Os comunistas fizeram coisas reprováveis, mas também alcançaram feitos positivos. Entre os seus simpatizantes havia pessoas abnegadas, crentes, bondosas como os santos o são, e incansáveis na sua vontade de ajudar os outros. Abandonei a militância há anos, o que me permitiu analisar a minha própria vida com uma perspetiva e sinceridade de que não teria sido capaz se tivesse permanecido envolvido. Mas não será de mim que iremos falar. Sabia que a sua bisavó viveu em minha casa?

Fiquei boquiaberto, ainda que, bem vistas as coisas, por esta altura, já nada devesse surpreender-me. Dupont deu início ao seu relato...

"O Jean Deuville era amigo do André Dupont, o meu pai. Telefonou-lhe para lhe perguntar se não se importaria de arrendar um quarto a uma amiga sua, já

que sabia que vivíamos em casa da minha avó e de que dispúnhamos de um quarto vago. Era uma casa grande e, além disso, a minha avó tinha falecido uns meses antes.

Foi a minha mãe, Danielle, quem decidiu acolher a Amelia, visto que isso pressupunha alguns rendimentos extra. Até há alguns meses a minha mãe tinha trabalhado numa papelaria, mas, após a morte do proprietário, os filhos encerraram o negócio, pelo que era com bons olhos que víamos o ingresso de mais alguns francos pela renda do quarto.

Além do mais, a situação acabou por revelar-se benéfica para todos. Quando chegou a Paris, a Amelia esteve alguns dias instalada num hotel, mas, como não pretendia esbanjar o pouco dinheiro de que dispunha, o Jean pensou que o arrendamento de um quarto talvez se revelasse menos dispendioso.

Eu tinha na altura quinze anos, e confesso-lhe que me apaixonei pela Amelia assim que a vi. Não parecia uma mulher de carne e osso, estava demasiado magra e tinha um aspeto etéreo.

A minha mãe quis saber quanto tempo tencionava ficar, mas a Amelia disse-lhe que ainda não sabia.

— Senhora Dupont, pretendo regressar a Espanha, mas não sei se isso será possível e, se não for, terei de procurar trabalho.

— Mas é impossível ir agora para Espanha! — exclamou a minha mãe.

— O governo legítimo da República ainda controla Madrid, a Catalunha, Valência... mas não me parece que seja altura para otimismo. Em julho, o general Rojo conseguiu romper as linhas do Franco no Ebro, mas não conseguiu manter as suas posições. Não me parece que consiga chegar a Espanha — interveio o meu pai.

Amelia encolheu os ombros. Parecia resignada a fazer o que fosse possível, ainda que sem desafiar o destino.

Embora se demonstrasse muito reservada e raramente sorrisse, tinha muita paciência comigo, ajudando também a minha mãe nas lides domésticas, ou seja, lavar, engomar, coser...

Eu ouvia as conversas entre os meus pais e outros camaradas, como o Jean Deuville.

O Jean havia contado aos meus pais o que tinha acontecido em Moscou. Para ele, o choque foi tão grande, que abalou a sua fé no comunismo. Não se atrevia a abandonar o partido, mas tinha perdido em Moscou a ingenuidade ideológica, para além do Pierre, o seu melhor amigo.

Tanto para a Amelia quanto para o Jean Deuville não se revelou tarefa fácil contar aos pais do Pierre Comte que o filho tinha falecido. Um dia depois de chegarem a Paris, o Albert James, o Jean e a Amelia compareceram em casa dos

pais do Pierre. Tanto quanto sei, as coisas ter-se-ão passado mais ou menos deste modo: A Olga, a mãe do Pierre, foi quem veio abrir a porta e, ao ver a Amelia, soltou um grito, perguntando onde estava o filho. O Jean tentou abraçar a mulher para lhe dar os pêsames e explicar o que tinha acontecido, mas a Olga empurrou-o.

— Onde está o Pierre? O que lhe fizeste? — perguntou ela à Amelia.

O Albert James teve de amparar a Amelia, de tão tremulenta que estava, temendo não conseguir suportar aquele embate. Por fim, foi o Albert James quem se encarregou de todas as explicações, dado que tanto a Amelia como o Jean se mostravam extremamente comovidos.

O pai da Amelia surgiu na saleta de entrada, alertado pelos gritos da esposa.

— Mas o que se passa? O que fazem aqui? E tu, Amelia...? Onde está o Pierre?

Amelia contou-lhes tudo. Não lhes ocultou nenhum detalhe. Nem que o Pierre tinha sido agente soviético, nem os pormenores da vida deles em Buenos Aires, nem as ordens para se deslocarem a Moscovo, os meses vividos na capital russa, o desaparecimento do Pierre, a sua detenção na Lubianka, as torturas que lhe haviam sido infligidas e a sua convicção de que o tinham assassinado. A única coisa que não lhes contou, e que também não havia contado nem ao Albert James nem ao Jean Deuille, foi que tinha ficado a saber da detenção do Pierre por intermédio do Ivan Vasiliev. Não pretendia colocar em perigo aquele homem que, pelo menos, a tinha informado da situação do Pierre.

A Olga chorava desconsoladamente enquanto ouvia a narrativa da Amelia; já o pai do Pierre parecia ir envelhecendo à medida que se apercebia dos horrores que o filho tinha enfrentado.

— A culpa é toda tua! Tua e das malditas ideias comunistas que inculcaste na cabeça do nosso filho! Não quiseste ouvir-me e agora o nosso filho está morto. Também tu o assassinaste — gritou a Olga para o marido.

— Por favor, senhora Comte, acalme-se! — rogou-lhe o Albert James.

Mas não havia forma de controlar a raiva e a dor da Olga, não havendo também palavras que pudessem consolar o pai do Pierre. O Jean Deuille também pouco ajudava, uma vez que se mostrava incapaz de conter as lágrimas.

A Olga pô-los fora de casa, maldizendo a Amelia e advertindo-a de que nunca mais queria tornar a vê-la.

O Jean Deuille e o Albert James encarregaram-se da Amelia. Pareciam sentir-se responsáveis por ela. Naquela altura, o governo francês era encabeçado pelo Édouard Daladier, e os estrangeiros, sobretudo os espanhóis, começavam a sentir problemas para fixarem legalmente residência no país. O êxodo de espanhóis fugindo à guerra tinha apanhado de surpresa as autoridades francesas,

que começaram a promulgar leis para restringir a entrada de estrangeiros.

De tal modo assim foi que tanto o Jean Deuville quanto o Albert James tiveram de recorrer a todas as suas amizades para conseguirem uma autorização de residência para a Amelia. Ninguém considerou estranho que o Albert James a contratasse como secretária. Até àquele momento, nunca havia necessitado de nenhuma, mas era um modo de a ajudar sem a ofender. Quanto ao Jean, tornou-se a sua sombra, costumava ir buscá-la a casa e obrigava-a a sair para passearem, irem ao teatro, ouvirem música. A Amelia deixava-se levar e parecia não ter vontade própria, como se nada do que acontecia em seu redor lhe interessasse verdadeiramente.

Os meus pais questionavam-se por que motivo um jornalista como o Albert James tinha decidido encarregar-se da Amelia a tal ponto. O caso do Jean Deuville era diferente, dado que tinha sido o melhor amigo do Pierre e eram camaradas no Partido Comunista, mas isso não acontecia com o Albert James, que pouco conhecia a Amelia. Mas ele ajudou-a no que lhe foi possível.

O Albert James escrevia para alguns jornais e revistas norte-americanos, bem como para alguns diários britânicos. Tendo em conta as Posições dos meus pais, era demasiado independente. Naquela época em que lhes foi dado viver, acreditavam que era necessário tomar partido. A objetividade do James irritava-os, pelo que discutiam abertamente com ele. De fato, o Albert James recusou-se a assumir o papel de "companheiro de viagem" do partido, o que o tornava um indivíduo incômodo. Contudo, era respeitado e tinha uma enorme influência, com os seus artigos a serem tidos em conta tanto pelo governo norte-americano quanto pelo britânico ou francês.

Aquilo que escreveu acerca do congresso de intelectuais realizado em Moscou revelou-se decepcionante para os anfitriões soviéticos. Afirmava que as aldeias e fábricas que haviam visitado pareciam cenários destinados a convencer os estrangeiros de que tudo na União Soviética era um mar de rosas, tendo denunciado que em nenhuma ocasião lhes permitiram viajar livremente pelo país ou realizar qualquer visita que não estivesse pré-programada. Num dos seus artigos, chegou a afirmar que, naquele país, não se respirava liberdade. Em suma: as suas críticas foram como um balde de água fria para as autoridades soviéticas, ainda que, obviamente, as opiniões do James fossem contrabalançadas com uma infinidade de elogios vindos de outros intelectuais europeus.

Amelia comparecia todas as manhãs, bem cedo, no escritório do James, encarregando-se da correspondência, de lhe organizar os arquivos e a agenda, de passar a limpo alguns dos seus escritos e de gerir a contabilidade.

Talvez a maior alegria que teve naqueles dias tenha sido a vinda a Paris da

Carla Alessandrini. A diva iria permanecer quinze dias na cidade, interpretando La Traviata na Ópera Garnier. A sua chegada revelou-se um grande acontecimento.

O Jean Deuville comprometeu-se a levar a Amelia à ópera para ouvirem a Carla Alessandrini.

Ainda recordo a noite da estreia. A Amelia exibia uma elegância que lhe era natural e, ainda que na altura não possuísse roupa adequada, parecia uma princesa, com o seu vestido preto e sem adornos.

A Carla Alessandrini esteve esplêndida. Os espectadores aplaudiram-na em pé durante cerca de vinte minutos. Por aquilo que nos contou, a Amelia chorou de emoção e, quando o espetáculo terminou, dirigiu-se ao camarim da Carla, convencida de que a deixariam ver a diva. No entanto, os responsáveis pela Ópera tinham montado um dispositivo de segurança para que ninguém que não tivesse sido expressamente convidado pela grande Carla pudesse ter acesso ao seu camarim.

— Diga-lhe que está aqui a sua amiga Amelia Garayoa — disse ela a um pouco convencido segurança que lhe impedia o acesso.

Para sua surpresa, o recado foi-lhe efetivamente transmitido e, alguns minutos depois, veio ter com ela o Vittorio Leonardi, o marido da diva.

Deu um apertado abraço à Amelia, repreendendo-a pela sua excessiva magreza, e apertou a mão ao Jean como se fossem velhos amigos, posto o que os conduziu ao camarim.

As duas mulheres uniram-se num abraço interminável. Pude aperceber-me de que a Carla gostava verdadeiramente da Amelia, considerando-a como uma filha.

— Mas porque não me avisaste que estavas em Paris?! Não calculas como fiquei preocupada. A Gloria e o Martin Hertz disseram-me que tu e o Pierre tinham partido numa viagem de alguns meses, mas que não só não tinham regressado, como também nada sabiam de vocês. Deixa-me olhar para ti... estás demasiado magra, minha filha, e... não sei... pareces-me diferente. Onde está o Pierre?

— Está morto.

— Morto? Não sabia que estava doente... — disse a Carla.

— E não estava. Mataram-no.

A Carla e o seu marido Vittorio ficaram perturbados com aquela declaração da Amelia. A diva abraçou-a como uma mãe abraçaria a filha para a proteger.

— Tens de me contar tudo!

Amelia apresentou-lhe o Jean Deuville, que tinha permanecido em silêncio assistindo a tudo. Sentia-se impressionado com a amizade entre as duas

mulheres. Bem vistas as coisas, a Carla Alessandrini era uma personagem mundialmente afamada, uma das mulheres mais desejadas da sua época.

Durante a estadia da Carla em Paris, não houve um dia em que ela não se tivesse encontrado com a Amelia. Os meus pais e eu fomos pela primeira vez à ópera convidados pela Alessandrini e, para nós, tudo aquilo representava um acontecimento extraordinário, entre aquelas pessoas abastadas e burguesas que pareciam viver de costas voltadas para a realidade e que riam e bebiam champanhe como se nada do que acontecesse na vida real as afetasse.

Amelia ia ter com a Carla ao hotel em que esta se encontrava hospedada, ou era convidada para os seus almoços e jantares, rodeada de pessoas distintas; houve mesmo um dia em que a Carla veio a nossa casa visitar a Amelia. Escondi-me atrás da porta da sala, a espiá-las, não porque me interessasse pelo que falavam, mas porque sentia um verdadeiro fascínio pela Carla, que havia substituído a Amelia nos meus sonhos de adolescente.

— Querida, tens de decidir o que irás fazer. Gostaria que refletisses na possibilidade de vires connosco. Não me parece que te aguarde um grande futuro em França, basta reparar na situação dos estrangeiros. Falei com o Vittorio e também ele concorda que o mais adequado seria vires connosco.

— Pretendo regressar a Espanha. Sei que agora isso não é possível devido à guerra, mas um dia haverá de terminar. Preciso de saber como está a minha família, quero estar com o meu filho.

— Compreendo, mas pensas que o teu marido te permitiria isso?

— Não sei, mas preciso de lhe pedir perdão e irei suplicar-lhe que me deixe ver o Javier. Não me poderá negar isso, é o meu próprio filho.

A Carla silenciou-se. Parecia-lhe difícil que o marido espanhol pudesse perdoar a esposa depois de esta ter fugido com o amante. Mas não quis frustrar as esperanças da Amelia, que sabia estar particularmente fragilizada após o pesadelo vivido em Moscou.

— Percebo que pretendas regressar a Espanha. Mas, como tu própria dizes, isso agora não será possível, de maneira que poderia» permanecer connosco e, quando chegasse o momento adequado, ajudaríamos a regressar a Madri.

— Vittorio e tu são muito generosos comigo, mas aqui tenho um trabalho que me permite o sustento, e não sei o que poderia fazer se partisse convosco.

— Nada. Não tens de fazer nada, à exceção de estares connosco. Não precisas de trabalhar, apenas de nos acompanhar.

Mas a Amelia era orgulhosa e por nada do mundo aceitaria depender de alguém e não ganhar o seu sustento. Procurou a melhor forma de o dizer sem ofender a Carla.

— Não me sentiria bem vendo-vos a trabalhar e estando eu sem fazer nada.

— Sendo assim, poderias ser secretária do Vittorio.

— Mas ele não precisa de outra secretária!

Continuaram a falar durante uns bons momentos, e a Carla fê-la prometer que a avisaria se passasse por dificuldades.

Para além de ter desanimado a Amelia, a partida de Paris da Carla Alessandrini deixou também um grande vazio em todos nós.

Certo dia, a Amelia regressou a casa a chorar. A minha mãe tentou consolá-la.

— Eu... eu... tinha uma tia-avó que vivia em Paris, a tia Lily. Hoje, atrevi-me a ir a casa dela, na esperança de que me recebesse e me desse notícias da minha família, mas o porteiro informou-me que ela faleceu há alguns meses.

Ansiava por ter notícias da família, confessando à minha mãe que rezava para que a perdoassem.

Sentia a falta dos pais, do filho, dos primos, inclusivamente do marido.

— Portei-me extremamente mal com ele! O Santiago não merecia aquilo que lhe fiz — lamentou-se.

A 7 de novembro, o secretário da embaixada da Alemanha em Paris, Ernst von Rath, foi vítima de um atentado. Dois dias depois, ocorreria na Alemanha aquela que ficaria tristemente conhecida como a Noite de Cristal. Mais de trinta mil judeus foram detidos, 191 Sinagogas foram destruídas, mais de 7500 estabelecimentos comerciais foram saqueados... O Albert James costumava dizer que o pior estava ainda para vir, e não podia estar mais certo. Os governos europeus não quiseram perceber que estavam a lidar com um monstro e deixaram-no agir...

Parecia que, naqueles derradeiros dias de 1938, tudo se desmoronava. Em dezembro, o Franco iniciou uma grande ofensiva militar contra a Catalunha, que praticamente poria fim à guerra e determinaria o triunfo dos fascistas.

Pouco antes do Natal, o Albert James partiu para a Irlanda. Embora fosse de naturalidade norte-americana, os pais eram irlandeses e visitavam com frequência o seu país, onde tinham muitos familiares. Os pais do James haviam-se deslocado a Dublin e ele não hesitou em passar com eles as festividades natalícias. Não sei se o meu querido amigo Pablo Soler lhe explicou, mas o Albert James provinha de uma família abastada e, entre os seus antepassados, destacavam-se alguns ilustres militares. O avô do James tinha até servido na corte da rainha Vitória. Naquela altura, outros familiares seus também ocupavam cargos de relevo no governo britânico; julgo que um primo dele, irmão da mãe, ocupava um alto cargo no Ministério dos Negócios Estrangeiros, para além de um tio paterno integrar o Almirantado.

A viagem do Albert James acentuou ainda mais a nostalgia da Amelia e por

isso, no dia de Natal, os meus pais, Danielle e André Dupont, convidaram o Jean Deuville para almoçar connosco, numa tentativa de animarem a jovem.

Falaram, como é óbvio, de Espanha. O Negrín continuava a acreditar que ainda era possível resistir. Mas isso não correspondia à verdade, não era mais do que uma declaração de puro voluntarismo. Além disso, a Inglaterra e a França pareciam estar apenas interessadas em apaziguar Hitler; Hitler e Mussolini que representavam os principais apoios de Franco no exterior.

A 26 de janeiro de 1939, Barcelona foi tomada pelas tropas de Franco, mas havia já vários dias que se tinha iniciado um êxodo maciço rumo a França. O governo francês tentou evitar que centenas de milhares de refugiados espanhóis atravessassem a fronteira, mas foi ultrapassado pelos acontecimentos e viu-se obrigado a abri-las.

Na imprensa da direita mais reacionária, podiam ler-se artigos verdadeiramente xenófobos contra os exilados espanhóis.

Vou dar-lhe alguns para ler, para que possa ter uma ideia do ambiente que se vivia em França naquela altura.

O Albert James decidiu deslocar-se à fronteira para fazer uma reportagem acerca da chegada dos exilados, tendo pedido à Amelia que o acompanhasse na qualidade de sua ajudante.

— Quatro olhos veem melhor do que dois e, além do mais, ajudar-me-ás com a língua. Não falo bem espanhol e sinto dificuldades em compreendê-lo se falarem comigo demasiado depressa.

Amelia aceitou sem vacilar. Era uma oportunidade para se aproximar de Espanha, e suponho mesmo que, secretamente, esperava encontrar algum membro da sua família.

Chegaram a 28 de janeiro, tendo-se confrontado com um panorama desolador. Mulheres, crianças, idosos, doentes, pessoas de todas as categorias sociais que fugiam dos franquistas. Pessoas desesperadas, que se aventuravam no abismo do exílio desconhecendo se algum dia poderiam regressar.

As autoridades francesas viram-se ultrapassadas pelos acontecimentos e improvisaram campos de refugiados na região administrativa dos Pirenéus Orientais. O primeiro foi estabelecido em Rieucros, perto de Mende, na região de Lozère; posteriormente, seriam constituídos mais, nas praias de Argèles e de Saint-Cyprien, em Arlessur-Tech...

O Albert James escreveu sobre o assunto alguns dos artigos mais inspirados de toda a sua carreira jornalística; guardei uns quantos dos que publicou na imprensa inglesa.

Durante aqueles dias, a Amelia agiu como sua intérprete, tendo entrevistado dezenas de refugiados, que lhes transmitiram os sofrimentos por que passavam e

lhes diziam que a guerra estava irremediavelmente perdida.

Na noite de 5 de fevereiro, precisamente um dia depois de as tropas franquistas terem tomado Girona, o governo francês viu-se novamente compelido a aceitar novas remessas de emigrantes, desta vez militares, que obrigaram previamente a entregar as armas.

Foi um milagre que, no meio daquele caos, a Amelia tenha conseguido encontrar o Josep Soler e o seu filho Pablo. Ao que parece, o Albert James e ela estavam a falar com alguns refugiados quando ela sentiu que alguém lhe tocava no ombro. Voltou-se e deu de caras com o Josep, que segurava o Pablo pela mão. Para a Amelia, vê-los representou uma grande comoção.

— Meu Deus, estão vivos! Fico extremamente feliz por vos saber bem! E a Lola?

— Não quis vir, já sabes como ela é. Não houve forma de a convencer — explicou o Josep.

— A minha mãe diz que, a ela, os fascistas não conseguirão expulsar de Espanha — disse o Pablo.

Amelia afastou-se com eles do grupo de refugiados. Estava impressionada com a extrema magreza do Pablo e com o envelhecimento prematuro do Josep.

— A primeira coisa que vamos fazer é comer alguma coisa — propôs.

— Isso pode ser difícil, dado que os franceses tentam evitar que nos espalhemos — observou o Josep.

Mas a Amelia não estava disposta a deixar o Josep e o Pablo entregues à sua sorte. O dinheiro sempre operou milagres e, mesmo no meio daquele caos, havia refugiados com sortes distintas. Aqueles que levavam consigo dinheiro, joias ou objetos de valor, bem como aqueles que beneficiavam de certas amizades, tinham alguma possibilidade de conseguir sair daqueles campos. O Josep e o Pablo não possuíam nem dinheiro nem qualquer objeto de valor, mas encontraram na Amelia o melhor dos passaportes para escaparem àquele caos...»

Victor Dupont serviu a si próprio o vinho que restava na garrafa.

— Parece-me que, por hoje, basta. Talvez devêssemos telefonar ao nosso caro amigo Pablo Soler, para que fosse ele próprio a contar-lhe o que aconteceu depois. Bem vistas as coisas, presenciou aqueles acontecimentos na primeira pessoa.

— Fá-lo-ei assim que regressar a Espanha. Grande surpresa me causou ao contar-me que o professor Soler voltou a encontrar-se com a Amelia.

— Sim, claro que sim. Ele próprio lhe falará sobre isso. Parece-lhe bem que o faça amanhã?

— Amanhã?

— Sim, irá chegar cedo a Paris; portanto, se não tiver nada melhor para fazer

depois do almoço, poderemos conversar os três.

Victor Dupont soltou uma gargalhada perante a minha expressão de incredulidade. O fato de ter conseguido surpreender-me divertia-o.

— O Pablo e a Charlotte vêm ocasionalmente a Paris, e já desde há algum tempo que tinham esta visita planeada.

— Não me disse nada...

— Bem sei, mas também não havia razão para o fazer, não lhe parece?

A minha opinião era indiferente, pelo que, obediente, acatei as instruções de Victor Dupont e, no dia seguinte, às três horas da tarde, fui ter com os dois. Na verdade, com os três, pois quando cheguei a casa de Dupont também Charlotte estava presente.

— Não os perturbarei, tinha pensado ir às compras, de forma que estou de saída. Parece-lhes bem que regresse por volta das sete? — perguntou Charlotte, em jeito de despedida.

— Bem, Guillermo, o meu amigo Victor já me colocou a par daquilo que lhe contou.

— A verdade é que me sinto saltar de surpresa em surpresa, professor — repliquei com ironia.

— Essa é uma das características de qualquer investigação — respondeu, fazendo-se desentendido.

— Quer então dizer que o senhor tornou a encontrar-se com a minha bisavó...

— Disse-lhe que já tinha vivido em casa do Victor Dupont.

— Sim, é verdade.

— E como julga que consegui chegar a Paris?

— Suponho que seja isso que irá agora explicar-me.

— E supõe bem — declarou o professor Soler.

"A Amelia instalou-nos num quarto do hotel onde estava hospedada, julgando ter convencido o autarca local de que éramos seus familiares e que, assim sendo, nos tomaria a seu cuidado. Na verdade, foi o Albert James quem conseguiu vencer as resistências das autoridades francesas. Era um jornalista muito influente e ninguém desejava ser alvo de críticas num dos seus artigos na imprensa britânica ou norte-americana. Mesmo assim, não tínhamos a certeza de conseguirmos livrar-nos de ser enviados para um campo de refugiados.

— Quero que me contes o que está a acontecer, se a guerra está efetivamente perdida — pediu a Amelia ao Josep.

— Julgas que estaria aqui se assim não fosse? É inútil continuarmos a lutar. Temos de dar-nos por vencidos.

— Mas porquê?

— Eles beneficiaram de mais apoios.

— Mas nós contávamos com as Brigadas Internacionais e com o apoio de Moscou — insistiu a Amelia.

— Não te iludas, porque estivemos sempre sós. A Europa voltou-nos as costas. A Grã-Bretanha e a França observaram à distância aquilo que ia acontecendo, mas nunca quiseram comprometer-se. Sim, é verdade que vieram pessoas do mundo inteiro para combaterem pela República, e fizeram-no com coragem e sacrifícios, mas isso não foi suficiente. O Franco beneficiou do auxílio da Alemanha e da Itália, mas também, e sobretudo, da passividade da Europa. Não conseguirias sequer imaginar o que aconteceu na batalha do Ebro, foi aí que nos começaram a vencer. Foram milhares os que morreram, tanto nas nossas fileiras como nas deles, mas por fim acabaram vitoriosos.

— É um bom estratega — salientou o Albert James.

— Quem? O Franco? — A Amelia pareceu surpreendida com aquela afirmação do James.

— Deixa-me dizer-te, Amelia, que é impossível derrotar um inimigo se não conhecermos as suas virtudes.

— Virtudes? Como podes dizer que o Franco possui virtudes? Traiu a República e destróçou a Espanha — replicou a Amelia, irritada.

— Se nos ativermos ao resultado da guerra, revelou-se um estratega militar. Admitir isso não invalida que, efetivamente, seja fascista e uma desgraça para a Espanha. Ficas mais tranquila se eu admitir tudo isto?

— Não se trata de o reconheceres como se me fizesses um favor, mas sim da realidade.

— Vou explicar-te uma faceta da realidade que calculo que não vás apreciar. Tudo aquilo que o Josep disse é verdade, mas existiram também outros problemas, e foram muitas as energias que as diversas facções do lado republicano desperdiçaram a lutarem entre si — concluiu o Albert James.

O Josep baixou a cabeça. Parecia não querer ouvir aquilo que o jornalista dizia.

— O que pretendes dizer com isso? — perguntou a Amelia com azedume.

— Pretendo dizer que, enquanto o exército fascista possuía um único inimigo declarado do lado republicano, não foi isso que aconteceu. Estarei enganado, Josep, se disser que os comunistas desperdiçaram muitas energias a perseguir os simpatizantes do POUM e que as lutas entre socialistas, anarquistas e comunistas foram contínuas? Quem matou o Andreu Nin?

— Sim, é verdade que existiram problemas — admitiu o Josep.

— Ora, enquanto o Franco lutava por um único objetivo, que era liquidar a República para instaurar um regime fascista, os movimentos de esquerda

combatiam contra ele mas também entre si. As guerras civis revelam a pior faceta das pessoas, Amelia.

— Não conheces bem o meu país. O Franco é um traidor, tal como todos os que se rebelaram.

— Sim, é verdade que o Franco é um traidor, mas isso não retira razão àquilo que acabei de dizer — replicou o James.

— Não perdemos a guerra apenas devido aos diferendos no seio da esquerda — afirmou o Josep.

— E óbvio que não. Afirmar isso seria estar a mentir, para além de revelar ingenuidade. Apenas referi que vocês, que lutaram pela República, desperdiçaram forças que vos eram essenciais, dado que se defrontavam contra um inimigo que apenas vos combatia a vocês, além do mais, beneficiava do apoio da Alemanha e da Itália — contrapôs o Albert James.

— O que está a acontecer em Madrid? — perguntou a Amelia angustiada.

— Madrid resiste; além disso, parte da Mancha e Valência permanecem em poder dos republicanos, mas não sei por quanto tempo, não me parece que consigam resistir por muito mais tempo — informou o Josep.

— Bem sei... bem sei que dificilmente saberás alguma coisa, mas sabes alguma coisa acerca da minha família? Viram a Edurne ou a minha prima Laura?

— Não, Amelia, ignoro por completo o que lhes terá acontecido, visto que passamos grande parte da guerra em Barcelona.

— E o que pensa fazer agora? — perguntou o Albert James ao Josep.

— Não sei. Para já, sobreviver. O que julga que o Franco vai fazer aos comunistas?

Nem o Albert James nem a Amelia responderam. Mas o Josep não precisava de uma resposta, pois, melhor do que ninguém, conhecia o destino que estaria reservado aos seus camaradas.

— Talvez venha a alistar-me na Legião Estrangeira, disseram-me que é a única forma de conseguir escapar a esses malditos campos de refugiados — confessou o Josep.

— Mas e o Pablo? Não passa de uma criança e... — A Amelia não afastava o olhar de mim.

O Josep encolheu os ombros.

— Teria de ficar com a Lola, que não deixa de ser a sua mãe. Mas temos de aceitar as coisas como elas são, alguma solução haverá de se encontrar.

Amelia convenceu o Albert James a ajudar-nos, ao Josep e a mim. Queria tentar convencer os franceses a aceitarem-nos em Paris, evitando assim os campos de refugiados. Não era tarefa fácil, porque se alguma coisa havia que os autarcas da região pretendiam impedir era precisamente que os refugiados

pudessem chegar a outros locais, sobretudo a Paris. Mas, uma vez mais, a Amelia deu mostras da sua capacidade para enfrentar situações intrincadas. Tinha feito aos soviéticos em Moscou, conseguindo a libertação do Pierre e agora estava decidida a resgatar os seus amigos.

O hotel onde estavam hospedados pertencia a um casal com dois filhos, o mais velho dos quais trabalhava a transportar frutas e verduras com uma pequena camioneta. A Amelia pediu-lhe que nos escondesse entre as caixas de hortaliça e que nos levasse até Paris. Ela iria connosco, não fosse ocorrer qualquer problema. Obviamente, contemplou-o com uma considerável soma de dinheiro, todo o que tinha vindo a poupar. O jovem hesitou, mas acabou por aceitar.

O Albert James não encontrou forma de a convencer de que isso seria uma loucura e que, se fôssemos detidos, ainda que ela possuísse os documentos em dia, não deixava de ser estrangeira, e para mais espanhola, a pior das nacionalidades que se poderia ter naquela altura em França, podendo mesmo vir a acabar num campo para refugiados.

Mas o plano teve êxito e chegamos a Paris sem contratempos. A Amelia não hesitou em levar-nos a casa dos Dupont.

A Danielle ficou sem saber o que fazer quando, ao abrir a porta, deu de caras com a Amelia dando a mão a uma criança, flanqueada pelo Albert James e por um desconhecido. Convidou aquele estranho grupo a entrar, observando cada um com uma certa apreensão.

A família estava a jantar naquele momento, e tanto o André Dupont quanto o Victor ficaram mais surpreendidos do que se possa imaginar.

— Permitam-me que vos explique — disse a Amelia, decidida a salvar a situação. — O Josep é um velho amigo, um camarada, e este é o seu filho Pablo. Conseguiram fugir de Espanha. O Franco tem a guerra ganha e eu... pretendo ajudá-los.

O Albert James contou ao André Dupont os pormenores da viagem desde o Sul de França até Paris, tendo pedido à família que nos acolhesse até que conseguíssemos encontrar um lugar onde viver. Ele próprio se comprometeu a tentar arranjar a documentação necessária Para que pudéssemos viver na capital.

O André Dupont permaneceu em silêncio. Não sabia o que dizer ou como escapar ao compromisso com que a Amelia e o James o tinham confrontado e à sua família. Finalmente, tomou uma decisão.

— De acordo, poderão ficar aqui por uns tempos, mas não me Parece uma boa solução.

Amelia suspirou de alívio e o Albert James, discretamente, dirigiu um gesto à Danielle e entregou-lhe um envelope.

— É para contribuir para o sustento dos amigos da Amelia — sussurrou-lhe

ao ouvido.

— Não é necessário — retorquiu ela, algo embaraçada.

— Claro que é, não poderão assumir um encargo desses — disse ele, dando por concluída a questão.

O Josep teve de dormir no sofá e o Victor viu-se obrigado a ceder parte do seu quarto àquele espanhol, adolescente como ele, que acabava de irromper subitamente na sua casa.

Com o passar dos dias, o Josep continuava a insistir que a única solução seria alistar-se na Legião Estrangeira. O único problema era eu: não sabia o que fazer comigo. A 9 de fevereiro de 1939, Franco promulgou a Lei de Responsabilidades Políticas, que representou o início das purgas e perseguições que vitimariam os vencidos.

Mas para todos nós o pior foi tomarmos conhecimento de que a França e a Grã-Bretanha tinham decidido reconhecer o governo de Franco sediado em Burgos. Nessa altura, em finais de fevereiro, o Albert James informou a Amelia que teriam de viajar para o México. Desde há muito que pretendia uma entrevista com o Léon Trotski e, por fim, o político russo havia aceitado. Residia então no México, a derradeira etapa de um longo exílio que começou no Cazaquistão, passando pela Turquia, França e Noruega, e acabou lá.

Eu costumava acompanhar a Amelia ao escritório do James, e ali ficava muito sossegado a ler num canto, para não incomodar. O meu pai saía cedo à procura de trabalho para conseguir algum dinheiro para o nosso sustento e, graças à ajuda de alguns camaradas franceses, lá conseguia de vez em quando um biscate. Certo dia, testemunhei uma discussão entre a Amelia e o Albert James.

O James estava fechado no seu escritório, a escrever, quando recebeu um telefonema a informá-lo da data em que Trotski o receberia para a entrevista. Seria daí a dez dias, pelo que tinha de decidir de imediato se estava disposto a viajar para o México. Obviamente, não hesitou.

— Amelia, partimos para o México — disse ao sair do escritório.

— Para o México? E por que motivo tens de ir lá? — perguntou a Amelia.

— Já confirmei a minha presença e a tua. Acabei de receber um telefonema e o Trotski está disposto a falar comigo. Não calculas as diligências a que tive de recorrer para conseguir esta entrevista. Daqui a dez dias, teremos de estar lá.

— Mas eu não posso partir, para além de... na verdade, não me parece que possa ser-te útil lá.

— Estás enganada. É precisamente no México que mais precisarei de ti. Serás a minha intérprete, tal como quando estivemos na fronteira com Espanha.

— Mas o Trotski fala francês.

— Sim, mas eu não falo castelhano e no México fala-se castelhano. Para além de ir entrevistar o Trotski, espero igualmente conseguir falar com as pessoas que lhe deram guarida e também com os seus inimigos do Partido Comunista.

Continuaram a discutir durante um tempo considerável. A Amelia não queria abandonar-nos, a mim e ao Josep, mas o Albert James mostrou-se inflexível e recordou-lhe que aquela viagem fazia parte do trabalho.

Amelia informou a Danielle que teria de partir e que não regressaria antes de, pelo menos, um mês. Sabia que estava a comprometer os Dupont ao entregar-nos ao seu cuidado, mas não tinha outro remédio, dado que não podia perder aquele emprego. O André Dupont não ficou nada agradado com a notícia, mas por fim aceitou a proposta da Amelia. Assim que regressasse, dizia ela, procuraria uma solução; por outras palavras, tomar-me-ia ao seu cuidado, com todas as obrigações consequentes uma vez que o Josep iria solicitar o alistamento na Legião Estrangeira.»

De súbito, o professor Soler deu por concluída a conversa, e tenho de reconhecer que isso me incomodou.

— Caro Guillermo, terá agora de ir ao México, porque ignoro o que tenha acontecido lá — concluiu, para minha surpresa.

— Mas, professor, o que é que isso vai adiantar? Fale-me daquilo que aconteceu depois de a Amelia e o James terem regressado do México. Em suma: devem ter ido lá, feito a entrevista e regressado.

— Ah, não! Isso é que não pode ser! As senhoras Garayoa contrataram-no para que seja o senhor a investigar, pois pretendem conhecer o mais pormenorizadamente possível tudo o que diga respeito à vida da Amelia. E posso garantir-lhe que a investigação histórica não é um trabalho fácil, podendo por vezes ser ingrato.

— Mas...

— Não há "mas», Guillermo, tem de preencher todas as lacunas. Ignoramos aquilo que terá realmente acontecido no México, mas terá de concordar que entrevistar o Trotski deve ter tido a sua importância.

— De acordo, irei, mas porque não me conta aquilo que aconteceu depois de a Amelia regressar? Depois, quando chegar a altura de escrever, encarregar-me-ei então de ordenar os acontecimentos.

— Não, nada disso, siga o meu conselho e avance passo a passo. A Dona Laura pediu-me para o orientar e é precisamente isso que estou a fazer. Na minha opinião, deve ir ao México.

Resignei-me a seguir o seu conselho, ainda que tal viagem me parecesse uma perda de tempo. Na verdade, não me ocorria nenhuma ideia para seguir o rasto

de Amelia na capital asteca. Contudo, a sorte estava do meu lado, porque recebi um telefonema de Pepe, o chefe de redação do jornal, a informar-me de que iria enviar-me alguns livros para casa, para eu os ler e enviar-lhe as críticas tão rapidamente quanto possível.

— Diz-me uma coisa: não chegaste a ser trotskista? — perguntei-lhe.

— Sim, mas isso vem a que propósito? — retorquiu, intrigado.

— O Trotski viveu no México, não é assim?

— Sim, e foi aí que foi assassinado.

— Pensas que ainda há trotskistas no México?

— Mas que disparate vem a ser este!? E por que motivo quer saber se ainda existem trotskistas no México?

— Preciso que me coloques em contato com um trotskista mexicano.

— Enlouqueceste! Há vinte anos que me deixei de tudo isso.

— Pois sim, mas certamente conhecerás alguém que possa ajudar-me.

Procuro um trotskista no México, não um marciano na Gran Via.

— E podes informar-me para que precisas tu de tal contato? Ignoro aquilo que andas a fazer, mas deixaste-me intrigado...

— Estou a pedir-te ajuda, não me parece que seja assim tão difícil para ti.

Discutimos durante uns bons momentos, mas, por fim, consegui convencê-lo a ajudar-me. Enquanto organizava a viagem para a Cidade do México, aguardei impaciente pelo telefonema de Pepe, que finalmente aconteceu.

— Passei a tarde toda a tentar localizar alguém que pudesse conhecer um camarada no México. Por fim, entrei em contato com um amigo que trabalhou durante algum tempo na secretaria de relações internacionais da Liga e que me forneceu o número de telefone de um jornalista mexicano que deve ser mais velho do que o Matusalém. Telefona-lhe, mas não me envolvas nos teus esquemas, já que nem sequer sei porque estou a ajudar-te.

— Porque, apesar de seres um explorador, não deixas de ter um coração de manteiga.

— Guillermo, não estou com disposição para que me bajules!

— Isso é porque o nosso querido diretor te explora, embora não tanto quanto a mim. Pelo menos, paga-te melhor.

— Ouve, poupa as palavras! Quanto mais rapidamente me enviares as críticas aos livros que te enviei, melhor.

Com efeito, a sorte estava mesmo do meu lado, porque, ao telefonar para o jornalista mexicano, este mostrou-se encantado por poder ajudar-me assim que chegasse ao seu país.

Este veterano colega de profissão demonstrou-se de uma eficácia extraordinária, na medida em que, assim que lhe telefonei do hotel a informá-lo

da minha chegada, disse-me que já me tinha agendado Um encontro.

— O Dom Tomás irá recebê-lo amanhã.

— Ah, sim? Ótimo... Mas, diga-me, quem é o Dom Tomás?

— Um homem surpreendente. Já é muito idoso, mais do que eu, celebra os cem este ano.

— Cem anos?

— Sim, cem anos. Mas não se preocupe, tem uma memória prodigiosa. Conheceu o Trotski, o Diego Rivera, a Frida...

2

Tomás Jiménez revelou-se verdadeiramente surpreendente. Quase com cem anos, conservava um olhar vivo e uma memória extraordinária. Vivia em Coyoacán, com um dos filhos e a nora, que me pareceram quase tão idosos como ele. Informou-me que tinha mais de vinte netos e uma dúzia de bisnetos.

Dedicara a vida à pintura, tendo convivido com alguns amigos do grupo de Diego Rivera e Frida Kahlo, ainda que não tenha integrado o círculo de amigos íntimos do casal.

Dom Tomás residia num velho casarão solarengo, com um pátio interior que libertava aromas de jasmim e que beneficiava da sombra proporcionada por diversas árvores de fruto. Confesso que fiquei encantado com Coyoacán, um oásis de beleza no meio do caos da capital mexicana.

Dona Raquel, a nora de Dom Tomás, advertiu-me para não o cansar.

— Ainda que o meu sogro esteja bem de saúde, também já não está para grandes galopes; portanto, confio no seu bom senso — avisou-me.

— Quer então dizer que o senhor é bisneto da Amelia Garayoa.

— Uma mulher bonita, sim senhor, muito bonita — disse-me Dom Tomás assim que me viu.

— Conheceu-a pessoalmente?

— Sim, por um acaso. Ela chegou ao México em março de 1939, com um jornalista gringo. Naquela altura, eu era trotskista e procurava estar ao corrente de tudo o que sucedia em torno do meu líder.

— O senhor conviveu com o Trotski?

— Um pouco. Vivia com medo, o Stalin tinha tentado matá-lo por diversas ocasiões e desconfiava de toda a gente. Conseguir chegar até ele não era tarefa fácil, ainda que aqui tivesse muitos seguidores, eu entre eles. Aconselho-o a visitar a Casa Azul.

— A Casa Azul?

— Sim, onde o Trotski viveu com a esposa, a Natalia. A casa pertencia à Frida Kahlo, sendo agora um museu. Quando a sua bisavó e o jornalista chegaram ao México, as relações entre o Trotski, o Diego Rivera e a Frida estavam tremidas. O Diego era um gênio e possuía um caráter endiabrado. Agia impulsivamente e tão rapidamente se declarava um trotskista convicto como discutia abertamente com o Trotski. Zangaram-se porque o Diego não apoiou o Lázaro Cárdenas, ao qual, como é óbvio, o Trotski muito devia. De fato, ele não confiava muito no Diego; admirava-o como artista, mas não o encarava como um político. Quando se zangaram, o Trotski e a Natalia abandonaram a Casa Azul, mas ficaram cá em Coyoacán, numa vivenda que seria convertida naquilo que é hoje o Museu Léon Trotski.

— Como conheceu a Amelia Garayoa?

Dom Tomás levou algum tempo a responder. Retirou um cigarro do maço, acendeu-o e aspirou uma baforada, prosseguindo depois o seu relato.

"Naquele mês de março de 1939, uns amigos que possuíam uma galeria convidaram-me a participar numa exposição coletiva. Como poderá calcular, para mim, era uma circunstância muito importante. Na inauguração, estiveram presentes muitos amigos, sobretudo camaradas trotskistas, e um deles fez-se acompanhar pela Amelia Garayoa e pelo jornalista norte-americano Albert James. Esse meu amigo, o Orlando, que é também meu compadre, era igualmente jornalista. Para além de integrar a direção do partido, frequentava o círculo íntimo do Trotski e, ao que parece, terá sido o intermediário para que o James conseguisse a entrevista.

Deixe-me que lhe diga que era impossível não reparar na sua bisavó, porque era belíssima. Parecia muito frágil, quase etérea.

De imediato, despertou tanto a minha curiosidade quanto a dos meus "correligionários", e isso apesar de, neste país, não apreciarmos particularmente as mulheres magras. Mas ela parecia especial. Mais ainda, posso dizer-lhe que também não a esqueci por ter tido a ousadia de reconhecer que não existia nada de genial na minha pintura. Poderá decerto calcular que naquele dia todos se multiplicavam em felicitações e elogios pouco sinceros para comigo, mas a sua bisavó não teve o menor receio de me dizer a verdade. O meu amigo Orlando apresentou-nos, embora tenha omitido o fato de ser eu o autor daqueles quadros acerca dos quais não cessava de falar. A mim, pareceu-me que a Amelia reprimia a sua opinião, observando aquelas pinturas com indiferença.

— Não gosta dos quadros? — perguntei-lhe.

— Parece-me que o pintor domina a técnica do retrato, mas falta-lhe "alma". Não, não me parece tratar-se de um gênio.

Todos nos silenciámos, sem saber o que dizer. O Albert James olhou para a

Amelia algo perturbado, e também o bondoso do Orlando ficou tão desconcertado como eu.

— Ah, as mulheres! Agora, opinam sobre tudo. Mas fique a saber, minha jovem, que o Tomás é um dos melhores, embora a senhora pouco perceba de pintura — atacou-a o meu compadre.

— É verdade que não sou perita em pintura, mas decerto concordará que todos somos capazes de perceber se estamos ou não perante uma obra-prima e genial. Sem dúvida, estes quadros não são maus, mas também não são particularmente especiais — insistiu a Amelia, que parecia continuar a não se aperceber de que era eu o autor das telas.

Senti-me incomodado com os comentários da espanhola, pelo que me afastei deles, optando por continuar a ouvir os louvores dos meus restantes convidados. Era o meu dia, e ela acabava de mo estragar!

Tornei a vê-la três dias depois, em casa do meu compadre Orlando que tinha organizado um jantar ao qual nos disse que o Trotski compareceria. Estava desejoso por poder falar com o Trotski, mas ele acabaria por não aparecer. Já lhe referi que vivia obcecado com a segurança, tantas haviam sido as ocasiões em que o Stalin tinha tentado matá-lo, e, como bem sabe, acabaria por consegui-lo.

O Albert James estava eufórico. Tinha conseguido a entrevista com o Trotski muito antes do previsto.

— Pensava que teria de aguardar vários dias, mas foi chegar e fazê-la. É uma personagem muito interessante, pena é que continue empenhado em defender os excessos revolucionários — comentou o James.

— Excessos? Acha que é possível derrubar um regime sem derramamento de sangue? Pode dizer-me como se libertaram os norte-americanos da coroa britânica? E o que teve de fazer o tão admirado Lincoln para terminar com a escravatura? Meu caro amigo, sem derramamento de sangue, a história não progride — disse eu convicto, apoiado pelo meu compadre Orlando.

— Na Rússia, a única solução foi eliminar os czaristas e todos os elementos contrarrevolucionários. Caso contrário, teria sido impossível aos trabalhadores tomarem as rédeas do país.

— O problema não está na revolução, mas sim no fato de o camarada Stalin não querer partilhar o poder com ninguém. Foi afastando pouco a pouco os seus antigos camaradas bolcheviques — acrescentou o Orlando.

Para além do gringo, a Amelia era a única que conhecia bem a União Soviética. E sabe uma coisa? Só muito depois refleti acerca da prudência dela nas apreciações que fez. Por mais que lhe perguntássemos como era viver em Moscou, a Amelia abstinha-se de qualquer crítica, nada dizendo que pudesse fornecer-nos a mínima pista acerca do que realmente se passava. Descreveu-nos

Moscou como um guia turístico o faria, pouco mais do que isso.

Perguntei-lhe o que tinha achado do Trotski, visto que tinha estado com o Albert James durante a entrevista.

— Parece-me que está a sofrer muito. Não deve ser fácil viver no exílio pensando que se pode ser assassinado a qualquer hora. Isso leva-o a ser extremamente prudente, desconfiado; mas, como é óbvio, motivos não lhe faltam. Fiquei mais impressionada com a sua esposa, a Natalia.

— Sim? Pois eu não a distinguiria por nada em particular — observei, surpreendido por a esposa do Trotski lhe ter atraído a atenção.

— Talvez à primeira vista a Natalia pareça uma mulher que nada tem de especial, mas não é assim. Seguiu fielmente o marido para o exílio, cuida dele, mima-o, protege-o, perdoa-lhe — afirmou a Amelia.

— Ah, já lhe contaram mexericos sobre o Trotski! — exclamou o Orlando. — Mas não julgue que seja um mulherengo, ainda que, como muitos outros homens, possa ter tido um ou outro caso.

— Parece-me que viver com um homem como ele, e em tais circunstâncias, é um ato de heroísmo — concluiu a Amelia.

Terá certamente conhecimento que se alardeou que o Trotski e a Frida Kahlo tiveram um caso. Tratou-se de uma aventura sem importância para ambos, dado que a Frida apenas tinha olhos para o Diego e que, por seu lado, o Trotski precisava da Natalia. Mas as mulheres não compreendem os homens, julgando-os muito levianamente. A Frida era muito especial e o Trotski era um homem que não conseguia resistir a uma mulher assim. Não lhe parece?

Amelia e o Albert James permaneceram mais alguns dias no México. O jornalista pretendia conhecer um pouco melhor a política mexicana, tendo inclusivamente conseguido uma entrevista com o presidente Lázaro Cárdenas, para além de ter contactado com espanhóis que tinham chegado ao país havia alguns meses. Aliás, fui eu quem o colocou em contato com alguns desses exilados, entre eles o meu amigo José Maria.

O José Maria Olazaga era basco, tendo conseguido atravessar a fronteira para França pouco depois de as tropas do Franco terem derrotado as forças republicanas e tomado o controle das Astúrias, de Santander e do País Basco.

Chegou ao México acompanhado pela esposa e pelo filho, bem como por um outro jovem que agia como secretário dele. Eram nacionalistas do PNV. Ainda que não ocupassem cargos de destaque no partido, estavam inscritos como militantes.

Propus ao norte-americano Albert James que se encontrasse com o José Maria, já que ele poderia falar-lhe acerca de como estava a organizar-se o exílio dos espanhóis no México. O James aceitou de imediato, e eu acompanhei-o ao

encontro com o meu amigo, que, como o Trotski, também se tinha instalado em Coyoacán.

Hoje, Coyoacán é apenas mais um bairro do Distrito Federal, mas na altura era um pequeno povoado a dez quilômetros do centro da capital. O meu amigo tinha montado uma oficina tipográfica que funcionava bem e que se havia convertido num local onde os exilados imprimiam os seus cartazes e outros materiais de propaganda.

O José Maria aguardava-nos expectante, pois tinham-lhe dito que o norte-americano se faria acompanhar por uma espanhola. Não calcula o susto que a Amelia nos pregou quando, mal entramos em casa do meu amigo, soltou um grito tremendo. Era um grito de surpresa, de alegria. Ao lado do José Maria estava um jovem, o seu secretário, chamado Aitor. A Amelia e ele conheciam-se. Por aquilo que me contaram depois, a irmã do Aitor tinha servido em casa da Amelia.

— Meu Deus! Não pode ser! — gritou ela.

Abraçaram-se e a Amelia desfez-se em lágrimas, enquanto o Aitor reprimia as suas.

— Mas que fazes tu aqui!? Julgava-te com a tua mãe na herdade... — disse-lhe a Amelia.

— Tive de fugir. Ajudei o Dom José Maria e a sua família a atravessarem a fronteira. Recordas-te de me teres pedido para te ensinar os carreiros que permitiam atravessar para França? Conseguirmos fugir foi um milagre. Chegados a França, pensei em regressar, mas...

— Mas eu aconselhei-o a não o fazer — interveio o José Maria. — seria perigoso. As pessoas sabiam que trabalhava connosco, pelo que corria perigo. Estará certamente a par daquilo que tem vindo a acontecer: quando os falangistas chegam a uma localidade, há sempre alguém disposto a denunciar algum vizinho. Estão a matar muita gente, não julgue que as baixas se verificam apenas na frente de batalhas.

— E tu? O que fazes no México? A Edurne contou-nos... bem... sei que te mudaste para França — disse o Aitor, um pouco embaraçado.

— Sim. Calculo que te tenha contado tudo.

O Aitor baixou a cabeça e murmurou um "sim" quase inaudível. Parecia envergonhado por saber o que sabia, mas também a Amelia se sentiu perturbada.

— A minha irmã continua em casa da tua prima Laura — informou ele. — Julgo que estarão bem, ainda que não tenha notícias delas há muito tempo.

— E a tua mãe e os teus avós? — perguntou a Amelia, preocupada.

— Sei que permanecem na herdade. Foram levados para serem interrogados no posto da Guardia Civil, mas acabaram por os deixar sair em liberdade.

Conhece-os bem, sabes que nunca se envolveram em política.

— Conta-me as últimas notícias que tiveste acerca da minha família...

— Estão a passar por dificuldades. O teu marido... pois, o teu marido alistou-se no exército republicano e a última notícia que tive acerca dele foi que tinha sido ferido, mas que tinha recuperado e regressado à frente. Depois disso, ignoro o que lhe aconteceu. O teu pai e o teu tio também foram mobilizados, enquanto as mulheres permaneceram em Madrid. A minha irmã optou por ficar com a tua prima Laura, para além de... Saberás certamente que se tornou socialista ou comunista...

— Sim, sei. Sabes alguma coisa acerca do meu filho?

— As últimas novidades que a Edurne nos contou é que, de vez em quando, acompanha a tua prima Laura a vê-lo quando a ama, julgo que se chama Águeda, sai à rua com ele. O teu marido cortou relações com a tua família, mas parece que essa tal Águeda é uma boa mulher e permite que os teus pais e os teus tios vejam o Javier. Como o menino já fala e a Águeda teme que conte tudo ao pai, concordaram que, quando ela sai com ele para passearem, eles o vejam ao longe; mas não se aproximam, porque sabem que, se o teu marido tiver conhecimento, despedirá a bondosa Águeda.

Amelia dificilmente continha as lágrimas. Não era preciso ser-se muito perspicaz para perceber que se sentia humilhada. O lábio inferior tremia-lhe e tinha entrelaçado as mãos com força.

— Vais regressar a Espanha? — perguntou-lhe o Aitor.

— Regressar? Como? É impossível, talvez tenha sido mesmo listada como comunista, ainda que não tenha a certeza.

— És militante? — quis saber o José Maria.

— Na verdade, sou militante do Partido Comunista Francês, nunca cheguei a filiar-me em Espanha.

— Assim sendo, não estarás listada. Talvez te permitam regressar — informou o José Maria.

Julgo que, naquele momento, tal possibilidade ganhou asas na cabeça da Amelia.

— E tu? Ficas a viver no México?

O Aitor manteve-se calado, mas o José Maria falou por ele.

— Suponho que sejam pessoas de confiança, de maneira que podemos falar abertamente. Por enquanto, é melhor que permaneçamos aqui. Além do mais, tanto quanto sabemos, o governo francês está a agir incorretamente com os espanhóis, enquanto aqui as pessoas são diferentes. Pensamos que deveríamos auxiliar os que ainda estão lá, inclusivamente ajudar a fugir aqueles que o pretendam fazer, agora que a França fechou as fronteiras. Falamos disso ainda

ontem, porque o Aitor conhece bem aqueles caminhos e, ainda que corresse grandes riscos, talvez fosse mais útil na fronteira com Espanha. Mas ainda não tomamos qualquer decisão. Primeiro, temos de saber exatamente o que se passa e aguardar que esta maldita guerra termine de uma vez por todas.

— Os fascistas estão a vencer — garantiu a Amelia.

Todos olhamos para o Albert James, esperando que ele corroborasse o que a Amelia acabava de dizer e nos informasse acerca da situação real.

— A Amelia tem razão, a República perdeu a guerra. Será uma questão de semanas até terminar — concluiu o jornalista.

— O que julga que irá acontecer? — perguntou o José Maria.

— Não sei, mas dificilmente imaginaria o Franco a ser misericordioso com aqueles que lutaram pela República. Os sobreviventes das duas fações terão de se confrontar com um país arrasado e travar uma nova batalha, agora contra a miséria e a fome.

— E as potências europeias? — perguntou o Aitor.

— Nunca consideraram o problema de Espanha como seu. A França e o Reino Unido já reconheceram o governo de Burgos; a Alemanha e a Itália são aliadas do Franco. Não, não se iludam: a Espanha está isolada. Esteve-o durante a guerra e continuará a estar. Não representa uma prioridade para ninguém — disse o James.

— Então, talvez devêssemos alterar os nossos planos, de modo que o Aitor regresse o mais rapidamente possível. Temos amigos, os nossos companheiros estão do outro lado da raia, em França. Aí, não terá problemas e poderá ajudar a passar pessoas ou auxiliar na organização de eventuais movimentos de resistência... — refletiu o José Maria.

Ficamos bastante abatidos perante a crueza da exposição do Albert James. Não é que o José Maria e o Aitor fossem ingênuos, mas, bem vistas as coisas, não podiam deixar de alimentar uma centelha de esperança de conseguir salvar a Espanha das garras de Franco, salvando-se assim também a si próprios.

Nos dias que se seguiram, a Amelia e o Aitor passaram juntos o máximo de tempo possível. O José Maria ficou surpreso ao ouvi-los falar em basco. Nenhum de nós os percebia, e ele tão-pouco. O euskera era então falado nas herdades, não sendo uma língua que os burgueses desejassem falar, antes pelo contrário; por isso, não deixava de ser estranho que a Amelia a tivesse aprendido.

— Estou a ver que não esqueceste a língua — disse-lhe o Aitor.

— Confesso que não estava certa de me lembrar, não a falava há imenso tempo...

— A minha mãe dizia que eras dotada para as línguas.

— A minha querida Amaya! A tua mãe sempre foi muito bondosa e carinhosa comigo...»

Quando Tomás Jiménez fechou os olhos, assustei-me, pensando que poderia ter-lhe acontecido alguma coisa. Mas abriu-os logo depois.

— Não se assuste, Guillermo, não se assuste. É que, de olhos fechados, consigo recordar melhor e visualizar a Amelia e os meus amigos. O Aitor e o José Maria deram à Amelia vários números de telefone e endereços de companheiros do PNV que tinham conseguido refugiar-se em França. O Aitor disse-lhe que, se regressasse, a procuraria. Suponho que o terá feito, dado que partiu passados dois meses. O José Maria permaneceu no México e nunca mais regressaria a Espanha. Infelizmente, faleceu antes do Franco.

Dona Raquel despediu-se de mim fazendo-me prometer que tornaria a visitá-los antes de partir do México.

Não cumpri a promessa. Estava tão envolvido na vida da minha bisavó, que apenas pensava em escrever a narrativa e que alguém prosseguisse com a história. Telefonei a Victor Dupont, desconhecendo se Pablo Soler e a esposa ainda estariam na capital francesa. Confirmou-me que já tinham regressado a Barcelona. Tornava-se óbvio que o fio condutor da minha história continuava a ser o historiador, pelo que o meu próximo destino seria Espanha.

— Convido-o a almoçar comigo amanhã, para podermos falar durante o resto da tarde — propôs-me Soler quando lhe telefonei.

Compareci com pontualidade em casa do professor. Tenho de reconhecer que simpatizava com ele e que, sempre que nos encontrávamos, me surpreendia com alguma revelação. Durante o almoço, contei-lhe as minhas peripécias no México; ele esperou pela altura da sobremesa para me contar o que aconteceu quando Amelia e Albert James regressaram a Paris...

"Ficamos felizes por voltar a ter a Amelia entre nós. A Daniele Dupont dizia que se tinha acostumado à presença da "espanholita e que, sem ela, a casa parecia vazia. Também o senhor Dupont disse que teríamos de celebrar a ocasião. Julgo que, para o Josep, foi um alívio poder contar de novo com ela, a sua fada-madrinha, a sua protetora. A Amelia quis que a colocássemos ao corrente daquilo que estava a acontecer em Espanha.

— Em Madrid, o general Casado, apoiado pelo Julián Besteiro, tomou o controle da situação e dissolveu o governo do Negrín. Parece que o Casado está a negociar com o governo de Burgos com vista a pôr termo à guerra, e que é uma questão de dias até que isso aconteça — relatou o Josep com uma voz sumida.

Mas não foi uma questão de dias. No dia seguinte, 28 de março de 1939, as tropas nacionalistas entraram em Madrid. Para a Amelia e para o Josep, aquilo representou um rude golpe. Ainda que aguardassem tal notícia, não estavam

preparados para a receber.

O pior foi quando o Albert James compareceu em casa dos Dupont, a 1 de abril, com um papel na mão.

— Lamento. Acaba de me chegar este comunicado: são os últimos estertores da guerra.

— Lê — pediu a Amelia.

— "No dia de hoje, neutralizado e desarmado que está o exército vermelho, as forças nacionalistas conquistaram os seus derradeiros objetivos militares. A guerra terminou." Está assinado pelo general Francisco Franco.

Amelia desatou a chorar, e também o Josep se revelou incapaz de conter as lágrimas. A própria senhora Dupont, bem como o Victor e eu, sentimo-nos contagiados. Apenas o meu pai e o Albert James conseguiram manter o autocontrole.

— Partirei para Espanha — disse o James à Amelia. — Vou requerer as devidas autorizações para me deslocar a Madrid.

— Irei contigo — afirmou ela, enxugando as lágrimas com as costas da mão.

— Não me parece uma ideia sensata, ignoramos o que poderá acontecer — replicou o Albert James.

— Se não for contigo, irei sozinha. De qualquer modo, irei. Quero ir a minha casa e saber notícias dos meus familiares. Tenho um filho, pais, marido... — disse entre soluços.

— Verei o que posso fazer.

O Albert James saiu prometendo regressar posteriormente com mais notícias. Também o meu pai saiu, para se encontrar com alguns camaradas e recolher informações.

Naquela noite, jantamos todos em casa dos Dupont e estivemos a conversar até madrugada dentro.

O Josep disse que não lhe restava outra opção senão alistar-se na Legião Estrangeira. Não desejava regressar para um desses campos de refugiados onde se amontoavam milhares de espanhóis que fugiam à guerra. Pediu à Amelia que me levasse com ela para Espanha e que tentasse encontrar a Lola.

— Ficará melhor com a mãe.

— Mas pode dar-se o caso de ela ter sido detida, ou talvez também tenha fugido — argumentou a Amelia.

— Se assim fosse, ter-nos-ia encontrado. Conheço a Lola, sei que terá permanecido em Espanha para lutar até ao fim. Foi ela própria quem mo disse. Já vos contei que lhe pedi que atravessasse a fronteira connosco, mas recusou-se a fazê-lo. No entanto, agora tudo acabou e nós temos de pôr o nosso filho em primeiro lugar. Inclusivamente, se não encontrares a Lola, a mãe dela poderá

tomar o Pablo a seu cargo. Vive em Madrid, na esquina da praça de La Paja. É boa mulher e nunca se envolveu em coisa nenhuma, não me parece que os fascistas a possam incriminar pelo que quer que seja. Cuidará bem do Pablo. — Pelo tom do Josep, não restavam dúvidas de que a decisão era definitiva.

Eu disse que não queria separar-me do meu pai e ficar entregue à minha avó, e a Danielle, que era uma mulher muito generosa, ofereceu-se para tomar conta de mim até a situação em Espanha se tornar mais estável, mas o Josep mostrou-se inflexível. Estava consciente de que, naquela altura, não teríamos quaisquer esperanças de futuro em França. As notícias que nos chegavam dos campos de refugiados eram terríveis, tão ultrapassados que os franceses se sentiam perante tal avalanche de exilados. O campo de Bram foi reservado para os idosos; em Agde e Riversaltes havia milicianos, sobretudo catalães; em Sepfonds e Le Vernet, a maioria dos refugiados eram operários e também intelectuais, tal como em Gurs.

O Albert James obteve uma autorização para viajar para Espanha. Era perigoso, dado que, embora a guerra tivesse terminado, os franquistas estavam a vingar-se daqueles que tinham lutado pela facção republicana. O James temia pela Amelia, mas ela não deu o braço a torcer. Disse à Danielle que, se entrasse em Espanha acompanhada por um jornalista norte-americano, os franquistas nada lhe fariam, mas certo é que o próprio Albert James tinha as suas dúvidas.

Amelia, o Albert James e eu viajamos de automóvel até à fronteira. Ele conduzia um bom automóvel para a época, mas a viagem a partir de Paris pareceu-nos eternizar-se.

Chegamos a Irún às oito da manhã de 10 de maio. Havia soldados e polícia por todo o lado. Dois guardas civis do posto fronteiriço ordenaram-nos que saíssemos do automóvel. O Albert James pouco espanhol falava, pelo que foi a Amelia quem se encarregou das explicações.

— Para onde vão? — perguntou o guarda.

— Para Madrid.

— E o que vão lá fazer? — insistiu, enquanto o seu colega examinava os nossos passaportes.

— O senhor James é um jornalista norte-americano e pretende escrever uma reportagem sobre Espanha, agora que a guerra terminou.

— Até aí tudo bem, mas quem é a senhora?

— Sou ajudante do senhor James, sou intérprete. Já lhe disse que é norte-americano, como pode constatar pelo seu passaporte.

— E quem é este miúdo? Porque viaja convosco?

— Sou amiga dos pais dele e, como eu vivia em Paris, enviaram-no para viver comigo para não sofrer as vicissitudes da guerra. Agora, trago-o de volta

para junto dos seus, que espero ainda estejam vivos.

— Os pais dele estavam do nosso lado? — quis o guarda saber.

— São excelentes pessoas, honradas e trabalhadoras, e lutaram por Espanha como todos os outros.

— E possui alguma declaração que possa notificar que esta criança está a seu encargo? — inquiriu o guarda.

— Ouça: julga que durante a guerra alguém pensava em documentos? Já muito fizeram em conseguir enviá-lo para Paris para não sofrer com a guerra.

Os guardas falaram entre si durante uns bons momentos e, por fim, deverão ter concluído que um jornalista norte-americano, uma jovem e uma criança não representavam qualquer perigo; portanto, deixaram-nos passar.

Amelia, que tinha começado a fumar há pouco tempo, acendeu um cigarro mal entramos no automóvel.

— Tens muita habilidade para te esquivares a questionários — disse-lhe o Albert James.

— E como podes dizer isso, se não compreendes o espanhol?

— Oh! Compreender até compreendo bastante bem, falar é que me custa. Tens uma grande lata! Claro que já me tinha apercebido disso em Moscou.

Demoramos quase doze horas a chegar a Madrid, não apenas devido ao mau estado das estradas, mas também por se verificarem movimentações constantes de forças militares.

Quando chegamos a Madrid, o Albert James levou-nos para um hotel perto da Gran Via, o Florida, que lhe havia sido recomendado por um colega. O Florida tinha sido um verdadeiro ponto de encontro para os jornalistas que cobriam os acontecimentos junto da facção republicana. O hotel tinha sofrido os estragos da guerra e não se encontrava em muito boas condições; o Albert James lembrou-se então de um outro local, uma pensão não muito distante dali, onde um fotógrafo norte-americano seu amigo se hospedou durante grande parte da guerra.

A proprietária era uma mulher atarracada e, de tão magra que era, quase parecia sofrer de desnutrição. Recordo que nos recebeu com uma expressão de gratidão.

— Não tenho um único hóspede, de maneira que podem escolher o quarto. Não vos garanto que consiga dar-vos refeições, visto que não se encontra nada na praça, a não ser que procure fornecer-me no mercado negro. Ah! Chamo-me Rosário.

Os quartos estavam limpos e as varandas davam para a Grama.

Depois de o Albert James ter explicado à proprietária que tínhamos descoberto a sua pensão por ter sido recomendada por outro jornalista norte-

americano, a Dona Rosário pareceu olhar-nos com mais simpatia.

— Temos de ter cuidado com quem metemos em casa, e sobretudo com aquilo que dizemos, porque agora o mais inocente dos comentários pode colocar qualquer pessoa na prisão.

Contou-nos que o marido tinha sido funcionário do Ministério das Finanças e que, até a guerra ter deflagrado, não tinham passado quaisquer necessidades.

— Vivíamos bem, podem ver bem o conforto deste andar, mas o meu marido foi alistado e, coitado, morreu na frente de batalha, muito perto daqui, na serra de Guadarrama. Como decerto perceberão, durante a guerra, de alguma coisa tínhamos de viver e foi assim que comecei a acolher hóspedes. Quem me aconselhou a fazê-lo foi uma prima minha, que já tinha alugado dois quartos a jornalistas estrangeiros, tendo-me enviado alguns amigos dos seus hóspedes. Graças a isso, como podem ver, consegui sobreviver.

— A senhora apoiava a República? — perguntou-lhe a Amelia.

— Ai, minha filha, isso agora não tem qualquer importância! Agora, temos de viver com o que temos e mais vale nada dizer. Bem sabe que, antes do fim da guerra, o Franco decretou a Lei de Responsabilidades Políticas, ao abrigo da qual estão a meter muita gente na cadeia. Na prática, prendem todos aqueles que forem suspeitos de terem apoiado a facção contrária. Não perdoam a ninguém.

Eram quase dez horas quando a Amelia nos informou de que iria a casa dos pais.

— Não posso esperar por amanhã, seria incapaz de dormir.

— Mas não deverias sair sozinha a esta hora — advertiu-a Albert. — Ainda não conhecemos o estado da situação e poderiam deter-te. Melhor seria que esperasses.

Teve dificuldade em convencê-la, mas acabou por conseguir. Naquela noite, a Amelia não pregou olho e, ao romper do dia, despertou-nos.

O Albert James disse que a primeira coisa que teria de fazer seria acreditar-se enquanto jornalista perante as autoridades franquistas.

Desejava conhecer o chão que pisava, ainda que não tivesse qualquer intenção de se submeter à censura franquista. Aquilo que agora pretendia era ver e ouvir, para depois escrever reportagens acerca da Espanha do pós-guerra.

Propôs à Amelia que o acompanhasse, dado que não falava bem espanhol, dizendo-lhe que a levaria depois a casa dos pais e que a ajudaria a procurar Lola. Mas ela mostrou-se renitente, estava nervosa e ansiava por dirigir-se a sua casa e saber como estavam os seus familiares. Por fim, seria ele a ceder, e combinaram que eu iria com ela a casa dos seus pais enquanto ele tratava das diligências para poder começar a trabalhar nas suas reportagens.

Ainda recordo a impressão que a Madrid daquela época me causou. Se a

miséria e a desolação eram quase palpáveis, assistia-se também à euforia dos vencedores.

Descemos a pé a Gran Via até à praça Cibeles e, daí, dirigimo-nos para o bairro de Salamanca, onde viviam os pais da Amelia e também os seus tios.

Lembro-me dela a tremer na altura de premir o botão da campainha da casa dos pais. Ninguém respondeu aos seus toques impacientes.

Descemos as escadas à procura do porteiro, que não tínhamos visto ao entrar mas que acabamos por encontrar atrás do balcão.

— Menina Amelia! Meu Deus, que surpresa! — O homem ficou boquiaberto ao vê-la.

— Olá, Antonio, como está? E a esposa e os filhos?

— Bem, bem, estão todos bem. Conseguimos sobreviver e já nos damos por satisfeitos com isso.

— Não está ninguém em minha casa?

O porteiro, nervoso, apertou as mãos antes de falar.

— Não está ao corrente?

— Ao corrente de quê?

— Bem... aconteceram algumas coisas na sua família — respondeu o porteiro, perturbado.

Amelia corou, humilhada por ter de suplicar por notícias da sua própria família.

— Explique-se, Antonio.

— Ouça, talvez seja melhor ir a casa do seu tio, Dom Armando, e que aí lhe expliquem tudo.

— Onde estão os meus pais? — insistiu a Amelia.

— Não estão em casa, menina Amelia. No que respeita ao seu pai, bem... não sei ao certo o que lhe aconteceu. Quanto à sua mãe... lamento informá-la, mas a Dona Teresa faleceu. Foi sepultada há alguns meses.

O grito da Amelia foi atroz. Dobrou-se sobre si mesma, levando-me a pensar que iria desfalecer. Eu e o porteiro sustivemo-la. Ficou inerte, a tremer e, ainda que não fizesse frio algum, não parava de bater os dentes.

— Percebe agora porque não gostaria de ter sido eu a informá-la? Nestas coisas, é sempre melhor sermos colocados ao corrente pela família — lamentou-se o porteiro, assustado com a reação da Amelia.

Com as lágrimas a transbordarem-lhe dos olhos, a Amelia perguntou pela irmã.

— E a minha irmã onde está?

— A menina Antonietta partiu com os tios, suponho que estará vivendo com eles. Não andava bem de saúde.

O homem encaminhou-nos para trás do balcão e ofereceu um copo com água à Amelia, que parecia incapaz de se recompor. Estava tão fria, tão pálida, parecia tão abatida...

Caminhamos até à casa dos tios dela, a poucos quarteirões dali. A Amelia, que não parava de chorar, levava-me pela mão, e ainda recordo a força com que ma apertava.

Subimos as escadas aceleradamente. Amelia ansiava por saber o que tinha acontecido aos seus familiares. Desta vez, abriram-nos a porta ao primeiro toque de campainha e deparamo-nos com Edurne, a filha da ama Amaya, a mulher que havia cuidado das meninas Garayoa desde a sua mais tenra infância. Edurne tinha sido criada da Amelia, para além de sua confidente e amiga, e, por influência da Lola, tinha também militado no Partido Comunista.

O encontro entre as duas mulheres foi emocionante. A Amelia abraçou a Edurne e esta, ao vê-la, começou a chorar.

— Amelia! Que alegria! Que alegria! Ainda bem que regressaste.

As vozes de Amelia e Edurne alertaram Dona Elena, que apareceu de imediato na saleta. A tia da Amelia quase desmaiava ao ver a sobrinha.

— Amelia! Estás aqui! Meu Deus! Laura, Antonietta, Jesús, venham cá!

A Dona Elena pegou na mão da Amelia e conduziu-a até à sala. Eu seguia, assustado. Sentia-me um intruso.

A Antonietta entrou na sala seguida pelos seus primos Laura e Jesús. A Amelia quis abraçar a irmã, mas ela não lho permitiu.

— Não, não me beijes, estou doente. Contraí tuberculose e ainda não recuperei.

Amelia fitou-a horrorizada, apercebendo-se de repente do aspeto deplorável da irmã.

Estava extremamente magra. O rosto apresentava-se muito pálido, apenas se destacavam os olhos negros e cintilantes. Contudo, tendo em conta o feitio da Amelia, seria necessária mais do que a tuberculose para a impedir de abraçar a irmã. Durante uns bons momentos, não houve forma de separá-la da Antonietta, a quem beijava e acariciava o cabelo sem nunca deixar de chorar. A Laura aproximou-se das primas, unindo-se àquele abraço.

— Cresceste imenso, Jesús! E continuas tão sisudo como sempre — disse a Amelia ao primo, que seria mais ou menos da minha idade e que parecia muito tímido.

— Também passou um mau bocado. Tem anemia. Passamos muita fome! E continuamos a passá-la — disse a Dona Elena.

— E o meu pai? Onde está o meu pai? — perguntou ela com uma voz muito sumida.

— O teu pai foi fuzilado há uma semana — murmurou a Dona Elena — e, quanto à tua mãe, a minha pobre cunhada... lamento, Amelia, mas a tua mãe faleceu vítima de tuberculose antes de a guerra terminar. Graças a Deus que a Antonietta está a recuperar, ainda que permaneça muito fraca.

Amelia teve um ataque de histeria. Começou a gritar, chamando os nacionalistas de fascistas de merda, amaldiçoando o Franco e dizendo que vingaria o pai. A sua prima Laura e a Antonietta pediram-lhe que se acalmasse.

— Por amor de Deus, querida, se alguém te ouve, também tu serás fuzilada! — disse-lhe, angustiada, a Dona Elena, suplicando-lhe que falasse mais baixo.

— Mas porquê!? Porquê!? O meu pai era o homem mais bondoso do mundo!

— Perdemos a guerra — interveio a Antonietta a chorar.

— Tentamos tudo o que era possível para conseguirmos um indulto — explicou a Laura —, mas revelou-se inútil. Não sabes quantas cartas enviei a pedir clemência. Pedimos também ajuda aos nossos amigos partidários da facção nacionalista, mas nada puderam fazer.

Nessa altura, a Amelia desfaleceu, deixou-se cair no chão e, sentando-se, encostou os joelhos ao peito, chorando ainda mais convulsivamente. A Laura e o Jesús conseguiram levantá-la e ajudaram-na a sentar-se no sofá. A Dona Elena secou as lágrimas com um lenço e eu agarrei-me à mão da Edurne, tão perdido me sentia naquele drama que parecia interminável, dado que, tal como a Laura explicou à prima, também a sua avó Margot tinha falecido.

— A avó tinha alguns problemas cardíacos, mas julgo que terá adoecido devido ao desgosto. A sua criada Yvonne disse-nos que faleceu durante o sono, tendo-a encontrado na cama já sem vida.

Quando a Amelia pareceu conseguir controlar-se, a Dona Elena explicou-lhe o que tinha acontecido.

— Passamos muitas dificuldades, sem comida, quase sem medicamentos... A Antonietta adoeceu e a tua mãe tratou dela dia e noite, acabando por ser contagiada. A tua mãe sofria de anemia e estava muito fraca, para além de, quando comida havia, a dar à Antonietta. Nunca se queixou, mantendo-se firme até ao fim. Além disso, teve que se confrontar com a prisão do teu pai, que foi o pior. Todos os dias, deslocava-se à prisão para lhe levar alguma comida, mas nem sempre conseguia vê-lo.

— Porque foi ele detido? — perguntou a Amelia com voz enrouquecida.

— Alguém o denunciou, mas desconhecemos quem. O teu pai esteve na frente, tal como o teu tio Armando, tendo sido ambos feridos, posto o que regressaram a Madrid — explicou a Dona Elena.

— O meu pai está na prisão — acrescentou a Laura.

— Na prisão? Mas porquê? — A Amelia parecia exaltar-se de novo.

— Pela mesma razão que o teu pai, porque alguém o acusou de ser comunista — explicou a Laura.

— Nem o meu pai nem o meu tio alguma vez foram comunistas, eram da Esquerda Republicana — replicou a Amelia, consciente de que aquilo que estava a dizer era óbvio para todos.

— É indiferente, isso agora de nada interessa. Para o Franco, a única coisa que interessa é a facção que se apoiou — disse a Laura.

— Não passam de assassinos — afirmou a Amelia.

— Assassinos? Sim, neste país há e houve muitos assassinos, mas não apenas entre os nacionalistas, porque também os outros mataram muitos inocentes — retorquiu a Dona Elena, procurando um lenço para enxugar as lágrimas.

Amelia calou-se, expectante, sem conseguir compreender aquilo que a tia tinha acabado de dizer.

— Sabes bem que sou monárquica, tal como toda a minha família, e também a coitada da tua mãe o era. Queres saber como morreu o meu irmão mais velho? Eu digo-te: sabes que o meu irmão Luis tinha ficado coxo e por isso não foi mobilizado. Um dia, chegou à aldeia um grupo de milicianos, perguntaram se havia ali fascistas, ao que lhes indicaram a casa do meu irmão. O Luis nunca foi fascista. É verdade que era de direita e monárquico, mas nunca foi fascista. Mas isso foi-lhes indiferente. Entraram na casa dele e, na presença da esposa e do filho, ataram-no, levaram-no e deram-lhe um tiro na nuca. O seu filho Amancio ouviu o disparo, saiu de casa a correr e deparou-se com o pai jazendo no chão com um tiro na cabeça. Sabes o que disse ao meu sobrinho o líder desse grupo de milicianos? Que aquele seria o destino de todos os nacionalistas e que tivesse cuidado. Sim, foi precisamente isso que disse a um rapazinho de doze anos.

Dona Elena suspirou e bebeu um gole de água de um copo que a Edurne tinha pousado sobre a mesinha da sala.

— Mas direi mais, Amelia. Certamente te recordas da tua prima Remedios, que era freira. Quando vocês eram crianças, nós os levamos um dia a visitá-la no convento, perto de Toledo. Achas que a minha prima fez mal a alguém? Estava no convento desde os seus dezoito anos... Uma noite, chegou ao convento um grupo de milicianos, tropas irregulares, e violaram as doze freiras e logo a seguir assassinaram-nas. E sabes porquê? Eu digo-te: porque eram freiras, apenas por isso.

— Não posso acreditar — afirmou a Amelia.

— É verdade, aquilo que a minha mãe acabou de dizer é verdade — disse a Laura.

— Poderia referir-te mais casos, inclusivamente de pessoas que te eram mais

próximas, como a tua tia Montse, a irmã da tua mãe.

Amelia gemeu e ficou tensa. A sua tia Montse era a única irmã da mãe e tanto ela quanto a Antonietta lhe tinham muita estima. Tinha permanecido solteira e costumava passar alguns períodos com elas em Madrid. A Antonietta e a Amelia gostavam muito das visitas da tia, que as mimava e se mostrava mais complacente do que os pais.

— A querida Montse partiu para Palamós, para se refugiar na quinta de uns primos. A coitada pensava que, no campo, pelo menos não passaria fome. Porque tu não sabes como foi, Amelia, mas passamos muita fome, muitas dificuldades. A infelicidade dos teus familiares catalães foi não serem nem comunistas, nem socialistas, nem anarquistas, nem da facção do Companys... O problema deles era serem de direita! Sim, eram de direita, mas também eram boa gente, trabalhadores e honrados. Mas isso de nada interessou àqueles que os fuzilaram. Ou seja, milicianos que surgiram na aldeia perguntando se ali viviam nacionalistas. Alguém terá referido a quinta onde viviam os primos da tua mãe e a tua tia Montse. Foram todos mortos ali mesmo. O casal de idosos, os seus três filhos e a tua tia Montse, ela que tinha ali procurado refúgio. Diz-me, Amelia, não considerarás esses também assassinos?

— Mãe, não fales assim! — protestou a Laura perante a agressividade das palavras da Dona Elena.

— Apenas quero que ela saiba que aqui muita gente foi morta, que os nacionalistas assassinaram os vermelhos e os vermelhos os nacionalistas, e isto fora do campo de batalha e independentemente da guerra em si. Quem deverei odiar, Amelia? Diz-me tu. Se o meu marido foi detido pelos nacionalistas e o meu irmão morto pelos vermelhos, quem deverei odiar mais? Sabes o que te digo? Odeio-os a todos — concluiu a Dona Elena.

— Onde está detido o tio Armando? — perguntou a Amelia, impressionada com o que tinha acabado de ouvir.

— Na prisão de Ocana. Foi condenado à morte, tal como o teu pai. Requeremos um indulto e endereçamos ao Franco todo o tipo de súplicas. Se necessário for, não me importarei de me arrojar aos seus pés e de lhe suplicar pela vida do meu marido. Se é isso que pretendem, fá-lo-ei.

— Acalma-te, mãe! — pediu-lhe o Jesús, pegando-lhe na mão.

— Lamento... lamento... eu...

— Tu partiste e não fazes a mínima ideia daquilo que aconteceu aqui. Não sei se foste feliz ou infeliz, mas posso assegurar-te que nada por que tenhas passado poderá ter sido pior do que aquilo que vivemos.

Amelia baixou a cabeça, envergonhada perante a reprimenda da tia. Facilmente se pressentia que se sentia culpada por ter vivido na segurança de

Buenos Aires, cidade à qual apenas chegavam os ecos da guerra.

— E o meu filho? Sabem alguma coisa do Javier? — perguntou, fitando a Laura, não conseguindo suportar mais o olhar acusador da tia.

— O Javier está bem. A Águeda cuida dele e ama-o muito. Agora, está em casa dos avós, Dom Manuel e Dona Blanca. Eles... bem, sabes perfeitamente que tendiam para a direita, agora não correm qualquer perigo. Quanto ao Santiago...

A Laura parecia não se atrever a prosseguir. Estava consciente de que a prima estava no limite das suas forças, que não suportaria continuar a ouvir más notícias. Dizer-lhe que também o Santiago estava detido representaria outro rude golpe para ela.

— O Santiago também está preso — acabou a Laura por dizer.

— Como vês, este país enlouqueceu. Os ideais políticos do Santiago, o teu marido, eram semelhantes aos do teu pai e aos do Armando. Nunca foi radical ou comunista, mas isso não impediu que tenha sido igualmente preso — acrescentou a Dona Elena.

— Também está na prisão de Ocaha? — quis saber a Amelia, que tinha empalidecido ainda mais.

— Sim, é aí que está — confirmou a Laura.

— E os pais dele nada podem fazer? Têm algumas amizades... — perguntou a Amelia.

— Julgas que não estão a mover mundos e fundos para que o Santiago seja libertado? Bem podes acreditar nisso. O Dom Manuel foi detido para ser interrogado, e foi um milagre que tenha saído de lá com vida. Consta que terá sido torturado. A esposa dele, a Dona Blanca, conseguiu enviar uma mensagem ao Santiago informando-o da detenção do pai. O Santiago estava na frente com o posto de comandante e, ao que parece, era um oficial muito prezado pelos seus superiores, que se desdobraram em diligências para conseguirem que o Dom Manuel fosse libertado. Mas não julgues que foi fácil. Não te será difícil calcular: o filho na frente a lutar pela República e o pai detido por aqueles que diziam defendê-la. Não sabemos de nada diretamente, mas a Águeda foi-nos colocando a par dos acontecimentos — explicou a Dona Elena.

— O teu filho está bonito e é muito simpático. Convencemos a Agueda a deixar-nos vê-lo quando saísse com ele à rua, e ela consentiu. Costumava levá-lo até perto da casa dos teus pais, para que eles simulassem um encontro ocasional e pudessem ver o Javier. Mas agora que já está mais crescido e fala pelos cotovelos apenas o vemos ao longe. A Águeda receia que o Javier conte aos avós que se encontra com outras pessoas, e nós não queremos comprometer a boa mulher. O Javier está muito apegado a ela — informou a Laura.

— Quero vê-lo! Podem ajudar-me? — suplicou a Amelia.

— Pedirei à Edurne para que aguarde nas proximidades da casa dos teus sogros e, assim que vir a Águeda sair, que lhe pergunte quando poderás ver o teu filho — propôs a Laura.

Eram já horas de almoço quando a Dona Elena deu a conversa Por concluída. Até então, eu tinha ficado muito quieto junto à Edurne, sem me atrever sequer a abrir a boca. Ainda que não passasse de um adolescente, conseguia aperceber-me do enorme sofrimento da Amelia.

Comemos batatas com um pedaço de toucinho. A Amelia nada levou à boca e, quanto à Antonietta, a Dona Elena teve de obrigá-la a comer.

— Querida, tens de comer. Caso contrário, não recuperarás.

Amelia contou que trabalhava com um jornalista norte-americano e que, graças a ele, tínhamos conseguido atravessar a fronteira sem grandes problemas. Informou também que teria de procurar a Lola para me entregar aos seus cuidados.

— Essa mulher foi a razão de todas as tuas desventuras — afirmou a tia Elena. — Se não a tivesses conhecido e se ela não te tivesse inculcado as suas ideias revolucionárias na cabeça, nunca terias partido.

— Não, tia, a culpa não é da Lola. Sou eu a única responsável pelas minhas ações. Sei que agi mal, que fui egoísta, que pretendia mudar o mundo sem pensar nos meus familiares e nas consequências dos meus atos. A Lola não me obrigou a fazer o que fiz, fui eu que decidi.

— Essa mulher meteu-te o demônio no corpo, não passa de uma invejosa e de uma ressentida e sempre te odiou. Ou julgas que sentia alguma simpatia por ti, tu que representavas tudo aquilo contra o qual ela lutava? — insistiu a Dona Elena.

— Não a culpo por isso — respondeu a Amelia.

A Laura olhou para mim e pediu à mãe para mudar de assunto. A Dona Elena conformou-se, contrariada.

— Ainda nem perguntei pela minha prima Melita. Onde está ela?

— A tua prima mais velha casou-se. Como não estavas cá, obviamente não poderias saber.

— Com quem se casou?

— Com o Rodrigo, recordas-te dele? É um bom rapaz e, na guerra, teve de se alistar pela facção nacionalista.

— Mas quando se casaram?

— Pouco depois do início da guerra. Foram viver para Burgo que é a terra dele. Possui terras e uma farmácia. Não passarão dificuldades.

— Como se chama mesmo o marido da minha prima?

— Rodrigo Losada.

— Já têm filhos?

— Sim, uma menina.

— Espero que não a tenham chamado de Amelia, já seríamos demasiadas...

— Puseram-lhe o nome de Isabel, que é o da mãe do seu marido. Ainda não a conhecemos, mas terá agora um ano — explicou a Laura.

— Bem... e agora? O que pensas fazer? — quis saber a Dona Elena.

— Não sei, tudo o que aconteceu é demasiado horrível... Não podia imaginar que os meus pais tivessem falecido nem nada daquilo que me contaram.

— Passamos por uma guerra — replicou a Dona Elena de mau humor.

— Bem sei, tia, e compreendo o teu estado de espírito. Não julgues que não me sinto culpada por não ter estado aqui e partilhado todas estas desgraças convosco. Nunca me perdorei por a minha mãe ter morrido e por nada ter feito para evitar que o meu pai fosse fuzilado. A Antonietta ficará ao meu cuidado. Iremos viver na nossa casa, que suponho que continue a pertencer-nos, não?

— Julgas que podes responsabilizar-te pela tua irmã? Parece-me que não. A Antonietta requer cuidados e uma atenção permanente, que tu não lhe poderás proporcionar. — A Dona Elena mostrava-se dura como o aço.

— Tudo farei pela minha irmã, seria isso que os meus teriam desejado.

— Não, Amelia, não, a tua mãe fez-me jurar que me encarregaria da Antonietta e que ela viveria connosco. Jurei-lhe isso no dia em que morreu. Perguntei-lhe como deveria proceder se um dia regressasses e ela respondeu que, mesmo que voltasses, a Antonietta deveria continuar a viver connosco, no seio de uma família que a pudesse proteger.

Amelia levantou-se da mesa a chorar. Não conseguia suportar as palavras da tia, que sentia como facas que lhe rasgassem a pele.

A Laura e a Antonietta seguiram-na; eu mantive-me quieto, sem me atrever a levantar os olhos do prato. Temia que, a qualquer momento, a Dona Elena me repreendesse. Quando regressaram, a Amelia continuava a chorar.

— Tia, agradeço-te por tudo o que fizeste por nós. Percebo que a minha mãe tivesse razões para não confiar em mim e que temesse pelo futuro da Antonietta; portanto, ela permanecerá convosco até eu conseguir demonstrar que sou capaz de me encarregar da minha irmã.

A Dona Elena nada disse. Estava pesarosa, porque percebia que tinha magoado a Amelia. Gostava da sobrinha, mas, indubitavelmente, os sofrimentos da guerra haviam-na desprovido da ternura de que outrora se orgulhava.

— Mamãe, a Amelia precisa do nosso apoio. Bem basta tudo o que lhe aconteceu — disse a Laura.

— Lamento, não devia ter falado daquela forma. Perdeste os teus pais e estás destroçada e eu... Lamento verdadeiramente, Amelia. Sabes bem que te

estimamos e que poderás contar com o nosso apoio para o que quiseres...

— Bem sei, tia, bem sei — respondeu a Amelia entre lágrimas.

— Amanhã, iremos visitar o tio Armando — disse a Antonietta, tentando desviar o rumo da conversa.

— A cadeia? — perguntou a Amelia.

— Sim, à cadeia, e também eu irei. Até agora, ainda não saí à rua porque não me sentia bem, mas a tia Elena disse-me que amanhã me deixará acompanhá-las. Também tu poderias vir connosco... — sugeriu a Antonietta.

— Sim, claro que irei!

Depois, a Dona Elena procurou saber que planos tinha a Amelia em mente. Pretendia saber se iria ficar em Madrid e onde e, generosa como era, disponibilizou-lhe um quarto. Ela disse à tia que, como trabalhava para um jornalista norte-americano e este não falava bem espanhol, certamente que não acataria de bom grado que ela o deixasse sozinho na pensão. Foi a Laura quem teve a ideia de o Albert James se mudar também para casa delas.

— Podemos alugar-lhe um quarto. O dinheiro que paga na pensão poderá pagá-lo a nós. Isso seria ouro sobre azul, pois atualmente mal conseguimos sustentar-nos — propôs a Laura.

A Dona Elena pareceu refletir na proposta da filha. Sem dúvida, sentia-se embaraçada por não poder receber o jornalista em sua casa enquanto convidado, como teria acontecido antes da guerra, mas a necessidade e os dissabores passados tinham-na tornado uma mulher pragmática.

— Poderia dormir no quarto da Melita, que está fechado desde que se casou... E esta criança poderá dormir no quarto da criada. Bem vistas as coisas, à exceção da Edurne, já não dispomos de qualquer criadagem. Até o punha com o Jesús, mas ele ainda não recuperou plenamente e precisa de repousar. Sim, dispomos de espaço de sobra para todos — concluiu a Dona Elena.

Amelia prometeu fazer essa proposta ao Albert James. Para ela, estar com a família representava um alívio, sobretudo naquela altura em que a desgraça se havia abatido sobre todos eles.

A Laura acompanhou-nos até à pensão da Dona Rosário, para nos ajudar a carregar as malas. Deparamo-nos com um Albert James bastante irritado.

— Estou à tua espera desde o meio-dia! — repreendeu ele a Amelia assim que nos viu.

— Lamento... aconteceram-me muitas coisas nas últimas horas.

Entre lágrimas, colocou-o a par do sucedido: o falecimento dos pais, a doença da irmã, as desgraças que se tinham abatido sobre a sua família. Ele pareceu acalmar-se, mas não foi de bom grado que recebeu a ideia de se mudar para casa da Dona Elena.

— Repara, é normal que queiras estar com a tua família, mas prefiro manter uma certa independência. Aqui ficarei bem. Em alternativa, poderei mudar-me para um hotel. Dado o estado do Florida, estou a pensar hospedar-me no Ritz.

Foi a Laura quem, ultrapassando a vergonha, explicou ao James que, para eles, arrendar-lhe um quarto representaria uma grande ajuda, garantindo-lhe também que ninguém o incomodaria e que poderia sentir-se tão independente como na pensão da Dona Rosário.

Inicialmente hesitante, ele acabou por se deixar convencer pela Laura. Não era necessária muita perspicácia para constatar que mesmo famílias que antes nunca haviam passado dificuldades, agora, mal tinham com que se sustentar.

Assim, de malas na mão, dirigimo-nos novamente para casa dos tios da Amelia.

Ainda que já fosse tarde quando acabamos de nos instalar, o Albert James propôs à Amelia irem ambos a casa da Lola para me deixarem com ela.

Eu ansiava por me reencontrar com a minha mãe. A Lola era uma mulher forte, decidida, com a qual estava certo de que nada de mau me poderia acontecer. Além do mais, preferia permanecer em Espanha, não queria regressar a França, onde, apesar de tudo, ou melhor, graças à Amelia, eu e o meu pai tínhamos sobrevivido com dignidade.

Caminhamos até à casa da Lola, mas, aí, ninguém nos soube dizer onde pudesse estar. Ela não tinha ali voltado desde que, no início da guerra, fugimos para Barcelona; por isso, a Amelia propôs que nos dirigíssemos ao endereço que o Josep lhe tinha dado, na praça de La Paja, onde vivia a minha avó materna. Comecei a tremer, não me atrevendo a dizer que preferiria permanecer com a Amelia do que ficar com a minha avó. A Dolores, assim se chamava a minha avó, não se dava bem com a minha mãe, e eu lembrava-me que, sempre que a visitávamos, acabavam a discutir devido aos seus ideais políticos.

Não nos foi difícil encontrar a casa da minha avó. Tocamos à campainha e, como ninguém abria, foi uma vizinha quem nos deu notícias dela.

— A Dolores foi hospitalizada. Tem asma e sofreu um ataque em que quase morria sufocada. Está bastante mal. Além disso, passa muitas necessidades...

Amelia perguntou-lhe se sabia alguma coisa da Lola, mas a vizinha assegurou-lhe que não a tinha tornado a ver por aqueles lados desde as vésperas da guerra.

— A Lola nunca se preocupou muito com a mãe. Para ela, em primeiro lugar estava a revolução, e quanto ao sobrinho da Dolores, o Pepe, sabe-se que foi morto pelos comunistas por pertencer ao POUM — informou em voz baixa, olhando para todos os lados receosa de que alguém pudesse ouvir.

Dirigimo-nos ao hospital, onde uma freira nos conduziu ao quarto onde

estava a minha avó. Mal me recordava dela e fiquei impressionado quando percebi que aquela idosa de cabelos brancos e olhar perdido era ela.

A pobre mulher não me reconheceu e pôs-se a chorar quando a Amelia lhe explicou quem eu era.

— Você é aquela menina amiga da minha Lola! E este é o meu neto? Está tão alto! Onde está a tua mãe? Há meses que não tenho qualquer notícia dela, espero que não a tenham fuzilado. Os nacionalistas fuzilam toda a gente. É claro que os revolucionários não ficaram atrás. Cheguei a dizer à Lola que não posso perdoar que tenham matado o meu único sobrinho, o Pepe, por pertencer ao POUM. Onde já se viu revolucionários a matarem revolucionários? A Lola odiava o POUM, dizia que não passavam de traidores.

A bondosa senhora comprometeu-se em tomar-me ao seu cuidado assim que saísse do hospital.

— Estou velha e doente, mas farei pelo meu neto tudo o que estiver ao meu alcance.

A Dona Elena pareceu resignar-se perante a perspectiva de eu continuar a viver em casa dela até que a minha avó Dolores saísse do hospital, sobretudo depois de o Albert James ter assegurado que pagaria também o meu sustento enquanto aí permanecêssemos.

Na manhã do dia seguinte, o Albert James acompanhou a Dona Elena, a Laura, a Amelia e o Jesús à cadeia, para visitarem o Dom Armando. Queria ver uma cadeia espanhola por dentro e esperava que não fossem levantadas grandes objeções à sua presença.

Teve de subornar alguns funcionários para que os deixassem entrar a todos para um comprido corredor, onde, separados por grades, familiares e detidos podiam conversar durante alguns minutos. O Dom Armando comoveu-se ao ver a Amelia. Tio e sobrinha não conseguiram conter as lágrimas, lamentando-se pelo falecimento do pai e da mãe da Amelia, Dom Juan e Dona Teresa.

— É horrível, tio! O papá, a mamãe, a avó Margot, a tia Lily... tantas pessoas da família que morreram. Ainda não sei como conseguirei suportar tantas perdas — disse a Amelia a chorar.

— Conseguiremos ultrapassar isto. O teu pai manteve-se firme até ao último momento e, quando já estavam a levá-lo, pediu-me que vos desse um beijo da sua parte e que dissesse à Antonietta e a ti quanto vos amava.

— Julgas que me terá perdoado?

— Claro que sim, o teu pai amava-te muito e, ainda que não tenha compreendido o que fizeste, perdoou-te. Sobretudo, lamentava-se por teres abandonado o teu filho, esse foi sempre o seu maior desgosto. Sentia uma grande amargura por não poder conviver com o seu único neto...

O Dom Armando falou-lhes da incerteza e do medo sentidos por todos os que ali se encontravam detidos.

— Todos os dias, levam alguém para ser fuzilado... Por vezes, chegamos a perder a esperança de qualquer indulto. Quantas cartas vocês já escreveram a pedir clemência?

— Papá, não iremos baixar os braços — retorquiu a Laura.

— Não, não desistiremos mesmo depois de mortos — afirmou o Dom Armando, resignado.

— Amanhã, iremos visitar os Herrera. O Pedro Herrera era teu amigo. Foste advogado dele e ajudaste-o a vencer uma causa importante, lembra-te? Agora, é um homem com influência junto do Franco. Parece que um dos sobrinhos é coronel no quartel-general do exército e que um cunhado desempenha um alto cargo na Falange. Quanto a ele, as coisas também não lhe correm nada mal, penso que já estará a concretizar negócios com o novo governo. Dirigi-me a casa dele e falei com a esposa, a Marita, que me prometeu interceder por nós junto do marido. E cumpriu o prometido, pois ontem fez-nos chegar o recado de que nos receberiam amanhã às oito da noite, depois de ele regressar do trabalho. Como vês, já conseguimos alguma coisa — explicou a Dona Elena.

Desolada ao sair da cadeia, a Amelia acompanhou o Albert James nas entrevistas que este tinha agendado para as suas reportagens. Era de noite quando regressaram a casa da Dona Elena. Na altura, eu já havia encontrado na Edurne a proteção que até então me tinha sido garantida pela Amelia. A Edurne consolava-me, dizendo-me que a minha mãe era uma mulher corajosa e que nunca deveria esquecer-me dela. Dei-me igualmente bem com o Jesús. Éramos mais ou menos da mesma idade e, ainda que ele fosse um rapaz tímido e procurasse passar despercebido, rapidamente descobri que possuía um apurado sentido de humor.

Dois dias depois de estarmos instalados em casa da Dona Elena, a Edurne regressou da rua bastante agitada.

— A Águeda disse-me para estarmos hoje à tarde, por volta das cinco horas, junto da entrada principal dos Jardins do Retiro, dado que ela andarà a passear por ali com o Javier. Disse-me também que o Santiago irá ser libertado, sendo apenas uma questão de dias. Ouviu isso ao próprio Dom Manuel, que pelos vistos tem amigos bem situados na esfera de influência do Franco.

Amelia chorou ao saber que poderia ver o filho. A Dona Elena determinou que a Laura, a Antonietta, a Edurne e eu deveríamos também acompanhá-la. Temia a reação da Amelia assim que visse o menino.

Às cinco em ponto, estávamos junto da entrada principal dos Jardins do Retiro. Aguardamos com impaciência, até que, passada meia hora, vimos a

Águeda trazendo o Javier pela mão.

A Laura tentou deter a Amelia, mas ela correu até junto da criança e abraçou-a chorando. Não parava de beijar o filho, e o pequeno assustou-se e começou a chorar.

— Por favor, senhora, deixe-o! — pediu a Águeda, temendo que algum conhecido visse aquilo e, sobretudo, que o Javier viesse a contar aos avós que uma senhora o tinha beijado e abraçado ao ponto de o levar às lágrimas.

Mas a Amelia nada ouvia, abraçava o Javier e cobria-o de beijos.

— Meu filho! Meu filho! Que bonito estás! Lembras-te da mamãe? Claro que não, coitadinho, como poderias? Amo-te tanto, meu filho...

Com o auxílio da Antonietta, a Laura conseguiu resgatar o Javier dos braços da mãe e entregá-lo novamente à Águeda.

— Ai, senhora, nem sei o que poderá acontecer se o Dom Manuel e a Dona Blanca vierem a saber disto! — lamentou-se ela.

— Mas sou a mãe dele! Não me podem negar o meu filho — replicou a Amelia a chorar.

Também o Javier não parava de chorar, de tão assustado que estava.

— Melhor será que se vão embora. Poderão tornar a vê-lo dentro de dias, mas agora vou passear com ele para o acalmar — acrescentou a mulher, visivelmente assustada.

Num esforço conjunto, a sua prima Laura e a Antonietta conseguiram afastar a Amelia da Águeda e da criança, que correu assustada rua acima.

Amelia chorava incessantemente e ignorava as palavras de consolo da prima e da irmã. A Edurne, o Jesús e eu permanecemos calados, sem saber o que fazer ou dizer.

Quando regressamos a casa da Dona Elena, a Antonietta obrigou a irmã a tomar uma infusão de tília bem forte, mas nem isso conseguiu tranquilizá-la, tamanha era a sua dor. Apenas o Albert James conseguiu chamá-la à razão. Costumava tratá-la com um certo distanciamento, lembrando-lhe que estava em Madrid para trabalhar e que não podia deixar-se afetar pelas circunstâncias. Naquela altura, eu considerava-o um homem frio, sem coração. Agora, percebo que a sua frieza aparente despertava na Amelia o receio de ficar sem trabalho, o que a levava a reagir. Não podia permitir-se que isso acontecesse, tanto por ela quanto pela Antonietta e pelo resto da família.

Exemplo disso mesmo foi a decisão do Albert James de assistir ao desfile que o Franco tinha planeado para aquele 19 de maio, não obstante os protestos da Amelia.

— Estou aqui para trabalhar e tu também — recordou-lhe.

Então, a Amelia calou-se, consciente da importância que, tanto para ela

quanto para todos nós, representava o salário que recebia pelo seu trabalho enquanto intérprete e secretária do jornalista.

A 19 de maio, todos nós fomos assistir ao desfile. A decisão foi tomada pela Dona Elena, temerosa de que algum vizinho pudesse denunciar que tinham ficado em casa, em lugar de manifestarem o seu apoio ao Caudilho, como o Franco começava a ser designado. Fomos contrariados. Eu, ainda que fosse adolescente, odiava o Franco com todas as minhas forças, porque me tinha deixado perdido no mundo; portanto, tal como a Amelia, a Laura e a Edurne, também protestei, até que a Dona Elena, apoiada pelo Albert James, nos Ordenou que nos calássemos.

O Paseo de Recoletos, por onde o desfile iria passar, não ficava muito distante de casa, pelo que fomos a pé e com tempo suficiente para conseguirmos um bom lugar.

Ao longe, pudemos vislumbrar o Franco, e a Amelia murmurou que parecia um "anão", o que levou a Dona Elena a beliscar-lhe o braço e a mandá-la calar.

Naquele dia, o Franco foi condecorado com a Grande Cruz Laureada de São Fernando, que devia ser a única condecoração que não possuía, e também a mais cobiçada da hierarquia militar.

O Albert James observava tudo com interesse e pediu à Amelia que lhe traduzisse os comentários das pessoas à nossa volta, ficando surpreendido com o entusiasmo demonstrado por todos os que assistiam ao desfile. Posteriormente, perguntar-nos-ia como era possível tal fervor numa cidade que tinha sido o último bastião a resistir às tropas do Franco. A Dona Elena explicou-lhe.

— É devido ao medo, filho, devido ao medo. O que quer que as pessoas façam? A guerra foi perdida, embora já não saiba se, no que me diz respeito, saí a ganhar ou a perder. O que se passa é que, neste momento, ninguém pretende dar nas vistas, e será difícil encontrar alguém que ouse criticar o Franco. Não sei se foi informado, mas a Lei de Responsabilidades Políticas prevê penas para todos aqueles que tiveram qualquer ligação com os vermelhos, mas facilmente se poderá calcular que quase toda a gente tem familiares partidários de ambas as facções.

Amelia estava muito perturbada. Ver o seu filho tinha-a emocionado, não desistindo enquanto não convenceu a tia a enviar a Edurne para falar com a Águeda de modo a marcar-se um novo encontro. A Dona Elena acedeu contrariada, mas enviou a Edurne na altura em que sabiam que a Águeda costumava sair para fazer as compras.

A Edurne regressou com boas notícias. Não tinha sido obrigada a esperar muito até a Águeda sair de casa, seguindo-a discretamente até se terem afastado o suficiente, de modo a não serem vistas por nenhum conhecido. A Águeda

contou-lhe que o Santiago tinha sido libertado no dia anterior e que estava mais magro e envelhecido, embora estivesse de boa saúde e livre. O Javier não largava o pai e, naquela noite, tinha dormido com ele.

O Santiago tinha decidido regressar a sua casa, em vez de permanecer na dos pais. Essas foram as boas notícias; as más eram que a Agueda não se atrevia a comprometer-se com um novo encontro com a Amelia, temendo que o Javier pudesse depois contar ao pai. Não que a criança conseguisse explicar quem era aquela senhora que o abraçava, mas o Santiago poderia deduzir que se tratava da Amelia, o que levava a Agueda a temer a sua reação. Apenas concedia que a Amelia os pudesse observar de longe, sob compromisso de não se aproximar.

Amelia considerou as condições impostas pela Agueda humilhantes e tomou uma decisão que nos assustou a todos.

— Vou ter com o Santiago. Pedir-lhe-ei perdão, embora saiba que nunca poderá perdoar-me, mas irei suplicar-lhe que me deixe ver o meu filho.

A Dona Elena tentou dissuadi-la: temia a reação do Santiago. Também o Albert James a aconselhou a refletir um pouco mais sobre tal decisão, mas a Amelia manteve-se firme, cedendo apenas em comparecer em casa do Santiago acompanhada.

3

Julgo que foi na tarde do dia 22 ou 23 de maio que a Amelia se apresentou em casa do Santiago. A Águeda estremeceu quando, ao abrir a porta, se deparou com as três meninas Garayoa.

— Pretendo falar com o Dom Santiago — disse a Amelia com voz sumida.

A Águeda deixou-as no vestíbulo e partiu a correr à procura do dono da casa. O Javier apareceu no corredor e ficou surpreendido, observando com curiosidade as três mulheres. A Amelia tentou pegá-lo ao colo, mas ele escapou-se rindo; ela resolveu segui-lo, dando então de caras com o Santiago.

— O que fazes aqui? — perguntou ele, possesso de raiva.

— Vim ver-te, preciso de falar contigo... — respondeu a Amelia, balbuciando.

— Fora da minha casa! Tu e eu nada temos para dizer um ao outro. Como te atreves a aparecer aqui? Será que não tens respeito por nada? Vai-te embora e nunca mais voltes!

Amelia tremia. Consciente de que o filho estava a observá-los, tentava conter as lágrimas.

— Suplico-te que me ouças. Sei que não mereço o teu perdão, mas, pelo menos, permite-me ver o meu filho.

— O teu filho? Tu não tens nenhum filho. Vai-te embora.

— Por favor, Santiago! Imploro-te! Deixa-me ver o meu filho!

O Santiago agarrou-a pelo braço e arrastou-a até ao vestíbulo, onde a Antonietta e a Laura aguardavam bastante nervosas depois de terem ouvido aquela troca de palavras.

— Ah, trouxeste companhia! Mas é-me indiferente, não são bem-vindas nesta casa.

— Não me prives do meu filho! — implorou a Amelia a chorar.

— Pensaste nele quando partiste para França com o teu amante? Certamente

que não. Assim sendo, ignoro de que filho possas estar a falar. Desaparece!

Pô-las fora de casa sem demonstrar qualquer indício de compaixão pela Amelia. Tinha-a amado do fundo do coração. A sua dor era tão intensa como intenso havia sido o seu amor, e era isso que o impedia de lhe perdoar.

Após aquele traumático reencontro, a Amelia sofreu convulsões e passou três dias acamada e sem comer. Apenas reagiu quando a Dona Elena entrou no quarto a chorar, informando-a de que os senhores Herrera lhe tinham dito não terem conseguido o indulto para o Armando Garayoa. Apenas restava uma possibilidade, disseram-lhe, como se de um grande segredo se tratasse: teriam de ir falar com um homem com muito boas relações com o novo regime e que, em troca de dinheiro, costumava conseguir alguns indultos; ainda que nem sempre o conseguisse, nunca devolvia o dinheiro.

O Albert James, que era então o homem da casa, comprometeu-se a falar com as autoridades e a exercer, dada a sua condição de jornalista estrangeiro, a maior pressão possível, mas a Dona Elena e a sua filha Laura decidiram que tinham de tentar que aquela pessoa de que os Herrera lhes haviam falado se encarregasse do caso.

A Dona Elena, acompanhada pela filha e pela sobrinha, acabou por conseguir um encontro com o Agapito Gutiérrez, assim se chamava aquele mercador de favores.

Tinha combatido pela facção nacionalista, possuindo familiares bem situados nas mais elevadas hierarquias do regime e da Falange. Antes da guerra, era um maltrapilho sem eira nem beira, embora esperto, sem escrúpulos e sempre preparado para sobreviver; por isso, não teve quaisquer dificuldades em singrar no seio do exército, movendo cordelinhos entre os oficiais e cobrando favores a uns e outros, naqueles anos de miséria e de escassez.

Aparentemente, o Agapito Gutiérrez não passava necessidades. Tinha-se instalado num escritório situado na rua Velázquez, num velho edifício aburguesado. Hoje, classificariamos tal atividade como "tráfico de influências", não fosse por o principal negócio em questão envolver a vida daqueles que se encontravam detidos.

Uma mulher morena, com um decote ousado para a época e que disse ser sua secretária (ainda que mais parecesse uma corista), encaminhou-as para uma sala de espera onde, impacientes, aguardavam já outros requerentes, sobretudo mulheres.

Esperaram ali durante cerca de três horas, até chegar a sua vez de serem recebidas pelo Agapito Gutiérrez.

Deparam-se com um homem baixo e rechonchudo, usando um terno risca de giz e uma gravata presa com alfinete, sapatos de verniz e exibindo na mão um

grosso anel de ouro.

O tal Agapito observou-as rapidamente, detendo o olhar na Amelia. Ainda que magra, não deixava de ser uma beldade, loura e etérea; uma mulher que, em qualquer outra circunstância, seria inalcançável para um homem como aquele.

Ouviu-as com ar aborrecido, mas sem nunca deixar de fitar a Amelia, que parecia devorar com os olhos, ao ponto de tanto a Dona Elena quanto a sua filha Laura e a sobrinha se sentirem incomodadas.

— Bem, verei o que posso fazer, embora, por aquilo que me dizem, esse vermelho do seu marido está em maus lençóis, e milagres eu não faço. As minhas diligências são dispendiosas; logo, terão de decidir se as podem ou não pagar.

— Pagaremos o que for necessário — interveio a Laura de imediato.

— Serão cinquenta mil pesetas, independentemente de conseguir ou não o indulto. Todos aqueles que aqui vêm me suplicam por causa de miseráveis que não passam de delinquentes que muito prejudicaram a nossa nação. Se eu não tivesse um coração mole...

A Dona Elena empalideceu. Não dispunha de cinquenta mil pesetas e ignorava como poderia conseguir tal quantia, mas nada disse.

— Se estiverem de acordo, tragam-me as cinquenta mil pesetas, regressem passados três dias e logo vos direi alguma coisa. Pensando Melhor, não será necessário que venham todas. Aguardarei por si, Menina Garayoa — disse, dirigindo-se à Amelia.

— Por mim? — perguntou ela surpreendida.

— Sim, pela senhora. Bem vistas as coisas, sendo sobrinha, não está tão diretamente envolvida; não é a primeira vez que, quando transmito más notícias, me encenam aqui verdadeiros dramas, o que prejudica a minha reputação.

Amelia corou e a Dona Elena esteve quase a dizer que de modo nenhum seria a sua sobrinha a vir, mas manteve-se em silêncio. Era a vida do seu marido que estava em causa.

O Albert James ficou indignado quando lhe contaram a cena. Disse que iria esmurrar aquele desavergonhado, mas as três mulheres suplicaram-lhe que nada fizesse. Não podiam permitir-se desperdiçar a sua única oportunidade. Mas aquilo que a Dona Elena acabou mesmo por fazer, corada de vergonha, foi pedir ao Albert James que as ajudasse a arranjar as cinquenta mil pesetas.

— Nada mais tenho do que o recheio desta casa e algumas terras na província, é tudo o que posso garantir, mas asseguro-lhe que, quando o meu marido for libertado e tornar a trabalhar, o reembolsaremos até ao último tostão.

Amelia disse que lhe daria a sua casa ou, melhor dizendo, a dos seus pais, a troco das cinquenta mil pesetas.

Até para o Albert James aquela era uma quantia elevada, mas comprometeu-se a ajudá-las. No dia seguinte, com a ajuda da Edurne, as mulheres entraram em contato com um agiota que lhes deu mil pesetas por dois candelabros de prata, o conjunto de cristal veneziano, pequenas figuras de porcelana e duas lamparinas de bronze. Ainda que o Albert James nada lhes tenha dito, depois de muitos esforços, conseguiu entrar em contato com os pais, que convenceu a depositarem num banco uma letra de câmbio que pudesse ser cobrada em Espanha pelo valor de cinquenta mil pesetas. Era uma quantia tão desorbitada que, inicialmente, o pai se negou a emprestá-la.

— Depois devolvo, mas a partir daqui nada posso fazer, e necessito desse dinheiro para salvar uma vida. Entra em contato com um banco, com a nossa embaixada, com quem achares melhor, mas, se não me fizeres chegar esse dinheiro, nunca te perdorei — ameaçou o James.

Alguns dias depois do prazo fixado, a Amelia compareceu com o dinheiro no escritório do Agapito Gutiérrez. O Albert James acompanhou-a mesmo até à porta do escritório, temendo que pudesse ser assaltada na rua trazendo consigo tamanha quantia.

O Agapito tinha uma nova secretária, agora uma jovem de cabelo pintado de ruivo e apresentando um decote ainda mais ousado do que a anterior.

O homem usava o mesmo terno risca de giz, ainda que com outra gravata e com uma camisa em cujos punhos se distinguiam botões de ouro maciço.

— Bem, nunca pensei que conseguissem as cinquenta mil pesetas! Muitas pessoas aparecem aqui esperando que eu seja caridoso, mas levo os negócios muito a sério e, portanto, quando alguém pretende alguma coisa, tem de pagar o devido valor.

Convidou-a a sentar-se no sofá junto dele e, enquanto falava, colocou-lhe a mão sobre o joelho. A Amelia mexeu-se, perturbada.

— Não serás uma fingida?

— Ignoro o que pretende dizer.

— Uma dessas moralistas que pretendem seduzir homens mas que se encobrem sob a aparência de senhoras distintas.

— Vim trazer-lhe o dinheiro para conseguir o indulto do meu tio, apenas isso.

— Vejam só, a armar-se em difícil! E se eu me recusar a fazer qualquer diligência?

— Mas o que pretende então?!

Não obstante a resistência da Amelia, que o arranhou, o Agapito Gutiérrez aproximou-se dela e beijou-a.

— Saíste-me um belo petisco! Não te armes em fingida, sei que gostas disto

tanto quanto eu, de tão calada que estás.

Amelia levantou-se e olhou-o com raiva e nojo, mas não se atreveu a ir-se embora, temendo que o Agapito se recusasse a fazer o necessário de modo a conseguir a libertação do seu tio Armando Garayoa.

O malcriado levantou-se por sua vez e, fitando-a nos olhos, sorriu e voltou a abraçá-la.

— Solte-me! Como se atreve?! O senhor é um desavergonhado!

— Não mais do que tu. Investiguei sobre vocês e disseram-me que não passas de uma puta, que abandonaste marido e filho para fugir com um francês. Por isso, escusas de continuar a armar-te em difícil comigo.

— Aqui tem o dinheiro — disse-lhe a Amelia, entregando-lhe um envelope volumoso de papel pardo, onde estavam as cinquenta mil pesetas. — Cumpra aquilo com que se comprometeu.

— Não me comprometi com nada. Veremos se sempre será possível conseguir o indulto para o teu tio, que, de tão vermelho que é, não o merece.

O homem pegou no envelope, abriu-o e contou o dinheiro nota por nota, enquanto a Amelia o observava, tentando conter as lágrimas. Quando acabou de contar, olhou-a friamente enquanto sorria.

— O preço aumentou.

— Mas o senhor disse que nos cobraria cinquenta mil pesetas! Não dispomos de mais dinheiro...

— Serás tu quem irá pagar. Terás de fazer o que te pedir ou o teu tio não conseguirá a liberdade e será fuzilado. Eu próprio farei com que isso aconteça o mais rapidamente possível.

Amelia esteve prestes a desfalecer. Desejava ardentemente sair daquele escritório, que tresandava a suor misturado com cheiro a água-de-colônia barata. Mas não o fez, pois sabia que se assim fizesse, o seu tio Armando acabaria perante um pelotão de fuzilamento.

Ele apercebeu-se de que tinha vencido.

— Vem cá, eu e tu vamos fazer umas certas coisas...

— Não, não iremos fazer nada. Deixo aqui o dinheiro e, se o meu tio for efetivamente libertado, então...

— Grande puta me saíste! Como te atreves a impor-me condições?

— Regressarei aqui no dia em que o meu tio sair da prisão.

— Claro que regressarás! Não julgues que não irás pagar.

Amelia saiu do escritório e atravessou a sala de espera, onde a secretária falava ao telefone ao mesmo tempo que limava as unhas. Com um gesto de cumplicidade, a ruiva dirigiu-lhe uma piscadela de olho.

— O que aconteceu? — perguntou-lhe o Albert James, preocupado ao vê-la

transpor o umbral da porta com as faces coradas e os olhos marejados de lágrimas.

— Nada, nada. A questão é que esse homem é um desavergonhado, nem com as cinquenta mil pesetas parece conformar-se, e não garante que venha a conseguir o indulto para o meu tio.

— Vou ter uma conversa com ele. Veremos se se atreve a dizer-me que irá ficar com as cinquenta mil pesetas a troco de nada.

Mas ela impediu-o. Também não lhe disse o que aquele miserável pretendia. Sabia que os dados estavam lançados e que apenas um milagre a salvaria das garras daquele homem.

A espera pareceu eterna. A Amelia e o Albert James saíam para trabalhar de manhã cedo e, por vezes, regressavam somente ao fim da tarde, sempre com alguma comida comprada no mercado negro: uma caixa de bolachas, uma dúzia de ovos, um frango, açúcar... A Dona Elena continuava a gerir a casa com o pouco de que dispunha, enquanto eu tentava passar despercebido junto da Edurne, que acompanhava aonde quer que fosse. Por diversas ocasiões, a Edurne levou-me ao hospital para que pudesse visitar a minha avó, que no entanto não apresentava melhoras, pelo que a minha estadia em casa da Dona Elena se foi prolongando.

A Edurne tinha também falado novamente com a Águeda, convencendo-a a permitir que a Amelia pudesse ver de longe o pequeno Javier. A mulher aceitou, apesar do temor a Santiago, e a Amelia manteve-se fiel ao compromisso de não se aproximar da criança. Observava o filho de longe, controlando o desejo de correr até ele e abraçá-lo.

Certo dia, bem cedo pela manhã, a Dona Elena recebeu um telefonema do Agapito Gutiérrez. O homem anunciou-lhe que o indulto do Dom Armando seria assinado nessa mesma manhã e que ele poderia ser libertado ainda na tarde desse dia, sob a condição de, antes que isso acontecesse, a Amelia comparecer no seu escritório. A Dona Elena perguntou-lhe para que efeito, ao que o Agapito se escusou, vincando expressamente que dissesse à sobrinha para se dirigir ao seu escritório, pois, caso contrário, o documento do indulto se extraviaria.

A Dona Elena começou a chorar de alegria. A pobre mulher estava exausta devido a tanta incerteza e sofrimento. Para celebrarmos, permitiu-nos pôr uma colher cheia de açúcar na taça de cevada.

— Não percebo o que quer esse homem... Insiste em que compareças sozinha no escritório dele, supostamente porque tem de resolver uns assuntos contigo. Não quis dizer que assuntos, talvez pretenda mais dinheiro...

O Albert James insistiu em acompanhar a Amelia ao encontro com o Agapito Gutiérrez, mas ela recusou.

— Tens uma entrevista marcada com o embaixador britânico e não quero que a desmarques por minha causa.

— A questão é que não gostaria que fosses sozinha.

— Não te preocupes. Agora, o mais importante é que o meu tio seja libertado.

Ainda que contrariado, o Albert James não teve outro remédio senão aceitar. A Amelia andava mais nervosa do que a tia, e ele não desejava contribuir para afetar o difícil equilíbrio psicológico que ela tentava manter desde o regresso a Espanha. A perda dos pais e do filho, para além de se ter confrontado com um país assolado pela miséria e, pior ainda, pelo ódio, tinham feito mossa no seu estado de espírito.

Ao início da tarde, a Amelia saiu para se dirigir ao escritório do Agapito Gutiérrez, enquanto a Dona Elena nos ordenava, a mim e a Edurne, que a acompanhássemos à cadeia, juntamente com a Laura, o Jesús e a Antonietta, dado ser dia de visita e era possível depararmo-nos com a felicidade de regressarmos com o Dom Armando, caso o documento do indulto já tivesse chegado ao diretor da prisão. Antes de sair, telefonou para a Melita, em Burgos, para a informar de que o pai iria ser posto em liberdade.

Amelia contou à prima Laura o que aconteceu naquela tarde no escritório do Agapito Gutiérrez e eu, que tinha o ouvido apurado e porque gostava muito da Amelia, não resisti a ouvir atrás da porta.

Daquela vez, não teve de aguardar para ser recebida. Quando a secretária a recebeu, a mesma ruiva da ocasião anterior, piscou-lhe um olho e, enquanto a acompanhava até ao gabinete do patrão, sussurrou-lhe ao ouvido: — Fecha os olhos e imagina que se trata de outro homem, ainda que o pior seja o cheiro, já vais ver como tresanda a suor.

O Agapito estava sentado atrás da enorme secretária de mogno e limitou-se a fitá-la de soslaio. Continuou a ler uns documentos sem a convidar a sentar-se. Passados alguns minutos, começou a olhá-la fixamente.

— Já sabes ao que vieste. Ou pagas ou o teu tio não será libertado da prisão.

— Já lhe demos as cinquenta mil pesetas.

— Estão a aguardar o meu telefonema para despacharem o documento do indulto, portanto... — disse, encolhendo os ombros.

— Telefone.

— Não, primeiro terás de pagar.

— Pagarei quando telefonar, depois de o ouvir pedir para enviarem o indulto...

— Não estás em condições de exigir o que quer que seja!

— Agora nada tenho, de maneira que não tenho nada a perder. Sei o que

você quer e pagarei, mas apenas depois do telefonema.

O Agapito olhou-a com desprezo. Levantou o auscultador do telefone e marcou um número. Falou com um homem que lhe confirmou que o indulto já estava assinado e que seria de imediato enviado para a prisão.

Depois de pousar o auscultador, ficou a olhar para a Amelia de cima a baixo.

— Despe-te.

— Não é necessário... — balbuciou ela.

— Faz aquilo que te disse, cabra!

Lançou-se sobre ela e esbofeteou-a ao ponto de a atirar ao chão, arrancou-lhe a roupa e, então, empurrou-a para cima da secretária de mogno, onde a violou.

Amelia ofereceu resistência à brutalidade do homem, mas ele Parecia um louco que retirava prazer de a magoar. Quando deu os seus propósitos por concluídos, tornou a atirá-la ao chão. Ela encolheu-se, tentando ocultar o corpo do olhar daquele desalmado.

— Não gostei, com tantos gemidos não consegui ter prazer. Nem sequer como rameira serves. És frígida.

Amelia levantou-se e vestiu-se apressadamente, temendo que ele tornasse a agredi-la. Entretanto, ele ajeitava a gravata e insultava-a.

— Posso ir-me embora? — perguntou ela a tremer.

— Sim, vai-te embora. Não sei porque me dei ao trabalho de tirar o teu tio da prisão. No que respeita aos vermelhos, onde estão melhor é no cemitério.

Quando a Amelia regressou a casa, nós ainda não tínhamos regressado. Quando chegamos, a Laura encontrou-a enfiada na banheira a chorar. Contou então à prima o vexame sofrido, o tremendo nojo sentido ao respirar o hálito fedorento daquele homem, as agressões que tanto o excitavam, as palavras grosseiras ouvidas. Tudo. Foi revelando tudo o que sofreu à sua prima, que não soube como consolá-la.

A Laura obrigou-a a deitar-se. A Dona Elena não compreendia o que estava a acontecer, ou talvez não quisesse compreender, dado que o rosto da Amelia evidenciava as agressões sofridas. Nervosa, não deixava de tagarelar, anunciando que o seu marido seria libertado no dia seguinte, tal como nos haviam informado nessa mesma tarde. Ordenou à Laura e à Antonietta que ajudassem a Edurne a limpar a casa, para que o Dom Armando encontrasse tudo tal como estava antes da guerra.

Amelia não quis levantar-se para jantar e, quando o Albert James insistiu em vê-la e falar com ela, a Laura pediu-lhe que a deixasse descansar até ao dia seguinte. A Dona Elena mandou-nos a todos para a cama para poupar na eletricidade, altura em que o James se dirigiu ao quarto da Amelia, batendo suavemente à porta com os nós dos dedos. Saltei da cama quando o ouvi, numa

tentativa de averiguar se ela iria contar-lhe o que tinha sucedido.

Ouvi os soluços da Amelia e as palavras do James tentando consolá-la. Contou-lhe o que tinha feito para salvar o tio e ele autorrecreminou-se por não ter ido com ela e confrontado aquele porco. Jurou que no dia seguinte ajustaria contas com aquele desavergonhado, mas a Amelia suplicou-lhe que não o fizesse, pois isso iria colocar a sua família em perigo. Depois, eu não quis ouvir mais nada, pareceu-me que ele a abraçou para a consolar, abraço esse que representaria o prelúdio para que, dias depois, eles se tornassem amantes.

O Dom Armando foi libertado da prisão no início da manhã de 10 de junho. A Dona Elena aguardava-o emocionada e, quando se deparou com ele, uniram-se num abraço às portas da prisão, ela chorando, ele reprimindo as lágrimas.

Esperamos por eles em casa. A Laura estava nervosa e impaciente, enquanto a Antonietta se mostrava alegre como sempre, ainda que, naqueles dias, parecesse estar um pouco mais debilitada.

A Laura lançou-se nos braços do pai, que a abraçou emocionado. Depois, chegou a vez do Jesús, a quem se seguiram a Antonietta, a Amelia e o Albert James, ao qual agradeceu por ter conseguido as cinquenta mil pesetas.

— O senhor passou a ter em mim mais do que um amigo, dado que lhe devo a vida. Não me conhecia de lado nenhum e pagou pela minha libertação, nunca saberei como agradecer-lhe. Mas pode estar certo de que lhe pagarei. Precisaréi de tempo, mas irei fazê-lo. Espero conseguir tornar a exercer advocacia e, caso contrário, farei qualquer tipo de trabalho, com vista a sustentar a minha família e a pagar a minha dívida.

Os dias que se seguiram à libertação foram de euforia. A Melita, a filha mais velha do Dom Armando e da Dona Elena, veio de Burgos com o marido, Rodrigo Losada, e a filha, Isabel, para celebrar a libertação do pai. A família sentia-se feliz e a pequena Isabel tornou-se o centro das atenções de todos. Apenas a Amelia se mostrava incapaz de sair do abatimento que dela se tinha apossado desde o seu regresso a Espanha.

O Dom Armando tirava proveito de cada momento e regozijava-se por tornar a comer "como um ser humano", enquanto saboreava as batatas cozidas com toucinho ou o estufado de lentilhas.

— Na prisão, comíamos favas com minhocas — contava-nos rindo —, flutuavam no caldo, e não vos direi a que sabem as minhocas, coitadas, melhor será que nunca venham a saber.

O Albert James tinha enviado a Edurne com dinheiro para comprar víveres com vista à celebração do regresso do Dom Armando. Não é que houvesse abundância, mas, embora a preços elevados, no mercado negro sempre se conseguia encontrar alguma coisa.

Foi em finais de junho de 1939 que o Albert James anunciou que regressaria a Paris.

— Concluí o meu trabalho aqui, agora tenho de regressar e dedicar-me a escrever. A Amelia decidiu continuar a trabalhar comigo, pelo que me acompanhará.

A Dona Elena protestou, argumentando que o lugar da Amelia era em Madrid, junto dos seus, mas a Amelia explicou os motivos da sua decisão.

— Aqui, nada posso fazer. Tenho trabalho enquanto secretária do Albert, ganho um bom salário e, com esse dinheiro, poderei ajudar-vos, a vocês e à minha irmã. Não quero que a Antonietta careça dos medicamentos de que necessita para se curar, e quero que vocês possam comer outra coisa para além de batatas.

— Mas e o teu filho? — atreveu-se a Dona Elena a perguntar.

— O Santiago nunca me deixará aproximar-me dele. E bem mereço tal castigo. Virei visitar-vos de vez em quando e tentarei encontrar uma forma de me aproximar do Javier. Talvez um dia possa pedir-lhe perdão e ele possa perdoar-me.

O Dom Armando reconheceu que a sua sobrinha tinha razão. Que trabalho poderia a Amelia exercer em Madrid? A Laura, que havia estudado para se tornar professora, não encontrava trabalho por ser filha de um vermelho, tendo de se conformar com o lugar de contínua no colégio de freiras onde tinha sido aluna. A madre superiora, tomando em consideração o afeto que sentia por ela, tinha-a empregado para o ano letivo seguinte. Teria de varrer, limpar as salas de aula, tratar dos mais pequenos na altura do recreio e encarregar-se de fazer recados, ganhando uma ninharia por tudo isso.

Quanto ao Dom Armando, as autoridades deixaram bem claro que não poderia tornar a exercer a sua antiga profissão, pelo menos por uns tempos. Melhor seria passar desaperecebido aos olhos do regime. O bondoso homem procurou forma de ganhar a vida com dignidade, mas isso não se revelou tarefa fácil e, para sua humilhação, teve de aceitar um cargo de auxiliar no escritório de advogados de um franquista, um homem de confiança dos vitoriosos que necessitava de alguém que tivesse conhecimentos jurídicos e disposto a trabalhar muito a troco de pouco e sem protestar.

Amelia assinou uma procuração para que o tio pudesse vender o apartamento dos seus pais e, assim, pagar a dívida ao Albert James e conseguir mais algum dinheiro para aliviar as dificuldades da família. Inicialmente, o Dom Armando negou-se a concordar com tal ideia, acrescentando que o andar fora herdado por ela e pela Antonietta, mas as duas irmãs insistiram para que tentasse encontrar um bom comprador, certas de que havia pessoas que estavam a conseguir singrar

e que possuiriam meios para adquirir um andar no coração do bairro de Salamanca.

No dia em que a Amelia e o Albert James partiram, fomos despedir-nos deles à Estación del Norte. Todos choramos, sobretudo a Antonietta, que tivemos de arrancar dos braços da Amelia para que esta pudesse subir para o comboio.

Para aqueles que ficávamos, aquele momento representava o início de uma nova vida. O mesmo poderia dizer a Amelia.»

O professor Soler concluiu a sua narrativa, levantou-se da poltrona e caminhou pela divisão, esticando as pernas. Já tinha anoitecido e Charlotte, a sua esposa, entreabriu a porta, para se certificar se continuávamos ainda a conversar.

— Professor, perdoe-me, mas há uma questão que me deixa curioso. Porque não escreve o senhor a história da Amelia Garayoa?

— Porque apenas conheço parte da vida dela. É o senhor quem está a preencher as lacunas deste quebra-cabeças.

Tenho de confessar que, quanto mais coisas ia sabendo acerca da minha bisavó, mais surpreendido ficava. Desde a minha primeira impressão acerca de Amelia, a qual comecei por considerar uma jovem malcriada e desinteressante, até àquele momento, a minha opinião alterara-se. Amelia parecia-me agora uma personagem trágica, destinada a sofrer e a causar sofrimento.

— Bem... agora terá de prosseguir com a investigação — anunciou-me, tal como já temia.

Da mesma forma que nas anteriores ocasiões, tinha já previstas as pistas que eu deveria seguir.

— De Madrid, viajaram para Paris, mas não permaneceram muitos dias aí. O Albert James decidiu viajar para Londres e, como levou a Amelia com ele, você terá de lá ir. Já falei com a Dona Laura e ela está de acordo, mas, de qualquer modo, fale também com ela. Irei fornecer-lhe um contato em Londres: o major William Hurley, um militar aposentado que é arquivista.

— O senhor conhece-o?

— O major Hurley? Não, não o conheço. Na verdade, foi o meu amigo Victor Dupont quem sugeriu o seu nome, pois conheceu-o num congresso de documentalistas. Penso que poderá ajudá-lo a seguir as pisadas do Albert James.

Antes de partir para Londres, passei por Madrid para ver a minha mãe. Desta vez, a sua irritação era real, algo de que me certifiquei mal abri a porta.

— Enlouqueceste? Achas que tem algum sentido aquilo que estas a fazer? Já disse à minha irmã que é ela a culpada, grande ideia essa que teve! A quem interessa aquilo que fez a tua bisavó? De que modo poderia isso afetar a nossa vida?

— A tia Marta já nada tem a ver com isto — respondi-lhe.

— Mas foi ela quem te envenenou. Ouve, Guillermo: no que me diz respeito, não quero saber nada sobre a vida da minha avó, não tenho qualquer interesse nisso. Mas dir-te-ei mais: ou paras com esta loucura ou deixarás de contar comigo para o que quer que seja. Não estou disposta a assistir ao modo como desperdiças a tua vida. É a tua vez de procurares um bom emprego, dedicas-te a investigar o passado dessa Amelia Garayoa que... que... francamente, até depois de morta continua a perturbar a família.

Não consegui convencer a minha mãe acerca dos méritos daquela investigação. Revelou-se inflexível, tendo-o demonstrado ao informar-me de que seria escusado pedir-lhe dinheiro emprestado, porque não pensava ajudar-me até eu abandonar aquilo que ela classificava de "loucura».

O jantar caiu-me mal e parti de mau humor, ainda que decidido a prosseguir com a investigação sobre Amelia Garayoa. Curiosamente, não sentia tratar-se de um assunto pessoal, dado que o interesse que fora despertando em mim nada tinha a ver com a circunstância de ser minha bisavó. A sua vida parecia-me bem mais interessante do que a de muitas pessoas que tinha conhecido e sobre as quais escrevera na qualidade de jornalista.

Dona Laura mostrou-se muito satisfeita com os meus progressos, não levantando objeções a que viajasse para Londres.

4

Cheguei a Londres numa manhã em que não chovia, não havia nevoeiro, não fazia frio. Não é que o sol reluzisse, mas pelo menos o clima parecia-me mais aprazível do que em ocasiões anteriores. Na verdade, estivera em Londres uma única vez, quando era adolescente, fruto de a minha mãe se ter empenhado em inscrever-me numa viagem de intercâmbio para que pudesse praticar a língua inglesa.

O major William Hurley pareceu-me um velho rezingão, pelo menos ao telefone.

— Apareça em minha casa amanhã às oito em ponto e não se atrase. Vocês, os espanhóis, têm o curioso hábito de se atrasarem.

Irritou-me a alusão de que nós, os espanhóis, somos pouco pontuais, dizendo para mim próprio que lhe perguntaria quantos espanhóis conhecia e se todos haviam chegado atrasados aos seus encontros.

As oito da manhã em ponto, toquei à campainha de uma mansão vitoriana localizada na zona de Kensington. A porta foi aberta por uma criada trajada a rigor. A rapariga parecia caribenha, sobretudo porque, apesar da rigidez que se respirava logo ao transpor do umbral da porta, me sorriu abertamente, comunicando que iria de imediato informar o major da minha chegada.

William Hurley aguardava-me sentado junto à lareira, numa biblioteca imensa. Parecia distraído a fitar um tronco a arder, mas levantou-se prontamente, estendendo-me uma mão que parecia de aço, quase me esmagando os dedos.

— Recebo-o a pedido do senhor Dupont — recordou-me.

— Fico-lhe agradecido, major Hurley.

— O senhor Dupont disse-me que pretende obter informações acerca da família James, não é assim?

— Com efeito, estou interessado em conhecer tudo o que possa respeitar a um elemento dessa família, Albert James, que, segundo pude perceber, possuía

familiares no Foreign Office e no Almirantado.

— É verdade, caso contrário o senhor não estaria aqui.

— Como assim?

— Jovem, dediquei boa parte da minha vida a investigar em arquivos militares, sobretudo relativos à Segunda Guerra Mundial e, com efeito, houve um James que serviu no Almirantado naquela época. O Lorde Paul James era um oficial encarregado de uma das secções de contraespionagem e, precisamente, um dos seus netos casou-se com a Lady Victoria, sobrinha da minha esposa. A Lady Victoria, uma mulher notável, joga muito bem golfe, sendo também historiadora. Encarregou-se de organizar todos os arquivos concernentes à sua família e à do marido. Bem — concluiu —, o que pretende exatamente saber?

Expliquei-lhe quem era e contei-lhe que, presumivelmente, uma amante de Albert James, Amelia Garayoa, era minha bisavó, sendo o meu único interesse reconstruir a sua história a pedido da família.

— Foi uma mulher singular, essa sua bisavó.

— Ah! Então, o senhor sabe alguma coisa acerca dela?

— Não tenho tempo a perder. O senhor Dupont telefonou-me a pedir-me que o recebesse e explicou-me as razões da sua investigação, de forma que estive a consultar os arquivos do Almirantado, aqueles que são do domínio público, visto que há ainda muitas matérias que permanecem confidenciais e que, como é natural, nunca serão divulgadas. Houve uma agente livre, uma espanhola chamada Amelia Garayoa, que colaborou com os serviços secretos britânicos durante a Segunda Guerra Mundial. O seu protetor foi o Albert James, sobrinho do Lorde Paul James, que também foi agente, diria mesmo um dos melhores.

Fiquei estupefato. A minha bisavó não parava de me surpreender.

— Uma agente livre? O que significa isso? — perguntei, tentando recuperar da surpresa.

— Não era inglesa, não estava vinculada a nenhum organismo mas, tal como muitas outras pessoas em toda a Europa, colaborou com os serviços de informação com o fito de derrotar o nazismo. Na guerra, houve duas grandes frentes, e a dos serviços secretos foi tão importante quanto a militar.

O major Hurley ministrou-me uma lição magistral acerca do funcionamento dos serviços secretos durante a Segunda Guerra Mundial. O homem parecia ter prazer em exhibir os seus vastos conhecimentos, pelo que o ouvi atentamente. Como jornalista, uma lição que interiorizei bem foi que ninguém resiste a que o ouçam com atenção. Na verdade, as pessoas estão muito necessitadas de ser ouvidas e, se tivermos paciência e humildade para as ouvirmos sem interromper, conseguimos obter as informações mais insólitas.

As dez horas em ponto, a criada caribenha bateu suavemente à porta,

anunciando ao major que estava um automóvel à sua espera junto à entrada.

— Ah! Tenho encontro marcado com um velho amigo no clube. Bem, jovem, penso que irei pedir à Lady Victoria que o receba, talvez ela possa fornecer-lhe informações acerca dos aspetos mais... mais... digamos que mais íntimos da relação entre o Albert James e a Amelia Garayoa. No que me diz respeito, colocá-lo-ei ao corrente da sua atividade enquanto agente. Depois ligo para o seu hotel.

Saí de casa do major Hurley entusiasmado. A história de Amelia Garayoa começava a adquirir perspectivas insuspeitas.

Lady Victoria recebeu-me dois dias depois. Deparei-me com uma mulher atraente, ainda que aparentasse possuir mais ou menos a idade da minha mãe.

Alta, magra, com o cabelo acobreado, olhos azuis, a pele muito branca e coberta de sardas e com a elegância típica das mulheres de classe alta que nada tiveram de pagar por tudo o que possuem, não que, diga-se, Lady Victoria tenha sido uma aluna exemplar na Universidade de Oxford, onde se licenciou em História.

— Que empenho tão louvável o seu, ao investigar o passado da sua bisavó! Sem raízes nada somos, é como se não tivéssemos os pés assentes no chão. Deve ser terrível não se saber quem se é e, claro, isso apenas se torna possível conhecendo a história daqueles que nos antecederam.

Esforcei-me por não responder à sua alusão classista, mas acabei por nada dizer, visto que necessitava da sua ajuda.

— Fique a saber, jovem, que encontrei nos arquivos familiares muitas informações sobre a sua bisavó: cartas, referências a ela no diário da mãe do Albert James. Enfim, julgo que aquilo que lhe irei contar poderá vir a ser-lhe útil. Ainda que, naturalmente, será o tio William a colocá-lo ao corrente dos aspetos mais substanciais. É emocionante saber que a sua bisavó foi espia e que colocou a vida em risco lutando contra os nazis! Meu caro, apesar de tudo, deve certamente sentir-se orgulhoso por ser descendente de uma mulher como ela.

Tal como fizera com o major William, deixei que Lady Victoria tomasse as rédeas da conversa. O melhor era ouvir. Além do mais, Lady Victoria não fora educada de modo a permitir que alguém a interrompesse. Acendeu um cigarro e começou a falar.

"O Albert James e a sua bisavó chegaram a Londres em meados de julho de 1939. Precisamente um mês antes, tinha sido aprovada a criação do Exército Terrestre feminino... mas não mudemos de assunto. Instalaram-se na casa que o Albert possuía em Kensington, um apartamento típico de um solteiro, amplo e aprazível. Os pais do Albert residiam muito perto do filho e, na verdade, essa casa continua a existir; aliás, neste momento reside lá um neto dele. Falar-lhe-ei

mais tarde desse neto, mas para já isso não é o mais importante.

Nessa altura, os pais estavam na casa da família na Irlanda, em Howth, perto de Dublin, onde costumavam deslocar-se todos os verões, passando o resto do ano nos Estados Unidos. Não sei se terá sido informado, mas os James descendem de uma antiga família da nobreza rural. O Paul James era o irmão mais velho, tendo sido ele quem herdou a casa familiar; o pai do Albert, Ernest, decidiu ir para os Estados Unidos e fazer fortuna, e não restam dúvidas de que a fez! Embora se tenha tornado um próspero comerciante, nunca se desvinculou das suas raízes e, já velho e doente, regressou à Irlanda para aí falecer. O Ernest teria desejado que o filho tivesse nascido na Irlanda, mas nasceu antes do tempo, ou seja, prematuramente, pelo que teve de se conformar com a circunstância de o seu filho ser nova-iorquino. Mas, enfim, nascer em Nova Iorque não é assim tão mau, não lhe parece?

O Albert escreveu à mãe informando-a de que iria à Irlanda fazendo-se acompanhar pela Amelia Garayoa. Aliás, encontrei essa carta entre os documentos da Lady Eugenie, assim se chamava a mãe do Albert. Durante os dias em que estiveram em Londres, não permaneceram inativos. Ser-lhe-á fácil imaginar a situação política da época: sabe com certeza que o Chamberlain fez todos os possíveis para apaziguar o Hitler, convicto de ser essa a melhor estratégia, mas, como seria evidente, enganou-se redondamente. O tio do Albert, Paul James, irmão do seu pai, trabalhava no Almirantado.

O Paul James convidou o sobrinho e a belíssima Amelia para jantarem em sua casa, juntamente com outros amigos seus, com o principal tema de conversa a girar em torno das intenções do Hitler. Entre os convidados, alguns havia que estavam convencidos de que a Alemanha acabaria por provocar uma guerra na Europa, outros havendo que, ingenuamente, pensavam que seria possível evitá-lo. Mas talvez o que mais interesse destacar daquele serão tenha sido a circunstância de a Amelia ter reencontrado um velho amigo, o Max von Schumann, que se fazia acompanhar pela esposa, a baronesa Ludovica von Waldheim. Não julgue que estas coisas que lhe conto sejam conjeturas. Sou parente dos James e precisamente a minha avó esteve presente nesse jantar. Ela tinha o hábito de falar com os netos acerca dos anos de guerra.

O Albert apresentou a Amelia como sua auxiliar, não se atrevendo a mais por ela ser casada, mas era evidente para todos que a relação entre ambos ultrapassava o âmbito profissional.

A sua bisavó era uma mulher muito bela, sei isso porque vi algumas fotografias dela que permanecem no arquivo familiar, e, ao que parece, todos os presentes naquele jantar ficaram rendidos a seus pés. Bonita, inteligente e poliglota, nem parecia espanhola. Não se ofenda, mas mulheres distintas como a

sua avó, sobretudo espanholas, não eram comuns naquela época.

A última coisa que tanto o Max von Schumann quanto a Amelia Garayoa esperavam era encontrarem-se naquele discreto e seletivo jantar em casa do Paul James.

— Amelia, que alegria! Permite-me apresentar-te a minha esposa Ludovica, a baronesa Von Waldheim. Ludovica, esta é a Amelia, de quem já te falei. Conhecemo-nos em Buenos Aires em casa dos meus amigos, o casal Hertz.

A Ludovica apertou a mão à Amelia, não passando despercebido a ninguém que as duas mulheres se mediram mutuamente com o olhar. Ambas louras, magras, elegantes, de olhos claros e muito belas... pareciam duas valquírias.

Se, para o Albert, foi uma surpresa que a Amelia conhecesse o alemão, muito mais o foi para o seu tio Paul James.

Max von Schumann estava em Londres numa missão secreta: tentar convencer o governo britânico a travar os intentos do Hitler. Representava um grupo de opositores ao nazismo constituído por alguns intelectuais, ativistas cristãos e uns quantos militares, que havia já bastante tempo tentavam que as potências ocidentais deixassem de pactuar com o Hitler e assumissem que representava uma ameaça para a paz na Europa. Ainda que o grupo não tivesse muitos aderentes, era muito ativo e, numa derradeira e desesperada tentativa de captar a atenção da Grã-Bretanha, tinha enviado o Von Schumann a Londres.

Max Von Schumann era militar e integrava o corpo médico do exército, o que acrescentava um valor substancial à sua presença ali.

Amelia apresentou o Albert ao Max e à sua esposa e, durante uns momentos, conversaram entre os quatro sobre trivialidades. Tornou-se evidente aos olhos de todos que o Schumann procurava uma oportunidade para poder conversar a sós com a Amelia, mas a Ludovica não estava disposta a facilitar tal ocasião ao marido.

O Paul James apercebeu-se rapidamente das qualidades da Amelia e, ainda que nada tenha dito naquele momento, pensava já que a espanhola poderia vir a revelar-se de grande utilidade no futuro, se acaso a guerra deflagrasse, tal como estava convencido de que viria a suceder.

— Albert, quais são os teus planos? — perguntou o Lorde Paul James ao sobrinho.

— Para já, escrever algumas reportagens sobre Espanha e, seguidamente, ir visitar os meus pais à Irlanda. Gostaria de lhes apresentar a Amelia.

— Posso perguntar-te se estão comprometidos?

O Albert pigarreou, embaraçado, mas optou por contar a verdade ao tio.

— A Amelia é casada, está separada do marido, e temo que, para já, não possamos oficializar a nossa relação. Mas estou apaixonado por ela. É uma

mulher especial: forte, inteligente, resoluta... Teve de enfrentar situações horríveis e, se tivesses visto aquilo de que se mostrou capaz na União Soviética para evitar a morte de um homem... O pai dela foi fuzilado pelos franquistas e perdeu alguns dos seus familiares na guerra... Em suma, não teve uma vida fácil.

— A tua mãe vai ter um desgosto, bem sabes que gostaria que te casasses e... bem, melhor será colocar-te já ao corrente: ela convidou a Lady Mary e os pais dela para passarem férias na Irlanda. Tanto quanto sei, partirão amanhã de Londres tendo a vossa casa por destino.

O Paul James não podia ter dado pior notícia ao sobrinho, embora nessa altura aquilo que menos o preocupava eram os conflitos sentimentais do Albert. Convencido de que a guerra estava iminente, tinha planos para os quais esperava contar com ele.

— Depois das férias, tens previsto viajar para mais algum lado? — perguntou-lhe.

— Talvez me desloque à Alemanha, gostaria de observar de perto aquilo que o Hitler tem vindo a fazer.

— Excelente! Fico feliz por ires à Alemanha.

— Porquê, tio?

— Porque, por mais que no ministério evitem ver a realidade, a 2ª guerra está iminente. () Lorde Halifax parece depositar uma fé cega nos relatórios de Neville Henderson, o nosso embaixador em Berlim, e não te oculto que são demasiados benevolentes no que respeita ao Hitler. O Chamberlain investiu demasiado tempo na tentativa de apaziguar o Hitler para aceitar que a guerra é inevitável.

— E o que é que tudo isso tem a ver comigo? — perguntou o Albert, desconfiado.

— Nascestes nos Estados Unidos, ainda que sejas irlandês, mas, nestas alturas, ter passaporte norte-americano pode revelar-se de grande utilidade...

— Ignoro aquilo em que possas estar a pensar, mas não contes comigo. Sou jornalista e nunca me deixarei envolver nas tuas manobras de espionagem.

— Nunca te pedi isso, e não o faria agora se as circunstâncias não fossem excecionais. Daqui a não muito tempo, todos teremos de fazer as nossas opções. Não será possível baixarmos os braços e mantermo-nos neutros. Também tu não o poderás fazer, Albert; por mais que queiras, não o poderás fazer. E também os Estados Unidos terão de optar, é uma questão de tempo.

— Tio Paul, andas muito pessimista.

— Na minha profissão, é sempre perigoso enganarmo-nos a nós próprios. Deixamos isso para os políticos.

— De qualquer modo, não contes comigo para o que quer que seja que tenhas planeado. Levo a minha profissão tão a sério como tu a tua.

— Não duvido, meu querido Albert, mas infelizmente estou certo de que tornaremos a falar sobre este assunto.

Num outro momento do serão, o Max von Schumann deparou-se com a desejada ocasião para falar com a Amelia. A esposa do Paul James, Lady Anne, reteve a Ludovica numa conversa com outra Senhora e a baronesa não teve forma de abandonar as suas interlocutoras sem dar nas vistas.

— Pareces-me mudada, Amelia.

— A vida não passa por nós sem deixar marcas...

— O Albert James é teu...?

Meu amante? Sim, é.

— Perdoa-me, não pretendia perturbar-te.

— Não me perturbas, Max. De que outra forma se poderia descrever a minha relação com o Albert? Sou uma mulher casada; logo se estou com outro homem, este será certamente meu amante.

— Imploro-te que me perdoes, apenas queria saber como estavas. Não deixei de me recordar de ti desde que nos conhecemos em Buenos Aires. Pedi ao Martin e à Gloria Hertz que me dessem notícias tuas, mas nas cartas deles a única coisa que me diziam era que partiste com o Pierre para um congresso de intelectuais em Moscou e que não tinhas regressado. A Gloria escreveu-me para me informar de que o pai do Pierre tinha ido a Buenos Aires para fechar a livraria e recuperar os pertences do filho, não tendo querido falar-lhes de ti. Não sei se devo perguntar-te pelo Pierre...

— Foi morto em Moscou.

Max ficou sem palavras quando confrontado com a notícia da morte do Pierre. A mulher que estava à sua frente nada tinha a ver com a rapariga indefesa que julgava ter conhecido na Argentina.

— Lamento.

— Obrigada.

Pareciam não saber o que mais dizer um ao outro. O Max mostrava-se perturbado, sentindo os olhares inquiridores da sua esposa, e, no que respeita à Amelia, era de calcular que se sentisse decepcionada, talvez magoada, ao aperceber-se de que Max se havia casado. Não que esperasse que ele se mantivesse fiel às recordações e quebrasse o compromisso com a Ludovica, mas uma coisa era sabê-lo e outra muito diferente era constatar-lo com os próprios olhos.

— Ficas muito tempo em Londres? — quis ele saber.

— Não sei, acabamos de chegar. Será o Albert a determinar. Para além de ser meu amante, trabalho para ele: sou sua ajudante, secretária, faço um pouco de tudo. Ele tem-me salvado: fê-lo em Moscou, em Paris, em Madrid. Esteve

sempre comigo quando eu precisava de ajuda, tendo-me sempre estendido a mão sem lha ter pedido.

— Invejo-o por isso.

— A sério? Sabes uma coisa, Max? Senti muito a tua falta quando partiste e, nos primeiros tempos, sonhava que um dia voltaríamos a encontrar-nos. Depois, em Moscovo, deixei irremediavelmente de sonhar. Aprendi a pensar apenas no momento presente que me é dado viver.

— Sofreste muito...

Amelia encolheu os ombros, num gesto que pretendia ser de indiferença.

— Gostaria de tornar a ver-te — disse ele.

— Com que finalidade?

— Para conversarmos, para... Não me faças sentir como um adolescente. Ser-te-á assim tão difícil perceber que me preocupo contigo?

— Meu Deus, que coisas dizes!

— Poderás acusar-me de muitas coisas, mas, quer queiras quer não, continuas a ser importante para mim.

— Se o acaso não tivesse determinado que nos reencontrássemos aqui hoje, nunca teríamos tornado a saber notícias um do outro...

— Mas o acaso determinou precisamente o contrário, e aqui estamos nós. Aceitas tomar chá comigo amanhã no Dorchester?

— Não sei, não posso comprometer-me. Depende do Albert.

— Precisas da autorização dele?

— Preciso dele.

— Às cinco horas, estarei no Hotel Dorchester. Ficaria feliz se pudesses comparecer.

A baronesa Ludovica von Waldheim aproximou-se deles com passo decidido.

— Recordando velhos tempos? — perguntou com ironia.

— Estava a convidar a menina Garayoa para tomar chá, e espero que possa aceitar o convite. Sabe Deus quando poderemos tornar a ver-nos...

— Oh, muitos são os caprichos do destino! Não lhe parece, minha querida? — disse a baronesa, trespassando a Amelia com o olhar.

— Tento não levar o destino em conta nos meus planos de vida replicou ela.

O Albert James não deu importância de maior ao convite do barão Von Schumann, dado que no dia seguinte ele próprio a levou ao hotel Dorchester.

— Virei buscar-te daqui a uma hora — disse-lhe dando-lhe um beijo na face, depois de cumprimentar o Max von Schumann.

— Fico feliz por teres podido vir — disse-lhe o Max depois de ficarem sozinhos.

— O Albert considera natural que tomemos chá juntos por nos termos conhecido em Buenos Aires e possuímos amigos em comum.

— O senhor James é muito compreensivo.

— É um homem extraordinário, o melhor de todos quantos já conheci — respondeu a Amelia levemente irritada.

Falaram das reviravoltas nas vidas de ambos. Ele contou-lhe a razão da sua estadia em Londres e de como tinha fracassado na sua tentativa de convencer os britânicos a travarem o Hitler.

— Não consegui fazer-me ouvir, mas continuaremos a tentar. Um outro membro do nosso grupo chegará dentro de alguns dias a Londres e tornará a encontrar-se com algumas personalidades eminentes do governo britânico.

— Mas ontem à noite Sir Paul James manifestou publicamente a sua convicção de que o Hitler provocará uma guerra na Europa. Por que razão dizes que fracassaste?

— Sir Paul é um homem inteligente, capaz de ver as coisas como elas são e de não se aferrar à forma como desejaria que elas fossem. Infelizmente, não depende dele que o governo britânico tome ou não em consideração as nossas advertências.

— Sabes uma coisa? Não deixa de me surpreender que, sendo militar, venhas à Grã-Bretanha para pedir aos ingleses que travem o Hitler. Julgava-te um patriota, incapaz de fazer o que quer que fosse contra a Alemanha.

— Aquilo que estou a fazer é pela Alemanha e precisamente por ser patriota. Não julgues que foi fácil obter autorização para viajar numa altura destas, mas suponho que a antiga nobreza beneficiará ainda de determinados privilégios, por mais que o Hitler nos odeie. Além disso, tinha uma desculpa: a Ludovica tem uma prima que está casada com um conde inglês e, oficialmente, viemos ao batizado do seu primeiro filho.

Depois, o Max explicou-lhe que se tinha empenhado em saber notícias de Herr Itzhak Wassermann, o sócio do pai da Amelia, mas todos os esforços se haviam revelado inúteis. O empregado de Herr Itzhak, Helmut, tinha-lhe assegurado que ignorava onde pudessem estar.

— O bom homem estava amedrontado, desconfiava de mim. Claro que, nos tempos que correm, toda a gente se tornou desconfiada na Alemanha. Escrevi-te para te informar, mas suponho que já tivesses abandonado Buenos Aires, pois não respondeste à minha carta.

Uma hora depois, o Albert James apareceu para vir buscar a Amelia. O Max convidou-o também para tomar chá, pretendendo conhecer a opinião dele acerca daquilo que estava a acontecer na Europa, e ficou surpreendido quando o Albert lhe disse que estava a pensar ir à Alemanha.

— A Ludovica e eu ficaríamos encantados em acolhê-lo e, se pudermos ser úteis em alguma coisa...

Amelia permaneceu em silêncio, tendo ficado ainda mais surpreendida do que o Max ao saber que o Albert pretendia viajar para Berlim, mas optou por manter-se calada.

Mais tarde, o jornalista informá-la-ia de que, quando acabasse de escrever as reportagens sobre Espanha, iriam à Irlanda para passarem alguns dias com os pais dele, posto o que partiriam para a Alemanha.

— Vários jornais norte-americanos querem notícias sobre o Hitler e certificar-se se conseguiu efetivamente resgatar o país do caos econômico em que se encontrava. Virás comigo?

— Obviamente que sim, por nada deste mundo perderia uma oportunidade de me deslocar a Berlim. Quem sabe, talvez consiga que Herr Helmut, o empregado do meu pai e de Herr Itzhak, me dê alguma notícia. Lembro-me tantas vezes da Yla!

A estadia do Albert e da Amelia na Irlanda não foi propriamente um mar de rosas. A Lady Eugenie, a mãe do Albert, era uma mulher muito teimosa e, ainda que tenha recebido a Amelia com um sorriso, rapidamente deixou claro que não a considerava a pessoa adequada para o seu filho. Além do mais, tal como o Paul James tinha anunciado, a família contava como convidados o casal Brian, seus amigos, e a sua filha Mary, que, na opinião da Lady Eugenie, reunia todas as qualidades necessárias para se tornar a esposa do Albert.

Algumas passagens do diário da Lady Eugenie transmitem-nos uma visão exata do que aconteceu naqueles dias: A Amelia é encantadora, isso não posso negar, mas é casada, de maneira que o Albert não terá outro remédio senão terminar a sua relação com ela. No respeitante à Mary, parece-me perfeita para o Albert. É bonita, educada, descende de uma família excelente e possui muito boas relações. Para ela, foi uma decepção constatar que o Albert estava tão apaixonado pela Amelia. Também os pais dela se sentem embaraçados com a situação, pelo que decidi tomar o assunto em mãos. Amanhã, falarei com o Albert, posto o que farei o mesmo com os Brian. Eles ignoram que a Amelia é casada e penso informá-los disso. No que respeita ao Ernest, não sei se poderei contar com ele, dado que me pediu para não fazer de casamenteira e para respeitar a decisão do nosso filho, por mais que também ele se sinta desagradado com a sua relação com a Amelia. Mas o Ernest está a tornar-se muito norte-americano, esquecendo-se de que existem valores e tradições que devem ser mantidos. Um filho tem de compreender que casar-se não é uma decisão que dependa exclusivamente de si próprio, devendo também pensar na família. Além disso, neste caso, nem sequer está em causa optar por casar com a Mary ou com

a Amelia, uma vez que a espanhola já é casada...

A conversa com o Albert não foi fácil. Julgo que ter sido educado nos Estados Unidos o transformou num homem pouco tradicionalista. Disse-lhe que a Amelia conta com a minha simpatia, mas também que a relação deles não tem futuro.

— Irás renunciar a ter filhos? — perguntei-lhe.

O Albert nada respondeu, julgo que ainda não tinha pensado no assunto ou, simplesmente, não quis pôr essa hipótese até agora.

— Se tiveres filhos, farás deles bastardos. É isso o que pretendes?

Depois, recordei-lhe as suas obrigações relativamente à família por ser filho único. Eu infelizmente, não pude ter mais filhos, cabendo-lhe portanto a ele a responsabilidade de herdar o nome da família e de gerir tudo o que possuímos, por mais que diga ser norte-americano e não acreditar na divisão de classes. Quer queira quer não, será sempre um Jame.

Também a conversa com os Brian não se revelou fácil. Expliquei-lhes que a relação entre o Albert e a Amelia não passa de um deslumbre de juventude. Julgo que ficaram mais tranquilos ao saber que, ainda que o Albert o pretendesse, não poderia casar-se com a Amelia, dado que ela já é casada e, com o Franco a governar a Espanha, as possibilidades de divórcio são quase nulas. Foram muito discretos, não tecendo qualquer comentário negativo acerca da Amelia. À Mary, pedi alguma paciência, assegurando-lhe que, por vezes, os homens perdem momentaneamente a cabeça por uma mulher e que as senhoras como nós devem aceitar tais situações com elegância. Melhor seria fazer-se desapercebida do que provocar uma conversa direta na qual poderiam ser ditas coisas inconvenientes. Além do mais, estou certa de que, por mais que lhe custe e por mais norte-americano que se sinta, o Albert acabará por corresponder ao seu dever para connosco.

O Albert concluiu que não devia prolongar a sua estadia na Irlanda, sob pena de entrar em conflito aberto com a mãe, e decidiu regressar a Paris antes de viajar para Berlim.

A 22 de agosto de 1939, num discurso dirigido ao estado-maior alemão, o Hitler deixou bem claras as suas intenções de invadir a Polónia. Um dia depois, a 23, a Amelia e o Albert foram jantar a casa do Jean Deuville. A Amelia tinha mantido incólume a amizade com o melhor amigo do Pierre. Estava-lhe agradecida, como o estava ao Albert, pela ajuda imprescindível que lhe havia prestado em Moscou na tentativa de salvar o Pierre. Desde a morte dele, foi com dificuldade que o Jean tinha conseguido superar as ocorrências de Moscou, pois havia descoberto uma faceta do comunismo que o horrorizava.

Como se isso não fosse suficiente, para o Deuville, representou também um

rude golpe o fato de, nesse mesmo dia, a Alemanha e a União Soviética terem assinado um pacto de não-agressão. Como muitos outros comunistas, sentia-se desamparado, incapaz de encontrar argumentos que pudessem justificar o pacto Ribbentrop-Molotov.

O Hitler perseguia raivosamente os comunistas na Alemanha, e o Jean não conseguia perceber porque é que o Stalin, contrariando todos os princípios, estava a proporcionar-lhe tal balão de oxigênio.

— Como podes ser tão ingênuo? — disse-lhe a Amelia. — Não Percebes que o Stalin está a tentar ganhar tempo?

— Tempo? Aquilo que está a fazer é oferecer tempo ao Hitler — lamentou-se o Jean Deuille.

— Acabarão por entrar em conflito, não duvides disso. Trata-se de uma simples manobra tática — insistiu a Amelia.

— E quanto aos princípios? Não sou daqueles que defendem que os fins justificam os meios.

— Sempre foste um romântico — interveio o Albert, que tinha acabado por nutrir uma simpatia sincera pelo Deuille depois de ter partilhado com ele tantas desventuras em Moscou.

— Os ideais não podem ser enxovalhados. Como posso justificar este pacto junto dos meus amigos, que convenci de que o comunismo era o único ideal capaz de construir um mundo novo? Como posso pedir-lhes para continuarmos a lutar contra o fascismo se o Stalin pactua com o Hitler?

O Jean Deuille estava desolado, e nenhum dos argumentos da Amelia ou do Albert conseguiam apaziguar a sua angústia. Era um homem ideologicamente puro, para quem se revelava de todo incompreensível, independentemente dos motivos apresentados, que o Stalin pudesse ter pactuado com o Hitler.

Quando, já depois da meia-noite, o Albert e a Amelia saíram de casa dele, o Jean abraçou-a durante alguns minutos, como se pretendesse retê-la. Depois, enquanto se despedia do Albert com um vigoroso aperto de mão, incumbiu-o de uma responsabilidade.

— Dás a tua palavra de honra de que cuidarás dela, não é assim?

— É o que pretendo, cuidar da Amelia durante o resto da minha vida — respondeu o Albert com solenidade.

— Isso tranquiliza-me.

Amelia ficou preocupada com a angústia do Jean Deuille e, sobretudo, com a forma como se despediu deles.

— Não deveríamos deixá-lo sozinho — disse ela ao Albert quando saíram do seu apartamento.

— Então, não sejas infantil! Não se passa nada com ele. A questão é que é

um homem íntegro e que nada percebe de táticas e estratégias políticas. É por isso que não consegue compreender o pacto Ribbentrop-Molotov. Deixa-me desde já dizer-te que foste muito generosa ao tentar justificá-lo, tendo em conta aquilo que pensas do Stalin.

— O Jean é um homem bom e eu não quero escarafunchar na ferida.

Dois dias depois, chegaram a Berlim e hospedaram-se no Hotel Adlon. A Amelia não conseguiu conter a emoção que para ela implicava regressar a Berlim, uma cidade que tinha conhecido em criança, quando viajava para a Alemanha com os pais.

Não teve muitas dificuldades em convencer o Albert a ajudá-la a procurar os Wassermann. Estava confiante de que alguém pudesse fornecer-lhe alguma pista acerca de Herr Itzhak e da sua esposa Judith ou, pelo menos, da sua filha Yla.

Levou-o até à Oranienburger Strasse, perto da Neue Synagoge, a maior sinagoga da Alemanha.

— É extremamente impressionante! — comentou o Albert ao contemplar o edifício de aparência mourisca.

— É verdade, ainda me recordo dos comentários de Herr Itzhak acerca da sinagoga... Foi inaugurada em 1866 e é da autoria de Edouard Knoblauch, um discípulo de Karl Friedrich Schinkel.

— Tens uma memória fantástica!

— Sempre me interessei pela história e pela arte.

Nenhum vizinho lhes soube dar qualquer notícia acerca de Herr Itzhak e da sua família. A Amelia insistiu em tocar a todas as campainhas do edifício onde tinha vivido a família Wassermann, mas a única informação que conseguiram obter foi que haviam desaparecido de um dia para o outro.

Ela sentia a desconfiança das poucas pessoas que se atreveram a abrir-lhes a porta. Aquele edifício antigo, no qual residiam famílias burguesas, apresentava-se agora descuidado e sombrio.

— Decerto os Wassermann terão já saído da Alemanha. Tu própria me disseste que o teu pai insistia com eles para que o fizessem.

— Sim, mas Herr Itzhak recusava-se a isso, dizendo que esta era a sua pátria.

— Pois sim, mas tendo em conta o rumo dos acontecimentos o bondoso homem não terá encontrado outra solução senão partir. Se bem me recordo, disseste-me que os nazis tinham-lhe liquidado o negócio, o que acabou por arruinar o teu pai.

— Assim foi, mas apesar de tudo Herr Itzhak insistia em permanecer na Alemanha.

Amelia não se rendia facilmente e, por isso, insistiu até conseguir convencer o Albert de que deviam tentar encontrar o Helmut, o contabilista do negócio do

senhor Wassermann.

— É boa pessoa e, se o encontrarmos, decerto poderá dar-nos informações acerca dos Wassermann.

— Nunca te dás por vencida? — replicou o Albert, rindo.

Ela não respondeu e conduziu-o até à Stadthaus, onde perguntou pela localização do Zur Letzten, o restaurante mais antigo da cidade. Um homem explicou-lhes que estavam bastante próximos e indicou-lhes como lá chegar.

— Sei que Herr Helmut vivia nesta zona, a casa dele não distava muito do restaurante mais antigo de Berlim. O meu pai levou-nos uma noite a jantar ao Zur Letzten, embora já o tivéssemos visitado anteriormente.

Após algumas voltas pela zona, conseguiram dar com o edifício. O porteiro, depois de os observar detidamente, informou-os de que Herr Helmut estava em casa.

O Albert teve de correr atrás da Amelia, que começou a subir as escadas tão apressadamente que parecia levada pelo vento.

Tocaram à campainha e, impacientes, aguardaram por resposta. Passados uns instantes, a porta foi-lhes aberta por um homem de idade já avançada e aspeto cansado.

— O que pretendem? — perguntou o homem, observando-os com desconfiança.

— Herr Helmut, sou a Amelia Garayoa! Não me reconhece?

— Fräulein Amelia, meu Deus, é já uma mulher feita! — Após a surpresa inicial, o alemão convidou-os a entrar. — Entrem, entrem, irei fazer algum café. Infelizmente, a minha esposa está acamada com febre, mas eu mesmo vos sirvo.

— Não desejamos incomodá-lo, apenas queria saber como estava e perguntar-lhe acerca do paradeiro dos Wassermann... — desculpou-se a Amelia.

Mas Herr Helmut parecia não a ouvir. Conduziu-os até à sala e convidou-os a sentarem-se, pedindo-lhes que aguardassem que lhes servisse o café.

— Parece boa pessoa — conseguiu dizer o Albert James.

— Sim, claro que é boa pessoa. O meu pai depositava bastante confiança nele.

O homem regressou com um tabuleiro, decidido a não responder às perguntas da Amelia enquanto não a visse saborear o café que tinha preparado.

— Diga-me: como está o seu pai? Há muito tempo que nada sei acerca do Dom Juan. Soube que estava a lutar na guerra contra o Franco... Escrevi-lhe, mas não obtive resposta.

— O meu pai faleceu, foi fuzilado pouco antes do fim da guerra.

— Lamento imenso! O seu pai, tal como Herr Itzhak, era um bom patrão, justo e honrado... Transmita os meus mais sinceros pêsames à sua mãe e à sua

irmã Antonietta. Ainda me lembro de vocês quando eram crianças...

— Também a minha mãe já faleceu e, quanto à minha irmã Antonietta, embora esteja doente, graças a Deus está viva — respondeu a Amelia, tentando reprimir a emoção e as lágrimas.

Herr Helmut ficou desconcertado com a narrativa das desgraças que se haviam abatido sobre a família Garayoa. Não encontrava palavras para exprimir a sua tristeza. A Amelia pediu-lhe que lhe desse notícias acerca dos Wassermann.

— Pouco lhe posso dizer, tal como já havia dito ao seu pai, Dom Juan. A partir do momento em que o Hitler subiu ao poder, foi implementada uma política antissemita. A menina era ainda muito nova para se lembrar disso, mas em 1933 foi decretado o primeiro boicote contra os judeus alemães, tendo sido organizadas centenas de piquetes constituídos por nazis que se instalaram à frente de lojas e empresas detidas por judeus. Depois, começaram a ser privados dos seus direitos legais e civis e, com as mais diversas justificações, foram sendo expropriados de tudo quanto possuíam. Foram impedidos de exercer cargos públicos ou carreiras judiciais, tendo sido ainda expulsos dos hospitais, das universidades, das salas de espetáculo, dos jornais... Alguns optaram por partir, mas a maioria, como Herr Itzhak, recusou-se a fazê-lo. Sendo alemães, por que motivo teriam de abandonar o seu país? Depois, foram implementadas as Leis de Nuremberg... Inicialmente, o governo nacional-socialista dava preferência a que os judeus partissem, para poder apossar-se dos seus bens, mas estará decerto ao corrente do que aconteceu: muitos países não quiseram acolhê-los e assim se chegou ao atual estado de coisas: detenções em massa, destruição das sinagogas, expropriação de bens, confiscação dos passaportes... O seu pai e Herr Itzhak viram o negócio ser-lhes expropriado. Não sei se o seu pai lhe contou, mas, em finais de 1935, fizeram uma inspeção à empresa e disseram que havia fraudes contabilísticas. Juro que não era verdade, era eu quem tratava da contabilidade e asseguro-lhe que todas as contas estavam em ordem. Mas não houve forma de defesa contra tais acusações, pelo que Herr Itzhak e o seu pai acabaram por perder a empresa. Sei bem que isso representou um duro revés para ambos.

— Sim, estou ao corrente de tudo isso, Herr Helmut, mas o que realmente pretendo saber é o que terá acontecido aos Wassermann — insistiu a Amelia.

— Já ouviu falar da Noite de Cristal?

— Sim, claro que sim.

— Não calcula quantos judeus foram já detidos desde então. São levados para campos de trabalho e, a partir do momento em que aí chegam, deixa-se de saber do seu paradeiro.

— Por favor, diga-me onde estão os Wassermann!

— Não sei, não tenho a certeza. Herr Itzhak conseguiu que a Yla saísse da Alemanha, julgo que para viver com uns familiares de Frau Judith nos Estados Unidos. A Yla não desejava partir, mas Herr Itzhak e Frau Judith mostraram-se inflexíveis, pois não queriam que ela continuasse a sofrer as humilhações que se abatiam sobre todos os judeus alemães. Contudo, eles optaram por ficar, acreditando que o país recuperaria a razão, que o Hitler não passava de um pesadelo, que os judeus tornariam a ser considerados bons alemães... O pouco que lhes deixaram mal dava para se sustentarem, eu próprio os ajudei tanto quanto me foi possível, até que um dia... bem, Herr Itzhak desapareceu. Frau Judith quase enlouquecia quando nos inteiramos de que tinha sido levado para um campo de trabalho.

— E ela onde está?

— Também acabaria por ser levada.

Amelia desatou num pranto. Herr Helmut permaneceu calado, contemplando-a sem saber o que fazer.

— Por favor, Amelia, acalma-te! Poderemos tentar descobrir onde estão e, quem sabe, fazer alguma coisa por eles — disse o Albert, tentando consolá-la.

— Pelo menos, a Fraülein Yla está bem. Sei que escreveu aos pais assim que chegou a Nova Iorque.

O homem assegurou-lhes que não possuía o endereço da família de Frau Judith em Nova Iorque, mas, no meio de tantas desgraças, a Amelia ficou mais tranquila ao certificar-se de que a sua amiga de infância estava a salvo.

— O que aconteceu à fábrica e à empresa? — quis ela saber.

— Foram expropriadas. Durante algum tempo, deixaram-me gerir a fábrica, mas acabaram por dizer que pertencia ao Estado e agora está sob a gestão de um membro do Partido Nazi. Mas consegui resgatar parte da maquinaria, tendo escrito ao seu pai a informá-lo disso. Não sabia o que podia fazer com ela.

— Mas ainda estará funcional? — perguntou Amelia, estupefata.

— Eram boas máquinas, menina, e lembrei-me que, se não as podia vender, pelo menos poderia alugá-las. Foi o que fiz com um tear: aluguei-o a um pequeno fabricante de camisolas. No que respeita às máquinas de coser, aluguei-as a uma família, que pôde assim montar um pequeno negócio fabricando vestuário que é depois vendido a retalho. Não é que tenham muitos lucros, sei-o porque eu próprio lhes trato da contabilidade, mas é aí que estão, não vá um dia aparecer Herr Itzhak ou... bem, o seu pai já faleceu... mas é claro que... como sua filha, tem direito a parte de tais proveitos.

— E o senhor como ganha agora o seu sustento? — perguntou o Albert.

— Ganho a vida como posso. Organizo a contabilidade da fábrica de camisolas e da oficina de confecção. Não ganho muito, apenas o suficiente para

que eu e a minha mulher nos possamos sustentar. Além disso, zelo para que as máquinas do Dom Juan e Herr Itzhak se mantenham em bom estado. O meu filho mais velho casou e desde há alguns anos que ingressou no exército; não precisa de nós para nada.

O senhor Helmut insistiu para que a Amelia fosse beneficiária de parte dos lucros obtidos com o aluguer da maquinaria.

De início, ela mostrou-se renitente, mas acabou por aceitar.

— Esse dinheiro pertence ao seu pai e, portanto, compete-lhe a si geri-lo da forma que julgar mais conveniente. Irei entregar-lhe os livros de contas.

5

Mais uma vez, e devido ao seu domínio da língua alemã, a Amelia representou uma grande ajuda para o Albert.

— É uma sorte que tenhas tanta facilidade para as línguas!

— A questão não é essa. Falo francês porque a minha avó paterna, a avó Margot, era de Biarritz; no que respeita ao alemão, já te contei que, quando era pequena, passei alguns verões aqui a convite dos Wassermann. Eu e a sua filha Yla somos da mesma idade. O meu pai insistiu para que eu e a Yla aprendêssemos alemão e algum inglês, que, como bem sabes, é das línguas que menos domino.

— De modo nenhum, falas inglês com desenvoltura, ainda que te falte algum vocabulário. Já sei o que iremos fazer: em vez de continuarmos a falar francês entre nós, de ora em diante passaremos a falar em inglês, de modo a poderes praticar.

E assim fizeram. Para o Albert James, era evidente que a Alemanha se preparava para a guerra e que a ameaça do Hitler à Polónia não se limitava a ser mais uma das suas fanfarronices.

Berlim estava exultante e agitada, transbordante de uma alegria efusiva e facilmente constatável.

Não obstante os protestos da Amelia, o Albert insistiu em telefonar ao Max von Schumann. Como jornalista que era, estava interessado em recolher as opiniões do barão na sua condição de militar. Parecia não suspeitar que entre a Amelia e o Max tinham existido no Passado sentimentos que as circunstâncias não haviam possibilitado aprofundar.

Max von Schumann convidou o casal a jantar em sua casa, localizada em pleno coração da cidade.

A casa possuía dois pisos e estava cercada por um frondoso jardim. A porta foi-lhes aberta por um mordomo, que os conduziu depois à biblioteca onde eram

aguardados pelo Max e pela Ludovica.

— Fico feliz por vos receber, ainda que, dado o presente estado de coisas, esta não seja propriamente a melhor altura para vir à Alemanha...

— Então, querido, não assustes os nossos convidados! — interrompeu-o a Ludovica.

— Na verdade, Berlim surpreendeu-me — confessou o Albert.

— É impossível não amar esta cidade — afirmou a Ludovica.

— Julga que o Hitler cumprirá a ameaça de invadir a Polónia? — quis saber o Albert.

Max pigarreou, perturbado, tentando evitar responder a tal questão, mas o olhar que trocou com a esposa não passou despercebido ao Albert. Através desse olhar fugaz, conseguiu compreender que a ameaça lançada pelo Hitler de invadir a Polónia iria efetivamente concretizar-se.

O Albert confessou que tinha lido alguns dos discursos do Hitler, considerando um verdadeiro mistério o fato de tantos alemães se deixarem ludibriar pelo Führer.

— Parece-me que lida com os alemães como se fossem crianças.

— Oh, o senhor nem calcula como estava a Alemanha antes de o Führer a governar! Sabe Deus que ninguém se preocupava com a Alemanha, já para não falar na falta de trabalho, de dinheiro, de perspectivas de futuro... O Hitler devolveu à Alemanha a sua dignidade. Somos respeitados na Europa e, como pode constatar por si próprio, este país tornou-se próspero. Não há desemprego na Alemanha. Pergunte, pergunte nas ruas e concluirá que, para a classe operária, o Hitler é uma bênção; também para nós o foi, já que estávamos à beira da ruína — explicou a Ludovica.

— A quem se refere quando fala de "nós"? — perguntou o Albert.

— Às famílias que, durante séculos, contribuíram para a prosperidade da nossa pátria. Os industriais alemães estavam à beira da ruína; e sei bem do que falo, dado que a minha família possuía fábrica» na região do Rhur.

Max parecia embaraçado com as explicações da Ludovica. A Amelia julgou aperceber-se de um trejeito de crispação a formar-se no rosto do amigo à medida que a Ludovica ia falando e enaltecendo o Hitler, o que a levou a pensar que as desavenças no seio do casal deviam ser intensas.

— Há muitos alemães que não partilham da opinião da Ludovica — interveio o Max, incapaz de conter-se por mais tempo.

— Mas, querido, esses são os comunistas, os socialistas e toda essa gentilha incapaz de admitir que, graças ao Führer, a Alemanha tornou a ser uma grande nação. Os bons alemães têm muito que agradecer ao Adolf Hitler.

— Considero-me um bom alemão, mas não há nada que me faça estar-lhe

grato — replicou o Max.

— Temos de lhe agradecer por ter colocado os judeus no lugar que merecem. Foram as sanguessugas da Alemanha.

— Basta, Ludovica! Sabes que não admito que fales desse modo na minha presença. Tenho entre os meus melhores amigos muitos alemães que são judeus.

— Lamento, querido, mas, ainda que sejas meu marido, não consigo partilhar das tuas ideias relativamente aos judeus. Não são como nós, pertencem a uma raça inferior.

— Ludovica!

— Ora, Max, sê coerente. Não defendes a liberdade? Pois permite-me então expressar-me livremente! Espero é não estar a escandalizar os nossos convidados... Não estou, pois não, minha querida Amelia?

Amelia esboçou um leve sorriso. Não conseguia compreender como tinha podido o Max casar-se com tal mulher. Nada tinha em comum com a baronesa, a não ser que ambos descendiam de velhas famílias e se conheciam desde crianças. Sentiu compaixão por ele.

Quatro dias depois, a 1 de setembro de 1939, a Alemanha invadia a Polónia. O Albert telefonou ao Max, numa tentativa de marcar um novo encontro, mas agora a sós, sem a presença da Ludovica.

— Hoje, será impossível encontrar-me consigo, peço-lhe que compreenda — justificou-se o Max.

— Compreendo. E nos próximos dias?

— Certamente que sim, certamente que sim. Em princípio, vou ficar em Berlim, logo arranjarei tempo para me encontrar consigo.

Dois dias depois, a 3 de setembro, a Grã-Bretanha, a França, a Austrália e a Nova Zelândia declaravam guerra à Alemanha. A Segunda Guerra Mundial tinha começado. A 5 de setembro, os Estados Unidos proclamaram-se neutrais, o que permitiu ao Albert permanecer em Berlim sem problemas de maior; tal como a Amelia, dada a sua nacionalidade espanhola.

Max von Schumann fez algo mais do que encontrar-se mais uma vez com o Albert James, apresentando-o inclusivamente a alguns amigos seus que, tal como ele, se opunham a Hitler.

O grupo era constituído por professores, advogados, alguns pequenos comerciantes e até um outro aristocrata, primo do Max, para além de pastores protestantes. Definitivamente, homens da burguesia intelectual que se lamentavam por aquilo que o Hitler estava a fazer à Alemanha.

O Albert simpatizou com o Karl Schatzhauser, um velho professor de medicina, que tinha dado aulas ao próprio Max nos seus tempos de estudante universitário.

O Karl Schatzhauser vivia num prédio da Leipziger Strasse, perigosamente perto do quartel-general da Gestapo, o que parecia não o amedrontar o suficiente para deixar de se encontrar com os seus amigos que integravam este grupo clandestino de oposição a Hitler.

— Porque não coordenam a vossa ação com os comunistas e os socialistas? — perguntou o Albert ao professor Schatzhauser.

— Deveríamos fazê-lo, mas é muito aquilo que nos separa... Julgo que eles nunca confiariam em nós, podendo também haver alguns de nós que não confiariam neles. Não, esta não é a altura mais oportuna para uma ação conjunta. Neste preciso momento, os comunistas estão sem saber o que fazer, depois do pacto que o Ribbentrop assinou com os russos. Para eles, tal pacto representa uma tragédia: aqui, o Hitler persegue e detém os comunistas e, no entanto, o Stalin prefere ignorar isso, optando por pactuar com a Alemanha. Além do mais, aquilo que os comunistas alemães querem é transformar a nossa pátria numa nova União Soviética, enquanto o que nós pretendemos é que a Alemanha regresse à normalidade.

— Mas isso enfraquece a vossa oposição ao Hitler — insistiu o Albert.

— Aquilo que pretendemos é uma Alemanha cristã, democrática, onde todos se subordinem à lei, e não aos loucos caprichos desse cabo que elevamos a chanceler. E não julgue que não tenho consciência de que os partidos moderados têm a sua quota-parte de responsabilidade na ascensão do Hitler ao poder. Não se podem usar paninhos quentes com pessoas como ele, foi um erro cometido tanto pelos alemães quanto pelas nações europeias.

— Para se ser eficaz, é preciso passar-se despercebido, daí insistir com os nossos amigos na necessidade de agirmos como camaleões — disse Schatzhauser. — Dou-lhe um exemplo: o Max queria deixar o exército, mas eu convenci-o a não o fazer, dado que nos será mais útil lá dentro, pois assim saberemos o que pensam os dirigentes militares, quais poderiam vir a simpatizar com as nossas ideias, quais os planos do Hitler... Devemos todos manter-nos nos nossos cargos. Não precisamos de nos exhibir como fervorosos seguidores do Führer, mas também não devemos expor-nos de modo a terminarmos nas masmorras da Gestapo. Aí, não seríamos de nenhuma utilidade para o nosso país.

Se o Albert estava impressionado com a clareza e firmeza das ideias do professor Schatzhauser, já a Amelia pensava que o Max, o professor e os seus amigos eram demasiado parcimoniosos para lograrem ser eficazes contra um monstro como o Hitler.

Os berlinenses pareciam prosseguir as suas vidas alheios aos sofrimentos da guerra. Berlim continuava a ser a "Stadter Musik und des Theaters" ("a cidade

da música e das salas de espetáculo”).

— Albert, dizem aqui que a Carla Alessandrini irá estrear a ópera Tristão e Isolda na Deutsches Opernhaus dentro de duas semanas!

— A tua amiga Carla vem a Berlim? Disseste-me que era uma antifascista convicta.

— E é! Contudo, além de ser a melhor cantora lírica do mundo, é também italiana, não sendo estranho que a contratem em Berlim. Não estamos também aqui eu e tu? Os nazis pensam que, por seres norte-americano e o teu país se ter declarado neutral, não representas qualquer perigo; quanto a mim, sendo espanhola, decerto considerarão que sou franquista.

O Albert não respondeu, consciente da grande estima que a Amelia nutria pela Carla Alessandrini; qualquer comentário crítico resultaria numa discussão.

— E não é que ela está aqui?! — exclamou a Amelia.

— O que queres dizer com isso?

— Que a Carla está hospedada no Hotel Adlon, segundo diz o jornal. Vou pedir à recepção que me ponham em contato com ela.

Passados uns minutos, ouvia a voz alegre do Vittorio Leonardi, o marido da Carla.

— Amelia, cara! Come vai?

Ela explicou-lhe que também estava hospedada naquele hotel e que ansiava por estar com eles, ao que o Vittorio não se fez de rogado.

— A Carla está a ensaiar. Irei agora buscá-la à sala de espetáculos e, assim que regressarmos, podemos encontrar-nos para jantarmos juntos.

Quando se encontraram no átrio do hotel, a Carla Alessandrini abraçou a Amelia. Entretanto, o Vittorio falava com o Albert como se o conhecesse de longa data, embora de fato o tivesse visto numa única ocasião, em Paris. Mas o Vittorio era um homem do mundo, tendo-se rapidamente apercebido de que o acompanhante da Amelia era algo mais do que um bom amigo.

Jantaram os quatro no restaurante do hotel, com a Carla a mostrar um grande interesse sobre os mais recentes revezes na vida da Amelia.

— Cara! Quase parece que a tragédia te persegue! E não Percebo porquê, sendo bela como és. Enfim, a vida é mesmo assim. O que agora interessa é que estejas bem e que o Albert cuide bem de ti. Mais vale que assim seja, porque, caso contrário, terá de se haver comigo — disse ela, apontando um dedo ameaçador ao Albert James.

A diva explicou-lhes que, ainda que odiasse os nazis, o Vittorio tinha insistido com ela que, dado que os fascistas governavam a Itália, negar-se a atuar em Berlim representaria um comprometimento excessivo. Lamentou-se pelos muitos amigos judeus, músicos, maestros, gente do mundo do teatro, que tinham

fugido para o exílio.

— Não te deixes iludir pelas aparências, esta cidade já não é o que era, os melhores tiveram de fugir. Não julgues que estou aqui de boa vontade...

— Mas, Carla, amore! Não podes manifestar tão abertamente as tuas opiniões políticas. Em Milão, chegou mesmo a recusar encontrar-se com o Duce quando este quis felicitá-la depois de ter assistido à sua interpretação em *Lla Traviata*. A Carla fechou-se no camarim depois do espetáculo e ordenou-me que lhe dissesse que estava aflita com uma enxaqueca que a impedia de falar. Como é óbvio, o Duce não acreditou em semelhante desculpa e, através de uns amigos, viemos a saber que ordenou que nos vigiassem. Se nos tivéssemos negado a vir a Berlim, o que julgas que o Duce pensaria? Não podemos alegar nada para rejeitar este compromisso.

— Odeio os fascistas, mas ainda mais os nazis! — desabafou a Carla, sem se importar que as pessoas nas mesas mais próximas a observassem espantadas.

— Pelo amor de Deus, querida, não grites! — pediu-lhe o Vittorio.

— Sinto o mesmo que tu — disse a Amelia, pegando na mão da amiga.

— Todos pensamos o mesmo, mas o Vittorio tem razão, temos de ser prudentes — observou o Albert.

— O problema é precisamente esse: a prudência acaba por degenerar em colaboração — disse a Amelia.

— Não, não tens razão. Julgo que é melhor que possamos andar Por Berlim e falar com as pessoas, para depois contarmos ao mundo o Perigo que o Hitler representa. Se levantar agora a voz e começar a indignar-me contra os nazis, a única coisa que conseguirei será ser detido, o que acabaria por não me permitir escrever as reportagens para os jornais acerca daquilo que está aqui a acontecer — concluiu o Albert.

— E ainda dizem que os homens não são calculistas e pragmáticos — acrescentou a Carla.

O Vittorio informou-os de que, daí a dois dias, os responsáveis da Deutsches Opernhaus iriam organizar uma recepção, a que se seguiria um jantar em honra da Carla, e que iria pedir que os convidassem.

— Mais vale aceitarem; caso contrário, serei eu própria quem não aparece nessa recepção — declarou a Carla.

O pacto germano-soviético tinha um alcance bastante superior ao que muitos haviam inicialmente suposto. Os acordos secretos começavam a ser desvelados à medida do decurso dos acontecimentos e, a 17 de setembro, tropas soviéticas invadiram a Polónia.

No dia seguinte, a Amelia e o Albert compareceram a uma reunião na casa do Karl Schatzhauser. O médico pedia serenidade aos outros membros do grupo

de oposição que liderava.

— Dividiram a Polônia — queixou-se o Max — e, infelizmente, o governo britânico nada fez em sua defesa.

— A Inglaterra parece não saber ao certo o que fazer — observava o Albert.

— Supostamente, os polacos seriam seus aliados, mas a verdade é que deixaram-nos cair nas mãos do Hitler e do Stalin! — exclamou a Amelia.

Nessa reunião estava também presente um pastor protestante que tentava contrariar o desânimo que parecia propagar-se pelo grupo, falando-lhes de esperança.

— Ainda podemos agir, não vamos agora render-nos. São muitos os que se opõem ao Hitler — assegurou o religioso, chamado Ludwig Schmidt.

Disse conhecer uma pessoa próxima do almirante Canaris, o responsável pelos serviços de contraespionagem alemães. Segundo ele, aquele oficial da marinha não partilhava das ideias do Partido Nazi no poder. Mais ainda: supostamente, na medida das suas possibilidades e desde que isso não o comprometesse, o almirante mostrava-se disposto a contribuir para a oposição a Hitler.

Max von Schumann confirmou tal informação, acrescentando que também o coronel Hans Hoster, responsável pelos serviços de espionagem do estado-maior das forças armadas, se opunha a Hitler, juntamente com outros líderes militares.

— Deveriam unir esforços! — insistiu o Albert.

— Não devemos dar passos em falso, melhor será que cada grupo aja como considerar mais conveniente. O dia de contar as espingardas haverá de chegar — contrapôs o Karl Schatzhauser.

— O senhor lidera o nosso grupo, professor, e acato a sua estratégia, mas parece-me que o nosso amigo Albert James está certo — interveio o Max.

O pastor Ludwig Schmidt esclareceu o Albert acerca dos fundamentos do nazismo.

— Existem três livros que o senhor deveria ler para compreender o que está na base desta loucura: o Mein Kampf da autoria do próprio Adolf Hitler; O Mito do Século XX, de Alfred Rosenberg; e o Tratado Contra a Usura e a Servidão dos Interesses do Capital, de Gottfried Feder. Nem calcula aquilo que o Feder chegou a escrever acerca da melhor solução para resolvermos os nossos problemas econômicos. No que respeita ao livro do Rosenberg, é uma idiotice, tendo como objetivo demonstrar a superioridade dos nórdicos. Ataca também os fundamentos cristãos, porque não devemos esquecer-nos de que os nazis desprezam Deus. Mas leia, leia o Mein Kampf e verá com clareza aquilo que o Hitler pretende.

— Até agora, as principais vítimas têm sido os judeus — observou a Amelia.

— Isso é verdade, mas, além de pretender eliminar os judeus, o objetivo do nacional-socialismo é cortar cerce as raízes cristãs da Alemanha, de modo a criar um país sem Deus nem religião — replicou o pastor Schmidt.

Amelia aproveitou uma ocasião em que o Albert estava a falar com o professor Schatzhauser para insistir com o Max para que a ajudasse a procurar os Wassermann.

— Um amigo nosso informou-nos de que foram levados para um campo de trabalho, devem existir registos onde constem os seus nomes...

— Não será fácil averiguar isso, mas farei o que estiver ao meu alcance.

— Como és oficial, com certeza te dão essas informações.

— Um oficial que se tornará suspeito aos olhos do partido se demonstrar interesse por uns judeus. As coisas não são assim tão simples, mas verei se consigo obter alguma informação através de um amigo que trabalha nos serviços de contraespionagem.

Num outro momento daquela reunião, a Amelia indagou o Max acerca da Ludovica.

— Como poderás calcular, ignora a existência destas reuniões, e não duvido de que nos denunciaria.

— A Ludovica é nazi, não é assim?

— Tiveste a oportunidade de a ouvir. Para minha infelicidade, a minha esposa é nacional-socialista convicta. Pertence a uma família constituída por empresários e industriais da região do Rhur, que, como muitos outros, apoiaram o Hitler. Desejavam um governo forte, um ditador. Muitos daqueles que o apoiaram dizem agora que tinham pensado conseguir influenciá-lo, mas essa é uma desculpa típica de quem se preocupa apenas com os seus próprios interesses e não está minimamente interessado na degradação moral em que a Alemanha está a mergulhar.

— Lamento por aquilo que estás a passar..

— Podes imaginar a mágoa que sinto por a Ludovica ser nazi. Como é óbvio, não confio nela, e a nossa relação foi-se degradando, limitamo-nos a manter as aparências.

— Porque não te separas?

— Não posso, sou católico. Como vês, neste país de maioria protestante também existem católicos, e eu e a Ludovica somos dois deles. Estamos condenados a permanecer juntos.

— Mas isso é terrível!

— Não seremos nem o primeiro nem o último casal que se preocupa em manter as aparências. Além disso, mesmo que eu quisesse separar-me, a Ludovica não consentiria, de modo que ambos nos fomos adaptando à situação.

Já não pretendo ser feliz, a única coisa por que anseio é conseguir derrubar o Hitler.

O Karl Schatzhauser, acompanhado pelo Albert, aproximou-se deles.

— Minha cara Amelia, estou a tentar convencer o Albert a transmitir ao governo britânico que nem toda a Alemanha enlouqueceu e que existem homens e mulheres dispostos a lutar contra o Hitler, mas precisamos de ajuda. Sim, precisamos realmente de ajuda, mas os britânicos devem ter em conta que nunca trairemos o nosso país, que apenas pretendemos derrubar o Hitler e impedir que a guerra venha a revelar-se uma tragédia ainda maior do que a guerra anterior.

O Albert afirmou que os ajudaria, violando pela primeira vez uma regra que até então havia mantido incólume: a de contar aos seus leitores aquilo que via e ouvia enquanto jornalista, mas sem nunca se envolver politicamente.

Em finais de setembro, a Polónia rendeu-se à Alemanha. O país ficou dividido em duas zonas: as províncias ocidentais foram anexadas à Alemanha, enquanto as orientais ficaram nas mãos da União Soviética. Milhões de polacos sofreram as consequências de estarem sob o jugo do Reich. As primeiras vítimas foram os judeus.

A estreia de Tristão e Isolda foi um grande êxito. Um público exultante e rendido aplaudiu de tal forma a Carla Alessandrini, que esta se viu na obrigação de regressar ao palco mais de dez vezes para agradecer. Naquela noite, assistiram ao espetáculo Joseph Goebbels e outras individualidades do Partido Nazi. Algumas delas não hesitaram em enviar ramos de flores à diva italiana, pedindo-lhe um encontro ou convidando-a abertamente para jantar. Mas a Carla nem sequer olhava para as flores e ordenava à sua criada que as deixasse do lado de fora do camarim.

— Até as flores nazis cheiram mal — opinava ela.

Após o espetáculo, a Carla e o Vittorio convidaram um grupo de amigos para jantar no hotel, entre os quais estavam a Amelia e o Albert. Depois do jantar, a Carla despediu-se dos comensais, alegando estar cansada e pedindo à Amelia que a acompanhasse até à sua suíte.

— Não tivemos oportunidade de estar sozinhas um minuto sequer, e queria perguntar-te se a tua relação com o Albert é séria.

Amelia refletiu na resposta a dar. Ela própria se questionava acerca da relação que mantinha com o jornalista.

— O Albert salvou-me por diversas ocasiões. É o homem mais generoso que alguma vez conheci e nunca me pediu nada.

— Perguntei-te se o amas, apenas isso.

— Sim, suponho que o amo.

— Ora... mas que resposta! Queres então dizer que não o amas.

— Sim, sim, amo-o! É verdade que não do mesmo modo que amei o Pierre, mas calculo que nunca tornarei a amar alguém tão intensamente. Magoou-me muito!

— Esquece o Pierre! Está morto. Águas passadas não movem moinhos, não é possível voltar atrás. Não te comportes como aqueles que se comprazem em lamuriar-se pelo passado. Deves olhar para o futuro e tentar desfrutar o mais possível do presente. Vou dar-te a minha opinião: o Albert é boa pessoa, ama-te e está disposto a fazer o que quer que seja por ti. E talvez por isso não lhe dês tanto valor quanto deverias.

— Tenho perfeita consciência de que é um homem excecional!

— Ama-te e confia em ti incondicionalmente. Também o Vittorio é assim e, como calcularás, não saberia viver sem ele, embora isso aconteça por egoísmo. É verdade que é meu marido, mas também é ele quem me protege. Julgo que o Albert é parecido com o Vittorio, e deixa-me dizer-te que estes homens merecem algo mais do que aquilo que temos para lhes dar. E uma lástima, mas a vida é mesmo assim!

— Não gostaria que acreditasses que não dou valor ao Albert.

— Claro que lhe dás valor! Mas o problema é não estares apaixonada por ele e de poderes abandoná-lo a qualquer momento. O que se passa entre ti e o barão alemão, o Max von Schumann?

— Nada. Eu e o Albert jantamos em casa dele e encontramos-nos com ele em algumas ocasiões.

— Se bem me recordo, escreveste-me uma carta em que mencionavas o quanto te sentias atraída por ele.

— É verdade, mas... bem... o Max é casado. Conheci a esposa, a baronesa Ludovica, uma mulher bela mas horripilante, pois é nazi. O Max não é feliz com ela.

— Problemas à vista! Imagino-te já nos braços do Max.

— Não, nem eu nem ele pretendemos isso. O Max é um homem honrado e o seu casamento com a Ludovica é indissolúvel. São católicos.

— Histórias! Também eu sou católica, e é óbvio que não pretendo separar-me do Vittorio, mas o que aconteceria se me deparasse com um grande amor? O que seria capaz de fazer? Até ao momento, os homens que conheci e abandonei não mereceram que abandonasse o Vittorio e, à medida que os anos vão passando, parece-me cada vez mais difícil que apareça um príncipe montando um cavalo branco com o qual decida fugir. Mas e se aparecesse? O que devemos evitar são as ilusões. Vejo que ainda te sentes atraída pelo barão e, bem... espero apenas que não sofras em demasia. Não quero que te esqueças que, se tiveres algum problema, poderás sempre contar comigo, sobretudo agora que perdeste

os teus pais. Já que falo nisso, tens tido notícias da tua família?

— A minha irmã Antonietta continua debilitada.

— O que essa rapariga precisa é de comer. Porque não vais com ela a Itália? Podem ficar na minha casa de Milão. Ou, melhor ainda, sabes que tenho uma villa em Capri, onde ela poderia recuperar respirando o ar puro marítimo.

— Sabes que não posso, tenho de trabalhar, não quero receber Qualquer dinheiro do Albert que não seja pelo meu trabalho. Esse dinheiro permite-me ajudar a minha família, já que aquilo que o meu tio Armando ganha mal chega para o sustento de todos. Além disso, o Pablo, o filho da Lola, continua em casa dos meus tios, pois a sua avó tem tardado a recuperar e permanece no hospital. São muitas bocas para alimentar.

— E és orgulhosa ao ponto de rejeitares a minha ajuda?!

— Não sou orgulhosa, Carla. Asseguro-te que, não fosse eu capaz de obter pelo meu trabalho dinheiro com que pudesse ajudar os meus familiares, preferiria pedir do que permitir que passassem necessidade. Contudo, até ao momento, tenho conseguido enviar-lhes dinheiro suficiente, sendo pouco aquele que gasto comigo.

— Sim, isso já eu vi. Temos de ir às compras, não podes recusar que te ofereça algumas roupas, porque, deixa-me dizer-te que mais pareces a Gata Borralheira.

Alguns dias depois, o professor Karl Schatzhauser telefonou ao Albert pedindo-lhe que se encontrasse com ele quanto antes. Insistiu em que se fizesse acompanhar pela Amelia. Ao final da tarde, dirigiram-se assim a casa dele, onde se depararam também com o Max e outro homem. O Karl Schatzhauser foi direto ao assunto.

— Minha cara Amelia, o Max disse-me que é amiga da Carla Alessandrini.

— Com efeito — respondeu a Amelia, confusa.

— Talvez possa ajudar-nos a salvar uma jovem.

— Não percebo...

— Permitam-me apresentar-vos o padre Müller.

O professor Schatzhauser dirigiu-se para o homem que, até ao momento, se tinha mantido em silêncio. O sacerdote, que aparentava não possuir mais do que trinta anos, parecia nervoso.

— O padre Müller é sacerdote católico e integra também o nosso grupo de oposição a Hitler. Obviamente, juntou-se a nós a título pessoal, e não na qualidade de representante da Igreja Católica.

Amelia e o Albert observaram o clérigo com curiosidade, o qual, por sua vez, os fitou a eles com preocupação.

— Não será decerto necessário explicar a situação dos judeus alemães,

sujeitos à perseguição. De um dia para o outro, muitos deles desaparecem, sendo levados para campos de trabalho e sem que se consiga posteriormente obter qualquer informação sobre o que lhes acontece nesses locais. Isto para vos dizer que uma família que o padre Müller conhece está com um problema em mãos, razão por que o Max e eu pensamos que talvez vocês pudessem ajudar-nos. talvez seja melhor ser o padre Müller a explicar-vos a situação.

O sacerdote aclarou a voz antes de começar a falar. Olhando diretamente para a Amelia, explicou-lhe o que esperava da sua parte.

— Sou órfão. O meu pai morreu era eu ainda criança e a minha mãe, sozinha, teve de me educar a mim e à minha irmã, mais velha do que eu. O meu pai possuía uma oficina de encadernação que nos permitia viver sem passarmos necessidades, tendo inclusivamente um empregado. Quando faleceu, a minha mãe encarregou-se do negócio, com a minha irmã mais velha a ajudá-la naquilo que lhe era possível, mas decerto será desnecessário mencionar a pobreza que tem grassado na Alemanha, e à desgraça da morte do meu pai veio somar-se a circunstância de a oficina começar a ficar sem clientela. Muito perto da oficina, nas proximidades da Chamissoplatz, os meus pais possuíam uns amigos, os Weiss, que tinham um negócio de compra e venda de livros. O senhor Weiss, além de ser amigo do meu pai, era também seu cliente, costumando levar-lhe edições antigas para encadernar. O senhor Weiss não é judeu, mas a sua esposa, Batsheva, ela sim é judia. Tinham uma única filha, chamada Rakel, da mesma idade que eu, podendo dizer-se que crescemos juntos e que a considero quase uma irmã. Quando o meu pai faleceu, o senhor Weiss ajudou a minha mãe no que lhe foi possível e, apesar das dificuldades com que ele próprio se confrontava, nunca deixou de nos valer. Há um ano, o senhor Weiss faleceu vítima de ataque cardíaco e, passados dois meses, a Gestapo deteve a Batsheva, sob a acusação de vender livros proibidos. Ainda que isso não correspondesse à verdade, acabaram por detê-la, e a única coisa que conseguimos saber foi que a coitada foi levada para um campo de trabalho. Felizmente que, no dia em que a Gestapo apareceu na livraria, a Rakel não estava presente, pelo que se livrou de também ela ser detida. Desde então, vive com a minha mãe, a minha irmã Hanna e comigo. Mantemo-la escondida em casa, mas tememos pela sua sorte. Não me sentirei tranquilo enquanto ela não tiver saído da Alemanha, mas, para os judeus, não é nada fácil conseguir autorização para viajar. Há um ano, o governo apreendeu-lhes os passaportes... Bem, suponho que estarão ao corrente do que tem vindo a acontecer. Através de uns amigos, que me disseram conhecer um funcionário, talvez consigamos a documentação para a Rakel, mas é também necessária a proteção de alguém, uma figura tutelar, para arranjar essa documentação e, sobretudo para a ajudar a sair do país. O Max assegurou-me

que a Carla Alessandrini tem uma grande estima por si, tendo pensado... Na verdade, consideramos a possibilidade de que, se a senhora Alessandrini assumisse a tutela da Rakel, a obtenção da autorização para viajar se revelaria mais fácil. Se a senhora Alessandrini certificasse que pretende tomar a Raquel a seu cargo na qualidade de criada, assistente ou aquilo que lhe pareça mais conveniente, as autoridades talvez não se neguem. E era isso que pretendia pedir-lhes: que salvem a Rakel. Considero-a quase uma irmã e... ficar-vos-ia eternamente grato.

— Suponhamos que a Carla Alessandrini conseguia que fosse passada a tal autorização à Rakel e que conseguíamos fazê-la sair da Alemanha. O que sucederia depois? — perguntou o Albert James.

— Salvem-na. Façam o que estiver ao vosso alcance para que consiga chegar aos Estados Unidos, onde existe uma comunidade judaica que talvez a possa auxiliar. Talvez consiga mesmo localizar alguns parentes da mãe que, há anos, emigraram para Nova Iorque.

— Não lhe prometo nada, mas irei falar com a Carla. Ela é antifascista e despreza os nazis. Se ela não puder fazê-lo, talvez eu própria possa tentar, bem vistas as coisas, sou espanhola e o Franco é aliado do Hitler. Se a Carla conseguir fazê-la sair da Alemanha, eu poderei ajudá-la a entrar em Espanha e, daí, acompanhá-la para Portugal — afirmou a Amelia.

Quando o padre Müller partiu, o Max e o professor Schatzhauser justificaram-se perante a Amelia e o Albert.

— Estamos conscientes — disse o Max — de que vos colocamos numa situação delicada, e tenho de confessar que a ideia foi minha, pelo que vos peço desculpa. Há já algum tempo que conheço o padre Müller. É boa pessoa e gostaria de o ajudar, ainda que para isso vos tenha metido em trabalhos. Sobretudo a ti, Amelia, por seres amiga da Carla Alessandrini.

De regresso ao hotel, a Amelia e o Albert discutiram. Ele preocupava-se com a possibilidade de a Carla vir a sentir-se instrumentalizada pela Amelia e que isso pudesse afetar a amizade entre as duas mulheres, sobretudo tendo consciência da importância que a Carla tinha para a Amelia.

Mas o Albert não conhecia a fundo o carácter da Alessandrini. Assim que a Amelia lhe expôs a situação, ela não hesitou por um instante sequer em comprometer-se a ajudar a Rakel, não obstante o seu marido, o Vittorio, lhe recomendar prudência.

— Prudência? Como podes pedir-me que seja prudente quando está em causa a possibilidade de ajudar uma infeliz? Irei fazê-lo, claro que irei fazê-lo. Apresentar-me-ei na esquadra da polícia e solicito uma autorização de viagem para a Rakel, argumentando que não posso prescindir dos seus serviços e que é

uma criada extraordinária. Nem que tenha de telefonar ao próprio Goebbels para arranjar tal documento... iremos conseguir que essa rapariga saia do país.

Amelia abraçou a amiga, chorando e agradecendo-lhe. Sabia que a diva possuía um grande coração e que não tinha hesitado em aceitar tão perigosa incumbência.

Acompanhada pelo padre Müller e pela própria Rakel, a Carla compareceu nos serviços encarregados de despachar as autorizações de viagem para os judeus. Previamente, o funcionário do qual o processo dependia havia já recebido um suborno pecuniário, dinheiro adiantado pelo próprio Max.

A Carla preencheu um sem-fim de documentos, respondeu também a uma infinidade de perguntas absurdas e, sobretudo, assumiu o seu papel de diva mais do que nunca, consciente de que isso poderia impressionar aqueles burocratas. Quando um dos funcionários reiterou que o despacho demoraria o seu tempo, ela, muito desgostosa, fez uma cena.

— Tempo? Quanto tempo julga que posso permanecer em Berlim? Telefonarei ao ministro Goebbels para resolver este problema. Veremos então se ele gostará de ser colocado ao corrente das dificuldades que os senhores estão a levantar. Penso dizer-lhe que, se esta questão não for resolvida, nunca mais tornarei a cantar em Berlim!

A Rakel obteve o seu passaporte, no qual foi carimbada a palavra *Jude*.

A Carla, o Vittorio, a Amelia, o Albert e a Rakel partiram de Berlim a 12 de outubro. Antes de deixar a cidade, a Amelia tornou a insistir com o Max para que a ajudasse a procurar os Wassermann.

— Não consigo acreditar que não tenhas conseguido descobrir onde se encontram — lamentou-se ela.

— Não posso perguntar diretamente pelo seu paradeiro, tens de compreender isso, mas asseguro-te que estou a fazer todos os possíveis para descobrir onde possam estar.

— Quando os encontrares, tens de ajudá-los. Promete-me que os libertarás do sítio onde estejam!

— Dou-te a minha palavra de honra de que farei tudo o que estiver ao meu alcance para os ajudar.

— Isso não basta! Tens de retirá-los desse campo de trabalho ou do local onde possam estar!

— Não posso prometer-te isso, Amelia. Se o fizesse, estaria a mentir-te.

Fazer com que a Rakel saísse de Berlim era apenas a primeira parte do plano que vinham esboçando desde há dias. Viajariam de comboio até Paris e, a partir dali, a Carla regressaria a Itália, enquanto o Albert e a Amelia levariam a Rakel até à fronteira com Espanha. A Amelia tinha-se comprometido a atravessar

Espanha com ela, acompanhando-a depois até Portugal. O Albert, por sua vez, além de as acompanhar, encarregar-se-ia também em diligenciar na embaixada britânica de modo a conseguir as autorizações necessárias para que a Rakel pudesse viajar para Nova Iorque. Pensava em telefonar ao seu tio Paul James, para que com a sua influência, devida ao alto cargo que ocupava no Almirantado, a embaixada britânica não colocasse entraves à emissão da documentação de que a Rakel Weiss necessitava para poder viajar para os Estados Unidos.

A presença da Carla era o melhor salvo-conduto. Os revisores, a polícia e inclusivamente a Gestapo pareciam não desconfiar da diva, de tal modo que, apesar dos receios do Albert, da Amelia e da própria Rakel, a viagem até à capital francesa decorreu sem incidentes.

A Rakel era uma mulher esbelta, de cabelo e olhos castanhos, tímida, meiga e muito culta. Todos se sentiram cativados pela sua placidez.

Em Paris, a Carla e o Vittorio ficaram hospedados no Hotel Meurice, onde a diva tinha decidido passar alguns dias antes de prosseguir viagem até Roma. Não era um capricho, mas antes um estratagema para proporcionar à Amelia e ao Albert tempo suficiente para chegarem à fronteira com Espanha. Ainda que não tivessem deparado com qualquer obstáculo até ao momento, a Carla pensava que era melhor ficar por perto, não fosse dar-se o caso de serem detidos por causa da Rakel.

Naquela altura, o desânimo grassava em França. O país estava oficialmente em guerra com a Alemanha e o primeiro-ministro Édouard Daladier começava a sentir-se ultrapassado pelos acontecimentos.

O plano que a Amelia havia esboçado passava por se dirigirem a Biarritz e, daí, prosseguirem até à fronteira com Espanha, que pensava transpor não através da alfândega, mas antes pelos caminhos que, havia anos, tinha ficado a conhecer através dos seus passeios com o Aitor. Ainda permanecia fresca na sua memória a época em que tinha convalescido na herdade da ama Amaya, bem como a amizade que aí tinha consolidado com os seus filhos, a Edurne e o Aitor. Perguntava-se se ele já teria regressado do México e, caso assim fosse, se estaria exilado no País Basco francês. Se tal possibilidade se confirmasse, estava certa de que o Aitor os ajudaria.

O Albert conduziu sem paragens até Biarritz e, mal chegaram, a Amelia levou-os até à casa da sua avó Margot. A idosa tinha falecido havia já algum tempo, mas a Amelia esperava que a Yvonne, a sua criada, mantivesse as chaves em seu poder ou continuasse a viver ali.

Quando se aproximaram da casa, localizada numa falésia sobre o mar, a Amelia constatou que as persianas estavam subidas.

Pedi ao Albert e à Rakel que aguardassem no automóvel, dado que não estava certa daquilo que iria encontrar.

Quando a Yvonne abriu a porta, pareceu não reconhecê-la de imediato, mas acabou por a abraçar chorando.

— Mademoiselle Amelia, fico tão feliz por vê-la! Meu Deus, que surpresa!

Convidou-a a entrar e, entre lágrimas, contou-lhe aquilo que a Amelia já sabia: que a Madame Margot havia falecido.

— A madame não sofreu, mas nos últimos dias parecia muito perturbada, como se soubesse que ia morrer, e lamentava-se por não poder despedir-se dos seus filhos e netos, especialmente de si e da Mademoiselle Laura, que eram as suas netas favoritas.

Explicou-lhe que a Madame Margot a tinha autorizado a continuar a residir ali, certa de que os seus filhos, assim que pudessem deslocar-se a Biarritz, optariam por mantê-la ao seu serviço.

— A senhora lavrou o seu testamento alguns meses antes de falecer. Tenho aqui um envelope que me deu; está fechado, mas a madame disse-me que, no seu interior, estava o nome do notário ao qual o Dom Juan e o Dom Armando deveriam dirigir-se. A madame era muito precavida e estava bastante preocupada com a guerra em Espanha. Deu-me uma generosa quantia financeira para que eu não passasse necessidades na velhice e... é como vê, aqui tenho estado, aguardando que apareça alguém da família Garayoa.

Amelia explicou-lhe que estava de viagem a caminho de Espanha, juntamente com uns amigos, que certamente acolheriam de bom grado a perspectiva de poderem descansar e comer alguma coisa quente.

Também o Albert e a Rakel se sentiram aliviados por estarem seguros naquela casa. A Yvonne não precisava de quaisquer explicações para se aperceber de que alguma coisa importante se passava e de que a Amelia estava metida em sarilhos. Assim, à noite, quando a Rakel se retirou para descansar e o Albert adormeceu de exaustão, ela aproximou-se da Amelia.

— Mademoiselle — disse —, parece-me que está com algum problema, se eu puder ajudar em alguma coisa... Madame Margot confiava em mim e a senhora sabe bem a estima que tenho pela sua família. A senhora, conhecia ainda recém-nascida, tal como sua irmã Antonietta. Vim para esta casa pelas mãos da mãe da Madame Got, a Madame Amélie, de quem a menina herdou o nome...

— Bem sei, bem sei, Yvonne... é claro que sei que posso confiar em ti! A questão é que pretendemos atravessar a fronteira para Espanha, só que não o iremos fazer pela alfândega, mas sim pelos caminhos das montanhas. Recordas-te do Aitor, o filho da ama Amaya?

Foi ele quem me ensinou os carreiros escondidos por onde apenas as cabras

passam.

— Muitos espanhóis chegaram aqui fugindo do Franco. Se os tivesse visto, coitados! Nada sei do Aitor, mas conheço um espanhol que se refugiou aqui com a sua família e que militava no PNV. Um bom homem, que trabalha arduamente para pôr o pão na mesa aos seus filhos. Antes da guerra, parece-me que geria um negócio, mas perdeu tudo ao fugir para o exílio. A sorte dele foi estar casado com uma mulher daqui e agora trabalha num hotel. Se quiser... não sei... talvez ele saiba alguma notícia acerca do Aitor...

— Ficar-te-ia tremendamente agradecida! A ajuda do Aitor seria preciosa. Vi-o há alguns meses no México e parecia determinado a regressar para ajudar os refugiados. Oxalá o tenha feito!

— Amanhã, irei de manhã cedo encontrar-me com esse homem, que às sete horas já estará na recepção do hotel.

A Yvonne cumpriu com o prometido, dizendo à Amelia que o militante do PNV viria encontrar-se com eles na tarde daquele mesmo dia, assim que saísse do trabalho. O Albert tinha decidido deixar a Amelia agir, ainda que tivesse algumas dúvidas. Considerava imprudente confiar numa pessoa estranha.

As seis e meia da tarde, o Patxi Olarra compareceu na casa. O Albert calculou que rondaria os cinquenta anos. Parecia um homem vigoroso, apresentando o cabelo completamente branco.

Amelia perguntou-lhe se conhecia o Aitor Garmendia, fornecendo-lhe detalhes acerca dele e da localização da herdade da sua família, explicando-lhe também que, da última vez que o tinha visto, desempenhava funções de secretário de um dirigente do PNV no exílio.

O Olarra ouviu em silêncio, demorando algum tempo a responder.

— O que pretendem? — perguntou sem rodeios.

— Pretender? Não pretendemos nada, sou amiga de infância do Aitor...

— Muito bem, mas o que pretende dele? — insistiu o Olarra.

— Disse-lhe já que gostaria de saber se efetivamente regressou e se assim for, de me encontrar com ele. Suponho que os exilados do PNV se mantenham em contato, decerto estarão a par do paradeiro uns dos outros...

— Verei o que posso fazer por si.

O Patxi Olarra levantou-se da cadeira e, fazendo uma vênia com a cabeça, abandonou a casa sem nada mais dizer.

— Que homem tão estranho! — comentou o Albert.

— Os bascos são pessoas de poucas palavras, quando têm de fazer alguma coisa, fazem-na, e pronto.

— Não sei se será um amigo ou se irá denunciar-nos — disse o Albert, preocupado.

— Nada sabe sobre nós, nem sequer viu a Rakel.

— Sim, mas... não sei... deixou-me preocupado.

— É um bom homem, isso posso assegurar-lhe — interveio a Yvonne.

Passados dois dias sem que tivessem qualquer novidade da parte do Olarra, a Amelia concluiu que não poderiam aguardar mais e que teriam de transpor a fronteira pelos seus próprios meios.

— Estás certa de te recordares dos carreiros que o Aitor te mostrou? — perguntou-lhe o Albert, inquieto.

— Claro que me recordo — respondeu ela, fingindo uma segurança maior do que a que efetivamente sentia.

Quanto à Rakel, depositava de tal modo a sua confiança na Amelia que, embora fosse mais velha do que ela, dependia dela como se de uma criança se tratasse.

Amelia tinha já organizado a caminhada para o dia seguinte e, por isso, sugeriu que se deitassem cedo e repousassem.

— Os caminhos da montanha não são fáceis e melhor sera repousarmos.

Ainda não tinham ido dormir quando alguém tocou à campainha. Ficaram tensos, de sobreaviso. A Yvonne disse à Rakel que fosse para o andar de cima, enquanto ela ia abrir a porta.

No exterior, alguém perguntou pela Amelia, que, ao reconhecer aquela voz, gritou de alegria.

— Vieste, Aitor!

— Não julgues que é fácil andar de um lado para o outro — respondeu ele, abraçando a amiga.

Conversaram durante uns bons momentos. O Aitor explicou-lhes que o seu chefe tinha decidido enviá-lo de regresso para servir de ligação entre os fugitivos e aqueles que haviam conseguido organizar-se no exílio.

— Tentamos ser discretos, para não comprometer em demasia as autoridades francesas, porque, ainda que a França esteja em guerra com a Alemanha, não cortou relações com Espanha, de maneira que temos de ser cautelosos. Não calculam as centenas de milhares de refugiados retidos nos campos e em que condições... Tentamos ajudar alguns dos nossos e passar pessoas, mas é complicado.

— Queremos precisamente atravessar para Espanha através de um desses caminhos de montanha de que me falaste. Temos de salvar uma pessoa...

Amelia colocou-o ao corrente da história da Rakel, bem como dos planos para chegarem a Lisboa.

— Não será fácil, sobretudo nesta época do ano. Estamos quase no inverno e há neve nas montanhas. Além do mais, os soldados e a polícia do Franco estão

por toda a parte.

— Mas vocês usam os caminhos. Senão, como é que ajudam as pessoas a sair de Espanha?

O Aitor permaneceu em silêncio. Ainda que não pretendesse defraudar a Amelia, por outro lado, temia colocar a sua organização em risco, tentando uma manobra tão rocambolesca como introduzir uma judia em território espanhol com o objetivo de atravessar o país inteiro e chegar a Portugal. Se fossem detidas e torturadas, confessariam por onde, como e com quem haviam atravessado, pondo em risco as suas atividades.

— Não tenho autoridade para tomar tal decisão, terei de consultar os meus superiores — concluiu ele.

— Não precisas de consultar ninguém. Se não queres ajudar-me, não o faças. Partimos amanhã. Se não vieres connosco, tentaremos pelos nossos próprios meios.

— Por favor, Amelia, não cometas nenhuma loucura! Vocês vão perder-se nas montanhas, sobretudo nesta época do ano. Isto não é Um jogo ou uma excursão pelos campos.

— Não podemos continuar aqui. A cada dia que passa, a Rakel corre mais perigo. A sua única possibilidade é chegar a Portugal.

— Talvez pudesse conseguir uma autorização de residência em França... ao fim e ao cabo, está em guerra com a Alemanha.

— Estás a brincar comigo? Tenho de te recordar das condições vividas pelos refugiados espanhóis? Queres que te fale da política relativamente aos judeus? Vai-te embora, Aitor, não desejo comprometer-te mais. Travas a tua própria guerra e a Rakel não faz parte dela; portanto, não tens motivos para nos ajudar.

— Se alguma coisa correr mal, poderás correr risco de vida — advertiu-a o Aitor.

— Bem sei, estamos conscientes disso, mas não temos alternativa.

O Aitor partiu de mau humor. Não tinha conseguido chamá-la à razão, convencê-la de que os caminhos de cabras das montanhas eram muito perigosos.

Também o Albert não conseguiu convencê-la a encontrar outra solução.

— Partirei amanhã com a Rakel e asseguro-te que conseguirei atravessar a fronteira — respondeu ela, irritada, aos argumentos do Albert.

Às três da manhã, quando a Amelia, a Rakel e o Albert se despediam da Yvonne, ouviram umas pancadas secas na porta. A velha criada foi abrir e ficou surpreendida ao dar de caras com o Aitor.

— És teimosa como uma mula, pelo que não me resta outra solução senão ajudar-te; caso contrário, ainda fazes com que a polícia venha a descobrir os carreiros usados para atravessar a raia — disse ele.

Amelia abraçou-o agradecida.

— Obrigada! Muito obrigada!

— Estão bem preparados? Precisam de bons agasalhos ou ainda morrem enregelados.

— Penso que temos tudo aquilo de que necessitamos — assegurou o Albert.

Na primeira noite, dormiram ao relento. Nas que se seguiram, pernoitaram em pequenos abrigos de pastores. O Aitor encabeçava a caminhada com passo decidido apesar da escuridão, com o Albert a seguir atrás de todos. A Amelia e a Rakel caminhavam em silêncio, sem se queixarem das dificuldades do terreno nem do receio que experimentavam por causa dos sons noturnos.

— Falta pouco para chegarmos a Espanha, e melhor será fazê-lo de noite — anunciou-lhes o Aitor de madrugada.

— Quanto falta? — perguntou o Albert.

— Não mais de quinze quilômetros. Assim que atravessarmos, dirigir-nos-emos à herdade dos meus avós. Estão à nossa espera.

Amelia vislumbrou a silhueta da Amaya a definir-se na porta da herdade e correu para ela a chorar. Abraçou a ama e a mulher cobriu-a de beijos.

— Querida Amelia, que bonita estás! Como mudaste! Meu Deus, pensei que nunca mais tornaria a ver-te!

Entraram na casa, um local de que a Amelia guardava recordações inesquecíveis, entristecendo-se ao saber que o avô tinha falecido e que a avó estava doente e acamada.

— Já nem sequer fala — murmurou a ama Amaya referindo-se à idosa, que nem sequer parecia reconhecê-los.

Preparou-lhes alguma coisa para comerem e deixou escapar uma gargalhada ao ver a expressão do Albert enquanto bebia uma grande taça de leite.

— Não gostas? Isso significa então que nunca bebeste leite de verdade, este acabou de ser ordenhado.

— O que sabes da minha família? — perguntou a Amelia.

— A Edurne escreve de quando em quando, mas com muito medo; como sabes, agora as cartas são abertas e a polícia suspeita de toda a gente. A tua irmã Antonietta parece estar a melhorar. Quanto ao filho da Lola, permanece em casa dos teus tios, porque a avó continua no hospital. O Dom Armando está empregado e a tua prima Laura parece feliz no colégio. A minha Edurne cuida bem deles, não te preocupes.

— Suponho que não te terá dito nada acerca do meu filho Javier ou do Santiago...

— Veem o teu filho de longe, é uma criança bonita e à qual nada falta. A Agueda cuida bem dele e zela por apresentá-lo aseado. Porque não vais

procurar um telefone para falares com eles?

— Claro que não o irá fazer! — interrompeu o Aitor. — É conveniente que seja discreta e, quanto mais despercebida passar, melhor. A polícia controla todos os telefonemas.

— Sim, tens razão — admitiu a Amelia.

— Agora, dir-vos-ei como poderão chegar a Portugal. Tenho um amigo que se dedica ao negócio da sucata, andando de um lado para o outro com uma pequena camioneta. Poderá levar-vos para Portugal, mas terão de lhe pagar. A viagem é longa e poderão ser detidos, de maneira que não irá sair barato. Têm dinheiro?

O Albert assegurou que pagariam o que fosse necessário, enquanto Aitor o olhava como se reconhecesse estar perante um homem invulgar. Perguntou-se se Amelia estaria apaixonada por ele, concluindo que não, embora fosse evidente que faziam um belo casal.

Não tinha decorrido sequer meia hora quando Jose Maria Eguía, o sucateiro, surgiu na herdade. Mal ouviu o ruído do motor da camioneta, Aitor saiu para ir recebê-lo.

O Eguía exigiu o pagamento adiantado para os levar até Portugal.

— Já que corro o risco de me meter em problemas — disse —, pelo menos, gostaria de ganhar umas quantas pesetas, que muita falta me fazem. Tenho mulher, três filhos e a minha sogra a viver connosco, pouco havendo para pôr na mesa. Além disso, se prestamos um serviço, temos de ser pagos por isso, não é?

Não regatearam uma peseta que fosse e despediram-se de Aitor e Amaya.

— Obrigada, nunca me esquecerei daquilo que fizeste por mim — disse-lhe a Amelia.

— Tenham cuidado. Tu e o Albert têm os passaportes em dia, mas a rapariga judia... Não sei o que poderia acontecer se a polícia vos mandasse parar...

— Teremos cuidado, não te preocupes.

— Podem confiar no Eguía. É boa pessoa, ainda que seja um pouco bruto. Os avós dele tinham uma herdade perto da nossa, quando éramos crianças, brincávamos juntos.

— É do PNV? — quis a Amelia saber.

— Não, é daquelas pessoas que não se interessa por política.

Mal cabiam na camioneta. O Albert sentou-se ao lado do Eguía, enquanto a Amelia e a Rakel se acomodaram na caixa, entre um monte de sucata. Contudo, nenhuma delas se queixou.

— Julgas que conseguiremos chegar a Portugal? — perguntou timidamente a Rakel à Amelia.

— Verás que sim. A viagem é longa, sendo ainda mais difícil devido ao

estado das estradas... mas chegaremos e o Albert irá ajudar-te a viajar para os Estados Unidos.

A Rakel fitou-a, agradecida por aquelas palavras encorajadoras. A viagem não foi fácil e cedo se tornou claro que a camioneta estava em piores condições do que aparentava. Em Santander, tiveram um furo, com o Eguía a concluir, depois de desmontar o pneu, que estava irrecuperável e que teriam de comprar outro.

— Mas você não tem um pneu sobresselente? — perguntou o Albert com um certo tom de preocupação na voz.

— Seria bom! E onde iria eu arranjar um pneu sobresselente? Aqui, não se consegue encontrar coisa nenhuma.

Por fim, encontraram uma velha oficina onde compraram um pneu já usado e que, evidentemente, o Albert pagou.

— Se tiver de ser eu a pagá-lo, a viagem não sai em conta — argumentou o Eguía em jeito de justificação.

Compravam pão e aquilo que conseguiam encontrar, comendo e dormindo na camioneta. O Albert disponibilizou-se para conduzir e, ainda que o Eguía se tenha mostrado inicialmente renitente, acabou por aceitar para poder descansar.

— Que viagem esta! Se soubesse que seria assim, ter-lhes-ia pedido mais para os trazer — queixou-se o sucateiro.

O Albert James escreveria posteriormente alguns artigos acerca da Espanha do pós-guerra nos quais relatava que se havia deparado com um país onde faltava tudo e onde o medo tinha selado as bocas das pessoas.

Explicava que, quando paravam para tomarem um café num qualquer bar, ou para se abastecerem de gasolina, ou quando entravam numa qualquer loja perdida para comprarem pão, se deparavam com um verdadeiro muro de silêncio assim que davam mostras de querer saber alguma novidade acerca da situação política.

Ficava também surpreendido com o discurso excessivamente patriótico dos novos dirigentes, mas, sobretudo, sentia-se abismado com a fome que grassava. Num dos seus artigos, escreveu que naqueles anos os espanhóis traziam a palavra fome impressa nos rostos.

Assim que chegaram às Astúrias, a camioneta avariou numa sinuosa estrada de montanha. Tiveram de descer e de, todos juntos, a empurrar para a berma da estrada, onde o Eguía tentou consertá-la.

— Uf... está num estado lastimável! — exclamou, depois de examinar o motor.

— Conseguirá consertá-lo? — perguntou a Amelia.

— A verdade é que não sei, talvez sim ou talvez não.

Tiveram sorte. Vários camiões do exército passaram por ali e o Eguía fez-lhes sinal para pararem.

O capitão que comandava o grupo de quatro camiões revelou-se um homem afável.

— Pouco percebo de mecânica, mas o sargento tem muito jeito e há de conseguir consertar esse motor.

Amelia rezou para que não lhes pedissem a documentação. Sobretudo, temia que fizessem qualquer pergunta à Rakel, dado que esta apenas falava alemão, ou ao Albert, que, embora falasse espanhol, não o fazia com muita fluidez.

Inicialmente, o capitão não demonstrou qualquer interesse particular nas duas mulheres, mas não deixou de questionar o Albert.

— E de onde é o senhor? — perguntou-lhe.

— Sou norte-americano.

— Não me diga! Será daqueles que vieram alistar-se nas Brigadas Internacionais? — perguntou rindo-se.

— Não, claro que não.

— Bem sei, homem, bem sei; você tem aspeto de ser um homem de boas famílias, um desses americanos que não sabem o que fazer a tantos dólares.

— O dinheiro nunca é demais — respondeu o Albert para fazer conversa.

— E quem são essas raparigas?

— A minha esposa e a irmã.

— Deixe-me dizer-lhe que o invejo por conseguir suportar a esposa e a cunhada.

— São boas pessoas — respondeu o Albert, que não compreendia de todo o sentido de humor do capitão.

— Não confie nelas, as mulheres são iguais em todo o lado.

— Já está, meu capitão! — interrompeu-os o sargento. — A avaria não era tão grave como parecia.

O capitão hesitou. Encontrar um norte-americano nas Astúrias parecia-lhe estranho, mas recordou-se de que a Espanha nada tinha contra os norte-americanos, pelo que se limitou a desejar-lhes boa viagem.

— Vão com cuidado!

Chegaram a Portugal três dias depois. O Eguía disse-lhes que atravessariam a fronteira por um local com pouca vigilância.

— A localidade pega com a fronteira. Os moradores veem Portugal da janela e passam para o outro lado atrás das suas galinhas.

— Tem a certeza de que não há vigilância? — perguntou a Amélia, receosa.

— Certeza absoluta. Além do mais, tenho cá um amigo que irá ajudar-nos.

O amigo do Eguía chamava-se Mourino e, supostamente, tinham-se

conhecido no serviço militar, tendo simpatizado mutuamente ao ponto de fazerem negócios de contrabando transfronteiriço, um com França e o outro com Portugal. Depois de a guerra terminar, retomaram os antigos negócios.

O Mourino ofereceu-lhes pão com queijo e vinho, enquanto ele e o seu amigo Eguía falavam de negócios. Depois de o basco descarregar a camioneta, o Mourino conduziu-o ao curral, onde, por baixo de uma lona, estavam umas quantas caixas que o Eguía deveria levar Para San Sebastián.

— Trata-se de tabaco inglês — explicou. — Os franceses adoram-no!

Ninguém lhes perguntou o que quer que fosse e atravessaram para Portugal sem encontrarem um único guarda.

— Isto é incrível! Nunca imaginei que iríamos atravessar a fronteira tão facilmente — espantou-se o Albert.

— Não julgue que é fácil. A questão é que esta aldeia está afastada das alfândegas mais próximas e, com sorte, não se encontra qualquer guarda e atravessa-se sem problemas. Há muito contrabando na região.

— Pensava que vendia sucata...

— E outras coisas mais.

Em Lisboa, procuraram uma pensão perto do porto que lhes havia sido recomendada pelo próprio Eguía.

— Não é grande coisa, mas os lençóis costumam estar limpos e, acima de tudo... não fazem perguntas.

Naquela noite, finalmente, comeram uma refeição quente e dormiram sobre lençóis, ainda que menos asseados do que o Eguía lhes tinha garantido.

Na manhã seguinte, o Albert telefonou ao seu tio Paul.

— Posso saber onde te encontras?

— De momento, estou em Lisboa, mas tive de atravessar a França e a Espanha para chegar aqui.

— Vejam só, não sabia que gostavas assim tanto de viajar — observou o tio com um toque de ironia.

— Também eu não sabia. Na verdade, tio Paul, preciso da tua ajuda.

— Já estava a estranhar a razão de ser deste telefonema. Então, o que se passa?

— Tenho uma amiga, uma pessoa muito especial...

— A Amelia Garayoa?

— Não, não se trata dela, ainda que esteja aqui comigo. É uma pessoa que conheci em Berlim. Chama-se Rakel Weiss e é judia.

— Muito bem. E o que pretendes de mim?

— Que a nossa embaixada emita um documento ou autorização que lhe permita viajar para os Estados Unidos.

— Queres dizer para a Inglaterra...

— Não. Estou mesmo a referir-me aos Estados Unidos, ela tem família lá.

— Como deverás calcular, não posso fazer nada.

— Por favor, sei que estás ao teu alcance! Não te pediria se não fosse importante. Sabes o que está a acontecer aos judeus na Alemanha?

— Bem sei que o Hitler persegue os judeus, mas não podemos acolher todos os que tentam fugir da Alemanha.

— Não estou a pedir-te nenhuma missão impossível, mas apenas uma autorização para fazê-la sair daqui.

— Não posso abrir exceções.

— Claro que podes! Pretendo unicamente que a Rakel chegue aos Estados Unidos.

— E como sabes que a deixam entrar no país?

— Se conseguires um salvo-conduto, eu próprio me encarregarei de resolver eventuais problemas na alfândega de Nova Iorque.

— Gostaria de te ajudar, mas não me é possível.

— Calculas aquilo por que tivemos de passar? Atravessamos meia Europa para chegarmos aqui. Posso assegurar-te que não foi fácil; sem a Amelia e sem a ajuda da Carla Alessandrini, não teríamos conseguido.

— Carla Alessandrini? Estás a referir-te à grande diva da ópera?

— Sim, uma mulher muito corajosa e determinada, que é grande amiga da Amelia.

— Não me digas! A tua amiga Amelia é uma caixinha de surpresas.

— Irás ajudar-me ou não?

— Verei o que posso fazer, mas devem ser cautelosos: em Lisboa, há agentes nazis em cada esquina.

— Calculo que também os haverá britânicos.

— Fico encantado com a fé que depositas em nós. Dá-me um número de telefone para o qual te possa contactar.

O Paul James telefonou ao sobrinho 24 horas depois, após uma tensa discussão com os superiores, numa tentativa de conseguir a autorização de viagem para a Rakel Weiss. Apenas conseguiu convencê-los porque, segundo lhes disse, esperava obter uma contrapartida ao favor que fazia ao sobrinho.

O Albert, acompanhado pela Amelia e pela Rakel, dirigiu-se então à embaixada britânica. Aí chegados, perguntaram pelo contato indicado pelo Paul James. Para o Albert, era evidente que se tratava de um agente dos serviços secretos. O homem ouviu pacientemente a história da Rakel, mostrando um interesse redobrado nos pormenores relativos à fuga de Berlim, sobretudo pelos contatos que a Amelia parecia possuir. Esta chegou a sentir-se algo perturbada

perante as perguntas daquele homem, que parecia estar a submetê-la a um interrogatório.

— E se não conseguíssemos fornecer-lhe a devida autorização, o que fariam? — perguntou ele, esperando que fosse a Amelia a responder.

— Não tenha qualquer dúvida de que faria o que fosse preciso para não deixar a Rakel entregue à sua sorte. Os senhores não são o nosso único trunfo — replicou, desafiadora.

O homem deu por terminada a conversa dizendo-lhes que entraria em contato dentro de alguns dias, aconselhando-os também a não darem nas vistas em Lisboa.

— Vocês formam um trio no qual será difícil não reparar.

Quase não saíram da pensão. Albert pagava à proprietária para que lhes preparasse as refeições, e o máximo a que se atreviam era um ou outro passeio à beira-rio.

Dois dias depois, o funcionário da embaixada telefonou-lhes para a pensão e marcou encontro para um bar próximo dali.

— Bem... aqui têm os documentos para a menina Weiss. Dependerá de si que lhe concedam autorização de residência depois de chegar a Nova Iorque.

— Obrigado... — disse o Albert, estendendo a mão ao homem.

— Não me agradeça a mim, mas sim ao seu influente tio. Ah, já me esquecia! Pediu-me que entre em contato com ele quanto antes, julgo que espera encontrar-se consigo em Londres dentro em breve.

O Albert comprou uma passagem para a Rakel num navio que partia no dia seguinte rumo a Nova Iorque. Tratava-se de um navio mercante que admitia passageiros, pelo que a travessia não seria demasiado incômoda para a Rakel, para além de passar mais despercebida assim que chegasse aos Estados Unidos. Pagou também ao capitão para que zelasse por ela.

Amelia despediu-se da Rakel banhada em lágrimas. Tinha acabado por simpatizar sinceramente com aquela rapariga tímida e silenciosa. Antes de embarcar, a Rakel retirou um anel do dedo e ofereceu-o à Amelia.

— Para que nunca te esqueças de mim... — disse-lhe enquanto lhe colocava o anel no dedo.

— Claro que nunca te esquecerei! Por favor, fica com o teu anel. É de ouro e, com esses engastes... é muito valioso e, se as coisas te correrem mal, poderás precisar dele.

— Não. Ainda que estivesse a morrer de fome, nunca venderia este anel. Era da minha avó paterna. Foi-me oferecido pelo meu pai quando fiz dezoito anos. Quero que fiques com ele.

— Mas não posso aceitá-lo!

— Enquanto estiver contigo, é como se permanecêssemos unidas. Por favor, não o rejeites!

Abraçaram-se e o Albert teve de separá-las para que a Rakel pudesse embarcar.

— Não te preocupes. Quando chegares a Nova Iorque, haverá gente à tua espera, não terás qualquer problema em passar pela alfândega — assegurou-lhe o Albert.

Quando o navio estava já a zarpar, a Amelia sentiu um arrepio de melancolia. O Albert colocou-lhe um braço sobre os ombros para a reconfortar. Estava perdidamente apaixonado por ela, nada havendo que não estivesse disposto a fazer para lhe agradar.

— O que faremos agora? — perguntou-lhe mais tarde, já na pensão.

— Iremos a Londres. Tenho de pedir ao meu pai para entrar em contato com alguns amigos que possam facilitar a entrada da Rakel nos Estados Unidos. O meu pai é amigo do governador, de maneira que, se conseguir sensibilizá-lo para o caso da Rakel, ela não terá quaisquer problemas. Quero também telefonar a um amigo de infância que trabalha no gabinete do presidente da câmara. Além do mais, o funcionário da embaixada disse-nos que o meu tio Paul queria encontrar-se connosco em Londres o mais rapidamente possível e, depois deste favor, não poderei recusar.

— O que pretenderá o teu tio?

— Cobrar o favor prestado.

— Mas como?

— Isso é algo que ainda ignoro, mas estou certo de que o preço a pagar será elevado.

— Eu... lamento ter-te colocado nesta situação.

— A culpa não foi tua, Amelia. Salvar a Rakel era uma questão de decência. Infelizmente, não podemos ajudar todos aqueles que necessitam. Além disso, foram o professor Schatzhauser e o Max que nos pediram que ajudássemos a Rakel, e não devemos esquecer-nos que, sem o auxílio da Carla, nada disto teria sido possível.

— Gostaria que fôssemos a Madrid... Estamos tão próximos...

O Albert hesitou, mas acabou por manter-se firme na decisão de viajarem de imediato para Londres.

— Lamento, Amelia, mas depois daquilo que lhe pedimos não poderei desiludir o meu tio.

— Tens razão, outras ocasiões haverá para irmos lá.

— Isso é algo que fica prometido.

6

Amelia não conseguia sentir-se à vontade em Londres. Encarava a hostilidade do ambiente como um reflexo da hostilidade da família e dos amigos do Albert que estavam ao corrente de que este vivia com uma mulher casada, motivo de escândalo na extremamente puritana alta sociedade britânica.

Quando o Albert chegou, os seus pais preparavam-se para regressar a Nova Iorque, pelo que pediu ao pai que intercedesse junto do governador da cidade para ajudar a Rakel. O Ernest James adorava o filho e era incapaz de lhe negar fosse o que fosse; sendo também um antinazi arrebatado, comprometeu-se a ajudar a rapariga.

— Não te preocupes, conseguiremos que essa jovem entre nos Estados Unidos. Agora que estamos a sós... bem... gostaria de falar contigo. A tua mãe está muito preocupada, sabes bem que pensava que tu e a Lady Mary... enfim...

— Bem sei, pai, tenho perfeita consciência de que a mãe e tu ficariam agradados com a ideia de me casar com a Mary Brian, mas lamento não poder satisfazer-vos.

— Isso quer dizer que a tua decisão é definitiva?

— Apresentei-vos à Amelia e sabes perfeitamente que estou apaixonado por ela.

— É uma jovem muito bela e inteligente, mas é casada e sabes que a vossa relação não tem futuro.

— Terá o futuro que ambos pretendamos que venha a ter. Irlandeses como vocês são, encontram-se demasiado presos às convenções e à tradição.

— Também tu és irlandês, ainda que tenhas nascido em Nova Iorque.

— E recebi uma educação de norte-americano, que é aquilo que me sinto. Respeito as tradições e procuro não violar em demasia as convenções, mas não as sacralizo. Apaixonei-me pela Amelia e vivo com ela; portanto, seria melhor que a mamãe desistisse de pretender casar-me com a Mary.

— Não poderão ter filhos.

— Tenho a esperança de que chegará o dia em que haverá uma solução para o nosso caso. Entretanto, pai, gostaria de te pedir que me compreendesses e, se tal não te for possível, pelo menos que a aceites na família como se da minha esposa se tratasse.

— A tua mãe não quer saber nada sobre ela!

— Então, também nada saberá sobre mim.

— Por favor, filho, sê razoável.

— Julgas que não refleti já nas implicações de viver com a Amelia? Sim, é óbvio que o fiz, e deixa-me também dizer-te que não permitirei que ninguém a humilhe ou menospreze. Nem sequer a mamãe.

O Lorde Paul James organizou um jantar de despedida em honra do seu irmão Ernest e da sua esposa Eugenie, para o qual convidou o Albert e a Amelia. A mãe do Albert alegou uma forte enxaqueca que a impediria de estar presente no jantar, desculpando-se também com a iminente partida para Nova Iorque. A Eugenie considerava não existir motivo para aquele serão.

O Albert e a Amelia compareceram em casa do tio dele às seis em ponto da tarde, a hora explicitada no convite. O Paul James tinha reunido em sua casa uma dúzia de convidados, surpreendendo todos eles com a deferência com que tratava a Amelia, que, para a puritana sociedade da época, não era mais do que a amante do seu sobrinho. Inclusivamente, levantou-se alguma celeuma quando ela se atreveu a acusar a Grã-Bretanha e as restantes potências europeias de terem lavado as mãos no respeitante à guerra civil espanhola.

Já depois de todos os convidados terem partido, o Paul James pediu ao sobrinho e à Amelia para ficarem e partilharem um porto com ele na biblioteca.

O Albert sussurrou ao ouvido da Amelia: "Chegou o momento de nos cobrar por ter ajudado a Rakel."

— Estou bastante impressionado com o vosso estratagema para salvar essa jovem judia, a Rakel Weiss — disse-lhes logo depois de lhes ter servido um cálice daquele vinho português cor de púrpura.

— Sim, deparamo-nos com algumas dificuldades, mas tivemos sorte — comentou o Albert.

— Sorte? Diria antes que demonstraram inteligência e capacidade de improviso. Felicito-vos a ambos.

Sem deixar de observar a Amelia de soslaio, o Lorde James aclarou a voz antes de prosseguir. A rapariga parecia tranquila, autoconfiante, não deixando transparecer a sua agitação interior.

— Bem... estamos em guerra, e com as guerras sabe-se sempre como começam, mas nunca como ou quando terminam. O inimigo é poderoso e esta é

uma questão de ele ou nós. Quando falo de "nós" estou a referir-me à Europa da razão, à dos valores com que crescemos e em que acreditamos. Nesta guerra, não há espaço para a neutralidade. Lamento por ti, Albert.

— Pretendia precisamente falar-te de umas pessoas que conheci em Berlim. Comprometi-me com elas a defender a sua causa em Inglaterra, de forma que começarei contigo. O teu amigo barão Max von Schumann pertence a um grupo de oposição ao Hitler.

— Isso já eu sabia. O que julgas que veio aqui fazer no verão? Pediu-nos auxílio para derrubar o Hitler... um auxílio que, naquela altura, não podíamos proporcionar-lhe.

— Isso foi um erro tremendo.

— Sim. É verdade que houve quem se tenha enganado ao pensar que não haveria guerra e que o Hitler não se atreveria a invadir a Polónia e a dar os passos que está a dar. Sempre pensei que seria isso que iria acontecer, mas os meus superiores não partilhavam da mesma opinião. Ainda assim, o grupo do barão Von Schumann é... bem... é constituído por pessoas de várias influências, sem organização, e não estou certo que seja um grupo de oposição eficaz, com capacidade para outras ações para além de se reunir para lamentar que o Hitler se tenha assenhoreado da Alemanha.

— Estás enganado, tio. Tens de perceber que, para além dos colonistas e dos socialistas, não me parece que existam muitos grupos de oposição organizada contra o Hitler. No que respeita aos comunistas, ainda que sejam perseguidos na Alemanha, estão a braços com o fato de o seu líder, o Stalin, ter pactuado com o Hitler. Quanto aos socialistas, não têm capacidade por si sós para derrubarem o regime. Na minha opinião, seria necessário convencer todos os grupos de oposição a agirem de modo coordenado. O líder do grupo do Max von Schumann é o professor Karl Schatzhauser, que, além de ser um médico conceituado, é também um respeitado professor universitário. Parece-me que deverias contar com ele.

— Comprometeste-te com alguma coisa?

— Apenas prometi transmitir-vos o seu pedido de auxílio e atestar que são merecedores dessa ajuda.

— Assim sendo, terei em conta o que me dizes, ainda que mais não possa fazer do que prometer que irei comunicar tal situação aos meus superiores. Mas agora queria falar-vos de uma outra questão. É um assunto delicado e, independentemente das circunstâncias, espero contar com a vossa discrição.

Tanto a Amelia quanto o Albert lhe garantiram que poderia estar tranquilo a esse respeito.

— As guerras não se vencem apenas na frente de batalha; precisamos de

informação, que tem de ser recolhida na retaguarda das linhas inimigas, e para isso necessitamos de homens e mulheres de grande coragem. O meu departamento no Almirantado irá formar alguns homens e mulheres que possam levar tal missão a efeito, todos eles civis e com qualidades que os distinguem, tal como as que a senhora possui, Amelia.

— Onde pretendes chegar, tio Paul?! — interrompeu-o Albert.

— Apenas quero saber se estariam dispostos a contribuir para que esta guerra termine o mais rapidamente possível.

— Sou jornalista; a minha única forma de colaborar contra a guerra é contar às pessoas aquilo que está a acontecer.

— Já te disse, Albert, que nas presentes circunstâncias não há lugar para a neutralidade. Por mais que a política do Chamberlain tenha tido como estratégia o apaziguamento do Hitler, vimo-nos a braços com a guerra. Infelizmente, o Hitler não se conformará com a Polónia, sem esquecer que os soviéticos, como suponho que saberás, decidiram apossar-se da Finlândia. Temo que ainda desconheçamos as reais proporções que esta guerra poderá alcançar, mas tenho a obrigação de fornecer aos meus superiores informações que lhes permitam tomar as decisões mais acertadas. Após a declaração de guerra, tivemos de abandonar a Alemanha, mas precisamos de ouvidos e olhos lá.

— Se bem percebo, pretendes convidar-nos a integrar esses grupos que estás a formar.

— Sim, assim é. Como és norte-americano, podes deslocar-te livremente sem levantar suspeitas; quanto à menina Garayoa, é espanhola. O país dela é aliado do Hitler e, com o seu passaporte, também ela poderá viajar pela Alemanha sem levantar suspeitas. Mas falavas há pouco do barão Von Schumann, cujo papel enquanto opositor ao regime não me interessa tanto quanto o fato de ser militar de alta patente e de gozar de uma boa reputação no exército. Tem acesso a informação que nos poderá ser vital.

— O Max von Schumann nunca trairá a Alemanha. Apenas pretende derrubar o Hitler — interveio a Amelia.

— O problema é que, minha cara, nunca conseguirá tal propósito sem quebrar alguma louça. Desconfio que, dadas as presentes circunstâncias, todos acabaremos por fazer alguma coisa de que não gostamos.

— Lamento, tio Paul, mas não poderei ajudar-te — declarou o Albert.

O Paul James fitou o sobrinho com desilusão no olhar. Esperava que a guerra lhe tivesse aberto os olhos, mas o Albert parecia manter uma visão romântica do jornalismo.

— Diga-me, Lorde James: se a Grã-Bretanha vencer a guerra contra a Alemanha, que consequências terá isso para o resto da Europa? — perguntou a

Amelia.

— Não percebo...

— Pretendo saber se a queda do Hitler poderá levar as potências europeias a decidirem restabelecer a democracia em Espanha. Pretendo saber se continuarão a apoiar e a reconhecer o Franco.

O Lorde James ficou surpreendido com a pergunta da Amelia. Era evidente que a jovem apenas colaboraria se acreditasse que isso poderia beneficiar a Espanha; por isso, hesitou durante alguns instantes antes de responder, procurando as palavras mais adequadas.

— Nada lhe posso garantir. Contudo, uma Europa sem o Hitler será certamente diferente. A posição do Duce em Itália deixaria de ser a mesma e, no que respeita a Espanha... é evidente que, para o Franco, não poder contar com o apoio alemão representaria um grande revés. A sua posição ficaria fragilizada.

— Se assim for, julgo que estaria disposta a colaborar contra o Hitler.

— Ótimo! Tomou a decisão certa, querida Amelia.

— Mas, Amelia, não podes fazer isso! Tio, não a deverias enganar...

— Enganar? Não estou a fazer nada disso. A Amelia equacionou uma situação cujos resultados poderão ser aqueles por que anseia. Não posso dar-lhe nenhuma garantia, mas, se vencermos esta guerra, verificar-se-ão consequências imediatas na Europa e, obviamente, também em Espanha.

— A mim, basta-me que existam esperanças de tal possibilidade. O que pretende que eu faça? — perguntou ela.

— Oh! Para já, preparar-se. Precisa de instrução e, certamente, de consolidar os idiomas que fala. Quais são? Russo, francês, alemão?

— Falo francês tão fluentemente quanto o espanhol. Também não tenho quaisquer problemas com o alemão, inclusivamente já me disseram que possuo uma pronúncia bastante boa. No que respeita ao russo, confesso que os meus conhecimentos são pouco mais do que rudimentares. Mas é verdade que tenho uma certa facilidade em aprender idiomas.

— Perfeito, perfeito! Trabalhará os seus conhecimentos de russo e aperfeiçoará ainda mais o seu alemão. Além do mais, aprenderá a enviar e a decifrar mensagens, bem como algumas técnicas imprescindíveis no universo da recolha de informações.

— Amelia, peço-te que reconsideres o compromisso que estás a assumir. Não imaginas em que é que estás a meter-te. Quanto a ti, tio Paul, não tens o direito de ludibriar a Amelia e de a colocares em perigo por uma causa que não é a dela. Ambos sabemos que a Espanha não é uma prioridade para a política externa da Grã-Bretanha, que, inclusivamente, os ingleses se sentirão menos incomodados com o Franco no poder do que perante um governo comunista.

Não permitirei que enganes a Amelia.

— Por favor, Albert! Julgas que estou a enganá-la? Nunca o faria, mais não fosse por ti. A Alemanha tornou-se um grande perigo para todos e temos de vencer esta guerra. Não disse que uma vitória nossa determinaria a queda do Franco, mas tão-somente que, sem o Hitler, as coisas serão diferentes. A Amelia é inteligente e sabe como a política funciona.

— É uma opção, Albert, pela qual terei mais a ganhar do que a perder. E eu já perdi tudo — interrompeu-os a Amelia.

— Se decidires trabalhar para o tio Paul, entrarás num submundo do qual não conseguirás sair.

— Não quero tomar esta decisão sabendo que te opões a ela. Ajuda-me, Albert. Tenta compreender porque aceitei este desafio.

Depois de eles saírem, o Lorde James bebeu mais um cálice de porto. Estava satisfeito. Sabia que a Amelia Garayoa era um diamante que apenas necessitava de ser polido. Já estava há tempo suficiente nos serviços secretos para saber quem apresentava potencial para se tornar um bom agente, estando convicto relativamente às qualidades daquela jovem de aspeto frágil e delicado.

Naquela noite, o Lorde James dormiu tranquilamente; quanto à Amelia e ao Albert, passaram a noite em claro e a discutir.

As sete da manhã do dia seguinte, um automóvel do Almirantado foi buscar a Amelia.

O Lorde James envergava o seu uniforme da marinha e pareceu Regrar-se ao vê-la.

— Entre, entre, Amelia. Fico feliz por não ter mudado de opinião.

— O senhor pensa em Inglaterra e eu na Espanha. Espero que consigamos conciliar os nossos interesses — replicou ela.

— Certamente, minha cara, é também isso o que desejo. Irei agora apresentar-lhe a pessoa que se encarregará da sua instrução: o comandante Murray. Será ele a colocá-la ao corrente de tudo. Mas antes terá de assinar este documento, pelo qual se compromete a uma absoluta confidencialidade. Teremos também de determinar os seus honorários, dado que se trata de um trabalho.

O comandante Murray revelou-se um quarentão afável, não ocultando a sua surpresa ao ver a Amelia.

— Mas que idade tem a senhora?

— Vinte e dois.

— Mas não passa de uma menina! O Lorde James sabe a sua idade? Não podemos ganhar a guerra com crianças! — protestou.

— Não sou nenhuma criança, isso posso assegurar-lhe.

— Tenho uma filha de quinze anos e um rapaz de doze, ou seja, pouco mais

novos do que a senhora — comentou ele.

— Não se preocupe comigo, comandante, estou certa de que estarei à altura de tudo o que me for pedido.

— O grupo que está a meu cargo é constituído por homens e mulheres mais velhos; o elemento mais novo tem trinta anos, não sei o que poderei fazer consigo.

— Poderá ensinar-me tudo aquilo que eu for capaz de aprender.

O Murray apresentou-a aos outros elementos do grupo: quatro homens e uma mulher, todos eles britânicos.

— Todos vocês possuem uma característica comum: o domínio de línguas estrangeiras — disse-lhes.

A Dorothy, a outra mulher do grupo, tinha sido professora antes de ser recrutada. Morena, não muito alta, andaria na casa dos quarenta e tinha um sorriso sincero e aberto. Simpatizou de imediato com a Amelia.

Quanto aos restantes membros, o Scott era o mais jovem, com trinta anos, enquanto o Anthony e o John passavam já dos quarenta.

O comandante Murray esclareceu-os acerca do programa de instrução.

— Aprenderão algumas matérias em comum, havendo outras específicas em função das qualidades de cada um. O que se pretende é que venham a dar o vosso melhor.

Foi-lhes apresentando os respetivos instrutores e, à hora de almoço, dispensou-os requerendo que se apresentassem às sete da manhã do dia seguinte.

— Vão para casa e repousem, bem irão necessitar.

— Gostarias de tomar um chá comigo? — propôs a Dorothy à Amelia.

Ela aceitou de boa vontade. Gostaria de regressar a casa e de conversar com o Albert, mas receava tornar a discutir com ele.

A Dorothy revelou-se uma pessoa bastante afável. Contou à Amelia que era de Manchester mas que tinha estado casada com um alemão, pelo que falava fluentemente o idioma.

— Vivíamos em Estugarda, mas quando o meu marido morreu de ataque cardíaco, há cinco anos, decidi regressar a Inglaterra. Nada me retinha ali, dado que nunca tivemos filhos. Não consegues calcular quanto sinto a falta dele, mas a vida é mesmo assim. Pelo menos, julgo estar a fazer uma coisa que lhe agradaria, porque também ele detestava o Hitler.

Falou-lhe também dos outros elementos do grupo.

— O Scott é solteiro, filho de um diplomata; ainda que tenha nascido na Índia, possui obviamente nacionalidade britânica. Cresceu em Berlim porque o seu pai esteve lá colocado. Estudou línguas clássicas em Oxford, como sejam o hebraico, o aramaico... Para além disso, domina também o alemão e o francês,

julgo que por causa das suas relações familiares. Descende de uma família distinta. Quanto ao Anthony, é professor de alemão e está casado com uma judia. No que respeita ao John, esteve no exército e, depois de ter sido desmobilizado, montou um negócio: uma academia de línguas. Parece que tem uma facilidade espantosa para falar qualquer língua. Um tio dele casou com uma exilada russa que lhe ensinou a sua língua e, dado que integrou as Brigadas Internacionais durante a guerra de Espanha, fala fluentemente espanhol e um pouco de húngaro, falando também o alemão com bastante fluência. O John não é casado, mas, ao que parece, está comprometido desde há algum tempo.

Quando a Amelia regressou a casa, o Albert não estava. Aguardou impientemente pelo seu regresso. Precisava dele; sobretudo, precisava da sua aprovação. Dependia dele mais do que gostaria de admitir e, ainda que soubesse que aquela relação não tinha futuro, dizia para si própria que, enquanto pudesse, ficaria com ele.

O Albert regressou mais tarde do que habitualmente, mas parecia mais bem-humorado do que no dia anterior.

— Consegui. O primeiro-ministro irá receber-me amanhã, tenho de preparar a entrevista. Irá ser publicada em vários jornais. Nos Estados Unidos, a opinião pública está muito interessada em saber como irá o Reino Unido fazer face a esta guerra. E a ti, como te correu o dia?

— Bem... suponho que o mais difícil começará amanhã. Hoje, conheci o grupo com que irei trabalhar. Parecem-me boas pessoas.

— Nunca perdoarei ao tio Paul por te ter convencido a trabalhares para ele. A decisão que tomaste irá marcar-te para o resto da vida.

— Bem sei, mas depois daquilo que vimos na Alemanha não poderia continuar de braços cruzados.

— Esta não é a tua guerra, Amelia.

— Não, não é a minha guerra; temo que venha a ser a de todos.

Durante os três meses que se seguiram, o comandante Murray preparou a Amelia para se tornar agente. Recebeu lições intensivas de alemão e russo, aprendeu a preparar explosivos, a decifrar códigos e a utilizar armas. Ela e os outros elementos do grupo começavam a instrução às sete da manhã, regressando a casa já a horas avançadas da noite.

O Albert preocupava-se ao vê-la exausta, mas sabia que nada daquilo que pudesse dizer a faria voltar atrás. Ela estava convencida que, se o Hitler fosse derrotado, a Inglaterra ajudaria a Espanha a livrar-se do Franco.

No decurso daqueles meses, a Amelia manteve um contato permanente com os seus familiares em Madrid. Enviava regularmente dinheiro ao seu tio Armando, com vista a contribuir para o sustento da sua irmã Antonietta.

Ainda que continuasse a viver com o Albert, pagava as suas próprias despesas, o que a fazia sentir-se independente e quase feliz.

Entretanto, após uma inesperada e heroica resistência dos soldados finlandeses, o Exército Vermelho apossou-se da Finlândia, o que teve como consequência a expulsão da União Soviética da Sociedade das Nações.

E embora a Inglaterra e a França estivessem oficialmente em guerra contra a Alemanha desde a invasão da Polónia, apenas no ano seguinte, em 1940, começariam de fato as hostilidades.»

— Bem... chegados a este ponto, talvez devesse agora falar com o major Hurley — aconselhou Lady Victoria. — Ainda que tenha mais algumas informações para lhe fornecer, o major poderá informá-lo com maior precisão acerca das atividades da Amelia Garayoa nos serviços secretos. Ah, já me esquecia! Disse-lhe já que a Amelia mantinha um contato permanente com a família, mas parece que os visitou em fevereiro de 1940. Não estou plenamente certa, mas encontrei uma carta do Albert para o pai na qual refere, entre outras coisas, que a Amelia estaria em Madrid.

Despedi-me de Lady Victoria sem esta deixar de me prometer que voltaria a receber-me para continuar a destrinçar a vida de Amelia Garayoa.

Estava impressionado com o que me fora contado, ao ponto de ter feito vista grossa às mensagens de correio eletrónico que Pepe me enviara. Dizia-me que, dado não dar sinais de vida nem responder às suas mensagens de correio eletrónico, o diretor decidira prescindir dos meus serviços. Por outras palavras, tinha sido despedido. Verdade seja dita que isso não me perturbava, lamentando apenas a discussão a que, certamente, a minha mãe não me pouparia quando viesse a saber.

Não obstante a minha insistência em encontrar-me com ele o mais rapidamente possível, o major William Hurley marcou-me um encontro em sua casa apenas para uma semana depois.

Telefonei à minha mãe, que, tal como receava, me tratou como se fosse um adolescente sem rumo de vida. Já fora colocada ao corrente de que me haviam despedido, porque Pepe, uma vez que eu não respondia às suas mensagens, tinha telefonado para casa da minha mãe para lhe perguntar se continuava vivo.

— Não sei o que pretendes, mas estás a cometer um erro. Quem Poderá interessar-se pela vida dessa boa senhora? — tornou a recriminar-me — Essa boa senhora era tua avó; logo, a história dela também a ti deveria interessar.

— Não digas disparates! Julgas que estou minimamente interessada naquilo que essa dita Amelia fez? Não é minha avó.

— Como assim? Só me faltava ouvir isso.

— Essa senhora abandonou o filho, que veio a ser o meu pai, e desapareceu.

Nunca ouvi nada sobre ela e também nunca me interessaram os seus motivos. Em que é que contribui para a minha felicidade saber o que se passou com ela?

— Asseguro-te que a vida da tua avó foi "da pesada».

— Pois fico feliz por ela, espero que se tenha divertido.

— Então, mamãe, não te zangues!

— Não me zango? Devo alegrar-me por ter um filho que é um cabeça de vento que, em lugar de se preocupar consigo próprio, resolve dedicar-se à investigação de uma história familiar irrelevante?

— Garanto-te que a vida da Amelia nada teve de irrelevante. Deverias interessar-te, afinal não deixa de ser tua avó.

— Já te disse para não me falares mais dessa senhora! Ouve: se não abandonares esta investigação, melhor será que deixes de me telefonar para resolver os teus problemas. Tens idade para ganhar a vida e, se não o fazes, é porque não queres, de maneira que ficas já avisado. De agora em diante, a única coisa que farei por ti será colocar-te um prato de comida à frente quando vieres visitar-me, mas não tornes a pedir-me dinheiro emprestado para pagares a mensalidade do apartamento, porque não tenciono dar-te nem mais um euro.

Ainda que, na sua perspetiva de mãe, ela não deixasse de estar certa, na minha, não me restava outra opção que não fosse prosseguir. Para além de me ter comprometido com Dona Laura e Dona Melita, a investigação estava a revelar-se como um veneno ao qual não conseguia resistir.

7

Do hotel, telefonei ao professor Soler esperançado de que ele me falasse, se de tal se recordasse, da estadia de Amelia em Madrid no mês de fevereiro de 1940. Dom Pablo não se fez rogado e pediu-me que me deslocasse a Barcelona para conversarmos mais calmamente.

— Pretende que lhe conte aquilo que fui descobrindo? — perguntei-lhe quando me encontrava já sentado frente a ele no seu escritório.

— Não é a mim que deverá prestar contas. Haverá coisas que as senhoras podem querer evitar que saiam do âmbito familiar.

— Mas, tanto quanto já me apercebi, o senhor praticamente faz parte da família!

— Não, não se iluda, jovem. Ficar-lhes-ei eternamente agradecido por aquilo que fizeram por mim, mas não tenho qualquer direito a saber mais do que aquilo que elas pretendam que saiba. Continue a reunir as peças deste quebra-cabeças e, quando tiver terminado, entregue-o.

Dom Pablo, que indubitavelmente possuía uma memória prodigiosa, falou-me então daquela visita de Amelia. Uma visita que qualificou de "dramática»...

"A Antonietta, afetada pela tuberculose, piorou, e o Dom Armando e a Dona Elena temeram pela sua vida. Tiveram de interná-la no hospital, posto o que ele pediu à Amelia que viajasse de imediato Para Madrid.

Ainda que tivesse emagrecido, a Amelia parecia mais tranquila, mais autoconfiante. Mal chegou, insistiu em deslocar-se de imediato ao hospital, tendo sido acompanhada pelos primos Laura e Jesús. Também eu fui, dado que ia sempre para qualquer lado aonde o Jesús fosse.

A Dona Elena e a Edurne velavam a seu lado, revezando-se, e o Dom Armando e a Laura dirigiam-se ao hospital assim que saíam do trabalho. Quanto ao Jesús, não lhe permitiam ir com muita frequência, dado que também tinha padecido de tuberculose, o que levava a Dona Elena a recear que pudesse sofrer

uma recaída.

Amelia abraçou a irmã, embalando-a como se fosse uma criança. A Antonietta chorou, emocionada. Gostava muito da Amelia e sofria pela sua ausência, ainda que nunca a tenha recriminado.

— Fico feliz por teres vindo! Agora, irei certamente ficar boa!

— Claro que ficarás boa. Caso contrário, zangar-me-ei contigo.

— Não me digas isso, que gosto muito de ti! — protestou a Antonietta.

Amelia falou com o médico encarregado de seguir a sua irmã e pressionou-o a salvá-la.

— Faça o que tiver de ser feito, administre-lhe tudo o que for necessário, mas se alguma coisa acontecer à minha irmã... nem sei o que lhe farei!

— Mas, menina, como se atreve a ameaçar-me!? — reagiu o médico, visivelmente irritado.

— Não estou a ameaçá-lo, Deus me livre de ameaçar quem quer que seja, mas a questão é que... a Antonietta é a única pessoa que me resta. Fiquei sem família... terei também de perder a minha irmã?

— Aqui nada se perde; fazemos tudo o que está ao nosso alcance para salvarmos vidas, mas a sua irmã está muito débil e tem reagido mal ao tratamento.

— Diga-me o que precisa de ser feito que eu fá-lo-ei, não duvide.

— O problema é que não podemos fazer mais do que aquilo que tem vindo a ser feito. A vida da sua irmã não está nas nossas mãos, mas sim nas de Deus. Se Ele decidir chamá-la para junto de Si, nada há que possamos fazer.

— Como diz?

— Dizia que a vida da sua irmã, como a de todos nós, depende de Deus.

— Não acredito de todo nisso. Pensa realmente que Deus necessita da vida da minha irmã? Para que efeito?

— Por favor, Amelia, não te zangues com o doutor! — pediu-lhe a Dona Elena, nervosa com o rumo que a conversa estava a tomar.

— Não estou zangada, tia, mas espero que a Antonietta receba os cuidados necessários para superar esta doença, para além de não suportar esta resignação pela qual a morte acontece se e quando Deus determinar.

— Mas, filha, o doutor está certo, é Nosso Senhor quem determina a hora da nossa morte.

— Não, tia, não. Não me parece que Deus tenha determinado que o meu pai deveria morrer fuzilado e que a minha mãe... sabes perfeitamente que morreu doente, sem forças para enfrentar a doença devido à fome, ao sofrimento, à miséria. O meu pai foi morto por balas fascistas, não por Deus.

— Não quero que fales de política! Já sofremos o suficiente por causa da

política! Queres que te recorde os meus mortos? Sabes porque não enlouqueci? Vou contar, Amelia: porque acredito em Deus e admito que Ele possui razões que me ultrapassam.

— No que me diz respeito, não penso resignar-me a que a Antonietta morra. Iremos interná-la noutra hospital e procuraremos outros médicos para a tratarem, que não lavem as mãos dizendo que o destino da minha irmã não depende deles, mas sim de Deus. Não envolvamos Deus no assunto.

A Dona Elena estava escandalizada com aquilo que a Amelia dizia. Fitou-a como se de uma desconhecida se tratasse; na verdade, não deixava de o ser. Ainda que a Amelia parecesse fisicamente frágil, subitamente revelava-se diferente.

Naquela noite, a Amelia ficou no hospital a velar a Antonietta; nós, a Dona Elena e a Edurne regressamos a casa. A Dona Elena queixou-se ao Dom Armando da atitude da sobrinha.

— Se a tivesses ouvido... Garanto-te, Armando, que a Amelia não parece a mesma... Não sei, parece trazer uma profunda amargura dentro dela...

— E isso parece-te estranho? É a mesma amargura que todos nós trazemos. Perdemos parte da nossa família, ficamos sem nada, ela está no estrangeiro a ganhar a vida; querias que continuasse a mesma juvenzinha doce de outros tempos?

— Mas pôr em causa a vontade de Deus... isso, Armando, parece-me demais.

— Mas pretendes que a Amelia aceite que Deus possa desejar que a Antonietta morra? Não, não podes acreditar realmente nisso. Julgas que foi por vontade de Deus que a coitada da tua prima freira foi torturada e assassinada por um bando de fanáticos? Foi por vontade de Deus que o meu irmão foi assassinado?

— Falas como ela!

— Falo com a voz da razão. Sabes perfeitamente que sou crente, mas há determinadas coisas... A Amelia está certa. Não envolvamos Deus e peçamos-lhe que nos conceda forças para suportar todo o mal que nos rodeia.

Amelia empenhou-se em encontrar outro hospital onde a sua irmã pudesse ser tratada. Visitou dois médicos e pediu-lhes aconselhamento, mas ambos lhe disseram que a questão do hospital era indiferente, que as pessoas morriam diariamente vítimas de tuberculose e de outras doenças, que tudo dependia da capacidade de resistência da paciente. Mas a Amelia não se resignava e insistia em encontrar quem lhe pudesse alimentar esperanças.

Certa tarde em que todos tínhamos ido visitar a Antonietta, ela piorou.

Ainda me recordo daquele momento... foi terrível... a Amelia, abraçada à irmã, implorava aos gritos que alguém a ajudasse.

O Jesús começou a tremer. Era um rapaz muito sensível e gostava muito da sua prima Antonietta; vê-la naquele estado era demasiado para ele, pelo que desmaiou. Julgo que o desfalecimento do Jesus contribuiu para que a calma voltasse a instalar-se por uns instantes. Os seus pais e a sua irmã Laura socorreram-no prontamente. Uma das freiras que tratava das doentes daquele quarto também apareceu prontamente. Ignoro se seria ou não boa enfermeira, e também não me lembro do seu nome, mas tratava a Antonietta com estima, tendo-se sentado ao lado da Amelia.

— A tua irmã tem um anjo da guarda a velar por ela — sussurrou — e Deus irá ajudá-la. Agora, deixa que sejamos nós a cuidar dela. — Afastou-a meigamente, de modo que se soltasse da irmã.

Amelia nada dizia, limitando-se a chorar; parecia não a ouvir, mas talvez a voz meiga da freira a tenha tranquilizado. O médico apareceu acompanhado por duas irmãs, pedindo-nos que saíssemos do quarto.

Fiquei com a Amelia no corredor, aguardando que o médico nos informasse do estado da Antonietta. Demorou bastante tempo, recordo-me disso por ter sido tempo suficiente para a Dona Elena e o Dom Armando regressarem com o Jesús, que vinha muito pálido, agarrado à mão da sua irmã Laura.

— Como te sentes, Jesús? — preocupou-se a Amelia, visivelmente de nervos em franja.

— Já me sinto melhor...

— Não foi nada — disse o Dom Armando. — Fez-lhe impressão ver a Antonietta assim.

Quando o médico saiu, a Amelia estacou à sua frente a tremer, temendo o que ele pudesse dizer.

— Pode ficar tranquila. Sofreu uma crise, mas já está melhor. Administrei-lhe uma injeção que lhe aliviará as dores e o ardor no peito. Agora, precisa mesmo é de descansar; será conveniente que não entrem todos no quarto ao mesmo tempo, uma vez que isso reduzirá também o oxigênio disponível.

— Quero ficar junto da minha irmã.

— Não vejo qualquer inconveniente nisso, mas não a angustie.

O Dom Armando decidiu que era melhor que regressássemos a casa e que a Amelia ficasse com a Antonietta.

— Mas a Edurne virá revezar-te amanhã cedo, para não adoeceres tu também.

A freira devia estar certa ao dizer que a Antonietta teria certamente um anjo da guarda a zelar por ela, porque ela começou a recuperar até ficar fora de perigo. O dia em que lhe foi dada alta, a Amelia trouxe-a para casa, onde a Dona Elena tinha organizado uma pequena festa. Na verdade, não se tratava

propriamente de uma festa mas a bondosa senhora, ignoro como, tinha arranjado farinha, manteiga e algumas romãs, e tinha feito um bolo.

Embora estivesse muito debilitada, a Antonietta sentia-se feliz por estar novamente em casa, junto da família.

A Dona Elena tinha-nos advertido, a mim e ao Jesús, para que não fizéssemos nenhuma travessura que pudesse incomodar a Antonietta, tendo incumbido a Edurne de uma única missão: cuidar da convalescente.

Quando a Amelia se apercebeu de que a irmã melhorava efetivamente, anunciou que regressaria a Inglaterra.

— Tenho de trabalhar, agora mais do que nunca, para que possam comprar os medicamentos de que a Antonietta necessita.

Amelia financiava também o meu sustento, dado que a minha avó continuava no hospital e a Lola não dava sinais de vida. O Dom Armando havia-se desdobrado em esforços para a encontrar, mas sem qualquer resultado. Alguns dos seus camaradas encontravam-se na prisão, com os seus familiares a tecerem os mais diversos comentários acerca da Lola: uns diziam que tinha sido fuzilada em Barcelona; outros, que tinha morrido durante a guerra; havia inclusivamente quem assegurasse que tinha fugido. No entanto, Amelia não acreditava nesta última hipótese, porque, dizia ela, se assim tivesse sido, já me teria certamente procurado. Quanto ao meu pai, continuava na Legião Estrangeira, pelo que também poucas notícias tínhamos dele.

O Dom Armando e a Dona Elena tratavam-me como se fosse um elemento da família; suponho que se haviam resignado a ter-me com eles. Eram demasiado bondosos para quererem livrar-se de mim; além do mais, eu e o seu filho Jesús dávamo-nos bastante bem.

Antes de regressar a Londres, a Amelia pediu à Edurne que fosse perguntar à Águeda se poderia ver o filho. A Dona Elena disse que não seria boa ideia, já que, se o Santiago tomasse conhecimento, estaríamos a comprometer a Águeda, sendo provável que fosse despedida. O Dom Armando intercedeu pela sobrinha.

— É compreensível que pretenda ver o Javier; pelo menos, deverá tentar fazê-lo, ainda que com discrição. A Águeda é boa mulher e decerto fará os possíveis para que a Amelia veja o filho.

Todavia, a Dona Elena insistia dizendo que a Amelia não deveria ir ver o Javier, e fê-lo com tal veemência que o Dom Armando acabou por se irritar com ela e, para surpresa de todos, particularmente da Dona Elena, ordenou à Edurne que fosse a casa do Santiago para tentar convencer a Águeda a permitir que a Amelia visse o pequeno.

A Edurne fez sucessivas aproximações à casa do Santiago durante dois dias, até conseguir avistar a Águeda. De início, a mulher afastou a possibilidade de a

Amelia ver o Javier; mas, ainda que temesse a reação do Santiago, acabou por se compadecer depois de a Edurne a ter colocado ao corrente da doença da Antonietta e do risco de vida que tinha corrido. Na altura não soubemos porquê, mas, quando a Edurne regressou depois de se ter encontrado com a Agueda, vinha nervosa.

A Agueda tinha marcado encontro com a Amelia para o dia seguinte à tarde junto do portão dos Jardins do Retiro, tal como na ocasião anterior. A Laura disse que a acompanharia. Receando a sua reação, não queria que a prima fosse sozinha, e a Dona Elena decidiu que também eu e o Jesús as acompanharíamos.

Recordo-me de que naquela tarde fazia frio, ainda que, apesar de estarmos no inverno, o sol reluzisse. Quando chegamos aos portões do parque, a Agueda já lá estava. Trazia o casaco desabotoado, que parecia mais pequeno pelo fato de haver engordado. Tinha o Javier preso pela mão. A criança tentava libertar-se e desatar a correr, mas a Águeda não lho permitia.

A Laura teve de agarrar a prima para que esta não corresse na direção da criança.

— Por favor, contém-te e tenta fazer com que o encontro pareça casual. Caso contrário, a Águeda não voltará a deixar-nos aproximar do Javier.

Depois de cumprimentarem a Águeda, a Amelia perguntou ao menino se não queria dar-lhe um beijo. O Javier hesitou, acabando por menear negativamente a cabeça.

— Vamos, querido, dá lá um beijo a esta senhora tão bonita — incentivou-o a Águeda.

— Não quero, mamãe — respondeu o Javier.

Amelia parecia prestes a chorar. Ouvir o Javier referir-se à Agueda como "mamãe" deve tê-la magoado profundamente. Mas a sua prima Laura sussurrou-lhe ao ouvido para que se acalmasse.

— És bem-comportado, meu querido? — perguntou a Amelia.

— Sou.

— E o que mais gostas de fazer?

— Brincar com o meu papá e a minha mamãe. E também vou brincar com o meu irmãozinho.

— O teu irmãozinho? — A Amelia tremia.

— Sim, vou ter um irmãozinho, não é, mamãe?

A Agueda fitou a Amelia com angústia no olhar, apercebendo-se do mesmo que nós próprios nos apercebemos: desespero e raiva.

— Vais ter um filho, Agueda?

— Sim, minha senhora.

— Casaste-te?

— Não... não, minha senhora.

— Então, como é que vais ter um filho?

O olhar gelado da Amelia levou a Águeda a baixar a cabeça, envergonhada. O Javier olhava para as duas mulheres sem compreender o que estava a acontecer, mas, consciente da tensão instalada, começou a fazer birra.

— Mamãe, quero ir para casa.

— Eu... lamento, minha senhora.

— Dormes na minha cama?

— Por amor de Deus, minha senhora, não fale desse modo! () que pretendia que fizesse? Eu... o Dom Santiago é muito bondoso comigo e amo muito o menino, e já viu como ele gosta também de mim. Estas coisas acontecem, a senhora sabe bem... abandonou o seu marido.

— Como te atreves a comparar-te comigo?! Não me enfiei na cama de nenhum homem casado nem privei nenhuma mãe do carinho do seu filho.

Assustado pelo tom de voz da Amelia, que mal conseguia conter a raiva que sentia, o Javier começou a chorar.

— Meu Deus, minha senhora, não fale desse modo diante da criança!

— Como te atreveste?! Os meus pais recomendaram-te como pessoa decente, mas não devíamos ter confiado em ti, porque, bem vistas as coisas, puseram-te grávida sem seres casada.

— Por favor, Amelia, estás a ir longe demais! — disse a Laura, tentando afastar a prima dali.

— A senhora não é ninguém para me julgar. Não é melhor do que eu. Se não tem o carinho do seu filho, a culpa é sua, porque foi a senhora quem o abandonou.

A Laura teve de agarrar a Amelia para a impedir de esbofetear a Águeda. O Jesús e eu tínhamos ficado petrificados perante a violência do episódio.

— Vamos embora, Amelia. Quanto a ti, Águeda, não debes falar assim com a minha prima. Não te esqueças de quem és. Não tens nenhum direito de a julgar e muito menos de lhe falar assim do seu filho.

A Águeda, coitada, não sabia que fazer, parecendo prestes a chorar.

A Laura pegou na prima pelo braço e puxou por ela, obrigando-a a caminhar. O Jesús e eu seguimos atrás delas sem nos atrevermos a abrir a boca. Víamos perfeitamente como a Amelia tremia. Quando chegamos a casa, deparamo-nos com a Dona Elena muito perturbada e a discutir com o Dom Armando. Calaram-se quando nos viram entrar.

— Tio, não calcula o que aconteceu! — A Amelia rompeu em pranto nos braços do Dom Armando.

— Até consigo calcular, a tua tia acabou de me contar uma coisa que

mantinha em segredo, por isso não queria que te encontrasses com a Águeda.

— Mas... a tia sabia? — A Amelia fitava a Dona Elena como se aguardasse uma resposta.

— Sim, querida, sim, sabia que a Águeda engravidou do Santiago e que se amancebaram. Não te contei para não te magoar, basta já o que sofreste.

— Mas, tia, deveria ter-me contado — lamentou-se a Amelia.

— Nem sequer a mim me contou — afirmou o Dom Armando.

— Não queria provocar sofrimento a ninguém. Peço perdão se errei, mas a minha intenção era boa — justificou-se a Dona Elena.

— E como teve conhecimento disso? — perguntou a Amelia que parecia estar a fazer um grande esforço para não se irritar com a tia.

— Porque os rumores se propagam com facilidade. Soube durante uma visita a casa da Dona Piedade. Certamente te recordas que, antes da guerra, ela e o marido possuíam várias pastelarias de que éramos clientes habituais. A guerra deixou-os sem nada; a pobre mulher está viúva e doente e vou visitá-la de vez em quando. Foi em casa dela que fiquei ao corrente do que se passava entre o Santiago e a Águeda. O teu marido tornou-a a senhora da casa; ainda que não a leve consigo aos seus encontros sociais, não deixa de sair com ela e com o Javier. O teu filho julga que a Águeda é mãe dele e o Santiago consente que assim seja.

— Sim, suponho que essa seja uma forma de me castigar. Sabe que não posso queixar-me por a Águeda se ter metido na minha cama, mas sabe bem o mal que me faz ao privar-me do carinho do meu filho.

— Lamento, Amelia — murmurou o Dom Armando enquanto abraçava a sobrinha —, talvez devesse ficar e lutar pelo teu filho. Encontrar-nos-emos com o Santiago; falarei com ele e tentarei fazê-lo compreender que não pode privar o Javier da sua verdadeira mãe. Não me parece que o Dom Manuel e a Dona Blanca aprovem esta atitude do filho. Poderíamos falar com eles...

— Não, tio, é inútil. Conheço bem o Santiago. Amou-me tanto que teve de transformar o seu amor em ódio, e nunca me perdoará. Bem o mereço. Além disso, também eu não me perdoo a mim própria; portanto, como poderia pedir-lhe que o fizesse? Merecia o castigo e Deus castigou-me a dobrar. Apenas espero que, quando crescer, o Javier me ouça e me perdoe.»

Dom Pablo permaneceu em silêncio, parecendo reviver o episódio.

Também eu fiquei calado, aguardando por que me contasse algo mais.

— Bem, Guillermo, deverá agora regressar a Londres e prosseguir aí a sua investigação — concluiu o Dom Pablo.

— A Amelia não fazia por menos! Surpreende-me ela ter tratado a Águeda com modos tão bruscos. Sobretudo tendo em conta que era comunista e uma

mulher mais do que liberal para a época.

— Pretende julgar a Amelia?

— Não, não tenho essa intenção. Apenas me surpreendeu que tratasse assim a pobre Águeda, que, deixe-me desde já dizer, é quem a minha mãe tem por avó e eu por bisavó.

— A Amelia estava profundamente magoada e julgava-se a si própria com severidade. Mas, bem vistas as coisas, todos somos fruto da nossa época, e ela tinha sido educada como uma donzela da burguesia instruída.

— Poderá ter beneficiado de uma boa educação, mas não foi por isso que deixou de quebrar todas as convenções sociais da sua época.

— Sim, mas nunca deixou de ser quem era, não podia escamotear a educação recebida. No que respeita à eventualidade de a sua bisavó ter sido comunista, eu não iria tão longe. Apaixonou-se pelo Pierre Comte, esse sim era comunista; mas, na verdade, não passava de uma jovem idealista com a cabeça repleta de utopias, não possuindo uma ideia concreta acerca do que significava ser comunista.

Assim que regresssei a Londres, telefonei a Lady Victoria e ao major Hurley. Lady Victoria encontrava-se na Costa Azul, a participar num campeonato de golfe. A grande traidora! No que respeita ao Major Hurley, recebeu-me três dias depois do que inicialmente previra.

O major possuía informações precisas acerca de tudo o que a sua familiar, Lady Victoria, me tinha contado; mostrou-me inclusivamente algumas notas que ela lhe deixara que poderiam revelar-se úteis quando falasse comigo. Assim, foi ao cerne da questão, tendo-me recordado, novamente através de um gesto vago, que não tinha tempo a perder, o que era uma forma de me dizer que o estava a desperdiçar comigo.

O major Hurley deu início ao seu relato.

"Em meados de março de 1940, a Amelia Garayoa foi integrada na unidade do comandante Murray. O Reino Unido enfrentava uma situação muito delicada, agravada pela guerra. Tanto o Chamberlain como o Halifax tinham cultivado uma política de apaziguamento face à Alemanha, que não havia dado qualquer resultado positivo. Se assim agiram foi por estarem conscientes de que, ainda que pudesse dar-se o caso de saírem vitoriosos de uma eventual nova guerra, isso representaria uma ruína irremediável para a economia e as finanças do país. Por isso, meu caro jovem, alguns historiadores teceram juízos demasiados severos ao analisarem a política de entente que o Chamberlain prosseguiu relativamente à Alemanha de Hitler. Mas, apesar de tudo, deixe-me dizer-lhe que o Churchill estava certo: a longo prazo, teria sido impossível manter uma política de entente face à Alemanha, muito simplesmente porque o Hitler ansiava pela guerra.

A menina Garayoa foi integrada no seu posto, onde continuou a receber instrução, mantendo também a sua relação sentimental com o Albert James. Durante algum tempo, os artigos da sua autoria publicados nos jornais britânicos foram dos mais críticos e mordazes escritos contra o Hitler no período pré-guerra.

A 9 de abril, sem declaração de guerra prévia, o exército alemão invadiu a Dinamarca e a Noruega; uma invasão que ficou conhecida como Operação Wesenrűbung, à qual se seguiu, a 5 de maio, o início da ofensiva contra a França. A 10 de maio, no dia preciso em que o Churchill se tornou primeiro-ministro, criando, para além disso, a pasta da Defesa, a Alemanha invadia a Bélgica, o Luxemburgo e Holanda. Tais movimentações ficaram conhecidas como Blitzkrieg, ou "guerra relâmpago". A 12 de maio, os alemães romperam a Linha Maginot e, a 15 de maio, a Holanda rendeu-se, com os alemães a chegarem  s portas de Paris e a bombardearem o Sul de Inglaterra. Consegue fazer uma ideia do que acontecia nesses dias?

O Lorde Paul James perguntou ao comandante Murray se a unidade estava preparada para a    o, tendo recebido resposta afirmativa. Antes de aquele ano de 1940 terminar, a Amelia participaria em duas operações. Em junho, o comandante Murray reuniu os elementos da sua equipa para lhes anunciar que iriam entrar em    o e lhes fornecer as devidas ordens.

— Chegou o momento de agir. Não necessitam que vos explique o que sucedeu: as forças da Wehrmacht ocuparam grande parte da França, a Holanda e a Bélgica. O primeiro-ministro franc es Paul Reynaud demitiu e substituiu o marechal Pétain. Alguém pretende desistir agora?

Todos responderam negativamente, parecendo desejosos por entrarem em    o.

— Sendo assim, irei reunir-me com cada um individualmente. Ninguém deve saber aquilo que os outros estão a fazer; a partir deste momento, não poderão comentar com ninguém, sejam familiares ou os mais íntimos dos amigos, qualquer pormenor acerca da vossa missão.

Amelia foi a última a receber as ordens do Murray. Tinha sido deixada deliberadamente para o fim, porque, ainda que ele a considerasse perfeitamente capaz de levar a cabo a missão de que a ia incumbir, a sua juventude não deixava de o preocupar.

— Pretendo que regresse   Alemanha.

— A Alemanha?

— Sim, possui    amizades importantes.

— Conheço algumas pessoas, mas não sei se serão importantes.

— O Lorde James informou-me de que conhece um oficial do exército, o

comandante Max von Schumann, um aristocrata casado com uma mulher apoiante fanática do Hitler, embora ele integre um grupo de oposição ao nacional-socialismo. Estou enganado?

— Não, é verdade.

— Julgo saber que a senhora e o Albert James, sobrinho do Lorde James, trouxeram uma mensagem desse grupo ao qual o Von Schumann pertence. Também sei que ajudaram uma jovem judia a escapar à perseguição.

— Sim, assim foi, não lhe contei por julgar não ser necessário.

— Tenho a obrigação de conhecer tudo acerca dos agentes com que iremos trabalhar.

— Compreendo.

— Portanto, torna-se conveniente que regresse à Alemanha e que nos envie todas as informações que o Max von Schumann possa fornecer-lhe acerca das movimentações do exército. É de vital importância saber se estão a preparar a invasão das Ilhas Britânicas. Assim que o exército alemão acabar de ocupar a França, e tendo em conta o que aconteceu em Dunquerque, o primeiro-ministro precisa de tomar decisões e, para o efeito, necessita imprescindivelmente de informações.

— O barão Von Schumann nunca trairá o seu país. Não me parece possível que venha a fornecer-me qualquer informação relevante.

— O Von Schumann e a senhora são velhos amigos; logo, ele conta já com a sua confiança.

— Mas nunca me fornecerá informações que possam comprometer a Alemanha.

— A senhora não terá propriamente de lhas pedir. Viaje para Berlim, observe, ouça e retire conclusões.

— Deverá saber que sou agente?

— Para a sua própria segurança e para a dele, será conveniente que não desconfie de nada. Você mesma é a primeira a asseverar que ele nunca colaboraria connosco. Teremos de definir uma cobertura para justificar a sua presença em Berlim.

— Talvez... bem, não sei se será o ideal, mas o meu pai possuía negócios em Berlim. A empresa foi expropriada por o sócio dele ser judeu, mas o contabilista conseguiu resgatar alguma maquinaria que está agora alugada, com parte dos ganhos a corresponder à minha família...

— Ótimo! Não poderíamos encontrar melhor motivo para justificar a sua presença em Berlim.

— Como é que envio a informação, no caso de a obter?

— Escreverá cartas a uma amiga em Espanha nas quais se referirá a questões

superficiais, obviamente usando uma cifra.

— A uma amiga em Espanha?

— Essa amiga não existe realmente. Enviará as cartas para um determinado endereço, onde serão recolhidas por uma mulher amável que colabora connosco. Hla far-nos-á chegar as cartas e procederemos à sua decifração. Escreva apenas quando tiver alguma informação relevante para comunicar.

— Quanto tempo deverei permanecer em Berlim?

— Não sei. Acha que consegue viajar para lá dentro de dois dias, ou precisa de mais tempo para resolver os seus assuntos pessoais?

— Como irei?

— Irá primeiro para Lisboa. Daí, viajará para a Suíça, onde apanhará um comboio para Berlim.

Pouco passava das cinco da tarde quando regressou ao apartamento, tendo ficado surpreendida ao encontrar o Albert na biblioteca, ouvindo música e bebendo uísque.

— O que celebras tu? — perguntou-lhe curiosa, dado que o Albert não costumava beber àquela hora da tarde.

— Tenho uma grande notícia. Anda, vou servir-te uma bebida, temos uma coisa para celebrar.

Amelia aceitou o uísque. Disse com os seus botões que bem iria necessitar dele para conseguir dizer ao Albert que, dentro de alguns dias, regressaria a Berlim para cumprir a sua primeira missão enquanto agente dos serviços secretos britânicos.

— O meu pai telefonou para me dizer que a Rakel chegou bem a Nova Iorque e que, graças aos amigos dele que trabalham com o governador, foi possível diligenciar os documentos de emigração necessários. Graças a Deus que está bem e em segurança junto da sua família. É ou não uma grande notícia?

Era-o e a Amelia alegrou-se, sobretudo por temer a reação do Albert quando o informasse de que iria partir. Bebeu um longo golo de uísque e, depois de conversarem um pouco acerca da Rakel, informou-o de que tinha uma coisa para lhe dizer.

— Espero que seja outra boa notícia. Não gostaria que me disseses alguma coisa que pudesse nebulizar a nossa alegria pela Rakel.

— Pedem-me que viaje para Berlim, partirei dentro de dois dias.

O Albert ficou a olhá-la fixamente, sem saber o que dizer.

— Mais dia, menos dia, isto acabaria por acontecer — murmurou, afastando o olhar da Amelia.

— Não esperava que ocorresse tão cedo... não sei o que dizer-te.

— Nada, não me digas nada. Amar-te é uma aventura complexa mas não

consigo ignorar os meus sentimentos por ti. Desde o início soube que a nossa relação não seria fácil e confesso que sempre temi vir a perder-te. És extremamente imprevisível. Nunca perdoo ao tio Paul ter-te convencido a ingressares nos serviços secretos e, se um dia te acontecer alguma coisa...

— Nada de mau me acontecerá. Pretendem apenas que viaje para Berlim com o objetivo de tentar saber se o Hitler pretende invadir a Inglaterra.

— Como se fosse assim tão fácil! Eles estão perfeitamente conscientes de que tal missão não é para uma jovem. Deveriam enviar agentes experientes. Como poderás obter essas informações?

— Pretendem que entre em contato com o Max e com o seu grupo. Não te esqueças de que ele é comandante do exército; com certeza, terá acesso a determinadas informações que nos serão úteis.

— Por favor, Amelia, não sejas ingênua! Julgas que o Max te contará aquilo que o exército pensa fazer? Estava a ver que não o conheces.

— Não te percebo... O Max integra a oposição e despreza o Hitler — replicou ela sem grande convicção.

— Sim, e fará o que estiver ao seu alcance para o derrubar, mas nunca trairá a Alemanha. Essa é a circunstância que me parece não teres compreendido.

Amelia ficou sem saber o que dizer. Sabia que o Albert tinha razão. Quando o comandante Murray lhe explicou a missão, não tinha parecido complicada, mas o Albert obrigava-a a encarar a realidade.

— Terei de tentar.

— Sim, suponho que terás de o fazer. E quanto a nós?

— Não percebo o que queres dizer...

— Pretendes dedicar-te à espionagem enquanto aguardo pacientemente por ti, rezando para que nada te aconteça até regressares de cada missão?

— Eu... na verdade, nada pretendo, não te peço que esperes por mim...

— Julgo que não pensaste em mim. E sabes porquê? Porque nunca o fizeste. Limito-me a estar aqui, mas se não estivesse isso não te perturbaria muito.

— Não digas isso! Não é verdade! Eu... amo-te, talvez não como tu pretenderias ou merecerias, mas amo-te. É certo que à minha maneira, mas amo-te.

— Esse é o problema, a tua maneira de me amares.

Amelia Garayoa chegou a Berlim a 10 de junho, no preciso dia em que a Itália declarou guerra à França e ao Reino Unido. Suspirou de alívio quando saiu da estação de Berlim. A polícia pareceu não prestar-lhe atenção. Era apenas mais uma mulher, carregando uma mala e uma bolsa de senhora. Ela tentou andar com passo decidido. O comandante Murray tinha-a advertido de que, se os alemães viessem a suspeitar dela, seria fuzilada por espionagem.

Dirigiu-se diretamente à casa do Helmut Keller, o contabilista da empresa do seu pai e de Herr Itzhak. Nos dois últimos dias, havia delineado um plano preciso. Pensava pedir a Herr Helmut que lhe arrendasse um quarto. Não poderia permitir-se ficar novamente hospedada no Hotel Adlon, para além de se sentir mais segura vivendo numa casa; além disso, caso ele aceitasse acolhê-la, isso servir-lhe-ia de cobertura, dado que poderia sempre passar por hóspede da família e argumentar com os antigos laços que os uniam, tanto familiares quanto comerciais.

Herr Helmut ficou feliz ao tornar a vê-la. A sua esposa, Greta, continuava doente; o bom homem tratava-a carinhosamente, para de se encarregar das lides domésticas.

— Menos mal que, agora, posso fazer em casa grande parte do meu trabalho enquanto contabilista. Caso contrário, não poderia cuidar da Greta.

A proposta da Amelia surpreendeu-o, mas não hesitou em aceitar em tê-la como hóspede.

— Não precisa de me pagar, aquilo que ganho basta-me.

— Está a prestar-me um grande favor ao acolher-me em sua casa. Sentir-me-ia muito sozinha num hotel. Não é que possa pagar-lhe muito, mas decerto que alguns marcos a mais lhe poderão dar jeito. Obviamente, contribuirei também para os gastos em comida e, na medida das minhas possibilidades, ajudá-lo-ei a cuidar da sua esposa.

Também a Greta não levantou qualquer objeção a que a Amelia ficasse hospedada em casa deles. A mulher simpatizava com a jovem espanhola, recordando-se ainda do seu pai, Dom Juan, um verdadeiro cavalheiro, para além de homem generoso. Disporia também de alguém com quem conversar para além do marido, agora que passava a maior parte do tempo acamada. Tinha asma e ficava cansada mal dava alguns passos.

O quarto da Amelia era pequeno, tendo sido outrora usado como arrecadação.

— Preferiria que ficasse no quarto do meu filho Frank. A questão é que, ainda que não venha cá com frequência, pois está no exército, a mãe pretende que o quarto dele seja mantido tal e qual como quando vivia connosco.

— Ficarei bem aqui, Herr Helmut, não preciso de muita coisa, para além de uma cama e de uma mesa com uma cadeira; o armário é espaçoso, e não precisarei de nada mais.

Amelia explicou-lhes que, agora que a guerra entre a Inglaterra e a Alemanha tinha deflagrado, estava a pensar regressar a Espanha e aí procurar trabalho; e, dado que a Alemanha estava a tornar-se a nação mais poderosa da Europa, planeava aperfeiçoar o alemão e tentar relançar o antigo negócio

familiar. Uma vez que Herr Helmut tinha conseguido resgatar diversas máquinas, talvez pudesse ensiná-la como funcionava o negócio antes da guerra e como o poderia retomar. Além do mais, deixou subentendido que pretendia recuperar de um revés pessoal.

O bom homem acatou as explicações da Amelia, ainda que mais tarde confessasse à esposa que, na sua opinião, a jovem devia estar a fugir de alguma relação sentimental fracassada, pensando somente no galante jornalista norte-americano que a tinha acompanhado na viagem anterior.

Na tarde do dia seguinte à sua chegada a Berlim, a Amelia dirigiu-se a casa do professor Karl Schatzhauser. Pensou que seria mais adequado retomar o contato através do líder daquele grupo de oposição, em lugar de o fazer diretamente através do Max.

O professor Schatzhauser não pareceu demasiado surpreendido ao vê-la. Convidou-a a entrar no seu escritório e ofereceu-lhe uma chávena de chá.

— Traz notícias de Londres? Irão tomar-nos em consideração? — perguntou-lhe ele sem rodeios.

— Transmitimos todas as informações que os senhores nos forneceram. Obviamente, a principal preocupação deles são os planos que o Führer poderá ter relativamente à Inglaterra.

— Percebo. Os ingleses preocupam-se primeiro com o que lhes possa acontecer, não é assim?

— Dificilmente poderão ajudá-los se não conseguirem ajudar-se a si próprios, não lhe parece?

— E o seu amigo, o senhor James, porque não veio ele?

— O Albert é jornalista e o seu compromisso com a liberdade passa por relatar aquilo que vê. Posso garantir-lhe que os seus artigos nos jornais britânicos e norte-americanos tiveram grande impacto. Descreveu o Hitler como o maior perigo mundial e asseguro-lhe que, nos Estados Unidos, as suas reportagens impressionaram a opinião pública, sobretudo tendo em conta que muitos são os que acreditam que aquilo que acontece na Europa não lhes diz respeito.

— Quer então dizer que a senhora trabalha para os britânicos, o que não acontece com o senhor James. Que pena! Pareceu-me um homem rigoroso, em quem se podia confiar. Mas sendo a senhora tão jovem, para além de ser espanhola, como é que trabalha para os britânicos?

— Oh, não julgue que trabalho para os britânicos. Apenas transcrevo as suas mensagens. Além do mais, se o faço, é precisamente por Ser espanhola, esperando que esta guerra nos ajude a livrarmo-nos do Franco.

— Pretende portanto que a guerra venha também a abranger a Espanha?

— Pretendo que o Hitler seja derrotado, o que significaria que o Franco

perderia o seu principal aliado depois do Duce.

— Um objetivo louvável, ainda que, permita-me que lhe diga não deva depositar demasiadas esperanças em tal cenário.

— E não o faço, mas também não posso limitar-me a ficar de braços cruzados.

— Bem... agora explique-me exatamente o que pretendem os seus amigos de Londres, posto o que lhe direi, por minha vez, aquilo que nós esperamos deles.

Amelia foi suficientemente vaga para não se comprometer com nada, preocupando-se também em não pedir aquilo que sabia não conseguiria obter. A sua missão pouca relação tinha com aquilo que pudesse acontecer ao grupo de oposição que o professor Karl Schatzhauser liderava. O que lhe tinha sido ordenado pelo comandante Murray passava por se informar tanto quanto possível, através do Max von Schumann, acerca dos movimentos da Wehrmacht. Era óbvio que, para isso, teria de dedicar alguma atenção ao grupo do professor Schatzhauser.

Ele convidou-a para jantar no dia seguinte.

— Jantaremos em casa de uns bons amigos meus. Estarão também presentes o nosso querido Max e o padre Müller, que vos ficará eternamente agradecido por aquilo que fizeram pela Rakel. Ficará feliz por saber que está sã e salva em Nova Iorque.

Amelia estava surpreendida com a alegria e a despreocupação que pareciam dominar a vida dos berlinenses. Nas ruas da cidade, as mulheres passeavam com os seus filhos alheias a qualquer problema, os cabarés continuavam repletos de clientes e os comerciantes exibiam as suas mercadorias alheios a qualquer outra preocupação que não fosse satisfazer a clientela.

Pelo contrário, em Londres, a população estava consciente da guerra, com as notícias do embarque dos soldados nas praias de Dunquerque a serem acompanhadas com grande angústia.

De regresso a casa de Herr Helmut, a Amelia entrou numa loja para comprar chá e um pão de frutas para agradecer a Frau. A mulher mostrava-se amável e bem-intencionada para com ela.

Dizia para si própria que tinha tomado a decisão acertada ao ficar alojada naquela casa. Isso permitia-lhe passar mais despercebida. ainda que, na Berlim daqueles dias, milhares de olhares parecessem escrutinar até o interior das casas.

A Greta mostrou-se agradecida pelo chá e pelo pão de frutas, e propôs à Amelia que o tomassem juntas. Herr Helmut ainda não havia regressado a casa, pois tinha saído para levar os livros de contas a uma loja cuja contabilidade controlava. O bondoso homem trabalhava no limite das suas possibilidades para ganhar o suficiente para custear as despesas com a Greta, sobretudo tendo em

conta os elevados custos do tratamento da sua doença.

O professor Schatzhauser compareceu em casa dos Keller para recolher a Amelia. Herr Helmut abriu-lhe a porta e convidou-o a entrar, mas ela já estava pronta, pelo que partiram de imediato.

Amelia tinha explicado aos Keller que o professor Schatzhauser era um velho amigo do seu pai e que se havia oferecido amavelmente para a ajudar em tudo o que fosse necessário durante a sua estadia em Berlim.

O professor Schatzhauser conduzia um velho automóvel preto, não parecendo muito comunicativo.

— Está preocupado? — quis saber a Amelia.

— O Max informou-me de que estarão presentes dois convidados importantes, o almirante Canaris e o seu intendente, Hans Oster. São dois homens importantes, tanto na hierarquia militar quanto na social.

— O que lhes dirá acerca de mim?

— Nada que não devam saber, embora, como é lógico, tentarão saber tudo sobre a senhora pelos seus próprios meios, que são muitos.

— Isso pressupõe um perigo?

— Espero que não, estou confiante nisso; além do mais, chegaram a ajudar-nos numa ou noutra ocasião. De qualquer modo, minha cara, não há nada melhor do que a verdade e, dado que está em Berlim para cumprir tão louvável missão, que é a de tentar retomar o negócio familiar, não deveríamos preocupar-nos, não lhe parece?

A casa do Manfred Kasten localizava-se perto de Charlottenburg. Era uma mansão de dois andares em estilo neoclássico, cercada por um jardim onde pontuavam diversos salgueiros e alguns abetos.

Foram recebidos pela esposa do anfitrião, a senhora Kasten, uma mulher que já passava dos sessenta anos, alta, magra e de cabelo branco.

— Professor Schatzhauser, fico muito feliz por tornar a vê-lo! E vem acompanhado por uma jovem muito bela... entrem, entrem. O Manfred está na biblioteca a conversar com um amigo seu, o barão Von Schumann. Espero que esta noite desfrutem do serão e não se envolvam em discussões políticas. Promete-me isso?

A Helga Kasten sorriu confiante enquanto lhes servia uma taça de champanhe. Depois, deixou-os para ir receber outros convidados.

O professor deu o braço à Amelia e dirigiu-se com ela para a biblioteca, altura em que se depararam com a Ludovica von Waldheim.

— Vejam só, o nosso querido professor Schatzhauser e a menina Garayoa! Não sabia que a senhora estava em Berlim...

— Acabo de chegar.

— Abandonou o garboso senhor James? Se estivesse no seu lugar não o faria, homens como ele não abundam.

— O Albert tem compromissos profissionais, mas virá ter comigo assim que lhe for possível.

— E como é que a deixou viajar sozinha?

— Fui convidada por uns velhos amigos dos meus pais. O meu pai importava maquinaria alemã e irei tentar retomar o negócio da família — explicou a Amelia, perturbada pelo interrogatório a que a Ludovica a submetia. — Como está o seu marido, o barão? — decidiu ela perguntar.

— O meu marido está bem, obrigada. Neste momento, está na biblioteca a conversar sobre política com uns amigos. A senhora interessa-se por política?

— Apenas o indispensável, baronesa.

— Isso agrada-me! Os homens complicam tudo, são incapazes de desfrutar da vida. Tem de vir a nossa casa, falaremos dos nossos próprios assuntos. Parece-lhe bem?

— Obviamente, será um prazer.

— Está hospedada no Adlon, não é assim?

— Não, como já lhe disse, fui convidada por uns velhos amigos dos meus pais e estou em casa deles.

— É indiferente, informe-me depois da data que lhe for mais oportuna — disse a Ludovica antes de se afastar.

— Tenha cuidado com a baronesa — advertiu o professor Schatzhauser —, é evidente que não confia em si.

— Também eu não confio nela.

— E faz bem, porque, se a baronesa viesse a saber das nossas atividades, talvez pudesse denunciar-nos.

— Não poderia fazê-lo, dado que isso implicaria também denunciar o marido.

— Se fosse confrontada com tal cenário, talvez o fizesse mesmo. É nazi convicta. Foi arriscado da parte do Max trazê-la a este jantar, ainda que calculo que não tenha tido outra opção, pois não deixa de ser sua esposa.

O almirante Wilhelm Canaris revelou-se um homem encantador, parecendo ler os pensamentos da Amelia enquanto a dissecava com o olhar. Demonstrou conhecer bem a situação espanhola e submeteu-a a um interrogatório subtil, tentando averiguar de que lado estaria.

Também o coronel Hans Oster pareceu interessar-se pela Amelia, cuja presença atraiu muitas das atenções naquele serão.

Os dois homens pareciam muito sérios, trocando olhares fugazes mas muito significativos. Se a Amelia esperava que tecessem qualquer crítica ao nazismo,

bem poderia desenganar-se, dado que nenhum dos dois homens disse alguma coisa que permitisse suspeitar que discordassem dos propósitos do Führer.

Ficou feliz por tornar a encontrar-se com o padre Müller, o sacerdote que lhes havia confiado o destino da Rakel, tendo-se ambos afastado discretamente para poderem conversar sem serem ouvidos pelos restantes convidados.

— Nunca poderei agradecer-vos devidamente por aquilo que fizeram. É um alívio saber que a Rakel está sã e salva.

— Diga-me, padre, são muitos os alemães que se opõem ao Hitler?

— Que pergunta! Oxalá pudesse responder-lhe que são milhares aqueles que estão conscientes do perigo que o Hitler representa, mas receio que não seja assim. A Alemanha anseia apenas por voltar a ser grande, a ocupar o lugar que considera ter-lhe sido arrebatado após a guerra.

— E o que poderão os senhores fazer?

— Não sei, Amelia. No meu caso, colaborar em tudo o que me seja pedido, mas não passo de um sacerdote, um jesuíta que apenas se representa a si próprio. Julgo que a única coisa que podemos fazer será convencer os nossos próximos acerca da maldade intrínseca do nazismo.

— Na sua opinião, padre, qual será o derradeiro objetivo do Hitler?

— Converter-se no senhor da Europa. Não descansará enquanto não o conseguir.

Max aproximou-se deles com passo distraído. Tinha cumprimentado a Amelia de relance, consciente de que a Ludovica não o perdia de vista. Ainda que a esposa nada lhe tivesse dito acerca da espanhola, sabia que sentia ciúmes dela.

— Quanto tempo ficarás em Berlim?

— Ainda não sei, depende daquilo que consiga fazer aqui.

— O professor Schatzhauser contou-me que foste enviada pelos britânicos... — disse, baixando o tom de voz.

— Não, nada disso. Estou em Berlim por outras razões, mas pediram-me que transmitisse informações ao vosso grupo. Pretendem saber o que pensam fazer, agora que a guerra parece ter deflagrado por toda a Europa.

— Não há muito que possamos fazer. O que querem os britânicos?

— Querem saber até onde o Hitler pretende chegar, bem como se tenciona invadir a Grã-Bretanha — perguntou a Amelia diretamente.

Max pigarreou. Pareceu sentir-se perturbado com a pergunta, observando em redor antes de responder.

— Poderia ousá-lo, embora, pelo que sei, preferiria pactuar com os britânicos. Pelo menos, foi isso que me foi comunicado pelo nosso anfitrião. O Manfred Kasten é diplomata aposentado, mas mantém relações muito próximas

com o Ministério dos Negócios Estrangeiros e costuma possuir excelentes informações acerca das decisões do ministro Ribbentrop.

— Quando poderei encontrar-me contigo?

— Talvez dentro de dois ou três dias. Amanhã vou receber ordens relativas ao meu futuro imediato. Talvez me enviem para a Polônia ou para qualquer outro local, ignoro-o, ainda que preferisse permanecer em Berlim, pelo menos por enquanto. Mas isso não depende de mim. Informar-te-ei através do professor Schatzhauser, poderemos encontrar-nos em casa dele. Por falar nisso, onde estás hospedada?

— Em casa de Herr Helmut Keller.

Forneceu-lhe um número de telefone e um endereço, que o Max memorizou. Sabia que a Ludovica tinha o hábito de remexer nos bolsos dos seus casacos e calças.

A 22 de junho, a França assinou o armistício com a Alemanha e, dois dias depois, com a Itália. O Hitler visitou Paris a 23 de junho e ficou obcecado com o edifício da Ópera e com o Panteão dos Inválidos, onde repousam os restos mortais de Napoleão.

Amelia transformou em rotina as visitas a casa do professor Schatzhauser, que organizava assiduamente reuniões a que compareciam distintos membros do seu grupo de oposição, os quais ele ouvia com atenção. Muitos deles eram pessoas de elevada categoria social, bem situadas em lugares estratégicos da administração do Estado, pelo que tinham acesso a informações que, ainda que não fossem relevantes, permitiam que a Amelia transmitisse a Londres os preparativos que estavam a ser desenvolvidos para a nova fase da guerra. Foi numa dessas reuniões que ela tornou a encontrar-se com o Manfred Kasten, o ex-diplomata que desprezava visceralmente o Hitler.

Naquela ocasião, não eram muitos os presentes na reunião. Para além do professor Schatzhauser, estavam também dois colegas dele da universidade, um diplomata suíço, o padre Müller, o pastor Ludwig Schmidt, um funcionário do Ministério da Agricultura e um outro do Ministério dos Negócios Estrangeiros, o Max von Schumann e o seu subalterno, o capitão Henke.

O Manfred Kasten comentou que um amigo bem posicionado nas altas esferas do partido lhe tinha dito estar a trabalhar num plano que consistia em deportar todos os judeus para um território fora da Europa.

— Mas com que finalidade? — perguntou o professor Schatzhauser.

— Meu caro amigo, o Hitler e os seus seguidores defendem que os judeus são os piores inimigos da raça ariana e do Reich. O Gabinete Central de Segurança do Reich, criado pelo Himmler e pelo seu acólito Reinhard Heydrich, não é certamente alheio à intenção descabida de deportar milhares de judeus para

fora da Alemanha como parte da solução para se desfazerem de todos eles; e isto não só relativamente aos alemães, mas também aos polacos e a todos quantos possam existir nos países ocupados pela Wehrmacht.

— Para onde pensam enviá-los? — perguntou o Max, alarmado.

— Estavam a pensar na hipótese insólita de os deportarem para um país africano.

— Estão loucos! — exclamou o padre Müller.

— Muito pior do que isso, os loucos não são tão perigosos — acrescentou o pastor Ludwig Schmidt.

— Mas como poderão fazê-lo? — insistiu a Amelia.

— Estão a estudar a questão. Dentro de alguns dias, comparecerei num jantar em casa do embaixador japonês, no qual estará também presente um amigo que talvez possa fornecer-me mais pormenores acerca da operação.

— Julgo que temos outra questão para abordar, não é assim, Max? — disse o professor Schatzhauser.

— Gostaria de vos informar que fui encarregado de supervisionar as condições sanitárias do nosso exército em todos os locais para onde se desloque. Assim, passarei a viajar de um lado para outro. Mas, independentemente do sítio onde me encontre, continuarei sempre do vosso lado, sabem que podem contar comigo para o que for necessário — anunciou o Max von Schumann.

— Estarás ausente durante muito tempo? — quis saber o Manfred Kasten.

— Serão estadias de duração incerta. Tenho de inspecionar as tropas, fiscalizar o acompanhamento médico e elaborar relatório acerca das necessidades médicas no campo de batalha. Tenho a impressão de que os meus superiores pretendem manter-me ocupado — Julgas que suspeitam de alguma coisa? — perguntou, alarmado, o professor Schatzhauser.

— Espero que não. Suponho que não lhes agrada a minha falta de entusiasmo face àquilo que está a acontecer. Toleram-me por ser quem sou e por descender de uma antiga família de soldados, para além de saberem que nunca trairei a Alemanha ou o exército.

— Tenta dissimular os teus sentimentos, de nada adiantará revelares aquilo que verdadeiramente pensas, o que poderia até colocar-nos a todos em perigo — aconselhou o pastor Schmidt.

— Não se preocupe, é o que tenho feito. Sei que me movo em areias movediças, ainda que há momentos em que me é difícil dissimular o desprezo que sinto por alguns dirigentes militares, que, não obstante serem grandes soldados, não deixam de parecer adolescentes assustados perante o Führer — acrescentou o Max.

— Não os julgues com severidade. Quem não quer sobreviver nestes dias em

que o poder da Gestapo não tem limites e em que qualquer um pode ser considerado suspeito? — concluiu o Kasten.

Alguns dias mais tarde, a Amelia recebeu uma mensagem do professor Schatzhauser a convidá-la para tomar chá. Quando chegou a casa do professor, deparou-se com o Manfred Kasten.

— Estava a contar ao professor que, tal como vos havia informado, fui convidado para jantar em casa do embaixador japonês, onde encontrei com um amigo que está precisamente a trabalhar nesse plano descabido de deportar os judeus para fora da Europa. A operação está a ser supervisionada pelo próprio Heinrich Himmler.

— Para onde os levarão? — interessou-se a Amelia.

— Para Madagascar. É isso que o meu amigo me assegura. Ao que parece, pretendem levar para lá todos os judeus europeus.

— E têm um prazo para esse efeito?

— Ainda não, mas estão já a estudar a logística. Não é fácil despejar centenas de milhares de pessoas desde a Europa até ao Sul de África, escasseiam ainda os meios necessários.

; — E o que fariam com os judeus depois de estes chegarem a Madagascar? — perguntou o professor Schatzhauser.

— Seriam mantidos em campos de trabalho. Na verdade, pretendem transformar essa ilha numa prisão gigantesca. O meu amigo considera o plano completamente descabido, mas assegura-me que o próprio Hitler o aprovou, tendo prometido resolver tão rápido quanto possível os problemas logísticos da operação.

— Mas serão necessárias centenas de embarcações para deslocar tantos judeus! — afirmou a Amelia, que não conseguia deixar de ficar assombrada. — Não será tarefa fácil — prosseguiu —, a Alemanha não controla os mares.

— Isso é evidente; por isso é que estão a desenvolver um plano que implique os menores riscos e custos possíveis. Mas diga-me: pretende informar Londres a este respeito?

Durante alguns segundos, a Amelia permaneceu em silêncio. As ordens do comandante Murray haviam sido claras: ninguém deveria tomar conhecimento da sua verdadeira missão em Berlim. Tinha garantido repetidamente ao professor Schatzhauser, bem como ao Max, que não tinha qualquer relação com os britânicos, mas apercebia-se de que o professor desconfiava que ela não estivesse a dizer a verdade.

— Lamento defraudá-lo, Herr Kasten, mas não trabalho para os britânicos — garantiu convictamente.

— Mas o Max informou-nos que o seu amigo Albert James tem bons

contatos no Almirantado — replicou o professor Schatzhauser.

— É verdade, mas trata-se de um laço familiar e eu... bem... tentarei informar o Albert daquilo que me contaram, ele saberá o que fazer...

Amelia costumava aproveitar a noite para escrever à sua imaginária amiga espanhola as cartas cifradas. Depois de jantar com os Keller, ouviam rádio, que emitia a propaganda do regime, e retirava-se ela depois para o seu quarto. Já estava há dois meses em Berlim e ainda que os Keller parecessem felizes por a terem como hóspede, constatava que estranhavam a sua presença, de maneira que» em uma tarde em que estavam sozinhas, confessou à Greta que o verdadeiro motivo do seu regresso a Berlim tinha sido a intenção de se afastar do seu amante, Albert James. Não teve qualquer problema em explicar que os pais do Albert se opunham à relação e que ela estava disposta a sacrificar-se, desde que ele pudesse ser feliz.

— Não teria futuro comigo, sabe perfeitamente que sou casada.

A Greta Keller consolava-a e garantia-lhe que estava certa de que o Albert viria ter com ela.

Para conferir verosimilhança à estadia, tinha-se inscrito numa escola de línguas, onde se dirigia todos os dias para aperfeiçoar o alemão. Passava o resto do tempo em casa do professor Schatzhauser, visitando também por vezes o padre Müller, com quem tinha consolidado uma boa amizade.

O padre Müller não era muito mais velho do que a Amelia, e o fato de ela ter ajudado a Rakel havia contribuído para que se estabelecesse entre eles um vínculo especial. Por vezes, discutiam acerca da posição da Igreja relativamente ao nazismo. A Amelia criticava o papa por este não se opor abertamente ao Hitler, enquanto o sacerdote tentava convencê-la de que, se Pio XII decidisse enfrentar publicamente o Führer, estaria, na sua opinião, a colocar em perigo os católicos alemães e os de todos os países que sofriam a ocupação germânica.

— Tu própria pretendes passar por uma rapariga despreocupada, quando são outros os motivos que te trazem aqui — provocava-a.

— Que outros motivos poderia ter? Pretendo unicamente aperfeiçoar o meu alemão, numa altura em que parece que os alemães irão dominar tudo e todos, pelo que não haverá outra solução que não dominar bem a vossa língua — zombava ela.

Eram muitas as tardes em que a Amelia se deslocava à igreja paroquial onde o padre Müller professava missa. O sacerdote ajudava um jesuíta de idade já avançada e doente, mas que se negava a abandonar os seus paroquianos numa altura de tão grandes tribulações. O velho sacerdote não era tão ousado como o padre Müller e parecia não ter qualquer conhecimento das reuniões conspiratórias em que o jovem sacerdote participava, ainda que, no fundo,

aprovasse a sua atitude. Também não levantava objeções à amizade cada vez mais sólida entre o padre Müller e o pastor Ludwig Schmidt; culpava o pastor pela crescente politização do jovem, ainda que tivesse perfeito conhecimento de que aquilo que tinha levado o padre Müller a posicionar-se contra o Hitler tivesse sido o destino daquela família judia por quem tanto apreço sentia. A Rakel tinha sido como uma irmã para ele e para a Hanna. Tanto a Irene, a mãe do padre Müller, quanto a Hanna não haviam hesitado em escondê-la em sua casa. Um dia, disse-lhe que a Rakel estava já a salvo; não lhe explicou pormenores, que ele também não indagou. Ainda que constatasse agora que o padre Müller passava cada vez mais tempo com a jovem espanhola, perguntando-se em que estariam ambos envolvidos, não os questionava a esse propósito, preferindo ignorar. O velho sacerdote pensava que seria melhor não saber demasiado acerca das atividades do seu ajudante.

Amelia costumava dirigir-se a casa do padre Müller para ouvir as emissões da BBC. Era sempre bem recebida pela Irene e pela Hanna. As duas mulheres simpatizavam com a espanhola e estavam-lhe gratas por ter salvado a Rakel.

Foi precisamente em casa do padre Müller, a 10 de julho, que a Amelia tomou conhecimento da decisão do governo colaboracionista de Pétain de cortar relações com a Inglaterra. O Parlamento de Vichy tinha outorgado plenos poderes ao marechal de França. E isto acontecia apenas poucos dias depois de o porto de Dover ter sido bombardeado.

Amelia tornou a encontrar-se com o almirante Canaris e com o coronel Oster em outras ocasiões, em encontros sociais a que comparecia na companhia do professor Schatzhauser, o último dos quais em meados de agosto em casa do Max, dado que a Ludovica tinha organizado um jantar de despedida para o marido antes de este partir para a Polónia.

Para além do Goering e do Himmler, a Ludovica tinha convidado também todos os poderosos de Berlim, e foi contrariada que aceitou convidar os amigos que o marido insistia em ter presente.

Naquela noite, o Manfred Kasten aproximou-se da Amelia não sorridente.

— Minha cara, tomei conhecimento de alguns pormenores acerca da Operação Madagascar, só falta a aprovação final da parte do fñhrer. Aceitaria tomar chá comigo e com a minha esposa amanhã?

Amelia aceitou sem hesitar. Era uma informação aguardada em Londres, não tanto por se preocuparem com o destino dos judeus, mas sobretudo porque um plano de tal envergadura envolvia a mobilização de grandes meios e o controle e domínio das rotas marítimas do oceano Atlântico, águas até então controladas pelos britânicos, precisamente nessa altura, o Winston Churchill tentava convencer os Estados Unidos de que, se a Inglaterra fosse derrotada pelo Hitler,

o controle do Atlântico passaria para as mãos da Alemanha. Assim, informações sobre a operação em causa poderiam permitir aos serviços secretos britânicos calcular o verdadeiro poderio naval da Alemanha.

Não obstante a perturbação que ambos sentiam devido aos constantes olhares inquiridores da Ludovica, o Max aproveitou também para se despedir da Amelia.

— Gostaria de me ter encontrado contigo a sós, mas foi impossível. As minhas obrigações familiares e militares não mo permitiram.

— Bem sei, não te preocupes. Calculo que ainda esteja aqui quando regressares. Sabes exatamente onde serás colocado?

— Em princípio, irei para Varsóvia, mas terei de visitar todas as nossas forças mobilizadas por todo o país, de forma que estarei sempre em movimento de um lado para o outro.

— O capitão Henke irá contigo?

— Sim, o que será um alívio. O Hans é oficial intendente, competindo-lhe dar a devida prossecução às minhas ordens relativas às necessidades médicas na frente.

— Pelo menos, estarás com um amigo.

— Não calculas como é difícil encontrar alguém em quem confiar. Existem no exército outros oficiais que pensam como nós, mas não se atrevem a dar o passo em frente. Sabem bem aquilo de que os nazis são capazes face àqueles que se intrometem nos seus planos; temem em que lhes possa acontecer o mesmo que ao Walter von Frisch, oficial do exército que o Goering, através da Gestapo, acusou de homossexualidade. Já o marechal de campo Blomberg foi obrigado a demitir-se das suas funções de ministro da Guerra depois de ter sido pressionado com o passado da esposa. Também não constituem qualquer segredo as opiniões do Ludwig Beck, que foi nosso chefe do estado-maior até há alguns anos, quando foi demitido por divergências com o Führer. Outros generais, como o Witzleben e o Stülpnagel, apoiaram o Beck no passado. Começam também a surgir divergências entre alguns comandos do exército e a direção das SS, cuja influência tem vindo a aumentar. Ao que tudo indica, durante a campanha da Polónia, terão surgido divergências entre o general Blaskovitz e as SS. Tanto o general Von Treschkov quanto o general Von Schlabrendorff estão preocupados com o rumo atual da política alemã.

— Por que motivo me contas tudo isso?

— Porque julgo poder confiar em ti e porque dou valor à tua opinião. Não me parece que acredites que, na Alemanha, todos somos nazis. Há muitas pessoas que desprezam aquilo que o nazismo representa e que, sobretudo, não desejam outra guerra na Europa.

— Será assim tão difícil derrubar o Hitler?

— É algo que não pode ser feito de improviso. Talvez depois de a guerra terminar.

— Nessa altura, talvez seja já demasiado tarde...

— Nunca será tarde para voltar a transformar a Alemanha numa democracia, para lhe devolver as suas instituições. Opomo-nos ao Hitler, mas nunca trairemos o nosso país. Continuas a manter contato com o Lorde Paul James?

— Sabes perfeitamente que apenas me encontrei com ele num par de ocasiões e na companhia do Albert, que é seu sobrinho.

— Preocupa-me o fato de Londres ver a Alemanha como um bloco compacto constituído em redor do Hitler, o que não corresponde à verdade. Muitos são os que estão dispostos a dar a vida para acabar com este pesadelo.

A Ludovica aproximou-se deles, acompanhada por um garçom que trazia uma bandeja com taças de champanhe.

— Querido, não gostarias de brindar com a Amelia um futuro encontro em Berlim? — O tom de voz da Ludovica denotava ironia, o seu olhar faiscava raiva.

— Uma excelente ideia — retorquiu o Max —, brindemos para que tornemos a encontrar-nos e tão alegres como hoje.

Ofereceu uma taça à Amelia, aceitando o brinde da Ludovica. Seguidamente, acatou o pedido da esposa, que reclamava a sua presença para receber outros convidados.

Naquela noite, a Amelia não conseguiu adormecer. Devia regressar a Londres e tentar falar pessoalmente com o Lorde Paul James, mas aceitaria ele recebê-la? Sabia que a pessoa a quem devia fornecer as informações recolhidas era o seu superior, o comandante Murray, mas o Max tinha-se referido precisamente ao Lorde James. Dispunha de uma única forma de o contactar: através do Albert. Sim, teria de pedir-lhe que organizasse um qualquer encontro social em que o tio o estivesse presente antes de ela comparecer nas instalações do Almirantado para se submeter às ordens do comandante Murray. Não seria fácil convencer o Albert, mas esperava consegui-lo. Claro que necessitaria previamente da autorização do Murray para regressar a Londres, tendo também de convencê-lo de que as informações de que dispunha eram suficientemente importantes para sair de Berlim.

Levantou-se cedo e encontrou Herr Helmut a preparar o pequeno-almoço para a Greta.

— Tenho de sair. Faz-me a amabilidade de preparar o chá e de o levar à minha esposa na cama? Sei que é pedir demasiado, mas poderia ajudá-la a levantar-se e acomodá-la na poltrona junto à janela? Parece-me estar um pouco melhor.

— Pode sair tranquilo, Herr Helmut, eu cuidarei da Greta.

— Não tem de sair para as suas lições?

— Sim, mas tenho tempo de sobra.

A tarde, a Amelia compareceu em casa do Manfred Kasten. Foi a sua esposa Helga quem lhe abriu a porta e a encaminhou para o Meritório do marido. O antigo diplomata aguardava-a impaciente; convidou-a a sentar-se e entregou-lhe uma pasta que continha informações relativas à Operação Madagascar. Ela leu-as avidamente sem nada comentar, ainda que o seu rosto refletisse a perplexidade sentida face ao absurdo de tais planos.

— Poderei levar estes documentos comigo?

— Seria perigoso. A Gestapo dispõe de olhos e ouvidos por toda a parte e é possível que saiba mais acerca do nosso grupo do que aquilo que imaginamos. Desconfia de toda a gente. Melhor será que estes documentos não saiam daqui, para sua própria segurança e para a nossa.

Amelia mergulhou de novo na leitura daqueles documentos, tentando memorizar os pormenores. O redator daquele plano tinha detalhado o número de navios que seriam necessários para deportar todos os judeus da Alemanha para Madagascar, bem como a quantidade de embarcações de apoio imprescindíveis para que a operação pudesse ser conduzida com sucesso. Para além do número de barcos necessários para a deportação, o documento especificava também a situação da frota mercante do Reich. Essa informação poderia revelar-se fundamental para o Almirantado, pelo que a Amelia reiterou a decisão de regressar de imediato a Londres.

— Agradeço-lhe a confiança que depositou em mim, Herr Kasten — disse ao acabar de ler os documentos.

— Sou cristão, Amelia. Considero-me um bom alemão e repugna-me aquilo que alguns homens estão a fazer ao meu país. Deportar os judeus! Confiná-los a uma ilha como se tivessem contraído peste!

Já era tarde quando a Amelia regressou a casa dos Keller. A Greta já dormia e o seu marido estava na cozinha, a rever alguns livros de contas.

Amelia comunicou-lhe que tencionava regressar a casa.

— Aconteceu alguma coisa? — quis ele saber.

— Não, mas sabe já que a minha irmã Antonietta está doente e não quero passar demasiado tempo afastada dela. Mas tenciono regressar, Herr Helmut, e se tiver a bondade de continuar a arrendar-me o quarto ficar-lhe-ei muito agradecida. Julgo que consigo encontrar trabalho em Berlim, dado que conheci umas pessoas que precisam de alguém que fale espanhol. Estará certamente ao corrente da colaboração entre o Hitler e o Franco, os nossos países são aliados.

O Helmut Keller anuiu. Nunca tinha falado de política a Amelia; os dois

havam evitado qualquer menção à situação que vivia. Ele sentia-se surpreendido por a Amelia não fazer qualquer alusão ao nazismo, tendo sobretudo em conta que o pai dela tinha perdido a fortuna devido ao novo regime, mas também não se atrevia a declarar à jovem o seu ódio ao Führer, porque sabia bem que as ideias dos pais não são obrigatoriamente herdadas pelos filhos. O seu próprio filho, Frank, parecia estar satisfeito no exército; dizia que o Hitler estava a devolver à Alemanha a grandeza perdida. De início, discutiam, posto o que pai e filho decidiram evitar falar de política para não desagradarem à Greta, que sofria ao vê-los trocar argumentos.

Amelia dedicou os dias seguintes a despedir-se do professor Schatzhauser, do padre Müller e de outros elementos daquele grupo de oposição. Garantiu-lhes que regressaria em breve. Tomou também uma decisão: confessar-se-ia com o padre Müller, confissão essa onde mencionaria a sua colaboração com os britânicos.

— Isso não é pecado — advertiu ele.

— Bem sei, mas preciso de me certificar de que não irás partilhar essa informação com ninguém.

— Não o poderei fazer, proibido que estou pelo segredo confessional — respondeu ele aborrecido. — Mas diz-me: porque me confidenciaste isso?

— Porque preciso de ajuda, para além de alguém em quem possa confiar.

No dia seguinte, encontrou-se com o sacerdote em casa deste. Instruiu-o para que cifrasse em código qualquer informação que achasse relevante e pediu-lhe que, depois de a informação ter sido codificada e convertida numa vulgar e insípida carta, a enviasse para o mesmo endereço de Madrid para onde ela própria remetia as suas cartas.

— Através desta cifra, qualquer pessoa que ler as tuas cartas julgará que estás a escrever a uma velha amiga.

— E não deverias instruir mais alguém, no caso de me acontecer alguma coisa? — perguntou o padre Müller, preocupado.

— Nada te irá acontecer, para além de não ser conveniente que muita gente conheça esta técnica de cifragem de mensagens. Não te esqueças que estas cartas chegarão a Madrid, onde existem muitos espiões alemães. Poderíamos colocar em perigo a pessoa que recolhe as mensagens.

Foi o padre Müller quem acompanhou a Amelia à estação, tendo-a ajudado a acomodar-se no seu compartimento, que, para alívio de ambos, iria partilhar com uma mulher e três crianças pequenas.

— Quando regressarás? — indagou o sacerdote.

— Não depende de mim... Por minha vontade, daqui a bem pouco tempo; julgo que poderei ser útil em Berlim.

O destino da Amelia não foi Madrid, mas sim Lisboa, de onde viajaria depois para Londres. Sabia que a capital britânica estava sob bombardeamento alemão e que estavam a verificar-se grandes perdas materiais e em vidas humanas, ansiando por tornar a encontrar-se com o Albert e certificar-se de que estava bem.

Em Lisboa, hospedou-se num pequeno hotel localizado nas proximidades do porto. O local não tinha sido escolhido ao acaso. O comandante Murray havia-lhe fornecido aquele endereço garantindo-lhe que, se necessitasse de ajuda ou de entrar em contato com ele, o proprietário do hotel saberia como contactar as pessoas em causa.

O Hotel Oriente era pequeno mas asseado. O proprietário era um britânico, John Brown, casado com uma portuguesa, a Dona Meneia. A Amelia concluiu que ambos deviam trabalhar para os serviços secretos britânicos. Disse-lhes que pretendia viajar para Londres e perguntou-lhes qual a melhor forma de o fazer. Recorreu à contrassenha que o Murray lhe tinha fornecido: "Tenho assunto para resolver, mas sobretudo sinto saudades do nevoeiro."

O John Brown assentiu sem nada dizer e, passadas algumas horas, enviou a esposa ao quarto da Amelia para a informar de que um barco pesqueiro a levaria até Inglaterra. Abandonou Portugal dias depois de Léon Trotsky ter sido assassinado no México. Ouviu a notícia através da BBC e recordou-se da viagem que, Há não tanto tempo, tinha realizado com o Albert. Recordava-se nitidamente do Trotsky, do seu olhar inquiridor, dos seus modos desconfiados e, definitivamente, do seu receio de ser assassinado.

Estremeceu ao pensar na amplitude do braço de Moscou e no modo como ela própria parecia ter escapado a tamanho perigo.

8

Para surpresa da Amelia, o Albert não se encontrava em Londres. O apartamento estava gelado e tudo se apresentava com uma camada de pó. Encontrou uma nota sobre a secretária do escritório do Albert. Estava datada de 10 de julho.

Querida Amélia: Não sei quando lerás esta nota, nem sequer se chegarás a lê-la. Perguntei ao tio Paul até quando permanecerias fora de Londres, mas não quis responder-me. Se acaso regressares durante a minha ausência, quero que saibas que vou para Nova Iorque. Tenho assuntos para tratar lá: encontrar-me com os diretores dos jornais para os quais escrevo, certificar-me do estado das minhas contas bancárias, conversar com o meu pai e discutir com a minha mãe... Penso também procurar a Rakel, para me certificar de que está bem. Não sei ainda quanto tempo permanecerei em Nova Iorque, mas sabes já como entrar em contato comigo. — O apartamento fica ao teu dispor. A senhora O'Hara irá fazer limpezas de vez em quando.

Por fim, querida, digo-te que eu, que tantas páginas escrevo para outros, não sei como te escrever a ti.

Teu, Albert James O comandante Murray pareceu alegrar-se quando a Amelia entrou no seu escritório.

— Bom trabalho — disse-lhe em jeito de cumprimento.

— Acha que sim?

— Obviamente que sim.

— Na verdade, não vos enviei nenhuma informação especialmente relevante, ainda que traga comigo os pormenores de uma operação que me parece poder ser de vital importância.

— Suponho que sim, dado que tomou a decisão de regressar sem a minha autorização prévia.

— Lamento, mas, quando lhe explicar o âmbito da Operação Madagascar,

certamente concordará que se trata de um assunto importante.

O Murray pediu à secretária que lhes preparasse chá. Depois, sentou-se em frente à Amelia disposto a ouvi-la.

— Vejamos então o que tem para me dizer.

Amelia explicou-lhe pormenorizadamente tudo aquilo que tinha feito desde a chegada a Berlim até ao dia em que regressou: os contatos que havia estabelecido, o grupo de oposição com que vinha trabalhando, o plano da Operação Madagascar, para além de tudo aquilo que o Max von Schumann lhe tinha transmitido relativamente ao descontentamento de alguns setores do exército.

O comandante ouvia-a em silêncio, interrompendo-a apenas quando pretendia que ela esclarecesse um ou outro detalhe. Quando a Amelia terminou, ele levantou-se da poltrona e, durante alguns minutos, caminhou pelo escritório sem nada dizer, ignorando o crescente desconforto da Amelia.

— Quer então dizer que a senhora estabeleceu uma pequena rede no coração do Terceiro Reich. Isso faz com que dispúnhamos agora em Berlim de um grupo de amigos que irão fornecendo informações, bem como de um local onde poderemos refugiar-nos. Confesso que não esperava tanto de si. No que respeita às informações que o barão Von Schumann lhe forneceu, não direi que nos ajudarão a vencer a guerra, mas pelo menos transmitem-nos uma ideia daquilo que está a acontecer. As suas opiniões políticas sobre as ações do Hitler são mais importantes do que aquilo que a senhora pode calcular... É curioso saber que nem todos os alemães apoiam o Führer.

— Não são muitos — precisou a Amelia.

— Claro, claro, obviamente... muito curioso. Minha cara, trouxe informações preciosas. Quero que coloque por escrito tudo aquilo que me contou, e isto para daqui a duas horas. Precisamente, tenho assuntos para tratar com o Lorde James. Julgo que ficará satisfeito ao saber que a senhora teve êxito na missão que lhe foi atribuída, muito mais do que outros agentes a atuar em Berlim na mesma altura.

Ela estremeceu, fitando-o com olhar desafiante.

— Enviou outros agentes para Berlim?

— Obviamente. Pensava que a tínhamos enviado apenas a si? Quantas mais redes forem estabelecidas, melhor. Decerto compreende que será preferível que não tenham relação umas com as outras até que isso seja necessário. E não apenas por uma questão de segurança.

— Quer então dizer que, neste momento, existem outros agentes em Berlim... — insistiu a Amelia.

— Em Berlim e noutros locais da Alemanha. Por favor, não me diga que isso

a surpreende!

Não o disse, mas era a verdade. Foi a partir desse momento que começou a compreender que, no mundo dos serviços secretos, nada é o que parece e que os agentes trabalham isolados, na medida em que não passam de mais um peão na mão dos seus superiores.

— Deverei regressar a Berlim?

— Escreva o relatório para daqui a duas horas. Depois, vá para casa e repouse. Hoje é sexta-feira; descanse durante o fim de semana e, na segunda-feira, compareça aqui às nove da manhã para receber novas ordens.

Amelia seguiu as instruções do Murray à letra. Dedicou o fim de semana a escrever ao Albert e a arrumar o apartamento. Não lhe apetecia estar com ninguém; além disso, as pessoas que conhecia em Londres não eram suas amigas, mas sim do Albert.

Na segunda-feira, às nove da manhã em ponto, apresentou-se no escritório do comandante Murray, que parecia de mau humor.

— Os ataques da Luftwaffe são cada vez mais eficazes... lamentou-se ele.

— Bem sei, comandante.

— Teremos de lhes pagar na mesma moeda em Berlim.

Amelia assentiu, ao mesmo tempo que não pôde deixar de sentir um arrepio ao pensar em todos os amigos que ali havia deixado, todos eles opositores ao Hitler, dispostos a arriscar a vida para derrubar o III Reich.

— Bem... tenho outra missão para si. Deverá partir de imediato para Itália.

— Itália? Mas... bem... julgava que iria regressar a Berlim.

— Ser-nos-á mais útil em Itália. A informação que irei fornecer-lhe é confidencial, mas, há alguns dias, um submarino incógnito afundou o cruzador Helk. Julgamos tratar-se de um submarino italiano.

— Mas porque tenho de ir a Itália? Insisto que seria mais útil em Berlim.

— Terá de viajar para Itália por ser amiga da Carla Alessandrini.

— Sim, é verdade que sou amiga da Carla, mas...

— Não há qualquer "mas" a que possa recorrer — interrompeu-a Murray. — Sabe perfeitamente que o Duce nos declarou guerra. Não é que isso nos preocupe demasiado, mas não devemos subestimar o inimigo. A senhora Alessandrini vai ajudá-la a integrar-se nas mais elevadas esferas sociais. A única coisa que pretendo de si é que escute, que tome nota de tudo o que achar relevante e nos comunique. É uma jovem bem-parecida, com boa educação e com uma grande facilidade de relacionamento, pelo que se integrará facilmente tanto nos ambientes mais elegantes quanto nas esferas do poder.

— Mas não poderei utilizar a Carla!

— Não estou a pedir-lhe que a utilize. Por aquilo que sei da sua amiga, não

apoia o Duce, para além de possuir contatos na Resistência...

— A Carla? Não é possível! É uma grande cantora lírica; é verdade que se opõe ao fascismo, mas isso não significa que pretenda envolver-se em problemas.

— E não lhe parece que já o fez ao ajudar aquela jovem judia a escapar? Julgo que se chama Rakel, não é assim?

— Isso sucedeu em circunstâncias muito particulares — replicou a Amelia.

— Viaje para Milão ou para qualquer outro local onde a grande Carla Alessandrini se encontre neste momento e conte-nos aquilo que se diz na "corte" do Duce. É essa a sua missão. Precisamos que a senhora Alessandrini colabore connosco, na medida em que beneficia de livre acesso a todos os centros de poder na Itália. O Duce é um dos seus principais admiradores.

— E o que direi à Carla?

— Não lhe minta, mas também não lhe diga toda a verdade.

— E como se consegue isso?

— Até ao momento, tem vindo a fazê-lo de modo particularmente eficaz.

— Mas o que quer o senhor saber?

— Não sei, a senhora me dirá.

— Como entrarei em contato com Londres?

— Dar-lhe-ei um novo endereço em Madrid para o qual deverá escrever.

Enviará para aí cartas endereçadas a uma outra amiga. O código de cifra será diferente daquele que utilizou em Berlim. Instruí-la-emos num novo código, que não me parece que venha a demorar muito tempo a dominar. Se tiver alguma informação urgente para nos comunicar, viajará para Madrid, pois pode sempre recorrer à justificação de que a sua família necessita de si, e entrará em contato com o comandante Finley: Jim Finley. É funcionário subalterno na embaixada, mas trabalha também para nós. Antes de partir, dir-lhe-ei como poderá entrar em contato com ele. Quero que esteja em Itália daqui a uma semana. Não me parece que venha a necessitar de qualquer cobertura particular, uma vez que vai na qualidade de amiga convidada pela Carla Alessandrini. Deixe-me também dizer-lhe que tomei a liberdade de lhe enviar um telegrama em seu nome anunciando que irá visitá-la, ao qual ela respondeu entusiasmada.

— Utilizou o meu nome para entrar em contato com a Carla! protestou a Amelia.

— Apenas acelerei o processo, não mais do que isso.

Na verdade, a Amelia não tinha ficado tão surpreendida quanto havia aparentado ao tomar conhecimento de que a Carla possuía ligações com a Resistência. A sua amiga era uma mulher apaixonada com ideias políticas claras acerca daquilo que o fascismo representava, e pelo qual tanta repulsa sentia.

O comandante tinha determinado que viajasse para Roma via Lisboa, tendo cedido, algo contrariado, ao pedido da Amelia para passar alguns dias em Madrid para estar com a família.

Chegou a Madrid a 1 de setembro. Deixava para trás uma Inglaterra que sofria estoicamente os cruéis ataques da Luftwaffe, não apenas em Londres, como também em muitas outras cidades; Liverpool, Manchester, Bristol, Worcester, Durham, Gloucester, Portsmouth, foram algumas das mais atingidas. Como é evidente, a RAF respondia olho por olho aos ataques da Luftwaffe: os bombardeamentos em Berlim intensificavam-se de dia para dia.

Entretanto, o Winston Churchill prosseguia o seu trabalho de diplomacia secreta com os Estados Unidos, tentando convencer o presidente Roosevelt de que a Inglaterra, para além de não estar a ser derrotada, poderia mesmo vir a vencer a guerra; contudo, e isso era imprescindível, tal vitória não seria alcançável sem o auxílio material dos Estados Unidos. O Churchill descrevia ao Roosevelt um futuro que poderia vir a revelar-se sombrio caso tal auxílio não se verificasse e o Hitler conseguisse tornar-se senhor do Atlântico, constituindo-se então como ameaça direta para os Estados Unidos. Deste modo, o Churchill insistia com o Roosevelt em que o triunfo do Reino Unido seria vital para o seu país.

A situação financeira do Reino Unido era cada vez mais periclitante, e só quando se atingiu a bancarrota é que os Estados Unidos compreenderam que, ou ajudavam, ou teriam de lidar com o Hitler nas suas próprias costas.

A 2 de setembro de 1940, os Estados Unidos cederam cinquenta contratorpedeiros à Inglaterra a troco de bases por todo o mundo...»

O major Hurley pigarreou. Parecia ter chegado ao fim do seu relato. Consultou o relógio sem dissimular. Perguntei-me se me mandaria embora sem me fornecer mais informações ou se tornaria a remeter-me para Lady Victoria, mas optei por nada dizer.

Ouvira a narrativa em silêncio, verdadeiramente enfeitiçado, pelo que não havia feito uma única pergunta.

— A sua bisavó também desempenhou um papel importante em Itália. No entanto, Guillermo, talvez gostasse de saber algo mais sobre aquilo que ela fez quando regressou a Madrid. Infelizmente, não poderei informá-lo a esse respeito. Quanto ao que aconteceu em Itália, terei todo o gosto em fornecer-lhe informações relativamente às atividades desenvolvidas pela Amelia naquela altura, ainda que infelizmente não possa ser muito exaustivo, dado não ter encontrado muita informação nos arquivos. Todavia, referiu-me já ter travado conhecimento com uma professora especialista na vida da Carla Alessandrini; talvez ela lhe possa dar mais pormenores a esse respeito. Ou talvez não... De

qualquer modo, agora tenho de sair, e só poderei voltar a recebê-lo dentro de alguns dias.

Estive prestes a reclamar. Porém, acabei por pensar que o major William Hurley pouco iria sensibilizar-se com as minhas reclamações. Dispunha de informações que eu pretendia obter e fornecia, mas do modo como melhor entendia; portanto, acabei por dizer que lhe ficava eternamente agradecido pelo auxílio que estava a me prestar.

— Sem o senhor, não poderia ter prosseguido esta investigação — disse para o lisonjear.

— Obviamente que não. Não obstante, e como decerto compreenderá, tenho outros compromissos e responsabilidades. Assim sendo, até daqui a alguns dias... digamos, até à próxima quarta-feira. Telefone na terça-feira à minha secretária para confirmar a minha disponibilidade.

Saí de casa do major de mau humor. Acabei por pensar que não há mal que não venha por bem, pois podia telefonar a Francesca e queixar-me por nada me ter contado acerca das atividades políticas de Carla Alessandrini, servindo-me de tal desculpa para me encontrar com ela em Roma. Não pretendia abusar dos meios que Dona Laura colocava ao meu dispor, mas concluí que uma viagem a Roma seria mais do que justificável. Acontecia-me o mesmo que à minha bisa — não conseguia sentir-me bem em Londres.

Telefonei à minha mãe já preparado para o habitual sermão, tendo-a notado sarcástica e distante: — Dás então sinais de vida? Pois fico muito feliz.

— Então, mamãe! Não pareces muito alegre por saberes que estou bem.

— Bem, suponho que deves estar, dado já seres crescidinho. Portanto, não precisas de me telefonar, basta que me ligués no Natal e no meu aniversário. Claro que, para isso, terias de te lembrar e, como estás imerso em trabalho...

Então, era esse o problema! Ela tinha feito anos e eu não a felicitara. A minha mãe não me perdoaria, dado que, entre os seus ritos inalteráveis, estavam os jantares do dia do seu aniversário, do meu e da noite de consoada. Todas as outras noites do ano lhe eram indiferentes, mas, para ela, aquelas três eram sagradas.

— Peço-te que me perdoes, mamãe, mas não calculas como ando enredado na investigação sobre a tua avó.

— Já te disse que me é indiferente o que essa cara senhora possa ter feito. E não peças desculpa, não há motivo para isso, és plenamente livre para telefonar a quem e quando bem entenderes.

— Na verdade, tinha pensado em ir a Madrid e convidar-te para jantar — menti, improvisando.

— Não me digas! Tão sensível que ele está!

— Ouve, mamãe, estarei amanhã em Madrid e irei buscar-te às nove da noite. Pensa no sítio onde gostarias que te levasse a jantar.

9

Quando entrei no meu apartamento, senti a alegria de estar novamente em casa. Pensei em como aquelas quatro paredes decoradas com mobiliário da IKEA se me revelavam reconfortantes. Há já tanto tempo que andava de um lado para o outro a investigar o passado de Amelia Garayoa que mal punha os pés em casa. Bastou uma simples olhadela para concluir que o apartamento necessitava de uma limpeza urgente, pelo que me comprometi a tentar convencer a minha mãe a mandar a sua empregada, com a condição explícita de ser eu a pagar-lhe as horas em causa.

Tomei um duche e, depois, estendi-me na cama. Tantas saudades tinha da minha cama! Adormeci de imediato. O meu anjo da guarda decidiu despertar-me para me livrar da ira da minha mãe, porque, se não aparecesse em sua casa naquela noite para a levar a jantar fora, teria sido capaz de não voltar a falar-me até ao fim da sua vida. Acordei sobressaltado e procurando o relógio. Eram já 8h30! Levantei-me de um salto e tomei um novo duche. As nove em ponto, com o cabelo encharcado, apresentei-me em sua casa.

— Estás com um belo aspeto! — disse-me em jeito de cumprimento, sem sequer me dar um beijo.

— Não gostas? Pois eu acho que tu estás belíssima.

— Sim, sim... mas tu estás um desastre. Sabes para que servem tábuas de engomar? Certamente que sim, de tão esperto que és.

A ironia da minha mãe irritou-me, por mais que tivesse razão. A camisa que trazia vestida estava enrugada e as calças largas estavam precisando de uma visita à máquina de lavar.

— Mal tive tempo para desfazer a mala. Mas o mais importante é estar aqui, nem calculas a vontade que tinha de estar contigo.

— Água! Por favor, tragam-me água! — gritou a minha mãe.

— Mas o que tens?! — perguntei, preocupado.

— É que tanta lábia provoca-me palpitações cardíacas.

— Grande susto me causaste!

Fomos ao restaurante que ela escolhera. A conversa decorreu no mesmo tom durante o resto do serão. Na verdade, acabei por me arrepender por tê-la convidado para jantar. Além disso, para debilitar ainda mais as minhas já periclitantes economias, a minha mãe decidiu, ela que era praticamente abstinente, acompanhar o jantar com champanhe, e, como se de refrigerante se tratasse, encomendou uma garrafa de Bollinger.

Na manhã do dia seguinte, telefonei a Dona Laura e perguntei-lhe se pretendia que me deslocasse a sua casa para lhe transmitir tudo o que conseguira investigar até então.

— Prefiro que me entregue a história por escrito quando estiver completa.

— Seria apenas uma forma de a senhora verificar aquilo que vou descobrindo. Posso garantir-lhe que a vida da Amelia Garayoa é digna de um romance.

— Muito bem, muito bem... Então, assim que souber tudo, escreva a história e traga-a. Foi isso que acordamos, não foi?

— Claro, Dona Laura, será precisamente isso o que farei.

— Necessita de mais alguma coisa?

— Não. Por enquanto, está tudo a decorrer normalmente. O auxílio do professor Soler tem sido precioso. Já agora, disponibilizei-me para o colocar ao corrente de tudo aquilo que fosse investigando, ao que ele me respondeu que não queria saber, excetuando o imprescindível para me auxiliar.

— E assim deve ser. O Pablo é um bom amigo da nossa família, mas não é nosso parente, e há determinadas coisas que... enfim, nem ele nem ninguém devem saber.

— Estava precisamente a pensar telefonar-lhe, para me confirmar se a Amelia esteve em Madrid no início de setembro de 1940.

— Se quiser, pode falar com a Edurne, ela poderá ajudá-lo.

— E a senhora, Dona Laura, não tem recordações dessa altura?

— Claro que tenho! Mas não pretendo que seja a minha memória a determinar aquilo que aconteceu, mas antes as recordações imparciais daqueles que estavam connosco.

— E terá a Edurne recordações dessa altura? A pobre mulher parece muito afetada pelo esforço de ter de recordar.

— E é normal que assim seja, dado que os idosos não gostam de ver as suas recordações dissecadas. A Edurne é muito recatada e leal, e não lhe é fácil partilhar assuntos da família com um estranho.

— Eu sou da família, não se esqueça de que a Amelia é minha bisavó. A

senhora não deixa de ser uma espécie de minha tia-bisavó.

— Não diga disparates! Bem... julgo que deveria falar com a Edurne. Se lhe parecer bem, apareça aqui em casa amanhã de manhã cedo, que é quando ela está mais lúcida.

Não sei por que motivo Dona Laura insistiu para que Edurne falasse comigo. A pobre mulher não conseguia ocultar a perturbação sentida por ter de partilhar com um estranho situações que diziam unicamente respeito à família a que dedicara toda a sua vida.

Quando cheguei a casa das Garayoa, a governanta informou-me de que Edurne já estava à minha espera, mas, antes, teria de passar pela sala para me encontrar com as senhoras.

Ali estavam Dona Laura e Dona Melita. Pareceu-me que esta última não estava com muito bom ar, mostrando-se cansada.

— Está a ser-lhe difícil encaixar as diversas peças da história? — perguntou-me com uma voz sumida.

— Não está a ser fácil, Dona Melita, mas não se preocupe. Julgo que, pelo menos, conseguirei reconstituir os fatos mais importantes da vida da minha bisavó.

Dona Laura mexeu-se agitada no sofá, ordenando-me para que não perdesse tempo.

— Não está apenas em causa o custo da sua investigação, também o fato de sermos demasiado velhas para esperar.

— Não se preocupem, sou o primeiro interessado em concluir o quanto antes esta investigação. Coloquei o jornalismo de lado e minha mãe está prestes a deixar de me falar.

— Tem mãe? — perguntou-me Dona Melita, o que me surpreendeu dado que já lhes expusera as minhas circunstâncias familiares.

— Sim, sim. Felizmente, ainda tenho mãe — respondi, desconcertado.

— Muito bem. Pois tem sorte, porque eu perdi a minha quando era ainda muito jovem.

— Bem, basta de conversa fiada — interrompeu Dona Laura. — Guillermo, está aqui para trabalhar, portanto agora deve falar com a Edurne, que o aguarda na biblioteca.

Edurne estava sentada numa poltrona e parecia dormir. Sobressaltou-se quando me ouviu entrar.

— Como está a senhora?

— Bem, bem — respondeu, assustada.

— Não pretendo incomodá-la muito, mas talvez se recorde de uma visita da Amelia a Madrid em setembro de 1940. Julgo que ia a caminho de Roma, mas

antes decidiu visitar a família.

— A Amelia andava sempre de um lado para o outro e, muitas vezes, não nos dizia de onde vinha nem para onde ia.

— Mas lembra-se do que aconteceu nessa ocasião? Estava-se em setembro de 1940 e julgo que veio sozinha, sem o Albert James, o jornalista. Na sua visita anterior, tinha descoberto que a Águeda estava grávida.

— Sim, já me recordo! Pobre Amelia! Que desgosto teve! A Águeda tinha levado o Javier até aos Jardins do Retiro, para que a Amelia pudesse vê-lo. Então, o casaco abriu-se-lhe e pareceu-nos gorda, o que se devia à gravidez...

— Sim, já estou ao corrente disso, mas pretendia agora saber o que aconteceu na ocasião seguinte em que a Amelia vos visitou.

Então, com voz cansada, Edurne começou a falar.

"Não aguardávamos a sua visita. Apareceu sem avisar, uma coisa que acabou por se tornar habitual nela. Nunca sabíamos quando poderia aparecer. A Antonietta melhorava, graças ao dinheiro que a Amelia enviava e que permitia ao Dom Armando comprar medicamentos... melhor dizendo... medicamentos e comida, dado que a Antonietta necessitava de se alimentar bem. O dinheiro que a Amelia enviava não dava para grandes luxos, apenas o suficiente para comer. Naquela altura, era possível encontrar alimentos de qualidade no mercado negro, ainda que a preços exorbitantes.

Julgo que já era noite quando a Amelia apareceu aqui em casa; sim, sim, já era de noite, porque eu estava na cozinha a preparar o jantar, e foi o menino Jesús quem abriu a porta.

— Mamãe, mamãe, vem cá, é a prima Amelia!

Fomos todos até à saleta e ali estava ela, abraçada ao Jesús.

— Mas que bonito estás, primo! Cresceste muito e estás com melhor ar, menos pálido!

Também o Jesús vinha recuperando. Sempre tinha sido uma criança frágil e, coitado, adoeceu durante a guerra. Mas naquela altura já apresentava algumas melhoras. Os medicamentos e, sobretudo, a alimentação produziam milagres.

A Antonietta abraçou a irmã, não havendo forma de as separar.

A menina Laura começou a chorar emocionada e o Dom Armando mal conseguia conter as lágrimas. Todos desejávamos abraçá-la e beijá-la. Foi a Dona Elena, dando mostras do seu espírito pragmático, quem pôs fim a tanto abraço, encaminhando-nos a todos para a sala. Ordenou ao Pablo que levasse a mala da Amelia para o quarto da Antonietta e, a mim, mandou-me acabar de preparar o jantar e colocar mais um prato na mesa.

Amelia mostrou-se muito carinhosa para todos nós; a mim, deu-me dois beijos, tal como ao Pablo.

O Jesús e o Pablo eram bons amigos e, agora que o Jesús estava melhor, a Dona Elena tinha posto a cama do Pablo no quarto do filho, argumentando que o rapaz estava a crescer e que não era conveniente que continuasse a dormir no meu quarto.

Nessa noite, jantamos arroz de tomate com fatias de toucinho frito. O toucinho tinha sido comprado por mim nessa mesma tarde a um indivíduo que se dedicava ao contrabando e que estava interessado em mim.

O Rufino, assim se chamava ele, tinha mandado recado a informar-me de que dispunha de toucinho fresco, e a Dona Elena enviou-me para comprar algum. Onde ia eu? Sim... já me recordo... amelia disse-nos que não iria ficar muito tempo, apenas dois ou três porque tinha de trabalhar. Era secretária do Albert James, o jornalista norte-americano que supostamente estava em Nova Iorque, mas que a havia encarregado de ir a Roma para uma reportagem que estava a desenvolver, não me recordo sobre que assunto, mas foi uma sorte que a tivesse enviado a Roma, porque assim pôde passar por Madrid.

— Por onde vieste de Londres para cá? — perguntou-lhe o Dom Armando.

— Por Lisboa, é o trajeto mais seguro.

— Os ingleses nada têm contra o Franco — comentou ele.

— Os ingleses não podem lutar contra o Hitler e contra o Franco em simultâneo. Primeiro terão de derrotar a Alemanha, depois se verá.

— Tens a certeza? A Inglaterra continua a fornecer ao Franco os seus navios, que nos trazem combustível e trigo; não é que nos chegue muita coisa, mas é melhor do que nada.

— Verás que as coisas irão mudar assim que o Hitler for derrotado.

Pusemo-la ao corrente das novidades familiares. A Antonietta disse à irmã que gostaria de trabalhar, mas a Dona Elena não lho permitia.

— Nem sequer na cozinha me deixa ajudar — protestou ela.

— Claro que não, ainda não recuperaste totalmente! — afirmou a Dona Elena, irritada.

— A tia tem razão. A melhor ajuda que podes dar à família é recuperares plenamente — concordou a Amelia.

— Além do mais, o médico advertiu-nos que devemos ter cuidado com ela, pois pode sofrer uma recaída — acrescentou o Dom Armando.

— E tu, Laura, continuas no colégio?

— Sim, este ano letivo irei lecionar aulas de francês. As irmãs são muito cordiais comigo. A madre superiora foi substituída; a irmã Encarnación já não está entre nós, a coitada faleceu vítima de pneumonia e foi escolhida para o lugar a irmã Maria de las Virtudes, que foi nossa professora de piano. Recordas-te dela?

— Sim, sim! Era muito carinhosa connosco, é boa pessoa.

— Ela diz que no colégio nenhuma irmã fala francês tão bem como eu, pelo que este ano lecionarei francês; e, quando a Antonietta melhorar e puder trabalhar, talvez eu consiga convencer a irmã Maria a deixá-la dar aulas de piano... mas antes terá de recuperar plenamente...

— Isso seria muito bom! Vês, Antonietta, como terás inclusivamente oportunidade de trabalhar? Mas, para isso, tens primeiro de te curar. Até que os tios não me garantam que estás bem, proíbo-te de fazeres o que quer que seja.

O Dom Armando comentou como lhe estavam a correr as coisas no escritório, no seu novo trabalho enquanto assistente jurídico.

— Tenho de tolerar muitas coisas, mas não me queixo porque, bem vistas as coisas, aquilo que vou ganhando permite-nos ir sobrevivendo. Estou rotulado de "vermelho", logo, não me deixam defender casos em tribunal, mas pelo menos trabalho na minha área, preparando os casos que outros haverão de defender.

— É explorado. Traz todos os dias trabalho para casa e nem sequer dispõe de sábados e domingos livres — queixou-se a Dona Elena.

— Sim, mas tenho emprego, o que já não é pouco, se tivermos em consideração que há alguns meses estava prestes a ser fuzilado. Não, não me queixo. A Amelia salvou-me a vida e tenho um trabalho, que é mais do que poderia sonhar quando estava na cadeia. Além disso, e com a tua ajuda, Amelia, não passamos grandes necessidades.

— Sabem alguma coisa acerca da Lola? — perguntou a Amelia olhando para o Pablo.

— A verdade é que não, não se sabe nada dela. O Pablo costuma ir visitar a avó ao hospital, mas a pobre mulher piora de dia para dia. O pai escreve-lhe de vez em quando, mas, no que respeita à Lola, parece ter desaparecido sem deixar rastro — explicou a Laura.

— Os rapazes frequentam a escola — acrescentou o Dom Armando. — São espertos e têm boas notas. O Jesús é muito bom a matemática e o Pablo a latim e a história, de maneira que ajudam-se mutuamente. São como irmãos; por vezes, chegam a brigar tal e qual como se fossem.

— Mas isso nunca acontece! — protestou o Jesús.

— Bem... diria que, uma ou outra vez, ouvi uns gritinhos provenientes do vosso quarto — prosseguiu o Dom Armando.

— Isso eram brincadeiras! Não te preocupes, Amelia, porque eu e o Pablo nos damos muito bem. Não sei o que faria sem ele, nesta casa com tantas mulheres, sobretudo sendo tão mandonas — replicou o Jesús rindo.

— Eu... bem... estou muito agradecido por me permitirem viver convosco... — sussurrou o Pablo.

— Não digas disparates! Deixa-te de agradecimentos, és mais um na nossa família — interrompeu-o o Dom Armando, cortante.

Amelia passou os dois dias seguintes a tratar de assuntos familiares. Foi falar com o médico que seguia a Antonietta e pediu à menina Laura que a acompanhasse numa visita à madre Maria de las Virtudes, à qual entregou um pequeno donativo para comprar flores para a Virgem da capela. Como todos temíamos, insistiu também em ver o filho, o pequeno Javier.

A Dona Elena mostrava-se renitente em enviar-me para rondar as proximidades da casa do Santiago, mas foi tamanha a insistência da Amelia que acabou por ceder.

— Depois do que aconteceu na última ocasião, talvez a Agueda nem sequer te deixe ver a criança — disse ela.

— É meu filho e preciso de o ver. Não consegues perceber, tia? Não poderia estar em Madrid sem nada fazer para o tentar ver. Se soubesses quanto me arrependo por tê-lo abandonado...

Contou à menina Laura que tinha pesadelos e que, muitas noites, despertava aos gritos porque via uma mulher a correr levando o Javier nos braços.

Um dia, coloquei-me à esquina da casa do Dom Santiago esperando que a Agueda saísse, e ali passei o dia inteiro. Regressei a casa já noite dentro. Apenas tinha visto o Dom Santiago sair de manhã bem cedo e regressar à tarde, mas, da Águeda e do Javier, nem rasto.

A Dona Elena ficou nervosa e disse-nos que melhor seria adiarmos o encontro para outra ocasião, mas a Amelia insistiu; não poderia permanecer muito mais tempo em Madrid, dado que há já três dias que lá estava, mas não partiria sem ver o filho. Por fim, a Dona Helena rompeu num pranto.

— Mas, Elena, o que se passa contigo? — O Dom Armando estava alarmado com as lágrimas da esposa.

— Tia... tia... não chores, não quero provocar-te desgostos — desculpou-se a Amelia.

A menina Laura abraçava a mãe sem saber como consolá-la. Quando ela se acalmou, o silêncio instalou-se.

— És muito teimosa, Amelia! Não to queria dizer para que não sofresses... mas como não deixas de insistir...

— O que se passa, tia? Não me diga que aconteceu alguma coisa ao meu filho... — perguntou a Amelia, preocupada.

— Não, nada disso, o Javier está bem e, por aquilo que sei, está em casa dos teus sogros.

— Em casa do Dom Manuel e da Dona Blanca? Mas porquê?

— Porque a Águeda teve uma menina, isto há cerca de uma semana, e parece

que teve dificuldades no parto e está no hospital. O Santiago levou o Javier para casa dos pais até a Águeda estar em condições de regressar a casa com a menina. Não queria dizer-te para não ficares desgostosa.

Amelia não chorou. Tremia, fazendo um grande esforço para manter o autocontrole, acabando por conseguir conter as lágrimas. Quando se sentiu capaz de falar, com voz sumida, perguntou à tia: — Desde quando sabes isso?

— Já te disse, desde há uma semana. Encontrei-me com uma amiga que me contou que a Águeda tinha dado à luz uma menina, que será batizada com o nome de Paloma. Contou-me que o parto foi difícil e que a mulher passou quase dois dias aos gritos até a menina nascer. O Santiago não saiu da sua cabeceira. Disse-me também que, a partir do momento em que a Águeda ficou grávida, o Santiago contratou outra criada para se encarregar dos afazeres domésticos e que, de fato, a Águeda se tornou a verdadeira senhora da casa. não anda de avental e, ainda que o Santiago não a leve aos seus encontros sociais, toda a gente sabe que vivem em comunhão.

— Não posso recriminá-la por nada. Não tenho qualquer direito de o fazer — murmurou a Amelia.

— Tens razão. Por mais difícil que seja para ti, não poderás fazê-lo. O Santiago é um homem... um homem jovem, não podia continuar celibatário — argumentou o Dom Armando.

— Não teria qualquer razão para o fazer, tio. Fui eu quem o abandonou e quem partiu com outro, deixando-o a braços com uma criança com poucos meses de vida. Oxalá conseguisse um dia perdoar-me a mim própria!

— Se quiseses, posso telefonar ao Dom Manuel e à Dona Blanca e pedir-lhes que te deixem ver o Javier... — propôs o Dom Armando.

— Não precisas de te rebaixar a esse ponto, tio. Sabes perfeitamente que não me permitirão aproximar-me do meu filho. Confiava em que a Águeda...

— Acompanhar-te-ei, iremos a casa dos teus sogros. Esperaremos até saírem com o menino e, pelo menos, poderás vê-lo de longe — ofereceu-se a Laura.

— Parece-me uma boa ideia, talvez o consiga ver de longe. Adiarei a minha partida por mais um dia e espero que... bem... espero que o Albert não se zangue devido a este atraso.

A Dona Elena ordenou-me que acompanhasse as duas primas. Não queria que a Amelia e a menina Laura fossem sozinhas, receando o que pudesse acontecer. Comparecemos de manhã bem cedo nas proximidades da casa dos pais do Santiago. Não tivemos de esperar muito, porque, um pouco antes das onze horas, vimos sair a Dona Blanca levando o Javier pela mão. O menino crescera a olhos vistos e parecia feliz ao lado da avó.

Ainda que a menina Laura estivesse agarrada ao braço da Amelia, não

conseguiu evitar que ela se soltasse e corresse até junto do filho.

— Javier! Javier! Filho, sou a mamãe! — exclamou ela.

A Dona Blanca estacou e ruborizou-se, julgo que de raiva.

— Mas como te atreves! — gritou para a Amelia. — Como te atreves a aparecer aqui! Vai-te embora! Vai-te embora!

Mas a Amelia tinha já pegado o Javier nos braços e abraçava-o com força, cobrindo-o de beijos.

— Meu filhinho! Que bonito estás! Como cresceste! Amo-te muito, Javier. A mamãe ama-te muito!

Assustado, o Javier começou a chorar. A Dona Blanca queria tirar-lhe o menino dos braços, mas a Amelia não o libertava. A menina Laura e eu não sabíamos o que fazer.

— Por favor, Dona Blanca, seja compreensiva! — suplicou a menina Laura. — Tente colocar-se no lugar dela: é a mãe do menino e tem o direito de o ver.

— Grande velhaca! Se amasse o filho, não o teria abandonado, deixando-o a ele e ao marido para partir com outro homem. Solta-o, sua desavergonhada! — gritou, ao mesmo tempo que puxava o Javier pelo braço.

— Dona Blanca, a senhora é mãe, deixe que a Amelia beije o filho! — insistiu a menina Laura.

— Se não libertar o menino, gritarei mais alto, chamarei um polícia e denunciá-la-ei. Não partiu ela com um comunista? Todos vocês eram comunistas e deviam estar na prisão. As vermelhas não passam todas de umas putas... Julgas que não se sabe como é que o teu pai foi libertado da penitenciária de Ocana? Mas a esta um ou cem, é-lhe indiferente — gritou, apontando para a Amelia.

A menina Laura tinha ficado tão vermelha como um tomate, e tomou uma atitude que era nela insólita. Agarrou o braço de Dona Blanca e, torcendo-o, afastou-a da Amelia e do Javier. Depois, empurrou-a contra a parede e, agarrando-a sempre, sem se compadecer com os seus gritos, pisou-lhe o pé.

— Cale-se, bruxa! Desavergonhada é você. Não torne a insultar a minha prima ou, se o fizer... juro-lhe que se arrependerá. O meu pai continua vivo graças à Amelia, porque vocês, os nacionalistas, não passam de um bando de pulhas... de escória... a senhora e os seus nem sequer à sola dos sapatos nos chegam. Já que fala em putas, deixe-me que lhe diga que os nacionalistas transformaram em putas muitas mulheres decentes; passeie pela Gran Via e veja quantas mães de família calcorreiam avenida abaixo e acima para conseguirem dar de comer aos filhos. É essa a prosperidade propalada pelo Franco. Mas, claro, à senhora nada falta, dado que os seus amigos venceram a guerra... e isto apesar de terem estado prestes a matar o seu filho» porque o Santiago não era fascista... graças a Deus que não o era.

A Dona Blanca conseguiu libertar-se da menina Laura com vigoroso empurrão. Entretanto, a Amelia tentava acalmar o Javier desfeito em lágrimas, assustado ao ver como aquelas duas mulheres, que lhe eram desconhecidas, tratavam a sua avó.

— Quer queira quer não, é meu filho, e não podem enganá-lo dizendo-lhe que a sua mãe é outra. Posso ser a pior mãe do mundo e não merecer o Javier, mas é meu filho e vocês não podem privar-me dele — disse a Amelia, enfrentando a sogra.

— Quando o Santiago tiver conhecimento disto... Todas as vermelhas são putas... umas putas! Deixem-nos em paz, basta já o mal que nos fizeram!

Amelia pousou o Javier no chão e deu-lhe um último beijo.

— Meu filho — disse —, amo-te muito e, digam o que disserem, não te esqueças nunca de que sou tua mãe.

Já nos braços da Dona Blanca, a criança pareceu acalmar-se. A mulher tornou a franquear a porta de entrada da sua casa, em passo acelerado.

Quanto a nós, regressamos a casa temendo o que pudesse acontecer de seguida. Conhecendo o Santiago como conhecíamos, era mais do que certo que não iria ficar de braços cruzados depois de a mãe lhe contar o que tinha acontecido.

O Dom Armando tentou acalmar a Amelia e a menina Laura, garantindo-lhes que não permitiria que o Santiago fizesse o que quer que fosse. Mas a Dona Elena não estava plenamente certa disso, pelo que passamos o resto da manhã e parte da tarde a aguardar que alguma coisa pudesse acontecer. E aconteceu. Claro que aconteceu. Eram nove e meia da noite e estávamos a jantar quando a campainha retiniu com insistência.

A Dona Elena mandou-me ir abrir, o que fiz a tremer, certa que estava de que seria o Santiago.

Abri a porta e lá estava ele. O rosto estava congestionado pela raiva e notava-se que fazia um grande esforço para manter o autocontrole. Vinha acompanhado pelo pai.

— Anuncie a nossa presença — pediu-me sem mais rodeios.

Entrei na sala de jantar e, quase a gaguejar, anunciei a presença do Dom Santiago. O Dom Armando disse-nos para não sairmos de onde estávamos e que seria ele a falar com o Santiago. Ficamos todos muito quietos, em silêncio, temendo o que pudesse acontecer.

— Boa noite, Santiago, Dom Manuel... Em que posso ser-vos útil?

— Exijo que a sua sobrinha se afaste da minha família de uma vez por todas. Não tem qualquer direito de assustar o meu filho. E quero que saiba que não tolerarei que a minha mãe seja tratada da forma como a sua filha Laura a tratou

hoje. — O Santiago mal conseguia conter a raiva.

— Se alguém tornar a pôr um dedo que seja em cima da minha esposa ou do meu neto, irá para a prisão. Garanto-lhe que farei o que for preciso para que isso aconteça — ameaçou o Dom Manuel.

— Não duvido de que o conseguiria, mas ninguém agrediu a Dona Blanca. Por aquilo que a Laura me contou, mais não fez do que afastá-la da Amelia para que ela pudesse pegar o filho nos braços. Ninguém lhe faltou ao respeito. Ela, sim, faltou-nos ao respeito a nós, não apenas à Amelia e à Laura, mas também insultou toda a nossa família.

— A minha esposa é uma senhora e age sempre como tal, algo que não se pode dizer da sua sobrinha — disse o Dom Manuel.

— Por favor, papá, isso não é necessário!... — interveio o Santiago, incomodado com o comentário do pai.

— Se vieram aqui para nos insultar, melhor será que partam. Não admitirei uma palavra que seja contra a Amelia. O que se passou ao passado pertence. Quanto a ti, Santiago, não tens o direito de a privares do seu filho e de confundir o Javier dizendo-lhe que a sua mãe é a Águeda. É uma crueldade e chegará o dia em que terás de lhe contar a verdade e, nessa altura, julgas que o Javier te perdoará? Pensas que te perdoará por teres recusado à sua mãe o direito de o ver?

— Não vim aqui para discutir com o senhor as minhas decisões, mas apenas para o informar de que não admitirei outro episódio como o desta manhã. O meu filho está a crescer, é feliz, tem uma família... e não fui eu quem o deixou sem mãe.

— Dom Armando — interrompeu o Dom Manuel —, fica avisado que tudo farei para o reduzir à penúria absoluta. Perderá o emprego e posso também fazer com que a sua sentença seja revista de modo a regressar à prisão. Ao fim e ao cabo, toda a gente sabe como conseguiu sair, maçãs podres há em todo o lado; e quem conseguiu que o senhor fosse libertado a troco dos favores da Amelia não passa de uma maçã podre sem qualquer importância.

— Como se atreve a insultá-la?! Sim, fui libertado graças a ela, graças à verba que teve de pagar a um corrupto que troca vidas por dinheiro. É esse o tipo de pessoas que vai abundando entre os nacionalistas. Mas não se atreva a proferir uma palavra que seja insultando a Amelia!

— Pai, era desnecessário dizeres isso! — recriminou-o o Santiago.

— Ah! Mas ainda não sabia? Não consigo acreditar que ainda não soubesse aquilo que toda a cidade de Madrid já sabe! Pergunte à sua sobrinha com que meios pagou, além de dinheiro, para que o senhor fosse libertado da penitenciária de Ocana — insistiu o Dom Manuel.

Nessa altura, a Amelia apareceu no umbral da porta da saleta, colocando-se entre o Dom Armando e o Santiago e o pai.

— Podem insultar-me tanto quanto desejarem. Não vos nego tal direito depois daquilo que fiz, mas és tu, Santiago, quem deverá deixar a minha família em paz. Não te fizeram qualquer mal. No que respeita ao Javier... por mais que não o queiras, é meu filho, e isso não poderás alterar. Não posso voltar atrás, mas garanto-te que, se isso fosse possível, não tornaria a fazer o que fiz. Estou arrependida e não me perdoarei a mim própria até ao fim dos meus dias, mas não posso alterar o passado.

— Amelia, por favor, vai para dentro, deixa-me ser eu a resolver este assunto. Não têm o direito de te insultar, não lhes irei tolerar tacanhas insinuações.

— Não, tio. Sou eu quem não poderá tolerar que te insultem e ameacem. Julgava-o outra pessoa, Dom Manuel, sempre o tive por um cavalheiro incapaz de tamanha baixeza como a que acabou de demonstrar ao dizer aquilo que disse. Não sou eu a indecente por ter salvado o meu tio do muro de fuzilamento. Os seus amigos nacionalistas não se contentaram em vencer a guerra, estão também se vingando daqueles que nela combateram pela facção republicana. Aliás, essa era precisamente a tua facção, Santiago, ainda que não fosse a do teu pai. O Franco será mais poderoso por fuzilar milhares de homens que combateram do outro lado? Não, não é. Será temido e odiado mas isso não o torna mais poderoso.

— Afasta-te do meu filho — disse o Santiago, fitando-a com raiva.

— Não, não irei afastar-me do Javier. Tentarei mil vezes, as que forem necessárias, para o conseguir ver, para estar alguns minutos com ele, para lhe recordar que sou sua mãe, para lhe dizer que, apesar daquilo que fiz, o amo do fundo do coração. E continuarei a rezar todos os dias para pedir perdão a Deus, pedindo-lhe também que um dia também o Javier me perdoe.

— Mantenho tudo aquilo que disse: não permitirei que ninguém desta família se aproxime da minha. Que isso fique claro. Caso contrário, haverá consequências — concluiu o Dom Manuel.

O Santiago virou costas e pegou no braço do pai, obrigando-o a partir sem sequer se despedir.

Reunimo-nos todos na saleta. O Dom Armando olhava fixamente para a Amelia com lágrimas nos olhos.

— O que fizeste tu para me libertares de Ocana? — perguntou, temendo a resposta.

— Nada que me desonre. Paguei o preço que me foi estipulado por aquele canalha do Agapito, que serviu de intermediário. E não é aquele que paga um

preço quem cai em erro, mas sim aquele que o exige.

— Amelia, por amor de Deus, quero saber o que fizeste! — insistiu o Dom Armando.

— Por favor, tio! Fiz aquilo que me era exigido por sentido do dever para contigo, a quem tanto amo. E não me arrependo, faria qualquer coisa para salvar uma vida. O preço a pagar por uma vida nunca é demasiado elevado, sobretudo se se tratar da vida de alguém que amamos.

O Dom Armando estava destroçado. A Dona Elena abraçou-o, tentando transmitir-lhe todo o amor de que nesse momento necessitava.

— A Amelia foi muito generosa connosco, não a envergonhe com essas perguntas — pediu ela ao marido. — Teremos sempre de lhe estar gratos pelo fato de continuares vivo.

— Mas não a qualquer preço.

— Não digas isso! Não sei o que ela fez, para além de ter pago àquele desavergonhado, mas asseguro-te que eu própria teria feito qualquer coisa que me tivesse sido exigida para te salvar.

Amelia pediu à família que se reunisse na sala.

— O que o Santiago insinuou... bem... é a verdade, ninguém sabia à exceção da Laura, ou pelo menos era o que eu pensava. Mas, pelos vistos, o tal Agapito tem vindo a contar que me entreguei a ele a troco da comutação da pena de morte do tio. Teria gostado que nem tu nem ninguém da família viesse alguma vez a saber disto, e juro-te, tio, que eu própria já coloquei uma pedra sobre esse assunto.

— Meu Deus, Amelia! Meu Deus! Como teria o teu pai sofrido se tomasse conhecimento de uma coisa destas! Eu... a minha vida não vale tamanho sacrifício... nunca poderei recompensar-te...

— Por favor, tio, não digas essas coisas! Nada me debes, nada; não existem dívidas entre pessoas que se amam. E reafirmo que não me arrependo por aquilo que fiz, não houve um único dia em que tenha sentido a consciência pesada. E, quanto a esse tal Agapito, se alguma coisa sinto por ele é um ódio profundo e o desejo de que contraia sífilis e morra. Mas não me sinto conspurcada, não te preocupes comigo. Sei que terias dado a tua vida para salvar a minha, e eu mais não fiz do que conceder alguns minutos da minha a um indivíduo cruel.

Naquela noite, ninguém naquela casa conseguiu dormir. Ouvi a Amelia a conversar com a Laura e a Antonietta até de madrugada; a Dona Elena levantou-se para fazer uma infusão de tília para o Dom Armando, enquanto o Jesús e o Pablo não paravam de murmurar em voz baixa. Todos estávamos com as emoções à flor da pele.

Amelia partiu no dia seguinte, e só regressaria passado um tempo

considerável.»

Eduarne silenciou-se e fechou os olhos. Notava-se que estava a sofrer. Desagradava-me que Dona Laura a obrigasse a recordar, não sei porque o fiz, mas peguei-lhe na mão e debrucei-me sobre ela.

— Muito obrigado, nem calcula como lhe estou agradecido pela sua ajuda. Sem a senhora, não conseguiria reconstituir a vida da minha bisavó.

— E para quê reconstituí-la? Se o senhor não tivesse aparecido nesta casa, tudo permaneceria igual e morreríamos tranquilas e sem termos de olhar para o passado.

— Lamento, Eduarne, lamento sinceramente.

— Terei de falar consigo novamente?

— Prometo-lhe que tentarei não incomodá-la mais.

Quis despedir-me das duas idosas, mas a governanta informou-me que as senhoras haviam saído. Não acreditei nela, mas aceitei a justificação. Para além de estarem a pagar-me, sem a ajuda delas não teria conseguido avançar nem um passo sequer na reconstituição da vida de Amelia. Tinham certamente o direito de não quererem estar comigo.

Saí daquela casa com uma sensação estranha, como se estivesse desgostoso. Não sabia muito bem porquê, mas a narrativa da Eduarne afetara-me. Não gostava do tal Dom Manuel; irritava-me ter de reconhecer que, ainda que afastado, possuía um qualquer laço de parentesco com ele, dado que fora avô do meu avô, o que fazia com que, apesar de tudo, fôssemos família.

Regressei ao meu apartamento com a intenção de escrever acerca daquilo que tinha investigado nas últimas semanas. Era tanta a informação acumulada, que decidi transcrever as gravações e ordenar as minhas notas, para melhor me orientar.

Trabalhei durante o resto do dia e boa parte da noite. Pretendia partir quanto antes para Roma, com vistas a falar com Francesca Veneziani.

Antes de partir, telefonei a Pepe para saber como estavam as coisas no jornal digital. Fora despedido, mas talvez se compadecessem e me readmitissem.

— Não, Guillermo, nada feito! O diretor não quer saber nada de ti. Diz que não cumpres as regras, o que não deixa de ser verdade. Estou farto de te defender, portanto faz-te à vida, rapaz.

Não desejava preocupar-me, mas a minha mãe tinha razão; Quando terminasse a investigação sobre a vida de Amelia, e depois de haver redigido a história, seria muito difícil voltar a encontrar trabalho. Disse para mim mesmo que não havia forma de voltar atrás e tornei minha a frase de Júlio César nos seus Comentários sobre a Guerra das Gálias: "Quando chegarmos a esse rio, então falaremos dessa ponte.» Assim, mais adiante me preocuparia comigo

próprio e com o meu futuro.

10

Fiquei hospedado no Hotel d'Inghilterra, precisamente ao lado da Piazza di Spagna e muito próximo da casa de Francesca.

Estava certo de que me convidaria para jantar, o que de fato aconteceu, pelo que comprei uma garrafa de chianti e compareci pontualmente em casa dela.

— Ciao, caro, come vai! — disse-me em jeito de cumprimento.

— Diria que, até ao momento, bastante bem — respondi com um sorriso.

Censurei-a por não me ter contado que Carla Alessandrini se havia envolvido em questões políticas.

— Já te adverti que a Carla foi uma mulher muito particular — respondeu-me a modos de justificação.

— "Muito particular» parece-me dizer pouco. Ajudou uma rapariga judia a fugir de Berlim, atravessando meia Europa com ela, e, ao que parece, estabeleceu contatos com a Resistência, de maneira que a grande diva não se limitava a cantarolar.

— Sim, sim, tudo isso é verdade. A Carla foi uma mulher extraordinária.

— Pois, mas não me mencionaste o seu envolvimento em atividades políticas.

— Porque não me perguntaste.

— Muito bem, irei então ser claro: pretendo saber tudo, absolutamente tudo, sobre a Carla Alessandrini, sendo-me indiferente que se trate de política ou de jardinagem. E quando digo tudo, é mesmo tudo.

— Não sei se poderei falar de tantas facetas em simultâneo.

— Ah, não? E porquê? — perguntei, irritado.

— Porque o professor Soler me disse que terias de avançar passo a passo na tua investigação, que terias de encontrar um fio condutor e segui-lo, descobrindo tudo pela ordem devida. Desconheço qual possa ser a ordem que estás a dar à tua investigação, mas não hesites em falar comigo sempre que pretendas saber

alguma coisa sobre a Carla.

— Muito engraçado! Estou a ficar farto de ser manietado como uma marioneta.

Francesca limitou-se a encolher os ombros, deixando claro que o assunto não lhe dizia respeito.

— O que pretendes saber?

— Quero saber o que fazia a grande Carla em setembro de 1940, quando a minha bisavó viajou para Roma para visitá-la, e pretendo também que me digas se contaste a alguém o que sabes acerca dessa época, dado que nada mencionas no livro que escreveste sobre a vida dela.

— E por que motivo deveria ter-me referido a circunstâncias que nada têm a ver com a sua arte?

— És biógrafa dela.

— Sou algo mais do que isso: sou guardiã da sua memória. Bem, confesso-te um segredo: estou a escrever um novo livro sobre a Carla, o que demorará o seu tempo, pois pouco sei sobre o que ela fez durante a Segunda Guerra Mundial. Podemos começar?

"A Amelia chegou a Milão a 5 de setembro de 1940. O Vittorio Leonardi, o marido da Carla, foi buscá-la à estação.

— Que bom estares aqui! A Carla está desejosa de te ver, tens de contar-nos o que aconteceu à Rakel...

A saída da estação, eram aguardados por um motorista que lhes abriu as portas de um Fiat último modelo.

A Carla estava muito feliz por ter a Amelia junto de si. Desde que tinha recebido o telegrama anunciando a sua visita que se havia dedicado a redecorar um dos quartos da sua mansão, não descurando os gostos da Amelia.

Enquanto a criada desfazia as malas, as duas mulheres não paravam de conversar.

Amelia explicou-lhe que a sua relação com o Albert não estava a atravessar um bom momento e a Carla aconselhou-a, caso não o amasse, a deixá-lo.

— É um bom homem e não merece sofrer; nem sequer por ti, cara. É parecido com o Vittorio, mas o meu marido é feliz assim, enquanto o Albert anseia por todo o amor que tiveres para dar; e, se não o podes fazer, dá-lhe pelo menos a oportunidade de encontrar tal amor com outra pessoa.

— Tens razão, mas, ainda que não acredites nisso, amo-o; é verdade que à minha maneira, mas amo-o.

— Já to disse em Berlim: a questão não é o amor que possas ter por ele, mas o fato de precisares dele, pois é um refúgio seguro. Mas não precisas procurar refúgio em nenhum homem, tens a mim e ao Vittorio, sabes bem que te amamos

como se fosses nossa filha. Diz-me então: o que te fez decidir a vir?

A Carla era demasiado inteligente para acreditar que a Amelia estava ali unicamente para a visitar. A diva era uma mulher apaixonada e franca, não suportando as meias-verdades. A Amelia foi sincera com ela.

— Depois de termos ajudado a Rakel a escapar de Berlim, o tio do Albert, que trabalha no Almirantado, propôs-me que fizesse alguns trabalhos para ele. Aceitei. Regressei a Berlim e, através do Max, vim a descobrir que existem grupos de oposição disseminados por toda a Alemanha. Alguns são grupos cristãos, outros são socialistas ou anarquistas, mas não estão organizados entre si e todos atuam independentemente, o que lhes retira força. Todavia, o fato de existirem opositores ao Hitler, ainda que poucos, é um alívio, sendo também uma informação fundamental para os britânicos.

— O Churchill é um homem extraordinário. Falei com ele em determinada ocasião: criticava a política de apaziguamento. Não tenho qualquer dúvida de que conseguirá derrotar o Hitler. Se for ele a determinar a política de guerra, vencerá.

— Nesta guerra, está em jogo o futuro de toda a Europa. Espero que, sendo o Hitler derrotado, as potências europeias venham a libertar-nos do Franco.

— Coitadinha, tão ingênua me saíste! Sê razoável, Amelia. O Franco não os incomoda, preferem-no a um governo da Frente popular. Não querem os russos dentro do seu quintal, nunca permitiriam que a Espanha se tornasse uma base da União Soviética.

— Também eu não desejaria isso, mas antes uma democracia como a inglesa.

— Oxalá! Compreendo que viver sob o regime do Franco deve ser como, para nós, viver sob o do Duce.

— Os ingleses dizem que possuis contatos na Resistência...

— Dizem isso? E se fosse verdade?

— Consideram-te antifascista e dizem que poderás auxiliar todos aqueles que lutam contra o fascismo na Itália e contra o Hitler na Europa.

— Não é tão simples assim. Amo o meu país, não o trocava por nenhum outro lugar do mundo; aqui tenho a minha casa e, quando viajo, estou sempre a pensar no regresso. Nunca trairia a Itália, mas o Duce... Não o suporto! É um presumido que sabe como inebriar as massas. Sinto vergonha por ele nos representar, e vergonhosa foi também a forma como nos envolveu nesta guerra. Portanto, certamente ajudarei o meu país a ver-se livre dele e... sei que aquilo que vou dizer não te agradará, mas sinto alguma simpatia pelos comunistas, ainda que isso signifique atirar pedras contra o meu próprio telhado. Se fossem eles a governar, o que seria de mim?! Mas agora não é isso o mais importante, mas antes liquidar o Duce e retirar a Itália desta guerra.

— Posso saber como conseguiste entrar em contato com a Resistência?

— As pessoas conhecem-me, confiam em mim. Foi a Resistência que entrou em contato comigo para me pedir alguns favores. Até ao momento, nada de muito importante. Enfim... posso dizer-te que o meu velho professor de canto é comunista. Devo-lhe muito: na Verdade, tudo aquilo que sou. Apresento-o quando a oportunidade se verificar. Chama-se Mateo, Mateo Marchetti, e é uma lenda entre os cantores líricos. Há pouco tempo, pediu-me que escondesse um partigiano importante, que agia como contato com o exterior e que estava a ser perseguido pela polícia. Escondi-o em minha casa e consegui ajudá-lo a escapar para a Suíça. Fiz por ele algo parecido com aquilo que tu fizeste pela Rakel. E a ti, o que foi que te pediu o tio do Albert?

— Deseja saber o que pensa o Duce, até que ponto pretenderá envolver-se nesta guerra. Foi ele quem me pediu que viesse. Sabe que tu te movimentas nas altas esferas sociais e pretende que eu ouça tudo o que for possível. Talvez venha a tomar conhecimento de alguma informação relevante.

— Quer então dizer que te tornaste uma pequena espia — comentou a Carla rindo-se.

— Não coloques a questão desse modo! Não, não me sinto uma espia. Até ao momento, a única coisa que fiz foi ouvir e observar aquilo que sucede à minha volta. Desconheço até se aquilo que faço tem importância.

— Bem... organizarei um jantar e convidarei algumas dessas aves de rapina que tanto desprezo. Espero que alguma delas te diga algo que valha a pena, porque posso garantir-te que sinto repulsa só de pensar na possibilidade de receber tal gente em minha casa.

A Carla organizou uma festa à qual compareceram muitos dos seus amigos e vários dos seus inimigos. Ninguém era capaz de resistir a um convite da Carla Alessandrini, sobretudo quando, como nessa ocasião, se tratava de uma festa na sua própria casa.

Em Milão, a diva vivia num palato de três andares luxuosamente decorado. Naquela noite, a casa estava iluminada apenas com velas e a Carla tinha determinado que fosse servido champanhe como única bebida.

O Vittorio Leonardi não conseguia compreender a razão de tamanho dispêndio por parte da esposa, mas não protestou quando ela, imperiosa, lhe disse que não podia dar uma festa se esta não primasse pelo maior dos requintes.

Exibindo um vestido vermelho de seda e renda, a diva recebeu os convidados, ao lado do Vittorio e da Amelia, à porta do seu Entre os mais de duzentos convidados, a Carla chamou a atenção da Amelia para um casal que recebeu sem qualquer entusiasmo.

— São amigos do Galeazzo Ciano, o genro do Duce. Se gostarem de ti, abrir-

te-ão as portas dos círculos mais íntimos do Mussolini.

Amelia desdobrou-se em encantos para que o Guido Gallotti e a sua esposa Cecilia reparassem nela.

O Guido era diplomata e um dos conselheiros do Ciano, o ministro dos Negócios Estrangeiros. Já tinha passado a fasquia dos quarenta anos, enquanto a sua esposa era bem mais jovem, devendo ter a idade de Amelia.

A Cecilia era filha de um rico comerciante de têxteis, com bons contatos e fervoroso apoiante do Duce, a cuja sombra conseguia fazer bons negócios, como ter casado a filha com aquele diplomata tão próximo da família do próprio Mussolini; um casamento que se revelou conveniente para ambos os cônjuges. O Guido Gallotti conferia à Cecilia e à sua família uma elevação de estatuto social, enquanto ela era o garante de uma fortuna invejável que lhes permitia satisfazer quaisquer caprichos.

— Conheço Espanha, estive lá antes da guerra civil. Têm a sorte de poderem contar com o Franco. É um grande estadista, tal como o nosso Duce — disse-lhe o Guido Gallotti.

Amelia sentiu um arrepio. Não suportava ouvir alguém demonstrar admiração pelo Franco; contudo, a Carla beliscou-a no braço, o que a levou a esboçar um sorriso.

— Estou desejosa que o Guido me leve a Espanha, o que já me prometeu. O meu marido apaixonou-se pelo seu país — acrescentou a Cecilia.

— Fico feliz por gostar tanto de Espanha e, obviamente, devia levar a sua esposa. Estou certa de que também ela ficará encantada — replicou a Amelia.

A Carla afastou-se para conviver com outros convidados, enquanto a Amelia continuou a dedicar-se a entreter o casal, contando-lhes como estava Madrid depois da guerra e procurando abster-se de qualquer comentário político. O Vittorio aproximou-se deles.

— Temos muita estima por esta jovem — disse ele, piscando um olho.

A Cecilia parecia impressionada com a amizade entre a Amélia e a Alessandrini. Não eram muitas as pessoas que podiam gabar-se de integrar o círculo íntimo da diva. A Carla possuía uma legião de admiradores disseminados pelo mundo, mas era muito exigente no respeitante à seleção dos seus amigos. Além do mais, a sua opinião acerca do regime do Mussolini não era segredo para ninguém, não se contendo nas críticas ao Duce. Tudo isto tinha deixado o casal Gallotti surpreendido, tanto pelo convite da Carla, como também por naquela noite a diva ter convidado algumas pessoas absolutamente comprometidas com o fascismo.

— Tem de visitar-nos em Roma. Será bem-vinda em nossa casa. Pensa permanecer muito tempo em Milão? — perguntou a Cecilia.

— Ainda não sei, mas certamente não partirei antes da estreia de Tristão e Isolda. Por nada deste mundo perderia a oportunidade de ouvir, no Scala, a voz da Carla no papel de Isolda.

— Ótimo! Sou precisamente de Milão, o meu pai possui uma fábrica próximo da cidade. Por isso, vimos visitar os meus pais frequentemente. Além do mais, estávamos a planear assistir a essa ópera, também nós não queremos perder a atuação da grande Carla. Não é assim, querido?

O Guido disfarçou com um sorriso a surpresa face à afirmação da esposa. Ela não gostava de ópera e, na verdade, nada percebia acerca da arte do bel canto, embora ansiasse privar com pessoas como a Carla.

— Será um prazer tornar a vê-la e, obviamente, esperamos poder vir a recebê-la em Roma.

Mais tarde, a Amelia contaria à Carla e ao Vittorio que tinha conseguido que o casal Gallotti a convidasse para os visitar na capital.

— E aceitaste?

— Na verdade, não me comprometi com nada.

— Nem o deverás fazer para já. Deixa-os insistir. Eles sabem que não morro de amores pelo Duce e, ainda que a Cecilia seja um pouco ingênua, o Guido é tão esperto como uma raposa.

— Tens assim uma opinião tão negativa acerca da Cecilia — É uma nova-rica. Bem... na verdade, ambos o são, ainda que se complementem: o Guido proporciona-lhe elevação social, enquanto ela lhe fornece dinheiro. Foram feitos um para o outro.

— Achas que não estão apaixonados?

— Sim, claro que sim. O Guido ama apaixonadamente o dinheiro da Cecilia, que o deixa despendê-lo a rodos com o grupo de amigos do círculo do Galeazzo Ciano, enquanto ela ama o estatuto social do Guido. Relativamente à Cecilia, nada terás a temer, mas o mesmo não se pode dizer dele. Não te esqueças disso.

— Além disso, é um mulherengo inveterado — interveio Vittorio —, não me agradou nada a forma como olhava para ti. Nem a Carla nem eu pretendemos que te transformes num troféu de caça para aquele casal.

— Num troféu de caça? Estás a exagerar, Vittorio, eu não sou ninguém — comentou a Amelia rindo-se.

— És amiga da Carla, o que poderia levar a Cecilia a gabar-se de ter como amiga uma pessoa muito próxima da grande diva. Quanto a ele, estou certo de que não se importaria de te acrescentar à lista de mulheres charmosas que já cortejou.

— Prometo-vos que terei muito cuidado.

A estreia de Tristão e Isolda estava prevista para meados de outubro. A Carla

tinha ensaios todos os dias, para além de passar duas ou três horas a cantar em sua casa, sob a direção do seu maestro, Mateo Marchetti.

Quanto à Amelia, aconselhada pela Carla e pelo Vittorio, aceitou vários convites de alguns dos amigos do casal. Interessou-se particularmente pelo velho Marchetti, uma vez que parecia ser algo mais do que um mero militante comunista.

De início, o homem mostrou-se distante e desconfiado, mas a Carla reafirmava-lhe que a Amelia era uma pessoa de confiança e, Pouco a pouco, ele foi baixando as defesas.

Por vezes, ficava para jantar depois de terminar as lições com a diva. Falavam sobretudo de política, sendo raras as ocasiões em que o Marchetti não pedia à Carla algum favor para um dos seus camaradas.

Amelia costumava manter-se em silêncio, dado que os seus conhecimentos de italiano eram rudimentares, sentindo-se insegura sempre que se revelava necessário manter um certo nível de conversa; no entanto, a Carla e o Vittorio insistiam em que ela participasse nas conversas sem qualquer inibição.

Certa noite, enquanto jantavam, a Carla surpreendeu o seu velho maestro a conversar com a Amelia acerca da altura que esta tinha vivido em Moscou.

O professor mostrou-se muito interessado em conhecer a opinião da jovem acerca das conquistas da revolução, dificilmente se contendo quando ouviu a Amelia descrever a vida na Rússia de Stalin.

— A senhora não compreendeu nada — disse-lhe o Marchetti —, é muito jovem e decerto não se apercebeu do verdadeiro significado da revolução. O mundo não tornará a ser igual. Diz-me que existem problemas? Claro que existem problemas! Diz-me que as coisas não funcionam como o Stalin pretenderia? Não me espanta, dado existirem ainda na Rússia muitos contrarrevolucionários que não estão dispostos a abdicar dos seus privilégios. A senhora acusa o Stalin de perseguir todos aqueles que não apoiam a revolução. Obviamente! Que mais poderia fazer? A União Soviética transformou-se no farol para o qual todos os nossos olhares se dirigem, cientes de que está a iluminar um mundo novo, um homem novo. Os contrarrevolucionários devem ser liquidados, pois representam um perigo para o mundo que pretendemos criar.

Amelia refutava esta propaganda através de pequenas histórias quotidianas relativas à sua estadia em Moscou. Não obstante, o professor Marchetti mostrava-se inflexível nas suas opiniões, acusando-a de carecer da paixão de uma verdadeira revolucionária.

— Não deveria a revolução conduzir à democracia? — perguntou-lhe a Amelia.

— Mas que relação poderia existir entre a revolução e a democracia

burguesa? Claro que não! Stalin sabe o que está a fazer, tem de dirigir um território com uma dimensão quase de um continente e tem de convencer milhões de pessoas de que, acima de tudo, são comunistas, independentemente do local onde possam ter nascido, que todos os homens são iguais; de que não existem outros princípios que não os definidos pelo partido.

— Deixe-me dizer-lhe que conheci muitos comunistas, e o que mais me espanta é terem transformado o comunismo num dogma e o partido numa Igreja — argumentou a Amelia.

Apesar daquelas discussões constantes, acabaram por simpatizar mutuamente e, instigado pela Carla, o Marchetti começou a falar abertamente na presença da Amelia, pelo que esta começou a tomar conhecimento do modo como o Partido Comunista se organizava na clandestinidade, que tipo de relação mantinha com os socialistas e com outros grupos que se opunham ao Duce e, sobretudo, como por vezes se verificava, a forma como se enviavam instruções a partir de Moscovo, a serem depois interceptadas na Suíça.

O advento do Pacto Tripartido, assinado a 27 de setembro entre a Alemanha, o Japão e a Itália, representou um passo mais na direção da guerra total.

Os ensaios haviam decorrido sem contratempos, até que, a 2 de outubro, a Carla despertou febril, levando a que as lições com o professor Marchetti fossem suspensas.

A Carla estava irritada consigo própria por se ver vitimada por aquilo que parecia não passar de uma vulgar gripe, ainda que conjugada com afonia. O médico obrigou-a a repousar, com vista a acelerar a sua recuperação. Contudo, como paciente rebelde que era, e não obstante a preocupação do Vittorio para que se agasalhasse, a diva andava em casa de um lado para o outro vestindo leves camisas de seda. A 8 de outubro, estava sem voz. Uma grave afonia afetara-lhe a garganta, o que punha mesmo em causa a estreia de Tristão e Isolda, prevista para dia 20.

O Marchetti aconselhou o Vittorio a mandarem chamar um velho otorrino já aposentado, o doutor Bianchi. O único problema era que ele residia em Roma.

O Vittorio entrou em contato com ele e insistiu para que viajasse para Milão para observar a Carla, mas a esposa do médico mostrou-se inflexível: — O meu marido está aposentado; sofre de artrose e não permitirei que ande a viajar por qualquer motivo. O máximo que poderá fazer será receber a senhora Alessandrini aqui, em nossa casa.

Foi tamanha a insistência do Marchetti acerca dos méritos do doutor Bianchi que, por fim, acabaria por convencer a Carla a viajar até Roma.

A diva mal conseguia falar e continuava febril, mas acabou por aceitar, temendo que, caso assim não fosse, a estreia de Tristão e Isolda tivesse de ser

adiada.

Na manhã de 10 de outubro, partiram de automóvel rumo a Roma. A Amelia fazia companhia à Carla no banco de trás, enquanto o Vittorio conduzia e o professor Marchetti ia ao seu lado.

A viagem revelou-se esgotante para a doente e, quando chegaram a Roma, a febre tinha aumentado.

Amelia ficou surpreendida com o maravilhoso andar, no último piso de um edifício, que a Carla possuía, próximo da Piazza di Spagna. O apartamento era amplo e oferecia uma das melhores vistas sobre a cidade.

Duas criadas zelavam para que a casa se mantivesse limpa e arrumada durante o ano inteiro e, quando eles chegaram, tudo estava preparado para os acolher.

Amelia e o Marchetti ficaram em dois quartos para hóspedes. O professor não perdeu sequer tempo a desfazer a mala e telefonou de imediato ao doutor Bianchi pressionando-o para que se apressasse a vir observar a doente.

— Mas são nove horas da noite! — protestou a esposa do Bianchi do outro lado da linha.

— E podiam perfeitamente ser quatro da manhã! A Carla Alessandrini viajou para ser observada pelo seu marido e a viagem agravou o seu estado. Está com febre muito elevada; portanto, se alguma coisa lhe acontecer, a responsabilidade será sua.

Uma hora depois, o doutor Bianchi observava já a doente.

— Está com uma grave infecção nas cordas vocais. Precisa de tomar medicamentos e de repouso absoluto; nem sequer deveria ter viajado.

— Mas poderá cantar no dia vinte? — perguntou o Marchetti, receando a resposta.

— Não me parece, o seu estado é muito grave.

— Viajamos até aqui para que a cure! — protestou o professor de canto.

— E é isso que pretendo, mas não posso fazer milagres — respondeu o doutor Bianchi.

— Claro que pode! Recordo-me que, em 1920, em apenas três dias, conseguiu curar Fabia Girolami de uma terrível afonia.

— A senhora Alessandrini não tem uma mera gripe afônica, mas sim uma grave infecção que abrange a garganta, a laringe e as cordas vocais, o que leva o seu tempo a curar. Prescreverei os medicamentos que deverá tomar, mas o que mais me preocupa é a febre; se não tiver baixado dentro de algumas horas, aconselho que seja internada num hospital. Foi um risco trazê-la desde Milão.

— Mas isso aconteceu por sua culpa! — gritou o Marchetti. — Se o senhor se tivesse deslocado a Milão, ela não teria piorado.

Ainda que tenha aceitado permanecer algumas horas junto à paciente, o doutor Bianchi revelou-se inflexível: se a febre não baixasse, teria de ser hospitalizada.

A meia-noite, a Carla pareceu entrar em delírio. A febre tinha aumentado e o Vittorio não hesitou em levá-la para o hospital, onde chegaram acompanhados pelo doutor Bianchi. Este expôs o seu diagnóstico clínico aos seus colegas do hospital e, sabendo que estava entregue em boas mãos, despediu-se prometendo visitá-la no dia seguinte.

Nem o Vittorio nem a Amelia nem o Marchetti arredaram pé do quarto da Carla, que parecia debater-se entre a vida e a morte. Já a manhã do dia seguinte ia bem avançada quando os médicos conseguiram baixar-lhe a febre.

O doutor Bianchi cumpriu o compromisso de visitar a Carla todos os dias.

Para o Vittorio, era evidente que a Carla demoraria algum tempo a estar de novo em condições de cantar, pelo que cancelou os compromissos assumidos para os dois meses seguintes.

— Veremos o que acontece — disse, entristecido.

O professor Marchetti não quis regressar a Milão. Sentia-se responsável pela Carla, pois não deixava de ser o seu "pai" musical e pediu ao Vittorio que lhe permitisse permanecer em Roma. Claro está que a Amelia não hesitou por um segundo sequer em decidir que o seu lugar era junto da amiga e que não arredaria pé do hospital.

A notícia acerca do estado de saúde da Carla foi publicada em todos os jornais. A diva não poderia inaugurar a temporada de ópera do La Scala, para além de ter cancelado vários outros espetáculos, o que levou toda a imprensa a seguir muito atentamente a sua doença. Diariamente, o Vittorio informava os jornalistas acerca da evolução do estado da Carla, ao mesmo tempo que centenas de arranjos florais enviados por amigos e admiradores se iam amontoando por todo o hospital.

A 18 de outubro, a Cecilia Gallotti apresentou-se no hospital insistindo em ver a Amelia. Naquela altura, a Carla permanecia hospitalizada, ainda que estivesse já fora de perigo. Quando uma assustada enfermeira entrou no seu quarto para informar que a senhora Gallotti ameaçava que não sairia do hospital até se encontrar com a menina Garayoa, a Carla ficou inicialmente irritada, embora tenha acabado por reconsiderar.

— Rapariga, vê lá se vais ter com ela, ou essa mulher será capaz de se instalar no corredor de armas e bagagens — disse ela com uma voz muito sumida.

— Por amor de Deus, não fales! — suplicou-lhe a Amelia. — Disseram-te já para não tentares falar. Mal tens voz! Além do mais, não pretendo encontrar-me

nem com a Cecilia nem com ninguém. Agora, a minha única preocupação é que fiques boa.

A Carla insistiu. Sofria sempre que pronunciava uma palavra que fosse, mas conseguiu convencer a Amelia.

— Se me obrigares a insistir, ficarei pior.

Amelia, mal-humorada, desceu até ao átrio do hospital, onde era aguardada pela Cecilia.

— Querida Amelia! Fico contente por tornar a vê-la! Calculo que a Carla tenha recebido as flores que lhe enviamos. O Guido e eu estamos muito pesarosos com o que lhe aconteceu. Estávamos tão entusiasmados com a perspectiva de a vermos interpretar o papel de Isolda! Mas irá recuperar, estou certa de que irá recuperar. E você, querida, conseguiu já visitar alguma coisa em Roma? Vim aqui para convidá-la a jantar em minha casa. Iremos receber alguns amigos, pessoas de muita confiança, e gostaríamos que se juntasse a nós...

Falava ininterruptamente, parecendo entusiasmada por poder contar com a Amelia entre os seus convidados.

— Ficaríamos encantados se também a Carla e o seu marido pudessem estar presentes, mas, dado o estado em que a coitada se encontra, nem sequer coloco tal hipótese. Ainda vai demorar a curar-se? Espero que não e que recupere rapidamente. Então, aceita o convite? Por favor, Amelia, diga-me que aceita!

O Vittorio surgiu naquela altura. Tinha acabado de falar com os médicos e aproximou-se para cumprimentar as duas mulheres.

— Com quem está a Carla? — perguntou, preocupado.

— O professor Marchetti ficou no quarto — respondeu a Amelia. — Mas subirei de imediato para ir ter com ela.

— Querido Vittorio — interrompeu a Cecilia —, vim para saber como estava a sua esposa, bem sabe quanto a estimamos. Lamentamos imenso que não possa ser ela a inaugurar a temporada... Mas a Amelia disse-me que está muito melhor, o que é uma grande notícia. Vim também para convidar a Amelia para um jantar em nossa casa amanhã. Um jantar seleta, com amigos íntimos. Acha que poderão prescindir da Amelia durante algumas horas? Enviarei um automóvel a buscá-la. Parece-lhe bem?

Amelia tentou protestar, mas sem êxito, e o Vittorio, cansado da verborreia da Cecilia e desejoso por vê-la partir quanto antes, tentou livrar-se dela assentindo a tudo quanto dizia.

— Bem, bem... que a Amelia vá então a sua casa... isso permitir-lhe-á distrair-se um pouco... não vejo qualquer inconveniente nisso.

A Carla partilhou da mesma opinião quando lhe contaram o motivo da visita da Cecilia.

— Tens de ir — disse-lhe com um tom de voz que não passava de um sussurro —, não te esqueças do motivo que te trouxe aqui.

— Para mim, o mais importante é ficar ao teu lado — respondeu a Amelia com sinceridade.

— Bem sei. bem sei. mas deves ir.

À hora previamente marcada, o automóvel dos Gallotti passou pelo hospital para recolher a Amelia e levá-la até à mansão que o casal possuía na Via Appia Andqua, uma luxuosa residência protegida por um muro dos olhares indiscretos.

Os Gallotti haviam reunido quinze pessoas à mesa. A Amelia reparou que era o mordomo quem parecia ocupar-se de todos os pormenores e que a Cecilia agia despreocupadamente, deixando-o decidir.

A medida que os restantes convidados lhe foram sendo apresentados, foi-se apercebendo de que estava ali reunida a mais fina flor da diplomacia do Duce.

A Cecilia apresentava-a como se de um troféu se tratasse.

— Permita-me apresentar-lhe a menina Garayoa, amiga íntima da Carla Alessandrini. Está hospedada em casa dela, não é assim, querida? Felizmente, a Amelia traz-nos boas notícias relativamente ao estado de saúde da Carla.

Ela cerrava os dentes, perturbada pelo modo como a Cecilia recorria abusivamente ao nome da Carla, e foi a custo que conteve o desejo de partir e desfeitear a anfitriã.

A princípio, a conversa versou sobre questões triviais, e foi só quando o jantar ia já bem avançado que o Guido, questionado por um dos seus amigos, fez uma revelação que deixou a Amelia de sobreaviso.

— O Duce disse ao genro, o nosso querido Galeazzo, que esta a pensar dar uma boa lição à Grécia. Contudo, cavalheiros, peço-vos descrição. O nosso Duce pretende surpreender o Hitler.

— Mas isso enfurecerá o Führer! — argumentou um homem de cabelo branco e de idade já bastante avançada.

— Sem dúvida, conde Filiberto, sem dúvida, mas o Duce sabe o que faz. Pretende deixar claro ao Führer que, ainda que sejamos seus aliados, possuímos também os nossos próprios interesses.

— E qual é a opinião do Galeazzo? — perguntou a mulher sentada ao lado do conde Filiberto.

— Qual julga que poderia ser?! Obviamente, apoia a decisão do Duce. O Galeazzo está convencido de que a Grécia não contará com grandes apoios. Como é óbvio, não poderá contar nem com a Turquia nem com a Iugoslávia; no que respeita aos búlgaros, o seu rei apoia o Eixo — respondeu o Guido Gallotti.

— E quanto aos ingleses? Julga que os ingleses irão ficar de braços cruzados? — perguntou outro dos comensais, um diplomata de meia-idade que

respondia ao nome de Enrico.

— Quando se aperceberem, será já demasiado tarde; além disso, já lhes basta terem de defender Londres dos ataques da Luftwaffe — replicou o Guido.

— Mas não deixam de continuar a ser uma potência naval... — murmurou o conde Filiberto.

— Mas a Grécia está muito afastada das suas costas. Não, nada devem temer, meus caros amigos, o Duce sabe o que faz — disse o Guido, eufórico e taxativo.

Amelia não se atrevia a abrir a boca. Ainda que percebesse mais a língua italiana do que aquilo que os seus anfitriões e os restantes convidados julgavam, tentava fazer com que todos pensassem que mal os compreendia, já que isso os levava a falar mais à vontade.

— E qual é a opinião das hierarquias do exército acerca dessa aventura? — perguntou outra das convidadas, uma mulher madura, com os braços repletos de pulseiras e as mãos carregadas de anéis.

— Romana, continuas sempre perspicaz! — comentou o Enrico.

— Não duvido da clarividência do Duce — respondeu a Romana com um toque de ironia na voz —, mas deverá ser o exército a determinar se estamos ou não em condições de enfrentar os gregos. As batalhas devem ser travadas para ser vencidas; caso contrário, será melhor ficarmos em casa.

— Bom, bom! Vou fazer-vos um ponto da situação, mas insisto que deverão manter a confidencialidade sobre este assunto. Possuímos agentes na Grécia que compraram cumplicidades; sim, queridos amigos, verbas que chegaram às mãos mais adequadas, e isso ajudará a produzir uma reação em favor da Itália — acrescentou o Guido com um trejeito de cumplicidade.

— O dinheiro poderá comprar algumas vontades, mas não todas. Conheço bem os gregos; vocês sabem perfeitamente que, durante alguns anos, passamos as férias de verão na Grécia, pelo que duvido muito que nos recebam com aplausos e apupos de vitória. Fá-lo-ão aqueles que foram subornados, mas não os restantes. Os gregos são muito patrióticos — contra-argumentou a mulher.

— Já que falamos de confidências, também eu tenho algo para vos contar. — Quem assim falou foi um homem chamado Lorenzo, que, até àquele momento, havia permanecido prudentemente calado.

— Ah! E que sabes tu, que nem a mim me contaste? — perguntou uma mulher de ar imponente, movendo a sua cabeleira negra e cravando os olhos escuros no homem que acabava de falar, que era o seu marido.

— Não sabia que... enfim, pensava que a decisão do Duce era mantida no mais alto segredo — disse o tal Lorenzo à esposa.

— De qualquer modo, conta-nos... — desafiou-o a esposa.

— Tanto quanto sei, alguns oficiais do estado-maior do exército demonstram

uma certa relutância relativamente a essa operação.

— E porquê? — quis a Romana saber.

— Entre outras razões, porque os relatórios do nosso embaixador em Atenas não são tão otimistas como os do nosso querido Galeazzo, pressupondo que será necessária uma força invasora de grande envergadura — respondeu o Lorenzo.

— E para quando está esta operação prevista? — perguntou o Enrico.

— É uma questão de dias — revelou o Guido.

— Aquilo que não consigo entender é o motivo que levará o Duce a não informar o Hitler — insistiu o conde Filiberto.

— Está farto. Sim, está farto de que o Führer prossiga uma política de fatos consumados. Somos seus aliados, mas nunca conta connosco na altura de agir; tomamos conhecimento das coisas apenas quando ele o permite. O Duce irá pagar-lhe na mesma moeda. Além do mais, o Hitler não terá outra alternativa senão apoiar-nos. Mas pode ficar sossegado, conde; por aquilo que sei, o Duce irá escrever a Hitler a informá-lo do ataque, ainda que, quando a carta chegar a Berlim, já estaremos na Grécia.

— Que Deus nos proteja a todos! — murmurou a Romana.

Já passava da meia-noite quando a Amelia chegou a casa da Carla, nas proximidades da Piazza di Spagna. Trémula, não sabia o que fazer. Estava consciente da importância daquela informação. Mas como poderia abandonar a Carla em tais circunstâncias?

De manhã bem cedo, compareceu no hospital para vê-la. O Vittorio esfregou os olhos congestionados assim que a viu.

— Ainda bem que apareceste tão cedo; se puderes revezar-me, irei a casa dormir um pouco e mudar de roupa — disse-lhe em jeito de cumprimento.

Depois de ele sair, a Amelia aproximou-se da cama da Carla.

— Lamento, mas tenho de viajar para Madrid o mais rapidamente possível.

A Carla entreabriu os olhos e fixou-os na Amelia. Estendeu-lhe a mão, que ela apertou entre as suas.

— Irás voltar? — perguntou a doente numa voz sumida.

— Sim; pelo menos, é isso que pretendo.

— O que aconteceu?

— Ontem à noite, ouvi em casa do Guido e da Cecilia que o Duce planeia desencadear uma operação contra a Grécia.

— Esse homem está louco... — murmurou a Carla.

— Perdoas-me?

— O que há para perdoar? Quanto mais cedo partires, mais rapidamente poderás regressar — incentivou-a a Carla, esforçando-se por sorrir.

Amelia teve sorte, porque, daí a dois dias, haveria um voo para Madrid.

Assim que chegou, dirigiu-se de imediato ao endereço que o comandante Murray lhe havia fornecido, uma casa localizada nas proximidades do Paseo de la Castellana, a mesma para onde remetia as suas cartas.

Questionou-se sobre quem viveria realmente naquela casa. Para sua surpresa, a porta foi-lhe aberta por uma mulher de idade já avançada, com um ligeiro sotaque que não conseguiu identificar.

— É a senhora Rodríguez? — perguntou ela àquela mulher que a observava em silêncio.

— A própria. E quem é a senhora?

— Amelia Garayoa.

— Entre, entre, não fique à porta.

A mulher convidou-a a entrar e pediu-lhe que a seguisse até uma espaçosa sala cujas janelas davam para a rua. A divisão estava decorada sobriamente: um sofá, duas poltronas com cabeçal, uma chaminé e mesas baixas, nas quais se destacavam molduras de prata com fotografias.

— Aceita um chá? — perguntou a senhora Rodríguez.

— Não pretendo incomodá-la.

— Não se preocupe, prepará-lo-ei num instante.

A mulher deixou-a então sozinha, regressando passados alguns minutos com um tabuleiro com o chá e um prato de *plum cake*.

— Prove, é feito por mim.

— Julgo que a senhora pode colocar-me em contato com um amigo... o senhor Finley — disse a Amelia, baixando a voz.

— Certamente. Quando quer encontrar-se com ele?

— Se fosse possível, hoje mesmo.

— Trata-se de uma questão assim tão urgente?

— Sim.

— Sendo assim, farei os possíveis. Se quiser, pode esperar-me aqui.

— Aqui? Tinha pensado em ir a minha casa.

— Dado que o assunto parece ser assim tão urgente, o senhor Finley virá certamente encontrar-se consigo de imediato, não sendo conveniente que ande de um lado para o outro. Em Madrid, são muitos os olhos que veem aquilo de que nem sequer suspeitamos. Direi à minha criada para a servir enquanto eu estiver ausente, o que não será por muito tempo. É melhor assim.

A senhora Rodríguez agitou um sino de prata e, pouco depois, apareceu uma criada trajada a rigor.

— Luisita, irei ausentar-me por uns momentos. Serve a senhora no que for preciso, não demorarei muito.

A criada anuiu, aguardando que a Amelia lhe pedisse alguma coisa; ela,

porém, garantiu-lhe que não precisava de nada e que aguardaria ali até que a dona da casa regressasse.

A espera pareceu eterna. A senhora Rodríguez demorou uma hora a regressar e encontrou a Amelia preocupada.

— Tranquilize-se, o senhor Finley encontrar-se-á consigo.

— Aqui?

— Sim, aqui. É a solução mais discreta. Nesta casa, não existem olhos estranhos. É melhor assim. Deseja tomar outro chá ou qualquer outra coisa?

— Não, não... talvez... bem, não...

— O que pretende perguntar-me? — A senhora Rodríguez parecia conseguir ler-lhe os pensamentos.

— É pura curiosidade, mas a senhora é daqui?

— Espanhola? Não, não sou, ainda que resida em Madrid há mais de quarenta anos. O meu marido era espanhol, mas eu sou inglesa. Algumas pessoas ainda notam um certo sotaque na forma como falo.

— É quase imperceptível. Se me tivesse dito que era *madrileña*, não teria duvidado por um instante que fosse.

— Na verdade, é como se o fosse. Quarenta anos num país faz com que o sintamos como nosso. Apenas me ausentei durante a guerra. O meu marido insistiu para que fôssemos para Londres e, infelizmente, faleceu assim que regressamos aqui.

— E a senhora colabora com...

— Sim, um velho amigo pediu-me se os poderia ajudar permitindo que remetessem para minha casa determinadas cartas que eu deveria entregar ao senhor Finley. Aceitei sem hesitar. Sei que aquilo que tem vindo a acontecer é mais importante do que o que podíamos supor. Além do mais, sou uma admiradora fervorosa do Churchill.

Passados uns bons momentos, a criada anunciou finalmente a chegada do senhor Finley.

— Entre, entre, senhor Finley, gostaria de lhe apresentar uma amiga, a menina Garayoa.

— Comandante Jim Finley, é um prazer conhecê-la.

— Bem... deixo-vos a sós para poderem falar — disse a senhora Rodríguez saindo da sala.

Depois de ficarem a sós, a Amelia não perdeu um segundo sequer e contou ao Finley o que tinha ouvido em casa dos Gallotti.

Quando deu o relato por concluído, o Jim Finley bombardeou-a com perguntas, para se certificar de que tinha percebido as reais implicações da informação fornecida pela Amelia.

— O que devo fazer agora? — perguntou ela.

— Regressar a Roma. Agiu bem ao decidir vir aqui. Trata-se de informações muito importantes e deverá tentar complementá-las quanto antes — respondeu o Finley.

— Tentarei, mas não sei se tornarei a ter a sorte de ouvir outras confidências como estas que acabei de lhe transmitir.

— Aprofunde a sua amizade com a senhora Gallotti. Certamente que ela gostará de demonstrar na sua presença que está a par de tudo o que está a acontecer.

— Não sei se o Guido Gallotti confidenciará à Cecilia pormenores acerca do seu trabalho.

— Terá de tentar. Mas vá agora visitar a sua família, é a sua melhor cobertura para justificar esta viagem a Madrid. Os italianos não são tão neuróticos como os alemães em questões de segurança, mas é preferível evitar surpresas. É claro que não poderá ficar mais do que o tempo imprescindível para justificar a sua cobertura. Deve regressar a Roma tão cedo quanto possível.

— Na próxima ocasião que dispuser de uma informação urgente, o que devo fazer?

— Disponho do número de telefone de um amigo em Roma, mas só deverá utilizá-lo no caso de lhe ser impossível deslocar-se a Madrid e entrar diretamente em contato comigo.

— E quem é esse amigo?

— Um artista que adora Roma. É pintor, escultor... faz de tudo um pouco.

— É italiano?

— Suíço.

— Suíço?

— Sim. O irmão dele pertence à Guarda Suíça. A família deles instalou-se em Roma há já alguns anos. Ele é o artista da família.

— Também trabalha para o Almirantado?

— É um homem singular, com os seus próprios princípios. além de ser bem pago por nós. Mas insisto que só deverá entrar contato com ele se se tratar de uma situação excecional; caso contrário, será melhor que se desloque a Espanha.

Amelia seguiu as instruções à risca e, muito contra sua vontade, permaneceu apenas uma semana com a família. Tal como o Finley tinha dito, essa era a sua cobertura.

Quando regressou a Roma, a Carla continuava hospitalizada, ainda que parecesse ter melhorado nas últimas horas.

O Vittorio mostrou-se muito contente quando viu a Amelia entrar no quarto. A Carla sentia falta da companhia da amiga; tê-la perto de si alegrava-lhe o

coração.

Também o Mateo Marchetti pareceu alegrar-se com o regresso da Amelia.

— Há já dois dias que não discuto com ninguém — disse em jeito de cumprimento, sorrindo.

A Carla pediu aos dois homens que fossem descansar e que a deixassem a sós com a amiga. Estava ansiosa por saber o que tinha acontecido.

— Pediram-me para aprofundar a relação com os Gallotti. Os britânicos consideram que uma ação contra a Grécia prolongaria ainda mais a guerra.

— O ideal seria impedir que isso viesse a acontecer — murmurou a Carla.

— Julgas que a Cecilia poderá vir a suspeitar de alguma coisa se lhe telefonar?

— Não me parece, ficará radiante se o fizeres. Diz-lhe que gostarias de a convidar para almoçar, como cortesia por te ter convidado para jantar. Decerto te contará tudo aquilo que pretendes.

— Se é que sabe alguma coisa...

— Claro que sabe. Não conheço nenhum homem maduro que não se pavoneie perante uma mulher mais jovem.

— Mas a Cecilia é sua esposa — replicou a Amelia, rindo.

— Sim, e é quem o sustenta; por isso é que lhe convém fazer-se importante na presença dela.

Seguindo o conselho de Carla, Amelia convidou a Cecilia Gallotti para almoçar. A mulher aceitou, radiante.

Amelia escolheu um restaurante muito popular do Aventino, o Checchino dal 1887, cujos lustres filtravam os derradeiros raios do sol outonal.

Depois de falarem sobre o estado de saúde de Carla Alessandrini, as duas mulheres conversaram sobre assuntos triviais. A Amelia ignorava como deveria conduzir a conversa de modo a levar a Cecilia a fazer-lhe alguma confidência de cariz político. Contudo, seria a própria italiana a abordar a questão.

— Nem calcula como fico feliz por me ter convidado para almoçar precisamente hoje. Há dois dias que o Guido permanece fechado no ministério, estão a preparar... bem... à senhora posso confidenciá-lo. Aliás, foi o próprio Guido quem se referiu a isso em casa. Vamos invadir a Grécia. Além disso, a operação está a deixar de ser segredo, dado que há já muita gente envolvida.

— Julga que a Itália está preparada para uma operação de tal envergadura? Atacar a Grécia representará um envolvimento profundo na guerra.

— Sim, vão ser favas contadas. Por aquilo que ouvi ao Guido, atacarão pelo Epiro... sim, julgo que a região por onde pensam atacar se chama Epiro. Dispomos de forças suficientes para o fazer; calculam que, para esta ofensiva, irão necessitar de pelo menos vinte divisões, mas os gregos estão tão atrasados

que, no final, não serão necessárias mais do que seis divisões.

— Possui grandes conhecimentos de estratégia militar!

— Não julgue, nada sei sobre guerra, é um assunto que não me interessa.

Mas de tanto ouvir alguma coisa acabo por reter. Há dias, o Guido estava a conversar com o conde Filiberto acerca das divisões; o meu marido disse que o estado-maior considera que não serão necessárias mais do que as seis divisões que se encontram na Albânia sob o comando do general Visconti Prasca. Posso garantir-lhe que é um grande general.

— E como reagirá o Hitler?

— O Duce é um gênio. Escreveu-lhe uma carta a informá-lo, mas, como o Hitler se encontra em Paris, apenas a lerá depois de regressar. Não poderá acusar o Mussolini de não o ter informado, ao mesmo tempo que o Duce não deixou de tomar a decisão que mais convém à Itália e sem a autorização do Führer. Verá como conseguiremos controlar a Grécia em poucas semanas. Já disse ao Guido que, quando a ocupação estiver concluída, deveríamos viajar até lá. Senti sempre uma grande curiosidade por visitar o Pártenon. E a Amelia?

— Obviamente, ficaria radiante.

— Então, faremos isso! Iremos juntas à Grécia! Todos os amigos do Guido são tão velhos... Gosto de estar com alguém da minha idade. Mas poderá deixar a Carla?

— Espero que continue a recuperar; como já lhe disse, melhorou bastante nos últimos dias. Se continuar assim, o médico dar-lhe-á alta brevemente. Estou confiante que assim seja.

— E não poderia ela vir connosco? Certamente que uma viagem lhe faria bem, depois de tudo aquilo por que passou. Porque não lho sugere?

— Boa ideia, irei fazê-lo, ainda que tudo dependerá daquilo que os médicos lhe permitam fazer, pois ainda está muito debilitada...

Findo o almoço, a Amelia dirigiu-se a casa da Carla. Aí, escreveu em cifra tudo o que a Cecilia lhe tinha contado. O comandante Murray precisava de tomar conhecimento quanto antes de que o Duce planeava invadir a Grécia pela região do Epiro. Quando acabou de escrever a mensagem, não hesitou em dirigir-se ao Trastévere; aí chegada, procurou a Piazza di San Cosimato, onde o Jim Finley lhe tinha dito que vivia o suíço cujo irmão integrava a guarda papal.

O estúdio artístico do Rudolf Webel ocupava o rés-do-chão de um edifício que parecia prestes a derrocar. Como a porta estava entreaberta, a Amelia limitou-se a empurrá-la. Deparou-se com um homem de meia-idade, alto, de olhos azuis, com a barba tão loura como o cabelo, concentrado na observação de uma mulher cujo corpo se apresentava coberto por um tecido púrpura.

— Podes estar quieta, Renata? Assim, não consigo trabalhar — reclamou o

homem.

— Caro, tens uma visita! — informou a Renata, cobrindo-se com o tecido tanto quanto lhe era possível.

— Que se vá embora, porque agora estou ocupado — respondeu o suíço sem sequer olhar para a estranha.

— Perdoe-me, senhor Webel, mas poderia falar consigo? — pediu a Amelia.

— Não, não pode. Saia por onde entrou. Não vê que estou a trabalhar?

— Lamento incomodá-lo, mas insisto em falar consigo. Venho enviada por um amigo seu de Madrid.

— De Madrid? Não tenho lá amigos; ou talvez tenha, mas o que mais desejo agora é que se vá embora. Regresse noutro dia.

— Se não se importa, aguardarei aqui até que termine — retorquiu a Amelia com teimosia.

Irritado, o Rudolf Webel voltou-se para a enfrentar. Nunca havia permitido que alguém o contrariasse no que quer que fosse. Ficou surpreendido por aquela jovem o enfrentar, demonstrando-se disposta a não ceder.

— Não é bem-vinda. Quer que lho diga de outra forma?

— Não pretendo que me dê as boas-vindas, mas apenas que me ouça.

— Porque é que não ouves o que ela tem para te dizer? — perguntou-lhe a Renata.

— Porque apenas falo com quem quero e quando quero.

— Não me parece, senhor Webel. Estou certa de que até o senhor terá por vezes de falar com quem não o desejaria fazer. Não me faça insistir. Tenho um assunto urgente para falar consigo. Garanto-lhe que, se dependesse de mim, nunca o teria escolhido como interlocutor.

— Cortou-me a inspiração! — gritou ele.

Amelia limitou-se a encolher os ombros, ao mesmo tempo que a modelo se levantava, sempre envolvida no tecido púrpura.

— Fala com a signorina e deixa-me descansar um pouco. Além do mais, estou com frio. Talvez devesse esculpir nus apenas no verão.

— Mas tu julgas que um artista tem de se adaptar às exigências da modelo? Se estás com frio, aguentas, é para isso que te pago!

— Pagas? Até a massa que comemos hoje foi a minha mãe que a trouxe. Se dependesse de ti, morreríamos de fome.

A Renata saiu da sala e deixou-os sozinhos. O Webel continuou a não dedicar atenção à Amelia, observando o bloco de mármore que estava a transformar no corpo pálido da modelo.

— Irá ouvir-me ou não? — insistiu ela.

— O que pretende?

— O Jim Finley disse-me que viesse ter consigo se não me restasse outra opção e, infelizmente, assim é.

— O Finley está sempre a arranjar-me problemas.

— Diga-lhe isso a ele. Aquilo que me parece estranho é que confie em si.

— E não confia. Mas como não lhe restam muitas opções nesta cidade, tem de se contentar comigo. E agora diga-me o que pretende.

— Tenho comigo uma carta que o senhor deverá levar para a Suíça ainda hoje.

— Hoje não posso — retorquiu, desafiante.

— Senhor Webel, a sua atitude não me impressiona minimamente; portanto, deixe de interpretar esse papel de artista e faça o que lhe peço. Como você bem sabe, isto não é um jogo.

O Webel ficou surpreendido com a veemência do tom da Amelia. Fitou-a fixamente e constatou estar perante uma mulher que, embora jovem, exibia um olhar que refletia uma intensa experiência de vida.

— Está bem, levarei a sua carta até Berna. Tem-na consigo?

Entregou-lhe a carta, mas o Webel nem sequer olhou para ela, limitando-se a guardá-la no bolso das calças.

— Onde posso encontrá-la, no caso de ter de lhe entregar uma resposta?

— Procurá-lo-ei eu a si. Se lhe parece bem, passarei por aqui dentro de alguns dias.

— Não gosto que venham bisbilhotar a minha casa.

— Não pretendo bisbilhotar o que quer que seja, e menos ainda se o senhor estiver envolvido. Agora, repito-lhe que não deve perder tempo, esta carta tem de chegar ao destino quanto antes.

O Webel voltou-lhe as costas, dirigindo-se depois para o fundo da divisão. A Amelia saiu fechando a porta, perguntando-se como podia o Finley confiar num homem como aquele.

Na madrugada de 28 de outubro, o embaixador italiano em Atenas compareceu na residência do presidente Metaxas para lhe entregar uma notificação formal, instando-o a autorizar a entrada de tropas italianas em território helênico. A resposta do presidente grego foi inequívoca: "Não."

Porém, o general Metaxas fez algo mais do que responder negativamente à exigência dos italianos: solicitou também o auxílio da Grã-Bretanha. Entretanto, a Divisão Julia transpunha a fronteira entre a Albânia e a Grécia. O plano do estado-maior italiano passava por enviar parte das forças através da cordilheira do Pindo rumo à Tessália, enquanto outras divisões deveriam dirigir-se para a Jônia para, a partir daí, assumirem o controle da região do Epiro; as forças restantes haviam já iniciado a sua marcha rumo à Macedônia.

O Mussolini estava eufórico. Por fim, podia apresentar-se perante o Führer orgulhoso por ter tomado a iniciativa.

Aquilo com que o Duce não contava era que os gregos viessem a lutar heroicamente para defenderem a independência da sua pátria. O chefe do estado-maior grego, o general Alexandro Papagos, tinha concentrado o grosso das suas forças na Macedônia, obrigando as unidades italianas a retroceder. Ainda que as forças italianas avançassem no Epiro, o Papagos conseguiu cercar a famosa Divisão Julia, dizimando-a.

No início de novembro, o auxílio britânico materializou-se, com os seus navios a atacarem e a destruírem parte da frota italiana ancorada no porto de Tarento.

A Royal Navy mandou descolar do porta-aviões *Illustrious* alguns dos seus bimotores *Fairey Swordfish*, que se revelaram muito eficazes ao destruir boa parte dos navios da marinha italiana.

Em meados de novembro, era já evidente que o Duce poderia perder a sua guerra contra a Grécia.

A Carla Alessandrini continuava a recuperar, mas agora já na sua casa em Roma. A Amelia mantinha-se sempre a seu lado, continuando também a cultivar a sua amizade com o casal Gallotti. A Cecilia havia-se tornado uma inesgotável fonte de informações e o Guido parecia feliz com a amizade entre a sua esposa e a espanhola, que tinha por franquista convicta. Na verdade, apenas supunha isso, dado que a Amelia evitava sempre falar de política, optando por levá-los a crer que não era dos assuntos que mais lhe pudessem interessar.

Inesperadamente, certa manhã, o Albert James surgiu em casa da Carla em Roma. A Amelia ficou extremamente feliz ao vê-lo. A Carla, generosa como era, insistiu em acolhê-lo como convidado. O Albert resistiu tanto quanto lhe foi possível, pois desejava estar a sós com a Amelia, mas rapidamente se apercebeu de que era importante para a Carla ter a Amelia perto de si, que estimava como se de sua filha se tratasse.

Quando finalmente conseguiram ficar a sós, confessou-lhe que estava ali para a levar de regresso a Londres.

— Não posso partir agora — desculpou-se a Amelia —, e não apenas devido à minha missão, mas também por causa da Carla.

— Parece-me que o meu tio Paul terá outros planos. Não me disse quais, mas mandou-me falar com o comandante Murray, que me entregou uma carta para ti.

— E foi esse o motivo da tua vinda?

— Não. Vim para te ver, para estar contigo, porque te amo. Apenas por isso. Mas confesso que fico feliz por te ordenarem que regresse a Londres, ainda que, conhecendo o meu tio Paul e o Murray como conheço, desconfio que não te

deixarão tranquila por muito tempo.

Amelia apresentou o Albert aos Gallotti, que se mostraram entusiasmados por conhecerem o famoso jornalista, ainda que o Guido houvesse lido alguns dos seus artigos e, deste modo, estivesse ao corrente das suas críticas a Hitler e ao próprio Mussolini. Ainda assim, o casal parecia satisfeito por poder exhibir-se junto de um jornalista norte-americano. O Guido facilitou-lhe inclusivamente uma entrevista com o Galeazzo Ciano, genro do Mussolini e ministro dos Negócios Estrangeiros.

Amelia não podia ignorar as ordens recebidas através da carta do comandante Murray. Teria de regressar a Londres, por mais que lhe custasse ter de separar-se da Carla.

— Por que razão não abandonas tudo isso e ficas a viver connosco? — propôs-lhe ela.

— Pretendes adotar-me? — retorquiu a Amelia, rindo.

— Oxalá o pudesse fazer! Não me importaria, e decerto que o Vittorio também não. És a filha que gostaríamos de ter tido. Vamos, pensa nisso, poderás fazer muita coisa a meu lado, continuando a ser útil aos teus amigos de Londres a partir de Roma. No que respeita ao Albert... não te proporia que ficasses se soubesse que estavas apaixonada por ele, mas não é isso que se passa. Poderás amá-lo, mas não como amaste o Pierre.

Amelia sentiu uma pontada de dor. Sim, tinha amado o Pierre, e tão intensamente que sabia que nunca mais conseguiria amar do mesmo modo qualquer outro homem... ainda que o Pierre tivesse destruído a sua inocência, espezinhando o amor que ela lhe tinha e deixando-lhe no coração uma cicatriz tão profunda que permaneceria aberta até ao fim dos seus dias.

— Farei o possível para regressar. Tal como referiste, posso ser útil em Itália.

— Estou certa de que já o foste — respondeu a Carla.»

Fim da história.

Francesca bocejou. Parecia cansada. Não a interrompera em nenhuma ocasião, deixando-a desenvolver livremente a sua narrativa.

— Bem, Guillermo, agora tens de procurar outras pistas.

— Isto é tudo o que tens para me dizer?

— Pelo menos para já. Por aquilo que sei, foi-te pedido que constituíesses a história da Amelia Garayoa passo a passo, sem Passar por cima de nenhum aspeto. Sendo assim, contei-te já o que fez a tua bisavó em Itália em finais de 1940. Garanto-te que não faço ideia do que poderá ter acontecido depois disso. Obviamente, posso contar-te o que fez a Carla, que, afinal de contas, é quem mais me interessa.

— A Amelia voltou a Roma?

— Partiu em dezembro de 1940. Se continuares a investigar, é possível que tornemos a encontrar-nos. Contudo, para que a investigação faça sentido, não podes dar nenhum salto no tempo.

— O professor Soler tem-te muito bem instruída — protestei.

— A única coisa que me pediu foi que te ajudasse em tudo o que me fosse possível, mas que não te contasse nada que pudesse levar-te a fazer saltos cronológicos, porque o mais importante é que sejas capaz de relatar tudo aquilo que a Amelia fez.

— Mas seria mais fácil que me contasses tudo o que sabes sobre ela. A seu tempo, eu próprio me encarregaria de montar o puzzle.

— Mas não o irei fazer, posto o que...

Posto o que se despediu de mim, ainda que ambos soubéssemos que nos veríamos novamente. Regressei a Londres sem passar por Espanha. Preferia tentar avançar na investigação. Além do mais, recebera um telefonema de Lady Victoria informando-me que tinha disponibilidade para voltar a falar comigo e, tendo em conta que a sua prioridade era o golfe, eu não podia desaproveitar este acesso de boa vontade.

11

Desta vez, Lady Victoria convidou-me para almoçar em sua casa, argumentando que isso nos proporcionaria mais tempo para falarmos.

Ao vê-la, tornei a pensar que estava perante uma mulher deveras impressionante. O seu interesse pela minha investigação parecia sincero. Coloquei-a ao corrente de tudo, até ao ponto em que Francesca me deixara.

— Está então a dizer-me que se ficou por dezembro de 1940...

— murmurou, enquanto revia um bloco de notas.

— Sim, julgo que a Amelia regressou nessa altura a Londres com o Albert James.

— Sim, assim foi, para seguidamente viajarem para os Estados Unidos.

— Para os Estados Unidos? Mas porquê? — perguntei, irritado.

As andanças da minha bisavó de um lado para o outro indispunham-me. Estava a revelar-se esgotante percorrer meio mundo para seguir os seus passos.

— Com efeito, Lorde James pediu um favor ao sobrinho, que aceitou fazê-lo apenas na condição de a Amelia o acompanhar. Está tudo aqui neste caderno — disse Lady Victoria apontando para a capa.

— Posso vê-lo?

— Na verdade, trata-se de parte do diário da Lady Eugenie, a mãe do Albert. É graças a ela que dispomos de informação acerca do que aconteceu. Não sei se já lhe disse, mas a Eugenie escrevia todos os dias nestes cadernos. Era a sua maneira de desabafar. O Albert James não parava de lhe dar desgostos ao negar-se a terminar a relação com a Amelia para se casar com a Lady Mary Brian. Está preparado?

Assenti. Sabia que o melhor a fazer seria ouvi-la sem a interromper até que se cansasse de falar.

"Winston Churchill estava empenhado em conseguir a colaboração dos Estados Unidos. Sabia que a Grã-Bretanha não poderia vencer a guerra sem tal

auxílio e, por todos os meios, tentava trazer o presidente Roosevelt para o seu lado. O Reino Unido estava depauperado e necessitava urgentemente de verbas para fazer face às astronômicas despesas de guerra.

Lorde James tinha pensado que, tendo em conta que o seu irmão Ernest era um próspero homem de negócios nos Estados Unidos, que a sua cunhada Eugenie reunia no seu salão a fina flor da sociedade nova-iorquina e que o Albert era um jornalista influente, poderia utilizar a sua família para convencer os políticos de Washington de que o seu auxílio era imprescindível para derrotarem o Hitler.

Ernest e Eugenie acolheram entusiasmados a perspectiva de se tornarem embaixadores da sua pátria, enquanto o Albert se comprometeu a dar uma série de palestras por todos os Estados Unidos para falar do perigo que o Hitler representava, mas insistiu em fazer-se acompanhar pela Amelia.

Ouçá o que a Eugenie escreveu no seu diário: O Albert chega amanhã. O meu cunhado Paul conseguiu convencê-lo a vir. Ainda bem! Até o Ernest, que sempre se revelou tão compreensivo com o nosso filho, estava furioso com a sua recusa em envolver-se naquilo que está a acontecer. Claro que nos obriga a pagar um preço elevado: virá com essa tal Amelia, que, para mim, se converteu num verdadeiro pesadelo. Como vou apresentá-la às nossas amigas? Não posso dizer que se trata da prometida do Albert, dado já ser casada. Também não gostaria de a apresentar como amiga da família. Nada sabemos sobre ela e, no que me diz respeito, penso que não passará de uma aventureira, por mais que o Paul tenha dito ao Ernest que a Amelia fez coisas bastante úteis. Não sei a que se referirá, mas decerto não serão tão importantes como o Paul quis fazer crer ao Ernest. Independentemente daquilo que essa rapariga tenha feito, não deixa de ser uma renegada. O Albert diz que provém de boas famílias, mas que tipo de família poderia aceitar que a sua filha abandonasse marido e filho?

Não será fácil suportar os rumores em redor do Albert por causa da sua teimosia em viver com a Amelia no seu apartamento de Nova Iorque, tal como em Londres. O meu filho amancebado com essa espanhola... nem imagino o que poderão as pessoas dizer!

Se não fosse meu filho, nunca mais o veria. Compareceu em nossa casa com a Amelia, não obstante o pai ter insistido que pretendia falar a sós com ele. Mas o Albert sempre foi extremamente teimoso. O almoço pareceu-me insuportável. Aquela rapariga não parava de olhar para mim e o Albert está completamente enfeitiçado por ela. O pior é que o Ernest esteve falar a a sós com o Albert, e eu tive de estar cerca de uma hora com essa maria-ninguém. Perguntei-lhe se já tinha lido Shakespeare, ao que me respondeu negativamente. Também os seus gostos musicais deixam muito a desejar, ainda que, supostamente, seja capaz de

interpretar ao piano algumas composições de Mozart, Chopin e Liszt. Ignoro o que o meu filho vê nessa mulher. É desesperante.

Ernest me disse que Albert teve bastante êxito em Washington. Estiveram presentes nas suas palestras alguns amigos do presidente Roosevelt, para além de membros do seu gabinete. Julgo que ficaram preocupados com o que lhe ouviram dizer. Parece mentira que os norte-americanos tenham dificuldade em perceber que o Hitler representa um perigo também para o seu país. Não fosse Winston Churchill, Hitler se tornaria senhor do mundo, algo que aqui não querem ver, ainda que Ernest me garanta que Roosevelt se revele muito receptivo a tudo quanto Churchill lhe diz.

Que vergonha! A senhora Smith veio visitar-me. A velhaca pretende unicamente dizer-me aquilo que já sei: que a presença da Amelia é escandalosa e que o Albert deveria demonstrar maior respeito pelas boas filhas, não devendo apresentar-se com ela por toda a parte.

Aconselhei a senhora Smith a preocupar-se sobretudo com a sua filha Mary, dado que, no jantar que os Vanderbilt organizaram, não parou de trocar olhares com o filho mais velho dos Miller. Sei que não me perdoará tal comentário, mas não me lembrei de mais nada para a conter. Não posso permitir que venha a minha casa com o propósito de criticar o meu filho.

— Se Ernest não me tivesse contado, nunca teria acreditado. O Albert pediu à Amelia que também ela dê palestras acerca daquilo que está a suceder na Europa. Ao que parece, as salas enchem-se para a ouvir, mas sei que isso acontece apenas para a verem, para perceberem que mulher é esta que conseguiu levar o Albert a perder a cabeça.

Ernest diz que a alta sociedade de São Francisco se rendeu à Amelia e que a recebem nas casas mais importantes. Parece que está a dar palestras nos clubes femininos, porque o Albert acredita que as esposas são capazes de convencer os maridos acerca de qualquer coisa.

Regressarão a Nova Iorque dentro de dois dias. Ernest pretende que eu organize um grande jantar, para o qual deverei convidar todos os nossos conhecidos, e quer também que o Albert faça um discurso.

O jantar foi um êxito, ainda que esteja esgotada. Esteve toda a gente presente; julgo que, à exceção do Roosevelt, compareceram os mais importantes elementos da Casa Branca.

Albert esteve sublime. O modo como retratou esse cabo austríaco, Adolf Hitler, foi extraordinário! Deixou as senhoras assustadas e os cavalheiros a refletir. O Ernest diz que o Roosevelt necessita de uns empurrõesinhos para que mostre uma maior disponibilidade em auxiliar a Inglaterra. Na verdade, já começou a fazê-lo. Para alguns dos nossos amigos, a guerra tem-se revelado uma

boa oportunidade para concretizarem negócios, dado que, como é óbvio, a ajuda prestada à Inglaterra, seja de uma maneira ou de outra, terá de ser paga. Os norte-americanos são muito pragmáticos, mas fico feliz por o meu filho lhes ter fornecido argumentos para compreenderem melhor o que está a acontecer na Europa.

Albert fala-lhes como se fosse um deles, como se este meu filho fosse mais norte-americano do que irlandês, ainda que o seu sangue provenha da Irlanda. Diz inclusivamente que compreende Roosevelt, na medida em que um governante deve evitar a guerra até que esta se torne inevitável.

Aquilo que não esperava é que, nesta ocasião, tenha pedido à Amelia para falar, ao que ela, que demonstra não possuir qualquer pudor, não hesitou em dirigir-se aos nossos convidados. Na minha opinião, não devia ter contado a história da sua amiga Yla, filha do sócio do seu pai, que teve de fugir de Berlim; ou a de uma tal Rakel. Parece que só tem amigas judias. Não é que eu tenha alguma coisa contra os judeus, muitos dos nossos melhores amigos são, mas, do modo como Amelia aborda a questão, parece que a pior faceta do Hitler é o seu desprezo pelos judeus. A espanhola está a simplificar demasiado.

Tive de me esquivar a diversos comentários acerca da Amelia e do Albert; as pessoas não cessam de perguntar se são algo mais do que bons amigos, como se não fosse evidente que ela é amante do meu filho. Toda esta situação é muito desagradável, mas o Albert recusa-se a ouvir uma palavra que seja acerca da Amelia.

Que constrangedor! O Albert brigou com o filho mais velho dos Miller, ainda por cima em casa deles. Tinham organizado um jantar de despedida para o Albert, que regressará a Londres dentro de alguns dias. Tudo estava a decorrer sem problemas até que Bob, o filho mais velho dos Miller, insistiu com a Amelia para que dançasse com ele. Ainda que o rapaz estivesse um pouco embriagado, a Amelia comportou-se como uma virgem, negando-se a dançar. Não se conformando com a recusa, Bob agarrou-a por um braço e insistiu para que dançasse com ele. A Amelia ficou histérica, pedindo-lhe que a soltasse, e o Albert acorreu em seu auxílio e desferiu um murro no Bob. O meu filho fez figura de tolo e envergonhou-nos a todos. A festa não podia ter terminado de pior forma. O senhor Miller e o Ernest tiveram de intervir para interromper a briga; vimo-nos obrigados a vir embora, por entre os murmúrios dos convidados. A Amelia estava pálida, embora eu não acredite que lamente minimamente o que aconteceu. Agora, todos nos criticarão, mas o pior será quando a notícia chegar a Londres. Os nossos amigos são muito generosos ao condescenderem que o Albert compareça em casa deles com a Amelia, mas, depois deste incidente, decerto nunca mais nos convidarão.

Pedi ao meu filho que viesse visitar-me, esteve aqui hoje para se despedir. Pelo menos, tomou a decisão acertada de não trazer a Amelia. Ainda que o Ernest me tenha pedido para não discutir com o Albert, nem ele, nem eu, o conseguimos evitar. Roguei-lhe para acabar de uma vez por todas com esta situação, dado que não pode pretender o respeito do pai estando com uma mulher que não se respeita a si própria. Disse-me que nunca me perdoará por dizer tais coisas a respeito da Amelia, que, na sua opinião, é a mulher mais íntegra e corajosa que alguma vez conheceu.

Não sei o que ela fez para o ter transformado a tal ponto, mas está irreconhecível, apenas se preocupa com ela.

O meu filho disse que, se eu não aceitar a sua relação com a Amelia, deixará de vir visitar-nos. O pior é que estava a ser sincero. Essa mulher acabará por destruir-nos a todos. Já o está a fazer com o Albert e, agora, pretende destruir toda a nossa família.

O Albert saiu sem sequer me dar um beijo; é a primeira vez em toda a sua vida que parte sem me dar um beijo de despedida. Regressam a Londres amanhã.

O Albert e a Amelia regressaram a Londres no início de março de 1941. A viagem revelou-se um êxito, ou, pelo menos, nisso acreditou o Lorde Paul James. Nas mais elevadas esferas políticas e económicas de Washington, parecia que muitas das ideias expostas pelo Albert começavam a dar frutos.

O casal tornou a instalar-se no apartamento do Albert, sabendo que, a qualquer momento, a Amelia podia ser chamada para uma nova missão fora de Inglaterra. O Albert confrontou o seu tio Paul pedindo-lhe que deixasse de recorrer à Amelia, mas este dava o seu compromisso por cumprido ao ter permitido que ela o tivesse acompanhado aos Estados Unidos.

O comandante Murray não tardou a pedir à Amelia que regressasse à Alemanha.

— Disse-me que o seu amigo Max von Schumann tinha sido transferido para a Polónia — recordou-lhe.

— Sim, de fato.

— Ser-nos-ia conveniente saber o que está a acontecer aí. Receamos já alguns relatórios, mas gostaríamos de os complementar com novas informações.

— Possuem agentes na Polónia? — quis a Amelia saber.

— Isso, minha cara, não lhe diz respeito. Aquilo que deve fazer é entrar em contato com o Von Schumann e tentar encontrar-se com ele na Polónia.

— E com que justificação?

— Isso depende de si. Durante a sua instrução, ensinamos-lhe que compete aos agentes no terreno criar as suas próprias coberturas. Dificilmente o poderíamos fazer a partir de um gabinete em Londres. Diga-me aquilo de que

necessita e eu arranjo, mas compete-lhe determinar a melhor forma de se aproximar de Von Schumann. Ouvimos dizer que o barão sente uma grande atração por si.

Amelia ficou apreensiva. A insinuação do comandante Murray roçava a ofensa.

— Como se atreve... — O seu tom de voz denotava indignação.

— Não pretendia ofendê-la. Tenho o máximo de respeito e de consideração por si, mas não se esqueça de que é uma agente com uma missão. Quando a preparávamos para este trabalho, foi-lhe dito, tal como aos seus colegas, que teria de mentir e, se necessário fosse, até de matar, bem como que se veria obrigada a fazer coisas que normalmente a repugnariam, mas que se revelam necessárias numa situação de guerra. Portanto, não se sinta ofendida, não estamos num salão de chá, mas sim nas instalações do Almirantado. Se não se sente capaz para este trabalho, diga, mas não se arme em donzela ofendida. É óbvio que é uma senhora respeitável, mas também é agente, pelo que terá de fazer o que nunca sequer imaginou. De qualquer modo, não lhe transmiti ainda nenhuma ordem concreta, apenas me limitei a recordar-lhe aquilo que é evidente: o barão sente-se atraído por si e esse pode ser um trunfo poderoso para o seu trabalho. Competir-lhe-á a si decidir a melhor forma de levar a missão a bom termo.

Permaneceram em silêncio durante alguns segundos, fitando-se mutuamente, medindo-se de alto a baixo. Ainda que fosse um cavalheiro, o comandante Murray não deixava de ser um soldado dedicado à sua função, a da espionagem, onde não existem regras ou limites. Não tinha sido sua intenção ofendê-la e, desde o primeiro momento, havia até sentido uma secreta simpatia por ela, embora a tratasse com a mesma dureza de que dava mostras para com todos os outros homens sob seu comando. Estavam em guerra e não havia lugar para convenções sociais.

— Viajarei para Berlim. Acabarei por descobrir uma forma de encontrar-me na Polónia com o barão Von Schumann — acabou a Amelia por dizer.

— Talvez tenha de permanecer junto dele durante algum tempo, dado que estamos interessados em aceder a uma fonte tão bem situada na hierarquia do exército. Apesar da sua oposição ao Hitler, é um militar de alta patente e com acesso a outros militares de patente superior.

— Ele odeia o Hitler, mas não deixa de ser patriota. Nunca me dirá coisa alguma que possa colocar em perigo a vida de soldados alemães.

— Acredito que sim, sem dúvida, mas o objetivo é obter tais informações sem que ele fique com a sensação de estar a trair a sua pátria. Desta vez, poderá contar com ajuda: uma pessoa que a senhora conhece e que está em Berlim.

— Quem é?

— Uma colega de instrução. Recorda-se da Dorothy?

— Sim, tornamo-nos amigas.

— O marido da Dorothy era alemão, de Estugarda, tendo falecido de ataque cardíaco. Ela fala alemão quase tão perfeitamente como o Jan.

— Jan? Julgo que não o conheço...

— Não, não conhece o Jan. É britânico, mas a mãe era alemã. Foi criado pela avó materna, dado que ficou órfão ainda criança. Conhece Berlim como a palma da própria mão. Viveu aí até aos catorze anos, quando a família do pai requereu a sua custódia a fim de lhe proporcionar uma educação mais adequada.

— Qual é a cobertura deles em Berlim?

— Fazem-se passar por um casal feliz. O Jan já tem mais de sessenta anos. Trabalhou para o Almirantado e, ainda que esteja prestes a aposentar-se, voluntariou-se para esta missão. Forjamos-lhe uma identidade falsa: oficialmente, os seus pais eram alemães que emigraram para os Estados Unidos, e agora, atraído pelo magnetismo de Hitler, o filho pródigo decidiu regressar à pátria, fazendo-se acompanhar pela sua encantadora esposa, uma mulher bem mais nova do que ele. Dispõem de meios de sustento para viverem sem despertar atenções. A particularidade de o Jan ser engenheiro tem-nos sido de grande utilidade; assim, fornecemos-lhe um rádio especial muito potente, ainda que, como é óbvio, tenha de se esquivar às escutas da Gestapo. De agora em diante, sempre que obtiver uma informação relevante, será a eles que deverá fornecê-la. Também irá receber as minhas instruções através da Dorothy e do Jan. Deverá permanecer atenta para que ninguém a siga quando for ter com eles e, pelo menos por agora, é aconselhável que não revele a ninguém que eles existem, nem sequer aos seus amigos ou ao barão Von Schumann.

O comandante Murray esteve mais de uma hora a explicar à Amelia aquilo que pretendia dela.

Cedeu ao seu pedido de viajar para a Alemanha a partir de Espanha. Sabia que a única coisa que não podia negar-lhe, caso quisesse continuar a contar com o seu contributo, era a possibilidade de visitar a sua família de vez em quando. Além disso, apenas poderia viajar para a Alemanha a partir de um país amigo do Reich, o que era o caso da Espanha.

— Não quero que vás — disse o Albert quando a Amelia o informou de que tinha de regressar à Alemanha.

— É o meu trabalho, Albert.

— O teu trabalho? Não, Amelia, aquilo que tens vindo a fazer não é um trabalho. Envolveste-te em algo que não consegues controlar, és um peão que outros movem como bem entendem. Quando quiseres recuperar o controle sobre

a tua própria vida, será demasiado tarde, pois ela terá deixado de te pertencer. Abandona tudo isto. Não to peço por mim, mas sim por ti. Abandona isto antes que te destruam.

— Achas que aquilo que faço não tem qualquer utilidade? replicou a Amelia, irritada.

— Não duvido de que os resultados da espionagem sejam imprescindíveis para vencer a guerra, mas crês estar realmente preparada para este jogo apenas por teres recebido instrução no Almirantado? Estás a ser utilizada, Amelia; incentivam-te dizendo que, o Hitler tendo sido derrotado, pensarão na melhor forma de agir contra o Franco, mas isso nunca acontecerá. Não te apercebes de que o preferem a ele à frente dos destinos da Espanha do que um governo da Frente Popular?

— Ninguém me prometeu nada, mas acredito firmemente que, depois de o Hitler ter sido derrotado, o regime do Franco sucumbirá. Ficará sem aliados. Lamento que me consideres tão insignificante, tão incapaz para exercer este trabalho, mas irei prosseguir com as minhas missões e darei o meu melhor para concluí-las com êxito.

— Sendo assim, talvez devêssemos repensar a nossa relação.

Amelia sentiu uma pontada de dor na boca do estômago. Não estava apaixonada pelo Albert, mas desde a morte do Pierre que ele era um pilar no qual se podia apoiar, um refúgio onde se sentia segura, e não estava preparada para o perder. Ainda assim, o seu orgulho acabou por falar mais alto: — Se é isso que desejas...

— Aquilo que desejo é que vivamos juntos, que tentemos ser felizes. É isso o que desejo.

— Também eu, mas apenas se e quando respeitares aquilo que faço.

— Respeito-te, Amelia, claro que te respeito; por isso mesmo te peço que fales com o comandante Murray e lhe digas que desistes, que não pretendes continuar com tais missões.

— Não vou fazer isso, Albert. Irei respeitar o compromisso assumido com o Almirantado. Para mim, é um compromisso compatível com a nossa relação...

— Lamento, Amelia. Se esta é a tua última palavra, lamento imenso, mas não poderemos continuar juntos.

Separaram-se. Dois dias depois, a Amelia saía de casa do Albert com duas malas, onde levava todos os seus pertences. Um automóvel do Almirantado aguardava-a na frente da porta do prédio. O comandante Murray tinha diligenciado para que passasse por Espanha a caminho de Berlim.»

— Bem, querido Guillermo — concluiu Lady Victoria —) Sei que a Amelia passou vários dias em Madrid, suponho que junto da sua família. Falei com o

major Hurley e preparei-lhe uma surpresa. O major aceitou vir jantar amanhã a minha casa. Disse-me que existem alguns documentos que deixaram de estar classificados acerca dessa viagem da Amelia à Alemanha, e que nos transmitirá alguns pormenores durante o jantar.

— É uma sorte que a senhora e o major sejam familiares — retorqui com ironia.

— Sim, está com sorte, sobretudo pelo fato de eu estar casada com um neto do Lorde Paul James. Caso contrário, ser-lhe-ia muito difícil reconstituir o que aconteceu naqueles dias.

Saí da casa de Lady Victoria com o compromisso de comparecer para jantar no dia seguinte às seis da tarde. Chegado ao hotel, telefonei ao professor Soler. Pedi-lhe para se recordar se Amelia havia passado por Madrid em meados de março de 1941, mas o professor pareceu hesitar.

— Irei consultar as minhas notas e telefonar-lhe-ei mais tarde. A Amelia viajava com alguma frequência para Madrid: por vezes, ficava alguns dias; noutras ocasiões, prolongava um pouco mais a sua estadia. Na verdade, confesso que não me lembro de nada de extraordinário que possa ter ocorrido em março de 1941.

— Ela não vos contava aquilo que fazia?

— Não, nunca o fez, nem sequer à sua prima Laura. A Amelia chegava e partia sem aviso prévio. O seu tio Armando tentava saber como ganhava a vida, mas ela limitava-se a dizer-lhe que confiasse nela, pois ganhava-a de modo honrado. Sabíamos que vivia com o Albert e, na verdade, supúnhamos que era ele a sustentá-la.

— Portanto, nem o senhor sabe ao certo o que terá a Amelia feito — comentei com desconfiança.

— A sua bisavó nunca foi objeto das minhas investigações históricas. Por que razão o deveria ter sido?

Uma hora depois, telefonou-me para me dizer que não encontrava qualquer nota relativa a tais datas, pelo que ambos concluímos que Amélia teria passado por Madrid e que, para além de ter visitado a família, nada de extraordinário terá acontecido nessa ocasião.

Não tinha outro remédio senão aguardar por aquilo com que iria deparar-me no jantar com o major Hurley em casa de Lady Victoria. Confesso que me sentia um pouco desesperado perante tanta formalidade. Não percebia por que motivo o major Hurley e a própria Lady Victoria não me contavam aquilo que sabiam de uma assentada, em vez de me fornecerem a informação a conta-gotas. Mas eram eles que tinham a faca e o queijo na mão, pelo que não me restava outra opção senão acatar as regras que pretendessem impor-me.

MAX

1

O marido de Lady Victoria era totalmente o oposto do major Hurley. Não o conhecera até àquela noite e simpatizei de imediato com ele. Cheguei cinco minutos antes das seis da tarde e uma criada encaminhou-me de imediato para a biblioteca, onde estava já o Lorde Richard James, neto do Lorde Paul James, o tal que alistara Amelia como agente do Almirantado.

O Lorde Richard James, um sessentão de cabelo branco e rosto corado, recebeu-me com um sorriso, estendendo-me a mão.

— Pelos vistos, está então a escrever sobre a Amelia Garayoa... Ela bem o merece, tenho ouvido dizer que foi uma mulher espantosa.

— O senhor conheceu-a? — perguntei, curioso.

— Não, não, mas não se esqueça de que um familiar meu, sobrinho do meu avô, o Albert James, manteve uma relação com ela, o que foi um verdadeiro escândalo naquela época, e já se sabe que qualquer pessoa que quebre as convenções de uma família acaba por ser conhecida inclusivamente pelos descendentes. Assim, todos os James ouviram já histórias sobre os malogrados amores do nosso antepassado Albert James com uma bela espanhola.

Richard James ofereceu-me um cálice de xerez, que não rejeitei ainda que tenha de confessar não me ter assentado bem. Nunca percebi a predileção dos ingleses pelo xerez, suponho que talvez pela Circunstância de, a mim, me subir à cabeça logo ao primeiro gole.

O major Hurley apareceu às seis em ponto, a quem se seguiu Lady Victoria. Tal como nós, também eles tomaram um cálice de xerez.

Quando o Lorde Richard James propôs um segundo cálice, pensei que dificilmente aquele serão poderia revelar-se produtivo, dado que já me sentia tonto, e imaginei o efeito que teria neles. Contudo, estava enganado. Lady Victoria caminhava tão ativa como sempre e a expressão sisuda do major Hurley não se alterou durante todo o jantar.

Pacientemente, ouvi como a conversa derivava para temáticas que nada tinham a ver com o objetivo daquele serão. Apenas por altura da sobremesa é que Lady Victoria decidiu pedir ao major Hurley que nos recordasse aquela viagem de Amelia à Alemanha. Ele deu então início ao seu relato...

Amelia chegou a Berlim a 3 de abril de 1941. Tinha delineado meticulosamente o plano a seguir e decidiu alojar-se mais uma vez em casa do Helmut e da Greta Keller.

— Fico contente por voltar a recebê-la em nossa casa. A minha esposa sentia a sua falta, ainda que neste momento o Frank esteja entre nós. Está de licença. Mas as mulheres ficam sempre agradadas com uma presença feminina, suponho porque há assuntos de que falam apenas entre vocês. A Greta já não está acamada, há já uns dias que se levantou. Parece estar a recuperar, louvado seja Deus.

— Fico-vos imensamente agradecida por me acolherem em vossa casa...

A Greta Keller emocionou-se ao receber os lenços bordados que a Amelia lhe havia trazido como presente.

O Frank, o filho dos Keller, era um rapaz alto e robusto, de cabelo castanho e olhos azuis, e pareceu ficar encantado com a Amelia.

— Deixe-me dizer-lhe que está bem crescida, recordo-me de si quando era pequena, julgo tê-la visto algumas vezes, a si e à sua irmã Antonietta. Lamento pelos seus pais... o Dom Juan sempre foi muito bondoso para a minha família. Ficará muitos dias em Berlim?

— Gosto de Berlim. O seu pai ter-lhe-á certamente contado que penso encarregar-me daquilo que ele próprio conseguiu resgatar do negócio do meu pai e de Herr Itzhak... Não calculam como está a Espanha depois da guerra... Lá, são poucas as possibilidades que surgem. E você, fica por muito tempo?

— Tenho alguns dias de licença, posto o que deverei regressar a Varsóvia.

— E nós, querida, iremos passar uns tempos no campo, com a minha irmã. O médico disse que me faria bem sair da cidade e respirar ar puro — informou a Greta.

— Oh! Sendo assim, terei de procurar outro sítio para ficar...

— Não, não, de modo nenhum! Pode ficar aqui, e assim até vai olhando pela casa. Não nos ausentaremos durante muito tempo, apenas alguns dias — garantiu a Greta.

— Não quero trazer-vos problemas...

— E não traz. Caso contrário, não teríamos insistido para que ficasse aqui — acrescentou Herr Helmut.

Berlim continuava imersa na euforia da vitória. O exército alemão parecia não necessitar de empreender grandes esforços para conquistar os seus objetivos

e a cidade tentava mostrar-se alheia à guerra.

Amelia apareceu em casa do Karl Schatzhauser no dia seguinte à sua chegada à cidade. O professor não ocultou a sua surpresa ao vê-la.

— Vejam só... não esperava que regressasse. Há já muito tempo que não tínhamos notícias suas e do seu amigo jornalista, bem como dos seus amigos britânicos.

— Lamento, mas garanto-lhe que lhes transmiti todas as informações.

— Mas parece que não nos levam a sério. Já não o fizeram quando os advertimos para não prosseguirem a política de apaziguamento relativamente ao Hitler, porque estávamos certos de que não traria bons resultados. Como a senhora decerto saberá, antes da guerra, o Max alertou o Lorde Paul James para esta questão, sem qualquer resultado.

— Professor, sabe já que os meus contatos com o Lorde James Se devem apenas à circunstância de o Albert ser seu sobrinho. Lamento não poder ser-vos de maior utilidade, sobretudo nesta altura.

— Porque regressou? — perguntou o professor.

— Para ser franca, a minha relação com o Albert terminou. É por isso que aqui estou... eu... enfim, não sabia para onde ir. Talvez não tenha sido boa ideia, mas... bem, convenci-me de que aqui talvez possa ser útil. Como já lhe expliquei, o contabilista do meu pai resgatou algumas máquinas do antigo negócio e... bem vistas as coisas, isso permitir-me-á obter alguns dividendos, que me serão imprescindíveis para poder ajudar a minha família. Além disso, também a vocês poderei ser útil... não sei como, mas disponibilizo-me para o que precisarem...

— E o que poderia a senhora fazer? Não é alemã e esta guerra não é sua. A Alemanha e a Espanha são países aliados. Porque não regressa ao seu país?

— Não posso, ainda não me encontro em condições para conseguir viver ali. Não consigo suportar a ausência dos meus pais.

— O Max está em Varsóvia, mas talvez se desloque a Berlim daqui a alguns dias. A sua esposa, a baronesa Ludovica, comentou isso com alguns amigos e julgo que está a organizar uma festa de recepção — comentou o professor, fitando-a fixamente nos olhos.

— E o padre Müller? E os Kasten? — perguntou a Amelia.

— Estão mais ativos do que nunca na sua colaboração com o pastor Schmidt. A Helga e o Manfred são pessoas de grande mérito e estão a prestar-nos um auxílio precioso. Ele é muito respeitado pelos seus colegas diplomatas que ainda procuram o seu conselho, mas, sobretudo, possui livre acesso às casas mais importantes. Tem uma vida social frenética e você nem imagina a quantidade de informações que é capaz de recolher em recepções e jantares.

— Quando poderei encontrar-me com eles?

— Dentro de alguns dias, reunir-nos-emos aqui a pretexto de um serão literário, mas, obviamente, a senhora sabe qual será o verdadeiro objetivo. Junte-se a nós, estou certo de que também eles gostarão de a ver.

A próxima visita da Amelia foi à Dorothy e ao Jan, que se haviam instalado num discreto edifício da avenida Winter den Linden. seus vizinhos eram pessoas acomodadas e apoiantes do III Reich. não parecendo ter estranhado a presença daquele casal que ali tinha alugado um apartamento.

Dorothy mostrou-se radiante por voltar a ver a Amelia. Não tinha sido fácil para ela fazer-se passar pela esposa de um homem que, há alguns meses, lhe era perfeitamente desconhecido. Tanto ela quanto o Jan eram viúvos, estando ambos naquela idade em que já se consegue controlar as próprias paixões. Mesmo assim, de início, ambos se sentiram embaraçados por terem de fingir uma vida de casal, ainda que dormissem em quartos separados.

O Jan era um homem de estatura mediana, de cabelo e olhos castanho-claros; era calculista e desconfiado, ao ponto de perguntar por várias vezes à Amelia se a tinham seguido, e, apesar da resposta negativa, não parecia convencido.

Os seus nomes de código eram "Mãe" e "Pai", e assim eram conhecidos em Londres.

— É boa pessoa — disse a Dorothy à Amelia, aproveitando um momento em que o Jan tinha saído da sala de estar.

— Sim, mas é também muito desconfiado.

— Põe-te no nosso lugar: temos de ser prudentes, qualquer passo em falso pode custar-nos a vida, tanto a nossa quanto a dos outros agentes no terreno.

— O comandante Murray não me disse quem são esses "outros"...

— Também eu não o farei: quanto menos soubermos uns sobre os outros, melhor; isso permite minimizar os riscos que corremos. Se a Gestapo te detiver e te torturar, apenas poderás falar-lhes do Jan e de mim, mas não dos outros.

— Mas seria pior se vos detivessem a vocês, uma vez que conhecem o nome de todos nós.

— Se isso acontecesse, Amelia, não viveríamos tempo suficiente para contar o que quer que fosse. Assumimos que... bem, calculo que também a ti te terão fornecido um comprimido de cianeto. É preferível morrer do que cair nas mãos da Gestapo.

— Por amor de Deus, não digas isso!

— Quando aceitamos este trabalho, aceitamos também correr o risco de morrer. Ninguém nos obriga a fazermos isto. A nossa missão é contribuir para a vitória na guerra e, como em todas as guerras, também nesta existem outras baixas para além das verificadas no campo de batalha.

Jan entrou na sala trazendo uma bandeja com uma chaleira e três chávenas.

— Não é como o nosso chá, mas espero que goste — disse, olhando para a Amelia.

— Com certeza que sim... não precisava de se ter incomodado.

— Não é incômodo nenhum. Além do mais, receber visitas é sempre uma ótima desculpa para tomar uma chávena de chá. Agora, convém definir algumas regras de segurança para os nossos próximos encontros. Não é conveniente que nos visite com demasiada frequência, a não ser que tenha informações de extrema importância. A Gestapo possui olhos e ouvidos por toda a parte e, sempre que transmitimos uma informação, estamos a correr grandes riscos.

— Bem sei, bem sei, o comandante Murray instruiu-me acerca do modo como devíamos trabalhar.

— É preferível que nos visite a horas convencionais, ninguém suspeitará se aparecer aqui à hora do chá, mas com certeza levantaria suspeitas se aparecesse à noite ou de manhã muito cedo.

— O comandante Murray achava que eu também poderia encontrar-me convosco noutros locais.

— Ainda assim, deveremos ser muito cautelosos e escolher cuidadosamente o local de encontro. Proponho a Prater, onde passaremos desapercibidos.

— Prater? Não sei onde é — disse a Amelia.

— Está localizada na Kastanienallee-Mitte e é uma cervejaria muito popular. No verão, está sempre a abarrotar de clientes; as suas sanduíches de carne são excelentes, para além de possuir também uma sala de espetáculos.

— E não daremos aí nas vistas?

— Há sempre tanta gente, que ninguém reparará em nós. Claro que teremos de passar o mais desapercibidos possível, bem como vestirmo-nos de modo despretensioso.

— Nunca me vesti pretensiosamente — retorquiu a Amelia, Perturbada por aquela observação.

— E ainda bem.

Jan explicou como os encontros deviam ser agendados e o que deveriam fazer para informar de que suspeitavam estar a ser seguidos.

— Se levarmos um jornal na mão, isso indicará que ninguém nos segue e que o contato poderá ocorrer; se não estivermos certos disso, deveremos tirar um lenço branco do bolso e assoar o nariz. Esse será o sinal para não estabelecer o contato e para, assim que for possível, abandonar o local sem chamar atenções.

Amelia sentia-se genuinamente satisfeita por tornar a ver a Dorothy, mas principalmente por ter restabelecido contato com o grupo de oposição liderado pelo professor Schatzhauser. Dizia para si própria que, até ao momento, a sorte

tinha estado do seu lado no seu trabalho enquanto agente. Em Londres, o seu relatório acerca da Operação Madagáscar havia sido acolhido positivamente, com o trabalho desenvolvido em Itália a agradar ainda mais, por ter conseguido obter informações acerca das intenções do Mussolini de invadir a Grécia. Estava confiante de que a sorte continuaria do seu lado, ainda que estivesse consciente de que, à medida que a guerra se prolongava, as situações com que se confrontava se revelavam cada vez mais perigosas.

Dois dias depois, Amelia voltou a comparecer em casa do professor Schatzhauser. Achou-o nervoso, temeroso de que a Gestapo pudesse estar a vigiá-lo. Sabia que amigos seus haviam desaparecido sem deixar rastro depois de a Gestapo ter aparecido em suas casas. Amigos que não eram judeus ou militantes de qualquer movimento de esquerda, mas pessoas como ele: professores, advogados e comerciantes que se sentiam despeitados com o que estava a acontecer a Alemanha sob o domínio do Hitler.

Helga e Manfred Kasten abraçaram a Amelia afetuosamente, o mesmo tendo feito o pastor Ludwig Schmidt. Ela ficou preocupada por não ver o padre Müller.

— Nada receie, acabará por vir — garantiu o pastor Schmidt. — Esta reunião foi convocada precisamente para ele nos colocar ao corrente daquilo que está a acontecer em Hadamar.

— Hadamar? Trata-se de alguma localidade? — perguntou a Amelia.

— É um hospício localizado a noroeste de Frankfurt. Um amigo informou-nos de que estão aí a acontecer coisas horríveis. O padre Müller voluntariou-se para tentar certificar-se de que o que nos contaram é mesmo verdade — explicou-lhe o pastor Schmidt.

— Mas o que vos contou ele que possa ser assim tão horrível? — perguntou a Amelia com curiosidade.

— É uma barbaridade tão grande, que não pode ser verdade, nem sequer o Hitler se atreveria a tanto. Todavia, o padre Müller é um jovem muito empenhado e, se aquilo que nos disseram se confirmar, informará de imediato o Vaticano.

Amelia insistiu com o pastor para que a informasse de que barbaridade se tratava.

— Contaram-nos que matam os doentes mentais, que lhes tiram a vida para que deixem de constituir um fardo para o Estado.

— Meu Deus, que horror!

— Sim, minha filha, sim. Isso significaria que estariam a submeter à eutanásia uns pobres coitados que não podem defender-se. A pessoa que nos contou isso trabalhou nessa instituição; diz que adoeceu porque não conseguia continuar a suportar que destinassem tal fim aos deficientes mentais e aos

loucos. Ainda não consigo acreditar; quem nos contou era simpatizante socialista e pode estar a exagerar — concluiu o pastor Ludwig Schmidt.

Enquanto aguardavam pelo padre Müller, o Manfred Kasten informou que o Max von Schumann estaria em Berlim, o mais tardar, dentro de uma semana. A afirmação vinha aliás da própria baronesa Ludovica, com quem o casal Kasten se havia cruzado no teatro. A baronesa parecia sentir a falta do marido e informou-os de que estava a pensar organizar um jantar de celebração assim que o Max chegasse. A Ludovica lamentava-se por o seu marido ter sido mobilizado para a Polónia.

Por fim, o padre Müller chegou. Vinha acompanhado por uma mulher, a sua irmã Hanna.

Amelia achou-o diferente, mais magro e com um trejeito de amargura no canto dos lábios. Mal lhe prestou atenção, tal urgência sentia em partilhar com os amigos aquilo a que tinha assistido em Hadamar, onde havia passado as últimas semanas.

— Todas as pessoas da localidade estão ao corrente daquilo que está a acontecer no hospício, inclusive as crianças. Testemunhei como, em plena rua, um rapazinho discutia com o irmão dizendo-lhe: "Vou contar a toda a gente que enlouqueceste e serás enviado para Hadamar para seres cozido."

— Então, meu filho, conte-nos tudo pormenorizadamente — pediu-lhe o pastor Schmidt, tentando levar o padre Müller a recuperar a calma que parecia ter perdido na sua viagem a Frankfurt.

— O homem que nos informou contou-nos a verdade. Dirigi-me ao endereço que me tinha dado, a casa do seu irmão, um cavalheiro chamado Heinrich e que vive com a esposa e dois filhos. O Heinrich trabalha em Hadamar, onde é enfermeiro, e corroborou detalhadamente tudo aquilo que o irmão nos tinha contado. Disse-me que, se pudesse, também ele se demitiria, o que não podia fazer porque tinha uma família para sustentar; portanto, por mais que tentasse ultrapassar os seus escrúpulos, continuava a trabalhar em Hadamar. Não se revelou fácil, mas, graças a ele, consegui entrar no hospício. Apresentou-me como sendo um amigo à procura de emprego. O diretor do hospício parecia desconfiar, mas o Heinrich explicou-lhe que as nossas famílias eram velhas conhecidas e que já me tinha explicado o trabalho que desenvolvia no hospício. Tive de interpretar o papel mais odioso que poderão imaginar: o de militante do partido convicto da superioridade da raça ariana e da necessidade de nos vermos livres de todos os que a possam macular. Terei certamente representado bem, dado que o diretor de Hadamar se foi mostrando cada vez mais confiante em mim, tendo-me garantido que o que ali se fazia era para o bem da Alemanha. Suponho que também lhe terá parecido boa ideia poder contar com mais um par

de braços para se encarregar daqueles loucos. As pessoas da aldeia evitavam aproximar-se do manicômio, sendo também poucas as que aí procuravam trabalho. Ao final do dia de trabalho, o Heinrich costumava ir a um bar para beber uns copos antes de regressar a casa, dizendo que, se assim não fosse, não conseguiria adormecer. Precisava de se sentir inebriado para conseguir encarar os seus filhos. No bar, as pessoas evitavam-nos, como se tivéssemos contraído peste. Entretanto, o Heinrich não parava de beber. Aquilo que vi em Hadamar... é horrível. — O padre Müller silenciou-se.

— Então, meu filho, faça um esforço, é importante que nos transmita aquilo a que assistiu ali — insistiu o pastor Schmidt.

— Gostariam de saber quantos loucos passaram por Hadamar? O Heinrich calcula que entre sete a oito mil. Como as instalações não têm capacidade para tantos internados, são transferidos para outros hospitais psiquiátricos da Alemanha. São transportados em carruagens para gado, como se fossem animais. Assim que chegam, são encaminhados para o hospício sem sequer lhes darem água ou comida. Se os vissem... exaustos, nervosos, desorientados. São depois conduzidos para a cave do hospício. Aí, improvisaram uns quartos onde nada mais há para além das quatro paredes, nem sequer há bancos onde se possam sentar. Instalaram umas tubagens através dos tetos. Os enfermeiros obrigam-nos a despir-se e, seguidamente, fecham-nos. Os gritos deles são aterradores...

O padre Müller interrompeu a narrativa. Tapou o rosto com as mãos, como se pretendesse evitar uma visão horrível que tivesse impressa nos olhos. Nenhum dos presentes se atreveu a fazer qualquer pergunta; nem sequer o pastor Schmidt tornou a pressioná-lo para falar. Foi a Hanna, a irmã do sacerdote, quem lhe colocou uma mão sobre o ombro e depois lhe acariciou o cabelo, o que fez com que ele caísse em si. Com os olhos inundados de lágrimas, o padre Müller suspirou e, fazendo um grande esforço, prosseguiu aquele terrível relato.

— Não há nada naqueles quartos, à exceção de umas grelhas no teto. Com os doentes a gritarem incessantemente, assustados, começa a sair um fumo das grelhas, um fumo que os envolve até ocultar por completo a sua nudez, um fumo que os sufoca assim que o respiram, um fumo assassino e que acaba por lhes arrebatam as vidas. Nas caves de Hadamar foram construídas câmaras de gás, para onde são levados doentes mentais de toda a Alemanha para aí serem exterminados. Seguidamente, os corpos são levados para um forno a fim de serem cremados.

— Meu Deus! E como é possível que ninguém denuncie essa situação, como é que as pessoas da aldeia podem permitir que isso aconteça?! — exclamou a Amelia.

— Oficialmente, ninguém sabe de nada, ainda que, para a população local,

aquilo que ali acontece não constitui segredo, já que o fumo do crematório é visível por cima dos telhados. O Heinrich pensa que, assim que tiverem exterminado todos os loucos, assassinarão os idosos e todos aqueles que considerarem inúteis. Ouviu isso mesmo ao diretor da instituição.

— Temos de fazer alguma coisa! — exclamou o professor Schatzhauser, indignado. — Não podemos permitir tamanha infâmia!

— Comuniquei aquilo que vi ao bispo de Limburg, diocese à qual Hadamar pertence. Também ele já havia ouvido rumores, que eu acabei por lhe confirmar. Prometeu falar com as autoridades. Irá dizer que tomou conhecimento de alguns rumores que o perturbaram e exigirá uma investigação oficial — prosseguiu o padre Müller.

— Talvez isso os faça parar — disse a Helga Kasten.

— Oxalá tenhas razão! — replicou o seu marido.

— E tu... o que fizeste em Hadamar? — A pergunta da Amelia teve um efeito devastador sobre o padre Müller, que a fitou com um olhar perdido.

— O diretor do hospício não queria que me encarregasse de auxiliar os outros enfermeiros a encaminhar aqueles desgraçados dementes para essas sinistras câmaras. Na primeira semana, encarregou-me de outras funções, mas depois pareceu começar a confiar em mim e... bem... houve um dia em que chegou um contingente de doentes, havendo entre eles mulheres e até algumas crianças. O Heinrich procurou-me para me dizer que o diretor lhe tinha ordenado que me dissesse para os auxiliar a encaminhar os doentes para a câmara de gás. Não podia negar-me, já que precisava de continuar a interpretar o meu papel, mas não consegui conter-me; quando começaram a empurrá-los para os obrigarem a entrar na câmara, tentei impedi-los, começando a gritar como se também eu fosse demente. Os meus gritos deixaram os pobres desgraçados ainda mais nervosos... Heinrich olhava para mim, assustado, enquanto eu... eu não parava de gritar que aquilo era um crime e para os deixarem sair. Depois, alguém me agrediu na cabeça com um bastão e perdi os sentidos.

Quando despertei, estava no quarto onde os enfermeiros trocam de roupa. O Heinrich tinha-me arrastado até ali e pediu-me que não dissesse uma palavra. O diretor pretendia interrogar-me; quanto a ele, ameaçaram entregá-lo à Gestapo, sob a acusação de ter introduzido no hospital um inimigo do Reich. O Heinrich jurou que eu era um bom nazi, talvez demasiado sensível para aquele tipo de trabalho, e garantiu a pés juntos que eu não representava qualquer perigo; contudo, o diretor instou-o a levar-me ao seu gabinete. Mas ele não o fez. Ajudou-me a fugir do hospício através do armazém de carvão e pediu-me que nem sequer passasse por sua casa para recolher os meus pertences: "Foge, eu arranfarei uma desculpa. Se és amigo do meu irmão, entre os dois poderão

certamente arranjar forma de pôr um fim a isto. Eu não tenho coragem.” E foi o que fiz... sim, fugi daquele maldito lugar; procurei refugiar-me junto do bispo, sendo graças a ele que estou aqui.

— E ao Heinrich, o que lhe terá acontecido? — perguntou o professor Schatzhauser, preocupado.

O padre Müller rompeu num pranto. Libertou todo o sofrimento que dificilmente conseguia controlar.

— Quando julgou que eu já estaria suficientemente afastado do hospício, subiu até ao gabinete do diretor e, aí chegado, atirou-se para o vazio.

— Meu Deus! — gritaram em uníssono o professor Schatzhauser, o pastor Ludwig Schmidt e o casal Kasten.

— O meu irmão sofreu muito — sussurrou a Hanna, tornando a colocar o braço sobre os ombros do sacerdote. — Talvez devêssemos regressar a casa. Precisa de descansar.

— Padre Müller, o senhor é muito corajoso, tendo prestado um grande serviço à causa de Deus. Apenas devidamente informados acerca de tais atrocidades as poderemos combater — disse o pastor Schmidt.

— O programa político nazi prevê o extermínio dos doentes e dos incapacitados, não é a primeira vez que ouvimos referência à execução de doentes mentais. Houve um plano semelhante antes do início da guerra — recordou o Manfred Kasten.

— A única forma de acabar com tais execuções é dá-las a conhecer — murmurou o professor Schatzhauser.

— O bispo irá denunciar às autoridades aquilo que está a acontecer em Hadamar — disse o padre Müller, quase sussurrando.

— Não lhe darão ouvidos! De que serve denunciar um crime aos próprios carrascos? — disse a Amelia, que dificilmente conseguia controlar o sentimento de horror que a narrativa do sacerdote tinha desencadeado.

— De qualquer modo, isso obrigá-los-á, ainda que a prazo, a suspenderem as execuções em Hadamar. Todos nós possuímos o dever de denunciar aquilo que ali acontece — concluiu o Schmidt.

— Estou preocupado com a sua segurança — comentou o professor Schatzhauser.

— Também nós estamos — acrescentou a Hanna, a irmã do padre Müller —, mas o bispo decidiu enviar o Rudolf para Roma.

— Isso significa que irá partir... — deduziu o pastor Schmidt.

— É o mais conveniente — concordou o Manfred Kasten —, dado que a Gestapo irá investigar quem é esse empregado de Hadamar. E se o encontrassem... essa gente não tem respeito por ninguém.

— Quando vais? — quis a Amelia saber.

— Daqui a umas semanas — informou o sacerdote.

Depois do que tinha visto em Hadamar, o padre Müller não conseguia adormecer, ainda que não fosse o único. Todos os presentes naquela reunião em casa do professor Schatzhauser não conseguiam deixar de pensar em tudo o que o sacerdote havia contado. Sentiam-se tolhidos por um sentimento de impotência face àquele regime criminoso.

Amelia regressou a casa dos Keller com um propósito em mente: faria qualquer coisa que pudesse contribuir para a derrota do Reich, fosse o que fosse.

Naquela mesma noite, no isolamento do seu quarto, escreveu Uma carta para Londres relatando o que estava a acontecer em Hadamar.

O senhor Keller insistiu para que tomasse uma chávena de chá com a sua esposa Greta e o seu filho Frank, mas ela não se sentia capaz de fingir normalidade, de forma que alegou sentir-se indisposta devido a uma aguda dor de cabeça.

— É uma jovem simpática, mas um pouco estranha, não vos parece? — comentou o Frank com os pais.

— E não é de espantar, dado que perdeu a família na guerra civil. Julgo que está aqui por lhe ser difícil viver em Espanha, rodeada por recordações dos pais — explicou o senhor Keller ao filho.

— A mim, faz-me muita companhia — acrescentou a Greta.

Amelia apareceu de manhã bem cedo em casa da Dorothy e do Jan, deixando-os a ambos alarmados.

— Mas que aconteceu? — perguntou a Dorothy assim que abriu a porta e se deparou com a Amelia.

A mulher vestia ainda a camisa de noite, com os olhos a denunciarem ainda algum sono.

— Meu Deus, Amelia, são sete da manhã! Diz-me o que aconteceu!

— Tens de enviar urgentemente um relatório para Londres, que já cifrei previamente. Não é muito detalhado, mas, quanto antes o receberem, melhor.

Jan surgiu no umbral da porta da sala. Vestia também camisa de noite.

— Disse-lhe que viesse aqui apenas a horas suscetíveis de não dar nas vistas — advertiu-a.

— Bem sei, mas tive acesso a informações extremamente importantes e, se assim não fosse, não teria corrido tal risco.

Repetiu-lhes palavra por palavra aquilo que o padre Müller tinha relatado e, ainda que o Jan parecesse tão impressionado como a Dorothy, censurou a Amelia por ter sido imprudente.

— Poderia ter-nos contado tudo isto daqui a algumas horas ou até mesmo

hoje à tarde. Aquilo que está a acontecer em Hadamar é verdadeiramente horrível, mas insisto que não deveria ter vindo a estas horas.

— Como pode dizer isso?! Os nazis estão a matar milhares de inocentes! O padre Müller disse que o Heinrich calculava que já teriam sido executadas cerca de oito mil pessoas — retorquiu a Amelia, com a sua voz a denotar algum descontrolo.

— É claro que é horrível! Mas devemos agir cautelosamente, sem dar nas vistas. Julga que, se chamarmos atenções, isso representará uma maior ajuda para esses inocentes? Acabaremos por despertar suspeitas entre os vizinhos e alguém poderá dizer alguma coisa à Gestapo. Sabe o que isso significa?

Dorothy olhou para ele, como se estivesse a pedir-lhe para não ser tão severo com a Amelia. Depois, saiu da sala para preparar café.

Foi a custo que a Amelia conseguiu recuperar a serenidade. O Jan intimidava-a, sentindo-se como uma colegial na sua presença. O agente tornou a recordar-lhe as medidas de segurança acordadas.

— Bem, agora tem de demorar-se aqui algum tempo. Para além da porteira, talvez mais alguém a tenha visto entrar. É preferível que saia a uma hora mais razoável.

— Quando pensa enviar este relatório para Londres?

— Assim que me for possível.

— E quando será isso? — insistiu a Amelia.

— A senhora faça o seu trabalho que eu faço o meu, e cada um sabe como melhor o poderá fazer. Não me pressione, porque serei eu a determinar qual o momento adequado.

— Vá lá, Jan, a Amelia está muito emocionada, e não é para menos — interveio a Dorothy.

— E julgas que eu não? Que tipo de pessoa seria se não ficasse espantado ao ouvir o que esse sacerdote relatou a respeito do hospício de Hadamar? Mas temos de agir com inteligência, sem dar passos em falso. É claro que transmitirei essa informação o mais rapidamente possível, mas sabes perfeitamente que devemos tomar o máximo de precauções no estabelecimento de contato com Londres. E não o farei antes de me encontrar com outra pessoa que também possui informações para nos dar. Depois, enviarei o que ela me disser juntamente com o relatório da Amelia; não posso correr o risco de entrar em contato com Londres duas vezes no mesmo dia, a não ser por uma questão de extrema urgência.

— Tens razão — cedeu a Dorothy.

— Claro que tenho. Perder a cabeça não nos levaria a lado nenhum.

Naquele mesmo dia, Manfred Kasten e a esposa reuniram em sua casa um

grupo de pessoas. O professor Karl Schatzhauser tinha-lhes pedido que organizassem essa reunião para esclarecer determinadas questões relativas à Amelia. Não sabia por que razão, mas não conseguia acreditar nela. Para ele, não fazia sentido que tivesse aparecido subitamente, disponibilizando-se para o que fosse necessário.

— Talvez tenhamos sido algo imprudentes ao aceitá-la entre nós; na verdade, nada sabemos sobre ela — explicou o professor.

— Julga que poderá tratar-se de uma espia ao serviço do Franco e que a informação que obtiver sobre nós acabará na secretária do próprio Hitler? — perguntou um homem de cabelo branco e com ar de estar acostumado a dar ordens.

— Não sei, general, não sei. O Max von Schumann parece confiar nela, para além de ter prestado um grande auxílio ao padre Müller ao ajudar uma jovem judia a fugir do país. Mas por que motivo terá regressado? Não acredito na sua explicação de que está a tentar recuperar o negócio do pai, ou mesmo na desculpa de, por ter terminado a sua relação amorosa com o tal jornalista americano, não saber para onde mais podia ir — argumentou o professor.

— A não ser que tenha um motivo pessoal para estar aqui — interrompeu-o a Helga Kasten.

— Em que possibilidade estás a pensar? — perguntou-lhe o marido, fitando-a com apreensão.

— Conhecemo-la por intermédio do Max e, tanto quanto sabemos, eles conheceram-se há anos em Buenos Aires. Não é preciso ser muito perspicaz para perceber que a Amelia é uma pessoa especial para o Max, e ele para ela. Se terminou a relação com o Albert James, não me espanta que tenha regressado à Alemanha precisamente para se encontrar com o Max.

— As coisas que te passam pela cabeça! — recriminou-a o marido.

— Talvez a Helga esteja certa — interveio o homem a quem chamavam general. — Ainda assim, não podemos confiar plenamente nela.

— Não é conveniente que saiba quantos oficiais se opõem ao Führer — acrescentou um coronel.

— Com efeito, isso seria imprudente.

— Sim, mas talvez já saiba mais do que nos convém — retorquiu o professor Schatzhauser —, tendo sido precisamente por isso que pedi ao Manfred para convocar esta reunião.

— Assim sendo, julgo que devemos concordar em manter uma certa distância relativamente à menina Garayoa, ainda que sem cortarmos contato com ela; talvez possa vir a revelar-se útil, dada a sua relação com os britânicos — opinou o Manfred.

— Não me parece que os britânicos estejam dispostos a ouvi-la, agora que rompeu com o Albert James. Afinal de contas, a sua relação com o Almirantado era de âmbito estritamente pessoal — afirmou o professor.

A preocupação do professor e dos seus amigos era justificável. Corriam grandes riscos ao confiarem naquela espanhola sobre quem tão pouco sabiam. Ainda que o exército tivesse jurado lealdade a Hitler, alguns líderes militares conspiravam contra o Führer, sendo natural que se demonstrassem desconfiados.

A baronesa Ludovica estava determinada a reconquistar o marido. Não estava disposta a continuar a aceitar a indiferença do Max apenas por ele considerar que as posições políticas de ambos eram inconciliáveis. É verdade que ela era nazi, e sentia-se orgulhosa de o ser. Não estava o Führer a devolver a Alemanha a grandeza de outrora? Irritava-a que o Max se mostrasse cego perante a evidência de o Hitler ser o homem do futuro. Ela sentia-se emocionada ao ouvi-lo falar, dado que os discursos do seu líder despertavam em si o orgulho em ser alemã. Contudo, o Max era um romântico inveterado que odiava o Hitler e argumentava que era vergonhoso que o exército alemão estivesse sob as ordens daquele cabo austríaco, pois era desse modo que se referia ao Führer. Ela far-lhe-ia ver que deviam ser pragmáticos; até ao momento, as indústrias da sua própria família na região do Rhur haviam beneficiado com o crescimento económico da Alemanha.

Mas Max colocava o seu sentido da honra acima de qualquer outra circunstância e nunca veria na prosperidade familiar justificação suficiente para pactuar com o III Reich. E foi por isso que Ludovica só encontrou uma maneira de o Max não acabar por se separar dela, que seria nada mais nada menos do que ficar grávida. Não se revelaria fácil, dado que há já bastante tempo que se limitavam a viver na mesma casa, mas ela estava disposta a qualquer coisa para ter um filho: um filho que levaria o Max a permanecer para sempre a seu lado. Era o único varão da família; as suas duas irmãs tinham filhos, mas apenas através dele o apelido Von Schumann poderia perpetuar-se.

Assim, Ludovica prometeu a si própria evitar qualquer discussão política com o marido e, inclusivamente, acataria sem contestar os comentários críticos que ele fizesse relativamente ao Führer, para além de que fingiria simpatizar com aqueles amigos do Max que tanto a irritavam.

A pensar no seu regresso, ela tinha mandado organizar um jantar onde seriam servidos os pratos preferidos do marido.

Max chegou, vindo de Varsóvia, a meio da tarde de 15 de maio, com o seu rosto a refletir algo mais para além de cansaço, ainda que a Ludovica não conseguisse descortinar o que fosse.

Ele limitou-se a dar-lhe um beijo na face, não parecendo aperceber-se nem

da sua mudança de penteado nem do seu vestido novo; também pareceu não apreciar a taça de champanhe com a qual a esposa pretendia dar-lhe as boas-vindas. A Ludovica disfarçou a irritação que a frieza do marido lhe tinha provocado, mas não pensava render-se diante do primeiro obstáculo.

— Fico feliz por estares aqui. Descansa um pouco, jantaremos mais tarde. Quero que me contes tudo o que aconteceu durante estes meses na Polônia. Aqui, tudo permanece na mesma... à exceção de recebermos ocasionalmente uma visita da RAF. Felizmente, nada de mal nos aconteceu. E, claro, também as tuas irmãs e os teus sobrinhos estão bem e desejosos de te verem. Disse-lhes que os informaria assim que chegasses a Berlim.

— Estão na cidade? — quis saber o Max.

— Sim, ainda que a tua irmã mais velha me tenha dito que, assim que o tempo melhorar, partirão para Mecklenburg.

Max assentiu, ao mesmo tempo que evocava as recordações daquela velha mansão familiar na região dos lagos, não muito longe de Berlim. Aí tinha passado os verões mais felizes da sua infância, a andar de bicicleta e a pescar.

Depois de ter tomado banho e feito a barba, regressou para junto da Ludovica. Os meses passados em Varsóvia tinham-no levado a refletir acerca da situação anômala do seu matrimônio e estava decidido a colocar um ponto final naquilo que não era mais do que uma união de conveniência.

— Como te correram as coisas nestes últimos meses? — perguntou-lhe por cortesia enquanto jantavam.

— Mal, bastante mal — respondeu ela, baixando o olhar.

— Porquê? O que aconteceu?

— Refleti muito sobre a nossa relação, Max...

— Também eu, Ludovica.

— Compreendes então que tenha passado mal estes tempos. Amo-te, Max, senti a tua falta, apercebi-me de que não conseguiria viver sem ti... Não digas nada, ouve... Sei que por vezes te irritei com os meus comentários acerca de política, e posso garantir-te que estou convencida de que nada nem ninguém possui valor suficiente para se interpor entre nós. Recordas-te do dia do nosso casamento? Era a noiva mais feliz do mundo... Não me casei contigo por os meus pais assim o pretenderem, e sei que aquilo que sentias por mim ultrapassava também o desejo dos teus pais em unir as nossas famílias.

— Ludovica, isso pertence ao passado — respondeu ele em tom de protesto.

— Não. Pelo menos para mim, as coisas não se passam dessa forma. Se não fui uma boa esposa, perdoa-me. Sempre me disseste que era demasiado temperamental, e tens razão, envolvo-me demasiado naquilo que digo e faço. E... aquilo que quero dizer-te, Max, é que não permitirei que nem o Hitler nem o

Terceiro Reich sejam uma barreira entre nós. Sou católica, tal como tu, e o nosso casamento é para sempre.

Max ficou embatucado perante aquela confissão da Ludovica. Como poderia dizer-lhe que tinha pensado propor-lhe uma separação amistosa? Fitou a esposa surpreendido e, apesar do seu sorriso implorante, julgou aperceber-se nos seus olhos da dureza de outrora.

— Devemos tentar, não te parece, Max? — disse ela, pressionando-o para uma resposta.

— Talvez seja já demasiado tarde...

— Não, não é! Como poderia sê-lo? Jurei os meus votos no altar e estou disposta a cumpri-los. Perdoa-me pelo meu comportamento, que a minha apologia do Führer te ofenda tanto, mas garanto-te que isso não voltará a suceder.

Ele tornou a fitá-la olhos nos olhos. Sentia dificuldade em reconhecer a esposa naquela mulher aparentemente submissa e compreendeu que tudo aquilo não passava de uma encenação e que ela nunca aceitaria a separação.

Acabaram de jantar em silêncio. Depois, ele desculpou-se argumentando que estava cansado da viagem e que, portanto, iria para o seu quarto. A Ludovica assentiu, solícita. Meia hora depois, quando o Max estava já prestes a adormecer, ouviu a porta do seu quarto a abrir-se e viu a Ludovica exibindo-se numa sedosa camisa de noite branca, aproximando-se. Antes de conseguir dizer o que quer que fosse, já a esposa se havia metido na sua cama.

2

As sirenes romperam o silêncio da noite.

— Talvez a RAF tenha decidido retribuir a visita da Luftwaffe. Ouvi na BBC que os nossos aviões provocaram estragos no Museu Britânico e na Abadia de Westminster — comentou a Helga Kasten com os seus convidados.

Os Kasten tinham organizado um jantar em honra do Max von Schumann. A Amelia passou o serão tentando, sem êxito, falar a sós com o Max, mas a Ludovica não se afastava do marido por um segundo sequer, e, para todos os presentes, tornava-se evidente que a relação matrimonial havia melhorado. Além do mais, e para surpresa de todos, naquela noite a Ludovica não fez nenhuma das suas proclamações favoráveis ao III Reich.

Amelia aproximou-se do Manfred Kasten.

— Posso pedir-lhe que me ajude, de modo que eu e o Max possamos falar a sós por uns momentos?

O diplomata anuiu. Pensou então que talvez a sua esposa estivesse certa ao pressupor que a Amelia teria regressado a Berlim à procura do Max.

— Direi ao Max que me acompanhe até à biblioteca. Dirija-se agora para lá e aguarde por nós. A minha esposa tentará entreter a baronesa, mas bem vê que esta noite ela ainda mal se afastou do Marido.

Amelia saiu da sala com passo decidido, dirigindo-se para a biblioteca. O Max e o Manfred Kasten não tardaram a aparecer.

— O que tem de tão importante para falar comigo a sós? — perguntou o Max ao diplomata.

— Há uma pessoa que deseja falar consigo.

Max estacou no umbral da porta assim que viu a silhueta da Amelia a definir-se no interior da biblioteca; a rigidez da sua postura indiciava o seu estado de perturbação.

— Gostaria de falar contigo — disse-lhe ela, esboçando um sorriso.

— O que aconteceu? — perguntou ele com uma certa brusquidão.

O Manfred Kasten saiu da divisão, deixando-os a sós.

— Fiz alguma coisa que possa perturbar-te? Se pedi a Herr Kasten que te trouxesse aqui é porque sei que não gostas de falar de determinados assuntos na presença da Ludovica... — justificou-se a Amelia.

— Deixemos a Ludovica de fora e diz-me então o que tens de tão urgente para falar comigo.

— Gostaria de saber o que está a acontecer na Polónia...

— Então é isso? Tens de informar os teus amigos britânicos?

— Por favor, Max! O que se passa contigo?

— E por que motivo haveria de te contar o que está a suceder na Polónia? Poderá isso ajudar a pôr termo à guerra?

— Deixará o Hitler de ordenar aos aviões da Luftwaffe para bombardearem Londres? Ouve o que dizes, Max! Não te percebo...

— Estou cansado de tudo: daquilo que faço, de ver a inutilidade da confiança que depus na Grã-Bretanha... Era daqueles que mais acreditava que seria possível evitar a guerra, mas nem o Chamberlain nem o Halifax quiseram ouvir-nos. O que pretendes agora? Que traia o meu país?

— Nunca te pediria isso!

— Então, porque queres saber aquilo que está a acontecer na Polónia? Por curiosidade ou para contares tudo ao Albert James para que ele escreva uma reportagem?

— Julgava que querias que esta guerra terminasse...

— É isso que desejo, sim, mas nunca disse que gostaria que fosse a Alemanha a perdê-la. Pretendes que deixe de dar valor à vida dos meus compatriotas?

— Não te percebo, Max...

— Estou a ver que não... Terminemos esta conversa, Amelia, estou cansado. Recebi hoje ordens para regressar à minha unidade, posso ser-te útil em mais alguma coisa?

— Não, obrigada, lamento ter-te incomodado.

Amelia saiu da biblioteca com uma certa irritação e, ao dirigir-se para o salão, deparou-se com a Ludovica.

— Suponho, querida, que saiba onde está o meu marido... — perguntou-lhe ela.

— Na biblioteca — respondeu Amelia, sem disfarçar a perturbação.

Naquela noite, sentiu grande dificuldade em adormecer. Perguntava-se o que teria acontecido ao Max para lhe falar com tais modos. Os Keller tinham partido para o campo no dia anterior e ela sentia o peso da solidão, ainda que se sentisse

feliz por a Greta ter melhorado, ao ponto de se sentir com energias suficientes para enfrentar a viagem até à casa da sua irmã, em Neuruppin.

O retinir da campainha sobressaltou-a. Consultou o relógio. Eram dez da manhã. Por um momento, começou a tremer, pensando poder tratar-se da Gestapo. Depois, acabou por abrir a porta.

— Max! Mas o que fazes aqui?

— Queria pedir-te desculpa pelo meu comportamento de ontem à noite. Comportei-me com modos pouco cavalheirescos.

— Queres que te prepare chá? — propôs ela, numa tentativa de disfarçar o nervosismo.

— Uma chávena de chá saber-me-ia muito bem, mas não pretendo incomodar-te...

— Oh! Não te preocupes. Demorarei menos de um minuto!

Enquanto ela servia o chá, o Max começou a falar.

— Pretendo ser sincero contigo. Conheces os meus sentimentos Por ti e... isso perturba-me, sobretudo nesta altura, em que eu e a Ludovica estamos a tentar salvar o nosso casamento.

Amelia permaneceu calada durante alguns segundos. Depois, tentou sorrir enquanto respondia.

— Fico feliz por ti, sei que os vossos problemas te faziam sofrer — murmurou, surpreendida com tão inesperada confissão.

— Ela considera que ainda é possível recuperarmos os sentimentos do passado...

— Decerto valerá a pena que tentem. Desejo-te as maiores felicidades.

— Regressarei a Varsóvia dentro de alguns dias e, como me perguntaste o que estava a acontecer por lá...

— Sim, mas não passava de uma desculpa para me encontrar contigo a sós. Na verdade, não quero saber nada sobre Varsóvia.

Mas o Max parecia não a ouvir e, de olhar perdido, começou a falar.

— Pobres polacos! Nem calculas o que ali fizeram os *Einsatzgruppen*...

— Os *Einsatzgruppen*?

— São unidades especiais: "Grupos de Intervenção". Têm nas SS o seu coração e a sua cabeça. Sabes de que missão foram incumbidos? Sanear a Polónia de todos os indivíduos antigermânicos. Consegues imaginar como fizeram isso? Eu não soube de início, mas os *Einsatzgruppen* chegaram à Polónia com uma lista de trinta mil pessoas que o Terceiro Reich considerava perigosas, pessoas essas que foram detidas e executadas. Advogados, médicos, aristocratas, até mesmo sacerdotes...

— E tu... estás envolvido em tais ações? — perguntou a Amelia.

— São eles que fazem esse trabalho. Chegam às aldeias, reúnem as pessoas, obrigam-nas a abrir uma vala e, depois, fuzilam-nas. Alguns têm mais sorte, na medida em que se limitam a confiscar-lhes as terras e a deslocá-los para determinados sítios. Concedem-lhes apenas alguns minutos para recolherem os seus bens mais imprescindíveis e para abandonarem as suas casas. Os que mais sofrem são os judeus, bem sabes o ódio que o Hitler alimenta contra eles. Tenho conhecimento de extermínios em Poznan, em Blonie...

— O exército executa camponeses?

— Não, ainda não se chegou a tal ponto. Já te disse que são as SS que se encarregam de tais ações, através dos seus Grupos de Intervenção. Eu e mais alguns oficiais da Wehrmacht ainda tentamos preservar o nosso sentido de honra.

— Mas por que motivo assassinam tantos inocentes, sacerdotes, advogados, médicos?

— Pensam que, se liquidarem a "intelectualidade", bem como todos aqueles com capacidade para se lhes oporem, mais ninguém se atreverá a protestar... e têm razão. Transformaram Varsóvia num cemitério vivo.

— E qual tem sido a tua missão na Polónia, Max?

— Cuido da saúde dos nossos soldados, implemento hospitais de campanha, tento evitar carências de medicamentos e de enfermeiros... Visito as tropas em qualquer local onde se encontrem mobilizadas. É preciso evitar que os homens contraíam doenças venéreas... Se pretendes saber se já sujei as mãos com sangue, a resposta é negativa, mas não é por isso que me sinto melhor.

— Vais regressar a Varsóvia?

— Sim, mas não por muito tempo. O quartel-general pretende transferir-me de modo a atender as nossas forças mobilizadas na Holanda, na Bélgica e em França. Depois, serei enviado para a Grécia. Há alguns dias, os nossos soldados desfilaram com os italianos em Atenas.

— Terminei a minha relação com o Albert — exclamou subitamente a Amelia.

Ele ficou em silêncio, fitando-a com angústia.

— Lamento... julgava que eram felizes.

Amelia encolheu os ombros e, para disfarçar o nervosismo, bebeu um gole de chá e acendeu um cigarro.

— É um homem bondoso e leal e amo-o muito, mas não estou apaixonada por ele. Seremos sempre amigos. Aconteça o que acontecer, sei que poderei sempre contar com ele, mas não estou apaixonada.

— O que pensas fazer?

— Vim a Berlim para te ver, para estar contigo — respondeu, fixando o seu olhar no dele.

Max ficou sem saber o que dizer. Sentia-se atraído por ela desde que se haviam conhecido em Buenos Aires e, se não fosse por estar comprometido com a Ludovica, ter-se-ia envolvido num relacionamento com a espanhola. Contudo, agora, para além de estar casado, a esposa tinha-lhe rogado que concedesse uma nova oportunidade ao matrimônio de ambos, o que ele prometeu fazer. Não queria trair a Ludovica, por mais que desejasse pedir à Amelia que o acompanhasse para Varsóvia ou para onde o mobilizassem.

— Partirei dentro de alguns dias.

— Pois... percebo. Assim sendo...

Max levantou-se e a Amelia acompanhou-o até à porta, ainda que não tenha chegado a abri-la. Ele abraçava-a com furor e ela entregou-se. Naquela manhã, na solidão da casa dos Keller, tornou-se sua amante.

O padre Müller não conseguia afugentar os pesadelos que o atormentavam desde que tinha regressado do hospício de Hadamar. Andava intratável, e o velho sacerdote que ele ajudava não sabia o que fazer para o resgatar de tal inferno.

Também a sua mãe e a sua irmã se mostravam incapazes de despertar nele a boa disposição que sempre o havia caracterizado. Assim, naquele domingo, foi com alegria que acolheram a visita da Amelia, pensando que talvez a jovem espanhola conseguisse ajudá-lo a descontraír. No dia seguinte, segunda-feira, estava previsto que o padre Müller partisse para Roma. O bispo tinha providenciado a viagem temendo que, a qualquer momento, a Gestapo descobrisse o paradeiro do jovem sacerdote.

A Irene insistiu com o filho para que saísse para passear com a Amelia.

— O ar puro far-te-á bem, hoje o dia está radioso. E tenho a certeza de que a Amelia gostaria de dar um passeio, não é assim, minha filha?

Caminharam até ao jardim zoológico sem nada dizerem. Aí chegados, sentaram-se num banco, de onde podiam ver uma jaula repleta de macacos.

— Queria falar contigo antes de partires — disse a Amelia.

— Temo que neste momento não seja boa companhia para ninguém — replicou o padre Müller.

— Somos amigos e, por isso, gostaria que partilhasses a tua angústia comigo.

— Ninguém consegue sequer imaginar os horrores que vivi — respondeu ele num tom desesperado.

— Rudolf, porque não deixas que os teus amigos te ajudem?

O padre Müller estremeceu ao ouvir o seu nome próprio. Ninguém o chamava assim, à exceção da mãe e da irmã, e subitamente a jovem espanhola ignorava a sua condição sacerdotal, tratando-o pelo seu nome comum.

— Consigo compreender o teu sofrimento ao te sentires impotente por não conseguires ajudar aqueles desgraçados, mas não é saudável que continues a

alimentar essa dor. Mais importante é pensares naquilo que podemos fazer para pôr fim a esses assassinios. E tu já fizeste alguma coisa, pois o bispo protestou às autoridades. Agora, o que devemos fazer é continuar a lutar, conscientes do tipo de pessoas que estamos a defrontar. Pensei em entrar em contato com o Albert; como é jornalista, talvez demonstre interesse por aquilo que está a acontecer em Hadamar. Nem sequer o Hitler poderá prosseguir com tais barbaridades se a imprensa norte-americana e britânica denunciarem que, na Alemanha, os dementes mentais são executados.

O sacerdote fitou-a, convencido. Ela dava mostras de grande firmeza nos seus propósitos.

— Aquilo que não podes fazer é render-te. Já encaraste o mal com os teus próprios olhos, pelo que tens o dever, enquanto sacerdote e enquanto ser humano, de enfrentar esses criminosos.

— Achas que consegues fazer chegar ao teu amigo Albert James as informações acerca do que está a acontecer em Hadamar?

— Pelo menos, vou tentar. Tenho de encontrar a melhor solução, dado que não posso escrever-lhe uma carta que pudesse cair em poder da Gestapo. Na verdade, tu próprio poderias levar essa carta para Roma.

— Para Roma?

— Para a Carla Alessandrini. Ela poderá ajudar-nos, saberá a melhor forma de fazer chegar a minha carta ao Albert.

— Tens soluções para tudo!

— Não julgues isso, lembrei-me de tal possibilidade enquanto conversávamos. E agora gostaria de te contar uma coisa.

Confidenciou-lhe que a sua relação com o Albert James havia chegado ao fim.

— Lamento... mas ao mesmo tempo fico contente... — disse o sacerdote.

— Contente!?

— Sim, porque... és casada e... enfim... não era conveniente que vivessem juntos.

— Julgas que isso tem importância?

— Claro que tem! Nunca poderias casar-te com ele e, no caso de virem a ter filhos, tenta imaginar a sua situação... Ainda que te sintas magoada, foi a melhor solução. Não julgues que não simpatizo com o Albert; parece ser um homem sensato e corajoso e que merece encontrar a mulher ideal com quem possa partilhar a sua vida.

O que a Amelia não contou ao padre Müller é que se tinha tornado amante do Max von Schumann e que, aproveitando a ausência dos Keller, se encontravam diariamente. Naquele momento, enquanto eles estavam no jardim

zoológico, o Max estaria a comunicar à Ludovica que não se sentia capaz de dar uma nova oportunidade ao casamento deles. Tinha tentado com sinceridade, mas isso havia sido antes de a Amelia se ter tornado sua amante. Agora, ansiava apenas por estar com a jovem espanhola e não estava disposto a permitir que alguém o separasse dela, nem sequer a Ludovica.

Ao cair da tarde, a Amelia e o padre Müller dirigiram-se a casa do professor Schatzhauser. O sacerdote pretendia despedir-se dos seus amigos antes de partir para Roma.

Quando chegaram, o Manfred Kasten contava às pessoas presentes que algo de importante iria acontecer. Disse que havia muita agitação no quartel-general do exército e que, nos últimos dias, o Hitler parecia eufórico.

— Quem iremos agora invadir? — perguntou o pastor Schmidt.

— Não me parece que tentem um desembarque na Inglaterra. A RAF está a conseguir travar a Luftwaffe — comentou o professor Schatzhauser.

— Mas não calculam sequer o estado em que Londres se encontra — lamentou-se a Amelia.

— Suponho que esteja como Berlim, minha cara, certamente como Berlim... são as vicissitudes da guerra — interveio a Helga Kasten.

Não era a primeira vez que o Manfred Kasten opinava que o Hitler estaria a preparar alguma operação de grande envergadura. No entanto, quando a Amelia pedia ao Jan e à Dorothy que transmitissem esses rumores imprecisos, ele protestava: — Não consegues informações mais precisas? Enviar uma mensagem para informar que existe agitação no quartel-general do exército alemão em plena guerra parece-me inútil, de tão óbvio que é; é lógico que os generais andem muito ocupados, e também não me parece relevante que o Hitler ande ou não satisfeito.

— Compreendo. Mas as minhas fontes consideram que alguma coisa importante estará prestes a acontecer e, ainda que ignoremos o quê, seria conveniente que Londres estivesse informada.

Não lhe foi fácil confessar à Dorothy e ao Jan que era agora amante do Max e que o acompanharia à Polónia, o que implicava necessitar de novas ordens do comandante Murray.

Nenhum dos dois pareceu surpreendido, e o Jan limitou-se a pedir-lhe que regressasse dentro de dois dias, altura em que ele já teria contactado Londres.

As ordens do Murray foram precisas: a Amelia deveria acompanhar o barão Von Schumann e, por intermédio dele, obter todas as informações possíveis relativamente à mobilização militar no Leste. Dava-lhe também o nome do seu contato, "Grazyna", um endereço em Varsóvia onde devia dirigir-se para transmitir todas as informações que conseguisse recolher, e uma contrassenha

que deveria usar quando se dirigisse ao endereço em causa: "Depois da tempestade Vem a bonança."

O Jan entregou-lhe uma pequena câmara fotográfica.

— Poderás precisar disto.

— Não será fácil escondê-la.

— Terás de conseguir.

A 2 de junho, o Max e a Amelia partiram para Varsóvia. Naquela altura, aos olhos de todos os seus amigos, a Amelia era agora a amante do Max. Ela própria o confidenciou ao professor Schatzhauser, argumentando que não fazia sentido ocultar por mais tempo o que existia entre ela e o Max. O professor sentiu dificuldade em disfarçar a sua tristeza. Não simpatizava com a baronesa Ludovica, compadecendo-se secretamente pelo Max por estar casado com uma nazi, mas isso não era justificação suficiente para tornar sua amante aquela jovem espanhola, que não deixava de ser uma estranha.

A notícia originou todo o tipo de comentários entre os amigos do Max e, de um modo geral, nenhum se mostrou satisfeito. E não foram os únicos: para os Keller, foi uma surpresa inesperada. A Amelia contou-lhes que partiria com o barão para Varsóvia. Não eram necessárias mais explicações. Herr Helmut disse-lhe que poderia contar com eles e que as portas da sua casa permaneceriam sempre abertas para ela. Contudo, a Greta fitou o esposo com um semblante pesado: não podia aprovar que a Amelia roubasse o marido a outra mulher e partisse com ele. Não, não era uma atitude correta.

3

Max e a Amelia viajaram de comboio até Varsóvia, onde eram aguardados pelo capitão Hans Henke, intendente do Max. Daí, viajaram para sul, para Cracóvia, onde Hans Frank, um bávaro que o Hitler havia designado governador-geral da Polônia, tinha estabelecido residência.

— É uma das cidades mais bonitas do mundo — disse-lhe o Max referindo-se a Cracóvia.

Mal chegaram à cidade, ela dar-lhe-ia razão, ainda que a tristeza impressa no rosto dos polacos a tenha impressionado.

Não ficariam muitos dias em Cracóvia, apenas o tempo suficiente para o Max debater com o Hans Frank e os seus superiores militares determinadas questões relativas à supervisão médica, posto o que regressariam a Varsóvia.

Amelia sentiu uma imediata e profunda antipatia pelo Hans Frank, que se havia instalado no Castelo de Wawel e se comportava como um pequeno monarca. Apreciava organizar jantares aos quais presidia como se de um rei se tratasse, exibindo louças de porcelana e cristais da Boêmia.

Foi num desses jantares que a Amelia, ladeada pelo Max e pelo capitão Hans Henke, foi apresentada ao Hans Frank e à esposa, que nesse momento estavam a conversar com outros convidados enquanto se preparavam para jantar.

A mesa apresentava-se excessivamente decorada para o gosto da Amelia; o Max estava sentado à sua frente e, a seu lado, encontrava-se um oficial das SS. Os olhos azuis daquele homem eram glaciais.

Era ruivo, alto e de porte atlético, mas, apesar da sua postura, a Amélia sentiu por ele uma repulsa imediata.

— Sou o comandante Jürgens — disse ele, estendendo-lhe a mão.

— Amelia Garayoa — respondeu ela.

O Jürgens esboçou um trejeito, assentindo. É claro que não ignorava a vinda a Cracóvia do comandante Von Schumann, que considerava um aristocrata

emproado, acompanhado por uma jovem espanhola que tudo indicava ser sua amante. Não parecia espanhola, de tão loura, frágil e magra que era, convencido como estava de que todas as espanholas eram morenas e roliças.

— Comandante Schumann, desfrutou da sua estadia em Berlim? — perguntou ele, dirigindo-se ao Max.

— Obviamente que sim — respondeu o barão de má vontade.

— Regressou muito bem acompanhado por esta bela senhora... — disse o comandante olhando para a Amelia.

— Amelia, apresento-te o comandante Ulrich Jürgens, com quem deverás ser cautelosa.

A advertência do Von Schumann provocou uma risada ao Jürgens.

— Então, comandante, não assuste a menina! Os aristocratas da Wehrmacht revelam-se sempre condescendentes relativamente a quem não tenha como eles nascido num castelo. Por falar nisso, como está a sua encantadora esposa, a baronesa Ludovica?

Max ficou tenso e a Amelia empalideceu. As palavras do comandante Ulrich Jürgens soavam ofensivas.

Uma mulher de idade já avançada, sentada ao lado do Max, interveio na conversa.

— Os jovens são sempre demasiado impulsivos e indiscretos. Diga-me, comandante Jürgens, o senhor é casado?

— Não, condessa, não sou.

— Ah! Isso significa então que não desfruta das vantagens do matrimônio. Deveria casar-se, dado que já tem idade para isso, não lhe parece? Isso desviaria-lhe o interesse pelo matrimônio dos outros. E a senhora, minha querida, de onde é? Tem uma pronúncia que não consigo identificar...

— Espanhola, sou espanhola — respondeu a Amelia, agradecida pela intervenção da aristocrata.

— Sou a condessa Lublin.

— A senhora é polaca? — perguntou a Amelia com curiosidade.

— Sim, sou polaca, ainda que tenha passado a maior parte da minha vida em Paris. O meu marido era francês, mas depois de enviudar decidi regressar ao meu país. Bem vê que não escolhi propriamente o momento mais adequado. — As palavras da condessa denotavam uma certa ironia.

A condessa conseguiu centrar a conversa em assuntos triviais. Falou-lhes de Paris, de uma viagem recente aos Estados Unidos, onde vivia o seu filho mais velho, e do tempo que se fazia sentir em Cracóvia naquela primavera.

O comandante Jürgens concentrou-se no jantar, tentando aparentar que não lhes prestava atenção, embora a Amelia se tenha apercebido do modo como a

dissecava com o olhar e do brilho irado nos seus olhos quando fitava o Max.

Viajaram para Varsóvia dois dias depois, tendo ficado hospedados no Hotel Europejski, onde o eficiente intendente do Max, o capitão Hans Henke, tinha conseguido reservar para a Amelia um quarto contíguo ao do Max.

— Sinto-me feliz por estares aqui... mas temo que te aborreças e decidas regressar a Berlim — disse-lhe o Max.

— Desejo apenas estar contigo. Além disso, conhecer uma cidade é sempre uma aventura. Não demorarei muito tempo a conhecer outras pessoas, não te preocupes comigo.

— Mas tens de ser prudente. Esta não é uma cidade segura, a Gestapo e as SS estão por toda a parte.

— Decerto não será pior do que em Berlim.

— Aqui, à exceção do capitão Henke, não confio em ninguém.

— Bem sei, bem sei.

O que o Max nem sequer imaginava é que também não podia confiar na mulher pela qual estava perdidamente apaixonado. Amelia já tinha começado a fotografar a documentação que ele guardava na sua pasta.

Optava por fotografar tudo, deixando ao Almirantado a tarefa de identificar o que fosse mais relevante.

Costumava aproveitar para fotografar os documentos quando o Max estava a dormir ou a tomar banho. Tremia ao pensar na tremenda mágoa que ele sentiria se um dia a descobrisse. Porque o Max estava apaixonado por ela como nunca tinha estado por nenhuma outra mulher. A Amelia retribuía o seu afeto, embora menos intensamente, dizendo para si própria que tinha gasto com o Pierre o melhor do seu amor.

Alguns dias depois da chegada a Varsóvia, o Max havia estabelecido já as suas rotinas de trabalho, pelo que a Amelia se sentiu suficientemente segura para procurar o endereço que o comandante Murray, por intermédio do Jan e da Dorothy, lhe tinha fornecido.

Tratava-se de um edifício localizado em pleno centro de Varsóvia. A casa possuía três andares, com uma das esquinas a demarcar a praça do Mercado. Subiu até ao terceiro andar e tocou à campainha, aguardando com impaciência.

A porta foi-lhe aberta por uma jovem, que a olhou de alto a baixo e lhe perguntou: — O que pretende a senhora?

— Queira desculpar-me, mas não falo polaco — informou a Amelia em alemão.

— Só fala alemão? — perguntou a jovem.

— Também falo inglês, francês e espanhol...

— Falaremos então em alemão. O que deseja?

— "Depois da tempestade vem a bonança" — proferiu ela.

— Entre, por favor — reagiu a jovem, que disse então chamar-se Grazyna.

A casa era espaçosa e bem iluminada. As janelas davam para a praça e para uma das ruas laterais. Notava-se que era uma casa burguesa, com mobiliário e quadros de qualidade.

Grazyna convidou-a a sentar-se.

— Quem é a senhora?

— Chamo-me Amelia Garayoa e julgo que possuímos amigos comuns.

— Sim, é o que parece. O que pretende?

— Disseram-me para vir aqui entregar umas fotografias...

— Fui informada de que a senhora viria aqui, mas não de quando o faria. O que tem para me entregar?

— Consegui tirar diversas fotografias a determinados documentos, que poderão revelar-se importantes.

— Entregue-me os rolos, eu própria os farei chegar ao destino.

— Como vai conseguir que este material chegue a Londres?

— Não posso dizer-lhe. Corremos muito perigo e, se a senhora vier a ser detida, não poderá contar aquilo que não sabe.

— A oposição está bem organizada?

— A oposição? — A Grazyna soltou uma gargalhada amarga. — Não calcula o que fizeram os alemães quando nos invadiram. Chegaram com listas intermináveis de pessoas, de todos aqueles que pudessem dar corpo a qualquer resistência. Os *Einsatzgruppen* executaram milhares de pessoas: médicos, artistas, advogados, funcionários públicos... Sim, assassinaram todos aqueles que podiam tentar se opor, mais não fosse pelo poder da palavra.

— Lamento.

— Ninguém fez nada para os deter — queixou-se a Grazyna.

— A Grã-Bretanha declarou guerra à Alemanha devido à invasão da Polónia — contrapôs a Amelia.

— Demasiado tarde. Deram margem de manobra ao Hitler e negaram-se a ver o que ia acontecer, com os polacos a serem as primeiras vítimas. Oxalá o Churchill seja capaz de fazer alguma coisa! Pelo menos, nunca defendeu a política de apaziguamento. Como puderam estar tão cegos?

Enquanto a Grazyna falava, a Amelia observava-a. Calculou que não devia ter mais do que 25 anos, ainda que as rugas em torno dos lábios a fizessem parecer mais velha. De estatura mediana, cabelo castanho-claro, olhos de um azul carregado, roliça; ainda que não fosse uma beldade, o conjunto tornava-se agradável. A Amelia pensou que ela passaria desapercibida em qualquer lugar.

— Vive sozinha? — atreveu-se a perguntar.

— Sim, embora os meus pais residam perto daqui. E a senhora? Qual é a sua cobertura?

— Sou amante de um oficial médico da Wehrmacht.

A Grazina cerrou os dentes, tentando conter um trejeito de repulsa.

— Qual é a sua nacionalidade?

— Sou espanhola.

— Veio de muito longe... E porque não está no seu país?

— O meu pai foi fuzilado depois de a nossa guerra civil ter terminado; também a minha mãe faleceu e... bem, digamos que foram os caminhos da vida que me trouxeram até aqui. Ah!, mesmo que não acredite, o oficial com quem vivo é boa pessoa, não é um nazi.

— Pois... Vai dizer-me que se limita a cumprir ordens.

— Exato. Pertencia já aos quadros do exército antes da ascensão do Hitler ao poder.

— Mas com certeza não está ao corrente de que a senhora o espia.

— Não, não está.

— E porque é que o espia?

— Espero que, depois de o Hitler ter sido derrotado, decidam libertar o meu país das garras do Franco.

A gargalhada da Grazyna irritou-a. Estava plenamente convencida de que, mais cedo ou mais tarde, o Franco seria derrubado do poder, prendendo-se a tal sonho por ser a única coisa que lhe dava forças para viver.

— Não vejo onde possa estar a piada — afirmou secamente.

— A sua ingenuidade surpreende-me, mas, obviamente, não pretendia ofendê-la. Bem, entregue-me então o material.

Amelia retirou do bolso um lenço que envolvia o rolo fotográfico e entregou-o.

— Julgo que esta casa ainda é segura, mas não devemos facilitar. Tenho um vaso no parapeito da janela; se estiver colocado do lado direito, isso significa que poderá vir sem problemas; se estiver do lado esquerdo, ou é porque não estou em casa ou porque poderá existir perigo, circunstância em que, apesar do que possa ter acontecido, não deverá subir. Percebeu bem?

— Absolutamente.

— O que pensa dos judeus?

A pergunta apanhou a Amelia desprevenida, que ficou calada por uns momentos, o que levou a Grazyna a uma interpretação errônea.

— Estou a ver que pertence a esse tipo de pessoas cujas convicções afrouxam quando se trata de judeus.

— Ora essa?! A minha melhor amiga era judia, o sócio do meu pai era

judeu... A questão é que não lhe sei dizer o que penso acerca deles. Deveria ter alguma opinião especial? Esse é precisamente o problema daqueles que pensam que é necessário ter "uma opinião" acerca dos judeus.

— Não se irrite, não passou de uma mera pergunta. O meu namorado é judeu, está no gueto.

— Lamento. Sei que se encontram confinados a algumas ruas e que não lhes permitem sair dessa zona.

— As condições de vida no gueto degradam-se de dia para dia.

— Consegue encontrar-se com o seu namorado?

— Não se pode entrar ou sair do gueto sem autorização, mas conseguimos iludir a vigilância, ainda que nem sempre seja possível.

— Se puder fazer alguma coisa...

— Talvez, dado que o seu amante é nazi...

— O Max é um soldado, um comandante do corpo médico da Wehrmacht, e já lhe disse que não é nazi.

— Terá de dizer-lhe que nos conhecemos.

— Sim... dir-lhe-ei que nos conhecemos casualmente na rua, que me perdi e que você se ofereceu amavelmente para me acompanhar até ao hotel e que, para lhe agradecer, a convidei para tomar chá e simpatizamos uma com a outra.

Parece-lhe bem?

— Sim, é uma história credível. Em que hotel se encontram hospedados?

— No Europejski.

— Temos mais ou menos a mesma idade e você não conhece ninguém aqui, de maneira que o seu amante gostará de saber que, enquanto ele se empenha em matar polacos, a senhora tem alguém com quem conversar.

— Peço-lhe que não insista em tecer tais juízos de valor acerca do Max. Não o conhece e, portanto, não deveria julgá-lo. Consigo Perceber que veja todos os alemães como inimigos, mas ele não é um deles.

— Suponho que terá de acreditar nisso, de modo a não se sentir demasiado mal com o trabalho que faz — concedeu a Grazyna.

— Não, não é por isso. Conheço-o há bastante tempo e posso garantir-lhe que não é nazi.

A Grazyna limitou-se a encolher os ombros. Não estava disposta a fazer mais concessões relativamente à opinião que tinha acerca dos alemães. Odiava-os demasiado para fazer distinções entre eles. Alguns dos seus melhores amigos haviam sido executados pelos *Einsatzgruppen*, dois tios seus tinham sido enforcados e o seu namorado encontrava-se no gueto. Não, a espanhola não podia pedir-lhe que fosse capaz de ignorar a dor e o ódio que trazia dentro de si.

— Acompanhá-la-ei de regresso ao hotel, para que a história que vai contar

ao seu amante se torne mais credível.

Saíram da casa em silêncio. A Amelia refletia se conseguiria vir a entender-se com a Grazyna. Esta, por seu lado, não sabia o que pensar sobre a Amelia. Por aquilo que acabava de lhe contar, era uma agente britânica com uma missão a cumprir, para a qual necessitaria certamente de utilizar aquele oficial da Wehrmacht; não obstante, a Grazyna desprezava qualquer pessoa que demonstrasse um comportamento amável relativamente ao inimigo.

Informou-a de que era enfermeira e que trabalhava no Hospital de Santo Estanislau. Quando tinha oportunidade, roubava medicamentos para os entregar no gueto. Não era fácil, embora contasse com a colaboração de uma freira, a irmã Maria.

— É uma mulher extraordinária e muito corajosa, apesar da sua idade avançada.

— Que idade tem ela? — perguntou a Amelia.

— Julgo que fez já sessenta anos; está um pouco obesa e é muito contestatária, mas não receia correr riscos. Tem acesso ao chaveiro da farmácia do hospital, sendo ela quem me ajuda a roubar os medicamentos.

— Uma freira que rouba... — sussurrou a Amelia, sorrindo.

— Uma freira que contribui para salvar vidas — replicou a Grazyna, irritada.

— Claro que sim! Não me interprete mal; aquilo que a irmã Maria faz parece-me louvável, embora me pareça que ela nunca poderia imaginar que um dia acabaria por se ver a roubar.

— E a senhora alguma vez imaginou que viria a tornar-se amante de um nazi?

— Não sou amante de nenhum nazi.

O silêncio tornou a instalar-se entre elas até chegarem ao hotel. Aí chegadas, a Amelia convidou-a a tomar chá. A Grazyna tinha razão, tornava-se necessário dar verosimilhança à mentira que iria contar ao Max.

Este chegou ao hotel ao fim da tarde. Estava cansado e irritado, mas ficou de melhor humor assim que viu a Amelia, que lhe contou que tinha conhecido uma jovem enfermeira polaca e que haviam simpatizado mutuamente; ele incentivou-a a tornarem a encontrar-se.

— Assim, não te sentirás tão só. Sei que fui egoísta ao trazer-te para cá, mas não queria separar-me de ti por nada deste mundo.

Naquela noite, tal como nas seguintes, a Amelia continuou a fotografar os documentos que o Max guardava na sua pasta. Sentia um profundo temor sempre que se entregava a tal tarefa e perguntava-se se ele a perdoaria no caso de um dia a descobrir.

No dia 20, à tarde, a Amelia voltou a comparecer em casa da Grazyna. Não

tinha voltado a casa dela desde o dia em que se haviam conhecido. Constatando que o vaso estava do lado direito do parapeito da janela, subiu até ao terceiro andar em passo acelerado.

Tocou à campainha, e a Grazyna não demorou muito tempo até lhe abrir a porta.

— Oh, és tu! — disse, sem conseguir disfarçar a sua surpresa.

— Sim. Como o vaso estava do lado direito, decidi subir... — justificou-se a Amelia.

— Entra, vou apresentar-te alguns amigos.

Na sala, estavam dois homens e uma jovem. Os três fitaram-na com curiosidade.

— Apresento-te o Piotr, o Tomasz e a minha prima Ewa, que é a melhor pasteleira de Varsóvia. Um dia destes, deverias passar pela Pastelaria dos meus tios, garanto-te que vale a pena.

Piotr parecia estar mais próximo dos quarenta anos do que dos trinta; era alto, espadaúdo, com o cabelo louro-escuro e olhos de um castanho quase verde, e umas mãos fortes e calejadas. Era completamente o oposto do Tomasz, que parecia ainda não ter feito os trinta anos, com o cabelo de um louro quase branco e olhos de um azul intenso. Sem dúvida, a Ewa era a mais jovem dos três. A Amelia calculou que teria cerca de vinte anos: alta, esbelta, cabelo castanho-claro e, tal como a Grazyna, olhos azul-escuros.

— Trazes mais informações? — perguntou a Grazyna.

Amelia mostrou-se tensa, não respondendo. Ignorava quem fossem os convidados, tendo ficado surpreendida com a indiscrição da jovem.

— Vamos, não fiques preocupada! São amigos; senão, nem sequer te teria convidado a entrar. Não me fizeste perguntas acerca da Resistência? Pois aqui tens três dos seus elementos. Estamos a planear uma incursão no gueto.

— E como é que fazem isso? — perguntou a Amelia, curiosa.

— A casa da condessa Lublin está localizada numa rua adjacente ao muro que delimita o gueto. As traseiras da casa possuem uma porta de serviço; existe aí uma entrada para o sistema de esgotos, através dos quais o Piotr descobriu uma forma de passar para o outro lado. As entradas de esgoto costumam estar vigiadas, mas por vezes conseguimos enganar a vigilância, não é, Piotr?

O homem confirmou. A Grazyna falava em alemão, língua que, para alívio da Amelia, também os seus amigos pareciam dominar.

— Piotr é motorista da condessa, que não deixa de ser uma mulher muito singular. Ainda que pareça amiga dos nazis, o Piotr acha que isso não passa de uma mera fachada — esclareceu a Grazyna.

— Conhecia em Cracóvia, durante um jantar oferecido pelo governador-

geral, o Hans Frank.

— Esse porco! — exclamou a Grazyna.

— Não calcula como sofrem no gueto — interrompeu a Ewa. — Sobretudo as crianças. Precisam urgentemente de medicamentos, são muitos os que padecem de febre tifoide.

— Quando será essa incursão? — perguntou a Amelia.

— Contamos conseguir fazê-la dentro de alguns dias — respondeu a Ewa.

— Bem... trouxeste mais materiais ou não? — impacientou-se a Grazyna.

— Sim, aqui está. Julgo que estará para acontecer alguma coisa importante, dado que estão a deslocar uma grande quantidade de tropas para a fronteira.

Grazyna trocou um rápido olhar com o Tomasz, que meneou a cabeça como se confirmasse aquilo que ela lhe perguntava em silêncio.

— Enviarei isto imediatamente, talvez ainda esta noite — comprometeu-se a Grazyna.

— Sim, faz isso. O Max partirá amanhã e disse-me que estará ausente por alguns dias; vai para o Norte, para onde serão mobilizadas forças consideráveis. São muitas as divisões alemãs na Polónia...

— Bem... pelo menos, livrar-te-ás da presença desse homem durante alguns dias — concluiu a Grazyna.

— Achas que poderia ir ao gueto convosco?

— Não! — responderam todos eles em uníssono.

— Bem... estava apenas a perguntar... gostaria de ser útil...

— Faz o teu trabalho, que nós faremos o nosso. Consegues imaginar o que aconteceria se fôssemos detidos? Não queiras correr mais riscos do que os necessários — censurou-a Grazyna.

A 22 de junho, foi desencadeada a Operação Barba Ruiva: a Wehrmacht invadia a União Soviética. A notícia não apanhou a Grã-Bretanha desprevenida. Através dos seus agentes, os serviços secretos britânicos haviam acedido a informações acerca das movimentações das tropas alemãs. As fornecidas pela Amelia Garayoa foram mais um contributo, entre tantos outros que corroboravam aquilo que já sabiam em Londres. Na altura, já tinham conseguido decifrar o código Enigma, usado pelo exército e pela marinha alemães na cifra das suas comunicações. Para o Churchill, aquela era uma boa notícia. Estava convencido de que o Hitler, não obstante parecer invencível, não poderia combater com idêntica intensidade em duas frentes em simultâneo.

Stalin, ainda que tenha recebido diversas informações alertando para a invasão, nunca lhes deu crédito. Aliás, chegou mesmo a mandar fuzilar alguns dos generais que ousaram alertá-lo.

As purgas no Exército Vermelho tinham sido de tal envergadura que os seus

melhores generais morreram fuzilados. A ofensiva alemã foi brutal: 153 divisões, 600 000 veículos, 3580 tanques, 2740 aviões, concentrados em três frentes distintas, participaram na invasão.

O chefe do estado-maior soviético, o marechal Georgy Zhukov, telefonou a Stalin, que se encontrava na sua dacha de Kuntsevo, a vinte quilômetros de Moscou, para o informar de que as forças alemãs haviam transposto a "fronteira" da Polônia soviética. O Stalin ficou sem palavras, não conseguindo acreditar naquilo que o Zhukov lhe dizia. Tinha confiado no Hitler ao ponto de negligenciar a fronteira polaca.

As visitas da Amelia a casa da Grazyna tornaram-se habituais. Nada de melhor tinha para fazer, dado que o Max integrava a ofensiva das forças alemãs, pelo que não estava em Varsóvia. A pouco e pouco, conseguiu vencer a antipatia inicial que a Grazyna parecia sentir por ela.

Certa tarde, foi ter com ela ao hospital e conheceu a irmã Maria, que estava na enfermaria com o olhar concentrado nuns papéis.

— Quer então dizer que a senhora é a tal espanhola... A Grazyna falou-me de si. Venha, levá-la-ei até onde ela está neste momento, ainda que não me pareça que vá demorar muito mais, dado que o seu turno termina às cinco horas.

Grazyna encontrava-se numa sala repleta de mulheres; estava a medir a temperatura a uma idosa que parecia estar à beira da morte. A Amelia ficou surpreendida com a delicadeza com que tratava da velhota. Assim que viu a Amelia e a irmã Maria, dirigiu-se para elas.

— Amelia, o que fazes aqui? O que aconteceu?

— Nada, desculpa-me se te assustei, mas, como passei perto daqui, pensei em entrar e cumprimentar-te...

— Que susto me pregaste! Estou a ver que já conheces o meu anjo da guarda — disse ela, sorrindo para a irmã Maria.

— Não sejas bajuladora, já sabes que não é com elogios que conseguirás alguma coisa de mim.

— É minha amiga — disse a Grazyna, levantando a voz e tranquilizando as pacientes, assustadas ao ouvirem a recém-chegada falar em alemão.

Enquanto Grazyna trocava de roupa, a irmã Maria convidou Amelia para tomar chá na enfermaria. As duas mulheres simpatizaram uma com a outra de imediato. A freira conseguiu aperceber-se do tormento refletido nos olhos da Amelia.

— Irmã, precisamos de medicamentos — sussurrou-lhe a Grazyna ao ouvido.

— Não posso fornecer-te mais nada, iremos ser descobertas — replicou a freira.

— Há crianças em estado muito grave... torna-se difícil conter o surto de febre tifoide no gueto — insistiu a Grazyna.

— Se formos descobertas, a situação agravar-se-á ainda mais, pois deixarás de poder levar-lhes o que quer que seja — contrapôs a irmã Maria.

— Bem sei, mas preciso desses medicamentos...

— Irei ausentar-me da enfermaria para mostrar à Amelia a ala das crianças, estaremos de regresso dentro de dez minutos.

— Obrigada — murmurou a Grazyna, agradecida.

Assim que a Amelia e a irmã Maria saíram da enfermaria, abriu o chaveiro e procurou a chave da farmácia. Ao regressar, a irmã Maria olhou com preocupação para o volumoso saco que a Grazyna trazia na mão.

— Mas o que levas tu aí?! Amanhã, temos fiscalização, e sabes perfeitamente como funcionam as coisas aqui, têm tudo inventariado até ao último centímetro de gaze. O que é que vou dizer?

— Diga-lhes que o inventário estava errado.

— Foi precisamente isso que lhes disse da última vez... acabarão Por transferir-me para outro serviço por ser displicente e permitir que desapareçam medicamentos da farmácia.

— Mas a madre superiora nunca a recriminou...

— É verdade, mas não quer saber nada acerca daquilo que faço; que, quanto menos souber, melhor. Além do mais, a coitada não Sabe mentir.

— Venha connosco um dia ao gueto e verá quanto necessitam daquilo que lhes levamos! Há lá médicos, mas não possuem quaisquer meios de tratamento e choram de impotência ao verem as pessoas a morrer à sua volta.

— Vão-se embora antes que me arrependa. Terei agora de pensar numa mentira para justificar o desaparecimento de tudo o que aí levas.

Saíram para a rua, onde cheirava a verão e o sol reluzia sobre um céu azul.

— Vamos até minha casa, o Piotr virá ter comigo assim que anoitecer. Se Deus estiver do nosso lado, esta noite conseguiremos penetrar no gueto e entregar-lhes isto — disse a Grazyna referindo-se ao conteúdo do saco.

— Deixa-me ir convosco — pediu a Amelia.

— Enlouqueceste! Não pode ser. Quantas vezes terei de repetir?

— Talvez Londres possa considerar úteis eventuais informações que eu envie acerca do gueto. Julgo que ainda não se aperceberam do real alcance do ódio dos nazis pelos judeus.

A Grazyna silenciou-se, refletindo nas palavras da Amelia. Hesitou por uns instantes antes de responder.

— Levo-te comigo apenas se todos os outros estiverem de acordo.

O Piotr mostrou-se reticente, tal como o Tomasz, mas a Ewa e a Grazyna

conseguiram vencer as suas resistências.

— Uma vez que os britânicos não conseguem compreender com exatidão aquilo que o gueto é, pode ser vantajoso que a Amelia lhes transmita as suas impressões — argumentou a Grazyna.

— Pelo menos, passarão a dispor de informações em primeira mão — acrescentou a Ewa.

Assim que começou a anoitecer, Piotr já havia cedido e, antes que chegasse a hora do recolher obrigatório, dirigiram-se, em separado mas apressadamente, para a casa da condessa Lublin. Grazyna levava consigo o saco com os medicamentos, enquanto o Tomasz, a Amelia e a Ewa carregavam outros sacos que pareciam pesar mais ainda do que o da Grazyna.

Piotr ajudou-os a entrar pela porta de serviço, que permitia o acesso a um átrio, de onde uma porta dupla abria para a cozinha. Do outro lado, havia três quartos para acomodação da criadagem. Piotr tinha a sorte de contar com um quarto apenas para si, dado ser o único homem da casa; os outros dois quartos eram ocupados pela cozinheira e pela criada pessoal da condessa.

— Não é preciso recordar-vos que não devem fazer qualquer ruído e, muito menos, sair do meu quarto. As criadas dizem que odeiam os nazis, mas prefiro não correr riscos — advertiu-os.

Grazyna, Tomasz e Ewa, seguidos pela Amelia, dirigiram-se para o quarto do Piotr. A divisão era pequena, apenas com espaço suficiente para acomodar uma cama, uma mesa de cabeceira e um guarda-roupa. Sentaram-se na cama à espera de que o Piotr regressasse.

Amelia preparava-se para perguntar alguma coisa, mas, com um gesto, o Tomasz fê-la permanecer em silêncio.

Após uns bons momentos de espera no quarto, o Piotr regressou. Vinha com um ar cansado.

— A condessa tinha convidados e não tive outro remédio senão esperar que todos partissem. Aguardaremos um pouco mais e, quando sairmos, terá de ser em total silêncio. Sabem já o que fazer — disse, dirigindo-se aos seus amigos.

— Quanto a si, Amelia, faça aquilo que nós fizemos. Mas peço-lhe encarecidamente que não pense sequer em tropeçar ou proferir uma palavra que seja.

O céu noturno apresentava-se cravejado de estrelas. Fiapos de luz pareciam suspensos do céu de Varsóvia, o que não lhes facilitava os movimentos, mas foram rápidos. O Piotr levantou a tampa de esgoto e, com a mão, incitou os amigos a submergirem no subsolo da Cidade. Tomasz foi o primeiro a descer pelas estreitas escadas de ferro que levavam aos esgotos. Seguiram-no Ewa, Grazyna e, por fim, Amelia.

Depois de voltar a colocar a tampa de esgoto no seu devido lugar, o Piotr regressou ao seu quarto. Naquela noite, não poderia acompanhá-los. A condessa era imprevisível e podia chamá-lo a qualquer momento. Desde que estava viúva que o havia escolhido para tornar as suas noites menos solitárias; e ele aceitou a situação, sabendo que isso o colocava numa posição vantajosa face à restante criadagem. Nunca o avisava atempadamente, mas ele sabia ler no olhar dela o momento em que tal chamamento poderia ocorrer.

Contudo, naquela noite, acontecesse o que acontecesse, teria de arranjar um estratagema para ir levantar a tampa de esgoto daí a quatro horas, que seria a altura precisa em que os seus amigos iriam regressar do gueto.

Amelia teve de conter o vômito que lhe subia pela garganta. O cheiro parecia-lhe insuportável. Caminhava pelos detritos de Varsóvia, evitando as ratazanas, mergulhando os pés na água nauseabunda que fluía pelo canal que atravessava a cidade de um extremo ao outro.

Tomasz liderava a marcha, seguido pela Grazyna e pela Ewa, com a Amelia no fim. Uma ratazana passou-lhe entre as pernas, fazendo-a gritar assustada. A Ewa voltou-se, viu o roedor a correr e pegou na mão dela.

— Não olhes para elas — recomendou-lhe.

— E se nos morderem? — conseguiu a Amelia dizer.

A Ewa limitou-se a encolher os ombros, puxando a Amelia pela mão. O Tomasz tinha acelerado o passo, tal como a Grazyna, e ela não queria perdê-los de vista.

A caminhada não foi longa; não se prolongou por mais de quinze minutos, embora para a Amelia tenha parecido uma eternidade. Depois, o Tomasz estacou, apontando para umas deterioradas escadas de ferro. Foi o primeiro a subir. Desferiu duas pancadas na tampa do esgoto, posto o que alguém a levantou. Uma mão pegou na dele, puxando-o para cima. Depois, chegou a vez dos restantes.

— Depressa, os soldados não demorarão — disse um homem, ao qual, de tão encoberto pelas sombras da noite, mal se lhe via o rosto.

Guiou-os até um edifício próximo onde, à porta, eram aguardados impacientemente por um outro homem.

— Estão atrasados.

Subiram pelas escadas até ao quarto e último andar, onde ou homem aguardava no patamar, ao lado de uma porta aberta que dava para uma divisão tenuemente iluminada.

— Graças a Deus que estão aqui! — exclamou uma mulher que saiu para os receber. — Mas quem é ela? — perguntou ao ver a Amelia.

— É minha amiga e poderá ser-nos útil. Fala alemão, mas é espanhola —

explicou Grazyna.

— Trouxeste medicamentos? — perguntou a mulher.

— Sim, aqui estão. Não são muitos, mas foi-me impossível roubar mais.

A mulher abriu impacientemente o saco que a Grazyna lhe entregou. A Amelia fixou o olhar nela. Devia ter cerca de sessenta anos, ou talvez mais; estava muito magra, com o rosto descarnado e sulcado de rugas; viam-se brancos no cabelo que noutros tempos teria sido negro, agora preso atrás num coque; seus olhos eram de um azul vivaz.

— Não é suficiente — queixou-se a mulher depois de verificar o conteúdo do saco.

— Lamento, tentarei trazer mais da próxima vez — desculpou-se a Grazyna.

Amelia procurou com o olhar Tomasz e Ewa, que estavam agora no fundo da divisão a falar com o homem das escadas e com aquele que os tinha guiado até ali.

— Onde está Szymon? — perguntou Grazyna, com impaciência na voz.

— O meu filho virá a qualquer momento. Está no hospital.

— Têm um hospital aqui? — perguntou a Amelia.

— Não se trata propriamente de um hospital, mas antes de um local onde tratamos dos que estão mais doentes. O meu filho é médico — respondeu a mulher em alemão.

— Sarah é a mãe do Szymon — disse a Grazyna, em jeito de apresentação da mulher que os havia recebido.

— Como vês, tenho um filho que está apaixonado por uma atea — riu a Sarah enquanto pegava afetuosamente na mão da Grazyna e se dirigiam para o local onde o Tomasz e a Ewa falavam com os outros homens.

— Este é o Barak, irmão do Szymon, e este é o Rafai — apresentou-os a Grazyna e à Amelia. — São eles que se encarregam de que as nossas crianças, não obstante a guerra, continuem a estudar.

Ewa tinha aberto um saco onde trazia rebuçados e outros doces.

— As crianças gostam dos rebuçados que costumam trazer — disse o Rafai.

— Lamento não ter podido trazer mais, mas é difícil andar carregada com um saco sem captar a atenção dos soldados.

— Deveríamos correr o risco de trazer mais sacos — queixou-se o Tomasz.

— Dariam demasiado nas vistas, é preferível que tragam o imprescindível e que evitem ser detidos — concluiu a Sarah.

O saco do Tomasz estava repleto de materiais escolares: cadernos, lápis, afias, borrachas... Era professor, e algumas das crianças do gueto tinham sido seus alunos. O Rafai tinha sido também professor de música na mesma escola onde o Tomasz continuava a lecionar. Eram amigos há demasiados anos para que

os invasores alemães conseguissem romper tal laço.

— Estava a explicar ao Tomasz e à Ewa que tornaram a racionar os víveres que dão entrada no gueto. Dizem que nos bastam 184 calorias diárias. Estão a matar-nos de fome. Organizamos cantinas, onde fazemos alguma sopa com o pouco que possuímos, para depois a distribuirmos pelos mais necessitados. Mas o pior é a carência de medicamentos, tens de conseguir mais. — O tom do Rafai soava suplicante.

— Irei fazê-lo, ainda que tema ser descoberta. A irmã Maria é muito bondosa e tem fechado os olhos, mas, mais dia menos dia, poderá ser interrogada e, ainda que esteja certa de que não me denunciará, decerto lhe tirarão as chaves da farmácia — contrapôs a Grazyna.

— Szymon anda desesperado, diz que não suporta ver as crianças morrerem sem poder fazer nada por elas, dado que carece dos medicamentos necessários — prosseguiu o Rafai.

Umhas pancadas suaves na porta deixaram-nos de sobreaviso. A Sarah foi abrir e beijou o homem que acabava de entrar.

— Mãe, a Grazyna veio?

— Entra, filho, está ao fundo da sala.

O Szymon entrou na sala e, sem hesitar, apressou-se na direção da Grazyna, que abraçou intensamente. Ficaram abraçados durante alguns segundos, sentando-se depois junto dos outros. Ela apresentou-o à Amelia, que ficou surpreendida com as grandes semelhanças entre os dois irmãos, Szymon e Barak, e a mãe. Morenos, ossudos, magros e com o mesmo azul intenso no olhar.

— Deveríamos fazer mais alguma coisa, não podemos continuar assim — queixou-se o Szymon.

— Mas que podemos nós fazer? O gueto é vigiado dia e noite, não há forma de alguém conseguir sair, à exceção daqueles que são levados para trabalharem — replicou o seu irmão Barak.

— Há dias, um oficial das SS organizou uma festa e requisitaram no gueto alguns dos nossos melhores músicos — acrescentou o Rafai.

— Temos de conseguir víveres e medicamentos. Talvez os nossos irmãos da Palestina possam ajudar-nos. Precisamos de entrar em contato com as suas delegações em Genebra ou em Constantinopla. Se arranjarmos dinheiro suficiente, será possível subornar um desses pulhas nazis para que possamos adquirir alimentos e trazê-los para o gueto — insistiu o Szymon.

— Enlouqueceste! Seríamos denunciados e ficariam com o dinheiro. Não, não é uma boa ideia. Mas concordo que devemos entrar em contato com a comunidade judaica na Palestina ou com a norte-americana, para lhes pedirmos ajuda — interveio o Rafai.

— A nossa organização faz o que pode, Szymon, sabes isso perfeitamente — disse o Barak.

— Não me interessa por política, irmão, mas apenas por salvar os nossos.

— Por mais que te convenças do contrário, a política determina tudo, Szymon. A situação do gueto seria ainda mais desesperada se nada fizéssemos — reiterou o Barak.

— Sem o Judenrat, o gueto estaria em piores condições, admite Pelo menos isso — disse a Sarah, olhando-o fixamente.

— Parece-me que estão a perder tempo quando se esforçam que a vida no gueto decorra com normalidade, em vez de tentarem organizarmo-nos para enfrentar os nazis — protestou o Szymon.

— Ainda que do lado de cá dos muros e cercados por arame farpado, devemos continuar a sentir-nos indivíduos, e um indivíduo necessita de algo mais do que pão para o ser — recriminou-o a Sarah.

— Devemos manter as crianças ocupadas — acrescentou o Rafai.

— Coitadinhas, sinto pena ao vê-las dirigirem-se a essas escolas em que todos fingem que tudo decorre dentro da normalidade — continuou o Szymon a argumentar.

— E o que deveríamos dizer-lhes? Que não há esperança? — O Barak não conseguia ocultar a irritação face ao irmão.

Szymon ia responder, mas Grazyna antecipou-se.

— Compreendo o teu pessimismo, mas não tens razão. Também aqui no gueto a vida segue em frente, sendo obrigação de todos nós fazer com que assim continue a ser, como se nada tivesse acontecido, apesar das dificuldades e do sofrimento. O Judenrat faz aquilo que lhe é possível; é graças a eles que as coisas têm funcionado e que as pessoas podem beneficiar de determinados apoios.

— Esta tarde vi morrer cinco pessoas, duas delas crianças, cujas mães me repreendiam chorosas: pediam-me que fizesse alguma coisa para as salvar. Podem calcular como me sinto — sussurrou o Szymon.

Grazyna abraçou-o, tentando conter as lágrimas. A Amelia não se atrevia a dizer o que quer que fosse, impressionada com o episódio que testemunhava.

Novamente, pancadas secas na porta tornaram a deixá-los de sobreaviso. A Sarah levantou-se e, com passo determinado, foi abrir a porta. Ouviram a voz de uma mulher que, entre soluços, perguntava pelo Szymon.

— O que aconteceu? — perguntou ele à mulher.

— Tens de vir, o meu marido está à beira da morte, tens de lhe dar alguma coisa, as compressas de água fria não baixam a febre — suplicou a mulher.

— Irei contigo, verei o que posso fazer.

— Tenham cuidado. O toque para o recolher obrigatório já soou há pouco e os soldados disparam sem fazerem perguntas — advertiu-os a Sarah.

O Szymon e a Grazyna uniram-se de novo num abraço. Depois ele saiu atrás da mulher, que insistia para que se apressasse.

— De nada adianta lamentarmo-nos. Poderão continuar a trazer-nos algumas coisas para suprimos as nossas maiores necessidades? — perguntou o Barak ao Tomasz.

— Sabes que a organização faz tudo o que pode. Daqui a dois dias, tentaremos trazer alguns sacos de farinha e arroz.

— Daqui a dois dias... Que remédio! Teremos de aguardar. Já nada nos resta daquilo que trouxeram da última vez — informou o Rafai.

— Não é fácil andar por Varsóvia com sacos de farinha — interrompeu-o a Ewa.

— Estamos conscientes disso e agradecemos-vos por tudo quanto têm feito. Tudo aquilo que está a acontecer nos parece incompreensível... confinam-nos aqui como se fôssemos animais infetados e, se isso se prolongar por mais algum tempo, é o que acabaremos por ser — respondeu o Rafai com uma certa amargura.

— Não digas essas coisas, Rafai! — repreendeu-o a Sarah. — Não quero ouvir-te falar assim. Sairemos daqui, os nazis não poderão reternos aqui infinitamente. Entretanto, devemos organizar-nos da melhor forma possível.

— Mãe, tu nasceste na Palestina e viveste lá antes de teres conhecido o pai. Se um de nós conseguisse escapar e conseguisse viajar até lá, quem deveria contactar? — perguntou o Barak.

— Escapar!... Oxalá conseguíssemos escapar e chegar à Palestina! Mas parece-me que seria preferível tentarmos fazer chegar informações acerca da nossa situação à representação da comunidade judaica em Genebra... é isso que deveríamos fazer.

— Talvez eu conseguisse escapar do gueto através dos esgotos... — sugeriu o Barak.

— Serias apanhado! — exclamou a Grazyna. — Não, não me parece que seja boa ideia. Talvez eu própria pudesse ir a Genebra, ou a Ewa...

— Do que estão a falar? — perguntou a Amelia.

A Grazyna colocou-a ao corrente do desespero dos seus amigos e daquela descabida ideia de alguém ir a Genebra para informar a comunidade judaica acerca do que estava a acontecer no gueto de Varsóvia.

— Poderia ir eu — disse a Amelia com voz sumida.

— Tu? Sim... talvez tu conseguisses chegar a Genebra com mais facilidade do que qualquer um de nós — concedeu a Grazyna.

Falaram sobre essa possibilidade durante uns bons momentos. Quando faltava apenas uma hora para a hora marcada para abandonarem o gueto, o Szymon regressou. Parecia esgotado, com um trejeito de dor esboçado nos lábios.

— Nada pude fazer, o pobre homem morreu — disse.

Seguidamente, pegou na mão da Grazyna e fitou-a com ternura.

Amava-a e admirava-a pela sua coragem. Era uma mulher que não se importava de pôr a vida em risco para o ajudar, e não só a ele, mas também aos seus próximos, a todos os judeus do gueto.

Ela era a alma daquele pequeno grupo de resistência contra a ocupação nazi, do qual também faziam parte outros jovens como eles. A Grazyna subestimava o valor daquilo que fazia, mas a verdade era que punha de fato a vida em risco, sobretudo porque, como o Szymon bem sabia, o grupo estava a passar informações aos britânicos.

— Está na hora — recordou-lhes a Ewa, que consultava impacientemente o relógio.

Levantaram-se com gestos lentos. Nenhum deles gostava das despedidas.

— Esperamos por vocês dentro de dois dias — recordou-lhes a Sarah.

— Iremos tentar — replicou o Tomasz.

Foi Barak quem se encarregou de os acompanhar, a coberto das sombras da noite, até à tampa de esgoto. Tiveram de aguardar que uma patrulha se afastasse, posto o que levantaram a tampa e rapidamente mergulharam nas profundezas do subsolo, rezando para que, do outro lado, o Piotr estivesse à espera deles.

Amelia caminhava cabisbaixa, desta vez sem sequer dar atenção às ratazanas, que corriam ao ouvirem aqueles estranhos passos no rei no dos esgotos. Não é que não sentisse medo, mas estava demasiado emocionada para se preocupar com os seus próprios temores.

O caminho pareceu mais curto, ainda que, a determinado momento, devido à escuridão, o Tomasz tenha parecido hesitar acerca do trajeto a seguir; por fim, conseguiram chegar à tampa em Varsóvia, esperando que o Piotr já aí estivesse.

O Tomasz desferiu duas pancadas secas na tampa, a qual foi de imediato levantada por duas mãos. E ali estava o Piotr, impaciente.

— Atrasaram-se dez minutos — admoestou-os.

— Lamento — desculpou-se o Tomasz.

— Tenho de voltar para junto da condessa. Disse-lhe que ia à casa de banho e não vai acreditar que possa ter demorado tanto tempo lá — disse, nervoso. — Além disso, esta noite, ignoro por que razão, parece haver mais patrulhas do que alguma vez houve.

Encaminhou-os em silêncio para a casa e, com um gesto, advertiu-os para

não saírem do quarto nem produzirem qualquer ruído. Regressou ao leito da condessa, onde esteve durante mais algum tempo, precisamente até ao amanhecer, altura em que ela costumava mandá-lo embora de regresso ao seu quarto. Até essa altura, o Tomasz, a Grazyna, a Ewa e a Amelia permaneceram sentados na cama, apertados uns contra os outros, sem se mexerem, tentando manter-se acordados, ainda que, de quando em quando, não conseguissem evitar cabecear.

Amanhecia já quando o Piotr regressou ao quarto.

— Têm de ficar aqui mais um pouco antes de saírem. Melhor será que amanheça de vez, para que as patrulhas de nada suspeitem quando vos virem.

— Devo sair daqui quanto antes, às oito tenho de estar no hospital — disse a Grazyna.

— De acordo, serás a primeira a sair, e a Amelia poderá ir contigo: caso contrário, se fosse detida pelas patrulhas, não saberia explicar a razão de estar tão cedo na rua — replicou o Piotr.

Como se todos repetissem um ritual ao qual estivessem acostumados, Tomasz sentou-se no chão, sendo imitado pela Ewa e pela Grazyna; também a Amelia o fez, posto o que o Piotr se estendeu na estreita cama, adormecendo de imediato. Permaneceram em silêncio, Perdidos nos seus próprios pensamentos. Algum tempo depois, começaram a ouvir os primeiros ruídos do dia, e o Piotr despertou sobressaltado. Mas rapidamente recuperou a calma assim que viu os Seus amigos sentados no chão, em posições praticamente idênticas às que assumiam quando ele tinha fechado os olhos. Levantou-se e, sem fazer qualquer ruído, saiu para o corredor. Não viu ninguém, pelo que entrou de novo no quarto e dirigiu um sinal à Grazyna, que saiu rapidamente, seguida pela Amelia. Alguns minutos depois, também Tomasz e Ewa saíram.

Embora estivesse extenuada, Amelia apreciava o ar puro da manhã. Os raios solares pareciam filtrados pelas nuvens altas que percorriam o céu de Varsóvia. A Grazyna parecia preocupada.

— Vou chegar atrasada — disse. — A irmã Maria irá zangar-se comigo.

— Ainda falta meia hora para as oito — contrapôs a Amelia, tentando tranquilizá-la.

— Mas daqui até ao hospital ainda é uma boa caminhada. Deverias regressar ao hotel. Sabes o caminho?

— Prefiro acompanhar-te até ao hospital, orientar-me-ei melhor a partir dali.

— Irás contar aos teus superiores em Londres aquilo que viste? — quis a Grazyna saber.

— Preparei uma mensagem, que mais tarde te entregarei — comprometeu-se a Amelia.

— Não é que não estejam ao corrente daquilo que acontece no gueto, mas parece-me que a política britânica se centra em vencer a guerra, julgam que a vitória resolverá a questão judaica.

— E não te parece uma posição lógica?

— Não, não é. A situação dos judeus chega a ser pior do que a guerra em si. É isso que pretendo que lhes digas.

— Irei fazê-lo. Gostarias que fizesse mais alguma coisa?

— Isso será suficiente. Bem... calculo que continues a espiar o teu nazi.

— Já te disse que foi mobilizado para a frente. Como não sei quando regressará, não tenho ninguém a quem espiar.

— Mas há outros oficiais hospedados no hotel.

— Dos quais procuro manter-me afastada. Prefiro ser prudente, a minha situação em Varsóvia não é fácil. Sou amante de um oficial do corpo médico, pelo que será conveniente não dar nas vistas.

— Talvez devesse arriscar um pouco mais. Os oficiais sentem-se muito sós longe de casa; com certeza que alguns deles se renderiam perante uma mulher como tu. És bonita e educada, para além de seres espanhola, ou seja, uma aliada. Nunca desconfiariam de ti.

— Parece-me que tens uma opinião errada sobre mim. Ser amante do Max é algo mais do que um trabalho. Já te disse que nos conhecemos há muito tempo e que sinto uma grande estima por ele. Não sou nenhuma prostituta.

— Não disse que o fosses, mas apenas que poderias retirar proveitos da tua atual situação. Alguns homens apenas falam na cama.

Amelia sentia-se incompreendida por Grazyna. Admirava a jovem polaca, mas ela continuava a tratá-la com desdém; ainda assim, via-se obrigada a confiar nela.

Separaram-se à porta do hospital, e a Amelia acelerou o passo rumo ao hotel. Precisava de tomar banho, cada poro da sua pele tresandava a esgoto.

Estava na recepção para pedir a chave do seu quarto quando sentiu uma respiração masculina nas suas costas. Ao voltar-se, deparou-se com o comandante das SS, Ulrich Jürgens.

— Vejam só! A distinta menina amiga do comandante Von Schumann! Está com muito mau aspeto. Terá dormido mal? Pelo aspeto das suas roupas, nem sequer parece ter dormido. Vejo que não demorou muito tempo a esquecer-se do Von Schumann.

— Como se atreve!? — Sentia vontade de esbofetear aquele homem que a olhava impertinentemente dos pés à cabeça e que se lhe dirigia como se de uma meretriz se tratasse.

— Como me atrevo? Não sei ao que se refere. Terei dito alguma coisa

inconveniente? Talvez não tenha sido muito cavalheiresco ao não conseguir disfarçar o meu espanto perante o seu aspeto. Como reagiria o seu barão perante idêntica situação? Julga que o Von Schumann teria dissimulado os seus sentimentos? Como não sou aristocrata, diga-me a senhora: o que lhe teria ele dito se estivesse no meu lugar? — O tom trocista do Jürgens continuava a soar grosseiro.

— É por demais evidente que o senhor não é aristocrata, dado que nem um cavalheiro é — disse a Amelia, voltando-lhe as costas e dirigindo-se para o elevador.

Ulrich Jürgens seguiu-a com intenção de continuar a ofendê-la.

— Já que não se ressentir com as ausências, decerto não verá inconvenientes em jantar comigo esta noite. Parece-lhe bem às sete?

Ela entrou no elevador sem sequer responder. Quando as portas se fecharam, suspirou de alívio.

Depois de um banho prolongado, enfiou-se na cama. Adormeceu a pensar na melhor forma de evitar o comandante Jürgens. Quando despertou, começava já a anoitecer. Tinha-se comprometido com a Grazyna em levar-lhe uma mensagem que esta deveria transmitir a Londres, mas concluiu que seria mais prudente permanecer no quarto, dado que, muito provavelmente, o comandante Jürgens andaria pelo átrio, à sua espera. Não queria dar-lhe a oportunidade para armar um escândalo em público, muito menos levando na algibeira uma mensagem cifrada.

Pegou num livro e tentou distrair-se a ler, até que foi sobressaltada por pancadas na porta.

— Quem é? — perguntou, sem abrir.

— Será que se esqueceu de que aguardo por si? — Era o comandante Jürgens.

— Faça o favor de não me incomodar — respondeu, tentando evitar que a voz lhe tremesse.

— Não se arme em inocente comigo, conheço as mulheres do seu tipo. As suas maneiras de senhora distinta não me enganam. Não passa de uma prostituta cara.

Amelia sentia vontade de abrir a porta e de esbofetear aquele homem, mas conseguiu conter-se. Tinha medo dele.

— Se não se for embora, apresentarei uma queixa aos seus superiores!

Ouviu-o rir ao mesmo tempo que voltava a bater na porta. Deixou-se ficar em silêncio, sem responder ao chorrilho de insultos dele. que, passado algum tempo, cansado daquela cena, decidiu ir-se embora.

Amelia permaneceu ainda uns bons momentos atrás da porta, sem se atrever

a mover um músculo que fosse, receando que aquele energúmeno pudesse regressar. Depois, encostou um cadeirão à porta e sentou-se. Não conseguiria ficar descansada na cama sabendo que ele podia regressar. Mas o Jürgens não voltou.

No dia seguinte, saiu para ir a casa da Grazyna. Todavia, ficou dando uma volta alargada pela cidade, temendo ser seguida pelo comandante Jürgens, ainda que não o tivesse visto no átrio do hotel.

Grazyna parecia cansada, tinha olheiras e estava de muito mau humor.

— Por que não vieste ontem? — reclinou-lhe assim que a viu.

— Por culpa de um comandante das SS que não gosta propriamente de mim.

— Não me digas que agora até nas SS tens amigos!

— Não, não é meu amigo, mas antes um pulha. Ofende-me sempre que me vê, embora eu suponha que é ao Max a quem realmente odeia. Quando regressei ao hotel, estava presente no átrio e começou a zombar do meu aspeto, como se me tivesse apanhado em flagrante depois de regressar de uma noitada. Insinuou-se e convidou-me para jantar. Esteve a bater à minha porta durante algum tempo. Esta noite, mal consegui dormir, com medo de que tentasse forçar a entrada. Pareceu-me mais prudente não sair do quarto.

A Grazyna anuiu, posto o que pegou no papel que a Amelia retirava da algibeira.

— É esta a mensagem que tenho de enviar para Londres?

— É.

— Tentarei que a recebam ainda esta noite.

— Gostaria de regressar ao gueto — disse-lhe a Amelia.

— E porquê?

— Talvez possa ser-vos útil, não sei, talvez a Sarah se lembre de alguma coisa.

— Não devemos correr riscos desnecessários!

— Bem sei, Grazyna, bem sei, mas posso ajudar, mais que não seja a carregar um saco de arroz.

4

Durante os dois meses que se seguiram, a Amelia regressou ao gueto por diversas ocasiões, ajudando a transportar os escassos bens conseguidos por aquele grupo de resistência que Grazyna liderava.

A jovem polaca continuava a roubar medicamentos no hospital graças à benevolência da irmã Maria. A freira protestava, mas deixava-a agir.

Em certa ocasião, a Ewa confidenciou-lhe que havia vários estudantes no grupo e dois advogados, para além de professores, embora a Amelia nunca tenha chegado a conhecer tais pessoas. Grazyna mostrava-se extremamente zelosa relativamente à segurança do grupo, mesmo sabendo que ela trabalhava para os britânicos.

Naquelas incursões ao gueto, a Amelia tornou-se testemunha das discussões acesas entre Szymon e seu irmão Barak, por mais que a mãe se esforçasse por manter a harmonia entre os seus dois filhos.

— Como podem estar tão cegos!? Os membros do Judenrat conformam-se com o que está a acontecer! — gritou o Szymon ao irmão.

— Não te atrevas a dizer isso! — O Barak parecia prestes a desferir-lhe um murro.

— Mas é a verdade! Julgam que vos permitirão administrar as migalhas que nos dão! Enquanto eu defendo que temos de lutar, que aquilo de que mais necessitamos são armas.

— Não estás a par de tudo, Szymon! É óbvio que necessitamos de armas! Mas, enquanto não estivermos preparados, com que pretendes que enfrentemos o exército alemão? — contrapôs o irmão, mostrando dificuldade em conter a raiva que as recriminações do irmão lhe provocavam.

Era a Sarah quem os obrigava a calarem-se, recordando-lhes que deviam manter-se unidos para enfrentar as adversidades.

— A questão é que me repugna ver o modo como o Judenrat negocia com os

nazistas para conseguir umas meras migalhas de pão! — protestava o Szymon.

— Certamente, tu conseguirias fazer melhor! — replicou o Barak com ironia.

Amelia ouvia em silêncio. Estudava polaco nos tempos livres, começando a compreender alguma coisa daquilo que ia ouvindo. Contudo, era a Grazyna quem a informava do teor das discussões travadas entre os dois irmãos. E ela, obviamente, tendia a concordar com o Szymon. Mais tarde, a Amelia perguntaria ao Tomasz por que motivo não tentavam introduzir armas no gueto, para além de medicamentos e livros.

— Não é fácil encontrar armas. Onde julgas que as podemos obter? Ainda assim, iremos tentar. O Szymon é muito contundente, mas talvez esteja certo. Ainda que não deixe de concordar com o Barak e com o meu amigo Rafai: o importante é aliviar a situação no gueto. Julgas que os judeus que ali se encontram teriam de fato alguma possibilidade se decidissem enfrentar os soldados alemães? Seriam todos mortos.

— Pelo menos, morreriam tentando fazer alguma coisa — disse a Amelia.

— A morte não serve para nada. Matam-te e pronto. Não me parece ser boa ideia dizer às pessoas que se deixem matar — insistiu o Tomasz.

— Não estou a dizer que se deixem matar — protestou a Amelia.

— E que outra coisa podia acontecer? Julgas que algumas pistolas são suficientes para derrotar o exército alemão? Por favor, Amelia, sejamos realistas! Seria suicídio. É claro que deveremos lutar, mas apenas quando chegar o momento certo. Os líderes mais jovens do gueto não desistiram de lutar, mas precisam de armas e de munições Para resistirem durante algum tempo.

Grazyna não se envolvia naquelas discussões e, assim, a Amelia ficou surpreendida quando certa tarde, ao aparecer em casa dela, viu e ao Piotr a despedirem-se de um homem que ela não conhecia.

— Não estava à tua espera — disse a Grazyna ao vê-la.

— Lamento ter aparecido sem avisar — desculpou-se ela.

O homem nada disse, descendo as escadas sem sequer se despedir. A Grazyna entrou no apartamento, seguida pelo Piotr e pela Amelia.

— Não deverias vir aqui sem avisar. Como deverás calcular, tenho a minha própria vida.

— Lamento, regressarei noutra altura — retorquiu ela, preparando-se para sair.

— Já que estás aqui... bem, deixa-te estar. Estamos à espera do Tomasz e da Ewa para irmos ao gueto.

— Já te disse que há demasiadas patrulhas nas ruas e que a condessa me enviou recado a informar-me de que me aguardará esta noite — disse Piotr a

Grazyna, ignorando a presença da Amelia.

— Bem sei, mas queres que guarde as armas aqui em casa? Seria uma loucura. Quanto antes as levamos, melhor.

— Concorde, mas hoje não. Sabes bem que me será difícil conseguir ajudar-vos. A condessa não está do lado dos nazis, mas tenta evitar quaisquer problemas com eles. E, sempre que me pede para ir ao seu quarto, não é nada fácil ver-me livre dela. Além do mais, esta noite concedeu folga às criadas, pelo que estaremos sozinhos.

— Pois, algum estratagema terás de improvisar, Piotr. Estas armas deverão ser levadas para o gueto esta noite.

— De que armas estão a falar? — atreveu-se a Amelia a perguntar.

— Conseguimos algumas pistolas e caçadeiras. Não é que sirva para muito, mas pelo menos servirão para que as pessoas do gueto não se sintam tão indefesas — explicou Grazyna.

— Armas... e como as arranjaram? — A voz da Amelia não disfarçava o espanto que sentia.

— As caçadeiras foram-nos fornecidas por amigos caçadores e quanto às pistolas... melhor será nada te dizermos a esse respeito.

Quanto menos souberes acerca de determinadas questões, mais segura estarás — respondeu a Grazyna, a quem o olhar de aviso do Piotr não tinha passado despercebido.

— Posso ajudar-vos a transportá-las para o gueto — voluntariou-se a Amelia.

— Sim. Já que estás aqui, a tua ajuda ser-nos-á útil.

A noite começara a cair quando a Ewa e o Tomasz compareceram em casa da Grazyna. Ela trazia um cesto repleto de doces.

— Levaremos os doces noutra ocasião — disse a Grazyna. — As armas são pesadas e não conseguiremos levar tudo.

— Temos de tentar, as crianças ficam tão felizes...

O Piotr guiou-os, a coberto das sombras da noite, até à casa da condessa. Abriu a porta traseira que dava para a cozinha e, ao ouvir ruído na escadaria que conduzia ao piso superior, empurrou-os para dentro do seu quarto.

— Piotr, estás aí?

A voz da condessa deixou-o alarmado.

— Sim, minha senhora, subirei de imediato.

— Não, não subas, eu própria descerei. Talvez seja divertido mudarmos de quarto.

O Piotr ficou tenso, começando a subir apressadamente a escadaria. Teria de evitar que a condessa descobrisse os seus amigos.

— Minha senhora, o meu quarto não me parece conveniente, não tem condições dignas de si.

— Então, não seas tão escrupuloso. Se imaginares que, em vez da condessa, sou uma das criadas, até que será divertido.

— Não, de modo nenhum — insistiu ele, tentando evitar que a mulher continuasse a descer as escadas.

Grazyna fechou os olhos, temendo o pior. A Ewa e o Tomasz se atreviam a respirar, enquanto a Amelia parecia rezar em silêncio.

Respiraram de alívio ao ouvirem os passos do Piotr e da condessa a afastarem-se, e aguardaram cerca de duas horas sem se atreverem mexer um músculo que fosse, falando por sussurros. Por fim, ele regressou. Estava suado e notava-se que se tinha vestido apressadamente.

— Dispomos de cinco minutos. A condessa está determinada em descer para o meu quarto. Apressem-se. Se não regressar rapidamente, ela própria virá ter comigo.

Saíram para a rua. O Piotr levantou a tampa e ajudou-os a descer para o sistema de esgotos da cidade. Mal tinha posto a tampa no sítio quando, ao voltar-se, se apercebeu da silhueta da condessa junto à porta traseira. Fitaram-se sem dizerem uma palavra; a condessa voltou costas e regressou ao seu quarto. O Piotr seguiu-a, mas ela tinha fechado a porta do quarto à chave, não atendendo aos seus apelos.

À hora prevista, quatro da manhã, ele regressou ao beco para remover de novo a tampa de esgoto. A primeira a sair foi a Grazyna, que notou de imediato a preocupação no seu rosto.

— O que aconteceu? — perguntou-lhe.

— Julgo que nos viu.

— Meu Deus! E que te disse? — quis ela saber.

— Nada, fechou a porta do quarto à chave. Talvez venha a despedir-me. Não sei. Falaremos depois sobre isto. Agora, devem partir.

— Mas não podemos andar pelas ruas a estas horas! Estamos ainda sob o recolher obrigatório — recordou-lhe o Tomasz.

— E o que aconteceria se ela descesse até ao meu quarto? O que lhe diria? Que são uns amigos que vieram visitar-me, usando os esgotos para esse efeito? Sei que todos corremos grande perigo, mas não podem ficar aqui.

— Mas será precisamente isso que iremos fazer — afirmou a Grazyna, com a sua determinação a deixar todos surpreendidos.

— Não... não pode ser... — protestou o Piotr.

— Talvez a tua condessa nos denuncie se nos descobrir aqui, mas, garantidamente, seríamos todos enforcados se fôssemos apanhados a andar pela

cidade durante o período de recolher obrigatório. Avaliando os riscos, prefiro ser descoberta pela condessa.

O Piotr encolheu os ombros. Estava demasiado preocupado para conseguir enfrentar a Grazyna, e os outros não se pronunciaram. Assumiam claramente que era ela quem dava as ordens.

Às 7h30, a Grazyna saiu da casa acompanhada pela Amelia, enquanto a Ewa e o Tomasz o fizeram dois minutos depois. Assim que saíram, a condessa apareceu no quarto do Piotr.

— Já partiram? — perguntou.

Ele não respondeu, limitando-se a aproximar-se dela e a abraçá-la, acompanhando-a depois até ao seu quarto. As criadas regressariam às oito, mas, se a condessa desejava sentir-se como uma criada, ele faria a sua vontade.

O comandante Jürgens continuava a ofender a Amelia com insinuações indignas, e ela tudo fazia para o evitar, ainda que por vezes se cruzassem no átrio ou no restaurante do hotel.

De quando em quando, recebia uma carta do Max, enviada da frente. Eram cartas formais, como as que se escrevem a uma boa amiga, mas não mais do que isso. Ela não se sentia surpreendida por não encontrar nelas nenhuma expressão amorosa, sabendo que qualquer carta enviada da frente era sujeita à censura militar.

Para o que não estava preparada foi para o que aconteceria em meados de novembro. Uma tarde, ao regressar de casa da Grazyna, cruzou-se no átrio do hotel com a última pessoa que teria desejado encontrar.

A mulher, com uma altivez aristocrática, conversava com o comandante Jürgens e outros dois oficiais das SS; este, ao voltar-se, reconheceu a Amelia.

— Vejam só, aqui está a espanhola! — disse o comandante Jürgens levantando a voz e captando a atenção da mulher e dos dois oficiais que a acompanhavam.

A baronesa Ludovica fixou o olhar na Amelia, mirando-a dos pés a cabeça. Os seus olhos destilavam ódio e traíam o sorriso que os seus lábios esboçavam.

— Amelia, que surpresa! Ignorava que pudesse estar em Varsóvia! Fico muito feliz por vê-la! — disse a alemã.

Aproximou-se dela e fez questão em cumprimentá-la com um beijo na face, desfrutando do seu nervosismo.

— Baronesa... não sabia que a senhora viria a Varsóvia.

— Claro que não! Como poderia saber? É uma surpresa... pretendo fazer uma surpresa ao meu marido, que, como decerto também não saberá, regressa amanhã de licença. Poderemos beneficiar de alguns dias juntos, depois de todos estes meses que me pareceram eternos... Além do mais, querida, trago-lhe um

presente que não me importo de lhe dizer qual é: vamos ter um filho!
Concordará comigo que é o melhor presente que se pode oferecer a um homem.

Amelia sentia as pernas a tremer, percebendo também que estava com o rosto em brasa. O sorriso trocista da condessa humilhava-a ainda mais do que as gargalhadas do comandante Jürgens, que não ocultava o prazer que a cena lhe proporcionava.

— Não diz nada, Amelia? Não me felicita por esta boa notícia? — ouviu a baronesa dizer.

— Obviamente que sim. Desejo-lhe as maiores felicidades — respondeu com dificuldade.

— Junte-se a nós, Amelia. A baronesa irá honrar a nossa mesa com a sua presença — disse o comandante Jürgens.

— Lamento, estou... estou muito cansada... certamente noutra ocasião... — desculpou-se ela.

— Claro, querida, outras ocasiões haverá! Certamente que o Max gostará que a convidemos para celebrar tão boa notícia — disse a baronesa.

Amelia dirigiu-se para o elevador tentando controlar os tremores que lhe percorriam o corpo. O seu quarto era contíguo ao do Max e, ainda que permanecesse fechado desde que ele havia partido para a frente, temia estar tão próxima da Ludovica, que certamente não hesitaria em instalar-se no quarto do marido.

Definitivamente, aquele não era o seu dia de sorte. Uma hora depois de ter chegado ao hotel e de ter caminhado incessantemente pelo quarto, ouviu alguém a bater à porta. Temeu que fosse o comandante Jürgens, mas ficou ainda mais surpreendida ao ouvir a voz da Grazyna.

— Por amor de Deus, Amelia, abre a porta!

Grazyna tinha o rosto alterado, sentindo grandes dificuldades em falar.

— Detiveram a irmã... — conseguiu dizer.

— A irmã? A quem te referes?

— Detiveram a irmã Maria... Alguém a denunciou, devido ao desaparecimento de medicamentos no hospital. Parece que tinham um inventário sem que ela soubesse de nada e há já algum tempo que possuíam uma lista completa daquilo que ia desaparecendo. Esta tarde, o diretor chamou-a ao seu gabinete. A irmã Maria garantiu-lhe que nada sabia acerca dessa situação, mas não acreditaram nela e foi detida.

— Meu Deus! E como tiveste conhecimento de tudo isso?

— Quando soube que o diretor a tinha mandado chamar, fui ter com a madre superiora. Estava muito nervosa, mas garantiu-me que não foi por ela que alguém terá sabido de alguma coisa porque sempre preferiu ignorar o que se

passava, mas temia que a polícia obrigasse a irmã Maria a falar. Não fui para minha casa, seria o primeiro lugar onde tentariam procurar-me.

— O que vamos fazer? — perguntou a Amelia, angustiada.

— Não sei... mas se a irmã Maria contar o que sabe... irei ser detida, Amelia, estou certa disso.

— E vieste aqui! Que loucura! Neste hotel, está hospedada a maioria dos oficiais alemães e boa parte dos oficiais das SS.

— Foi precisamente por isso que aqui vim, pareceu-me o local mais seguro. Certamente, não procurarão por mim aqui. Tenho de ficar aqui... tens de me permitir ficar aqui. — No tom de voz da Grazyna notava-se uma estranha mistura de ordem e súplica.

— Está bem, podes ficar, ainda que também eu esteja com problemas a braços. Esta tarde, cruzei-me no átrio do hotel com a esposa do Max, que estava a conversar com esse tal comandante das SS que tanto me odeia. Não estou certa, mas não me parece que a presença da Ludovica aqui seja casual...

— Isso não é importante. Tens de ir avisar a Ewa, ela saberá como alertar todos os outros. Esta noite, planeávamos levar mais armas para o gueto...

— Esta noite? Não me tinhas informado — queixou-se a Amelia.

— Não... não pensava fazê-lo — admitiu a Grazyna. — As pessoas que nos forneceram as armas teriam ficado nervosas na presença de uma estranha. Desta vez, trata-se de uma quantidade considerável e, bem, outros elementos do grupo iriam ajudar-nos a transportá-las. O problema é que pensavam fazê-lo diretamente a partir da casa do Piotr. A Ewa e eu iríamos acompanhá-los até lá. Temos de evitar que sejam detidos.

— Mas a irmã Maria não sabe nada sobre o teu grupo, portanto não poderá delatar ninguém.

— Todavia, se a obrigarem a falar, confessará que sou eu quem tem levado os medicamentos. Talvez já o tenha feito por esta altura e, se assim for, terão o meu endereço e andarão à minha procura. Se forem juntando as peças, não terão dificuldade em seguir as pistas dos meus amigos e conseguir detê-los.

— Não passam de suposições — tentou tranquilizá-la a Amelia.

— Então, não sejas ingênua! Julgas que a Gestapo tem escrúpulos em fazer uma freira falar? Corremos perigo e teremos de agir rapidamente, ou, caso contrário, todo o grupo poderá ser desmantelado. Dirige-te à pastelaria da Ewa como se fosses comprar bolos. Tens de proferir uma frase, decora-a porque é importante: "Adoro os teus bolos, mas por vezes engasgo-me com eles." Não te esqueces?

— Claro que não. E julgas que essa frase basta para a Ewa ficar a par do que está a acontecer?

— Sim, e alertará os restantes. Vai já, falta apenas meia hora para a pastelaria fechar.

— E se não encontrar a Ewa?

— Então, regressa o mais rapidamente possível, porque isso significará que foi detida.

— Mas... e se também eu for detida?

— Tu? É uma possibilidade, mas julgo que, antes de te deterem a ti, deter-nos-iam mais facilmente a nós; afinal de contas, não deixas de ser amante de um oficial alemão.

Amelia seguiu as instruções da Grazyna e, em passo acelerado, dirigiu-se à pastelaria da Ewa, que não se localizava muito longe do hotel. A Grazyna aguardaria no quarto pelo seu regresso.

Não demorou mais de dez minutos a chegar. A pastelaria estava vedada com cinta policial, o que a levou a perguntar ao porteiro do prédio se sabia o que tinha acontecido.

— Oh! A polícia esteve aqui há pouco! Não me pergunte por que motivo, porque não sei nem quero saber.

— Mas alguma coisa terá acontecido — insistiu ela, recorrendo aos seus escassos conhecimentos da língua polaca para se fazer compreender.

— Sim, certamente. Não seja curiosa e deixe-me em paz.

O porteiro voltou-lhe as costas e ela sentiu-se desamparada. O que poderia fazer? Tomou uma decisão: iria avisar o Piotr, decerto ele saberia como alertar o grupo da Grazyna. Estava consciente de que era uma decisão arriscada, mas não lhe restava outra opção: para além da Grazyna, os únicos elementos daquele grupo que conhecia eram a Ewa, o Piotr e o Tomasz, ignorando também onde poderia encontrar este último.

Apanhou um autocarro, que a deixou perto da casa da condessa Lublin. Caminhou com passo apressado, olhando constantemente para a direita e para a esquerda, tentando aperceber-se de qualquer circunstância suspeita, mas nada do que via lhe parecia fora do normal. Aproximou-se das traseiras da casa, às quais se acedia através do beco que tão bem conhecia, e, contendo a respiração, bateu suavemente à porta de serviço.

A porta foi-lhe aberta por uma das criadas da condessa, que, com um gesto grave, lhe perguntou o que pretendia.

— Sou amiga do Piotr e preciso urgentemente de falar com ele... devido... a um assunto familiar — suplicou a Amelia, esperando ter-se feito entender.

A criada observou-a dos pés à cabeça, ordenando-lhe depois que aguardasse no exterior enquanto ela iria avisar o motorista da condessa.

O Piotr não demorou mais do que uns breves minutos a aparecer,

acompanhado pela criada. Ao ver a Amelia, sentiu-se desconcertado, embora nada tenha dito. Pegou-lhe no braço e encaminhou-a para o seu quarto.

— Enlouqueceste? Como te atreves a aparecer aqui?

— A irmã Maria foi detida, tal como a Ewa. A Grazyna está escondida no meu quarto. Tens de avisar os elementos do vosso grupo para não levarem as armas esta noite, ou serão todos detidos.

Consciente do perigo, Piotr pareceu envelhecer subitamente. Era-lhe difícil decidir o que deveria ser feito.

— Talvez Ewa tenha falado e já tenham sido todos detidos; devem vir procurar-me a qualquer momento — disse, passados alguns Segundos de silêncio.

— Não sei, mas parece-me que ainda estás em tempo de fazer alguma coisa... Se a Ewa não tiver falado, mantém-se pelo menos a possibilidade de tu e os teus amigos poderem fugir. Eu terei de regressar para junto da Grazyna.

— Não, não vás. A ti, será menos difícil deslocar-te pela cidade. Vou dar-te um endereço, na praça Zamkowy, onde poderás encontrar-te com um dos nossos companheiros, chamado Grzegorz. É ele quem guarda as armas que iriam trazer esta noite.

— E o que farás?

— Tentar fugir.

— E se o teu amigo Grzegorz já tiver sido detido?

— Então, será uma questão de tempo até sermos todos detidos, incluindo tu — respondeu ele, encolhendo os ombros. — Agora vai.

O Piotr abriu a porta e olhou para um lado e para o outro do beco, mas não viu nada que lhe parecesse estranho. Em jeito de despedida, desejaram-se mutuamente boa sorte.

Amelia tornou a procurar um autocarro que a levasse até à praça Zamkowy. Consultava impientemente o relógio e rezava para conseguir encontrar o tal Grzegorz.

Desceu uma paragem antes daquela que devia, caminhando aceleradamente à procura do endereço que o Piotr lhe havia fornecido. Subiu as escadas e tocou ansiosamente à campainha. A porta abriu-se e, na penumbra, vislumbrou uma silhueta masculina.

— Grzegorz? O senhor não me conhece, mas fui enviada pelo Piotr para o alertar...

Não pôde concluir a frase: o homem pegou-lhe no braço e puxou-a vigorosamente para dentro de casa, conduzindo-a até uma sala ampla, também às escuras. Quando os seus olhos se acostumaram à falta de luz, conseguiu distinguir um homem estendido no chão sobre uma poça de sangue. Nem sequer

foi capaz de gritar quando o homem que a agarrava pelo braço a empurrou, atirando-a ao chão.

Ali estendida, conseguiu distinguir o perfil de outro homem, que observava os acontecimentos comodamente sentado numa poltrona.

— Quem é a senhora? — perguntou-lhe o homem que estava sentado.

Ela estava demasiado assustada para responder. O homem desferiu-lhe um pontapé em cheio no rosto, e ela sentiu nos lábios um sabor acre a sangue.

— Aconselho-a a falar. Caso contrário, acabará como o seu amigo.

Ela continuou sem responder; estava demasiado sobressaltada para o fazer.

— Chefe — disse o homem que tinha aberto a porta —, é melhor levarmo-la para a sede, aí certamente falará.

— Diga-me o seu nome — insistiu o homem sentado na poltrona.

— Amelia Garayoa.

— A senhora não é polaca.

— Sou espanhola.

— Espanhola?

Os dois homens pareciam perplexos perante a sua revelação.

— Por que razão combate uma espanhola o povo alemão? Não serão os nossos países aliados? Ou você é uma dessas putas comunistas? Ou talvez judia? — insistiu o homem.

Desferiu-lhe um novo pontapé, embora desta vez Amelia tenha conseguido proteger o rosto. Sentiu um líquido pegajoso nas mãos, nas pernas, e percebeu que se tratava do sangue do Grzegorz.

— Quer então dizer que a senhora pertence ao grupo dessa tal Grazyna, como este desgraçado. Pois então veja bem qual é o fim reservado aos nossos inimigos — disse o homem enquanto a empurrava na direção da porta.

Enfiaram-na num automóvel e levaram-na até Aleja Szucha, a principal sede da Gestapo.

Durante o trajeto, disse para si própria que, por mais provações a que fosse submetida, teria de as suportar. Se lhes contasse que a Grazyna estava escondida no seu hotel, seria imediatamente detida. Tinha uma única ideia em mente: a Ludovica tinha garantido que o Max chegaria no dia seguinte e assim, ainda que não fosse fácil, a Grazyna poderia encontrar uma oportunidade para se aproximar do Max e explicar-lhe o que estava a acontecer. Apenas ele a poderia salvar. Era a sua única oportunidade.

Foi levada para uma cave úmida e empurrada para o interior de uma cela. Reparou de imediato que as paredes estavam manchadas de sangue, começando então a tremer. Nunca ninguém a havia maltratado e ignorava se conseguiria suportar ser agredida.

Foi mantida na mais profunda escuridão, sem sequer lhe darem de comer ou de beber, até perder a noção do tempo. Pensou no Pierre, calculando que a Lubianka não seria muito diferente daquela masmorra nazi. Reviu as desventuras da sua vida, arrependendo-se profundamente dos passos dados até terminar naquela cela. E disse para si mesma que, se estava ali, era por culpa sua. Depois, começou a rezar com a mesma fé de quando era criança. Não é que alguma vez tivesse deixado de o fazer, sendo frequentes as ocasiões em que recitava uma oração quando se via confrontada com uma provação, mas fazia-o de modo quase mecânico, recordando que, desde criança, a mãe lhe dizia que seria Deus quem mais a poderia ajudar. Agora, mais do que nunca, precisava que aquilo que a sua mãe lhe dizia correspondesse à verdade. Rezou todas as orações de que se lembrava: o pai-nosso, a ave-maria, o credo... lamentando-se por não saber outras.

Quando finalmente a porta se abriu, entrou na cela uma mulher de aspecto temível e que, aos empurrões, a conduziu até ao andar superior, onde a informou de que iria ser interrogada.

Amelia sentia-se suja, tinha fome e sede e não parava de rezar, pedindo a Deus que lhe desse forças para enfrentar aquilo que a aguardava.

A sua carcereira ordenou-lhe que se despisse, ao mesmo tempo que vários homens entravam na sala. Um deles era um capitão das SS, enquanto os outros dois estavam vestidos à civil; sem sequer olharem para ela, despiram os casacos, penduraram-nos nuns pregos dispostos na parede e, sem uma palavra, arrancaram-lhe a roupa do corpo, posto o que começaram a agredi-la. Recebeu o primeiro murro no estômago, o segundo nas costelas, o terceiro no baixo-ventre... — e com o quarto desmaiou. Recuperou os sentidos ao sentir-se afogar. Dois dos homens mergulhavam-lhe a cabeça numa banheira cheia de água suja. Tiravam-lhe a cabeça da água e tornavam a mergulhá-la sem lhe darem tempo para inspirar. Quando se cansaram, ataram-lhe as mãos com uma corda que lhe feria a pele, pendurando-a depois num gancho suspenso do teto. Com os braços esticados, nua, atada com aquela corda que lhe feria as mãos, a Amelia sentia os ossos estalar e a dor a latejar em todos e cada um dos seus músculos. Sentia o sabor salgado das lágrimas que lhe escorriam para a comissura dos lábios e, ao longe, pensava ouvir os seus próprios gritos de dor.

— Bem, menina Garayoa — ouviu dizer ao oficial das SS, que até então tinha esperado em silêncio, fumando cigarro atrás de cigarro enquanto assistia impassivelmente à sessão de tortura. — Julgo que estará agora em condições de falar comigo. Parece-lhe bem? Quero que me responda a algumas perguntas. Se o fizer, não sofrerá mais, pelo menos até ser julgada. Agora, diga-me: onde está a sua amiga Grazyna?

— Não sei — conseguiu ela dizer.

Um dos torturadores desferiu-lhe um murro no ventre, o que a levou a gemer de dor.

— Bem... vamos lá começar do princípio. Onde está a Grazyna Kaczinsky? É uma pergunta muito simples. Responda! — gritou o oficial.

— Não sei, há dias que não a vejo.

— Está então a dizer-me que admite conhecer a menina Kaczinsky, muito bem. E, como boas amigas que são, deve agora dizer-me onde ela se encontra.

— Não sei... garanto que não sei. Ela... ela trabalha... vemo-nos muito esporadicamente...

— Sobretudo nas noites que não são de lua cheia, não é assim?

— Não sei a que se refere — respondeu ela, sendo novamente agredida, agora nas pernas e com um bastão.

— Refiro-me a armas... Sim... quem poderia dizer que uma donzela tão distinta como a senhora se dedicava a ajudar um grupo de perigosos delinquentes que reúnem armas para matar alemães? Porque aquelas armas seriam usadas para matar alemães, não é assim?

— Eu... não sei... nada sei sobre quaisquer armas.

— Claro que sabe! A senhora e os seus amigos fazem parte de um grupo criminoso que ajuda esses porcos judeus, para além de organizarem ações contra o nosso exército. Pobres desgraçados!

O capitão dirigiu um gesto a um dos homens à civil, que aplicou na Amelia um golpe perto de uma das têmporas. Ela voltou a perder os sentidos, recuperando-os ao sentir um jorro de água fria sobre o rosto. A carcereira segurava um balde; tinha sido ela a atirar-lhe a água, parecendo retirar prazer do seu sofrimento. A Amelia apercebeu-se de que mal a conseguia ver, as imagens pareciam-lhe desfocadas, e com as poucas forças de que ainda dispunha rompeu a chorar.

— Posso enviá-la de novo para a sua cela assim que me disser onde se encontra a sua amiga Grazyna Kaczinsky. Contudo, se pretender sofrer, garanto-lhe que o pior ainda está para vir — ameaçou o capitão das SS.

— Por favor, deixem-me! — suplicou ela.

— Vai dizer-me onde a sua amiga se encontra?

— Não sei! Não sei!

Um dos homens aproximou-se com um objeto nas mãos. Ela mal conseguia ver por entre a névoa que lhe toldava os olhos, gritando como um animal acoissado ao sentir duas pinças a apertarem-lhe os mamilos. Assustava-se com os seus próprios gritos, embora aqueles homens a contemplassem com um silêncio indiferente. Não conseguiu calcular durante quantos minutos estiveram os seus

mamilos sujeitos ao apertão daquelas pinças, porque desmaiou mais uma vez. Quando acordou, estava estendida no chão da sua cela. Não sentia forças para se mexer e, além do mais, não queria fazê-lo, não fossem eles levá-la novamente para a sala de torturas assim que a vissem desperta. Permaneceu ali encolhida, sentindo o frio do chão, deitada sobre uma poça formada pelo sangue das suas próprias feridas.

Receava mexer-se, nem sequer se atrevia a chorar, ainda que as dores lhe parecessem insuportáveis. Sentia o peito a arder e perguntou-se se ainda teria mamilos.

Perdeu a noção do tempo, tremendo de medo ao ouvir a porta da cela a abrir-se de novo. Tinha os olhos fechados, mas conseguiu aperceber-se da presença da carcereira.

— Está feita num trapo, não me parece que consiga resistir por muito mais tempo — disse ela a um homem que a acompanhava.

— É-me indiferente. O capitão ordenou-nos que fizéssemos o que fosse necessário para que esta cadela fale.

Amelia chorou, pensando que, se voltassem a torturá-la, não teria mais forças para continuar a negar-se a confessar.

O capitão aguardava na sala de torturas e observou-a com um ar cansado, manifestando o seu desprezo por ela lhe fazer desperdiçar o seu precioso tempo.

Ataram-lhe novamente as mãos com uma corda e tornaram a pendurá-la no gancho suspenso do teto. Sentiu primeiro os punhos dos homens a golpearem-lhe as costelas, o ventre, os peitos; depois, foi agredida com uma barra de ferro nas plantas dos pés. Tinha a boca tão inchada que mal conseguia gritar, muito menos implorar que parassem com aquilo, que estava disposta a falar. Não conseguiu fazê-lo e, novamente, tornaram a mergulhar-lhe a cabeça na banheira de água suja, sem sequer lhe darem tempo para inspirar, até que, por fim, resolveram fazer uma pausa: ouvia-os a rir enquanto a obrigavam a engolir o seu próprio vômito.

Quando se fartaram de a agredir, o capitão aproximou-se dela.

— Detivemos todos os seus amigos. Apenas nos falta encontrar a Grazyna Kaczinsky, mas posso garantir-lhe que o faremos. Não seja estúpida e diga-nos onde se encontra.

Um dos homens aproximava-se com as pinças na mão, ou pelo menos foi o que lhe pareceu, resolvendo então gritar com todas as forças que lhe restavam. Mal as pinças lhe apertaram os mamilos, a Amelia desmaiou.

Quando recuperou os sentidos, deu por si sentada numa cadeira na sala de tortura. O capitão estava a falar ao telefone e parecia muito exaltado.

— Depressa, temos de ir ao Hotel Europejski! Detiveram uma mulher e

parece tratar-se da Kaczinsky.

Amelia fitou-o através da névoa que lhe toldava a visão. Estava quase certa de não ter dito nada, ou será que tinha falado?

— Está a recuperar os sentidos — disse a carcereira —, talvez possa agora dizer-nos alguma coisa.

— Não, temos de ir imediatamente ao hotel — ordenou o capitão. — Prosseguiremos mais tarde com o interrogatório.

Ao passar perto da Amelia, um dos torturadores não resistiu a tentação de tornar a agredi-la.

5

Havia dois dias que a Grazyna não saía do quarto. Escondia-se no armário sempre que ouvia a chave a girar na fechadura e a empregada a entrar no quarto, que constatava com estranheza a ausência da Amelia. Na verdade, sabia que a empregada devia suspeitar que ela continuava ali. Tinha-a visto na tarde em que a Amelia saiu. Disse-lhe que era amiga da menina Garayoa e que esta lhe tinha pedido que aguardasse ali até ao seu regresso. Mas havia já dois dias que a Amelia não aparecia. Para além das presenças da empregada, também se assustou quando, do seu esconderijo no armário, viu entrar um oficial alemão, que observou o quarto vazio com um ar preocupado. O oficial saiu rapidamente do quarto, e a Grazyna pensou que talvez se tratasse do amante da Amelia. Por vezes, ouvia-o falar com uma mulher através das frestas da porta que separava aquele quarto do outro. Não parecia muito feliz com a sua esposa, pois ouvia-os discutir.

No fundo do armário, oculta por entre a roupa, tinha encontrado escondida a máquina fotográfica com que a Amelia fotografava os documentos do seu amante.

À medida que as horas iam passando, mais tomava por certo que a Amelia tinha sido presa; caso contrário, já teria regressado. Refletindo sobre o melhor estratagema para conseguir escapar, decidiu fazê-lo na manhã seguinte, quando o átrio do hotel estivesse com mais movimento, de modo a passar despercebida. O pior é que ignorava para onde poderia ir, dado que a ausência da Amelia significava que não tinha chegado a tempo de alertar os membros do seu grupo.

Restava-lhe tentar chegar a Ciechanov, onde vivia a sua tia Agnieszka; era desde sempre a sua sobrinha favorita e estava certa de que a ajudaria.

Tinha adormecido quando ouviu a porta a abrir-se e não teve tempo para se esconder rapidamente no armário.

Vários homens entraram no quarto, seguidos pela empregada e por um

porteiro. A empregada apontou para a Grazyna.

— É esta a mulher que tem estado aqui nos últimos três dias, no quarto da Fräulein Garayoa. Suponho que continue à espera dela... eu... já tinha dito ao senhor diretor que me parecia muito suspeito.

— Vão-se embora — ordenou à empregada e ao porteiro um dos agentes da Gestapo. Ambos obedeceram contrariados, desejosos de saberem o que iria acontecer.

Grazyna tinha ficado petrificada. Sabia que não podia escapar. Agarraram-na pelos braços, ao mesmo tempo que lhe ordenavam que se identificasse.

— Chamo-me Grazyna Kaczinsky — sussurrou.

Um dos homens começou a revistar o quarto. Não demorou muito tempo a descobrir a máquina fotográfica que a Amelia tinha escondido no armário.

Não saberia dizer porque o fez, mas começou a gritar a plenos pulmões, enquanto resistia a ser levada do quarto por aqueles agentes da Gestapo. E tão poderosos foram os seus gritos, que os hóspedes dos quartos mais próximos saíram para o corredor.

Conseguiu aperceber-se da perturbação no olhar daquele oficial que, no dia anterior, havia entrado naquele quarto durante uns breves segundos.

Max von Schumann tentou fazer valer a sua autoridade como oficial para tentar que aqueles homens lhe fornecessem explicações acerca do que estava a acontecer, apesar de a Ludovica lhe pedir repetidamente que regressasse ao seu quarto.

— Meta-se nos seus assuntos, comandante — disse-lhe com desprezo um dos agentes da Gestapo.

— Ordeno-lhe que me explique o que está a acontecer aqui e por que motivo detêm esta senhora...

— O senhor não pode ordenar-nos nada — retorquiu o homem.

Uma risada sarcástica deixou o Max de sobreaviso e, ao voltar-se, deu de caras com o comandante Ulrich Jürgens.

— Baronesa. — O comandante Jürgens fez uma exagerada reverência à Ludovica, à qual esta correspondeu com um sorriso aberto.

— O que está a acontecer aqui, Jürgens? — perguntou o Max ao comandante das SS.

— Como pode constatar, estão a deter esta senhora. Estarei enganado se afirmar que este é o quarto da sua grande amiga, a Fräulein Garayoa? Que circunstância lamentável, uma criminosa no quarto de uma amiga sua!

A Ludovica acusou a insinuação e dirigiu um olhar irado ao comandante Jürgens, obrigando-o a desviar a cara.

Max fitou-o com ódio, mas decidiu não perder tempo, sabendo que aquela

mulher que iriam levar detida era a única pessoa que podia dizer-lhe onde estava a Amelia.

— Quem é você? — perguntou ele à Grazyna.

— O senhor não possui autoridade para interrogar a detida — interveio o comandante Jürgens.

— Nem o senhor para me dar ordens! Como se atreve?

— Ela foi presa! A Amelia foi presa! Eu estava aqui à espera dela. Está presa! — gritou a Grazyna.

— Mas porquê? Quem é você?

— Trabalho no hospital... conheci a Amelia... ela... ela...

E nada mais pôde dizer. Os agentes da Gestapo agrediram-na e arrastaram-na escadas abaixo. Quando o Max se preparava para ir atrás deles, a Ludovica reteve-o pelo braço.

— Por favor, Max, não sejas imprudente!

— Como sempre, tem a senhora razão, baronesa. Parece que o seu marido necessita que lhe recomendem prudência, caso contrario... quem sabe o que pode acontecer. Tem amigos muito perigosos, barão Von Schumann... amigos que poderão trazer-lhe muitos problemas.

— Não se atreva a ameaçar-me, Jürgens — advertiu-o o von Schumann.

— Ameaçá-lo? Não ousaria! Quem se atreveria a ameaçar um oficial aristocrata da Wehrmacht? — riu-se ele.

— Não seja impertinente! — recriminou-o a Ludovica.

— Peço que me desculpe, baronesa, sabe perfeitamente que está longe das minhas intenções desagradar-lhe, pois os amigos não devem ser desagradáveis para aqueles que mais estimam.

— O senhor não é nosso amigo, Jürgens — asseverou o Max.

— Sou um devoto servo da baronesa — disse ele, fitando-a.

A Ludovica puxou o Max pelo braço até obrigá-lo a regressar ao quarto. Os hóspedes dos outros quartos continuavam no corredor a observar a cena com curiosidade e ela detestava a ideia de se tornar motivo de chacota para aquela gentilha que tanto desprezava.

— Vou sair, Ludovica — disse o Max mal fecharam a porta. — Tenho de descobrir o que aconteceu à Amelia.

— Esqueci-me de te dizer que me cruzei com ela há alguns dias, no átrio do hotel. Fiquei surpreendida por encontrá-la aqui; estava acompanhada por um jovem bastante galante — mentiu a Ludovica. — No teu lugar, não me preocuparia com ela.

— Não ouviste o que disse aquela mulher que levaram detida?

— Por amor de Deus, Max, não fazemos qualquer ideia de quem é essa

mulher! E, se quem estava no quarto da Amelia é realmente uma criminosa, não será conveniente envolvemo-nos. Bem vistas as coisas, também pouco sabemos acerca dessa espanhola. Chegou a Berlim como amante desse jornalista norte-americano. Uma mulher assim... enfim... não me parece que tenhamos de nos envolver nos seus problemas.

Mas o Max parecia não ouvi-la. Dava voltas pelo quarto, decidido a descobrir onde estaria a Amelia. Quem seria aquela rapariga que tinham levado detida? Talvez fosse aquela nova amiga de quem a Amelia lhe tinha falado em determinada ocasião. Mas o que teria ela feito? Por que motivo a detinham?

— Max, no meu estado, não são de todo convenientes os sobressaltos nem os desgostos. — A Ludovica tinha-se aproximado do marido e, pegando-lhe na mão, colocou-a sobre o seu ventre. — Não sentes o nosso filho? Tens responsabilidades, Max, para comigo e com o nosso filho, até em relação à tua família...

Subitamente, o Max pareceu compreender aquilo que até ao momento lhe tinha parecido natural: a Ludovica havia engravidado antes de ele ser enviado para Varsóvia; tinha procurado aquela gravidez com medo de o perder, deslocando-se ali para lhe exigir que agisse com a dignidade que lhe era própria: a de um Von Schumann, um aristocrata, um oficial do exército que não poderia desfazer os laços matrimoniais sem desonrar a sua família.

Mas a Ludovica estaria certamente ao corrente de que a Amelia estava em Varsóvia, pois tinha vindo com ele.

Fazia dois dias que tinha regressado da frente, ansiando por estar com a Amelia, mas, para sua surpresa, foi com a Ludovica que se deparou, e, por mais perguntas que tenha feito na recepção do hotel, ninguém soube informá-lo do paradeiro da Amelia.

A Ludovica desfazia-se em gestos teatrais, e ele próprio tinha ficado emocionado ao tomar conhecimento de que iria ter um filho; um filho que perpetuaria a tradição, que ostentaria com orgulho o apelido Von Schumann. Ainda assim, sentia um remorso secreto, na medida em que, através daquele filho, sentia estar a trair a Amelia.

Não tinha qualquer dúvida de que ela corria perigo e de que o comandante Ulrich Jürgens não estava completamente livre de responsabilidade no caso. Mas seria também esse o caso da Ludovica? Tinha estranhado a familiaridade que parecia existir entre a sua esposa e aquele comandante das SS.

— Lamento, querida, mas irei procurar a Amelia onde quer que ela esteja.

— Não o faças, Max, não o faças, não tens o direito de me humilhar.

— Que queres dizer com isso?

— Julgas que em Varsóvia é um segredo que tens uma amante. Quanto

tempo julgas que demorei a descobrir que este quarto possui uma porta comunicante com o de uma jovem espanhola chamada Amelia Garayoa? — Depois, um pouco mais tranquila, prosseguiu: — Vamos ter um filho, Max, e é nossa obrigação fazer com que ele possa ostentar com orgulho o nome dos seus pais. Certamente o de Max, porque será um Von Schumann, mas também o meu, pois não deixará também de ser um Von Waldheim; o nosso filho será uma simbiose entre o que de melhor existe na nossa raça. E vais manietar o seu futuro indo atrás dessa renegada espanhola? Até quando é que conseguirei suportar tamanha humilhação? Calei-me perante algumas evidências, não queria ver aquilo que os outros viam. E sabes porque o fiz, Max? Por sermos quem somos, para me manter fiel ao compromisso sagrado que assumimos no altar, compromisso que já tinha sido assumido pelos nossos pais muito antes de nós. Não podemos fugir de quem somos, Max, não podemos.

— Vou à procura da Amelia. Lamento, Ludovica.

— Max!

Ele saiu do quarto sem saber ao certo onde deveria dirigir-se, temendo que também a Amelia estivesse sob custódia da Gestapo, tal como a jovem que acabavam de deter. Mas porquê? O que teria feito a Amelia no período em que ele tinha estado na frente?

Subitamente, recordou-se das relações da sua amante com os britânicos, perguntando-se se poderia ser essa a causa da sua detenção. Mas convenceu-se de imediato de que isso não era possível, de que a Amelia não poderia ser uma agente secreta, apenas transmitia mensagens aos britânicos devido à sua relação com o jornalista Albert James, sobrinho do Lorde Paul James, uma personalidade proeminente no Almirantado.

Dirigiu-se ao quartel-general ignorando a quem poderia recorrer, alguém que possuísse autoridade suficiente perante os homens dos *Einsatzgruppen*, da Gestapo, das SS, ou quem quer que fosse que tivesse detido a Amelia.

Resolveu ir ter com o seu intendente, o capitão Hans Henke; precisava de falar com alguém.

— Julgo saber que o senhor conhece o general Von Treschkov — recordou-lhe o capitão Henke.

— Pensa que o general pode fazer alguma coisa?

— Talvez...

— Coloque-me em contato com o intendente dele... Pelo menos, posso tentar.

— Também pode recorrer ao Hans Oster e, inclusivamente, ao Canaris. Talvez eles possuam maior liberdade de ação.

— Sim... sim... dou-lhe toda a razão, tenho um amigo que trabalha com o

Oster, e a Abwehr tem ouvidos por toda a parte... Falarei com ele e, se necessário, com o próprio Hitler.

Grazyna foi torturada durante vários dias, ainda com maior crueldade do que aquela com que tinham atormentado a Amelia. Suspeitavam que era ela a líder daquele grupo de resistência e precisavam de saber quais as operações que estariam em curso. Alguns dos membros do grupo que haviam detido, entre eles a sua prima Ewa e o Tomasz, tinham jurado que mais não faziam do que tentar ajudar alguns amigos do gueto, mas não acreditaram neles.

A operação contra aquele grupo tinha sido desencadeada devido à indiscrição de uma das secretárias do diretor do hospital onde a Grazyna trabalhava. A mulher mantinha uma relação amorosa com um soldado do exército alemão e, em certa ocasião, sem se aperceber, havia comentado com ele que o seu chefe suspeitava de que alguém estivesse a desviar medicamentos do hospital, mas que, por mais que indagassem a esse respeito a irmã Maria, a responsável da farmácia do hospital, não conseguiam descobrir o responsável por tais furtos. A irmã Maria garantia ao diretor que não sabia de nada, mas era evidente que quem desviava os medicamentos o fazia com a cumplicidade da freira.

O diretor do hospital tinha informado a polícia, sendo então desencadeada uma discreta e eficaz operação de vigilância em torno da irmã Maria, que não havia suscitado de um assistente recentemente admitido no hospital, o qual de fato era um agente policial, e que foi colocado a trabalhar como seu subalterno. Parecia ser boa pessoa, sempre disponível para trabalhar horas suplementares.

Não lhe foi difícil ouvir algumas das conversas entre a freira e a Grazyna, chegando à conclusão de que era ela quem roubava os medicamentos com a colaboração da irmã Maria.

A polícia organizou um dispositivo para manter a Grazyna sob vigilância fosse dia ou noite e, pacientemente, acabaram por conhecer a maioria dos elementos da rede. Foi desse modo que tomaram conhecimento de que estavam a organizar uma ação de envergadura e decidiram então agir, começando primeiro por deter a irmã Maria, a quem atribuíam uma responsabilidade maior do que aquela que na verdade possuía. Foi detida num sábado, já depois de a Grazyna haver saído de serviço, para que de nada suspeitasse. A freira foi torturada com crueldade, mas, como nada sabia, nada pôde contar. Na segunda-feira, quando a Grazyna regressou ao hospital, disseram-lhe que a irmã Maria estava doente, e ela acreditou, até que, dois dias depois, uma enfermeira que simpatizava com ela lhe murmurou ao ouvido que a freira tinha sido detida pela polícia. Decidiu então fugir e avisar os membros da sua organização, já que haviam previsto levar armas para o gueto precisamente nessa noite.

Max Von Schumann tomou conhecimento de tudo isto por intermédio de

uma pessoa com quem foi posto em contato através de um amigo que trabalhava com o Hans Oster, o intendente de Canaris. Karl Kleist, assim se chamava, era um oficial que trabalhava no departamento de comunicações e ninguém duvidava de que se tratava de um bom nacional-socialista, ainda que, na realidade, desprezasse o Hitler e tudo quanto representava.

Graças a pressões exercidas pelos seus amigos, o Max conseguiu libertar a Amelia das garras da Gestapo, mas não conseguiu a sua libertação definitiva, tendo de conformar-se com a sua transferência para a penitenciária de Pawiak, onde se encontravam detidos tanto homens quanto mulheres.

Tentou visitá-la, embora sem êxito; o comandante das SS Ulrich Jürgens tinha-se encarregado de que ela fosse rotulada de presa perigosa, o que significava ficar em regime de isolamento, tal como Grazyna.

Apesar disso, Max continuou a exercer pressões junto dos seus amigos no alto-comando do exército, mostrando interesse pelo caso da Amelia. Aquilo que ignorava era que a baronesa Ludovica tinha feito valer a sua influência política para impedir o marido de conseguir libertar a sua rival.

Alguns dias depois destes acontecimentos, Max recebeu ordens para regressar à frente. Para Ludovica, foi um alívio que ele deixasse Varsóvia.

— Vou te aguardar em Berlim, tenho de encarregar-me dos preparativos para o nascimento do nosso filho. Ainda não falamos acerca do nome, ainda que gostasse de te propor alguns. Se for menino, e rezo a Deus para que assim seja, chamar-lhe-emos Friedrich, como o teu pai; se for menina, chamar-lhe-emos Irene, como a minha mãe.

Se porventura a Ludovica não tivesse engravidado, talvez o Max se tivesse irremediavelmente separado dela. Contudo, não obstante a aversão que sentia por ela, não podia deixar de se sentir feliz com a ideia de ter um filho, um filho legítimo que perpetuaria a sua linhagem.

O Karl Kleist, o oficial que trabalhava na esfera do coronel Oster, garantiu ao Max que faria tudo o que lhe fosse possível para o manter informado acerca da Amelia.

Para a Amelia, ser enviada para a penitenciária foi um alívio. Ali, pelo menos, não procediam a torturas sistemáticas, tal como aquelas a que se entregavam os homens da Gestapo.

A ala feminina era designada por "Sérvia". Aí partilhava uma cela úmida e infestada de pulgas com diversas mulheres, algumas delas condenadas à morte por homicídio. Mulheres que aguardavam o seu inexorável destino com uma aparente resignação. Uma tinha assassinado o marido com uma faca de cozinha, farta de ser maltratada. Outra era prostituta, tendo assassinado um cliente para o roubar. A mais jovem garantia que não tinha matado ninguém, que tinha sido

detida por engano. Com elas estavam também as presas políticas: dez mulheres cujo único delito era o de não serem nazis.

A cela estava sobrelotada, mas esse era o menor dos problemas. Poucos dias depois de ter chegado à "Sérvia", a Amelia começou a sentir comichões por todo o corpo, não conseguindo parar de coçar a cabeça. Uma das presas disse-lhe com indiferença: — Estás com piolhos, mas acabarás por te habituar. Não sei quais serão piores, os piolhos ou as pulgas. O que é que achas?

Quando a Amelia chegou à prisão, mal conseguia mexer-se. torturadores haviam-lhe deixado marcas em todo o corpo, para além de se encontrar muito debilitada, pois pouco lhe haviam dado de comer e de beber. Passaram-se semanas até sentir forças para falar com aquelas mulheres que a tratavam com uma mistura de curiosidade e e indiferença.

Um dia, foi levada para a enfermaria da prisão por causa de um desmaio. Quando recuperou os sentidos, conseguiu ouvir a enfermeira e o médico que a tratavam referirem-se à Grazyna.

— Por que motivo se terá esta espanhola envolvido em sarilhos? tem muita sorte em estar viva, dado que essa tal Grazyna foi enforcada há alguns dias — disse o médico.

— Mas esta também será condenada à morte. Mais dia, menos dia, a ordem de execução acabará por chegar — acrescentou a enfermeira.

— Ao que parece, foi amante de um oficial, que está a mover mundos e fundos para, pelo menos, lhe salvar a vida, ainda que tenha contraído pneumonia e poderá até nem sequer sobreviver — informou o médico.

Amelia sentiu-se reconfortada ao saber que o Max não a havia abandonado, estando a lutar pela sua vida.

Foi recuperando pouco a pouco e acostumou-se à rotina da prisão. Em determinadas ocasiões, permitiam às detidas passearem no pátio, embora de fato passassem a maior parte do tempo amontoadas nas celas. Ela nada sabia do Max, mas se continuava viva era graças a ele. Levavam alguém para executar quase todos os dias. Antes de serem levadas para o pátio onde seriam enforcadas, as mulheres distribuíam os escassos bens que possuíam pelas suas companheiras de cela.

Uma vez que tinha chegado à prisão em muito mau estado, passou-se um período considerável até que a Amelia pudesse sair da sua cela, e foi por isso que apenas passado algum tempo veio a tomar conhecimento de que também a Ewa, a prima da Grazyna, ali se encontrava detida.

Viram-se na primeira ocasião em que a Amelia conseguiu caminhar pelos seus próprios meios até à sala que servia de refeitório. De início, não reconheceu a Ewa: haviam-lhe cortado a sua formosa cabeleira castanha e o azul dos seus

olhos tinha-se tornado sombrio, Para além de coxear ao andar.

— Ewa!

— Meu Deus, Amelia, estás viva!

Queriam abraçar-se, mas uma guarda impediu-as, agredindo-as com um bastão.

— Quietas! Aqui, não são permitidas promiscuidades.

As duas jovens fitaram-na atemorizadas, desfazendo o abraço — pelo menos, ninguém as impediu de se sentarem juntas a uma das mesas onde lhes serviam para comer alguns pedaços de batata a nadarem num caldo imundo.

— O que aconteceu ao Tomasz? E ao Piotr? — perguntou a Amelia.

— O Tomasz foi enforcado — respondeu a Ewa com um trejeito de dor.

— A Grazyna... ouvi dizer que a Grazyna... — A Amelia não se atreveu a contar-lhe o que tinha ouvido ao médico e à enfermeira.

— Já sei que foi enforcada — disse a Ewa.

— E a irmã Maria? — quis a Amelia saber.

— Não consegui suportar o vexame e a tortura — informou a Ewa baixando a voz, já que a guarda não desviava o olhar dela.

— Coitada... E o que te aconteceu a ti?

— Não sei como continuo com vida. Desmaiava sempre que me agrediam... fizeram-me tantas coisas... Já reparaste no estado da minha perna? Quebraram numa das sessões de interrogatório e não sarou bem... Pelo menos, estou viva. Os meus pais falaram com uns conhecidos que mantêm boas relações com os alemães, fornecem-lhes carne. Fui condenada à morte, ainda que tenham pedido clemência ao próprio Führer; estou à espera da resposta de Berlim.

— Quanto a mim, julgo que continuo viva graças ao Max — admitiu a Amelia.

— O teu amante alemão?

— Sim.

— Estou confiante de que não serei executada — confessou-lhe a Ewa.

— Oxalá assim seja — respondeu a Amelia.

Não lhes era fácil conseguirem estar juntas, dado que as guardas tentavam mantê-las separadas; mesmo assim, lá iam encontrando ocasiões para falarem uma com a outra. As guardas estavam demasiado ocupadas a maltratar as presas políticas e tentando manter a ordem naquele recinto onde a sobrelotação era de tal ordem, que as mulheres mal dispunham de espaço para se manterem em pé e caminharem alguns passos.

— Aqui, não se admitem conspirações! — diziam-lhes enquanto as agrediam com bastões de borracha, obrigando-as a sentar-se afastadas uma da outra.

Certa manhã, cruzaram-se no pátio. Estava frio, tinha chovido durante a noite

e o céu apresentava-se carregado. As mulheres tiritavam, porque a roupa que traziam no corpo mal chegava para as cobrir, mas preferiam passar frio do que abdicar daqueles escassos minutos ao ar livre.

A Ewa aproximou-se da Amelia, parecendo feliz.

— O Piotr está aqui — sussurrou-lhe ao ouvido.

— Onde?

— Aqui, em Pawiak.

— Como sabes isso?

— Contou-me uma mulher que foi agora transferida para a minha cela.

Esteve na secção viu, para onde foi levada quando a detiveram. Diz que há celas onde são colocados indiscriminadamente homens e mulheres. Conhece o Piotr e disse-me que, no passado, chegaram a namorar; ela é comunista e o Piotr também foi, mas parece que abandonou o partido.

— Não sabia que o Piotr tinha sido comunista...

— Também eu não, julgo que nem a Grazyna estava ao corrente disso. Essa mulher, chama-se Justyna, contou-me que o Piotr abandonou o partido na sequência de uma discussão com um dos líderes, mas isso terá acontecido há já bastante tempo. Ele pediu-lhe que me procurasse a mim ou à Grazyna e que, se nos encontrasse, devia dizer-nos que estava vivo e que alguns dos companheiros do grupo tinham conseguido fugir, mas não disse quem. Também ele foi condenado à morte. Parece que a condessa Lublin conseguiu visitá-lo algumas vezes, tendo-lhe trazido roupa com que se agasalhar e alguma comida.

— Como podemos informá-lo de que estamos aqui? — perguntou a Amelia.

— Não é possível, não consigo lembrar-me de nenhuma forma de o fazer...

— Na melhor das hipóteses, seremos enforcados no mesmo dia.

— Não digas isso, Amelia! Sei que é difícil sair daqui, mas não quero perder a esperança. Sou... sou crente, e peço a Deus que não me abandone, que não permita que me enforcuem.

— Também eu rezo, Ewa, mas já não sei se continuo a acreditar em Deus.

— Não digas essas coisas! Claro que acreditas em Deus. Precisamos d'Ele mais do que nunca.

— É verdade que precisamos d'Ele, mas precisará Ele de nós?

A fé da Ewa ajudava-a suportar todo o sofrimento que se abatia sobre ela na prisão de Pawiak. A Amelia, por seu lado, confiava sobretudo que o Max von Schumann conseguisse tirá-la dali.

Tanto para a Amelia como para a Ewa, os momentos que passavam juntas eram um consolo. Mal tinham chegado a conhecerem-se durante o tempo em que entravam clandestinamente no gueto, já que a Grazyna não era apologista de que se criassem relações pessoais. A Amelia via na Ewa uma rapariga cheia de boas

intenções que, se ia ao gueto, era para seguir as pisadas da sua prima Grazyna. Não tinha tido tempo de avaliar pelo seu real valor, e foi apenas quando a encontrou em Pawiak que descobriu a grandeza moral da jovem pasteleira. Assim, estavam juntas sempre que lhes era possível, fortalecendo laços e trocando confidências. A Amelia não se permitia a si própria alimentar planos de futuro, mas já a Ewa, por seu lado, não cessava de sonhar com o que faria assim que fosse libertada de Pawiak.

— Teremos de reorganizar o grupo e de prosseguir o trabalho iniciado pela Grazyna. Não podemos render-nos. Não consigo parar de pensar nas crianças, certamente sentem a falta dos rebuçados que lhes levava.

Os meses foram passando sem que a Amelia soubesse alguma coisa sobre o Max. Nem uma carta, nem uma mensagem. Nada. Teve de receber tratamento na enfermaria em mais algumas ocasiões. A comida que lhes forneciam era escassa. Ela estava anêmica, tossia e desmaiava com frequência. De início, as suas companheiras de Cella chamavam a guarda prisional para avisar que a Amelia tinha Perdido os sentidos, mas rapidamente deixaram de o fazer. As guardas, antes de a levarem para a enfermaria, tinham o hábito de a agredir com pontapés, insultando-a incessantemente.

— Levanta-te, mandriona! Não finjas que estás a dormir! Depois da pancada que te vou dar, vais ver como despertas! Olhem só para esta delicada donzela!

Quando recuperava os sentidos, sentia na boca um sabor a sangue. As guardas compraziam-se especialmente em agredi-la no rosto, como se a beleza da Amelia constituísse uma afronta.

Eram muitas as noites em que ela despertava com os gritos das outras detidas.

— O que se passa? — perguntou a uma das suas companheiras de cela.

— Parece que chegaram novas ordens para enforcar algumas das que aqui se encontram detidas. Quem sabe se a nossa vez não chegará já amanhã.

Ela levantou-se e encostou a cabeça à parede de pedra, murmurando uma oração pedindo a Deus para que a porta da sua cela não se abrisse. Ouvia o ruído de passos para a frente e para trás, os gritos de algumas mulheres arrastadas para o cadafalso, as súplicas de algumas das suas companheiras rogando que alguém entrasse em contato com as suas famílias, ainda que soubessem que isso era impossível. Outras, pelo contrário, caminhavam em silêncio, de cabeça erguida, tentando manter a dignidade durante aqueles que sabiam ser os seus últimos minutos de vida.

Todos os dias, dezenas de detidos eram executados na rua Smocza, adjacente a Pawiak. Homens, mulheres, inclusivamente adolescentes... para os nazis, isso era completamente indiferente. Mal as ordens chegavam à prisão, eram

imediatamente executadas. Toda aquela conjugação de passos, gritos e suspiros afetava o estado de ânimo das mulheres, levando-as mesmo a desejar que aquele suplício terminasse quanto antes.

Foi apenas em finais de maio de 1942 que o Karl Kleist viria a comunicar ao Max von Schumann, o qual tinha já alcançado a patente de coronel, que todas as diligências desenvolvidas para libertar a Amelia estavam prestes a dar os seus frutos.

— Não posso ainda garanti-lo, mas o pessoal do Oster está prestes a conseguir a libertação da Fräulein Garayoa. Talvez seja uma questão de dias.

— Graças a Deus! Ficarei eternamente em dívida para contigo bem como para com o Flans Oster e o almirante Canaris — exclamou o Max.

— Todos estamos em dívida para com a Alemanha — respondeu-lhe o Kleist.

Passar-se-iam ainda alguns meses até a Amelia ser colocada em liberdade. Entretanto, o Max conseguiu uma licença para se deslocar a Berlim: a Ludovica tinha dado à luz um menino há três meses.

Ao pegar o filho nos braços, o Max emocionou-se mais do que aquilo que gostaria de admitir.

A Ludovica mantinha-se em repouso, como se o parto em si tivesse constituído uma grande façanha. Deixava-se mimar pela sua família e pela do marido, sentindo a sua influência no seio familiar a aumentar depois de ter conseguido perpetuar a linhagem dos Von Schumann.

— O nosso Friedrich é lindo, um ariano puro — disse ela ao Max.

A baronesa recostava-se numa *chaise longue* colocada junto à janela do seu quarto, refletindo, com uma certa perversidade, acerca do que aquele bebé de pele rosada representava para o seu marido.

— Sim, é realmente lindo — concordou ele.

— As tuas tias dizem que é parecido contigo, e concordo com elas. Estou extremamente feliz por estares aqui... Iremos batizar o nosso filho como ele merece. Organizaremos uma grande festa e convidaremos o Hitler, o Goebbels e todos os nossos melhores amigos.

— Estamos em guerra, Ludovica, não devemos exceder-nos em festividades desnecessárias. As pessoas estão a sofrer, perdem os seus filhos, os seus maridos, os seus irmãos... Batizaremos o Friedrich, mas limitar-nos-emos a convidar a família e os nossos amigos mais íntimos.

— Está bem, mas isso não nos impede de convidarmos o Führer. Sei que tem grande estima por mim, nem calculas como me trata sempre que me vê. Poderíamos inclusivamente perguntar-lhe se gostaria de ser o padrinho do Friedrich.

— Nunca! Não, nunca poderia consentir isso. O meu filho nunca terá por padrinho esse... esse demente.

— Max! Como te atreves?!

— Basta, Ludovica! Não quero discutir. Esquece essa ideia descabida. Não me obrigues a desautorizar-te. A madrinha do Friedrich será a minha irmã mais velha e, quanto ao padrinho, se te parecer bem, pode ser um dos teus irmãos.

— Max, não podes recusar-me o desejo de organizar um grande batizado para o Friedrich!

— O nosso filho terá o batizado que merece, rodeado pela família, mas por ninguém mais.

A Ludovica não insistiu. Sabia que o nascimento do Friedrich era a única razão para o Max não se separar dela, mas conhecia-o demasiado bem para saber que, se o pressionasse, ele acabaria por ceder de novo.

— Está bem, querido, faremos como desejas. Agora, senta-te ao meu lado, porque tenho muitas coisas para te contar.

Max aproveitou a estadia em Berlim para se encontrar com os seus amigos do grupo de resistência contra o regime. O professor Schatzhauser parecia mais pessimista do que nunca, surpreendendo-o ao perguntar pela Amelia.

— Está na penitenciária de Pawiak, em Varsóvia. Foi detida pela Gestapo.

— Coitada! Já tínhamos ouvido rumores...

— Estou a fazer o impossível para que seja libertada.

— Sim, já nos chegou alguma coisa aos ouvidos. Tens de ser prudente, Max, dado que tens inimigos.

— Bem sei, professor.

— Esteve em Berlim o tal jornalista norte-americano, o Albert James. Telefonou-me e apareceu em minha casa. No decurso da conversa, perguntou pela Amelia.

— Bem, o senhor sabe que o James e a Amelia... enfim... tiveram uma relação.

— Conte-lhe a verdade: que tinha partido contigo para Varsóvia e que nada sabíamos sobre ela, mas que calculava que estivesse bem.

Max não respondeu. Perturbava-o que o professor tivesse mencionado o anterior amante da Amelia. Não é que tivesse alguma coisa contra ele, mas, ainda que lhe fosse difícil admiti-lo, sentia ciúmes.

— Conte-me como estão as coisas por aqui, se há novidades relativas ao nosso pequeno grupo.

— Somos muito poucos, Max, e não estamos bem organizados — lamentou-se o médico.

— O nosso problema — acrescentou o Manfred Kasten, o antigo diplomata

— é que os opositores ao Terceiro Reich não se mostram capazes de unir esforços. Os comunistas lutam para um lado, os socialistas para outro, e, quanto aos cristãos, também não conseguem pôr-se de acordo, o que faz com que os oficiais do exército nem sequer saibam que são efetivamente muitos os alemães ansiosos por que os militares façam alguma coisa.

— Quanto a essa última questão, não estou assim tão certo disso — opinou o Max. — Além do mais, não é assim tão fácil, pois nem aqueles que se opõem ao regime conseguem chegar a acordo relativamente àquilo que se deve fazer.

— Se a cabeça do Reich for decepada, tudo se tornará mais fácil — insistia o professor Schatzhauser.

— O Führer exigiu que o exército lhe jurasse lealdade, sendo muitos os oficiais que se sentem presos a esse juramento — argumentou o Max.

— E tu também? — perguntou-lhe o Manfred Kasten.

— A lealdade do exército é para com a Alemanha — interveio o professor, sem dar tempo ao Max para responder.

— Alguns dos nossos companheiros foram detidos — acrescentou o pastor Ludwig Schmidt. — Assim que alguém é detido pela Gestapo, desaparece para sempre.

— E tu, Max, o que julgas que deveríamos fazer? — perguntou-lhe a Helga Kasten.

Max von Schumann não dispunha de resposta para tal pergunta. Apenas podia dizer-lhes que existiam no exército outros oficiais que, como ele, julgavam ter de fazer alguma coisa para se oporem ao Hitler, havendo inclusivamente alguns dos seus companheiros de armas que tinham chegado a sugerir que apenas seria possível derrubar o Terceiro Reich depois de o Führer ser liquidado, embora ninguém tivesse passado das palavras.

A quatro dias de regressar à frente, o Max e a Ludovica batizaram o pequeno Friedrich; apenas a família assistiu à cerimônia. Ela havia cedido aos desejos do marido, mas tinha já prevista uma outra celebração para quando ele regressasse à frente. Estava determinada a reunir em sua casa os seus amigos da hierarquia nazi, com vista a celebrar o nascimento e o batismo de Friedrich.

Mas também o Max possuía os seus próprios planos, pois tinha decidido passar por Varsóvia antes de regressar à frente russa. O Karl Kleist, o oficial que trabalhava na esfera do general Oster, tinha-lhe garantido que a Amelia estava prestes a ser libertada, e ele pretendia estar presente nesse momento ou, pelo menos, tentar que o deixassem visitá-la na penitenciária de Pawiak e explicar-lhe os planos que havia traçado para ela a partir do momento em que fosse colocada em liberdade.

Aquilo que ignorava era que a Amelia estava doente; quando tossia, cuspiam

sangue, para além de padecer de anemia.

Contudo, para ela, o pior que teve de enfrentar não foi a luta contra a febre, nem muito menos contra as pulgas que lhe martirizavam o corpo, ou os piolhos, que ainda conseguiam encontrar refúgio entre os poucos cabelos que lhe restavam. A pior situação que a Amelia teve de enfrentar foi a execução da Ewa.

— Sabias que os meus pais vieram visitar-me? — disse-lhe a Ewa Certa manhã quando estavam no pátio da "Sérvia", a respirar o ar puro que conseguia penetrar por cima dos muros da prisão.

— ConseguiSTE vê-los? — perguntou a Amelia.

— Não, não me deixaram, mas sei que estiveram cá. Quem mo disse foi uma companheira de cela que de vez em quando é destacada para fazer limpezas no gabinete do diretor da penitenciária. É boa mulher e confio nela. Sabes uma coisa? Julgo que os meus pais traziam boas notícias, com certeza estão prestes a conseguir um indulto para mim. Tenho fé em que isso virá a acontecer.

Sorria iludida, convencida da sua boa sorte, apenas enevoadada pelo pensamento de ter de deixar a Amelia do lado de dentro dos muros de Pawiak.

— Assim que for libertada, prometo-te que procurarei o Max onde quer que ele esteja e hei de pressioná-lo para fazer tudo o que estiver ao seu alcance para conseguir a tua libertação. Confia em mim.

— Se não tivesses sido tu, julgo que não teria conseguido resistir até agora...

— Não digas isso, que és mais forte do que eu! Além do mais, tens um filho, o que te dá razões para viver. Um dia, irei contigo a Espanha.

— Espanha... o meu filho... O que eu não faria para poder voltar atrás! Sou a única culpada por tudo aquilo que me aconteceu e, por vezes, penso que estou aqui para pagar por todo o mal que causei àqueles que me amavam: o meu filho, os meus pais, a minha irmã, o meu marido, os meus tios e as minhas primas; agi mal com todos eles...

— Não te atormentes, Amelia, sairás daqui e poderás regressar a Espanha e tudo remediar.

— Não posso restituir a vida aos meus pais.

— Não podes culpar-te pela sua morte, foram vítimas da vossa guerra civil.

— Mas não estava ao lado deles. Não estava presente quando o meu pai foi fuzilado nem acompanhei a minha mãe durante a sua doença. E agora não estou a cuidar da minha irmã que está doente. Deixo sempre as minhas responsabilidades nas mãos de outros, agora nas dos meus pobres tios e da minha prima Laura. Quanto ao meu filho... não posso lamentar-me por me ter tornado uma estranha para o meu pequeno Javier. Abandonei-o, não havendo um único dia em que não me arrependa de o ter feito.

— Sairemos daqui, verás que sim; e será dentro de muito pouco tempo, estou

certa disso. Sinto que a liberdade está para breve.

Naquela tarde, como em todas as tardes, enquanto as detidas estavam nas celas, ouviram os passos das guardas. Iriam pronunciar os nomes das condenadas que seriam enforcadas ao amanhecer do dia seguinte.

Amelia estava febril e mal prestava atenção ao que elas diziam, pelo que demorou alguns segundos a reagir, perguntando a si própria se tinha ouvido bem.

— Vão enforcar a tua amiga. Acabam de dizer o nome dela. Coitada — sussurrou-lhe ao ouvido uma das suas companheiras de cela.

O grito da Amelia fez-se ouvir ao longo do comprido e largo corredor úmido que permitia o acesso às celas. Um grito que acabaria por se diluir por entre os choros e lamentos de todas aquelas que iam ser enforcadas. Tratava-se dos mesmos choros e lamúrias que ouviam quotidianamente, mas naquele dia tornavam-se insuportáveis para a Amelia.

Uma das guardas entrou na sua cela e agrediu-a com um bastão, obrigando-a a calar-se.

— Para de gritar, estrangeira de merda! Espero que a ordem para te enforcarem chegue brevemente, para que deixemos de gastar dinheiro na comida que te damos. Ingrata!

Era tal a dor que sentia na alma, que mal se apercebeu de que uma das bastonadas lhe tinha partido o pulso esquerdo.

— Quero vê-la! Quero vê-la! — suplicou, agarrando-se à saia da guarda, que a agredia impiedosamente.

— Não, não irás ver a cabra da tua amiga, que vai ter o fim reservado a todos os traidores. É uma nojenta amiga de judeus, tal como tu. Porcas! São umas porcas! — gritou a guarda, sem nunca deixar de a agredir com bastonadas.

Amanhecia já quando as guardas tornaram a apresentar-se junto as celas para levarem as condenadas. Algumas choravam e suplicavam, enquanto outras permaneciam em silêncio, tentando concentrar-se naqueles derradeiros minutos de vida, nos quais apenas lhes era permitido despedirem-se de si próprias.

Amparada por outras duas presas, a Amelia colocou-se em frente ao postigo da porta, de onde se via o corredor que as condenadas percorriam. Viu a Ewa a caminhar coxeando, com o olhar sereno e desfiando as contas de um rosário de tecido que ela própria tinha feito com um pedaço da combinação. Encontrava forças na oração e sorriu para a Amelia quando passou em frente à porta da sua cela.

— Sairás daqui, verás que sim. Reza por mim, eu zelarei por ti assim que chegar ao Céu.

A guarda empurrou-a violentamente.

— Cala-te, sua beata, e caminha! A tua amiga juntar-se-á a ti dentro de muito

pouco tempo! Também ela será enforcada!

Amelia tentou dizer alguma coisa à Ewa, mas não conseguiu. Tinha os olhos marejados de lágrimas e foi incapaz de proferir uma palavra que fosse.

Depois, deixou-se dominar pelo desespero e recusou-se a comer aquele caldo imundo e repleto de parasitas, que no entanto não deixava de as manter vivas.

Durante vários dias, esteve entre a vida e a morte. Tinha-se rendido, já não queria lutar.

Foi assim que o Max a encontrou quando foi buscá-la à penitenciária de Pawiak. Tinha chegado a Varsóvia nesse mesmo dia, acompanhado pelo seu intendente, o agora comandante Hans Henke, e com a garantia do Karl Kleist de que todos os documentos necessários para a libertação da Amelia estavam já assinados.

Deslocou-se de imediato a Pawiak, onde não pareceram demasiado impressionados com a circunstância de um coronel do exército se mostrar preocupado com aquela detida cuja libertação lhes havia sido ordenada.

O diretor da prisão foi bastante frio com ele, pedindo-lhe para aguardar no seu gabinete até que a detida fosse trazida das masmorras.

— Poderá então levá-la, ainda que, no seu lugar, teria cuidado. Essa rapariga está bastante afetada dos pulmões e quem sabe o que lhe pode contagiar. Se fosse o senhor, manter-me-ia afastado dela.

Foi a muito custo que o Max conseguiu conter-se. Sentia um desprezo instintivo por aquele homem, ansiando apenas por sair dali quanto antes, levando a Amelia consigo.

Quando a viu, não conseguiu conter uma exclamação de angústia: — Meu Deus, o que te fizeram!

Custava-lhe reconhecê-la naquela silhueta famélica que mal conseguia manter-se em pé, com o cabelo tão rente que lhe deixava a pele do crânio à vista, vestindo roupa esfarrapada e imunda, de olhar perdido.

Com a ajuda do Hans Henke, amparou-a e, depois de toda a documentação ter sido assinada, saíram de Pawiak.

Os dois homens estavam impressionados, quase não se atrevendo a falar com ela.

— Vamos para o hotel, examiná-la-ei quando aí chegarmos — disse o Max ao seu intendente.

— Julgo que deveríamos levá-la para um hospital. Não sou médico como o senhor, mas ela parece-me muito doente.

— Sim, está muito doente, é um fato, mas prefiro levá-la para o hotel e, depois de a ter examinado, decidirei então o que fazer, não quero deixá-la mais uma vez entregue ao cuidado de estranhos.

O comandante Hans Henke não insistiu. Conhecia a teimosia do seu superior e tinha assistido ao seu sofrimento ao longo de todo aquele ano, fazendo os impossíveis para conseguir a libertação da jovem espanhola. Perguntava-se se aquela mulher tornaria algum dia a recuperar parcialmente a beleza etérea de outros tempos, perante a qual era impossível permanecer indiferente.

Quando chegaram ao hotel, instalou-se um certo burburinho quando os dois oficiais da Wehrmacht foram vistos a entrar carregando nos braços uma mulher que mais parecia uma mendiga maltratada. O diretor do hotel, que estava naquele momento a conversar com um grupo de oficiais, aproximou-se deles.

— Coronel Von Schumann... esta mulher... enfim... não sei como lho poderei dizer, mas não me parece adequado que a traga para este hotel. Se desejar, posso informá-lo de um local para onde a levar.

— A menina Garayoa ficará hospedada no meu quarto — contrapôs o Max.

O diretor vacilou perante o olhar irado daquele militar aristocrata que carregava nos braços uma mulher que mais parecia uma mendiga.

— Obviamente, obviamente...

— Envie uma empregada ao meu quarto — ordenou ele.

Quando chegaram aos seus aposentos, pediu ao intendente que preparasse a água para o banho.

— A primeira coisa que irei fazer será lavá-la e desparasitá-la, depois a examinarei. Parece-me que tem uma mão partida; vou precisar que se desloque ao hospital e me traga tudo o que seja necessário para uma tala. Mas ficar-lhe-ia agradecido se, antes disso, pudesse passar pela loja mais próxima e comprar alguma roupa para a Amelia.

A empregada compareceu de imediato, não conseguindo evitar um trejeito de repulsa quando o Max lhe pediu que o ajudasse a dar banho à Amelia.

— Pago-lhe o equivalente ao seu salário mensal.

— Com certeza, senhor — aceitou a mulher, vencendo os escrúpulos.

Amelia mantinha os olhos fechados. Mal sentia forças para falar, para se mexer. Julgava ouvir a voz do Max, mas dizia a si própria que se tratava certamente de um sonho, um daqueles sonhos em que se encontrava com as pessoas que amava: o seu filho Javier, os seus pais, a sua prima Laura, a sua irmã Antonietta... Sim, era certamente um sonho. Não parecia aperceber-se de que a introduziam numa banheira com água, de que lhe esfregavam vigorosamente a cabeça que tanto lhe doía; nem sequer se apercebeu de que o Max a retirava da banheira, auxiliado pela empregada, envolvendo-a depois numa toalha. Seguidamente, vestiram-lhe um dos seus pijamas, no qual ela parecia nadar.

— Agradeço-lhe a sua ajuda — disse o Max à empregada.

— Estarei sempre ao seu dispor, senhor — respondeu, enquanto guardava

apressadamente o dinheiro que o militar lhe entregava.

Ele auscultou-a, mediu-lhe a temperatura e fez-lhe um exame completo, apercebendo-se então das marcas das torturas a que tinha sido submetida. Dificilmente conseguia conter as lágrimas e a raiva que sentia ao ver a mulher que tanto amava reduzida àquele estado.

— Tem tuberculose — murmurou para si próprio.

Quando o Hans Henke regressou, trazendo vários sacos consigo a Amelia estava já a dormir. O Max tinha-a obrigado a tomar uma chávena de chá e um calmante.

— Comprei algumas coisas, espero que lhe sirvam, é a primeira vez que compro roupa de senhora. Na verdade, nunca acompanhei a minha esposa nas suas idas às compras.

— Obrigado, comandante, fico-lhe muito agradecido.

— Não diga isso, coronel, não há motivo para me agradecer! O senhor sabe a estima que tenho por si, para além de partilhar da sua preocupação relativamente à Alemanha. No que respeita à menina Garayoa, sempre simpatizei com ela e magoa-me ver aquilo que lhe fizeram.

— Tem tuberculose.

— Assim sendo, deveria ir para um hospital para ser tratada.

— Não, não quero deixá-la sozinha num hospital, sem amigos e sem ninguém que possa cuidar dela. Quem sabe o que poderia acontecer-lhe...

— Mas teremos de regressar à Rússia...

— Sim, mas julgo que conseguirei mais alguns dias de licença. Você regressará à frente, enquanto eu ficarei aqui durante o tempo que me for possível.

— E se não lhe concederem mais dias de licença?

— Haverá de pensar em alguma solução. Agora, peço-lhe que se desloque ao nosso hospital e me traga tudo o que está discriminado nesta lista. Preciso de tudo isso para a curar.

Amelia demorou dois dias a despertar da letargia em que havia mergulhado e, quando isso aconteceu, ficou surpreendida ao constatar que, efetivamente, era o Max quem estava a seu lado.

— Como te sentes? — perguntou-lhe ele, apertando-lhe a mão.

— Então, é mesmo verdade... és tu...

— E quem julgavas que era? — reagiu ele, rindo.

— Julgava que estava a sonhar.

Não obstante o Max insistir com ela para que repousasse, a Amelia não lhe deu ouvidos, dado que precisava de falar, de recuperar Parte da vida que tinha perdido. Falaram horas a fio.

— Não me perguntaste se sou culpada — disse-lhe ela.

— Culpada? Do que poderias ser culpada?

— Fui detida, sob a acusação de conspirar contra o Reich, de ajudar os judeus...

— E espero que tudo isso seja verdade — replicou ele, rindo de novo.

— Não to disse para não te envolver, mas a Grazyna... bem... ajudava os judeus. íamos ao gueto levar-lhes comida e outras coisas.

— Não te censuro por nada, Amelia, tudo aquilo que fizeste foi certamente feito com boas intenções.

— Mas... preciso de te contar.

— Logo me pões ao corrente de tudo quando tiveres melhorado. Agora, precisas de descansar.

— Quero falar, preciso de falar, não calculas quanto senti a tua falta. Pensei que nunca tornaria a ver-te, nem a ti... nem ao meu filho, à minha família. Pawiak é um inferno, Max, um verdadeiro inferno.

Três dias depois, o Max explicou-lhe que tinha conseguido um salvo-conduto para poder viajar até Lisboa e, daí, dirigir-se para Espanha.

— Ainda estás doente, mas teremos de correr esse risco. Eu tenho de regressar à frente, pois não me permitem permanecer mais tempo em Varsóvia, e não estarias segura aqui. Achas que consegues cuidar de ti? Dar-te-ei os medicamentos que deverás tomar.

— Separamo-nos novamente — lamentou-se ela.

— Muito contra a minha vontade. Contudo, para além de médico, sou também soldado e tenho ordens a cumprir. Os meus amigos arranjam-me forma de poder ficar alguns dias em Varsóvia, mas não podem encobrir-me durante mais tempo.

— Estou consciente disso e não devia queixar-me. Fizeste tanto por mim! Sim, irei para Espanha, não desejaria ir para nenhum outro lugar. Talvez me permitam ver o meu filho. Há tantos meses que nada sei sobre a minha família, certamente pensam que estarei morta.

— Não digas isso! Claro que irás ver o teu filho e... tenho uma coisa para te dizer, que sei que te irá magoar.

Ela fitou-o, assustada. Temia o que ele pudesse dizer.

— Tive um filho. A Ludovica deu à luz um varão.

— Bem sei, Max, a tua esposa disse-me que estava grávida. Não sabia que tu e a Ludovica... na verdade, pensava que...

— Não te enganei. As coisas já há muito haviam terminado entre mim e a Ludovica. Tu não estavas presente, Amelia, e ignorava qual viria a ser o rumo da nossa relação. Na verdade, naquela altura estavas ainda com o Albert James, ou

pelo menos era isso que eu pensava. Ela pediu-me que déssemos uma nova oportunidade ao nosso casamento e... não lhe neguei essa vontade. Tenho agora um filho, que se chama Friedrich. Amo-o muito, Amelia, amo-o tanto quanto tu amas o teu filho. Não posso evitar amá-lo. Faz parte de mim, representa o que de melhor há em mim.

Instalou-se entre eles um silêncio tenso, enquanto a Amelia sentia os olhos a inundarem-se-lhe de lágrimas. Não tinha qualquer direito de o acusar do que quer que fosse, mas não deixava de se sentir magoada.

— Não posso pedir-te perdão pelo Friedrich — disse-lhe o barão.

— Sinto-me magoada, Max, é claro que me sinto magoada, mas não tenho o direito de te fazer qualquer acusação. Nunca me enganaste, sempre soube que a Ludovica estava entre nós e que o teu sentido de honra para com a tua família te impediria de te separares dela. Sabia também, ainda que não mo tenhas dito, que ansiavas por ter um filho que pudesse perpetuar a tua linhagem, e sei que isso era uma coisa que nunca poderia ser eu a dar-te, porque, afinal de contas, continuo a ser uma mulher casada. Mas sinto-me magoada, Max, muito magoada.

Ele abraçou-a e reparou como tremia, tentando conter os soluços. Sentiu-a ainda mais debilitada devido à sua extrema magreza, mas não quis enganá-la dizendo-lhe que teria preferido que o Friedrich nunca tivesse nascido, porque isso não correspondia à verdade. Estava orgulhoso daquela criança minúscula, que sentia a falta de ter nos braços.

Amava a Amelia, mas também amava o Friedrich e não queria renunciar a nenhum deles.

Não lhes foi fácil separarem-se novamente. Ele acompanhou-a até ao aeroporto. Ela mal se tinha em pé, de tão débil que estava.

Despediram-se ignorando quando voltariam a ver-se, mas também prometendo um ao outro que não permitiriam que alguém ou qualquer circunstância os separasse.

— Se não te for possível entrar em contato direto comigo, tenta através do meu intendente, o comandante Henke.

— Tanto tu quanto ele subiram de posto. És agora coronel e ele comandante...

— A guerra é mesmo assim, Amelia. Mas ouve-me com atenção: se também não conseguires entrar em contato com o comandante Henke, sempre poderás recorrer ao professor Schatzhauser, que saberá certamente onde poderei estar.

Quando já se dirigia para o avião, a Amelia sentiu dificuldade em reprimir as lágrimas, voltando-se várias vezes para acenar com a mão, enquanto o Max a observava contendo a emoção.

Muitas horas depois, e após uma longa escala em Berlim, a Amelia

observava pela escotilha do avião, tentando avistar as formas de Lisboa.

Sentia-se impaciente por pisar terras portuguesas, o que representaria um prelúdio para o seu regresso a casa. Não pensava permanecer na cidade por mais tempo do que o imprescindível. Primeiro, dirigir-se-ia ao Hotel Oriente. Era o local de contato que os serviços secretos britânicos lhe haviam referenciado em ocasiões anteriores. Em Londres, deviam perguntar-se o que lhe teria acontecido depois de tantos meses de silêncio. Possivelmente, teria sido dada como morta.

O Hotel Oriente parecia estar a decair. O proprietário, o britânico John Brown, reconheceu-a de imediato.

— Vejam só, a menina Garayoa! Não contava vê-la por aqui. Não está com muito bom ar. Vou dar-lhe o mesmo quarto de sempre, parece-lhe bem?

Sem sequer lhe dar tempo para confirmar, chamou de imediato sua esposa portuguesa, a Dona Meneia.

— Meneia, Meneia! Onde estás tu? Temos uma hóspede.

— Não irei ficar aqui hospedada, senhor Brown, apenas queria saber se seria possível entrar em contato com alguns dos seus amigos...

— Pretende então falar com os meus compatriotas.

— Pode fazer isso?

— Obviamente que sim. Entretanto, suba ao quarto e descanse, e perdoe-me por insistir, mas está mesmo com muito mau ar. A Meneia levar-lhe-á alguma coisa para comer.

— Pretendo partir para Espanha quanto antes, no primeiro comboio que partir para lá.

— Sendo assim, terá de aguardar por amanhã de manhã. Não se preocupe, eu próprio lhe comprarei o bilhete.

A Meneia bateu suavemente à porta do quarto da Amelia.

— Mas que mudada está! — exclamou a mulher ao reconhecê-la.

— Fico feliz por tornar a vê-la — respondeu a Amelia, fazendo orelhas moucas ao comentário da portuguesa.

— O meu marido disse-me que estava cadavérica, e dou-lhe toda a razão. É só pele e ossos! Por onde tem andado? Está, de fato, com muito mau aspeto.

— São tempos difíceis.

— Sim, é verdade que são, e receio que um dia destes alguém venha deter o meu marido. Há demasiados olhos e ouvidos sempre atentos ao que se passa e, sendo ele inglês... é claro que, como sou portuguesa, isso desvia as atenções, ou pelo menos nisso quero acreditar. Precisa de alguma coisa? Acho que vou trazer-lhe alguma coisa para comer. Pode ser um pouco de bacalhau? Sim, certamente que lhe fará bem, para recuperar energias.

— Não, Meneia, não estou com fome.

— Se mudar de opinião, mande-me chamar. O meu marido disse-me para lhe pedir que não saia do quarto e que repouse. Daqui a pouco, virá aqui alguém falar consigo. Calculo quem seja... mas é melhor ficar calada.

Amelia estendeu-se na cama e adormeceu. Passado pouco tempo, sobressaltou-se com alguém a bater à porta. Quando abriu, viu o John Brown acompanhado por um homem com um ar sério, que a fitava com arrogância.

— Menina Garayoa, apresento-lhe um bom amigo. Deixo-vos para poderem conversar. Se precisarem de alguma coisa, enviarei a Meneia.

— Onde esteve a senhora? — perguntou-lhe o homem sem quaisquer preâmbulos.

— Em Pawiak.

— Pawiak?

— É uma penitenciária, em Varsóvia. Estive detida.

— E por que motivo a libertaram?

— É uma longa história. Julgo que o mais conveniente será contar-lhe o que aconteceu e que o senhor o transmita a Londres. Partirei para casa amanhã, irei regressar a Madrid.

Durante uma longa hora, ela relatou pormenorizadamente àquele homem tudo o que lhe havia acontecido, desde o dia da sua detenção até ao da sua libertação, incluindo as diligências do Max von Schumann. O agente ouvia-a sem deixar de olhar para ela, escrutinando o seu rosto sem qualquer subterfúgio.

Quando concluiu o seu relato, permaneceram alguns minutos em silêncio. Seria ele a quebrá-lo.

— Deveria ficar aqui até receber novas ordens de Londres.

— Não, não irei fazê-lo. Quero regressar a minha casa, preciso de estar com os meus familiares. Não tenho forças para continuar, pelo menos de momento.

— Está a dizer-me que pretende deixar de colaborar com os serviços?

— Estou a dizer-lhe que acabei de sair do inferno e que preciso de algum tempo para respirar.

— Estamos em guerra, não há tempo para descansar.

— Se não me dá outra alternativa, diga então ao Lorde Paul James que abandono os serviços.

O homem levantou-se. Não parecia surpreendido com nada do que a Amelia lhe tinha contado, ou, se estava, não o demonstrou. Quem ficou de fato surpreendida foi ela, por não ter ouvido dele uma expressão de compaixão que fosse por todo o sofrimento por que tinha passado. Ignorava que aquele homem havia perdido a esposa e os seus três filhos num bombardeamento da Luftwaffe sobre Londres, e que já não dispunha de lágrimas ou compaixão para se sensibilizar com a situação de qualquer outra pessoa.»

— E pronto, contei-lhe tudo o que sabia, Guillermo — concluiu o major Hurley.

Estremeci na cadeira. As suas últimas palavras deixaram-me sobressaltado. Ignorava quantas horas haviam transcorrido desde que o major iniciara a sua narrativa sobre aquele período da vida da minha bisavó. Consultei o relógio e, para minha surpresa, era já meia-noite.

Lady Victoria sorria radiante, ao constatar a minha surpresa. Também ela havia enriquecido a narrativa do major Hurley com alguns contributos. O seu marido, Lorde Richard, cabeceava já de sono, com um cálice de porto na mão. Envolvera-me tanto naquele relato, que tinha chegado a esquecer-me de onde e com quem estava.

Através da sua minuciosa narrativa, o major Hurley conseguira transportar-me para a Varsóvia daqueles tempos. Sentia ter realmente visto Amelia Garayoa caminhar pela cidade, quase partilhando com ela o sofrimento dos meses passados na penitenciária de Pawiak.

— Não estava à espera disto — disse, meramente para quebrar o silêncio.

— O que é que não esperava? — perguntou Lady Victoria com curiosidade.

— Não sei... tanto sofrimento.

— Bem vê que a vida da sua bisavó não foi nada fácil — replicou ela.

— Julgo que também pouco fazia para a facilitar. — Assim que acabei de proferir tal afirmação, arrependi-me de imediato. Quem era eu para julgar Amelia?

— É já muito tarde e abusamos demasiado da hospitalidade dos nossos anfitriões — disse o major Hurley, levantando-se e dando o serão por concluído.

— Obviamente... obviamente — respondi.

— Amanhã, terá de levantar-se cedo, não é, meu caro amigo? — Perguntou Lorde Richard.

— Comprometi-me em comparecer amanhã às sete em ponto no Arquivo Militar — esclareceu o major Hurley.

Enquanto Lady Victoria e Lorde Richard nos acompanhavam até à porta, apercebi-me de que o major não havia feito qualquer referência aos passos seguintes de Amelia.

— Sei que estarei certamente a abusar da sua amabilidade, mas o que terá feito a Amelia depois? Viajou realmente para Madrid? Continuou a trabalhar para os britânicos?

— Decerto não pretenderá que falemos disso agora — repreendeu-o o major Hurley.

— Oh, meu caro amigo, terá de continuar a ajudar o Guillermo! Receio que haverá ainda muito para contar — interveio Lady Victoria dirigindo-se ao major.

O major William Hurley comprometeu-se a tornar a receber-me dentro de alguns dias. Não me atrevi a insistir, temendo irritá-lo.

— Estou com muito trabalho em mãos, não posso dedicar todo o meu tempo a pesquisar nos arquivos acerca da vida da sua bisavó. Na verdade, julgo que passou então um longo período em Espanha — acrescentou em jeito de despedida.

6

Decidi regressar à Espanha no dia seguinte. Se Amelia tivesse efetivamente voltado a Madrid durante aquele mês de julho de 1942, eu teria de encontrar as respostas ou junto de Edurne, ou do professor Soler. Podia também pedir a Dona Laura que me orientasse.

A minha mãe desligou-me o telefone na cara quando lhe liguei do aeroporto de Barajas.

— És um caso perdido, Guillermo, cheguei já à conclusão que não te conseguirei inculcar qualquer juízo. Torna a telefonar-me depois de teres decidido deixar de te comportar como um imbecil.

Sabia que toda aquela irritação se desvaneceria ao terceiro telefonema.

O meu apartamento apresentava uma camada de pó com vários dedos de espessura e cheirava a bafio.

Entre a correspondência, descobri várias cartas do banco que me recordavam de que tinha prestações para saldar. Estava a investir praticamente a totalidade dos meus rendimentos nas viagens que ia fazendo, pelo que se tornava evidente que teria de reconciliar-me rapidamente com a minha mãe, ou, caso contrário, imaginava-me já a recorrer a Ruth para, no caso de vir a ser despejado, me acolher em sua casa.

No dia posterior à minha chegada, telefonei a Dona Laura e pedi-lhe autorização para falar com Edurne.

— Fica muito cansada depois de falar consigo. Será mesmo necessário?

— Sim, Dona Laura, é. Bem... falarei primeiro com o professor Soler e, se vir que posso evitar falar com a Edurne, não a incomodarei.

— Como está a decorrer a investigação? — perguntou-me curiosa.

— Muito bem, ainda que devo dizer-lhe que a vida da sua prima tem vindo a revelar-se uma verdadeira caixa de surpresas. Se quiser posso colocá-la ao corrente daquilo que tenho vindo a descobrir...

— Já lhe disse que o que pretendemos é que proceda a uma investigação exaustiva e, assim que souber tudo, colocá-lo por escrito e entregar-nos a narrativa. Até essa altura, não precisa de me contar o que quer que seja. Mas deverá apressar-se, já que somos bastante idosas e não nos resta muito tempo.

— Posso garantir-lhe que estou a tentar acelerar ao máximo esta investigação, mas as coisas são complexas...

— Bem, Guillermo, telefone-me no caso de precisar efetivamente de falar com a Edurne. Ah! Já que estou a falar consigo, precisa de dinheiro?

Hesitei por alguns segundos. Não me atrevia a dizer-lhe que sim. Pareceu-me ouvir um riso contido proveniente do outro extremo da linha.

— É óbvio que você não vive do ar, e tantas viagens terão certamente os seus custos. Talvez tenhamos sido algo avaras na nossa última transferência. Hoje mesmo pedirei à minha sobrinha Amelia que transfira dinheiro para sua conta.

— Como está a sua sobrinha? E a Dona Melita?

— Bem, bem, estamos todas bem. Mas não percamos tempo e deite mãos ao trabalho. Recorde-se de que já temos muitos anos de vida...

O professor Soler pediu-me que me deslocasse a sua casa em Barcelona.

— Estou a escrever um livro e não disponho de muito tempo, mas, se aqui vier, veremos o que poderei contar-lhe. Julgo recordar-me com bastante precisão dessa ocasião em que a Amelia apareceu sem avisar naquele verão de 1942.

E ali estava eu de novo no aeroporto, preparado para passar o dia com o professor e com o firme propósito de comparecer em casa da minha mãe naquela mesma noite, assim que regressasse de Barcelona. Conhecia-a bastante bem e, por mais irritada que estivesse comigo, sabia que não me fecharia a porta na cara.

Assim que me viu, Charlotte, a esposa do professor Soler, aconselhou-me a não o incomodar demasiado.

— Está a concluir a escrita de um livro muito importante e o editor está nervoso por se ter atrasado na entrega do original.

— Prometo que não lhe roubarei muito tempo, mas o problema é que não consigo prosseguir sem o auxílio do seu marido.

O professor estava constipado e tinha um ar cansado, ainda que estivesse de bom humor.

— A Dona Laura telefonou-me ontem à noite e pediu-me para continuar a orientá-lo. Está preocupada com a perspectiva de ter de incomodar a Edurne, a coitada anda mal de saúde.

— Sem o senhor, a investigação sobre a minha bisavó revelar-se-ia inútil. Deixe-me desde já dizer-lhe que o major William Hurley, o arquivista do exército, se revelou uma verdadeira mina de informações. Se soubesse tudo o

que me contou... E ainda não acabou: dentro de alguns dias, terei de regressar a Londres; nem imagina as coisas que a minha bisavó fez...

— Não quero saber de nada, como já lhe disse em outras ocasiões. Aquilo que a Amelia Garayoa fez ou deixou de fazer não me diz respeito.

— O senhor é historiador, e é por isso que considero estranho não mostrar curiosidade por aquilo que a Amelia possa ter feito.

— Que teimoso é, Guillermo! Já lhe disse várias vezes que, mesmo que assim fosse, não alimentaria tal curiosidade. Não tenho nenhum direito de me intrometer na vida de uma mulher e de uma família às quais tanto devo. Se elas tivessem pretendido que fosse eu a investigar, teriam pedido; mas não o fizeram e encarregaram-no a si de tal incumbência, a você, que é o bisneto da Amelia.

Não insisti. A retidão e a honradez do professor irritavam-me. Se estivesse no lugar dele, não teria desistido enquanto não soubesse de tudo.

— Pode falar-me do que aconteceu quando a Amelia regressou a Espanha naquele verão de 1942?

— Ligue o gravador.

"Quando a viu chegar a arrastar uma mala, o porteiro do edifício não a reconheceu.

— Onde vai a senhora? — perguntou-lhe.

— A casa do Dom Armando Garayoa. Mas não me reconhece? Sou a Amelia.

— Menina Amelia! Como está mudada! Está com ar adoentado! Perdoe-me, menina, mas não a reconheci. Dê-me a mala, eu próprio a levarei.

Acompanhada pelo porteiro, tocou à campainha da casa dos tios. Foi a Edurne quem veio abrir a porta. Ela, sim, reconheceu-a de imediato.

— Menina Amelia! — gritou, abraçando-a com força.

Abandonando-se nos braços da Edurne, a Amelia sentiu-se em casa e desatou a chorar.

A Edurne não queria que o porteiro visse mais do que devia e, depois de lhe agradecer, fechou a porta. A Dona Elena e a Antonietta tinham já acorrido à saleta, alertadas pelos gritos da Edurne. As duas irmãs abraçaram-se a chorar. A Amelia estava ainda mais magra do que a Antonietta, parecia tão frágil que podia sucumbir a qualquer momento. Ou, pelo menos, foi isso que nos pareceu, a mim e ao Jesus, assim que a vimos.

Depois de abraçar a irmã, a Amelia fez o mesmo com a sua prima Laura e, seguidamente, com o seu primo Jesús; também me abraçou a mim e à tia, a Dona Elena.

— E o tio? Onde está o tio? — perguntou, impaciente.

— O papá chega mais tarde do trabalho — respondeu o Jesus — mas não

tardará muito.

A Dona Elena lamentava-se pelo estado da Amelia.

— Mas, filha, por onde tens andado?! Andávamos extremamente preocupados contigo... Estás doente, não é? Sim, não negues, tão magra que estás, com tão mau ar, para além dessas olheiras...

— Então, mamãe, deixa-a em paz! — pediu-lhe a Laura. — Estás a sufocá-la. A prima Amelia está cansada; desde que descanse, ficará como nova.

Mas a Laura sabia que aquela já não era a mesma Amelia e que o seu aspeto não melhoraria apenas com descanso.

— Conta-nos tudo, diz-nos onde estiveste... Não sabíamos nada de ti e estávamos preocupadas. A Laura telefonou ao Albert James e ele disse-lhe que tinhas partido de viagem — explicou a Antonietta.

— Falaste com o Albert? — perguntou a Amelia à sua prima Laura, com um leve tremor na voz.

— Sim, há alguns meses. Não foi fácil... Se já é difícil conseguir uma ligação para Burgos para falar com a Melita, imagina o que não será ligar para Londres... O Albert foi muito amável, mas não quis adiantar-me onde efetivamente estavas nem a razão por que terias viajado, ainda que tenha insistido em tranquilizar-me, garantindo-me que estarias bem. Contou-me que tinham estado os dois em Nova Iorque... — contou a Laura.

— É verdade — confirmou ela.

— Já não estás com o Albert? — perguntou a Dona Elena, indo direta ao assunto.

— Não, já não estamos juntos — sussurrou ela.

— Não deixa de ser uma pena, dado que é um homem às direitas — retorquiu a tia.

— Por favor, mamãe, não te envolvas na vida privada da Amelia! — admoestou-a a Laura.

— Não te preocupes, não me importo. Sei que a tia se preocupa comigo — disse a Amelia.

Durante o resto da tarde, mostrou-se ávida por novidades; pedia-nos pormenores acerca de tudo o que tinha acontecido desde a sua última visita, não deixando de se referir ao bom aspeto da Antonietta e a como o Jesús e eu tínhamos crescido.

— Continuamos sem ter qualquer notícia da Lola, bem como do Pai dele. A coitada da avó dele acabou por falecer — contou a Dona Helena.

— Lamento, Pablo, fico triste por a tua avó ter falecido — disse-me a Amelia.

— Mas não está sozinho. O Pablo faz agora parte da nossa família e não

saberíamos viver sem ele. Além do mais, ele e o Jesús são unha com carne, mais unidos do que verdadeiros irmãos — afirmou a Laura.

— As mulheres desta casa são muito mandonas, ainda bem que está cá o Pablo — disse o Jesús a rir-se.

O olhar da Amelia ensombrou-se quando, ao perguntar pelo filho, a Laura a informou de que a Águeda continuava a permitir-lhes verem o pequeno Javier.

— De vez em quando, a Edurne aguarda nas proximidades da porta da casa de Santiago e espera que a Águeda saia com as crianças e então pergunta-lhe qual é a melhor ocasião para vermos o Javier.

O teu filho está lindo e parece-se muito contigo; é tão louro e magro como tu.

— É feliz? — perguntou a Amelia.

— Claro que sim! Não te preocupes minimamente a esse respeito. O teu marido... bem... o Santiago ama loucamente o filho e a Águeda trata-o muito bem. O menino gosta muito dela... sei que isto te magoa, mas é melhor que goste dela, pois isso significa que o trata bem. — A Laura tentava suavizar o estado emotivo da prima.

— Quero vê-lo, e se fosse possível ainda hoje...

— Não, não, hoje não, tens de descansar. Amanhã, a Edurne ira encontrar-se com a Águeda, que nos dirá se o poderás ver e quando, e nós vamos contigo — reagiu a Laura, receando que a prima decidisse tentar ver o filho naquele preciso momento.

— É-me difícil suportar que seja essa mulher a determinar quando posso ver o meu filho! — desabafou a Amelia.

— Minha querida, terás de te resignar com essa situação. O Santiago nada quer saber sobre nós, ainda que o teu tio tenha tentado falar com ele. Chegou inclusivamente a falar com o Dom Manuel, o pai do Santiago. Mas o homem mostrou-se inflexível; não só respeitava a decisão do filho, como também concordava com ela. Nunca te perdoarão, Amelia — disse a Dona Elena, sem calcular o quanto as suas palavras poderiam magoar a sobrinha.

— Pagarei durante o resto da minha vida pelo erro que cometi. E sabes uma coisa, tia? Por vezes, penso que ainda não fui suficientemente castigada, que devo sofrer ainda mais, que mereço tudo quanto de mau me possa acontecer. Ter abandonado o meu filho foi o maior erro da minha vida!

— Amelia, não sofras mais. Verás como um dia tudo acabará por se resolver da melhor maneira — interveio a Antonietta, sem conseguir reprimir o choro.

Eram já horas tardias quando o Dom Armando regressou a casa. O bom homem trabalhava horas suplementares no escritório para conseguir sustentar toda a família.

Amelia não o disse, mas a sua expressão denotava que considerava o tio muito envelhecido. Também ele ficou preocupado ao ver o lamentável aspeto físico da sobrinha. Abraçou-a demoradamente, tentando conter as lágrimas.

— Terás de prometer-me que nunca mais estarás tanto tempo sem dar notícias, estávamos muito preocupados. Não nos faças isto, querida, pensa no quanto sofremos por ti. Não sei se já sabias, mas a tua irmã Antonietta sofre de crises de ansiedade. O médico garante que isso se deve ao fato de andar preocupada contigo. Fica já combinado que, amanhã, iremos ver o Dom Eusebio, para que te examine. O teu aspeto deixa-me preocupado, querida.

Amelia integrou-se na rotina familiar. Era a Dona Elena quem determinava tudo naquela família, e todos lhe obedecíamos, incluindo o Dom Armando. A bondosa senhora havia-se tornado uma segunda mãe tanto para a Antonietta quanto para mim.

Tornou-se também rotina que a Amelia, acompanhada pela Edurne, se aproximasse daquela que tinha sido a sua casa quando casada e onde continuava a viver o seu marido, Santiago, amancebado com a Águeda. A Dona Elena não cessava de repetir que sabia por intermédio das amigas que o Santiago fazia distinções entre os seus dois filhos, não permitindo que alguém se esquecesse de que o Javier era o seu filho legítimo, enquanto a menina, que havia sido batizada de Paloma, era fruto da relação com a sua amante.

A reação da Águeda relativamente à Amelia não deixava de ser curiosa. Não obstante ocupar na cama do Santiago o lugar que outrora lhe tinha pertencido, a mulher continuava a considerá-la a "sua" senhora, e isto apesar de o Santiago nem sequer querer ouvir falar dela. Contudo, instintivamente, a Águeda assumia uma atitude de subordinação sempre que estava na sua presença. Ficava nervosa; temia a reação do Santiago se tomasse conhecimento de que a deixava ver o Javier.

Através da Edurne, acordaram que a Amelia não se aproximaria da criança, dado que o Javier já possuía idade suficiente para contar ao pai os pormenores dos passeios que dava com a Águeda e com a sua irmã mais nova, Paloma.

Para a Amelia, ver o filho ao longe era emocionalmente devastador, segui-lo durante o seu passeio nos Jardins do Retiro, vê-lo brincar com outras crianças e rir de felicidade, tratar a Águeda por "mamãe". Durante todo aquele verão, tornou-se a sombra do Javier, sem que a criança de nada suspeitasse. Todas as tardes, ao pôr do sol, a Águeda costumava ir aos Jardins do Retiro para passear as crianças. Ali se detinha a falar com outras mulheres, quase todas elas criadas; nunca se atreveu a conversar com outras mães, que também aí iam passear com os seus filhos.

Amelia sentava-se num banco próximo e via o Javier brincar; sofria sempre

que a criança caía e arranhava o joelho, observando-o rendida, desfrutando daquela condição de maternidade clandestina.

O Dom Armando não autorizava a Antonietta a trabalhar. Também não queria sequer ouvir-me mencionar a possibilidade de eu o fazer. Por mais que me disponibilizasse para encontrar um trabalho qualquer que me permitisse contribuir para o sustento do lar, queria que eu prosseguisse os estudos, tal como o seu filho Jesús. No respeitante à Laura, continuava a lecionar no colégio, para além de fazer trabalhos de costura. Tinham sido as freiras a conseguir-lhe esse trabalho complementar. Eram muitas as famílias que necessitavam de uma costureira que pudesse remendar casacos, baixar as bainhas de algumas calças ou arranjar um vestido para o modificar. Ela aceitava as encomendas e, com a ajuda da mãe, conseguia dar resposta às solicitações. A Dona Elena sentia-se satisfeita por poder contribuir com o seu grão de areia para a economia familiar, apesar de se encarregar de toda a lide doméstica. A Edurne e ela dividiam as tarefas entre si, nunca permitindo que a Antonietta fizesse o que quer que fosse à exceção de dar lições de piano às filhas de uns vizinhos que se tinham mudado recentemente para o prédio. O pai, ex-falangista, era escriturário no Ministério dos Negócios Estrangeiros, pelo que se dava ares de aristocrata. Contudo, antes da guerra, tinham vivido numas águas-furtadas, na mesma casa em que a sua mulher trabalhava como porteira. Mas agora tinham decidido dar às filhas uma educação distinta, em semelhança à recebida pelas raparigas que viviam no mesmo prédio. Viviam a três quarteirões da casa do Dom Armando, onde compareciam duas vezes por semana para as lições de piano de Antonietta que se sentia orgulhosa pelos escassos cêntimos que ganhava.

No respeitante à Amelia, era evidente que o seu estado de saúde estava muito debilitado, e tanto a Dona Elena como o Dom Armando a proibiram de procurar trabalho.

— Trabalharás quando estiveres definitivamente curada. Por agora, faz-nos o favor de recuperares — insistia o tio.

Ela sofria ao ver o tio desempenhar funções administrativas no escritório de advogados. Na verdade, abusavam dele, dado que era ele quem preparava esmeradamente os processos mais difíceis, ainda que fossem outros a colher o mérito e os proveitos financeiros.

— Tio, porque não tentas voltar a abrir o teu próprio escritório?

— E quem julgas que iria confiar em mim? Querida, não te esqueças de que não fui fuzilado apenas graças a ti. Dou graças a Deus por continuar vivo e não me atrevo a desejar nada mais para além de poder continuar a sustentar esta família.

— Mas és tu quem faz o trabalho todo, tio! Estão a aproveitar-se de ti!

— Ninguém contrataria um advogado republicano que esteve condenado à morte. Não tenho conhecimentos e todos desconfiaram de mim. Deixemos as coisas como estão.

— Tens de compreender que o teu tio perdeu a guerra — interrompeu a Dona Elena.

— Todos a perdemos — respondeu ela.

— Todos sofremos as consequências, mas foram os vermelhos e os republicanos quem a perdeu. O Franco não está a governar assim tão mal, parecendo ser respeitado no exterior — insistiu a Dona Elena.

— E quem o respeita? O Hitler? O Mussolini? Esses dois são como ele! Mas os restantes países europeus não o respeitam; vão ver o que acontece quando a Inglaterra vencer a guerra — protestou a Amelia.

— Eu já não espero nada de ninguém, bem basta terem deixado a República entregue a si mesma — lamentou-se o Dom Armando.

— Além do mais, as coisas aqui não estão assim tão mal. Sim, é verdade que enfrentamos dificuldades, mas pelo menos a ordem prevalece, e verás como um dia as coisas começarão a correr-nos melhor. — A Dona Elena ia-se acomodando à nova situação.

— E a liberdade? Que valor dás à liberdade, tia?

— Que liberdade? Ouve, Amelia: aqui, desde que não fales de política, nada te acontecerá; portanto, a coisa mais inteligente a fazer é não abrir a boca. Além do mais, a política já trouxe dissabores suficientes a esta família, e eu só quero que vivamos em paz. A Europa inteira está em guerra e ignoramos como poderá terminar; até ao momento, o Franco tem-se revelado suficientemente hábil para nos manter afastados dela.

— Por amor de Deus, tia!

— Sim, Amelia, tens de o admitir. É do conhecimento geral que o Hitler lhe pediu para o auxiliar na guerra, mas o Franco, como galego que é, voltou-lhe as costas sem dizer água vai...

— E com que meios o poderia auxiliar? Que forças iria ele enviar? Este país está na penúria, tia! Os homens nem sequer têm forças para continuar a lutar! Não, não se pode dizer que ele não tenha pretendido ajudar o Hitler, mas antes que não poderia fazê-lo porque não dispõe de meios para o efeito. Além disso, enviou a Divisão Azul para a Rússia.

— Amelia, peço-te que te esqueças da política. Já sofremos demasiado devido à política, tu própria pagaste um preço demasiado elevado devido a esses ideais comunistas... esqueçamos isso tudo.

Amelia, com esforço e trabalho tudo se arranjará. E digo-te o mesmo que já disse aos meus filhos: nesta casa, não quero que ninguém se envolva na política.

Já nos basta que seja do conhecimento geral que apoiamos a facção republicana. Não devemos dar muito nas vistas. As coisas não correm assim tão mal — insistiu a Dona Elena.

O Dom Armando falava de política com a sobrinha apenas quando a esposa não estava em casa. Não queria contrariá-la. Além do mais, sabia que ela temia que os vizinhos os ouvissem criticar o Franco.

— A tua tia é boa pessoa — desculpou-a o Dom Armando.

— Bem sei, tio, bem sei; gosto muito dela e estou-lhe extremamente grata por tudo aquilo que tem vindo a fazer por nós e pelo Pablo, mas espanta-me o modo como aceita tão facilmente este novo estado de coisas.

— É ela quem torna possível que milagres aconteçam nesta casa e, ao contrário de nós, tem os pés bem assentes na terra. Não sonha que algum dia alguém venha salvar-nos, pelo que optou por se adaptar ao regime, sabe que não tem outra alternativa.

— E tu, tio? O que pensas tu? — perguntou-lhe a Amelia.

— O que poderia pensar? Que o Franco é um demônio, mas ganhou a guerra e nada podemos fazer contra isso. Com que meios poderíamos enfrentá-lo? Não dispomos de armas, nem de dinheiro, nem sequer de esperança. Ninguém irá ajudar-nos, Amelia. A França e a Inglaterra deixaram-nos isolados e isolados continuamos. Lamento dizer-te isso, querida, mas não me parece que, no caso de o Churchill vencer a guerra, venha a dispor de condições suficientes para nos ajudar depois a nós.

— Claro que irá fazê-lo! Verás que sim, sei aquilo que estou a dizer — garantiu ela.

Para todos nós, o aspeto físico da Amelia permanecia um verdadeiro mistério. Por mais que a Dona Elena tentasse saber alguma coisa ela negava-se a contar-lhes a causa da sua degradação física.

A Laura continuava a ser a sua confidente, a sua melhor amiga, ainda assim, a Amelia nada lhe contou. Num domingo, poucas Semanas depois de ter chegado a Espanha, à hora da sesta, estavam as duas na sala de estar, enquanto o resto da família descansava. Você sabe bem que, em Madrid, o mês de agosto é tão quente como um forno, de maneira que, ao início da tarde, não há outra solução senão passar pelas brasas. Levantei-me para ir buscar um copo de água e ao passar em frente à sala de estar, ouvi parte da conversa delas. Na altura eu era mais curioso do que hoje em dia; portanto resolvi ficar a ouvir.

— É verdade que te separaste definitivamente do Albert? — perguntou a Laura.

— Sim, é melhor para ele, nunca o amei. Bem, não posso dizer que não o amava, mas nunca estive apaixonada por ele, ou, pelo menos, não da forma

como ele mereceria.

— És tão boa pessoa... Por que motivo não te sentes atraída por homens bondosos?

— Julgas que apenas gosto dos maus? — perguntou a Amelia, surpreendida com a pergunta da prima.

— Não, não pretendia dizer isso, mas... tens de reconhecer que o teu marido é boa pessoa e que também o Albert o é; apesar disso, abandonaste-os a ambos.

— Ainda que me custe afirmá-lo, tenho de reconhecer que o Santiago é realmente boa pessoa, mas eu não estava preparada para o casamento, e talvez também ele não o estivesse.

— E do que é que não gostas no Albert?

— Não é que haja nele alguma coisa que não me agrada, mas... não sei como explicar... é verdade que o amo, mas não sinto qualquer emoção quando estou com ele.

— Eu sei porquê.

— Ah, sim? Diz-me então porquê.

— Porque gostas de desafios, gostas de conquistar o impossível. Tanto o Santiago quanto o Albert te amavam e te davam tudo; logo não te despertavam qualquer interesse. Fala-me agora desse alemão.

— Do Max? Não há muito para dizer: é corajoso, inteligente e bonito.

— E é casado.

— Sim, Laura, é casado.

— Tens passado com ele todo este tempo? Porque não me contas onde estiveste e o que te aconteceu?

Amelia levantou-se nervosa, começando a andar pela sala sem responder à prima.

— Então, não fiques chateada, apenas gostaria de saber o que te aconteceu. Dantes, confiavas em mim.

— E continuas a ser a pessoa em quem mais confio no mundo, mas prefiro não te envolver nos meus problemas. Será melhor assim. Já te contei que abandonei o Albert devido ao Max, e isso ninguém o sabia.

— A mamãe teria um ataque se soubesse que tens um amante, sobretudo sendo casado.

— E também o teu pai não compreenderia, ainda por cima tendo em conta que é alemão.

— O meu pai gosta muito de ti, Amelia, e nunca te julgaria.

— Mas não conseguiria compreender e seria um grande desgosto para ele. Por isso é que prefiro que não saibam de nada. Quanto à minha pobre irmã, também não quero envolvê-la nos meus problemas.

- Quando tornarás a estar com esse tal Max?
- Não sei, Laura, talvez nunca mais. É um soldado e estamos em guerra.
- Não sabes onde se encontra neste momento?
- Não, não sei.

Em casa, as notícias da guerra eram seguidas com preocupação. A rádio informava que o Hitler prosseguia de vitória em vitória, tal como o Mussolini, e os locutores, todos entusiasmados, garantiam que o Franco era tão "magnificante" como o Führer e o Duce.

- Os aliados acabarão por vencer — assegurou a Amelia com teimosia.
- Deus te ouça, querida! — respondeu o Dom Armando, mais Cético do que ela relativamente ao resultado da guerra.
- Que diferença nos faz a nós que ganhem uns ou outros? — Perguntou a Dona Elena, temerosa de que quer a cobiça dos alemães quer a vontade britânica em restaurar a República pudessem provocar uma nova guerra em Espanha.

Havia sofrido tanto, que apenas desejava sobreviver, sonhando que um dia a sua família voltasse a possuir o que tinha possuído no passado, quando eram burgueses acomodados e quando os talheres de prata e os mais finos cristais reluziam naquela casa.

Em meados de setembro, o Jesús e eu começamos um novo ano letivo no colégio. Estudávamos nos Salesianos, ainda que beneficiando de uma bolsa. Também a Laura regressou ao seu trabalho com as freiras, e a Antonietta tornou a dar lições de piano às filhas do tal vizinho falangista. A Amelia era a única que não trabalhava, o que a irritava. Um dia, enfrentou o tio e pediu-lhe que a ajudasse a procurar trabalho.

- Ainda não estás plenamente recuperada, continuas muito magra e o médico disse que precisas de repousar.
- Não suporto ser um fardo para esta família.
- A maior ajuda que podes dar será recuperares e não quero tornar a ouvir-te dizer que és um fardo. Consideramos-te como se fosses mais uma filha nossa, tal como acontece com a Antonietta. Deves ser paciente e aguardares até te sentires melhor para poderes trabalhar.

Mas a Amelia não lhe prestou ouvidos e começou a procurar emprego sem dizer nada em casa. Um dia, surpreendeu-nos a todos ao anunciar que havia encontrado trabalho não muito longe de casa, enquanto empregada numa loja.

- Meu Deus, querida, isso é que não! — exclamou a Dona Elena.
- E porque não? É um trabalho honrado.
- Mas toda a vida fomos clientes dessa loja e... não, não quero que trabalhes aí, as pessoas irão falar.
- E que nos interessa o que os outros possam dizer? És precisamente tu, tia,

quem nos recomenda que nos adaptemos ao novo estado de coisas. Sendo assim, tendo em conta que já não somos abastados, não nos resta outra solução senão trabalhar. Não vejo nada de mal em poder fazê-lo na loja.

— A proprietária não passa de uma desavergonhada. Nunca gostei dela. Toda a gente sabe que foi corista, ainda que muito pouco talentosa, coitada; o que teve foi talento para se enredar com o agente. Engravidou e, como o homem era casado, não teve outro remédio senão responsabilizar-se por ela e pela filha. Acabaram por chegar a um acordo: colocaria a loja em seu nome e ela não faria um escândalo.

— Sempre fizemos compras nessa loja — reforçou a Laura, numa tentativa de apoiar a sua prima Amelia.

— A questão é que sempre teve bons produtos, as melhores rendas e bordados... Mas essa mulher é o que é — insistiu a Dona Elena.

— Pois eu só posso estar-lhe agradecida por me ter dado trabalho. A filha dela está casada com um tenente mobilizado em Ceuta; têm quatro filhos e, assim sendo, não a pode ajudar, para além de ela ter uma idade já avançada e precisar de alguém que a auxilie. Serão apenas algumas horas da parte da manhã, mas pelo menos sempre ganharei algum dinheiro — argumentou a Amelia.

— Nem quero imaginar aquilo que irão dizer de nós no bairro! — desabafou a Dona Elena.

— Alguma dessas pessoas contribui para o nosso sustento? Então, por que motivo devemos preocupar-nos com aquilo que os vizinhos digam? — contrapôs a Amelia.

Não houve forma de fazê-la desistir dos seus intentos e, não obstante as súplicas da Dona Elena e a preocupação do Dom Armando, a Amelia começou a trabalhar todas as manhãs na loja.

— A Dona Rosa é muito simpática! — contou-nos ela.

— Dona Rosa? E desde quando é que essa mulher pretende ser chamada assim? Sempre a tratamos por Rosita — comentou a Dona Elena.

— Bem sei, mas não me parece bem tratar por tu uma senhora que tem quase idade para ser minha avó. Fui eu que decidi tratá-la por você, o que lhe agrada bastante.

— Não admira! Uma rapariga distinta como tu a lidar com uma corista como se de uma senhora se tratasse. Não aprovo isso e irrita-me que assim seja.

— Então, tia, não sejas tão severa nos teus juízos. O que sabemos acerca das circunstâncias da vida dela? A mim, parece-me tratar-se de uma boa mulher, que soube lutar para conseguir sustentar a filha.

— Graças à loja que o agente lhe trespassou — insistiu a Dona Elena.

— Isso apenas demonstra ser uma pessoa esperta — interveio a Laura. —

Normalmente, são as mulheres as enganadas, somos utilizadas e ignoradas, como sapatos que tivessem deixado de servir.

— As coisas que tenho de ouvir! Se o teu pai te ouvisse, teria um desgosto. Como podes justificar o fato de essa mulher se ter envolvido com aquele homem e... bem... acabarem por ter uma filha, estando ele casado? Parece-vos digno de uma mulher decente? Foi isso que vos ensinei?

— Mas o que sabemos nós das dificuldades que teve de enfrentar na sua vida? Partilho da opinião da Amelia, não devemos julgá-la — insistiu a Laura.

— Tia, o que julgas tu que dizem de mim? — perguntou a Amelia.

— De ti? O que haveriam de dizer sobre ti? És filha de boas famílias e podes andar de cabeça erguida, devido aos pais que tiveste.

— Sim, mas casei-me e abandonei o meu filho e o meu marido para partir com outro homem. Julgas que sou melhor do que a Dona Rosa?

— Não te compares com essa desavergonhada! — reagiu a Dona Elena, ofendida.

— Sabias que as tuas amigas, sempre que se cruzam comigo, não param de murmurar, tratando-me com uma condescendência que acaba por ser ofensiva? Para elas, sou uma mulher perdida.

— Não digas isso! Nunca consentiria que alguém te faltasse ao respeito.

— Vá lá, tia, não te zangues e aceita de boa vontade que eu trabalhe na loja. A Dona Rosa disse que me pagaria trinta pesetas por mês.

Aquele dinheiro representava uma grande ajuda para as finanças domésticas. O Dom Armando ganhava quatrocentas pesetas a trabalhar 14 horas diárias e, entre as lições de piano da Antonietta, aquilo que a Laura ganhava no colégio das freiras e os rendimentos suplementares dos trabalhos de costura a que se entregava com a ajuda da Dona Elena, a família não dispunha de mais do que seiscentas pesetas mensais. Apesar disso, éramos uns afortunados e não nos víamos submetidos à miséria que grassava noutras famílias, cujas refeições pouco variavam do guisado de castanhas ou das papas de alfarroba. Mas tenho de confessar que nunca comi tanto arroz e batatas como nessa altura. A Dona Elena cozinhava o arroz com um refogado de alho e louro e, às batatas cozidas, temperava-as com pimentão para lhes dar melhor sabor, sem deixar de adicionar a sempre presente folha de louro.

Ainda que um pouco contrariada, a Dona Elena acabou por aceitar que a Amelia trabalhasse na loja da Dona Rosa, ainda que ela nunca mais tenha tornado a fazer compras no estabelecimento.

Certa noite em que estávamos todos reunidos à volta do rádio, ficamos a saber que estavam a ser travados violentos combates nas imediações de Stalingrado. Não obstante a arrogância do locutor, que garantia que a Alemanha

não poupava a vida a um bolchevique que fosse, o certo é que isso não correspondia propriamente ao que se passava na frente russa.

Amelia parecia muito inquieta. Nunca confessou por que razão. O Jesús dizia que isso se devia ao fato de a prima, por ter fugido com um comunista, estar a favor dos russos, ficando preocupada com a possibilidade de os alemães saírem vencedores.

Uma tarde, ao regressar a casa, a Laura informou-nos que iam aumentar-lhe o salário.

— A madre superiora disse-me que está muito satisfeita com o meu trabalho.

A Dona Elena decidiu celebrar a circunstância fazendo um bolo de batata com alguma manteiga, que guardava como se de um tesouro se tratasse. Tinha sido a Melita a trazê-la de Burgos. Não é que ela não os visitasse frequentemente, mas era sua intenção ver a sua prima Amelia e apresentá-la ao marido e à Isabel, a sua filha.

Há muitos anos que as duas primas não se viam, e a Amelia ficou surpreendida com a mudança operada na Melita; viu-a transformada numa mulher de família em tudo subordinada ao marido. O Rodrigo Losada, o marido da Melita, até era um bom homem, para além de a amar, mas possuía ideias preconcebidas acerca do papel da mulher na sociedade, sobretudo no que respeitava à sua própria mulher. A Melita conformava-se com tudo o que ele dizia, fazendo suas todas as opiniões dele. O Rodrigo, por seu lado, sentia uma certa desconfiança relativamente à Amelia, a rebelde da família, aquela que tinha fugido abandonando marido e filho, aquela que aparecia e desaparecia sem prestar contas a ninguém, como se de um homem se tratasse.

Mostrava-se amável e educado com ela, mas isso não passava de uma forma de escamotear os seus receios. As escassas ocasiões em que discutia com a Melita era quando ela defendia a prima, argumentando que era uma mulher muito especial e bondosa. Mas ele não admitia tais argumentos, o que a entristecia.

Tenho de confessar que o Jesús e eu apreciávamos as visitas da Melita e do seu cunhado Rodrigo, não só pelo carinho que sentíamos por eles, mas também porque chegavam sempre carregados de víveres.

Quando íamos buscá-los à estação, fazíamos apostas acerca de quantos cestos iriam trazer. Os pais do Rodrigo eram pessoas razoavelmente abastadas antes da guerra civil e, sem serem milionários, viviam melhor do que nós; a mãe era originária de uma aldeia da Cantábria e possuía terras e algum gado, pelo que estavam longe de passar fome.

Naqueles volumosos cestos, a Melita costumava trazer chouriço, manteiga, costeletas e lombo de porco temperado. Trazia-nos também grão-de-bico e

frascos com mel, doce de ameixa e outros doces feitos pela sua sogra. Na Madrid do pós-guerra, todos aqueles bens alimentares se revelavam verdadeiros manjares.

A Melita tinha engravidado de novo e o Rodrigo garantia que desta vez, iria ser menino. No que respeita à pequena Isabel, era uma menina roliça e sossegada, que a Dona Elena e o Dom Armando mimavam tanto quanto lhes era possível, dadas as escassas ocasiões em que viam a neta.

A Dona Elena, tal como acontece com todas as mães de todas as épocas, preocupava-se com o futuro dos filhos. Sentia-se satisfeita com o casamento da Melita, mas faltava-lhe ainda encontrar marido para a Laura e para a sua sobrinha Antonietta; preocupar-se-ia com Jesús e comigo mais tarde, pois éramos ainda adolescentes.

A bondosa senhora, ignorando o sofrimento do marido, procurava travar-se de boas relações com as esposas de alguns indivíduos nossos vizinhos ligados ao regime. Ocasionalmente, convidava-as para lanche, obrigando a Laura e a Antonietta a estarem presentes, para que as mulheres as vissem e contassem com elas quando chegasse a altura de escolherem esposa para os seus filhos varões.

Aqueles encontros deixavam a Laura de mau humor, levando-a a discutir com a mãe.

— Mas julgas que sou algum animal para ser exibido, como se estivéssemos numa feira? Recuso-me a que essas tuas amigas me examinem sempre que vêm a nossa casa. São odiosas! Antes da guerra, nunca as terias convidado.

— Queres ficar solteira? Estas senhoras usufruem de uma boa posição social e têm filhos com a vossa idade; se continuares assim, tanto tu quanto a Antonietta vão ficar para tias.

— A questão é que não pretendo casar-me! — argumentou a Laura.

— Não digas disparates! Claro que irás casar! Queres ficar solteirona? Não deixarei que isso aconteça.

A Antonietta mostrava-se mais dócil perante os intentos da tia. Eu via-a sofrer durante aqueles lanches, mas ela não dizia nada e tentava comportar-se com a correção com que tinha sido educada.

A Dona Elena exibia às suas novas amigas os bordados de ponto cruz feitos pela Antonietta, garantindo-lhes também que o bolo que agora lhes servia havia sido feito pela Laura.

Certa noite, à hora do jantar, anunciou solenemente que no sábado iriam a um lanche com baile, organizado por uma dessas vizinhas.

— O marido da senhora Garcia de Vigo é o braço direito do subsecretário de Estado da Agricultura e garantiu-me que estarão Presentes muitos jovens interessantes, alguns deles com cargos de relevo na Falange, havendo muitos

outros de boas famílias. Julgo que estará inclusivamente presente o filho de um conde ou de um marquês. Os Garcia de Vigo têm uma filha, chamada Maruchi, que é já um pouco mais velha; fez já vinte e sete anos e está na vossa situação, ou seja, ainda não encontrou marido.

— Pois eu não penso ir — disse a Laura.

— Claro que irás! Tanto tu quanto a Antonietta e a Amelia. Todas nós iremos. Também o teu pai irá connosco, será uma boa ocasião para o apresentar ao senhor Garcia de Vigo.

— Tia, e o que irei eu fazer a esse baile? Bem vistas as coisas, estou casada — salientou a Amelia, desejosa de se livrar daquele encontro social.

— Ficarás a meu lado. Já informei a senhora Garcia de Vigo que ficarei junto dela para a ajudar a supervisionar a festa. E tu fazes-nos companhia.

— Não me parece boa ideia, sabes perfeitamente o que essas senhoras pensam de mim. Para elas, não passo de uma renegada, não me parece que a minha presença possa favorecer a imagem da Laura e da Antonietta — continuou a Amelia a argumentar.

— Não digas disparates! És minha sobrinha, e ninguém te falará com maus modos. Já pudeste ver que, sempre que aqui vêm, são sempre muito amáveis contigo.

— Sendo a tua casa, não se atreveriam a ser grosseiras. Não, não irei — replicou a Amelia.

— A Amelia tem razão — interveio o Dom Armando. — Essas senhoras seriam capazes de dizer qualquer coisa, e não é que me importe que isso vos obrigasse a virem-se embora, mas o que mais me preocupa é o mau bocado que a Amelia teria de suportar. Olha, o melhor será ela e eu irmos passear com o Jesús e com o Pablo.

Com paciência e persuasão, o Dom Armando quase conseguiu fazer valer a sua opinião, embora a Dona Elena se tenha lembrado de uma coisa: também o Jesús e eu iríamos à festa.

— Ainda não têm idade para dançar, mas têm-na certamente para lanchar; portanto, não vamos desperdiçar tal oportunidade. Fica sempre bem que os irmãos mais novos acompanhem as irmãs mais velhas, servindo de paus de cabeleira. Está decidido, irei então confirmar com a senhora Garcia de Vigo.

Eu e o Jesús protestamos, mas sem êxito. A Amelia tinha-se livrado de ir, mas a moeda de troca fomos nós.

No sábado, às seis em ponto, comparecemos em casa dos senhores Garcia de Vigo, na rua Serrano. A Dona Paquita, assim se chamava a senhora Garcia de Vigo, recebeu-nos sorridente e convidou-nos a entrar para uma ampla sala que tinha arrumado para servir de salão de baile.

— Entrem, entrem, são os primeiros a chegar — disse ela.

— Bem te havia dito que chegaria a tempo de te ajudar — respondeu a Dona Elena.

— Convidei um total de trinta jovens, verás que tudo irá correr bem. Quanto a vocês — disse, referindo-se ao Jesús e a mim —, devem estar atentos para que ninguém seja incorreto com as meninas; se virem alguma coisa estranha, venham de imediato informar-nos. Também estaremos atentas, mas se por acaso nos distrairmos sempre poderemos contar com a vossa vigilância; e ficam também encarregues de pôr a música, temos uns *paso dobles* bem animados.

O Jesús e eu havíamos acordado em concentrar-nos nos nossos próprios interesses, que não eram outros senão lanchar. Não tínhamos qualquer intenção de vigiar as raparigas, a não ser que algum daqueles jovens tivesse um comportamento incorreto para com a Laura ou a Antonietta. Todas as outras nos eram indiferentes.

Os primeiros convidados não demoraram a chegar. Ao Jesús e a mim todos nos pareciam iguais: eles vestindo terno e gravata, muito janotas, elas com saias bem engomadas.

Dona Paquita tinha arranjado uma mesa com uma enorme sopeira repleta de ponche; à volta, tudo primorosamente disposto, viam-se pratos com croquetes, tortilha de batata e enchidos.

Depois de beberem uma primeira taça de ponche, os jovens prepararam-se para dançar. E, como era previsível, sempre que a Dona Elena e a Dona Paquita se distraíam, também as mãos deles o faziam, deslizando pelas costas das raparigas. Algumas repeliam-nos indignadas, enquanto outras sorriam matreiramente esboçando um gesto de rejeição, embora pouco convicto.

Nós não desviávamos os olhos da Laura e da Antonietta e, sempre que algum demonstrava qualquer comportamento incorreto, aproximávamo-nos para que o rapaz em questão percebesse que com elas, seria melhor nada tentarem. A Laura, por seu lado, tinha descoberto uma forma de manter distâncias: sempre que algum rapaz a puxava mais para si, dava-lhe um tremendo pisão.

Eu e o Jesús divertimo-nos bastante. Julgo que comi todos os pastéis de bacalhau, que, segundo a Dona Paquita, tinham sido confeccionados pela sua filha Maruchi, que, diga-se, se fazia de desentendida sempre que algum jovem a puxava para si para além dos limites da conveniência.

Entretanto, a Dona Paquita ia informando a Dona Elena acerca das origens daqueles jovens.

— Olha — dizia —, aquele de casaco cinzento e com bigode é o filho do subsecretário, e aquele que está ao lado dele tem um grande futuro pela frente, pertence à Falange e tem um excelente emprego no Mercado Municipal. Aquele

meio arruivado chama-se Pedro Molina; repara bem nele, é bom rapaz, ainda que seja órfão de pai. O desgraçado foi morto na guerra, em Paracuellos. A mãe dele é prima de um militar muito próximo do Caudilho. Julgo que o têm em grande consideração, dizendo-se que é dos poucos que trata o Franco por tu. À mãe, deram-lhe uma tabacaria e, a ele, atribuíram-lhe um cargo importante no Ministério das Finanças. Olha, repara como se interessa pela Laura... Ui, que sorte! Se a tua filha o conseguir pescar, podem considerar-se com sorte. Grande casamento que seria!

A Antonietta veio sentar-se junto de nós. Estava já algo cansada e aqueles rapazes aborreciam-na com as suas piadas e tanta vitalidade.

— Filha, não estás a divertir-te? — perguntaram-lhe a Dona Elena e a Dona Paquita, cúmplices.

— Sim, sim, muito, mas estou um pouco cansada — desculpou-se ela.

— Descansa então um pouco, mas não percas muito tempo, por que, caso contrário, alguma rapariga ainda te rouba os teus admiradores — advertiu-a a Dona Paquita, sem se aperceber de que, para a Antonietta, ser ignorada supunha um alívio.

Às dez horas em ponto, a Dona Paquita deu por terminada a festa. O regresso a casa foi pautado pelas considerações entusiastas da Dona Elena. Para ela, o serão havia sido um êxito. O sobrinho do militar próximo do Caudilho, que disse chamar-se Pedro, tinha-se aproximado dela para se apresentar e para lhe pedir autorização para visitar a Laura. A Dona Elena ignorou o olhar de estupefação da filha e respondeu ao rapaz que ficariam radiantes em recebê-lo na próxima quinta-feira à tarde.

A Laura queixava-se.

— Não devias tê-lo convidado, é repugnante.

— É bom rapaz, o pai dele foi morto em Paracuellos e... é como vês: está a estudar Comércio e a mãe dele tem uma tabacaria. Não é um partido que possamos ignorar.

— Mas eu não gosto dele; portanto, não alimentes expectativas, porque não penso sair com ele. Além do mais, é fascista.

— Onde já se viu isto?! Não quero que tornes a proferir essa palavra nunca mais! Nunca mais, ouviste? Em Espanha, deixaram de existir partidos. Agora, somos todos espanhóis.

— Sim, espanhóis fascistas, porque todos os outros foram executados ou fugiram para o exílio.

— Mas que mal fiz eu na vida para merecer isto!? Não te apercebes da nossa situação? Até o teu pai chegou já à conclusão de que não há outro remédio senão adaptarmo-nos ao Franco. Além disso, apesar de tudo o que dizem, ele está a

governar bem e, pelo menos, estamos em paz.

— Paz? Mas que paz? Chamas paz à decisão de matar todos aqueles que se opõem ao regime? — protestava a Laura.

— Acabarás por fazer com que sejamos todos presos, vais ver... —
recriminou-a a Dona Elena.

Não obstante os protestos da Laura, o Pedro Molina começou a frequentar a casa. A Dona Elena mostrava-se solícita com ele, mas a Laura não fazia segredo da antipatia que sentia por ele. O rapaz parecia fazer-se de desentendido relativamente ao desdém da Laura e, quanto pior era tratado, mais o seu interesse parecia aumentar.

— É um convencido! Não o suporto.

— É um cavalheiro e um bom partido. Queres ficar para beata?

— Seria preferível. Garanto-te, mãe, que preferiria esse ou qualquer outro destino do que partilhar a minha vida com esse arrogante.

A Dona Elena ignorava os protestos da Laura e um dia, quando o Pedro Molina estava lá em casa a lanchar, acabou por lhe confidenciar que gostaria de conhecer a mãe dele.

— Um dia, terá de trazer a senhora sua mãe para lanchar connosco, seria uma grande honra poder conhecê-la.

— Obviamente, Dona Elena! Mas somos nós que devemos convidar-vos. Nem imagina a ânsia da minha mãe em conhecer a Laura.

— Sendo assim, não se fala mais no assunto. Na próxima quinta-feira, vêm cá umas amigas para passar a tarde connosco, e também a sua mãe será bem recebida nesta casa. Enquanto tu estiveres a falar com a Laura, nós encarregar-nos-emos de a entreter. Pobre mulher, quantas desgraças teve de suportar!

— Não fosse pelo primo dela, não sei o que nos teria acontecido... Mas o primo da mamãe é militar e está muito próximo do Caudilho, tendo zelado para que não passássemos quaisquer necessidades. Com certeza que já lhe disseram que tenho um bom emprego, onde sou tido em grande consideração.

— Claro, claro! És um jovem com valor, chegarás longe.

— Apenas pretendo ser digno da Laura — suspirou o Pedro Molina.

A visita da mãe do Pedro iria requerer a presença de toda a família. A Dona Elena pediu ao Dom Armando para chegar a tempo do trabalho para que também ele conhecesse a viúva.

— Mas, querida, como poderei sair antes da hora?

— É um bom partido para a Laura; devemos fazer os possíveis para que este noivado se concretize.

— Mas que noivado? A Laura nem quer ouvir falar desse Pedro Molina. Estás a armar-te em casamenteira e toda esta história ira acabar mal. Esse rapaz

tem alimentado esperanças não por aquilo que a Laura lhe diz, mas sim por aquilo que tu lhe tens dito.

— Armando, deverias ajudar-me, em vez de colocares mais pedras no sapato.

— Não, Elena, não penso ajudar-te a forçares um casamento que a nossa filha não deseja. Deixa-a sossegada, acabará por encontrar noivo e, se isso não acontecer, certamente será porque não quer.

— Estás a dizer-me que não te importas que a Laura se torne uma solteirona? Nem quero pensar naquilo que uma mulher sozinha na vida tem de enfrentar! Não, não irei consentir isso, mesmo que não estejas do meu lado.

A mãe do Pedro Molina revelou-se uma senhora roliça e pouco disposta a que o seu filho se casasse com alguém que não tivesse sido ela a escolher. A Laura fez tudo para ser desagradável, mas, ainda que se tivesse mostrado encantadora, também não teria agradado àquela mulher.

Notava-se que era uma "nova-rica"; por outras palavras, antes de possuir a tabacaria, nunca lhe sobrava um tostão ao fim do mês, e via com receio a Dona Elena, cujo porte e modos elegantes ela nunca viria a ter.

A Dona Elena mostrou-se encantadora, apresentando-lhe as suas amigas e tudo fazendo para que ela se sentisse à vontade, mas não conseguiu. A viúva Molina sentou-se muito empertigada na borda da cadeira e não teceu um elogio que fosse às madalenas "feitas" pela Laura (na verdade, tinha sido a Antonietta a prepará-las) nem ao chocolate com leite que tão difícil era de conseguir (a barra de chocolate tinha sido uma oferta da Dona Rosa). Quanto ao leite, a Edurne tinha-o arranjado no mercado negro. Diga-se também que, para a ocasião, a Edurne havia engomado a rigor o seu uniforme. Mas nada disso a comovia. Uma hora depois de ter chegado acompanhada pelo filho, informou que tinha de partir e, não obstante o silencioso e suplicante olhar do Pedro, mostrou-se inflexível. Disse que se iam embora e foram. Depois dessa ocasião, e para alívio da Laura, as visitas do Pedro Molina foram-se espaçando no tempo. Era óbvio que não contava com a aprovação da viúva.

Poucos dias antes do Natal, apareceu à porta de casa uma estranha mulher a perguntar pela Amelia. Fui eu quem lhe abriu a porta.

— A menina Amelia Garayoa vive aqui?

— Sim, vive — disse eu, observando estupefato aquela mulher de cabelo louro esbranquiçado, magra e com ar determinado. Vestia um casaco de bom tecido, com o colar de pérolas que trazia ao pescoço a reluzir tanto quanto os botins em pele que calçava. Pareceu-me falar com uma ligeira pronúncia estrangeira, mas podia ser uma mera impressão.

— Poderia informá-la de que estou aqui? Sou a senhora Rodríguez.

Fui avisar a Amelia. Ela pareceu surpreendida quando lhe anunciei a presença da senhora Rodríguez.

— Quem é ela? — quis a Dona Elena saber.

— É uma pessoa que conheci através do Albert, julgo que era amiga dos pais dele — informou ela.

Amelia encaminhou a senhora Rodríguez para a sala, oferecendo-lhe uma infusão de malte, que ela rejeitou. Depois, passaram um bom bocado a conversar em voz baixa. Quando a senhora Rodríguez partiu, a Amelia parecia preocupada. Mas não disse nada e esquivou-se às perguntas da tia com respostas evasivas. Nem sequer ao tio confidenciou o que quer que fosse.

Recordo-me de que aquele Natal foi especial, porque vieram passá-lo connosco a Melita, o marido e a filha, a pequena Isabel. A gravidez da Melita estava já bastante avançada, tendo dito ao marido que gostaria de passar o Natal em Madrid. Ele havia-se mostrado renitente, dado que não pretendia passar as festividades afastado da sua família, em Burgos, mas fosse por a Melita ter adoecido devido ao estado de tristeza em que caiu, fosse por temer que alguma coisa pudesse acontecer à criança, certo é que chegaram a Madrid precisamente na manhã do dia 24, trazendo com eles um cesto onde se encontravam duas galinhas já depenadas, duas dúzias de ovos, a habitual manteiga e um bom pedaço de lombo de porco temperado, para além de pimentos, cebolas e salsa. Trouxeram inclusivamente duas garrafas de vinho.

Havia muito tempo que não passávamos um Natal tão alegre. Dona Elena e o Dom Armando sentiam-se felizes por terem os seus três filhos com eles, para além das duas sobrinhas; no que me diz respeito, era tratado como mais um membro da família. A minha mãe, a Lola, continuava sem dar sinais de vida, tal como o meu pai.

Eu esperava ainda que um dia eles aparecessem, que viessem buscar-me, mas, enquanto assim não fosse, viveria no seio daquela família que tão generosamente me havia acolhido.

No dia de Natal, levantamo-nos tarde e tomamos o pequeno-almoço em pijama e na cozinha, não obstante os protestos da Dona Elena, que nos dizia que nunca devíamos sentar-nos à mesa sem antes nos termos lavado e vestido; contudo, o Dom Armando interveio, dizendo que não haveria problema em abrir-se uma exceção. Não tínhamos ainda acabado o pequeno-almoço quando a Melita começou a sentir-se mal.

Num esforço conjunto, o Dom Armando e o Rodrigo levaram-na para a cama, enquanto a Dona Elena telefonava para o médico da família.

— Talvez alguma coisa que tenhas comido te tenha caído mal, se calhar comeste demasiado ao jantar — sugeriu o Rodrigo.

Ninguém pensava que pudesse tratar-se de outra coisa que não uma indigestão, dado que ainda faltavam dois meses para o termo da gravidez. Mas a Melita queixava-se e garantia que sentia já contrações.

— Estou a dizer-vos que entrei em trabalho de parto, recordo-me perfeitamente daquilo por que passei quando a Isabel nasceu.

— Não pode ser, querida, tranquiliza-te — insistia o marido.

O Dom Eusebio, o médico, não demorou a aparecer com um ar sonolento. Ordenou-nos que saíssemos todos do quarto, à exceção da Dona Elena.

Quando saiu, dissipou quaisquer dúvidas: — A Melita está em trabalho de parto e é impossível levá-la para qualquer hospital, dado que não chegaríamos a tempo. Sendo assim, Laura, põe água a aquecer; quanto a ti, Amelia, arranja-nos umas quantas toalhas e alguma roupa branca.

O Rodrigo empalideceu, receoso de que algo de mal pudesse acontecer a Melita.

— Doutor, tem a certeza de que não há tempo suficiente para chegarmos a um hospital? No caso de o parto se complicar...

— É óbvio que será um parto difícil, pois a criança tem apenas Sete meses de gestação; portanto reze, que é o que melhor poderá fazer. Ah! Telefone também para este número, que é de uma parteira que conheço; é boa mulher e talvez tenha disponibilidade para aqui vir para me ajudar.

O Rodrigo telefonou de imediato à parteira, prometendo-lhe uma boa compensação financeira se viesse ajudar no parto.

A Antonietta disse-nos que todos deveríamos ajudar a Melita e que, no meu caso e do Jesús, o melhor que podíamos fazer seria ficarmos quietos e não arranjar confusão.

A parteira demorou quase uma hora a chegar, período em que a Melita não havia parado de gritar. Quando a mulher entrou no quarto, o médico mandou sair a Amelia e a Laura.

Recordo-me do Rodrigo a chorar em silêncio. Tinha-se sentado na sala de estar a fumar cigarro atrás de cigarro, com as lágrimas a sulcarem-lhe o rosto.

— Está provado que gosta dela — disse-me o Jesús, espantado. — Nunca antes tinha visto um homem a chorar.

— Como não haveria de gostar dela, se é a esposa dele? — contrapus eu.

— Coitadinha! — murmurou o Rodrigo, lamentando-se por ter cedido ao desejo dela em viajar até Madrid estando grávida de sete meses.

Já ia a tarde avançada quando a criança finalmente nasceu. Graças a Deus que, apesar da dificuldade do parto, tanto ele quanto a Melita escaparam ilesos.

— Perdeu muito sangue e está bastante debilitada, mas é uma rapariga forte e irá recuperar. A criança é muito pequenina, dadas as circunstâncias, mas espero

que cresça saudavelmente — disse o Dom Eusebio ao Rodrigo, que nem sabia como lhe agradecer por ter salvo a sua esposa e o seu filho.

— Ficarei eternamente em dívida para consigo. Diga-me quanto lhe devo, não me interessa quanto. Pagaria o que fosse preciso, depois de tudo aquilo que fez...

— Jovem, há determinadas coisas que não se fazem por dinheiro. Sabe há quantos anos conheço a Melita? Já desde a altura em que pouco mais velha era do que a sua filha Isabel. Não estou aqui por dinheiro, mas sim por amizade para com esta família, apenas por isso.

Ainda assim, tal como a parteira, também o médico acabou por aceitar a generosa dádiva do Rodrigo.

— Tem de descansar durante um período considerável. Quanto à criança, irá requerer muitos cuidados, tendo em conta que nasceu prematuramente e que pode ainda correr alguns riscos — advertiu o Dom Eusebio.

— Irei levá-los de imediato para um hospital — afirmou o Rodrigo.

— Não, não, nem sequer pense em tirá-los de casa. O melhor é que fiquem aqui. Vá por mim. Regressarei à noite para os ver, mas se entretanto precisarem de mim não hesitem em telefonar.

— Irei contratar uma enfermeira. Pode recomendar-me alguém?

— Sim, a Dona Elena é quem melhor pode cuidar da Melita; nunca há ninguém melhor do que a própria mãe.

Dona Elena permitiu ao Rodrigo entrar no quarto durante alguns minutos, avisando-o para não cansar a Melita.

— Sobretudo, poupa-te nas recriminações. A coitada julga que estás zangado com ela por terdes viajado até Madrid cedendo às suas súplicas.

— Como poderia acusá-la do que quer que fosse?! Dou graças a Deus por estar viva.

A Melita pediu-lhe que autorizasse que o menino viesse a chamar-se Juan.

— Gostaria de lhe dar o nome do meu tio.

Ele aceitou sem quaisquer resistências. Estava demasiado assustado para lhe negar qualquer coisa.

Em meados de janeiro, o Rodrigo teve de regressar a Burgos, deixando a Melita em nossa casa, dado que permanecia acamada. O Dom Eusebio não a teria autorizado a viajar, e muito menos ao menino, ao qual todos chamávamos Juanito.

A Dona Elena sentia-se feliz por ter a Melita e os seus dois netos Perto de si. Não estava disposta a deixá-los partir até se certificar de que tanto a filha quanto o neto estivessem em perfeito estado de saúde. O Dom Eusebio brincava dizendo que seria ela a determinar quando lhes daria alta, ainda que ele recomendasse

que deveriam permanecer em Madrid, pelo menos até ao verão.

O Rodrigo acatava tudo quanto lhe diziam sem qualquer protesto. Sentia-se grato por a Melita e o seu filho estarem vivos e, por isso decidiu passar a deslocar-se a Madrid todos os fins de semana para estar com eles. No sábado, ao romper do dia, apanhava o comboio em Burgos, para onde regressava no domingo. Eram escassas as horas que conseguia passar com a esposa e o filho, mas sempre era melhor do que nada.

Também a Melita pareceu não se importar em ficar ao abrigo do aconchego familiar. Não é que não fosse feliz em Burgos, onde vivia numa boa casa e era sinceramente estimada pela família do marido, mas sentia a falta dos pais e do seu irmão Jesús, que sempre tinha sido o seu irmão favorito, embora também gostasse muito da sua irmã Laura. Mas a Laura tinha desenvolvido desde sempre uma relação especial com a sua prima Amelia, e a Melita respeitava a cumplicidade que havia entre elas.

O Dom Armando, por seu lado, mimava os netos tanto quanto lhe era possível. A Isabel era uma menina muito carinhosa, mostrando-se sempre sorridente para o avô. Quanto ao pequeno Juanito, todos rezávamos para que recuperasse o mais rapidamente possível, mas o bebé demorava a ganhar peso, para além de sofrer de diarreias frequentes, que deixavam o Dom Eusebio bastante preocupado.

7

Em maio de 1943, o Javier partiu uma perna. O menino tinha já completado sete aninhos e era muito bonito. Louro, alto e magro, com olhos verdes, era tão travesso que punha a cabeça em água à pobre Agueda. A mulher não conseguia impedi-lo de trepar às árvores dos Jardins do Retiro, demasiado frondosas e altas para uma criança da sua idade. Mas o Javier desenvencilhava-se, trepando como um esquilo perante o olhar horrorizado da Agueda, que lhe implorava que descesse ou teria de contar tudo ao pai. Todavia, o Javier havia herdado o carácter rebelde da Amelia, não se amedrontando com uma ameaça que sabia que a bondosa Agueda não concretizaria, de maneira que trepava às árvores até tão alto quanto conseguia.

Um sábado de manhã, acompanhamos a Amelia até aos Jardins do Retiro para que, tal como em ocasiões anteriores, pudesse ver o Javier. No dia anterior, Amelia tinha pedido à Edurne para rondar a casa do Santiago e aguardar por que a Agueda saísse, de modo a poder perguntar-lhe quando poderia ver o menino. Combinaram para as dez da manhã seguinte.

O Jesús e eu costumávamos acompanhá-la, dado que a Dona Elena não gostava que a Amelia estivesse só, principalmente no caso de o Santiago poder aparecer, vendo-se envolvida em problemas. Aproveitávamos para jogar com uma bola que levávamos de casa, enquanto a Antonietta tinha por hábito levar um livro, ainda que, desde que a Melita estava connosco, gostasse de tomar conta da Isabel, que se sentia nas suas sete quintas a correr de um lado para o outro nos relvados do parque.

Sentamo-nos num banco não muito afastado do local onde a Agueda se encontrava com o Javier e com a sua filha Paloma.

Amelia seguia os movimentos do Javier sem perdê-lo de vista. Naquele dia, a criança estava particularmente rebelde, recusando-se a obedecer à Agueda. Tinha escolhido uma árvore frondosa e com muita rama para a sua escalada rotineira e,

fazendo orelhas moucas às implorações da Agueda, começou a trepar.

— Deve ter as mãozinhas esfoladas de tanto trepar, talvez deversem obrigá-lo a calçar umas luvas, não sei porque não terá a Agueda pensado nisso — protestou a Amelia.

O Jesús e eu começamos a jogar à bola sem prestarmos atenção ao Javier, enquanto a Antonietta permanecia atenta à Isabel, que se entretinha com uma boneca de trapos que a Dona Elena lhe tinha feito.

Subitamente, a Amelia gritou e desatou a correr. Assustamo-nos e apressamo-nos a ir atrás dela.

O Javier tinha caído da árvore e gemia de dor, enquanto a Águeda não parava de gritar, assustada e sem saber o que fazer.

Amelia afastou-a sem quaisquer contemplanções, pegando o menino nos braços.

— Onde te dói? Diz-me, filho, onde te dói? — perguntou-lhe com os olhos marejados de lágrimas.

— É a perna... dói-me muito a perna, não consigo mexê-la... e também me dói o braço, mas a perna dói mais...

O Javier chorava, com o joelho a inchar-lhe rapidamente. A Amelia não prestava ouvidos às advertências da Agueda e, com o rapazito nos braços, desatou a correr, determinada a levá-lo para um hospital.

Não sei onde foi buscar forças, porque estava mais magra do que uma agulha, mas corria tão velozmente, que sentimos dificuldade em alcançá-la. A Agueda levava nos braços a sua filha Paloma e também corria no seu encalço, tal como a Antonietta, que mal podia com a Isabel, a qual acabaria por ser levada pelo Jesús.

Chegamos a um hospital perto dos Jardins do Retiro, onde o Javier recebeu então cuidados médicos.

— O que lhe aconteceu? — perguntou o médico.

— Caiu de uma árvore. É muito traquinas e não há forma de o manter sossegado — informou a Amelia.

— A senhora é a mãe dele, não é? Nem precisa de confirmar, porque é parecido consigo.

— Sim, é meu filho — respondeu ela, apertando a mão do Javier.

— Não, não... a minha mamãe é aquela senhora — disse ele apontando para a Águeda, que acabara de entrar encharcada em suor, carregando a Paloma nos braços.

— Aquela senhora? — O médico observou-a com incredulidade.

— Sim, é ela a minha mamãe.

Amelia e a Águeda entreolharam-se sem saber o que fazer ou dizer, o que

surpreendeu o médico.

— Vamos lá a ver: qual das duas é mesmo a mãe dele? — perguntou, irritado.

— Eu. Sou eu a mãe dele, embora ela... bem... ela é como se fosse uma mãe para ele, pois cuida dele desde pequenino — respondeu a Amelia indicando a Águeda.

— Nada disso, tu não és a minha mamãe! — protestou o Javier.

— E o pai dele, onde está?

— Está a trabalhar — respondeu a Águeda.

— Telefone-lhe então — ordenou o médico, enquanto engessava a perna do Javier e lhe ligava o braço, que felizmente não estava partido.

— Bem, meu rapaz: não poderás trepar às árvores durante uns tempos, e espero que tenhas aprendido a lição e que passes a obedecer à tua mãe quando te avisa para teres cuidado e para não subires até tão alto.

— Sim, senhor — respondeu ele cabisbaixo.

No preciso momento em que nos preparávamos para sair do hospital, chegou o Santiago, a quem a Águeda tinha telefonado a pedido do médico.

Mal viu a Amelia, a expressão do seu rosto alterou-se, arrebatando-lhe o Javier dos braços. O médico fitou-o, estranhando a reação.

— O menino está bem e já disse à sua esposa que tem de descansar e de manter o gesso durante quarenta dias. Mas não se preocupe, o osso irá soldar corretamente.

— Estou-lhe muito grato, doutor, obrigado — replicou ele friamente.

A Águeda contorcia as mãos de nervosismo, enquanto a Amelia estava tão pálida como cera. A Antonietta disse que se sentia com náuseas e a Isabel, assustada, chorava nos braços do Jesús, enquanto eu me sentia desconcertado e sem saber o que fazer.

— Águeda, explica-me o que aconteceu — ordenou-lhe o Santiago.

— O menino estava a trepar a uma árvore e, de repente, caiu... Lamento... não pude... não pude evitá-lo — explicou a Águeda, gaguejando.

Amelia fitou-o, e o seu olhar era de súplica. Por alguns segundos, os olhos do Santiago pareceram refletir uma maior tranquilidade, embora tenha acabado por desviar o olhar, ignorando-a.

— Santiago, quero falar contigo — rogou-lhe a Amelia.

— Esta senhora disse ao médico que é a minha mamãe — disse subitamente o Javier.

O Santiago abraçou o filho com força, estacando frente à Amelia.

— Não quero que te aproximes do Javier. Se o fizeres, irás arrepender-te.

— Meu Deus, Santiago, estamos em plena rua. Não poderíamos falar? Não

podes negar-me o direito de ver o meu filho, não podes enganá-lo dizendo que tem outra mãe, não tens o direito de nos fazer isto, tanto a mim quanto a ele.

Julgo que o Santiago, se não fosse por ter o Javier nos braços, a teria esbofeteado, tal era a fúria com que olhava para ela. Eu coloquei-me ao lado da Amelia, tentando protegê-la, ainda que tenha de reconhecer que não parava de tremer perante a ira do Santiago.

— Tu não tens filhos, não tens nada.

— O Javier é meu filho e, um dia, terás de lhe dizer isso. Possui também o meu apelido, e isso não poderás alterar. Terás de explicar-lhe quem é a sua verdadeira mãe e, por mais que lhe digas que sou a pior pessoa na face da terra, o que nunca poderás dizer-lhe é que não amo, porque amo-o do fundo do meu coração e estou disposta a fazer qualquer coisa por ele.

— Papá...

— Cala-te, filho. E tu... tu não tens qualquer vergonha. Torno a repetir: se te aproximares do Javier, irás arrepender-te.

— Papá...

— Cala-te!

— Não lhe grites! Ele não tem culpa de nada.

— Atreveste a dizer-me o que posso ou não posso fazer?

— Sim, atrevo-me a dizer-te que não deves gritar com o menino, tal como me atrevo a suplicar-te que fales comigo para chegarmos a um acordo, de modo que o Javier possa saber quem sou e quanto o amo.

— Vai-te embora, Amelia, e não tornes a aproximar-te de nós, ou pagarás caro por isso.

— Que mais me poderias fazer? Não tens o direito de privar o Javier da sua verdadeira mãe, enganando-o e levando-o a acreditar que a Agueda é aquilo que não é.

— Não te atrevas a dizer-me o que devo fazer! Quem zelava pelo Javier quando estava doente? Quem lhe aplicava compressas de vinagre na testa para lhe baixar a febre? Quem lhe mudava as fraldas, o vestia, lhe dava banho e de comer? Quem passava noites em branco ao lado do berço dele quando não conseguia dormir? Dir-te-ei quem: esta mulher. Sim, porque tu estavas com o teu amante, engalfinhada com ele sabe-se lá onde. E agora atreveste a aparecer aqui como se nada se tivesse passado para dizeres que és a mãe dele? Que tipo de mãe abandonaria o filho para ir atrás de um desgraçado?

Percebi que a Amelia estava prestes a chorar, profundamente magoada, sentindo uma vergonha incomensurável por tudo quanto o Santiago lhe dizia na presença do filho de ambos.

— Precisas de me destruir para que o menino não me ame? Precisas que me

odeie, que me considere a pior pessoa do mundo? Julgas que o ajudas ao agires assim? Odeias-me, o que compreendo, mas esse ódio impede-te de pensar que o Javier tem direito a estar com a Sua mãe, ainda que se trate de uma mãe tão... tão imperfeita como eu.

— Mas tu não és a minha mamãe — disse o Javier, irritando-se perante a insistência da Amelia.

— Sim, sou a tua mamãe. Claro que sou a tua mamãe, e tu és a pessoa que mais amo no mundo.

— Se é assim, porque não vives comigo? Não, não és a minha mãe, ela é que é a minha mãe. — Javier apontava com a mão para Agueda, que permanecia absolutamente estática, sem se atrever sequer a mexer-se ou a dizer o que quer que fosse.

— A maternidade não se resume ao parto. Foste tu quem deu o Javier à luz, mas esse instante não te torna sua mãe — sentenciou o Santiago.

Voltou as costas e começou a caminhar apressadamente, sem sequer esperar pela Agueda, que o seguia chorosa com a filha nos braços e receosa da tempestade que se abateria sobre ela assim que chegassem a casa.

Amelia deixou-se ficar muito quieta, parecendo morta de tão pálida. A Antonietta falava com ela, mas ela não respondia; também parecia não me ouvir a mim ou ao Jesús. A Antonietta puxou-a pelo braço, tentando resgatá-la para a realidade.

— Vamos embora, Amelia, vamos para casa.

Regressamos em silêncio; nós, cabisbaixos; ela, com a alma retalhada pela dor.

Quando a Antonietta contou à Dona Elena o que tinha acontecido, a senhora ficou indignada.

— Parece mentira que se comporte dessa maneira! O Santiago esquece-se de que é um cavalheiro e que, como mãe do filho dele, deveria respeitar-te.

— Um instante... disse-me que o Javier não passava de um mero instante na minha vida... e que esse instante não me torna sua mãe — soluçava a Amelia.

— Quer isso lhe agrade quer não, és a mãe do Javier — disse-lhe a Laura, bastante afetada com a dor da prima.

A Melita pegava na mão da Amelia e apertava-a, tentando consolá-la.

O Dom Armando regressou do trabalho para almoçar e deparou-se com todas as mulheres da família desfeitas em lágrimas.

— Temos de resolver esta situação, o Santiago não pode privar-te do Javier.

— E se levarmos a questão a tribunal? — propôs a Dona Elena.

— Não, a tribunal não, o mais certo seria perdermos. O Dom Manuel é um homem influente e, além disso... há algumas coisas que não conseguiríamos

justificar... — argumentou o Dom Armando.

— Bem sei, tio, bem sei, não conseguiríamos justificar o fato de ter abandonado o meu filho e o meu marido para fugir com outro homem, que, além do mais, era comunista... — disse ela.

— Não digas essas coisas, querida. Deixa-me pensar, decerto encontraremos uma solução.

— Não, tio, não há solução. O Santiago odeia-me e nunca me perdoará. A sua vingança é privar-me do meu filho.

Dois dias depois, a Edurne deparou-se com a Águeda nas proximidades da nossa casa.

— Diz à senhora Amelia que não fique preocupada. O Javier está bem, embora ande triste devido ao que aconteceu.

— Irei contar.

— Eu... eu... lamento, lamento tudo aquilo por que a senhora Amelia está a passar. Diz-lhe que o Dom Santiago ama o filho do fundo do coração, que não passa qualquer necessidade, e eu... eu também amo muito o Javier, é... é como se fosse meu filho. O menino perguntou ao pai porque é que a senhora que o socorreu no parque e que o levou ao hospital dizia ser sua mãe, e também me perguntou a mim se sou ou não a sua mamãe. Não soube o que dizer-lhe.

— E o que respondeste?

— Que é meu filho de coração, ao que ele me perguntou o que significava isso. O Dom Santiago pediu-lhe para se esquecer dessa senhora, dizendo-lhe que a única mãe que tem sou eu, mas o Javier não pareceu muito convencido. Ainda que não passe de uma criança, é inteligente, e sei que o assunto lhe mete confusão. Edurne, julgas que a senhora Amelia me perdoará? Não fui capaz de resistir a... bem, já sabes como são os homens e, tratando-se do Dom Santiago, não consegui resistir quando ele...

— Ama-o, Águeda?

— Como não haveria de o amar?! É um cavalheiro, para além de Ser muito bom homem! As mulheres como eu não se podem negar quando um cavalheiro se interessa assim por elas. Eu e o Dom Santiago tivemos uma filha, a Paloma, e ele ama-a, ainda que a seu modo. Sei que, para ele, nunca terá o mesmo estatuto do Javier, mas ama-a e não permitirá que passe qualquer necessidade. Não a renega como filha, e já me disse que a colocaremos a estudar num bom colégio de freiras e que beneficiará de um bom dote quando quiser casar, para além de que não teria qualquer problema em ser ele próprio a acompanhá-la ao altar.

— Mas ainda falta muito para isso, a tua filha é ainda bebé. Confias assim tanto no Dom Santiago?

— É um homem de palavra, preferiria morrer do que faltar à palavra dada.

Sei que cumprirá e que não nos abandonará, nem a mim nem à Paloma. Edurne, diz à senhora Amelia que me perdoe e que farei tudo o que me seja possível para que ela possa tornar a ver o filho, embora seja melhor não tentar fazê-lo durante os próximos tempos.

— Irei contar, podes ficar descansada.

A atitude da Agueda comoveu-nos a todos, à exceção da Amelia. Continuava a considerá-la uma intrusa na sua casa, alguém que estava a roubar-lhe o afeto do seu filho.

— Ela não tem qualquer culpa nesta situação. — A Laura tentava apaziguar a irritação da Amelia.

— É boa mulher, o Javier estará melhor com ela do que com qualquer outra — reforçou a Dona Elena.

— Quanto a mim, julgo que o Santiago continua a amar-te — garantiu a Antonietta, perante a estupefação de todos nós.

— O que estás a dizer? Como podes acreditar nisso? Odeia-me, odeia-me do fundo do coração.

— Eu cá penso que te ama, embora o orgulho o impeça de te perdoar. Se conseguires vencer esse orgulho, voltarão a ser felizes.

— Felizes? Sabes uma coisa, Antonietta? Talvez nunca o tenhamos sido.

Um mês depois, a senhora Rodríguez, a tal que no Natal tinha aparecido em nossa casa sem avisar, tornou a aparecer e a perguntar pela Amélia, mas como ela não estava em casa deixou um cartão de visita, pedindo-nos que lho entregássemos assim que regressasse.

Nos dias seguintes, notei que a Amelia andava inquieta. A Dona Elena considerava que se devia ao calor, dado que se estava em junho e, em Madrid, fazia-se sentir um intenso calor; à noite, sentíamos dificuldade em adormecer, pelo que atribuíamos qualquer problema aos efeitos do calor. Contudo, no que me diz respeito, apercebi-me de que a visita da senhora Rodríguez devia ter alguma relação com o nervosismo da Amelia.

Uma tarde em que ela se havia atrasado mais do que de costume, disse-nos, ao regressar a casa, que tinha ido retribuir a visita à senhora Rodríguez.

— Deu-te alguma novidade acerca do Albert James? — perguntou-lhe a Dona Elena, recordando-se de que ela nos tinha dito que aquela senhora era amiga do jornalista norte-americano.

— Sim, disse-me que o Albert está bem — respondeu a Amelia secamente.

— E onde está agora? Em Londres ou em Nova Iorque? — quis saber a Laura, que parecia alimentar uma especial devoção pelo norte-americano.

— Em Londres, julgo que continua em Londres... pelo menos, foi isso que a senhora Rodríguez me disse.

A família continuava a não perder os noticiários radiofônicos. Todas as noites, depois do jantar, sentávamo-nos na sala para ouvir as notícias. Seguimos com atenção a queda do Mussolini e a sua posterior libertação por forças alemãs, bem como a proclamação da República Social Fascista de Saló, uma entidade política artificial criada pelo Duce no Norte da Itália, apoiado por um punhado de fascistas fanáticos.

O outono de 1943 instalou-se nas nossas vidas sem se demonstrar capaz de alterar as nossas rotinas.

Numa tarde de finais de outubro, na qual eu tinha ficado em casa devido a uma constipação, tocou à campanha uma visita inesperada.

Amelia, a Laura e a Antonietta tinham acompanhado a Dona Elena numa visita a casa de uma amiga, enquanto o Jesús tinha ido ter com o pai ao escritório onde trabalhava, para lhe fazer companhia no regresso a casa. Assim, à exceção de mim e da Edurne, não estava mais ninguém em casa.

Eu passava pelas brasas no meu quarto e a Edurne estava na cozinha quando ouvimos o retinir da campanha.

A Edurne abriu a porta e soltou um grito que me despertou. Saí de imediato do quarto e fiquei sem fala ao deparar-me na saleta com um alemão envergando uniforme militar: alto, louro, de olhos azuis, bem-parecido. Tinha uma cicatriz em forma de meia-lua, que lhe marcava o rosto desde a sobrancelha direita até ao nariz.

— Gostaria de ver a menina Garayoa.

— Qual delas? — perguntou a Edurne com voz sumida.

— A menina Amelia Garayoa. Sou... sou um velho amigo dela.

— Lamento, mas de momento não está em casa. Deseja deixar o seu cartão de visita?

— Preferiria aguardar pelo seu regresso. Julga que poderá demorar muito?

— Não sei — respondeu secamente a Edurne, que começava a descobrir em si forças suficientes para falar com aquele homem cujo uniforme a intimidava.

— Talvez possa demorar-se — intervim eu, assustado, pensando que talvez aquele homem pretendesse fazer mal à Amelia.

O oficial alemão voltou-se para mim, fitando-me com simpatia.

— És o primo dela, o Jesús, ou és o Pablo? Um dos dois terás de ser.

Fiquei estupefato. Aquele oficial tinha conhecimento da nossa existência. Subitamente, pensei que iria deter-nos a todos. Fiquei calado, sem nada dizer, até que ouvimos a chave a girar na fechadura e a voz da Dona Elena. Assim que entrou, seguida pela Laura, a Antonietta e a Amelia, deu um grito, assustada ao deparar-se com o alemão.

— Mas quem é o senhor? — perguntou-lhe ela.

— Lamento incomodá-la, procuro a menina Amelia Garayoa...

Interrompeu a frase assim que a viu; ambos se fitaram olhos nos olhos, emocionadamente, e, sem trocarem uma palavra, abraçaram-se. A Dona Elena quase sofreu uma síncope cardíaca e teve de ser amparada pela Laura e pela Antonietta, que a levaram de imediato para a sala de estar.

Eu continuava a observar o oficial e a Amelia, fascinado por aquilo que estava a acontecer. Ela chorava, e era com dificuldade que ele próprio conseguia conter as lágrimas. Subitamente, a Amelia pareceu reagir.

— Vem, vou apresentar-te à minha família.

— Talvez não tenha sido boa ideia ter aparecido sem avisar... parece-me que ficaram bastante assustados.

Amelia pegou-lhe na mão e levou-o até à sala de estar, onde a Dona Elena, bebendo agora um copo de água, ia recuperando a calma.

— Tia, gostaria de lhe apresentar o barão Von Schumann, um velho amigo por quem tenho uma grande estima.

O oficial estacou frente à Dona Elena, inclinando-se para lhe beijar a mão, o que contribuiu para dissipar alguns dos temores da mulher, incapaz de permanecer insensível perante qualquer demonstração de boas maneiras.

A Laura e a Amelia trocaram um olhar cúmplice, que não passou despercebido a nenhum dos presentes.

A Dona Elena convidou-o a sentar-se, aguardando que a Amelia lhe explicasse mais detalhadamente quem era aquele oficial. Naquela casa, todos odiávamos os alemães, desejávamos que viessem a perder a guerra; e sobretudo a Amelia, que argumentava que se isso sucedesse talvez a Inglaterra e as potências aliadas nos libertassem do jugo do Franco. Assim, dificilmente podíamos aceitar de boa vontade um oficial alemão, que, para todos nós, representava o lado mais negro daquele conflito. Era o inimigo, e estava sentado connosco na sala de estar.

Mas a Amelia não parecia disposta a fornecer-nos qualquer esclarecimento suplementar acerca de quem seria aquele homem, limitando-se a reiterar que se tratava de um velho amigo que tinha conhecido anos antes. Todos nos perguntávamos onde, mas ninguém disse nada. Falamos de trivialidades, e ninguém se atreveu a sequer mencionar a guerra. Ele explicou que era a terceira ocasião em que se deslocava a Madrid e que, há alguns anos, tinha viajado por Espanha com o pai, referindo visitas a Barcelona, Bilbao e Sevilha. A Dona Elena referiu que aquele outono estava a revelar-se bastante frio e chuvoso, embora em Madrid, inclusivamente no inverno, o sol não deixasse de aparecer de quando em quando. Pouco depois, ele perguntou cortesmente se haveria por aqueles dias espetáculos de corridas de touros, ao que lhe respondemos que não,

com a Dona Elena a aproveitar para demonstrar a sua oposição à festa brava.

— Não consigo suportar qualquer derramamento de sangue desnecessário.

Tal afirmação levou a Laura a intervir em favor das touradas, acusando a mãe de não compreender a nobreza do confronto entre toureiro e touro. Assim, conversando sobre trivialidades deste teor, decorreu cerca de meia hora, altura em que chegaram o Dom Armando e o Jesús.

No rosto do Dom Armando, a estupefação e a preocupação refletiam-se em partes iguais.

Amelia apresentou-os mutuamente sem fornecer explicações de maior acerca da sua amizade com o alemão, tendo-nos deixado a todos surpreendidos ao dizer que iria sair com ele para passearem.

— Já é um pouco tarde, querida — repreendeu-a o Dom Armando, com um ar bastante sério.

— Não irei demorar muito, tio, mas o barão não conhece Madrid muito bem e irei acompanhá-lo até ao hotel dele. Como está hospedado no Ritz, decerto não tardarei muito.

— Talvez fosse melhor o Jesús e o Pablo irem também convosco.

— Não, não, de modo nenhum. Além do mais, precisamos de conversar, já há muito tempo que não nos víamos.

O Dom Armando sabia que a Amelia estava determinada a acompanhar o alemão com ou sem o seu consentimento, de forma que naquele momento optou por não confrontar a sobrinha.

— Está bem, mas não demores.

Despedimo-nos do oficial alemão, que nunca mais tornaríamos a ver.

Amelia regressou duas horas depois, com toda a família a aguardá-la na sala de estar.

— Diz-nos então, querida, quem é esse homem? — perguntou o Dom Armando.

— Conheci-o há muitos anos, quando ainda vivia com o Pierre. Depois, voltei a vê-lo em Berlim, quando trabalhei como secretária do Albert James. Fomos a Berlim para fazermos umas reportagens e, aí, encontrei-me com ele por acaso.

— E não tinhas voltado a vê-lo desde então? — quis saber a Dona Elena.

— Sim, tornamos a encontrar-nos numa ou noutra ocasião.

— É um nazi. — O Dom Armando marcou a palavra, sem disfarçar o seu pesar.

— Não, não é. É um alemão que se viu envolvido nas teias da guerra, tal como aqui tantos homens se viram, por uma ou outra facção.

— É um nazi — repetiu o Dom Armando.

— Não, tio, não é. Garanto-te que é um grande homem e que lhe devo muito.

— O que poderás tu dever-lhe, Amelia?

— Tio, irás desculpar-me, mas não vou responder a isso. Há coisas de que não gostaria de falar. Lamento, mas não posso.

— Os nazis arruinaram o teu pai, já te esqueceste? Tu própria nos contaste que, quando estiveste em Berlim, foi impossível descobrir o que tinha acontecido a Herr Itzhak e à sua família.

— Como podes referir-te a isso? — A Amelia parecia prestes a chorar.

— Porque não consigo compreender que sintas amizade por um homem que enverga aquele uniforme e que sejas capaz de te esquecer quanto o teu pai sofreu por causa dos nazis! Além do mais, parece-te pouco aquilo que estão a fazer na guerra? Não, Amelia, não posso admitir a presença de um oficial nazi em nossa casa. É algo que não irei tolerar, por respeito à memória do meu irmão e à nossa Própria dignidade.

Nunca tínhamos visto o Dom Armando tão sério, tão firme. Ficamos todos calados, sem saber o que fazer ou dizer. A Amelia cobriu o rosto com as mãos.

— Reflete naquilo que acabei de dizer, querida, mas que fique claro que não consentirei que esse homem torne a pôr os pés nesta casa.

Ela fitou o tio antes de retorquir: — Mas não deixas de aceitar o Franco, dado que nada fazes contra o novo regime.

— Amelia! — A Laura tinha-se levantado de um salto da cadeira onde estava sentada, estacando frente à prima e contendo a raiva.

— É a verdade, todos nos vergamos perante o Franco, ninguém faz nada. Julgam que ele é melhor do que o Hitler ou o Mussolini? Eu não acredito nisso, o que não nos impede de estarmos como estamos, sem mexermos um dedo.

— Perdemos a guerra, Amelia, mas não a dignidade — disse o Dom Armando com uma voz quase inaudível.

— O que queres que façamos? Não sofremos já de sobremaneira? — disse a Laura.

— Por que motivo julgam vocês o Max se não sabem nada sobre ele? — protestou a Amelia.

— Porque, podendo ter escolhido outra posição, optou por lutar ao serviço do Hitler — respondeu a Laura com brusquidão.

— É um soldado, não pode escolher — contrapôs a Amelia.

— Discordo, Amelia, claro que pode. Aqui, foram muitos os soldados que o fizeram, ainda que tenhamos acabado por perder a guerra — sentenciou o Dom Armando.

— Não conseguem compreender... não sabem... lamento, mas vocês não se apercebem daquilo que está a acontecer.

— Pelo contrário, apercebemo-nos perfeitamente. És tu quem precisa de se desenganar relativamente ao que significa para ti esse homem.

As duas primas fitaram-se, contendo as lágrimas. Era a primeira vez na vida que discutiam, que se confrontavam.

Ficamos em silêncio. A Dona Elena quebrou a tensão mandando-nos para a cama.

— Amanhã, temos de madrugar, falaremos destes assuntos menos agradáveis à luz do dia, sempre será melhor do que à noite. À noite, só há escuridão.

Fomos para a cama, embora eu tenha voltado a levantar-me pouco depois; estava convencido de que a Amelia e a Laura estariam a conversar. E assim era. Estavam na sala e, mais do que falarem, sussurravam. Fiquei muito quieto encostado à porta, a ouvir.

— As coisas que me disseste, Laura! Logo tu...

— Mas, Amelia, por que motivo nem a mim queres dizer o que significa para ti esse homem?

— É para teu bem, Laura, não te conto nada para teu bem. Há coisas que é melhor ignorares. Chegará o dia em que te contarei tudo, juro-te, mas tens de confiar em mim.

— Apanhei um grande susto ao deparar-me com um nazi assim que entrei em casa. Por um momento, pensei que iríamos ser detidos.

— Pobre Max!

— O que sentes por ele?

— Já te disse. É uma pessoa tão importante para mim, que me levou a afastar-me do Albert James. Caso não tivesse conhecido o Max, continuaria certamente com ele.

— Não posso acreditar que estás apaixonada por um nazi!

— Não é nazi, Laura, juro-te que não é. Não tem outro remédio senão lutar pelo exército alemão; é oficial, para além de aristocrata, nunca poderia desertar.

— É melhor ser um desertor do que lutar pelo Hitler.

— Ele não luta pelo Hitler.

— Sim, claro que luta, não te iludas, Amelia. Conta-me o que quer ele, por que motivo veio aqui?

— Está aqui devido a um assunto oficial e lembrou-se de me visitar.

— Não me enganes, Amelia, sei que não estás a contar-me a verdade.

— Se realmente pensas isso, não me faças perguntas, Laura, não perguntes mais nada até que te possa contar toda a verdade.

Assim que as ouvi levantar-se, regressei rapidamente ao meu Quarto. Se a Amelia não era sincera com a Laura, dificilmente o seria para os restantes membros da família, pelo que disse para mim próprio que nunca saberíamos

quem aquele homem realmente era. E assim aconteceu, nunca soubemos, ou, pelo menos, eu nunca soube. Talvez a Dona Laura saiba, não sei, nunca lhe perguntei.

Amelia e o oficial alemão continuaram a encontrar-se. Ele ia buscá-la à loja da Dona Rosa e levava-a a almoçar; depois, ela mostrava-lhe os seus locais preferidos em Madrid. Houve inclusivamente um domingo em que foram ao Escoriai. Mas ele nunca mais voltaria a nossa casa, nem a Amelia tornou a tecer qualquer comentário que o envolvesse. O Dom Armando optava por ignorar as constantes entradas e saídas da Amelia e apenas a Dona Elena, certo dia, se atreveu a referir-se a ele.

— Querida, permite-me dar-te um conselho: não te apaixones por esse homem, que mais não fará do que trazer-te problemas. Já basta tudo aquilo por que passaste. O Albert James era boa pessoa, não percebo porque te separaste dele. Era um cavalheiro. É uma pena que não pudessem casar-se, mas ainda assim... se tens de ter um homem na tua vida, que seja alguém que valha realmente a pena.

Passados alguns dias, à noite, pela hora do jantar, a Amelia informou-nos de que iria partir.

— Mas para onde vais? — perguntou o Dom Armando, preocupado.

— Vou para Roma, decidi aceitar o convite da minha amiga Carla Alessandrini. Já vos tinha falado dela e, como sabem, escrevemo-nos assiduamente. Nas suas cartas, tem insistido para que vá visitá-la, e agora parece-me uma altura oportuna.

— Uma altura oportuna? Mas assim, tão repentinamente? E o teu emprego? — quis saber a Dona Elena.

— Já falei com a Dona Rosa, que me garantiu que não se importa que tire umas breves férias, pois não pretendo ausentar-me por mais de um mês.

— Vais partir com esse homem, Amelia? — perguntou o Dom Armando, indo direto ao assunto.

— Tio...

— Ainda não estás bem. É verdade que melhoraste, mas continuas muito magra... Não deverias partir, Amelia. Disseste-me que nunca mais o farias, que querias ficar para sempre junto da tua família.

— Não vou partir, tio, trata-se de uma mera viagem e estarei de regresso dentro em breve, confia em mim. A Carla insiste muito comigo nas suas cartas, diz que precisa de mim. Não conseguem imaginar como ela foi bondosa e generosa para mim.

— Amelia, não me parece bem que partas com esse homem, que não deixa de ser um oficial nazi — interrompeu-a o Dom Armando.

— Meu Deus, tio, não fales desse modo! O Max é um amigo por quem tenho grande estima. Também ele conhece a Carla e, nestes dias, temos falado sobre ela. Dado que ele tem de se deslocar a Roma, ofereceu-se para me fazer companhia durante a viagem. É verdade que irei com ele até Roma, mas ficarei hospedada em casa da Carla Alessandrini, isso posso garantir-te. Não deves ficar preocupado.

— A Itália está em guerra, não será o local mais adequado para se passar férias.

— Nada de mau me acontecerá. Viajarei com o Max e lá tenho a Carla.

— Não estou convencido, Amelia, não estou convencido. A única certeza que tenho é que, desde que esse oficial apareceu aqui, deixaste de parecer a mesma pessoa. Não percebo como podes embarcar nesta aventura de partir para Itália. Gostaria de confiar em ti, Amelia, devo-te muito, mas assustas-me.

— Confia em mim, garanto-te que não irei fazer nada de mal. Serão apenas alguns dias; quando tornares a pensar sobre o assunto, já estarei de volta para passar o Natal convosco. Por nada deste mundo desejaria estar afastada da família nessa altura.

Também a Edurne, enquanto ajudava a Amelia a arrumar as malas, a recriminou pela viagem anunciada.

— Como podes abandonar de novo a Antonietta? Não te apercebes como a tua irmã sofre com isso? Não é salutar que os irmãos estejam separados.

— Há quanto tempo não vês Aitor? — perguntou a Amelia.

— Há muito tempo, já lá vão anos.

— E, sendo teu irmão, ama-o muito, não é?

— Sim, e sinto saudades dele. Já tem três filhos. Como vês, tenho sobrinhos que nem sequer conheço. A minha mãe sofre por ele — respondeu a Edurne.

— A minha querida Amaya... sinto imensas saudades dela.

— O meu irmão desgraçou-se com a política, tal como tu. Menos mal que se casou com uma rapariga de Biarritz. É lamentável que tenha de viver lá devido à política. Maldita política!

— Vejam só, julgava-te uma verdadeira comunista!

— Isso era antes da guerra... Depois de tudo aquilo que aconteceu e das desgraças que vivemos, julgas que ainda sinto qualquer interesse pela política? Apenas quero viver em paz, nisso, estou de acordo com a tua tia.

— Estás então a dizer-me que deixaste de ser comunista? — troçou a Amelia.

— Mas como o poderia ser? Nem eu nem tu sabíamos o que isso era, éramos demasiado jovens e deixamo-nos entusiasmar... pela Lola, pelo Pierre, pelo Josep Soler e por todas aquelas pessoas tão determinadas, tão apaixonadas.

Sentimo-nos cativadas por tudo aquilo... iam mudar o mundo... e os resultados estão à vista!

— O resultado foi os fascistas terem vencido a guerra, mas isso não lhes dá razão.

— Nem nos dá razão a nós. Não, já não sou comunista, e não me parece que também tu continues a sê-lo.

O dia em que a Amelia partiu foi bastante triste. A Dona Elena chegou mesmo a desmaiar, e foi preciso dar-lhe Agua del Carmen; a Antonietta não parava de choramingar, a Laura chorava a lágrimas despregadas e também o Jesús e eu acabamos por chorar, contagiados por tanta emoção. Apenas o Dom Armando se mostrou capaz de conter as lágrimas.

— Amelia, faz o favor de escrever-nos, dá-me a tua palavra de que o farás.

— Dou-te a minha palavra, tio, escrever-vos-ei e regressarei dentro em breve.

Recusou-se a que a acompanhássemos até à entrada do prédio. Disse que a viriam buscar, mas nós sabíamos que era aguardada pelo oficial alemão. Espreitamos por uma das varandas e o vimos chegar num automóvel preto, do qual saiu para a ajudar a arrumar a mala. Antes de entrar no automóvel, a Amelia olhou para cima, acenando com a mão e sorrindo para nós. Estava feliz e isso deixava-nos perplexos, mas era assim mesmo. Não voltamos a vê-la durante muito tempo...»

— Bem — concluiu o professor Soler —, é tudo. Pelo menos, tudo o que posso contar-lhe acerca do que aconteceu entre a primavera de 1942 e o outono de 1943, um longo período de mais de um ano que a Amelia passou connosco.

O professor esfregou os olhos com as costas da mão. Parecia cansado. Eu estava espantado com a sua memória prodigiosa, e mais ainda com a sua capacidade para relatar acontecimentos de um modo que não apenas lhe permitia revivê-los, como levava também o próprio ouvinte a sentir-se envolvido. Insisti para que me dissesse se a Amelia tinha voltado e quando, mas não quis contar-me mais nada.

— Então, Guillermo, sabe bem que nada mais lhe irei contar, pelo menos por agora. Compete-lhe a si ir preenchendo as lacunas. Combinamos que não seriam dados saltos cronológicos. Para que a investigação que está a levar a efeito possa ter sentido, tem de avançar passo a passo; se desse saltos no tempo, poderia confundir-se e até concluir que não mereceria a pena voltar atrás, e isso é algo que as senhoras Garayoa não desejam.

— Compreendo, mas que pistas devo agora seguir? — perguntei, preocupado.

— Não sei... talvez pudesse procurá-las em Roma. A Amelia disse-nos que ia

para lá. Poderá falar com a Francesca Venezziani. Se a Amelia, tal como nos informou, esteve com a Carla Alessandrini nessa altura, decerto a Francesca terá conhecimento disso, não lhe Parece?

— Olhe que, por vezes, penso que o senhor sabe mais sobre a Amelia do que aparenta, embora, por algum motivo que desconheço, não quer levantar qualquer ponta do véu.

A risada do professor Soler desconcertou-me, mas reforçou a minha intuição.

— Não seja tão desconfiado. Não estou a ajudá-lo em tudo o que me é possível?

— E fico-lhe muito grato por isso. Sozinho, sem o seu auxílio não teria conseguido sequer dar um passo nesta investigação.

— Não concordo consigo. Claro que teria conseguido avançar, ainda que com maiores dificuldades. Não se subestime, tenho a melhor das opiniões de si.

— Ui! Essa, sim, é uma grande responsabilidade.

— E como vai o seu trabalho? Continua a escrever para aquele jornal da internet para o qual me fez a entrevista?

— Fui despedido. Atualmente, o meu único trabalho é esta investigação. E ainda bem que as senhoras Garayoa são generosas com os honorários, pois, caso contrário, já teria sido despejado do meu apartamento. A minha mãe praticamente não me fala por considerar que estou a perder tempo.

— E tem razão.

— Como assim? Também acha que estou a perder tempo?

— Vejamos: está a ganhar tempo para a família Garayoa e, neste sentido, o trabalho que tem estado a desenvolver possui um grande valor para as senhoras. Contudo, no que lhe diz respeito a si, isto nada irá beneficiá-lo na sua profissão e, pelo contrário, está a desviar-lhe as atenções.

— Deixe-me dizer-lhe, professor, que a sua imparcialidade não deixa de me surpreender.

— Se você fosse meu filho, eu estaria tão zangado consigo como a sua mãe está. Não o aconselharei a apressar-se na conclusão deste trabalho, dado que é impossível prever quanto tempo necessitará ainda para o efeito, mas deveria desde já começar a pensar no que irá fazer assim que isso acontecer.

— Tenho um defeito gravíssimo para o exercício da minha profissão.

— E de que defeito se trata? — perguntou o professor Soler.

— A questão é que considero o jornalismo um serviço público» que deve pautar-se pela verdade e não pelos interesses dos políticos, dos empresários, dos banqueiros, dos sindicatos ou da empresa para a qual se trabalha.

— Então, tem aí um problema para resolver.

— Nem calcula de que dimensão...

Assim que me despedi do professor Soler, dei por mim a pensar em Francesca Venezziani. Na verdade, sentia-me feliz com a possibilidade de voltar a vê-la, aqueles jantares no terraço da sua casa eram divertidos. Claro que a minha mãe ficaria furiosa assim que a informasse de que iria viajar novamente. Talvez devêssemos os dois sentar-nos e, então, explicar-lhe alguns aspetos da vida da nossa antepassada que ia descobrindo; talvez assim me perdoasse. Contudo, mal pensei em tal possibilidade, rapidamente a rejeitei. Não seria ético divulgar-lhe informações sobre as quais eu próprio não detinha quaisquer direitos. Mas alguma coisa teria de dizer à minha mãe para a convencer a confiar em mim. O problema é que não me ocorria qualquer ideia.

A sorte estava do meu lado, dado que, mal cheguei ao Aeroporto del Prat, havia um avião da ponte aérea que estava prestes a descolar para Madrid. Mal cheguei à cidade, dirigi-me diretamente para casa da minha mãe.

— Surpresa! — disse-lhe quando me abriu a porta.

— Não te ensinei a não apareceres em casa de ninguém sem avisares? — reagiu ela, em jeito de cumprimento.

— Sim, mas ignorava que isso pudesse incluir a possibilidade de aparecer para te dar um beijo sempre que me apetecesse — disse-lhe enquanto a abraçava, tentando dissipar o seu mau humor.

A minha mãe acabou por ceder, convidando-me para jantar. Para meu espanto, discutimos menos do que o previsto, não sei se devido a circunstância de estar cansada ou, simplesmente, por ter assumido que era um caso perdido.

No dia seguinte, antes de partir para Roma, resolvi telefonar ao major Hurley, o ilustríssimo arquivista do exército britânico. Pretendia que ele me esclarecesse determinados pormenores acerca do que fora contado pelo professor Soler: ficara intrigado com aquelas duas misteriosas visitas da senhora Rodríguez. Estava a par de uma informação que julgo que o professor Soler desconhecia: que, de fato, aquela mulher era agente dos serviços secretos britânicos. Precisava de saber se, nas duas ocasiões em que fora visitar Amelia, teriam falado sobre questões de "trabalho».

O major Hurley não ficou nada satisfeito com a circunstância de lhe ligar passado tão pouco tempo. Considerava que, depois de me ter contado as peripécias de Amelia em Varsóvia, se teria visto livre de mim durante um longo período. Mas ali estava eu, passada apenas uma semana, a bater-lhe à porta, ou melhor, a incomodá-lo ao telefone.

O major quis esquivar-se: estava muito ocupado com um campeonato de bowling organizado pelos veteranos da sua antiga unidade e não dispunha de tempo para explicar-me os motivos que teriam levado a senhora Rodríguez a visitar Amelia em Madrid.

— Deixe-me dizer-lhe que o senhor é muito impaciente. Não pode esperar uma semana que seja?

— Não calcula quanto lamento distraí-lo do seu campeonato, mas, sem a sua ajuda, não consigo avançar.

— Jovem, compete-lhe a si investigar o passado da sua bisavó, não a mim.

— Compreendo, mas parece-me que esse passado está oculto nos seus arquivos e por isso, major, não me resta outra opção senão incomodá-lo. Mas garanto-lhe que não lhe tomarei muito tempo.

— Tenho de confessar-lhe que já aguardava por este telefonema, ainda que não passado tão pouco tempo. Mas insisto que não posso falar consigo agora. Parto para Bath amanhã à tarde, e nem o senhor nem ninguém me impedirá de participar no evento.

— Nada poderia estar mais afastado das minhas intenções.

— Bem... a única coisa que posso adiantar-lhe é que a sua bisavó tornou a colaborar com os serviços secretos britânicos.

— Significa isso que a senhora Rodríguez a terá convencido a aceitar novas missões?

— Na verdade, isso não se deveu à capacidade de persuasão da senhora Rodríguez, mas sim à Carla Alessandrini.

— Agora, sim, deixou-me curioso. Não pode dizer-me mais nada? Estava a pensar deslocar-me a Roma, e seria bom saber com o que posso contar.

— Telefone-me amanhã de manhã — disse-me, peremptório e de mau humor, antes de desligar o telefone.

Com uma pontualidade britânica, telefonei-lhe no dia seguinte.

— Com efeito, em finais de 1942 e, posteriormente, em 1943, os serviços secretos entraram em contato com a sua bisavó quando ela estava em Madrid. Não era a primeira vez que tentavam, mas ela parecia nada mais querer saber acerca da guerra e das missões de espionagem, e foi isso mesmo que transmitiu à senhora Rodríguez. Depois de ter conseguido escapar com vida na Polónia, tinha enviado um extenso relatório ao Lorde Paul James, no qual detalhava tudo o que havia acontecido, acrescentando, no final, que deveriam deixar de contar com ela. Mas o Lorde Paul James não era do tipo de homem que se deixa vencer por qualquer contrariedade aos seus planos, de maneira que não se deu por vencido: sabia que apenas teria de aguardar pela ocasião mais adequada para a Amelia tornar a colaborar com eles. E essa ocasião verificar-se-ia precisamente em Roma, onde tanto ela quanto o coronel Von Schumann se deparariam com uma desagradável surpresa.

— Não me diga! E o que é que se passou?

— A senhora Rodríguez tinha entrado em contato com a Amelia Garayoa

para a informar de que a sua amiga Carla Alessandrini andava a colaborar com os serviços secretos das forças aliadas, estando a confrontar-se com alguns obstáculos. Não, nada mais lhe irei contar. Já lhe disse que vou de viagem esta tarde e tenho ainda muitas coisas para fazer. Telefone-me daqui a uma semana, altura em que terei todo o gosto em falar consigo.

Foi inútil insistir. O major Hurley revelou-se irredutível. Combinamos que tornaríamos a falar dentro de alguns dias, pelo que entretanto poderia passar esse período em Roma, tentando averiguar o que pudesse junto de Francesca. Parecia-me um plano perfeito.

8

Parti para Roma sem telefonar previamente a Francesca, tomando como dado assente que ficaria radiante ao ver-me. Telefonei-lhe assim que cheguei ao hotel.

— Cara, estou em Roma! O que me dirias se te convidasse para jantar esta noite?

— Bem... podes dizer-me o que vieste aqui fazer?

— Vim ver-te... e necessito da tua ajuda na investigação sobre a minha bisavó. Conto-te tudo esta noite. Ao que parece, a Amelia Garayoa veio a Roma no outono de 1943 para visitar a tua diva, a Carla Alessandrini. Estou certo de que poderás ajudar-me. Parece-te bem jantarmos no II Bolognese?

— Lamento, Guillermo, mas não posso jantar contigo, já tenho um compromisso.

— Isto é que é ter azar! Sendo assim, e se almoçássemos amanhã?

— Não... também não me será possível. Talvez seja melhor explicar o que pretendes para eu própria investigar e, se descobrir alguma coisa, telefonar-te-ei. Em que hotel estás hospedado?

— Estou muito perto de tua casa, no Hotel Inglaterra. O que pretendo saber é se a Amelia se encontrou com a Carla, aqui em Roma, no inverno de 1943.

— Entrarei em contato contigo — disse, e desligou.

Fiquei desiludido. Na verdade, confesso que não contava com tal manifestação de indiferença da parte de Francesca. Estava convencido de que tínhamos simpatizado mutuamente e, sobretudo, que nos tínhamos divertido nas duas ocasiões em que estivemos juntos; subitamente, mostrava-se evasiva, roçando a antipatia. Fiquei desconcertado.

Passei os dois dias seguintes a passear por Roma, determinado em não ser eu a telefonar-lhe. Queria dar-lhe a entender que não pensava andar ao sabor dos seus caprichos, como se fosse um cãozinho. Contudo, acabei por sentir-me nervoso e, ao terceiro dia, concluí que não podia continuar a desperdiçar tempo.

— Francesca, cara, esqueceste-te porventura de mim? — disse-lhe com a minha melhor voz.

— Ah, és tu! Estava precisamente a pensar telefonar-te para te convidar para jantar aqui em casa esta noite.

— Ótimo! Não calculas a vontade que tinha de te ver. Levarei o vinho, combinado?

— Sim, traz o que quiseses. Aparece às nove horas.

Grande fardo de que me libertei! Não é que Francesca se tivesse mostrado particularmente carinhosa, mas pelo menos convidava-me para jantar no seu esplendoroso terraço, pelo que não podia queixar-me. Convenci-me de que estaria certamente a atravessar alguma fase menos positiva do ponto de vista profissional e que a preocupação a levasse a não andar tão bem-humorada, como nas ocasiões anteriores. Nada melhor do que um bom jantar e um bom vinho para tudo recompor.

Saí de imediato do hotel, à procura de uma garrafeira onde pudesse encontrar um vinho das melhores castas. Sentia-me tão entusiasmado, que decidi levar também um bolo para a sobremesa.

Quando cheguei a casa dela, achei-a um pouco distante. Abriu-me a porta e apenas deixou que a beijasse na face.

— Nem calculas a vontade que tinha de estar contigo — disse-lhe com a minha voz mais sedutora.

— Entra e senta-te, tenho de explicar-te algumas coisas antes de jantarmos.

— Está bem, não tenho pressa.

— Depende daquilo a que te refiras.

— Se quiseses, podemos primeiro jantar e falar depois — propus-lhe.

— Não, temos de esperar pelo Paolo; jantaremos apenas quando ele chegar.

— Paolo? Quem é o Paolo?

— Ainda não te tinha falado dele?

— Pois não — respondi, intrigado.

— Que estranho! Juraria que te disse que o Paolo também viria jantar connosco.

— Tudo bem, mas quem é o Paolo? — insisti.

— O Paolo Plattini é uma verdadeira autoridade em todas as questões relativas à Segunda Guerra Mundial em Itália. Não há nada que ele não saiba. Há anos que trabalha com arquivos e documentos confidenciais. Não imaginas o auxílio que me tem prestado. E a ti também. Porque se não fosse ele dificilmente poderias vir a saber aquilo que te irá ser contado acerca da estadia da Amelia em Roma em finais de 1943.

Pouco depois, a campainha retiniu e Paolo entrou no apartamento de

Francesca.

— Olá a todos! — disse, aproximando-se dela e dando-lhe um beijo nos lábios. Depois, esboçando o seu melhor sorriso, estendeu-me a mão.

Assim que o vi, disse para mim próprio que, na próxima madrugada, não seria eu quem contemplaria o amanhecer sobre a Piazza di Spagna.

Para minha desgraça, Paolo Plattini revelou-se uma pessoa encantadora. Um desses romanos extrovertidos com grande capacidade de comunicação, o que o transformava de imediato no centro das atenções. Era demasiado esperto e atraente para me atrever a competir com ele, para além de estar naquela idade madura que leva muitas mulheres a perderem a cabeça. Decidi dar-me de imediato por rendido, despedindo-me mentalmente de Francesca.

— Não sei se sabe, mas existe um livro de memórias de um *giano* que foi publicado poucos anos depois de a guerra terminar e no qual a sua bisavó é referida. Na verdade, trata-se da fonte de informação mais fiável e direta acerca das ações da Amelia Garayoa em Itália, na medida em que foi escrito por alguém que a conheceu e que teve uma relação próxima com ela. Chamava-se Mateo Marchetti e era o professor de canto da Carla Alessandrini, um velho comunista que a diva idolatrava.

— Ignorava por completo a existência de tal livro — retorqui, interessado.

— Não é de estranhar, dado que contou com uma tiragem bastante reduzida, não tendo sido impressos mais do que mil exemplares. Na verdade, tratou-se de um favor que o diretor de uma pequena editora, também ele comunista, fez ao Marchetti. O livro passou pelo olhar público sem pena nem glória, mas possui um considerável valor histórico. De fato, recordei-me dessa obra quando a Francesca comentou comigo que estava a ter dificuldades em encontrar documentação acerca da vida da Carla Alessandrini durante o período da guerra. O senhor lê em italiano? — perguntou, estendendo-me um velho livro encadernado.

— Posso tentar.

— Bem... parece-me que poderá ser-lhe útil. De qualquer modo, se quiser gravar ou tomar notas, julgo que consigo reconstituir com alguma fidelidade alguns dos acontecimentos em que a sua bisavó se viu envolvida depois de chegar a Roma, no inverno de 1943.

Paolo começou então a falar, e tenho de confessar que nem sequer abri a boca até ele dar o seu relato por concluído.

"A Amélia chegou a Roma na companhia de um coronel do exército alemão, o barão Von Schumann, que a Carla tinha conhecido em Berlim alguns anos antes. A acreditarmos no que o Marchetti nos diz, o Von Schumann opunha-se ao Hitler, ainda que, como bom prussiano, obedecesse a quaisquer ordens sem

reclamar.

O coronel Von Schumann ficou hospedado no Excelsior, um hotel muito requintado, tendo acompanhado a Amelia até à residência da Carla Alessandrini. A diva não lhe teria perdoado se ficasse hospedada em qualquer outro local. Havia insistido reiteradamente com ela para que viesse visitá-la; como sabe, estimava-a como se fosse sua filha. Mas a Amelia e o barão foram apanhados de surpresa Soando, em lugar da Carla, se depararam com o seu marido, o Vittorio Leonardi, num estado de extrema desolação.

— Amelia, fico feliz por estares aqui! — disse-lhe, abraçando-a.

Depois, cumprimentou cortesmente, ainda que com uma certa frieza, o barão Von Schumann, o que a Amelia não deixou de considerar estranho. Também o Vittorio havia conhecido o barão em Berlim, e tinham inclusivamente estado juntos em diversos serões, pelo que aquela frieza não parecia de todo condizer com os momentos passados em comum. A Amelia apercebia-se do nervosismo do Vittorio, ainda que sem conseguir compreender a razão de tal hostilidade relativamente ao Max von Schumann. Nem sequer o convidou a entrar. O Von Schumann despediu-se e partiu. Tinha de apresentar-se perante os seus superiores. Assim que a Amelia e o Vittorio ficaram a sós, ela perguntou-lhe: — Vittorio, o que se passa? Onde está a Carla?

— Foi detida.

— Detida? Mas sob que acusação? — perguntou ela, preocupada.

— Por colaborar com os partigiani. Na verdade, foi culpa minha.

— Meu Deus! Conta-me o que aconteceu!

— Foi detida pelas SS.

— Mas porquê?

— Já te disse, a Carla colabora com a Resistência e julgo que... bem... penso que também mantinha relações secretas com os aliados.

— E tu?

— Sou eu quem acaba por ser culpado de tudo isto por lho ter permitido. Chegamos mesmo a discutir sobre o assunto, mas já conheces bem a influência que o seu professor de canto, o Mateo Marchetti, exerce sobre ela. A Carla sempre ajudou os amigos do Marchetti e, na verdade, opôs-se ao Mussolini desde o dia em que encabeçou o governo italiano, para além de, como sabes, nunca se ter mostrado rogada em demonstrá-lo. Contudo, tratando-se da grande Carla Alessandrini, todos faziam vista grossa, como se tal oposição não passasse de uma excentricidade sua. Mas a colaboração da Carla com os partigiani foi-se intensificando gradualmente. A nossa casa de Milão transformou-se num refúgio para fugitivos, o mesmo acontecendo aqui em Roma. Depois, começou a ajudar a atravessar pessoas pela fronteira, pessoas que eram procuradas pela polícia ou

pelas SS. pessoas que o Marchetti lhe pedia para salvar. E não apenas ele, mas também aquele sacerdote alemão teu amigo, o padre Müller. Nem calculas as vezes que apareceu aqui para suplicar que ajudássemos alguma família judia a escapar.

— O padre Müller continua aqui em Roma? — perguntou a Amelia, surpreendida.

— Sim, vive no Vaticano e colabora com eles.

— A quem te referes?

— Aos partigiani, colabora com os partigiani. Foi a Carla quem o colocou em contato com o Mateo Marchetti. O padre Müller é um funcionário secundário na Secretaria de Estado, e não me perguntes como o consegue, mas o fato é que, ocasionalmente, consegue extraviar passaportes do Vaticano para ajudar algumas pessoas a fugir.

— Ainda não me disseste por que motivo foi a Carla detida.

— Eu não estava presente. Pela primeira vez desde que estamos juntos, tínhamos discutido. Eu receava aquilo que poderia acontecer-lhe, porque ela não temia as consequências e se tornava cada vez mais ousada. Arriscava-se demasiado. Eu tentava chamá-la à razão, tentava fazê-la compreender que não devia expor-se tanto, mas não me dava ouvidos. Pouco ensaiava já, parecia ter perdido qualquer interesse por cantar, coisa que, até aí, tinha sido a sua razão de vida, pela qual havia sacrificado tudo. Pensava unicamente em encontrar-se com o Mateo Marchetti, em atravessar a fronteira, em conspirar com o teu amigo padre Müller. Tornava-se evidente que começavam a suspeitar dela, mas ela não quis saber nem ouvir a voz da razão. Falei-lhe nisso, eu avisei-a: o tal coronel Jürgens suspeitava dela, mas a Carla não quis ouvir-me, julgava-o rendido a seus pés, como sempre tinha conseguido com todos os homens.

— O coronel Jürgens? — perguntou a Amelia, alarmada.

— Sim, o coronel Ulrich Jürgens. Parece que foi recentemente promovido por ter sido ferido em combate na frente de leste. Em Roma, é temido por todos.

— Descreve-me esse homem.

— Alto, louro, bem-parecido, ainda que não tenha qualquer classe. Tem êxito com as mulheres. Julgo que esteve na frente russa e, antes disso, na Polônia. É muito popular aqui, não havendo festa para a qual não seja convidado.

Amelia sentia dificuldade em respirar e começou a tremer. O seu destino tornava a cruzar-se com o do Ulrich Jürgens, o homem que havia desmantelado a rede da Grazyna Kaczinsky em Varsóvia, que tinha ordenado a tortura da Grazyna, a de todos os seus amigos e, inclusivamente, a dela. O homem que a havia condenado a passar um longo ano no inferno de Pawiak, aquela imunda penitenciária onde tinha sido torturada, onde a sua amiga Ewa tinha sido

executada. Durante alguns segundos, reviveu todos os sofrimentos passados na Polônia, chorou pela Grazyna e por aquele grupo de jovens que, através da rede de esgotos, conseguiam enganar a vigilância nazi, com o fito de levarem para o coração do gueto de Varsóvia alguns bens para os seus amigos judeus. Vieram-lhe à memória os rostos da Grazyna, da Ewa, do Piotr, do Tomazs, do Szymon, o namorado da Grazyna; do seu irmão Barak; da Sarah, a sua mãe; da irmã Maria; da condessa Lublin... Recordava-se de tudo quanto tinha vivido em Varsóvia com tal nitidez, que conseguia ainda sentir na pele as agressões dos homens das SS, o riso glacial do então comandante Ulrich Jürgens, o pavimento frio da sua cela em Pawiak, os piolhos a percorrerem-lhe o couro cabeludo e alimentando-se na sua cabeça até fazer sangue... E agora o Vittorio dizia-lhe que o demônio tornava a aparecer, porque o Ulrich Jürgens estava agora ali, em Roma.

— Amelia... Amelia, o que se passa contigo? — O Vittorio apertou-lhe a mão, tentando resgatá-la para a realidade.

— Como conheceste o coronel Jürgens?

— A primeira vez que o vi foi numa festa. Interessou-se de imediato pela Carla, dizendo recordar-se da estadia dela em Berlim. Desfez-se em elogios à sua voz e à sua beleza. Cortejou-a descaradamente. Mas a Carla ignorava-o e, na verdade, não fazia segredo do desprezo que sentia por ele. Tornamos a cruzar-nos em diversas ocasiões. Eu dizia à Carla que aquele homem alimentava um interesse doentio por ela, mas ela achou, calcula só, que eu estava com ciúmes. Não queria ver o que era por demais evidente, que aquele homem ansiava por possuí-la, mas também destruí-la. Um dia, perguntou-lhe por ti. A Carla ficou surpreendida por ele te conhecer, e ele riu-se: "Oh! Nem calcula até que ponto chegamos a conhecer-nos!" Mas ela não acreditou nele e, de modo pouco diplomático, replicou que seria impossível que tu pudesses alimentar qualquer interesse por um homem como ele.

— Conheço-o Vittorio, conheço-o bem — disse a Amelia. — Foi ele... que ordenou a minha detenção em Varsóvia e... não, não irei contar-te tudo aquilo por que passei, isso agora de nada interessa, temos de concentrar-nos na Carla. Diz-me: quando foi ela detida?

— Foi há cinco dias. Eu não estava presente. Já te disse que tínhamos discutido, e decidi viajar até à Suíça. Pretendia pressioná-la para abandonar de vez toda essa atividade política ou, pelo menos, para não se comprometer tanto. Esperava que ela viesse ter comigo à Suíça, porque sabia que o Marchetti lhe havia pedido auxílio para ajudar um homem a atravessar a fronteira, indivíduo esse que os comunistas tinham conseguido infiltrar em esferas muito próximas do Mussolini. Supostamente, trabalhava como criado ao serviço do Duce, conhecendo bem toda a sua família. Durante anos, tinha-se feito passar por

fascista, mas acreditava que começavam a suspeitar dele. Julgo que se tinha apoderado de importantes documentos do Duce relativos aos planos alemães para a Itália e outras regiões europeias. Os seus camaradas concluíram que era chegado o momento de o ajudarem a fugir de Itália. Como não te será difícil concluir, tratava-se de um homem com acesso privilegiado a informações cruciais, as quais os serviços secretos das forças aliadas ansiavam por ter na sua posse. O Marchetti pediu ajuda à Carla, e ela encontrou-se com o padre Müller, solicitando-lhe um dos passaportes que ele conseguia extraviar do Vaticano. Ele comprometeu-se em conseguir um desses passaportes, mas, como o sacerdote estava a demorar mais do que o previsto, a Carla começou a ficar impaciente. Decidiu ser ela própria a levar o homem até à Suíça. Começou por conceber um plano: iriam sozinhos e ele interpretaria o papel de seu motorista. Se alguém os mandasse parar, diriam que iam ter comigo a Zurique. Não deixava de ser uma boa ideia, mas, pelos vistos, colocaram de parte a possibilidade de seguirem pelas montanhas, dado que o homem passava já dos sessenta anos e tinha problemas de saúde; além do mais, toda a linha fronteira entre a Itália e a Suíça encontra-se patrulhada por forças alemãs. Na noite anterior à fuga, a Carla foi jantar a casa de uns amigos, onde se cruzou com o comandante Jürgens. Parece que ele se mostrou particularmente irônico, chegando a dizer em público que, dentro em breve, começariam ambos a passar mais tempo juntos do que aquilo que ela alguma vez podia supor. Chegou inclusivamente a insinuar-lhe que estava certo de que viria a conhecer cada centímetro do seu corpo. A Carla riu-se dele, tornando-se ainda mais sarcástica e peremptória do que de costume. Chegou mesmo a dizer-lhe que, a homens como ele, ela nem sequer permitia que a descalçassem. O Jürgens garantiu-lhe que, muito brevemente, viria a fazer muito mais do que isso. Na noite seguinte, a Carla e o criado do Duce partiram rumo à Suíça. Foi ela a conduzir, porque, ainda que o homem passasse por seu motorista, de fato nem sequer sabia conduzir. No caso de serem mandados parar pela polícia, ele fingiria uma dor muscular que o impedia de conduzir. A Carla conduziu quase toda a noite até chegarem à fronteira. Pararam no posto fronteiro, onde lhes foi pedida a documentação. Tudo parecia estar a correr bem, até que, surgindo do nada, apareceu o coronel Jürgens. Ordenou-lhes que saíssem do automóvel e riu-se do passaporte do criado do Duce.

"- Está então a dizer-me que é motorista desta senhora, não é assim? — indagou o Jürgens, olhando fixamente o homem.

— Sim... sim... — conseguiu o velhote balbuciar.

— Pois... mas olhe que o Duce notou a falta de um dos seus criados, um homem fiel que serve em sua casa desde há muitos anos. Está muito preocupado; você, como italiano que é, certamente sabe como o Duce se preocupa com todos

aqueles que o rodeiam, e todos aqueles que servem em sua casa são como membros da família. Assim sendo, para onde pode ter ido o criado do Duce? Não sabe? E a grande Alessandrini?

— E por que motivo haveria de saber? — replicou a Carla com um tom desafiador.

— A senhora é muito perspicaz! Na verdade, é uma mulher singular. Bem... parece-me que terei de vos reavivar a memória a ambos.

Foram cercados por vários polícias e obrigados a entrar num automóvel. Trouxeram-nos para Roma e encontram-se agora nas instalações das SS.

— Meu Deus! Que vamos fazer, Vittorio? — exclamou a Amelia, preocupada.

— Como podes calcular, pedi a todos os nossos amigos que façam tudo o que lhes for possível, mas ninguém possui qualquer influência sobre as SS, nem sequer junto das esferas mais próximas do Duce. Estou desesperado.

Esfregou os olhos com as costas da mão, tentando enxugar as lágrimas que não tinha conseguido conter.

— Faremos o que for preciso, não deixaremos a Carla entregue às mãos desse assassino... Informaremos o Max acerca do caso dela, talvez ele possa fazer alguma coisa...

— O barão?

— Sim. Pelo menos, poderá averiguar como está a Carla e o destino que lhe reservam. Mais uma coisa: poderias arranjar-me um encontro com o Marchetti?

— Esse homem! Não queiras nada com ele, Amelia, vê bem os sarilhos em que a Carla se meteu por culpa dele. Não, não quero saber do Marchetti. Veio visitar-me, mas recusei-me a recebê-lo, já nos trouxe desgraças suficientes. Foi ele quem inculcou todas essas ideias políticas na cabeça da Carla.

— Mas talvez possa ajudar-nos.

— Ajudar-nos? E como vai ele ajudar-nos? Era ele quem pedia ajuda à Carla, quem a manipulava a seu bel-prazer, levando-a a correr mais riscos do que os necessários. Não, não quero voltar a ver esse homem até ao fim dos meus dias.

— Não precisarás de estar com ele, dizes-me apenas onde poderei encontrá-lo.

— Não faço qualquer ideia, nunca dorme no mesmo local e tão rapidamente está em Roma como em Milão, anda sempre de um lado para o outro. Talvez o teu amigo, o sacerdote alemão, saiba como encontrá-lo.

— O padre Müller?

— Sim. Ele há de saber. Costuma dar a confissão dois dias por semana na Igreja de São Clemente. Sabes onde fica?

— Não.

— Na Via di San Giovanni in Laterano. Costuma estar lá às terças e às quintas-feiras entre as cinco e as sete da tarde. Também podes telefonar-lhe para a Secretaria de Estado. Mas tem cuidado, Amelia porque esse padre só irá trazer-te problemas, tal como o Marchetti.

— E quanto àquele diplomata teu amigo que trabalhava muito próximo do genro do Duce, não poderá ele fazer alguma coisa?

— Estás a referir-te ao Guido Gallotti. Não, pouco conseguiu fazer. Ser-lhe-ia difícil dar a cara pela Carla, tendo em conta que ela estava a ajudar um criado do Duce a fugir do país. Ainda assim, abordou o assunto junto do coronel Jürgens, que lhe respondeu que, se se considerava um verdadeiro patriota italiano, deveria sentir-se satisfeito por as SS terem detido uma traidora.

— Vittorio, sei que pode ser difícil para ti, mas imploro-te que contes tudo isto ao Max.

— Mas é alemão! Um nazista!

— Não, não é nazista! Conheceste-o em Buenos Aires antes da guerra e tornaste a encontrar-te com ele em Berlim. Conheces o carácter dele e as suas ideias. Por favor, acredita em mim quando te digo que podes confiar nele!

O Vittorio ficou em silêncio, olhando fixamente para a Amelia. Aquilo que via era uma jovem apaixonada por aquele alemão, que, por seu lado, talvez estivesse também apaixonado por ela. Mas como poderia confidenciar a um nazi que a sua esposa colaborava com os partigiani? Não, nunca faria isso.

— Não, Amelia, não irei entregar a vida da Carla nas mãos de nenhum alemão.

— A vida dela está agora nas mãos das SS.

— Compreendo que confies nele... mas eu... eu não consigo.

Ela assentiu, pensativa. Compreendia o Vittorio. Também o seu tio sentia idêntica aversão face ao barão, e nada do que ela lhe havia dito tinha contribuído para dissipar a sua desconfiança.

— Pessoalmente, não hesitaria em colocar a minha vida nas mãos do Max. Foi ele quem conseguiu a minha libertação da penitenciária de Pawiak, em Varsóvia, um sítio onde... um dia, contar-te-ei tudo aquilo que tive de suportar. E é por isso que farei qualquer coisa para conseguir tirar a Carla de onde quer que esteja retida pelas SS. foi esse coronel Ulrich Jürgens quem ordenou a minha detenção; portanto, estou perfeitamente ciente daquilo de que é capaz. Se não tivesse sido o Max, nem sei o que seria de mim.

— O barão e tu... bem... ele gosta de ti, mas por que motivo haveria de fazer alguma coisa pela Carla?

— Porque não é nazi e porque despreza os homens das SS tanto quanto nós.

— És tão ingênua, Amelia! Não duvido de que o barão Von Schumann seja

boa pessoa e, pelas suas origens aristocráticas, sintia aversão por essas bestas das SS, mas combate com eles, lado a lado, com os mesmos objetivos, e, tal como eles, também jurou lealdade ao Hitler. Por vezes, a consciência pressiona-nos para uma direção, mas as conveniências acabam por nos encaminhar para outra.

— Estás enganado relativamente ao Max, mas sei que não consigo convencer-te. Pelo menos, deixa-me pedir-lhe para tentar saber alguma coisa da Carla; garanto-te que nada lhe contarei acerca da sua colaboração com os partigiani.

— Se te limitares a informá-lo de que foi detida para ver se ele poderá fazer alguma coisa... estou de acordo.

O Vittorio convidou-a para jantar num restaurante nas proximidades da Piazza del Popolo. Mostrou-se interessado pela sua estadia em Madrid e acerca de como estava o Franco a governar, enquanto ela lhe desabafou quanto sofria por não poder estar com o seu pequeno filho.

Max encontrou-se com ela dois dias depois. Era domingo e, apesar de o inverno dar sinais de querer instalar-se definitivamente, no céu brilhava um sol tépido. O militar parecia feliz por estar em Roma, e caminharam juntos até à Piazza Venecia.

— Olha, era daquela janela que o Duce exaltava os ânimos dos Seus partidários — explicou-lhe a Amelia. — Se quiseres, podemos continuar até ao Fórum.

— O que te preocupa, Amelia? — perguntou ele.

— A Carla foi detida.

— E porque não me tinhas dito nada ainda? Há uma hora que caminhamos a falar de trivialidades.

— Não sabia muito bem como to dizer.

— É muito simples. Deixaste de saber como falar comigo?

— Perdoa-me, Max, mas é que... o Vittorio... enfim... ele não queria que eu te dissesse nada. Desconfia de todos os alemães.

— Não o culpo por isso, mas ele conhece-me.

— Ainda assim... tem os seus receios. A Carla está detida sob custódia do coronel Ulrich Jürgens.

— Tomei ontem conhecimento de que ele estava aqui. Se tivesse sabido antes, não teria insistido contigo para que viesses. E dizes-me agora que a Carla foi presa...

Silenciou-se. Temia aquilo que pudesse suceder à Amelia, sobretudo agora, depois de ter sido posto ao corrente de que a Carla tinha sido detida.

— Por que motivo a detiveram?

— Dirigia-se para a Suíça e mandaram-na parar no posto fronteiriço. Ia com

o seu motorista, um homem já de uma certa idade, mas que não estava há muito tempo ao seu serviço. Tinha-lhe dado trabalho a pedido de uns amigos. Parece que o homem já tinha estado ao serviço do Duce. Contudo, ficou receoso depois da detenção do Mussolini e, ainda que tenha regressado com ele quando foi proclamada a República Social Fascista de Saló, optou por se reformar e usufruir de uma vida mais tranquila. Temia que, caso as coisas tornassem a correr mal ao Duce em Itália, ele poderia vir a ser acusado de fascista por ter trabalhado ao seu serviço. Assim, como tinha conseguido amealhar algumas poupanças, pretendia rumar à Suíça para aí iniciar uma nova vida. E a Carla revelava-se um meio eficaz para lá chegar.

— Queres levar-me a acreditar que a Carla, de livre e espontânea vontade, estava a ajudar um fascista? Porque me enganas, Amelia. Não serei digno da tua confiança? Prefiro o silêncio a que me mintas.

Ela baixou a cabeça, envergonhada. Confiava no Max e sabia-o incapaz de qualquer comportamento indigno.

— Vittorio não confia em ti.

— Já me disseste isso. E tu confias?

— Pouco mais sei do que aquilo que Vittorio me contou. Na verdade, esse homem não era assim tão dedicado ao Duce como aparentava e queria ir para a Suíça por estar na posse de determinadas informações.

— E foi por esse motivo que Carla decidiu ajudá-lo. Custava muito teres me contado a verdade?

— Lamento, Max.

— Sou eu quem lamenta o fato de não confiares em mim — replicou ele, esboçando um trejeito de amargura.

— Não estava a tentar enganar-te — insistiu ela.

— Não precisas de te justificar, Amelia, compreendo que sintas um conflito de lealdades.

— Por amor de Deus, Max, confio em ti, devo-te a vida!

— Mas nem a tua família nem os teus amigos consideram que eu possa ser uma pessoa decente, e não tens maneira de convencê-los do contrário.

Amelia começou a chorar. Sentia-se mesquinha por não lhe ter contado de imediato a verdade.

— Vá, não chores!

— Sinto vergonha de mim própria por não te ter contado toda a verdade! Tens razão em me recriminares pelo meu comportamento.

Ele enxugou-lhe as lágrimas com o próprio lenço e fitou-a olhos nos olhos. Depois, disse-lhe: — Quero que me prometas uma coisa, Amelia; pensa bem nisso antes de responderes.

— Sim... sim... aquilo que quiseses.

— Não... terás mesmo de refletir muito bem sobre o assunto, porque não suporto as atitudes dúbias. Se me prometeres cumprir aquilo que te irei pedir, deverás mesmo fazê-lo, independentemente de quaisquer circunstâncias.

— Farei o que quiseses. Diz-me o que pretendes que te prometa.

— Que nunca mais voltarás a mentir-me, que preferirás manter-"te em silêncio do que trair-me, que me dirás com o olhar que não Podes dizer mais, mas que nunca mais me enganarás.

— Dou-te a minha palavra, Max.

— De acordo, acredito em ti. Agora, conta-me tudo o que sabes acerca do que aconteceu à Carla.

A exceção da circunstância de a Carla colaborar abertamente com os partigiani e de o seu professor de canto ser um dirigente comunista, a Amelia contou-lhe grande parte das informações que o Vittorio lhe havia transmitido, pedindo-lhe que fizesse tudo o que estivesse ao seu alcance para obter notícias acerca da sua amiga.

— Não será fácil, sabes bem como o Ulrich Jürgens me odeia. Além disso, temo por ti; arrependo-me agora de te ter trazido para Roma. Deverias regressar a Espanha antes que o Jürgens decida fazer alguma coisa que possa prejudicar-te.

— Mais do que aquilo que me prejudicou em Varsóvia?

— Para ele, aquele desfecho representou uma derrota, nunca me perdoará por te ter libertado de Pawiak. Não queria que fosses enforcada, regozijava-se ao pensar no sofrimento que suportavas naquela penitenciária. Fará qualquer coisa para nos prejudicar.

— Sabes por que motivo o Jürgens te odeia?

— Ele sabe que não gosto das SS e que não sou partidário das ações do Hitler — respondeu o Max.

— Não, não é por isso que te odeia. Odeia-te por seres tudo aquilo que ele não é. Um cavalheiro, um aristocrata, um membro de uma família poderosa, educado nos melhores colégios da Europa, que se tornou um médico prestigiado.

— E também me odeia porque te tenho a ti, Amelia, é isso que mais me inveja, porque nunca te possuirá. É por isso que deves regressar a Espanha, ou ele fará tudo o que puder para nos destruir.

— Não posso, Max, nunca antes de ter feito alguma coisa pela Carla.

— Ser-me-á mais fácil agir se tu não estiveres aqui.

— A Carla tem sido uma espécie de segunda mãe para mim e não posso abandoná-la. Além do mais, o Vittorio está destroçado e precisa de mim.

— Se ficares, o Jürgens tentará agir contra ti. Por amor de Deus Amelia, não te ponhas em perigo!

— Tenho de ficar, Max, não posso abandonar a Carla. Se estivesse no meu lugar, ela nunca me abandonaria.

Ele prometeu indagar discretamente acerca do paradeiro da Carla Alessandrini.

— Ainda que o seu destino pode ficar ainda mais sombrio se o coronel Jürgens vier a saber que me interessei pelo caso dela.

— Ele sabe que estás aqui?

— Sem dúvida, mas aquilo que mais temo é que saiba que também tu estás em Roma.

Amelia aguardou por terça-feira para se dirigir à Igreja de São Clemente. O Vittorio explicou-lhe como lá chegar, e ela acabou por optar por ir a pé.

No interior da igreja havia várias mulheres a rezar. Não desviaram o olhar para a recém-chegada, e ela também não lhes prestou atenção. Procurou os confessionários; como estavam todos vazios, sentou-se num banco e aguardou, tentando rezar. Mas não conseguia, pois estava demasiado nervosa e ansiava por falar com o padre Müller.

Teve de aguardar ainda meia hora até o ver aparecer, conversando com outro sacerdote, que também se dirigiu para um dos confessionários. Ia levantar-se quando outra mulher se antecipou, ajoelhando-se no confessionário onde estava o padre Müller. Esperou, impaciente, que a confissão terminasse.

— Ave Maria Puríssima.

— Concebida sem pecado.

— Rudolf, sou a Amelia.

— Amelia! Sagrado seja Deus, que fazes aqui?!

Ela contou-lhe os principais acontecimentos da sua vida desde a última ocasião em que se tinham visto, tal como acerca do motivo da sua deslocação a Roma. Ele pô-la ao corrente da situação da Carla.

— É uma mulher extraordinária, muito corajosa, nem imaginas quantas pessoas ajudou a fugir de Roma, sobretudo judeus.

— O que podemos fazer? Temos de a ajudar.

— Nada poderemos fazer, pois está sob custódia das SS. A única coisa que sei é que está viva. As SS não permitem que os sacerdotes visitem os presos, à exceção das vésperas do seu enforcamento. Um padre amigo meu deslocou-se à prisão a semana passada para dar assistência a vários condenados nos seus derradeiros momentos de vida. Foi por ele que tomei conhecimento de que a Carla continua viva, ainda que, ao que parece, em muito mau estado; foi cruelmente torturada.

— Temos de a tirar de lá.

— Impossível! Já te disse que está nas mãos das SS.

— Conheces o Marchetti?

— O professor de canto da Carla? Sim, conheço-o, a Carla apresentou-nos. Chegamos a ajudar-nos um ao outro. Eu arranjei-lhe alguns passaportes e ele retribuiu ajudando alguns pequenos grupos de judeus a fugirem de Roma.

— Sabes onde poderei encontrá-lo?

— Contactávamos sempre através da Carla, ainda que, por vezes, se se visse muito aflito, deslocava-se diretamente aqui, à Igreja de São Clemente. Uma vez, forneceu-me o endereço de um local onde manteve uma família judia escondida até conseguir retirá-los de Itália. Mas não sei se continuará a ser um local seguro. Vivia lá uma mulher com quem não troquei uma única palavra. Abriu-nos a porta, permitiu que os fugitivos entrassem e, a mim, quase me empurrou para fora de casa. E quanto ao Vittorio? Certamente que o marido da Carla sabe como localizar o Marchetti.

— Não, não sabe. O Marchetti nunca mais voltou a casa da Carla e na sua academia de canto, em Milão, ninguém atende o telefone. Está a viver na clandestinidade.

— Sendo assim, podemos tentar esse endereço de que te falei, embora não acredite que nem o Marchetti nem qualquer outra pessoa possa fazer alguma coisa pela Carla.

— Não digas isso, Rudolf!

— Julgas que não temo, tanto quanto tu, tudo aquilo que possa acontecer-lhe? Também eu tenho estima por ela.

Combinaram dirigir-se juntos ao tal endereço, onde talvez pudessem informá-los do paradeiro do Marchetti.

— Mas agora deves partir. Vai-te embora e regressa às sete da tarde.

A casa localizava-se num prédio da Via del Coronari, mesmo ao lado da Piazza Navona. Subiram as escadas em passo acelerado, receando cruzar-se com algum vizinho que pudesse perguntar-lhes aonde iam.

O padre Müller bateu suavemente à porta com os nós dos dedos, tal como o haviam instruído na ocasião em que acompanhou a família judia até ali.

Aguardaram impacientes, sem ouvirem qualquer ruído proveniente do interior, preparando-se já para partir quando a porta se entreabriu. Um rosto de mulher perfilou-se na penumbra.

— O que veio aqui fazer? — perguntou ela ao padre Müller.

— Deixe-nos entrar.

— Não deveria ter vindo aqui.

— Bem sei, mas... por favor, deixe-nos entrar que já lhe explico tudo!

A mulher pareceu hesitar, tendo acabado por destrancar a corrente que usava à guisa de ferrolho, abrindo depois a porta.

Seguiram-na por um corredor escuro, que terminava numa sala onde não caberia mais uma peça de mobiliário que fosse. Um candeeiro de pé alto difundia uma luz muito tênue e que mal iluminava a divisão, fazendo com que a Amelia demorasse algum tempo até conseguir vislumbrar o rosto da mulher. Devia ter cerca de cinquenta anos; morena, de estatura mediana, com o cabelo preso atrás num carrapito. Vestia uma saia negra e uma camisola cinzenta, não usando qualquer adorno.

— Pôs-me em perigo ao vir aqui — recriminou ela o sacerdote.

— Lamento, mas preciso de me encontrar com o Marchetti e não sei como fazê-lo.

— E pretende que seja eu a informá-lo do local onde o pode encontrar? — retorquiu com ironia.

— Se não pode dizer-nos como contactá-lo, poderá pelo menos entrar em contato com ele e dizer-lhe que preciso de falar urgentemente com ele.

— Agora que já me disse o que pretende, vão-se embora.

— Precisamos que nos ajude a...

A mulher levantou a mão, para que o padre Müller parasse de falar.

— Não quero saber. Quanto menos soubermos uns sobre os outros e acerca das ações em que cada um está envolvido, menos perigo correremos. O senhor já violou uma regra ao deslocar-se aqui. Ignorava se esta casa continuava a ser um local seguro ou se já teria sido descoberta pelas SS. Correu um risco desnecessário.

— Não me restava outra opção.

— De qualquer modo, não volte aqui. Tentarei que a sua mensagem chegue ao destinatário, mas não lhe garanto como nem quando, muito menos se haverá alguma resposta. Portanto, se não receber notícias, não fique impaciente e, sobretudo, não torne a vir aqui. Estamos entendidos?

— Sim, com certeza.

Saíram da casa com passo apressado, nada dizendo um ao outro até chegarem à rua.

— Nem sequer olhou para mim — disse a Amelia.

— Prefere não ver ou ouvir aquilo que não lhe pediram para ver ou ouvir. Não é fácil viver na clandestinidade, Amelia.

— Diz-me, Rudolf, quantas pessoas integram a vossa organização?

— A nossa organização? Oxalá existisse uma organização! Não deves ter percebido bem. Cheguei a Roma com a recomendação do meu bispo com vista a trabalhar na Secretaria de Estado. O fato de, para além do alemão, falar também inglês, francês, um pouco de polaco e alguns rudimentos de russo suponho que terá contribuído para me atribuírem um posto inferior. Sou um mero

administrativo, não tenho qualquer responsabilidade relevante. Não há segredos que me passem pelas mãos, nem sequer documentos importantes. Pouco depois de chegar, determinaram que deveria prestar confissões, duas vezes por semana, na Igreja de São Clemente. Somos dois os sacerdotes encarregados de tal incumbência; por vezes, termino eu primeiro, outras vezes é ele. Um dia, as minhas confissões arrastaram-se para lá das oito da noite e, assim que terminei, dirigi-me à sacristia, e encontrei ali escondidos um homem, uma mulher e duas crianças pequenas. O homem apresentou-se como doutor Ferretti, médico cirurgião, e explicou-me que tinha mantido escondidos em sua casa aquela mulher e os seus dois filhos; o marido dela tinha sido deportado para a Alemanha há já algum tempo. Disse-me que, nessa tarde, havia sido desencadeada uma rusga no seu bairro, e suplicou-me que o ajudasse. E foi precisamente isso que fiz. Ignorava onde poderia escondê-los e, então, pensei na possibilidade de abrir o postigo que permite o acesso aos subterrâneos da igreja. Foram construídos no século um e não estão em muito bom estado de conservação, mas que podia eu fazer? O pároco de São Clemente tinha-me advertido para que nem sequer pensasse na possibilidade de me meter pela passagem para os subterrâneos, dado que ninguém poderia prever aquilo com que nos podíamos deparar. Supostamente, na Antiguidade, terá ali existido um templo dedicado à divindade persa Mitra. Foi apenas no século passado que um dominicano irlandês, o padre Mullooly, descobriu que existia por baixo outra igreja, que começou então a recuperar. Foi para aí que levei a mulher e os seus dois filhos. Tremiam de medo e de frio. Ao caminharmos, ouvíamos o som de água a correr, já que existe ali uma nascente subterrânea. Acomodei-os o melhor que me foi possível; felizmente, o doutor Ferretti trazia consigo um saco com comida e dois cobertores; eu tinha levado algumas velas comigo. Disse-lhes então: "Fiquem aqui até que descubra uma maneira de vos fazer sair de Roma e enviar-vos para Lisboa, de onde poderão tentar partir para a América do Norte. Não será fácil, mas talvez consigam." As crianças começaram a chorar, e a mãe não sabia o que fazer para as tranquilizar. O doutor Ferretti informou-me que vivia bem perto da Igreja de São Clemente, numa das esquinas da Piazza di San Giovanni in Laterano, e que se sentia na obrigação de ajudar o próximo. Entre os seus vizinhos havia algumas famílias judias; Alguns judeus tinham sido detidos pelas SS e deportados para a Alemanha; outros sobreviviam escondidos nas casas de cristãos compassivos e que não estavam dispostos a colaborar com os nazis. O Ferretti e outros dois médicos haviam-se organizado para auxiliar e providenciar cuidados aos judeus que estivessem escondidos. Mudavam-nos de residência para não comprometerem demasiado as famílias que os acolhiam, tendo inclusivamente conseguido ajudar alguns a transpor a fronteira com a

Suíça. Como poderás calcular, comprometi-me de imediato em ajudá-los naquilo que fosse necessário. A Carla ajudou-nos sempre que lhe foi possível, escondendo pessoas em sua casa e ajudando uma ou outra família a atravessar para a Suíça.

— Mas é uma ousadia querer transpor a fronteira de automóvel! — exclamou a Amelia.

— Não, não usava o automóvel dela, isso seria demasiado perigoso. A relação da Carla com os partigiani permitiu-nos passar algumas famílias através das montanhas; isto, somente na primavera ou no verão, dado que seria completamente impossível no inverno. Ainda assim, essa opção sempre se revelou a mais perigosa, já que os envolvidos eram famílias, sobretudo mulheres e crianças. Na verdade, a maioria das famílias que temos vindo a ajudar permanece em Roma; já te disse que mudamos os fugitivos de residência. Por vezes, recorremos a caves ou a subterrâneos abandonados, como os da Igreja de São Clemente; ocasionalmente, recorremos também às catacumbas onde os cristãos se refugiaram há vinte séculos.

— As catacumbas? Não me parece que sejam o local mais seguro, pois a sua localização é do domínio público.

— Não, não conclusas isso. Tenho um bom amigo no Vaticano, o Domenico, que é jesuíta e trabalha nos Arquivos; é arqueólogo e conhece bem o subsolo desta cidade. Roma ainda possui muitos segredos. Irei apresentá-lo, estou certo de que gostarás dele.

— Não poderá o Vaticano fazer alguma coisa pela Carla?

— As relações com a Alemanha não são propriamente as melhores. Não imaginas as dificuldades com que o papa se tem visto a braços.

— Portanto, o teu grupo é constituído por três médicos e dois padres; não é muito — lamentou-se a Amelia.

— Não calculas a coragem e prestabilidade que algumas freiras revelam. O doutor Ferretti tem também alguns amigos que por vezes nos ajudam numa ou noutra circunstância, mas não podemos pedir às pessoas que se comportem heroicamente, porque se alguém for detido pelas SS... não preciso de te dizer o que poderia acontecer-lhes.

— Temos de salvar a Carla... — insistiu ela de novo.

O Vittorio estava preocupado com a Amelia. Tinha estado ausente durante toda a tarde e quando chegou, acompanhada pelo padre Müller, eram já horas de jantar.

— Avisa-me sempre que pensares chegar atrasada, cheguei a pensar que te teria acontecido alguma coisa.

No entanto, era a Amelia quem, dia após dia, se mostrava cada vez mais

preocupada com o Vittorio. O marido da Carla mal comia, sofria de insônias e desdobrava-se freneticamente em diligências: batia à porta de todos os amigos influentes de que conseguia lembrar-se para lhes suplicar que fizessem alguma coisa pela Carla. Mas ninguém desejava comprometer-se; houve inclusivamente alguns que começaram a evitá-lo. Corria o rumor de que a Carla Alessandrini iria ser julgada por alta traição.

Se não fosse a preocupação com a situação da Carla, a Amelia ter-se-ia sentido feliz em Roma. O Max passava com ela todo o tempo livre de que dispunha, e ambos se sentiam apaixonados, tal como nos seus melhores dias em Berlim e em Varsóvia.

O barão indagou sobre a Carla Alessandrini junto dos seus superiores, que lhe recomendaram que se esquecesse da diva, dado que estava sob custódia das SS. Mesmo assim, conseguiu confirmar que continuava viva.

Certa noite em que o governador militar de Roma oferecia uma recepção para a qual convidou os oficiais do alto-comando alemão, os membros do corpo diplomático e todas as personalidades influentes na Roma ocupada, o Max insistiu com a Amelia para que o acompanhasse. Ela hesitou; sentia repulsa só de pensar na obrigação de apertar a mão àqueles homens que por onde passavam, semeavam miséria, fome e destruição, mas pensou também que talvez isso lhe possibilitasse aceder a algumas informações acerca da situação da Carla.

Aquela noite de dezembro apresentava-se fria e chuvosa. A caminho da festa, a Amelia pensou que o Natal se avizinhava e que tinha prometido à sua família que iria passar as festividades em Espanha — todavia, sabia que não poderia cumprir com a palavra dada, pelo menos enquanto não conseguisse fazer alguma coisa pela Carla.

Ficou feliz por voltar a ver o comandante Hans Henke, o intendente do Max.

— Coronel, julgo não ter sido boa ideia trazer aqui a menina Garayoa — disse o comandante Henke assim que a viu.

— Pois eu acho que foi uma grande ideia — retorquiu o Max, feliz por ter a Amelia a seu lado.

— Veja quem aqui está — sussurrou o Hans Henke, apontando discretamente para um grupo de oficiais das SS, que conversavam ao fundo do salão.

Ainda que estivesse de costas, a Amelia reconheceu de imediato o Ulrich Jürgens, sentindo um acesso de ódio que lhe ruborizou as faces.

— Lamento, Amelia, não pensei que poderíamos cruzar-nos com ele, caso contrário não teríamos vindo. Garantiram-me que o Jürgens permaneceria alguns dias em Milão.

— Antecipou o seu regresso para precisamente esta noite — informou o comandante Henke.

— Será preferível sairmos discretamente. O Hans tem razão; seria demasiado arriscado que o Jürgens te visse.

Preparavam-se para sair do salão quando o coronel Ulrich Jürgens se lhes dirigiu. Momentos antes, um oficial das SS havia-o alertado para a presença do Max von Schumann e da Amelia Garayoa.

Cortou-lhes o caminho, levando uma taça de champanhe em cada mão.

— Vejam, vejam, a minha velha amiga, a menina Garayoa! Decerto não está a pensar ir-se embora sem brindarmos para celebrar este feliz reencontro, pois não? — disse, estendendo uma das taças à Amelia e ignorando o Von Schumann.

— Afaste-se, Jürgens — ordenou-lhe o Max, ao mesmo tempo que dava o braço à Amelia.

— Mas, barão, acabam de chegar à festa! Como pode um cavalheiro como o senhor desonrar os anfitriões indo-se embora antes do jantar?

— Não nos incomode, Jürgens — insistiu o Max.

Subitamente, viram-se rodeados por um grupo de dirigentes e oficiais das SS.

— Barão, não nos apresenta esta bela donzela? — provocou-o um dos militares com um sorriso irônico.

— Não pode guardá-la apenas para si; pelo menos, deixe-nos convidá-la para dançar — interveio outro.

— Ouvimos já muitas coisas acerca da menina Garayoa, consta que é uma velha amiga do coronel Jürgens — disse outro.

Amelia sentia todo o corpo rígido, constatando que a voz se lhe paralisava na garganta. Não tinha pensado que o destino poderia tornar a colocá-la frente a frente com aquele homem que a havia torturado pessoalmente. Ainda lhe ressoava nos ouvidos o riso do coronel Jürgens quando ela se contorcia de dor e de vergonha enquanto ele se comprazia em arrancar-lhe a roupa do corpo, contemplando a sua nudez antes de a torturar.

Max afastou do caminho um dos oficiais, puxando pela Amelia até à saída, mas naquela noite a sorte não estava do seu lado, dado que, nesse preciso momento, aproximou-se do grupo o chefe da sua divisão, acompanhado por outros dois generais, pedindo-lhe alguns momentos da sua atenção.

— Não lhe tomaremos muito tempo, necessitamos apenas do seu parecer, coronel. A senhora ficará ao cuidado destes cavalheiros.

— Lamento, general, mas estávamos já de saída, a senhora não se sente bem — respondeu o Max.

— Vamos, serão uns breves instantes! Coronel, trate bem desta senhora enquanto conversamos com o barão Von Schumann.

Amelia ficou frente a frente com o seu carrasco e, quando o Jürgens lhe

estendeu a mão, ela afastou-se bruscamente.

— Não se atreva sequer a tocar-me!

— Então, querida, no passado cheguei a fazer algo mais do que simplesmente tocar-lhe! A que se deve agora tanto pudor?

Os seus companheiros das SS riram-se da réplica do Jürgens e, a um sinal dele, retiraram-se, deixando-o a sós com a Amelia.

— Não deveria ser tão atrevida comigo, sabe certamente que um homem rejeitado é capaz de qualquer coisa — declarou sarcasticamente o oficial.

— O que pretende, Jürgens?

— Oh, a senhora sabe bem! Precisa que lhe diga que pretendo o mesmo que o barão Von Schumann já tem? Por que motivo não se mostra tão carinhosa comigo como com ele? Garanto-lhe que serei mais generoso consigo do que o barão Von Schumann. Ele apenas lhe oferece amor, enquanto eu lhe ofereço o mundo inteiro, a possibilidade de partilhar comigo a glória do Terceiro Reich.

— Se soubesse quanto a sua mera presença me repugna!

— A sua resistência para comigo torna-a ainda mais atraente.

— Nunca, Jürgens! Nunca serei sua, nem que voltasse a torturar-me.

— Se tivesse sido mais colaborante, eu teria ignorado a sua pequena falta: ajudar aqueles pobres desgraçados! Nunca conseguirei perceber por que razão se juntou àquele grupo de polacos empenhados em ajudar os judeus!

— Claro que nunca poderia entender, tal possibilidade de compreensão transcende-o.

— Sabe uma coisa? Não sei porque será, mas sinto uma intensa atração por si... e isto apesar de nunca ter apreciado mulheres assim tão magras. A sua amiga Carla Alessandrini é naturalmente mais atraente; pelo menos, tem curvas femininas, enquanto a senhora aparenta um aspeto tão frágil...

— O senhor é repugnante! O que fez à Carla?

— Ah! A sua amiga não passa de uma traidora! Deveria ser mais cuidadosa no que respeita a lidar com traidores; sabe bem aquilo que lhes acontece quando são apanhados pelo braço da justiça do Reich.

O coronel Ulrich Jürgens fitou-a com um olhar severo. Depois agarrou-lhe na mão, apertando-a até a magoar.

— Se resistir, já sabe quais serão as consequências. Porque não evita problemas a si própria? Desta vez, não serei tão benevolente como em Varsóvia.

Amelia não conseguiu conter-se e desferiu-lhe um pontapé na canela, numa tentativa de escapar dali. Contudo, não conseguiu. Jürgens agarrou-lhe o braço com força e torceu-o.

— Dado que parece resolvida a declarar-me guerra, assim seja então! — respondeu ele, com os olhos cheios de raiva e um sorriso maligno nos lábios.

Por fim, ela conseguiu libertar-se e correu à procura do Max.

— O que aconteceu? — perguntou o barão.

Ela contou-lhe toda a cena e as ameaças de Jürgens.

— É um miserável, um canalha!

Já em casa, Amelia não parava de tremer. Temia as ameaças daquele sádico.

— Acalma-te. Está decidido, irás regressar a Espanha. Não quero que permaneças em Roma estando também cá o Jürgens. Amanhã, mandarei reservar-te um bilhete de avião para Madrid. Tenta não sair da casa do Vittorio, a não ser quando eu te for buscar. Inclusivamente, talvez fosse aconselhável que nem sequer te encontrasses com o padre Müller.

— Não quero partir, não posso deixar o Vittorio sozinho.

— Amelia, não permitirei que permaneças em Roma. Dentro de dois dias, terei de partir para inspecionar as nossas tropas; estarei no Norte, e nem quero pensar naquilo de que o Jürgens seria capaz.

Ela, sim, sabia aquilo de que o Jürgens era capaz, ainda que nada tenha dito. Não desejava recordar os meses passados em Pawiak, embora se tornassem presentes todas as noites na forma de pesadelos.

O Vittorio concordou com o barão Von Schumann, pedindo-lhe igualmente que regressasse a Espanha.

— Querida, a tua presença aqui de nada adiantará, à exceção de me fazeres companhia. Tens uma família à tua espera e, dentro de uns dias, será Natal.

Não houve forma de a convencer. E foi assim que o Max von Schumann partiu para Milão, temendo o que pudesse acontecer na Sua ausência.

9

Dois dias antes da noite de consoada, o padre Müller apareceu sem avisar em casa do Vittorio para falar com a Amelia.

— O Marchetti enviou-me recado a dizer que está disposto a encontrar-se contigo — disse em voz baixa.

— Quando? — perguntou ela, nervosa.

— Na noite de consoada, durante a missa do galo, na Igreja de São Clemente. Irá misturar-se com os fiéis. Corre um grande perigo, dado que tem a cabeça a prêmio.

Naquela noite, a Amelia não conseguiu dormir, pensando no que diria ao Mateo Marchetti, aquele homem que, quando o conheceu, lhe tinha parecido um inofensivo professor de canto, mas que afinal era um dos líderes da Resistência.

O dia 24 de dezembro amanheceu frio e enevoadado, tal como o seu estado de espírito. Pensava na família, imaginava-os a todos a prepararem o jantar da consoada. Talvez o marido da Melita lhes tivesse trazido um grande cesto com comida, contribuindo assim para aliviar a precária situação familiar.

Decidiu escrever-lhes uma carta; ainda não tinha acabado quando o Vittorio entrou no seu quarto sem bater à porta, pálido e a tremer.

— O que se passa? O que aconteceu? — Levantou-se e amparou o Vittorio, que parecia prestes a desfalecer.

— A rádio... acabam de dizer na rádio. — O homem começou a chorar, abraçado à Amelia.

— Vittorio, acalma-te! Diz-me o que ouviste na rádio!

Mas ele não conseguia falar, com os seus soluços a transformarem-se em gritos lancinantes.

— Conta-me o que se passa! Por favor, diz-me! — suplicou a Amelia, que mal conseguia amparar o corpo frouxo do Vittorio, que continuava abraçado a ela.

— Mataram-na — conseguiu ele dizer.

Ela quis gritar, mas da sua garganta apenas saiu um gemido abafado. Sentiu o sabor salgado das lágrimas na comissura dos lábios e abraçou o Vittorio com todas as forças que foi capaz de reunir.

— Mataram-na! Mataram-na! — gritava ele.

Conseguiu levá-lo até junto de uma cadeira e chamar a empregada, para que lhe trouxesse um copo com água. Naquele momento, toda a casa estava já ao corrente da desgraça. Todos tinham ouvido a notícia pela rádio. O locutor não havia dado azo a dúvidas: "Esta madrugada, foi enforcada na penitenciária feminina, por delito de alta traição, a diva do bel canto Carla Alessandrini."

Os criados cochichavam nervosos, enquanto a Amelia tentava tomar o controle de toda a situação.

Não podia limitar-se a ficar sentada e chorar até as lágrimas se lhe secarem, não podia dar-se ao luxo de se deixar consumir pela dor. Tinha de cuidar do Vittorio e decidir o que deveria ser feito.

Poderiam as SS deslocar-se ali? Deveria acompanhar o Vittorio quando ele fosse levantar o corpo da Carla? Não sabia o que fazer. Mas a chegada do padre Müller trouxe-lhe algum alívio.

— Os meus mais sentidos pêsames! — disse o sacerdote ao abraçar o Vittorio, que não parava de chorar, num estado convulsivo.

— Que devemos fazer? — perguntou-lhe ela com voz sumida.

— Não sei, irei informar-me. A família tem o direito de levantar o corpo. Contudo, nem sequer avisaram quem quer que fosse que ela tinha sido julgada e condenada à morte.

— Julgada? Aqui não existe justiça, as SS não sabem o que isso possa ser, limitam-se a assassinar pessoas. E também a Carla foi assassinada.

— Não sei como o puderam fazer precisamente na noite de consoada! — lamentou-se o padre.

— Julgas que, para eles, a noite de consoada tem qualquer significado? Não sejas ingênuo, Rudolf, os nazis não acreditam em nada e sabes isso perfeitamente. Carecem de misericórdia, de compaixão. Não são humanos.

— Não digas isso, Amelia!

— Achas que são? — respondeu ela asperamente.

Foram poucos os amigos da Carla a telefonarem para transmitir as suas condolências, e muito menos ainda aqueles que se atreveram a comparecer em casa do Vittorio para o consolarem. Todos temiam ser apontados como amigos de uma mulher enforcada por alta traição.

Todos aqueles que, meses antes, mendigavam por um mero olhar da diva tremiam agora em suas casas, rezando para que as SS não estabelecessem

qualquer relação entre eles e a diva. Se se tinham atrevido a enforcar a mulher mais idolatrada em Itália, do que não seriam eles capazes?!

O Vittorio estava destroçado, incapaz de tomar qualquer decisão, pelo que foram a Amelia e o padre Müller que decidiram telefonar ao advogado da Carla para lhe perguntarem o que deviam fazer. O homem mostrava-se renitente em fornecer-lhes qualquer recomendação, mas a Amelia não lhe deixou outra opção.

— O senhor deveria ter informado o Dom Vittorio de que tinha havido um julgamento e... acerca do que iria acontecer.

— Garanto-lhe que desconhecia tais fatos por completo. O Dom Vittorio Leonardi sabe que cumpri com a minha obrigação de advogado, nunca deixei de me dedicar ao caso da sua esposa, Carla Alessandrini. E julga a senhora que as SS respeitam quaisquer procedimentos legais? Nem sequer me permitiram visitá-la durante todo o tempo em que esteve detida. Negaram-se inclusivamente a informar-me dos delitos que haviam levado à sua detenção. Eu... soube o que aconteceu através da rádio, e garanto-lhe que estou desolado.

— Então, vá à penitenciária e trate dos trâmites necessários para que o corpo da Carla possa ser levantado e para que possamos dar-lhe um funeral cristão.

— Eu? Não... não me parece conveniente. Deveria ser o marido, Dom Vittorio Leonardi, a reclamar o corpo.

— O senhor tem vindo a ser pago generosamente para se encarregar dos assuntos desta família.

O advogado remeteu-se ao silêncio. Queria cortar todas as ligações com a Carla, com o Vittorio, com qualquer pessoa que pudesse ter alguma relação com eles. Esqueceu-se de que não passava de um recém-licenciado em Direito quando tinha conhecido Carla Alessandrini, no escritório de um grande advogado no qual ele prestava serviço de auxiliar, e de como havia caído nas graças da diva, acabando por se tornar seu advogado e homem de confiança. Em menos de um segundo, renegou todos aqueles anos partilhados com a diva e o seu marido; todas as festas organizadas pela Carla, onde ele frequentava a alta sociedade italiana; todas aquelas principessas arrogantes, algumas das quais se tornariam depois suas clientes; todas as oportunidades de negócio proporcionadas por aqueles empresários entusiastas do bel canto que nada negavam à sua musa.

Sim, ele tinha enriquecido graças à Carla Alessandrini, tinha sido ela quem o havia resgatado do anonimato, permitindo que ele se tornasse um advogado de prestígio; mas ela estava agora morta, tinha sido enforcada por alta traição, e ele sentia que a sua lealdade era devida apenas a si próprio e à sua família. Quem poderia vir a ajudar se também ele fosse enforcado?

— Esperamos por si, não demore — ordenou-lhe a Amelia, tentando incutir

na sua voz uma firmeza que não sentia.

— Um dia destes passarei por aí para transmitir as minhas condolências ao Dom Vittorio. No que respeita ao testamento, ele saberá o que fazer.

— Ele não vai — anunciou a Amelia ao padre Müller.

— Sendo assim, irei eu.

— Tu? A que propósito?

— Na qualidade de confessor da Carla, de representante da família, de sacerdote que pretende proporcionar-lhe um funeral cristão.

— Tem cuidado, Rudolf.

Ele encolheu os ombros. Não é que não tivesse medo, porque tinha, mas sentia que a sua missão sacerdotal o obrigava a defrontar o mal, e o nazismo apresentava-se como a sua personificação; assim, decidiu seguir os ditames da sua própria consciência, ainda que isso pudesse custar-lhe a vida.

O Vittorio insistiu para que fosse o motorista da família a levá-lo até lá de automóvel, o que ele aceitou.

Era meio-dia quando o padre Müller regressou com o corpo da Carla. A ninguém confidenciou as humilhações a que tinha tido de se sujeitar para conseguir que lhe entregassem o cadáver, que ele próprio carregou nos braços até à casa.

O Vittorio desmaiou quando viu aquele vulto envolvido em lona, sabendo tratar-se do corpo da esposa. A Amelia não lhe permitiu vê-la e, com o auxílio da Pasqualina, a estilista da Carla, uma das poucas pessoas que haviam comparecido para transmitir as suas condolências, preparou o corpo da amiga para que recebesse um funeral cristão.

Vestiram-lhe um dos seus melhores vestidos e envolveram-na com a pele de visom branco, que ela tanto apreciava. Depois de a colocarem no caixão, não deixaram que ninguém a visse. Não queriam que os presentes guardassem a recordação do rosto de uma enforcada, mas antes o da mulher encantadora que havia sido. Nem sequer o Vittorio a pôde ver.

Teriam de aguardar pelo dia 26 de dezembro para a enterrarem, dado que não era possível fazê-lo no dia de Natal.

Ao final da tarde, o padre Müller regressou ao Vaticano.

— Não me parece boa ideia que vás esta noite à Igreja de São Clemente. O Marchetti terá ouvido a notícia pela rádio e, decerto, não estará presente.

— Talvez acabe por aparecer, e eu preciso urgentemente de falar com ele.

— Para quê? Já nada podemos fazer pela Carla.

— Pelo contrário, eu sei que ainda posso fazer alguma coisa.

O sacerdote fitou-a preocupado, refletindo no que poderia a Amelia estar a pensar.

— Está morta, a única coisa que podemos fazer é rezar por ela.

— Reza tu para já, eu fá-lo-ei mais tarde.

— Ainda não te vi chorar.

— Tens a certeza? Podes não me ter visto lágrimas no rosto, mas não parei ainda de o fazer.

— Amelia, velemos pela Carla, rezemos por ela e proporcionemos-lhe a devida sepultura. São as únicas coisas que podemos fazer, as únicas que o Vittorio pretende que façamos. Depois deves regressar a tua casa, porque aqui não estás em segurança. O Max tem razão, o coronel Jürgens é capaz de qualquer coisa.

— Sabes uma coisa? Julgo que ele ordenou que a enforcassem para me magoar, para me demonstrar quão poderoso é. Carregarei essa culpa até ao fim dos meus dias.

— Não digas disparates! A Carla foi detida muito antes de teres vindo para Roma. Além do mais, todos sabemos aquilo que as SS fazem com as pessoas que detêm. Quiseram dar-nos uma lição, mostrar aos italianos que ninguém está imune, nem sequer os seus símbolos mais queridos. A execução dela não tem qualquer relação contigo.

— Eu acredito que tem, que foi a forma encontrada pelo coronel Jürgens para me fazer mal.

— Tê-la-ia matado mesmo que tu não existisses. A Carla era um mito e as SS pretenderam dar uma lição aos italianos.

No entanto, Amelia estava absolutamente convencida de que a execução da Carla estava relacionada com o desejo ignóbil que o Jürgens sentia por ela. Assim, à medida que o dia ia decorrendo, enquanto lavava o cadáver da Carla, foi elaborando um plano que estava determinada a levar até às suas derradeiras consequências.

O doutor Ferretti, o médico amigo do padre Müller, compareceu a pedido da Amelia para dar ao Vittorio alguma coisa que o ajudasse a adormecer.

— Pretendo velar por ela a noite inteira, não quero que fique sozinha — disse o Vittorio entre lágrimas.

— Não estará sozinha, ficarei eu a seu lado — garantiu-lhe a Amelia —, mas tens de dormir, precisas de o fazer.

Convenceu-o a ficar junto do caixão até à meia-noite, altura em que ela o revezaria até de madrugada.

— Quero ir à missa, Vittorio, preciso de rezar. Tens de me prometer que, assim que regressar da missa do galo, irás deitar-te.

O doutor Ferretti entregou à Amelia um sonífero que o Vittorio deveria tomar.

— Regressarei amanhã para ver como se encontra — comprometeu-se o médico, destroçado pela tragédia que se vivia naquela casa.

Os poucos amigos que haviam comparecido foram partindo. Era noite de consoada e, apesar da tristeza que sentiam pela perda da Carla, tinham as suas próprias famílias, filhos que deveriam mimar e tornar felizes numa noite como aquela.

O Vittorio e a Amelia ficaram então unicamente na companhia da estilista da Carla. A mulher era viúva e tinha uma única filha, casada há já algum tempo com um professor florentino; assim, dispunha de todo o tempo do mundo para chorar pela diva, a quem se havia sentido unida por uma genuína amizade.

O caixão tinha sido colocado no centro do maior dos salões da casa, aquele onde, em tantas ocasiões, a Carla tinha organizado as suas melhores festas.

Às onze da noite, a Amelia despediu-se do Vittorio e da Pasqualina, a estilista.

— Cuida bem do Dom Vittorio, voltarei assim que a missa terminar. Se quiseres, Pasqualina, podes ficar a dormir aqui, já é tarde para regressares a casa sozinha.

— Gostaria de ficar a velar a senhora.

— De acordo. Sendo assim, ficas cá.

Ao sair para a rua, sentiu um arrepio. Caminhava lentamente, tentando não chamar a atenção das poucas pessoas com que se ia cruzando e que, tal como ela, levavam missais na mão, a caminho de alguma igreja para assistirem à missa do galo.

Chegou à Igreja de São Clemente à meia-noite em ponto, quando os sinos deixavam já de tocar para chamar os fiéis.

Sentou-se no último banco da igreja com todo o corpo tenso, tentando localizar o Mateo Marchetti. O padre Müller só lhe tinha dito que o professor de canto estaria presente na igreja. Esperava que fosse ele a aproximar-se dela, ou que alguém lhe desse alguma indicação específica. Seguia a missa como um autômato. Rezava distraidamente, varrendo os bancos da igreja com o olhar à procura do Marchetti.

Observava os paroquianos, tentando adivinhar quais deles estariam com o partigiano, mas todos lhe pareceram pacíficos pais de família celebrando a noite de consoada. A cerimônia findou e os fiéis começaram a sair da igreja. Ela hesitava sobre o que deveria fazer quando sentiu um toque no braço. Uma mulher havia-se colocado a seu lado e, sem nada dizer, indicou-lhe com o olhar para a seguir. Saíram da igreja caminhando lado a lado, como se se conhecessem, e a Amelia seguiu-a durante um tempo considerável, sem se atrever a fazer qualquer pergunta. Depois, a mulher parou junto à porta de um

prédio, que abriu com gestos rápidos. Subiram até ao primeiro andar sem fazerem qualquer ruído.

O Mateo Marchetti estava envelhecido, mas continuava a ter nos olhos um brilho tão intenso como na ocasião em que o tinha conhecido, em casa da Carla. Estava sentado na penumbra, acompanhado por três homens que pareciam em estado de alerta.

— Porque é que queria falar comigo? — perguntou-lhe sem qualquer introdução.

— Aquilo que realmente pretendia era que me ajudasse a salvar a Carla.

— Isso era impossível. Passou a estar condenada a partir do próprio dia em que foi detida.

— E foi o senhor quem a levou a correr esse perigo?

— A senhora conhecia-a. Julga que seria capaz de se limitar a assistir ao que estava a acontecer, como mera espectadora? Ela queria desempenhar um papel, e desempenhou-o, o mais difícil e arriscado de toda a sua vida. Foi muito corajosa e salvou muitas vidas. Aquela última missão era difícil. Na verdade, as possibilidades de êxito eram bastante reduzidas. Ela estava consciente do que podia acontecer.

— Foi uma loucura mandá-la à Suíça levando consigo o tal criado do Duce.

— De fato, ela não levava esse homem, apenas serviu de engodo.

— O que quer dizer com isso? — A Amelia sentiu todos os seus músculos contraírem-se.

— Os Aliados necessitavam das informações que esse homem lhes pudesse fornecer, de maneira que montamos uma operação de engodo. Ela sabia que as SS lhe seguiam os passos, sobretudo o tal coronel Jürgens, que parecia obcecado por ela. Organizamos a viagem da Carla com um homem fisicamente bastante parecido com o criado do Duce, enquanto ajudávamos o verdadeiro a sair do país de uma outra forma.

— Enviaram-na diretamente para a boca do lobo!

— A Carla concordou com o plano. Chegou mesmo a rir-se, pensando na desilusão do Jürgens ao descobrir que o homem que a acompanhava não passava de um simples sapateiro. É verdade que era comunista, mas não era o homem que procuravam. Ele ficou furioso ao aperceber-se do engano e... bem, já conhece o desfecho da história.

— Toda a gente pensa que a Carla levava no seu automóvel o criado do Duce.

— Sim, foi isso que as SS quiseram fazer crer, e, como compreenderá, não íamos desmenti-las.

— Foi utilizada — murmurou a Amelia.

— Não, não se iluda. A Carla nunca fez nada que não desejasse fazer. É verdade que nos ajudava, como também ajudava esse padre, Müller, servindo de elo de ligação entre ele e eu para que colaborássemos mutuamente. Enfim, agora já não podemos fazer nada.

— Podemos, sim, há uma coisa ainda a fazer. — O tom de voz da Amelia despertou a curiosidade do Marchetti.

— Diga-me o quê.

— Vou matar o coronel Jürgens e preciso da sua ajuda.

O professor de canto permaneceu calado, olhando-a fixamente. Nunca teria imaginado ouvir tais palavras saídas da boca daquela jovem, tão frágil e franzina.

— E como planeia fazê-lo?

— Ele... ele pretende... pretende...

— ...quer ir para a cama consigo — disse o Marchetti, que havia concluído isso devido ao rubor nas faces de Amelia.

— Sim.

— E não lhe parece que poderá desconfiar de si, precisamente agora que acabou de enforçar a sua amiga? Não duvido de que o Jürgens possa sentir um intenso desejo por si, mas é um homem calculista e inteligente. Suspeitará de si se, subitamente, decidir entregar-se-lhe de braços abertos.

— Mas não recusará. Ficará desconfiado, pensará que possuo segundas intenções, incluindo matá-lo, mas não se recusará. Preciso de uma pistola, é a única coisa que necessito que me arranje.

— Uma pistola? A primeira coisa que ele fará será revistar-lhe a bolsa.

— Quero uma pistola que consiga esconder na minha roupa interior.

— Irá matá-la. É impossível que não venha a aperceber-se.

— Sim, é provável que se aperceba, mas talvez a sorte esteja do meu lado e consiga matá-lo a ele antes de ele me matar a mim.

— E o que adiantará matá-lo?

— Merece morrer, é um assassino.

— Sabe quantos assassinos como ele existem?

— Se o plano correr mal, a responsabilidade será minha; se correr bem, a Resistência poderá proclamar que é isso que acontece aqueles que assassinam inocentes.

— Mesmo que conseguisse matá-lo, seria detida. Não conseguiria escapar.

— Elaborei um plano.

— E em que consiste esse plano?

Prefiro não lho revelar. Apenas lhe peço uma pistola, nada mais do que isso.

— As coisas podem correr mal.

Amelia limitou-se a encolher os ombros. Estava determinada a arriscar a própria vida para acabar com a do Jürgens. Eram contas antigas por resolver; devia isso à Grazyna, à Justyna, ao Tomasz, à Ewa, ao Piotr, a todos os seus amigos polacos, à Carla e também a si própria.

— Vá confessar-se à Igreja de São Clemente dentro de três dias. Agora, vá-se embora. Esqueça-se desta casa e de que esteve comigo.

O Marchetti dirigiu um sinal a um dos homens que vigiava a rua a partir da janela.

— Não há ninguém, chefe.

Tremendo de medo, a Amelia enfrentou a escuridão noturna e, caminhando colada à parede e parando sempre que ouvia o mínimo ruído, acabou por chegar ilesa a casa do Vittorio.

— Estava preocupado contigo! Já são duas da manhã. Podias ter sido detida.

— Perdi-me. Fiquei a rezar na igreja depois da missa.

— Não me enganes, Amelia! Sei que depois da missa do galo a igreja é fechada.

— Não estou a enganar-te, Vittorio, confia em mim. Agora, deixa-me revezar-te. Velarei eu pela Carla.

— Não, não posso deixá-la aqui sozinha.

— Não estará sozinha. Precisas de descansar, o dia de amanhã será bastante longo.

— É Natal.

Ela pediu à Pasqualina que fosse buscar água e, depois, insistiu com o Vittorio para que tomasse o comprimido que o doutor Ferret tinha deixado.

— Ajudar-te-á a repousares.

— Não quero que a Carla fique sozinha — insistiu ele.

— Não sairei de junto dela, prometo-te.

Depois, disse também à Pasqualina para ir dormir, ficando sozinha no salão. Foi então que se desfez em lágrimas.

A Carla foi enterrada a 26 de dezembro. Apenas vinte pessoas assistiram à cerimônia fúnebre. Se ela tivesse falecido de morte natural e antes do início da guerra, a Itália inteira haveria saído à rua para a chorar. Mas tinha sido enforcada por alta traição.

— Ela teria preferido ser enterrada em Milão. Temos lá um panteão.

— Um dia, depois que esta guerra terminar, poderás transladá-la para lá. Por agora, deixemo-la repousar aqui — consolou-o o padre Müller.

Entretanto, o Max continuava em Milão. Telefonou à Amelia e rogou-lhe que regressasse a Espanha.

— Lamento imenso aquilo que aconteceu à Carla, sei o que significava para

ti. Mas por favor, Amelia, não fiques em Roma. Já sabemos do que esse maldito Jürgens é capaz.

— Aguardo pelo teu regresso, Max.

— A questão é que... lamento, Amelia, mas, assim que terminar a inspeção sanitária das nossas tropas aqui, terei de viajar para a Grécia, a ordem foi-me comunicada esta manhã.

— Para a Grécia?

— Sim.

— Posso ir contigo?

— Gostarias mesmo de me acompanhar?

— Não me sinto com ânimo para regressar a Espanha.

— Podes ir visitar primeiro a tua família e, depois, ires ter comigo a Atenas.

— Não, prefiro ir diretamente contigo.

— Corres perigo, Amelia. Falei com alguns amigos que me garantem que o Jürgens está obcecado por ti.

— Nada farei que possa colocar-me em perigo.

— Promete-me.

— Está prometido.

Obviamente, não pensava respeitar tal promessa. Não disse ao Max que tinha recebido um convite para um baile de fim de ano. Havia chegado no preciso dia em que a Carla tinha sido enforcada e, na altura, nem sequer lhe prestou atenção. Tinham-no enviado o Guido e a Cecilia Gallotti, os conhecidos do Vittorio que tão próximos tinham sido do genro do Duce e que tão amáveis se tinham mostrado quando a Carla a convidou a vir a Roma pela primeira vez. Tinham sido inclusivamente uma excelente fonte de informações; ainda se recordava dos relatórios que, graças às indiscrições do casal, conseguiu enviar para Londres.

Além disso, para surpresa da Amelia e do próprio Vittorio, a Cecilia Gallotti tinha aparecido no funeral da Carla.

A 28 de dezembro, a Amelia deslocou-se então à Igreja de São Clemente; aí chegada, dirigiu-se ao confessionário onde costumava estar o padre Müller. Em vez dele, estava lá outro sacerdote, cujo rosto não conseguiu vislumbrar.

— Ave Maria Puríssima.

— Concebida sem pecado. Continuas determinada em prosseguir com este plano?

A pergunta do sacerdote sobressaltou-a. Não era a voz do Marchetti. Poderia tratar-se de uma armadilha?

— Sim — respondeu, temerosa.

— No chão, à tua direita, encontrarás um embrulho. Pega nele, mas deves esperar algum tempo, não saias já, seria certamente uma confissão demasiado

curta. A pistola é pequena, como tinhas pedido, e também tens aí balas. Toma cuidado para não seres detida a caminho de casa. Cabe-te na algibeira do casaco. Agora, vai-te embora.

Amelia telefonou à Cecilia Gallotti para confirmar a sua presença na festa.

— Oh, querida, fico muito feliz que possas vir! Na verdade, não pensei que comparecesses. Enviamos o convite uns dias antes de a Carla... pensávamos que ao Vittorio lhe faria bem distrair-se, mas agora...

— Não, ele não irá, mas eu vou.

— Claro, claro, precisas de te distrair. Aquilo da Carla foi uma tragédia!

Amelia refletiu no fato de a Cecilia se referir ao assassinio da Carla recorrendo ao eufemismo "aquilo". Sabia que a Cecilia tinha ficado surpreendida pela confirmação da sua presença na festa e que iria comentar isso com todas as suas amigas. Esperava que a notícia chegasse também aos ouvidos do coronel Jürgens e que este comparecesse ou se fizesse convidar pelo Guido Gallotti e esposa.

O Vittorio não ficou zangado quando ela lhe comunicou que iria à festa de fim de ano organizada pelos Gallotti.

— Vai e tenta divertir-te, não faria sentido ficares em casa.

— Quando... enfim... Dentro em breve, compreenderás porque fui.

— Por favor, Amelia, não faças nada que te ponha em perigo! — reagiu ele, alarmado com aquelas palavras da jovem.

— Não gostaria que pensasses que não passo de uma frívola, capaz de comparecer numa festa logo depois de termos acabado de enterrar a Carla.

— Se me tens alguma estima, promete-me que nada farás que te ponha em perigo. Não conseguiria aguentar isso. Não consegui impedir a tragédia da Carla, portanto não me obrigues a viver com mais culpas do que aquelas que já carrego.

A Pasqualina ajudou-a a ajustar um dos vestidos de noite da Carla. Era mais magra do que a diva e não tão alta como ela. A estilista não demorou muito tempo a conseguir adaptar um vestido preto a silhueta da Amelia. Pelo menos, pretendia manter o luto pela amiga.

O motorista do Vittorio levou-a a casa dos Gallotti. A Cecilia sussurrou-lhe que a notícia da sua presença havia suscitado muitas expectativas e que alguns oficiais tinham pedido para ser convidados para a festa. A Amelia reagiu como se isso não tivesse importância.

O Guido e a Cecilia apresentaram-na a alguns amigos, ainda que se notasse que ele se sentia algo perturbado com a presença da Amelia. Alguns convidados perguntavam-lhe quem era aquela jovem espanhola, ao que ele evitava explicar que lhes tinha sido apresentada pela Carla.

— Foste muito insensata — disse ao ouvido da esposa. — Além do mais,

surpreende-me que, estando ela de luto, tenha decidido comparecer numa festa. Essa mulher não é digna de confiança, tal como a Carla não o era.

— Não sejas ridículo. Ela é espanhola, fascista como nós, para além de também ela ter ficado surpreendida com a traição da Carla. Se decidi vir, fê-lo para que isso seja do conhecimento público; o teu problema é não perceberes as mulheres — defendeu-se a Cecilia.

Já passava da meia-noite quando o Ulrich Jürgens chegou, acompanhado por vários oficiais das SS. Pretendia realçar a sua presença não apenas chegando tarde, mas também através das risadas barulhentas dos seus companheiros. Tinham bebido e pareciam eufóricos.

Ele nem sequer perdeu tempo a cumprimentar os anfitriões, dirigindo-se de imediato para junto da Amelia.

— Julgava-a chorosa e em casa.

Ela fitou-o e quis voltar-lhe as costas, mas ele não lho permitiu, agarrando-lhe o braço.

— Então, não retomemos velhos hábitos. E livre-se de me dar um pontapé, como da última vez. Responda: que motivo a traz aqui?

— Não lhe devo explicações acerca do que faço.

— O luto pela sua amiga Carla Alessandrini durou assim tão pouco? Já vi que a senhora não perde tempo.

— Deixe-me em paz. — Desta vez, conseguiu mesmo soltar-se e voltar-lhe as costas.

— Porque se empenha tanto em confrontar-me? A vida ser-lhe-ia mais fácil se deixasse de o fazer. Poderia ter salvo a sua amiga se se tivesse mostrado amável comigo — disse ele, agarrando-a de novo para a impedir de se afastar.

— Acha possível ser-se amável com uma hiena? — provocou-o ela com altivez.

— É assim que me vê? Como uma hiena? Ora, eu teria preferido outra comparação.

— Pois então veja-se ao espelho.

Ele fitou-a asperamente, sem lhe soltar o braço, mas mantendo-a à distância. E ela conseguiu ler-lhe nos olhos que esperava alguma surpresa.

— O seu amigo, o barão, deveria ser mais criterioso com as suas amizades.

Ela ficou rígida; não percebia o significado de tais palavras, embora lhe tenham soado a ameaça.

— Vejam só! Não sabia que também se interessava pelas amizades dos oficiais da Wehrmacht! — replicou, tentando transmitir desdém no tom de voz.

— Hoje em dia, há muitos traidores, inclusivamente em pleno coração da Alemanha. Pessoas incapazes de compreender o sonho do nosso Führer. Não sei

se estará ao corrente, mas muitos dos amigos do barão foram detidos pela Gestapo. Ele não lhe disse? Julgava que tinha maior confiança em si.

Não, o Max não lhe tinha dito nada, certamente para não a assustar. Mas a quem estaria o Jürgens a referir-se? Também o padre Müller não havia comentado nada com ela. Porque não sabia ou, simplesmente, para não preocupá-la?

— Poupe-se nas insinuações e solte-me! Você repugna-me — reagiu ela, sabendo que, quanto mais lhe mostrava o seu desprezo por ele, mais ele ansiava possuí-la.

— Deve ser difícil ter amigos traidores. Primeiro, foram aqueles jovens polacos. Como se chamava mesmo a sua amiga? Grazyna, não era? Sim, era esse o seu nome. E havia também a jovem Ewa, recorda-se dela? E agora a Carla Alessandrini! Deveria ter cuidado, porque há demasiados traidores em seu redor!

— Você é capaz das maiores infâmias!

— Teve a oportunidade de salvar a sua amiga Carla Alessandrini, mas não soube aproveitá-la e agora... bem... talvez eu conseguisse desviar as atenções daqueles que suspeitam do barão. E, já agora, deixe-me dizer-lhe que de nada servirá apressar-se a avisá-lo!

— O que pretende?

— Sabe perfeitamente o que pretendo. Precisa que lho diga? Se o barão é assim tão importante para si, não lhe será certamente difícil fazer sacrifícios por ele. Ou preferirá abandoná-lo à sua sorte, tal como fez com a sua amiga Carla?

— O senhor é repugnante — afirmou ela, mas o seu tom de voz indicava já que se havia rendido.

— Ajudá-la-ei a superar essa repugnância.

— Deixará o barão Von Schumann em paz?

— Dou-lhe a minha palavra.

— A sua palavra? Não lhe atribuo qualquer valor. Quero um documento que exonere o barão de qualquer suspeita.

Ele riu-se dela, ao mesmo tempo que lhe retorcia o braço.

— Terá de aceitar a minha palavra; caso contrário, será melhor preparar-se para chorar pelo barão. Deixe-se de se fazer rogada e venha comigo.

Amelia baixou o olhar, parecendo hesitar. Depois, erguendo o queixo, fitou-o olhos nos olhos.

— Não será esta noite, mas amanhã — respondeu ela.

— De acordo, que seja então amanhã. Mas jantaremos primeiro.

— Não, não pretendo preliminares; entre mim e o senhor, não serão decerto necessárias. Diga-me um local, que eu lá estarei.

— Uma mulher como a senhora é digna do Excelsior, não lhe parece?

— O Excelsior?

— É o hotel onde o barão estava hospedado, certamente que o conhece bem... — disse ele rindo.

— Está bem. E a que horas?

— As nove. Brindaremos com champanhe o nosso acordo.

— Mande alguém informar-me do quarto a que devo dirigir-me. Pensando melhor, preferiria que me enviasse a chave, para ir diretamente para o quarto. Não penso exhibir-me a seu lado pelo hotel.

Ele soltou-a finalmente, rindo-se, posto o que ela se afastou apressadamente, procurando a Cecilia Gallotti para se despedir dela. Tinha atingido já o seu objetivo, ou pelo menos aquele que havia definido para aquela noite. A parte mais difícil do plano estava reservada para o dia seguinte.

— Mas, Amelia, agora é que a festa está no seu melhor, não podes ir já! — exclamou a Cecília, tentando dissuadi-la de partir.

— Não me sinto bem, não devia ter vindo. Julgava que iria distrair-me, mas não consigo parar de pensar na Carla, lamento. Agradeço-te por toda a tua amabilidade.

Quando regressou a casa, o Vittorio permanecia acordado.

— Não conseguia adormecer, estava preocupado contigo.

— Não te preocupes, estou bem.

— Foste bem tratada?

— O Guido sentia-se incomodado com a minha presença na festa, mas a Cecilia mostrou-se encantadora.

— Fiquei surpreso por ter comparecido no funeral da Carla. Sempre a considereei uma idiota — afirmou o Vittorio.

— Também eu fiquei surpreendida. Talvez a tenhamos julgado demasiado severamente e, no fundo, não seja má pessoa.

— Agora, quero que me contes a verdade. Qual o verdadeiro motivo que te levou a essa festa? Sei como gostavas da Carla e que estás com pouca vontade para divertimentos.

— Sim, tens razão, mas tenho de fazer uma coisa que não posso partilhar contigo. Confia em mim.

No isolamento do seu quarto, desfez-se em lágrimas. A ameaça do coronel Jürgens relativamente ao Max tinha sido clara: as SS suspeitavam do barão. Sabia também que, independentemente do que ela pudesse fazer, o Jürgens não iria respeitar a palavra dada. Se o Max corria realmente perigo, devia entrar em contato com ele quanto antes.

Sentiu dificuldade em adormecer, recapitulando mentalmente o plano para matar o Jürgens. Levantou-se bastante cedo com a intensão de telefonar ao Max

antes de ele partir para visitar os hospitais de campanha. Sabia que as comunicações eram interceptadas, mas não podia deixar de o advertir.

— Max, estive ontem à noite em casa de Guido e Cecilia Galotti, e houve uma pessoa que me informou de que alguns dos teus amigos na Alemanha estariam envolvidos em problemas.

— Não fiques preocupada, contar-te-ei tudo assim que regressar a Roma.

— Tem cuidado — aconselhou-lhe ela.

— Ver-nos-emos daqui a alguns dias — despediu-se ele.

Ela passou o dia com o Vittorio, tentando animá-lo e contando as horas até ao anoitecer. As oito, disse-lhe que se sentia cansada e que se retirava para o seu quarto para dormir.

Vestia já a camisa de noite e bocejava enquanto a empregada lhe abria a cama.

— Vejo que está cansada, menina. E não é de estranhar, estes dias têm sido difíceis para todos, aquilo que aconteceu à senhora Carla foi horrível — disse a mulher.

— Sim, estou cansada! Oxalá conseguisse dormir de uma assentada!

Bebeu o copo de leite que a mulher tinha pousado sobre a mesa de cabeceira, enquanto a via sair. Depois, assim que a porta se fechou, despiu a camisa de noite e começou a vestir-se. Tinha escolhido uma camisa branca quase translúcida e uma saia preta. Quando acabou de vestir-se, prendeu a pequena pistola na liga. Teria de tentar não andar como um pato devido ao incômodo provocado pela pistola, mas era o único local de que ninguém suspeitaria no caso de a mandarem parar na rua ou até no próprio hotel.

O Ulrich Jürgens tinha-lhe enviado um recado escrito logo ao início da tarde, bem como uma chave, que parecia uma cópia da que era fornecida aos hóspedes do Excelsior. Teria certamente ameaçado o gerente do hotel para este lhe entregar uma cópia da chave do quarto 307, onde ele a aguardaria.

Assim que acabou de se vestir e de se certificar que a pistola estava bem presa, sentou-se e prendeu o cabelo atrás da nuca. Depois, colocou uma das perucas da Carla, uma das muitas que a diva usava nas suas atuações. Era uma peruca preta, com madeixas caju. Ficava-lhe larga, mas há dois dias que avinha preparando com vista a adaptá-la à sua cabeça e, ainda que com muita dificuldade, tinha conseguido. Não parecia a mesma. O cabelo preto transmitia-lhe um ar diferente, parecia mais madura e, se não fossem as madeixas caju, certamente passaria ainda mais desapercebida. Uma vez que essa nunca tinha sido a intenção da Carla, teria de se conformar com a menos exuberante das suas perucas. A cabeleira lisa caía-lhe de ambos os lados do rosto e a franja tapava-lhe a testa. Mesmo assim, cobriu a cabeça com um lenço, que atou ao pescoço.

Seguidamente, vestiu um casaco preto que havia descoberto no armário do quarto de hóspedes. Tratava-se de um casaco já fora de moda e que lhe ficava um pouco largo.

Não se despediu do Vittorio e, ao sair, procurou evitar os criados. Eram quase nove horas e, naquela noite, o porteiro não estava presente, dado tratar-se do primeiro dia de 1944, um dia festivo apesar da guerra. Ninguém a viu sair. Nas ruas, misturou-se com as outras pessoas, sentindo-se mais tranquila ao aperceber-se de que não atraía as atenções de ninguém. Caminhou devagar, para não dar nas vistas.

O átrio do Excelsior estava repleto de oficiais e de figuras proeminentes da Wehrmacht e das SS. Dirigia-se para o elevador com passo rápido quando, subitamente, um capitão lhe saiu ao caminho.

— Aonde pensa ir, bela menina? Tem algum compromisso para esta noite?

Amelia não lhe respondeu e entrou no elevador, temendo que ele resolvesse segui-la. Carregou no botão do quarto andar, não fosse mais alguém ter reparado nela. Assim que aí chegou, desceu pelas escadas, receando cruzar-se com algum hóspede ou com as empregadas do turno da noite. Mas a sorte parecia estar do seu lado. Abriu então a porta do quarto 307, sobressaltando-se ao encontrá-lo às escuras. Sentiu o coração a bater em compasso acelerado quando uma mão pousou repentinamente nas suas costas, fazendo-a voltar-se com brusquidão.

— Sempre vieste — sussurrou o coronel Jürgens com voz lasciva.

Tinha bebido. Percebeu isso pelo tom pastoso da sua voz e porque cheirava a álcool. Voltou-se para ele, vencendo a repugnância que a sua presença e hálito lhe provocavam. Não conseguiu esquivar-se ao abraço dele, nem aos seus beijos. Apertava-a vigorosamente e depois de a beijar, mordeu-lhe os lábios até fazê-los sangrar.

— Deves gostar muito do barão para teres vindo.

— Fizemos um acordo — retorquiu ela.

Ele afrouxou o abraço, rindo-se.

— O teu problema, querida, é estares habituada a lidar com homens como o barão. Mas posso garantir-te que a experiência que irás viver esta noite não te desagradará. Despe o casaco.

Ela obedeceu. Os seus olhos começavam a habituar-se à escuridão e conseguiu ver-lhe o rosto, ainda mais brutal do que nas ocasiões anteriores, enquanto as mãos dele lhe percorriam o corpo.

— Como não me deixaste tratar-te como a uma verdadeira dama ao convidar-te para jantar, trato-te como aquilo que realmente és. O que é isso?

Empurrou-a contra a parede ao constatar que aquele não era o verdadeiro cabelo da Amelia.

— Vesti-me para ti, para estar à altura das tuas expectativas — explicou ela. Ele ia acender a luz, mas ela apertou-o contra si e beijou-o. Enquanto o Jürgens continuava a percorrer-lhe o corpo com as mãos, tentando despir-lhe a camisa, a Amelia deslizou uma das suas mãos entre as pernas dele e acariciou-o, o que pareceu deixá-lo tão excitado como um cão com cio. Com a mão que permanecia livre, procurou então a pistola que trazia escondida.

— Queres que te possua já? Estás a preparar-te sozinha? — disse ele, soltando uma gargalhada ao observar que ela tinha uma mão debaixo da saia. A Amelia sorriu-lhe e pediu-lhe que a beijasse. Era o que ele ia fazer, mas ela não lhe deu tempo. Demorou um mero segundo a aperceber-se do cano frio da pistola pressionado contra o seu ventre, bem como da intensa dor que lhe trespassou as entranhas. Caiu ao chão, arrastando a Amelia consigo, apertando o corpo dela como se pretendesse levá-la com ele.

Ela conseguiu libertar-se e procurou um interruptor. Assim que o quarto ficou iluminado, viu o Jürgens estendido sobre a alcatifa» com um trejeito de surpresa no rosto. Tinha as mãos sobre o ventre, ainda não estava morto.

— Vou matar-te — conseguiu ele ainda dizer com voz sumida.

Ela assustou-se, pensando que talvez ainda lhe restariam forças para cumprir tal ameaça, e procurou alguma coisa para terminar a tarefa, dado que temia disparar novamente. Ainda que o som seco do primeiro disparo pudesse ser confundido com o saltar da rolha de uma garrafa de champanhe, não poderia justificar o segundo, no caso de alguma empregada bater à porta para averiguar o que se passaria. Aproximou-se da cama e pegou na almofada, posto o que se ajoelhou ao lado dele, observando como a vida se lhe esvaía do corpo; depois, tapou-lhe a cabeça com a almofada, apertando-a com todas as suas forças para o sufocar e impedir de respirar. Durante alguns minutos que lhe pareceram eternizar-se, ele esbracejou em vão, tentando libertar-se daquela mordação. Depois, todo movimento cessou. Quando se certificou de que estava morto, a Amelia retirou a almofada e contemplou o rosto do Jürgens. Colocou uma mão à frente da boca dele, para comprovar se ainda respiraria. Estava definitivamente morto. Foi então que ouviu pancadas secas na porta. Levantou-se e aproximou-se; sem abrir a porta, perguntou quem era. Era a empregada.

— Está tudo bem? — perguntou. — Um hóspede disse ter ouvido um forte ruído proveniente deste quarto — disse a mulher.

Amelia forçou uma gargalhada.

— Estou a ver que esse hóspede não aprecia o champanhe, não te parece, querido? — disse, fitando o cadáver do Jürgens.

— Lamento, senhora, não queria incomodar-vos.

— Mas foi precisamente isso que fez, e há situações que não devem ser

interrompidas. — E voltou a rir-se.

Ouviu os passos da empregada a afastar-se da porta do quarto, depois, revistou cada centímetro da divisão. Retirou do cabelo dois dos ganchos com que havia prendido a peruca, calçou umas luvas e, com um lenço, limpou tudo aquilo em que tinha tocado. Em seguida, retirou a fronha à almofada e guardou-a na sua bolsa. Tornou a revistar o quarto, até se certificar de que não deixava qualquer indício que pudesse comprometê-la. Voltou a colocar a peruca e a prender a pistola na liga.

Esperou uma hora antes de decidir sair. Durante esse tempo, não deixou de observar o cadáver do Ulrich Jürgens, dizendo-lhe em voz baixa quanto o tinha odiado e como se sentia satisfeita por ter feito justiça. Estava surpreendida consigo própria por não sentir remorsos, talvez viesse a senti-los mais tarde, mas naquele momento o seu único sentimento era de profunda satisfação.

Quando saiu do quarto, viu um oficial que se fazia acompanhar por uma ruiva a entrar no quarto contíguo. Não olhou para eles, e eles também pareceram dedicar-lhe pouca atenção. Estavam ébrios e pareciam alegres.

Aguardou impaciente pelo elevador, apenas respirando com maior tranquilidade quando chegou à rua. Caminhou em passo calmo, convencendo-se a si própria de que ninguém conseguiria relacioná-la com aquele homicídio. Era quase uma da manhã quando regressou a casa do Vittorio, entrando muito lentamente para não acordar ninguém. Enfiou-se na cama e adormeceu de imediato, dormindo sem interrupções até altas horas da manhã seguinte. Foi o próprio Vittorio quem a despertou; parecia bastante alterado.

— Ocorreu um homicídio no Excelsior, mataram um oficial das SS.

— E que temos nós a ver com isso? — respondeu ela com suficiente desinteresse.

— Desencadearam uma rusga por toda a cidade de Roma. Nem calculas quantas pessoas foram já detidas. Há pouco, ligou a Cecilia a perguntar por ti, queria comentar a notícia contigo.

— Assim que me vestir, telefono-lhe. Combinei ir hoje almoçar a casa dela.

— Seria aconselhável não saíres daqui.

— Não deves preocupar-te tanto comigo. A Cecilia disse que viriam buscar-me no seu próprio automóvel.

— Amelia, repito que desencadearam uma rusga e que estão a proceder a muitas detenções, não é conveniente que saias de casa.

Mas a Amelia insistiu dizendo que aquele acontecimento nada tinha a ver com eles e, assim, telefonou à Cecilia para confirmar que iria almoçar com ela.

Quando chegou, o Guido estava prestes a sair.

— Não é conveniente que saiam de casa — aconselhou ele —, estão a tentar

localizar uma mulher morena, que parece ter sido quem matou o coronel Ulrich Jürgens.

— O Jürgens? — perguntou a Amelia, aparentemente surpreendida.

— Sim, é ele o oficial das SS que encontraram morto. A polícia julga que poderá ter sido uma prostituta, mas, ao que parece, nada foi roubado; portanto, para quê matá-lo? Um casal viu uma mulher morena a sair do quarto dele cerca da meia-noite.

— Mas quem se atreveria a assassinar um oficial das SS?! — exclamou a Amelia, como se, para além de assustada, estivesse também surpreendida.

— Bem... se calhar, não foi uma prostituta. Um amigo do Jürgens forneceu uma outra pista; parece que o coronel tinha marcado encontro com uma dama, alguém que não o tinha em muito boa consideração mas que, ainda assim, estaria disposta a encontrar-se com ele.

— Mas então quem poderia ser? — perguntou a Cecilia com curiosidade.

— Duvido que o coronel Jürgens tivesse muitos amigos — concluiu a Amelia.

— Tu o conhecias, no dia da festa de fim de ano vi-os conversando animadamente. Aliás, tenho de dizer-te que, quando vos vi juntos, pensei que o coronel gostava de ti.

— Que disparate! Falamos apenas do estado atual da guerra, nada mais.

O Guido deixou-as a falar sobre quem poderia ser a tal dama Misteriosa, embora ele próprio se inclinasse para a versão da polícia: o Jürgens tinha sido assassinado por uma prostituta. Talvez tivesse sido violento com ela; aquele homem podia ser temível, ele próprio ficava nervoso na sua presença.

Quando regressou a casa do Vittorio, a Amelia deparou-se com o padre Müller.

— Não te esperava aqui, Rudolf — disse-lhe, sorrindo.

— Sabes o que aconteceu?

— Suponho que vás contar-me aquilo que já toda a gente sabe: que alguém matou o coronel Jürgens.

— Pois... Amelia, perdoa-me por te perguntar isto, mas...

Ela soltou uma gargalhada, que soou a falso aos ouvidos do padre Müller, que a conhecia demasiado bem.

— Rudolf, fico feliz por esse homem estar morto, isso não posso negar.

— Vim cá porque o Marchetti me transmitiu um recado. Deseja encontrar-se contigo.

— Comigo? E por que motivo?

— Tu lá saberás daquilo que terão falado na última ocasião em que se encontraram.

— Perguntei-lhe se poderia vir a colaborar com a Resistência, se poderia assumir o lugar da Carla — mentiu.

— Talvez tenha decidido aceitar a tua oferta. Pretende encontrar-se contigo amanhã, na Igreja de São Clemente. Deverás aparecer pouco antes de fecharem a igreja.

— Lá estarei. Mas não te preocupes comigo.

— Como posso não estar preocupado!? Já perdi demasiados amigos.

— Precisamente, queria falar contigo sobre isso...

— Amelia, não te quis dizer para não te angustiar. Na verdade, foi o Max quem me pediu para não o fazer. Há alguns meses, a Gestapo deteve o professor Schatzhauser. Estava na universidade, quando irromperam pela sua sala de aulas e o levaram detido. Não voltamos a saber nada sobre ele. Também o pastor Schmidt foi detido.

— E os Kasten?

— Não, eles permanecem em Berlim, embora estejam quase a certeza sob vigilância constante da Gestapo. É do conhecimento público que eram amigos do professor Schatzhauser. Se eu regressasse, provavelmente também a mim me deteriam.

— Devias ter-me contado isso.

— Tenta perceber... o Max não quer que sofras.

A polícia apareceu em casa do Vittorio quatro dias depois, precisamente no mesmo dia em que o Max von Schumann regressou a Roma. Os agentes obrigaram a Amelia a acompanhá-los e a ser submetida a uma identificação de suspeitos. Um oficial das SS amigo do coronel Jürgens garantia que ele ia encontrar-se com a amante do barão.

Ela protestou, chegando inclusivamente a chorar, parecendo assustada; e, por mais que o Vittorio gritasse para a deixarem em paz, acabaram por levá-la com eles.

Na esquadra, deparou-se com o casal que ocupava o quarto contíguo ao do Jürgens. Observaram-na de cima a baixo, mas de imediato garantiram que não era ela a mulher com que se haviam cruzado na noite do homicídio.

— Não, não é ela — assegurou o oficial. — Essa mulher era morena.

— Tinha também madeixas caju e olhos pretos, enquanto os desta são claros — acrescentou a sua acompanhante.

— Era também mais alta — disse o oficial —, e um pouco mais cheinha.

Interrogaram-na por rotina, perguntando-lhe onde tinha estado naquela noite. Ela garantiu que não havia saído de casa do Vittorio e que a criada o poderia confirmar. Não negou conhecer o coronel Jürgens, nem sequer procurou escamotear a aversão que sentia por ele. Sabia que a polícia estava amplamente

informada sobre o que tinha acontecido em Varsóvia, pelo que seria melhor contar toda a verdade... ou quase toda.

Continuaram a interrogá-la por mais dois dias e duas noites, sem que caísse em qualquer contradição. Ao terceiro dia, o Max compareceu na esquadra para a levar com ele. Tinha suplicado ao seu general que usasse toda a sua influência para evitar que ela fosse entregue às SS. O general havia imposto uma única condição: que o relatório da Polícia determinasse claramente que não era ela a homicida.

A polícia dispunha da descrição feita pelo casal do quarto contíguo, pelo que concluiu que dificilmente a homicida podia ser a Amelia. Foi posta em liberdade. O Max aguardava-a.

— Vamos para Atenas — disse-lhe quando estavam já a caminho da casa do Vittorio.

Amelia suspirou de alívio.»

— E pronto, é tudo.

Paolo Plattini sorria satisfeito, consciente de que, durante mais de duas horas, tanto eu quanto Francesca o havíamos escutado com tanto interesse, que nem sequer tínhamos dito palavra.

— Que história fantástica! — exclamou Francesca, espantada.

— A minha bisavó é uma caixa de surpresas. Quanto mais investigo acerca da sua vida, mais espantado vou ficando — disse eu.

— Tenho uma coisa para si. — Paolo estendeu-me algumas pastas de cartão.

— Do que se trata?

— São fotocópias de primeiras páginas de jornais da época que noticiaram o assassinio do coronel das SS Ulrich Jürgens. Como poderá constatar, nos primeiros dias a imprensa informa que a assassina tinha sido uma prostituta, mas posteriormente a ação é atribuída aos partigiani. Veja aqui — disse, localizando um excerto na fotocópia de uma página de jornal. — Pode ler-se aqui que, em diversos bairros de Roma, foram distribuídos panfletos nos quais os partigiani reivindicavam o assassinio do coronel Jürgens, como retaliação pelo enforcamento de vários dos seus camaradas e da diva do bel canto Carla Alessandrini.

Não me restou outro remédio senão agradecer a Paolo Plattini por todas as informações que me fornecera, por mais aborrecido que me sentisse quando, à porta, se despediu de mim agarrado à cintura de Francesca. Iriam certamente acabar a garrafa de vinho de Barol e acordariam juntos ao amanhecer, contemplando os reflexos rosados sobre a antiga Roma.

Não obstante a hora tardia, decidi caminhar um pouco pela cidade. precisava de refletir sobre tudo quanto ouvira naquela noite. Minha bisavó revelava-se uma

mulher corajosa e imprevisível. Nenhuma das suas ações parecia coadunável com a sua verdadeira natureza. Era uma rapariga burguesa e romântica, que se deixava arrastar pelos acontecimentos, ou seria a sua personalidade efetivamente mais complexa? Surpreendia-me que tivesse sido capaz de matar um homem com tanto sangue-frio, por mais que se tratasse de um nazi repugnante. Decidi regressar ao hotel. Assim que entrei no quarto, abri a mala e procurei a fotografia de Amelia Garayoa que a tia Marta me entregara. Contemplava-a de vez em quando, tentando compreender como podia aquela jovem loura, de ar alheado e aparentemente despreocupada, ter vivido com tanta intensidade e tão perigosamente.

Naquela noite, tive dificuldade em adormecer, não apenas porque me aborrecia pensar que Paolo e Francesca estavam juntos, mas também por me sentir emocionado com o homicídio cometido pela minha bisavó.

Paolo oferecera-me o pequeno livro da autoria do tal partigiano, pelo que decidi ler um pouco, acabando por adormecer com ele na mão.

No dia seguinte, telefonei a Francesca para lhe agradecer o jantar e as informações que Paolo me proporcionara. Mostrou-se amável e carinhosa, como se se tivesse libertado de um peso ao ter deixado bem claro que nunca contemplaríamos juntos o amanhecer no seu terraço.

— O que planeias fazer agora?

— Reservei um voo para Londres.

— Vais encontrar-te com o major William Hurley?

— É isso que tenho em mente. Já te contei que, como bom britânico, que o major é, qualquer encontro com ele tem de ser agendado com bastante antecedência. Mas não posso deixar de tentar.

— O Paolo pediu-me para te dizer que continuará a investigar, talvez venha a descobrir mais alguma pista sobre a tua bisavó. Se assim for, telefonar-te-ei.

— Diz-lhe que lhe fico agradecido. Mostrou-se *molto gentile*, como os italianos costumam dizer.

— Sim, é realmente atencioso. Bem, telefona-me sempre que achares que podemos ajudar em mais alguma coisa. Ciao, caro!

Seguidamente, telefonei ao major William Hurley, que, para minha surpresa, não se mostrou tão tenso e distante como nas ocasiões anteriores.

— Ah, Guillermo, é você! Já estava a estranhar que não me telefonasse. A Lady Victoria perguntou-me por si.

— Queria saber se poderia receber-me.

— As coisas correram-lhe bem em Roma?

— Sim, colocá-lo-ei ao corrente de tudo o que pude descobrir. Marcou um encontro comigo para daí a dois dias, o que, tendo em conta a pessoa em

questão, seria equivalente a ser recebido na tarde daquele mesmo dia.

10

Chovia quando cheguei a Londres. Menos mal que não estava demasiado frio. Instalei-me no mesmo pequeno hotel das ocasiões anteriores e, depois, telefonei à minha mãe.

— Onde estás?

— Em Londres.

— Mas tinhas dito que ias para Roma!

— E estive efetivamente em Roma, mas tive de regressar a Londres.

— Guillermo, estou cansada de te repetir que estás a cometer um grande erro, que esta investigação não te conduzirá a lado nenhum. Se a mim pouco me interessa o que essa senhora fez ou deixou de fazer, e ela é minha avó, não sei por que motivo te interessa a ti. Só a minha querida irmã Marta podia lembrar-se de armar tamanha confusão em torno da nossa avó!

— E eu estou cansado dos teus sermões. Não é que me importe muito com o que possa ter feito a tua avó, ou seja, a minha bisavó, não se trata de nenhum interesse pelas origens familiares. O que está em causa é ter sido encarregado de um trabalho. Sou pago para investigar e é precisamente isso que estou a fazer; e, felizmente, já não é a tia Marta quem põe e dispõe.

— Estás a ficar obcecado com toda esta questão.

— De modo nenhum, mamãe, trata-se apenas de trabalho.

Não me atrevi a contar à minha mãe que a sua avó fora capaz de tirar a vida a um homem sem sequer pestanejar. Teria ficado desgostosa... ou talvez não; conhecendo a minha mãe como conheço, seria capaz de dizer-me que o coronel Jürgens tinha merecido a morte.

Dois dias depois, à hora marcada, oito da manhã, o major Hurley recebeu-me no seu gabinete, no Arquivo Militar. Estava de melhor humor do que eu, dada a hora matutina. Aquele homem começava a esmorecer às nove da noite, enquanto eu, opostamente, me sentia quase incapaz de falar às oito da manhã.

— O problema é que perdi o rasto à minha bisavó na Grécia.

— Na Grécia? Ah, sim, claro! Depois da estadia em Roma, a Amelia acompanhou o barão Von Schumann até à Grécia, onde tornou a trabalhar para nós. Como decerto já saberá, a perda de uma grande amiga dela, a grande diva do bel canto Carla Alessandrini, marcou tão profundamente a sua bisavó, que ela nunca voltou a ser a mesma pessoa.

Estive quase a irritar-me com o major: estava ao corrente das andanças da minha bisavó em Roma e não tinha querido ajudar-me. Recriminei-o por isso.

— Na verdade, pouco sei acerca do que aconteceu em Roma. A morte do coronel Jürgens não foi um ato planeado por nós. Tivemos disso conhecimento através da Resistência, foram eles que planearam tudo.

Vinguei-me dele ao informá-lo sobre o que acontecera realmente em Roma, deixando bem claro que tal ato não fora planeado pela Resistência, mas da exclusiva responsabilidade da minha bisavó.

— Nos nossos arquivos, consta que a agente livre Amelia Garayoa, a pedido da Resistência, executou um dos oficiais mais sanguinários das SS, o coronel Ulrich Jürgens.

— Se pretende manter-se fiel à história, acredite então no que lhe digo: a minha bisavó matou o Jürgens por sua própria conta e risco. A única coisa que a Resistência fez foi arranjar-lhe uma pistola.

Era evidente que, por mais que lhe repetisse a verdadeira versão, o major Hurley não iria alterar aquela que constava nos arquivos.

— A Amelia Garayoa partiu de Roma no início de 1944. Naquela altura, decorria em Verona o julgamento daqueles que tinham tentado derrubar o Mussolini. Todos os réus foram condenados à morte, inclusive o genro do Duce, o conde Ciano. Apenas o Tullio Cianetti conseguiu ser ilibado. A 17 de janeiro, dar-se-ia a batalha de Montecassino. Alguma vez ouviu falar dessa batalha? A 22, os aliados desembarcaram nas praias de Anzio, a sul de Roma. Vejamos... sim... sim, aqui está. A sua bisavó chegou a Atenas a 16 de janeiro, precisamente um dia antes do confronto de Montecassino. Tomamos conhecimento do assassinio do coronel Jürgens através da Resistência, pelo que não hesitamos em concluir que a Amelia Garayoa estava preparada para regressar ao ativo. Assim, em Atenas, retomamos o contato com ela.

— E foi assim tão simples?

— Não lhe disse que foi simples — reagiu de mau humor o major Hurley. — Jovem, deveria ser menos impaciente e saber ouvir, porque não disponho de tempo que possa desperdiçar.

Remeti-me ao silêncio, temendo ter desaproveitado o bom humor do major, que se mostrou então disposto a dar início ao seu relato.

"O comandante Murray recebeu um relatório no qual se referia que a Amelia Garayoa, que naquela altura colaborava com a Resistência italiana, havia assassinado em Roma um coronel das SS. O Murray ficou surpreso com tal ato da Amelia, porque, ainda que tivesse sido treinada para matar em caso de necessidade, nunca tinha pensado que ela algum dia fosse capaz disso. O seu aspeto franzino não deixava de ser enganador.

O Murray decidiu portanto voltar a solicitar a colaboração da jovem espanhola. Em Atenas, poderia vir a revelar-se muito útil, colaborando com a Resistência e remetendo relatórios acerca da situação do dispositivo militar alemão nas ilhas gregas.

O barão Von Schumann reservou dois quartos comunicantes no Hotel Grã-Bretanha. Já não era segredo para ninguém que a menina Garayoa era sua amante, mas o Schumann era demasiado cavalheiresco para exibir grosseiramente em público a relação entre ambos. O Hotel Grã-Bretanha está localizado em pleno centro de Atenas, muito próximo da Acrópole.

Amelia apreciava a visita às ruínas arqueológicas, lamentando-se em silêncio por a bandeira nazi estar hasteada sobre a Acrópole.

Max von Schumann dedicava os seus dias a visitar os diversos batalhões, diagnosticando o estado dos feridos e determinando as necessidades médicas. Depois, redigia longos relatórios que enviava para Berlim, sabendo que apenas uma pequena parte das suas exigências seria satisfeita.

Aquilo de que a Amelia não suspeitava, bem como nenhum dos oficiais hospedados no Hotel Grã-Bretanha, é que um dos empregados que servia no bar era agente britânico.

O seu nome de código era "Dion". Ainda hoje, o seu verdadeiro nome permanece confidencial.

O Dion falava fluentemente inglês e alemão. O seu pai era grego, tendo trabalhado na embaixada britânica. Aí, tinha conhecido uma jovem, a criada pessoal da embaixadora. Apaixonaram-se, casaram e tiveram um filho. Quando o embaixador inglês foi colocado noutra posto, a jovem criada optaria por permanecer em Atenas com o marido. Competente como era, facilmente viria a encontrar trabalho na casa de um historiador alemão que passava longas estadias em Atenas. Devia ser boa pessoa, porque permitia-lhe levar com ela para o trabalho o pequeno Dion, ao qual, nos seus tempos livres, ele próprio se entretinha a ensinar-lhe alemão. E foi assim que o Dion veio a dominar idiomas tão preciosos para a sua atividade. Ouvia as conversas dos hóspedes sem demonstrar qualquer indício de estar a entendê-los. Isso levava-os a falar sem restrições, confiantes de que ninguém os compreenderia.

Pouco depois de a Amelia e o barão terem chegado a Atenas, o Dion, num

dos seus relatórios, reproduziu uma das conversas que lhes ouviu.

— A guerra não está a correr-nos de feição — disse o Max a Amelia.

— Vencerão os Aliados? — perguntou ela, sem ocultar que esse era o seu desejo.

— Não te apercebes do que isso pode representar?

— Sim, o fim do Terceiro Reich.

— Os britânicos deveriam começar a preocupar-se com os russos. Somos nós os seus aliados naturais contra o Stalin. Temos de chegar a acordo.

— Não digas disparates! Sabes perfeitamente aquilo que penso do Stalin, mas nesta guerra... acabou por tomar a decisão correta, ao fazer face à Alemanha.

— O que ele pretende é expandir o comunismo a toda a Europa. É isso que queres?

— Aquilo que não suporto é a hegemonia do Terceiro Reich. Isso é que eu não quero.

— Temos de pensar no dia de amanhã. O Hitler não passa de um obstáculo circunstancial, conseguiremos livrar-nos dele.

— Quando, Max? Quando? Nem tu nem os teus amigos se decidem por fazer alguma coisa.

— Não é verdade! Sabes perfeitamente que isso não corresponde à verdade. Mas não poderemos fazer nada sem contar com o apoio de determinados generais ou, caso contrário, conduziríamos o país a uma tragédia de ainda maiores dimensões.

— E alguns desses generais têm medo de se comprometerem, enquanto outros, por seu lado, são nazis fanáticos. Entretanto, tu preocupas-te com aquilo que o Stalin poderá fazer no futuro. Sabes uma coisa? Apesar de não gostar nada do Stalin, neste momento considero-o uma bênção.

— Não digas isso, Amelia! Por favor, não digas isso.

Certa tarde, enquanto a Amelia aguardava pelo barão Von Schumann no bar do hotel, o Dion aproximou-se dela e fingiu querer servi-la.

— Um amigo seu de Londres gostaria que a senhora fizesse uma visita à catedral.

Ela ficou nervosa, mas depois conseguiu conter-se.

— Como diz? Não sei ao que se refere.

— Confie em mim. Tenho notícias para si da parte do comandante Murray.

Ao ouvir aquele nome, a Amelia tranquilizou-se.

— E quando devo ir? — perguntou ao empregado.

— Amanhã, um pouco antes das onze horas.

— Você...

— Já falamos o suficiente.

No dia seguinte, dirigiu-se então à catedral ortodoxa de Atenas. Ia caminhando lentamente, observando as pessoas à sua volta. Os gregos mostravam-se pouco amistosos face aos ocupantes e, para onde quer que ela olhasse, apenas via rostos hostis.

Muitos oficiais tinham sido hospedados em casas de atenienses, obrigados assim a assumir o papel de anfitriões das forças ocupantes.

Ela contemplava os ícones da catedral quando sentiu atrás de si uma respiração masculina.

— Bom dia, aprecia os nossos ícones? — perguntaram-lhe em inglês.

Voltou-se e deu de caras com um pope, um homem alto, com barba negra e olhos cintilantes, o cabelo apanhado em rabo de cavalo.

— Bom dia. Sim, surpreendem-me e agradam-me bastante, são muito diferentes das pinturas religiosas católicas.

— Este é São Nicolau — disse ele, apontando para uma das imagens. — Poderá encontrá-lo em todas as nossas igrejas. E este é um ícone de São Jorge; mas repare naquele mais além, o da Virgem e do Menino, que é uma verdadeira preciosidade.

A catedral estava quase vazia, apenas se vendo algumas mulheres que se benziavam antes de acenderem uma vela e de a pousarem numa das plataformas colocadas abaixo dos ícones.

— Para além da arte, também se interessa pela Justiça e pela Verdade? — indagou o pope com voz rouca.

Amelia tentou disfarçar a surpresa perante semelhante pergunta.

— Obviamente que sim — respondeu.

— Assim sendo, talvez tenhamos alguns amigos em comum.

— O senhor me dirá — murmurou ela.

— Acompanhe-me para falarmos.

Seguiu-o até ao exterior da catedral. Fazia frio, mas isso não parecia afetar o pope. Ela estremeceu.

— Colaboramos com amigos seus de Londres, que me mandam perguntar-lhe se está interessada em regressar ao ativo. O comandante Murray felicita-a pela sua proeza em Roma.

— A minha proeza em Roma? — A Amelia sobressaltou-se.

— É a mensagem que tinha para lhe transmitir, nada mais sei.

— Quem é o senhor?

— Pode tratar-me por Yorgos. Não apreciamos nada a ocupação alemã. Os gregos sempre lutaram contra os povos invasores. Pergunte ao Xerxes ou ao Dario.

— Quem?

O pope riu-se por ter conseguido surpreendê-la.

— Derrotamos os persas quando eram um grande império. Já alguma vez ouviu falar do que aconteceu na Batalha das Termópilas? Um pequeno exército, liderado por um rei espartano, de nome Leônidas, enfrentou o colossal exército persa. O rei persa exigiu a rendição ao Leônidas, mas, graças à recusa do monarca espartano e ao fato de ter suportado aquela investida militar, os gregos conseguiriam depois derrotar os persas na Batalha de Salamina. Não sobreviveu um único espartano. Se não tivéssemos vencido em Maratona ou sem o sacrifício nas Termópilas, a senhora estaria hoje coberta com um véu preto e rezaria voltada para Meca.

— Vejo que sente orgulho em ser grego.

— O Ocidente deve à Grécia aquilo que é.

— Nunca tinha pensado no assunto dessa forma.

— Talvez porque não conhece a história. Mas responda-me: está disposta a voltar a trabalhar para os seus amigos e para nós?

— Estou.

Ficou surpreendida consigo própria pela determinação com que respondeu. Talvez estivesse consciente de que, ao ter matado o coronel Jürgens, tinha dado um passo rumo a terreno desconhecido. Perguntava-se ainda por que motivo não sentia quaisquer remorsos, porque e que o rosto do Jürgens não a atormentava, e porque lhe apetecia rir Sempre que se recordava de como o tinha matado.

— Talvez não voltemos a a encontrar-nos... ou talvez sim. Dirija-se amanhã à zona de Monastiraki. Procure um pequeno café chamado Acrópole, onde será aguardada por alguém.

— Quem?

— O proprietário, chama-se Agamenon. Será ele quem lhe fornecerá instruções. Agora, convém despedirmo-nos, eu gesticularei como se estivesse a dar-lhe uma direção. Se precisar de entrar em contato comigo, pode encontrar-me na catedral; costumo passar por cá algumas manhãs, ainda que nem sempre. Mas nem sequer pense na possibilidade de perguntar por mim!

— Mas... o senhor é realmente pope?

— Um homem que dedica a sua vida a Deus tem de combater o Diabo.

Agora, vá-se embora.

Sentiu uma alegria íntima por o comandante Murray não lhe guardar rancor por ter abandonado o serviço na sequência daquilo que tinha acontecido na Polônia. Ela tinha garantido à senhora Rodríguez, a agente do Murray em Madrid, que nunca mais se envolveria em ações de espionagem. Contudo, ter matado o coronel Jürgens fez com que ganhasse a coragem de que necessitava

para continuar a combater na sombra. Dizia a si própria que não podia deixar de o fazer, perante a maldade que a rodeava. Sempre que se recordava do sucedido na Polônia ou da execução da Carla, sentia uma raiva profunda e desejava matar todos aqueles que estavam a disseminar o mal.

Naquela tarde, o barão Von Schumann achou-a distraída, como se não encontrasse realmente interesse em tudo o que ele lhe contava. Ela tentava evitar olhar para o Dion, mas não conseguia deixar de lhe dirigir olhares de soslaio. Era por demais evidente que trabalhava para o comandante Murray. Riu-se de si própria ao aperceber-se de que o comandante nunca tinha tido realmente a intenção de deixá-la abandonar os serviços: não só havia pedido à senhora Rodríguez para falar com ela em Madrid de modo a saber como estava, como conhecia perfeitamente todos os passos que a Amelia dava.

— Amanhã, irei passear pelo bairro de Plaka — informou ao barão.

— Lamento não poder passar mais tempo contigo, mas amanhã tenho de viajar para Salônica, onde permanecerei três ou quatro dias. ficarás bem sozinha?

— Claro que sim!

— Por favor, Amelia, sê discreta. Depois do que aconteceu em Roma, tenho a certeza de que desconfiam de ti.

— Não tive nada a ver com aquilo que aconteceu ao Jürgens, a polícia ilibou-me de qualquer suspeita.

— Mas o tal amigo do Jürgens insiste em afirmar que o coronel tinha encontro marcado contigo.

— Achas que eu me teria encontrado a sós com esse homem?

— Não, não me parece, mas...

— És tu quem tem de confiar em mim...

— Tenho também outra coisa para te dizer... espero que não fiques aborrecida.

— Envolve a Ludovica?

— Sim... mas como sabes?

Amelia remeteu-se ao silêncio, esperando que ele continuasse a falar. Não sentia ciúmes da Ludovica, sabia ser a única mulher que o Max von Schumann realmente amava.

— Assim que tomou conhecimento de que eu estava na Grécia, decidi viajar até cá. Pedi-lhe para não o fazer, para não submeter o nosso filho aos rigores de uma viagem em tempo de guerra, mas não sei se me dará ouvidos.

— Tratando-se da Ludovica, deve estar prestes a chegar.

— Prometi-lhe que, caso não viesse, iria eu vê-los a Berlim, a ela e ao Friedrich.

— Sentes a falta do teu filho, não é assim? O Friedrich já está com três anos, não é?

— Tem quase quatro, e poucas vezes me viu desde que nasceu, mas amo o meu filho de todo o coração, tal como tu amas o teu.

— Sim. Não há um único dia em que não me lembre do Javier.

— Bem, não fiquemos melancólicos. De qualquer modo, gostaria que permanecesses atenta no caso de a Ludovica aparecer.

— Da última vez que a vi, estava na companhia do Ulrich Jürgens, no átrio do hotel em Varsóvia. Pareciam dar-se bem.

— Não pensemos na Ludovica. E que tal se hoje fôssemos jantar a outro sítio, fora do hotel?

Amelia sorriu para não deixá-lo preocupado, mas, depois de terem falado dos filhos, e de se ter recordado do Javier, sentia-se agora triste.

Não ousou perguntar ao Dion onde se localizava o tal café a que o pope se havia referido. Sabia que não devia mostrar qualquer familiaridade com aquele homem, o que colocaria os dois em perigo, e portanto saiu do hotel com tempo suficiente para ir caminhando até ao bairro de Plaka e deixar o olhar espraiair-se até ao Pártenon, que se definia majestosamente no alto da Acrópole. A suástica ondeava nas alturas, não obstante um qualquer patriota grego escalar todos os dias o rochedo sagrado numa tentativa de substituí-la pela bandeira grega. Alguns tinham conseguido, ainda que pagando tal façanha com a própria vida.

Amelia estava surpreendida com o patriotismo dos gregos, tendo chegado a invejá-los. Recordou com raiva o fato de, em Espanha, o Franco qualificar de antipatriotas todos aqueles que haviam combatido pela facção republicana, dizendo para si própria que preferiria ser antipatriota do que corresponder à definição de patriota defendida pelo Franco. Foi embrenhada nestes pensamentos que chegou à zona de Monastiraki e, percorrendo as ruas, sem pedir qualquer orientação, encontrou o velho café.

Por trás de um minúsculo balcão atendia um homem que, naquele momento, estava a servir um espesso café a um cliente habitual. Observou-a sem demonstrar qualquer curiosidade, enquanto ela esperava que terminasse de servir o café.

— É este o café do Agamenon? — perguntou-lhe, quando ele quis saber o que queria ela tomar.

— É.

— Um pope meu amigo pediu-me para vir aqui.

O homem fez-lhe sinal para que o seguisse, e ela seguiu-o por trás do balcão, onde uma cortina dividia em duas a pequena divisa onde se encontravam armazenados caixotes e garrafas. Mal cabia no sítio.

— Os seus amigos de Londres — disse o homem, falando em inglês — pretendem que lhes envie todos os documentos a que consiga aceder: planos, movimentações de tropas, qualquer coisa suscetível de poder interessar-lhes.

— Apenas isso?

— Para já, é isso que pretendem. Tome, deram-me isto para lhe entregar. É uma microcâmara. Neste envelope, encontrará todas as chaves e códigos para cifrar as mensagens. Tenha cuidado.

— Onde deverei entregar os rolos e relatórios?

— Aqui, apenas deverá vir no caso de não poder dá-los ao Dion. Também pode dirigir-se à catedral, onde o pope costuma ir de quando em quando.

— O que mais pretendem em Londres?

— Que colabore connosco. Dada a sua relação com o tal alemão, poderá ser-nos de grande utilidade.

— De acordo.

— Talvez venhamos a precisar de si dentro em breve para uma operação.

— Vire-se, por favor — pediu ela ao homem.

Ele obedeceu, posto o que ela ocultou a câmara no sutiã. Depois, despediram-se.

Assim que regressou ao hotel, entrou no quarto do Max. Comunicava com o seu, de maneira que não teve qualquer dificuldade em fazê-lo. Procurou no armário, nada mais encontrando do que a roupa do barão; procurou também na secretária, onde continuou a não encontrar nada de interessante. Teria de aguardar pelo seu regresso para fotografar os documentos que guardasse na sua pasta. Já o havia feito em Varsóvia. Contudo, como ansiava por recomeçar a trabalhar, escreveu um relatório no qual sintetizava todas as conversas que tinha travado com o barão acerca do rumo da guerra, incluindo informações que pensava poderem ser de interesse estratégico para Londres. Ansiava por tornar a sentir-se útil.

Max telefonou-lhe de Salônica e informou-a de que passaria dois dias em Berlim.

— Lamento, mas ordenaram-me que me apresentasse no quartel-general. Ao que parece, os meus relatórios não lhes agradam, dizem que sou pessimista. Suponho que terei de dourar a realidade para não me considerarem um empecilho. Quanto a ti, sê prudente.

Ela começava a sentir-se incomodada por o Max lhe aconselhar insistentemente prudência. Mas não podia recriminá-lo por isso, pois nunca tinha deixado de acreditar nela, nunca se mostrava desconfiado, apesar das evidências.

Até ao regresso do barão, a Amelia dedicou o tempo a familiarizar-se com a cidade. Caminhava incessantemente, perdendo-se pelas labirínticas ruas de

Atenas.

Certa tarde, ao regressar de um dos seus passeios, o recepcionista informou-a de que o barão Von Schumann estava no bar do hotel, na companhia de outros dois cavalheiros.

Ela dirigiu-se de imediato para lá, uma vez que sentia bastante a sua falta. O Max conversava alegremente com o seu intendente, o comandante Hans Henke, e com outro oficial que ela não conhecia. Envergava o uniforme da marinha.

— Ah, querida, finalmente chegaste! — exclamou ele, não ocultando a sua satisfação por a ver. — Conheces já o nosso querido amigo, o comandante Henke, mas permite-me apresentar-te o capitão de corveta Karl Kleist.

O oficial inclinou-se perante ela, beijando-lhe a mão. A Amelia não pôde deixar de reconhecer que se tratava de um homem muito atraente.

— Queria muito conhecê-la, menina Garayoa.

— O capitão Kleist foi-nos de uma grande ajuda em Varsóvia. Fez os impossíveis para... bem, para que conseguíssemos a tua libertação de Pawiak — disse o Max, pouco à vontade.

— Não recordemos situações desagradáveis! Estamos em Atenas! Desfrutemos do privilégio de contemplar o Pártenon — interrompeu-o o capitão Kleist — e, por favor, trate-me por Karl. Espero que possamos vir a ser amigos.

— Muito obrigada — respondeu ela, sorrindo.

Seguidamente, tornaram a embrenhar-se na conversa que tinham antes da sua chegada. Por aquilo que conseguiu compreender o oficial da marinha viajava com alguma frequência para a América do Sul. A determinada altura, referiu-se a uma viagem recente a Espanha, mais concretamente a Bilbao, e ela não pôde deixar de se mostrar interessada.

— Conhece Espanha?

— Sim, conheço o seu país e gosto muito dele. O seu apelido é basco, não é assim?

— Sim, o meu pai era basco.

— Tenho bons amigos nessa região.

Amelia nada mais perguntou. Sabia que a forma mais eficaz de obter informações era ouvir, deixar que os homens falassem quase se esquecendo da sua presença. Mas o Kleist era um profissional demasiado experiente para cometer erros e confiar numa estranha, por mais que ela pudesse estar em dívida para com ele por ter ajudado o barão Von Schumann a libertá-la de Pawiak.

Teve de esperar por estar a sós com o Max, na intimidade noturna, para conhecer com maior precisão as atividades do capitão Kleist.

— É um bom soldado. Não concorda com aquilo que está a acontecer... bem... sempre se mostrou leal ao almirante Canaris e ao capitão Oster.

— Todavia, como todos os outros, obedece a ordens, não é?

— Já falamos sobre isso em outras ocasiões — reagiu ele com um gesto de cansaço.

Amelia refletiu. Aquilo que menos lhe interessava naquele momento era uma discussão com o Max: precisava de informações.

— Tens razão, perdoa-me. O que faz exatamente o capitão Kleist?

— Então, Amelia! Não posso acreditar que não te tenhas apercebido!

— Trabalha para os serviços secretos?

— A missão dele passa por arranjar matérias-primas na América do Sul, sem as quais a Alemanha teria uma dificuldade acrescida em Prosseguir com esta guerra: platina, zinco, cobre, madeira, mica...

— Desconhecia que a Alemanha necessitava de matérias-primas da América do Sul; sempre pensei que os países da região fossem muito pobres.

— Não, não são pobres, mas têm o azar de contar com governos corruptos. Não me parece que tenham saído a ganhar ao deixarem de ser colônias.

— Possuirão decerto muitas matérias-primas, tal como afirmas, mas, para a Espanha, as colônias representavam um grande custo — disse ela, apenas para alimentar a conversa.

— Mas são países ricos, Amelia, muito ricos mesmo. Possuem cobre, petróleo, pedras preciosas, madeira, zinco, quinino, antimônio, platina, mica, quartzo e, inclusivamente, exportam fígado.

— Fígado? Não percebo...

— Estava precisamente a pedir ao Kleist que fizesse tudo o que estivesse ao seu alcance para nos enviar mais. Nunca te falei disso? Com extrato de fígado, conseguimos produzir um tônico, um revigorante especial para as tropas de choque e para as tripulações dos submarinos. Talvez devesse dar-te um frasco a ti.

— Que nojo! Não gostaria nada de beber um tônico de fígado.

— Contudo, é um revigorante muito eficaz, oxalá pudéssemos dispor de extrato de fígado suficiente para fabricar o tônico com vista a abastecer todo o exército! Garanto-te que é muito eficaz no combate ao cansaço e no fortalecimento dos homens.

— E a platina? Para que fim pretendem a platina? Não quero acreditar que, em tempo de guerra, estejam preocupados em fornecer platina aos ourives. Nesta altura, quem tem dinheiro para comprar joias?

— A platina tem outras utilidades, para além de ser usada no fabrico de anéis ou de colares — respondeu o Max a rir-se. — É utilizada na produção de ácido nítrico, de sistemas de aquecimento, no fabrico de fibras, de lentes óticas... Mas não vou aborrecer-te com uma lição de química acerca das propriedades da

platina. O Karl Kleist contou-nos uma situação bastante divertida acerca do contrabando de platina. Alguns marinheiros que trabalham para nós nos navios mercantes espanhóis fabricam aros de metal, posteriormente usados para reforçar arcas de madeira, baús e algum mobiliário. No entanto, em vez de outros metais, usam platina, que depois pintam de preto para a dissimular. Assim, quando o barco é submetido a inspeção britânica na ilha de Trindade, ninguém se apercebe de que aquelas ferragens são, na verdade, de platina.

— Tão engenhosos que os meus compatriotas são!

— Sim, são mesmo.

— E o capitão Kleist encarrega-se de organizar todo esse contrabando.

— Exatamente, para além de ser um bem-sucedido homem de negócios.

Montou empresas na América do Sul para garantir o fornecimento das tais matérias-primas. É um homem de grande valor, são muitas as vidas que dele dependem.

Subitamente, o Max silenciou-se, estacando frente à Amelia e fitando-a com uma certa perturbação.

— O que se passa, Max? Porque me olhas desse modo?

— Quero que... peço-te que não me mintas...

— Mentir-te? E porque havia de fazê-lo? Não sei ao que te referes...

— Continuas a manter contatos com... com os britânicos?

— Meu Deus, Max! Sabes perfeitamente que os meus contatos com os britânicos se deviam unicamente à relação que mantinha com o Albert James, e mais não fiz do que limitar-me a transmitir-lhes as preocupações do grupo que integravas antes da guerra. E, caso estejas interessado em saber, posso dizer-te que não tornei a ver o Albert James.

— Mantinhas boas relações com o Lorde Paul James, e ele é um homem-chave no Almirantado.

— Fico surpreendida, Max. Um homem inteligente como tu deveria saber que a confiança que o Lorde Paul James depositava em mim tinha unicamente por base a minha relação com o Albert. De qualquer modo, a tua desconfiança ofende-me.

Voltou-lhe as costas, esperando ter sido convincente. Custava-lhe mentir a Max von Schumann, por quem estava apaixonada, e, se agia nas suas costas era por estar convencida de que ele desejava o mesmo que ela: o fim da guerra, a derrota do III Reich, uma nova Europa, na qual os Aliados derrubariam Franco para que na Espanha a República pudesse ser restaurada. Convencia-se de que o enganava para seu próprio bem, como se de uma criança se tratasse. O Max atinha-se rigidamente ao seu código de honra e, por muito desprezo que sentisse pelo Hitler, nunca se envolveria em qualquer ação que pudesse prejudicar a

Alemanha. Ela não pensava do mesmo modo: trairia mil vezes a Espanha de Franco se isso contribuísse para derrubar o ditador. Era a sua forma de conceber a lealdade para com o seu país, e para com as ideias que tinham levado o seu pai ao muro de fuzilamento.

— Lamento, Amelia, não pretendia ofender-te.

— Nunca trabalhei para os britânicos, Max, nunca. Fui uma simples mensageira, tendo tirado proveito da minha relação com o Albert para vos ajudar, a ti a e aos teus amigos, durante os meses que antecederam a guerra. Inclusivamente, tu próprio foste a Inglaterra para te encontrares com o Lorde Paul. Não tens qualquer motivo para me recriminar.

Ele abraçou-a e pediu-lhe perdão. Estava tão profundamente apaixonado por ela, que seria incapaz de lhe ler nos olhos a mais evidente das mentiras.

Nos dias que se seguiram, a Amelia foi obtendo mais informações provocando conversas com o Max e também com o seu ajudante, o comandante Hans Henke, que parecia sentir uma profunda admiração pelo capitão Karl Kleist, o qual havia deixado a Grécia para se instalar em Espanha, contando com numerosos colaboradores entre os tripulantes da marinha mercante espanhola.

— E os espanhóis estão abertos a colaborar diretamente com... com a espionagem alemã? — perguntou-lhe ela com uma certa ingenuidade.

— Muitos fazem-no por dinheiro; outros por afinidade ideológica, complementada com uma boa retribuição financeira. Não julgues que é fácil. Entre os tripulantes dos navios mercantes espanhóis ha muitos bascos que colaboram com o *lehendakari* Aguirre, que está exilado em Nova Iorque.

— E o que fazem esses tripulantes que colaboram com o Aguirre?

— O mesmo que os outros: espiam, passam informações aos Aliados acerca do carregamento do navio ou dos passageiros a bordo, identificam os tripulantes que julgam que trabalham para nós, qualquer coisa que possam considerar de interesse para a sua causa.

— Portanto, os navios mercantes espanhóis são um ninho de espões — concluiu a Amelia.

— Mais ou menos.

— E os marinheiros bascos colaboram com o *lehendakari* Aguirre.

— Nem todos, alguns trabalham para nós. Seu *lehendakari* colocou o serviço de informações do seu partido, o PNV, às ordens dos Aliados, na esperança de, no caso de estes vencerem a guerra, virem a retribuir devidamente reconhecendo a independência do País Basco.

Através do Dion, a Amelia enviou diversos relatórios para Londres. Não se revelava fácil entregá-los, dado que todo o estado-maior alemão se encontrava hospedado no Hotel Grã-Bretanha. Em determinada ocasião em que o Dion se

viu obrigado a faltar ao trabalho durante três dias devido a uma gripe, não lhe restou outra opção senão dirigir-se à catedral à procura do tal pope que dizia chamar-se Yorgos. No primeiro dia, não teve sorte, mas no segundo pôde então entregar-lhe um extenso relatório, para além de fotografias de documentos relativos às posições das forças alemãs em Creta, documentos que o Max tinha em seu poder.

Contudo, não estava de todo preparada para a nova missão que o comandante Murray tinha planeado.

O Dion comunicou-lhe que deveria encontrar-se de imediato com o Agamenon: Londres enviava-lhe instruções específicas.

Ainda não tinha voltado à zona da Acrópole. O próprio Agamenon lhe havia recomendado para não o fazer, a não ser quando estritamente necessário, mas parecia que essa ocasião tinha chegado.

Fazia frio e chuviscava, pelo que aconchegou o casaco o melhor que pôde e cobriu a cabeça com um lenço.

— Está a pensar sair, menina? — preocupou-se o porteiro do hotel. — Com este tempo?

— Estou farta de ver a chuva cair através da janela do meu quarto. Um passeio far-me-á bem.

— Irá molhar-se... — insistiu ele.

— Não se preocupe, nada me acontecerá.

Não se dirigiu diretamente à zona de Monastiraki, tendo antes passeado sem rumo definido por Atenas, numa tentativa de despistar alguém que pudesse tê-la seguido. Quando se certificou de que isso não acontecia, caminhou então até ao bairro de Plaka e desceu pelas suas ruelas até chegar à zona de Monastiraki. Chovia intensamente, de maneira que ninguém se surpreenderia ao vê-la procurar abrigo naquele minúsculo estabelecimento.

O Agamenon estava atrás do balcão e olhou para ela sem parecer conhecê-la. Dois homens estavam sentados a uma mesa a jogar gamão, enquanto outro, apoiado no balcão, parecia ensimesmado, bebendo ouzo, o anis local.

— O que deseja? — perguntou o Agamenon.

— Calhava bem um café, está a chover a potes e fiquei encharcada.

— Há dias em que é melhor não sair de casa, e este é um desses dias — retorquiu o Agamenon.

Amelia bebeu o café e aguardou que ele lhe fizesse algum sinal para falar com ela. Contudo, o homem parecia concentrado em alinhar copos e chávenas atrás do balcão, não lhe prestando atenção.

— Parece que está a parar de chover — disse ela enquanto pagava o café.

— Sim, mas faria bem em regressar a casa, porque tornará a chover — disse

o homem.

Ela saiu sem lhe pedir qualquer explicação. Se tinha dado sinais de não a conhecer, seria certamente por uma boa razão. Regressou ao hotel e deparou-se com o Max de mau humor.

— Tenho de ir a Creta.

— Quando? — perguntou ela, com ar desgostoso. — Posso ir contigo? — acrescentou.

— Ainda não sei quando vou, mas não é aconselhável que me acompanhes. A Resistência grega está a dar-nos luta. Há muitas baixas. Além do mais, estão a receber apoio dos ingleses; fornecem-lhes armas e tudo quanto necessitam. As coisas não estão a correr bem.

— Gostaria tanto de ir a Creta... — A Amelia exibiu o seu melhor sorriso, mostrando-se bajuladora.

— E eu gostaria imenso que pudesses vir comigo, mas não sei se conseguirei a devida autorização, veremos isso a seu tempo. Provavelmente, quem acabará por me acompanhar será o capitão Kleist.

— O Kleist? Não me disseste que estava em Espanha?

— Mas talvez regresse a Atenas dentro de alguns dias. É especialista em informações navais e o alto-comando requer a sua presença em Creta. Parece impossível, mas os submarinos britânicos têm-se aproximado da costa cretense com total impunidade.

Amelia ouviu-o pacientemente, sem conseguir deixar de pensar no motivo que teria levado o Agamenon a fingir não conhecê-la. Foi apenas no dia seguinte que o Dion, murmurando entre dentes, lhe forneceu uma explicação.

— Um dos homens que estava no bar era alemão.

— Suspeitam do Agamenon?

— Talvez suspeitem de si. Devemos ser cautelosos. Amanhã, terá de comparecer a uma cerimônia religiosa que terá lugar na catedral; haverá muita gente, e encontrar-se-á aí com o pope, que lhe transmitirá as ordens de Londres.

— E porque não pode ser o senhor a fazê-lo?

— Cada um desempenha o seu papel. A senhora deverá limitar-se a desempenhar o seu.

Max estranhou quando a Amelia o informou de que ia à catedral.

— Outra vez? Estarás a pensar converter-te?

— Converter-me?

— Sim, abandonares o catolicismo e abraçares a fé ortodoxa.

— Claro que não! Mas confesso-te que as cerimônias deles me fascinam, aquele intenso cheiro a incenso, os ícones... não sei porquê, Mas sinto-me bem nas suas igrejas.

— Sê prudente, Amelia, chegou a Atenas uma pessoa que pode Prejudicar-te. Ela sobressaltou-se, ainda que tenha tentado não revelar qualquer nervosismo.

— A mim? E por que motivo? Ignoro quem possa ser...

— Trata-se do coronel Winkler, um oficial das SS que era amigo do coronel Ulrich Jürgens. Continua convencido de que estiveste envolvida no homicídio do Jürgens.

— Tu próprio me disseste que os partigiani italianos reivindicaram o atentado e, como sabes perfeitamente, em Roma eu não lidava de perto com os partigiani — disse em tom de brincadeira.

— O Winkler acha que foste tu a mulher que assassinou o Jürgens, e ninguém conseguirá convencê-lo do contrário.

— Quando chegou ele a Atenas?

— Há alguns dias, mas apenas ontem tomei conhecimento.

— Porque não me disseste nada?

— Não queria preocupar-te, ainda que, na verdade, ambos devêssemos estar preocupados. Tive alguns confrontos com as SS devido à sua escassa colaboração em alguns assuntos relacionados com as minhas funções, mais concretamente com os aprovisionamentos médicos de que os nossos homens necessitam. Confiscam-nos para si próprios. Também não permitem que os nossos médicos administrem medicamentos aos prisioneiros. Rogo-te que tentemos passar despercebidos, tanto para o teu bem quanto para o meu.

— Não me parece que ir à catedral possa comprometer-nos. Que mal poderá haver nisso?

— Tem cuidado, Amelia, o Winkler servir-se-á da mínima desculpa para te mandar prender.

Ela saiu, preocupada e assustada com o que acabava de ouvir. Seria Winkler o tal alemão que estava no café? Teria ele ordenado que fosse seguida?

Quando chegou à catedral, deparou-se com tanta gente, que teve de abrir caminho até ao interior. Perguntou-se se o Winkler poderia ter enviado algum dos seus homens no seu encalço. Ocultou-se atrás de uma coluna, esperando que fosse o pope Yorgos a vir ter com ela. Um grupo de mulheres tentava arranjar lugar no preciso local onde ela se encontrava, fazendo-a sentir-se muito mais segura. Concentradas e ensimesmadas, rezavam com grande devoção. Alguma delas seria traidora? Descartou de imediato tal ideia ao recordar aquilo que o pope lhe havia dito no dia em que se tinham conhecido: os gregos conseguem sempre vencer os invasores, por mais fortes e poderosos que estes possam ser.

A cerimônia decorria sem que ela prestasse qualquer atenção. Sentia-se nauseada devido ao intenso cheiro a incenso. Não percebeu como, mas

subitamente viu o pope a seu lado.

— Não dispomos de muito tempo, ainda que estas boas almas nos proporcionem cobertura — disse, referindo-se às mulheres apinhadas em redor deles.

— O que se passa?

— Londres quer o capitão Kleist.

— Querem-no? Não percebo...

— Sim, querem apanhar o capitão Kleist e a senhora deverá ajudá-los.

— Mas como?

— Ele conhece-a e confiará em si. Servirá de isco para que depois os nossos amigos britânicos possam capturá-lo. É um homem inteligente e desconfiado, sabe demasiado; para além de zelar bastante pela sua própria segurança, também a Abwehr zela por ele. Terá de se deslocar a Espanha.

— A Espanha? Mas que justificação posso dar?

— É lá que vive a sua família, não é verdade? Parece-me uma justificação mais do que suficiente. Será mais fácil fazê-lo lá do que aqui. Mas é preciso agir com rapidez. Ao que parece, o capitão irá regressar à Grécia, requerem a sua presença em Creta. Os alemães estão a sofrer muitas baixas na ilha e não estão a ser capazes de travar os submarinos e embarcações que transportam armas para a Resistência.

— Quando teria de partir?

— Se possível, amanhã. Peça ao barão que torne isso possível, ele há de conseguir arranjar maneira.

Esperou pelo fim da cerimônia, ainda que, muito antes disso, o pope tivesse já desaparecido dali, com sigilo idêntico àquele com que havia chegado.

Regressou a pé, pensando como deveria abordar o Max para que lhe arranjasse um voo para Madrid. Não tardou a aperceber-se de que era seguida por um homem, mas conseguiu regressar ao hotel Sem complicações de maior.

— Estive a refletir sobre o que me disseste acerca desse coronel Winkler e acabei por ficar com medo — disse ela ao Max assim que chegou.

— Medo? Não sabia que também tinhas medo — respondeu ele brincando.

— Max, pensei em viajar para Espanha. Deixa-me ir por umas duas semanas; poderei estar com a minha família e, provavelmente, o tal Winkler esquecer-se-á de mim. Talvez seja obsessão da minha parte, mas julgo que alguém me seguiu quando fui à catedral e tenho a certeza de que, no regresso, fui seguida por um homem mesmo até à escadaria do hotel.

Max não conseguiu evitar um gesto de preocupação. Temia o Winkler. Não tinha sido fácil salvá-la das suas garras em Roma e, naturalmente, desejava vingar-se.

— Custa-me tanto separar-me de ti, Amelia. És tudo quanto possuo.

— Se preferires que fique...

— Não, tens razão, talvez seja melhor que partas durante algum tempo. Mas promete-me que regressarás dentro em breve.

— Não estarei mais do que alguns dias em Madrid, também eu não quero estar muito tempo longe de ti.

— De acordo.

Amelia não deixava de ficar surpreendida com a facilidade com que o barão Von Schumann acedia a todos os seus pedidos, bem como a confiança que nela depositava.

Ele tratou de tudo e, três dias depois, a Amelia deixaria Atenas para regressar a Madrid, embarcando num avião que faria escala em Roma e Barcelona.

Pelo relatório que ela própria enviou para Londres quando a operação terminou, sabemos que esteve com a família. Era a sua cobertura para justificar a estadia em Madrid. Contudo, no preciso dia em que chegou, entrou em contato com a senhora Rodríguez, que era quem lhe iria transmitir as ordens acerca do modo como a operação devia ser levado a cabo.

Foi a Amparito, a criada da senhora Rodríguez, quem lhe abriu a porta, ficando surpreendida ao vê-la.

— A senhora não recebe mais ninguém hoje, está a repousar — disse-lhe, tão firme como um verdadeiro cão de guarda.

— Lamento aparecer sem aviso prévio, mas estou certa de que a senhora me receberá. Estou de passagem por Madrid e não quis deixar passar a oportunidade para a cumprimentar.

A criada hesitou alguns segundos, posto o que se afastou e convidou-a a entrar, encaminhando-a depois para a sala.

— Aguarde aqui — ordenou-lhe.

A senhora Rodríguez apareceu de imediato.

— Que alegria por tornar a vê-la, Amelia!

Conversaram sobre trivialidades até a Amparito as deixar a sós, depois de lhes ter servido duas chávenas de chá e algumas empadas.

— Disseram-lhe em que consiste a missão?

— Apenas sei que em Londres querem capturar o capitão Kleist.

— Tanto quanto sei, esse homem fez algumas diligências para conseguir a sua libertação de Pawiak. Poderá isso constituir um problema para si?

— Não, ainda que não me agradasse que lhe fizessem mal.

— Julgamos ser ele o "Albatroz", o mais eficiente espião alemão na América do Sul. Há dois anos que o perseguimos. Não sabíamos quem era, dado que recorre a diferentes nomes. É um espião muito competente.

— O que pensam fazer com ele?

— Interrogá-lo e tentar reunir o máximo de informações que possamos, nada mais do que isso.

— Apenas isso?

— Atualmente, ele encontra-se em Madrid. Como é óbvio, nunca vai sozinho a lado nenhum. Cuida da sua própria segurança, fazendo-se sempre acompanhar por dois homens.

— Pensava que aqui os alemães se sentiam à vontade.

— A Espanha é oficialmente neutra, mas a ninguém passa despercebido que é um país aliado do Hitler; ora, precisamente, parte do êxito do capitão Kleist deve-se a essa colaboração dos espanhóis com os alemães.

— O que é que o Kleist faz exatamente?

— Isso, você já sabe; controla uma rede de informadores na América do Sul. Possui homens por toda a parte: Venezuela, Peru, Argentina, México... Mas não se limita a isso, também implementou na região várias empresas de importação e exportação de matérias-primas vitais para a Alemanha. E conta ainda com espiões em todos os navios mercantes espanhóis e portugueses, marinheiros que, de boa vontade, não hesitam em colaborar com o Terceiro Reich: uns por serem franquistas convictos, outros simplesmente por dinheiro. Na verdade, nós fazemos o mesmo. Contamos com a colaboração de vários marinheiros, sobretudo bascos, que nos fornecem informações relativas à carga transportada pelos navios mercantes, bem como se vai a bordo algum passageiro especial. Também a senhora se referiu a isso nos seus relatórios.

— Espiam-se uns aos outros, e isso é do conhecimento de ambas as partes — concluiu a Amelia.

— Exato, como se se tratasse de um jogo de futebol no qual cada equipa tenta marcar o máximo de golos na baliza da outra. Muitos desses navios espanhóis transportam matérias-primas muito valiosas, que são recolhidas no alto-mar por submarinos alemães. Todos os homens do capitão Kleist foram recrutados pessoalmente por ele. Conhece os seus nomes, códigos, contas bancárias...

— E porque não tentaram sequestrá-lo antes? Porque é isso que está em causa, não?

— Não é fácil alguém conseguir aproximar-se dele. É um profissional e não confia em ninguém.

— E que posso eu fazer?

— Irá encontrar-se casualmente com ele.

— Ele não achará isso estranho?

— Porquê? Você é espanhola, a sua família vive em Madrid, decidiu vir

visitá-la; não há nada de estranho nisso.

— Mas que terei de fazer? — insistiu a Amelia.

— Levá-lo a confiar em si. Ofereça-se para lhe servir de guia, para lhe mostrar o que ele não conhece da cidade de Madrid. Insinue-se-lhe, é um homem bastante atraente, tal como você.

— Ele é amigo do barão Von Schumann, com quem mantenho uma relação séria — retorquiu ela com uma certa perturbação.

— Apenas sugeri que se lhe insinuasse, nada mais do que isso. Falemos agora dos pormenores da operação.

Durante duas horas, a senhora Rodríguez expôs pormenorizadamente à Amelia todos os passos que deveria dar, até ela conseguir memorizar todos os detalhes. Posto isso, despediram-se.

— Assim que concluir esta missão, irá regressar a Atenas. — Isto soou mais a uma ordem do que a uma mera sugestão.

— Contava com isso — disse a Amelia, suspirando.

— Assim sendo, é melhor despedirmo-nos já, dado que é provável que não voltemos a ver-nos durante muito tempo. Tenha cuidado consigo.

O seu regresso a Madrid, em março de 1944, havia enchido de alegria a família, que já não se mostrava surpreendida com as suas chegadas e partidas repentinas.

No dia seguinte ao encontro com a senhora Rodríguez, saiu para passear com a sua prima Laura e a sua irmã Antonietta. Tinha-as convencido a saírem para lanchar e passear pela cidade, que parecia estar a despertar para acolher a primavera.

As três jovens conversavam animadamente e pareciam alheias a tudo o que as rodeava. Nem sequer prestaram atenção à bandeira ostentando uma suástica hasteada a alguns metros dali, a assinalar a embaixada alemã. A Amelia consultou distraidamente o relógio, antes de responder a um comentário da irmã.

Alguns homens estavam a sair da embaixada e um deles observou-as com curiosidade. Elas pareciam não se aperceber. Subitamente, o homem dirigiu-se para o local onde elas se encontravam.

— Amelia!

Ela fitou-o surpresa, parecendo não reconhecer aquele homem que vestia terno e sobretudo cinza, trazendo na cabeça um chapéu da mesma cor. Aproximou-se delas com passo rápido, seguido por outros dois homens.

— Fico contente por vê-la! Mas o que faz aqui? Julgava-a em Atenas.

Ela pareceu hesitar, como se tentasse procurar na sua memória quem era aquele homem que se lhe dirigia com tanta familiaridade. Ele, tirando o chapéu, limitou-se a rir.

— Não me reconhece?

— Kleist! Lamento, capitão, mas não o tinha reconhecido — respondeu timidamente.

— É natural. Vestido à civil... suponho que será difícil reconhecer-me. Mas, diga-me, o que faz aqui?

— Vim passar uns tempos com a minha família. Permita-me que lhe apresente a minha prima Laura e a minha irmã Antonietta.

— Não sabia que tinha planeado viajar para Espanha.

— Bem... faço-o quando me é possível.

Permaneceram alguns segundos em silêncio, sem saberem o que dizer. Ele recuperou a iniciativa.

— Posso convidá-la para passearmos ou lanchar numa destas tardes em que esteja disponível?

Ela pareceu hesitar, para depois sorrir.

— Sugiro-lhe antes que venha visitar-nos, para lhe apresentar toda a minha família.

— Ótimo! Quando poderá ser?

— Estaria bem para si amanhã? Se lhe for possível, aguardamo-lo às seis da tarde.

— Lá estarei.

Despediram-se e, quando retomaram o seu caminho, ele ainda conseguiu ouvir o comentário da prima da Amelia: — Não foi boa ideia convidá-lo para ir a nossa casa, sabes perfeitamente que o papá não suporta os nazis.

Às seis da tarde do dia seguinte, a Edurne, a criada da família» abriu a porta de casa e deparou-se com um homem alto e muito atraente que perguntava pela menina Amelia Garayoa.

— Entre, estão à sua espera.

— Não, prefiro aguardar aqui, diga isso à menina.

Amelia apareceu, seguida pela sua tia, a Dona Elena, e pela prima Laura, para além da sua irmã Antonietta.

— Entre, Karl, estávamos à sua espera. Apresento-lhe a minha tia.

O homem beijou galantemente a mão à Dona Elena, entregando-lhe um embrulho de papel com as referências de uma prestigiada pastelaria.

— Não devia ter-se incomodado! — exclamou ela.

— Não foi incômodo nenhum, é uma honra poder conhecê-la. Mas não pretendo incomodar, pelo que, com a sua autorização, gostaria de ir passear com a Amelia. Não tardarei muito a trazê-la de volta. Parece-lhe bem às oito horas?

A Dona Elena insistiu cortesmente para que aceitasse uma chávena de chá, mas ele declinou. Assim que chegaram à rua, a Amelia perguntou-lhe por que

motivo havia rejeitado a hospitalidade da sua tia.

— Perdoa-me, mas não consegui evitar ouvir o comentário da tua prima. Em vossa casa, não simpatizam com alemães.

— Lamento, não sabia que tinhas ouvido o comentário da Laura.

— Julgo que ela o disse com a intenção de ser ouvida — retorquiu ele, aparentemente aborrecido.

— O meu pai foi fuzilado pelos fascistas. O meu tio Armando esteve preso e foi salvo do fuzilamento por um milagre.

— Não precisas de te justificar, eu compreendo. Não sei o que eu próprio pensaria se o meu pai tivesse sido fuzilado.

— A minha família nunca foi fascista, sempre fomos republicanos. Fui educada assim.

— Custa-me entender a tua relação com o Max... ele não deixa de ser um oficial alemão.

— Mas porquê? Conhecemo-nos em Buenos Aires, tornamos a encontrar-nos em Londres, mais tarde em Berlim e... confio no Max, conheço o seu carácter e a sua forma de pensar.

— Ainda assim, não deixa de ser um oficial, devendo lealdade a Alemanha.

— Tal como tu.

— Nem mais.

— Nunca enganei o Max acerca das minhas ideias; ele conhece a minha família, está a par daquilo que tivemos de enfrentar.

— Não estou a julgar-te, Amelia. Na Alemanha, há muitas pessoas que não partilham do ideário nazi.

— Muitas? Sendo assim, como puderam permitir... — Interrompeu-se a si própria, temendo ser indiscreta. O Max tinha-lhe garantido que o Kleist não partilhava das ideias nazis, limitando-se a obedecer na qualidade de oficial, mas estaria ele certo?

— Nada receies, não tenciono prejudicar-te. Já te ajudei no passado, mesmo sem ainda nos conhecermos. Correste um grande risco ao ajudares aqueles polacos que se infiltravam clandestinamente no gueto.

— Quando era pequena, a minha melhor amiga era judia, o pai dela era sócio do meu. Desapareceram...

— Não me chocas quando dizes que tens amigos judeus. Pessoalmente, nada tenho contra eles.

— Sendo assim, por que motivo permitiram os alemães que lhes tirassem tudo quanto possuíam e que fossem deportados para campos de trabalho, ou que tivessem de exhibir estrelas amarelas cosidas à lapela? Porque é que subitamente deixaram de ser considerados alemães e foram privados de todos os seus

direitos?

O Karl Kleist admirou a frontalidade da Amelia por ousar falar de tais questões com ele, um oficial alemão. Ou não passava de uma ingênua, ou o Max tinha conseguido convencê-la a confiar nele. De qualquer modo, não pôde deixar de considerar a atitude dela imprudente.

— Não deverias falar tão abertamente com desconhecidos. Não sabes quem pode estar a ouvir, nem as consequências que daí podem advir.

Ela fitou-o, assustada, e ele sentiu-se comovido com o seu olhar desamparado, desviando a conversa para outros assuntos mais triviais.

Convidou-a para tomarem juntos um chocolate quente, tendo sido nesse momento que a Amelia se apercebeu da presença daqueles homens, os mesmos que o acompanhavam quando se tinham encontrado em frente à embaixada no dia anterior.

— Esses homens... — disse.

— São bons amigos.

— Não me digas que tens medo dos espanhóis! O Franco apregoa alto e bom som que vivemos num país seguro. Na verdade, ninguém se atreve a fazer o que quer que seja com receio das consequências. Não me parece que alguém tentasse assaltar-te, mesmo sendo estrangeiro.

— O seguro morreu de velho.

Ela não insistiu, de modo a evitar perturbá-lo. Um pouco antes das oito horas, o Kleist deixou-a à porta de casa.

— Foi um prazer tornar a ver-te.

— O prazer foi meu.

Ele pareceu hesitar. Depois, sorrindo, convidou-a para almoçarem juntos daí a dois dias.

11

Começaram a encontrar-se com alguma regularidade. A Amelia tinha decidido não seguir a recomendação da senhora Rodríguez de se lhe insinuar. Estava convencida de que, se assim procedesse, ele acabaria por se afastar. O Kleist regia-se por um código de valores que o levaria a rejeitar as insinuações da mulher de um amigo. Isso não significava que não sentisse atração por ela e, dia após dia, ansiava cada vez mais pela sua companhia. Gostava da Amelia e isso atormentava-o; contudo, caso ela tivesse efetivamente insinuado a sua disponibilidade, isso ter-lhe-ia permitido encontrar a desculpa de que necessitava para se afastar.

Poucos dias depois do seu primeiro encontro em Madrid, o Kleist disse-lhe que tinha de se deslocar a Bilbao e propôs-lhe que o acompanhasse.

— Não posso. Fico agradecida, mas não me parece correto — recusou a Amelia.

— Não me interpretes erradamente, trata-se de uma viagem breve e, como tens ascendência basca, pensei que gostarias de visitar a região natal do teu pai.

— Sim, gostaria de o fazer, mas essa não é justificação suficiente para ir contigo. Lamento.

Ele sentiu-se decepcionado, embora a rejeição tenha acabado por avivar o seu interesse por ela. Na verdade, debatia-se entre a lealdade ao Max von Schumann e a atração que sentia pela Amelia. Se ela se deixasse seduzir, ele poderia rejeitá-la, mas as suas negativas sinceras mais não faziam do que aumentar o seu interesse por ela.

Tornou a encontrar-se com ela assim que regressou de Bilbao.

— Conta-me como está a cidade — pediu ela.

O Kleist descreveu-lhe demoradamente tudo quanto tinha visto. A Amelia ouvia-o tão atentamente, que parecia não estar interessada em mais nada no mundo para além do que ele dizia.

Naquele dia, atreveu-se a queixar-se da presença constante daqueles dois homens que os seguiam continuamente, ainda que o fizessem de tal modo que, na maioria das ocasiões, a sua presença nem sequer era notada. Mesmo assim, sabia que eles estavam ali.

— Não confias em mim? — perguntou-lhe de repente quando reparou na presença de um dos homens perto deles.

— O que te leva a pensar isso? — perguntou ele, surpreendido.

— Somos sempre seguidos por esses homens, como se eu pudesse fazer-te algum mal.

— A presença deles perturba-te?

Ela limitou-se a encolher os ombros, sem nada dizer, o que o levou a concluir que a presença dos seus homens a constrangia; que, se eles ali não estivessem, talvez...

— Dir-lhes-ei para se irem embora.

— Não, não digas, foi um disparate da minha parte.

Continuaram a conversar sobre assuntos triviais, e a Amelia mostrou-se entusiasmada pela chegada da primavera, recordando os dias da sua infância.

— Quando estava bom tempo, o meu pai e o meu tio Armando organizavam passeios com toda a família; íamos aos montes do Pardo, um local maravilhoso, onde é possível ver cervos e coelhos a correrem em liberdade. íamos carregados com cestos de comida para passar lá o dia. Podíamos correr, saltar, gritar... Na verdade, era eu quem fazia tudo isso, já que a minha irmã Antonietta optava por ficar sentada ao lado da minha mãe, enquanto eu brincava com as minhas primas Laura e Melita, que é a mais velha das duas. O Jesús ainda era muito pequeno e a minha tia não o deixava afastar-se.

— Há quanto tempo não vais lá?

— Desde antes da guerra... da nossa guerra civil. Gostaria de lá voltar um dia, mas já não temos automóvel. O meu pai e o meu tio tinham um, mas agora...

— Levar-te-ei eu!

— Oxalá pudéssemos ir! Mas sabes que regressarei a Atenas na próxima segunda-feira, o Max aguarda-me, só me restam alguns dias em Madrid.

— Sendo assim, iremos este domingo. Prepara um cesto de piquenique... ou melhor, serei eu a prepará-lo. Iremos sozinhos, sem "anjos da guarda". — Assim designava a Amelia os dois guarda-costas.

— Não, não, isso não — protestou ela. — Não me importo, já me acostumei à presença deles.

— Mesmo assim, iremos sozinhos.

Naquela noite, a Amelia pediu à Edurne que, no dia seguinte, levasse uma mensagem escrita a casa da senhora Rodríguez.

— Regresso a Atenas dentro em breve e gostaria de despedir-me dela.

Nessa noite, também o "Albatroz", o nome de código do Karl Kleist, recebeu uma mensagem, ainda que mais extensa do que a que a Amelia tinha enviado à senhora Rodríguez. Na verdade, tratava-se de um extenso relatório acerca da Amelia e da sua família. Um dos seus "anjos da guarda" o entregou, dizendo que se acautelasse.

Abandonou marido e filho para fugir com outro homem. Posteriormente, manteve uma relação com um jornalista norte-americano, sobrinho do Lorde Paul James, uma das personalidades mais proeminentes no Almirantado britânico; agora, partilha a vida com o barão Von Schumann. É uma mulher...

O guarda-costas não pôde concluir a frase. O Kleist interrompeu-o bruscamente, ordenando-lhe que o deixasse a sós para ler o relatório calmamente. Parte da informação ali divulgada era já do seu conhecimento, através do próprio Max. Recordava-se inclusivamente de ela ter aludido ao seu passado, tendo-se referido ao quanto sofria por não poder ver o próprio filho.

O seu "anjo da guarda" tinha razão. O relatório indiciava algumas áreas obscuras na vida de Amelia, como o incidente de Roma, onde tinha sido relacionada com o assassinio de um oficial das SS. Mas ele afastou quaisquer dúvidas, dado que pensava possuir uma boa capacidade de avaliação do carácter dos outros. Além disso, ela tinha sido sincera com ele ao reconhecer que não era fascista e que desprezava o nazismo. Havia também confessado ser republicana e liberal e, inclusivamente, que pensava que, caso os aliados vencessem a guerra, isso poderia levar à queda de Franco, que teria então perdido o seu principal aliado, Hitler, agora que o Mussolini tinha já deixado de ser uma peça naquele xadrez.

No domingo, o Kleist foi buscá-la às onze horas em ponto. Levava um cesto com comida suficiente para dois dias, para além de ter também arranjado vinho e bolos. A Amelia apareceu, radiante.

Tal como ele havia prometido, os "anjos da guarda" não os acompanhariam.

Ela orientou-o até ao local onde costumava ir com a sua família e, aí chegados, correu pelo monte, com ele no seu encalço, desfrutando o seu entusiasmo.

Depois de comerem, estenderam-se na relva, a uma distância prudente um do outro. A Amelia marcava subtilmente as distâncias e ele, rendido, aceitava-as. Não tinha passado muito tempo quando ela disse sentir-se indisposta.

— Não sei, talvez qualquer coisa me tenha caído mal, se calhar é porque não estou habituada a beber vinho.

— Mas não bebeste mais do que um pequeno gole. Talvez possa ter sido o patê.

— Não sei, mas a verdade é que sinto uma forte dor de estômago.

Tinham previsto regressar a meio da tarde, mas o Kleist, como cavalheiro que era, ofereceu-se de imediato para a levar a casa.

Quando chegaram, ele estacionou o automóvel com vista a subir com ela até casa, mas a Amelia apenas lhe permitiu que a acompanhasse até ao elevador. Aí, despediu-se dele na presença do porteiro, que havia saído detrás do seu balcão para a cumprimentar.

— Os seus tios estão em casa, mas julgo que a menina Laura e a menina Antonietta saíram e ainda não regressaram — informou-a o porteiro.

Ela entrou no elevador e, antes de fechar a porta, apertou-lhe afetuosamente a mão.

— Desejo-te uma boa viagem, transmite os meus cumprimentos ao Max.

— Tem cuidado contigo — disse-lhe ela.

Assim que chegou a casa, a Amelia dirigiu-se de imediato para o seu quarto, sem sequer cumprimentar os tios que estavam a ouvir rádio na sala. Correu até à janela e, ao espreitar, viu o automóvel do Karl Kleist a arrancar. Sabia não ser ele quem o conduzia, que um homem tinha aproveitado para entrar no automóvel e, agachado no banco traseiro, aguardar pelo regresso do alemão. Quando o Kleist se preparava para ligar a ignição, viu surgir no espelho retrovisor o rosto de um homem, ao mesmo tempo que sentia contra a nuca o frio cano de uma pistola. Um outro homem abriu a porta do lado oposto, sentando-se ao lado dele. Limitou-se a dar-lhe uma única ordem: — Conduza.

O "Albatroz" estava agora nas mãos dos serviços secretos britânicos. Ainda que o governo britânico aceitasse a fictícia neutralidade de Franco, não deixava de possuir agentes em Espanha, que se dedicavam predominantemente à recolha de informações. No mar, os serviços secretos britânicos agiam sem contemplações: não havia nenhum navio de pavilhão espanhol com destino à América do Sul que não se visse obrigado a desviar a sua rota para a ilha de Trindade para que a sua carga e lista de passageiros fossem inspeccionadas. Contudo, até ao momento, nunca uma ação tão arrojada tinha sido desencadeada em território espanhol.

No dia seguinte, a Amelia partiu para Atenas, regressando para junto do Max. Foi aí que, alguns dias depois, ele lhe comunicou o desaparecimento do Karl Kleist.

— Amelia, aconteceu uma coisa terrível, o Karl desapareceu.

— O Karl? — perguntou ela com ar surpreso, como se não percebesse a quem ele se referia.

— Sim, a nossa embaixada em Madrid desconhece por completo o seu paradeiro desde há alguns dias. Procuraram-no por toda a parte, mas não

descobriram qualquer indício. Foi aberto um processo de investigação. A última pessoa com quem se encontrou foste tu. — Ele não conseguiu evitar um trejeito de dor.

— O Karl viajava frequentemente para a América do Sul, talvez tenha partido para lá.

— Sim, existe também essa possibilidade, mas teria certamente deixado alguma mensagem. Mas foste tu a última pessoa a estar com o Karl — insistiu o Max.

— Não estou certa disso. Já te contei que estive com ele no domingo que antecedeu o meu regresso a Atenas. Fomos passear para o campo. Desde quando não têm notícias dele?

— Nesse dia, não regressou à embaixada. Os homens dele acreditaram... bem... pensavam que estava contigo. Ele tinha insistido em ir sozinho ao tal passeio. Apenas começaram a ficar preocupados quando a manhã de segunda-feira ia já avançada. Chegaram a ir a casa dos teus tios...

— Meu Deus, com certeza que apanharam um grande susto!

— O porteiro afirmou que o Karl te acompanhou até à entrada do elevador e que vocês se despediram aí, tendo-o visto depois a regressar ao automóvel. Declarou também que apenas tornaste a sair na manhã seguinte, e que o fizeste acompanhada pelo teu tio, que levava a tua mala.

— Não percebo o que se passou — queixou-se ela, fingindo espanto. — Ele era muito discreto e não falava do seu trabalho, de maneira que não me disse se estava a pensar viajar para qualquer sítio. Julgas que poderá ter-lhe acontecido alguma coisa? — A Amelia tentava parecer inocente.

— Não sei, mas ninguém desaparece assim de um momento para o outro. A polícia anda à procura dele. Como te disse, interrogaram a tua família, bem como o porteiro.

— Mas a minha família não tem qualquer relação com o Karl! — gritou ela, angustiada.

— Amelia, a Gestapo pretende interrogar-te aqui. Além do mais, o coronel Winkler requereu que o processo relativo ao homicídio do Jürgens fosse reaberto. Não acredita em coincidências.

— Coincidências? Mas que coincidências? — perguntou ela, sem ocultar o temor que sentia.

— O coronel Winkler insiste em afirmar que o seu amigo, o coronel Jürgens, tinha encontro marcado contigo na noite em que foi assassinado; quanto ao Kleist, desapareceu precisamente depois de ter passado um dia no campo contigo. Para ele, trata-se de provas irrefutáveis de que estás envolvida em ambos os casos. É da opinião que és uma espia.

— Esse homem está louco! Como poderia eu ser espia? Por favor, Max, tens de encontrar uma forma de o conter!

— É aquilo que estou a tentar fazer, Amelia.

Ela estava realmente assustada. Em silêncio, maldizia o comandante Murray. A "Operação Albatroz" tinha sido um êxito para os serviços secretos britânicos, mas perguntava-se se o comandante Murray havia contemplado a hipótese de a sacrificar, desde que conseguisse capturar o espião alemão. Sentiu-se um peão insignificante no tabuleiro secreto da guerra.

Começou a chorar. Havia dias que vinha contendo as lágrimas e mal conseguia dormir. Tinha entregue o Kleist aos britânicos e, por esta altura, já ele devia estar a ser interrogado em Londres pelo comandante Murray; e, embora não tivesse quaisquer dúvidas acerca de a quem devia lealdade política, a sua consciência não cessava de a atormentar.

O Karl Kleist havia intercedido em seu favor quando tinha estado detida em Varsóvia, ajudando o Max a libertá-la da prisão, mostrando-se um verdadeiro cavalheiro e uma pessoa encantadora durante aqueles dias em Madrid... Não obstante tudo isso, ela tinha-o enganado, entregando-o aos britânicos para ser levado para Londres, onde, na melhor das hipóteses, permaneceria detido até ao final da guerra. Tinha sido capaz de fazer isso a um homem que sempre a havia ajudado, sentindo-se miserável ao pensar na facilidade com que magoava as pessoas que lhe eram leais: primeiro, o Santiago, que abandonou para fugir com o Pierre; depois, começou a enganar o Max, servindo-se dele para as suas atividades de espionagem para os serviços britânicos; e agora tinha sido capaz de entregar o Kleist.

Sentiu desprezo por si própria, e ainda mais quando o Max a abraçou, tentando tranquilizá-la.

— Por favor, não chores, sabes perfeitamente que daria a vida por ti, que tudo farei para que não caias nas mãos do Winkler. Mas debes sempre contar-me toda a verdade, tens de confiar em mim, só assim poderei ajudar-te. E não temas pela tua família, nada lhes acontecerá; é evidente que nada sabem acerca do desaparecimento do Kleist.

— Mas o que queres que te conte?! — gritou a Amelia. — Já te contei tudo; fomos passear para o campo e, depois de comermos, senti-me indisposta e ele levou-me de regresso a casa, onde nos despedimos à entrada do elevador. A partir daí, não sei. No dia seguinte, regressei a Atenas. Não sei o que se passou, ignoro-o por completo.

— Tens o azar de estar sempre no local errado na altura errada.

— O coronel Winkler pretende culpar-me por aquilo que aconteceu ao Jürgens porque viu como eu o rejeitei na festa de fim de ano, e o Jürgens jurou

que iria pagar caro pela minha ousadia. É a sua oportunidade para se vingar de mim, dado que o seu amigo, o coronel Jürgens, não o pôde fazer.

— Está bem, acredito em ti e tudo farei para te salvar das garras do Winkler, confia em mim.

Mas o Max não conseguiu evitar que a "convidassem" a comparecer nas instalações da Gestapo em Atenas. Localizavam-se muito perto do Hotel Grã-Bretanha, onde anteriormente tinha sido a mansão do arqueólogo alemão Heinrich Schliemann, o descobridor de Troia e dos túmulos de Micenas.

Acompanhou-a, suportando com ela a humilhação de aguardar duas longas horas até serem recebidos por um homem, que se identificou como Hoth, num gabinete do segundo andar. Ficaram surpreendidos ao verem o coronel Winkler sentado à cabeceira da mesa, do lado oposto. Como não havia qualquer outra cadeira disponível na divisão, o Hoth deixou-os ficar de pé.

— Espero que a presença do coronel Winkler não constitua um incômodo. Veio visitar-me e julgo que a conhece, menina Garayoa.

Ela confirmou, ainda que sem nada dizer.

— E vem acompanhada pelo coronel Von Schumann! É uma grande honra! — exclamou sarcasticamente o oficial das SS.

— Tenho uma grande amizade pela menina Garayoa.

— Sim, bem sei, tanto eu como todo o estado-maior. A vossa amizade não constitui segredo para ninguém, nem sequer para a sua distinta esposa, a baronesa Ludovica — replicou o Hoth com um sorriso cínico.

Max não reagiu à provocação. O único objetivo que tinha em mente era o de sair daquele edifício com a Amelia, estando consciente de que qualquer confronto com o Hoth na presença do Winkler mais não faria do que agravar a situação.

— Menina Garayoa, recebemos um relatório de Madrid que nos garante que a senhora foi a última pessoa com quem o capitão Kleist esteve. Foram passar o dia juntos ao campo, banquetearam-se com um piquenique e, seguidamente, o capitão desapareceu.

— O capitão Kleist é nosso amigo e o temos em grande estima, e, com efeito, passei um dia no campo com ele. Depois, trouxe-me de regresso a casa, onde nos despedimos. Não voltei a vê-lo, e lamento profundamente o seu desaparecimento.

— Com o qual, obviamente, a senhora nada tem a ver. — O Hoth brincava ao jogo do rato e do gato.

— Obviamente que não. Repito-lhe que o capitão Kleist é amigo do barão Von Schumann, que foi quem nos apresentou, para além de se tratar de alguém que tenho em boa consideração.

— O capitão não comentou consigo onde pensava passar o resto da tarde?

— Não, nada comentou a esse respeito. Eu estava indisposta e, no caminho de regresso, pouco falamos.

— E o capitão não voltou a sua casa para averiguar se se sentia melhor?

— Não, não voltou. Passei o resto da tarde na companhia dos meus tios e deitei-me cedo, dado que no dia seguinte partiria de regresso a Atenas. Julgo que o porteiro já declarou à polícia que eu e o capitão Kleist nos despedimos junto à entrada do elevador e que, nesse dia, não tornei a sair de casa.

— Sim, minha senhora, sim, mas os porteiros também dormem. Abandonou o seu posto às dez da noite, pelo que desconhece por completo se a senhora terá tornado a sair ou se o capitão terá regressado a sua casa.

— A minha família pode confirmar aquilo que acabei de lhe dizer.

— E como poderia ser de outra maneira? Os testemunhos de familiares nunca são considerados conclusivos, menina.

— Garanto-lhe que ignoro onde o capitão Kleist possa estar.

— E, além disso, também não estive com o coronel Jürgens na noite em que foi assassinado em Roma...

— Houve duas testemunhas que desmentiram a possibilidade de ter sido eu a mulher que estive no quarto do coronel Jürgens naquela noite — respondeu a Amelia, tentando conter a indignação.

— Sim, duas testemunhas ébrias, que se cruzaram com uma mulher no corredor do hotel. Na minha opinião, a declaração dessas duas testemunhas não devia ter sido tomada em consideração.

Amelia não reagiu, sentindo sobre si o olhar enfurecido do coronel Winkler, que permanecia em silêncio. Apercebia-se da tensão do Max, do seu sofrimento por não poder defendê-la.

— Terá de permanecer aqui durante alguns dias. Este interrogatório prosseguirá mais tarde, mas de momento tenho outros assuntos a tratar.

— A menina Garayoa poderá voltar na altura que o senhor tiver por mais apropriada; como sabe, encontra-se hospedada no Hotel Grã-Bretanha. A sua permanência aqui é desnecessária. — Os argumentos do Max não afetaram o Hoth.

— Lamento, coronel, mas compete-me a mim determinar o local onde os suspeitos devem permanecer.

— Suspeitos? Qual a acusação que recai sobre a menina Garayoa? A de ter partilhado um piquenique no campo com o capitão Kleist? O Kleist é meu amigo... ou, melhor dizendo, é nosso amigo, uma pessoa que ambos estimamos. A menina Garayoa não pode ser acusada de nada. Se necessitar de qualquer esclarecimento, chame-a novamente, que ela virá de boa vontade.

Amelia estava pálida, sem se atrever a intervir. Sabia que, independentemente dos argumentos do Max, o Hoth não a deixaria partir.

— Lamento, coronel, mas tenho de fazer o meu trabalho. A menina Garayoa permanecerá aqui.

Max sentiu-se impotente quando dois subordinados do Hoth entraram no gabinete, levando a Amelia com eles.

— Fica responsável pela segurança da Amelia Garayoa — advertiu ele o Hoth.

— Fico responsável? Meu caro senhor, esta mulher é suspeita de estar envolvida no desaparecimento do capitão Kleist, e a minha obrigação é fazê-la falar. Se interferir no meu trabalho, serei eu quem fará com que seja considerado responsável por não permitir que a Gestapo determine a culpa de uma criminosa.

— A menina Garayoa não é nenhuma criminosa e o senhor sabe isso perfeitamente.

— Não, não sei; quando souber, dar-lhe-ei conhecimento. Agora, se me permite, estou com muito trabalho. Infelizmente, compete-me lutar contra os inimigos do Reich.

Amelia foi encaminhada até à cave da mansão, onde foi encerrada numa cela sem janelas. O local parecia ter sido outrora usado como armazém.

Um dos homens do Hoth acorrentou-a de pés e mãos e empurrou-a para um dos cantos da divisão.

— Assim quietinha, não terá tempo para se distrair — disse-lhe, exibindo uma dentadura na qual se destacavam vários dentes de ouro.

Ela nem sequer protestou. Sabia o que a aguardava, o horror de Varsóvia veio-lhe à memória.

Ali, fechada, perdeu a noção do tempo; não sabia se seria ainda de noite ou se já teria amanhecido, nem tinha qualquer forma de o saber. Não ouvia também qualquer ruído. Doíam-lhe as mãos e os tornozelos devido às grilhetas. Sentia os dedos a inchar e apetecia-lhe gritar. Decidiu não o fazer, sabendo bem que aquilo nada era comparado com o que a aguardava.

Ignorava quanto tempo teria decorrido quando a porta da cela se abriu e o mesmo homem que ali a havia fechado libertou-a das grilhetas que lhe prendiam os tornozelos e ordenou-lhe que o seguisse.

Mal conseguia andar. O inchaço dos pés alastrava agora para as pernas. Sentia uma dor intensa, mas tornou a dizer para si própria que o pior estava ainda para vir.

Foi de novo levada ao segundo andar, ao gabinete do Hoth. Estava sozinho, tendo-lhe ordenado que se sentasse na cadeira que tinha sido ocupada pelo coronel Winkler na ocasião anterior.

— Teve a oportunidade de refletir? — perguntou-lhe ele num tom de voz neutro, como se não estivesse minimamente interessado na resposta.

— Ontem, contei-lhe tudo o que sei — respondeu ela.

— Está então a dizer-me que não pretende colaborar...

— Não posso dizer-lhe aquilo que desconheço.

Ele encolheu os ombros e carregou depois num botão sobre a sua secretária. Entrou então um dos homens do Hoth, seguido pelo Max. A Amelia sentiu um profundo alívio.

— Pode levá-la — disse o Hoth ao Max von Schumann. — Considerá-lo-ei responsável se a menina Garayoa se ausentar de Atenas sem a autorização da Gestapo.

Max assentiu, sustendo o olhar de hiena do Hoth.

— Voltaremos a ver-nos, a investigação ainda não chegou ao fim.

Auxiliada pelo Max, a Amelia tentou mexer os pés. Um passo, dois, três passos... cada passo suplementar lhe fazia doer os pés, deformados pelo inchaço.

Ao sair do gabinete, cruzaram-se com o coronel Winkler que, estacando à frente deles, os obrigou a deterem-se.

— Ainda não devia cantar vitória, barão. Revelou-se muito astuto ao recorrer ao médico do Reich führer Himmler. Mas garanto-lhe que nem sequer o próprio Reich führer poderá evitar que esta mulher pague pelos crimes que cometeu.

— Afaste-se, Winkler! E nem sequer se atreva a ameaçar-me novamente.

Assim que chegaram à rua, a Amelia não conseguiu evitar chorar.

— Consegues caminhar até ao hotel? Apenas teremos de atravessar para o outro lado da rua.

— Sim, julgo que consigo.

Quando finalmente chegaram ao quarto dela, o Max ajudou-a a deitar-se na cama e examinou-lhe cuidadosamente as mãos e os tornozelos.

— Foste algemada?

— Sim, prenderam-me os tornozelos e os punhos com grilhetas. Não consegui mexer-me enquanto lá estive, ignoro quanto tempo foi...

— Uma tarde e uma noite, Amelia, o que equivale a uma eternidade.

— Fico-te imensamente grata. Temia tornar a passar pelos sofrimentos de Varsóvia, e não sabia se seria capaz de os suportar. Teria acabado por me declarar culpada de tudo quanto quisessem.

— Na verdade, foi o Kleist quem te salvou, ainda que indiretamente.

— O Kleist! Acabou então por aparecer! — gritou a Amelia, surpreendida.

— Não, não propriamente. O meu intendente, o Hans, recordou-se de que, quando foi o caso de Varsóvia, o Kleist tinha mencionado a hipótese de apresentar o teu caso ao Felix Kersten.

— Quem é esse Felix Kersten? É o médico a quem o Hoth se referiu?

— Não, não é médico, ainda que seja tratado como tal. É... é um homem peculiar. Nasceu na Estônia e tem fama de ser muito hábil em terapias manuais.

— Não compreendo...

— Dedicar-se a fazer massagens, simples massagens. É um homem amável, que sabe ouvir os pacientes, e antes da guerra possuía clientes muito importantes por toda a Europa. Diz-se que o Himmler padece de fortes dores de estômago, que apenas Kersten consegue aliviar. Exerce uma grande influência sobre ele. O responsável pelo serviço de informações do Reichsführer, o Brigadeführer Walter Schellenberg, e o segundo homem que maior influência exerce sobre ele.

— E falaste com eles?

— Tenho amigos que os conhecem bem.

— Obrigada, Max, obrigada.

Enquanto lhe aplicava uma pomada sobre as pernas, ele não deixou de a advertir: — Não me parece que voltem a ajudar-nos, portanto... por favor, Amelia, sê cautelosa!

— Mas eu não fiz nada, Max...

— O coronel Winkler não descansará enquanto não vingar a morte do seu amigo Jürgens, e está determinado a que sejas tu a pagar as consequências da sua morte. As SS estão a encarregar-se dos casos de espionagem e... bem, o Winkler está convencido de que és uma espia ao serviço dos Aliados.

— E tu acreditas nisso, Max?

— Quando estive em Berlim, vi a Ludovica e o meu filho Friedrich. Amo o meu filho do fundo do coração, daria a vida por ele, mas... suportarei o sacrifício de não ficar sempre junto dele até ao fim da minha vida apenas para não me separar de ti. Foi isso mesmo que disse à Ludovica.

Amelia desatou a chorar. Sentia vergonha de si própria por estar a enganá-lo, por não poder ser-lhe totalmente leal nem assumir perante ele a sua colaboração com os britânicos. O Max abominava aquela guerra, mas não à custa de ter de trair a Alemanha. Era isso que a levava a não contar-lhe aquilo que fazia.

— Não chores, Amelia, não te sintas responsável.

— Mas sou, Max, sou. Não devia ter-me deixado levar pelo meu amor por ti. Sei melhor do que ninguém o que significa renunciar a um filho.

— A Ludovica não poderá impedir-me de o ver e de participar ativamente na sua educação. Mas isso será apenas depois de a guerra terminar.

— E a tua família, Max? E as tuas irmãs? Nunca me disseste o que pensam elas da nossa relação.

— Reprovam-na e nunca te aceitarão. Contudo, por agora, não deveríamos preocupar-nos com isso. De momento, o nosso problema chama-se Winkler.

— E Hoth.

— Esse não passa de um polícia ansioso por conseguir que as SS lhe deem palmadinhas nas costas ao demonstrar que pode revelar-se tão brutal como eles.

Durante alguns dias, a Amelia não saiu do seu quarto. Mal conseguia andar, e o Max obrigava-a a permanecer sentada. Depois, ele próprio a ajudou a dar os primeiros passos no átrio do hotel. Ela queria falar com o Dion, mas não encontrava uma ocasião propícia pois o Max nunca a deixava sozinha. A oportunidade surgiu numa tarde em que apareceu no bar o intendente do Max, o comandante Hans Henke, a informá-lo de que a sua presença era requerida com urgência no estado-maior.

— Acompanhar-te-ei ao teu quarto.

— Por favor, Max, deixa-me ficar um pouco por aqui! Ainda é cedo, só ficarei o tempo suficiente para acabar o chá... — pediu ela com um sorriso.

— Não gostaria de te deixar sozinha...

— Não sairei daqui, e demorarei apenas mais alguns minutos. Passo demasiado tempo no quarto!

— De acordo, mas promete-me que irás diretamente para o teu quarto.

— Está prometido.

Assim que viu o barão sair do bar, o Dion aproximou-se de imediato dela.

— A senhora deseja alguma coisa?

— Não, não... mas tenho uma coisa para si — disse ela em voz baixa, enquanto ele se inclinava para recolher a louça do chá, recebendo da mão da Amelia, disfarçadamente, um rolo fotográfico.

— Muito bem, senhora, trar-lhe-ei então um jarro de água.

Ao regressar, inclinou-se para lhe servir a água.

— O pope quer encontrar-se consigo. Trata-se de uma questão urgente.

— Urgente? Bem vê o estado em que me encontro... e o barão não me deixa sair...

— Terá de ir. Depois de amanhã, na catedral. Houve uma rusga e detiveram o Agamenon e outros patriotas.

Ela regressou ao seu quarto, refletindo acerca do melhor modo de agir. Teria de convencer o Max a autorizá-la a sair. Já se sentia melhor, conseguia andar, e o inchaço nas pernas tinha desaparecido. Sim, teria de o convencer a deixá-la retomar a normalidade.

Naquela noite, quando ele regressou, a Amelia desfez-se em queixumes.

— Vamos, diz-me logo o que pretendes! — disse o Max, rindo-se.

— Sair. Preciso de sair, sinto-me sufocar neste quarto. Deixa-me ir passear, deslocar-me à catedral, sabes bem como aprecio refugiar-me lá; tornar a visitar as ruínas arqueológicas... qualquer coisa, desde que saia daqui.

De início, ele mostrou-se renitente, mas acabou por ceder.

— Tens de me prometer que não falarás com desconhecidos e que me manterás sempre informado dos locais onde pretendes ir.

— Fica prometido — garantiu ela, rodeando-lhe o pescoço com os braços.

Ao entrar na catedral, não viu o pope. Várias mulheres acendiam velas, enquanto outras, sentadas, pareciam imersas nas suas orações. Procurou um sítio escuro e discreto para se sentar. Sem realmente se aperceber disso, começou a rezar. Deu graças a Deus por ter sido salva das garras da Gestapo, por poder contar com o inestimável amor do Max, por estar viva. A poderosa voz do pope devolveu-a à realidade.

— Londres envia-lhe novas ordens. Felicitam-na pelos acontecimentos de Madrid, seja o que for que a senhora lá tenha feito; mas necessitam de informações acerca do dispositivo militar alemão na fronteira com a Iugoslávia.

— Farei o que estiver ao meu alcance — disse a Amelia.

— Também nós necessitamos do seu auxílio. Estaria disposta a isso?

Detiveram o Agamenon e mais alguns companheiros nossos, mas eles resistirão e não irão falar, mesmo que isso implique a sua morte.

— O que tenho de fazer?

— Sabe conduzir?

— Sim, ainda que não muito bem, porque nunca dispus de muito tempo para praticar.

— Será suficiente. Temos de recolher armas que nos são enviadas pelos seus amigos britânicos. Foram recolhidas por um navio pesqueiro há alguns dias, de um submarino ao largo de Creta. O pesqueiro dirige-se para aqui e chegará amanhã. A Resistência necessita dessas armas. Dentro de alguns dias, partirá para o Norte um comboio militar alemão, incluindo tanques e artilharia pesada, dado que pretendem reforçar a fronteira entre a Iugoslávia e a Itália. Compete-nos fazer com que esses reforços não cheguem ao destino. É por essa razão que este carregamento dos britânicos é de vital importância, na medida em que nos enviam explosivos e detonadores que nos permitirão sabotar o dito comboio militar. Representará um rude golpe para os alemães, e será a nossa resposta às detenções dos nossos compatriotas.

— A que ponto da costa aportará o pesqueiro?

— A norte de Atenas. Iremos com barcas até ao alto-mar para descarregar as armas.

— Em Londres, têm conhecimento de que tencionavam pedir a minha colaboração para esta missão?

— Não, Londres nada tem a ver com esta questão, trata-se de um pedido pessoal meu.

— Será muito perigoso.

— Nada há que não o seja. Está disposta a isso?

— Sim, mas ainda não me disse o que pretendem realmente de mim.

— Deverá integrar o nosso grupo. Estamos carentes de pessoal, precisamos de mais um condutor.

— De acordo, mas... não sei se conseguirei sair à noite. Não é fácil sair do hotel sem ninguém se aperceber.

— Não terá de se ausentar durante a noite. Nós próprios desembarcaremos o armamento e escondê-lo-emos num local próximo da praia. As armas serão redistribuídas por pequenos grupos. A senhora deverá conduzir o automóvel que levará os nossos companheiros até esse local e, depois, trazê-los de regresso a Atenas. Só isso. Eles dar-lhe-ão as devidas orientações.

— Nenhum desses homens sabe conduzir?

— Não, não sabem. Nem toda a gente sabe. Já lhe disse que foram feitas detenções, tivemos baixas.

— Muito bem. E que mais?

— A seu tempo, informá-la-ei do dia e do local onde devera comparecer para nos ajudar.

Ao sair da catedral, a Amelia foi passear para a zona da Acrópole, tal como o pope lhe havia recomendado. Não sabia quem entraria em contato com ela nem quando, apenas que devia caminhar.

Um automóvel parou a seu lado. Vislumbrou o rosto de uma mulher que, seguidamente, a instou a entrar na viatura. Ela fê-lo instintivamente.

— Estenda-se no chão — ordenou a mulher, sentada ao lado do condutor.

— Aonde vamos? — perguntou a Amelia.

— Vamos buscar o automóvel que a senhora deverá conduzir.

Não conseguiu ver para onde se dirigiam, limitando-se a sentir o estômago revolver-se devido aos solavancos da viatura. O automóvel parou meia hora depois. Ficou surpreendida ao constatar que estavam dentro de uma garagem.

— Saia, chegamos — disse a mulher.

Um homem de pistola à cintura aproximou-se, coxeando.

— Estão atrasados — recriminou-os em grego.

— Tivemos de evitar os postos de controle — justificou-se o condutor.

Depois, apontando para a Amelia, disse em inglês: — Será ela a levar-te.

— Sabe dirigir? — perguntou-lhe o coxo, fitando-a pela primeira vez.

— Sim, mais ou menos.

— Terá de esmerar-se — afirmou o homem, de mau humor.

— Sentes dores? — perguntou-lhe a mulher, observando a perna ligada do homem que coxeava.

— Isso não interessa, o único problema é que não posso conduzir.

Indicaram à Amelia um velho automóvel ali estacionado, e ela receou não conseguir conduzi-lo adequadamente. Tinha aprendido a conduzir com o Albert James, em Londres, e, depois de passar no exame de condução, havia conseguido a respetiva licença, ainda que, de fato, nunca tivesse conduzido depois disso.

— Vamos embora — disse o coxo.

O casal regressou ao seu automóvel, que foi o primeiro a sair da garagem. A Amelia teve de suportar a humilhação de o motor do automóvel se ir abaixo antes de conseguir arrancar.

— Mas a senhora sabe mesmo conduzir? — perguntou o homem, irritado.

— Já lhe disse que mais ou menos.

— Sendo assim, arranquemos.

Ele ia-lhe fornecendo as devidas orientações. Parecia preocupado e não fazia qualquer esforço por ser amável.

— Como se chama? — perguntou-lhe ela.

— E que lhe interessa isso? Quanto menos souber, melhor.

Remeteu-se ao silêncio, mas, dada a irritação, não conseguiu evitar que as faces se lhe ruborizassem. O homem pareceu lamentar a sua brusquidão.

— É para sua própria segurança. No caso de ser detida, não poderá confessar aquilo que não sabe. Mas tem a razão, tem o direito de me atribuir um nome, seja ele qual for, para poder dirigir-se a mim. Costas parece-lhe bem?

— É-me indiferente — respondeu ela com irritação àquele homem alto e moreno, com um bigode farfalhado.

— Sendo agente britânica, deve ser mesmo muito boa, para viver com um nazi sem que ele se aperceba disso.

Preparava-se para defender o Max, repetindo que não era nazi, apenas um soldado com ordens para cumprir. Mas sabia que o Costas não seria capaz de compreender, ou não queria fazê-lo. Para ele, todos os alemães eram iguais; além disso, o Max era oficial.

— Levaremos connosco todo o material?

— Não propriamente tudo, apenas uma parte. O restante já foi levado pelos outros membros do grupo, ontem à noite. A nós calhou-nos os explosivos e os detonadores. Vamos fazer explodir um comboio militar com vários tanques. Você será a minha motorista; afinal, não conduz assim tão mal.

Quando chegaram ao armazém onde as armas tinham sido escondidas, já o casal do outro automóvel estava lá. O homem colocava as caixas no seu automóvel, enquanto a mulher, de pistola em punho, se mantinha vigilante.

— Também vai ficar a vigiar. Suba para ali, para aquela rocha, e avise-nos se

vir alguma coisa estranha. Tome — disse-lhe, entregando-lhe uma arma.

— Não precisarei dela — afirmou a Amelia, sem se atrever a aceitá-la.

— Pegue na arma! O que quer fazer se nos descobrirem? Começar a chorar?
— gritou-lhe o Costas.

Ela pegou na arma e, sem nada mais dizer, trepou até ao cimo da rocha.

Aguardou, impaciente, até os dois homens acabarem de carregar o armamento nas duas viaturas, o que lhes levou cerca de uma hora. Assim que terminaram, dirigiram um sinal às mulheres.

No regresso a Atenas, a Amelia ia em silêncio; foi o Costas quem falou.

— A operação será desencadeada daqui a três dias. Os explosivos serão colocados cedo, logo pela manhã. Depois, aguardaremos pela passagem do comboio militar e... bum!

— Ótimo — respondeu ela sem grande entusiasmo.

— Está com medo?

— Seria estúpida se não estivesse. E o senhor também deveria estar com medo.

— Não, não tenho medo. Quando mato alemães, sinto um formigueiro que me desce até ao baixo-ventre, como se estivesse a... Ora, você é uma mulher.

— Uma mulher que está a conduzir o seu automóvel e que vai ajudá-lo a sabotar um comboio militar. — Não suportava o desprezo com que ele a tratava.

— Sim, também as mulheres são corajosas. As nossas camaradas da Resistência nunca se queixam e sabem obedecer; as mãos nem sequer lhes tremem quando precisam de disparar. Veremos então do que a senhora é capaz.

— E por que motivo não recorre aos seus camaradas? — perguntou, irritada.

— Ficamos bastante reduzidos com a última rusga. Aquilo que me aconteceu à perna é uma recordação, tive de saltar um muro depois de ter sido atingido no joelho. Muitos dos nossos estão nas mãos da Gestapo. Não escaparão de lá vivos.

— E se falarem?

— Isso nunca acontecerá! Somos gregos.

— Suponho que além disso são seres humanos.

— Está então a dizer-me que, se estivesse no lugar deles, acabaria por falar
— concluiu ele com desconfiança.

— Quantas vezes foi o senhor detido? Quantas vezes foi já interrogado pela Gestapo? — quis a Amelia saber.

— Nunca, nunca conseguiram deter-me.

— Então, nunca diga desta água não beberei.

— E a senhora? Já alguma vez foi detida? — reagiu ele com um tom trocista que a ofendeu.

Esteve prestes a parar o automóvel e a arregaçar as mangas para que ele visse as marcas das algemas nos pulsos; a baixar as meias, para que pudesse ver as marcas nas suas pernas. Mas não o fez, compreendendo que aquele homem era mesmo assim, que dizia tais coisas sem pretender realmente ofendê-la.

— Daqui a três dias — recordou-lhe ele quando se despediram.

Max estava a tomar um banho de imersão quando ela chegou ao hotel.

— Onde estiveste? — perguntou-lhe sem sair da banheira.

— Andei a passear. Fui à catedral — respondeu a Amelia, de sobreaviso.

Depois, deixou-o continuar a desfrutar do seu banho e saiu do quarto, de modo a tirar proveito dos minutos de que ainda disporia até o Max sair da casa de banho para fotografar os documentos espalhados sobre a sua secretária.

Nem sequer reparou no que fotografava. Não tinha tempo para isso. Daria o rolo ao Dion assim que tivesse oportunidade.

Na noite que antecedeu a operação da Resistência, o Max disse-lhe que iria ausentar-se por alguns dias, porque tinha de se deslocar a uma povoação onde alguns soldados haviam adoecido.

— Não sei do que se trata, mas terei de verificar no terreno.

— Quando pensas partir?

— Amanhã bem cedo. Antes do romper do dia, o meu intendente virá buscar-me.

— Estás preocupado...

— Confesso que sim, devido ao rumo desta guerra. Em Berlim, recusam-se a ver o que está a acontecer.

— E o que está a acontecer, Max?

— A questão é que podemos perder esta guerra. Foi um erro invadirmos a Rússia e estamos a pagar por isso.

Amelia suspirou de alívio. Desejava fervorosamente que a Alemanha perdesse o confronto, ainda que, naquele momento, a sua maior preocupação fosse conseguir sair do quarto sem o Max se aperceber. Já na noite anterior não tinham dormido juntos, dado que ela havia dito que estava indisposta e se sentia mal. Embora contrariado, ele acabou por aceitar que ela dormisse no seu quarto, mas mantendo abertas as portas entre os dois aposentos.

Agora, não haveria problema. O Max partiria ao amanhecer e ela sairia pouco depois disso. Tinha de se dirigir à casa do Costas, de onde se deslocariam para o local por onde passaria o comboio militar, com vista a colocarem os explosivos. Tranquilizava-se a si própria pensando que mais não teria de fazer do que conduzir.

Ao amanhecer, o Max aproximou-se da cama dela para se despedir e, julgando que dormia, limitou-se a dar-lhe um beijo na testa. Assim que ele saiu

do quarto, ela levantou-se de um salto. Não demorou mais de quinze minutos a estar pronta para sair. O Dion tinha-lhe dado uma planta do hotel, onde constavam as saídas de serviço por onde podia sair sem ser notada, para além de lhe ter fornecido um fardamento de empregada de quarto. E assim estava ela vestida, com o cabelo oculto por uma touca e de óculos, o que a ajudava a passar ainda mais despercebida.

Ao sair do quarto, procurou a porta que dava para um quarto comunicante com as escadas de serviço. Estava com sorte, já que se cruzou com um único empregado, mal-humorado por ter de servir Um pequeno-almoço a hora tão matutina. Nem sequer retribuiu o seu cumprimento.

Saiu do hotel e, com passo determinado, foi andando até chegar à praça Omonia, onde era já aguardada pelo automóvel do casal.

— Atrasou-se — censurou-a a mulher.

— Vim tão rapidamente quanto pude.

Levaram-na até à casa do Costas. O homem esperava na garagem, impaciente.

— Os nossos amigos estarão a perguntar-se porque é que ainda não chegamos. Os explosivos estão connosco — disse ele, resmungando.

Amelia desconhecia para onde iam, limitando-se a seguir as orientações do Costas. Passado algum tempo, tinham já deixado a cidade para trás, e ela alegrou-se ao ver os botões primaveris das flores de ambos os lados da estrada.

— Vira aqui... toma atenção, verás ao longe umas casas, onde vivem os ricos... Aqui no verão não faz calor.

Depois, indicou-lhe um caminho de terra encosta acima, tão íngreme que a Amelia temeu que o automóvel não conseguisse subir. Mas subiu e, depois de conduzir algum tempo ao longo daquele caminho em mau estado, chegaram a um casebre, que parecia ser um local onde se guardam utensílios de lavoura. O Costas mandou-a então parar e, sem ela perceber de onde teriam surgido, apareceram junto deles cinco homens armados.

O coxo cumprimentou-os efusivamente apresentou-lhes a Amelia. Os homens ajudaram-nos a descarregar os explosivos e as armas do automóvel do casal.

— Não está mal — disse um deles, aquele que parecia liderar o pequeno grupo.

— Ora essa! — ofendeu-se o Costas. — Os ingleses cumpriram com o prometido, Dimitri. Esse Churchill não é dos nossos, mas quer o mesmo que nós.

Voltou a entregar uma pistola à Amelia, dizendo, a ela e à outra mulher, para pegarem nas bicicletas encostadas a uma das paredes do casebre. Elas obedeceram sem questionar; levando as bicicletas pela mão, foram andando,

escondidas por entre os pinheiros, até chegarem ao limite de outra estrada.

Ninguém andava por ali, mas o Costas ordenou a três homens que se colocassem de vigia em pontos estratégicos, indicando à Amélia e à outra mulher que se dirigissem de bicicleta em direções opostas da estrada, devendo avisá-los de imediato se vissem qualquer viatura.

Todos obedeceram. Enquanto se afastava, a Amelia viu-os a enterrar os explosivos de ambos os lados da estrada.

Julgando ouvir ao longe o ruído de camiões, saiu da estrada e, oculta por entre as árvores, conseguiu vislumbrar o comboio militar que se ia aproximando lentamente. Pedalou aceleradamente até chegar ao local onde estavam o Costas e os seus homens.

— Vêm aí!

— Apressem-se! Temos de acabar isto, os porcos estão a chegar.

Foram esconder-se por entre as árvores, com o Costas a dirigir um sinal à Amelia.

— Colocamos explosivos em diferentes locais, e cada um de nós ficará responsável por um detonador. Será mais seguro assim: poderá falhar um, mas isso não acontecerá com todos. Vem comigo, dir-te-ei qual é o teu.

— O meu? Mas não percebo nada de explosivos...

— Apenas tens de acionar este comando assim que ouvires o meu assobio. Só isso. Vais conseguir, é mais fácil do que conduzir. Sabes já o que deves fazer depois: correr até ao local onde deixamos o automóvel; se eu ainda não estiver lá, espera por mim; se demorar mais do que cinco minutos após a detonação, deverás partir.

— Sem ti?

— Não consigo correr, bem vês o estado em que está a minha perna. Mas cá me arranjarei.

— Não deverias ter participado nesta operação — disse-lhe o Dimitri —, mas queres sempre envolver-te em tudo. Teríamos conseguido fazer as coisas sem ti.

— Cala-te, e tenta mas é ajudar-me a chegar ao automóvel a tempo.

— O médico disse que, se não parasses de andar durante uns tempos, acabarias por perder a perna.

— Os médicos não sabem nada! — respondeu o Costas com desprezo.

O ruído dos camiões e restantes veículos fazia-se ouvir cada vez com maior intensidade. A Amelia ocupou a sua posição. Todos os seus músculos se retesavam, e ela não queria sequer pensar naquilo que estava prestes a fazer. Sabia que muitos homens iriam morrer.

O Costas tinha organizado a operação de sabotagem de modo que o comboio

militar se visse apanhado por diversas explosões ao longo da estrada.

Amelia viu passar camiões e veículos de combate, aos quais se seguiam vários automóveis transportando oficiais da Wehrmacht. Era precisamente após a passagem desses automóveis que ela deveria detonar os explosivos. Levantou com força a alavanca do mecanismo. Fixou o olhar no detonador, aguardando pelo assobio do Costas, e, assim que o ouviu, baixou a alavanca. A estrada transformou-se num inferno. Vários veículos saltaram pelos ares, outros incendiaram-se, um tanque ficou destroçado depois de as suas munições terem explodido. Os corpos desmembrados de alguns soldados haviam sido projetados a dezenas de metros. As chamas devoravam as carcaças dos camiões, e os gritos lancinantes dos feridos confundiam-se com o estrépito enraivecido das ordens gritadas por um oficial, a partir do alto da torre de um tanque. Ouvia o assobio das balas a rasgarem o ar puro da manhã, som que se misturava com os gritos desesperados dos feridos. Sabia que deveria agora sair dali a correr e dirigir-se até ao casebre agrícola, mas ficou paralisada ao olhar para um dos automóveis que transportava oficiais. Saiu-lhe da garganta um grito aterrador.

— Max! Max! — gritou enlouquecida, dirigindo-se para aquele inferno. Não conseguia pensar, concentrada que estava em aproximar-se da berma da estrada, onde o Max jazia no chão, encharcado em sangue e envolto em chamas que ela tentava apagar com as suas próprias mãos.

O Costas viu-a correr até à estrada. Enlouqueceu, pensou, será capturada e acabará por falar, e então irão prender-nos todos. Apontou-lhe a sua arma, vendo-a depois cair junto de um dos oficiais. Depois, auxiliado por um dos seus camaradas, fugiu monte acima.

Amelia caiu a poucos metros do local onde o Max continuava estendido, não parando de gritar: "O que fiz eu, meu Deus, o que fiz eu!"

No meio da dor, o Max julgou ouvir um dos seus gritos, concluindo que devia estar a morrer, pois ouvia a voz da Amelia.

Aquele não foi um bom dia para os alemães: estava-se a 6 de junho de 1944 e, horas antes, nas praias da Normandia, os Aliados tinham dado início à invasão.

Quando a Amelia começou a recuperar os sentidos, estava no hospital, e o primeiro rosto que viu foi o do coronel Winkler das SS. Quis gritar, mas a voz recusava-se a sair-lhe da garganta.

— Acorde-a, precisamos de interrogá-la — ordenou o Winkler ao médico junto dela, auxiliado por uma enfermeira.

— Não pode interrogá-la, está há mais de um mês em coma.

— A segurança da Alemanha é mais importante do que qualquer coisa que possa acontecer a esta mulher! É uma terrorista, uma espia!

— Seja o que for, esteve em coma. Avisei-o tal como me ordenou, porque nas últimas horas o seu estado parece ter evoluído. Mas terá de aguardar até nos certificarmos se o seu cérebro terá ou não sofrido lesões. Deixe-me fazer o meu trabalho, coronel — pediu o médico.

— O interrogatório a esta mulher reveste-se de suprema importância.

— Pois, para o fazer com êxito, deve permitir-me fazer o meu trabalho.

Assim que ela estiver em condições de falar, informá-lo-ei.

Não obstante o estado em que se encontrava, a Amelia conseguiu aperceber-se do olhar de ódio do Winkler, o que a levou a fechar os olhos.

— Agora tem de sair, coronel, pode dar-se o caso de a paciente tornar a cair em coma.

As palavras soavam-lhe longínquas. Havia vários homens a falar em seu redor, mas não queria abrir os olhos, temendo confrontar-se com os do Winkler.

Apenas passadas várias semanas a Amelia recuperaria plenamente a consciência. A cada minuto de lucidez, sentia um peso cada vez maior na alma ao recordar-se do Max. Não conseguia suportar a ideia de que o tinha matado. Porque havia sido ela quem tinha acionado o detonador à passagem dos automóveis que transportavam os oficiais. O corpo ensanguentado do Max lutando contra as chamas impedia-a de serenar, ansiando unicamente por cair num sono eterno.

Contudo, apesar do seu desejo de morrer, começou a recuperar e enquanto isso ia acontecendo, pensava no momento em que o coronel Winkler regressaria para a interrogar. Dizia a si própria que a tinham arrebatado à morte para voltarem depois a matá-la, dado que, sob as garras do coronel Winkler, outra coisa não seria de esperar. Todavia, não se importava. Estava convencida de que merecia morrer.

Tinha de esforçar-se para pensar, mas a sua intuição dizia-lhe que seria melhor remeter-se ao silêncio, de modo a levá-los a acreditar que não conseguia falar devido ao trauma sofrido. Melhor ainda seria se conseguisse levá-los a acreditar que tinha perdido a memória.

O médico examinava-a diariamente, reunindo-se com outros colegas para decidirem o tratamento mais adequado para a resgatar daquele estado vegetativo em que parecia manter-se. Suspeitava de que ela o ouvia, de que o compreendia quando ele lhe falava, ainda que não quisesse responder; de qualquer forma, não podia garantir nada.

Amelia procurava exibir um olhar perdido, como se estivesse imersa no seu próprio mundo.

— Alguma novidade, enfermeira Lenk?

— Nenhuma, doutor Groener. Passa o dia a olhar em frente. É indiferente

mantê-la na cama ou passear um pouco com ela; não parece aperceber-se do que quer que seja.

— Mesmo assim... deixe-me a sós com ela. O doutor Bach precisa de reforços na sua secção, vá ajudá-lo.

O doutor Groener sentou-se numa cadeira em frente à cama da Amelia, observando-a detidamente. Apercebeu-se de que, ainda que quase imperceptivelmente, os olhos se moviam apesar de ela se esforçar por manter um olhar alheado.

— Sei que está consciente, Amelia; ainda que pareça não nos ouvir, sei que está lúcida. O coronel Winkler virá esta tarde para a interrogar. Tenho de lhe dar alta, porque nada mais posso fazer por si. Recomendarei a sua admissão numa instituição, ainda que o seu futuro não esteja nas minhas mãos, mas sim nas do coronel.

Amelia passou o resto do dia a rezar em silêncio, tentando ganhar forças para enfrentar Winkler. Sabia que o coronel não hesitaria em levá-la até ao limite da dor para a obrigar a falar e que, quer o conseguisse quer não, acabaria por matá-la.

Quando recuperou plenamente a consciência, foi submetida a terapia específica para tornar a falar. O doutor Groener decidiu contar-lhe como a haviam encontrado, a esvair-se em sangue naquela estrada onde um grupo terrorista tinha atacado um comboio militar do exército alemão.

Tinha dado entrada no hospital juntamente com os soldados feridos, e ali foi operada. Uma bala havia-lhe trespassado um pulmão. Julgaram que não sobreviveria, mas a verdade é que sobreviveu. Foi o coronel Winkler quem pediu aos médicos que fizessem tudo para a manter viva, pois era de vital importância conseguir interrogá-la. Foi assim que se desdobraram em esforços, resgatando-a às garras da morte e arrastando-a para as margens da vida.

A tarde, quando o coronel Winkler compareceu no hospital, o doutor Groener acompanhou-o ao quarto da Amelia, aconselhando-o a não pressioná-la demasiado, dado que permanecia em convalescença.

— O senhor faça o seu trabalho, doutor, que eu farei o meu. Esta mulher é uma assassina, uma terrorista, uma espia.

O doutor Groener não se atreveu a acrescentar nem mais uma palavra.

Dois homens do Winkler transferiram-na para a cave do hospital, para uma sala onde estavam já presentes outros dois homens fardados. Sobre uma mesa encostada à parede, podiam ver-se diversos instrumentos de tortura, dispostos numa ordem perfeita.

Sentaram-na numa cadeira colocada precisamente no centro da divisão, posto o que o coronel Winkler fechou a porta. Sentou-se atrás de uma mesa, ao mesmo

tempo que a divisão ficava às escuras, excetuando um potente foco de luz incidente sobre a prisioneira.

A primeira coisa que fizeram foi despi-la, para depois lhe exigirem os nomes dos membros da Resistência com quem tinha colaborado; seguidamente, indagaram-na acerca dos seus contatos em Londres, sendo inclusivamente pressionada para denunciar o Max enquanto traidor. Cada pergunta era seguida de uma agressão, e tantas vezes a agrediram, que por diversas ocasiões perdeu os sentidos.

Ela desejava que a agredissem com brutalidade, de modo a perder a consciência e, assim, não falar. Mas não conseguiu suportar a dor e acabou por gritar; gritava a cada agressão, e mais ainda quando um dos seus torturadores, com um bisturi, começou a cortar-lhe a pele do pescoço, esfolando-a como se de um animal se tratasse. Levantava-lhe pedaços de pele, esfregando depois a zona com sal e vinagre, enquanto ela não parava de gritar. Contudo, não falou, apenas gritou incessantemente até ficar rouca e perder por completo a voz.

Chegou a perder a noção do tempo, ignorando se era de noite ou de dia, se estavam a torturá-la há muitas horas ou se haviam feito alguma pausa. A dor era tão lancinante que se tornava insuportável; apenas desejava morrer e rezava para que isso acontecesse.

A única palavra que o Winkler conseguiu que a Amelia pronunciasse surgiu na forma de grito: "Mãe!"

Quando a devolveram aos cuidados do doutor Groener, ele não pareceu espantado ao vê-la novamente mais próxima da morte do que da vida.

— Já lhe tinha dito que ela sofreu um traumatismo cerebral e que decorrerá algum tempo até recuperar e tornar a falar. Se realmente considera importante aquilo que ela possa dizer-lhe, dê-lhe esse tempo.

— Não ficará aqui.

— E para onde pensa levá-la? Para a Alemanha?

— Sim.

— Para um campo de concentração?

— Ficarão com pessoas da sua laia, criminosas como ela, até estar em condições de falar.

— E se isso nunca vier a acontecer?

— Então, será enforcada por crimes de terrorismo e espionagem. Diga-me quanto tempo poderá demorar até estar em condições de falar.

— Ignoro, mas com o tratamento adequado... talvez dentro de alguns meses, ou talvez nunca.

— Assim sendo, esta assassina não dispõe de muito tempo de vida.

No dia seguinte, foi colocada num comboio destinado ao transporte de gado.

O Winkler encarregou-se pessoalmente de que fosse enviada para o campo de Ravensbrück, situado a noventa quilômetros a norte de Berlim. As instruções do coronel relativamente àquela prisioneira foram bastante precisas: se dentro de seis meses o médico não o informasse de que a Amelia estava em condições de falar, a prisioneira deveria então ser enforcada.»

O major Hurley fez uma pausa no seu relato para acender o cachimbo.

— Continue, por favor — pedi-lhe.

— Consta dos nossos arquivos que a Amelia foi levada para aquele lugar e que lá ficou até ao final da guerra.

— Isso significa então que sobreviveu — concluí, aliviado.

— Sim, sobreviveu.

— E qual foi a data precisa em que chegou ao campo?

— Finais de agosto de 1944.

— O senhor pode fornecer-me documentação sobre o campo de Ravensbrück?

— Não possuo informações detalhadas; para esse efeito teria de deslocar-se a Jerusalém.

— A Jerusalém? Porquê Jerusalém?

— Porque é aí que o Museu do Holocausto se encontra e porque é aí que poderá encontrar informações mais precisas acerca daquilo que aconteceu na Alemanha durante aqueles horríveis anos. Possuem uma base de dados com informações sobre os sobreviventes dos campos de concentração, ou seja, quem lá esteve e em que campo; É graças a esses arquivos, foi possível reconstruir aquilo que foi o inferno de cada um desses locais.

— Mas a minha bisavó não era judia.

— Isso não interessa, dado que as informações disponibilizadas no Museu do Holocausto se referem a todos os campos e a todos os que neles estiveram.

— O que aconteceu depois de a guerra terminar?

A minha pergunta perturbou o major Hurley, levando-o a aclarar a voz.

— Há muitas informações que permanecem confidenciais, que não são do domínio público.

— Mas poderia certamente fornecer-me alguma pista; pelo menos para saber para onde a minha bisavó foi depois.

— Tentarei ajudá-lo naquilo que me for possível. Mas terei de falar com os meus superiores e de me certificar se a informação que foi já desclassificada pode ser posta ao dispor de um particular, como é o seu caso, que ainda por cima é jornalista.

— O senhor sabe que não tenho qualquer interesse jornalístico nesta história. Trata-se da vida da minha bisavó.

— De qualquer modo, terei de falar com os meus superiores. Telefone-me daqui a alguns dias.

Aceitei sem protestar. Ficara emocionado com o relato do major Hurley. Tentava imaginar o que teria representado para a minha bisavó ter posto termo à vida do homem que amava.

Assim que regressei ao hotel, telefonei a Dona Laura.

— Lamento incomodá-la, mas temo que a investigação esteja a complicar-se. Quando me parece estar prestes a concluí-la, deparo-me com informações que me obrigam a prosseguir.

— Sendo assim, prossiga.

— É isso que quer?

— É. Tem algum problema com isso? Precisa de mais dinheiro? Hoje mesmo pedirei ao banco para proceder a uma nova transferência para a sua conta.

— Não, não é apenas isso que está em causa, mas também... não sei... parece-me que, quanto mais vou conhecendo a Amelia Garayoa, menos consigo avançar.

— Faça o seu trabalho, Guillermo, ainda que... bem, somos já bem idosas, e talvez não dispúnhamos de muito tempo.

— Prometo-lhe que farei tudo o que estiver ao meu alcance.

Seguidamente, telefonei ao professor Soler, mas não estava em casa. A sua esposa informou-me de que o marido estava num congresso em Salamanca.

— Telefone-lhe para o telemóvel, ele não se importará. Mas ligue apenas à noite, porque ele não gosta de ser perturbado durante o dia no trabalho.

Quando, por fim, consegui falar com o professor Soler, transmiti-lhe as minhas preocupações.

— Acho que nunca conseguirei concluir a investigação, a vida da Amelia está a revelar-se uma tragédia infundável. Quando me parece estar à beira da conclusão, descubro que lhe aconteceu mais alguma coisa. Tenho de me deslocar a Jerusalém. Será que dispõe de algum contato no Museu do Holocausto?

Julgo que o professor Soler sentiu curiosidade por saber o que me fazia viajar para Jerusalém, mas absteve-se de qualquer pergunta. Ainda que não conhecesse ninguém no Museu do Holocausto, deu-me o número de telefone de um amigo seu, um professor de História da Universidade de Jerusalém.

— O Avi Meir é polonês, um sobrevivente de Auschwitz. Na verdade, está já reformado, mas é professor catedrático, pelo que certamente o ajudará a descobrir aquilo que procura.

— Procuro a Amelia, continuo à procura da Amelia — respondi, resignado.

— Em Jerusalém?

— Não, mas julgo que aí podem fornecer-me informações acerca da sua

vida.

Pablo Soler nada mais perguntou. Autoimpusera-se o princípio de não querer saber mais do que aquilo que as idosas Garayoa pretendessem que ele soubesse. Devia-lhes muito... na verdade, devia-lhes tudo aquilo que agora era.

Decidi não telefonar à minha mãe para informá-la de que ia a Jerusalém. Ligaria quando lá chegasse. Não estava com disposição para Suportar mais sermões maternos. Porém, pensei em apaziguar-lhe Previamente os ânimos enviando-lhe flores, que encomendei a partir da recepção do hotel. Já não poderia queixar-se de que me esquecia da Sua existência.

12

A minha chegada a Telavive não começou com o pé direito. O interrogatório a que o polícia da alfândega me submeteu deixou-me irritado.

— Qual o motivo da sua deslocação a Israel?

— Vim fazer turismo.

— Conhece alguém cá?

— Não, não conheço ninguém.

— Entregaram-lhe algum presente para alguém residente em Israel ou nos Territórios Palestínianos?

— Não, ninguém me entregou nada e não trago qualquer presente comigo.

Depois, tive de explicar onde iria ficar hospedado e qual o percurso que pensava fazer pelo país.

Já de mau humor, aluguei um automóvel para ir até Jerusalém, sem deixar de pensar que, em termos de segurança, os israelitas descambavam para o paranoico, talvez ainda mais do que os norte-americanos.

O Sheraton de Jerusalém, localizado numa zona central, não distava muito do King David, o histórico hotel da cidade, ainda que, se pretendesse visitar a parte antiga da cidade, teria de andar ainda um pouco a pé. Por mais ciente que estivesse de que não estava ali para fazer turismo, decidi que, assim que concluísse aquilo que ali me levara, procuraria dedicar algum tempo a visitar os Lugares Santos e levar uma recordação à minha mãe. Pensei nos seus paradoxos. Tão moderna para algumas coisas, mas tão católica e conservadora noutras.

O professor Avi Meir revelou-se um idoso encantador, disponibilizando-se para me receber de imediato.

— Recebi ontem um telefonema do professor Soler, que me informou da sua vinda. Se não tiver outro compromisso, aguardá-lo-ei para jantar hoje comigo, às oito horas.

Aceitei de boa vontade. À exceção de três cafés, nada ingerira durante o dia

inteiro, pelo que estava faminto. Depois de tomar duche, pedi ao recepcionista do hotel que me explicasse como chegar ao endereço que me fora fornecido pelo professor Meir.

O professor vivia no primeiro andar de um prédio com apenas três pisos. Foi ele próprio quem me abriu a porta, cumprimentando-me com um aperto de mão cuja firmeza me surpreendeu, tendo em conta tratar-se da mão de uma pessoa de idade avançada. Calculei que deveria estar na casa dos noventa, ainda que se movimentasse como se tivesse muitos menos.

A casa era simples, com estantes em todas as paredes e livros empilhados no chão. Na sala de estar, uma mesa redonda estava já perfeitamente disposta para o jantar.

— Sente-se, certamente que a viagem o deixou faminto. Não sei o que acontece consigo, mas eu nunca como nos aviões.

Jantamos com apetite. Para além de peixe assado no forno, o professor dispusera na mesa diversas saladas, hummus e pão ázimo.

— Estou certo de que apreciará o peixe. Aqui, chamamos-lhe Pilatia Galilea, mas julgo que vocês o conhecem por peixe-de-são-pedro. Provém do mar da Galileia, foi-me trazido hoje mesmo por um amigo.

Atiramo-nos fervorosamente à comida, enquanto eu lhe ia dizendo que necessitava de informações acerca do campo de Ravensbrück, bem como que me confirmasse se a minha bisavó lá teria estado detida.

— Não somos judeus, mas a minha bisavó esteve muito envolvida na guerra, tendo trabalhado para os serviços secretos dos Aliados. Se o senhor conseguisse colocar-me em contato com alguém do Museu do Holocausto, ficar-lhe ia muito agradecido. Tanto quanto Por este magnífico jantar — brinquei.

O professor permaneceu em silêncio observando-me fixamente como se pretendesse dissecar os mais secretos dos meus pensamentos. Depois, antes de responder, sorriu-me.

— Farei melhor do que isso: apresentar-lhe-ei uma pessoa que esteve em Ravensbrück.

— Não é possível! Ainda há sobreviventes desse campo de concentração?

— É verdade que somos cada vez menos, mas ainda não morremos todos. Sabe que, por vezes, sou levado a pensar que, quando o último de nós desaparecer deste mundo, deixará de haver quem possa testemunhar o que aquilo foi, porque o mundo tende a esquecer, não gosta de recordar.

— Mas há livros, documentos, o Museu do Holocausto... A memória daquilo que aconteceu nunca se perderá — tentei animá-lo.

— Ora! Todos esses testemunhos não passam de uma mera gota em tão imenso oceano. Os homens precisam de se esquecer dos seus crimes...

Regressando ao que mais nos interessa: amanhã, irei apresentar-lhe uma pessoa que poderá ajudá-lo, alguém que sobreviveu a Ravensbrück, tal como eu sobrevivi a Auschwitz.

— Muito obrigado, professor. Na verdade, isso é muito mais do que esperava.

— Irei ter consigo ao seu hotel, ao meio-dia, mas gostaria que fizesse uma coisa antes disso: visite o Museu do Holocausto, e faça-o logo de manhã, assim que abrir. Isso permitir-lhe-á compreender tudo mais facilmente.

Já de regresso ao hotel, senti a necessidade de falar com alguém, de partilhar que havia conhecido um homem excepcional. A longa conversa com Avi Meir deixara-me impressionado. Ainda que pouco me tenha falado da sua passagem por Auschwitz, alongou-se em explicações acerca da vida na Europa antes da guerra, até acabarmos por nos envolver numa discussão acerca da existência do Estado de Israel; senti-me tão bem recebido ao longo daquele serão, que ousei mesmo criticar abertamente a política de Israel relativamente aos palestinos.

Avi Meir não se mostrou amedrontado com as minhas críticas, pelo que esgrimimos argumentos como apenas dois bons amigos o poderiam fazer. Senti-me bastante à vontade.

Na manhã seguinte, levantei-me cedo. Pretendia aproveitar bem o dia, pelo que me muni de um mapa de Jerusalém e, graças também às orientações do recepcionista do hotel, não tardei a chegar ao Museu do Holocausto.

Assim que cheguei, estavam já em fila de espera um grupo de judeus norte-americanos e os alunos de um colégio. Havia também um grupo de turistas espanhóis que aguardavam pela chegada do seu guia. Juntei-me a eles, a fim de escutar também as suas explicações.

Saí do museu bastante perturbado, com um nó no estômago e uma sensação geral de náusea. Como terá sido possível que uma nação inteira tenha enlouquecido ao ponto de ter assassinado em massa milhões de pessoas, pela simples razão de serem de raça diferente ou de professarem outra religião? Por que motivo não se tinha o povo alemão rebelado? Recordei-me de Max von Schumann e dos seus amigos; eles não concordavam com Hitler, mas a sua oposição era de cariz meramente intelectual. Quantos alemães terão realmente colocado a vida em risco ousando lutar contra Hitler?

O meu regresso ao hotel coincidiu com a chegada do professor Meir, que, surpreendentemente, conduzia uma velha carrinha.

— Suba. Esteve no museu? O local onde vamos não fica muito longe, serão apenas doze quilômetros.

Sáímos da cidade sem que o professor me dissesse aonde me levava, mas eu também não lhe perguntei. Parecia-me que estávamos a embrenhar-nos no

deserto, até que, subitamente, julguei vislumbrar no horizonte um oásis verdejante. Parecia tratar-se de uma localidade, de uma pequena povoação cercada por um muro de proteção, com homens e mulheres armados a vigiarem o perímetro. Não eram soldados, antes parecendo pessoas comuns, vestidas com roupa prática e sem qualquer identificação militar.

— Isto é Kiryat Anavim, um kibut. Aqui, vivem sobretudo judeus russos. Foi fundado por judeus vindos da Rússia em 1919. Em Israel, há cada vez menos kibut. É muito difícil viver aqui, é o comunismo em estado puro.

— Comunismo?

— A propriedade não existe, tudo é de todos. A comunidade assiste cada um consoante as suas necessidades; as crianças são educadas numa escola comunitária e todos dividem as tarefas entre si, sem distinções de profissão; mesmo que o senhor possa ser médico ou engenheiro, caber-lhe-á também cozinhar ou lavar. A única diferença face ao comunismo soviético é que aqui há liberdade: quando alguém pretende partir, pode fazê-lo livremente; tudo o que fazem é feito voluntariamente. Viver no kibut é bastante difícil, sobretudo para as novas gerações. Os jovens dos dias de hoje beneficiam de demasiadas comodidades e não aguentam este modo de vida espartano.

— Não me espanta — respondi, num desabafo sincero.

— Vivi alguns anos num kibut assim que cheguei a Israel. Foi aí que conheci a minha esposa e passei os anos mais felizes da minha vida.

— A sua esposa?

— Sim, já faleceu há uns anos. Infelizmente, um cancro levou-a. Era russa, uma russa judia. Veio para cá com os pais quando era ainda criança. Estiveram entre os primeiros pioneiros e estabeleceram-se aqui, em Kiryat Anavim.

— Tem filhos?

— Sim, tive quatro filhos. Dois já faleceram: o Daniel, o mais velho, na guerra de 1967; quanto à Esther, foi vítima de um ataque terrorista ao kibut em que vivia, no Norte do país, perto da fronteira com o Líbano. Os outros dois permanecem vivos: o Gedeón vive em Telavive, estando prestes a reformar-se; é produtor de televisão e tem três filhos e já dois netos, pelo que sou também bisavô. Quanto ao Ariel, o mais novo, vive em Nova Iorque; casou com uma norte-americana e emigrou para lá. Assim, tenho também dois netos em Nova Iorque, que, na altura devida, cumpriram a sua obrigação e vieram cá para cumprir o serviço militar. São bons rapazes; já se casaram e ambos têm filhos.

Estacionou a carrinha à porta de uma casa baixa e modesta. Todas as casas eram semelhantes: construídas em pedra, geminadas, nada havia que as distinguisse umas das outras.

A porta estava aberta, e Avi Meir entrou como se da sua própria casa se

tratasse.

— Sofia! Sofia! Chegamos!

Uma mulher idosa veio receber-nos, estendendo-nos a mão.

— Avi! Entra, entra! Deste-me uma grande alegria quando me telefonaste esta manhã. Há muito tempo que não vinhas cá. E como estão os teus filhos? Tens alguma notícia do Ariel? Nunca perceberei porque é que os jovens anseiam tanto por ir para a América. E quem é este jovem?...

— É o Guillermo, o jovem espanhol de quem te falei. É jornalista, mas veio cá porque está a escrever um livro sobre a sua bisavó.

— Quando me perguntaste ao telefone se em Ravensbrück tinha conhecido uma espanhola chamada Amelia Garayoa, quase me deu um ataque de coração. Coitada da Amelia!

Sofia convidou-nos a sentarmo-nos e trouxe um jarro de limonada aromatizada com folhas de hortelã. Depois, observou-me de cima a baixo, como se tentasse descortinar em mim alguma semelhança física com Amelia, embora não tenha parecido encontrá-la.

— Conta-nos tudo o que sabes, também eu gostaria de te ouvir — pediu-lhe o professor Meir.

Sofia não se fez rogada, dando início ao seu relato.

"Eu tinha dezoito anos quando fui levada para Ravensbrück, em maio de 1944. A minha mãe era delegada política e eu sonhava vir a sê-lo. Era também uma comunista fervorosa que idolatrava o "grande Pai" Stalin, tendo-me destacado nas Juventudes Comunistas, graças a influência do meu pai, que, tal como a minha mãe, era delegado político.

Não vos irei contar aquilo que os alemães nos fizeram quando invadiram a Rússia, mas apenas que eu e a minha mãe tivemos sorte, Pelo menos comparativamente a outras mulheres que, para além de terem sido violadas, foram depois esventradas na presença dos maridos e dos filhos, ou outras que tiveram de assistir ao esquartejamento dos seus filhos, mesmo diante dos seus olhos.

Estávamos numa aldeia, a mobilizar os camponeses, quando subitamente chegaram os nazis... Pareciam furiosos, porque estavam a perder a guerra. Assassinararam os velhos e as crianças e detiveram todos aqueles que se apresentavam fardados; no meu caso, era o uniforme de delegada das Juventudes Comunistas. Ainda hoje sinto medo quando recordo como fomos metidos naqueles camiões, com os soldados a agredirem-nos com a coronha das armas. Eu e a minha mãe, assim que descobriram que éramos judias, fomos separadas das restantes mulheres. Para eles, representávamos o que de pior existia na humanidade: éramos judias, comunistas e russas. Fomos enviadas para

Ravensbrück, um campo de concentração localizado perto de Berlim.

Ali, dormíamos em casernas, amontoadas umas sobre as outras em cima de colchões duros, mal dispendo de espaço para respirar; ainda que nos mantivéssemos bastante ocupadas, quanto mais não fosse a catar os piolhos e os percevejos que corriam pelos colchões e pela nossa roupa.

Um dos responsáveis pelo campo era um comandante das SS chamado Schaefer; era um homem brutal, baixo, gordo, moreno, precisamente o oposto do ideal ariano. Mas ali estava ele, falando-nos da superioridade da sua raça enquanto nos torturava. Gostava de participar pessoalmente nos interrogatórios e de pôr em prática todas as ideias macabras que desenvolvia em conluio com o doutor Kiefner.

O doutor Kiefner não passava de um sádico que, tal como o Schaefer, violou muitas mulheres naquele campo.

Gostava de levar a efeito aquilo que qualificava como "as suas experiências", com vista a determinar o limiar da dor que um ser humano podia suportar, mas sem lhe provocar a morte.

Muitas das mulheres eram mutiladas. "Será possível viver sem mamilos?", perguntava-se o doutor Kiefner, enquanto se preparava para cortar os mamilos de algumas das prisioneiras. Fazia-o com um bisturi, sem recorrer a qualquer tipo de anestésico que pudesse aliviar a dor das suas vítimas.

Era um sádico e sentia prazer quando mutilava os órgãos genitais das mulheres de Ravensbrück. A outras, esventrava-as, dizendo que isso o ajudava a alcançar um conhecimento mais preciso do corpo humano.

— Vamos, querida, não ofereças resistência, é para o bem da ciência. Eu estudei com cadáveres, mas não é de todo a mesma coisa que poder contemplar como os teus órgãos funcionam, cada vez mais lentamente até pararem de vez — dizia à mulher que tinha escolhido para vítima.

Qualquer uma de nós que fosse enviada para o hospital ficava aterrorizada, pois sabia que, mesmo que conseguisse regressar viva, nunca mais seria a mesma. A mim, amputou-me ambos os peitos... estive vários dias entre a vida e a morte. Fui salva por uma enfermeira que o auxiliava, também ela prisioneira como nós. Não era judia. A pobre mulher via-se obrigada a prestar-lhe assistência naquelas carnificinas. Julgo que era checa, não me recordo ao certo; falava muito pouco e tinha sido enfermeira antes de ser detida. Não sei por que motivo estava ali, mas a verdade é que o doutor Kiefner nunca a utilizou nas suas experiências. Ela ajudava-nos em tudo o que lhe era possível, que não era muito, mas por vezes conseguia desviar pequenas quantidades de desinfetantes e analgésicos, que entregava a outra prisioneira para tratar aquelas que haviam passado pela "marquesa" do médico.

Suponho que sobrevivi porque era jovem e queria viver, para além de poder contar com a minha mãe; sem ela, nunca teria conseguido.

Mas tenho estado a falar do que me aconteceu a mim, e não é disso que você veio à procura: aquilo que pretende é que lhe fale da espanhola. Chegou no início de setembro de 1944, estava doente e foi colocada na nossa caserna. Mal conseguia andar, era evidente que tinha sido torturada não há muito tempo. Quase não conseguia abrir o olho direito e tinha o rosto arroxado devido às agressões. Estava extremamente magra e, no pescoço e nas costas, apresentava sulcos infligidos pelos instrumentos de tortura.

Recordo-me do primeiro dia em que a vi como se tivesse sido ontem...

— Acomoda-te onde conseguires, porca! — O guarda empurrou-a para dentro da nossa caserna.

Amelia deu uns poucos passos e sentou-se no chão sem olhar para lado algum, como se não nos visse ou não lhe interessasse quem ali estivesse. A minha mãe aproximou-se e falou com ela, mas não obteve resposta.

— Não sabemos de onde é, mas não parece russa — disse uma mulher.

Não sei porquê, mas aquela espanhola comoveu a minha mãe. Arrastou-a até à nossa ala e acomodou-a num dos cantos do colchão. Ela deixava-se levar sem mostrar qualquer emoção.

— A roupa que traz vestida está imunda, mas é de boa qualidade — comentou outra das prisioneiras.

A partir daquela noite, a Amelia dormiria junto de nós. A minha mãe parecia tê-la adotado.

Julgávamos que não falava connosco por não compreender russo, mas, dois dias depois de ela ter chegado, a minha mãe sussurrou-me ao ouvido que a havia surpreendido a olhar para si quando estava a falar acerca dela com outra mulher, como se as compreendesse.

Passaram-se vários dias até o comandante Schaefer a chamar à sua presença.

Como mal conseguia manter-se em pé, a minha mãe decidiu ajudá-la a caminhar até ao gabinete de Schaefer.

A minha mãe regressou, mas, quanto à espanhola, só a tornaríamos a ver dois dias depois, quando um dos guardas abriu a porta e empurrou para o meio da caserna aquilo que mais parecia um fardo de roupa velha.

Tinha sido violada. Era o habitual, sempre que chegava uma nova prisioneira. Se fosse jovem, o primeiro a violá-la seria o Schaefer, ou, por vezes, o próprio doutor Kiefner. Contudo, até as mais velhas sofriam essa humilhação, já que o Kiefner adorava introduzir-lhes na vagina os mais diversos objetos.

— Aqui, nenhuma de vocês poderá queixar-se, todas recebem o devido contributo para apaciar as ânsias femininas — dizia, rindo-se.

Quando a trouxeram, estava em muito mau estado, mas nada disse continuando sem falar, limitando-se a chorar em silêncio. As lágrimas escorriam-lhe pelo rosto, e ela apertava os maxilares como se com isso quisesse reprimir o grito que se lhe formava na garganta.

A minha mãe limpou-lhe as feridas como pôde e, ao fazê-lo, apercebeu-se de que, em alguns locais do corpo, lhe haviam arrancado a pele.

Vieram buscá-la várias vezes para a interrogarem. Rapidamente ficamos a saber que um coronel das SS tinha ordenado ao Schaefer que a fizesse falar, recorrendo aos métodos que quisesse. A enfermeira que assistia o doutor Kiefner contou a outra prisioneira que tinha ouvido o médico referir-se à Amelia como uma assassina, uma terrorista. Supostamente, acusavam-na de ter assassinado um oficial das SS e de estar envolvida em sequestros e atentados.

Parecia inacreditável que aquela jovem de aspeto tão frágil pudesse ter cometido qualquer dos atos de que era acusada. Não passava de um saco de ossos, e julgo que, mesmo que tivesse chegado ao campo em melhor estado, isso de pouco teria adiantado. A minha mãe chamava-lhe "boneca quebrada".

Todavia, apesar do estado em que se encontrava, sobreviveu. Foi um milagre. E isso apesar de, um dia, ter aparecido no campo o tal coronel que tinha assuntos por resolver com ela. Ainda me lembro do seu nome: Winkler. O Schaefer ficou bastante nervoso quando a sua visita foi anunciada. Todas pensamos que, se o próprio Schaefer tremia perante o Winkler, isso apenas poderia significar que este seria pior, e ficamos ainda com mais medo.

Quando o Winkler partiu, pensamos que a espanhola estaria morta. A enfermeira disse-nos que o coronel Winkler se tinha fechado num quarto com ela e que os gemidos da Amelia nem sequer pareciam humanos.

Quando voltamos a vê-la, não passava de uma massa de carne onde era difícil distinguir o rosto. Durante vários dias, lutou entre a vida e a morte, com a minha mãe a pensar que não sobreviveria. Tinha as pernas e os braços partidos, os pés esmagados, não havendo um único centímetro da sua pele sem marcas de queimaduras de cigarros. Ao abrigo da escuridão, a enfermeira veio à nossa caserna naquela noite. Limpou-lhe cuidadosamente as feridas e aplicou-lhe uma pomada sobre todas as queimaduras. Depois, com a ajuda da minha mãe, tentou fixar os ossos partidos. Trouxe também consigo um frasco contendo um potente calmante.

— Não consegui trazer mais nada — disse —, mas é muito forte e deverá ser-lhe dado aos poucos. Sobretudo, não deve mexer-se, é a única forma de os ossos poderem soldar corretamente.

Foi através dela que ficamos a saber que o coronel Winkler tinha partido sem conseguir o seu objetivo.

— Esta mulher tem a mente ausente, já não está aqui; portanto, mesmo que a torturem até à morte, nunca falará.

Naquela noite, ouvimos a sua voz pela primeira vez. Ao julgar ouvir um som, a minha mãe aproximou o ouvido da boca da Amélia.

— Disse "mamãe", está a chamar pela mãe.

Aninhei-me nos braços da minha mãe; tê-la ali comigo tornava-me mais forte. De outra forma, não teria conseguido suportar as torturas e humilhações a que era submetida.

De dia para dia, o número de prisioneiras que morriam na "marquesa" de experiências do doutor Kiefner não cessava de aumentar. A sua mais recente patifaria consistia em coser a vagina das prisioneiras mais jovens, na medida em que tinha lido que faziam isso em algumas tribos africanas, de modo a evitar que a mulher sentisse prazer nas relações sexuais.

— Não, não estão aqui para terem prazer, mas sim para pagarem pelos crimes que cometeram, e assim resolvo a questão de uma vez por todas — dizia ele, enquanto preparava os materiais com que iria coser-nos.

Todas fomos mutiladas, a Amelia também, havendo algumas que morreram devido a infeções.

Depois, quando éramos violadas por ele ou por algum dos guardas, as dores tornavam-se insuportáveis. Nem sei como conseguimos sobreviver àquilo.

Antes de a primavera chegar, em fevereiro de 1945, chegou-nos a notícia de que os russos estavam próximos. Ouvimos os guardas a falar disso e a enfermeira checka confirmou. Estávamos expectantes e ansiosas de que aquele rumor correspondesse à verdade.

Os alemães temiam os russos. Sim, temiam-nos porque respondíamos com brutalidade idêntica à que eles tinham dado mostras quando nos invadiram. Não havia soldado russo que não tivesse perdido o pai ou um irmão, que não tivesse conhecimento de um amigo cuja mãe ou irmã tivesse sido violada pelos alemães. Assim, a cada palmo de território que o exército soviético reconquistava, os soldados vingavam-se dos alemães sem quaisquer contemplações ou remorsos. Julgo que estávamos no início de março quando aquele homem chegou ao campo, um alemão estropiado e envergando uniforme de oficial. Estávamos na parada quando nos afastaram do caminho para que um automóvel negro pudesse circular livremente até à caserna onde se encontrava o gabinete de Schaefer.

A minha mãe disse que o comandante estava nervoso, mas não me recordo dele com nitidez.

Vimos o Schaefer abrir a porta e fazer a continência, tentando apresentar um porte marcial perante aquele homem que era ajudado a sair do automóvel por um outro oficial. Antes, aquele que o ajudava havia retirado do automóvel uma

cadeira de rodas, onde sentou o homem defronte do qual o Schaefer se perfilava.

Tratava-se de um oficial da Wehrmacht, ostentando a grande cruz de ferro e outras condecorações militares. Ainda que sentado numa cadeira de rodas, o porte aristocrático daquele militar impunha respeito. Por baixo do cobertor que o tapava, escondiam-se os cotos daquilo que antes haviam sido as suas pernas. O seu corpo estava praticamente reduzido ao tronco. Encaminharam-no para o gabinete do Schaefer, e todas nos questionamos acerca do motivo da visita daquele general estropiado.

Fecharam-nos nas casernas. Passada uma hora, um guarda veio buscar a Amelia, ordenando-lhe que recolhesse os seus pertences. Que ironia! Ali tudo nos faltava, não havia qualquer pertence para recolher. A minha mãe começou a chorar, temendo que a levassem para outro campo ou que a entregassem ao tal coronel Winkler, que tanto parecia odiá-la. Saímos atrás dela, vendo o guarda acompanhá-la até ao largo da parada. Aí estava o comandante Schaefer, junto do general em cadeira de rodas. A Amelia caminhava com ar indiferente, com o olhar perdido, como se nada daquilo que acontecia em seu redor lhe interessasse; a mesma atitude desde o dia em que tinha chegado a Ravensbrück.

Subitamente, ficou alerta. Alguma coisa naquele general inválido pareceu atrair-lhe a atenção. Recordo-me de a ver correr na sua direção gritando: "Max, Max!"; depois, caiu por terra. O intendente do general correu para ela e ajudou-a a levantar-se.

Todas observávamos a cena espantadas, não percebíamos nada. A espanhola não havia pronunciado uma única palavra desde a sua chegada a Ravensbrück. À noite, depois de ter sido torturada, nós a ouvíamos chorar em silêncio chamando pela mãe. "Mamãe" foi a única palavra que pronunciou durante todo o tempo em que ali esteve, e de repente não parava de gritar repetidamente aquele nome: "Max, Max, Max!"

O intendente do general ajudou-a a dirigir-se até junto do general e, quando isso aconteceu, ela ajoelhou-se, suplicando-lhe que a perdoasse.

— Perdoa-me, Max, perdoa-me! Eu não sabia... Perdoa-me!

O oficial fez um sinal ao seu intendente, ao que este a levantou do chão, levando-a depois para o automóvel. Vimos o Schaefer estacar de novo em frente ao general. O seu intendente voltou para o levar e, com a ajuda do motorista, colocaram a cadeira de rodas no automóvel. Partiram e nunca mais a tornamos a ver.

Como decerto calculará, durante muitos dias não houve outro tema de conversa no campo. Ignorávamos quem seria aquele oficial estropiado, bem como o motivo que tinha levado a espanhola a ajoelhar-se perante ele pedindo-lhe perdão. Também não sabíamos para onde a teriam levado.

Desta vez, nem sequer a enfermeira nos soube informar acerca do que tinha acontecido, dizendo-nos apenas que o general trazia consigo uma ordem escrita para que a Amelia fosse libertada, com o Schaefer a não ter outro remédio senão libertá-la. Soubemos pela enfermeira que, quando partiram, o Schaefer telefonou ao coronel Winkler para pô-lo ao corrente dos acontecimentos, embora não tenha conseguido falar com ele.

O que aconteceu depois não é difícil de imaginar. Pouco antes de Berlim cair, os meus compatriotas libertaram-nos. A guerra estava a chegar ao fim. Nunca voltamos a saber nada acerca da espanhola, da sua bisavó. Espero que tenha sobrevivido, ainda que naqueles dias...»

Sofia silenciou-se, deixando-se levar pelas recordações e esquecendo-se da nossa presença. Avi pigarreou, resgatando-a para o presente.

— Muito obrigado, Sofia — disse-lhe, pegando na sua mão e apertando-lha carinhosamente.

— Minha senhora, não calcula quanto agradecido lhe fico e... bem... lamento tudo aquilo por que teve de passar — disse, apenas para dizer qualquer coisa, tão impressionado ficara com aquela narrativa.

— Senhora? E por que motivo me trata por "senhora»? Trate-me simplesmente por Sofia, todos me tratam assim. Sabe uma coisa? Nunca julguei que alguma vez tornaria a ter notícias da espanhola e, subitamente, o Avi telefona-me para me dizer que um jovem espanhol procura informações acerca de Ravensbrück, que é o bisneto de uma prisioneira espanhola que lá teria estado detida... Nunca imaginei que algo assim pudesse acontecer. Aquilo que lhe contei serve-lhe para alguma coisa? — A voz de Sofia recuperara a firmeza habitual.

— As informações que me forneceu são preciosíssimas. Sem aquilo que me contou, não conseguiria avançar na minha investigação. A senhora revelou-me que o Max afinal estava vivo, quando eu o julgava morto.

— E quem era esse Max? — perguntou-me com curiosidade.

— Era um oficial que se opôs ao Hitler antes da guerra, um aristocrata prussiano que desprezava o nazismo — expliquei, tentando transmitir uma boa imagem de Max.

— Um desprezo que pelos vistos não foi suficiente, dado que envergou o uniforme alemão e matou pessoas em defesa daqueles horríveis ideais.

— Era médico e, portanto, julgo que não terá matado ninguém — continuei eu a defendê-lo.

Contudo, Sofia conhecera o doutor Kiefner, pelo que, para ela o fato de um oficial alemão ser médico nada justificava. O seu corpo mutilado era a prova viva daquilo que alguns médicos alemães haviam sido capazes de fazer.

— E o que aconteceu depois? — perguntou ela, para pôr termo à discussão.

— Não sei, é o que terei agora de investigar, o que aconteceu depois. A história da minha bisavó é como uma dessas bonecas russas: quando julgamos ter chegado à última, eis que nos deparamos com outra. Não sei o que aconteceu, nem sequer se sobreviveram. Ignoro-o por completo.

— Ele era general; procure nos arquivos, talvez tenha sido julgado em Nuremberg — sugeriu Sofia.

— Irei fazê-lo.

— Ou talvez tenha morrido tranquilamente na sua cama, como tantos outros militares alemães — insinuou Avi Meir.

Sofia insistiu para que almoçássemos com ela, ainda que na verdade o tenhamos feito com todos os residentes do kibut numa cantina comunitária. A comida era simples mas saborosa, e todos se mostraram muito amáveis comigo. Avi estava certo ao dizer que tudo aquilo representava uma síntese do sonho comunista, ainda que de um comunismo utópico. Se o comunismo foi realmente alguma vez implementado em algum local, terá sido nos kibut. Pensei então que os meus amigos ficariam surpreendidos se conhecessem este local, perguntando-me quantos deles, inclusive eu próprio, seriam capazes de viver ali tudo partilhando, comprometendo-se a participar em todas as tarefas, sem nada possuírem para além daquilo que a comunidade decidisse comprar em função do dinheiro disponível, que havia que despender equitativamente. Ali, ninguém tinha mais posses do que qualquer outro.

Viver assim? Não, não seria capaz; era mais cómodo falar de igualdade em termos teóricos.

A determinada altura, Sofia disse-me ao ouvido que, se a minha bisavó tivesse sobrevivido, teria ficado com marcas da sua passagem por Ravensbrück.

— Depois de termos sido libertadas, tive de ser operada. A Cruz Vermelha tomou-nos a todas ao seu cuidado, tentando remediar algumas das barbaridades perpetradas pelo doutor Kiefner. Sabe uma coisa? Nunca voltei a ser uma mulher normal... as sequelas derivadas de me terem mutilado os peitos, ou de me terem cosido a vagina... O senhor não consegue imaginar o que isso implica. E a sua pobre bisavó terá certamente passado pelo mesmo... Não sei se teve a sorte que eu tive. É claro que, na sequência dessas operações, permaneci hospitalizada durante muito tempo. A minha mãe recuperou antes de mim e, nas vésperas de regressar à Rússia, pediu a um médico norte-americano judeu que me ajudasse a vir para Israel. Estava convencida de que seria o melhor para mim. Fiquei surpreendida; julgava que éramos felizes na União Soviética, que devíamos lutar pela revolução e que também a minha mãe assim pensaria, e por isso nunca percebi o que a terá levado a pedir-me para tentar vir viver para aqui. "Sofia»,

dizia-me ela, "faz com que pelo menos uma de nós possa ver Jerusalém.» Retorqui que não tínhamos Deus e que não possuíamos outra pátria que não a Rússia, mas ela insistiu. Fez-me mesmo prometer que tentaria. Consegui chegar aqui... e nunca mais voltei a vê-la.

Passava já das quatro da tarde quando regressamos ao hotel. Avi mostrou-se tão amável e comunicativo como na noite anterior.

— Sabe que rumo deverá prosseguir na sua investigação? — perguntou-me.

— Na verdade, confesso que não. Talvez o major Hurley possa revelar-me o que mais haverá nos seus arquivos acerca da Amelia.

Expliquei-lhe quem era o major Hurley e como me tinha ajudado até ao momento.

— Na minha opinião, se a sua bisavó trabalhou para os britânicos durante a guerra, talvez estes tenham voltado a dar-lhe trabalho... Se é que sobreviveu. Tenho um amigo norte-americano, embora seja de origem alemã, que é historiador e está a par de tudo o que aconteceu no pós-guerra. Quis alistar-se para lutar na guerra, mas não lho Permitiram por não possuir idade suficiente, de maneira que, quando conseguiu finalmente alistar-se, já a guerra havia terminado. Mesmo assim, conseguiu ser mobilizado para Berlim. Sentia uma raiva imensa que o Hitler e os seus sequazes tivessem manchado a Alemanha. Costumava dizer-me: "Avi, devido ao Hitler, a humanidade inteira julga que todos os alemães são iguais a ele; carregaremos essa culpa connosco, como se do pecado original se tratasse.» Ele tinha nascido em Nova Iorque, mas os seus pais eram alemães e educaram-no como tal. Era fervorosamente católico, a tal ponto que acabaria por ser sagrado sacerdote. Já o era quando o conheci em Jerusalém, onde viveu durante algum tempo e se doutorou em Estudos Bíblicos na universidade. Tornamo-nos amigos íntimos, pelo que costumava contar-me muitas coisas acerca da cidade de Berlim na altura em que ele lá chegou, em 1946. Se quiser, posso telefonar-lhe, talvez o possa ajudar; ainda que, claro, ele viva em Nova Iorque, e não sei se...

— Fico-lhe agradecido, Avi, qualquer ajuda será valiosa, preciso de alguém que me oriente. Portanto, se puder falar com ele e explicar-lhe quem sou... talvez possa vir a necessitar do seu conselho a determinada altura.

Despedimo-nos à porta do hotel, com ele a comprometer-se a telefonar-me assim que tivesse falado com o seu amigo, o sacerdote norte-americano.

Reservei um bilhete de avião para regressar a Londres no dia seguinte, aproveitando o tempo disponível para visitar Jerusalém. Avi recomendara-me que entrasse na cidade velha pela Porta de Damasco, tendo sido precisamente isso que fiz. Passeei orientando-me através do mapa que trazia comigo; acabei por comprar um rosário para a minha mãe, talhado em madeira de oliveira, e

também lhe comprei uma Bíblia encadernada com o mesmo material. Depois, adquirei vários *kejyas*, os típicos lenços palestinos, que pensava oferecer a vários dos meus amigos. Não sei porquê, deixei-me também convencer por um comerciante de idade já avançada que insistia em vender-me uma chaleira em cobre polido. Não é que a chaleira me agradasse particularmente, mas não fui capaz de resistir aos argumentos do velho. Regressei ao hotel satisfeito com as compras que acabara de fazer.

Julgo que o major Hurley teria apreciado que eu tivesse passado mais tempo em Jerusalém, porque, quando lhe telefonei e o informei de que estava em Londres, não pareceu ficar muito contente.

— Você faz tudo muito depressa, Guillermo — recriminou-me.

— Na verdade, tive muita sorte e deparei-me com as pessoas certas, o que me poupou bastante tempo — justifiquei-me, pensando que, se o major não fosse tão escrupuloso na sua diacronia e optasse por me contar, de uma vez por todas, tudo quanto sabia acerca de Amelia, eu conseguiria concluir a minha investigação e ele não teria de despender mais tempo comigo. Contudo, era britânico, e ainda por cima de classe alta, pelo que a parcimônia era parte integrante da sua natureza.

— E então, o que conseguiu descobrir? — perguntou-me, como se disso dependesse a possibilidade de voltar ou não a receber-me.

Quando acabei de lhe contar tudo, mostrou-se hesitante, acabando depois por me ordenar que aguardasse até ele tornar a entrar em contato comigo.

— E isso quando será, major?

— Daqui a um dia ou dois — respondeu, desligando depois o telefone.

Tratando-se do major, pode dizer-se que deixou o prazo arrastar-se até ao limite, pois apenas me telefonou dois dias depois, numa altura em que eu já estava a pensar partir para Nova Iorque para me encontrar com o amigo de Avi, quanto mais não fosse porque o fato de estar inativo me consumia. Antes de desligar, acrescentou: — A Lady Victoria teve a amabilidade de convidar-nos para almoçarmos com ela amanhã. Devemos comparecer em casa dela ao meio-dia.

Celebrei tal notícia oferecendo a mim próprio um jantar num restaurante. Simpatizava com Lady Victoria; tal como o major, era genuinamente britânica. A circunstância de estar casada com um neto do Lorde Paul James, o tio de Albert James, conferia-lhe estatuto de autoridade em tudo o que dissesse respeito a Amelia Garayoa.

Comprei uma garrafa do melhor vinho do Porto numa loja de vinhos licorosos da Bond Street. O empregado hesitou se devia atender-me ou chamar os seguranças, dado que o meu aspeto em nada correspondia ao da sua distinta

clientela. Não percebi por que motivo me observava com tamanha desconfiança até regressar ao hotel, apercebendo-me então de que levava um lenço palestino enrolado ao pescoço. Deverá ter pensado, no mínimo, que seria primo de Bin Laden.

Senti-me tentado a comprar uma gravata numa das distintas lojas da Bond Street, dado que dispunha de uma única, a mesma que levava sempre que me encontrava com Lady Victoria. Porém, os preços fizeram-me desistir de tão boa intenção: não havia nenhuma gravata que custasse menos de trezentos euros, pelo que decidi que seria melhor investir o meu dinheiro em uísque escocês.

Era meio-dia em ponto quando cheguei. Pareceu-me novamente que Lady Victoria tinha mais sardas do que nas ocasiões anteriores, para além de a sua alvíssima pele se apresentar agora avermelhada, como se tivesse estado demasiado exposta ao sol.

— Ah, querido Guillermo! Fico muito feliz por tornar a vê-lo! — Aquele cumprimento caloroso parecia sincero.

— Não sabe quanto lhe agradeço este convite — respondi eu, tentando estar à altura.

— É emocionante... a sua investigação é verdadeiramente emocionante. Também o meu marido pensa assim, não é, querido?

O Lorde Richard assentiu, apertando-me a mão. Apresentava o nariz avermelhado, não sei se, tal como a esposa, devido a banhos de sol ou como consequência do xerez que tanto apreciava.

Arrependi-me de alimentar pensamentos tão negativos. Lady Victoria e Lorde Richard tinham passado alguns dias de férias nas ilhas Barbados, em casa de uns amigos, a isso se devendo o tom da pele avermelhado.

Estava consciente de que, antes de Lady Victoria e o major Hurley se debruçarem sobre o cerne da questão, teríamos de falar de trivialidades, e que seria apenas por alturas da sobremesa que ambos se decidiriam por se concentrar naquilo que ali me levava; assim, enchendo-me de paciência, dispus-me a desfrutar daquele almoço.

— Caro Guillermo, a sorte esteve do nosso lado. Quando o major Hurley me contou aquilo que você tinha descoberto em Jerusalém, fiquei horrorizada... pensar no sofrimento que todas aquelas mulheres tiveram de suportar... Mas repito que tivemos sorte. E isto porque encontrei nos nossos arquivos um bloco de notas do Albert James, onde constam as suas reflexões pessoais acerca dos derradeiros dias de guerra, da capitulação, da divisão de Berlim e, também, do seu reencontro com a Amelia. Consegue imaginar tal momento? Recordava-me de ter lido esses blocos superficialmente, mas ainda são muitos os materiais que me falta classificar! Assim, pus-me à procura deles. Recordava-me de que o

Albert se referia à Amelia, ainda que ignorasse a razão. Julgo que, com esses blocos de notas e com aquilo que o major Hurley nos possa contar, poderá ficar com uma ideia do que aconteceu à sua bisavó após a guerra.

— Talvez venha a precisar de recorrer a mais algumas fontes — advertiu o major Hurley.

— Estão a auxiliar-me bastante e fico-lhes muito agradecido — intervim eu, exibindo o meu melhor sorriso.

Lady Victoria e o major Hurley trocaram um rápido olhar, posto o que este cedeu a palavra à nossa anfitriã.

"Decerto saberá que o Albert James decidiu trabalhar para a OSS, os serviços secretos norte-americanos. Enquanto o Lorde Paul não conseguiu convencer o sobrinho a colaborar com os serviços secretos britânicos, melhor sorte teve um amigo do Albert, William Donovan, um prestigiado advogado de Nova Iorque, veterano da Primeira Guerra Mundial, que se viu encarregado pelo próprio presidente Roosevelt de organizar uma rede de espionagem adaptada às necessidades da guerra e que colaborasse com os serviços secretos britânicos.

Donovan tentou angariar para a OSS a nata das natas, tendo de imediato pensado no Albert James, ainda que este tenha integrado os serviços já ia corrido o ano de 1943. Os seus ideais românticos do jornalismo impediam-no de dar esse passo, até acabar por concluir que naquela guerra não se podia ser neutro e que teria de se envolver, o que acabou de fato por fazer.

Devido aos seus conhecimentos da língua francesa, agiu sobretudo na França e na Bélgica. Tinha vivido muitos anos em Paris enquanto correspondente jornalístico, pelo que possuía aí uma boa rede de contatos. Desenvolveu também operações na Holanda.

Assim que a guerra terminou o Donovan enviou-o para Berlim. Sabia que aquela cidade seria o palco para o início de uma "nova guerra", uma guerra silenciosa e nunca declarada contra um dos países outrora aliado: a União Soviética. Foi assim que, sob a cobertura de jornalista, fixou residência em Berlim. E foi aí que, passado pouco tempo, se encontrou com a Amelia. Nos seus blocos, diz que isso aconteceu em novembro de 1945, alguns meses após o final da guerra.

Amelia caminhava, levando uma criança pela mão. De início, ele sentiu dificuldade em reconhecê-la. Sempre tinha sido magra, mas naquela altura estava extremamente debilitada.

— Amelia!

Ela voltou-se ao ouvir o seu nome e, por alguns segundos, também se mostrou hesitante, para depois estacar e aguardar que ele se aproximasse.

— Albert... fico feliz por te ver — disse, estendendo-lhe a mão.

— Também eu. O que fazes aqui?

— Vivo aqui — respondeu ela.

— Aqui, em Berlim? E desde quando?

— Continuas o mesmo, sempre a querer saber tudo... — sorriu a Amelia.

— Perdoa-me, não queria intrometer-me. Perguntei várias vezes por ti em Londres. Como o meu tio Paul não quis ser muito claro, não consegui saber nada sobre ti desde que... bem... desde que nos separamos.

— Sobrevivi, que é algo que muitos não poderão dizer. Mas fala-me de ti: onde tens estado? Suponho que te terás desdobrado em reportagens sobre a guerra para os teus leitores norte-americanos, ou estou enganada?

— Não, não estás enganada. Continuo a escrever sobre as mesmas matérias, já sabes como sou. E quem é este menino? — perguntou, referindo-se à criança que assistia silenciosamente àquele reencontro.

— Friedrich, cumprimenta este meu amigo. É o filho do Max.

Ambos ficaram em silêncio, sem saberem o que dizer um ao outro. Para além da guerra, também o Max von Schumann se tinha interposto entre eles.

— Significa então que também ele sobreviveu, fico feliz por vocês os dois — disse o Albert sem grande convicção.

— Sim, sobreviveu. Gostarias de vir visitá-lo? Certamente que ele gostará de conversar com alguém que conheceu em tempos melhores.

De fato, o Albert não sentia qualquer desejo de se encontrar com o barão Von Schumann, mas não se atreveu a negar-se.

— Vem connosco, vivemos muito perto daqui, a apenas duas ruas, no setor soviético.

— Não é a melhor das zonas.

— Trata-se da única propriedade do Max que não foi destruída. O edifício pertencia à sua família, que arrendava os andares; agora, vivemos num deles. Ainda há inquilinos em alguns dos outros andares, ainda que nestes tempos ninguém consiga pagar a renda.

Subiram a pé até ao terceiro andar. Assim que a Amelia abriu a porta, o Friedrich largou-lhe a mão e desatou a correr.

— Papá, papá! Encontramos um amigo teu! — gritou a criança.

Entraram numa sala com as paredes forradas de estantes repletas de livros. O antigo inquilino devia ter sido um leitor voraz, ou talvez um professor.

Max estava na penumbra, sentado numa poltrona e com os membros inferiores cobertos por um cobertor.

Amelia aproximou-se dele e cumprimentou-o com um beijo, acariciando-lhe o cabelo.

— Max, cruzei-me com um velho amigo, o Albert James. Trouxe-o

connosco.

O Albert não percebia por que motivo não se levantava o Max para o cumprimentar e, quando os seus olhos se acostumaram àquela Semiescuridão, teve de fazer um grande esforço para que a sua expressão não o denunciasse. O outrora orgulhoso e atraente barão Von Schumann tinha o rosto deformado por cicatrizes derivadas de Queimaduras e estilhaços.

— Aproxima-te — pediu a Amelia ao Albert.

— Albert, meu amigo, fico feliz por estares aqui. — O Max estendeu-lhe a mão, sem se levantar, tendo sido então que o jornalista se apercebeu de que ele devia ter a visão afetada, dado que estava com um olho semifechado, com uma enorme cicatriz a rasgar-lhe o rosto até à pálpebra. — Perdoa-me por não me levantar, não o tomes por falta de cortesia.

— Obviamente que não. Fico feliz por te ver, Max. O teu filho é já um homenzinho — disse ele para fazer conversa.

— Sim, o Friedrich é um sonho de criança.

Amelia, que havia saído da divisão, regressou com um tabuleiro com três chávenas e um bule.

— Não será o melhor chá do mundo, mas foi o único que consegui no mercado negro.

Falaram da Berlim que tinham conhecido, dos serões no Hotel Adlon e em casa do professor Schatzhauser, da cidade alegre e ousada que tinha sido. O Max fez o Albert prometer que voltaria para conversar com ele. A Amelia acompanhou-o à porta.

— Lamento vê-lo assim. Onde lhe aconteceu isso? Na frente russa?

— Fui eu quem o pôs assim — respondeu a Amelia.

Ele fitou-a com incredulidade. Parecia-lhe uma perfeita desconhecida, não descobria nela qualquer vestígio da mulher que tinha sido. Naquela altura, devia ter 27 ou 28 anos, mas os seus olhos denunciavam ter realizado uma verdadeira descida aos infernos. Ficou sem resposta perante aquela afirmação da Amelia.

— Sei que pode parecer pretensioso, mas posso ser-te útil em alguma coisa?

Ela pareceu hesitar, acabando depois por dizer: — Apenas quero que deixem o Max em paz. Os soviéticos detêm pessoas indiscriminadamente, procuram nazis por toda a parte. Nem sei quantas comissões analisaram já o processo do Max: foi interrogado, requereram testemunhas... Até agora, não encontraram ninguém que pudesse confirmar que o Max tenha cometido atos criminosos. Tu próprio sabes perfeitamente que ele não era nazi, que chegou mesmo a encontrar-se com o teu tio para lhe pedir para a Inglaterra pôr fim à política de apaziguamento, que mais não fazia do que servir as intenções do Hitler. Se conseguisses que nos deixem em paz...

— Vou tentar. Fornece-me as convocações judiciais que vos enviaram, a documentação, tudo o que te seja possível. Não te prometo nada, dado que no setor russo não permitem que ninguém se intrometa nos seus assuntos.

— Onde queres que te leve tudo isso?

Ele deu-lhe o endereço de um pequeno hotel localizado no setor norte-americano.

— Levar-te-ei toda a documentação amanhã de manhã.

— Ótimo. Sendo assim, achas bem tomarmos um café juntos?

No dia seguinte, o Albert viu-a chegar caminhando de cabeça erguida, imersa nos seus pensamentos. Sorriu assim que o viu, aguardando à porta do hotel.

— Tens de ir já embora?

— Não, estava à tua espera. Entra, a proprietária faz um bom café.

— Café a sério?

— Sim, sou eu que lho arranjo — respondeu ele, rindo.

Ela entregou-lhe a documentação, posto o que ele lhe pediu que contasse o que lhe tinha acontecido durante a guerra.

— Trabalhei para o teu tio.

— Durante toda a guerra?

— A exceção dos períodos passados em Pawiak e em Ravensbrück.

— Pawiak? Estiveste detida em Varsóvia?

— Sim, essa foi a primeira vez. Colaborava com um grupo de polacos que ajudava as pessoas no gueto. Fomos todos detidos; acabei por ter sorte, dado que o Max me salvou de ser enforcada. Julguei que ao ter estado detida em Pawiak tinha ficado a conhecer o inferno, mas estava rotundamente enganada. O verdadeiro inferno seria Ravensbrück; só que nessa altura já não me interessava o que pudessem fazer-me, apenas desejava morrer.

— Disseste-me ontem que o Max ficou assim por tua causa...

— O teu tio não te contou o que aconteceu?

— Não, nunca me falaria de nenhuma operação dos serviços secretos.

— Eu estava a colaborar com um grupo da Resistência grega. Pretendíamos fazer explodir um comboio militar com armamento, vindo de Atenas e destinado a reforçar a fronteira com a Iugoslávia. Nesse mesmo dia, o Max iria inspecionar um batalhão não muito longe de Atenas. Decidiu fazer parte do trajeto integrado no comboio militar, dado que o oficial que o liderava era seu amigo. Eu não sabia disso. Acionei o detonador à passagem dos automóveis que transportavam os oficiais e vi-o saltar do seu assento envolto em chamas. Perdeu as pernas, e bem vês como ficou com o rosto marcado, mas o resto do corpo está ainda em pior estado. Não obstante tudo o que lhe fiz, o Max perdoou-me, e foi ele quem, há alguns meses, me libertou de Ravensbrück. Restituiu-me à vida por duas

ocasiões e, todavia, como vês... eu roubei-lhe a dele. Esteve muitos meses entre a vida e a morte, mas sobreviveu; contudo, quando se viu reduzido a tal estado... disse que preferiria ter morrido. Diz-me isso todos os dias.

— Ele é um soldado, Amelia, para além de médico. Sabe perfeitamente que esse tipo de coisas acontecia diariamente, que poderia ter acontecido a qualquer um.

— Tens a certeza disso? Julgas que qualquer outro soldado poderia ver-se reduzido a tal estado pela mulher que amava?

— Já não trabalhas para o Lorde Paul?

— Não, não quero saber acerca de guerras, mortes ou serviços secretos. Além do mais, não o poderia fazer. Dedico todo o meu tempo ao Max; devo-lhe isso e ele precisa de mim.

— E a criança?

— O Friedrich é a única razão pela qual o Max se mantém vivo. Adora o filho.

— E a baronesa Ludovica?

— Morreu durante um dos bombardeamentos britânicos sobre Berlim. Foi um milagre que o Friedrich tenha sobrevivido. Apenas se têm um ao outro.

— Também te têm a ti.

— Oh! Limito-me a tornar-lhes a existência um pouco mais fácil! Perderam tudo.

— E te sentes culpada por isso e decidiste sacrificar o resto da tua vida para te dedicares a eles. E o teu próprio filho? E a tua família?

— Javier, perdi-o para sempre. Meu marido não me permite ver meu filho. A minha família sente a minha falta, estou certa que sim, mas não precisam de mim da mesma forma que Max e Friedrich.

— Sabem que estás aqui e aquilo que te aconteceu?

— Não, não sabem nem quero que saibam. É melhor assim, mais não faria do que provocar-lhes sofrimento.

— Não te parece que não saberem de ti é que realmente pode fazê-los sofrer?

— Pode ser que sim, mas para já não tenho outra opção.

— Os soviéticos têm-te incomodado?

— Disponho de boas credenciais, dado que fui detida duas vezes pelos nazis, primeiro em Varsóvia, na penitenciária de Pawiak, e depois em Ravensbrück. Que mais querem eles?

— Além disso, podes sempre exhibir o teu cartão de militante do Partido Comunista Francês — disse ele com um sorriso, tentando amenizar a tensão da Amelia.

— Julgas que se o mostrar ao Walter Ulbricht ele me contemplará com um

cargo importante? Ou será melhor falar com o Wilhelm Pieck? São eles que agora mandam aqui, para além dos soviéticos — reagiu a Amelia, respondendo à piada.

— Tendo em conta que o Ulbricht foi o líder dos comunistas alemães no exílio e que o Pieck é um homem muito considerado em Moscou, é natural que sejam as pessoas mais influentes do momento. Mas conta-me: como vos correm as coisas? Quero dizer... como fazem para viver, com o estado do Max...

— Fazemos o que nos é possível. As antigas posses da família dele deixaram de existir, ficaram reduzidas a escombros. No que respeita a dinheiro e outros valores, de pouco valem agora. Temos vendido algumas coisas e, quando algum inquilino nos paga parte da renda, é dia de festa. Por vezes, pagam-nos em gêneros: uma barra de pão, uns saquinhos de chá, um pedaço de carne de origem duvidosa... aquilo que arranjam.

— Falaste com os britânicos?

— Apenas para me arranjamem a devida documentação, mas não julgues que se mostraram muito dispostos a ajudar-me. Não compreendem por que motivo pretendo continuar aqui. Mas fala-me de ti: chegaste a casar?

— Não, não tive tempo para isso, a guerra não é propriamente a altura mais propícia para casar.

O Albert assumiu o dever de cuidar da Amelia, do Max e do pequeno Friedrich. Visitava-os frequentemente; tratou da documentação necessária para deixarem de incomodar o barão e, além disso, costumava levar-lhes comida.

Impressionava-o ver a Amelia reduzida a uma atitude tão submissa relativamente ao Max. Tratava-o com reverência e mimava o Friedrich tanto quanto lhe era possível. Mas tinha mudado muito, deixando de ser a jovem repleta de vida que ele havia conhecido, idealista, bela. Aquela mulher pouco possuía em comum com aquela que tinha amado, ainda que não deixasse de ser a mesma Amelia.

Falou com o tio, informando-o da presença da Amelia em Berlim. Contudo, o Lorde Paul explicou-lhe que ela não estava disposta a voltar a trabalhar para eles. Para além de ela própria ter enjeitado tal possibilidade, também todos os agentes que a contactaram mencionaram nos seus relatórios que não parecia dona de si própria.

— E como estarias tu se tivesses sido torturado meses a fio? — perguntou o Albert ao tio, furioso. — Não fazes a mínima ideia do que lhe fizeram em Ravensbrück.

Ela nunca lhe contou aquilo por que passara, mas o Albert tinha lido relatórios com testemunhos de algumas sobreviventes, tremendo só de pensar na possibilidade de poderem ter submetido a Amelia a tormentos idênticos aos

sofridos por essas mulheres. Todas haviam sido vítimas de mutilações, todas haviam sido violadas, e calculava que ela não tivesse constituído exceção; mas a Amelia recusava-se a falar do passado, como se tivesse merecido todo aquele sofrimento, como se isso fizesse parte da dívida por aquilo que tinha acontecido ao Max.

Sentia tantos remorsos por causa da operação de Atenas, que o Albert lhe recomendou que falasse com um sacerdote.

— Precisas de ser perdoada, apenas assim conseguirás reencontrar a paz interior.

— O Max já me perdoou, é um homem excepcional.

— O perdão dele não basta, precisas do perdão de Deus.

Nunca viria a saber se ela acabou por seguir o seu conselho, e também não tornou a insistir. Entretanto, em Berlim, a tensão entre os vencedores da guerra não cessava de aumentar. As relações entre as potências ocidentais e os russos tornavam-se cada vez mais crispadas. Tinham combatido juntos, mas agora já não se encontravam na mesma trincheira.

A OSS havia encarregado o Albert de descobrir o paradeiro de um cientista nazi que tinha fugido antes do final da guerra. Muitos dos cientistas que tinham trabalhado para o Hitler acabaram por, de bom grado, aceitar trabalhar para os norte-americanos ou para os russos, dado que isso pressuporia a impunidade. Mas não foi esse o caso do Fritz Winkler.

O Albert não tinha confidenciado à Amelia que trabalhava para a OSS. Mantinha-se fiel à cobertura de simples jornalista norte-americano ávido de notícias, razão pela qual decidiu tentar a sorte com o Max, não fosse dar-se o caso de ele ter conhecido o Fritz Winkler ou saber alguma coisa acerca do seu paradeiro. Afinal de contas, a família do Max havia mantido muito boas relações, conhecendo todas as personalidades relevantes na Alemanha. Talvez ele pudesse fornecer-lhe alguma pista.

— Pediram-me uma reportagem acerca de cientistas alemães que trabalhavam para o Hitler. Alguns fugiram e ninguém sabe onde se encontram.

— Consta que alguns terão passado para o vosso lado, enquanto outros foram acolhidos pelos russos — disse a Amelia.

— Talvez seja esse o caso de alguns, mas não de todos. Ao que parece, o doutor Winkler conseguiu sair da Alemanha com a ajuda do filho. Julgo que era coronel das SS e que terá planeado antecipadamente a sua fuga. Aquilo que desconheço é para onde.

— Winkler? — O Max mostrou-se tenso.

— Tens a certeza de que o nome é Winkler? — quis a Amelia certificar-se.

— Sim. Foi-me dito que era um cientista que, apesar de ter visto os seus

trabalhos reprovados pela Convenção de Genebra, trabalhava num projeto secreto envolvendo armas para libertação de gases. O filho dele era coronel das SS e estava muito bem relacionado, mas também o seu paradeiro é desconhecido. Desapareceram os dois.

Devido ao silêncio pesado que se instalou na sala, o Albert deduziu que ambos deviam conhecer um dos Winkler, ou talvez os dois. O Max tinha virado a cara, mas a Amelia estava pálida e imóvel, como se tivesse morrido nesse preciso instante.

— O que se passa? — perguntou o Albert, sem se dirigir a nenhum deles em particular.

Foi o Max quem quebrou o silêncio.

— Foi o coronel Winkler quem enviou a Amelia para Ravensbrück. Odiava-a, acreditando que teria sido ela a assassinar em Roma um oficial das SS seu amigo.

O Albert ficou sem saber o que dizer, mas concluiu que a sua intuição se revelara correta.

— Onde poderá ele estar agora? — perguntou, fingindo ignorar a tensão instalada.

— Quem sabe? Consta que muitos altos dirigentes nazis conseguiram fugir, que haviam delineado previamente rotas de fuga no caso de a Alemanha perder a guerra — respondeu o Max.

— Conheceste o Fritz Winkler, Max? Dizem que estava muito bem relacionado e que privava com algumas das mais poderosas famílias alemãs que, antes da guerra, chegaram mesmo a financiar as suas experiências.

— Não, não o conheci. Infelizmente, quem conheci em Roma foi o seu filho, o coronel Winkler; como te disse, pretendia que a Amelia fosse enforcada. Lamento, mas não poderei ajudar-te, não saberia como.

O Albert esteve quase a perguntar-lhe se se decidiria por fazê-lo no caso de saber onde o Fritz Winkler se encontrava, mas acabou por não o fazer. O Max vivia atormentado por se ver reduzido à condição de inválido, ainda que, pese embora todo o sofrimento, se mantivesse inquestionavelmente leal aos seus compatriotas, apesar das barbaridades que muitos deles tinham cometido.

Pensou nas contradições do barão, no seu empenho para que a Inglaterra travasse o Hitler antes da guerra, na repulsa e desprezo que sentia pelo nazismo; contudo, ainda assim, tinha lutado ao lado dos nazis, porque naquele momento eram eles que representavam a Alemanha e ele recusava-se a trair a sua pátria, como se o nazismo não tivesse sido a pior das traições. Mas o Albert nada disse, pois não queria discutir com o barão, e muito menos com a Amelia. Via-os a ambos como dois seres perdidos, sem futuro nem esperança, presos um ao outro

como se estivessem acorrentados. Apenas o Friedrich, o pequeno Friedrich, enchia de risos aquela casa silenciosa e triste. O Albert apercebia-se de que a circunstância de tanto o Max quanto a Amelia conhecerem o coronel Winkler poderia vir a revelar-se de grande utilidade. Embora desconhecesse ainda de que forma, iria refletir sobre a questão.

Depois de sair de casa deles, resolveu dar um passeio antes de regressar ao setor norte-americano daquela Berlim dividida.

Mais tarde nesse dia, encontrou-se com o Charles Turner, um agente dos serviços secretos britânicos que, como ele, tinha sido destacado para a antiga capital alemã. Conheciam-se dos duros dias da guerra, e haviam simpatizado um com o outro, para além de terem estado envolvidos em operações conjuntas.

— Preciso que me deixes consultar o processo da Amelia Garayoa.

— E quem é essa Amelia Garayoa?

— Então, Charles, tenho a certeza de que sabes quem é a Amelia — Não a conheço, mas tenho a impressão de que tu não podes dizer o mesmo — respondeu o Charles Turner com ironia.

— Trabalhou para vocês, foi recrutada pelo meu próprio tio o Lorde Paul James, portanto não percamos mais tempo com inúteis trocas de argumentos.

— E posso saber para que queres tu consultar o processo da Amelia Garayoa? Para começar, não tenho acesso aos processos dos agentes, que, como calcularás, estão devidamente guardados em Londres; em segundo lugar, a agente Garayoa já não trabalha para nós. Um dos nossos homens localizou-a em Berlim pouco depois do final da guerra e, na sua opinião, estava com alguns problemas mentais, o que não é de estranhar, já que esteve detida em Ravensbrück. Nenhuma mulher que tenha lá estado pode voltar a ser a mesma.- Bom, estou a ver que os teus neurônios começam finalmente a dar sinal de vida e, afinal, até sabes algumas coisas acerca da Amelia Garayoa.

— Não poderei fornecer-te o processo dela, mas talvez possa ajudar-te se me disseres o que pretendes saber sobre ela que não saibas já.

— Preciso de saber o que aconteceu em Roma. Parece que foi acusada de ter assassinado um oficial das SS, embora ninguém o tenha conseguido provar. Gostaria de saber se foi ela ou não que fez isso.

— Verei o que posso fazer.

O Charles Turner telefonou-lhe no dia seguinte, para irem tomar alguma coisa juntos.

— Com efeito, foi mesmo a tua amiga espanhola quem "despachou" o coronel Jürgens das SS. Consta que o fez em colaboração com os partigiani do Partido Comunista Italiano. O Jürgens tinha mandado executar por enforcamento uma amiga da Garayoa, a Carla Alessandrini, uma diva do bel canto. Essa

mulher colaborava com os comunistas e com um sacerdote alemão da Secretaria de Estado do Vaticano, que ajudava judeus a fugir de Roma. Por aquilo que consegui descortinar, a tua amiga foi uma agente muito eficaz. É pena que agora não esteja mentalmente saudável. Como sabes, vive com um ex-oficial alemão, o homem que usou como cobertura durante a guerra.

— Ela está perfeitamente sã em termos mentais, apenas pretende distanciar-se definitivamente de tudo o que se relacione com guerra ou violência. Tendo em conta todo o sofrimento por que passou, não é de espantar.

O Turner meneou a cabeça com indiferença, ainda que na verdade não deixasse de estar interessado em conhecer o motivo que levava o colega norte-americano a mostrar-se tão interessado naquilo que tinha acontecido em Roma anos atrás.

— Charles, sabes bem que tanto nós quanto vocês, para já não falar dos russos, estamos interessados nos cientistas alemães que trabalhavam em projetos de armamento secreto. Alguns conseguiram fugir, entre eles um tal doutor Fritz Winkler, um nazi fanático, mais o filho, que era coronel das SS e que foi quem mais se empenhou em acusar a Amelia em Roma. Esse tal Jürgens que a Amelia matou era amigo do Winkler, que jurou vingar-se dela; e foi por isso que, anos mais tarde, viria a enviá-la para Ravensbrück.

— E tu andas à procura desse tal Fritz Winkler.

— Sim, mas parece ter desaparecido da face da terra, tanto ele quanto o seu filho, o coronel. Não consta de nenhuma das listas de oficiais das SS detidos, nem nas dos falecidos. Pai e filho desapareceram, tal como tantos outros dirigentes nazis. Pensei em perguntar ao barão Von Schumann se o conhecia e, quando o fiz, tanto o Max quanto a Amelia ficaram brancos como a cal.

— Se soubessem onde estão, teriam dito; pelo menos, seria isso que a Amelia Garayoa faria, dado que não lhe faltam razões para o odiar, se foi ele quem realmente ordenou a sua detenção no campo de Ravensbrück.

— Sim, a Amelia contar-me-ia, mas não sabe nada. Comprei alguma informação, mas sabes bem que, hoje em dia, pensam em vender-nos tudo e, muitas vezes, tentam mesmo enganar-nos; de qualquer forma, o meu informador garante-me que os Winkler partiram precisamente no dia em que o Hitler se suicidou e que terão fugido Para o Egito, onde mais alguns dos seus amigos se exilaram.

— Estás então a dizer-me que pensas viajar para o Cairo.

— Antes, tenho de me documentar melhor acerca dos Winkler. Não encontrei qualquer fotografia, excetuando uma do Fritz Winkler a cumprimentar o Führer. No que respeita ao filho, o coronel, tentou apagar qualquer registo da sua identidade nos arquivos das SS.

— Verificaram-se muitas fugas antes de a guerra ter terminado — para a Síria, o Egito, o Iraque, a América do Sul. O teu homem pode estar em qualquer lugar.

Conversaram durante algum tempo e, quando estavam já prestes a despedir-se, o Turner pareceu hesitar se deveria ou não dar-lhe um conselho.

— Julgo que tens uma forma de encontrar o Winkler.

— Ah, sim? Diz-me então como — reagiu o Albert com ironia.

— Arranja um isco... um isco ao qual ele não consiga resistir.

— Um isco? — Começava a vislumbrar o que o Turner ia propor, e não queria ouvir.

— Se o coronel Winkler fugiu com o pai, como parece ter acontecido, e dado que odeia tanto a Amelia Garayoa, como também parece ser verdade, apenas irá tornar-se visível se tiver a oportunidade de acabar com ela. Há muitos alemães a viver no Cairo e, se alguns mantiveram o próprio nome, outros passaram a assumir uma identidade falsa. Ninguém estranharia se o barão Von Schumann decidisse viajar para o Cairo para se juntar a esse verdadeiro exército de expatriados. Assim que o Winkler souber que a Garayoa está no Cairo, tentará matá-la; contudo, não improvisará, terá de elaborar um plano e, para isso, colocar-se a descoberto. Será a partir desse momento que poderás seguir-lhe o rasto e, através dele, chegar ao pai, esse tal Fritz Winkler que procuras.

— Trata-se de um plano disparatado! — vociferou o Albert.

— Não, não é. É um plano eficaz, e estou certo de que não hesitarias pô-lo em prática se não estivesses envolvido sentimentalmente. Na nossa profissão, existe uma única forma de sobrevivermos e sermos eficazes, que, como bem sabes, consiste em despojarmo-nos de quaisquer sentimentos pessoais. O conselho é grátis, mas quem paga as bebidas és tu. A OSS tem mais fundos do que os serviços secretos britânicos.

O Albert sabia que o Charles Turner tinha razão. Era o único plano viável para encontrar o Fritz Winkler, ainda que, para o levar adiante, necessitasse da colaboração da Amelia. Por nada deste mundo ela se separaria do Max, e ele não estaria disposto a deixá-la partir; tanto ele como o Friedrich dependiam da atormentada espanhola.

Não obstante as suas dúvidas, o Albert expôs a estratégia do Turner aos seus superiores, pedindo-lhes total liberdade para recorrer a qualquer meio que se revelasse necessário para convencer a Amelia.

Depois, concluiu que a melhor solução passaria por falar com ela a sós, pelo que, certa manhã, se dirigiu até às proximidades da casa do Max, esperando até vê-la sair de casa.

— O que fazes aqui? — perguntou ela, surpreendida ao vê-lo.

— Convido-te para tomarmos o pequeno-almoço juntos, preciso de falar contigo.

Foram a um café e, apesar da recusa da Amelia, ele encomendou um faustoso pequeno-almoço. Obrigou-a a comer. Em Berlim, havia escassez de tudo, sobretudo para aqueles que nada possuíam, como era o caso da família que o Max, a Amelia e o Friedrich formavam.

Confidenciou-lhe que, na verdade, trabalhava para a OSS, com o jornalismo a servir-lhe meramente de cobertura, e que o haviam encarregado da missão de encontrar o Fritz Winkler. Ela ouviu-o em silêncio, limitando-se a franzir o sobrolho, surpreendida, no momento em que ele confessou ser agente, embora não tenha dito palavra. O Albert expôs-lhe o plano do Turner, aguardando depois pela sua reação.

— Estás então a dizer-me que afinal... bem vistas as coisas, compreendo-te perfeitamente. Se eu me tornei espia, por que motivo isso não podia acontecer contigo?

— A partir do momento em que o meu país entrou na guerra, não podia permanecer como um mero observador.

— Agiste corretamente, fico feliz por teres dado esse passo.

— Irás ajudar-me?

— Não, não tenciono fazê-lo. Eu já acabei com tudo isso, já tive que chegasse, não te parece?

— Diz-me apenas se o farias a troco de alguma coisa.

— Não há nada no mundo que me leve a abandonar o Max, nem sequer o faria pelo meu próprio filho. Fui suficientemente clara?

— Ou seja, só o farias pelo Max.

Amelia ia responder, mas calou-se. O Albert tinha razão, ela faria qualquer coisa pelo Max, mas procurar um cientista nazi parecia não ter qualquer relação com eles.

— Amelia, tu e o Max vivem em condições precárias. Ele perdeu tudo e tu nada possuis. O Friedrich carece dos bens mais essenciais. Perdeu a mãe, o pai está inválido e há dias em que vai para a cama com apenas um chá no estômago.

— Tal como sucede com milhares de outras crianças alemãs — respondeu ela de mau humor.

— Pagar-te-emos bem, o suficiente para que possam viver desafogadamente, pelo menos durante algum tempo. Não te peço que o faças em defesa de qualquer ideal, ou para salvares o mundo: estou a oferecer-te uma oportunidade de trabalho, que te permitirá ajudar o Max e o Friedrich, apenas isso.

— Estás então a oferecer-me dinheiro... Logo a mim, que nunca fiz nada por dinheiro!

— Bem sei, mas viveste já o suficiente para saberes que o dinheiro é necessário. Necessitas dele atualmente. O que farás quando acabares de vender o pouco que o Max ainda possui? O que é que ainda têm para vender? Um candeeiro, os colchões em que dormem, a roupa que trazes no corpo? Mostra-me aquilo que trazes contigo para venderes hoje no mercado negro.

Amelia retirou do saco meia dúzia de argolas de guardanapo prateadas.

— Não são de prata — afirmou ele.

— Não, não são, mas não deixam de ser bonitas, suponho que alguma coisa me darão por elas.

— E quando já nada vos restar, o que farás? Nem sequer... — interrompeu-se, arrependendo-se do que ia dizer.

— Nem sequer poderei prostituir-me, dado que fui mutilada. E quem quer pagar por uma mulher mutilada? Era isso que ias dizer, Albert?

— Lamento, Amelia, não pretendia ofender-te.

— E não o fizeste. Em Berlim, são muitas as mulheres que se prostituem para poderem alimentar as suas famílias. Por que motivo seria eu exceção? A diferença é que nem sequer corpo tenho para oferecer, porque o Winkler se encarregou de mo retalhar.

— Responde-me então: como conseguirás dar de comer ao Max e ao Friedrich?

— Julgas que não penso nisso? A noite, nem sequer consigo dormir de tanto pensar nisso. Já nem sei o que dizer ao Friedrich para adormecer, enquanto, em voz baixa, ele me diz que está com fome.

— Se é assim, pensa na minha oferta. Viajarás para o Cairo comigo e farás por ser vista; se o Winkler estiver lá, irá querer matar-te e sairá do seu esconderijo. Encarregar-nos-emos primeiro dele e, depois, capturaremos o seu pai, a questão fica resolvida.

— Parece simples.

— E é simples.

— O Max e o Friedrich não podem ficar sozinhos.

Ele conteve um sorriso. Percebia que a Amelia começava a não mostrar-se tão renitente face à possibilidade de trabalhar para ele.

— Poderemos procurar uma mulher que tome conta deles, que cozinhe, que trate da casa, que se encarregue tanto do Friedrich como do Max.

— Não, o Max nunca consentiria. Não toleraria que uma pessoa estranha pudesse cuidar dele. Apenas permite que seja eu a ajudá-lo. É impossível, Albert; por muito que me tenhas tentado com o dinheiro, é impossível. Além do mais, jurei-lhe que nunca mais lhe mentiria, bem como que nunca mais voltaria a trabalhar para quaisquer serviços secretos.

— Então, deixa-me falar com ele. Faço-lhe a proposta, e ele que decida.

— Não, por favor, não o faças, pensaria que temos andado a conspirar nas suas costas. Entre nós, as coisas não são fáceis... amamo-nos, mas ignoro se ele algum dia conseguirá perdoar-me por aquilo que lhe fiz.

— Tu é que não consegues perdoar-te a ti própria, porque ele já o fez. Julgas que te teria libertado de Ravensbrück se assim não fosse?

— Oxalá tivesses razão.

— Vai vender as tuas argolas de guardanapo, enquanto eu vou falar com o Max. Não lhe direi que conversamos sobre o assunto.

— Terás de lho dizer, nunca mais quero levá-lo ao engano.

— Irei ter com ele agora mesmo.

Max ouviu-o sem o interromper, mas o Albert conseguia aperceber-se da fúria que se ia acumulando naquele corpo estropiado.

— Não achas que a Amelia já contribuiu bastante para a vossa vitória nesta guerra? Ainda querem mais? O que pretendes, Albert? Roubá-la, para ficares tu com ela? —

Max não conseguia conter a raiva.

— Não, não pretendo roubar-te Amelia. Sabes perfeitamente que nunca me amou o suficiente e não hesitou em deixar-me para ficar contigo. Não te negarei que me foi difícil esquecê-la; que, durante semanas, meses, sofri dolorosamente devido à sua ausência. Mas consegui ultrapassar isso e, agora, o amor que senti por ela não passa de uma recordação longínqua, já todas as brasas daquela fogueira de sentimentos se extinguíram.

Ficaram em silêncio, fitando-se mutuamente. O Albert sentia que a irritação do barão se ia apaziguando lentamente e esperou até se certificar de que a sua respiração serenava.

— Mas falemos de ti, Max. Amas verdadeiramente a Amelia? Ou não estarás a fazê-la pagar por aquilo que fez? Eras um soldado, e qualquer soldado sabe que pode morrer ou que lhe pode acontecer o que te aconteceu a ti. A culpa não é de quem dispara a bala ou coloca o explosivo, a culpa é de quem provoca a maldita guerra, de quem não combate na frente mas envia os homens para a morte certa. Não permitas que seja a Amelia a pagar pelas culpas da guerra, sabes que o culpado foi o Hitler, apenas ele, ainda que o resto do mundo devia ter sabido travá-lo muito antes, tal como tu e os teus amigos não cessaram de advertir. Não, Max, não estás confinado a essa cadeira de rodas por a Amelia ter sido agente britânica e ter colaborado com a Resistência grega; o culpado por estares aí sentado foi o Führer, Adolf Hitler, que espero que Deus não venha a perdoar pelos pecados que cometeu.

Tornaram a remeter-se ao silêncio. O Max refletindo uma e outra vez sobre

as palavras do Albert, e o Albert a sentir a dor do alemão.

— Irei com ela: será essa a minha condição. O Friedrich e eu iremos com ela para o Cairo.

O Albert ficou sem saber o que dizer. Subitamente, o Max aceitava que a Amelia servisse de isco para capturarem o Fritz Winkler através do seu filho, ainda que impondo uma condição que os seus superiores da OSS dificilmente aceitariam. Contudo, não se atreveu a contrariá-lo.

— Falarei com os meus superiores. Se aceitarem a tua condição, informar-te-ei.

— Se não a aceitarem, não haverá acordo possível. Acompanharei a Amelia aonde quer que ela vá. E, se realmente viajarmos para o Cairo, deverão proporcionar-nos uma casa e um colégio para o Friedrich enquanto aí permaneceremos. Quanto ao dinheiro, trata dessa questão com a Amelia.

Precisamente naquele momento, a Amelia chegou com ar contrariado, dado que tinha conseguido apenas algumas moedas pelas argolas de guardanapo, com as quais havia comprado meia barra de pão.

Olhou para os dois homens, esperando que lhe dissessem alguma coisa, pois apercebia-se da tensão entre ambos.

— O Max irá explicar-te tudo. Vou-me agora embora, mas talvez regresse mais tarde, ou talvez amanhã. Apenas conseguiste isto? — disse o Albert, referindo-se à meia barra de pão.

— Sim, apenas isto — respondeu ela, contendo a raiva.

Assim que ele saiu, o Max pediu à Amelia que se sentasse a seu lado. Falaram durante muito tempo, e ela não conseguiu conter as lágrimas ao reconhecer que necessitavam desesperadamente de dinheiro, que o Friedrich lhe suplicava que lhe desse alguma coisa para comer, embora só quando o pai não o podia ouvir, para não o entristecer.

— Se as minhas condições forem aceites, viajaremos para o Cairo. Sei que não serei de grande ajuda, mas, pelo menos, sentir-me-ei mais tranquilo se estiver perto de ti. O Winkler é um assassino e, se lhe for dada essa oportunidade, não hesitará em matar-te.

— Só vamos se realmente quiseses. Nunca... nunca mais farei alguma coisa nas tuas costas... e nunca me separarei de ti.

Ele acariciou-lhe o cabelo; sentia-se reconfortado com a sua presença. Eram dois derrotados, cujo único projeto de futuro era o de permanecerem juntos.

Max estava-lhe bastante grato pelo modo como ela cuidava do Friedrich.

O pequeno nunca falava da mãe, como se o simples fato de se referir a ela lhe provocasse uma dor insuportável, e procurava na Amelia o afeto materno de que necessitava. Ela, por seu lado, cuidava daquela criança como não tinha

podido fazê-lo com o próprio filho, velando pelo Friedrich quando estava febril, ensinando-o a ler e a escrever, dando-lhe banho e vestindo-o, guardando para ele os escassos alimentos que conseguisse arranjar.

Gostavam muito um do outro, um afeto que nada tinha a ver com o Max: era fruto da necessidade; devia-se à ausência da Ludovica, a mãe falecida, e do Javier, o filho abandonado.

O Albert expôs o seu plano ao chefe de operações da OSS em Berlim, que decidiu aceitá-lo, pois apresentava-se-lhe como a única opção viável para conseguir encontrar o Fritz Winkler.

— Mas fala primeiro com os nossos primos britânicos. Afinal de contas, a rapariga era uma deles, e não quero que o Almirantado vá queixar-se ao Donovan de que lhes estamos a roubar agentes.

— A Amelia já não trabalha para os britânicos, concordou participar nesta operação apenas porque está necessitada de dinheiro. E não te preocupes com os nossos primos; a ideia foi-me originalmente sugerida pelo Charles Turner, foi ele que se lembrou disto.

— Diz-lhe então que faremos nosso o plano dele, e pede-lhe também que informe Londres. Agora, compete-me a mim convencer Nova Iorque a libertar o dinheiro que te comprometeste a pagar Amelia Garayoa. Ainda bem que no Cairo é tudo mais barato; de qualquer modo, terei de falar com o nosso pessoal de lá para encontrarem um local onde a Amelia, esse homem e o seu filho possam viver.

Quando, três dias depois, o Albert apareceu em casa do Max, já todo o dispositivo operacional na cidade do Cairo se encontrava devidamente montado.

13

O Friedrich parecia feliz por sair de Berlim, e até o Max se mostrou animado; apenas a Amelia parecia indiferente.

O Albert viajou com eles até ao Cairo, ajudando-os a instalar-se num apartamento na embocadura do Nilo. A casa, ampla e soalheira, situava-se no rés-do-chão de um edifício de três pisos. Os vizinhos tinham sido investigados pela OSS, parecendo inofensivos: no segundo andar, vivia um casal já idoso, na companhia de uma filha já viúva e três netos; o terceiro andar era habitado por um professor e a respetiva esposa, bem como pelos cinco filhos do casal. Eles ficavam no primeiro andar.

— Ficarão bem aqui. Descansem dois dias e, depois, teremos de dedicar-nos àquilo que aqui nos trouxe. Os nossos serviços informam-nos que existe aqui uma discreta colônia de alemães; alguns chegaram logo depois de a guerra terminar, outros viajaram para aqui apenas muito recentemente, muitos nem sequer entraram em contato com os seus compatriotas. O Cairo é um refúgio seguro para muitos ex-oficiais das SS que conseguiram fugir, bem como para homens de negócios que, a determinada altura, colaboraram entusiasticamente com o Hitler. O plano é simples: terão de se mostrar, para que saibam da vossa presença. Não será difícil, dado que não desconfiarão do Max e abrir-lhe-ão as portas. Trata-se apenas de uma questão de paciência; se o Winkler estiver aqui, acabará por aparecer.

— E se não estiver? — perguntou a Amelia.

— Já me tinhas colocado essa questão em Berlim. Aguardaremos durante algum tempo; se não aparecer, ou se não descobirmos qualquer pista que nos conduza até ele, vocês regressarão à Alemanha!

De qualquer maneira, a nossa delegação aqui recomendou-nos uma escola para o Friedrich. Trata-se de um estabelecimento de ensino particular frequentado por crianças alemãs, ele irá certamente gostar.

— Prefiro que o Friedrich fique aqui, é ainda muito pequeno — replicou a Amelia.

— Far-lhe-á bem conviver com outras crianças.

— Não, não permitirei que uses o Friedrich como isco — asseverou-lhe ela, fitando-o olhos nos olhos.

— Nunca tal possibilidade me havia ocorrido.

— Em qualquer dos casos, seremos nós a determinar o que mais convirá ao Friedrich — sentenciou.

Subitamente, ouviram umas pancadas secas na porta, posto o que o Albert, sorridente, foi abrir. Regressou à sala de estar acompanhado por uma jovem que trazia na mão uma pequena mala.

— Apresento-vos a Fátima, que irá zelar por vocês. Sabe cozinhar, fazer limpezas, engomar e tem alguns conhecimentos da língua alemã, pelo que vos ajudará até que consigam desenvencilhar-se com o árabe. Não me parece que o Friedrich venha a sentir muitas dificuldades em aprendê-lo e, quanto a vós os dois, ambos políglotas, também não implicará com certeza um grande esforço.

A Fátima devia ter cerca de trinta anos. Tinha enviuvado e, como não tinha filhos, a família do marido optava por não manter quaisquer laços com ela.

Tinha servido na residência de um casal alemão, onde aprendeu algumas noções da língua, mas certo dia o casal partiu sem sequer se despedir dela.

Amelia instalou-a num quarto junto à cozinha. A Fátima parecia estar satisfeita.

Também a Amelia acabou por se deixar contagiar pelo bom humor do Max e do Friedrich. Pela primeira vez em muito tempo, dispunham de comida. Na verdade, tinham também dinheiro para a poder comprar, o que representava um grande alívio. O Friedrich comia tanto que a Amelia ficava preocupada com ele, temendo que pudesse Sentir-se mal, tal era a falta de hábito em comer.

Durante alguns dias, a Amelia deixou-se guiar pela Fátima, que lhe ia mostrando a cidade quando se dirigiam ao mercado.

Gostou de fazer compras no bazar de Jan el-Jalili, com as suas ruas estreitas e misteriosas, onde os comerciantes apregoavam todo o tipo de mercadorias: tanto podia tratar-se de um borrego quanto de pedras preciosas, de uma panela para a cozinha como de um artefato roubado num túmulo.

Certa manhã, levaram o Max a passear pela cidade.

Os vizinhos revelaram-se amáveis e solícitos e, a troco de muito pouco dinheiro, o professor do segundo andar disponibilizou-se para lhes ensinar árabe. Sugeriu inclusive a possibilidade de o Friedrich passar a frequentar a escola onde ele próprio lecionava.

— Se conviver com crianças egípcias, aprenderá a língua mais rapidamente.

De início, sentirá dificuldade, mas eu estarei lá para o auxiliar.

O Albert informou-os da existência de um café, o Café de Saladino, onde alguns alemães costumavam encontrar-se.

— Deverão deslocar-se lá amanhã à tarde. Irão interpretar o papel de uma família que fugiu de Berlim, por temer represálias e, sobretudo, para se esquecer dos horrores da guerra. Obviamente, planeiam regressar quando a situação tiver estabilizado. É isso que devem dizer.

O Café de Saladino era gerido por um alemão, que os recebeu de braços abertos, procurando um bom local onde o Max pudesse instalar-se com a sua cadeira de rodas, de modo a sentir-se confortável; depois, submeteu-os a um interrogatório aparentemente inofensivo.

— Quer então dizer que pretendem contribuir para aumentar a nossa pequena colônia.

Max interpretou bem o seu papel. Na verdade, apenas teve de fazer de si próprio: um oficial prussiano, um aristocrata, que se refugiava no Cairo após a guerra. Foi cortês, ainda que mantendo um certo distanciamento face ao gerente do café, dado que não deixava de ser um estranho.

Cumprimentaram outros alemães que se sentaram em mesas próximas, embora não tenham conversado com ninguém.

Tornou-se costume irem todos os dias ao Café de Saladino. Era o Max quem falava, enquanto a Amelia se mantinha num discreto segundo plano; a tal ponto, que chamava a atenção, comparativamente às expansivas mulheres alemãs que ali apareciam.

Uma tarde, estando eles no café, onde a sua presença era já habitual, um homem de idade já avançada, sentado na mesa ao lado a fumar charuto, levantou-se e dirigiu-se ao barão.

— Se a senhora se sentir incomodada com o fumo do charuto, não terei qualquer problema em fumá-lo mais tarde.

— Incomoda-te, querida? — perguntou o Max à Amelia.

— Não, de modo nenhum. Por favor, não se preocupe comigo.

— Fico-lhe agradecido. A minha esposa não me autoriza a fumar estes charutos em casa, pelo que costumo vir até aqui para o fazer.

— É um lugar agradável — observou o Max.

— Estão no Cairo há muito tempo?

— Nem por isso — respondeu o barão.

— Eu e a minha esposa chegamos aqui pouco antes de a guerra terminar. Como já estava reformado, pensei que este seria um bom local para seguir os acontecimentos. Sabiam que, na semana que vem, terá início em Nuremberg o julgamento de todos aqueles que colaboraram com o governo do Hitler? Será

uma tarefa difícil, dado que não podem julgar todos os alemães. Porque, bem vistas as coisas, quem não apoiava o Führer?

— Concorde que será uma tarefa difícil — disse o Max, enquanto a Amelia permanecia a seu lado sem nada dizer e vigiando o Friedrich, que se tinha posto a brincar com outras crianças à porta do café.

— Perdoe-me a indiscrição, mas foi a guerra que o reduziu a esse estado? — perguntou com curiosidade o homem.

— Sou o barão Von Schumann e fui oficial da Wehrmacht — apresentou-se ele, estendendo a mão ao seu interlocutor.

— É uma honra, barão, estarei ao seu dispor. Chamo-me Ernst Schneider e sou proprietário de uma casa de câmbios, aqui no Cairo. Ficaria muito honrado em poder receber-vos em minha casa, a si, a sua esposa e ao seu filho.

— Bem... — o Max pareceu hesitar —, talvez noutra ocasião.

— Percebo, certamente acha precipitado aceitar o convite de um desconhecido. E tem toda a razão, ainda que, quando estamos longe da nossa pátria, somos por vezes levados a esquecer as formalidades.

— Não pretendia ofendê-lo — desculpou-se o Max.

— E não ofendeu nada! Fui eu quem agiu incorretamente. Pedirei à minha esposa que me acompanhe numa destas tardes, para que ela possa conhecer a sua encantadora esposa, parece-lhe bem? Perdemos os nossos dois filhos na guerra, bem como os nossos netos. Estamos sozinhos e por isso costumamos vir aqui; no Café de Saladino, sentimos ainda o bater do coração da Alemanha.

Na tarde seguinte, o senhor Schneider compareceu no café fazendo-se acompanhar pela sua esposa, uma matrona de trato agradável que falava incessantemente. A Amelia percebeu que a senhora Schneider poderia constituir uma inesgotável fonte de informações. Parecia conhecer todos os alemães residentes no Cairo e, ainda que não convivesse propriamente com todos, possuía um conhecimento exaustivo acerca das suas vidas e atividade.

— Querida, repare naquele homem que acaba de entrar com aquela mulher tão vistosa. Foi um importante funcionário administrativo na Baviera. Fugiu antes de a guerra terminar; um homem esperto. Quanto a ela, é evidente que não é sua esposa: cantava num cabaré de Munique. Ele não teve quaisquer problemas em abandonar a esposa e os três filhos para fugir com esta mulher. Como é lógico, não são bem-vindos em algumas casas; enquanto noutras... bem... você sabe o que a condição de expatriado pode implicar. Aqui, tendemos a perder a noção das categorias sociais, e tão rapidamente conversamos com um simples comerciante como com um importante homem de negócios.

Amelia ouvia-a atentamente, concentrando-se ao mesmo tempo em memorizar os nomes e atividades das pessoas a que ela se ia referindo.

Duas semanas depois de partilharem com o casal Schneider algumas tardes no Café de Saladino, o Max e a Amelia aceitaram o convite para jantarem em casa deles, que ficaria marcado para o sábado seguinte.

— Será, sobretudo, um serão entre amigos. Sentir-se-ão como se estivessem em Berlim, estou certa disso.

Precisamente nesse dia, o Albert informou-os de que não podia prolongar mais a sua estadia no Cairo e que devia regressar a Berlim.

— Voltarei daqui a algum tempo, mas, se precisares de entrar em contato connosco, telefona para este número e pede para falar com o Bob Robinson. É bom homem e é ele quem está encarregado deste assunto. Por agora, as coisas estão a correr às mil maravilhas: vocês começam a ser aqui conhecidos, embora sem chamar demasiado a atenção, o que me parece muito bem. No relatório que o Bob me forneceu acerca dos Schneider, diz-se que eram nazis fervorosos. Ele era contabilista de uma empresa que servia de fachada para os negócios escuros das SS. Os seus dois filhos foram mobilizados e morreram na frente. Um deles, o mais velho, era oficial das SS. No que respeita ao proprietário do Café de Saladino, Martin Wulff, deverão estar atentos; chegou aqui há pouco mais de um ano, comprou o estabelecimento e procedeu à sua remodelação. Possui boas relações com as autoridades egípcias. Consta que foi gravemente ferido na guerra, servindo-se de tal argumento para justificar o fato de ter sido enviado para casa, decidindo posteriormente vir para aqui. Era sargento das SS. Se tivesse sido realmente ferido com gravidade, decerto apresentaria sequelas, mas parece perfeitamente saudável. Não deixa de ser surpreendente que um sargento das SS possa ter chegado aqui com dinheiro suficiente para abrir um negócio. A nossa delegação da OSS considera que o Wulff pertence a uma organização que auxilia os membros das SS que conseguem fugir da Alemanha a forjarem uma nova identidade. Trata-se de uma organização secreta que alguns membros das SS decidiram criar assim que constataram que a Alemanha poderia perder a guerra. Sabiam que, se a vitória pendesse para os Aliados, todos eles seriam julgados enquanto criminosos, pelo que decidiram criar rotas de fuga com vista a garantirem o seu futuro. Talvez ele nos possa conduzir ao Winkler.

As instruções do Albert haviam sido precisas: deveriam socializar com os membros da colônia alemã até o Winkler sentir confiança suficiente para tentar liquidar a Amelia.

Os Schneider tinham convidado mais quatro casais; eram dez as pessoas sentadas à mesa, entre elas o Martin Wulff, o proprietário do Café de Saladino, que se fazia acompanhar por uma mulher egípcia de meia-idade.

A casa dos Schneider era quase uma mansão. Situava-se numa zona calma da área metropolitana, Heliópolis, muito perto do Cairo, onde viviam os poderosos

do Egito. Tinham vários criados.

Amelia ficou surpreendida por, sendo eles apenas dois, viverem numa casa tão grande.

— Não se sente sozinha, numa casa tão espaçosa? — perguntou ela à senhora Schneider.

— Quando a compramos, julgávamos que os nossos filhos poderiam passar aqui algumas temporadas, mas a guerra destruiu todos os nossos sonhos.

Insistiu com a Amelia para que a tratasse pelo patrônimo, Agnete, e, para os distinguir dos restantes convidados, dispôs o Max à sua direita e a Amelia entre o senhor Schneider e o Martin Wulff.

— Quer dizer que decidiram se juntar a nós — disse o Wulff.

— Como assim? — perguntou a Amelia, surpreendida.

— Suponho que o fato de integrarem a aristocracia vos leve a olhar-nos de alto, mas foram pessoas como nós que lutaram para engrandecer a Alemanha. O nosso Führer morreu, mas todos nos transportamos connosco o seu legado, que um dia se tornará realidade. Não, ainda não perdemos, senhora Von Schumann, ou deverei tratá-la por baronesa?

— A guerra terminou, senhor Wulff, e uma nova era começa agora. Quanto mais rapidamente aceitarmos isso, melhor será para todos — replicou ela asperamente, tentando vencer a repugnância por aquele sargento das SS.

— Não deixa de estar parcialmente certa, vivemos tempos diferentes. Caso contrário, um aristocrata como o seu marido nunca se teria sentado à mesma mesa que nós. Mas aqui estamos, todos igualmente condenados à condição de expatriados, enquanto os Aliados aniquilaram a nossa pátria. Atrevem-se a julgar-nos, mas quem são eles para julgar quem quer que seja? Não terão também eles matado pessoas? O processo de Nuremberg representa uma nova humilhação para o povo alemão.

Amelia conteve o desejo de lhe responder à letra. Se estava ali, era para incentivar o Winkler a sair do seu esconderijo, e para esse efeito tornava-se necessário que ele soubesse que ela estava no Cairo. Desviou o rumo da conversa, questionando o Wulff acerca das suas "façanhas" durante a guerra, para depois se interessar pelo sucesso do Café de Saladino.

— Parece-me que não há um único alemão na cidade do Cairo que não frequente o seu café.

Ele não reagiu à sua observação, ainda que se tenha sentido orgulhoso por lidar com compatriotas que, alguns meses antes da guerra, nem sequer olhariam para ele.

— É uma pena que os melhores cientistas alemães tenham visto as suas investigações frustradas, alguns havendo que se viram obrigados a estabelecer-se

na Rússia ou nos Estados Unidos para salvarem a vida — lançou a Amelia para avaliar o efeito que tal afirmação pudesse exercer no Wulff. E acabou mesmo por ter um certo efeito, dado que não teceu qualquer comentário, limitando-se a fitá-la, para depois se dispor a falar com a mulher sentada à sua esquerda.

Quando regressaram a casa, o Max parecia esgotado.

— Quanta vulgaridade! — exclamou.

— Lamento, faz parte do trabalho.

— Bem sei, bem sei, e penso que merecemos de fato o dinheiro que nos dão. Durante todo o serão, tive de suportar as previsões de futuro do senhor Schneider. Está convencido de que o nazismo não morreu, que é semelhante aos juncos que nascem nas margens do Nilo, que se vergam perante a força do vento e da água, mas que se mantêm firmes e nunca se quebram.

— Não desistiram, Max, continuam vivos.

— Não percebo o que queres dizer...

— Perderam a guerra, mas estão dispostos a lutar por um futuro Quarto Reich. De momento, ocultam a cabeça, mas apenas para tornarem a mostrá-la quando considerarem ter chegado o momento oportuno. Voltarão, Max, voltarão. Aquilo que temos de descobrir é se estão organizados, se são algo mais do que aquilo que parecem. Esse parece-me ser claramente o caso do Wulff, tal como o Albert já nos tinha advertido.

— Não sou espião — declarou o Max, pouco à vontade. — E o único compromisso que assumimos foi o de levarmos o Winkler a sair do seu esconderijo, se é que está realmente aqui.

— Bem sei, mas não podemos desperdiçar a informação que formos obtendo, que pode ser preciosa. Quero que me contes pormenorizadamente tudo aquilo que ouviste esta noite, posto o que irei escrever um relatório para o Bob Robinson.

— Era isso que fazias quando me espiavas a mim?

Amelia baixou a cabeça, envergonhada. Em determinadas ocasiões, o Max fazia-a sentir-se uma pessoa sem escrúpulos. Não é que alguma vez a tivesse culpado por aquilo que tinha acontecido em Atenas, mas determinados comentários, como aquele que acabava de fazer, recordavam-lhe que ele nunca esqueceria até que ponto ela o havia enganado.

— Fumarei um cachimbo enquanto te conto para o teu relatório as estupidezes que ouvi. Achas bem?

Certa tarde, o vizinho do terceiro andar, o senhor Ram, propôs-lhes irem todos visitar o Vale dos Reis.

— Vou com a minha família, quero que os meus filhos conheçam o passado do nosso país. Farto-me de falar todos os dias acerca desse passado na escola,

mas as crianças compreendem tudo mais facilmente perante exemplos palpáveis. Pensei que talvez pudessem gostar de vir connosco. Ficaremos hospedados em Luxor, na casa de familiares, que ficarão encantados por receber-vos também a vocês.

Amelia entusiasmou-se com o convite, mas o Max mostrou-se renitente.

— Julgas-me em condições de participar em passeios arqueológicos? O que poderia fazer? Aguardar com a Fátima, enquanto tu e o Friedrich andam de um lado para outro? Não, não irei, mas parece-me bem que tu e o menino aceitem o convite do senhor Ram. Ficarei aqui, com a Fátima. Ela cuidará bem de mim.

O Friedrich insistiu em que não iria a lado nenhum sem o pai. O menino não tinha superado ainda os horrores vividos quando se viu só e sem a mãe, que jazia morta por baixo dos escombros. Quando o resgataram, foi levado para uma instituição juntamente com outros órfãos, até conseguirem localizar o seu pai. Também as suas tias haviam morrido. Não tinha mais ninguém à exceção do pai, e por nada deste mundo permitiria que o separassem dele.

Finalmente, a insistência do Friedrich levou o Max a ceder.

Naquela altura, a criança parecia ter já razoáveis conhecimentos da língua árabe, começando a fazer-se compreender pelas outras crianças e mostrando-se satisfeito por frequentar a escola onde o senhor Ram lecionava.

Max, por seu lado, não fazia grandes esforços por aprender o idioma, não obstante a paciência do senhor Ram que, todas as tardes, comparecia pontualmente em casa deles para dar lições ao casal. Contudo, enquanto a Amelia se aplicava, interessada em aprender a língua, o Max parecia distraído e indiferente.

Amelia e o Friedrich consideraram o passeio a Luxor emocionante, enquanto o senhor Ram e a sua família tudo fizeram para agradar ao Max.

A casa do irmão do senhor Ram localizava-se a uma distância prudente do Nilo, precaução necessária devido às cheias anuais do rio. A família vivia da agricultura, para além de auxiliarem também em expedições arqueológicas que, antes da guerra, eram frequentes naquela região do Egito. Franceses, alemães e ingleses competiam para escavar a areia do deserto, ansiosos por lhe resgatarem os seus Segredos e tesouros ocultos.

O irmão do senhor Ram instalou os visitantes num quarto fresco, de cuja janela se via o Nilo. A Fátima ficou num recanto do corredor.

Era inevitável que a cadeira de rodas do Max ficasse presa na areia, mas o senhor Ram não estava disposto a dar-se por rendido e improvisou uma padiola no dorso de um burro. O barão começou por recusar-se, temendo parecer ridículo, mas foi tanta a insistência do Friedrich, que decidiu experimentar. E assim conseguiu percorrer o caminho que levava aos túmulos reais. Os sobrinhos

do senhor Ram ajudavam-no a descer para visitar alguns dos túmulos, levando eles mesmos a padiola.

Regressaram passados quatro dias, radiantes com o passeio.

— O Friedrich é feliz aqui — admitiu o Max.

— Come, brinca, estuda, convive com outras crianças e está junto de ti. Além disso, o sol faz-lhe bem; nesta altura, em Berlim, estará certamente a nevar.

Ela começava a impacientar-se face à ausência de notícias acerca do Winkler. Por mais que continuassem a comparecer em serões nas casas de alemães expatriados que iam conhecendo, em nenhum momento alguém sequer mencionou qualquer cientista que se tivesse refugiado no Cairo. Assim, era levada a concluir ou que o Winkler não estava ali, ou que apreciava demasiado a própria vida e a do pai para se expor numa tentativa de matar a Amelia.

— Parece-me que estão a desperdiçar recursos — confidenciou ela ao Bob Robinson.

— Não julgue isso, Amelia, os seus relatórios estão a revelar-se de grande utilidade.

— Mas se não há neles nada de relevante! — admirou-se ela.

Passado um mês, o Albert regressou ao Cairo por alguns dias. Comentava as notícias da Europa com o Max, que o ouvia atentamente.

— Tito criou uma Federação de Repúblicas na Iugoslávia, integrando a Sérvia, a Croácia, a Eslovênia, a Bósnia-Herzegovina, o Montenegro e a Macedônia. Quanto à monarquia italiana, poderá ter os dias contados, pois verifica-se uma corrente imparável a favor da República.

Já ia o mês de abril a meio quando a senhora Schneider confidenciou um segredo à Amelia.

— Confio em si, querida, e obviamente também no barão, que tanto tem sofrido devido à guerra. Mas o meu marido proibiu-me de vos contar algumas coisas.

— Também eu confio em si, Agnete. Também o Max me pede que seja prudente, diz que nós, as mulheres, falamos demasiado. Mas acabamos por saber destrinçar entre quem será realmente digno da nossa confiança e quem não o é. Soube que nos tornaríamos amigas assim que a conheci. Na verdade, é a minha melhor amiga aqui.

— Não calcula como fico satisfeita por ouvi-la dizer isso! Você é uma grande senhora. O meu Ernst passou por grandes dificuldades para conseguir concluir os seus estudos, dado que trabalhava para pagar a universidade. Já na altura estávamos noivos, e confesso que sentia uma certa inveja daqueles jovens des preocupados que eram colegas universitários do Ernst.

Naquela tarde, a Amelia deu mostras das suas grandes capacidades enquanto agente secreto, conseguindo que a senhora Schneider se lhe "confessasse".

Começou por dizer-lhe que tanto ela quanto o Max gostariam de poder continuar a contribuir para a grandeza da Alemanha.

— O Max pagou um preço muito elevado por defender a pátria, e agora lamenta-se por já não poder fazê-lo. Mas aqui pouco podemos fazer, ainda que seja indubitavelmente melhor estarmos aqui do que em Berlim, expostos à perseguição a que os bons alemães se encontram submetidos. Não calcula a quantidade de ocasiões em que o Max foi interrogado por ter sido oficial da Wehrmacht. Nem sequer respeitam a sua debilitação física... — queixou-se a Amelia.

A senhora Schneider ouvia-a com interesse, e a Amelia conseguia aperceber-se no olhar dela da luta que travava dentro de si própria antes de se decidir a contar-lhe o seu segredo.

— Oh, lamento imenso! Garanto-lhe que farei os possíveis para que... para que o nosso pequeno grupo passe a contar com o barão.

— Seria capaz disso? E o que poderia o Max fazer, ou até mesmo eu?

— Bem... terei primeiro de convencer o Ernst, ele encarregar-se-á de tudo o resto.

Amelia não insistiu. Tinha convencido a senhora Schneider a falar do seu pequeno "grupo". Seria suficiente para aquela tarde.

— Agnete, talvez a senhora e o Ernst pudessem vir jantar a nossa casa. Ficaria radiante se pudéssemos falar os quatro calmamente num clima de confiança mútua. Que lhe parece?

— Em sua casa? — A senhora Schneider parecia entusiasmada.

— Talvez na próxima sexta-feira, se não tiverem já compromissos.

— Teremos certamente de ir vestidos a rigor, tratando-se de um jantar em casa do barão... — disse a senhora Schneider, mais em tom de afirmação do que propriamente de interrogação.

Amelia viu-se aflita para conter o riso, limitando-se a confirmar.

Max aborreceu-se quando ela o informou de que tinha convidado o casal Schneider para jantar.

— Aqui, em nossa casa? Não me parece boa ideia. E não compreendo por que motivo temos de vestir-nos a rigor. Parece-me ridículo tanta etiqueta para jantar com essa gente.

Amelia sentou-se a seu lado e pegou-lhe na mão. Depois, fitou-o olhos nos olhos, conseguindo ler neles toda a raiva acumulada.

— Em Berlim, nada tínhamos para comer. O Friedrich chorava à noite, queixando-se de dores de barriga devido à fome. Já não nos restava nada que

podéssemos vender. Agora, nada nos falta: vivemos numa boa casa, dispomos de comida em abundância e, inclusivamente, de uma empregada doméstica. O Friedrich sente-se feliz. Não reparaste no sorriso dele quando regressou depois de ter ido tomar banho ao rio com os filhos do senhor Ram? Mas tudo isto não nos é dado gratuitamente, e o preço que temos de pagar passa pela obrigação de termos de lidar com pessoas para quem tu nem sequer olharias, para além de termos de nos mostrar para que o Winkler tome conhecimento de que estou aqui. Julgo que a senhora Schneider esta prestes a revelar-nos a existência de uma organização secreta formada por nazis a viver no Egito. Não sei se não passa de um grupo de nostálgicos que se reúne para recordar feitos passados e sonhar com glórias futuras, ou se realmente fazem mais alguma coisa. A única forma de descobrirmos será envolvendo-nos, e para isso preciso da tua ajuda. És tu quem eles pretendem cativar, quem mais lhes interessa. Ficam deslumbrados com a perspectiva de o barão Von Schumann vir a juntar-se a eles.

— Isso ultrapassa aquilo que combinei com o Albert James.

— Não, Max, também isto estava incluído no acordo. No mundo da espionagem, não há barreiras intransponíveis, todos os obstáculos têm de ser ultrapassados; não podes aguardar que a informação te chegue, és tu que deves ir ao seu encontro. Talvez através desse grupo venhamos a descobrir o paradeiro do Winkler.

— Ou talvez não, e então estaríamos já integrados nesse grupo de fanáticos.

— Também tu integraste já um grupo de fanáticos, que governavam o país e te enviaram para a guerra — replicou ela friamente.

— Portanto, também eu terei de contribuir com a minha parte para nos porem comida na mesa. É isso que estás a dizer?

— É — respondeu a Amelia, sustendo o olhar dele.

Ela organizou um jantar digno da rainha de Inglaterra. Pediu ao Bob Robinson que lhe facultasse louças de porcelana e copos de cristal veneziano ou da Boêmia, para além de talheres de prata e uma toalha de linho de boa confecção.

Pediu à Fátima que colocasse uma touca na cabeça, comprou um traje de cerimônia para Max e, num esforço conjunto, ela e Fátima confeccionaram um para Friedrich. Para si própria, comprou um vestido de noite de seda preto, pedindo também a Bob Robinson que lhe arranjasse alguma peça de joalharia com a qual pudesse deslumbrar o casal Schneider.

Ele apareceu ao início da tarde com tudo o que Amelia tinha pedido.

— A toalha de mesa é da embaixada e, quanto às joias, são da esposa de um diplomata meu amigo; no que respeita à louça, também me foi emprestada. Não partam uma peça que seja ou fico sem emprego! Espero que estas pessoas vos

contem alguma coisa relevante.

— Confio que assim será — confirmou a Amelia.

— Virei buscar tudo amanhã. Ah! Obrigado, barão, por estar a colaborar. A Amelia tem razão, é no senhor em quem eles estão mais interessados.

No dia do jantar, a senhora Schneider envergava um vestido cor de malva e uma estola de peles. A Amelia sentiu pena dela ao vê-la envolta em peles sob a temperatura de 25 graus que se fazia sentir no Cairo por aquela altura. O senhor Schneider esticava o casaco do seu traje de cerimônia, que parecia estar-lhe pequeno, podendo também dar-se o caso de lhe ter sido emprestado.

A sala de jantar estava iluminada por velas e chegava-lhes o som da música de Wagner, proveniente de um gira-discos.

A Agnete parecia feliz por ter sido convidada para a casa do barão, que, não obstante ser mais modesta do que aquela em que ela própria vivia, tudo transmitia um bom gosto que a fazia sentir-se inferior.

Apenas por alturas da sobremesa o senhor Schneider se sentiu suficientemente motivado para propor ao Max que passasse a integrar o seu grupo.

— Muitos dos expatriados ainda acreditam que podemos ser muito úteis à Alemanha, que o nosso compromisso com o Führer não terminou e que nos compete lutar pela concretização do Quarto Reich. Precisamos de um novo Führer, de um homem tão excepcional como o Adolf Hitler; e acabaremos por encontrá-lo, elegendo o melhor de entre nós. Se pudéssemos contar com o senhor... ficaríamos muito honrados, barão.

— Ernst, sinto-me honrado com tal convite, mas a que se dedica exatamente o seu grupo? Em que vos poderia ser útil um homem como eu?

— Como o senhor sabe, sou proprietário de uma casa de câmbios, o que não é fruto de qualquer acaso ou da necessidade. As SS anteciparam o que iria acontecer, prevendo uma eventual vitória dos Aliados na guerra e a derrota da Alemanha. Um grupo de oficiais delineou rotas de fuga, no caso de isso chegar a concretizar-se. Sabe com certeza que existiam nos armazéns das SS obras de arte confiscadas a judeus e a outros inimigos do Reich, para além de ouro, pedras preciosas e outros objetos de valor. Cada grupo de oficiais optou por uma dessas rotas: uns fugiram para a América do Sul, outros para a Síria, para o Iraque, para Espanha, para Portugal e, inclusivamente, para a Suíça. O tesouro foi dividido em várias partes, tendo sido retirado da Alemanha com a maior das discrições: cada grupo ficou responsável por uma dessas partes. O meu grupo decidiu vir para o Cairo, tendo sido por isso que aqui me instalei alguns meses antes de a guerra terminar.

— Impressionante! — exclamou o Max com sinceridade.

— Muitos dos homens que tem vindo a conhecer no Café de Saladino são antigos oficiais ou pessoas cujo trabalho, como é o meu caso, dependia das SS. Todos eles são grandes patriotas, homens e mulheres dispostos a morrer pela pátria. Zelaremos pelo nosso tesouro e utilizá-lo-emos para o mais nobre dos fins: recuperar a Alemanha.

— E como pensam fazê-lo? — perguntou o Max.

— De momento, pouco podemos fazer; teremos de esperar que os Aliados se cansem de julgar alemães, que deixem de mostrar tanto interesse em nós. Depois, ajudaremos os nossos companheiros que agem na sombra aguardando pelo momento ideal. Entretanto, ajudamos todos os nossos compatriotas que se viram obrigados a fugir. Facultamos-lhes uma nova identidade e, no que respeita a determinadas pessoas que se revestem de grande importância para a nossa causa, oferecemos-lhes proteção e tentamos apagar quaisquer pistas que tenham deixado para trás, de modo que ninguém conheça o seu paradeiro.

— Impressionante! — tornou o Max a exclamar. — E em que posso ser-vos útil?

— Por agora, os seus conselhos serão suficientes. O senhor é um homem vivo, bem relacionado, e na Alemanha não há nenhum processo em aberto contra si, o que poderá ajudar-nos.

— São muitos os patriotas que conseguiram escapar? — interessou-se o Max.

— Sim, foram muitos os patriotas que saíram da Alemanha antes do descalabro. Cada um optou pela rota de fuga que lhe estava destinada, tal como estava previsto.

— E como comunicam uns com os outros?

— Sabe uma coisa? Aos banqueiros, pouco lhes preocupa a cor do dinheiro. Antes, não se importavam de guardar nos seus cofres o dinheiro dos judeus, do mesmo modo que agora também não nos questionam acerca da origem do nosso. Na Suíça, atuam alguns elementos da organização que funcionam como elo de ligação entre os vários grupos. E assim continuará a ser até que possamos regressar.

— E quando julga que isso poderá acontecer? Anseio por regressar à pátria — garantiu o Max, fazendo-o com tal convicção que até a Amelia julgou que estava a ser sincero.

— Não devemos precipitar-nos, mas quem sabe? Talvez daqui a dois ou três anos. Muitos são os que tiveram de sair da Alemanha, mas muitos mais são aqueles que lá continuam a resistir. Poderemos contar consigo, barão?

— Obviamente que sim, já lhe disse que seria para mim uma honra. Agora, proponho um brinde ao futuro da Alemanha.

— E ao Führer — acrescentou a senhora Schneider.

Quando o Bob Robinson apareceu em casa do Max e da Amelia para recolher a louça, não imaginava como aquele jantar se havia revelado proveitoso.

— Suspeitávamos dessa situação, mas agora possuímos provas evidentes. Deverão continuar a puxar a linha até conseguirmos pescar um salmão bem graúdo.

— Esse salmão não era o professor Fritz Winkler? — perguntou o Max.

— Era, de fato, mas talvez consigamos pescar mais alguns peixes graúdos. Vou enviar uma mensagem ao Albert James, parece-me que este assunto merece que se desloque ao Cairo. Vocês deverão continuar a colaborar em tudo quanto eles lhes possam pedir, têm de continuar a conquistar a confiança deles e tentar descobrir os nomes verdadeiros das pessoas que constituem o grupo, os bancos com que trabalham, os contatos que possuem nas altas esferas egípcias... enfim, precisamos de saber tudo.

— Contudo, o senhor não deveria vir aqui a nossa casa — advertiu o Max.

— Fomos acolhidos no grupo, mas suponho que nos manterão sob vigilância até se certificarem da nossa lealdade. Assim, não deixaria de ser difícil justificar as visitas de um norte-americano.

— Tem razão, mas por vezes fazer as coisas do modo mais simples torna-se preferível a complicá-las. A minha cobertura no Egito é a de representante comercial de uma empresa dedicada à venda de produtos industriais norte-americanos. Isso permite-me manter-me em contato com as altas esferas e possibilitou-me também ter conhecido vários homens de negócios. Poderiam argumentar que me conheceram durante um jantar.

— E que, subitamente, nos tornamos seus amigos? — replicou o Max.

— Não, não é boa ideia, Bob. Mas talvez haja outra que poderia funcionar... — sugeriu a Amelia.

— Qual? — perguntaram os dois homens em uníssono.

— Pode justificar a sua presença neste prédio argumentando frequentar as lições do professor Ram. Ele acumula a profissão de professor com lições ao domicílio de árabe para estrangeiros, como nós. Poderia combinar com ele receber lições alguns dias por semana.

— Falo árabe com uma fluência razoável — garantiu o Bob.

— Mas pode pretender aperfeiçoá-lo. Diria que não domina ainda muito bem a escrita e que necessita de a aperfeiçoar para os seus negócios. Talvez um dia por semana seja suficiente.

Ao longo de 1946, a Amelia e o Max foram-se introduzindo no grupo do Ernst Schneider. De início, a informação que o grupo partilhava era escassa,

ainda que fossem convidados para cerimônias patrióticas que tinham lugar na cave da enorme casa dos Schneider. A Agnete pediu à Amelia para que a ajudasse a bordar uma bandeira com a cruz gamada.

O Albert James visitou-os por três ocasiões, garantindo-lhes que a informação que vinham obtendo estava a revelar-se de grande utilidade para a OSS.

— Agora, conhecemos o *modus operandi* dos grupos que fugiram da Alemanha. Na Suíça, torna-se difícil obter informações bancárias mas fomos capazes de seguir algumas operações desencadeadas a partir do Cairo. Trata-se de uma organização mais complexa do que aquilo que eles vos contam.

Numa das visitas do Albert, o Max perguntou-lhe por quanto tempo mais deveriam permanecer no Cairo.

— O Fritz Winkler ainda não deu sinais de vida, mas, se estiver realmente aqui, acabará por o fazer. É uma questão de tempo. De qualquer modo, a informação que nos têm vindo a proporcionar desde que se infiltraram nesse grupo é valiosa.

— Gostaria de regressar à Alemanha. O Friedrich já se sente mais à vontade com a língua árabe do que com a alemã. Está a crescer rodeado pelas crianças daqui, sem qualquer contato com os nossos valores, à exceção daquilo que eu e a Amelia lhe vamos ensinando. Julgo que prefere estar aqui do que na Alemanha.

— Estão aqui voluntariamente. Se quiserem realmente partir, encarregar-me-ei das diligências necessárias para que possam regressar — respondeu o Albert, sem denotar quanto essa intenção do Max contrariava os seus próprios planos.

— Não, não partiremos, pelo menos para já — interrompeu-os a Amelia. — O que queres fazer em Berlim? Queres que morramos de fome? Lá, ninguém precisa de nós, ao contrário daqui. E estamos a ser bem pagos para fazermos aquilo que nos foi pedido. Estou a poupar, para quando não nos restar outra opção senão regressar, para que possamos então comprar comida. Mas ainda não amalhámos o suficiente, e não quero regressar para ter de mendigar. Peço-te, Max, que esperes um pouco mais.

— Sinto nojo de mim próprio por lidar com essa gente, por ter de ouvir os seus estúpidos discursos, garantindo que conseguirão fundar o Quarto Reich, sugerindo inclusive que eu daria um bom Führer, dado que tanto sofri pela pátria. Veem-me no alto de um palanque, a mim, um estropiado, a apelar à rebelião. Não passam de uns loucos! Mas eu odeio estas encenações, não sou como vocês. Ainda que despreze tal gente, detesto enganar quem quer que seja.

— Reflitam bem no assunto. Regressarei à Alemanha depois de amanhã. Se estiverem determinados a voltar, organizarei tudo para que isso aconteça — respondeu o Albert James.

Amelia acompanhou-o até à porta.

— Está deprimido. Não calculas como são aqueles encontros, com bandeiras com a cruz suástica por todo o lado.

— Para mim, o vosso regresso representaria um revés, mas pior seria que decidissem ficar e que o Max ficasse nervoso e não conseguisse suportar mais a situação. Aprendi-o mais tarde do que tu, Amelia, mas nesta atividade é preciso ter nervos de aço.

— ...atividade que te fez mudar — concluiu a Amelia.

— Quando me conheceste, aquilo que mais amava era a minha profissão; depois amei-te a ti e, quando a guerra chegou, deixei de ter opção.

— Penso que tens uma opção, Albert. Podes abandonar tudo isto e tornar a exercer a tua profissão.

— Não, já não o poderia fazer. A partir do momento em que entramos neste mundo, deixa de ser possível voltar atrás.

No dia seguinte, quando o Albert partia, o Max disse-lhe que tinham tomado uma decisão.

— Mais um ano, Albert, apenas mais um ano. Se, durante esse período, o Winkler não aparecer, é porque não está cá. Daqui a um ano, regressaremos a Berlim.

— De acordo, seja então um ano.

14

Contudo, o período de espera prolongou-se por mais de um ano. Em finais de 1947, o Ernst Schneider recebeu uma carta que o deixou, em partes iguais, num estado de alegria e de ansiedade.

Naquela altura, o Max havia-se tornado já o seu braço direito, sobretudo na altura de investir no mercado internacional os bens em poder do grupo.

O Schneider parecia depositar uma confiança cega no barão Von Schumann; todavia, não lhe forneceu pormenores do conteúdo daquela carta que tanto o havia perturbado. Limitou-se a confidenciar-lhe que, em breve, receberiam a visita de um herói de guerra, bem como do seu pai, uma personalidade proeminente; ambos tinham permanecido escondidos por serem procurados pelos Aliados.

Max apressou-se a informar a Amelia.

— Não sei de quem poderá tratar-se, mas temos de avisar o Bob Robinson.

— Talvez seja o Winkler — sugeriu ela.

— Não sei, mas são certamente pessoas muito importantes. O Schneider disse-me que ficarão hospedados em sua casa e que teria de falar com o Wulff para garantir a segurança dos dois homens que aguarda.

— De onde vêm?

— Não me disse.

A senhora Schneider foi mais explícita do que o marido, e quando, dias depois, se encontrou com a Amelia no Café de Saladino não resistiu a confidenciar-lhe o que sabia.

— Decerto que o barão a informou de que esperamos convidados. Nem calcula quem são, querida; os Aliados procuram desesperadamente um deles, que é um homem muito importante. Fugiram de Berlim precisamente no dia em que o Hitler se suicidou, e estiveram em Espanha durante quase todo este tempo. O Franco mantém boas relações com os britânicos e com os norte-americanos e,

ainda que proteja os fugitivos alemães, estes convidados estarão mais seguros aqui. O nosso grupo irá protegê-los. O sargento Martin Wulff — ao mencionar o nome, olhou de soslaio para o proprietário do Café de Saladino — serviu às ordens de um deles. Ainda não posso informá-la de quem se trata, mas estou certa que os conhecerão. Ficarão hospedados em nossa casa, e já pedi autorização ao meu marido para organizar um jantar em honra deles.

Nem o Max nem a Amelia conseguiram obter mais informações dos Schneider. Apenas lhes restava aguardar, para desespero do Max, que tinha já planeado o regresso a Berlim para os primeiros dias de janeiro de 1948. Agora, não lhes restava outra opção senão aguardar até se certificarem de quem eram aqueles misteriosos desconhecidos.

O senhor Schneider disse ao Max que não se veriam durante alguns dias.

— Os nossos convidados estão prestes a chegar e tenho de certificar-me de que tudo irá correr pelo melhor. Entrarei posteriormente em contato consigo.

Nas vésperas do final de ano, receberam um cartão dos Schneider convidando-os para comemorarem o fim daquele ano de 1947 na companhia de outros compatriotas com um jantar em sua casa.

Chegado o dia, enquanto ajudava o Max a vestir-se para a festa, a Amelia apercebeu-se da sua inquietação.

— Não te preocupes, irá correr tudo bem — disse para o animar.

— Talvez se trate do Winkler e do pai dele, ou talvez sejam outras pessoas; mas, sejam eles quem forem, devem ser muito importantes. Não posso deixar de estar preocupado. Se se tratar do Winkler, irá reconhecer-nos; se isso acontecer, o que vamos dizer?

— És oficial, um herói, estás a salvo de qualquer suspeita.

— Por favor, Amelia! O Winkler sabe onde e por que motivo perdi as pernas. Sobretudo, conhece-te a ti. Irá contar aos outros quem realmente somos.

— Nunca escondemos quem somos. E, ainda que o Winkler sempre tenha suspeitado de mim, nunca pôde comprovar nada.

— Exceto pelo fato de terem encontrado nas tuas mãos um dos detonadores com que a Resistência grega sabotou um comboio militar do exército alemão. Tenho de confessar-te que sempre pensei que o Winkler acabasse por não aparecer.

— Talvez não seja ele — animou-o a Amelia.

— Estou com um mau pressentimento.

— Não te preocupes, o Bob e os seus homens estarão nas proximidades. O taxista que nos levará a casa dos Schneider é um dos homens da OSS.

Amelia não lhe disse nada, mas levava na sua bolsa a pequena pistola que o Albert lhe tinha dado quando chegaram ao Cairo.

Max sabia da existência da arma, mas nunca pensou que nem ele nem a Amelia teriam algum dia de a utilizar.

A senhora Schneider tinha-se esmerado a criar um ambiente natalício para aquela festa de fim de ano. No jardim, havia colocado um pinheiro decorado com iluminações e bolas de vidro. A Amelia perguntou-se onde o teria ela arranjado. Também o átrio e o salão se apresentavam decorados com grinaldas e velas.

Cumprimentaram os convidados dos Schneider; conheciam-nos a todos, na medida em que se tratava dos membros mais proeminentes daquele grupo de nazis exilados. Contudo, não viram ninguém que lhes fosse desconhecido. A Agnete sussurrou ao ouvido da Amelia que os dois convidados especiais estariam prestes a descer dos seus quartos.

Passado pouco tempo, o senhor Schneider fez tilintar um pequeno sino, reclamando a atenção dos seus convidados.

— Senhoras e senhores, esta noite temos entre nós dois grandes patriotas, dois homens que se sacrificaram pela Alemanha e que conseguiram fugir atempadamente, para não serem capturados pelo nossos inimigos. Permaneceram escondidos durante muito tempo, mas por fim os temos entre nós. A viagem até aqui não lhes foi fácil, e chegaram há apenas algumas horas. Como muitos de vocês, assumiram uma nova identidade, pelo que nos referiremos a eles pelos seus novos nomes. Senhoras e senhores, um aplauso para os senhores Günter e Horst Fischer.

Dois homens entraram no salão. Um era já de idade avançada, caminhando com os ombros encurvados e com um olhar cansado; apoiava-se no braço do mais jovem, que assumia uma postura ativa e porte militar. Assim que os viram, todos aplaudiram entusiasticamente.

Schneider foi apresentando os dois homens ao resto dos convidados e, enquanto o fazia, a Amelia tentava manter o autocontrole, ao mesmo tempo que apertava a mão do Max.

Os olhos, aqueles olhos azuis, gélidos como a neve, havia-os visto anos antes. Havia-os visto repletos de raiva e de ódio contra ela. Não lhe restavam quaisquer dúvidas de que Günter Fischer era o coronel Winkler, o que faria de Horst Fischer o seu pai.

Aguardaram que chegasse a sua vez de lhes serem apresentados. O senhor Schneider indicou o Max orgulhosamente.

— Gostaria de vos apresentar um homem excecional, um herói, o barão Von Schumann, e esta é a sua encantadora esposa, a Amelia.

Um relâmpago pareceu trespassar o olhar do Günter Fischer enquanto fitava frontalmente primeiro o Max e depois a Amelia, ainda que sem denunciar

conhecê-los. Apertou a mão ao Max e beijou a da Amelia.

— Significa então que até os heróis tiveram de exilar-se — comentou sarcasticamente, perante o ar de espanto do senhor Schneider.

A senhora Schneider pediu a todos que passassem para a sala de Jantar, pelo que não houve tempo para mais comentários. O jantar decorreu por entre brindes à Alemanha, ao Führer e ao III Reich, mas também às glórias futuras, a esse IV Reich que, dentro em breve, eles ajudariam a erguer-se vitorioso sobre os seus inimigos.

O pai do Winkler, protegido sob a identidade de Horst Fischer era o centro das atenções dos comensais. Todos o ouviam devota mente enquanto discorria sobre a supremacia técnica da Alemanha garantindo que os cientistas alemães levavam uma grande vantagem aos russos e aos norte-americanos, tanto no domínio do armamento quanto no respeitante à investigação médica.

— Preferiria morrer a ser capturado pelos Aliados. Sei que muitos dos meus colegas aceitaram a chantagem para evitarem ser julgados, comprometendo-se a continuar a investigar e a transmitir todos os nossos segredos aos novos amos do mundo. Eu não o farei. Jurei fidelidade ao Führer e, sobretudo, jurei lealdade à Alemanha. Nunca os trairia.

O filho ouvia-o em silêncio, olhando à vez para a Amelia e para o Max.

Foi apenas depois de findo o jantar, quando todos os convidados passaram para um dos salões, que o Günter Fischer se aproximou do senhor Schneider, segredando-lhe ao ouvido alguma coisa que pareceu deixar o anfitrião alarmado. De imediato, o Schneider, seguido pelos Fischer e por alguns outros convidados, saiu da sala, dirigindo-se em passo acelerado para o escritório do dono da casa.

Amelia, atenta ao que sucedia, aproveitou para sair antecipadamente do salão, tentando chegar ao escritório antes deles, de modo a esconder-se por trás dos compridos cortinados. Rezava para não ser descoberta; se isso acontecesse, estava certa de que a matariam ali mesmo.

— Sabe quem tem em sua casa? — perguntou o Günter Fischer, dirigindo-se ao Schneider com fúria na voz.

— Espero que nenhum dos meus convidados o tenha incomodado. São todos da máxima confiança.

— Confiança? O senhor sentou à mesma mesa que nós uma espia!

— Uma espia!! Mas de onde retirou tal ideia? — O tom de voz do Schneider roçava o histerismo.

— A Amelia Garayoa é uma espia — insistiu o Fischer.

— Filho, que estás tu a dizer? Explica-te, por favor — exigiu-lhe o pai.

— Senhor Fischer, garanto-lhe que...

Mas ele não deixou que o Schneider prosseguisse.

— Deixe-se de parvoíces; estamos sós, trate-me pelo meu verdadeiro nome.

— Será preferível que nos acostumemos às vossas novas identidades, para evitarmos qualquer distração em público — interveio o Wulff.

— Muito bem, continuarei então a ser o senhor Fischer. Mas agora ouçam-me com atenção. Essa mulher é uma espia. Assassinou um oficial das SS em Roma. Esteve envolvida no desaparecimento de um dos melhores agentes secretos do Reich. Nunca se conseguiu provar nada até ser detida na Grécia, juntamente com outros membros da Resistência, depois de terem feito explodir um comboio militar, atentado em que morreram dezenas de soldados da Wehrmacht, para além de terem reduzido a destroços muito material de guerra.

— Mas trata-se da esposa do barão Von Schumann! O senhor deve estar a fazer confusão — atreveu-se o Schneider a protestar.

— O barão viajava nesse comboio militar, e foi ela a culpada por ele ter ficado estropiado. Já lhe disse que é uma mulher perigosa, uma assassina. E não é esposa dele. A sua legítima esposa morreu em Berlim, na sequência de um bombardeamento da RAF.

— Bem sei, bem sei, casou com a Amelia depois de ter ficado viúvo.

— Não, não casou com ela. Esta mulher já era casada; tem marido em Espanha, ainda que estejam separados há vários anos. Tem inclusivamente um filho.

— Mas o barão... — tentou o Schneider insistir.

— Ele não passa de um idiota! Será que não compreende? E um verdadeiro idiota. Ela deixou-o inválido, privou-o das pernas e ele, em vez de a matar, perdoou-a, tendo-a inclusivamente libertado de Ravensbrück. Esse homem pertence àquela aristocracia decadente que não terá lugar na nova Alemanha. Serve-se do seu código de honra apenas para escamotear as próprias fraquezas. Ele mesmo deveria tê-la matado, mas como veem está ali agarrado à sua mão.

— Filho, se é assim, temos de agir em conformidade. Julgas que te reconheceu? — perguntou o pretenso senhor Fischer.

— Julgo que sim, pai, julgo que sim. O barão não me reconheceu, mas ela... apercebi-me do modo como olhou para mim. Sim teremos de agir em conformidade.

— Encarregar-me-ei de ambos — disse o Wulff.

O Schneider parecia destroçado; por outro lado, os outros três homens ali presentes não hesitaram em apoiar a posição dos Fischer.

— Passamos dois anos escondidos, com os espões aliados à nossa procura por toda a parte; conseguimos sair de Espanha e enfrentamos situações inenarráveis, e decerto não passamos por tudo isso para cair nas mãos dos britânicos ou de quem quer que seja para quem essa maldita mulher trabalha —

asseverou o pretenso Günter Fischer.

— Obviamente, terão de ser eliminados, corremos um grande perigo. O barão tem vindo a colaborar com o nosso amigo Schneider no domínio das operações comerciais e financeiras e, se viesse a falar... isso poderia acarretar consequências muito desagradáveis para todos nós — sentenciou um dos homens do grupo.

— Ainda não consigo acreditar naquilo que estão a dizer. Se assim fosse, já há muito nos teriam denunciado, e a verdade é que não o fizeram — tentou defender-se o Schneider.

— O barão não passa de um títere nas mãos dessa mulher, talvez nem sequer esteja envolvido nos seus estratagemas, mas ela... Conheço-a bem. Garanto-vos que é uma espia, uma assassina.

O Günter Fischer levou uma mão ao rosto, como se de uma máscara se tratasse.

— O meu pai e eu tivemos de ser submetidos a duas operações cirúrgicas faciais para podermos assumir uma nova identidade. Garanto-vos que ainda hoje sentimos dores, na sequência de tais intervenções. Não, não permitirei que o meu pai corra qualquer risco. não poderemos reerguer a Alemanha sem homens como ele. Exijo que essa mulher e o barão sejam liquidados, o mais rapidamente possível. Nesta mesma noite.

Os homens fitaram-no em silêncio e, um a um, foram assentindo. Todos concordavam que a Amelia e o barão deviam ser mortos.

O Martin Wulff retirou uma pistola que trazia escondida na sovaqueira e levantou-se, dirigindo-se para a porta.

— O que pensa fazer?! — gritou o Schneider. — Não pode matá-los aqui. Os disparos ouvir-se-ão na vizinhança. Quer que nos detenham a todos?

— O Schneider tem razão — argumentou um dos homens —, teremos de o fazer depois de saírem daqui, no caminho de regresso a casa. Terá de parecer um vulgar homicídio, como se alguém os tivesse assaltado e depois resolvesse atirar os corpos ao Nilo.

— Concordo consigo, Herr Benz — disse o Günter Fischer, olhando para o homem que acabava de falar. — E agora voltemos para o salão ou essa bruxa acabará por se aperceber de que estamos a planear alguma coisa.

— Tem a certeza de que ela o reconheceu? É impossível, o seu rosto está diferente, não me parece que ela consiga estabelecer qualquer relação com a sua verdadeira identidade, coronel Winkler — insistiu o senhor Schneider.

— Quero-os mortos, senhor Schneider, ou considerá-lo-ei responsável por tudo o que possa acontecer.

O Schneider não conseguiu sustentar o olhar glacial do coronel Winkler.

Amelia manteve-se absolutamente imóvel durante mais alguns minutos, até se certificar de que os homens tinham saído do escritório. Tinha de tirar o Max dali, e perguntava-se se o Bob Robinson estaria nas proximidades e de sobreaviso, tal como haviam planeado.

O Bob tinha-lhe entregado uma pequena lanterna para que ela, caso o Fischer fosse realmente o Winkler, se aproximasse de uma janela e lhe fizesse um sinal. Qualquer coisa simples, como limitar-se a ligá-la e desligá-la. Aquele era o momento de o fazer.

Quando regressou ao salão, o senhor Schneider estava a conversar com o Max, e a senhora Schneider, nervosa, dirigiu-se para ela.

— Mas por onde tem andado? Procurei-a por todo o lado, estava preocupada.

— Saí por uns momentos para o jardim, sentia-me nauseada, não quis dizer nada, nem a si nem ao barão, para não vos deixar Preocupados.

— O meu marido queria saber onde estava a senhora...

— Pois aqui me tem, nada nem ninguém se perde numa casa — replicou, forçando um sorriso.

O Günter Fischer aproximou-se delas, e a Amelia, apesar de perceber que aquele rosto não correspondia ao que tinha conhecido do coronel Winkler, teve a certeza que se tratava da mesma pessoa.

— Quer então dizer que a senhora é espanhola... Mas permita-me dizer-lhe que fala um alemão perfeito.

— Amo esta língua como se a tivesse falado desde sempre.

— Gosta de viver no Cairo?

— Infelizmente, não ficaremos cá durante muito mais tempo. Planeamos regressar à Alemanha. Sentimos o peso da nostalgia, senhor Fischer.

— Sim, a nossa querida Amelia e o barão deixar-nos-ão dentro de alguns dias, regressando a Berlim. Iremos sentir a falta deles — afirmou a senhora Schneider, ignorando o que se passava.

— Portanto, irão partir... E por que motivo decidiram vir para o Cairo?

— Depois da guerra, concluímos que seria conveniente sairmos da Alemanha até que a situação tornasse a estabilizar.

— E julga que agora já não correm qualquer perigo na Alemanha?

— Espero que não, senhor... Fischer.

Ele nada mais perguntou e, após dirigir-lhes uma vênia com a cabeça, afastou-se das duas mulheres.

— Coitado, deve ter sofrido imenso. Antes, era um homem bem-parecido, mas aquelas intervenções cirúrgicas ao rosto...

— Deveram-se a ferimentos de guerra? — perguntou a Amelia.

— Oh, não! Submeteram-se a elas para ninguém os reconhecer, tanto a ele

como ao pai. Já terá certamente percebido, querida, que o Fischer mais velho é cientista, um dos mais prestigiados da Alemanha. Os Aliados fariam qualquer coisa para o deterem e o obrigarem a trabalhar para eles. Mas o Fritz Winkler preferiria suicidar-se a trabalhar para os soviéticos ou para os norte-americanos. — Sem se aperceber, a senhora Schneider acabava de denunciar a verdadeira identidade dos Winkler.

— São indubitavelmente dignos da nossa admiração — concordou a Amelia.

— Obviamente, querida, e também da nossa mais profunda gratidão. Não deve ter-lhes sido fácil viver todo este tempo em Espanha, e conseguirem chegar aqui também se revelou bastante complicado. Deveriam ter vindo há mais de dois anos, mas o Winkler pai esteve à beira da morte depois da primeira intervenção cirúrgica facial; não correu bem, verificou-se uma infeção... Felizmente, conseguiu superar esse revés, mas esteve muito doente e o filho, o coronel Winkler, não quis correr riscos. Você ficou surpreendida por vivermos numa casa tão grande, não foi, querida? É que, na verdade, estava-lhes destinada. O senhor Winkler necessita de espaço para montar o seu laboratório, o seu escritório... Eu zelarei por eles, e tudo farei para que nada lhes falte.

Aproximaram-se do Max, que conversava com o senhor Schneider.

— Querido, julgo que está na hora de nos despedirmos — disse-lhe a Amelia.

— Pedirei ao Wulff para vos acompanhar — sugeriu o senhor Schneider.

— Oh, não é necessário! Combinei com o taxista que nos trouxe para vir aqui a esta hora para nos levar de regresso. Decerto está já à nossa espera.

— Mas o Wulff não se importa, e eu ficaria mais tranquilo sabendo que não vão sozinhos, tendo em conta o adiantado da hora.

— Não se preocupe, senhor Schneider, conhecemos o taxista. Aqui no Cairo, é como se fosse o nosso motorista particular.

O Wulff aproximou-se deles. Para a Amelia, o proprietário do Café de Saladino parecia mais tenebroso do que em qualquer outra ocasião.

— Levá-los-ei a casa — afirmou, com um tom tão peremptório que parecia impossível recusarem.

— Obrigada, senhor Wulff, mas já disse aos nossos anfitriões que temos já um táxi à nossa espera. Mas ficamos-lhe agradecidos pela sua disponibilidade, não é assim, Max?

Começou a empurrar a cadeira do Max até à saída. Com efeito quando a senhora Schneider abriu a porta, já ali estava o táxi de que a Amelia falava. O motorista saiu da viatura, dando mostras de uma atitude solícita para com ela e o barão.

— Enquanto ajudo o senhor a sentar-se, pode dobrar a cadeira e colocá-la no

banco da frente.

Nem o Wulff nem os Schneider puderam evitar que a Amelia e o Max partissem naquele táxi. Duas ruas mais à frente, viraram numa esquina e o táxi parou. De um automóvel estacionado nas proximidades, saiu o Bob Robinson.

— O que aconteceu? — perguntou, indo direto ao assunto.

— Trata-se do Winkler e do pai, e ordenaram que nos matassem.

— Transmitirei ordens para que alguém vá buscar o Friedrich a casa e levá-los-ei para um local seguro.

— Se fizer isso, concluirão que foram descobertos e acabarão por desaparecer de novo. Temos de correr o risco de tentarem assassinar-nos.

— Ordenarei a dois homens que mantenham a vossa casa sob vigilância — aceitou o Bob Robinson.

— De acordo. Conseguirão capturar o Winkler?

— O nosso objetivo é precisamente capturar o Fritz Winkler, e espero consegui-lo.

— Já esta noite?

— Não, não me parece que seja oportuno, estarão de sobreaviso. Não podemos irromper pela casa dos Schneider, temos de esperar que saiam de lá.

Naquela noite, nem o Max nem a Amelia dormiram tranquilos, ainda que soubessem que a casa estava sob a vigilância dos homens do Bob Robinson.

— Teremos de partir tão cedo quanto possível; o mais tardar, dentro de duas semanas — anunciou-lhe o Max.

No dia seguinte, nada aconteceu. O Bob apareceu em casa deles para os tranquilizar, bem como para ouvir todos os pormenores acerca do jantar e daquilo que a Amelia tinha conseguido descobrir.

— Mantemos a casa dos Schneider sob vigilância e julgo que, graças à descrição que nos fez dos Winkler, não os deixaremos escapar. Mandeí também reforçar a vigilância desta casa, para que ninguém entre ou saia sem ser visto e, se nos apercebermos de qualquer coisa suspeita, agiremos de imediato.

— Eles planeiam agir rapidamente, não poderão permitir que continuemos vivos, tendo em conta aquilo que sabemos — disse o Max.

— O que é mais estranho é que não tenham tentado já — acrescentou a Amelia.

— Ontem, perderam a melhor das oportunidades. O Wulff mais não teria do que levar-vos para um local isolado e assassinar-vos; depois, tiraria tudo de vocês, para que parecesse um assalto, e atiraria os vossos corpos ao rio, tal como você ouviu a um daqueles homens. Mas agora têm de pensar noutra forma de o fazer. E deverão ter cuidado, porque os egípcios sabem quem eles são e toleram a sua permanência aqui; alguns funcionários recebem de bom grado o devido

suborno, ainda que sob a condição de serem discretos. Não poderão matar pessoas à luz do dia — explicou o Bob Robinson.

— Quero que proteja o meu filho — exigiu o Max.

— Iremos fazê-lo. Dois dos meus homens irão segui-lo sempre que sair de casa; vão acompanhá-lo a todo o lado e esperá-lo na porta da escola, mas sem que ele se dê conta, não se preocupe.

— Claro que me preocupo. Nunca devíamos ter-nos envolvido nisto... — queixou-se ele.

— Mas envolveram-se, e têm sido pagos por isso, de maneira que não se queixe. — O Bob Robinson falava sem rodeios, não estando disposto a permitir que, à última hora, o barão deitasse tudo a perder.

— Terão de matar o coronel Winkler, ou ele mata-me a mim. Não está interessado nem no Max nem no Friedrich, sou eu quem ele pretende ver morta. E, desta vez, tentará não falhar — interveio a Amelia.

— As minhas ordens são para capturar o Fritz Winkler, se possível sem grande alarde. Também não pretendemos criar problemas com os egípcios. Mas não duvide de que, se o coronel Winkler a procurar, iremos protegê-la, tal como já lhe garanti — reiterou o Bob Robinson.

A 2 de janeiro de 1948, a Amelia recebeu um recado escrito da senhora Schneider pedindo-lhe que a acompanhasse numa ida às compras ao bazar de Jan el-Jalili. O senhor Schneider, por seu lado, telefonou ao Max, convidando-o para se encontrar com ele e com outros amigos no Café de Saladino.

— Não irás — proibiu-a o Max.

— Tenho de ir, sabes isso perfeitamente.

— Queres que te matem? O que julgas que acontecerá se fores ao bazar de Jan el-Jalili? Irás certamente desaparecer, para depois o teu corpo ser encontrado já sem vida numa daquelas ruelas.

— Irei, Max. Se não o fizer, irão suspeitar e esconderão os Winkler. Pretendem certificar-se se suspeitamos de alguma coisa, se reconhecemos os seus convidados. Assumimos um compromisso, e fomos pagos para esse efeito; portanto, teremos de cumprir com a nossa parte, posto o que regressaremos a Berlim. Prometo-te, Max.

Mandaram informar o Bob Robinson, ao que este lhes ordenou que comparecessem aos respetivos compromissos.

— Se não forem, irão suspeitar, e será o fim desta operação. Lamento os riscos que irão correr. A única coisa que estou disposto a ceder é que você, Max, se desculpe, argumentando não se sentir bem de saúde. Mas a Amelia não pode dar qualquer desculpa, terá de ir. Eles julgam conhecê-lo, o que os leva a pensar que, caso suspeitasse de alguma coisa, não permitiria que a Amelia aceitasse o

convite da senhora Schneider.

— Pelos vistos, não sabem que, quando um homem se vende, deixa de ser ele próprio — retorquiu o Max, contendo a raiva que sentia.

— Veja as coisas como quiser; eu, se estivesse no seu lugar, não refletiria muito sobre a questão. Este trabalho é mesmo assim, e são bem pagos para o fazerem. Tudo se resume a isso. Mas aqueles que se entregam a esta atividade não deixam também de acreditar em alguma coisa — acrescentou o Bob Robinson.

Max decidiu aceitar o convite para comparecer no Café de Saladino, mas não antes de obrigar o Bob Robinson a jurar que, no caso de alguma coisa lhes acontecer, a ele ou à Amelia, a OSS se encarregaria de proteger o Friedrich e zelaria para que fosse educado na Alemanha.

— Ninguém o vai matar esta tarde, Max, eles apenas querem averiguar aquilo que vocês sabem. Se seguir à risca o guião que lhe preparamos, de nada suspeitarão. Todavia, tudo depende de si.

A senhora Schneider apareceu para vir buscar a Amelia. Denunciava algum nervosismo, ao ponto de mal abrir a boca, ela, que sempre tinha sido tão tagarela. Quanto ao Max, o taxista que trabalhava para o Bob levou-o até ao Café de Saladino, comprometendo-se a esperar por ele até que o encontro com o Schneider e os seus amigos terminasse.

— Sente-se melhor? — perguntou a senhora Schneider à Amelia.

— Sim, sinto-me bem, mas porque pergunta?

— Na outra noite, disse-me que se sentia indisposta...

— Estava calor e... já sabe, há determinadas circunstâncias com que as mulheres se veem confrontadas...

Caminharam em direção à cidade velha; a Amelia ficou surpreendida com o passo acelerado da senhora Schneider, como se ansiasse por chegar a um local específico.

— O que tenciona comprar? — perguntou-lhe.

— Oh! Nada de importante, mas não gosto de ir sozinha ao bazar de Jan el-Jalili; por vezes, julgo que poderei perder-me naquelas ruelas. Gostaria de oferecer um presente ao meu marido, e falaram-me de um ourives que vende pedras preciosas a bom preço. Talvez uns botões de punho engastados, mas ainda não me decidi... ou rubis ou águas-marinhas. Qual é a sua opinião?

Assim que entraram na cidade velha, a senhora Schneider abrandou o passo, olhando constantemente para a direita e para a esquerda, como se aguardasse que alguém a informasse do trajeto a seguir.

Amelia não tardou a aperceber-se de que mais não faziam do que seguir um homem não muito alto, vestido à maneira tradicional, que se mantinha sempre

alguns metros à frente delas. Encaminhava-as para ruelas cada vez mais estreitas e intrincadas.

— Tem a certeza de que sabe para onde estamos a ir? — perguntou à senhora Schneider, que parecia cada vez mais nervosa.

— Não se preocupe, querida, estou a orientar-me bem, julgo que não estamos perdidas.

O homem que parecia servir de guia à senhora Schneider parou diante de uma porta na penumbra, e depois seguiu caminho; também a senhora Schneider ali parou, pedindo à Amelia que a seguisse.

— E aqui; sim, é este o endereço.

Subiram uma estreita escadaria, que terminava numa porta que a senhora Schneider abriu, afastando-se logo depois, de modo que fosse a Amelia a primeira a entrar.

Durante alguns segundos, não conseguiu ver nada, mas pouco a pouco os seus olhos começaram a acostumar-se à penumbra, para logo depois ouvir a porta a fechar-se. Voltou-se à procura da senhora Schneider, mas esta tinha desaparecido.

— Entre, Amelia — disse uma voz que ela reconheceu de imediato. Tratava-se do coronel Winkler.

— Ah, senhor Fischer! Não sabia que vínhamos encontrar-nos consigo — respondeu a Amelia com ar inocente, ao mesmo tempo que, com um olhar rápido, se certificava de que estavam sozinhos e de que mais ninguém se encontrava naquela divisão.

— Não sabia?

— Não, obviamente que não. Onde está o ourives? Este local é um pouco estranho, não lhe parece? — Apercebeu-se de que o Fischer estava sentado numa cadeira, a única existente na divisão, parecendo ocultar alguma coisa no regaço.

— Basta! A senhora sabe perfeitamente quem sou, não é assim?

— Claro, senhor Fischer, como não haveria de saber?

O coronel Winkler levantou-se, ainda que não tenha conseguido dar um passo que fosse. Sem perceber como poderia aquilo ter acontecido, sentiu um impacto no rosto. A penumbra havia-lhe impedido de ver que a Amelia retirava a mão da algibeira do casaco, empunhando uma pistola. Morreu apercebendo-se de que a Amelia disparava contra ele.

Ela não cessou de disparar até esvaziar o carregador. Apontou para o rosto, para o ventre, para o coração. Não conseguia deixar de disparar, temendo que pudesse continuar vivo. Depois, quando o viu prostrado no chão, imóvel, jazendo num charco de sangue, sentiu-se mais calma. Não ouviu qualquer ruído, como se ninguém tivesse ouvido os disparos. Voltou costas e desceu

apressadamente as escadas até chegar à porta, e aí abrandou o passo, de modo a não atrair atenções. Levava o cabelo coberto com um lenço, mas não seria difícil alguém conseguir reconhecê-la, assim que o cadáver do coronel Winkler fosse descoberto.

Subitamente, um homem aproximou-se dela, e a Amelia reconheceu-o: trabalhava para o Bob Robinson.

— O que aconteceu? Vi a senhora Schneider a sair com ar assustado da mesma casa de onde a senhora acaba também de sair. Quem estava à vossa espera?

— Era uma armadilha. O coronel Winkler pretendia matar-me, mas eu matei-o primeiro.

— A senhora fez o quê? Mas não devia tê-lo matado, ninguém lhe ordenou que o fizesse. O Bob não ficará satisfeito com isso, e o Albert James ainda menos — recriminou-a o homem, enquanto lhe apertava o braço com força.

— Largue-me! O coronel desejava matar-me pessoalmente e não vou esperar para se certificar se eu o teria reconhecido ou não. Ele sabia que sim e por isso precisava de me matar o mais rapidamente possível. Se não o tivesse matado primeiro, você teria me encontrado morta. Agora, é ele quem está morto. Tem notícias do Max?

O homem não respondeu. Dirigiu um sinal a outros dois agentes de cuja presença a Amelia não se havia apercebido.

— O coronel Winkler está morto — anunciou-lhes.

Tornou a agarrá-la pelo braço e, puxando por ela, saíram juntos da zona de Jan el-Jalili.

— Tenho de ir buscar o Max.

— Não, a senhora não irá a lado algum. Não cumpriu com a sua parte do plano. Irei levá-la a casa, onde aguardará pela chegada do Bob Robinson e do Albert James; e garanto-lhe que não lhe permitirei que se afaste de mim um metro que seja.

— O Albert está no Cairo?

— Chegou esta manhã.

Max regressou passadas duas horas. O seu rosto refletia a tensão interior.

— O que aconteceu? — A Amelia abraçou-o assim que o viu entrar em casa, auxiliado pelo taxista que trabalhava para o Bob.

— Não sei, o Schneider bombardeou-me com todo o tipo de perguntas: sobre ti, sobre o que pensávamos fazer em Berlim, sobre o Friedrich... Mas nenhum dos Fischer estava presente, nem o pai nem o filho. O senhor Schneider parecia querer entreter-me... não sei... tudo aquilo me pareceu muito estranho. O Wulff estava nervoso e consultava constantemente o relógio. Disse ao empregado que

ia sair, tendo partido sem sequer se despedir de nós. E a ti, como te correram as coisas com a senhora Schneider?

— Correu tudo bem, não te preocupes.

O Bob Robinson apareceu em casa deles passada uma hora, acompanhado pelo Albert James; ambos pareciam estar simultaneamente aborrecidos e eufóricos.

— Albert, ignorava que estavas cá! — exclamou a Amelia, contente por vê-lo.

— O Bob avisou-me e consegui chegar a tempo de ajudá-los na operação. Mas tu...

— Criou-nos um problema. Não devia ter matado o coronel Winkler — interveio o Bob, interrompendo o Albert James.

— O quê!? — exclamou o Max, assustado.

— Não tive outra opção. Se não o tivesse feito, ter-me-ia ele matado a mim.

— Não tem forma de saber isso — protestou o Bob.

— Trazia uma pistola com ele. Julga que fez com que me levassem a uma casa abandonada da zona de Jan el-Jalili para tomar chá comigo? Seria ele ou eu.

— E a senhora disparou contra ele quando eu lhe tinha ordenado que não o fizesse. Os meus homens seguiam-na de perto.

— Mas não teriam conseguido evitar que ele me matasse. Como poderiam fazê-lo? Ele teria disparado e saído tranquilamente daquela casa, como eu própria fiz. Os seus homens ter-me-iam encontrado morta.

— E era necessário esvaziar o carregador no corpo dele? Cravejou-o de balas... — O Bob parecia impressionado com o relatório dos seus homens.

— Comecei a disparar e... queria certificar-me de que estava morto.

— E bem morto, posso garantir-lhe isso; e agora estou a braços com um cadáver que terei de fazer desaparecer.

— Basta, Bob! Não há forma de remediar a situação, resolveremos isto — interveio o Albert James.

— E o pai do Winkler?

— Está bem, muito bem mesmo. Fizemos uma visita inesperada a casa dos Schneider. Estava sob a proteção de vários homens armados, mas conseguimos capturá-lo sem disparar um único tiro — informou o Albert.

— Como conseguiram? — quis a Amelia saber.

— Não desconfiaram de um egípcio bem vestido que disse ser o secretário de um político importante que o grupo do senhor Schneider tem vindo a subornar desde há algum tempo. Dirigia-se ali para transmitir os seus respeitosos cumprimentos ao senhor Fischer e para lhe comunicar que estava à sua disposição para tudo o que achasse necessário. Isolaram-se no escritório do

Schneider para falarem mais à vontade. Há anos que um homem que trabalha para nós faz parte da criadagem da casa dos Schneider, enquanto jardineiro, pelo que os guarda-costas do pretenso senhor Fischer não desconfiaram dele. Entrou no escritório, apontou uma arma ao senhor Fischer e, com a ajuda do falso secretário, adormeceram-no com clorofórmio. Depois, enfiaram-no num contentor de lixo de grandes dimensões, daqueles usados nos trabalhos de jardinagem, e foi assim que o retiramos, pela porta da cave. O falso secretário do político abandonou a casa dos Schneider com a maior das tranquilidades. Tudo estava a decorrer às mil maravilhas, excetuando o pequeno pormenor de teres matado o coronel Winkler. Mas já nada podemos fazer para alterar essa situação — concluiu o Albert.

— Era a vida dele ou a minha — insistiu a Amelia.

— Deixe-me dizer-lhe — acrescentou o Bob — que me criou um problema dos grandes. Agora, se me permitem, falemos sobre a sua cobertura. Se não se importar, irei agredi-la na cabeça, de modo a ter de ir a uma clínica para se tratar. Dirá que acompanhava a senhora Schneider às compras no bazar de Jan el-Jalili e que se dirigiam à casa de um ourives, não se recordando do local preciso, e, pouco antes de aí chegarem, alguém a agrediu e a deixou estendida no chão, depois de a roubar. Mostrará estar muito preocupada com a senhora Schneider, ignorando o que possa ter-lhe acontecido. Será essa a versão que deverá manter perante todos, a senhora Schneider incluída. Depois, prosseguirão com os preparativos para a vossa viagem e partirão na data prevista — O Bob expôs o plano com um tom que não dava lugar a qualquer réplica.

— E o que faremos até esse dia chegar? — perguntou a Amelia.

— Terão de continuar a interpretar o papel de inocentes alemães expatriados. Eles nada comentarão convosco acerca do desaparecimento dos Winkler, e vocês não deixarão de perguntar pelos Fischer, embora sem demonstrarem demasiada curiosidade — insistiu o Bob.

Quando o Albert e o Bob partiram, a Amelia teve de enfrentar o olhar de espanto do Max.

— Como pudeste matar o Winkler?

— Já expliquei a situação, seria ele ou eu — respondeu ela, perturbada.

— Saíste de casa levando uma pistola contigo, algo que eu próprio ignorava; logo, já ias com a intenção de o matar no caso de o encontrares.

— Sim, é essa a verdade, não te enganarei. Queria matá-lo.

— Por vezes... não te reconheço.

— Lamento, Max, lamento que toda esta situação te deixe perturbado. Mas acredita em mim quando te digo que, se não tivesse matado o Winkler, seria eu quem agora estaria morta. Tive sorte e consegui disparar primeiro, só por isso é

que estou aqui.

A senhora Schneider não pôde despedir-se de Amelia, alegando ter adoecido. Contudo, quem não deixou de se despedir do Max foi o senhor Schneider, juntamente com outros membros do seu grupo. O Wulff parecia furioso, mas não disse nada.

O Schneider manteve-se fiel à farsa de que os seus convidados tinham tido de empreender uma viagem inesperada, embora pretendessem regressar dentro em breve.

Desejaram-lhe boa sorte para o regresso à Alemanha; o Max notou que o Schneider parecia desconcertado, como se não conseguisse acreditar que o Fritz Winkler tivesse desaparecido e que o cadáver do seu filho tivesse sido encontrado a boiar nas águas do Nilo, mostrando-se ainda mais cético quanto à possibilidade de a Amelia e o Max terem alguma relação com tais acontecimentos.

Ao olhar para o Max, mais não via do que um inválido, um herói de guerra. O Winkler tinha de estar enganado, não era possível que o barão tivesse ficado inválido por causa da Amelia. Nenhum homem poderia alguma vez perdoar alguém que o tivesse deixado estropiado e sem pernas. Não, decerto que não, mas de qualquer maneira não podia continuar a confiar neles.

Amelia suspirou de alívio quando, da escotilha do avião, avistou ao longe a silhueta da Esfinge.

— Não quero ir para Berlim — segredou-lhe o Friedrich ao ouvido —, quero ficar aqui.

Ela apertou-lhe a mão, olhando depois para o Max. Podia aperceber-se da sua inquietação, não obstante a alegria que sentia por regressar a casa. Dois lugares mais à frente ia o Albert James, sem dar mostras de conhecê-los, como haviam previamente acordado.

Quando aterraram em Berlim, nevava abundantemente. O Friedrich queixou-se do frio, tornando a insistir que gostaria de regressar ao Cairo. A Amelia mandou-o calar-se.

— Bem, é tudo — afirmaram o major Hurley e Lady Victoria quase em simultâneo.

— Tudo, como? O que sucedeu depois de regressarem a Berlim? — perguntei aos meus interlocutores.

— Da minha parte, nada mais lhe posso contar. Os meus superiores não me permitiram ir para além deste ponto. A operação no Egito não foi desencadeada por nós, ainda que soubéssemos o que tinha acontecido. Mas os nomes dos intervenientes não constam dos nossos arquivos. Como pôde constatar, sem os blocos do Albert James, que a Lady Victoria está encarregada de guardar, teria

sido impossível saber que a sua bisavó esteve envolvida naquela operação.

— Claro, mas o que fizeram eles depois disso? Terá a Amelia continuado a trabalhar para a OSS, ou para os serviços secretos britânicos? Alguma coisa terá feito, não lhe parece?

— Lamento, Guillermo, já lhe disse que não posso ajudá-lo. Todas as informações relativas a operações posteriores à guerra permanecem confidenciais.

— Mas por que razão? — insisti, tentando vencer as resistências do major Hurley.

— Terá de aceitar essa situação — interveio Lady Victoria. — O major não lhe pode confirmar se a sua bisavó continuou ou não a trabalhar enquanto agente. Se sim, é matéria confidencial, e, se não, ele simplesmente ignora.

— Mas o que está em causa é o que aconteceu depois da guerra — protestei eu novamente.

— Exatamente: o que está em causa é o que aconteceu na guerra fria.

— A guerra fria terminou.

— Tem a certeza? — O tom de voz de Lady Victoria ressumava de ironia. — Decerto não pretenderá que os nossos amigos russos tomem conhecimento das identidades daqueles que participaram em operações por trás da Cortina de Ferro. Calcula o que aconteceria se algum desses agentes continuasse vivo? Não, Guillermo, existe informação que nunca será divulgada, nem sequer será colocada ao dispor dos historiadores, pelo menos no período de um século, ou talvez mais ainda. E, nessa altura, já não estaremos aqui.

— O que aconteceu ao Albert James? — insisti.

— Oh! A esse respeito, também pouco mais podemos adiantar, à exceção de que continuou a viver na Europa... e um pouco por todo o mundo.

— Casou-se?

— Sim, casou-se.

— Posso saber com quem?

— Com a Lady Mary Brian. Foi por esse motivo que continuou a viver na Europa, ainda que, infelizmente, a Lady Mary tenha vindo a falecer na sequência de um acidente de viação.

— Tiveram filhos?

— Não.

— Portanto, não têm mais respostas para mim.

— Terá de continuar a investigar pelos seus próprios meios — afirmou o major Hurley.

— Se o senhor me pudesse fornecer-me alguma pista...

— Talvez possa encontrar alguma pista na Alemanha, não lhe parece? —

insinuou Lady Victoria. — Afinal de contas, foi para aí que a sua bisavó se dirigiu.

— Alguma sugestão? — perguntei com um certo aborrecimento.

— Se estivesse no seu lugar, tentaria descobrir o que terá acontecido ao Friedrich. Se calhar, ainda está vivo.

Desta vez, a resposta de Lady Victoria estava isenta de qualquer ironia.

— Já tinha pensado nessa possibilidade — menti, dado que ainda não dispusera de tempo para refletir acerca dos próximos passos a dar.

— Bem, parece então que já tem matéria para prosseguir a sua investigação.

— Lady Victoria dirigiu-me um sorriso amplo e encantador.

Regressei ao hotel a pé, pois precisava de refletir. Era evidente que, se o major Hurley não queria fornecer-me mais informações, isso só poderia significar que Amelia teria continuado envolvida em atividades de espionagem. No respeitante aos blocos de Albert James, o major Hurley teria certamente sugerido a Lady Victoria que não divulgasse informações do foro secreto. E se há alguma particularidade pela qual os britânicos possam caracterizar-se, independentemente de quaisquer ideologias, essa é o seu patriotismo.

Ir a Berlim parecia-me boa ideia. Talvez tivesse sorte e encontrasse Friedrich von Schumann, ou talvez alguém que, no passado, pudesse ter conhecido a sua aristocrática família.

Telefonei a Dona Laura, para a informar de que viajaria para Berlim. Depois, tornei a decidir enviar flores à minha mãe, anexando um cartão no qual lhe dizia quanto gostava dela, para que não me desse depois um sermão quando lhe telefonasse de Berlim.

Liguei também ao professor Soler, para averiguar se conheceria alguém na capital alemã. Afinal de contas, parecia conhecer pessoas em todo o mundo.

— Está então a dizer-me que vai para Berlim. Já reparou, meu caro Guillermo, que está a fazer uma verdadeira volta ao mundo? — observou ele com uma certa ironia.

— Sim, parece que sim, mas não me resta outra opção.

— Talvez eu possa ajudar. Num certo congresso, travei amizade com um professor da Universidade de Berlim. Contudo, deve ter uma idade já avançada, dado que estava prestes a reformar-se quando o conheci, o que aconteceu há já seis ou sete anos. Irei procurar o cartão dele e, se o encontrar, entrarei em contato consigo, está bem?

O professor Soler telefonou-me passada uma hora. Para além de ter encontrado o cartão em causa, chegara inclusivamente a falar com o seu amigo.

— Chama-se Manfred Benz e vive perto de Potsdam. Disse-me que o receberá com todo o gosto. Desejo-lhe sorte.

— Também eu espero vir a tê-la. E muito obrigado, professor.

FRIEDRICH

1

Berlim surpreendeu-me. Pareceu-me uma das cidades mais interessantes entre todas as que havia já conhecido. Repleta de vida, vanguardista, transgressora, bela. Já me sentia apaixonado por ela passadas umas meras três horas após ter aterrado e pedido a um taxista que desse uma volta pela cidade.

Não sei porquê, mas decidi tentar localizar algum membro da família Von Schumann pelos meus próprios meios, se é que algum continuaria vivo. Disse para mim próprio que, se tal busca saísse gorada, telefonaria então ao professor Manfred Benz.

O recepcionista do hotel facultou-me uma lista telefônica e, para minha surpresa, encontrei números de telefone referentes a diversos Von Schumann. Optei por telefonar ao primeiro nome da lista.

Fiz figas para que falassem inglês. Respondeu-me uma voz que me pareceu de adolescente, e perguntei por Herr Friedrich von Schumann.

— Ah, está a referir-se ao meu avô! Mas enganou-se no número, porque ele não vive aqui. Quer falar com a minha mãe?

O miúdo falava inglês com uma acentuada pronúncia alemã. E claro que eu falava inglês com pronúncia espanhola, pelo que nos entendemos perfeitamente. Estive tentado a dizer-lhe que sim, que queria falar com a mãe dele, mas o meu instinto avisou-me de que seria melhor não o fazer.

— Não te preocupes, com certeza enganei-me ao procurar o número na lista.

— Se está a usar a lista telefônica, procure um Von Schumann antecedido de "F.»: será esse o número do meu avô.

Procurei o número e telefonei. Reconheço que sentia o coração acelerado ao pensar na possibilidade de Friedrich von Schumann continuar vivo, ainda que isso não significasse que queria falar comigo.

Uma voz profunda chegou-me através da linha telefônica.

— Bom dia, gostaria de falar com o senhor Von Schumann.

— E com quem tenho o prazer de estar a falar? — perguntou-me a voz.

— Bem, ele não me conhece, mas julgo que terá conhecido uma familiar minha, a minha bisavó.

Instalou-se o silêncio, como se aquele homem de voz profunda estivesse a refletir no que acabava de ouvir.

— Quem é o senhor? — perguntou-me.

— Chamo-me Guillermo Albi, e sou bisneto da Amelia Garayoa.

— Amelia... — A voz profunda transformou-se num sussurro.

— Sim, Amelia Garayoa. Ela... bem, julgo que ela terá conhecido Herr Friedrich von Schumann.

— O que pretende? — Aquela voz não deixava de me impressionar.

— Se Herr von Schumann pudesse dispensar-me alguns minutos, explicarlhe-ia a situação pessoalmente.

— Friedrich von Schumann sou eu. Se lhe parecer bem, compareça esta tarde em minha casa, às três horas. Dar-lhe-ei o endereço.

Assim que desliguei o telefone, não conseguia ainda acreditar na sorte que tinha. Celebrei a ocorrência presenteando-me com um passeio por Berlim, guiado pelo mapa que o recepcionista me facultara. Segui o percurso tradicional de qualquer turista: tirar uma fotografia com a Porta de Brandeburgo como fundo, procurar o famoso Checkpoint Charlie, tentar descobrir vestígios do Muro...

O endereço em causa localizava-se numa zona outrora integrada em Berlim Oriental. O prédio situava-se num bairro limpo e bem cuidado, com algumas galerias de arte na mesma rua. Parecia um bairro burguês típico de qualquer cidade europeia.

Quando carreguei no botão da campainha do segundo andar, apercebi-me de novo que os meus batimentos cardíacos voltavam a acelerar. A porta foi-me aberta por um homem com o cabelo totalmente branco e uns olhos intensamente azuis. Vestia calças pretas e camisola de gola alta, também ela preta. Calculei que deveria ter cerca de setenta anos.

Por um instante, observou-me com curiosidade, para depois me estender a mão.

— Sou Friedrich von Schumann.

— E eu chamo-me Guillermo Albi, e não sabe como lhe agradeço por me receber.

— Despertou-me a curiosidade. Entre.

Encaminhou-me para um escritório com as paredes forradas a livros. Portas corrediças davam acesso a uma biblioteca.

— Sente-se — disse, apontando para uma poltrona do outro lado da mesa. —

Diz-me então ser bisneto da Amelia. Se assim é, o seu avô será o Javier, não é?

— Sim. Com efeito, o meu avô materno chamava-se Javier.

— Bem... diga-me então o que deseja.

Expliquei-lhe que, desde há algum tempo, mergulhara numa investigação acerca da vida de Amelia, referindo-me também a quem me havia auxiliado, os países que tivera de visitar e, por fim, comuniquei-lhe que a última pista me tinha conduzido até Berlim.

— Porque o senhor deve ser o filho do barão Von Schumann, o Max, que foi amante da minha bisavó.

— Assim é. Contudo, peço-lhe encarecidamente que não fale da relação entre o meu pai e a Amelia como se fossem amantes, dado que foi muito mais do que isso. Além do mais, para mim, a Amelia foi a minha verdadeira mãe, a única que realmente conheci. E agora o senhor aparece a dizer que as primas dela, a Laura e a Melita, o contrataram para que escrevesse a sua história... Ela tinha-lhes muita estima, sobretudo à Laura. Nunca as conheci, mas a Amelia mostrava-me fotografias delas e da sua irmã Antonietta.

Pedi-lhe que me ajudasse, dado que, sem a sua colaboração, dificilmente conseguiria avançar. Antes de responder, levantou-se e perguntou-me o que queria beber. Depois, saiu do escritório e, quando regressou, vinha acompanhado por uma mulher da sua idade.

— Ilse, este senhor é o bisneto da Amelia.

A mulher estendeu-me a mão enquanto me sorria. Tinha o ar afável que esperamos ver em todas as avozinhas. Também ela era alta e não obstante a idade, mantinha uma postura ativa. O cabelo era tão branco quanto o de Friedrich.

— A minha esposa não conseguiu resistir à curiosidade de o conhecer. Também ela conheceu a Amelia, e gostava muito dela.

— Oh! Era uma mulher muito corajosa! Aprendi muito com ela.

— Sim, coragem parece não lhe ter faltado — repliquei eu, ansioso por que me falassem dela.

Ilse saiu do escritório, regressando depois com um tabuleiro, uma garrafa de uísque e um balde de gelo.

— Chamem-me se precisarem de alguma coisa e... bem, talvez pudesse ficar para jantar connosco...

— Não pretendo incomodá-los...

— O senhor é bisneto da Amelia; para mim, é como se fosse da família. Além disso, devo à Amelia a minha própria vida... — explicou Ilse.

Sentia-me eufórico. Não apenas havia encontrado Friedrich, como ele se mostrava disposto a colaborar, para além de a sua simpática esposa ter acabado

de me confidenciar que Amelia lhe tinha salvo a vida. Assim, preparei-me para me deixar surpreender por ambos.

Friedrich ouviu-me atentamente quando lhe contei o que conseguira descobrir acerca dos acontecimentos no Egito.

— Julgo que esse foi o período mais feliz da minha infância e, quem sabe, da minha vida. Se tivesse dependido de mim, teria continuado a viver no Cairo e não teríamos regressado à Alemanha — comentou, em jeito de introdução.

— Que idade tinha então?

— Quando regressamos, julgo que devia ter cerca de seis anos.

— Sendo assim, recorda-se bem do que aconteceu nessa época.

— Razoavelmente, ainda que, como é óbvio, as recordações posteriores sejam mais definidas e concretas. Também a minha esposa, a Ilse, poderá falar-lhe da Amelia. Como decerto já se apercebeu, gostava muito dela. Na verdade, foi precisamente através da Amelia que conheci a Ilse, ainda que ambos estudássemos na mesma universidade. Eu frequentava o curso de Medicina, dado que sempre quis ser médico como o meu pai, e a Ilse estudava Ciências Físicas. Contudo, antes de continuarmos, gostaria que me desse a sua palavra de que irá lidar criteriosamente com a informação que obtiver. Disse-me que é jornalista e... não aprecio particularmente os jornalistas, não me fio muito neles.

— Não me espanta, comigo acontece o mesmo.

Friedrich von Schumann fitou-me admirado, para depois desatar a rir.

— Bem, pelo menos, temos já alguma coisa em comum, para além da Amelia. Tem de perceber — disse então com um ar mais sério — que, embora tenham passado já mais de vinte anos desde a queda do Muro, na verdade ele permanece enraizado na mente daqueles que cresceram com ele. Aquilo que lhe irei contar não diz unicamente respeito à Amelia, envolvendo também outras pessoas, que decerto não gostariam que se soubesse o que fizeram a determinada altura. E têm esse direito: o de que os seus segredos e intimidade sejam respeitados. Assim, não mencionarei os seus nomes verdadeiros; além do mais, nada do que eu lhe conte o autoriza a divulgar quaisquer informações que ultrapassem o âmbito da sua família. Não deverá cair na tentação de divulgar publicamente a vida da sua bisavó. Se não assumir tal compromisso por escrito, nada lhe contarei.

Aceitei todas as condições, assinando um documento que ele próprio redigiu.

— Para mim, a palavra de um homem deveria ser garantia suficiente, mas infelizmente a vida ensinou-me que o código de valores que o meu pai me transmitiu há muito deixou de ter validade.

Ao observá-lo, não conseguia deixar de imaginar Max von Schumann. Porque Friedrich assumia o porte, os modos e a postura que seriam de esperar de

um aristocrata. Além do mais, por dupla razão, dado que a sua mãe, a condessa Ludovica von Waldheim, também havia deixado nele as suas marcas.

— Calculo que o senhor tenha herdado o título dos seus pais, pelo que será barão, não é assim? — perguntei-lhe por curiosidade.

— Sim, de fato, herdei o título do meu pai e da minha mãe. Julgo ser o único sobrevivente de ambas as famílias. Mas para mim os títulos não significam nada, absolutamente nada, e não se esqueça de que cresci num país comunista. Acharia estranho que alguém me tratasse por "barão». Não... com efeito, esse título nada significa para mim, nem para os meus filhos.

Eram quase quatro da tarde quando Friedrich começou a narrar-me aquilo de que se recordava.

"Ainda me recordo do frio que se fazia sentir no dia em que chegamos a Berlim. No entanto, a memória que mais tenho presente é a do choque que senti perante o controle aeroportuário. Naquela altura, as relações entre os russos e as restantes potências aliadas eram já bastante tensas e, embora o Muro não tivesse sido ainda erigido, existia já um muro psicológico. Já se notavam diferenças entre a zona de Berlim controlada pelos soviéticos e o resto da cidade, que estava sob o controle dos Aliados. A nossa casa, infelizmente, localizava-se no setor soviético, ainda que estivesse próxima do setor norte-americano. Na verdade, existia uma fronteira invisível. Das nossas janelas, conseguíamos ver o setor norte-americano, quase lhe podíamos tocar.

Aquela não era a melhor casa da família, apenas um singelo prédio de apartamentos para arrendar que havia proporcionado bons proventos antes da guerra. Quando chegamos a nossa casa e tentamos entrar, constatamos que a chave não servia, alguém tinha mudado a fechadura. A Amelia procurou a porteira para lhe pedir explicações, mas uma vizinha informou-nos de que a mulher já não vivia lá, pois tinha ido viver para casa da filha, em Berlim Ocidental, e que a nossa casa tinha sido colocada ao dispor de outra família. A mulher disse-nos que os soviéticos estavam a proceder a um censo dos andares vazios e dos seus proprietários e, quando não descobriam o seu paradeiro, confiscavam-nos e colocavam-nos à disposição do povo.

Não lhe será difícil imaginar que, na cidade de Berlim, em 1948, eram muitos os que nada tinham, que tudo haviam perdido na sequência dos bombardeamentos. As autoridades soviéticas realojavam as pessoas que compactuavam com elas, membros daquele que viria a ser o Partido Comunista, nas melhores casas que iam descobrindo. No nosso andar, vivia agora um homem que colaborava com os soviéticos na administração do seu setor da cidade. Vivia lá com a esposa e dois filhos, embora na altura estivessem ausentes. Todos os nossos móveis, explicou-nos então a vizinha com uma certa

velhacaria, tinham sido colocados na cave do prédio, um local não muito espaçoso e que os inquilinos usavam como arrecadação. Antes da guerra, era ali que os porteiros guardavam os baldes para o lixo e todas as suas ferramentas; as crianças também tinham encontrado ali algum espaço para guardarem as suas bicicletas, e alguns vizinhos amontoavam aí mobiliário velho do qual não queriam desfazer-se. Chegava-se à cave através de alguns degraus que desciam a partir de um patamar, onde havia uma única porta, a da casa do porteiro e que ficava fora do olhar de quem quer que entrasse pela porta do prédio. A portaria propriamente dita situava-se perto do elevador, consistindo numa divisão muito pequena, na qual apenas cabiam uma mesa e duas cadeiras.

Conto-lhe tudo isso porque a vizinha que nos informou tinha ouvido dizer que, caso regressássemos, poderíamos ocupar a casa do porteiro. Disse com uma certa vaidade que tinha sido ela a encarregar-se de guardar a chave em causa.

O meu pai nada disse, nunca se rebaixaria ao ponto de exteriorizar as suas emoções na presença de uma vizinha, e também a Amelia agiu com igual indiferença, como se aquilo que estivesse a acontecer-nos fosse a coisa mais natural do mundo e o meu pai não fosse o proprietário de todo o edifício. Pegou na chave que a vizinha lhe entregou e entramos na casa do porteiro, ignorando aquilo com que nos depararíamos.

A casa estava vazia, desprovida de qualquer mobiliário, de qualquer rasto dos inquilinos anteriores. O pó e a sujidade acumulavam-se no chão e nas janelas que davam para o pequeno jardim, pelo qual também se acedia ao edifício.

O rosto do meu pai refletia a indignação que sentia.

— Não podemos ficar aqui — disse ele.

— Teremos de o fazer — replicou a Amelia.

— Não, não o faremos. Irei de imediato falar com as autoridades soviéticas para que aquilo que é meu me seja restituído. Este edifício pertence-me. De todas as posses da minha família, é o único que permanece em pé. Disponho do título de propriedade, não podem expulsar-me da minha própria casa.

— Não conheces os soviéticos, Max, não irão restituir nada.

— Iremos agora mesmo — insistiu ele, apesar de estarmos todos bastante cansados da viagem.

— Se calhar, devíamos falar com o Albert James. Talvez os norte-americanos possam pressioná-los.

— Trata-se da minha casa, Amelia, e não ma poderão roubar. Se não quiseses ir comigo, vai o Friedrich, ele também é capaz de empurrar a cadeira de rodas.

Olhei para a Amelia, entristecido. Não gostava de vê-los a discutir, sofria com isso, e, naquele instante, temi que se exaltassem ainda mais. Mas não. A Amelia limitou-se a encolher os ombros e aceitou que nos dirigíssemos ao

edifício onde os soviéticos haviam instalado o seu quartel-general.

Ninguém parecia estar ao corrente do que quer que fosse, unicamente que tinha sido emitida uma ordem para que todos os edifícios que se mantivessem intactos, e nos quais existissem casas vazias, deveriam ser colocados à disposição daqueles que conseguissem provar que as suas casas haviam sido destruídas e, portanto, careciam de alojamento. Se tínhamos deixado a casa vazia durante mais de dois anos, era porque não precisávamos dela, pelo que não teríamos direito a reclamar. E se ainda por cima dispúnhamos de outra casa no mesmo edifício, por que motivo nos queixávamos? Não seria digno viver na antiga casa do porteiro? Acaso nos consideraríamos melhor do que ele?

O meu pai garantiu que iria apresentar uma queixa escrita e que pretendia falar com quem dispusesse de autoridade para resolver aquele assunto, mas todos os seus protestos se revelaram inúteis.

Amelia encarregou-se de tudo com uma resignação que não deixou de me espantar. Quando chegamos a casa, pediu-me para ir a uma loja perto dali comprar alguns produtos de limpeza. Enquanto isso, ela desceu à cave para se certificar se os nossos móveis estariam mesmo ali.

A casa era pequena: uma sala, uma cozinha, uma minúscula casa de banho e dois quartos; assim, não demorou muito tempo a limpar tudo. Aquilo que mais a preocupava era como iríamos retirar os móveis da cave, mas acabou por ter uma ideia.

— Anda comigo até à rua, Friedrich, reparei que havia alguns rapazes perto daqui que estavam desocupados. Talvez nos possam ajudar a troco de algumas moedas.

Não conseguimos subir com todos os móveis, dado que alguns eram muito pesados e outros não caberiam na porta, pelo que tivemos de conformar-nos com o imprescindível. Já era noite quando a Amelia deu as mudanças por concluídas. O meu pai mal falava, tão grande era o seu desespero.

— Pelo menos, agora dispomos de dinheiro para conseguirmos sobreviver durante um período considerável — disse a Amelia.

— Não ficaremos aqui — afirmou o meu pai, ainda que sem grande convicção.

— Ficaremos enquanto esta situação não se resolver; e, bem vistas as coisas, não estaremos assim tão mal. Olha: depois de limpa e com os nossos móveis, a casa até parece outra. Acho que deveríamos pintá-la. Eu mesma o farei, com a ajuda do Friedrich.

— Seremos nós próprios a pintar a casa? — perguntei, incrédulo.

— E porque não? Será divertido.

O meu pai protestou. Dizia que teríamos de manter as janelas abertas e que

fazia demasiado frio. Mas ela mostrou-se firme. Estaríamos melhor com as paredes limpas, pintadas com cores claras.

Acompanhei-a a um armazém onde, afinal de contas, acabaria por comprar papel de parede, bem como os materiais necessários para a sua aplicação. O homem que nos vendeu os rolos garantiu-nos que poderíamos ser nós próprios a fazê-lo e que, por uma modesta retribuição, também ele poderia ajudar. A Amelia aceitou, embora tenha regateado o preço até o homem se dar por vencido.

Três dias depois, a casa parecia outra, e até o meu pai teve de o reconhecer.

— Vês? Até que foi boa ideia forrar as paredes a papel, em vez de as pintar, para evitar o cheiro a tinta — disse-lhe a Amelia.

Aquela casa tornar-se-ia o nosso lar, o lugar onde vivi até me casar com a Ilse. Julgo que aquele sítio, de alguma forma, marcou o nosso destino, porque muitas das coisas que sucederam teriam sido impossíveis se não vivêssemos ali.

Os soviéticos administravam Berlim do mesmo modo como o faziam nas restantes zonas da Alemanha sob o seu poder, e o fosso face a outras zonas da cidade, controladas por norte-americanos, britânicos e franceses, não cessava de aumentar de dia para dia. Decerto não precisa que lhe recorde a crise de 1948. Norte-americanos e britânicos haviam criado uma zona bipartida na Alemanha Ocidental; quando a França se lhes juntou, dariam origem àquela que ficou designada como zona tripartida, na qual se localizaria uma Assembleia Constituinte e a sede do governo federal. Mas não foi isso que originou a crise, mas sim a reforma monetária que, para os soviéticos, representou um grave problema, levando-os a responder com a sua própria reforma monetária e com o bloqueio a Berlim, entre junho de 1948 e maio de 1949. Os norte-americanos contornaram o bloqueio soviético organizando uma ponte aérea. Na verdade, a partilha da Alemanha tinha começado muito antes, na Conferência de Malta, e talvez mesmo antes disso, na de Teerão, quando norte-americanos, britânicos e soviéticos decidiram dividir a Alemanha em diferentes zonas de ocupação. O mapa do país foi redefinido, a linha fronteira com a Polónia foi alterada e tudo aquilo que tinha sido a Alemanha Central passou a integrar o império soviético, com Berlim a permanecer como uma verdadeira ilha com quatro administrações distintas, ainda que encravada no coração da Alemanha sob controle soviético.

Não obstante a política de apaziguamento face ao Hitler se ter revelado desastrosa, as potências ocidentais começaram a proceder de modo idêntico com o Stalin, permitindo-lhe violar todos os compromissos assumidos em Malta: por exemplo, o do direito dos Povos libertados a determinarem o modo como pretendiam ser governados. O Stalin não lhes deu opção. Aquele era um compromisso que nunca havia pensado cumprir.

Alguns jornais defendiam que se tornava necessário compreender que o Stalin zelava por fronteiras "seguras", e que era essa obsessão com a segurança que o levava a implementar determinadas políticas.

Mas não pretendo continuar a distraí-lo com questões políticas. Numa casa tão pequena, era difícil não ouvir algumas das longas conversas entre a Amelia e o meu pai, bem como algumas das suas discussões.

Antes de as comunicações entre a zona de Berlim em que vivíamos e a que estava sob controle das restantes forças aliadas serem cortadas, o Albert James costumava visitar-nos frequentemente.

Para mim, o Albert James era como um tio que aparecia de vez em quando com sacos de guloseimas e brinquedos ingleses e americanos que os meus amigos muito invejavam.

Costumava jogar xadrez com o meu pai, falando também de política e dissertando sobre o futuro.

Numa das suas visitas, o Albert disse que pretendia fazer-lhes uma proposta. Na verdade, tratava-se de uma proposta para a Amelia.

— Precisamos de olhos neste setor de Berlim.

— Olhos? E com que fim? — perguntou ela.

— Sem os soviéticos, não teria sido possível vencer a guerra, mas é mais do que evidente que temos interesses distintos. O Churchill disse que os soviéticos estão a instalar uma "cortina de ferro" nas fronteiras das suas zonas de influência, e tem razão. Precisamos de estar ao corrente daquilo que for acontecendo.

— Significa então que, agora, os russos passam a ser vossos inimigos. — O tom de voz do meu pai estava carregado de ironia.

— Possuímos interesses opostos. Poderão representar um perigo para todos nós... já falamos desse cenário em outras ocasiões.

— O que pretendes, Albert? — perguntou o meu pai, indo direto ao assunto.

— Pretendo que passem a trabalhar para a OSS; que se juntem a nós, ao grupo que temos cá.

— Não, isso faz parte do passado — respondeu, contundente.

— Pelo menos, gostaria que refletissem sobre o assunto.

— Não há nada para refletir — insistiu o meu pai.

— O que teríamos de fazer? — perguntou a Amelia, sem olhar para ele.

— Falaremos sobre isso no caso de aceitarem a minha proposta; além do mais, os nossos amigos britânicos não se importariam que tu, Amelia, passasses a trabalhar para nós.

— Eu não sou propriedade dos britânicos — respondeu, irritada.

— Bem sei, mas para eles continuas a ser sua agente, ainda que tenhas

trabalhado para nós no Cairo. De qualquer modo, mantemos excelentes relações, estamos todos no mesmo barco.

Depois de o Albert sair, a Amelia e o meu pai discutiram.

— Gostas do perigo, não é verdade? Não és capaz de viver como uma pessoa normal, apenas te sentes estimulada se estiveres à beira do abismo. No Cairo, disseste-me que nunca mais te dedicarias a esse tipo de atividades.

— Temos de ser realistas, Max. Do que viveremos quando o dinheiro que ganhamos no Cairo se acabar?

Durante vários dias, o Max mal falou com a Amelia. Apenas se dirigiam a palavra na minha presença, e eu sofria ao vê-los sofrer.

Julgo que terá sido em maio, antes de os soviéticos cortarem todos os contatos com a Alemanha Federal, que o Albert James tornou a visitar-nos.

Max mostrou-se frio com ele, alegando uma dor de cabeça para recusar a habitual partida de xadrez, mas a Amelia já havia tomado uma decisão.

— Trabalharei para vocês, ainda que sob condições. Não serei agente nem da OSS nem de ninguém. Colaborarei naquilo que me for possível, mas sem me sentir na obrigação de o fazer se aquilo que me for pedido não estiver ao alcance das minhas possibilidades ou se colocar em perigo o Max e o Friedrich. Além disso, parte do dinheiro que me pagarem deverá ser entregue à minha família em Madrid. Não deverão saber onde estou nem o que faço; vocês apenas deverão certificar-se de que, de tempos a tempos, alguém irá a casa dos meus tios para lhes entregar um envelope com dinheiro.

— Porque não queres que saibam onde estás? — quis o Albert James saber.

— Porque isso apenas lhes traria mais dor e preocupação. Não, prefiro ajudá-los sem provocar-lhes mais sofrimentos. Tenho uma terceira condição: se, independentemente do motivo, decidir abandonar tudo, terás de me garantir que o poderei fazer sem quaisquer entraves ou problemas.

O Albert aceitou todas as condições da Amelia. O Max nada disse; uma vez mais, sentia-se derrotado.

Poucos dias depois, a Amelia começou a trabalhar como auxiliar de um funcionário da administração local. O Garin falava russo e podia provar que tinha sido um opositor ao Hitler, já que era militante do Partido Socialista antes da guerra, para além de ter estado detido num campo de concentração. Isso tornava-o aceitável aos olhos dos soviéticos, que, ainda que as razões lhes sobejassem, desconfiavam de todos os alemães. O fato de a Amelia possuir conhecimentos da língua russa ajudou o Garin a convencer os seus superiores de que precisava de alguém que o ajudasse. A Amelia apresentou-nos também uma nova amiga, chamada Íris, que trabalhava como estenógrafa na câmara municipal.

O Garin tinha estudado Literatura Russa antes da guerra; era moreno, alto, de olhos pretos e com um grande bigode. Sobretudo, era uma pessoa muito afável, gostava de rir, comer e beber. A íris era loura, com olhos azuis, de estatura mediana e muito magra.

Ao contrário do Garin, estava invariavelmente com um ar sério, preocupado. Tinha mantido uma relação amorosa com um jovem russo exilado, que, no início da guerra, desapareceu sem sequer se despedir. Ela ironizava dizendo que, pelo menos, a relação havia servido para aprender uma nova língua.

Nessa altura, nenhum deles desempenhava qualquer cargo relevante, ainda que integrassem já o exército de "olhos" que o Albert mantinha em Berlim Oriental.

Amelia sentia-se satisfeita com o seu novo trabalho, ou isso julgava eu. Ao que parece, o Garin era responsável por um departamento encarregado de organizar atividades culturais em Berlim. Na verdade, não havia dinheiro nem tempo para tais atividades culturais, mas não era por isso que o departamento deixava de existir; além do mais, o fato de o Garin ter um passado antifascista levava os russos a confiarem nele.

Para o Max, foi difícil aceitar aquela nova realidade, ainda que tenha acabado por se render às evidências. Mas recordo-me como fiquei impressionado com uma conversa que lhes ouvi uma noite em que julgavam que eu já estava a dormir.

— A minha vida está destroçada, mas não te permitirei que ponhas o meu filho em perigo. Se vier a acontecer alguma coisa ao Friedrich por tua culpa... juro-te que serei eu mesmo a matar-te.

Comecei a chorar em silêncio. Adorava o meu pai, mas também gostava muito da Amelia.

O Albert continuava a aparecer em nossa casa, embora com menos frequência. Oficialmente, era um jornalista que trabalhava para uma agência noticiosa norte-americana, assim justificando as suas constantes vindas e partidas de Berlim.

Em outubro de 1949, foi constituída a República Democrática da Alemanha. Oficialmente, possuíamos o nosso próprio governo, ainda que continuássemos sob administração soviética. Poucos dias depois de o novo governo ter iniciado funções, a Amelia regressou a casa eufórica. O Garin tinha sido transferido para o Ministério da Cultura. Quanto à íris, passaria a trabalhar no Ministério dos Negócios Estrangeiros, sob as ordens de um funcionário que trabalhava num departamento de ligação com o ministério soviético.

Na verdade, a República Democrática da Alemanha era governada a partir da embaixada russa em Berlim.

No início, o meu pai recusava-se a receber o Garin e a Íris em nossa casa, não queria sequer conhecê-los, mas a Amelia mostrou-se tão insistente que ele acabou por ceder.

Um dia, o Garin apareceu em nossa casa com flores para a Amélia e um livro para o meu pai, enquanto a Íris trazia uma tarte que ela própria havia feito.

O meu pai simpatizou com o Garin; era impossível não gostar dele, pois transbordava vitalidade e dava mostras de um espírito muito "positivo", como os jovens dos dias de hoje costumam dizer. A Íris era mais discreta, menos faladora, mas parecia simpatizar com a Amelia.

— Merecerá a pena arriscarem a vida? — perguntou-lhes o meu pai.

— Eu acho que sim! Não podemos ficar de braços cruzados assistindo ao que estão a fazer ao nosso país. Os russos tratam-nos como se fôssemos sua propriedade.

— Os responsáveis por aquilo que está a acontecer são os Aliados, porque, primeiro, entregaram-nos aos russos, e agora... agora, pretendem que defendamos os interesses deles face aos russos — lamentou-se o Max.

— Sim, tens razão, os políticos são capazes dessas manobras, mas, de qualquer modo, não podemos consentir que os soviéticos transformem o nosso país no seu quintal das traseiras, Max. Não te apercebes de que não passamos dos seus lacaios? Não dispomos de qualquer autonomia; aqui, nada se faz que não seja previamente ordenado por Moscou. Não, não era para isto que queríamos liquidar o Terceiro Reich — respondeu o Garin.

— E tu, Íris, porque fazes isto? O que te levou a decidir trabalhar para os norte-americanos?

O Garin dirigiu um gesto ao meu pai para que não concluísse a sua pergunta, mas era já demasiado tarde. A Íris ficou tensa. Primeiro, empalideceu, para depois as suas faces se ruborizarem, devido à raiva contida.

— O meu pai era conservador e nunca gostou do Hitler, ainda que não se tenha oposto a ele. Mas quem é que realmente o fez? Até ao início da guerra, vivíamos bem. Os meus pais morreram na sequência de um bombardeamento aéreo, e o meu irmão foi morto em Stalingrado. Ele não desejava alistar-se, não queria lutar pelo Reich, mas viu-se obrigado a isso. Apenas eu e a minha irmã mais nova sobrevivemos. Recordo-me de o meu pai dizer que, se alguma vez nos livrássemos do Hitler, teríamos depois de nos livrar dos russos, lamentando que os britânicos não se apercebessem de que os seus verdadeiros inimigos eram os soviéticos. Todavia, para dizer a verdade, não é tudo isto que me leva a trabalhar para os norte-americanos. Tive um namorado russo, cujos pais se tinham exilado na Alemanha após a Revolução de Outubro. De fato, ele cresceu em Berlim. Não obstante as ideias defendidas pelos pais, aproximou-se dos comunistas durante

os seus anos de universitário; simpatizava com eles e dizia-me que, um dia, viajaríamos juntos para a Mãe Rússia. Desapareceu pouco antes do início da guerra. Quase que enlouqueci à procura dele, ninguém sabia onde estava, nem os seus pais, nem os seus amigos... ninguém. Suspeito que terá decidido regressar à Rússia e, para que os pais não tentassem impedi-lo, preferiu nada dizer, nem aos pais nem a mim. Depois de os meus pais falecerem, tomei a minha irmã ao meu cuidado, apenas nos tínhamos uma à outra. A coitadinha tinha convulsões sempre que ouvíamos o ruído dos aviões a sobrevoar Berlim. Quando os russos entraram na cidade... algumas pessoas receberam-nos como libertadores, mas, para nós as duas, revelar-se-iam os nossos carrascos. No dia em que chegaram à cidade, era grande a confusão, ninguém sabia o que fazer, se deveria esconder-se ou não. Nós estávamos na rua, à procura de comida, quando vimos surgir os primeiros tanques e grupos de soldados russos. Corremos para nos refugiarmos entre as ruínas de uma casa arrasada. Alguns soldados, vendo-nos correr, resolveram vir atrás de nós, rindo-se. Um deles pegou minha irmã e atirou-a ao chão. Violentou-a ali mesmo, e se seguiu outro, e outro... Eu... bem... sofri a mesma sorte, não sei se fui violentada por dois ou três soldados, porque fechei os olhos, não queria ver o que estava acontecendo, não queria ver a minha irmã a debater-se, a implorar misericórdia. Eles riam-se. Passado algum tempo, apareceu um oficial. Ordenou-lhes que nos deixassem em paz e apelidou-os de bestas imundas. Tentou ajudar a minha irmã a levantar-se, mas ela estava tão assustada que começou a gritar; então, aproximou-se de mim e pude ver nos seus olhos a vergonha que sentia por aquilo que os seus homens haviam feito. Mas não pediu perdão, limitou-se a voltar-nos costas e a seguir caminho. Os soldados diziam que nos tinham feito o mesmo que os soldados alemães tinham feito às suas mães e irmãs, e que estávamos com muita sorte por nos permitirem continuar com vida. A minha irmã estava estendida sobre uma poça de sangue, o seu próprio sangue. Tinha apenas doze anos. Abracei-a para a acalmar, mas ela parecia não me ouvir, limitando-se a chorar, de olhar perdido. Quando tentei erguê-la, mal conseguia mexer-se. Durante um tempo considerável, mantivemo-nos sentadas no chão, até que consegui levantá-la e obrigá-la a caminhar. Tentamos regressar a casa, mas havia tanques e soldados por todo o lado, e a minha irmã tremia de medo. Subitamente, fomos vistas por alguns soldados, que se dirigiram na nossa direção. A minha irmã gritou, aterrorizada. Não sei onde consegui ir buscar forças, mas correu sem olhar para o que tinha pela frente. Tropeçou e... caiu à frente de um tanque, que lhe passou por cima. Gritei, gritei como um animal selvagem. Os soldados correram para ela, mas foi inútil, o tanque tinha-a esmagado, ficando reduzida a uma massa de carne ensanguentada. Também os soldados pareciam impressionados, mas era a minha irmã quem ali

jazia. Alguém poderá dizer quantas mulheres alemãs foram violadas? Tive sorte por ter sobrevivido. Agora, tenho um filho pequeno. O pai dele é um dos soldados que me violou. Quando olho para o meu filho e vejo nele traços que não são os meus, sei que são do pai. O cabelo escuro, os olhos cinzentos, a testa larga, os lábios carnudos... Quando descobri que estava grávida, desejei morrer. Não queria ter aquele filho, odiava-o. Mas acabou por nascer, e agora... agora, amo-o do fundo do coração, é o meu único ente querido. Tem dois anos e chama-se Walter.

Ficamos todos em silêncio. Eu era ainda muito pequeno, mas apercebia-me do dramatismo do momento. A Amelia não tinha conseguido conter as lágrimas, o Garin mantinha o olhar fixo no chão e, quanto ao meu pai, sentia-se culpado por ter sido ele a desencadear a confissão da íris.

— Não sabia que tinhas sofrido tanto — murmurou a Amelia, Pegando na mão da íris.

— Bem, eu não costumo contar isto a ninguém. Não quero que o Walter cresça com o estigma de não saber quem é o seu pai.

— E o que lhe dirás quando for mais crescido? — quis a Amelia saber.

— Que o pai dele era um homem bom e que morreu na guerra.

— Mas dir-lhe-ás... que era russo?

— Não. De que adiantaria? Fosse ele russo ou alemão, continua a não ter pai; portanto, será melhor que possa crescer sem fazer perguntas para as quais não encontraria resposta.

A partir daquela noite, a íris e o Garin passaram a ser bem-vindos em nossa casa. A Amelia insistia constantemente com a íris para que trouxesse o Walter consigo, e, ainda que fosse mais pequeno do que eu, costumávamos brincar no meu quarto, enquanto os adultos conversavam.

O Albert pediu ao Garin que se inscrevesse no Partido Comunista, dado que este se havia unificado com o Partido Socialista. Uma vez que o Garin mantinha ainda relações com amigos comunistas dos seus tempos de universitário, encontrou nesses amigos, e sem levantar suspeitas, o aval para que lhe fosse conferida a militância. Era um militante de base, sem importância no partido, mas o Albert estava certo de que, gradualmente, o Garin seria capaz de ir conquistando a confiança dos dirigentes.

Em determinada ocasião, ouvi o Albert falar com a Amelia acerca do Garin.

— O que achas dele? — perguntou.

— É muito corajoso e astuto, e o grupo reconhece a sua autoridade. Todos o ouvimos, e é naturalmente que seguimos as suas ideias.

— Sabes uma coisa? Por vezes, pergunto-me por que motivo estará ele do nosso lado.

— Não concorda com a presença soviética.

— Sim, mas será isso suficiente? Era socialista, tinha amigos comunistas, esteve detido num campo de concentração e, subitamente, tornou-se anticomunista? O que o terá levado a isso?

— Foste tu quem o angariou para a tua rede. Porque é que o fizeste se não confiavas nele?

— Alguma coisa há... não sei ao certo o quê, mas por vezes tenho algumas suspeitas acerca do Garin.

— Julgas que trabalha para os soviéticos?

— Talvez para o Kommintern... sabes bem como são treinados para este tipo de coisas.

— Mas não deixa de te fornecer todas as informações que lhe passam pelas mãos.

— Até agora, nada de grande relevância. O vosso grupo não é o mais importante daqueles de que dispomos aqui.

— Então, porque queres que eu trabalhe com eles?

— Porque quero que vigies o Garin.

— Mas isso deixará o Max e o Friedrich expostos a um grande perigo, no caso de ele trabalhar para os soviéticos... — queixou-se Amelia.

— Se em algum momento concluíres que as minhas suspeitas estão certas, tiro-vos daqui e levar-vos-ei para o outro lado.

— Se isso se verificasse, não nos permitiriam sair daqui.

— Não temos de pedir autorização aos soviéticos; sabes perfeitamente que a passagem de pessoas para o outro lado é uma constante, e eles não poderão evitar isso.

— E como estão o Otto e o Konrad? — perguntou ela.

— No que lhes diz respeito, confio inteiramente neles. Não te direi porquê, mas tenho a certeza de que nos são leais.

O Otto trabalhava como tradutor para a administração militar soviética, enquanto o Konrad era um prestigiado professor de física. Ambos haviam lutado na guerra civil de Espanha. Quando esta terminou, o Otto mudou-se para Paris, onde viveu o início de uma nova guerra. Não quis regressar à Alemanha, tendo combatido pelos Aliados numa brigada formada por alemães que se opunham ao Hitler. Quanto ao Konrad, havia-se destacado na universidade pelas suas discussões com professores nazis. Apenas não foi detido porque as suas experiências eram demasiado valiosas para o Hitler, que ordenou que o obrigassem a trabalhar num laboratório juntamente com outros cientistas, ainda que, desde o início, a sua atitude passiva tenha exasperado os seus superiores, que não conseguiram dele mais do que uma colaboração residual ao longo de

toda a guerra. Tanto para o Otto quanto para o Konrad, o fato de serem antifascistas não significava que se sentissem satisfeitos por verem o seu país nas mãos dos soviéticos, e, com a mesma convicção com que tinham combatido os nazis, faziam agora frente aos invasores.

Tal como havia feito com o Garin, o Albert pediu ao Otto que se filiasse no Partido Comunista. Ninguém suspeitou dele, tendo sido bem acolhido.

Os membros do grupo gravavam em microfilme tudo o que lhes passasse pelas mãos, fosse ou não informação relevante. Depois, entregavam os microfilmes à Amelia que, por sua vez, os entregava ao Albert.

Quanto a mim, continuava a sentir saudades dos tempos passados no Cairo, embora não dissesse nada ao meu pai, para não o irritar. Ele queria que eu fosse um bom alemão, ainda que estivesse a ser educado por comunistas.

— É verdade que são comunistas, mas acima de tudo são também alemães — dizia-me — e sabem aquilo que deve ser ensinado.

O meu pai não tinha razão. Os membros do partido eram, em primeiro lugar, comunistas, e tudo o resto vinha depois, incluindo a nacionalidade alemã; mas ele não via as coisas dessa forma. Sublimava uma determinada ideia da Alemanha, acreditando que era importante que eu fosse educado como um bom alemão.

A minha vida e a do meu pai decorriam com uma certa monotonia, mas o mesmo não se podia dizer relativamente à Amelia.

A noite, depois de me mandar deitar, costumava sentar-se junto ao meu pai para comentar com ele as novidades do dia. Eu ouvia-os conversar, não porque quisesse espiá-los, mas apenas porque nunca consegui adormecer antes da meia-noite, de maneira que lia até que a Amelia entrasse no meu quarto para apagar a luz, e depois permanecia desperto, imaginando histórias fantásticas.

Julgo que foi no início de 1950. Certa tarde, ao regressar do trabalho, a Amelia parecia muito agitada, tendo-me mandado para a cama antes da hora habitual. Assim que ficou a sós com o meu pai, contou-lhe aquilo que a preocupava.

— A Íris vem cá a casa esta noite, telefonou para me dizer que precisávamos de nos encontrar. Não sei o que terá acontecido.

— Espero que não a tenham descoberto — reagiu o Max, também ele preocupado.

— Se suspeitasse disso, não viria aqui. Não, não é isso, não te preocupes.

A Íris chegou pouco depois das oito da noite. Trazia o Walter nos braços. A criança estava semiadormecida.

— Não me foi possível vir antes — desculpou-se.

— Não te preocupes. Já jantaram? — perguntou a Amelia.

— Dei de jantar ao Walter, mas eu não estou com fome.

— Deita o Walter no nosso quarto — sugeriu a Amelia, acompanhando-a para que a criança pudesse dormir enquanto conversavam.

— Acho que os soviéticos se prepararam para assinar um acordo com os chineses — contou a Íris.

— Tens a certeza? — A Amelia parecia preocupada.

— Sim, julgo que sim. Há uns dias, uma das secretárias do ministro adoeceu, e pediram-me que a substituísse temporariamente. Esta manhã, ouvi o ministro pedir a uma das raparigas do seu gabinete para telefonar para a nossa embaixada em Moscou. Pretendia obter informações, tendo-se referido à "visita dos chineses" e acrescentou depois que os soviéticos estavam a comportar-se de forma bastante misteriosa relativamente ao acordo que iriam assinar com o Mao Tsé-Tung. Ele a mim não me conhece, dado que era o meu primeiro dia ali, mas nem sequer olhou para mim quando saiu do gabinete para transmitir aquela ordem. Continuei a escrever à máquina aquilo que me havia sido ordenado sem sequer levantar a cabeça, como se nada tivesse ouvido.

— Entrarei em contato com o Albert. Amanhã, tentarei entrar no setor norte-americano.

— Dispões de livre-trânsito, não é?

— Sim.

— A bem dizer, não me parece propriamente extraordinário que os soviéticos compactuem com os chineses, são todos comunistas — comentou o Max.

— Sim, mas quem aguardarão eles em Moscou? E, no caso de se prepararem para assinar um tratado, qual será o seu conteúdo? Pessoalmente, parece-me ser importante. De qualquer modo, o Albert terá de ser colocado ao corrente — afirmou a Íris, olhando para a Amelia.

A 14 de fevereiro, o Stalin e o Mao assinaram o Tratado de Amizade, Aliança e Assistência, com efeitos mútuos no caso de agressão externa.

O temperamento da Íris foi determinante para atrair a atenção dos burocratas do ministério. Trabalhava incansavelmente, era eficaz, discreta e silenciosa: o tipo de secretária com que qualquer pessoa gostaria de contar. Essas qualidades levaram-na a ser promovida, tendo sido transferida para o departamento encarregado das relações com a "outra" Alemanha.

Entretanto, o Otto tinha passado a assumir funções de assistente de um membro do Politburo. A particularidade de falar russo, para além de francês e um pouco de espanhol, havia contribuído para o efeito.

Escrevia periodicamente relatórios acerca dos assuntos que mais preocupavam o Politburo, das relações de força entre os seus membros ou das principais discussões travadas no Comitê Central.

Quanto ao Konrad, era o líder inquestionável dos descontentes na universidade.

Também o Garin tinha sido promovido e, com ele, a Amelia. Trabalhavam agora no Departamento de Propaganda do Ministério da Cultura, onde ele parecia sentir-se como peixe na água.

Amelia vigiava-o de perto, costumando comentar com o Albert que nada encontrava de suspeito no seu comportamento. A única censura que se lhe poderia fazer era por correr demasiados riscos, havendo ocasiões em que ficava a trabalhar já depois de a maioria dos funcionários ter saído, aproveitando esses momentos para entrar noutros gabinetes e microfilmar todos os documentos a que conseguisse aceder.

— Tem prazer em arriscar-se. Por vezes, aborreço-me com ele, temendo que nos descubram. Uma tarde destas, isso esteve prestes a acontecer. Ficamos a trabalhar no departamento e, quando julgou que já todos se haviam ausentado, tentou forçar a porta do diretor. Fez tanto ruído que os seguranças acabaram por aparecer. Explicou-lhes que estava a tentar reparar uma máquina de escrever que tinha caído ao chão. Acreditaram nele, ou, pelo menos, assim o espero — contou a Amelia.

Ainda que o meu pai não apreciasse que aquele tipo de encontros acontecesse ali em casa, por vezes consentia que assim fosse. Para mim, a visita dos "amigos" da Amelia, como o meu pai se lhes referia, representava normalmente uma quebra da monotonia quotidiana.

O Garin continuava a ser o meu favorito, já que o Otto e o Konrad pouca atenção me dedicavam. Para eles, não passava de uma criança de ranho no nariz, que preferiam não ter por perto.

— A planificação da cultura. Estão loucos! Como se fosse possível planificar o talento, a inspiração, a imaginação — queixava-se o Konrad.

— O nosso departamento tem a responsabilidade de contribuir para que a sociedade, no seu todo, vá absorvendo a "verdade", de modo a alcançar o "homem novo" socialista. E vão beber tal "verdade" em Marx, Engels, Lenin e Stalin — explicou Garin com ironia.

— O único objetivo que perseguem é o controle de todos nós, incluindo o controle dos nossos pensamentos — continuou a argumentar Konrad.

— O papel da imprensa é infame — acrescentou o Otto. — Não haverá um único jornalista capaz de criticar aquilo que está a acontecer?

— Aqueles que o poderiam fazer já partiram e, se resta algum, a KVP encarregar-se-á de o chamar à razão. Aqueles que criticam o partido ou os seus dirigentes são considerados delinquentes, que mais não pretendem do que boicotar o triunfo do socialismo — explicou a Amelia, indignada.

Contudo, aquilo que mais os perturbava era constatar como os social-democratas eram considerados inimigos do povo. A pouco e pouco, tinham-nos afastado de qualquer atividade pública; muitos optaram pelo exílio, enquanto outros, aqueles que não pretendiam dar-se por rendidos, acabavam na prisão ou em campos de trabalho.

— Querem impor o pensamento único, uma única ideologia, sendo por isso que consideram os social-democratas perigosos, porque poderiam arrebatá-lhes essa hegemonia — lamentou-se o Konrad.

— Terás de ser cauteloso — aconselhou-lhe a Amelia —, ou acabarás por ser detido.

— Só não percebo é como conseguiste ganhar a confiança deles — disse o Otto ao Garin —, afinal de contas, estiveste detido num campo de concentração por seres social-democrata.

— Mas renunciei ao meu passado. Fui aceite no SED e, agora, sou militante do partido; inclusivamente, irei participar no III Congresso que ocorrerá em julho — replicou o Garin.

— Não sei como é que isso não te dá a volta ao estômago — insistiu o Konrad.

— Estamos encarregados de um trabalho. É precisamente por não renegar a minha ideologia que me entrego a esta atividade. Na verdade, mais não faço do que reproduzir os métodos de infiltração a que eles próprios recorrem, é mais fácil combatê-los a partir de dentro do que do exterior — insistiu o Garin por sua vez.

— Julgo que o nosso presidente, o Wilhelm Pieck, não é como o Walter Ulbricht ou o Otto Grotewohl — comentou a íris.

— Achas mesmo que é diferente? Não, não te iludas, é tão comunista como eles, com a única diferença de ser mais amável — garantiu a Amelia.

Em 1951, foram criados os serviços secretos mais eficientes de todos quantos agiram no período da guerra fria: os da República Democrática da Alemanha. Se, até àquele momento, o controle sobre a população tinha sido sufocante, a partir de então todos os alemães passariam a partilhar da sensação de estarem a ser espiados pela Kasernierte Volkspolizei, conhecida pelas iniciais KVP. Ninguém confiava em ninguém. A partir dessa altura, com a entrada em campo da Stasi, o medo passou a ser uma constante na vida de todos nós. A Stasi possuía informadores por todo o lado, incluindo na própria família de cada um. Foi instaurado um regime de verdadeiro terror, que levava as pessoas a denunciar os seus próprios familiares e vizinhos para não ficarem elas próprias sob suspeita. É claro que havia outros que colaboravam por convicção.

O Albert James pretendia que um dos seus homens se infiltrasse na Stasi,

antes conhecida por Direção Central de Inteligência. Contudo, todos os esforços se revelaram inúteis: o processo de seleção era extremamente rigoroso.

Em 1953, estalaram os protestos contra o novo regime. A maioria dos alemães opunha-se à "socialização" obrigatória.

Certa noite, já tarde, a Íris apareceu em nossa casa. Era notório que tinha vindo a correr, pois vinha corada e a respiração estava acelerada.

— O Konrad foi detido. A esposa dele mandou um dos filhos ir informar-me a minha casa. Temos de fazer alguma coisa.

Amelia tentou acalmá-la. Depois, disse ao Max que iria sair com a Íris para se encontrarem com o Garin. Tinham de fazer alguma coisa para ajudar o Konrad.

— A única coisa que conseguirão será que vos detenham a todos. O que vão fazer? Apresentarem-se na esquadra e pedir a sua libertação? — disse o Max, preocupado.

— A única coisa que não podemos fazer é ficarmos sentados à espera — retorquiu a Amelia.

A situação começava a fugir ao controle do novo regime. Não conseguiam impedir a organização de protestos, greves e manifestações. Houve mesmo alguns edifícios do partido, bem como automóveis de alguns dos principais dirigentes, que foram vandalizados por alguns manifestantes. Os soviéticos tiveram de intervir, dado que o governo alemão não se mostrava capaz de controlar a explosão de raiva dos cidadãos, e tiveram de instaurar o estado de emergência em Berlim.

Provavelmente porque os dirigentes se assustaram, ou fruto das pressões soviéticas, certo é que a 21 de junho o Comitê Central decidiu aprovar um programa de reformas. Contudo, não conseguiram impedir que uma nova onda de alemães decidisse partir para sempre para a República Federal.

Amelia confrontou o meu pai com essa possibilidade.

— Julgo que também deveríamos partir. De dia para dia, a situação assemelha-se cada vez mais ao que se passa na União Soviética.

— E para onde iríamos? Para o setor norte-americano? Não, Amelia. Aqui, pelo menos, temos uma casa.

— Não temos nada, Max, este edifício já não te pertence.

— Claro que pertence! A Constituição reconhece a propriedade privada.

— Mas o partido age em nome do povo, cabendo-lhe decidir aquilo de que cada um necessita. Por outras palavras, é o partido que determina aquilo que cada um pode possuir. Vivemos na casa do porteiro, Max, e não me importo com isso; conseguimos transformar estas paredes no nosso lar, mas não alimentes ilusões.

— Estaremos sempre a tempo de mudar de opinião. Afinal de contas, Berlim não é uma cidade fechada, poderemos partir para o outro lado quando quisermos.

— Não será sempre assim. Não poderão permitir que as pessoas continuem a partir. Um dia, farão o mesmo que os seus chefes fizeram, os soviéticos, e não nos deixarão sair.

— Isso é uma fantasia!

— Max, posso falar com o Albert, ele ajudar-nos-á, talvez eu possa ser-lhes útil noutros locais.

— Este edifício é a única herança que poderei deixar ao meu filho. Enquanto me mantiver aqui, não mo poderão tirar.

— Já te roubaram as tuas terras, que, como eles dizem, foram "socializadas". Max, não percebes que também este edifício deixou de ser teu?

Todavia, a Amelia não conseguiu convencer o meu pai. Eu ouvia em silêncio e, no meu íntimo, concordava com ela. A doutrinação a que éramos submetidos na escola parecia-me insuportável. Julgo que não seria muito diferente da recebida pelas crianças em idade escolar no tempo do Hitler, com a única diferença de os uniformes, os hinos e os símbolos serem agora outros.

O Konrad esteve detido durante seis meses. Gozava de tal prestígio na universidade, que até alguns professores afetos ao partido intercederam por ele, e não propriamente para o ajudarem, mas por perceberem que mantê-lo encerrado provocaria prejuízos maiores. Os alunos do Konrad e muitos outros estudantes não paravam de clamar pela sua libertação e pela de outros docentes detidos. Ainda me recordo do estado emotivo da Amelia no dia em que o Konrad foi libertado. O Garin havia-lhes pedido que não fossem esperá-lo, dado que todos os que o fizessem seriam identificados pela KVP. A Amelia não pensava dar-lhe ouvidos, e foi o meu pai que a convenceu a não se arriscar.

— Seria um ato inútil, Amelia. Bastaria seres vista lá por um segundo para ficares marcada para sempre. Depois, como poderias continuar a trabalhar para o Albert? O Garin tem razão, devem ser discretos. O Konrad não espera que o façam, tem consciência daquilo que está em jogo.

Ainda que contrariada, a Amelia acabou por obedecer. Sabia que o meu pai e o Garin tinham razão. O Konrad deixou de visitar-nos. Estava marcado e qualquer casa que visitasse passaria a ser vigiada pela KVP, o que havia levado o grupo a passar a encontrar-se clandestinamente.

Um dia, a Amelia regressou a casa a chorar, mostrando ao meu pai um recorte de jornal. Ele leu-o e apenas encolheu os ombros.

— Apercebes-te do que isso significa? — perguntou-lhe ela.

— A vida continua, é isso que significa.

Ela entrou em contato com o Albert, pedindo-lhe que viesse ter com ela

urgentemente. Ele compareceu em nossa casa no dia seguinte e, assim que entrou, a Amelia mandou-me para o meu quarto. Protestei. Estava farto de ser mandado para o quarto sempre que vinha alguém interessante a nossa casa. Além do mais, apetecia-me dizer-lhes que era inútil, dado que conseguia ouvir tudo quanto diziam. Mas optei por não o fazer, não fossem eles lembrar-se de alguma solução que me impedisse de continuar a ouvi-los.

— Acabou, Albert, vou abandonar isto.

Ele ficou surpreso. Apercebia-se da raiva nos olhos da Amelia e não entendia porquê.

— O que aconteceu? Explica-me.

— Não, não sou eu quem deve explicações. És tu quem tem de me explicar como é possível que, na República Federal, existam nazis designados para cargos relevantes.

— Mas o que estás a dizer, Amelia?! Então, espero que não acredites na propaganda soviética!

— Não, não acredito na propaganda soviética. Acredito naquilo que foi publicado no Daily Express — disse, estendendo-lhe um recorte de jornal, a que o Albert deu uma vista de olhos.

— Trata-se de um caso isolado — disse ele, contrafeito.

— Será mesmo assim? Pensas que vou acreditar nisso? O general Reinhard Gehlen, responsável pelos serviços secretos alemães. O ilustre e distinto general que, durante o Terceiro Reich, se dedicou a espiar o Exército Vermelho, trabalha agora para o governo do Adenauer.

— E julgas que a ideia me agrada? Mas seríamos loucos se rejeitássemos o contributo de alguém detentor de informação, sobretudo tão valiosa e que tanta falta nos faz. Conheceste o Canaris; não era um fanático e muitos dos seus agentes também não o eram. Recorda-te também do coronel Oster. Foram executados.

— Por favor, Albert! Vais dizer-me que, pelo fato de o Canaris e o Oster terem conspirado contra o Hitler, nenhum dos seus agentes era nazi? Pelo que está à vista, vale tudo; a troca de informações apaga-se o passado das pessoas. Assim sendo, qual terá sido a utilidade dos julgamentos de Nuremberg? Terão apenas servido para os Aliados poderem dizer ao mundo que os malvados foram castigados, enquanto nos bastidores pactuam com eles? Foi para isso que arrisquei a vida em Varsóvia, em Atenas, no Cairo e aqui, em Berlim? Para que agora me digas que há nazis com os quais teremos de colaborar?

— Basta, Amelia, não sejas infantil! Os julgamentos de Nuremberg serviram para mostrar ao mundo os horrores do nazismo, para transmitir a mensagem de que nunca mais poderemos permitir que algo assim volte a acontecer, para

denunciar a maldade do nacional-socialismo.

— E, uma vez feita a catarse, passa-se uma borracha por cima da história e esquece-se o passado. É isso que estás a dizer?

— Andas nisto antes de mim, e sabes que esta atividade não tem nada de inocente. Sabes isso perfeitamente. O serviço de informações alemão era muito eficiente.

— E o que é que isso significa?

— Que agora outra guerra irá ser travada. Será uma guerra sem tanques, sem aviões, sem bombas, mas não deixará de ser uma guerra. As relações com os soviéticos tornam-se mais difíceis de dia para dia. Estão a erigir um império. Não tens consciência do que está a acontecer? Têm vindo a impor governos comunistas em todos os países que ficaram sob a sua influência. Em todos. Colocaram comunistas à cabeça dos respetivos governos, títeres que obedecem cegamente ao Stalin. O Churchill denunciou a criação da Cortina de Ferro. Agora, os soviéticos são nossos adversários, teremos de ser cautelosos com eles, saber o que fazem, o que pretendem, quais os próximos passos que irão dar.

— E, para esse efeito, recorrem a antigos espões nazis. O fim justifica os meios. É isso que estás a dizer?

— Diz-me tu, Amelia, diz-me tu se o fim pode justificar os meios. Eras uma agente operacional, tiveste de tomar decisões pragmáticas.

— Nunca favoráveis aos nazis, eram nossos inimigos e lutamos para os derrotar. Todos os nazis deverão ser erradicados, estejam eles onde estiverem.

— Achas realmente que isso é possível? Julgarmos em tribunal todos os alemães e liquidarmos todos aqueles que não conseguirem provar consolidadamente que lutaram contra o Hitler? Seria uma loucura que não levaria a lado algum. Julgas que os soviéticos não recorrem a determinados ex-agentes dos serviços secretos alemães? Julgas que rejeitam aquilo que eles lhes possam contar apenas porque não lutaram contra o Hitler? Não te incomodaste com o fato de termos capturado o Fritz Winkler, e não tremeste quando mataste o filho dele. Será um cientista nazi diferente de um agente secreto? Diz-me tu, onde está a diferença? Se me responderes a isso, conseguirei então compreender os teus escrúpulos.

— O Albert tem razão. — O Max tinha estado a ouvi-los em silêncio, sentado na sua cadeira de rodas.

Não costumava intervir quando a Amelia falava com o Albert ou os seus amigos, limitando-se a transmitir-lhe a sua opinião mais tarde, quando ficavam a sós; contudo, naquela ocasião, não deixou de o fazer.

— Como podes dizer isso, depois de todos o sofrimentos por que passamos?
— acusou-o ela.

— Se levássemos o teu raciocínio até ao fim, então que destino me reservariam? Fui oficial da Wehrmacht e jurei lealdade ao Führer, ainda que o odiasse com todas as minhas forças. Lutei, estive na frente, dei o meu melhor para vencermos a guerra. Queria que o Hitler fosse derrotado, mas sem que isso implicasse a derrota da Alemanha; pretendia derrotá-lo politicamente, ou inclusive vê-lo morto, mas sem nunca trair o meu país. Ignoro quantos alemães pensavam como eu, mas sei que aqueles que cá ficaram, aqueles que não partiram, não poderão argumentar qualquer desculpa pelas suas ações passadas. Todos nós podemos ser acusados de ter participado nos horrores do nazismo. E eu também, Amelia, eu também.

Ao ouvir a voz do meu pai, abri a porta do meu quarto e, por uma fresta, observei aquilo que se passava na sala. A Amelia fitava o Max sem encontrar palavras para rebater os seus argumentos. Quanto ao Albert, observava-os a ambos, controlando o desejo de intervir.

Decorreu algum tempo até se decidir a falar.

— Surgirão mais, Amelia, surgirão mais nomes odiosos que te provocarão náuseas quando leres no jornal que passaram a ocupar um determinado cargo.

— Foi por isso que vocês apoiaram os democratas-cristãos. Os social-democratas nunca teriam consentido esta situação.

— Tens a certeza? Não sei se assim seria, mas concordo parcialmente contigo, na medida em que nos sentimos mais tranquilos ao sabermos que a Alemanha é governada pelos democratas-cristãos. O Adenauer é um grande homem.

— Se acreditas realmente nisso...

— Sim, acredito.

— Aqui, os social-democratas acabam todos na prisão.

— Bem sei.

— Então, tens de compreender que não posso continuar a trabalhar para vocês, que não arriscarei a vida para que a informação que obtiver venha a acabar na secretária de um nazi.

— Trabalhas para nós, não para o governo alemão.

— Que é vosso aliado, que vocês auxiliam e financiam, como não poderia deixar de ser, e eu própria pensava que assim devia ser. Portanto, pode dar-se o caso de que a informação que recolhemos venha a ser partilhada com eles, dado que muito do que está em causa se refere a planos relacionados com a República Federal. E sabes uma coisa, Albert? Tens razão. Sim: matei homens, fiz coisas horríveis na minha vida. Mas isto não, Albert, não o farei em nome de coisa ou pessoa alguma.

— Respeitarei a tua decisão.

Quando ele saiu, o Max perguntou à Amelia se tencionava realmente deixar de trabalhar para os norte-americanos. Ela não respondeu, começando a chorar.

Não seria a primeira decepção da Amelia. O secretário de Estado no gabinete do chanceler, Hans Globke, tinha trabalhado no Ministério do Interior durante o Terceiro Reich; ele, que se sabia ter apoiado entusiasticamente a "Solução Final", o plano de extermínio de todos os judeus na Alemanha e em todos os países sob a ocupação nazi.

Se a Amelia possuía ainda alguma inocência, perdeu-a irremediavelmente. Manteve-se inflexível quanto à decisão de deixar de trabalhar para os norte-americanos. Tornou a encontrar-se com o Albert para lhe confirmar que deixariam de poder contar com ela. Ele tentou ainda convencê-la, mas todos os esforços se revelaram inúteis; a Amelia podia ter muitos defeitos, mas o cinismo nunca foi um deles.

Determinada a manter-se firme na sua decisão, pediu ao Garin que a substituísse. Tornava-se necessário que o papel que desempenhava passasse a ser assumido por alguém do grupo de oposição que estivesse disposto a trabalhar para os norte-americanos. Contudo, o Garin pediu-lhe que refletisse um pouco mais sobre a questão e que, entretanto, repousasse por alguns dias. Para justificar a sua ausência no trabalho, diria que ela tinha adoecido.

Mas a Amelia não cedeu, apesar da insistência do Garin, da íris, do Otto e do Konrad, que tentaram convencê-la a não abandonar o grupo.

Era difícil de compreender que uma mulher capaz de matar pudesse mostrar-se tão afetada pela circunstância de na Alemanha Ocidental alguns ex-membros do Partido Nazi estarem a colaborar com o governo do Adenauer.

Certo dia, o Garin apareceu lá em casa. Estava preocupado.

— Irás ser investigada — anunciou.

— E porquê? — perguntou a Amelia, com ar indiferente.

— Abandonaste o trabalho e não pareces disposta a procurar um novo emprego. Há mesmo quem diga que tens problemas mentais. Terás de fazer alguma coisa, ou acabarão por te internar num hospital até recuperares.

— Num hospital? Não estou doente. — Havia notas de medo no tom de voz da Amelia.

— Se não padeces de qualquer doença e rejeitas trabalhar, é porque tens problemas mentais. Deixa-me ajudar-te, Amelia. Regressa ao departamento, suplico-te.

— Dir-lhes-ei que o Max está doente e que não podia deixá-lo sozinho. Não dispomos de ninguém que possa cuidar dele e, por isso, fui obrigada a deixar de trabalhar.

— Poderão argumentar que, se o Max é um empecilho na tua vida, estará

então melhor num hospital. Não há desculpa possível, Amelia, não te iludas.

— Não quero voltar a trabalhar para o Albert.

— Não estou a pedir-te que trabalhes para ele, mas apenas que trabalhes. Posso ajudar-te. O teu posto ainda permanece vago, mas disseram-me que amanhã aparecerá alguém para o preencher. Apresenta-te ao trabalho, Amelia, ou atrairás a desgraça para esta família. Se te internarem a ti ou ao Max...

— Não pretendo trabalhar para os norte-americanos ou para os britânicos, nunca mais o farei...

— Não o faças, não é isso que te peço. Vou-me agora embora, tenho de ir a casa da íris, mas espero ver-te amanhã no trabalho.

O meu pai e a Amelia estiveram a conversar até de madrugada. Acabei por adormecer, ainda que tenha despertado sobressaltado, apercebendo-me de que eles continuavam na sala. Não conseguia ouvir o que diziam, dado que falavam em voz baixa, como se temessem que as suas palavras pudessem rasgar o silêncio noturno.

Amelia levou-me à escola, como fazia todos os dias. Mantivemo-nos em silêncio e, quando estávamos quase a chegar, atrevi-me a falar.

— Vais trabalhar, não vais? Não deixes que te levem ou que levem o meu pai.

Abraçou-me e tentou conter as lágrimas, que teimavam em escorrer-lhe dos olhos.

— Meu Deus, estás com medo! Não te preocupes, Friedrich, está tudo bem. É claro que não permitirei que me levem, nem muito menos que façam alguma coisa ao teu pai! Como poderia permitir isso?

— Então, promete-me que vais trabalhar — supliquei-lhe.

Hesitou por uns segundos. Depois, deu-me um beijo e, sussurrando, disse-me: "Está prometido."

Entrei na escola mais tranquilo. Confiava nela.

2

Durante cerca de cinco ou seis anos, a Amelia não colaborou nem com os norte-americanos nem com os britânicos. Mantinha a amizade com os membros do grupo com que havia trabalhado, mas já não se encontravam tão assiduamente como em outros tempos, ainda que por vezes viessem jantar a nossa casa. Contudo, já não falavam das suas atividades, mas apenas do rumo da política e da vida quotidiana.

O Garin era o seu anjo da guarda. Tinha dado a face por ela e mantinha-a a trabalhar com ele, mas nunca lhe pediu que o ajudasse nas suas atividades de espionagem.

Nesses anos, desde meados da década de 1950 até ao início da de 1960, a Amelia perdeu grande parte da sua alegria. Todas as manhãs, levantava-se invariavelmente às 6h30, preparava o pequeno-almoço, tratava da casa, ajudava o Max a levantar-se e a lavar-se e, depois, saíamos juntos, deixando-me na escola, enquanto ela se dirigia para o Ministério da Cultura. Regressava a casa ao meio-dia, apenas com o tempo suficiente para obrigar o meu pai a comer qualquer coisa, e logo de seguida regressava ao trabalho, do qual saía às seis da tarde.

A rotina havia-se instalado na sua vida, o que para ela era uma fonte de infelicidade. Durante muitos anos, tinha vivido à beira do abismo e, subitamente, sentia-se vazia.

O meu pai estava feliz. Já não sofria pensando no que poderia acontecer à Amelia e, consequentemente, a todos nós. Preferia a monotonia, o envelhecimento sem mais sobressalto do que sofrer as vicissitudes da escassez enfrentada pela maioria dos alemães, ainda que o Otto, que trabalhava no Politburo, nos presenteasse por vezes com produtos que não teriam estado ao nosso alcance e que, por serem de origem ocidental, apenas estavam ao dispor dos membros do Politburo.

Tal como sucedia na União Soviética, a nomenklatura da República Democrática beneficiava de privilégios inacessíveis aos restantes cidadãos. O Garin era particularmente hábil quando se deparava com uma ocasião para desviar alguns desses produtos, que depois repartia generosamente pelos seus amigos.

A medida que eu ia crescendo, mais ia admirando a solicitude da Amelia face ao meu pai. Cuidava dele como se se tratasse do mais valioso dos seus pertences. Eu pensava que devia amá-lo muito, tendo em conta que havia decidido ficar com ele, quando poderia usufruir de uma vida melhor.

Amelia passava já dos quarenta anos, mas conservava um ar tão frágil, que parecia mais jovem. Ainda não tinha cabelos brancos e estava muito magra. Quando passeávamos, eu reparava como olhavam para ela, dado que era muito atraente, e creio mesmo que o próprio Garin estava secretamente apaixonado por ela. Até o Konrad, que era casado e pai de dois filhos, a observava de soslaio quando se certificava de que ela não se apercebia.

Na verdade, a Amelia parecia ignorar o efeito que provocava naqueles que a rodeavam, e julgo que tal distanciamento mais não fazia do que aumentar o seu poder de atração. Sentia-me orgulhoso por uma mulher como ela amar o meu pai.

Recordo-me de que, em 1960, os amigos dela celebraram connosco o meu ingresso na Universidade Humboldt, de Berlim Oriental. Konrad tentava me convencer a tornar-me físico, porque isso me garantiria um bom futuro, mas eu estava determinado a ser médico, tal como o meu pai.

— Tomarei conta dele, ainda que não venha a ser meu aluno — comprometeu-se o Konrad com o meu pai.

— Tenta, pelo menos, que não se envolva em problemas, como acontece contigo — rogou-lhe a Amelia.

Para os jovens estudantes da universidade, as diferenças entre Berlim Oriental e Berlim Ocidental tornavam-se cada vez mais evidentes. Todos os dias, milhares de berlinenses deslocavam-se para trabalhar em Berlim Ocidental, que os Aliados vinham transformando numa verdadeira montra de propaganda do capitalismo. Consegue imaginar a frustração, ou melhor, a esquizofrenia de viver entre dois mundos com duas moedas diferentes?

Para a República Democrática, Berlim Ocidental, mais do que uma montra de propaganda, era uma grande base militar, com mais de doze mil soldados, entre norte-americanos, britânicos e franceses. E, obviamente, não gostavam de ter uma força militar de tal envergadura à porta de sua casa.

A política que o Ulbricht oficialmente propunha passava pelo desenvolvimento de esforços com vista à unificação da Alemanha; mais

concretamente, pugnava pela constituição de uma confederação, na qual não seriam admitidas tropas estrangeiras. Desse modo, apresentava-se perante os militantes de esquerda do mundo inteiro como um homem de paz e que idealizava propostas de paz, que não eram implementadas devido unicamente à ganância dos imperialistas ocidentais. Pura propaganda, claro. O seu ideal de reunificação alemã passava pela formatação da Alemanha Federal ao mesmo sistema coletivista levado a cabo na República Democrática.

Contudo, aquilo que não deixava de ser evidente era a sangria imposta ao povo, fazendo com que muitos alemães da República Democrática continuassem a emigrar.

Nunca esquecerei a noite de 13 de agosto de 1961. Estava no meu quarto a estudar, quando um ruído me levou a levantar o olhar e, pela janela, pude ver um grupo de soldados e de militantes do partido comunista a estenderem rolos de arame farpado. A nossa casa, como já lhe referi, localizava-se na zona de "fronteira" com Berlim Ocidental.

— Papá! Amelia! Venham ver!

Apertamo-nos os três junto à janela da sala, vendo como os soldados continuavam a estender o arame farpado.

— A fronteira — murmurou a Amelia.

— Que fronteira? — perguntei eu, não concebendo sequer a ideia de que Berlim não fosse uma única cidade.

— O Churchill falou de uma "cortina de ferro"... pois parece que essa cortina irá também envolver Berlim — respondeu ela.

— Isto é ridículo. O que pretenderão ao estender esse arame farpado? No máximo, irão dificultar a passagem para o outro lado, e são milhares os berlinenses deste lado da cidade que se deslocam diariamente a Berlim Ocidental para aí trabalharem — concluí eu.

Amelia acariciou-me a face, como se fosse ainda uma criança pequena e incapaz de compreender o que estava a acontecer.

O meu pai continuava sem nada dizer, com o olhar do único olho pelo qual ainda via perdido no vazio e com um trejeito de críspação a marcar-lhe todo o rosto.

— Deveríamos partir, talvez ainda seja possível — disse a Amelia.

— Não, não irei partir, mas não te impedirei de o fazeres — retorquiu o meu pai, visivelmente alterado.

Ela não respondeu. O que podia dizer? Ele sabia que, independentemente daquilo que acontecesse, ela não nos abandonaria. Mas a Amelia tinha razão: devíamos partir. Que sentido tinha a nossa vida ali? Na verdade, nunca compreendi a teimosia do meu pai em permanecermos em Berlim Oriental. Por

vezes, pensava que necessitava de se autopunir por ter pertencido à Wehrmacht e jurado fidelidade ao Hitler.

No dia seguinte, o Garin explicou à Amelia que tinha ouvido dizer que o arame farpado era apenas o primeiro passo.

— Querem erigir um muro com mais de três metros de altura.

— Mas o que vão alcançar com isso? As pessoas terão de continuar a deslocar-se para trabalharem no outro lado.

— Pretendem a separação definitiva da Alemanha. Julgo que se preparam para redigir um documento onde defendem a existência de uma única Alemanha legítima: a nossa. E talvez pretendam também restringir a mobilidade para Berlim Ocidental. Logo veremos.

O Garin tinha razão. Passar para Berlim Ocidental tornar-se-ia um verdadeiro pesadelo. Era necessária uma autorização e, sobretudo, justificar os motivos da deslocação. Era mais fácil entrar na nossa parte da cidade, dado que nenhum visitante o fazia com a intenção de cá ficar indefinidamente.

Da nossa janela, assistimos a como ao arame farpado se seguiu a construção de um muro de betão armado, que veio a atingir três metros de altura e a estender-se por 55 quilômetros. Agora, a única paisagem diante dos nossos olhos era aquela barreira de betão armado, vigiada dia e noite por patrulhas de soldados. Mal saíamos do pequeno jardim que delimitava a área do nosso prédio, dispúnhamos de pouco mais de um metro: à frente, estendia-se o arame farpado e, logo a seguir, surgia o Muro. Tinha a sensação de viver numa prisão, sufocava, tal como a Amelia; o meu pai, no entanto, aceitou a situação sem reclamar.

— Têm de evitar que as pessoas continuem a partir, porque isso está a comprometer a economia — justificava-os ele.

Foi no outono daquele ano de 1961 que a Amelia se encontrou com o Ivan Vasiliev. Como acontecia todas as manhãs, saíamos juntos, caminhando até ao ponto em que cada um seguia para seu lado, ela para o ministério e eu para a universidade. Falávamos em árabe. Gostávamos de o fazer quando estávamos sós. A Amelia dizia que apenas se praticássemos a língua poderíamos evitar esquecê-la. Talvez por intuição, ou porventura devido ao olhar insistente do homem, o certo é que ela abrandou o passo.

Um homem, que deveria ter cerca de sessenta anos, dirigia-se à Amelia pelo nome. Ela estacou, fitando-o fixamente, tentando procurar nas suas recordações a quem correspondia aquele rosto.

— Ivan Vasiliev — disse o homem, falando em russo, ao mesmo tempo que lhe estendia a mão. — Recorda-se de mim, de Moscovo? Eu trabalhava com o Pierre Comte.

— Meu Deus! — exclamou ela.

— Sim, não deixa de ser surpreendente voltarmos a encontrar-nos.

— O que faz aqui?

— Estava precisamente a pensar nisso quando a vi. O que esta a fazer em Berlim?

— Vivo aqui, com a minha família.

— A sua família? Bem... é natural que tenha refeito a sua vida após a morte do Pierre.

— Foi o que fiz. O senhor continua... continua a trabalhar no mesmo serviço?

— Quer saber se trabalho para o KGB? Essa é uma pergunta que a senhora não deve fazer e à qual eu não posso responder. Quem é este jovem?

— É o meu filho. Friedrich, apresento-te o Ivan Vasiliev.

O homem observou-me dos pés à cabeça, o que não deixou de me perturbar. Era mais alto do que eu, mais robusto e, ainda que vestisse terno, pareceu-me ter um certo porte marcial.

— Se não estiverem com demasiada pressa, convido-os para um café — propôs o Ivan Vasiliev.

— Lamento, mas o Friedrich não pode chegar atrasado às aulas e, quanto a mim, terei de estar no serviço dentro de quinze minutos.

— Onde trabalha a senhora?

— Num departamento do Ministério da Cultura.

— Permita-me acompanhá-la, para que possamos recordar os velhos tempos. Ia despedir-me, mas acabei por me decidir a também eu acompanhar a Amelia ao trabalho. Estava tensa e pálida, como se aquele homem fosse um fantasma.

— Sempre quis dizer-lhe que lamento imensamente aquilo que aconteceu. O Pierre foi imprudente ao deslocar-se a Moscou.

— Ordenaram-lhe que o fizesse.

— Deveria ter seguido as recomendações do Igor Krisov.

— Tornou a vê-lo?

— Ao Krisov? Não, nunca mais. Talvez esteja morto. Não sei.

— O que faz aqui? — insistiu a Amelia.

— Como a senhora sabe, a União Soviética tem vindo a prestar um auxílio valioso aos nossos camaradas da República Democrática. Fui destacado para aqui enquanto assessor no Ministério da Segurança.

— Significa então que agora confiam em si.

— Sim.

— E devem confiar bastante, ou não o teriam enviado para cá...

— Bem, agora que já sabe que conto com a confiança do meu país, diga-me:

o que foi feito de si?

— Não há nada de especial para contar. Vivo em Berlim.

— E porquê em Berlim Oriental? Uma jovem como a senhora certamente se adaptaria melhor à outra zona.

— O senhor nada sabe sobre mim. Não se recorda de que também eu era militante comunista?

— Tem razão, não dispusemos de muito tempo para nos conhecermos melhor. A senhora revelou uma grande coragem ao tentar salvar o Pierre com a ajuda daquele jornalista norte-americano. Quase que conseguiam.

Quando chegamos à porta do ministério, despediram-se com um aperto de mão. Ele pediu-lhe o nosso endereço para poder visitar-nos, e Amelia não teve outro remédio senão dá-lo.

Depois de ela entrar, o homem tornou a dissecar-me com o olhar.

— Então, é filho da Amelia.

— Bem, na verdade... seria mais correto dizer que é como se fosse, dado que fui criado por ela. O meu pai e a Amelia vivem juntos há muitos anos.

— E qual é a ocupação do seu pai?

— Infelizmente, foi ferido na guerra e está inválido, ficou sem as pernas.

— Irei visitá-los uma destas tardes; espero que isso não seja um incômodo para si ou para o seu pai.

— Oh, de modo algum! Apareça quando quiser, os amigos da Amelia são sempre bem-vindos.

À noite, quando regresssei a casa, a Amelia estava a contar ao meu pai o sucedido. Foi nessa ocasião que tomei conhecimento de que a Amelia tinha estado apaixonada por um agente soviético chamado Pierre.

— O Ivan Vasiliev foi muito correto comigo, embora fosse visível que estava com medo — explicou-nos a Amelia. — Quando viajamos para Moscou, o Pierre foi colocado sob as ordens do Vasiliev. Foi bastante correto com ele, ainda que o Pierre tenha comentado comigo que parecia uma pessoa insegura, não obstante ser boa pessoa. Foi ele quem me informou de que o Pierre tinha sido detido, porque suspeitavam que fosse um dos agentes controlados pelo Igor Krisov, outro espião acusado de traição por ter desertado. Quando conheci o Ivan Vasiliev, o que mais nele se destacava era o medo. Agora, parece diferente, não só por ter envelhecido... é como se atualmente estivesse bem com a vida.

— Preocupa-me que possa estar ao serviço do KGB — afirmou o Max.

— Também a mim — confirmou a Amelia.

O Ivan Vasiliev apareceu em nossa casa dois dias depois. Trouxe uma garrafa de vinho do Reno, salsichas e um pedaço de empada.

Revelou-se encantador, tendo ajudado a Amelia a cozinhar as salsichas e, a

mim, a pôr a mesa; jogou até uma partida de xadrez com o meu pai. Se ficou surpreso por o Max ter sido oficial da Wehrmacht, não o disse, ainda que se tenha mostrado interessado quando a Amelia lhe explicou que o Max tinha feito parte de um grupo de oposição ao Hitler.

— Uma simples bala poderia ter evitado a guerra, mas nenhum de nós se atreveu a dispará-la contra o Führer — admitiu o meu pai.

— Não me parece que os russos possam sentir-se muito orgulhosos do pacto Ribbentrop-Molotov — disse a Amelia, tentando provocar o Ivan Vasiliev.

— Tratou-se de pura tática política. Naquele momento, o Stalin conseguiu evitar a guerra — replicou ele.

— Apenas a adiou, e destroçando o moral de milhares de comunistas que nunca conseguiram compreender por que motivo a União Soviética pactuava com o Hitler — retorquiu a Amelia.

— Sem nós, o Hitler nunca teria sido derrotado — sentenciou o Ivan Vasiliev.

— Não deixa de ser verdade, mas, se o Führer não tivesse invadido a União Soviética, o que teriam feito? Teriam permitido que as suas atrocidades continuassem?

— A história fala por si, pouco adiantando divagar acerca do que poderia ter acontecido ou não. O Hitler errou ao decidir invadir-nos, tal como já tinha acontecido com o Napoleão. E cá estamos.

Não sei porquê, mas o meu pai simpatizou com o Ivan Vasiliev, e este com ele. Pareciam sentir-se à vontade um com o outro. Depois daquela noite, partilhámos muitas outras na sua companhia. De início, a Amelia parecia tensa, mas pouco a pouco acabou por se tranquilizar. Era por demais evidente que ele era um dos agentes da KGB destacados em Berlim, contando certamente com a confiança absoluta dos seus superiores. Se tinha conseguido sobreviver às purgas do Stalin, era porque era um homem corajoso e inteligente.

Amelia informou o Garin do seu encontro com o Ivan Vasiliev, pedindo-lhe que comunicasse a ocorrência ao Albert James.

— Gostarias de regressar ao ativo? — propôs-lhe o Garin.

— Não, de modo algum. Peço-te para comunicares esta situação ao Albert apenas porque ambos nos encontramos com ele em Moscovo, há muitos anos.

— Quer então dizer que vocês são conhecidos de longa data...

— Há mais tempo do que aquele que possas calcular.

— Ter um amigo no seio do KGB poderá representar uma grande oportunidade...

— Oportunidade para que efeito? Já te disse que não pretendo voltar a trabalhar para o Albert ou para quem quer que seja. Estamos bem assim. O Max

é feliz, e tanto eu quanto ele dormimos descansados.

Todavia, a sorte não estava do nosso lado. O Walter, o filho da íris, que era já um adolescente com 13 ou 14 anos, apareceu uma noite em nossa casa sem avisar. Estávamos nas vésperas do Natal, ainda que o partido tivesse abolido as festividades natalícias, substituindo-as por férias de inverno, durante as quais não haveria aulas.

— A minha mãe pediu-me para vir aqui dizer-te para avisares o Garin. Julga que suspeitam dela e que pretendem detê-la.

Estava assustado e tremia. Tinha o rosto ruborizado e fazia um grande esforço para conter as lágrimas.

Amelia tentou tranquilizá-lo. Pediu-me que fosse à cozinha buscar-lhe um copo com água e, a ele, pediu-lhe que se acalmasse.

— Conta-me agora o que aconteceu — pediu ela.

— Não sei. De há vários dias para cá, a minha mãe tem andado nervosa, diz que tem a certeza de que anda a ser seguida. Passa as noites a espreitar a rua por entre os cortinados. Não quer que eu atenda o telefone e proibiu-me de levar amigos lá a casa. Esta tarde, quando cheguei, fui encontrá-la em casa com as luzes todas apagadas. Deu-me algum dinheiro que tinha guardado, dólares americanos, e mandou-me vir aqui. Disse-me que não deveria entrar em contato com o Garin, nem com o Konrad ou o Otto, porque tu própria te encarregarias disso; disse-me também para confiar em ti e que, se alguém podia salvar-me, essa pessoa serias tu. Depois, pediu-me para vir aqui, mas não diretamente, devendo apanhar diversos autocarros em diferentes direções, para além de fazer parte do percurso a pé. Apenas deveria vir a tua casa depois de me certificar de que ninguém me seguia. Não sei o que se passa; só sei que ela estava muito assustada.

— Não poderá ficar aqui — interveio o Max. — Se a íris estiver realmente a ser seguida, mais tarde ou mais cedo começarão a ir a casa de todos os seus amigos, e também não deixarão de vir aqui. Se derem com o Walter, julgarão que sabemos onde ela está.

— Irá ficar aqui — retorquiu a Amelia, estacando perante o Max com uma fúria que me surpreendeu.

— Não disse que não devemos ajudá-lo, mas apenas que não deveria ficar aqui — reagiu ele com um ar bastante sério.

— E para onde sugeres que o leve?

— Para a cave — intervim eu. — Aí, não o encontrarão.

Era na cave que guardávamos o nosso antigo mobiliário e as velharias dos vizinhos. Possuíamos a única chave.

— Boa ideia, Friedrich — disse o meu pai.

— Mas está imunda, para além de que a lâmpada pouco ilumina — argumentou a Amelia.

— Mas aí será fácil escondê-lo. Sei de um local na cave onde nunca o encontrarão — insisti.

— E que local é esse? — perguntou a Amelia com curiosidade.

— Quando era criança, gostava de explorar a cave. Ia com a minha lanterna e, bem... um dia, quase caí num buraco que nunca tinha visto por estar tapado com uma tábua muito fina. Descobri um reservatório, onde julgo que antes deviam armazenar carvão porque as paredes, que são de tijolo, estão muito sujas. Para descer, usava uma velha escada de ferro, que encontrei entre as velharias.

— Nunca nos falaste dessa tua descoberta — recriminou-me o meu pai.

— Todos temos segredos, e este era o meu.

— O Walter não ficará bem aí... — protestou a Amelia.

— Podemos arranjar o sítio, de modo que o Walter possa esconder-se no caso de a polícia vir procurá-lo — insisti.

O meu plano foi aceite e, sem fazermos qualquer ruído, cada um munido da sua lanterna, a Amelia, o Walter e eu dirigimo-nos para a cave. O Walter ficou horrorizado ao entrar naquela cave escura e, sobretudo, quando viu o reservatório que eu tinha referido. Contudo, a Amelia pediu-nos para irmos a casa buscar artigos de limpeza.

— Vamos preparar tudo, só para o caso de teres de te esconder.

Quando depois saíu de lá, vinha suja de carvão até à ponta dos cabelos, mas parecia satisfeita.

— Agora, ficou muito melhor. Com os cobertores que estendi no chão e com esta almofada ficarás bem, no caso de teres de te esconder. Não sei por onde entra, mas há circulação de ar. Tornaremos a descer amanhã para examinarmos melhor o local, mas tenho a impressão de que aquele reservatório tem comunicação para algum local.

Na manhã seguinte, a Amelia levantou-se cedo para ir trabalhar, pois queria chegar o mais rapidamente possível para falar com o Garin. Encarregou-me de cuidar do Walter, advertindo-me para não o deixar sair, sob qualquer pretexto.

— Garin, ontem à noite, o Walter veio a nossa casa. Disse-nos que a Íris pensa estar a ser seguida.

— Foram a casa dela ontem à noite e prenderam-na.

— Meu Deus!

— Há uns dias, a Íris disse-me que julgava que os seus superiores suspeitavam dela, estando certa de que era seguida. Uma tarde, depois de o chefe se despedir dela até ao dia seguinte, a Íris, como era seu costume, resolveu ficar mais algum tempo, com a desculpa de que precisava de organizar uns papéis. Era

nessas ocasiões que aproveitava para microfilmar documentos. Mas ele voltou atrás, porque se tinha esquecido de alguma coisa. Ao ouvir os passos, ela teve ainda tempo suficiente para esconder a câmara, mas não os documentos que estava a microfilmar. O chefe perguntou-lhe o que estava a fazer, ao que ela lhe respondeu que procurava um documento que julgava que se teria extraviado. Ele não acreditou nela, ainda que se tenha comportado como se aceitasse aquela explicação.

— Onde está ela? Diz-me para onde a levaram!

— Para lado nenhum. Ela tinha um comprimido de cianeto, tal como todos nós, que deveremos usar no caso de sermos detidos. Sabes bem como é, tu própria andavas com um. Não permitiu que a detivessem. Costumava dizer que não conseguiria suportar ser torturada. Quando a polícia foi lá a casa para a deter, abriu a porta e deparou-se com ela já sem vida.

— E como sabes tudo isso?

— Soube através de um amigo que trabalha no Ministério dos Negócios Estrangeiros, perto do departamento da íris. São poucos os que estão ao corrente do que aconteceu. Andam agora à procura do Walter.

— Está em minha casa, mas irei escondê-lo.

— Temos de tirá-lo de Berlim. É o que a íris teria desejado; dizia constantemente que, um dia, iria partir com o Walter para começar uma vida nova. Vinha poupando para esse efeito. Sonhava ir viver para o outro lado de Berlim; sabes como é, tão longe e tão perto daqui?

— Mas como iremos retirá-lo da cidade?

— Não sei, tenho de entrar em contato com o Albert. Não é fácil sair daqui, como bem sabes.

— Mas decerto existirá uma rota de fuga...

— Sabes perfeitamente como todas as tentativas de transpor o Muro costumam terminar.

— Talvez estejamos a precipitar-nos. Não têm nada contra o Walter, não passa de uma criança.

— É um órfão e, como tal, será internado numa instituição estatal, onde será tratado como o filho de uma traidora. Calculas o que isso significa? A Íris não teria desejado isso. Se constituir um problema para ti, irei buscá-lo esta noite a tua casa, acabaremos por encontrar uma solução. — O tom de voz do Garin era cortante.

— Sabes que gosto muito do Walter! E também gostava da íris, farei o que for preciso.

— Então, mantém-no escondido até eu dizer mais alguma coisa. Assim que tivermos delineado uma forma de o retirar de Berlim, comunico. Pelo menos,

não deixamos de estar com alguma sorte: como a escola se encontra em período de férias de inverno, ninguém dará pela sua ausência.

— Mas a polícia anda à procura dele, e não deixarão de o fazer nas casas dos amigos da Íris.

— Sim, é possível que façam umas visitas a alguns de nós. Sabes que tentamos ser discretos e não ser vistos juntos, mas é inevitável que alguém nos tenha visto, pelo que devemos estar preparados para qualquer eventualidade. E tu também.

— Há muito tempo que não me encontrava com a Íris...

— Bem sei, mas não será por isso que a polícia deixará de revistar a tua casa. Onde pensas escondê-lo?

— Vou escondê-lo na cave. O Friedrich descobriu um reservatório onde julgo que guardavam carvão. Estou convencida de que não conseguirão encontrá-lo ali.

— Tenta agir com naturalidade, fazer a tua vida rotineira. Entrarei em contato contigo assim que souber como poderei ajudar o Walter a fugir.

— Talvez pudesse saltar o Muro; como sabes, passa mesmo à frente de minha casa.

— Não penses em fazer o que quer que seja. Aguarda pelas minhas instruções.

O meu pai pediu que lhe colocássemos a cadeira de rodas junto à janela, de modo a poder estar atento a qualquer situação invulgar.

O Walter mal saía do meu quarto. Tentava passar com ele o máximo de tempo possível, mas a Amelia insistiu comigo para que saísse e me encontrasse com os meus amigos. Não queria que alguém desse pela minha ausência e viesse procurar-me a nossa casa. Ela própria comparecia pontualmente todos os dias no local de trabalho, aguardando, impaciente, que o Garin lhe dissesse o que deveria fazer. Todos os dias lhe perguntava se tinha novidades, mas ele ainda não dispunha de respostas.

O Ivan Vasiliev surpreendia-nos com alguma frequência, aparecendo em nossa casa sem avisar. Costumava justificar tais visitas com a desculpa de se encontrar nas proximidades, pelo que decidia passar por nossa casa para nos cumprimentar. Era sempre bem recebido pelo meu pai, que gostava de jogar xadrez com ele, ambos partilhando um conhaque de uma garrafa oferecida pelo próprio Ivan Vasiliev. Nunca aparecia de mãos vazias. As lojas especiais onde os altos dirigentes se abasteciam estavam bem guarnecidas de produtos ocidentais, de maneira que não rareavam as ocasiões em que o víamos chegar com manteiga holandesa, vinho espanhol, azeite italiano ou queijo francês. Para nós, tratava-se de luxos incomfortáveis, pelo que lhe ficávamos sinceramente agradecidos.

Julgo que, para ele, éramos aquilo que mais se assemelhava a uma família.

Contudo, naqueles dias, o Vasiliev era precisamente a última pessoa que gostaríamos de receber em casa.

O retinir da campainha sobressaltou-nos. A Amelia estava a preparar o jantar e o Walter punha a mesa. Empurrei-o para o meu quarto, pois já não havia tempo para o esconder na cave.

Sorridente, o Ivan Vasiliev entregou-me duas garrafas que trazia consigo.

— Ah, querido Friedrich, não consegui resistir à tentação de fazer uma visita para entregar este pequeno tesouro à Amelia!

Eram duas garrafas de azeite espanhol, que a Amelia lhe agradeceu com sinceridade.

— Ficas para jantar? Estou a cozinhar uma tortilha, e agora com este azeite... verás como o sabor será muito mais agradável.

— Estava esperançado de que te compadecesses por este pobre homem solitário — disse o Ivan Vasiliev enquanto se sentava junto do Max.

Amelia parecia calma, como se aquela fosse uma noite igual a tantas outras, mas o meu pai e eu estávamos nervosos, e sentíamos dificuldade em ocultá-lo. Ainda me recordo de como temia que o Walter fizesse qualquer ruído que o denunciasse e, se isso viesse a verificar-se, perguntava-me o que faria o Ivan Vasiliev. Deter-nos-ia?

— Max, meu amigo, vejo que estás preocupado. E tu também, Friedrich. Aconteceu alguma coisa?

— Nada de importante, mas já sabes como são os pais relativamente ao futuro dos filhos. O Friedrich pretende especializar-se em medicina geral, mas o Max diz-lhe que deveria ser mais ambicioso.

— Pessoalmente, não posso deixar de concordar com o teu pai. És um aluno brilhante, que pode aspirar a algo mais do que à prática de clínica geral. Um bom cirurgião, um neurologista, um especialista numa determinada área: isso sempre confere um outro estatuto.

— E para quê? Prefiro fazer aquilo de que gosto, e aquilo que mais quero é vir a ser como o meu pai — repliquei, seguindo o jogo iniciado pela Amelia.

— Não quer prestar-me ouvidos — lamentou-se o Max.

— Ou seja, não apareci na altura mais apropriada...

— De modo algum! Graças a ti, a discussão terminou, pelo que poderemos jantar tranquilamente. — A Amelia sorria-lhe com uma inocência tão convincente, que quase parecia genuína.

A tortilha estava deliciosa, e o Ivan Vasiliev prometeu à Amelia que voltaria a arranjar mais garrafas de azeite espanhol, com a condição de o convidar para provar aquilo que viesse a cozinhar com o dito azeite. Depois, jogou uma partida

de xadrez com o meu pai, que, por estar distraído, não conseguia concentrar-se, o que levou o Ivan Vasiliev a não insistir com ele para jogarem uma partida de desforra.

— Regressarei em breve, queridos amigos. E... tem cuidado contigo, Amelia.

— Sim, claro, é o que faço sempre.

Depois de ele sair, perguntamo-nos a que se deveria aquela recomendação. O meu pai opinava que aquela visita não tinha sido casual, tal como também não o haviam sido as últimas palavras do soviético. Mas a Amelia não nos deu oportunidade para continuarmos a especular.

O pobre Walter tinha ficado sem jantar, tendo de se conformar com uma chávena de leite e bolachas.

— Temos de estar mais atentos. Hoje, foi o Ivan Vasiliev quem nos apanhou desprevenidos, mas e se tivesse sido a KVP? — advertiu o meu pai.

— Como a nossa casa está por cima da cave, talvez pudéssemos criar uma abertura, para ligarmos os dois espaços — propus eu.

— Enlouqueceste! Toda a vizinhança ficaria de sobreaviso se começássemos a dar marteladas para fazer uma abertura no soalho. Além do mais, desconhecemos a solidez que poderá ter, bem como aquilo com que poderíamos deparar-nos — objetou o meu pai.

— Julgo que o Friedrich tem razão — interveio a Amelia, pouco convencida com as objeções do Max. — Se alguém aparecer aqui em casa sem avisar, não teríamos tempo de esconder o Walter. Também não poderemos mantê-lo a tempo inteiro naquele reservatório escuro da cave. Criaremos uma ligação entre a nossa casa e a cave. Fá-lo-emos nós próprios, com todo o cuidado, tentando evitar fazer demasiado barulho. Se os vizinhos fizerem perguntas, diremos que estamos a fazer uma pequena obra, dado que a casa está um pouco degradada.

— Quando começamos? — Sentia-me entusiasmado por a Amelia ter aceitado a minha proposta.

— De imediato, mas começaremos a partir da cave. Assim, poderemos certificar-nos se o barulho é audível.

O Walter e eu descemos à cave munidos de uma lanterna, posto o que calculamos o local que corresponderia à nossa cozinha. Começamos a picar o teto da cave. A Amelia desceu passados alguns minutos, garantindo que não se ouvia demasiado barulho, mas que mesmo assim deveríamos ser cautelosos. Envolvemos as ferramentas em trapos, para amortecer o ruído das marteladas, e trabalhamos durante um tempo considerável, até que a Amelia nos mandou para a cama.

Demoramos dois dias a criar a abertura. Podíamos ter concluído o trabalho na noite em que começamos, mas a Amelia não nos deixou. Preferia que

trabalhássemos mais lentamente, de modo a não chamarmos atenções. A abertura no teto da cave dava diretamente para uma pequena despensa junto à cozinha, onde a Amelia guardava a vassoura, a pá, a tábua de engomar e outros utensílios domésticos.

Disfarçamos a abertura o melhor que conseguimos, mas, antes, certificamo-nos de que o Walter conseguiria passar por ela; na cave, colocamos um velho colchão, para que não partisse uma perna ao deslizar. Eu quase desejava que o Ivan Vasiliev voltasse a visitar-nos, para que pudéssemos comprovar a eficácia da minha ideia.

O Garin informou a Amelia de que o Albert já estava ao corrente da situação, tendo-se comprometido a tomar o Walter ao seu cuidado.

Certa tarde, depois de a Amelia ter entrado no autocarro para regressar a casa, um homem sentou-se a seu lado. Parecia um operário fabril. Cabelo cinzento, bigode, óculos, boné, luvas grossas e cachecol, e um casaco coçado pelo uso.

— Não fales nem te mexas.

Amelia sentiu dificuldade em obedecer. Reconhecia a voz do Albert James naquele homem que lhe parecia um perfeito desconhecido.

— Conseguimos certificar-nos de que ninguém vigia a tua casa. Há muito tempo que não te encontravas com a íris, talvez seja por isso, ou talvez por não se atreverem a vigiar uma amiga do coronel do KGB Ivan Vasiliev.

— Pedi ao Garin que te pusesse ao corrente do meu reencontro com o Ivan Vasiliev.

— E foi precisamente isso que ele fez. Recordo-me com nitidez do que aconteceu em Moscou, mas na altura tu dizias que ele te parecia muito derrotista, que era um homem assustado. Agora, é nada menos do que um coronel, agraciado com uma medalha pela coragem demonstrada na frente. É um dos homens mais perigosos de que os soviéticos dispõem. Sabemos que colocou agentes infiltrados em locais estratégicos no Ocidente, ainda que desconheçamos onde. Apenas sabemos que existe informação confidencial a chegar-lhe as mãos. É teu amigo, e por isso podes ajudar-nos.

— Estás a pedir-me que o traia? Não, não irei fazê-lo.

— É curioso... não te importaste de enganar o Max, mas agora tens escrúpulos em enganar o coronel Vasiliev.

— Sei que a linha de separação entre a mentira e a traição é muito tênue, mas nunca senti que estava a trair o Max. Sabia que queríamos o mesmo: liquidar o Hitler. Mas não vou discutir isso contigo. Já não trabalho para ti. Julgava que estavas aqui para ajudar o Walter a fugir.

— Sim, foi isso que aqui me trouxe, mas também para pedir-te que nos

ajudes a descobrir um agente infiltrado que o Vasiliev conseguiu colocar num posto que desconhecemos, embora saibamos que tem vindo a aceder a informação confidencial, nossa e dos britânicos.

— Britânicos com quem vocês continuam a partilhar tudo.

— Quase tudo. Consideramo-los nossos primos-irmãos.

— Já te disse que não voltarei a trabalhar para vocês.

— Reflete sobre o assunto. Irei buscar o Walter esta noite.

— Como pretendes proceder?

— Terás de me desculpar, mas não te vou dizer isso.

Assim que chegou a casa, a Amelia pediu ao Walter que se preparasse.

— Irás partir esta noite.

— Eu... eu gostaria de ficar aqui, com vocês.

— Isso não é possível, como bem sabes. Verás que ficas bem, estou certa de que irás concretizar os sonhos que a tua mãe tinha para ti. Vais ter uma vida boa, prometo-te.

Mas o Walter começou a chorar e, desta vez, não conteve as lágrimas tantas vezes silenciadas desde a morte da mãe.

Max vigiava a rua, não se apercebendo de qualquer automóvel ou pessoa suspeitos. Contudo, subitamente, pareceu-lhe avistar um vulto a aproximar-se do jardim que permitia o acesso ao edifício.

— Oxalá seja o Albert, porque dentro de dois minutos os holofotes da guarda irão iluminar esta zona.

O meu pai tinha cronometrado o tempo que, durante a noite, os holofotes incidiam sobre a zona onde o nosso edifício se situava, bem como os intervalos entre os giros das patrulhas.

Amelia saiu para o átrio do prédio, abriu a porta, esperando que se tratasse do Albert, e ficou a aguardar na escuridão.

Era ele. Entrou em nossa casa com passo acelerado. Tal como havia sucedido com a Amelia, também nós tivemos dificuldade em reconhecê-lo.

O Walter tinha-se escondido na despensa e levantado o alçapão, não fosse dar-se o caso de ter de se refugiar na cave.

— Muito engenhoso — admitiu o Albert, quando lhe contamos o que tínhamos feito.

Amelia explicou-lhe que éramos os únicos detentores da chave da cave e que eu tinha encontrado um antigo reservatório que poderia ser usado como esconderijo.

— Existe circulação de ar, embora não saiba de onde provém.

— Emprastas-me uma lanterna para ir lá dar uma vista de olhos? — pediu o Albert.

— Sim, claro que sim, mas não estará a ficar tarde? — perguntou a Amelia, cada vez mais nervosa à medida que o tempo ia decorrendo, temendo que isso pudesse dificultar a fuga do Walter.

Acompanhei o Albert até à cave, deslizando ambos pela abertura que tínhamos feito na despensa. Ajudei-o a examinar o reservatório existente no chão da cave. Acendeu um fósforo, para se certificar de onde viria o ar, posto o que descobrimos uma racha numa das paredes.

— Trata-se de um muro fino e certamente permite o acesso a algum lado, e inclusivamente... não sei, mas parece-me que se consegue ouvir algum ruído, talvez exista algum túnel do metro perto daqui.

— Ou então são os esgotos. Existe uma tampa de esgoto no jardim do prédio, dissimulada por entre as plantas, mas é impossível levantá-la. Quando era criança, tentei fazê-lo por diversas ocasiões. Gostava de brincar à descoberta de tesouros, e descer à rede de esgotos parecia-me uma grande aventura. Mas nunca consegui.

Tornamos a subir para nossa casa. O Albert perguntou a quantos metros estaríamos do Muro.

— Estamos a dois metros do arame farpado e a vinte do Muro, mas, se tiveres razão e se o ar que circula na cave provier da rede de esgotos, sabes com certeza que emparedaram todos os acessos à outra zona da cidade e que há patrulhas encarregadas de vigiar continuamente a rede de esgotos. Calculo que, se o Friedrich estiver certo quando diz que existe no jardim uma tampa que permite o acesso aos esgotos, este troço deverá estar ainda mais vigiado, dado encontrarmo-nos tão perto do Muro — comentou o meu pai.

— Gostaria de tornar a observar o local. Verei se consigo arranjar um mapa da rede de esgotos de Berlim antes da guerra. Se assim fosse... talvez pudéssemos usar essa via para retirarmos pessoas daqui.

— Já te disse que não trabalho para ti. — A Amelia falava em voz baixa, ainda que com fúria.

— Recusar-te-ias a salvar vidas? Porque, por vezes, é precisamente isso o que está em causa, salvar a vida de alguém. Não calculas as dificuldades que temos para retirar pessoas daqui, que não cessam de aumentar. Socorremo-nos do engenho e da inventividade, mas também a KVP o faz, tal como os russos. Não lês os jornais? Há duas semanas, morreu mais um homem quando tentava saltar o Muro. Quantos mais julgas que irão morrer?

— Está a tornar-se tarde — interrompeu-o o meu pai.

— Sim, tens razão. Obrigado por terem tomado conta do Walter.

— Não me agradeças, gostamos muito dele — disse a Amelia.

Saíram então do prédio, refugiando-se nas sombras da noite. Ignoro se a

Amelia chegou a saber como conseguiram retirá-lo de Berlim. E, se soube, nunca nos disse.

A possibilidade de a nossa cave comunicar com a rede de esgotos havia deixado a Amelia intrigada. Assim, logo que lhe foi possível, ela própria começou a tentar abrir um buraco na parede do reservatório da cave, de onde julgávamos provir uma corrente de ar. Decidi ajudá-la, não obstante os protestos do meu pai que nos pressionava para que nada fizéssemos. Não nos custou muito abrir um pequeno buraco, embora a escuridão fosse absoluta. Então, com o feixe de luz da lanterna, iluminamos a abertura, receando aquilo que iríamos encontrar. Ouvíamos ruído de água a correr e pudemos aperceber-nos de que aquela abertura comunicava com uma outra, que por sua vez permitia o acesso à rede de esgotos.

— Não se ouve nada; portanto, vamos alargar a abertura na parede, de modo a conseguir rastejar até ao outro lado com uma lanterna. Quero saber onde vai desembocar — disse a Amelia.

— Ouviste o meu pai, os soldados patrulham a rede de esgotos, e os troços perto do Muro estarão certamente sob vigilância reforçada. É perigoso.

— Sim, bem sei, mas enquanto faço isto pensa numa solução para dissimularmos a abertura. Se os soldados passarem, não me parece que decidam meter-se pela abertura que dá acesso ao reservatório. Ainda assim, devemos dissimulá-la o melhor possível.

— Mas porque é que queres fazer isto? — perguntei, nervoso.

— Não sei, mas quem sabe se um dia não seremos nós próprios a necessitar desta via de fuga.

— Deixa-me ir contigo, haverá certamente ratazanas.

— Não, irei sozinha. Não é a primeira vez que me aventuro numa rede de esgotos. Já estou acostumada ao cheiro e sei bem aquilo que posso encontrar.

Fomos retirando os tijolos cuidadosamente, até a Amelia conseguir passar para o outro lado. Vi-a perder-se nas profundidades do subsolo berlinense, contando unicamente com o feixe de luz da sua lanterna. Passou cerca de uma hora; subitamente, assustei-me ao ouvir ao longe passadas vigorosas e vozes. A minha respiração apenas tornou a normalizar-se quando a vi regressar.

Tresandava a imundície, tinha as mãos arranhadas e as botas molhadas, mas parecia satisfeita.

— Tiveste alguma ideia para dissimular a abertura?

— Sim. Faremos um painel com os tijolos que retiramos, que depois tornaremos a colocar no devido sítio. Assim, em caso de necessidade, será fácil de levantar. Mas conta-me o que aconteceu. Ouvi vozes.

— Também eu; quase morria de susto. Tive de desligar a lanterna. Surgiu

uma patrulha, creio que eram cinco ou seis homens. Conversavam uns com os outros e passaram perto de mim, mas não me viram. Fiquei absolutamente imóvel até os ouvir a afastar-se.

— Isso significa que o meu pai tinha razão e que há patrulhas de soldados na rede de esgotos.

— Pois é, mas agora devemos regressar a casa, voltarei a descer amanhã.

— Para quê?

— Talvez consigamos descobrir uma passagem para o outro lado...

— É impossível, o meu pai disse que vedaram todos os acessos.

— Sim, mas as águas residuais continuam a fluir...

— Decerto não queres meter-te nelas! — exclamei, horrorizado.

— Veremos, veremos...

Passados alguns dias, enquanto a Amelia estava no arquivo a organizar algumas pastas, o Garin aproximou-se dela. Estavam afastados dos olhares dos outros funcionários do departamento e, portanto, podiam falar sem receios.

— O Walter chegou bem, queria que soubesses.

— Graças a Deus!

— O Albert correu grandes riscos.

— Como é que ele fez?

— Não sei.

— Ora, Garin!

— A única coisa que o Albert me pediu para te dizer é que pensa ir visitar-te em tua casa. Parece que tens uma cave muito interessante.

— Já lhe disse para se esquecer que existo.

O Garin sorriu. Depois, encolhendo os ombros, saiu do arquivo.

Nem o meu pai nem a Amelia tinham conhecimento de que eu integrava um grupo de estudantes que se reunia periodicamente com o Konrad. Falávamos de política e organizávamos atividades dentro da universidade, nas quais, com muita cautela, tentávamos ludibriar a censura.

Peças de teatro, leitura de textos, música... a tudo recorriamos para acreditarmos que fazíamos uma dura oposição às autoridades da República Democrática. Não havia qualquer dúvida de que existiam na universidade informadores da polícia, mas estávamos convencidos de que o nosso grupo era impenetrável.

Ninguém era admitido sem a autorização do Konrad, de maneira que, quando ele apareceu com duas raparigas num ensaio de uma das peças de teatro que pretendíamos levar a palco, ninguém desconfiou delas.

— Apresento-vos a Ilse e a Magda, duas das minhas melhores alunas.

Para além da peça de teatro, estávamos também a organizar uma jornada de

protesto na universidade. Pretendíamos exigir maiores liberdades, bem como a libertação de um professor de História, que tinha sido detido sob a acusação de estar envolvido em atividades nefastas para a República Democrática.

Planeávamos organizar uma marcha silenciosa pelo campus, ostentando faixas com uma única palavra: "Liberdade". Não seriam gritadas palavras de ordem, caminharíamos em absoluto silêncio. Estávamos convencidos de que uma manifestação silenciosa seria bastante eficaz. Preparávamos também panfletos, nos quais exigíamos a libertação do professor detido, que pensamos espalhar por toda a universidade.

Senti-me atraído pela Ilse assim que a vi. Parecia uma valquíria: loura, alta, magra, olhos azul-escuros... Era uma beldade. A Magda também, ainda que fosse diferente da Ilse. Tinha cabelo preto, olhos verdes, a pele muito branca. Não era tão alta nem tão magra como a Ilse, mas era impossível o nosso olhar não se deter nela.

Como a data da manifestação se aproximava, o Konrad tinha agendado uma reunião na pequena gráfica na qual imprimia os nossos materiais clandestinos. Nenhum de nós sabia onde se localizava, mas o mais importante é que iriam comparecer na reunião os principais mentores do movimento de oposição universitário, que se destacavam também nos círculos intelectuais que apoiavam o movimento clandestino.

— Sou da opinião de que a Ilse e a Magda deveriam vir à reunião. Assim, poderão ficar a conhecer toda a gente. Friedrich, irás buscá-las tu — disse o Konrad.

— Mas eu não sei onde é a gráfica — repliquei.

— Bem sei. Assim que estiveres com elas, dirijam-se ao parque, onde se encontrarão com um outro grupo. Não fiquem preocupados, alguém aparecerá para vos orientar.

A Ilse e a Magda aceitaram, encantadas. Estavam desejosas de conhecer os restantes membros do grupo.

Naquela noite, senti dificuldade em dormir e, na manhã seguinte, a Amelia reparou nas minhas olheiras.

— Não dormiste bem?

— Deve ser o nervosismo por causa dos exames.

Sáímos de casa e, como acontecia todas as manhãs, caminhamos até à paragem de autocarro, onde nos separaríamos. Quando cheguei à universidade, encontrei-me com a Ilse, e falamos acerca da reunião daquela tarde. Estava à espera da Magda para irem para uma aula, mas ela estava atrasada.

No intervalo de almoço, quando me preparava para regressar a casa, a Ilse veio ter comigo. Estava pálida, nervosa, parecia fora de si.

— Aconteceu uma coisa... eu... não sei se é importante, mas estou preocupada. Andam à procura do Konrad, mas ele já saiu e eu não tenho o número de telefone dele, nem sei a morada, estou sem saber o que fazer...

— Acalma-te e conta-me o que aconteceu.

— Esta manhã, a Magda chegou atrasada. Disse-me que se tinha sentido mal e que, portanto, tinha acabado por levantar-se mais tarde. Não parecia doente, mas pensei que o mais provável era tratar-se de uma indisposição passageira. Mas então cruzamo-nos com um colega que lhe perguntou: "Então, Magda, aonde ias esta manhã, tão cedo e com tanta pressa? Chamei-te mas não me ouviste... claro que também eu ando depressa quando passo em frente da sede da KVP... mas fiquei com a sensação que era para lá que tu te dirigias..." Depois, começou a rir-se, e ela fez o mesmo. Mas eu, como já a conheço, sei que aquela observação a deixou nervosa.

— Há quanto tempo são amigas?

— Conheço-a desde o início do curso, mas apenas este ano nos tornamos amigas. É muito inteligente; aliás, é a melhor aluna do Konrad.

— E tu julgas...

— Não sei, Friedrich... mas fiquei assustada. Há informadores por toda a parte, sabemos que não podemos confiar em ninguém... Talvez esteja a ser injusta com a Magda, é o mais certo, mas não me sentiria tranquila se não falasse deste assunto com alguém. E como não consigo localizar o Konrad... Na verdade, nunca deveria ter-me envolvido nesta confusão. Não sei, mas não me parece que o cenário seja tão negro como a Magda o retrata, mas, ainda assim... Enfim, não gostaria que acontecesse alguma coisa a quem quer que fosse.

— E eu tenho de ir buscar-vos esta tarde a casa dela... — lamentei-me.

— A Magda disse-me que, provavelmente, iríamos sozinhas. Pediu-me para ir ter a casa dela.

— E como pensam chegar à gráfica, se desconhecem onde fica?

— Ela quer que também tu vás a casa dela. Não sei, Friedrich, mas estou com um mau pressentimento... não sei o que pensar...

Também eu não sabia o que pensar, e muito menos o que fazer. Telefonei ao Konrad, mas, de sua casa, informaram-me de que não iria almoçar. Também não me atrevia a falar com outros companheiros, disseminando dúvidas acerca da Magda. Ignorava se a Ilse seria paranoica, se poderia sentir ciúmes da Magda, ou se, pelo contrário, as suas suspeitas teriam razão de ser.

Tomei uma decisão que viria a revelar-se acertada. Quando cheguei a casa, fiz um sinal à Amelia e fechei a porta da cozinha. O meu pai dormitava, pelo que não nos prestou atenção. Conte-lhe tudo o que estava a acontecer, e pude ver a sua desilusão quando lhe disse que participava nas atividades da oposição

universitária.

— Não deves ir a casa dessa Magda, poderá ser uma armadilha.

— Ou talvez não aconteça nada.

— Tens o endereço dela?

— Sim...

— E a que horas tens de estar lá?

— As seis.

— Iremos antes.

— Iremos?

— Sim, eu irei contigo.

— Mas...

— Não há mas! Farás aquilo que eu disser.

Não protestei, acatando aquela decisão de boa vontade. Saímos de casa assim que acabamos de almoçar.

Fomos a pé até à casa da Magda e, ao longe, a Amelia pôs-se a vigiar, tentando aperceber-se de qualquer situação suspeita. Faltavam três horas para o encontro, mas ela parecia determinada a esperar ali. Eu já estava aborrecido quando vimos um automóvel estacionar perto da casa da Magda. Vi-a descer da viatura, seguida por um homem, dirigindo-se depois ambos para casa dela; parecia preocupada. O homem não esteve lá muito tempo, saindo passada meia hora.

— Fica aqui e não te mexas — ordenou-me a Amelia.

— Aonde vais?

— Mantém-te atento a qualquer situação suspeita, não demorarei muito.

O tempo de espera pareceu-me uma eternidade, e estava distraído quando ouvi a voz da Amelia perto de mim.

— Não estavas atento.

Olhei para ela, mas não parecia a mesma. Usava uns óculos de lentes grossas, que lhe cobriam parcialmente o rosto, e um gorro cinzento que nunca tinha visto antes e que lhe tapava integralmente o cabelo. Também não reconheci o casaco que vestia.

— Mas...

— Cala-te e aguarda. Aconteça o que acontecer, não saias daqui. Dá-me a tua palavra.

— Mas...

— Dá-me a tua palavra!

— Sim, está dada, mas não compreendo... disfarçaste-te e... aonde pensas ir?

— Vou a casa dessa tal Magda.

— Irei contigo.

— Não. Tu não sairás daqui, ou irás colocar-me em perigo, e não só a mim, mas também a ti, ao teu pai e a todos os teus amigos.

Vi-a entrar no prédio da Magda. Sairia apenas passada meia hora.

— Vais telefonar à tua amiga Ilse e dizer-lhe que te sentes adoentado e que também ela deveria repousar, dado que está constipada. Espero que seja suficientemente perspicaz para compreender que não deve sair de casa.

— Talvez seja melhor ir a casa dela...

— Não, não debes falar com ela pessoalmente. Vais telefonar-lhe e aconselhá-la a meter-se na cama e a dizer a toda a gente que está doente. Compreendeste bem?

— Sim, mas...

— Obedece! Tenho de encontrar o Konrad, essa reunião não pode realizar-se.

E desapareceu, perdendo-se na multidão. Obedeci. Mal cheguei a casa, telefonei à Ilse. Consegui aperceber-me da sua estupefação quando a aconselhei a meter-se na cama até recuperar da constipação.

— Mas e o encontro?

— Faz aquilo que te digo, voltaremos a falar mais tarde.

Refugiei-me no meu quarto, para evitar que o meu pai se apercebesse do meu nervosismo.

Amelia chegou mais tarde do que o costume, e aquele atraso tinha deixado o meu pai nervoso.

— O que aconteceu? — perguntou ele quando a ouviu a fechar a porta.

— Muito trabalho; como sabes, está a ser organizado um Congresso pela Paz, e o nosso departamento está sobrecarregado de trabalho. O Garin não tem mãos a medir e pediu-me que ficasse para o ajudar.

Saí do meu quarto e observei-a fixamente, espantado por ter voltado a transformar-se na Amelia de sempre. Os óculos, o gorro de lã, o casaco... tudo isso havia desaparecido.

Quando entrou na cozinha para preparar o jantar, ouvimos o retinir da campainha. Ambos ficamos sobressaltados, mas foi ela quem foi abrir a porta.

— Não sei se a minha visita é inoportuna... — disse o Ivan Vasiliev, exibindo o seu melhor sorriso.

— De modo nenhum, Ivan! Entra, chegas a tempo de jantar connosco.

— Obrigado, Amelia. Se não fosses tu, esquecer-me-ia daquilo que é uma boa refeição. Hoje não tive tempo para trazer nada. Os juvenzinhos da universidade deram muito trabalho aos meus amigos da KVP — disse, fitando-me olhos nos olhos.

— Ah, sim? E o que fizeram eles? — perguntou o Max com curiosidade.

— Na KVP, os ânimos andam exaltados. Alguém assassinou um dos seus

informadores. A Stasi exige investigar por sua conta, mas a KVP recusa. Enfim, as habituais disputas entre departamentos.

— E o que é que isso tem a ver com a universidade? — O Max continuava interessado naquilo que o Ivan Vasiliev tinha para contar.

— Os jovens estavam a organizar uma manifestação. Não ouviste falar de nada, Friedrich? Bem, tratava-se de uma manifestação silenciosa, para reivindicar maior liberdade e, sobretudo, para exigir a libertação de um professor que se encontra detido. Coisas de estudantes. A polícia estava ao corrente de tudo, como é óbvio, e tinha preparado uma rusga. Teriam detido uma dúzia de jovens e tudo ficaria por ali. Contudo, ao que parece, os agitadores tinham agendado uma reunião com a cúpula dirigente dos ativistas universitários, docentes incluídos. Era a ocasião ideal para deter os professores que se dedicam a corromper as mentes juvenis. Mas o informador deve ter cometido qualquer erro, dado que apareceu morto e, curiosamente, a reunião acabou por não se realizar. Enfim... passei a tarde a trabalhar.

— Agora dedicas-te a perseguir estudantes? — O tom de voz da Amelia estava carregado de ironia.

— Não, querida, não me dedico a isso, mas, ainda que o assunto não me diga diretamente respeito, gostaria de saber quem alvejou o informador da KVP. Usou uma arma ocidental, uma Walter PPK de pequeno calibre. Uma arma de mulher, segundo os especialistas. Mas uma pistola é uma pistola, independentemente do tamanho que tenha. O assassino possui boa pontaria, pois o informador foi atingido no coração. Morreu de imediato. E até te digo que parece ter sido obra de um profissional, o que nos leva a pensar que estes estudantes revoltosos e os seus professores têm bons amigos no Ocidente, não te parece?

— Qualquer pessoa pode possuir uma arma desse tipo — respondeu a Amelia.

— Qualquer pessoa? O que pensas tu disso, Friedrich? Foste à universidade esta tarde? Não sei se sabes, mas houve uma rusga... Fico feliz por não estares entre os detidos.

— E por que razão haveria de estar? O meu filho esteve aqui comigo, para além de saber que não deve envolver-se em questões políticas, nunca por nunca. Deu-me a sua palavra e sei que a respeitará — interrompeu-o o Max oportunamente.

— O problema é que os jovens são rebeldes por natureza e têm as suas próprias ideias, meu caro amigo, mas alegra-me saber que o Friedrich tenha ficado em casa e não tenha nada a ver com os agitadores.

— Qualquer pessoa pode relacionar-se com os agitadores. Na universidade, toda a gente se conhece — interveio a Amelia.

— Deixemos que seja o Friedrich a falar — pediu o Ivan Vasiliev.

Eu devia estar pálido. Sentia-me trespassado pelo olhar do coronel, como se conseguisse ler todos os meus pensamentos.

— Eu... na verdade, aquilo que acabou de contar deixou-me nervoso. Não é uma boa notícia saber que houve uma rusga na universidade, que haverá pessoas que conheço que podem ter sido detidas... E... se me permitem a sinceridade, direi que, quando somos jovens, sonhamos com um futuro melhor, e isso não pode ser considerado um delito.

Não sei onde fui buscar forças para aquela argumentação, mas o Ivan Vasiliev pareceu ter ficado impressionado.

— Estou a ver que és corajoso, ao defenderes os teus colegas. E deixa-me dizer-te que tens razão. Quando somos jovens, queremos mudar o mundo; a questão é que o mundo já foi mudado pelas pessoas da minha geração. Agora, é o povo quem governa, e são os filhos do povo que agora frequentam as universidades. Somos todos iguais, e estamos a construir um mundo melhor para todos. Vocês, os jovens, apenas têm de se preocupar em caminhar todos na mesma direção.

Optei por não responder. Sentia dificuldade em sustentar o olhar do Ivan Vasiliev, mas também o do meu pai.

— Existe um professor, um tal Konrad... desapareceu e andam à procura dele. Parece ser o principal agitador. Conhece-o, não é assim, Friedrich?

— É um dos professores mais estimados na universidade.

— Também nós o conhecemos, e até já estive em nossa casa, embora tenha sido há muito tempo — disse a Amelia com naturalidade.

— E como é que o conheceram, querida Amelia?

— Quando regressamos a Berlim, foi-nos apresentado por um amigo, ainda não havia Muro... uma noite, veio jantar connosco e trouxe-o consigo. Foi muito amável, não me pareceu ser um perigoso revolucionário. De qualquer modo, isso já foi há mais de quinze anos.

— E quem era esse amigo que vo-lo apresentou?

— Uma pessoa que, infelizmente, já faleceu. De qualquer modo, vivia em Berlim Ocidental. Há alguns anos, as coisas eram diferentes, não havia nenhum muro a separar os berlinenses e as pessoas podiam circular livremente pelos diferentes setores... pouco importava o que cada um pensava. Nessa altura, os alemães deste lado ainda não se tinham tornado todos comunistas.

— Pois olha que agora o professor Konrad é o homem mais procurado em Berlim...

— Acabarão por encontrá-lo, estou certa disso. — A afirmação da Amelia soou contundente.

— Bem... fico contente por o Friedrich não ter qualquer relação com os agitadores. Agora, tenho de me ir embora. Como sempre, o jantar estava excelente, querida Amelia.

— Obrigada, Ivan.

— Tenham cuidado, queridos amigos, tenham cuidado.

Só voltei a respirar normalmente depois de o Ivan Vasiliev sair. O meu pai parecia confuso.

— Que estranho! Não sei, mas parecia que o Ivan pretendia dizer-nos alguma coisa... Friedrich, espero que não tenhas mesmo nada a ver com esses ativistas da universidade...

— Não te preocupes, papá.

— Quanto a ti, Amelia... não te percebo. Porque lhe disseste que conhecemos o Konrad? Há anos que não o vemos.

— Porque ele já sabe disso, ou, se não sabe, acabaria por saber. É preferível que veja que nada temos a ocultar. Devem estar a investigar todos os conhecidos do Konrad e, a determinada altura, alguém poderia lembrar-se de que também nós o conhecemos.

Como acontecia todas as noites, ajudei a Amelia a deitar o meu pai, posto o que me disponibilizei para lavar a louça.

— O que aconteceu? — perguntei-lhe, quando estávamos sozinhos na cozinha.

— Nada. Apenas te aconselho a seres cauteloso.

— Ele disse que a Magda foi morta. Ainda que se tenha referido a "um informador", estou certo de que se referia a ela...

— Isso não nos diz respeito.

— Foi assassinada com uma pequena pistola, de mulher... foi isso que ele disse.

— Nem tu nem eu sabemos nada a esse respeito, e não tenho interesse em saber.

— Subiste até à casa da Magda...

— Não.

— Mas vi-te entrar pela porta do prédio disfarçada, e demoraste a sair...

— Estive de vigia. Pretendia certificar-me se saía alguém que não tivéssemos visto entrar. Como não vi ninguém suspeito, decidi vir-me embora.

— Não subiste até ao andar dela?

— Não, claro que não, que disparate! — mentiu-me.

— E aonde foste depois?

— Fui encontrar-me com uns amigos que pudessem avisar o Konrad.

— E conseguiste.

— Parece que sim. Estão à procura dele e ainda não o encontraram.

Também naquela noite não consegui adormecer. Apenas alguns dias depois soube que o Konrad estava na nossa cave. Passaram-se anos até a Amelia me contar o que aconteceu naquela tarde.

3

Durante alguns dias, nem o Max nem a Amelia me deixaram ir à universidade. Contudo, não deixavam de insistir comigo para que telefonasse aos meus amigos para lhes comunicar que era o meu pai que não queria que eu fosse. Todos sabíamos que as comunicações telefônicas eram interceptadas, pelo que ninguém se alongava em explicações de maior, limitando-se a perguntar-me quando voltaria a aparecer na universidade.

Certa noite, quando o meu pai já dormia, e eu tinha a luz do meu quarto apagada, ouvi ruído na cozinha. Levantei-me, pensando que a Amelia teria lá ido para beber água. Estava na despensa, a levantar o alçapão.

— Aonde vais?

— Volta para a cama.

— Diz-me aonde vais — insisti.

— Não te diz respeito. Volta para a cama.

— Por favor... confia em mim.

— Está bem, vem comigo.

Deslizamos ambos pela abertura até à cave. Depois, ela retirou a proteção do reservatório, iluminando-a com a sua pequena lanterna. Ali estava o Konrad. A Amelia colocou a escada e ambos descemos por ela. Abracei-o, aliviado.

— Estavas aqui!

— Sim, é aqui que tenho estado, a transformar-me em toupeira. Acho que, de passar tanto tempo às escuras, acabarei por ficar cego.

— Vim dizer-te que amanhã tentaremos atravessar para o outro lado. O Garin irá ajudar-nos. O Albert esteve a estudar os mapas da rede de esgotos. Se ele estiver certo, estamos a cinco ou seis quilômetros do outro lado, ou melhor, de uma saída de esgoto em Berlim Ocidental. Quando aí chegares, alguém estará à tua espera.

— Se alguém vir o Garin a entrar em vossa casa... — O Konrad estava

preocupado.

— Trabalhamos juntos, não será assim tão estranho que venha jantar a nossa casa. De qualquer modo, tentaremos evitar que alguém o veja entrar. Haverá pessoas a vigiar. Na verdade, há dias que o fazem, para se certificarem se a polícia ou a Stasi andarão ou não no nosso encalço. Até ao momento, nada viram de suspeito. Parece que não estamos entre as suas prioridades.

— Talvez o fato de seres amiga desse tal coronel do KGB te liberte de suspeitas.

— Não sei... De qualquer modo, tentaremos passar-te para o lado de lá amanhã. Agora, come aquilo que te trouxe e descansa.

Quando regressamos à cozinha, eu estava bastante exaltado.

— Com que então tens mantido o Konrad aqui escondido e não me tinhas dito nada.

— Cala-te, Friedrich! Isto não é um jogo. Tu e os teus amigos envolveram-se num problema bastante grave. Sabes bem que alguns dos teus companheiros foram deportados para campos de trabalho. Julgas que não falaram? Claro que o fizeram, e certamente terão fornecido nomes, entre os quais estará o teu. Foi por isso que naquela noite o Ivan Vasiliev veio a nossa casa. Foi ele quem te salvou. Terá concluído que a tua participação não era relevante, que eras apenas mais um naquele grupo de estudantes rebeldes. Mas ele avisou-nos. Não poderás cometer mais disparates.

— Também a Ilse não foi detida, e ela era amiga da Magda.

— Como poderiam deter a sobrinha de um membro do Comitê Central? Além do mais, a Ilse não sabia de nada, tinha-vos conhecido apenas no dia anterior, quando o Konrad vo-la apresentou, a ela e à Magda.

— O tio dela é membro do Comitê Central?

— É, não sabias? Desta vez, ambos conseguiram escapar, mas não podem desafiar a sorte outra vez. Eles julgam que a Ilse se terá assustado à última hora e que decidiu não comparecer nessa tal reunião. Foi essa a teoria que o tio dela sustentou. Além disso, nos relatórios da Magda, não havia nada contra a Ilse. A Magda utilizou-a como isco para se aproximar do Konrad. A KVP infiltrou-a por ter conhecimento da fraqueza do Konrad por mulheres bonitas. Mas ele não mostrou qualquer interesse nela, antes parecendo sentir-se atraído pela Ilse, o que levou a Magda a tornar-se amiga dela. Questionava-a para saber o que pensava, mas a Ilse não parecia muito interessada em questões políticas; tudo corre bem à família dela, dado que fazem parte da nomenklatura. Todavia, a insistência da Magda foi tão veemente, que ela se deixou convencer a aproximar-se do Konrad. Ele não desconfiou delas, com a Magda a mostrar-se muito convincente nas suas críticas ao regime, de maneira que baixou a guarda e

cometeu um grande erro ao convidá-las a participar na tal reunião na gráfica, à qual iriam comparecer os mais ilustres representantes do movimento de oposição universitário e dos círculos intelectuais.

— E como sabes tudo isso?

— Soube por um amigo.

— O meu pai está ao corrente de alguma coisa?

— O teu pai nada sabe. Queres dar-lhe um desgosto? Não, não lhe contes nada.

— A Ilse foi interrogada?

— Limitaram-se a adverti-la, nada mais.

— Amanhã, irei ajudar-vos a procurar a saída da rede de esgotos.

— Não, será melhor que fiques em casa. Se o teu pai acordar ou alguém aparecer...

— Por que motivo nos terá a Magda traído?

— Não vos traiu, estava a desempenhar as suas funções. Era uma agente da KVP. Há dois anos que estava na universidade, tentando infiltrar-se nos círculos da oposição. Não tinha pressa, queria apanhar a elite da organização e quase conseguia. Se o Konrad não tivesse agido com tanta leviandade... mas ele sempre fraquejou diante de mulheres bonitas, como é o caso da Ilse.

Eu estava assustado, para não dizer mais. Subitamente, apercebia-me de quão perto havia estado do abismo, admirando ainda mais a Amelia pelo seu sangue-frio. Desde criança, sempre senti que ela era especial e que fazia coisas especiais, mas só agora me apercebia daquilo de que ela era realmente capaz, sentindo-me espantado com a sua frieza.

Agia como se a rotina quotidiana das nossas vidas não tivesse sofrido qualquer alteração, para que o meu pai de nada suspeitasse.

No dia seguinte, o Garin apareceu em nossa casa para jantar connosco. Há muito tempo que isso não acontecia.

Abri-lhe a porta e ele sorriu-me.

— Olá, Friedrich, há muito tempo que não nos víamos. Vejam só, estás um homem feito!

O meu pai deu-lhe as boas-vindas e, enquanto a Amelia preparava o jantar, desafiou-o para uma partida de xadrez. Não é que o Garin se sentisse particularmente atraído por tal jogo, mas aceitou.

Depois de jantarmos, conversamos durante algum tempo acerca do trabalho da Amelia e do Garin e do Congresso pela Paz, em cuja organização ambos estavam envolvidos.

— Virão jovens do mundo inteiro. Coitados! Acreditam que estão realmente a contribuir para a paz mundial, embora na verdade não passem de títeres

manobrados por Moscou, tal como todos nós — lamentou-se o Garin.

— Mas os jovens participam nessas iniciativas por sua livre vontade — defendeu-os o Max.

— Sim, e manifestam-se nos seus países para reivindicar coisas que nunca lhes seriam permitidas nem aqui nem na União Soviética. Os mentores da agitprop são verdadeiros mestres da manipulação, tendo conseguido convencer os movimentos de esquerda acerca da maldade intrínseca da burguesia. De qualquer modo, estão a ter êxito no seu verdadeiro propósito, que é o de controlar o pensamento desses grupos e de condicioná-los para a aceitação do derradeiro objetivo, que seria uma sociedade integralmente comunista. É por isso que desconfiam dos intelectuais, ou seja, de todos aqueles que ousam pensar por si próprios e que não seguem as diretrizes emitidas por Moscou. O partido não pode consentir que sejam os escritores e os artistas a decidir quais são as necessidades culturais do Estado. Pelo contrário, é o Estado que deve decidir o que é que deve ser criado, como e quando — explicou o Garin.

— É uma ideia aberrante! — Não consegui conter a minha reprovação.

O meu pai disse sentir-se cansado, pelo que ajudei a Amelia a levá-lo para a cama, enquanto o Garin levantava a mesa e levava os pratos para a cozinha.

— Não fiques acordado até muito tarde, amanhã tens aulas — recomendou-me o meu pai.

— Não te preocupes. Estudarei um pouco e depois irei deitar-me.

Fechei a porta do quarto e segui a Amelia até à cozinha, onde o Garin tinha começado a lavar a louça.

— Cruzaste-te com algum vizinho quando chegaste? — perguntou-lhe ela.

— Não, e também não havia ninguém na rua, nem nenhum automóvel; não vi viva alma. O meu pessoal esteve a vigiar o prédio durante o dia inteiro e disseram-me que nada viram de suspeito; portanto, podemos estar descansados.

— Isso seria uma insensatez — retorquiu a Amelia.

Ajudei-os a levantar o alçapão que permitia aceder à cave, vi os dois deslizarem e, depois, ouvi um som seco, amortizado pelo colchão que lá tínhamos colocado. Aquilo que aconteceu depois ser-me-ia contado posteriormente.

O Konrad dormitava, mas rapidamente recobrou energias, ajudando-os a remover o painel de tijolos que dissimulava o acesso à rede de esgotos.

Levavam lanternas e uma corda, e também pistolas, preparados para qualquer eventualidade. A Amelia levava ao ombro um saco com diversas ferramentas.

Foi ela quem os guiou pelos esgotos, orientando-se através do mapa que o Albert tinha dado ao Garin. Por duas ocasiões, estiveram prestes a serem

detetados pelas patrulhas de soldados, mas conseguiram sempre esconder-se a tempo.

— Segundo o mapa, a partir deste ponto a rede de esgotos continua para o outro lado — informou a Amelia.

— Mas o túnel está emparedado, para além de terem posto uma grade no fluxo de água... não sei como poderemos passar.

— Se fizermos um buraco no Muro, os soldados poderiam ouvir-nos — observou o Konrad.

— Sim. É por isso que me parece mais conveniente remover a grade e prosseguir a nado — sugeriu a Amelia.

— A nado, nestas águas fétidas? — O Konrad parecia assustado.

— É a melhor solução. Trouxemos ferramentas com que poderemos tentar remover a grade — insistiu a Amelia.

O Garin apalpou a parede, numa tentativa de averiguar a sua espessura.

— Julgo que a Amelia tem razão. Ajuda-me, vou tentar remover a grade.

Amelia atou a corda à cintura do Garin e retirou do saco uns óculos de mergulho, que eram meus.

— Põe isto na cara, poderás vir a necessitar.

— Onde desencantaste estes óculos? — perguntou o Garin.

— São do Friedrich, servem-te.

— As águas são profundas? — quis o Konrad saber.

— Receio bem que sim. Pelo menos, julgo que não tenho pé. Acho que vou vomitar, este cheiro é insuportável.

Colocou os óculos de mergulho e submergiu. Apareceu passado um minuto.

— É repugnante! Dá-me as ferramentas, tentarei serrar algumas barras, mas a abertura não me parece suficientemente larga, espero que não fiquemos presos ao tentar atravessar.

— Queres que te ajude? — ofereceu-se o Konrad.

— Sim, entre os dois será mais fácil.

Estavam a tentar forçar a grade quando, ao longe, ouviram as vozes e os passos ressonantes dos soldados.

— Vêm nesta direção, e não há qualquer sítio onde possamos esconder-nos — advertiu a Amelia.

— Vem para aqui! — O Garin estendeu-lhe a mão e, sem pensar duas vezes, também a Amelia se enfiou naquela água imunda.

— Quando os ouvirmos mais próximos, mergulharemos a cabeça — informou o Garin.

— Não vou conseguir fazer isso — lamentou-se o Konrad.

— Ou o fazemos ou seremos descobertos e executados já aqui. Garanto-te

que não será uma morte gloriosa. Manteremos a cabeça fora de água até ao derradeiro segundo, mas depois teremos de permanecer submersos até eles se afastarem — insistiu o Garin.

Sem dizer nada, a Amelia aproximou-se do Konrad e atou-lhe à cintura a corda que já prendia o Garin, e depois atou-se a si própria.

— O que estás a fazer? — O tom de voz do Konrad denotava uma certa histeria.

— É conveniente que permaneçamos juntos. Se um estiver tentado a emergir, os outros não permitirão.

Mantiveram-se em silêncio e com as lanternas desligadas, ouvindo os passos dos soldados a ressoar cada vez mais perto. Submergiram assim que um primeiro feixe de luz iluminou as águas. O Garin continuava com os óculos de mergulho postos, mas a Amelia e o Konrad estavam com o rosto completamente desprotegido.

Já não conseguiam aguentar debaixo de água mais um segundo que fosse. A Amelia sentia a cabeça prestes a explodir, e o Konrad esforçava-se por emergir, mas o Garin e ela impediam-no, agarrando-o pelos pulsos. De repente, o Garin soltou-o, puxando-o a ele e à Amelia para a superfície. Ainda que a escuridão reinasse de novo, permaneceram em silêncio mais alguns minutos, que lhes pareceram eternos. Não queriam ligar a lanterna, não fossem os soldados continuar nas proximidades. Quando finalmente o fizeram, os três tremiam, de frio e de repulsa.

— Temos de tentar remover a grade, seja de que maneira for.

O Garin tornou a mergulhar. Demoraram mais de uma hora até conseguirem serrar várias barras, criando uma abertura pela qual poderiam passar.

— Quem sabe o que iremos encontrar mais à frente. — O Konrad estava preocupado.

— Seja o que for, não nos resta outra opção senão continuar. Esperemos que os soldados não se apercebam de que a grade está com menos três barras — disse o Garin.

Nadaram durante algum tempo, até chegarem a uma bifurcação. A Amelia consultou o mapa do Albert.

— Se prosseguirmos pela direita, daqui a dez metros deveríamos encontrar umas escadas de ferro que permitem aceder a uma tampa de esgoto. Espero que não nos tenhamos enganado e não saíamos mesmo em frente à sede da Stasi — brincou a Amelia.

Caminharam esses dez metros em silêncio, deparando-se efetivamente com umas velhas escadas de ferro que permitiam subir até à superfície.

O Garin foi o primeiro a subir, seguido pelo Konrad e a Amelia no fim.

Tal como tinha ficado combinado, o Garin desferiu quatro pancadas na tampa de esgoto, posto o que alguém começou a removê-la.

— Graças a Deus que conseguiram! — ouviram o Albert James dizer.

Alguns homens aguardavam ao pé de dois automóveis estacionados perto da tampa de esgoto; um deles aproximou-se com um cobertor, que colocou sobre os ombros do Konrad.

— Temos de regressar — afirmou a Amelia, olhando para o Garin.

— Foi difícil? — quis o Albert saber.

— Foi sobretudo repugnante. — A resposta do Garin foi acompanhada de uma risada.

— Obrigado, Amelia. — O tom de voz do Albert era sincero.

— Não precisas de agradecer. Se depender de mim, não permitirei que ninguém caia nas garras da Stasi.

Amelia e Garin abraçaram Konrad, desejando-lhe boa sorte.

— Consegues imaginar a reação daqueles sabujos quando descobrirem que estás deste lado do Muro? — Garin parecia feliz ao pensar em tal cenário.

— Julgo que deveriam ser prudentes e não tornar a notícia pública demasiado cedo, ou eles ficarão loucos de raiva e começarão a deter pessoas — aconselhou a Amelia.

— Não te preocupes, seremos prudentes e... bem, irei visitar-te um destes dias — despediu-se o Albert.

Sentiram um arrepio quando se aperceberam de que a tampa de esgoto voltava a ser colocada acima deles, enquanto desciam para as profundezas dos esgotos.

— Sabes uma coisa, Amelia? Surpreende-me que não te sintas aterrorizada por andares pelos esgotos. Eu próprio senti vontade de gritar em várias ocasiões — admitiu o Garin.

— Não é a primeira vez que ando por esgotos... cheguei a conhecer bastante bem os de Varsóvia. Alguns amigos ensinaram-me a não ter medo.

— Estás sempre a surpreender-me. Olhando para ti... bem... ninguém diria que serias capaz de fazer as coisas que fazes.

Tiveram sorte, pois não se cruzaram com nenhuma patrulha, ainda que o Garin tenha demorado mais tempo do que o previsto a recolocar as barras de ferro, de modo que parecessem fixas. Quando os vi subir pela abertura da despensa, respirei mais aliviado.

— São seis da manhã, pensei que tinha acontecido alguma coisa.

— Porque não fazes café, enquanto nos limpamos de toda esta imundície? — pediu-me a Amelia.

Deu uma toalha ao Garin, que entrou na casa de banho, não sem antes ter

sido advertido para não fazer barulho para não acordar o Max. Tive de entrar para lhe pedir que saísse, para também a Amelia, que parecia esgotada, poder lavar-se.

— Julgo que demorarei anos a libertar-me deste cheiro. Saio já.

Enquanto o Garin bebia uma chávena de café, foi a vez de a Amelia tomar banho.

— O mais difícil será saíres sem que ninguém te veja — disse eu, preocupado, espreitando constantemente pela janela.

— Se houvesse alguém suspeito nas proximidades, já teríamos sido avisados. O meu pessoal tinha ordens para permanecer nas redondezas durante a noite inteira, até eu sair.

Saiu um pouco antes de a Amelia e eu o fazermos.

— Estás esgotada, hoje não deverias ir trabalhar.

— E que desculpa dou? É preferível comportarmo-nos com a máxima normalidade.

O acesso à rede de esgotos através da nossa cave era demasiado precioso para que o Albert James não tentasse utilizá-lo noutras ocasiões. Assim, não tinha passado sequer um mês desde a fuga do Konrad quando o Albert James voltou a procurar a Amelia.

Estava ela a sair do ministério quando um idoso, de bengala e óculos escuros, foi de encontro a ela.

— Perdão — disse o idoso.

— Não se preocupe, não há qualquer problema...

— Pode ajudar-me a atravessar a rua? — pediu-lhe o idoso, que parecia ser cego.

— Claro que sim. Para onde se dirige?

Ele informou-a, e ela ofereceu-se para o acompanhar um bocado até deixá-lo num local seguro. Não tinham ainda acabado de atravessar a rua quando a voz do idoso se transformou na do Albert James.

— Fico feliz por te ver.

Ela sobressaltou-se e esteve quase a largar-lhe o braço, embora tenha conseguido conter-se.

— Estou a ver que te transformaste num especialista em disfarces.

— Bem, tu também já recorreste a tais expedientes.

— O que pretendes?

— Que voltes a trabalhar connosco.

— Não; já te disse que está fora de questão, não insistas.

— Ajudaste o Konrad.

— O Konrad é meu amigo, tinha a obrigação de o fazer. Como está ele?

— Feliz, como podes imaginar. Dentro de alguns dias, aparecerá publicamente para receber as boas-vindas da nossa universidade.

— Fico feliz por ele.

— Precisamos de aceder aos esgotos através da vossa cave.

— É muito perigoso, acabarão por descobrir que algumas das barras da grade foram serradas. E, quando isso acontecer, montarão uma armadilha para nos capturar.

— Temos de correr esse risco.

— A questão é que eu não pretendo correr esse risco.

— Poderias salvar vidas...

— Então, Albert! Não tentes comover-me.

— Ajuda-nos, Amelia, pagar-te-emos bem, o dobro daquilo que recebias.

— Não, não insistas mais.

— Terei de o fazer.

— Pois não faças. Agora, tenho de ir, julgo que conseguirás dar com o caminho sozinho — disse-lhe com ironia.

— Preciso da tua cave, Amelia.

— E o Max e o Friedrich precisam de mim. Além do mais, não estou disposta a ajudar os teus amigos alemães do Ocidente, pelo menos enquanto contarem nas suas fileiras com gente que colaborou com o Hitler.

Todavia, a Amelia acabaria por ceder, e não tanto devido à insistência do Albert James, mas sobretudo para fazer um favor ao Otto.

O Otto havia-se tornado amigo do adjunto de uma destacada personalidade do Comitê Central, que dizia não concordar com as diretrizes pelas quais a República Democrática Alemã se regia.

O homem gozava de alguns privilégios, mas não tinha conseguido suportar assistir ao modo como alguns amigos seus haviam sido deportados para campos de trabalho por terem emitido opiniões dissonantes que chegaram aos ouvidos de simpatizantes do regime. Vivia com medo e dispunha de informação, uma conjugação suficientemente atraente para o Otto o convencer a passar para a República Federal.

— Trabalha há muitos anos no Comitê Central e conhece todos os seus meandros, para além de possuir informação estratégica que poderá ser muito útil — explicou o Otto à Amelia.

— E que tenho eu a ver com isso?

— O Garin disse-me que tu poderias ajudar-me a retirá-lo daqui. O Albert aguarda pela tua decisão.

— Meu Deus, Otto, estás a colocar-me entre a espada e a parede!

— Tens de perceber... trata-se de uma pessoa muito especial, com alma de

artista, apesar de trabalhar como burocrata. Ele é... Para dizer a verdade, é homossexual, ainda que poucos saibam disso. Para o partido, essa é uma fraqueza imperdoável. Tinha um amigo escritor que, certo dia, simplesmente desapareceu. Conseguiu descobrir que está agora num campo de trabalho, onde tem vindo a ser submetido a um processo de reeducação. Receia que nem sequer o cargo que ocupa o proteja das suspeitas da Stasi. Ajuda-me a retirá-lo de Berlim.

— E se for uma armadilha? E se ele estiver a enganar-te com vista a descobrir o alcance da rede, de modo que a Stasi nos detenha a todos?

— Não, não é uma armadilha. Além do mais, não me comprometi com nada. Apenas lhe disse que o apresentaria a um amigo que poderia ajudá-lo. Faremos as coisas de forma que ele não saiba para onde se dirige. Quando se aperceber, já estará do outro lado.

— Passar para o outro lado não é tão fácil como parece.

— Bem sei, mas de qualquer modo ele não saberá quando irá isso acontecer. Amelia, julgo que ele tem vindo a ser seguido. O seu amigo escritor não se poupou nas críticas aos nossos políticos, ainda que o tenha feito em círculos restritos, mas, como sabes, a Stasi possui olhos e ouvidos por todo o lado.

— Vou pensar.

Amelia detestava a perspetiva de ter de voltar atrás face ao que tinha dito ao jornalista: que nunca mais trabalharia para quaisquer serviços secretos. Depois de refletir profundamente sobre o assunto, chegou a um acordo consigo própria e com o Albert.

— Não receberei um único marco por ajudar pessoas a sair de Berlim. Fá-lo-ei quando o quiser fazer e serei eu a liderar todas as operações, desde o dia e a hora até à escolha de quem me acompanhará para me ajudar.

O Albert tentou convencê-la a aceitar uma retribuição financeira, mas ela negou-se rotundamente.

Depois de ajudar o funcionário do Comitê Central a fugir, vários outros homens passaram pela cave da nossa casa. Até ao momento em que a Amelia decidiu selar aquela via de fuga após uma nova visita do Vasiliev.

Julgo que foi no início da década de 1970 quando o Ivan nos informou de que regressava a Moscovo.

Tinha aparecido em nossa casa sem avisar, carregado de sacos com presentes de despedida. Duas garrafas de conhaque para o Max, azeite, sabão de essências naturais, manteiga, marmelada, umas calças de ganga para mim... Parecia o Pai Natal a distribuir os seus presentes.

— Vim para despedir-me, vou regressar a Moscovo.

Perguntamos-lhe, preocupados, o que teria acontecido para ter de regressar.

— Estou na idade de me reformar, caros amigos.

— Mas porquê? Ainda és um jovem! — exclamou a Amelia.

— Não, já não sou, vou fazer setenta e cinco anos, chegou a altura de descansar. Na verdade, já deveria ter regressado há algum tempo.

— O camarada Leônidas Brejnev também não pode ser considerado propriamente uma criança — disse eu, triste pela partida do Ivan Vasiliev, com quem tinha acabado por simpatizar, não obstante estar ao serviço do KGB.

— Ah, meu caro Friedrich! Os políticos não se regem pelos mesmos ditames que as restantes pessoas. O nosso líder está no auge; após a suspensão do Nikolai Podgorny, trata-se do primeiro político a tornar-se simultaneamente chefe de Estado e secretário-geral do partido. Concentra todos os poderes. Espero chegar a tempo de participar nas comemorações do sexagésimo aniversário da Revolução. Consta que o camarada Brejnev está a organizar uma celebração extraordinária.

Como sempre fazia, jogou com o Max uma partida de xadrez, que seria a última, e teceu louvores à tortilha de batata da Amelia. Depois do jantar, enquanto bebíamos vodca, procurou o olhar dela.

— Por curiosidade, gostaria de informar-vos que os nossos amigos da Stasi estão preocupados com algumas das fugas mais recentes. Questionam-se acerca da via de fuga, que ainda não descobriram, a que os norte-americanos estarão a recorrer para ajudar determinados traidores a sair de Berlim. Há um jovem comandante que diz ter algumas ideias acerca do que pode estar a acontecer. Talvez seja verdade, ou talvez não. Os jovens são sempre ambiciosos, mas por vezes acabam por estar certos. E sabes o que pensa ele? Ele julga, nada mais e nada menos, que estão a usar a rede de esgotos. Consegues imaginar? Portanto, irão manter os esgotos sob vigilância seja dia ou seja noite, até se certificarem se o comandante tem ou não razão. E sabes o que o levou a chegar a essa conclusão? Vou contar: o fato de um jornal sensacionalista alemão ter deixado subentendido que existe uma passagem secreta entre as duas zonas de Berlim, que apenas apresenta um problema, que é o mau cheiro. Há anos que concluí que não é preciso colocar muitos agentes no Ocidente, basta ler os jornais. Os jornalistas ocidentais julgam ter por sacrossanta obrigação relatarem tudo aquilo de que têm conhecimento. Não posso deixar de lhes ficar agradecido. Em suma: pouco tardarão a descobrir essa fedorenta passagem secreta, se é que realmente existe. Se dependesse de mim, julgo que há muito teria conseguido deitar a mão a esse rato tão esquivo. Todavia, os nossos amigos da Stasi são autossuficientes; acatam os nossos conselhos e colaboração, ainda que deles não necessitem. São o melhor serviço de espionagem do mundo... depois do KGB, claro está. Mas a verdade é que, para nós, a Alemanha é a plataforma ideal para intervirmos no

resto do mundo. Mas isso não constitui segredo para ninguém, não vos parece?

— Julgas que terias mesmo conseguido apanhar esse tal rato? — perguntou a Amelia com curiosidade, deixando-me nervoso.

— Claro que sim. O problema é que, por vezes, os nossos amigos se revelam demasiado orgulhosos e não querem que nos envolvamos nos seus assuntos. Contudo, parece-me que esse tal comandante irá seguir as pistas que eu próprio teria seguido.

— E o que farias tu a esse rato? — insistiu a Amelia.

O Ivan abriu a mão, para logo de seguida a fechar em punho, acabando por soltar uma gargalhada.

— Minha querida Amelia: neste jogo, o papel do rato é tentar ludibriar o gato, e o do gato é comer o rato. Ambos têm conhecimento das regras do jogo, faz parte da sua própria razão de ser. Sim, posso garantir-te que teria comido o rato.

— Fosse ele quem fosse?

Fitaram-se olhos nos olhos por alguns segundos. Ela susteve o olhar frio do Ivan Vasiliev, aguardando pela sua resposta.

— Sim.

— Compreendo.

Eu não me mexia, aterrado com o alcance daquela conversa. Não percebia qual era o objetivo da Amelia. Também o meu pai a fitava com ar surpreendido.

— Continuas a ser um bom comunista — acrescentou ela depois.

— Nunca deixei de acreditar.

— Apesar do Stalin?

— Cometeu erros, perseguiu inocentes, mas engrandeceu a Rússia, e será por isso que o recordarão.

— Também será recordado pelos crimes que cometeu, Ivan, também pelos seus crimes.

— Nem sequer ele conseguiu levar-me a deixar de acreditar na verdade do comunismo.

O Ivan Vasiliev despediu-se de nós afetuosamente. Julgo que sentia realmente que aquela despedida seria definitiva.

— Não percebi aquele vosso jogo do gato e do rato. — O Max pedia uma explicação.

— Não se tratou de nenhum jogo, foi apenas pura curiosidade.

— Parecia... não sei... como se um de vocês fosse o rato e o outro o gato... não gostei... não sei bem porquê, mas... — Estava preocupado.

— Não há motivo para ficares preocupado, tratou-se de uma mera brincadeira.

— E quanto à questão dos esgotos... Não consegui deixar de recordar que tu penetravas no gueto de Varsóvia através da rede de esgotos, pelo que não é descabido que aqui também outros tenham pensado nisso.

Depois de termos ajudado o Max a deitar-se, fiz um sinal à Amelia para que fôssemos conversar para a cozinha.

— Achas que sabe alguma coisa? — perguntei, nervoso.

— Pode ser que sim, ou talvez alimente apenas meras suspeitas.

— Mas ele disse que não teria hesitado em liquidar quem quer que fosse que estivesse envolvido na fuga de pessoas através da rede de esgotos.

— Sim, tê-lo-ia feito, e estaria no seu direito.

— Mesmo que fosses tu...

— Sim, obviamente. Ele tem de cumprir o seu dever, tal como nós cumprimos o nosso. Cada um age de acordo com os seus princípios.

— Tive um medo terrível... não percebo como pudeste deixar que a conversa se arrastasse para esses extremos.

— Tratava-se de uma questão de que ambos precisávamos de falar. E sabes o que te digo? Sentirei muito a falta dele.

Amelia falou com o Garin para o advertir de que a cave de nossa casa nunca mais seria usada para aceder à rede de esgotos.

— Acabou. Caso contrário, seremos descobertos. O Friedrich irá tapar o reservatório na nossa cave, pelo qual se acedia aos esgotos. Lamento, mas não vou pôr a minha família em perigo.

O Albert James não teve outra opção senão acatar a decisão da Amelia; além do mais, já não dispunha de muitas forças para a contrariar. Haviam-lhe diagnosticado cancro no pulmão e ele já tinha decidido abandonar os serviços secretos.

Certa tarde, compareceu em nossa casa. Quando ouvimos o retinir da campainha, não calculávamos que pudesse ser ele.

Apareceu disfarçado de pastor luterano, trazendo na cabeça uma peruca que lhe ocultava grande parte da testa. Fui eu quem abriu a porta, estacando diante daquele desconhecido.

Pedi-nos, a mim e ao meu pai, que lhe permitíssemos falar a sós com a Amelia. Levei o meu pai para o quarto dele e fechei a porta, ainda que tenha deixado a do meu entreaberta. Não me resignava a não poder ouvir o que ele tivesse a dizer à Amelia.

Descreveu-lhe a sua doença, as dores intensas que lhe provocavam um ardor no peito, dizendo que os médicos não se mostravam muito otimistas relativamente ao tempo de vida que ainda lhe restaria.

— Não sei se serão apenas alguns meses ou um ou dois anos, mas tenciono

passar o tempo de que ainda disponho junto da Mary.

— Lady Mary?

— Sim, a minha esposa.

Durante alguns segundos, a Amelia nada disse.

— Não me falaste dela... Não sabia que tinhas casado.

— E porque haveria de te dizer? A tua vida e a minha seguiram rumos diferentes. Na verdade, tenho de te agradecer por me teres trocado pelo Max. Não sei se teria conseguido suportar tudo o que fiz sem o apoio da Mary. Ela transmitia-me força e, face a cada operação, face a cada perigo, dizia-me constantemente que tinha de escapar ileso para poder regressar para junto dela.

— Os teus pais teriam ficado felizes, era isso que queriam para ti.

— E não deixavam de estar certos. Eu e tu nunca teríamos sido felizes, e não só por não me amares o suficiente.

— Sabes uma coisa? Há anos que ando para te fazer uma pergunta: o que te levou a mudares de tal maneira?

— A guerra, Amelia, a guerra. Tinhas razão, não era possível ser-se neutral, reconheci isso há alguns anos, quando nos reencontramos depois da guerra. Envolvi-me neste mundo e, quando dei por mim, já não podia nem devia voltar atrás.

— E vieste aqui para te despedires...

— Temos trabalhado em conjunto durante todos estes anos, mas a nossa relação nunca deixou de ser tensa, como se existisse uma barreira entre nós. Nunca percebi porquê. Tu estavas com o Max e eu com a Mary, ambos tomamos as nossas opções de livre vontade e, contudo, não conseguimos estabelecer uma relação de amizade. Agora, que sei estar à beira da morte, não pretendo partir sem me reconciliar contigo. Foste muito importante na minha vida; antes de casar-me com a Mary, foste a mulher que mais amei, e parecia-me impossível voltar a amar alguém como te havia amado a ti. Depois, descobri um amor diferente e superior, e acabei por te ficar agradecido por me teres abandonado. Mas fazes parte da história da minha vida, Amelia, que não poderia ser contada sem ti. Preciso de reconciliar-me contigo para poder morrer em paz comigo próprio.

Abraçaram-se. Mantiveram-se assim, a Amelia a chorar, o Albert esforçando-se por conter as lágrimas.

— Já temos uma certa idade, Amelia, está na altura de repousarmos. Fá-lo também tu e... sei que não to deveria dizer, mas não pensaste na possibilidade de regressares a Espanha para estares junto da tua família?

— Não há um único dia em que não pense no meu filho, na minha irmã, nos meus tios, na Laura... mas o tempo não volta atrás. No dia em que parti com o

Pierre... nesse dia, liquidei o que havia de melhor em mim. É óbvio que sinto a falta deles, o Javier deve ser já um homem feito, ter-se-á casado, terá filhos e, certamente, ter-se-á já perguntado por que motivo o terei abandonado...

— Se quiseres, posso tentar ajudar-te a saíres daqui. Será perigoso, mas podemos tentar.

— Não, nunca abandonarei o Max. Isso nunca acontecerá.

— Sacrificaste a tua vida por ele.

— Roubei-lhe a dele, não deixa de ser justo que lhe dedique a minha.

— Não continues a atormentar-te por aquilo que aconteceu em Atenas, ignoravas que o Max viajava naquele comboio militar, não tivestes culpa.

— Era eu quem tinha o detonador nas mãos, fui eu quem o acionou no momento em que ele estava a passar.

— Nas guerras, há sempre vítimas inocentes. Milhares de crianças, de mulheres e de homens perderam a vida. O Max, pelo menos, está vivo.

— Vivo? Não, sabes perfeitamente que ele morreu naquele dia. Fui eu quem lhe roubou a vida. Como podes dizer que está vivo? Vive confinado àquela cadeira de rodas, sem sair da mesma divisão. Já não lhe resta qualquer familiar vivo e também não quis que procurássemos os seus antigos amigos. Sei que a maioria terá já morrido, mas talvez restasse alguém vivo... Mas não quis assim, não suportaria que alguém que o tivesse conhecido no passado o visse reduzido a um pedaço de carne sobre uma cadeira de rodas. E fui eu quem o condenou a essa cadeira de rodas.

Amelia foi buscar o meu pai para que se despedisse do Albert, chamando-me depois a mim. Esforcei-me por não exteriorizar os meus sentimentos. Estava em estado de choque; acabava de saber que tinha sido a Amelia a causadora da invalidez do meu pai. Sabia que ele tinha perdido as pernas na sequência de um atentado perpetrado pela Resistência grega, mas agora sabia também que tinha sido a Amelia a acionar o detonador.

Foi-me difícil apertar a mão ao Albert, para me despedir dele. Quando partiu, fechei-me no meu quarto e desatei a chorar. Odiava-a, odiava-a do fundo do coração, mas não deixava de a amar, amava-a também do fundo do coração, odiando-me a mim próprio por amá-la.

4

Tomei uma decisão. Há muito que havia concluído o curso, e integrava agora o corpo médico do hospital de Berlim. Naqueles últimos anos, tinha consolidado a minha relação com a Ilse, que insistia comigo para que nos casássemos ou passássemos a viver juntos. Eu mostrava-me renitente, porque pensava que abandonar a Amelia e o Max equivaleria a desertar. Ele era um inválido cujo estado de saúde piorava de dia para dia, enquanto ela lhe dedicava cada minuto da sua vida. Até àquela noite, tinha acreditado que se mantinham unidos por um amor sem fronteiras, mas sabia agora que aquilo que os unia era mais forte e doloroso do que o amor.

Há muito tempo que a Ilse tinha saído de casa dos pais, tendo-me decidido a mudar-me para casa dela naquela mesma noite. Muni-me de dois sacos de viagem onde arrumei alguma roupa. Saí de casa sem fazer qualquer barulho.

No dia seguinte, eu e a Ilse fomos buscar o resto dos meus pertences. O meu pai não compreendia o que me teria levado a tomar uma decisão tão repentina.

— Parece-me bem, mas, deste modo... sem dizer nada... — lamentou-se.

— Se não tivesse agido desta forma, nunca teria sido capaz de sair de casa.

— O Friedrich tem o direito de prosseguir o seu próprio destino e de possuir uma vida própria. Tivemos a sorte de o ter connosco mais tempo do que aquele que seria de esperar — interveio a Amelia —, mas deixa-me dizer-te, Friedrich, que sentiremos muito a tua falta.

Calei-me, optando por não lhes dizer que também sentiria a falta deles, ainda que, naquela altura, aquilo de que mais precisava era de me afastar.

— Viremos cá com frequência, não é, Ilse?

— Claro que sim. Além do mais, o meu apartamento não fica muito longe daqui, não é mais do que meia hora a pé.

Contudo, as minhas visitas foram-se espaçando, sentindo-me culpado por isso. Precisava de me reencontrar comigo próprio, de colocar os meus

sentimentos em ordem. Sabia que o meu pai sofria por não o visitar e que isso mais não fazia do que agravar o seu estado de saúde, mas não era capaz de alterar a minha atitude. Mesmo quando nasceu o meu primeiro filho, não fiz nada para que ele pudesse desfrutar da sua condição de avô.

Certa noite, a Amelia telefonou-me, extremamente preocupada. O meu pai parecia estar a sofrer um ataque e pedia-me que fosse a casa deles quanto antes.

Assim que cheguei, pensei que ele iria morrer, pois estava a sofrer uma crise cardíaca. Felizmente, chegamos a tempo ao hospital.

Os meus colegas do Serviço de Cardiologia tinham-me advertido de que não deveria alimentar demasiadas esperanças, mas desconheciam a vontade de viver do meu pai. Permaneceu um mês internado, posto o que lhe deram alta. A partir desse momento, impus-me a obrigação de não fazê-lo sofrer mais do que já sofria, tendo instaurado na minha vida o hábito de o visitar todas as tardes, depois de sair do hospital e antes de regressar a casa.

A minha relação com a Amelia havia-se alterado a partir daquela noite em que a ouvi falar com o Albert, e eu sentia raiva por ela não me recriminar pela minha mudança de atitude. Limitava-se a aceitá-la, tal como parecia aceitar tudo o que lhe ia acontecendo ao longo da vida.

O meu pai sentia-se feliz por eu e a Ilse termos começado a levar as crianças lá a casa com maior frequência. Gostava de lhes ler contos e de ensiná-las a jogar xadrez. A Amelia, por seu lado, comportava-se como a melhor das avós. Contudo, continuava a ser algo mais do que uma avó bonacheirona.

A Ilse trabalhava num instituto de investigação, onde alguns dos seus colegas cientistas se opunham ao regime. Ela conhecia muitos daqueles opositores, simpatizando com eles, mas mantinha-se afastada das suas atividades.

Até chegar o dia em que se viu envolvida em determinados acontecimentos.

Aconteceu ao início da manhã, dado que a Ilse gostava sempre de chegar uma hora antes dos restantes colegas, dizendo que isso lhe permitia dispor de tempo para planear o dia. Julgava estar sozinha quando um dos seus colegas entrou na sala.

— Olá, Erich. O que fazes aqui tão cedo?

Ele não respondeu e caiu inanimado no chão. A Ilse assustou-se e aproximou-se dele, constatando que sangrava. Fez os possíveis para o erguer, tentando reanimá-lo.

— Não alertes ninguém — suplicou-lhe ele, com uma voz sumida.

— Estás ferido, precisas de um médico.

— Por favor, não faças isso!

— Mas...

— Por favor! Ajuda-me a esconder-me, imploro-te...

Ficou nervosa, sem saber o que fazer. Pensou em telefonar-me para o hospital, mas sabia que as comunicações telefônicas eram interceptadas e, se me pedisse para ali comparecer de imediato, acabariam por suspeitar.

Sem saber como, conseguiu arrastá-lo até uma divisão que servia de armazém.

— Terei de procurar alguém que possa ajudar-nos a fazer-te sair daqui. Podes contar-me o que aconteceu?

— Uma rusga... dispararam... mas consegui fugir.

Ela ignorava o que deveria fazer. Não queria comprometer-me, mas também não confiava suficientemente em ninguém ao ponto de pedir ajuda. Contudo, sabia que havia uma pessoa em quem podia confiar, que não faria qualquer pergunta e que decerto a ajudaria.

Fechou o Erich no armazém e saiu a correr do Instituto das Ciências, para se dirigir a casa da Amelia e do Max.

Assim que abriu a porta, a Amelia viu o desespero e o medo estampados no rosto da Ilse.

— Ajuda-me! Não sei o que fazer.

Contou-lhe o que estava a acontecer, posto o que a Amelia lhe pediu que se acalmasse e que aguardasse ali durante alguns minutos.

Acompanhou-a de regresso ao instituto, onde, àquela hora, começavam já a chegar cientistas e outros funcionários. Entraram caminhando tranquilamente. A Amelia pediu à Ilse que agisse com naturalidade.

Quando chegaram ao armazém, a Ilse abriu a porta.

Ficou surpreendida ao ver a Amelia retirar uma ligadura da sua bolsa e que, depois de examinar de onde provinha o sangue, ligava o tronco de Erich.

— Conseguirá andar?

— Não sei...

— Terá de o fazer, se quer sair daqui.

Ouviram ruídos e gritos.

— Vai verificar o que se passa e, assim que souberes, regressa aqui — ordenou.

A Ilse saiu cambaleante, aterrada como estava. No corredor, cruzou-se com o seu chefe.

— Afinal estavas aí, Ilse! Grande confusão que está aqui instalada. Temos de ir todos para a sala de congressos. Parece que a polícia está a seguir a pista de alguém que poderá ter-se escondido aqui.

— Aqui?

— Sim. Ontem à noite, teve lugar uma dessas reuniões em que os participantes se dedicam a maldizer o governo. Como sempre acontece, algum

agente infiltrado informou a KVP, que fez uma rusga. Alguém disparou e matou um polícia, e já podes calcular como é que eles andam. Foram efetuadas centenas de detenções.

— Mas aqui...

— Consta que, de manhã bem cedo, uma mulher viu nas redondezas um homem que mal conseguia andar; informou um segurança e este telefonou à polícia, que está prestes a chegar. O diretor ordenou a todos para nos dirigirmos para a sala de congressos, para aí sermos identificados.

— Vou já, estava na casa de banho e saí ao ouvir tanto barulho, mas esqueci-me lá da minha bolsa.

Regressou ao pequeno armazém e, quando explicou à Amelia e ao Erich o que estava a acontecer, ele disse que se entregaria.

— De modo nenhum, irão matar-te — afirmou a Amelia.

— Não me resta outra solução.

— Veremos.

Através do sistema de altifalantes, todos os empregados eram chamados a dirigir-se à sala de congressos, para se identificarem antes da chegada da polícia.

— Não tenho outro remédio senão sair daqui e, quanto a ti, terás de te manter de pé, por muitas dores que sintas.

Saíram do armazém, com a Ilse e a Amelia a ampararem o Erich, uma de cada lado. Não havia ninguém no corredor. Ouviram o som de passos a aproximar-se, quase chocando com um dos seguranças do edifício, um homem de quem todos suspeitavam ser informador da Stasi.

— Vocês... porque não estão com todos os outros? — perguntou-lhes.

— Trabalhamos... — A Ilse ia retirar a sua identificação da bolsa.

O segurança fitou o Erich, apercebendo-se de uma mancha de sangue no casaco dele. A Ilse procurava a sua identificação, mas o homem deve ter pensado que iria sacar de uma arma. Antecipando-se, empunhou a sua pistola e engatilhou-a, mas, um segundo depois, seria ele a cair, perante a estupefação da própria Ilse e do Erich.

A mão da Amelia empunhava uma arma com silenciador.

— Meu Deus! — gritou a Ilse.

— Cala-te! Se não o alvejasse, teria disparado contra ti, julgava que ias tirar uma arma da bolsa. Agora, temos de sair daqui.

A Ilse estava aterrorizada, tal como o Erich, mas obedeceram. Estavam no segundo andar e desceram para o primeiro. Em baixo, no exterior, podiam ver os primeiros empregados que, após terem sido identificados, saíam agora do edifício, ficando à porta.

— O que existe no andar de baixo?

— Laboratórios.

— Há alguma porta de acesso ao jardim?

— Sim, sim...

— Vamos descer. Procuraremos uma saída ou, em último caso, sairemos pela janela. Não se veem polícias por ali e, portanto, tentaremos misturar-nos com aqueles que já saíram. Depois, dirigir-nos-emos para o teu automóvel. Fiz-me entender?

O Erich e a Ilse assentiram. Fizeram tudo o que lhes disse, saindo por uma porta lateral que permitia aceder ao jardim das traseiras, posto o que caminharam até ao local onde se encontravam os restantes funcionários.

— Sorri, Erich, e tenta ocultar essa mancha do casaco com o cachecol. Apesar de ter apertado bem a ligadura, continuas a sangrar.

Ainda hoje, a Ilse ignora como foram capazes de chegar ao parque de estacionamento. A Amelia levou-os para sua casa e, assim que puderam deitar o Erich sobre uma cama, ele desmaiou. Tiveram de pôr o Max ao corrente daquilo que tinha acontecido.

— Tens de ajudar este homem, és médico — pediu-lhe a Amelia.

— Não posso, sabes perfeitamente que não posso. Há mais de quarenta anos que deixei de exercer. Além disso, não tenho como fazê-lo...

— Improvisa, Max, diz-me do que necessitas, procurarei no armário dos medicamentos, alguma coisa teremos em casa...

— Está a perder sangue...

— Examina a ferida. Pelo menos, conseguirás determinar se algum órgão vital foi atingido.

— Como o poderei fazer, confinado que estou a esta cadeira?

— Max, se nada fizeres, este homem acabará por morrer. Ha muitos anos, juraste que consagrarías a tua vida a salvar a dos outros. Portanto, é isso que tens de fazer.

Num esforço conjunto, a Ilse e a Amelia ajudaram o meu pai a aproximar-se do Erich. Examinou-o e disse que a bala tinha entrado e saído, mas não pôde garantir que nenhum órgão vital tivesse sido afetado. Disse-lhes como deveriam limpar e cauterizar a ferida, ainda que tenha alertado para a necessidade de o Erich receber uma transfusão de sangue quanto antes, dado que, caso contrário, não conseguiria sobreviver.

— Isso não será possível — replicou a Amelia —, pelo menos para já.

Disse então à Ilse para regressar a nossa casa, para cuidar das crianças.

— Quando o Friedrich chegar, diz-lhe que venha cá. Entretanto, não fales com ninguém. Se alguém do teu escritório te telefonar, diz-lhe que ficaste assustada e que regressaste a casa.

— Mas a polícia acabará por encontrar o homem que...

— Claro que o encontrará.

— E irá procurar-nos.

— Não. Ninguém nos viu. Tens de te acalmar e, amanhã, quando fores trabalhar, comporta-te como todos os outros, mostra-te curiosa e horrorizada face ao que aconteceu.

— Eu... quero agradecer-te. Foi por minha culpa que te envolveste nisto.

— Não me agradeças, o Friedrich nunca me perdoaria se eu não te tivesse ajudado.

— A pistola... porque levavas uma pistola contigo? Não sabia que tinhas uma...

— Mais vale prevenir. Agora vai, eu tratarei do Erich.

O meu pai mal conseguia acreditar em tudo quanto ouvia. Depois de a Ilse sair, fitou a Amelia com um ar irritado.

— Outra vez... isto não irá acabar nunca?

— Terias preferido que me recusasse a ajudar a Ilse, ou até mesmo que tivesse permitido que a matassem? Não tive alternativa.

— É claro que havia alternativas! Há anos que justificas os teus atos com essa expressão: "Não tive alternativa." Mas há sempre alternativas, Amelia, sempre.

— Não para mim, Max, não para mim. Julgas que acabará por morrer? — perguntou-lhe, referindo-se ao Erich.

— Perdeu muito sangue e precisa de uma transfusão. Caso contrário, o coração poderá não aguentar.

— Nada mais podemos fazer do que aguardar. Talvez o Friedrich quando chegar saiba o que poderemos fazer.

— É perigoso mantê-lo aqui, devem estar à procura dele por toda a cidade.

— Mas ninguém poderá relacioná-lo connosco.

— Tens a certeza de que nenhum vizinho vos viu entrar?

— Não, não estou certa disso. Julgo que não, mas não tenho a certeza.

— Somos demasiado velhos para sermos torturados ou deportados para um campo de trabalho. Suponho que, se fores descoberta, nos matarão a ambos. — O Max parecia desesperado.

— Ati, nada te farão, é óbvio que nunca poderias ajudar esse homem a fugir, eu sou a única responsável.

— Julgas que conseguiria viver sem ti?

— Sim, claro que conseguirias. Podes contar com o Friedrich, a Ilse e os teus netos; todos te amam muito. Não precisas de mim tanto quanto supões.

— A minha vida limita-se a ti.

— Não, Max, fui eu quem limitou a tua vida.

Ao chegar a casa, fiquei assustado ao ver o estado de nervos em que a Ilse se encontrava. Ao longo do dia, tinha ouvido rumores sobre o sucedido, e havia-lhe inclusivamente telefonado para saber se estava bem. Na altura, pareceu-me assustada, mas julguei que seria por tudo aquilo ter acontecido no edifício em que trabalhava.

A Ilse insistiu para que fosse a casa do meu pai. O Erich encontrava-se em muito mau estado, não obstante os esforços da Amelia e do Max. Quando cheguei, administrei-lhe uma injeção e dei-lhe um calmante mais forte do que aqueles que a Amelia já lhe tinha dado.

— Se não o levarmos para o hospital, não sei o que poderá acontecer — disse-lhes, ainda que na verdade o soubesse perfeitamente.

O Erich entreabriu as pálpebras e tentou falar, mas estava muito debilitado.

— Avisem os meus amigos, eles...

— De modo nenhum. Tu e os teus amigos comportaram-se como verdadeiros fanáticos. Se lhes telefonarmos, acabaremos todos nas instalações da KVP ou da Stasi — interrompeu-o a Amelia.

— Então, o que vamos fazer? — perguntei eu, preocupado.

— A ti, compete-te mantê-lo vivo. Eu tentarei encontrar um local seguro para onde o possamos levar.

— Se o levarmos para a cave, acabará por não resistir — disse eu, receando que ela quisesse levá-lo para o reservatório da cave.

— Não, não estava pensar levá-lo para aí. Ainda não é muito tarde, vou telefonar a um amigo.

Meia hora depois, o Garin chegava a casa do meu pai. Há anos que não o via e impressionou-me vê-lo transformado num idoso, ainda que mantivesse a mesma postura ativa de sempre, bem como o bigode, apesar de todos os pelos serem agora brancos.

Amelia pô-lo ao corrente dos acontecimentos. Ele começou por se rir, para depois lhe dar uma palmada nas costas.

— És imprevisível, sempre o foste. Há anos que abandonaste tudo e, de repente, matas um segurança e albergas um fugitivo em tua casa. O que pretendes que faça?

— Salva-o e, se for possível, retira-o de Berlim.

— Aquilo que me pedes não se faz de um dia para o outro; é necessário preparar tudo previamente, o que não é fácil. Tenho de falar com o meu pessoal, será muito arriscado.

— Não é apenas a vida deste homem que está em jogo — disse a Amelia apontando para o Erich —, mas também a da minha família: a do Friedrich, a da

minha nora, a das crianças. Se não fosse por eles, não te pediria isto. Tens de fazer-me este favor, Garin, deves-me isso.

Ele ficou em silêncio durante alguns minutos. Depois encolheu os ombros, num gesto que parecia de resignação.

— Farei o que me for possível, mas não posso prometer nada. No entanto, tens de o manter escondido até que consigamos tirá-lo daqui.

— De quanto tempo precisas? — quis a Amelia saber.

— Não sei, pelo menos dois ou três dias, talvez mais.

— Se calhar, não resiste tanto tempo.

— Bem... se morrer, o problema fica resolvido. Será mais fácil vermo-nos livres do cadáver do que retirá-lo vivo de Berlim.

— Como é que podem falar assim? — O Max não conseguia conter a indignação.

— Compreenda, meu velho amigo, que nesta atividade não podemos deixar que as emoções nos afetem. Farei o que me for possível para ajudar a ilibar a Amelia, foi ela quem matou um segurança para salvar a nora e o amigo. E ela recordou-me que lhe devo um favor, pelo que terei de saldar a minha dívida, e então tudo ficará bem.

Não podia limitar-me a ficar sentado à espera de que o Erich acabasse por morrer, nem permitir que fosse a Amelia a correr todos os riscos. Regressei ao hospital com a desculpa de ter de observar um dos meus pacientes, que se encontrava no serviço de Cuidados Intensivos.

Roubei alguns sacos de sangue e seringas, bem como outro material que julgava vir a precisar, posto o que decidi regressar a casa do meu pai. Estava prestes a sair do hospital quando me cruzei com o diretor médico, que estava de serviço.

— O que fazes por aqui?

— Vim observar um paciente. Trato-o desde há anos e foi operado esta tarde. Prometi à esposa dele que viria verificar como estava.

— Pareces preocupado...

— E estou. Também o meu pai não está bem, está muito fraco. Estive com ele há pouco e não me pareceu muito bem, talvez torne a visitá-lo antes de ir para casa.

A transfusão de sangue reanimou o Erich, ainda que continuasse com febres altas. Tornei a administrar-lhe antibióticos por via intravenosa. Nada mais podia fazer, não havia maneira de saber se apresentava eventuais hemorragias internas ou lesões pulmonares.

Durante dois dias, estive entre a vida e a morte, até que o Garin acabou por aparecer.

— Um amigo meu virá aqui dentro de meia hora, com uma carrinha. Como vamos tirá-lo daqui?

— Já pensei nisso. Levamo-lo para a cave e esconder-se-á dentro de uma arca velha. Já a preparei, coloquei um colchão no interior e fiz dois orifícios num dos lados para poder respirar.

— Pensaste em tudo. — O Garin parecia admirado com a proposta da Amelia.

— Acho que sim. O Friedrich ajudar-me-á a descê-lo pelo alçapão da cozinha para a cave.

Obedecemos às suas instruções. Se algum vizinho viesse bisbilhotar, mais não veria do que uns homens a tirar móveis velhos da cave.

Não consegui resistir à tentação de perguntar ao Garin como pensavam passar o Erich para o outro lado.

— Essa é uma pergunta à qual não irei responder e que tu não deverias fazer.

— Podemos, pelo menos, avisar a família dele de que se encontra em segurança...

Não pude concluir a frase, tamanha era a irritação da Amelia e do Garin, que reagiram como se estivessem prestes a bater-me.

— Enlouqueceste! Colocar-nos-ias a todos em perigo. Salvamos-lhe a vida e levá-lo-emos para o outro lado, mas terá de ficar quietinho e calado durante, pelo menos, um ano. A família dele deixará de sofrer quando acabar por saber que está vivo. Contudo, por enquanto, não debes aproximar-te de quaisquer pessoas que o conheçam, sejam familiares ou amigos. Diz também isso à Ilse, caso contrário... — O tom do Garin soava ameaçador.

A Ilse ainda hoje treme sempre que se recorda do que aconteceu. Se a Amelia não tivesse disparado, estaria agora morta. Assim, ficar-lhe-emos eternamente gratos por aquilo que fez. Era a segunda vez que nos salvava a ambos. Se tivesse acontecido alguma coisa à Ilse... não sei o que teria eu feito depois.

Voltei a visitar o meu pai alguns dias depois. Estava acamado, não se sentindo muito bem.

— Não quis levantar-se — comentou a Amelia.

Tinha sofrido dois enfartes e padecia de um grave problema de circulação; o seu olhar refletia o cansaço de uma longa vida confinado a um corpo estropiado. Pensei que se rendia, que o desejo de viver o abandonava.

Enquanto ele dormitava, senti os olhos da Amelia cravados em mim.

— Ouviste a minha última conversa com o Albert James... — Não era uma pergunta, mas antes uma constatação.

— Sim. — Não quis mentir-lhe.

— Já sabia. Gostavas de ouvir atrás das portas, de tentares compreender algumas das coisas estranhas a que assistias. Eu e o teu pai tínhamos consciência disso, pelo que evitávamos conversar sobre determinadas coisas enquanto estivesses acordado. Naquela noite, sabia que estavas a ouvir-nos. Para mim, foi um alívio que o tivesses feito. Precisava que soubesses o que fiz ao teu pai, não calculas quantas vezes pedi ao Max para que te contasse a verdade, mas ele recusava-se, dizia que a verdade te magoaria. E sabes o que te digo? Sentia-me uma impostora na tua presença.

— Odiei-te por aquilo que fizeste ao meu pai.

— É justo, outra atitude não seria de esperar.

— Isso não te perturba?

— Perturbar-me-ia mais não saldar as minhas dívidas e ter de arrastar essa farsa na minha consciência.

— És uma mulher estranha, Amelia.

— Agora, tudo está bem.

A vida decorria com a monotonia quotidiana. Tive mais dois filhos enquanto o meu pai, de dia para dia, se aproximava um pouco mais da morte.

No final dos anos oitenta, os alemães de Leste estavam conscientes de que alguma coisa iria mudar; a Perestroika soviética estava a transtornar o que parecia ser uma ordem inalterável.

Em outubro de 1989, nas vésperas da celebração do 40º aniversário da República Democrática da Alemanha, as manifestações e protestos nas ruas multiplicavam-se. Como se isso não fosse suficiente, o Gorbachev chegou a afirmar que apenas continuaria a apoiar a República Democrática se esta viesse a implementar uma série de reformas. Naquele dia, percebemos que estávamos prestes a assistir ao fim de uma era.

Os dirigentes do partido começaram a ficar preocupados. A tal ponto, que chegaram a tornar público um documento no qual anunciavam determinadas reformas. Tentavam aplacar desse modo o desejo de mudança dos alemães. Mas o Erich Honecker parecia não concordar com tal rumo e empenhava-se em manter-se fiel a uma linha política mais ortodoxa, mandando a polícia para reprimir o descontentamento que era evidente nas ruas.

Um grupo de dirigentes do partido decidiu que o Honecker devia retirar-se, passando eles a tomar em mãos os destinos do país. A 17 de outubro de 1989, na sequência de uma reunião do Politburo, foram definidas as condições para a destituição do Honecker. Por fim, ele não teria outra solução senão ceder, apresentando a sua destituição ao abrigo do eufemismo "motivos de saúde". O Comitê Central empossou o Egon Krenz como secretário-geral do partido e presidente do Conselho de Estado e da Comissão de Defesa Nacional.

Contudo, a ascensão do Krenz ao poder não foi vista como um sinal de abertura e, ainda que ele tenha argumentado que pretendia iniciar uma nova fase, não conseguiu captar a confiança da população.

Todos acompanhavam os acontecimentos com ânsias de mudança, e começávamos a atrever-nos a falar com menos receios.

O meu pai recebia todas estas notícias com uma aparente indiferença. Em determinados dias, após tomar o pequeno-almoço, permanecia absorto, ouvindo emissões radiofônicas estrangeiras através do rádio de ondas curtas, pelo qual a Amelia zelava como se de um tesouro se tratasse. Contudo, nem os comentários na rádio nem os nossos pareciam interessá-lo.

A 1º de novembro, na sequência de uma recaída, levámo-lo para o hospital, mas os meus colegas disseram que nada poderiam fazer e que seria melhor deixá-lo morrer tranquilo na sua própria casa. Assim, tornamos a levá-lo connosco.

Amelia não se separava dele por um minuto que fosse. Julgo que naqueles dias envelheceu rapidamente. Até então, apesar de contar já com 72 anos, parecia mais jovem. Apresentava-se sempre vestida com aprumo e apanhava o cabelo branco num carrapito.

Na tarde de 9 de novembro, telefonou-me para me pedir que fosse de imediato a casa deles. O meu pai agonizava.

A agonia prolongou-se por algumas horas, embora com alguns períodos de lucidez que me permitiram despedir-me dele e dizer-lhe quanto o amava e quão feliz tinha sido a seu lado.

— Não preferiria qualquer outra vida àquela que vivi contigo — disse-lhe.

Era já noite e, na rua, centenas de pessoas movimentavam-se em todas as direções. As autoridades tinham anunciado que, a partir da meia-noite, seria possível atravessar a fronteira sem autorizações especiais.

Fitei o Muro erigido frente ao nosso prédio; já me havia acostumado a ele, e dei por mim a refletir nas estranhas vias do destino. O meu pai agonizava e, na rua, milhares de pessoas pareciam estar a celebrar alguma coisa.

Era quase meia-noite quando a Amelia me fez um sinal para que me aproximasse da cama do meu pai. Tinha aberto os olhos e pegado na mão dela, e eu vi amor no seu olhar; depois, pegou também na minha mão e, unindo aquelas três mãos sobre o peito, expirou.

Eu e a Amelia ficamos imóveis, com as nossas mãos sobre o peito dele, o peito do meu pai. O seu coração tinha deixado de bater, ao passo que a emoção fazia os nossos baterem descontroladamente. Os gritos provenientes do exterior resgataram-nos da nossa apatia. A Amelia beijou-lhe suavemente os lábios.

Tornamos a ouvir alvoroço nas ruas, pelo que nos aproximamos da janela.

Não conseguíamos acreditar naquilo que os nossos olhos viam. Milhares de pessoas aproximavam-se do Muro, muitas levavam nas mãos picaretas, martelos e cinzéis, e começavam a golpeá-lo vigorosamente, perante o olhar dos soldados. Permanecemos em silêncio observando aquele espetáculo, até que a Amelia me fitou olhos nos olhos.

— Vai embora — disse eu, sabendo que era precisamente isso que ela tencionava fazer.

— Sim. Já nada me retém aqui.

— Compreendo.

Pegou num saco de viagem e enfiou nele algumas peças de roupa. Depois, abriu uma das portas da cômoda e retirou uma caixa, que me entregou.

— Deixo-te todo o dinheiro que ganhei quando trabalhei para os norte-americanos. São dólares, e certamente saberás dar-lhe bom uso. Também estão aí os documentos e títulos de propriedade que certificam as posses da tua família. Quem sabe se...

Aproximou-se da cama, ajoelhando-se junto ao corpo do Max. Acariciou-lhe o rosto e pousou a cabeça sobre o peito dele. Fechou os olhos durante alguns segundos e, depois, levantou-se. Abraçamo-nos, e senti que as minhas lágrimas lhe molhavam as faces, enquanto as suas alagavam as minhas.

Partiu sem se despedir, ainda que ambos soubéssemos que partia para sempre.

Vi-a sair pela porta do prédio e aproximar-se do Muro. Juntou-se aos milhares de berlinenses que o derrubavam e, com as suas próprias mãos, começou a arrancar pedaços de betão e de tijolo. Passado algum tempo, os manifestantes tinham conseguido criar uma grande abertura, e uma parte considerável do Muro estava derrubada. Via-a a saltar sobre os escombros e a caminhar de cabeça erguida para o outro lado de Berlim, onde muitos outros berlinenses gritavam e cantavam de alegria. Não se voltou, ainda que esteja convencido de que sabia que eu estava a observá-la. Apenas saí dali quando ela se perdeu por entre a multidão.»

Friedrich ficou em silêncio. Estava emocionado, e tinha feito com que também eu estivesse. Apercebi-me de que Ilse nos observava da porta, mas ignorava há quanto tempo estaria ali.

— E nunca mais regressaria — concluiu ela.

— Não, nunca mais.

— Mas não vos disse para onde iria, o que pensava fazer?

— Não, não disse nada; simplesmente, partiu.

— Alguma vez vos escreveu, ou telefonou...

— Não, nunca. Também não esperava que o fizesse. Naquela noite, também

ela recuperou a liberdade.

Jantei com Friedrich von Schumann e a sua esposa Ilse. Especulávamos acerca do eventual destino de Amelia, mas, como Friedrich dizia, a minha bisavó era imprevisível.

— Nem sequer faço ideia do local onde possa estar sepultada. Se soubesse, iria lá para colocar flores na sua sepultura e rezar — garantiu Friedrich.

Agradei a ambos por me terem recebido com tamanha generosidade e, sobretudo, por tudo aquilo que me haviam contado. Prometi-lhes que, se tomasse conhecimento do local onde Amelia estava sepultada, os informaria.

Pouco mais podia fazer em Berlim. Ninguém parecia saber para onde a minha bisavó tinha ido, pelo que decidi regressar a Londres, convencido de que, se insistisse com o major Hurley e Lady Victoria, estes acabariam por me informar acerca do derradeiro destino de Amelia. Tinha a certeza de que eles sabiam.

Quando telefonei ao major Hurley, este pareceu surpreendido.

— Já lhe disse que não posso contar-lhe mais nada. Não posso revelar matérias confidenciais.

— Não lhe peço que me revele nenhum segredo de Estado, mas apenas que me forneça alguma pista acerca do local para onde foi a minha bisavó. Como deve entender, nesta altura ninguém se interessa por aquilo que uma senhora de setenta e dois anos possa ter feito em 1989, sobretudo tendo em conta que já terá morrido.

— Não insista, Guillermo. Não tenho mais nada a dizer.

Lady Victoria revelou-se mais amável, ainda que igualmente contundente na sua negativa.

— Garanto-lhe que ignoro para onde foi a Amelia Garayoa. Gostaria de o ajudar, mas não saberia como.

— Talvez a senhora conseguisse convencer o major Hurley...

— Oh, isso é impossível! O major não abdica do seu sentido do dever.

— A única coisa que está em causa é descobrir onde está a minha bisavó sepultada, não me parece que isso seja um segredo de Estado.

— Se o major Hurley nada mais quer contar, é porque tem motivos para isso.

Não consegui marcar novo encontro nem com o major Hurley nem com Lady Victoria. Ele informou-me de que iria ausentar-se por alguns dias para uma batida à raposa, enquanto Lady Victoria pensava partir para a Califórnia para participar num torneio de golfe.

5

No decurso dos dias seguintes, já de regresso a Madrid, telefonei a todas as pessoas que me haviam auxiliado na investigação das peripécias da vida de Amelia, mas ninguém parecia fazer qualquer ideia do que lhe tinha acontecido, parecendo ter desaparecido da face da terra.

Optei por telefonar para Washington, a fim de obter a devida autorização para consultar os arquivos do Congresso, numa tentativa de aí encontrar alguma pista.

Recordei-me de que Avi Meir me falara de um amigo seu que era sacerdote e que estivera em Berlim em 1946; vivia agora em Nova Iorque e, segundo me tinha dito, era uma verdadeira autoridade em tudo o que dissesse respeito à Segunda Guerra Mundial.

Avi pareceu contente com o meu telefonema, fornecendo-me o endereço e o número de telefone do seu amigo.

Robert Stuart revelou-se um idoso tão encantador quanto Avi Meir, e, sobretudo, uma verdadeira enciclopédia ambulante.

Efetuei as mais diversas diligências, tendo inclusive conseguido marcar-me um encontro com um ex-agente da CIA, já aposentado, que conhecera na Alemanha em 1946. Contudo, todos os esforços se revelaram inúteis. Se os britânicos se revelavam extremamente prudentes com os seus segredos, os norte-americanos eram-no ainda mais. Embora alguns documentos com nomes de pessoas que haviam trabalhado para a OSS tivessem sido já desclassificados, outros nomes havia que permaneciam no mais absoluto segredo. O mais que consegui foi que um amigo daquele ex-agente, também ele já aposentado, me confirmasse que durante a guerra fria tinham contado com a colaboração de uma espanhola em Berlim Oriental.

Desesperado, decidi tentar a sorte com o professor Soler. Sem o informar previamente da minha chegada, compareci em sua casa em Barcelona.

— Professor, cheguei a um beco sem saída, não poderei avançar se não me ajudar.

— O que se passa? — perguntou-me, curioso.

— A Amelia saiu de Berlim Oriental a 9 de novembro de 1989. Essa data é-lhe familiar?

— Sim, claro, a queda do Muro...

— A questão é que parece ter desaparecido da face da terra. A partir dessa altura, não consegui encontrar qualquer rasto dela. Receio ter falhado.

— Não seja pessimista, Guillermo. Aquilo que deverá fazer é falar com a Dona Laura.

— Julgar-me-á um falhado.

— Talvez, mas terá de lhe comunicar que não pode continuar a investigar.

— Garanto-lhe que estou a tentar tudo. Nem na internet é possível encontrar qualquer pista — disse.

— Pois, se não aparece na internet é porque não existe — retorquiu ele com ironia.

— E agora o que faço?

— Já lhe disse, telefone à Dona Laura e explique-lhe que chegou a um ponto a partir do qual não consegue avançar.

— Depois de tanto tempo e de todo o dinheiro que despenderam... sinto uma certa vergonha.

— Mas será melhor que lhes conte a verdade quanto antes, a não ser que pense que ainda pode encontrar alguma pista.

— Se o senhor não me ajudar...

— A questão é que não sei como, já o pus em contato com todas as pessoas que podiam ajudá-lo.

Tive de tomar duas bebidas antes de telefonar a Dona Laura. Ela ouviu-me em silêncio enquanto lhe transmitia o resultado da minha investigação e a informava de que perdera o rasto a Amelia a partir da noite de 9 de novembro de 1989.

— Lamento, teria gostado de informá-la do local onde está sepultada — desculpei-me.

— Dedique-se a escrever tudo aquilo que conseguiu descobrir e, quando terminar, torne a telefonar-me.

— Escrever? Mas a história está incompleta...

— Não pretendo missões impossíveis. Se conseguiu investigar até 1989, não me parece nada mal. Dedique-se a escrever, e tente fazê-lo com celeridade. Na nossa idade, não podemos aguardar muito mais tempo.

Há muito tempo que não estava com a Ruth; entre as minhas viagens e as

dela, não conseguíamos encontrar tempos vagos coincidentes. Quanto à minha mãe, fui visitá-la assim que regressei a Madrid, embora estivesse tão zangada comigo que nem sequer me convidou para jantar. Informei-a de que tinha concluído a investigação, mas não consegui comovê-la.

— Há muito tempo que te comportas como um idiota, de maneira que é indiferente que continues a fazê-lo por mais algum. Ainda bem que a minha irmã pôs de lado a ideia de nos oferecer no Natal essa narrativa absurda.

Na verdade, durante todos aqueles meses, eu não me limitara a investigar, tendo também colocado por escrito todos os episódios que me iam contando acerca da vida de Amelia Garayoa, pelo que a história se encontrava já quase completamente preto no branco.

Demorei três semanas a colocar a narrativa em ordem, a corrigi-la e a imprimi-la. Depois, levei-a a uma gráfica, para que fosse encadernada a pele. Pretendia que o trabalho estivesse apresentável, de modo a não decepcionar em demasia as idosas Garayoa, que tão generosas tinham sido comigo.

Dona Laura ficou surpreendida quando lhe telefonei para a informar de que já tinha a história de Amelia escrita.

— Que rapidez!

— Na verdade, ia escrevendo à medida que investigava.

— Venha amanhã às quatro da tarde.

Sentia-me satisfeito, embora também um pouco melancólico. Concluía o meu trabalho e, depois de entregar o original, teria de reencontrar a minha própria vida e esquecer Amelia Garayoa.

EPÍLOGO

Escovei o meu único terno. Queria estar apresentável para o encontro com as duas idosas. De manhã, tinha até ido ao cabeleireiro.

A governanta abriu-me a porta e encaminhou-me depois para a sala, pedindo-me que aguardasse.

— A senhora irá recebê-lo de imediato.

Não me sentei. Estava impaciente por entregar às duas idosas aquele trabalho, que tão difícil fora de concluir.

Dona Laura entrou na sala apoiada numa bengala. Tinha envelhecido ainda mais, se é que se pode falar em tais termos relativamente a uma mulher que há muito tinha ultrapassado os noventa anos.

— Venha, a Amelia está na biblioteca.

Segui-a acertando os meus passos com os dela, disposto a ver a sua irmã Melita.

— Amelia, está aqui o Guillermo.

— O Guillermo? Quem é o Guillermo?

O olhar dela parecia perder-se no vazio. Estava tão magra que parecia prestes a desfalecer.

— É o rapaz que encarregamos da investigação... concluiu-a e escreveu a história que desejava.

— O Guillermo... sim, sim, o Guillermo...

O olhar dela parecia agora regressar ao presente, observando-me fixamente.

— Escreveste tudo?

— Sim, julgo que sim...

— Aproxima-te, Guillermo, e diz-me quem sou.

Emudeci, ficando sem saber o que dizer. O olhar da idosa era de súplica.

— Guillermo, diz-me quem sou, já me esqueci, já não sei.

Procurei Dona Laura com o olhar; permanecia de pé, apoiada na bengala, observando-nos a ambos.

— Não... não compreendo... — consegui dizer.

— Diz-me quem sou, diz-me quem sou — insistiu a idosa com desespero.

Estendi-lhe o livro encadernado, que ela pegou nas mãos e abraçou.

— Agora, poderei saber quem sou. Recordo-me de muitas coisas, mas outras me sumiram da memória. Há dias que não me lembro de nada, nem sequer de quem sou, não é, Laura?

De súbito, a idosa parecia perfeitamente lúcida, ainda que não estivesse a falar comigo, mas sobretudo consigo própria, ou talvez com os seus fantasmas interiores.

Eu não percebia o que estava a acontecer... ou talvez começasse agora a compreender tudo. Porém, não conseguia mexer-me nem dizer o que quer que fosse.

— Está tudo neste livro? — perguntou-me Dona Laura.

— Sim, até 9 de novembro de 1989. Nesse dia, a Amelia desapareceu e... — disse.

— Sim, assim foi — respondeu Dona Laura.

— Mas...

— Tudo terminou naquela noite. Não há mais nada para investigar, Guillermo.

— Sabes quem sou, Guillermo? Vais dizer? — voltou a idosa a perguntar-me, continuando abraçada ao livro.

— Não será preciso. Coloquei tudo por escrito, poderá ler por si própria.

— Não quero perder as minhas memórias, que não cessam de desaparecer, Guillermo, vão desaparecendo e eu... não sei onde encontrá-las.

— Eu encontrei-as para si. Estão todas aqui, já ninguém poderá privá-la delas.

A idosa sorriu-me e estendeu-me a mão. Peguei nela, sentindo-a simultaneamente frágil e firme.

Dona Laura fez-me um sinal, e saímos ambos da biblioteca.

— Ela é... ela é... a Amelia — balbuciei.

— Sim, ela é a Amelia.

— Pensava que era a sua irmã, a Dona Melita... Estive todo este tempo convencido disso, a senhora fez-me acreditar nisso.

Dona Laura limitou-se a encolher os ombros com indiferença. Não estava interessada naquilo que eu poderia ter pensado.

— Significa então que ela é a minha bisavó? — consegui finalmente perguntar de uma assentada.

— Sim. Mas agora deverá esquecer-se dela. Recorde-se do compromisso que assumiu: faria esta investigação para nós, não para a sua família, e comprometeu-se a nada revelar acerca do que viesse a descobrir. Irá manter-se fiel à sua palavra, não é assim?

— Sim, obviamente que sim. Mas porque é que confiaram em mim?

— Foi o destino que o trouxe a nossa casa, Guillermo, e nos seus momentos de lucidez a Amelia dizia que confiava em si, que conseguiria descobrir as suas memórias e as manteria confidenciais. Ela acredita em si.

— Não a irei trair. Não contarei a ninguém que... bem... que está viva.

— Isso não faria sentido. Para a sua família, descobrir que ela está viva seria um choque e, para ela... na verdade, a Amelia não resistiria a um encontro com

as netas. Já é demasiado tarde.

— Quando regressou?

— Em novembro de 1989. Apareceu em nossa casa sem avisar. Foi a Edurne quem abriu a porta e soltou um grito lancinante. Corremos para ver o que teria acontecido. Também eu consegui reconhecê-la. Consegue imaginar? Contava com pouco mais de vinte anos na última ocasião em que tinha estado connosco e regressava com mais de setenta, mas reconhecemo-la de imediato.

— E... bem... que explicações vos deu ela?

— Nenhuma, mas também nada lhe perguntamos. Foi suficientemente doloroso termos de lhe contar que a Antonietta havia falecido pouco depois de ela ter partido. Ou que também o Jesús, o meu irmão, tinha falecido num desastre de viação, bem como a sua esposa. Quanto ao Javier, o seu avô, ainda estava vivo, embora estivesse doente.

— Como sabe isso?

— Nunca deixamos de nos manter informados acerca dele, no caso de a Amelia algum dia regressar. Tivemos conhecimento do seu casamento, dos principais acontecimentos da sua vida, do nascimento dos seus filhos... contudo, não nos aproximávamos dele. Depois de o Santiago morrer, eu e a minha irmã Melita fomos visitar o Javier, mas ele deixou bem claro que preferiria não ter qualquer relação connosco. E estava no seu direito. O que mais poderíamos dizer?

— Portanto, as senhoras estiveram sempre atentas, sabendo tudo sobre nós, embora nós nada soubéssemos acerca deste ramo da família.

— Foi essa a vontade do seu bisavô Santiago, bem como do seu avô Javier; nunca conseguiu superar a circunstância de ter sido abandonado pela mãe, e não o culpo por isso. O mais terrível é que viria a falecer ainda em vida dela. Fomos ao seu funeral. Ninguém nos viu, porque ficamos nos bancos de trás da igreja. A Amelia chorou desesperadamente.

— E a senhora não tem família, filhos, netos?

— A minha irmã Melita faleceu há dois anos, pouco depois de enviuar. Os filhos dela, a Isabel e o Juanito, casaram-se e vivem em Burgos, embora nos visitem com frequência. O desastre que vitimou o meu irmão Jesús e a esposa aconteceu apenas ano e meio depois de se terem casado e terem um filho. Encarreguei-me do meu sobrinho, que foi para mim como um filho. Infelizmente, morreu com um enfarte. Era o pai da minha sobrinha-neta Amelia Maria, que vive connosco.

— Está então a dizer-me que renunciou à sua própria vida...

— Não, não renunciei a nada, escolhi a vida que quis viver, aquela que vivi, e posso dizer-lhe que fui feliz.

— Não compreendo como não lhe perguntaram nem como ela não vos contou acerca de onde tinha estado durante todos esses anos.

— Sei que não é fácil de compreender, mas foi assim que as coisas se passaram.

— Desde quando... desde quando é que ela sofre de falta de memória?

— Desde quando padece de Alzheimer? Os primeiros sintomas surgiram há pouco mais de dois anos. Um dia, disse-me que não se recordava de determinadas coisas. Fomos ao médico e, ainda que ele não tenha pronunciado a palavra "Alzheimer», deu-nos a entender que se tratava de um processo irreversível. A partir de então, a Amelia começou a sentir-se angustiada, desesperada por se aperceber como as recordações se lhe iam apagando da memória. Eu não podia ajudá-la, dado que nada sabia da sua vida. Subitamente, você apareceu. Foi ela quem teve a ideia de o encarregar de reconstituir as suas memórias. Tentei convencê-la de que era uma loucura, de que, bem vistas as coisas, o senhor não deixava de ser um estranho, mas ela sempre fez o que quis... e portanto o encarregamos de investigar até onde lhe fosse possível. Tenho de reconhecer que fiquei surpreendida quando me telefonou para me dizer que tinha conseguido investigar até 1989.

— E porque não encarregaram o professor Soler dessa tarefa?

— Pablo... nós o temos em grande estima, é parte da família. Mas Amelia convenceu-se de que teria de ser Guillermo.

— Suponho que não quer que eu volte cá.

— Acha necessário? Na minha opinião, já foi tudo dito, e o que fez pela sua bisavó não tem preço. Para ela, recuperar as suas memórias é mais do que aquilo que poderia esperar. E foi o senhor quem lhas devolveu. Julgo que chegamos ao fim. É sempre bom ter consciência que esse momento acabará por chegar, e aceitá-lo. Não lhe parece?

E saí para sempre das vidas delas, transformando-me numa das últimas linhas da sua história.

FIM